



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Tecnologia e Ciências
Escola Superior de Desenho Industrial

Rômulo do Nascimento Pereira

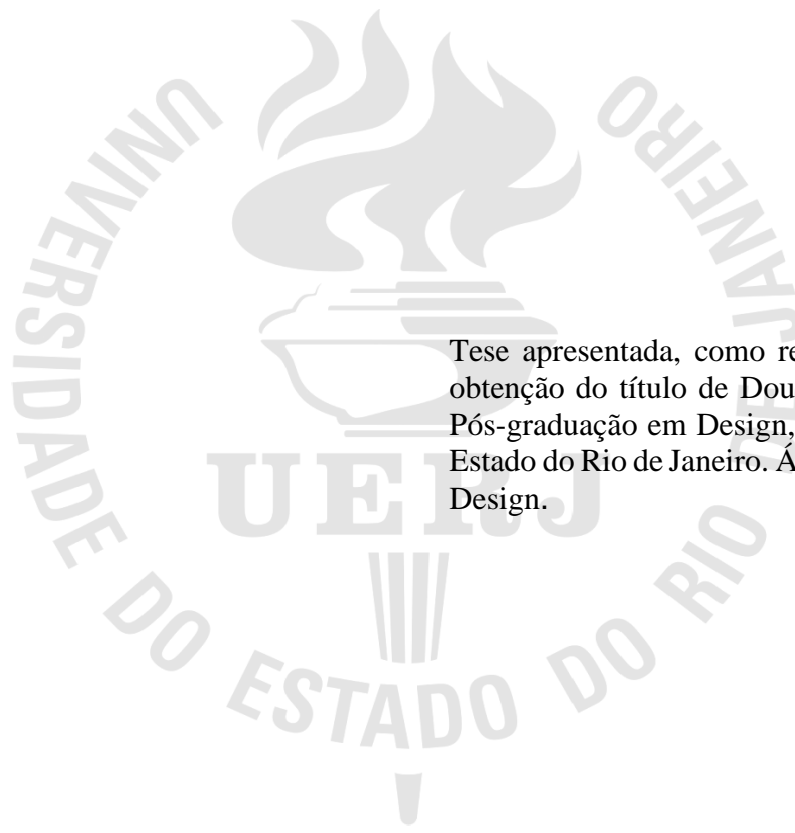
**Impressões do Amazonas (1851 a 1910): memória gráfica e o
desenho do circuito de comunicação impressa**

Rio de Janeiro

2020

Rômulo do Nascimento Pereira

**Impressões do Amazonas (1851 a 1910): memória gráfica e o desenho
do circuito de comunicação impressa**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-graduação em Design, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Design.

Orientadora: Prof.^a Dra. **Ligia Maria Sampaio de Medeiros**

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CTC/G

P436 Pereira, Rômulo do Nascimento.

Impressões da Amazônia (1851-1910) : memória gráfica e desenho do circuito de comunicação impressa / Rômulo do Nascimento Pereira. - 2020. 607 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Ligia Maria Sampaio de Medeiros.

Tese (Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Escola Superior de Desenho Industrial.

1. Desenho industrial – História - Teses. 2. Design gráfico – História - Teses. 3. Artes gráficas – Amazonas - Teses. 4. Indústria gráfica – Amazonas - Teses. I. Medeiros, Ligia Maria Sampaio de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Escola Superior de Desenho Industrial. III. Título.

CDU 7.05(091)

Bibliotecária: Marianna Lopes Bezerra CRB7/6386

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Rômulo do Nascimento Pereira

**Impressões do Amazonas (1851 a 1910): memória gráfica e o desenho
do circuito de comunicação impressa**

Tese apresentada, como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor, ao Programa de
Pós-graduação em Design, da Universidade
do Estado do Rio de Janeiro. Área de
concentração: Design.

Aprovada em 18 de dezembro de 2020.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Lígia Maria Sampaio de Medeiros (Orientadora)
Escola Superior de Desenho Industrial – UERJ

Prof. Dr. Márcio Leonel Farias Reis Páscoa
Universidade do Estado do Amazonas – UEA

Prof. Dr. Otoni Moreira de Mesquita
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Prof. Dr. José Ribamar Bessa Freire
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Prof. Dr. Luiz Antonio Vidal de Negreiros Gomes
Escola Superior de Desenho Industrial – UERJ

Rio de Janeiro
2020

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Pedro e Marlene pelo tanto que deram e são.

AGRADECIMENTOS

Por várias razões, este é um momento difícil, talvez por isso seja tão importante agradecer pela conclusão de um ciclo, especialmente àqueles que o acompanharam, auxiliaram e propiciaram esse privilégio – realizar uma pesquisa acadêmica em nosso país. A produção de uma tese é a realização de um projeto coletivo, familiar e tão pessoal que, por vezes, parece definir o curso da vida e do futuro daquele que a conduz. Ora mergulhando nas profundidades das incertezas e fragilidades, ora avançando como se ela fosse movida a vapor e a chegada estivesse já perto. Não estava. E assim passou-se muito tempo navegando e lendo as páginas impressas do Amazonas e também a si até chegar a esse ponto.

Ao aqui declarar “obrigado”, pode-se dizer chegamos! Vocês tornaram a viagem possível e escreveram os laços que tornaram o percurso menos solitário e mais leve e generoso, por todo apoio recebido, pela chance dada, pelo brilho do sorriso e olhar, pelas gentilezas e palavras. Ao meus pais – Pedro e Marlene, ao Marcos, à Marcione e à Vitória pela acolhida no Rio de Janeiro e dos sonhos, assim como fez Ely Guerra dos Santos. Aos irmãos Rosely, Vivian e Ricardo. Aos sobrinhos João Pedro, Augusto, Lucas, Gabriel e Mateus pelo afeto, ajuda e presença nos momentos difíceis, na distância física em que laços foram renovados e se tornaram mais fortes para prosseguir nessa aventura maior e compartilhada.

À Ligia Medeiros, professora e orientadora, pela acolhida generosa e acompanhamento sempre atento e solidário da pesquisa, ouvindo, discutindo e ensinando. Uma conduta profissional e pessoal que também foi motivo de aprendizado pela convivência e entrega ao trabalho de ensinar e pesquisar design.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – Faperj, pela missão de investir na produção de conhecimento e, sobretudo, pelo apoio financeiro concedido para a realização desta pesquisa.

À Esdi, ao Programa de Pós-Graduação em Design, aos funcionários, professores e colegas de curso pelo ambiente de aprendizado plural e fértil convivência que deixaram saudades e muitos ensinamentos. Aos professores Ricardo Arthur, Daniel Portugal, Luiz Vidal, Washington Dias Lessa, Sydney Freitas, André Ribeiro, Zaven Paré, em especial ao Prof. João de Souza Leite. Ao professor Rodolfo Capeto, por compartilhar a sala de aula e a experiência de ensino no estágio docente realizado.

Aos dedicados bibliotecários, atendentes, técnicos e demais funcionários dos acervos e bibliotecas consultadas pelo valoroso trabalho de guarda, conservação e acesso aos documentos impressos e outros, tão caros a essa pesquisa. Em especial à Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, ao Arquivo Nacional, à Biblioteca do IHGB, às Bibliotecas da Casa de Rui Barbosa e do Museu Imperial, esta última em Petrópolis. À Biblioteca Brasileira da USP, em São Paulo, e à Biblioteca Arthur Vianna e ao Arquivo Público, ambos em Belém. Em Manaus, ao auxílio generoso da bibliotecária do Museu Amazônico, Rosângela Martins, à Biblioteca Pública do Amazonas, ao IGHA, à Biblioteca Virtual do Amazonas e aos outros acervos mantidos pela Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas, dentre outros.

Aos senhores Joaquim Loureiro e Carlos Araújo, pela gentileza das conversas, informações e acesso ao acervo do Centro Cultural Reunidos e aos documentos da firma Palais Royal, de Cesar & Cia., respectivamente.

Aos professores José Bessa Freire, Edna Cunha Lima, Isabel Lustosa, Patrícia Melo Sampaio, Otoni Mesquita, Márcio Páscoa, Alison Leão, Luciane Páscoa, pela ajuda e incentivo recebidos em diversos momentos durante a realização deste trabalho. Ao Jamescley Almeida, pela revisão do texto.

Aos amigos José Braga, Joaquim Melo, Sávio Stoco, Roberto Mendonça, Tenório Telles, Décio Plácido. E também à Sergiane, Rivaldo, Rita e Liam.

RESUMO

PEREIRA, Rômulo do Nascimento. *Impressões do Amazonas (1851-1910): memória gráfica e o desenho do circuito de comunicação impressa*. 2020. 607 f. Tese (Doutorado em Design) – Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

A motivação para a realização desse trabalho partiu da identificação, pelo autor, da oportunidade de se avançar em pesquisas sobre a produção gráfica na Amazônia como contribuição para a história do design e da cultura material brasileira. Pretendeu-se, especificamente, descrever o processo de instalação e desenvolvimento da atividade de produção gráfica no Amazonas de 1851 a 1910. A base metodológica adotada inspira-se nos estudos que vêm sendo produzidos pelo grupo Memória Gráfica, a partir dos quais foram aprimorados procedimentos e técnicas de coleta, análise e fichamento dos artefatos estudados. A maior parte dos produtos impressos analisados são jornais, além de edições e folhetos governamentais, revistas, almanaques, anúncios e efêmeros. A despeito da heterogeneidade dos artefatos encontrados e do amplo recorte temporal, procurou-se unificar o modelo de registro para preservar os diferentes dados sobre a sua produção gráfica e o circuito profissional ao qual pertencem. O que permitiu à investigação, junto a diversas referências e trabalhos, articular o estudo em três arcos que buscam caracterizar melhor as etapas de desenvolvimento da atividade gráfica amazonense, a saber: (I) nascente impressa – fase inicial com os primeiros marcos desde a instalação da pioneira oficina tipográfica (1851) e o surgimento dos primeiros agentes do circuito de comunicação impressa até a fixação de atividade e início da diversificação do produto impresso tendo como marco o registro de uma das primeiras edições literárias do Amazonas (1869); (II) o estabelecimento tipográfico em dois tempos – etapa observada a partir de um número maior de fontes disponíveis, quase sempre jornais, e neles os anúncios, notas e informações gráficas a partir de 1870 até 1889, que propiciaram uma narrativa mais detalhada sobre os profissionais gráficos, e a expansão e modernização do circuito, apesar da permanência de antigas limitações; (III) impressões da *belle époque* – período de intensas trocas comerciais e de grande progresso material em Manaus com reflexos direto na ampliação, modernização e especialização da atividade gráfica a partir do uso de novos processos de impressão, composição e reprodução da imagem, que exigiram maior planejamento dos produtos impressos publicados com grande perícia e melhor acabamento de 1890 a 1910. A tese propiciou ainda a organização e visualização de cenários e informações produzidas a partir dos registros nas fichas e de apontamentos tomados de outras fontes, como o extenso uso da plataforma da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Ao se estudar a memória gráfica e o desenho do circuito de comunicação impressa no Amazonas observou-se a ampliação e diversas mudanças na paisagem tipográfica e na cultura impressa local no intervalo de apenas 60 anos. Um movimento que o trabalho captou em diversas impressões que também fazem a crônica do desenvolvimento econômico, social e cultural da região amazônica.

Palavras-chave: História do Design. Memória Gráfica Brasileira. Memória Cultural do Amazonas. Impressos. Design gráfico.

ABSTRACT

PEREIRA, Rômulo do Nascimento. *Impressions of Amazonas (1851-1910): graphic memory and the design of the printed communication circuit*. 2020. 607 f. Tese (Doutorado em Design) – Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

The motivation for carrying out this work came from the identification, by the author, of the opportunity to advance in research on graphic production in the Amazon as a contribution to the history of Brazilian design and material culture. It was intended, specifically, to describe the process of installation and development of the graphic production activity in Amazonas from 1851 to 1910. The methodological basis adopted is inspired by the studies that have been produced by the group Memória Gráfica, from which they were improved procedures and techniques for collecting, analyzing and filing the studied artifacts. Most of the printed products analyzed are newspapers, in addition to government editions and leaflets, magazines, almanacs, advertisements and ephemera. Despite the heterogeneity of the artifacts found and the wide time frame, we tried to unify the registration model to preserve the different data on their graphic production and the professional circuit to which they belong. This allowed the investigation, together with several references and works, to articulate the study in three arcs that seek to better characterize the stages of development of the graphic activity in Amazonas, namely: (I) source print – initial phase with the first milestones since the installation from the pioneering typographic workshop (1851) and the emergence of the first agents of the printed communication circuit to the establishment of activity and the beginning of the diversification of the printed product with the landmark of registering one of the first literary editions of Amazonas (1869); (II) the typographic establishment in two times – a stage observed from a greater number of available sources, almost always newspapers, and in them the advertisements, notes and graphic information from 1870 to 1889, which provided a more detailed narrative about the graphic professionals and the expansion and modernization of the circuit, despite the existence of old limitations; (III) impressions from *belle époque* – a period of intense commercial exchanges and great material progress in Manaus with direct consequences for the expansion, modernization and specialization of the graphic activity through the use of new printing, composition and image reproduction processes, which required greater planning of printed products published with great expertise and better finishing from 1890 to 1910. The thesis also provided the organization and visualization of scenarios and information produced from the records in the forms and notes taken from other sources, such as the extensive use of the platform of the digital collection from Biblioteca Nacional of Brazil. When studying the graphic memory and the design of the printed communication circuit in Amazonas, it was observed the expansion and several changes in the typographic landscape and in the local printed culture in the interval of just 60 years. A movement that the research captured in several impressions that also chronicle the economic, social and cultural development of the Amazon region.

Keywords: Design History. Brazilian Graphic Memory. Cultural Memory of Amazonas. Printed. Graphic design.

RESUMEN

PEREIRA, Rômulo do Nascimento. *Impresiones de Amazonas (1851-1910): memoria gráfica y el diseño del circuito impreso de comunicación*. 2020. 607 f. Tese (Doutorado em Design) – Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

La motivación para realizar este trabajo provino de la identificación, por parte del autor, de la oportunidad de avanzar en la investigación sobre la producción gráfica en la Amazonía como un aporte a la historia del diseño y la cultura material brasileña. Se pretendía, específicamente, describir el proceso de instalación y desarrollo de la actividad de producción gráfica en Amazonas desde 1851 hasta 1910. La base metodológica adoptada está inspirada en los estudios que han sido elaborados por el grupo Memória Gráfica, a partir del cual fueron mejorados procedimientos y técnicas para la recolección, análisis y archivo de los artefactos estudiados. La mayoría de los productos impresos analizados son periódicos, además de ediciones y folletos gubernamentales, revistas, almanaques, anuncios y efímeros. A pesar de la heterogeneidad de los artefactos encontrados y el amplio marco temporal, intentamos unificar el modelo de registro para preservar los diferentes datos sobre su producción gráfica y el circuito profesional al que pertenecen. Esto permitió a la investigación, junto con varias referencias y trabajos, articular el estudio en tres arcos que buscan caracterizar mejor las etapas de desarrollo de la actividad gráfica del Amazonas, a saber: (I) fuente impresa – fase inicial con los primeros hitos desde la instalación desde el taller tipográfico pionero (1851) y el surgimiento de los primeros agentes del circuito de comunicación impresa hasta el establecimiento de la actividad y el inicio de la diversificación del producto impreso con el hito de registrar una de las primeras ediciones literarias de Amazonas (1869); (II) el establecimiento tipográfico en dos tiempos – etapa observada a partir de un mayor número de fuentes disponibles, casi siempre periódicos, y en ellas los anuncios, notas e información gráfica de 1870 a 1889, que brindó una narrativa más detallada sobre el profesionales gráficos, y la ampliación y modernización del circuito, a pesar de la existencia de antiguas limitaciones; (III) impresiones de la belle époque – período de intensos intercambios comerciales y gran progreso material en Manaus con consecuencias directas para la ampliación, modernización y especialización de la actividad gráfica mediante el uso de nuevos procesos de impresión, composición y reproducción de imágenes, que requirieron mayor planificación de productos impresos publicados con gran pericia y mejor acabado de 1890 a 1910. La tesis también brindó la organización y visualización de escenarios e información producida a partir de los registros en los formularios y notas tomadas de otras fuentes, como el uso extensivo de la plataforma de la Biblioteca Digital de la Biblioteca Nacional Brasileña. Al estudiar la memoria gráfica y el diseño del circuito de comunicación impreso en Amazonas, se observó la expansión de la paisaje tipográfico y los cambios en la cultura impresa local en el intervalo de apenas 60 años. Un movimiento que la investigación plasmó en varias impresiones que también narran el desarrollo económico, social y cultural de la región amazónica.

Palabras clave: Historia del Diseño. Memoria Gráfica Brasileña. Memoria Cultural de Amazonas. Impreso. Diseño gráfico.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Circuito das comunicações de Darnton (1982)	37
Figura 2 –	Modelo de Adams e Baker (1993): Conjuntura socioeconômica como um todo	39
Figura 3 –	Modelo proposto: Circuito de comunicação impressa, com ênfase na etapa de produção gráfica	40
Figura 4 –	Interior de oficina de composição de acordo com a <i>Encilopedie</i> de Diderot e D’Alembert. Ao lado, caixa tipográfica maranhense produzida por Frias, século XIX	42
Figura 5 –	Interior de oficina tipográfica no século XVIII, <i>Encilopedie</i> de Diderot e D’Alembert. Ao lado, prelo Albion utilizado no século XIX	43
Figura 6 –	Fichas elaboradas por Fernanda Martins: registro e análise do produto impresso	50
Figura 7 –	Registro do artefato impresso: detalhe do quarto objeto anotado	53
Figura 8 –	Registro de oficinas tipográficas do Amazonas, primeiras anotações	55
Figura 9 –	Registro do circuito gráfico: profissionais, empresas e instituições	56
Figura 10 –	Reprodução de três pranchas da Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira	68
Figura 11 –	Requerimento de João Francisco Madureira impresso em sua oficina	71
Figura 12 –	Página de <i>Simá</i> em que lemos alguns versos em língua geral amazônica	74
Figura 13 –	Localizações da oficina tipográfica dos Silva Ramos de 1851 a 1863, marcadas na Planta da Cidade de Manáos de 1852	82
Figura 14 –	<i>A Estrella do Amazonas</i> , primeira página e detalhes do primeiro número de 1852	83
Figura 15 –	Três amazônicas edições: a primeira publicada no Pará, em 1851, e as outras duas da Typ. de M. da S. Ramos, em 1852	85
Figura 16 –	Diagrama com margens, colunas e linhas que ajudam a visualizar a composição da primeira página do <i>Estrella do Amazonas</i> de 1854	88
Figura 17 –	Instantes gráficos e raros no <i>Estrella do Amazonas</i> : um poema, o anúncio da oficina tipográfica e outro de teatro, todos de 1858	93

Figura 18 –	Detalhe de cinco vinhetas impressas no <i>Estrella do Amazonas</i>	94
Figura 19 –	Detalhes de improvisações e falhas (em destaque) nos impressos da oficina dos Silva Ramos	96
Figura 20 –	<i>Roteiro da primeira viagem do Vapôr Mocharcha...</i> edição impressa em 1855 pela Typ. de M. S. Ramos	97
Figura 21 –	Folha de rosto do livro de Biard (1862) e ilustração com a casa do presidente da província, em Manaus	102
Figura 22 –	Duas ocorrências da LGA registradas no <i>Treze de Maio</i> [1855]	106
Figura 23 –	Anúncios da primeira fuga de João Multo e Alexandrina, publicado no <i>Estrella</i>	107
Figura 24 –	Anúncio da segunda fuga de João Mulato publicado no <i>Estrella do Amazonas</i>	108
Figura 25 –	O <i>Catehista</i> com variações gráficas, a primeira em 1862 e as outras duas em 1863	111
Figura 26 –	Diversos anúncios pulicado n’ <i>O Catehista</i>	112
Figura 27 –	O relato do tipógrafo José Verissimo composto na seção “A Pedidos” d’ <i>O Catechista</i> , em detalhe o final, com destaque para a fala “não tenho dinheiro” entre vinhetas	114
Figura 28 –	Mudanças no cabeçalho do periódico semanal <i>Amazonas</i>	118
Figura 29 –	Anúncio de página inteira publicado no número 28 do <i>Amazonas</i> (1866) .	120
Figura 30 –	Diagrama da primeira página do <i>Amazonas</i> [1867] e comparação com o tamanho do <i>Estrella do Amazonas</i> [1852]	121
Figura 31 –	Anúncios da loja manauara Ville de Pariz [de 1869 a 1870], os três primeiros no jornal <i>Amazonas</i> e o quarto n’ <i>O Catechista</i>	123
Figura 32 –	Fotografias da expedição de Agassiz em Manaus: rostos da cidade	126
Figura 33 –	Registros de A. Frisckh: panorama de Manaus; abaixo e à esquerda, montagem com indígena Umauá e, ao lado, uma família de “Tapuyas” na porta de sua casa	128
Figura 34 –	<i>Correio de Manáos</i> (1869): primeira página e anúncio de sua Typographia	131
Figura 35 –	Clichês impressos no <i>Correio de Manáos</i> (1869) e no <i>Amazonas</i> (1868 e 1870)	136

Figura 36 –	Tipos em corpos grandes nos anúncios do <i>Jornal do Rio Negro</i> (1868), <i>Amazonas</i> (1869) e <i>Correio de Manáos</i> (1869), respectivamente	137
Figura 37 –	Capa, folha de rosto e poema de abertura da edição <i>Vôos do Tambaqui...</i>	138
Figura 38 –	Variedade de composição gráfica dos poemas iniciais de <i>Vôos do Tambaqui</i> (1869)	139
Figura 39 –	Diagrama de uma página ímpar de <i>Vôos do Tambaqui</i> (1869)	141
Figura 40 –	Detalhes tipográficos das páginas de <i>Vôos do Tambaqui</i> (1869)	142
Figura 41 –	Circuito de comunicação impressa do <i>Amazonas</i> , de 1851 a 1870	145
Gráfico 1 –	Relação oficina tipográfica x periódicos de 1851 a 1870	148
Figura 42 –	Almanaque de 1870: capa, folha de rosto e página do calendário	154
Figura 43 –	Almanaques de 1871, do <i>Correio de Manáos</i> , e a edição de 1874	156
Figura 44 –	<i>Jornal do Amazonas</i> : primeira página e detalhes gráficos de suas páginas	161
Figura 45 –	Capa em papel azul e página dupla de <i>Nevoeiros</i> , de T. X. M. Tapajoz (1872)	163
Figura 46 –	<i>A Corveta Diana</i> , de A. von Hoonholtz, folha de rosto, página e detalhes (1873)	164
Figura 47 –	Quarta edição da <i>Revista do Amazonas</i> : capa, página interna e contracapa (1876)	170
Figura 48 –	<i>Grammatica da Lingua Brazilica...</i> de Pedro Luiz Sympsom (1877): capa, retrato do autor e página interna	173
Figura 49 –	Página interna e detalhe da composição tipográfica bilíngue da <i>Grammatica...</i> (1877)	174
Figura 50 –	Jornal comemorativo <i>Quinze de Agosto</i> (1881) e duas edições especiais de periódicos locais: <i>Commercio do Amazonas</i> (1884) e <i>A Provincia do Amazonas</i> (1886)	182
Figura 51 –	<i>Os Escravos</i> (1883), edição de Castro Alves impressa em Manaus	187
Figura 52 –	Primeiras páginas do <i>Abolicionista do Amazonas</i> (1884), primeira, quinta e décima primeira edição do jornal	189
Figura 53 –	Folha de rosto e ilustrações de <i>Le Pays des Amazones</i> (1885)	192
Figura 54 –	Capa ilustrada do almanaque de 1884 e detalhe da ilustração	194

Figura 55 –	Folha de rosto em duas cores e anúncio da Typ. do Amazonas (1884)	195
Figura 56 –	Anúncios publicados no <i>Almanach...</i> de 1884	196
Figura 57 –	Os prelos <i>Liberty</i> e o Perola (<i>Pearl</i>), que a Typ. do Amazonas possuía em 1884	197
Figura 58 –	<i>Vellosia</i> (1888): folha de rosto, página com descrição de espécie e errata.	201
Figura 59 –	<i>Vellosia</i> : detalhe da ilustração impressa em xilogravura e estampa Litográfica	202
Figura 60 –	Detalhe da página 127, com falhas de impressão na <i>Vellosia</i> (1888)	203
Figura 61 –	Páginas de <i>Vellosia</i> : da 1. ^a edição publicada em Manaus (1888), no centro e à esquerda, página da 2.a edição e estampa publicada no Rio de Janeiro (1891)	205
Figura 62 –	Três anúncios no domínio da imagem: os fotógrafos Verlangieri & Meyer (1880), a Photographia Lisbonense (1887) e o pintor italiano Arturo Luciani (1887)	213
Figura 63 –	Livrarias: detalhe de anúncio com catálogo de livros da Parthenon (1882) e anúncio da Livraria Universal (1888)	217
Figura 64 –	<i>A Imprensa Unida</i> (1888), jornal publicado em comemoração à Abolição da Escravatura no Brasil, com a participação de oito oficinas tipográficas e jornais	220
Gráfico 2 –	Composição da mão de obra nas redações e oficinas tipográficas de Manaus 1888	222
Figura 65 –	Anúncios de jornais de Manaus: produtos de beleza em 1880 e 1888 (à esquerda), além de depurativo e xarope, ambos de 1888	225
Figura 66 –	Periódicos publicados no interior: <i>O Purus</i> (1888), jornal impresso em uma “machina Bremner” e a edição especial do <i>Labrense</i> (1889) destacando uma “Nova Era”	228
Figura 67 –	Circuito de comunicação impressa de 1871 a 1889	230
Gráfico 3 –	Número de novas oficinas tipográficas e livrarias no Amazonas, de 1851 a 1889	234
Figura 68 –	Detalhes da primeira página de periódicos de 1890: de orientação popular (<i>O Seculo</i>), da classe caixeral (<i>O Restaurador</i>), do Club União Cearense (<i>Tribuno do Povo</i>), do Circulo Catholico (<i>Novo Dia</i>)	239

Figura 69 –	<i>Indice do Commercio</i> (1890): primeira página e detalhe do anúncio ilustrado da Empresa Editora Prosperidade	240
Figura 70 –	Detalhe de anúncios da oficina de encadernação de Alfredo Dias de Souza (1891), da Casa 22; e da Empresa do Jornal Estado do Amazonas ilustrado com uma Minerva (1892)	243
Figura 71 –	Anúncio da Typ. Diario de Manaus (1891) e o <i>Gutenberg</i> (1892)	244
Figura 72 –	Anúncios da Livraria Classica de Silva & Gomes publicados no <i>Diario de Manáos</i> em 1891-1892, ao centro, destaque para as oficinas de encadernação e tipográfica	250
Figura 73 –	A mudança de composição de <i>O Rio Purus</i> (1892), jornal publicado em Lábrea, e, à direita, detalhe de anúncios publicados nele	253
Figura 74 –	<i>Álbum A cidade de Manáos e o País da Seringueira</i> (1893): capa ilustrada e vistas da civilizada cidade	254
Figura 75 –	Visões do país da seringueira: o soldado da borracha, um barracão de seringalista e um acampamento de índios Pamari, ambos no Rio Purus .	256
Figura 76 –	Vista do edifício da Imprensa Official, inaugurada em 1893, e Recibo do <i>Diario Official</i> , impresso efêmero datado de 19 de janeiro de 1905	259
Figura 77 –	<i>A Federação</i> (1900): detalhe do anúncio de sua Typographia com “officinas a vapor” e cartões de visita em 10 minutos. Ao lado, primeira página composta com fotografias	263
Figura 78 –	<i>Almanach...</i> de 1895: capa e página interna com a indicação do “Typografos”. À direita foto de Eduardo Ribeiro publicada no <i>Almanach...</i> de 1896	266
Figura 79 –	Cabeçalho do <i>Amazonas Commercial</i> (1895), ilustrado com a frente de Manaus	267
Figura 80 –	Detalhe de anúncio de Bitlhotheca do <i>Amazonas Commercial</i> (1895) e ilustração publicada no <i>Coaryense</i> (1895)	268
Figura 81 –	Fotografias de A. Luciani, à esquerda; e de B. Telles, no centro e à dir.	270
Figura 82 –	A imagem fotográfica n’ <i>O Imparcial</i> (1897): o anúncio com fachada e retrato na primeira página. Retratos também no <i>Commercio do Amazonas</i> (1898)	272
Figura 83 –	<i>Commercio do Amazonas</i> (1900): retrato de Hildebrando Antony, primeira página, com imagem de navio de guerra; ao lado, <i>Polyanthea</i> (1899), com retrato do maestro Adelelmo	273

Figura 84 –	<i>Relatorio...</i> (1898): folha de rosto, foto do Gymnasiao Amazonense, projeto de jardins da matriz e diagrama	274
Figura 85 –	Photographia Allemã de Huebner & Amaral: anúncio de jornal e retratos: crianças e personalidades da cidade: Vicente Reis, J.G. Araujo e Adolpho Lisboa	277
Figura 86 –	O álbum <i>Estado do Amazonas</i> (1899): capa ilustrada, página da primeira parte e vistas da cidade, à direita, Avenida Eduardo Ribeiro; ao lado a rua de Fileto Pires	279
Figura 87 –	Vistas de Manáos, com destaque para a Igreja Matriz e para o Teatro Amazonas cercado pelo casario. Abaixo, detalhe de jovem segurando um jornal e de ponte no rio Negro	280
Figura 88 –	Publicidade da livraria e papelaria Palais Royal de Lino Agua e do Atelier Artistico Photographico, de Arturo Luciani, publicados no <i>Estado do Amazonas</i> (1899)	282
Figura 89 –	<i>Album Descriptivo Amazônico</i> (1899): capa colorida, página interna com retrato de Eduardo Ribeiro, texto bilíngue, vista da cidade e publicidade do Hotel Cassina	283
Figura 90 –	<i>Album do Amazonas</i> 1900I-19002: capa e página da “parte descriptiva” .	284
Figura 91 –	Vistas da cidade de Manaus: a paisagem construída e civilizada	285
Figura 92 –	Páginas internas do <i>Album do Amazonas</i> , com a presença do desenho ...	287
Figura 93 –	Álbum <i>O Valle do Rio Branco</i> (1896): capa e página interna com fotografia	288
Figura 94 –	Duas imagens de Huebner do álbum e anúncio ilustrado de suas casas comerciais em Manaus e Belém	289
Figura 95 –	Cartões postais: seringueiro (1904) e vista da frente da cidade, ambos de Huebner, e vista da The Manaos Tramways C., editado pela Livraria Acadêmica já na década de 1910	291
Figura 96 –	Ingresso com dobra central do Theatro El-Dorado para a festa artística “Macare-na”, com data de 24 de abril de 1906, impresso na Typ. da Liv. Classica	293
Figura 97 –	Vista da fachada da Livraria Universal (1910)	295
Figura 98 –	Interior da oficina tipográfica da Livraria Universal (1910)	296
Figura 99 –	Revistas amazonenses do início do século XX	298
Figura 100 –	<i>Revista Cá e Lá</i> n. 3 (1914): capa e páginas internas	299

Figura 101 –	O desenho nos periódicos de humor do Amazonas (1902 a 1915)	301
Figura 102 –	Desenhos de Jorge Gamboa publicados no <i>Jornal do Commercio</i> (1907-1913)	303
Figura 103 –	No interior do Amazonas: anúncio de Typographia do <i>Correio do Purus</i> (1904), em Lábrea; e a presença da imagem no jornal <i>A Paz</i> (1905), em Manicoré	304
Figura 104 –	De Cesar Bustamante: anúncio de Officina Photo-Typographica, clichê fotográfico e anúncio da chegada da seção litográfica de seu estabelecimento	305
Figura 105 –	<i>Pontos nos ii</i> : primeira página e desenhos de humor, ao centro, exemplos do traço do primeiro desenhista acima, e de “Alfa”, que atuou nos três números finais	308
Figura 106 –	<i>Suplemento Ilustrado do Correio do Norte</i> : primeira e segunda páginas da sua primeira edição (1909)	312
Figura 107 –	<i>Suplemento Ilustrado</i> : primeiras páginas com charges (1909)	313
Figura 108 –	Diversas ilustrações do <i>Suplemento Ilustrado do Correio do Norte</i> (1909)	314
Figura 109 –	A ilustração original no <i>Correio do Norte</i> (1911): desenhos de humor de Rego Barros e retrato com moldura ornamentada do La Union	316
Figura 110 –	Diagrama da primeira página e retratos publicados no <i>Jornal do Commercio</i> (1904)	319
Figura 111 –	Desenhos de humor publicadas no <i>Jornal do Commercio</i> (1905)	321
Figura 112 –	Nicephoro Moreira artista gravador do <i>Jornal do Commercio</i> : retrato e trabalhos	322
Figura 113 –	Primeiras páginas especiais do <i>Jornal do Commercio</i> (1906)	324
Figura 114 –	Suplemento “O Curumi” e ilustrações (1908) do <i>Jornal do Commercio</i> .	325
Figura 115 –	Desenhos da seção “Gravura do dia”, do <i>Jornal do Commercio</i>	327
Figura 116 –	O Linotipo do <i>Jornal do Commercio</i> (1912)	328
Figura 117 –	<i>Jornal do Commercio</i> (1913): acima: Hugo Zuany, à esquerda; Tercio de Miranda ao centro, e linotipistas. Abaixo vista de Huebner em photogravura de Tercio Miranda	330
Figura 118 –	Anúncios da Palais Royal: os menores da década de 1890 e o grande, do <i>Jornal do Commercio</i> (1904)	334

Gráfico 4 –	Distribuição por ano dos 17 almanaques do Amazonas registrados de 1870 a 1920	336
Figura 119 –	<i>Almanach</i> Palais Royal (1905): capa colorida e dupla de páginas	337
Figura 120 –	Cena urbana com vista da fachada Palais Royal em ilustração de Pastor (1905)	338
Figura 121 –	A oficina de encadernação da Palais Royal: anúncio e ilustração de Pastor (1905)	339
Figura 122 –	Interior das oficinas gráficas da Palais Royal na ilustração de Pastor	340
Figura 123 –	<i>Almanachs...</i> da Palais Royal para os anos de 1906, 1907 e 1909	341
Figura 124 –	Detalhe de documento manuscrito de Registro da Firma Lino Aguiar & C. (1908)	343
Figura 125 –	Vista da fachada da Livraria Palais Royal de Lino Aguiar & C. em 1910	344
Figura 126 –	<i>Almanak Amazonense de 1912-1913</i> : folha e rosto e anúncios	346
Figura 127 –	Detalhe das ilustrações de dois anúncios do Almanak Amazonense	347
Figura 128 –	Retrato de Agostinho Cesar de Oliveira e anúncio da Livraria Palais Royal da firma Cezar, Cavalcanti & C.a, de 1913	349
Figura 129 –	Impresso e vista da fachada da Livraria Palais Royal de Cesar & Cia. ...	353
Figura 130 –	Specimen do Material, das Officinas Graphicas da Papelaria Velho Lino, de 1918. Abaixo, fotos da fachada e do interior da loja publicados na revista <i>Ilustração Portuguesa</i>	354
Figura 131 –	Álbuns de trabalhos gráficos da Palais Royal de Cesar, Cavalcanti & Cia, abaixo da Papelaria Velho Lino	355
Gráfico 5 –	Número de novas oficinas gráficas do Amazonas, por década	353
Gráfico 6 –	Qualidade da impressão de produtos impressos do Amazonas avaliada como regular ou irregular, em porcentagem, de 1850 a 1910	359
Figura 132 –	Circuito de comunicação impressa do Amazonas, de 1890 a 1910	362
Figura 133 –	Linha do tempo da atividade gráfica do Amazonas, de 1851 a 1910	365
Figura 134 –	Linha do tempo da atividade gráfica do Amazonas, de 1851 a 1910 [continuação]	366

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Distribuição dos artefatos registrados, de 1851 a 1920	59
Tabela 2 –	Valores das edições dos jornais do Amazonas, de 1851 a 1870	135
Tabela 3 –	Novas oficinas tipográficas do Amazonas, de 1851 a 1860	144
Tabela 4 –	Novas oficinas tipográficas do Amazonas, de 1861 a 1870	146
Tabela 5 –	Atividades profissionais registradas de 1861 a 1870	147
Tabela 6 –	Livrarias registradas em Manaus, de 1870 a 1889	218
Tabela 7 –	Jornais registrados no interior do Amazonas, de 1871 a 1889	232
Tabela 8 –	Novas oficinas tipográficas do Amazonas, de 1870 a 1879	233
Tabela 9 –	Atividades profissionais registradas no Amazonas, de 1871 a 1889	234
Tabela 10 –	Novas oficinas tipográficas do Amazonas, de 1880 a 1889	235
Tabela 11 –	Revistas publicadas no Amazonas, de 1890 a 1910	298
Tabela 12 –	Almanaques do Amazonas, de 1870 a 1916	348
Tabela 13 –	Novas oficinas tipográficas do Amazonas, de 1890 a 1900	357
Tabela 14 –	Novas oficinas tipográficas do Amazonas, de 1900 a 1909	360
Tabela 15 –	Atividades profissionais registradas de 1890 a 1910 no Amazonas	361

LISTA DE ABREVIACÕES

AN –	Arquivo Nacional
AP –	Acervo Pessoal
BMA –	Biblioteca do Museu Amazônico
BN –	Biblioteca Nacional
BPA –	Biblioteca Pública do Amazonas
BUSP –	Brasileira da Universidade de São Paulo
BVA –	Biblioteca Virtual do Amazonas
CRB –	Casa de Rui Barbosa
DO –	Diário Oficial
HBN –	Hemeroteca da Biblioteca Nacional
IGHA –	Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas
IHGB –	Instituto Histórico e Geográfico do Brasil
LGA –	Língua Geral Amazônica
STN –	Société Typographique de Neuchâtel

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	22
1 PORTO TEÓRICO E DE PARTIDA	32
1.1 Memória Gráfica	33
1.2 Circuito impresso	36
1.2.1 <u>A oficina tipográfica</u>	42
1.3 Procedimentos e técnicas: registro e tratamento	46
1.4 Antes o mundo não existia	60
1.4.1 <u>As viagens: filosófica e real</u>	66
2 NASCENTE IMPRESSA: OS PRIMEIROS TIPOS, ARTEFATOS E AGENTES (1851-1869)	77
2.1 A fala impressa é o discurso oficial, de 1851 a 1860	80
2.1.1. <u>A nova (mesma) oficina, as antigas dificuldades</u>	87
2.1.2. <u>O olhar do outro: o <i>Vigilante</i> e os viajantes</u>	99
2.1.3. <u>Um estrondoso silêncio impresso</u>	104
2.2 Primeiros encontros: arena política, a fotografia e a edição	109
2.2.1 <u>Dois retratos</u>	124
2.2.2 <u>Voltando ao trabalho nas oficinas</u>	128
2.2.3 <u>O primeiro voo</u>	137
2.3 Esboçando um circuito em formação	144
3 O ESTABELECIMENTO TIPOGRÁFICO EM DOIS TEMPOS 1870-1889	150
3.1 Novos agentes e artefatos em ação	150
3.1.1 <u>Os primeiros almanaques do Amazonas</u>	153
3.1.2 <u>Crônica tipográfica</u>	156
3.1.3 <u>As edições amazonenses, o “typographo” e a primeira revista</u>	162
3.1.3.1 <u>O crime do <i>Pai Domingos</i> e o “typographo”</u>	165
3.1.3.2 <u>Ainda em expansão: edições e a <i>Revista do Amazonas</i></u>	169
3.1.4 <u>A difícil vida dos jornais – os pasquins e os empastelamentos</u>	175
3.2 Efemérides, luta impressa e um retrato em dois tempos	179
3.2.1 <u>A imprensa luta pela liberdade e pela divulgação</u>	186
3.2.2 <u>Duas impressões do Amazonas: o <i>Almanach...</i> (1884) e a <i>Vellosia</i> (1888)</u>	193
3.3 O fim de uma era	207

3.3.1	<u>O comercio de fotografias e publicações (1880)</u>	212
3.3.2	<u>Um desenho das Typographias do Amazonas em 1888</u>	219
3.3.3	<u>Mudanças à frente</u>	224
3.4	Um desenho em expansão	229
4	IMPRESSÕES DA “BELLE EPOQUE”	237
4.1	A vitrine impressa	237
4.1.1	<u>A união typographica</u>	245
4.1.2	<u>As livrarias em 1890</u>	248
4.1.3	<u>Vistas: de um souvenir e do sonhado álbum</u>	253
4.1.4	<u>A Imprensa Official</u>	257
4.2	A todo vapor	261
4.2.1	<u>Imagens do progresso</u>	264
4.2.2	<u>Os álbuns de vistas (1899-1906)</u>	278
4.3	As artes graphicas no Amazonas	292
4.3.1	<u>Notas sobre a imprensa e o desenho de humor</u>	300
4.3.1.1	<u>O Correio do Norte e seu suplemento ilustrado</u>	310
5	O PALÁCIO DE PAPEL E A VAZANTE	317
5.1	O Jornal do Commercio e das artes gráficas	318
5.2	O palácio real	331
5.2.1	<u>Os almanaques do Amazonas e da Palais Royal</u>	335
5.3	Vazante impressa e notas finais	348
5.4	Desenho acabado: o colorido do circuito da comunicação impressa do Amazonas	356
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	367
	REFERÊNCIAS	377
	APÊNDICE A – REGISTRO DO ARTEFATO IMPRESSO	390
	APÊNDICE B – REGISTRO DE OFICINAS TIPOGRÁFICAS DO AMAZONAS	573
	APÊNDICE C₁ – REGISTRO DO CIRCUITO GRÁFICO DO AMAZONAS: PROFSSIONAIS	586
	APÊNDICE C₂ – REGISTRO DO CIRCUITO GRÁFICO DO AMAZONAS: EMPRESAS E INSTITUIÇÕES	602
	APÊNDICE D – REGISTRO DE OUTRAS OCORRÊNCIAS: PROFSSIONAIS, EMPRESAS E INSTITUIÇÕES	606

INTRODUÇÃO

A impressão, de forma bem abreviada, consiste em marcar o suporte – o papel, com tinta, uma ação técnica produzida com a utilização de uma matriz que pode reproduzir essas marcas em uma dada tiragem produzida com regularidade. A escrita manual também cumpre o mesmo fim, mas o seu alcance é limitado, tanto pelo tempo de produção exigido na confecção de um único artefato, quanto pela falta de padronização deste. A tipografia tem um pouco de ambos, segundo os dicionários especializados,¹ ela pode ser definida como a “Arte de imprimir por meio de tipos móveis, de metal. Oficina onde se pratica a arte da imprensa. Estabelecimento tipográfico. Imprensa” (AREZIO, 2017, p. 321). Frederico Porta também associa o termo às atividades de “compor e imprimir”, ao estabelecimento onde ela [a arte] é praticada, e faz uma interessante distinção em seu verbete: “de modo particular, a seção da oficina onde se realiza o trabalho de composição: Tipografia e impressão ficam em pisos diversos” (PORTA, 1958, p. 393-394). Ou seja, o autor registrou a diferenciação dentro de uma oficina entre a tipografia como o setor de composição, normalmente separado da área de impressão.

Ao tratar da tipografia, Bringhurst (2005, p. 15-17) a descreve como ofício, processo que se utiliza dos tipos, das convenções e das tradições, mas também de paixão, pois ela é uma constante fonte de “delícias, conhecimento e surpresas”. A pesquisadora Priscila Farias (2004) atualizou o significado de tipografia em português ao incorporar uma terminologia que inclui as manifestações digitais desta. Embora existam diversas dificuldades de tradução de termos específicos em língua portuguesa, a definição de Farias, além das acepções citadas, faz referência ao design de tipos, ou seja, o projeto e o desenho do conjunto de caracteres ortográficos, as letras, e os para-ortográficos, algarismos numéricos, sinais de pontuação e outros. Nota ainda o uso do termo tipografia para se referir a um determinado conjunto de letras, à fonte como hoje usualmente se usa, além de observar as distinções entre caligrafia e letreiramento (*lettering*).

Nesta pesquisa, quando se faz referência à tipografia, está-se falando desse conjunto de sentidos que abriga um estabelecimento comercial, um processo de impressão, uma atividade com saberes e vocabulários específicos, incluindo o desenho de tipos, a composição e a impressão, além de nomear um conjunto de letras e sinais. Para conferir maior clareza, usar-se-á, nesta pesquisa, “oficina tipográfica”, *Typographia* ou, ainda, a sua abreviação – “Typ.”, para indicar um local, o empreendimento onde se realiza a produção de artefatos utilizando tipos móveis ou

¹ O *Dicionário de termos gráficos*, do baiano Arthur Arezio, publicado originalmente em 1936; e o *Dicionário de Artes gráficas*, de Frederico Porta, publicado em 1958, em Porto Alegre.

metálicos. E estes, quando agrupados segundo um desenho, estilo e tamanho, serão identificados como “família tipográfica” ou fonte. E quando se quiser expressar o sentido de ofício ou processo serão usados os termos composição, impressão ou, ainda, trabalho gráfico ou “atividade tipográfica”.

Tarefa mais complexa é a definir ou descrever outro tipo de impressão, sendo esta a razão de o título da tese ter sido composto no plural a fim de representar um conjunto de agentes, objetos, ideias, relações e histórias que deixaram marcas, representações ainda pouco conhecidas e estudadas, mas ricas e significativas. Embora essa investigação trate do registro de um território de estudo que, embora pareça ter os limites declarados em seu título (um lugar, um período de tempo, uma atividade e seu circuito), fez-se mais amplo e aberto pelas dificuldades, encontros e escolhas feitas no curso da pesquisa. Dentre essas, o desejo por estudar sua área de origem como uma atividade feitas de trocas tecnológicas, sociais e simbólicas que se fazem impressas na humana atividade de invenção, planejamento, correção, produção e comercialização de produtos impressos na Amazônia brasileira a partir da metade do século XIX.

Para isso a pesquisa se alimentou do desejo por recuperar memórias que, embora inscritas em papel, se encontravam quase perdidas pela distância em que o tempo, o interesse pela história e as condições materiais de seus espaços de guarda as colocaram: no fundo das prateleiras, como um teimoso sobrevivente. Esse esquecido elo com o passado foi então ouvido, sua composição gráfica foi a passagem para chegar às ideias, intenções e representações inscritas em sua voz impressa – o texto, mas também nas relações de trabalho, na expansão socioeconômico e cultural do lugar e da comunidade humana onde e para a qual foram produzidos.

Antes de chegar ao marco inicial desse trabalho foi necessário abordar alguns conceitos e questões sobre a tradição de pesquisa teórica e histórica em design. Apesar de publicado há 35 anos, o trabalho intitulado *The State of Design History* (1984, 1985), de Clive Dilnot, ainda se constitui uma importante referência para o campo de história do design. A amplitude e profundidade de seus questionamentos encontraram ressonância em pesquisas posteriores, como no trabalho de Victor Margolin, com o título “Problemas Narrativos da História do Design Gráfico” (2014), assim como em *The State of Design History as a Discipline*, de Denise Whitehouse (2009), Anna Calvera (1999), vários de Rafael Cardoso (2004; 2005) e em outras pesquisas e trabalhos da área.

O inquérito de Dilnot foi publicado em duas partes e produz um levantamento das pesquisas históricas da área em língua inglesa. Dentre as dificuldades apontadas, há o alerta para a necessidade de considerar a história do design no contexto acadêmico mais amplo, levantando a seguinte indagação: “qual é a relação entre a história do design e outras áreas de estudo e

investigação?” (DILNOT, 1985, p. 213). Essa provocação foi amplificada por Margolin (2009) ao se dirigir aos historiadores do design para tornarem seu conhecimento relevante ao público não especializado, para contribuírem “mais significativamente para a compreensão do passado, presente e futuro”. Considerações que serviram de alerta a esta pesquisa sobre cultura material, e com temas afins a diversas áreas de conhecimento, com as quais objetivou-se a construção de pontes para estabelecer uma interlocução em uma base comum.

Na introdução de seu livro *Objects of desire*, de 1986, Adrian Forty observa a dificuldade de uma definição para o termo design, ainda que apoiado em “tudo o que foi escrito sobre o tema”. O autor aborda, então, a questão a partir de duas ideias: o senso comum de vincular o design ao embelezamento de produtos e, de modo mais preciso, “à preparação de instruções para a produção de bens manufaturados”. E conclui que os dois sentidos são inseparáveis: “a aparência das coisas é uma consequência das condições de sua produção” (FORTY, 2007, p. II-12). Dilnot, por seu turno, retoma a discussão no tópico “Possibilidades da História do Design”, ressaltando a relação deste com a sociedade, afirmando que:

O aspecto essencial do design não diz respeito ao mundo interno da profissão, mas refere-se ao **complexo mundo social que produz as circunstâncias específicas dentro das quais os designers atuam**, e também às condições da emergência destes profissionais na sociedade. [...] Precisamos, portanto, substituir a atual percepção do design como um conjunto de valores ou de critérios estéticos/estilísticos, vinculados a certos grupos de objetos ou certos indivíduos, e que estão sempre e essencialmente situados dentro do *locus* das profissões de design, por uma **visão alternativa, que considere o design num sentido mais amplo**. (DILNOT, 1985, p. 244-245) (g.n.)

No final do século XX, em Barcelona, as ondas causadas pelas manifestações de Dilnot foram discutidas por um grupo de pesquisadores reunidos em um evento cujo título já era uma declaração – “Historia desde la periferia: historia e historias del diseño”. O evento foi organizado por Anna Calvera e Miquel Mallol, com participantes espanhóis, latino-americanos, ingleses, dentre outros. Na convocatória do evento afirmavam o seguinte: “Sin embargo, hay muchas más historias de diseño posibles, casi tantas como países y realidades culturales incorporadas a la Revolución Industrial y a la experiencia de la modernidade” (CALVERA, 1999, p. 20). Ao se posicionarem na borda, o grupo chamou a atenção para o centro anglo-saxão e sua bem documentada cultura material, com seus projetos e heróis ensinados como “a” história do design. Além de questionarem o lugar marginal em que foram colocados, afirmaram o compromisso de produzirem suas histórias do design de forma crítica, autônoma e expandida.

Com isso, historiadores e pesquisadores da área foram produzindo e respondendo, não ao desafio de um pesquisador inglês, mas à necessidade de saberem de sua história, relações e produção em design em face às novas questões que foram se impondo. Ainda nesse sentido, é

importante citar Grace Lees-Maffei (2016) quando destaca a grande quantidade de publicações e antologias com artigos, em inglês. Nas quais observa a interdisciplinaridade das histórias do design com uma ampliação de abordagens, como estudos de cultura material, antropologia e etnografia, histórias da arte, artesanato, negócios, economia, trabalho, sociologia, história e estudos culturais. Foi também destaque a emergência de pesquisas em regiões que tiveram seu processo de industrialização diferente do modelo hegemônico da Europa Ocidental e EUA. Ainda se encontram investigações históricas de design produzidas a partir de referenciais subjetivos, nos quais o papel social do pesquisador torna-se objeto de reflexão, como os destacados por Fallan e Lees-Maffei (2015).²

Essas posições, caminhos abertos e novas abordagens inspiraram e desafiaram a pensar o design, sua narrativa história, métodos de pesquisas e objetos, tanto de informação como o de produto, de forma ampliada e abordados de forma crítica. O que conduziu essa pesquisa a perceber seu objeto dentro de um cenário mais complexo, além da comum delimitação de seu território a partir do domínio e desenvolvimento tecnológico, estético ou de sua relação com a tradição já documentada dos grandes centros. Essa desejada margem, ou via alternativa, foi sendo desenhada no diálogo com outras áreas de conhecimento, também por autores e referências que optaram por pesquisar o design sempre em perspectiva e de modo fluida.

O historiador Rafael Cardoso (1998, p. 19), por exemplo, se refere ao design, junto às diversas atividades projetuais, como tendo o objetivo de “dar existência concreta e autônoma a ideias abstratas e subjetivas”. Em outro texto ele afirma serem diversas as origens da atividade profissional do designer, tanto temporalmente, quanto geográfica, e que “a existência de atividades ligada ao design antecede a aparição da figura do designer” (CARDOSO, 2004, p. 15-16). Esse “tempo ancestral”, embora próximo cronologicamente no caso brasileiro, encontra-se apartado da perspectiva mais tradicional que relaciona os marcos históricos da área ao maior desenvolvimento industrial e à fundação de escolas especializadas. Já o desígnio dessa investigação trata da busca, registro e estudo de parentescos, artefatos, profissionais e histórias sobre o que existia antes do estabelecimento “oficial” da atividade de design no Brasil no século XX.

O pesquisador Richard Buchanam (2009, p. 414-415) ao refletir sobre as origens do campo reconheceu que “as raízes filosóficas do design podem ser atribuídas ao Renascimento” e que, enquanto atividade autônoma, teria surgido no século XX a partir de dois métodos práticos. O primeiro, baseado nos ofícios artesanais, moldado no aprendizado e refinamento

² “It’s personal: Subjectivity in Design History”. Disponível em: <https://uhra.herts.ac.uk/handle/2299/17538>. Acesso em: 19 jul. 2018.

gradual a partir de tentativas, criando modelos e antecipando dificuldades pela experiência prática. O segundo, centrado na linguagem gráfica, no planejamento, tendo o desenho como base do pensamento, incluindo sua capacidade de antecipação, detalhamento e síntese, atributos adequados a satisfazer as demandas da fabricação em escala. Esses dois caminhos deram origem aos ramos do design e às suas estratégias de pesquisa.

O pesquisador ressalta ainda a frequente caracterização do design como o domínio do artificial (feito pelo homem, em oposição ao natural, presente na natureza) ou pelo modo como os produtos apoiam os humanos em suas atividades (BUCHANAM, 2009, p. 409-410). No final do século XX, no entanto, o conceito de produto foi ampliado para além do artefato físico, comportando outras formas de concepção e de planejamento. Isso diversificou as definições e os objetos de estudo, métodos e técnicas adotadas por pesquisadores e designers.

Nesse sentido, Victor Margolin (2014, p. 301) destaca um novo campo de investigação – o *design studies* [estudos em design], que começou a dar forma a investigações mais amplas, que buscam discutir, experimentar e articular novos objetos, práticas de pesquisa e trocas com outros campos. Essa forma interdisciplinar foi utilizada nesta tese, ao se alimentar de sua natureza mais inquisitiva para refletir criticamente o processo da pesquisa, e ampliar seu espectro para abarcar outras faces. Algumas delas imateriais, como a formação social e cultural de uma comunidade humana tomada a partir da leitura do artifício, de sua cultura impressa e das diversas relações que elas mediam e da qual resultam.

Retoma-se Dilnot (1984, p. 244-245), que, citando Papanek³ como exemplo de uma visão alternativa por considerar o design em um sentido mais crítico e responsável, destaca a exagerada importância dada ao que os designers fazem e à sua produção. Isso quando grande parte do que foi produzido até o início do século XX teve origem no trabalho de artesãos ou desenhistas anônimos, sem formação técnica específica na área. Segundo Dilnot:

Ao invés de observar a emergência do design industrial como um fato evolucionário dado, o que equivale a uma visão que tende a aniquilar a história do design pré-industrial como irrelevante para a compreensão do design industrial ou de sua prática profissional, e que ao mesmo tempo separa o design profissional de suas raízes, que estão situadas num processo mais amplo e complexo de planejar e construir edifícios e objetos, a reinserção do design profissional neste contexto mais amplo nos permite construir uma perspectiva crítica, para mensurar os ganhos e aquilo que foi perdido pelo design na evolução dos processos complexos do projeto artesanal para as suas formas industriais. Até este momento, a não ser por alguns nostálgicos lamentos a respeito do desaparecimento do artesanato, os historiadores do design têm mostrado pouco interesse sobre a questão. (DILNOT, 1985, p. 245)

³ Seu livro, *Design for the Real World* [1974], foi uma severa crítica ao design industrial então praticado nos países industrializados, em que a atividade “colocou o assassinato em uma base de produção de massa. Ao projetar automóveis criminosamente inseguros, [...] ao criar novas espécies inteiras de lixo permanente que se amontoam na paisagem e ao escolher processos que poluem o ar que respiramos, os designers se tornaram uma raça perigosa” (PAPANEK, apud MARGOLIN, 2014, p. 123).

A referência feita a raízes cortadas tem um sentido um tanto quanto literal na região da América do Sul chamada de Amazônia, não apenas pelo recorrente desmatamento da floresta noticiado nos meios de comunicação,⁴ mas pelas fraturas do processo histórico da região e pelo menosprezo à cultura dos povos nativos, dentre outros. Localizar os conceitos de artificial, design e de produto na Amazônia pode sugerir uma contradição pela forte associação desta com a floresta, o extrativismo e a produção artesanal.⁵ Além disso, o conjunto de conhecimentos, mitos e práticas dos povos nativos é comumente descartado ou compreendido como menor, pois, como aponta Renan Freitas Pinto (2006, p. 109), a Amazônia “tem sido mobilizada como representação mais acentuada e contrastada do atraso nacional, do primitivismo dos moldes de vida e da dificuldade maior – tanto territorial quanto social e cultural – da integração nacional”.

Por isso, ao desenvolver uma pesquisa sobre a cultura impressa da região amazônica é importante falar no pioneiro pesquisador do design na América Latina, Gui Bonsiepe (2011), para quem a democracia deve ser entendida como espaço para redução de heteronímias. Ele também ressalta o aspecto utópico da atividade projetual desenvolvida por designers, não sem perceber suas contradições. E diz que sua intenção, compartilhada por este trabalho interdisciplinar, é a de “formar uma consciência crítica frente ao enorme desequilíbrio entre os centros de poder e os que estão submetidos a eles” (BONSIEPE, 2011, p. 21). Assimetria repetida nos estudos históricos em design, ao privilegiar a continuidade de padrões externos hegemônicos, relegando à margem manifestações anônimas, parentescos indesejados com a arte, artesanato e com outras narrativas.

Parte da motivação para realizar este trabalho vem da dificuldade do autor, amazonense e designer, em se reconhecer nas narrativas históricas de sua área, tanto de matiz brasileira, em que a Amazônia é solenemente ignorada, quanto nas que abordam o tema de forma pretensamente geral ou global. Nestas, o Brasil experimenta o que é ser amazônico, ou seja, é posto na periferia e, quando muito, é citado em notas de rodapé. Esse desterro – não possuir história ou parentescos reconhecíveis, foi objeto de desassossego e reflexão, tornando-se também o motor para se pesquisar e produzir este trabalho. Não para merecer o reconhecimento de outrem, mas para registrar, refletir e compartilhar memórias e um lugar comum, um desenho do passado – uma história feita de impressões, gráficas e críticas, sobre a terra das amazonas a partir de sua cultura material, especificamente, de seus produtos impressos e agentes. Busca-se, assim,

⁴ Em agosto de 2019 houve uma série de manifestações pedindo o fim do processo predatório de queimadas que havia se intensificado na região amazônica. O mesmo processo se repete neste ano de 2020.

⁵ As antropólogas Lux Vidal e Aracy Silva (1995), ao estudarem o sistema de objetos nas sociedades indígenas, observam estar tratando “de tecnologia, de matérias-primas, de adaptação ecológica e da utilidade dos objetos, mas também, ao mesmo tempo, de estética, de significados, de símbolos e de arte”.

entender melhor e inscrever essa dupla existência – amazônica e gráfica – tornando-as mais fluidas e acessíveis a um número maior de pessoas.

A narrativa que principia a partir do segundo capítulo é também um desenho de exploração desse pequeno universo não mapeado ou estudado, ao qual, nesse acadêmico caminho, foi necessário iniciar com as seguintes perguntas: O que foi impresso? Por quem? Para quem? Com que intenções? Que condições e em quais equipamentos tal objeto foi feito? Como a atividade gráfica se desenvolveu? Quais os marcos que foram deixados pelo caminho? O que contou, mostrou e também ocultou? Perguntas que se fazem presentes em diversos momentos da pesquisa, sobretudo em sua partida, no encontro com novos agentes e questões que, em vários casos, não encontraram uma resposta definitiva ou uma história fechada.

Ao avançar, o percurso foi alimentado um quadro formado pelo registro, organização e análise dos artefatos impressos, também pela descrição da atividade produtiva à luz da sua relação com a sociedade do período. O objeto de estudo foi deslocado do seu tradicional lugar de produto da técnica, de suporte neutro como o papel, ou de simples mercadoria. De outro parte, escolheu-se escapar da comum redução de buscar nos objetos de estudo o extraordinário que, no caso da Amazônia, têm como imagem esperada o exótico. Ao fazer a escuta e estudo dos objetos sem estar ancorado nesses extremos, a pretensa nudez da forma técnica ou da fantasia vestida por outrem, viu-se uma zona cinza, cheia de tons e irregular. Onde foi possível ouvir diversas vozes impressas, registros e desenhos que foram mantidos de forma desalinhas, apesar da necessidade do designer de impor padrões de encontrar equilíbrio.

As primeiras incursões para esta investigação tiveram a intenção de mapear o circuito que se formou a partir da instalação da primeira oficina gráfica do Amazonas, em 1851, quando também essa província ganhou autonomia. Um casamento arranjado da tecnologia de impressão com a necessidade de comunicação da autoridade constituída, tendo por cenário a cidade de Manaus. A oficina tipográfica é o fio, o vetor que se elegeu para traçar o desenho do circuito de comunicação impressa amazonense e, em certa medida, da sociedade local. A partir de então se registrou o surgimento de práticas, saberes, profissões e de outros agentes que vão tecer uma trama social na qual se lê um conjunto de interações (culturais, econômicas, políticas e outras).

O pesquisador encontrou, além o ruído das oficinas gráficas, a fala e aspirações de seus trabalhadores, os sons de ferramentas e a vibrante música da vida, sobretudo cultural e social, que era composta nos impressos de então. O resultado dessa composição deve desagradar aqueles que buscam o ritmo da tradição, gráfica ou musical, o a harmonia familiar ou a do virtuose. Tem-se aqui uma tese-concerto que pode ser ouvida como dissonante por seus pares. Porém, essa pesquisa em design pode ser ouvida e apreciada por outros campos de saber, pela socie-

dade. Dessa forma, está-se considerando uma das preocupações apontadas por Dilnot e por outros pesquisadores – tornar o conhecimento produzido no campo do design gráfico acessível a outras pesquisas e interesses.

A realização da pesquisa se deu a partir de muitas fontes primárias dispersas em diversos acervos, físicos e digitais, e citadas copiosamente nas páginas deste trabalho. Trata-se de artefatos impressos, sobretudo jornais do século XIX e início do XX, alguns dos quais tinham sido registradas e estudadas dentro do campo historiográfico ligado à atividade da imprensa. Outra parte considerável de objetos, tais como edições, almanaques, folhetos, impressos avulsos e de outras atividades como, por exemplo a das livrarias, não tinham merecido a atenção de pesquisas anteriores, ou apenas de forma secundária. Esse pioneirismo trouxe diversos desafios, incertezas e tornou a jornada e a pesquisa tão extensa, dada a necessidade de reunir um grande contingente de objetos, informações e narrativas em uma narrativa.

A descrição das referências e dos acervos, o estabelecimento de definições, escolhas e estratégias de estudo, a discussão sobre a pesquisa em sua área de saber foram registradas no primeiro capítulo – Porto teórico e de partida. Nele, as bases teóricas e metodológicas são descritas e discutidas para permitir que a pesquisa-viagem se realize segundo um plano crítico e em bases concretas. Por isso também se elegeu a produção de fichas e tabelas de registro, além da ideia de representação de um circuito para orientar o estudo, um conjunto de elementos interligados que funcionam a partir da interação entre si e com o entorno ou, ainda, a partir de diversos agentes agindo na realidade, sendo influenciados pela sociedade na qual vivem e da qual foram também testemunhas.

Um desenho em movimento começou a ser feito para acompanhar melhor o desenvolvimento econômico, político e sociocultural que cobre um arco que vai da fundação da então Província do Amazonas, na metade do século XIX, até chegar ao início do século XX, realizado a partir da cultura impressa local. Sempre observando, com atenção, o fluxo da atividade gráfica por meio de seus marcos, produtos, personagens e histórias descritos e estudados nos quatro capítulos seguintes. Contudo, foram definidos apenas três arcos que representam estágios desse processo, cada um com, aproximadamente, duas décadas. A medida de tempo de aproximadamente duas décadas que auxilia a organização e condução da pesquisa, não busca representar limites estritos ou indicam com precisão o fim de um ciclo qualquer, por isso são caracterizados como arcos, tensionados e com zonas de transição.

O primeiro, apresentando no segundo capítulo, traz os marcos iniciais da instalação e acidentado funcionamento dos primeiros agentes do circuito de comunicação impressa no Ama-

zonas. Com a atividade solitária da oficina tipográfica na pequena capital da província imprimindo os discursos, os atos e a burocracia do governo a partir de 1851. Até que, no início da década seguinte, outros agentes vão se chegando, produzindo outros jornais, publicando críticas e gerando informações que ajudam a definir um período de grandes dificuldades técnicas e de lento progresso. Esse é o arco da nascente imprensa, sua fixação e início de diversificação do produto impresso que chega até o registro de uma das primeiras edições de literatura do Amazonas, em 1869.

A partir de 1870, e do terceiro capítulo, tem-se uma ampliação do circuito e um número maior de fontes disponíveis, quase sempre jornais, mas neles os anúncios, notas e informações gráficas propiciam uma narrativa mais detalhada e rica do universo gráfico, incluindo suas interações. Nesse arco há um maior desenvolvimento do estabelecimento tipográfico, mas não de forma contínua ou homogênea; por isso seu título fala em dois tempos, representados pelo confronto de publicações: de um lado um almanaque de capa ilustrada e, do outro, uma revista científica publicada em 1888.

Ora, nesse período há um crescimento no número de novos agentes propiciada pelos ganhos econômicos advindos da exportação da borracha e uma definição maior de todas as etapas do circuito, no qual o trabalhador gráfico, o tipógrafo, conseguiu ser observado com mais nitidez, com detalhes de sua atividade e vida impressa na margem amazônica, até a chegada e o início da República, que marca o fim desse capítulo.

O terceiro e último arco trata das impressões da *belle époque*, momento de progresso material e que deixa profundas marcas na imagem da cidade de Manaus, nos agentes e impressos publicados com maior perícia e melhor acabamento. Inicia em 1890 e tem como limite mais exterior o ano de 1910, que precisou, em vários momentos, ser estendido para dar continuidade à história de alguns agentes. Além de fazer a crônica da prosperidade em dois capítulos, o quarto e o quinto, que tratam da expansão, especialização e maior progresso tecnológico da atividade gráfica e de outras agentes do circuito. Aponta-se também o atraso em alguns segmentos da comunicação impressa e são descritos elementos que permitem perceber o que viria a seguir, no decorrer da década de 1910.

Além dos empreendimentos gráficos, o desenvolvimento do mercado livreiro se destacou, assim com o uso da imagem, tanto fotográfica como advinda do desenho e da gravura, difundidas lentamente em diversos produtos impressos. O domínio técnico, as artes gráficas se apresentam em novos processos de composição, impressão e reprodução de imagem, assim como na maior especialização do profissional gráfico. Para finalizar o arco e a investigação,

dois agentes tiveram um detalhamento maior em razão do contato com outras fontes e documentos. Com isso foi possível estender um pouco as fronteiras temporais da tese para conseguir o registro da vazante, da fratura causada pela queda abrupta dos ganhos que a exportação da goma elástica então propiciava.

Ao final de cada um desses três arcos – do segundo, terceiro e quinto capítulos – há uma breve seção que busca representar em números, dados, tabelas e gráficos uma síntese da narrativa e dos levantamentos realizados. É satisfatório afirmar que, com o avanço da pesquisa, foi possível fazer comparações com os períodos anteriores, não só para realçar diferenças, mas para observar elementos de continuidade e o estabelecimento de padrões e rupturas. Assim como foi possível observar a atividade gráfica e, por extensão o design, como produtor [agente] e como produto [receptor] da sociedade na qual está inserido e com o qual se relaciona.

A tese, ao discutir e trazer as impressões e representações da cultura impressa da Província do Amazonas à artificial luz do século XXI, busca não apenas o seu pretense resgate, mas o seu necessário auxílio para ampliar o campo de visão, compreensão do passado e de nós. Ao conhecer melhor sua origem, precursores, marcos, objetos e histórias que compõem a sua tradição, não seria forçoso afirmar que se pode conjugar melhor esse outro tempo tão caro aos designers, o futuro, mas de forma crítica, aberta e, por isso mesmo, plural.

Essa é a introdução de um trabalho desenvolvido em um período delicado [2016-2020], tanto pelas incertezas e percalços da atividade de pesquisa e docência em nosso país nesse período, quanto pelo difícil momento em que a pandemia de Covid-19 assola a todos. Tendo sido especialmente dramática no Brasil e na capital do Amazonas. Os efeitos desse cenário são difíceis de mensurar, mas são sentidos cotidianamente e, talvez por isso, seja tão intenso estar concluindo esse ciclo, um projeto composto por uma formação e pela pesquisa iniciada há mais de quatro anos, que está sendo finalizada com a defesa dessa tese e a posterior impressão deste trabalho. Tornando-a também um artefato impresso e fonte para o auxílio daqueles que prosseguirem essas trilhas, falas e impressões.

I PORTO TEÓRICO E DE PARTIDA

Ponto de partida e de chegada, o porto aqui também é ponte, não para nos levar da margem amazônica às terras da rainha inglesa, como poderia sugerir uma pesquisa na área de conhecimento nomeada em inglês – design, realizada a partir de impressos anônimos do século XIX produzidos no Amazonas. A intenção maior desta investigação é apresentar um quadro de informações, marcos e interpretações sobre a atividade gráfica no Amazonas de 1851 a 1910, tendo como objeto a cultura impressa, termo que se refere ao conjunto de agentes, práticas, saberes e produtos advindos da atividade de impressão e de suas diversas relações com a sociedade, onde a comunicação mediada pelo artefato impresso acontece. Essa interface impressa é resultado tanto da tecnologia e dos materiais utilizados, como do manejo feito pelos profissionais gráficos de acordo com a intenção do autor/cliente.

O uso e o consumo desses artefatos impressos se realizam no cotidiano em diversas atividades. Também por isso são documentos desse movimento dinâmico que é a vida em sociedade, onde eles se configuram igualmente como um campo ativo que vai além da simples entrega de informações compostas em papel, tinta, texto e imagens ou no seu projeto, forma de produção e difusão. A comunicação impressa é também palco para as mais diversas manifestações humanas, marcando na língua gráfica as diferentes entonações, dados, ideias, projetos, intenções e dificuldades como nas longas falas e relatos oficiais publicados no expediente dos jornais e em edições, que formam uma base importante para este trabalho.

Dessa maneira, ouviu-se com interesse o quê e como os anúncios ofereciam seus serviços e produtos ao longo do tempo e, nessa escuta, encontraram-se muitas mensagens e representações importantes. Foi-se compondo, então, um painel com as informações coletadas em vozes impressas nos fragmentados almanaques e folhetins, nas reivindicações e críticas dos periódicos operários, nas fotos posadas da sociedade ou, ainda, no confronto de ideias ou interesses mal escondidos nas manchetes e colunas, bem como nas fofocas e intrigas sussurradas em pequenas e maldosas notas nos cantos dos jornais. A lista prossegue: na ironia, no exagero ou no ridículo de uma cena feita em desenho para criticar e causar o riso, na narrativa visual dos ricos álbuns de vistas, nos grandes e detalhados mapas, assim como no desenho das marcas registradas. Encontraram-se pistas sobre a história da cultura impressa também nas páginas de rostos das edições, nas descontínuas linhas e brancos do poema, nas chamativas janelinhas dos rótulos, nas bem-comportadas listas e tabelas, e no ruidoso silêncio do que não foi impresso.

Foi a partir do contato com essas humanas manifestações refletidas no impresso que o trabalho se definiu.

O contato com esse conjunto de manifestações gráficas e sociais se deu a partir de fontes primárias dispersas, às quais se juntaram a pesquisa bibliográfica e investigações afins, para tecer relações com outras áreas de saber e para orientar o tratamento e as estratégias de pesquisa. Assim, esse primeiro capítulo busca descrever a ponte teórica e metodológica percorrida para fazer a travessia do projeto inicial, cheio de intenções e expectativas, para a produção efetiva da tese que foi sendo desenhada em dois movimentos. Primeiro, o cuidado com o registro e descrição dos objetos, agentes e histórias de um lado; e o estudo, a síntese e a reflexão de outro. Tudo isso com o objetivo de descrever e compreender melhor o processo de instalação e desenvolvimento da atividade de produção gráfica no Amazonas de 1851 a 1910 e de sua relação com a sociedade.

1.1 Memória gráfica

A pesquisa brasileira na área do design foi se estabelecendo a partir da década de 1990 e consolidada nos anos 2000 com diversas publicações e conclusões de pesquisas, onde o design brasileiro passou a ser representado em maior complexidade e diversidade. Vários pesquisadores ofereceram as bases para a ampliação de cursos superiores, programas de pós-graduação, seminários, periódicos e editoras especializadas, publicações⁶ e um ambiente de trocas e reflexão mais dinâmico e democrático. São dignos de nota os vários trabalhos de Pietro Maria Bardi, Alexandre Wollner, Julio Roberto Katinsky, Aloísio Magalhães, Gui Bonsiepe, Maria Cecilia Loschiavo, Gustavo Amarante Bonfim e outros que deram forma a teorias, narrativas históricas e pesquisas importantes para a produção de conhecimento da área.

Milene Soares Cara (2008) corrobora este argumento com uma bibliografia crítica dos anos 1950 a 1970, onde constata a escassez de fontes e periódicos da área do Design. Essa expansão acadêmica possibilitou a formação de grupos e redes de pesquisa, propiciando trocas mais igualitárias e um maior reconhecimento da pesquisa brasileira em design. Exemplo disso foi a rede de pesquisa “Memória Gráfica Brasileira: estudos comparativos de manifestações gráficas nas cidades do Recife, Rio de Janeiro e São Paulo”, uma iniciativa apoiada por edital

⁶ Um exemplo dessa abertura crítica e brasileira da pesquisa em design pode ser encontrada na edição de *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960*, organizada por Rafael Cardoso e publicada pela Cosac Naify em 2005.

da Capes que reuniu dezoito pesquisadores de diversas instituições,⁷ de 2007 a 2013, sob a coordenação geral de Rafael Cardoso Denis (2007-2009) e de Vera Damásio (2009-2013).

O projeto submetido em 2007 afirma a importância histórica e social do design como mediador de experiências e constituinte da paisagem construída, com a premissa de que o design deveria ser compreendido como parte dos fenômenos culturais. Seu propósito era “identificar e analisar exemplos relevantes de manifestações gráficas que marquem a memória, a paisagem urbana e a identidade das cidades do Rio de Janeiro, Recife e São Paulo” (CARDOSO; ALLIS, 2007 *apud* LESCHKO, 2014).

Outra importante iniciativa foi a fundação do Instituto Memória Gráfica Brasileira, em 2007, que tem divulgado suas atividades em portal, cuja última atualização aconteceu em 2014. A expansão de grupos afins prosseguiu ainda em 2009, quando foi formado o Núcleo de Identidade Gráfica Capixaba (Nigráfica), composto por pesquisadores da Universidade Federal do Espírito Santo. Em 2012, o grupo foi reformulado e passou a se identificar como Laboratório de Design: História e Tipografia. Outra iniciativa atuante foi formado na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que concluiu o projeto de pesquisa “Memória Gráfica de Pelotas: um século de design”, em 2012.

Existem ainda trabalhos autônomos desenvolvidos a partir do suporte que a rede criou, como, por exemplo, a tese de Fernanda Martins – “Impresso no Pará: 1820-1919. A memória gráfica como composição do espírito de época”. Defendida na ESDI/UERJ em 2017, essa pesquisa se tornou um trabalho-parente que subsidiou importantes informações e possibilitou o estabelecimento de diversas relações entre cenários, artefatos e métodos. Outro trabalho que possui a memória gráfica da região amazônica como tema é a dissertação de Carla Batista sobre os impressos efêmeros do Teatro Amazonas na década de 1940, pesquisa defendida na Universidade Federal do Paraná em 2015.

Tem-se, portanto, uma teia formada por pesquisadores e seus trabalhos que compartilham a preocupação com a história contida nos impressos, principalmente os efêmeros, que menos atenção mereceram em outros ramos de pesquisa. Basta observar a longa tradição da história da imprensa⁸ e uma firme preocupação com o registro, conservação, restauro e disponibilização dos periódicos, iniciativa mais do que louvável. A edição sempre foi objeto de culto,

⁷ Segundo Leschko (2015, p. 35), o grupo reuniu docentes e alunos de graduação e pós-graduação das seguintes instituições: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro Universitário Senac e, posteriormente, a Universidade de São Paulo (USP).

⁸ Para exemplificar, em 1908 foi publicado pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil* um número especial dedicado aos cem anos da imprensa no Brasil, tendo como um de seus objetivos reunir “todos os jornais publicados no Brasil, no século decorrido de 1808 a 1907 (31 de dezembro)”.

fonte privilegiada de pesquisa e conta com um ramo da história próprio – a história do livro. Assim, sobram os efêmeros, artefatos avulsos não acolhidos nem estudados com o mesmo cuidado que os outros produtos impressos, pelo menos até o período que citamos acima.

Farias e Braga (2018, p. 10) observam que a expressão “memória gráfica” tem sido usada nos países de língua espanhola e portuguesa para “denominar uma linha de estudos que busca compreender a importância e o valor de artefatos visuais, em particular impressos efêmeros, na criação de um sentido de identidade local”. Esta linha de estudos possui relação com o campo conhecido em inglês como *print culture*, que abrange o estudo dos processos e produtos resultantes da impressão desde Gutenberg, no século XV (FARIAS & BRAGA, 2018, p. 14). Na pesquisa conduzida por Leschko *et al.* (2014), que tem por objeto a comunidade de pesquisadores dessa rede, nota-se uma inquietação quanto à preservação da memória na dupla condição do artefato: veículo e protagonista de pesquisas e da história.

O lugar de destaque que os impressos de curta duração têm no grupo da Memória Gráfica advém do reconhecimento de que boa parte dos produtos gerados pelas oficinas gráficas é dessa natureza. São projetos anônimos, quase sempre populares, e que tornam tangível uma ampla gama de interações cotidianas, para depois desaparecerem como se não tivessem existido. Para exemplificar a relevância desses impressos em termos de volume de produção de uma oficina, e da variedade de informações que carregam, pode-se citar um único anúncio local, publicado na última página do primeiro almanaque produzido no Amazonas, de 1870. Em página inteira, o Estabelecimento Typographico do Correio de Manáos apregoava seus serviços na última página dizendo que:

Faz impressões de todas as classes e mui perfeitas com muito gosto e asseio. Typos americanos e francezes com grande variedade de vinhetas para tarjados. Possui maquina de cortar papel e de pressão. Imprimem-se letras de comerciais, contas, guias, despachos, procurações, contas correntes, conhecimentos, etc. etc. etc. tudo por preços módicos.

Esses “etc. etc. etc.”, junto com a papelaria comercial citada no anúncio, compõem a família dos efêmeros, possivelmente a principal demanda de uma oficina gráfica, sobretudo a partir do final do século XIX, com exceção de algum contrato oficial ou a impressão de um periódico próprio mantido pela Typographia. É a esses clientes anônimos que o empreendimento de produção gráfica se dirige, ressaltando seus tipos e material gráfico, o asseio e gosto, sem esquecer os preços baixos. Assim, a pequena luz que os efêmeros lançam é reveladora por serem instantes impressos da vida, de momentos preciosos do passado e da sociedade.

Para Twyman (2008, p. 57), a negligência no estudo dos efêmeros na história do design seria comparável a uma história da arquitetura que ignorasse os edifícios domésticos e indus-

triais. O autor empreendeu a tarefa de conferir devido lugar para estes artefatos ao instrumentalizar sua pesquisa com um modelo de interpretação da sua linguagem gráfica. Contudo, nessa investigação não se teve muitos encontros com exemplares desse tipo de produto impresso, pelo menos até o limite estabelecido de 1910. Quando este trabalho já estava bastante avançado teve-se contato com um conjunto significativo de impressos efêmeros pertencentes a um acervo local, o qual é brevemente descrito no encerramento desta pesquisa.

1.2 Circuito impresso

À semelhança da placa de circuitos eletrônicos composta de camadas, trilhas, componentes feitos de diferentes materiais e variadas funções, buscou-se a visualização de outro conjunto de elementos a que também nomeamos de circuito, só que gráfico. Darnton (2010) o identificou como sendo da comunicação impressa, embora seu modelo esteja centrado na produção do livro no século XVIII. No capítulo “O que é a história dos livros?”, originalmente publicado em 1982, Darnton (2010, p. 122-149) descreve o circuito das comunicações, modelo que se vai discutir e que se adotou por permitir o registro e a visualização de diversas trocas, agentes, práticas e relações construídas a partir da impressão e da difusão de impressos.

Neste trabalho o eixo de pesquisa está associado à atividade de produção gráfica, que podemos definir como o conjunto de procedimentos técnicos e tarefas necessárias a reproduzir escritos e imagem por meio de uma matriz e de equipamentos em qualquer número de cópias, tendo o papel como seu suporte mais comum.

Da impressão chegamos, por extensão, à imprensa, a “arte de imprimir com caracteres móveis, o mesmo que tipografia”, de acordo com Porta (1958, p. 204), muito embora, atualmente, prevaleça o sentido que se refere ao termo como o conjunto de jornais, de jornalismo. Nesse registro, Nelson Werneck (1999, p. 1-2), na introdução de seu livro sobre a história da imprensa brasileira, afirma que esta “é a própria história do desenvolvimento capitalista”. E que essa ligação seria comprovada por uma relação dialética constatada na “[...] influência que a difusão impressa exerce sobre o comportamento das massas e dos indivíduos”.

Assim, ressalte-se que o resultado das atividades de uma oficina tipográfica é, sem dúvida, um produto, uma mercadoria com a função, dentre outras, de gerar dividendos ao seu produtor ou comercializador. O produto impresso é um importante veículo, um artefato que comunica, informa e transmite valores e ideias, sempre de forma intencional ao leitor e consumidor.

Nesse jogo não se pode deixar de observar o papel ativo do usuário, leitor e o desenvolvimento das práticas de leitura.

A partir do estudo do impresso, sobretudo da edição, com auxílio de áreas de saber, foi formada uma história social e cultural da comunicação impressa. Conhecida como história do livro, segundo Darnton (2010, p. 122), ela busca compreender como o conhecimento ou as ideias eram transmitidas pelo contato com a palavra impressa e como essa relação afetou o pensamento e comportamento da humanidade. O encontro do estudioso com essa perspectiva ocorreu em seu horizonte de pesquisa, sendo seu depoimento importante para pensar o tratamento subalterno comumente dado ao objeto, à sua materialidade e aos componentes gráficos:

Obviamente eu havia visto muitos livros do século dezoito, mas jamais os havia encarado seriamente como objeto de estudo. Estudei os textos contidos em suas páginas sem levantar questões sobre o próprio material. No momento em que imergi nos arquivos da STN [Société Typographique de Neuchâtel], todas as espécies de questões aparecerem, em especial sobre o papel. Para minha surpresa, o papel ocupava uma larga porção da correspondência dos editores, muito maior que a das fontes tipográficas e a das gráficas. [...] A noção do papel como um item sob contínua negociação – contratos para campanhas negociadas antes da entrega e renegociados posteriormente – tomaram-me completamente de surpresa. Até onde eu sei, isso jamais havia sido reconhecido por bibliógrafos ou historiadores da imprensa. (DARTON, 2008, p. 158-159)

Figura 1 – Circuito das comunicações de Darnton (1982)



Fonte: adaptado por Fonseca, Gomes e Campos (2016, p. 147).

O encontro com os arquivos de um editor do século XVIII e o reconhecimento da complexidade de atividades e relações envolvidas levaram o pesquisador a mudar o curso de sua investigação e trajetória. E teria sido essa experiência no acervo da STN, na década de 1960,

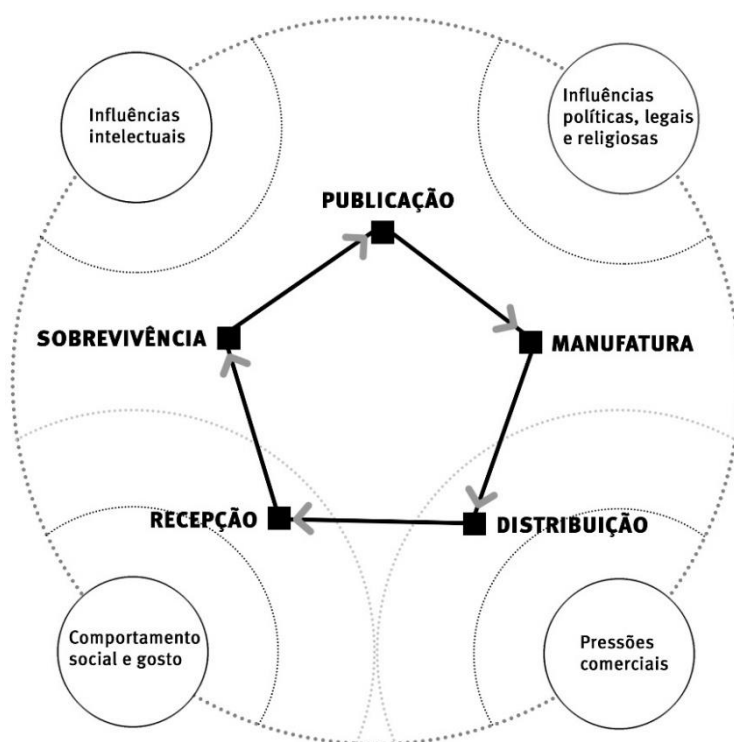
que levou o autor a propor o esquema (Fig. 1) que se adotou como modelo de estudo para o conjunto de agentes e objetos da pesquisa. Uma estratégia para registro e estudo que se propôs nessa investigação como forma de cobrir uma ampla gama de manifestações materiais e culturais ao longo do período sobre o qual a pesquisa se debruça – 1851 a 1910

A representação gráfica do circuito das comunicações apresentado é composta de seis atividades ou domínios profissionais nomeados de acordo com o agente responsável por ele, podendo-se iniciar sua leitura a partir do autor. Tal título é dado àquele que escreveu e publicou um livro, produto este que é resultado da ação de vários agentes até chegar às mãos dos leitores, com destaque para o editor, que direciona e trata o texto para ser publicado na forma de uma edição. Essa operação, a produção, é feita no diagrama de Darnton pelos impressores a partir de diversos ofícios e de fornecedores necessários às suas operações. Uma vez acabado, o produto impresso precisa ser acondicionado e transportado para o seu destino, via meios de transporte disponíveis e agentes humanos. Se a edição estiver indo para uma livraria, isso quer dizer que ela foi antes encomendada por um livreiro, que vai expô-lo na sua livraria e fazer a divulgação do novo produto para atrair a atenção do leitor. A atividade do encadernador é localizada no domínio da leitura, onde o dono de um livro contrataria seus serviços para dar esse tipo de acabamento ao objeto. Todos estão sujeitos à conjuntura econômica e social, influência intelectual e da publicidade, além de sanções políticas e legais.

Ao revisitar o seu texto e o seu diagrama 25 anos depois, Darnton (2008) reconheceu que o modelo proposto em 1982 foi, desde então, bastante discutido e utilizado em diversos contextos e objetos. Nesses trabalhos, questões não abordadas e ambiguidades do diagrama original ficaram evidentes, além de não conseguir atender às pesquisas posteriores sobre o tema. Dessa forma, foram feitas diversas propostas e adaptação do esquema original, dentre as quais o autor reconheceu o valor no esquema de Thomas R. Adams e Nicholas Barker publicado no artigo “*A new model for the study of the book*”, de 1993 (Fig. 2).⁹ Nesse novo modelo, algumas novas etapas foram criadas, outras agrupadas e reordenadas tendo como objeto o documento impresso, livro, periódico ou outro, uma sensível diferença, pois amplia o alcance de seus domínios para além da edição.

⁹ Publicado em *A potencie of life: books in society* (Londres, 1993), ao qual, infelizmente, não se teve acesso; apenas a citações e referências posteriores do mesmo.

Figura 2 – Modelo de Adams e Baker (1993): Conjuntura socioeconômica como um todo



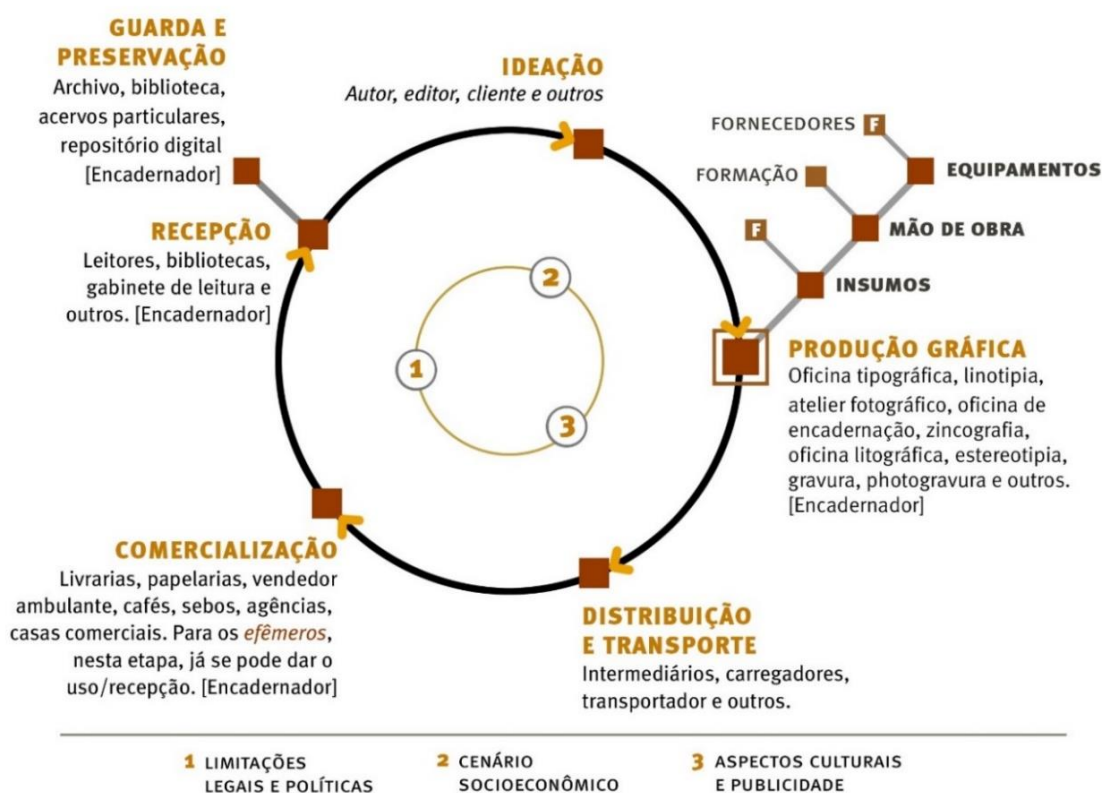
Fonte: Darton (2008, p. 164) redesenhado pelo autor.

O modelo proposto por Adams e Baker possui a etapa “publicação” como a reunião de autores, editores e os diversos clientes anônimos que procurariam a oficina gráfica para a produção de efêmeros e outros. Essa adição é uma ampliação necessária reconhecida pelo autor, embora observe que o foco de sua contribuição tenha sido para o estudo da edição. Prosseguindo, o novo modelo descreve “manufatura” ou o domínio dos impressores – a oficina tipográfica, como representado no esquema de 1982. Já a “distribuição” agrupa um conjunto das atividades de transporte, intermediação e o comércio dos impressos, incluindo a atividade do livreiro, que nomeava um item no esquema anterior. Depois há a “recepção” como o território dos leitores e dos espaços de acesso aos impressos. A seguir, um item ausente no modelo de Darnton – a “sobrevivência”, uma área para as atividades ligadas à preservação e acesso aos documentos, onde atuam bibliotecas, acervos e coleções.

Há ainda quatro conjuntos de fatores, segundo o modelo de Adam e Baker, que atuam de forma diferente sobre as cinco etapas de seu esquema: 1. Influências intelectuais – que agiriam nas etapas de publicação e sobrevivência; 2. Influências políticas, legais e religiosas – com repercussões na publicação e manufatura; 3. Pressões comerciais – com influência nas etapas de manufatura, distribuição e recepção; e 4. Comportamento social e gosto com atuação em 3 etapas: distribuição, recepção e sobrevivência.

A partir do estudo desses diagramas que buscam representar um conjunto de atividades e agentes, com suas práticas e saberes, iniciou-se o mapeamento do circuito local, ainda de forma preliminar. Com o avanço da investigação e a escolha por se concentrar no campo de ação dos impressores e de manufatura, segundo os modelos citados, foi preciso detalhar e definir melhor essa etapa dentro do circuito. O desenho de outro diagrama foi sendo definido pela necessidade de adequar alguns domínios à realidade editorial brasileira e do Amazonas, sobretudo do século XIX, e para observar em detalhe a etapa de produção gráfica, seus produtos e relações.

Figura 3 – Modelo proposto: Circuito de comunicação impressa, com ênfase na etapa de produção gráfica.



Fonte: Composição do autor a partir dos modelos de Darnton (1982) e de Adams e Baker (1993).

O modelo adotado foi adaptado (Fig. 3), principalmente, do diagrama de Darton com acréscimos retirados de Adam e Baker, além de contribuições próprias. Assim, propôs-se cinco domínios definidos em um diagrama, com especial destaque para um deles. As etapas propostas são: **I**. Ideação, em que se usou terminologia mais comum em projeto, por ser o território da concepção, da ideia do produto impresso e agrupa tanto a atividade de autoria, edição, como a

de contratação de um serviço, como a impressão de um efêmero. **2. Produção gráfica:** esse domínio foi delimitado em três subcomponentes: 1. insumos, para os diversos materiais consumidos no processo: papel, tinta, tipos e outros; 2. mão de obra, formada por compositores, tipógrafos e outros trabalhadores; 3. equipamentos, para registrar os maquinários gráficos e a mudanças tecnológicas nesta etapa. Os itens de insumo e equipamentos são alimentados por diversos fornecedores; e na etapa da mão de obra buscou-se ainda registrar as atividades de formação dos ofícios gráficos e de organização profissional.

Ainda sob o guarda-chuva da etapa de produção gráfica que, no século XIX, tem como principal *locus* a oficina tipográfica, mas que, neste modelo, reúne outras formas de impressão, composição, reprodução de imagem e acabamento, que funcionam tanto de forma independente, como os ateliês fotográficos, de encadernação, de gravação, como associados ao estabelecimento gráfico, onde um encadernador ou um photogravor pode atuar. A descrição do funcionamento dessa atividade vai ser brevemente feita abaixo, para que se possa observá-la no contexto local com melhor acuidade. O serviço de encadernação foi associado no modelo a quatro atividades, em que podem ser utilizadas de acordo com a necessidade dos agentes: do tipógrafo, livreiro, do leitor e da biblioteca.

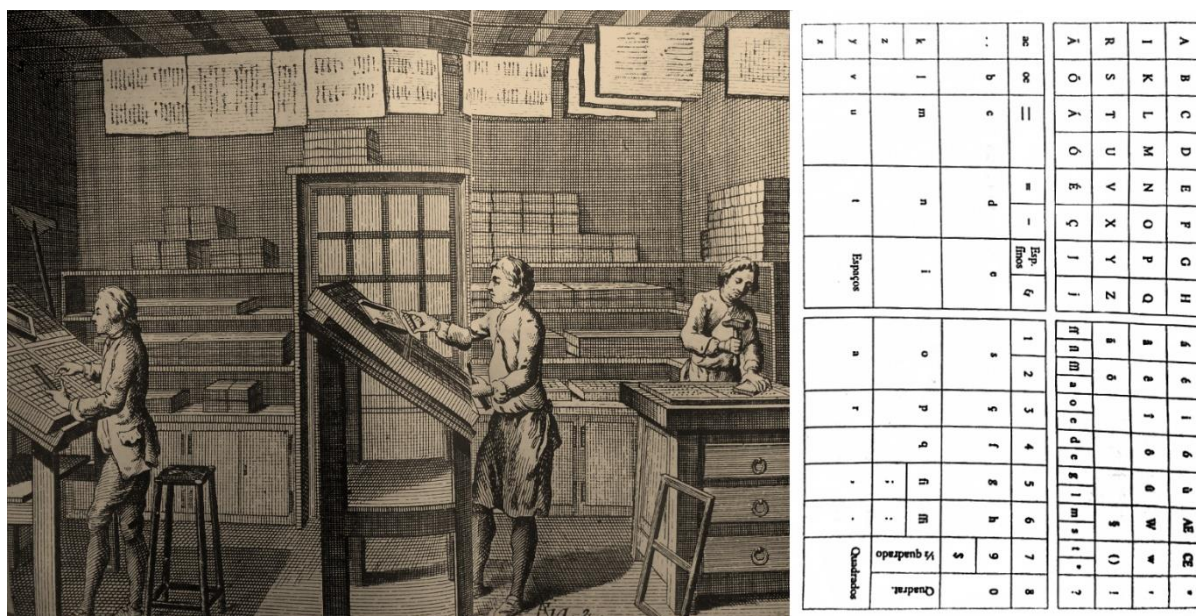
A etapa **3. distribuição e transporte**, não difere da proposta de Darton, da qual também se tomou a **4. comercialização**. Sendo que nesta última também se pode dar a recepção para vários impressos efêmeros que se associam a outros produtos, como os rótulos, e outros – como ingressos e convites – que são índices ou registros de um serviço ou evento a ser realizado, descartado após o uso ou troca. Na etapa **5. recepção**, fez-se a adição do subitem guarda e preservação, por estarem quase sempre associados ou relacionados. Também foram mantidas as três contingências a que o esquema é submetido.

Na pesquisa, o diagrama do circuito proposto foi utilizado para demarcar o maior desenvolvimento desses domínios, com um maior detalhamento da etapa de produção gráfica, onde foram anotados os produtos e as diversas tecnologias adotadas nos períodos a que eles se referem. Dessa forma o desenho do circuito pode ser observado de forma sintética e dinâmica, pois ele vai se definindo e ampliando seus territórios de acordo com o seu desenvolvimento, o surgimento de novos agentes, produtos, tecnologias ou ainda de restrições e retrações. Vale lembrar que ele se configura como uma proposição feita para atender às necessidades deste trabalho, e que pode, futuramente, ser definido.

1.2.1 A oficina tipográfica

O tipógrafo José. M. C. Frias escreveu e imprimiu em 1868 um livro com um importante relato sobre a atividade gráfica do Maranhão com o título de *Memória sobre a tipografia maranhense*. Pela sua leitura pode-se compreender melhor a dinâmica de funcionamento de uma oficina tipográfica brasileira distante dos grandes centros urbanos no século XIX. Dentro do panorama da história do livro e da impressão no Brasil, a situação do Maranhão nesse período foi especial, como descreve Hallewel (2005, p. 167-181), devido à influência dos jesuítas, pela vida cultural existente, pela proximidade com Portugal, dentre outras condições. Para o pesquisador, “a produção de livros, como manifestação incidental da prosperidade maranhense, alcançou um alto padrão de excelência técnica e estética e volume...” (2005, p. 167) e os dois maiores exemplos dessa sofisticação gráfica dos impressos eram as oficinas gráficas de José Maria Corrêa de Frias e Belarmino de Mattos. A fala de Frias registrada na *Memória* testemunha a clareza de suas intenções ao elevar o padrão das impressões a custo de muito estudo, racionalização do trabalho e melhorias constantes.

Figura 4 – Interior de oficina de composição de acordo com a *Enciclopédie* de Diderot e D’Alembert. Ao lado, caixa tipográfica maranhense produzida por Frias, século XIX.



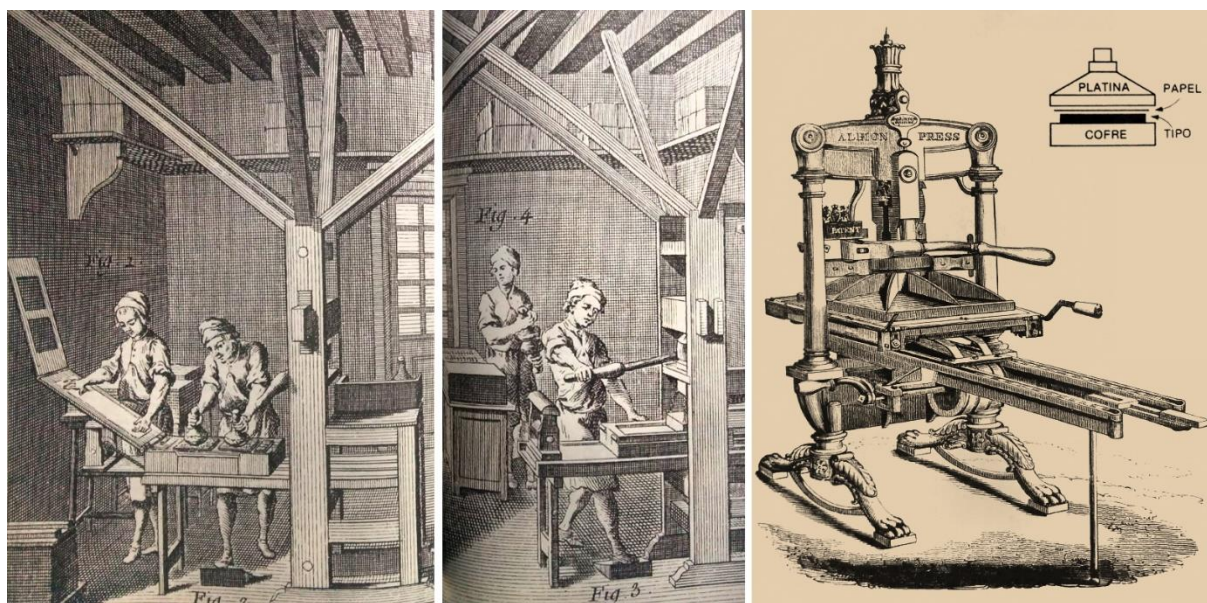
Fonte: Composição do autor a partir de Craig (1987, p. 10-11) e Frias (2001, p. 26).

As atividades de produção gráfica eram então realizadas por diversos profissionais especializados responsáveis por etapas específicas, como o compositor, o impressor e o encader-

nador. Nas oficinas de maior porte havia o paginador, o revisor, o gerente, além de outras ocupações. Nas oficinas menores, muitas vezes, um só profissional podia ser responsável por várias etapas. Outras práticas se relacionavam eventualmente com o estabelecimento gráfico, seja no espaço desta ou em oficinas e ateliês próprios, como se dá com os gravadores, fotógrafos, litógrafos, desenhistas, encadernadores e outros. A oficina também era o principal espaço de formação de mão de obra, pois os tipógrafos e demais trabalhadores gráficos aprendiam seu ofício na prática, atuando como aprendizes até chegarem à condição de mestres.

O processo de composição manual na oficina acontecia depois de definições: formato, papel, número de páginas, tipos e recursos gráficos empregados, além da tiragem e outros. Assim é possível saber a área que vai ser efetivamente composta e impressa, a mancha gráfica. O compositor realiza sua atividade utilizando instrumentos, tipos móveis organizados em uma caixa de onde ele deveria retirar caractere por caractere até compor uma linha. E, assim, sucessivamente até finalizar a composição da matriz que vai gerar o produto impresso. Para tornar esse processo menos desgastante e demorado, Frias (2001, p. 25-26) promoveu adaptações na caixa, como a redução de sua altura. Dessa forma, ficava menos fatigante para o compositor, geralmente “homens baixos e meninos”, ter acesso aos tipos. Ele propôs outras modificações e nomeou esse produto de “caixa maranhense” (Fig. 4).

Figura 5 – Interior de oficina tipográfica no século XVIII, *Encilopedie* de Diderot e D’Alembert. Ao lado, prelo Albion utilizado no século XIX.



Fonte: Composição do autor a partir de Craig (1987, p. 68-69, 81).

Com essa etapa concluída, ou seja, com a montagem de uma forma ou matriz, faz-se a impressão de provas para que se faça a revisão e a correção dos problemas encontrados. Uma vez superada as dificuldades, a composição final segue para próxima etapa – a impressão tipográfica, que se realiza a partir de um equipamento, uma prensa, prelo ou impressora, que inclui “um grande leito de impressão, ou cofre, com uma moldura ao redor dele” (CLAIR, 2009, p. 72) e uma placa de metal chamada platina que vai pressionar o papel contra a composição tipográfica (Fig. 5). Essa é uma tecnologia que teve início, no Ocidente,¹⁰ com a prensa de Gutenberg montada ainda no século XV, portanto, com tradição de alguns séculos que os tipógrafos gostavam de citar quando podiam, como ainda se terá oportunidade de observar

A matriz composta de tipos é colocada no leito da impressora na posição adequada e firmemente presa. Logo após é feita a distribuição da tinta na matriz, o papel é colocado na posição correta e a platina é pressionada para fazer a impressão plano (matriz) contra plano (papel), tal como se observa na Figura 4. A impressão tipográfica pode ainda ser classificada segundo três tipos de impressoras: as de platina (plano contra plano), as plano-cilíndricas (plano contra cilindro) e as rotativas (cilindro contra cilindro). Já a qualidade da impressão tipográfica varia de acordo com o equipamento utilizado, dos materiais usados (tinta, papel, tipos e etc.) e principalmente do componente humano que vai manejar o equipamento.

O relato de Frias trata de equipamentos, dificuldades e adaptações feitas no século XIX para tornar o trabalho de sua oficina mais eficiente, rentável e com maior qualidade gráfica. A principal queixa no período era a falta de mão de obra qualificada e regular, principalmente na delicada fase de impressão. Sendo essa “falta o maior obstáculo que temos encontrado para o melhoramento de nossos trabalhos”, de acordo com Frias (2001, p. 52). Isso porque o trabalho de impressão era extenuante, tanto pela exigência física que requeria para entintar, quanto para pôr em funcionamento o equipamento utilizando a força humana. Como se observa, era uma ocupação mal remunerada e ficava, quase sempre, nas mãos de “homens ignorantes e rudes”, de escravos, todos sob a supervisão do tipógrafo (FRIAS, 2001, p. 52).

Esse profissional – o tipógrafo – era um trabalhador instruído e orgulhoso da tradição de seu ofício e da importância da imprensa na difusão da instrução e da civilização na sociedade por meio da circulação de impressos compostos com sua arte. Em 1917, o periódico carioca *O Graphico* publicou um “Credo do Typographo” que ressalta em sua atividade uma devoção à crença no progresso:

¹⁰ Não se pode deixar de fazer referência à tradição chinesa, e oriental, de impressão com tipos móveis que antecede, e muito, a tecnologia tipográfica desenvolvida na Europa. A China também foi o berço de outros tipos de processos de impressão, como o xilográfico, e de materiais, como o papel, dentre outros.

Creio na minha arte, veículo das grandes idéias, em sua poderosa força moral que aos cérebros conduz à seiva da razão, da justiça e do direito: creio no seu benefício de abreviar distâncias, conduzindo na sua forma gráfica o pensamento humano. [...] Creio nos seus feitos guerreiros porquê tem como arma a palavra e como escudo a razão: assim como creio nos seus prodígios, que conduzem às escolas, às oficinas e aos lares a educação. Creio na minha arte porque nas minhas crenças é a hóstia da civilização. (O GRAPHICO, 16 jan. de 1917, apud ALVES, 2007, p. 21)

O tipógrafo Frias (2001, p. 53), ao descrever os produtos realizados em sua oficina tipográfica, indicou a predominância de livros, sendo em sua maioria o que ele chama de “composição corrida”, em oposição ao outro tipo de “composição acidentada como aritméticas, metrologias, geografia, etc., trabalhos que muitas vezes absorvem o duplo ou triplo de trabalhos ordinários”. Entre os chamados “remendos” ou impressos avulsos, sua oficina produzia muitos mapas e material para repartições e o comércio da província do Maranhão. O grande volume e qualidade gráfica de trabalhos produzidos em sua oficina chamam a atenção, ainda mais tendo em conta o número reduzido de trabalhadores. Some-se a isso o seguinte fato: o tipógrafo maranhense assumia diversas atividades, sem descuidar das inovações técnicas e de gosto de sua época. Há que se destacar que não há referência à impressão de um jornal regular em sua oficina.

Esse quadro era bastante diverso daquele visto na oficina de Honorio José dos Santos, em funcionamento no Pará, no mesmo período, que então produzia jornais e edições oficiais, além de atender a uma diversificada demanda oriunda de repartições, bancos e comércios. Os serviços na oficina paraense eram registrados por tipo, número de colunas, folha ou dias e, dentre seus funcionários, aquele que manuseava o prelo mecânico recebia um dos maiores rendimentos (MARTINS, 2017, p. 110). Isso acontecia provavelmente porque a capacidade de impressão do prelo que ele manjava era maior do que os outros equipamentos, que dependiam apenas da força humana para o seu funcionamento. Ainda havia o registro de pagamento para serviços de uma lavadeira e de uma cozinheira para a oficina, indicando que a oficina além de lugar de trabalho era, pra muitos dos trabalhadores gráficos, também a sua morada, ainda que provisória.

A vida de uma oficina tipográfica no século XIX, entrevista pelo relato de Frias, mostrou ser dinâmica, dada a variação das condições tecnológicas, materiais e de pessoal. Embora não haja o relato do proprietário da Typographia de Honorio José dos Santos, os documentos que foram arrolados depois de sua morte em seu inventário denotam que a experiência da oficina paraense não deve ter sido muito diferente.

Uma vez finalizada a etapa de produção, o produto impresso deveria ser distribuído e entregue ao consumidor final, como no caso dos assinantes de jornal. Nesse ponto do circuito

os diversos intermediários são quase sempre invisíveis: pouco se sabe dos carregadores, entregadores, distribuidores e intermediários, com exceção talvez do vendedor de jornal e de poucas referências a vendedores ambulantes que comercializavam impressos mais populares, como folhinhas, almanaques, imagens religiosas e outros.

No desenho do circuito impresso, o principal espaço para difusão dos artefatos impressos são as livrarias e as lojas de variedades, as quais, além de vender edições e outros impressos, intermediavam a assinaturas de periódicos de outras localidades. Também havia as salas de leitura, bibliotecas e outras iniciativas, como clube de leituras e dos variados espaços de venda e uso dos impressos efêmeros, embora destes se encontre tão poucos registros. O objetivo não é o registro exaustivo de todas as atividades e agentes, mas a construção de um cenário onde seja possível observar o desenvolvimento dessas etapas por meio de marcos, de diversas informações e estudos. Também pela sua cultura material, histórias e personagens para produzir um desenho vívido do circuito de comunicação impressa do Amazonas registrado pela história desta e da produção gráfica, um espaço de trabalho e social, mas que comporta mais um pequeno universo de onde diversas manifestações humanas se irradia.

1.3 Procedimentos e técnicas: registro e tratamento

A etapa de mapeamento preliminar da tese foi iniciada antes mesmo do ingresso no programa de pós-graduação da ESDI/UERJ, com visitas a bibliotecas em São Paulo e Belém, propiciadas pela participação em um projeto de pesquisa anterior¹¹. Logo após o ingresso no doutorado passou-se ao levantamento de bibliotecas, acervos, coleções e arquivos – físicos e digitais – que tivessem em sua posse ou base de dados artefatos impressos produzidos no Amazonas de 1851 a 1910. Foi necessário abrir exceções para os produtos de grande interesse, como os álbuns iconográficos e almanaques tendo o Amazonas como objeto, mas que foram produzidos no exterior. O mesmo se deu em relação a relatórios oficiais e impressos em oficinas tipográficas de outras províncias.

Algumas publicações foram de grande auxílio nesse levantamento e pesquisa, mapas da atividade jornalística no estado em que, nas bordas, encontramos referências às oficinas tipográficas e a seus profissionais. João Baptista de Faria e Souza foi um dos primeiros pesquisa-

¹¹ Projeto “Catalogação e expansão do acervo artístico e literário do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas”, sob a coordenação da Prof. Dra. Luciane Páscoa, em Manaus.

dores locais a estudar a imprensa periódica amazonense e também foi o organizador do catálogo de jornais e revistas do Amazonas por ocasião do Centenário da Imprensa no Brasil. Comemorado em 1908, com uma exposição no Rio de Janeiro, esse levantamento foi publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, parte II, onde há a indicação de 347 publicações periódicas, da capital e do interior do estado, mapeadas por Faria e Souza, seguido por um “Resumo Histórico”. Esse material também foi convertido em uma edição publicada em Manaus no mesmo ano, intitulado *A Imprensa no Amazonas 1851-1908*, em cujo levantamento são listados 371 periódicos, sendo 22 na forma manuscrita.

Também tendo como mote outro centenário, a edição *Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)* foi uma importante fonte com seu catálogo de jornais que complementou, com valiosas informações, o mapeamento anterior de Faria e Souza e o expandiu. Neste trabalho há um levantamento de editores, redatores, colaboradores, gerentes e outros profissionais. Em poucos periódicos são indicados ainda o formato e a oficina tipográfica onde o periódico foi produzido. Importantes referências e subsídios foram encontrados nas pesquisas conduzidas pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, em trabalhos de outros programas e pesquisas sobre a atividade fotográfica e cultural da região.

Os acervos consultados se concentraram nas cidades de Manaus e do Rio de Janeiro, esta última por ter sido capital do país, portanto sede de importantes instituições científicas e coleções com material de interesse. Na forma digital, foram dois os principais acervos consultados e que alimentaram este trabalho de objetos: o grande conjunto na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, principalmente sua Hemeroteca; e as obras digitalizadas e disponibilizadas pela Biblioteca Virtual do Amazonas, subordinada à Secretaria de Estado da Cultura do Amazonas.

Buscas também foram feitas em sites de universidades brasileiras e do exterior, para identificar e registrar uma grande variedade de objetos e de informações. Uma vez que o exemplar digital era identificado como sendo de interesse, procedia-se a uma primeira e rápida leitura. Ao salvá-lo, buscou-se identificá-lo a partir de seu título, de forma abreviada quando preciso, assim como a sua data ou a sua periodicidade, indicando a sua procedência, quando necessária. Por exemplo, um exemplar do jornal *A Provincia* teve o seu arquivo assim identificado: “a provincia_16 mar1878_ anoI_n.32.pdf”.

Nos casos em que se deparou com alguma informação de grande interesse ou um importante detalhe, fez-se o acréscimo desse dado ao final do título do arquivo, o qual, por sua vez, foi alocado em uma das três pastas criadas: edições, periódicos e efêmeros, todas por tipos e décadas, de 1850 a 1910. Nesta última incluímos os arquivos datados até dezembro de 1920. Apesar de a pesquisa ter como limite o ano de 1910, o registro de objetos se estendeu por toda

essa década para dar continuidade à narrativa histórica e perceber para onde apontava o seu desenvolvimento posterior.

Em alguns casos ainda foram feitas subdivisões como em periódicos, com a criação das subpastas jornais e revistas, para facilitar sua localização dos objetos e a pesquisa. O início dessa coleta de exemplares na forma digital antecedeu o projeto da ficha de registro e depois também passou a alimentá-la. Foram comparadas, adaptadas e utilizadas várias indicações metodológicas contidas no artigo de Fonseca, Gomes e Campos (2016), sendo possível, por meio dele, visualizar alguns desdobramentos, incluindo ajustes e refinamentos.

A partir do estudo das pesquisas produzidas pelo grupo Memória Gráfica, identificou-se a necessidade de planejar uma ficha de registro adequada aos artefatos estudados e aos objetivos da investigação. A maior parte do conjunto observado se compõe de periódicos, sobretudo séries de jornais de diversos anos, e ainda várias edições oficiais; em menor número estão as revistas, almanaques e poucos efêmeros. Em vista da heterogeneidade dos artefatos encontrados e do recorte temporal amplo, foi definido que todos os objetos deveriam ser tratados em um mesmo modelo de registro. Por isso, optou-se por privilegiar as informações que permitissem identificar e caracterizar o impresso, acessar dados sobre a sua produção gráfica e o circuito profissional do qual estes objetos são testemunhas. Buscou-se ainda dar espaço para aqueles dados ou observações difíceis de categorizar, incomuns ou simplesmente curiosas, mas com potencial informativo.

Dessa forma, chegou-se à área da Bibliografia, ao estudo de documentos com o objetivo de identificá-los, descrevê-los e classificá-los para facilitar sua localização e pesquisa. O contato anterior com a disciplina havia se dado a partir da leitura do trabalho de Knychala com livros de arte (1984) e de Guilherme Cunha Lima, tendo por objeto os impressos d'O Gráfico Amador (1997)¹². Voltou-se a diversos trabalhos sobre o tema, principalmente Finizola e Coutinho (2009), Imbroisi et al. (2013), Martins (2017) e também o levantamento dos periódicos locais feito por Santos et al. (1990), dentre outros.

É oportuno ressaltar também que o campo da bibliografia histórica vem reconhecendo a importância dos aspectos sociais e tecnológicos de produção do livro e de documentos, ao notar, segundo McKenzie (2018, p. 11-12), o seguinte: que estas condições são “poderosas no modo como impedem certas formas de discurso e permitem outras; e. por determinarem as próprias condições sob as quais são criados os significados”.

¹² Utilizou-se as duas referências no artigo resumido “Livro de arte: contribuições ao projeto do livro no Brasil”, de 2008, publicado nos Anais do 8.º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design.

Nos modelos de ficha que têm o texto do documento como objeto há uma predominância de abordagens mais descritivas, que precisam ser expandidas quando o foco é o artefato material e seus atributos gráficos. Nos trabalhos de Knychala (1984) e Cunha Lima (1997), a preocupação se deu com o levantamento de um conjunto de dados que pudessem descrever com fidelidade livros com características gráficas especiais e até mesmo únicas, como acontece fazer nos livros de arte ou de produção manual. No trabalho de Santos et al. (1990) a intenção foi a de catalogar a atividade periódica a partir da descrição dos jornais e revistas visualizadas em diversos tópicos. No tratamento da *Revista Vida Capichaba*, dado por Imbroisi et al. (2013), vários aspectos relacionais e analíticos são incorporados, incluindo uma observação minuciosa da composição dos títulos em *lettering*. Esse detalhamento na descrição e análises contidas na ficha produzida foi possível em razão deste trabalho ser parte do estudo maior já realizado anteriormente.

O trabalho de Finizola e Coutinho (2009) também apresenta um nível maior de detalhamento nas descrições e análises contidas em sua ficha, incluindo a criação de categorias para o estudo de letreiramentos populares, um conjunto heterogêneo. No entanto, esse tratamento feito a partir de uma ficha ocorreu em uma etapa avançada da investigação, após estudos, análises e classificação preliminares. Essa abordagem mais especializada difere daquela que se adotou neste trabalho, pois os objetos terão na ficha a primeira interface de seu tratamento, o início formal de um diálogo. E essa conversa é orientada para fornecer indicações sobre o circuito da produção gráfica, seus agentes profissionais, empresas, instituições, portadoras de práticas, conhecimentos e, quando possível, de sua interação com a sociedade.

O registro do artefato impresso a partir de fichamento precisou incorporar uma série de entradas específicas, desenvolvidas para atender às necessidades da pesquisa, incluindo itens com descrições longas. A tese de Fernanda Martins (2017) mostrou um modelo de registro próximo da realidade desta investigação e forneceu a base na qual diversas referências, necessidades e questionamentos foram discutidos e adaptados para dar um tratamento adequado ao conjunto de objetos encontrados.

No modelo descrito por Martins (2017, 29-32) foram produzidas duas fichas (Figura 6): a primeira de caráter geral e descritivo, com 15 itens a serem preenchidos, além de um espaço para a inserção de imagens do exemplar anotado. A segunda ficha é a de análise de produto impresso e apresenta um nível de detalhamento maior, incluindo alguns itens analíticos dentre os 33 que a compõem. Seu preenchimento se dá tanto por anotações por extenso como por múltipla escolha. A primeira ficha reúne elementos para identificação do objeto segundo o seu título e a oficina em que foi produzido, sem a indicação do acervo onde se encontra ou uma tipificação mais detalhada do artefato. Depois há entradas para caracterizar graficamente o documento com

indicações gerais: formato, número de páginas e técnica (de impressão), e uma seção de “elementos figurativos” com os seguintes itens: vinheta, fios, brasão e imagem.

O segundo modelo se organiza em seções separadas por linhas mais grossas. A primeira com as informações básicas do documento, depois a indicação da oficina, a tipificação do produto impresso e as primeiras informações gráficas como: tipo de impressão, dimensões, páginas e cores. A terceira seção foi identificada como “Elementos textuais” e contém os itens: margens, número de colunas e alinhamento, ou seja, uma lista de elementos de composição da mancha gráfica. Depois a seção “Tipografia”, a mais detalhada, com entradas para o número de famílias empregadas, disposição, base, estilo, peso, caixa, uso de capitular e cor. Há um detalhamento sobre os fios, chamados segundo a descrição contida no *Dicionário* de Porta, e os chamados “Elementos Figurativos”, que já constam na primeira ficha. E a última seção “Anúncios” indica se eles estão presentes, o tipo, orientação e estilo.

Figura 6 – Fichas elaboradas por Fernanda Martins: registro e análise do produto impresso

Nome: O Paraense Endereço: Ilhargá do Palácio atual rua Tomasia Perdigão Tipo: Jornal Formato: 1822 - 1823 Colunas: 2 Elementos figurativos Vinheta - Sim Fios - Sim Brasão - sim Imagem - Não		Oficina: Imprensa Liberal de Daniel Garção de Mello e Cia Técnica: Tipografia Nº de Páginas: 8 Local: Belém Autor:		Título: Autor: Redatores: Circulação: Oficina: Endereço: Local: Tipo de impresso: Dimensões: Número de Páginas: Cores: <input type="checkbox"/> 1 Elementos textuais Margens: Nº colunas: Alinhamento: <input type="checkbox"/> justificado <input type="checkbox"/> esquerda <input type="checkbox"/> direita <input type="checkbox"/> livre <input type="checkbox"/> centralizado Tipografia Nº Famílias: Disposição: <input type="checkbox"/> linear <input type="checkbox"/> curvilínea <input type="checkbox"/> diagonal <input type="checkbox"/> horiz <input type="checkbox"/> vert <input type="checkbox"/> sort Base: <input type="checkbox"/> tipografia <input type="checkbox"/> letreiramento <input type="checkbox"/> cursiva Estilo: <input type="checkbox"/> romano <input type="checkbox"/> itálico <input type="checkbox"/> gótico <input type="checkbox"/> s/serifa <input type="checkbox"/> s/quadr <input type="checkbox"/> decorativo Ornamento: <input type="checkbox"/> Espiral <input type="checkbox"/> contorno <input type="checkbox"/> vazada <input type="checkbox"/> sombra <input type="checkbox"/> hera <input type="checkbox"/> toscana Peso: <input type="checkbox"/> light <input type="checkbox"/> médio <input type="checkbox"/> bold <input type="checkbox"/> condensado <input type="checkbox"/> Expandido <input type="checkbox"/> Mistto Caixa: <input type="checkbox"/> CA <input type="checkbox"/> cb <input type="checkbox"/> cA/b <input type="checkbox"/> Versal/versalete Capitular Cor X preto <input type="checkbox"/> cor Fios: <input type="checkbox"/> fantasia <input type="checkbox"/> cercadura <input type="checkbox"/> combinação <input type="checkbox"/> Enquadrar <input type="checkbox"/> Coluna <input type="checkbox"/> preto <input type="checkbox"/> azurado <input type="checkbox"/> ondulado <input type="checkbox"/> duplo Elementos figurativos Vinhetas: Marcas: Medalhões: Ornamentos Imagem litográfica: Anúncios <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não Tipo <input type="checkbox"/> Textuais <input type="checkbox"/> Clichê <input type="checkbox"/> Ilustrado Orientação <input type="checkbox"/> vertical <input type="checkbox"/> horizontal <input type="checkbox"/> página cheia Estilo <input type="checkbox"/> alegoria <input type="checkbox"/> ícone <input type="checkbox"/> realista	

Fonte: Martins (2017, p. 32-33).

A proposta de coleta e tratamento definida para esta investigação se inicia com uma ficha de registro, a ser detalhada abaixo, mas que tem como um de seus objetivos a descrição da composição gráfica. Também a obtenção de dados sobre a organização das informações do impresso, por exemplo, se faz uso de tabelas, gráficos ou ilustração e fotos. Outra função deste

registro é mapear os agentes profissionais do circuito de artes gráficas locais e, de modo mais difuso, analisar cada documento, anotando hipóteses, questões abertas, informações de interesse ou descrever condições do artefato ou acervo que influenciaram na nossa coleta de dado. Por exemplo, no IHGB a digitalização dos artefatos era intermediada pela instituição, que cobra pelo serviço.

Ainda nessa entrada foram apontados os encontros com falhas e erros de diversas naturezas, como os de composição estampados no título de um periódico, ou a presença de uma errata, os vestígios de uma capa, uma marca registrada de uma fábrica de botões de jarina e muitos outros detalhes.¹³ Esses fragmentos formam outra narrativa composta de indícios, hipóteses, outros dados, os quais foram incorporados à pesquisa de forma direta ou na criação de cenários e apoio às diversas dúvidas que se registraram.

A primeira ficha, além de itens descritivos, conta com outros analíticos, inclusive com uma avaliação qualitativa e, a partir dessa reunião de dados e descrições, podemos alimentar os outros dois modelos de coleta necessários à nossa investigação. No “Registro de oficinas tipográficas do Amazonas 1851-1930” organizou-se uma tabela subdividida por décadas para anotar, mapear e acompanhar melhor os dados desses empreendimentos.

O terceiro modelo, o “Registro do circuito gráfico: profissionais, empresas e instituições”, é composto de duas partes, delimitadas em: 1. Profissionais e 2. Empresas e instituições. Nestes anotamos em uma tabela as informações dos profissionais e agentes diretamente envolvidos na produção e comercialização de impressos, excetuando-se as oficinas tipográficas que têm um registro próprio. Ambos os levantamentos desse terceiro modelo de coleta são preenchidos a partir da primeira ficha de registro e de outras buscas.

A ficha produzida, o “Registro do artefato impresso” (Figura 7), possui vinte e três entradas, informações a serem preenchidas a partir da observação, leitura e análise do objeto. Foram definidas três subseções; a **primeira** identifica o objeto a partir de informações gerais, tais como: **1.** título; **2.** subtítulo, mais comum nos periódicos; **3.** tipo de artefato, se digital ou original; **4.** indicação do acervo a que pertence; **5.** data e/ou periodicidade; **6.** autor ou responsável; e **7.** tipo.

A tipificação dos impressos foi definida a partir dos artefatos mais comumente observados, notadamente periódicos e edições, sem deixar de lado sua heterogeneidade e a ocorrências

¹³ Só para ilustrar a eloquência deste item, todos esses exemplos foram retirados apenas dos seis primeiros objetos anotados na ficha, aos quais ainda podemos acrescentar a assinatura de “Gil” em uma foto e ilustração, a hipótese de o almanaque de 1871 ter sido impresso em partes ou ainda em duas oficinas tipográficas, a presença de anúncios ou de colaboradores ilustres.

de outros impressos. Assim, classificamos os periódicos em: jornal, quando não foi possível determinar sua periodicidade; jornal semanal ou hebdomadário; comemorativo ou especial; revista; revista científica; revista ilustrada; almanaque e outros. Os livros foram ordenados em duas categorias gerais de acordo com sua origem: edição oficial, caracterizada como obras produzidas pelo governo local para tratar de seus interesses, como as *Fallas*, *Exposições*, *Relatórios*, *Catálogos* e outros, tendo dirigentes, funcionários e agentes do governo como autores e responsáveis. Ainda debaixo deste guarda-chuva, as edições de autores variados, que foram custeadas pelo governo e estão identificadas como tal.

Muitos álbuns iconográficos e almanaques, apesar de terem sido produzidos à custa de subvenção do governo, apresentam características editoriais e gráficas próprias, além de terem maior autonomia; por isso, mereceram tipificação à parte. A outra categoria geral é a de edição particular,¹⁴ aquela em que autor, editor, empresa ou instituição assume a responsabilidade pelos custos de produção. Ela também poderia ser caracterizada segundo gêneros literários ou editoriais, como: edição de poesia, romance, ensaio, livro didático e dicionário. Incluiu-se a categoria folheto,¹⁵ oficial ou particular, baseada no número de páginas, recebendo tal denominação quando a publicação possui até 48 páginas. Os efêmeros foram registrados de acordo com a sua finalidade: entrada de teatro, rótulo, recibo, cartaz, menu, cartão de visita e outros.

A **segunda** parte investiga a produção do impresso a partir do registro dos agentes do circuito gráfico local (profissionais, empresas, instituições e outros). Assim temos: **8.** nome da oficina em que o artefato foi impresso; **9.** endereço desta; **10.** tipo de impressão; **11.** qualidade, se regular ou irregular; **12.** profissionais. Embora quase sempre o tipo de impressão encontrado seja tipográfico, observou-se variações como o uso da linotipia, estereotipia, a impressão litográfica, xilográfica, e de reprodução de imagens, como a autotipia (meio-tom) e zincogravura, dentre outras. Em grande medida partiu-se do exame de exemplares digitalizados, de modo que nem sempre foi possível anotar com precisão o tipo exato de impressão.

Na entrada 11, “qualidade”, há uma avaliação subjetiva observável apenas em impressos originais, que são classificados como possuindo impressão regular ou irregular, segundo três critérios básicos. Primeiro, a distribuição uniforme da tinta nos elementos que compõem a pá-

¹⁴ Tomou-se uma direção diferente daquela apontada pelo *Dicionário do livro* (2008, p. 269), em que edição particular é aquela que não é posta à venda, ou seja, trata-se de uma obra não comercial de circulação restrita.

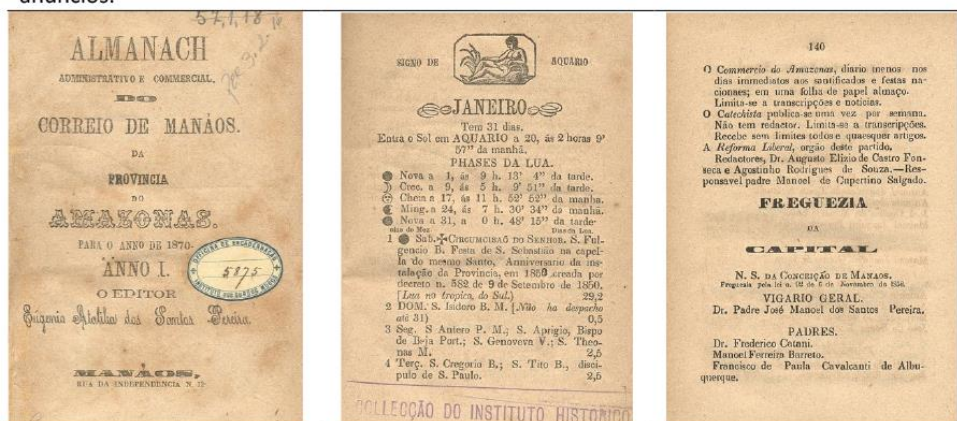
¹⁵ Porta (1958, p. 60), no verbete “Folheto”, diz que se trata de “obra de poucas folhas, quase sempre brochadas, menor que o livro...” e que a distinção entre “folheto e livro é algo imprecisa”. Arezio, em seu dicionário (2017, p. 158), fala em livro brochado de poucas páginas, “... que não vale o nome de livro, por conter menos de 200 páginas”. Assim, usamos a definição de Faria (2008, p. 341), em que folheto é descrito como sendo uma publicação “com mais de 4 e não mais de 48 páginas”; também chamado de opúsculo. Vale lembrar que o cordel é também definido como um folheto.

gina ou páginas do impresso; segundo, a nitidez dos tipos, ornamentos e imagens marcados em papel; em terceiro, a pressão exercida pelos tipos sobre o papel. Esta quando feita com demasiada força deixa um forte relevo, quase um sulco na página, evidenciado um equipamento rudimentar ou falta de precisão técnica no ato da impressão.

A entrada 12, “profissionais”, é preenchida a partir da leitura do artefato, sobretudo das informações contidas no expediente, página de crédito, colofão, nas assinaturas presentes, anúncios e conteúdo do impresso. A leitura é feita de forma abreviada, sobretudo nas edições; por meio dela buscou-se registrar os nomes dos agentes do circuito e outros dados de interesse que irão alimentar os outros dois modelos de coleta, descritos a seguir.

Figura 7 – Registro do artefato impresso: detalhe do quarto objeto anotado

4 TÍTULO: Almanack Administrativo e Commercial		Subtítulo:	
do Correio de Manáos da Província do Amazonas			
Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: almanaque	Data: 1870
Autor/responsável: Eugenio Ataliba dos Santos Pereira.			
OFICINA: Typografia do Correio de Manáos			
Endereço: R. da Independência, n. 12.			
Tipo de impressão: tipografia		Qualidade: irregular	
Profissionais: O Almanaque registra Dr. Luiz Martins da Silva Coutinho, professor de Desenho Linear do Atheneu das Artes [p. 133-134].			
TAMANHO: 102 x 143 mm	Páginas: 240	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: várias	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.: o exemplar examinado tem resquícios de ter tido uma capa com papel de cor azul. Registra cinco periódicos e tipografias [p. 139-140], todos em Manaus. Possui errata e sem anúncios.			



Fonte: Elaborado pelo autor.

O **terceiro** conjunto de informações é também o maior, levanta dados gráficos e de organização da informação e nele registramos: **I3**. tamanho, apenas a partir de originais; **I4**. nú-

mero de páginas; **15.** colunas, anotando o número delas ou se é variável; **16.** cor, indicando quantidade e identificando-as. Também há entradas indicando a ocorrência de: **17.** vinhetas, e identificando-as: brasão, cercaduras, figurativas (mão, embarcação, escravo fugido etc.), e outros ornatos. **18.** fios; **19.** Ilustração; **20.** fotografia; **21.** tabelas/gráficos. **22.** recursos gráficos e acabamento, em que são listadas outras características relevantes, tais como acabamentos, uso de papéis especiais, presença de cores na capa, descrição do título como caligráfico, letreiramento (*lettering*) ou tipográfico, descrevendo-o resumidamente; e outras informações.

A distinção entre vinheta e ilustração tende a ser ambígua, uma vez que há vinhetas que não são apenas ornatos ou pequenas figuras. Porta (1958, p. 204) ressalta que a ilustração pode ser definida como “imagem, desenho, gravura que acompanha o texto de um livro, jornal, revista ou outro impresso qualquer” e, por fim, diz que se trata de “explicação, esclarecimento, glosa, comentário que acompanha o teto de uma obra”. Enquanto a vinheta teria uma função mais decorativa e convencional, tendo a sua configuração formal baseada em linhas geométricas e sua origem advém do desenho de folhas e cachos de uva. Assim, optou-se por distinguir vinheta de ilustração pelo caráter explicativo da imagem desta última, ou seja, associação direta entre imagem e a informação presente no texto. Por essa razão, a representação gráfica na ilustração tende a ser mais particular por se referir a algo mais específico e pela liberdade de criação da imagem que pode, inclusive, ser assinada. Uma vinheta, ao contrário, tem um desenho padronizado, de criação anônima e que, tal como um tipo, era comprado por qualquer oficina e usado para ornamentar um impresso.

Nas últimas entradas, a **23.** observações, são registradas informações de interesse variado, desde a ocorrência ou não de anúncios, erros de composição e improvisações tipográficas, até notas retiradas da leitura do artefato e detalhes das condições do exemplar. Informa, por exemplo, que o impresso foi encadernado junto a outros e teve suas margens aparadas, o que pode resultar na medida incorreta do tamanho do objeto, dentre outros. Este também é um espaço para anotar as ambiguidades e dificuldades no preenchimento das entradas. Quando isso acontece, se incluiu um asterisco junto à informação e, neste espaço, indica-se a dúvida ou hipótese a ser discutida. A última entrada é o espaço para, sempre que possível, visualizar imagens do artefato registrado em tamanho reduzido ou de um detalhe do mesmo. No caso de um exemplar físico, procede-se à captura da imagem por fotografia digital de algumas páginas do impresso, sempre com permissão da instituição, e depois são inseridas nesta ficha.

O segundo modelo de coleta e registro procura mapear os agentes que planejaram e produziram os artefatos impressos do Amazonas, ou seja, todos os empreendimentos que se

dedicavam à composição e impressão gráfica, seja como atividade-fim, seja de forma secundária. Assim, o “Registro de oficinas tipográficas do Amazonas de 1851 a 1930” (Figura 8) foi organizado por décadas, tendo Manaus como principal foco e sete entradas, preenchidas com dados retirados da ficha anterior e outras fontes sempre identificadas.¹⁶ São: **1.** nome; **2.** ano ou período; **3.** endereço; **4.** proprietário; **5.** atividades, indicando outras além da impressão; **6.** Artefatos identificados e **7.** observações.

Em vários casos o preenchimento dos seis registros iniciais se mostrou conturbado, pois a dinâmica de funcionamento e as mudanças constantes das oficinas ao longo do tempo foram inferidas apenas pela leitura dos dados contidos nos artefatos impressos. Em poucos casos, anúncios ou notas em jornais apontavam mudanças de endereço ou orientação política sem explicitar suas motivações, sendo o mais corriqueiro nos deparamos com lacunas temporais, diferenças de informação ou estranhas coincidências as quais se buscou compreender, muitas vezes sem sucesso.

Figura 8 – Registro de oficinas tipográficas do Amazonas, primeiras anotações.

Em Manaus, por décadas:

	NOME	ANO	ENDEREÇO	PROPRIETÁRIO	ATIVIDADES	ARTEFATOS	OBSERVAÇÕES
1850							
1	Typographia de Manoel da Silva Ramos [Typ. de M. da S. Ramos]	1851		Manoel da Silva Ramos	IMP	<i>5 de Setembro; Estrela do Amazonas</i> ; edições oficiais	Produz os primeiros livros e periódicos do Amazonas
		1852-1854	R. Formosa, R. de Manaus R. da Palma				
	Typografia de Francisco José da Silva Ramos [Typ. de F. J. da Silva Ramos]	1855	R. da Palma	Francisco José da Silva Ramos	IMP	<i>Estrela do Amazonas</i> ; edições oficiais	Tipografia foi a leilão depois da morte de seu proprietário
		1856	R. da Palma, 2				
		1857-1859	R. da Palma, 6				
		1860-1862	R. Formosa, 16				
1860							
2	Typ. do Monarchista Officina Typographica do Amazonas Typographia de A. da C. Mendes	1866-1867	Rua Cinco de Setembro, 4	Antonio da Cunha Mendes*	IMP	<i>O Monarchista</i> [1866], <i>O Amazonas</i> [1866-1867], <i>O Amazonas</i> (1867-1872).	*confirmar se é o mesmo que atuou no Pará na década de 1850 [Martins, p.99]
		1867	Rua Brasileira, casa próxima a ponte do Aterro				
		1868-1870	Rua da Palma canto da travessa da União				
	Typographia do “Amazonas”			Antonio da Cunha Mendes & Filhos			

Fonte: Elaborado pelo autor.

O simples estabelecimento do nome da oficina tipográfica já representou um desafio. Primeiro, pela falta de padronização em sua ocorrência, acontecendo desde a abreviação de parte de seu título até a utilização de variações ou, ainda, a ocorrência de diferentes nomes para a mesma oficina e ao mesmo tempo, dentre outros. Assim, nessa entrada foi definido como nome principal a forma integral, sem abreviações, que mais ocorre nos impressos registrados, anotando entre colchetes as variações encontradas. A indicação do ano é exclusivamente feita através das datas presentes nos artefatos registrados; portanto, não indicam com precisão o

¹⁶ Como o catálogo de jornais *Cem anos de imprensa no Amazonas*, já referido.

início, a suspensão ou o término das atividades de uma oficina. Apenas fazem referência à primeira data anotada, bem como às subsequentes, se houver.

Em “Atividades” identificamos por abreviaturas outras ocupações que, porventura, o empreendimento teve, assim temos: IMP – Impressão; ENC – Encadernação; LIV – Livraria; PAP – Papelaria; LIT – oficina litográfica; FOT – ateliê ou estúdio de fotografia, GRA – Gravação e outros. Em “Artefatos” listou-se os impressos que foram registrados associados à oficina, segundo a categorização da ficha anterior. Por fim, em observações foram anotadas outras informações de interesse e descrevemos as ambiguidades ou hipóteses observadas.

Figura 9 – Registro do circuito gráfico: profissionais, empresas e instituições.

Em Manaus, por **profissionais**:

	DATA	NOME	ATIVIDADE	INFORMAÇÕES
	1850			
1	1851-1855	Manoel da Silva Ramos	Tipógrafo	Proprietário da oficina tipográfica que leva seu nome
2	1855-1862	Francisco José da Silva Ramos	Tipógrafo	Proprietário da oficina tipográfica que leva seu nome
	1860			
1	1864	Eduardo José de Souza	Fotógrafo	Anunciou em jornal [БК]

Em Manaus, por **empresas e instituições**:

	DATA	NOME	ATIVIDADE	INFORMAÇÕES
	1850			
	1860			
1	1866	Miranda, Barros e Comp.*	Fotografia	*Poucas informações, retirado de anúncio [<i>Amazonas</i> , 30 out. 1866]
2	1866-1867	Estabelecimento Fotográfico	Fotografia	Em anúncio [<i>Amazonas</i> , n.18 e n.61] informa que funciona na casa do sr. major Tapajoz.

Fonte: Elaborado pelo autor.

O terceiro modelo de registro (Figura 9) levanta informações sobre os agentes do circuito gráfico em Manaus, organizado por décadas e separado entre profissionais, de um lado, e empreendimentos comerciais e instituições, de outro. As anotações foram retiradas também da primeira ficha, acrescida de outras buscas e fontes, como nos levantamentos feitos em outras

pesquisas sobre os fotógrafos atuantes na região Amazônica.¹⁷ No site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional é possível pesquisar com palavras-chave no acervo digitalizado com um bom grau de precisão. Assim, nos periódicos com dezenas de números digitalizados, dos quais se registrou apenas alguns exemplares na primeira ficha, fez-se buscas para ver a ocorrência de: typographo, impressor, encadernador, lithographo, photographo, linotypista, gravador, desenhista, editor, bibliothecario, livreiro e outros. E também dos empreendimentos comerciais e instituições, excetuando as oficinas tipográficas. E quando se encontrou uma livraria ou papelaria que também realizava trabalhos de impressão, esta foi anotada em ambas as fichas, discriminando suas atividades.

Esse modelo de registro tem apenas quatro entradas: **1.** data; **2.** nome; **3.** atividade e **4.** informações. Em “atividade”, no caso dos profissionais, indicou-se sua profissão ou profissões e, em “informações”, anotou-se onde se deu sua atuação, além de outros dados de interesse ou dúvidas existentes. No caso de empreendimentos comerciais e instituições, as entradas são as mesmas. Ao se deparar com ocorrências de atividades de interesse, como a de desenho, embora não condizentes com as categorias profissionais citadas, anotou-se em uma tabela com igual estrutura identificada como “outras ocorrências”. Tal é o caso do registro de um pedido de subsídio ao governo para a publicação de uma edição sobre Desenho, como categorizar esta pessoa, como aspirante a autor? Assim, para não se perder este tipo de informação de interesse, esse dado foi incluído nesta lista de outras ocorrências. E, nesse caso especificamente, verificou-se posteriormente que o referido personagem era também professor de desenho.

Assim, os modelos de registro e tratamento preliminar que foram desenvolvidos para esta pesquisa possuem quatro direções: a primeira, com a ficha de registro do artefato impresso, buscou identificar, descrever, analisar e informar de forma breve e preliminar a partir de um grande número de objetos. Embora seja o primeiro contato com o objeto, já se objetivou reunir o maior número possível de informações para caracterizar graficamente o impresso, extraindo elementos e informações sobre os agentes do circuito gráfico local e anotar dados de interesse geral. A segunda direção se concentra na oficina tipográfica, uma linha de força em torno da qual a maioria das atividades profissionais listadas orbita e da qual se encontrou diversos fragmentos que, juntos, possibilitam observar o seu funcionamento.

Em notas de jornais são observadas e anotadas as seguintes mudanças: de nome, endereço, orientação política, de proprietário, produtos produzidos, mas ficam lacunas e tem-se de fazer algumas projeções e conjecturas. A terceira direção busca mapear os profissionais das

¹⁷ Como os diversos fotógrafos que passaram ou se fixaram em Manaus, registrados no *Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro* (2002).

artes gráficas e afins, descritos em poucos itens, assim como os outros estabelecimentos de produção, comerciais e instituições do circuito que está sendo estudado. A quarta é o espaço para anotações sobre a atividade de desenho, para os dados não classificados ou cobertos pelos itens anteriores.

Os primeiros registros foram feitos em acervos físicos e trouxeram vários desafios. O mais básico advém do contato com um material frágil, em diversas condições,¹⁸ que, ainda assim, precisa ser manuseado e estudado. O trabalho de observação e preenchimento das fichas exigiu ajustes e correções nos modelos, já incorporadas, e no nível de detalhamento das informações anotadas. No fichamento feito a partir do artefato físico as condições ambientais e restrições de cada local também influenciaram na coleta. Não só pela exigência física de manusear frágeis folhas de papel, medir, ler e digitar, fotografar e outras atividades, muitas vezes em pé ou sem o suporte adequado. Mas também por dificuldades inesperadas, como a pouca luz ou ainda o fato de que os diversos setores de uma instituição possuísem normas diferentes para o acesso de seu acervo.

Uma das restrições incluía a proibição do uso de réguas, o que inviabilizaria o registro das dimensões. Para contornar essa restrição foi feita a impressão de escalas em papel e a permissão para usá-las foi obtida, fazendo com que essas réguas em papel acabassem sendo adotadas na pesquisa por serem mais leves e flexíveis que as de plástico. Inicialmente, a observação e notação dos dados na ficha tomavam muito tempo, inclusive por certo preciosismo em fazer indicações sobre a família tipográfica de um título ou por querer anotar a mudança do padrão gráfico de um periódico. Com mais experiência, a atividade de coleta ficou mais objetiva, fluida, produtiva e, assim, vários objetos, digitais e impressos, foram sendo registrados. Todos os modelos de coleta, devidamente preenchidos até o momento, podem ser consultados ao final, como apêndices deste trabalho.

No Apêndice A foram descritos 271 objetos, de 1851 até 1920. Destes, 117 foram registrados a partir do exame de exemplares originais, número esse que representa 43,17% do total. Assim, a maioria dos artefatos examinados (154) se deu a partir de cópias digitalizadas. O número de objetos registrados foi distribuído da seguinte maneira, por períodos de tempo: de 1851 a 1860 foram 29 artefatos; de 1861 a 1870 foram 40 objetos; de 1871 a 1880 outros 52 impressos; de 1881 a 1890 registrou-se 45 objetos; de 1881 a 1890 45 artefatos foram descritos; de 1891 a

¹⁸ Documentos em péssimo estado, alguns com a consulta vedada pela instituição de origem, encadernado com outros, o que dificulta o manuseio, ou com as bordas aparadas, dobrados, com páginas ou partes faltando, ambiente com pouca iluminação, sem o apoio adequado para o manuseio e etc.

1900 foram 39 impressos e, finalmente, de 1911 a 1920 os últimos 41 produtos impressos. A tipificação desses objetos pode ser observada na Tabela 1, produzida a partir desse conjunto.

O conjunto de artefatos efetivamente consultados ao longo da pesquisa foi maior do que aqueles que estão registrados na primeira ficha, pois foram observados antes da produção das fichas e muitos deixaram de ser anotados por diversas razões, incluindo a demanda de tempo exigida na tarefa e a repetição de dados. Assim, para cada periódico da ficha, vários outros foram lidos em busca de dados e elementos de interesse e deixados de lado. E, durante esse trabalho de registro nos acervos, foram feitas algumas significativas descobertas, tais como a identificação dos primeiros e pequenos almanaques da Província do Amazonas, de 1870¹⁹ e 1871, depois reunidos a um conjunto de 17 almanaques identificados até 1916.

Tabela 1 – Distribuição dos artefatos registrados, por período de tempo, de 1851 a 1920.

Período	Jornal	Revista	Edição		Folheto		Almanaque	Álbum	Efêmero
			oficial	partic.	oficial	partic.			
1851-1860	11	–	9	–	9	–	–	–	–
1861-1870	29	–	5	2	2	–	2	–	–
1871-1880	26	7	7	3	6	1	2	–	–
1881-1890	25	1	11	1	3	2	2	–	–
1891-1900	24	–	7	1	4	1	1	1	–
1901-1910	8	3	6	1	1	3	–	1	2
1911-1920	12	6	6	10	2	5	–	–	–
TOTAL	135	17	51	18	27	12	7	2	2

Fonte: Composição do autor

O tratamento e visualização dos dados, informações e marcos anotados foi outra preocupação, eles estão incorporados no trabalho para sustentar diversas observações, relações e sínteses feitas ao longo da tese. Há ainda a preocupação em organizar e visualizar os diversos dados e análises feitas através de tabelas, gráficos e, ainda, um infográfico na forma de uma linha do tempo indicando marcos e eventos de interesse. Além das próprias fichas e registros feitos, podem subsidiar novas pesquisas e facilitam o acesso de dados antes desconhecidos.

¹⁹ A edição, de cerca de 10 x 14 cm, teve um exemplar encontrado na biblioteca do IHGB e outro na Biblioteca Nacional, e não encontramos referências a eles nas diversas pesquisas consultadas.

A pesquisa também se beneficiou de conversas informais com pesquisadores, que resultaram no contato com dois acervos particulares antes desconhecidos: a biblioteca do Centro Cultural Reunidos; e a documentação referente à firma Palais Royal pertencente ao acervo de Cesar & Cia. Embora o contato com esses dois acervos tenha sido limitado, eles propiciaram o encontro com a história da atividade gráfica e cultural do Amazonas na forma de documentos e objetos de grande importância e raridade. A biblioteca do Centro Cultural Reunidos não funciona regularmente e o acesso a ela foi possível pela gentileza do senhor Joaquim Loureiro. Ele apresentou o rico acervo da instituição e permitiu a entrada pelo breve tempo que dispunha para acompanhar, pois a biblioteca não contava com funcionários para prestar o atendimento necessário. Ainda assim, essas visitas propiciaram informações e subsídios incorporados ao trabalho, abrindo caminho para novas incursões.

No acervo da firma Cesar & Cia o senhor Carlos Gomes de Almeida apresentou diversos documentos originais do início do século XX, sobretudo contratos, referentes à firma Palais Royal, que se estendiam por vários anos. A ordem e a condução de acesso a esses documentos eram mediadas por ele e foi realizada em algumas visitas previamente acertadas, em que ele também fez diversas observações de interesse. Não foi possível saber a extensão exata dos documentos do acervo, mas havia um almanaque da Palais Royal, fotos penduradas na parede, vários impressos e manuscritos, informações pessoais, sendo que apenas uma parte deles foi consultada. Dessa forma, a partir de vários registros, fontes e estudos, conseguiu-se traçar um desenho mais complexo e detalhado que permite uma visão ampliada dos agentes e vozes impressas desta floresta gráfica antes submersa nas bibliotecas e no passado.

1.4 **Antes o mundo não existia**

O título desta seção foi emprestado da edição de mesmo nome – *Antes o mundo não existia* (1995), que trata da mitologia dos Desana-Kêhíripõrã para afirmar a existência de culturas e de agentes atuantes na região anteriores à chegada da atividade gráfica no século XIX. Embora pouco representados na cultura impressa, os povos indígenas formavam o principal contingente da comunidade humana que se vai estudar. Por isso seu processo de formação foi aqui brevemente descrito tendo como referência inicial um mito de criação e o encontro com a cultura impressa trazida explorador europeu. Escolha que, embora pareça arbitrária, foi necessária para marcar o lugar dos indígenas nos discursos e impressos do período.

Para essa vasta região da América do Sul, a Amazônia, “existir” outra precisou perecer, ou recuar, esse foi o destino dos povos nativos, com suas múltiplas línguas e visões de mundo. No mito Desana de criação, narrado pelos dois Kêhíripõrã (“Filhos dos desenhos do Sonho”), o grupo dos brancos foi descrito como seres destemidos, porém sem escrúpulos de tomar dos outros o que desejam. A viagem de fundação da humanidade na narrativa Desana é feita em cobra-grande, havendo, no caminho cheio de percalços, o revelador registro de um certo passageiro, um padre segurando um livro.²⁰ Ou seria mais correto dizer portando outra arma: um artefato impresso com as palavras sagradas da religião católica? Ele surge de forma autônoma, mas como um associado do branco em seus ritos e história.

Na maloca amazônica habitavam milhões de pessoas em sociedades e comunidades localizadas nas margens e várzeas dos principais rios, assim como em áreas interfluviais,²¹ com assentamentos que indicavam a existência de grupos com milhares de indivíduos. Segundo Roosevelt (1992, p.71), eles “parecem ter estado integrados a grandes territórios culturais e políticos, governados por chefes supremos cuja autoridade baseava-se na crença na origem divina”. Esses habitantes da região antes do encontro com o europeu não eram apenas nômades coletores e caçadores, mas também “agricultores, artesãos, navegantes e possuidores de um nível técnico capaz de dar conta das necessidades de reprodução de grandes contingentes humanos e de domínio cultural” sobre diversos territórios (CORRÊIA, 2012, p. 155).

No entanto, a história dessa grande região é contada tendo como marco fundador esse encontro com a grande nação dos europeus: antes de Colombo, ou pré-colombiana, e depois, já a partir de diversas fontes escritas, relatos e documentos que costumam orientar a escrita da História. Esse encontro e o domínio que se seguiu se fazem presentes na integração do alienígena branco²² à narrativa mítica dos Desana, uma forma de dar sentido a um mundo então desconhecido aos povos nativos da região.

Os nativos da Europa logo trataram de fazer outro tipo de adaptação, representando essa misteriosa terra em um desenho cheio de notações visuais chamado mapa. E sobre ele traçaram uma linha imaginária, dividindo um vasto território habitado por complexas e variadas socieda-

²⁰ Michel Melot (2012) associa a forma do códice e seu lento domínio sobre o rolo de papiro ao surgimento e crescimento de uma nova religião monoteísta que adotou esse formato para difundir seu livro sagrado – o Novo Testamento.

²¹ Estudos recentes indicam que em algumas áreas de terra firme, que são maioria na Amazônia, também desenvolveram sociedades e povoados densamente habitados e com uma organização social complexa. Ver o artigo “Pre-Columbian earth-builders settled along the entire southern rim of the Amazon”, publicada na revista *Nature Communications* 9, 1125 (2018).

²² Eduardo Viveiros de Castro (2016, p. 8) nota que o “antônimo de ‘indígena’ é ‘alienígena’, pois a palavra indígena vem no latim e significa “natural do lugar em que vive, gerado dentro da terra que lhe é própria”.

des entre dois reinos situados do outro lado do Atlântico. Isso mesmo antes de tal lugar ser pre-
tensamente descoberto, tal foi o acordo selado com o Tratado de Tordesilhas, em 1494. Por ele,
a Coroa de Castela registrou sob sua posse as terras descobertas ou a descobrir a oeste do me-
ridiano situado a 370 léguas da ilha de Santo Antão, Cabo Verde, e o reino de Portugal ficou
com o Leste. Dessa forma o continente sul-americano foi formalmente repartido.

Ainda no século XVI houve pelo menos 22 viagens tendo a proteção da Coroa Espa-
nhola e outras tantas empreendidas por lusitanos, franceses, ingleses e holandeses (FREIRE,
1994, p. 8). E foi pela crônica de uma dessas viagens, a de Francisco Orellana (1541-1542), que
o mar-doce recebeu seu título definitivo, retirado da *Relación del Nuevo Descubrimiento del
Famoso Rio Grande de las Amazonas*, crônica escrita pelo frei Gaspar de Carvajal. Esta ex-
pedição saiu de terras equatorianas e seguiu até a foz do então rio das amazonas, sendo a pri-
meira a percorrer esse trajeto. Ficou famosa também pelo relato deixado do assombroso encon-
tro com o mundo que antes não existia, pelo menos para o europeu. Outras se seguiram, com-
duzidas por lusitanos e espanhóis principalmente, tendo as incômodas companhias de franceses,
ingleses e holandeses. Seus protagonistas foram exploradores, militares, missionários, via-
jantes, cientistas, desenhistas, que chegaram a essa vasta região da América do Sul em busca
de uma representação mais fiel e, por meio deste conhecimento e mapeamento, chegar ao seu
efetivo domínio e exploração.

A cidade de São Luís foi fundada por franceses em 1612 e retomada pelos portugueses
em 1615. A instalação do Forte do Presépio, feita por portugueses, deu origem à cidade de Belém
em 1616. Em 1621, o Estado do Maranhão e Grão-Pará já se configurava como uma unidade
administrativa independente, com capital em São Luís, e compreendia a região do Grão-Pará e
Piauí. Ao sul, com capital em Salvador, o Estado do Brasil, os dois eram subordinados direta-
mente à Coroa Portuguesa. Nesse período tem início a exploração da maior riqueza encontrada
pelos conquistadores portugueses na região amazônica – a mão de obra indígena. Essa força de
trabalho vai alimentar o sistema colonial e, ainda que de forma bastante limitada, a corte por-
tuguesa com a exploração das chamadas “drogas do sertão”.²³

No século XVII, além dos colonos portugueses, muitos dos quais eram criminosos pu-
nidos com o exílio no Brasil, os missionários, sobretudo carmelitas, capuchinhos e jesuítas,
foram outros importantes agentes. Eles eram funcionários pagos pela Coroa Portuguesa (FREI-
RE, 1994, p. 32) e, ao converter compulsoriamente os povos nativos à religião católica, pro-
moviam também a “conversão” destes ao sistema econômico vigente, na forma de mercadoria.

²³ Denominação dada aos produtos extraídos da floresta e destinados à comercialização: cacau nativo, canela,
cravo, castanha do Pará, baunilha, gengibre, várias sementes e outros.

Nessa campanha, uma língua foi eleita para ser ensinada e usada de forma compulsória. A escolha recaiu sobre uma das mais faladas no litoral da terra do pau-brasil, o Tupi antigo.

Ainda nesse contexto de expansão territorial e necessidade por ter um maior conhecimento da região é que a expedição de Pedro Teixeira (1637-1639) partiu do Pará e seguiu até Quito no Equador, e de lá retornando. Dessa viagem ficou o relato publicado pelo padre jesuíta espanhol Christobal de Acuña, que teve o auxílio de intérpretes indígenas para traduzir o novo mundo e localizar os caminhos fluviais e povos que “passam de 150, todos de línguas diferentes” (ACUÑA apud FREIRE, 2004, p. 49). As representações da Amazônia feita pelos viajantes, como observou Barbara Weinstein (1993, p. 21), eram sempre feitas a partir de embarcações, ou seja, ao longo da malha fluvial que há na região. Enquanto a maior parte de seu território é constituída pelas chamadas terras firmes em contraste com a alagada várzea.

E foi navegando pela margem esquerda do Rio Negro, na metade do século XVII, que uma tropa de soldados acompanhada de padres jesuítas chegou ao encontro com o rio das Amazonas, e logo trataram de fazer seu trabalho: “...recolheram desta entrada ao sertão com 600 escravos licitamente resgatados; vindo tantas almas, ainda que captivas dos homens, a poderem lograr a liberdade dos filhos de Deus” (Pe. ANDRE BARROS, apud GARCIA, 2005, p. 51). Era o início do povoado que deu origem à cidade de Manaus. Assim, por volta de 1669, foi erguido um forte que deu nome ao lugar, chamado de fortaleza da Barra de São José do Rio Negro.

O padre jesuíta José de Anchieta escreveu a *A Arte da grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil*, que foi consultada e utilizada mesmo antes de ser impressa em Coimbra, em 1595. O jesuíta publicou depois o *Catecismo na Língua Brasília*, em 1618, e outras obras foram impressas a partir de então. Com essa operação o registro da fala dos nativos brasileiros começou a tomar forma fixa e reproduzível na folha de papel. Dessa maneira, uma língua indígena foi perdendo sua fluidez ao ser convertida em diversos tipos, utilizando ainda sinais e espaços para formar sílabas, palavras e ideias escritas no alfabeto latino, também chamado de romano. Então, na vastidão portuguesa das terras das Amazonas, as ondas, ou melhor, a pororoca²⁴ de línguas nativas foi sendo aplainada, contida pela imposição do uso de apenas uma, tendo por base a dos Tupinambás.

²⁴ No *Dicionário...*, de Lourenço Amazonas (1852, p. 54), quando este descreve o Rio Amazonas há o registro do fenômeno que “os natuaraes do paiz” chamam de pororoca. Segundo o *Pequeno Vocabulário Tupi-Português* (1951, p. 129), a palavra tem origem tupi e vem de “estrondear; estrondo; macaréu”. Esta ocorre quando, em determinadas épocas do ano, as águas de um rio encontram o oceano provocando fortes ondas que derrubam árvores e terras nas margens, além de fazer um grande estrondo. O fenômeno também ocorre em outros afluentes do rio Amazonas. Em 2015 foi registrada a extinção do fenômeno que ocorria no rio Araguari, no Amapá, provavelmente em decorrência da ação humana.

E o mundo que antes não existia pôde, então, ser traduzido para efetivar a conquista das terras “descobertas”. Indígenas e brancos tiveram que navegar um leito oral comum a ambos os mundos. O Tupi antigo foi a origem das duas línguas gerais brasileiras: a Paulista (ou Meridional) e a Amazônica. Procedimento similar ocorreu na parte sul-americana de domínio espanhol e as *lenguas generales*: no México, com o Náhuatl; no Peru, com o Quechua; e no território paraguaio, com o Guarani.

A principal atividade econômica do período colonial foi o extrativismo, ou seja, a coleta e extração de vários materiais e substâncias da natureza para serem comercializados e gerarem dividendos para a Coroa. Para isso, os portugueses organizam grupos “extremamente móveis de índios coletores” que se espalhavam por uma grande área em busca de especiarias, óleo de tartaruga, madeiras de lei, óleos vegetais e sementes de cacau (WEINSTEIN, 1991, p. 24). Em troca, os indígenas recebiam dos comerciantes ou missionários europeus ferramentas, roupas, as bugigangas costumeiras e outros.

A agricultura e a mineração, atividades econômicas mais comuns nas outras regiões da colônia, eram pouco desenvolvidas na região amazônica, sobretudo pelas dificuldades de mão de obra e pelo isolamento, ainda que nas proximidades de Belém e no Marajó tenha havido atividades agrícolas e a criação de gado. Várias ordens religiosas atuavam na região amazônica, com a dupla função de “servir ao Rei e a Deus”, pois, segundo Marilene Corrêa (2012, p. 108), era comum a elas:

o papel pedagógico de transmitir a fé católica na função de organizadores dos núcleos populacionais, de conversão dos índios, de mediar a relação entre brancos e índios, de ajuizar o comportamento dos colonizadores e colonizados. Este é o momento pioneiro da ação religiosa no movimento geral de posse e da conquista da Amazônia, onde a Igreja de clero espanhol e português tem o seu maior privilégio como quadros fundamentais das possessões coloniais ibéricas.

Os missionários também eram responsáveis por promover expedições, chamadas de “descimentos”, em que convenciam os indígenas a saírem de suas aldeias e irem morar nas povoações portuguesas. Depois de “aldeados” eles eram “repartidos” entre os colonos, missionários e o serviço da Coroa Portuguesa. Havia duas outras formas de captura dos indígenas: o “resgate”, em que os portugueses trocavam objetos por nativos capturados por outros indígenas aliados dos europeus; e também promovendo as chamadas “guerras justas”, onde militares armados invadiam territórios de índios ditos hostis para capturar o maior número destes, incluindo mulheres e crianças (FREIRE, 1994, p. 29-30). Dessa maneira foram sendo formadas aldeias e vilas, e nelas os missionários fundaram colégios, como os de Santo Alexandre, em Belém e o Colégio Máximo do Maranhão, em São Luiz, que em 1730 “foram autorizados a conceder graus acadêmicos de bacharelado, licenciatura e doutoramento” (GARCIA, 2005, p. 48). Também

ensinavam atividades profissionais e neles havia bibliotecas, na do Santo Alexandre tinha mais de dois mil volumes (GARCIA, 2005, p. 49).

O conflito de interesses entre colonos e missionários pelo controle dos povos nativos se tornou contínuo no Período Colonial na Amazônia, com revoltas e reviravoltas. Por sete décadas, a partir de 1686, os missionários tiveram a tutela dos indígenas, sendo que 20% destes eram destinados à Coroa. A partir de então, qualquer expedição (descimento, resgate ou guerras justas) somente seria realizada com o consentimento de uma junta e o acompanhamento dos religiosos (GARCIA, 2005, p. 52).

Somada a essa tensão havia a resistência das nações indígenas, algumas etnias chegaram a se unir para combater o poderoso inimigo comum que, quando não os exterminava, os faziam cativos, incluindo suas crianças. Freire (1994, p. 34) questiona a ideia de ocupação da Amazônia no período colonial. Segundo ele, o mais correto seria falar de um processo de despovoamento ou uma catástrofe, destacando ainda que essa narrativa foi escrita a partir do olhar dos conquistadores, missionários e colonos lusitanos:

Silenciados os índios, os portugueses retomam a palavra. O primeiro ensaio da história da Amazônia é de autoria de Bernardo Berredo, um “capitão de cavalos” de nacionalidade lusa, que foi governador do Estado do Maranhão e Grão-Pará (1718-1722). Com livre acesso aos arquivos oficiais, o governador Berredo se transformou em historiador e escreveu uma cronologia dos acontecimentos. Como uma parte dos arquivos por ele consultados se perdeu, Berredo tornou-se uma fonte primária para a história colonial (FREIRE, 1994, p. 36).

Sob o título de *Annaes históricos do estado do Maranhão*, foi publicado em Lisboa o livro de Berredo, em 1749, um ano após a sua morte. Nesse período a aquisição da Língua Geral Amazônica [LGA], ou Nheengatu, se torna efetiva por esses habitantes da Amazônia. Essa travessia foi especialmente difícil para grupos estranhos ao tupi, sendo comum o emprego de castigos físicos no ensino da época, havendo, inclusive, relatos que dão conta de uma recusa maior das mulheres em renunciar a sua língua materna pela outra imposta. Em função disso acontecia de elas serem “espancadas pelo missionário, responsável pela escola, com uma palmatória até lhe inchar as mãos e arrebenatar o sangue” (DANIEL apud FREIRE, 2003, p. 52). Não se pode deixar de observar, sempre com renovado espanto, o emprego fluente e requintado dessa outra língua – a violência,²⁵ pelos civilizados lusitanos nas diversas relações estabelecidas com os indígenas.

²⁵ “Eles matam índios como se mata mosquitos. Os homens tratam com mais caridade os animais domésticos que os índios”, palavras do padre João Daniel citado por Freire (1994, p. 46).

1.4.1 As viagens: filosófica e real

Na região, uma mudança de rota aconteceu com a implantação de uma série de medidas sob o comando político do então primeiro-ministro e futuro Marquês de Pombal²⁶ a partir de 1750. Nesse mesmo ano em que foi assinado o Tratado de Madri, que definiu as fronteiras entre espanhóis e portugueses na América do Sul, incluindo Amazônia, onde o meio-irmão de Pombal, o português Francisco Xavier de Mendonça Furtado, foi colocado como Governador da Província do Grão-Pará e Maranhão. O estado amazônico passou a ter a capital em Belém e, sob seu domínio, foram criadas as capitanias do Piauí e Rio Negro,²⁷ esta criada em 1755. Em 1774, ocorreu uma nova divisão em que o Grão-Pará ficou com a companhia Capitania do Rio Negro, então separada do Estado do Maranhão e Piauí.

O constante conflito entre as ordens religiosas instaladas na região e os interesses do colono e governo se mantiveram vivos. Decerto, não se tratava apenas de uma disputa por almas, mas pela principal riqueza encontrada na região: um grande contingente de pessoas ou, na visão do europeu, de farta mão de obra nativa à disposição de seus interesses. O primeiro ministro português adotou uma série de significativas medidas para a região, como a expulsão dos jesuítas, a instituição de uma companhia de comércio com proteção real, a modificação da relação de trabalho dos índios e a introdução do trabalho escravo de negros africanos (FREIRE, 1994, p. 56).

O estatuto dos índios foi regulamentado em 1755 com um Diretório que proibia o uso da língua materna ou da Língua Geral Amazônica e estabelecia a submissão destes às ordens de um diretor, e não de um missionário. As relações de trabalho não alteraram o tratamento recebido pelos indígenas, que continuaram sendo barbaramente escravizados, torturados, marcados a ferro, feridos e mortos. De tal forma que esse horror teria chocado até o governador, o qual, segundo Freire (1994, p. 47), se manifestou em carta. O motivo foi o costume dos moradores de castigar o indígena feito escravo quando este cometia algum delito. Esses cidadãos mandavam amarrá-lo: “e com um ferro em brasa, ou com uma lanceta abrirem-lhe com tirania o nome do Suposto Senhor no peito...”. E completou dizendo que, muitas vezes, essa desumana escrita era feita em letras tão grandes que se fazia necessário o uso de duas linhas para completar a “lição”.

²⁶ Sebastião José de Carvalho e Melo foi ministro de D. José I e obteve o título de marquês em 1770.

²⁷ Essa capitania, São José do Rio Negro, tinha como capital a aldeia de Mariuá, posteriormente elevada à categoria de villa, recebendo o “civilizado” nome de Barcelos em 1758. E corresponde ao atual estado do Amazonas, que a época comportava em seu território as regiões que hoje formam os estados de Roraima e Amapá.

As reformas empregadas por Pombal atingiram inclusive a educação portuguesa, com a criação de escolas primárias, a reforma da Universidade de Coimbra, até a criação de escolas profissionalizantes de nível médio e a contratação de especialistas estrangeiros (BRANDÃO, 2008, p. 34-35). Foi nesse ambiente de renovação que um futuro cientista se formou – o baiano Alexandre Rodrigues Ferreira – em Leis, Filosofia Natural e Matemática. E, aos 27 anos, ele foi indicado para dirigir uma expedição à Amazônia, chamada de “Viagem Filosófica”, que durou de 1783 a 1892. É bastante significativo que, junto aos declarados interesses científicos, havia outros, mais imediatistas, políticos e econômicos, que se fazem visíveis na intensa troca de correspondência entre o brasileiro e a matriz lusitana. Como observa Brandão (2008, p. 44), sobre esse empreendimento:

...foi a necessidade de buscar novas fontes de riqueza no Brasil que viessem substituir o outro e os diamantes esgotados. Mais do que isso, matérias-primas para as novas exigências das manufaturas do ciclo industrial que o mundo europeu inaugurava com a Revolução da Máquina a Vapor. A revolução intelectual do “Iluminismo”, bastante forte não podia mais ser ignorada, ou recuar. Em consequência do tratado de 1750 (...) era urgente efetuar-se demarcações para o estabelecimento exato daqueles limites. Essa era uma questão de Matemática, Astronomia, de Geografia.

A Viagem Filosófica sob a direção de Alexandre Rodrigues contou ainda com a presença de dois riscadores (desenhistas) do Gabinete de História Natural do Museu da Ajuda, em Lisboa: Joaquim José Codina e José Joaquim Freire, além do botânico Agostinho Joaquim do Cabo. Eles iniciaram sua jornada em território amazônico por Belém e entorno, incluindo Marajó; depois adentraram o Amazonas e a vila de Barcelos, as regiões do Rio Negro e Rio Branco. Sua viagem prosseguiu pelo Rio Madeira até Villa Bela da Santíssima Trindade, no atual estado do Mato Grosso, atingindo o Pantanal e a Bacia do Rio Prata, até chegar a Corumbá e, de lá, refazer o longo trajeto de volta a Lisboa.²⁸ Não por acaso, a expedição durou uma década e reuniu um grande volume de objetos, produtos devidamente catalogados, descritos, muitos dos quais foram também desenhados, tudo cuidadosamente remetido a Lisboa.

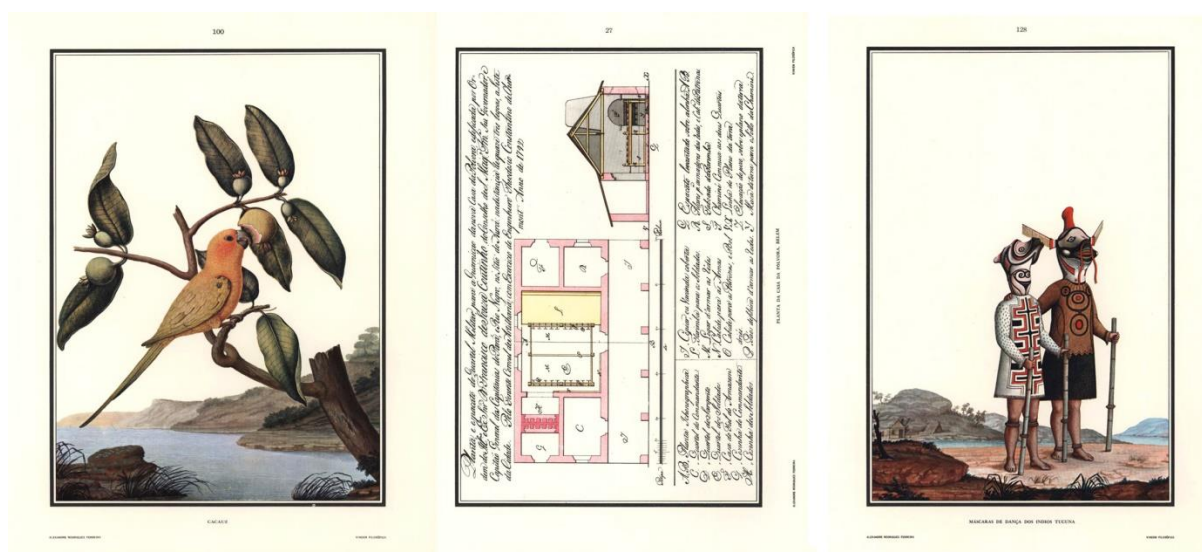
A vasta região amazônica havia encontrado um competente estudioso e intérprete de seu complexo mecanismo, fazendo uso da razão, de ampla iconografia (Figura 10), mas também de valores práticos e de observações críticas. Ainda no contato com os indígenas, Alexandre Rodrigues descreveu e registrou em desenho máscaras e vestimentas dos Jurupixunas usadas em bailes e observados pelos viajantes em 1785. Também deu a notícia da voluntária paz e amizade feita com a feroz nação dos Mura nos anos de 1784 a 1786, registrando ainda, em diversas oca-

²⁸ Ver: Meirelles Filho (2009: 80) e, para uma descrição mais pormenorizada da viagem, conferir o “Elogio do Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira”, por Manoel José Maria da Costa e Sá, publicado originalmente em 1818 e republicada nos *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. 72, de 1952.

siões, os presentes dados em sinal de boa fé ou o escambo de produtos, em que os “gentios” levavam mantimentos e outros produtos em troca de machados, foices, velas, gargantilhas, espelhos, pano de algodão e outros. Em outro breve trabalho há o inventário dos índios empregados na Vila de Barcelos, então capital da Capitania do Rio Negro, de 30 de outubro de 1786.

O cientista Alexandre Rodrigues Ferreira (1971, apud Mesquita, 2006, p. 24), em sua passagem pelo Lugar da Barra (atual Manaus), em 1786, anotou que o povoado possuía “dous bairros, ao longo da margem boreal: ambos elles ocupam uma porção da barreira que medeia entre os dous igarapés da Tapera dos Maués, e dito dos “Manãos””. E, nesse período, sua população era de 301 habitantes, dos quais 243 eram índios, 47 brancos e 11 escravos negros distribuídos em 45 casas, uma igreja Matriz, uma olaria e um empreendimento que construía canoas (MESQUITA, 2006, p. 24).

Figura 10 – Reprodução de três pranchas da Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira: representação de ave, desenho arquitetônico e máscara de dança dos “tucunas”.



Fonte: *Viagem Filosófica*, edição do Conselho Federal de Cultura: 1972.

O Lugar da Barra era, portanto, uma acanhada povoação da Capitania de São José do Rio Negro, mas foi alçada à condição de capital pelo governador Manoel Lobo D’Almada em 1791, à revelia do governador do Grão-Pará, a quem era subordinada. Essa mudança, segundo Mesquita (2006, p. 25), trouxe “um repentino progresso na região”, com a construção de edifícios governamentais e com o funcionamento de pequenas fábricas de “pano de algodão, de fécula de anil e de cordoalha”. Como reação, o governo paraense teria criado uma série de dificuldades até chegar a ordem para que a capital da Capitania retornasse à vila de Barcelos em 1798 (MESQUITA, 2006, p. 25)

Ao retornar de sua extensa jornada, o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira obteve o reconhecimento protocolar de uma boa posição e de remuneração adequada. Também obteve outro triste pagamento: o descaso com o valioso e pacientemente material reunido que, no seu retorno, encontrou disperso e sem a conservação necessária. Ele ainda teria trabalhado em sua organização, mas esta não avançou muito ou não teve o suficiente apoio para publicar suas descobertas e estudos, que permaneceram inéditos por um longo tempo.

Ainda assim, na exposição comemorativa do quarto centenário do descobrimento da América, realizada em Madri, em 1892, várias de suas peças foram expostas pela mesma nação que tão pouco valor deu a esse acervo, uma injustiça que vai ser atenuada com as publicações²⁹ e os muitos estudos tendo sua obra como objeto. Ainda hoje esse conjunto documental propicia uma sólida base capaz de revelar muito dessa ainda não finalizada enciclopédia amazônica que a viagem filosófica de Alexandre Ferreira ajudou a escrever:

Depois desses homens, a Amazônia não mais será uma paisagem sem nome, ela será agora um complexo a serviço de deduções empíricas.
Mas o que será classificar e promover deduções de um complexo? Será, evidentemente, aventurar-se nele, encontrar-se no meio de seus mistérios, atravessá-lo para reconhecer gente e objetos que se tornarão familiares. Mas o europeu racionalista saberá que essa familiaridade será sempre aparente. Ferreira, por exemplo, nunca tinha visto aqueles índios, aquelas plantas, aqueles costumes, e as coisas descobertas naquele mundo novo deviam tornar-se peças, converterem-se em dados [...] (SOUZA, 2009, p. 188).

No final do século XVIII o Pará era o maior exportador brasileiro de cacau, mas era dependente da coleta do cacauero nativo. Santos (1980, p. 18) observa como causa para isso a tradição colonial já estabelecida na extração das drogas do sertão. No interesse imediatista de ganhos, que contrastava com o tempo e preparo exigido em uma plantação tradicional, além da dificuldade da mão de obra em se fixar para realizar tal atividade. Em comparação, tem-se a província vizinha do Maranhão, que obtinha ganhos consideráveis com o plantio de algodão e arroz (SANTOS, 1980, p. 18-19). Podemos observar essa marca presente de modo mais dramático na exploração do látex, retirado de árvores nativas e exportados como matéria-prima já no início do século XIX, uma demanda que vai progressivamente se expandindo.

Na primeira década do século XIX acontece uma drástica mudança no eixo que separava o velho do novo mundo: uma corte europeia atravessou o Atlântico e o Equador para se manter em segurança, ainda que mal alojada, nas terras de sua colônia brasileira. A Coroa Portu-

²⁹ Várias edições foram publicadas com reproduções parciais do conjunto produzido, inclusive a importante documentação iconográfica, seja pela dificuldade de reunião do material que se dispersou em várias coleções, seja pelo volume deste. A partir de 2002, a editora Kapa passou a publicar vários conjuntos com diversos volumes sob o título de *Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira*. O último parece ter sido em 2008.

guesa foi escoltada pela marinha inglesa, fugindo da invasão napoleônica, em 1808. Este invasor, inclusive, recolheu em Lisboa, dentre os espólios de sua empreitada, parte do valioso acervo de Alexandre Rodrigues.³⁰ Esta insólita viagem teve profundas e diversas implicações, desde a abertura dos portos como pagamento pela proteção recebida, à fundação de instituições antes proibidas em solo brasileiro, como a Impressão Régia.

Essa travessia real trouxe ainda um grande carregamento de móveis, diversos objetos de arte, os cerca de sessenta mil volumes da Biblioteca Real e um grande contingente humano que aportaram na terra do pau-brasil. Primeiro em Salvador e depois, em definitivo, no Rio de Janeiro. Em abril do mesmo ano, o príncipe-regente D. João suspendeu um alvará anterior, assinado por sua mãe, que impedia a colônia de ter qualquer tipo de indústria:

Eu o príncipe regente faço saber aos que o presente alvará virem: que desejando promover, e adiantar a riqueza nacional, e sendo um dos mananciais dela as manufaturas e a Industrias, que multiplicam e melhoram, e dão mais valor aos gêneros e produtos da agricultura, e das artes, e aumentam a população dando que fazer a muitos braços, e fornecendo meios de subsistência a muitos dos meus vassallos, que por falta deles se entregaram aos vícios da ociosidade: e convindo remover todos os obstáculos, que podem inutilizar, e prestar tão vantajosos proveitos: sou servido abolir, e revogar toda e qualquer proibição, que haja a este respeito no Estado do Brasil, e nos meus domínios ultramarinos, e ordenar, que daqui em diante seja o país em que habitem, estabelecer todo o gênero de manufaturas, sem excetuar alguma, fazendo os seus trabalhos em pequeno, ou em grande, como entenderem que mais lhes convém (...)³¹.

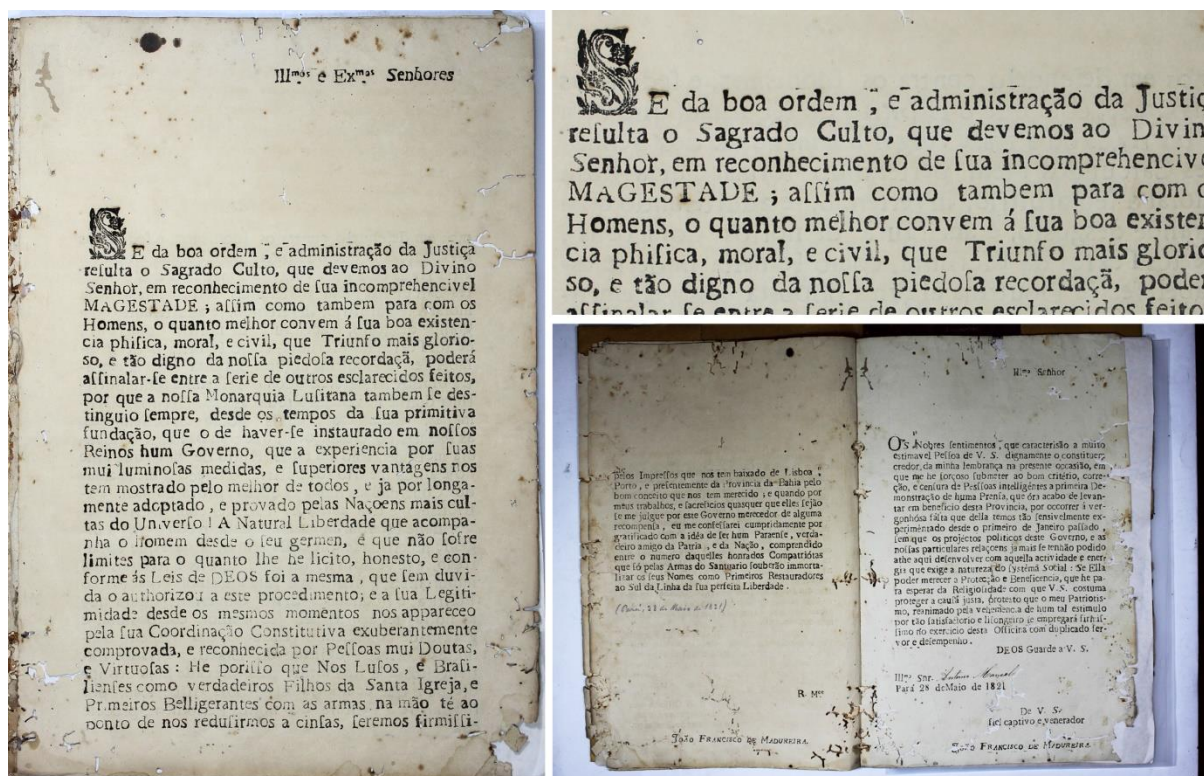
A primeira prensa tipográfica da Amazônia portuguesa, segundo Martins (2017), foi projetada e construída em Belém por João Francisco Madureira, como atesta o requerimento apresentado por este em 28 de maio de 1821 (Fig. 11). Madureira não tinha formação técnica; ainda assim, segundo suas palavras: “Eu mesmo abri ponções, moldei os caracteres, fundi os Typos, e dirigi os trabalhos da Maquina, e ultimamente organizei a Imprensa pondo-a em estado de poder trabalhar” (MADUREIRA apud MARTINS, 2017, p. 82). Foi o quarto empreendimento gráfico em funcionamento do Brasil, sua amazônica oficina e tipos vernaculares produziram por pouco tempo e de forma precária. Em 1821 entra em funcionamento a Imprensa Liberal de Daniel Garção de Mello e Cia, em Belém, com equipamentos trazidos de Portugal, tendo como

³⁰ Atualmente pertencente à coleção do Muséum national d’Histoire naturelle, Paris. Este acontecimento teria sido o desfecho cruel que fez Alexandre Rodrigues desistir de continuar sua pesquisa, novamente violada. Veio a falecer em 23 de abril 1815, deixando uma viúva e três filhos. Uma catalogação do seu acervo foi feita em 1876 pelo bibliotecário Alfredo Vale Cabral e publicado pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, onde se encontram 191 documentos textuais e aproximadamente 1.500 desenhos.

³¹ Cópia do documento disponível em: <http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/media/cx%20419%20pct1%20alvar%20d.%20joo%20fl%201.pdf>. Acesso em 29 jan. 2018.

tipógrafos um francês e um espanhol.³² Publicaram *O Paraense*, de 1822 até o ano seguinte, jornal que foi o primeiro periódico da região amazônica de domínio português.

Figura II – Requerimento de João Francisco Madureira impresso em sua oficina.



Fonte: Martins (2017, p. 86-87).

Em 7 de setembro de 1822 ocorreu tão somente a independência do Brasil, dando início ao Império brasileiro, tendo D. Pedro I por regente. No Grão Pará e Rio Negro esse período foi extremamente conturbado. A proximidade e os fortes laços da região com Portugal não foram desfeitos por um simples grito feito à margem de um distante lago. As elites da região mantinham uma relação mais próxima com Lisboa do que com o Rio de Janeiro, e isso se fez visível no descontentamento e dificuldade de aceitar a independência. Como parte desse processo as Capitânicas tornaram-se Províncias, mas não a do Rio Negro, que continuou subordinada à Província do Grão Pará, então como Comarca do Alto Amazonas.

Em 1826, dom Romualdo Antonio de Seixas, político paraense, apresentou um projeto para a criação da província do Rio Negro. Ele defendia a criação, dentre outras razões, por considerar “que o Rio Negro se acha reduzido ao mais deplorável estado, especialmente no que

³² O empreendimento tem uma história bastante conturbada, contada por Fernanda Martins em sua tese (2017, p. 88-90).

diz respeito à população” (SEIXAS, apud GREGORIO, 2012, p. 167). O projeto de criação da nova província seguiu os trâmites burocráticos, foi à discussão em 1828, mas o governo tinha outras prioridades, poucos recursos e a desejada autonomia da província do Rio Negro não ocorreu.

Nesse período a Comarca do Alto Amazonas tinha uma configuração bastante peculiar: possuía fronteira com seis diferentes regiões³³, como observou Marilene Corrêa (2012, p. 178), e uma população composta em sua maioria por indígenas, de diferentes extratos, naturais da terra, mansos, hostis e miscigenados com brancos, com negros e outros. Um desafio para a integração do distante território ao então Império do Brasil, que viu as tensões não resolvidas na região cresceram e deram origem a um conflito popular de grandes proporções tendo como foco a cidade de Belém. A Cabanagem (1835-40) foi uma revolução popular que uniu diversas questões e extratos sociais, mas sobretudo os mais pobres, com diversas fases no seu desenrolar e repercussões em toda a região amazônica.

A revolta teve uma brutal repressão que demorou cerca de três anos para extinguir todos os focos de resistência, sendo responsável pela morte de aproximadamente um quarto dos habitantes da região (SOUZA, 2009, p. 229). Ainda nesse período outro projeto criando a Província do Amazonas é enviado à Assembleia Imperial, em 1839, sendo objeto de debate na Câmara no ano seguinte e, depois de aprovado por esta, foi remetido ao Senado em 1843, onde ficou parado por vários anos.

Já nas primeiras décadas de 1800 o destino da economia extrativista amazônica vai sendo aprofundado com a participação cada vez maior na pauta de exportações da borracha, retirada por meio de incisões na casca da seringueira nativa. Sendo utilizada como matéria-prima para conferir impermeabilidade, assim foi aplicada na fabricação de sapatos exportados de Belém para Boston a partir de 1820 (SANTOS, 1980, p. 24). Ainda assim não vai haver um grande incremento da extração da borracha até 1850, embora o processo de vulcanização tenha sido desenvolvido com sucesso em 1839³⁴. A utilização do processo pela indústria e seu consequente aumento de demanda não deixará de se fazer sentir nas décadas posteriores, e de forma dramática. Por volta de 1850:

³³ Havia fronteiras com: Guiana Inglesa, Guiana Holandesa, Nova Granada, Equador, Peru e Venezuela.

³⁴ Há referências anteriores a um processo de mistura do látex a outros compostos feitos pelo povo Olmeca da América Central. De forma independente, em 1834, o alemão Friederich Ludersdorfe e o americano Nathaniel Hayward adicionam enxofre à borracha enquanto esta é aquecida, verificando a alteração de suas propriedades. Cinco anos depois o americano Charles Goodyer desenvolve o processo definitivo que conjugava a adição de enxofre a influência do calor, foi então batizado de vulcanização. (CAETANO, Mário J. L. *A Descoberta da Vulcanização*. Disponível em: https://ctborracha.com/?page_id=514. Acesso em 29 jan. 2018.)

O estímulo externo atuou principalmente sobre a atividade extrativa da borracha, e com tal violência que os demais setores da economia não puderam com ela competir na disputa dos fatores de produção. A oferta e mão-de-obra tardou a ampliar-se, de modo que a força de trabalho foi-se transferindo rapidamente para a produção extrativa, ressentindo-se disso até mesmo a agricultura de subsistência. (SANTOS, 1980, p. 41-42)

O que estaria por vir pode ser vislumbrado em um reluzente Palácio de Cristal inglês projetado por Joseph Paxton, com elementos pré-fabricados de metal, placas de vidro e construído em nove meses. Teria sido inspirado em uma planta aquática amazônica, a Vitória Régia, a qual, por sua vez, teria recebido esse nome em homenagem à rainha inglesa. Era a grande Exposição Universal de 1851, em Londres. Como aponta Hardman (2005, p. 63), as exposições universais foram uma das primeiras mostras bem-sucedidas de cultura de massa, onde se encontrava “expostos o ideal obsessivo do saber enciclopédico e o não menos conhecido europocentrismo, garbosamente fantasiado de cosmopolitismo liberal e altruísta”.

Outro acontecimento bem mais modesto e lembrado hoje apenas em decorrência de um feriado estadual se deu um ano antes. Foi a assinatura, em 5 de setembro, da lei que elevou o Amazonas à categoria de Província, abandonando a tão combatida submissão ao Pará, pelo menos politicamente, em 1850, e efetivada com a posse de seu primeiro governante dois anos depois. São acontecimentos e coincidências que evidenciam uma relação, embora ainda distante e difusa, entre o centro do capitalismo e a margem amazônica; entre a orgulhosa indústria a expor suas realizações e civilização e a natureza ainda selvagem e indígena, mas devidamente catalogada para serem melhor exploradas.

A Amazônia indígena lutou com a portuguesa e foi derrotada em muitas batalhas, que deixaram o brutal saldo negativo de aproximadamente 108 nações nativas desaparecidas entre os séculos XVII e XVIII, “muitas sobreviveram como povos, arredios e inimigos ou pacíficos e isolados, mas continuaram como obstáculos à política imperial” (CORRÊA, 2012, p. 167). A narrativa mítica dos Desana, que nomeia essa seção da tese, sobreviveu na cultura oral de seu povo até ser registrada em um livro impresso no final do século XX, um jeito fluente de marcar no tempo suas tradições e saberes, em que tiveram de dar sentido ao desconhecido e guerrear para permanecerem vivos e continuarem a luta.

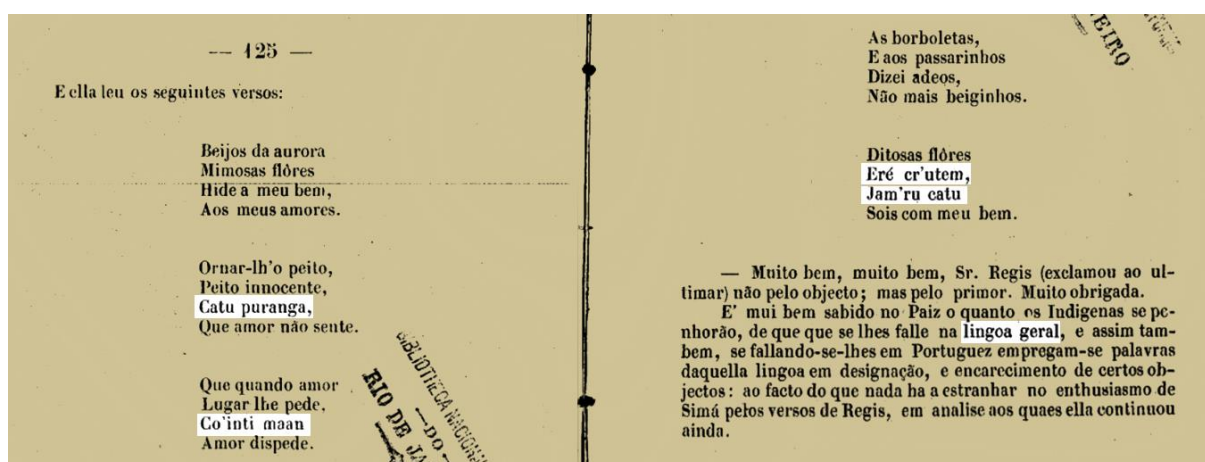
O *Dicionário Topográfico, Histórico, Descritivo da Comarca do Alto Amazonas*, do baiano Lourenço Amazonas,³⁵ foi publicado em 1852 no Recife como uma edição que reuniu amplas definições e informações, constituindo um repertório e também uma importante fonte

³⁵ O autor esteve no Amazonas a serviço da Marinha Imperial, também é autor do romance *Simá – romance histórico do Alto Amazonas*, de 1857.

para o estudo da região. Nele se encontra o longo verbete “Indios”, em que, depois de dizer que este é um termo impróprio para se designar os nativos, descreve-os e tece opiniões sobre estes. Por exemplo, lastima que “os Europeos pela descoberta da America só tenham querido estimar em seus Indigenas a aptidão para servir, considerando-os mais como brutos que como escravos” (AMAZONAS, 1852, p. 142-165). Depois reporta que cada nação indígena “falla a sua gíria”, bem diversas entre si; no entanto, “todas as nações que se relacionão com os estabelecimentos christãos fallão a lingua geral ou tupica”.

Lourenço Amazonas prosseguiu tentando encontrar termos e histórias que representassem o que é um índio. A certa altura, o autor (1852, p. 154) trata das relações de trabalho no Amazonas como sendo dependentes de uma tendência: “incontestavelmente para certo juz ao gozo do serviço do Indigena (o que parece que para a escravidão só lhe falta o nome)”. O mesmo autor publicou, em 1857, o romance histórico *Simá*, em que narra a história de amor entre a mameluca Simá e o índio Domingos de Dary, tendo como antagonista um missionário. O episódio, segundo relato oficial, foi o começo do “massacre que reduziu a cinzas e varreu do mapa as povoações de Lamalonga, Bararóá e Caboquena, situadas no Rio Negro” (KRÜGER, 2011, p. 226). No texto do livro há também alguns fortuitos encontros entre a língua geral e a portuguesa, como no poema da página 125 (Fig. 12), em que essa miscigenação de línguas foi utilizada como uma forma de sedução.

Figura 12 – Página de *Simá* em que lemos alguns versos em língua geral amazônica.



Fonte: Amazonas (1857, p. 125), exemplar digitalizado pela Biblioteca Nacional.

Nas páginas da história da Amazônia a LGA permitiu a mediação entre diferentes povos e foi um dos mais importantes instrumentos de dominação do mundo amazônico pretensamente descoberto pelos europeus. Em face deles os povos nativos foram apontados e classificados

como primitivos e a região foi posta numa posição marginal por uma civilização que mercantilizava tudo, incluindo o ser humano.

A língua impressa, a tecnologia gráfica também foi utilizada para reproduzir esse discurso e visão, seja na comunicação oficial ou em livros, com relatos de viajantes, mapas, ou notícias publicadas em periódicos do outro lado do Atlântico, pelo menos até o início do século XIX. Pois, doze anos após a primeira oficina oficialmente instalada no Rio de Janeiro (1808), a cidade de Belém e a Amazônia – antes indígena e feita lusa – conheciam a tecnologia tipográfica (1820). A comarca do Rio Negro ainda aguardou mais 31 anos para ter a sua primeira oficina tipográfica instalada na sua capital (1851), sendo esse o objeto do nosso próximo capítulo.

A história da região amazônica, mesmo no século XX, foi observada a partir de um ideal de progresso eurocêntrico e vai ser representada como um lugar, um paraíso ao mesmo tempo infernal. Ou ainda como uma grandiosa miragem que não conseguiu esconder a ruína, a ignorância e a barbárie como suas marcas mais visíveis, onde, nas palavras de Euclides da Cunha, escritor nomeado chefe da Comissão do Alto Purus e que visitou a região em 1905, o homem seria um intruso que “chegou sem ser esperado nem querido – quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão. E encontrou uma opulenta desordem...” (CUNHA, 1922, p. 6).

Euclides (1922 p. 7-8) descreveu a região como um lugar em que há de tudo, embora também falte tudo, principalmente a ordem e as “verdades da arte e da ciência – e que é como que a grande lógica inconsciente das coisas”. Francisco Foot Hardman (1991, p. 175-176), ao tratar dos escritos sobre a Amazônia de Euclides da Cunha, observa o impasse histórico da região também presente no título dado ao livro que reúne parte desses escritos, intitulado *A margem da história* (1909). Segundo o autor, a região foi traduzida como um lugar desordenado, incompleto, assim:

funciona, na obra de Euclides, como uma ampla metáfora do Brasil e da construção abortada da nacionalidade – de suas ciclotímias vertiginosas entre a euforia do jogo da conquista predatória e a depressão do esgotamento rápido das fontes civilizacionais –, dessa comunidade fugazmente imaginada, em que a história não conseguiu fixar marcas simbolicamente eficazes, isto é, agregadoras, predominando, ainda, nessa visão, cenários de geografias selvagens, natureza bruta, populações errantes e dispersas. (HARDMAN, 2009, p. 177)

A narrativa histórica da região amazônica é representada por Euclides tal como o seu grande rio, “um monstruoso artista incontentável a retocar, a refazer, a recomeçar perpetuamente um quadro indefinido... Tal é o rio; tal a sua história: revolta, desordenada, incompleta”. Assim, a ausência de ordem, progresso e de valores modernos impediriam a região de ter um lugar na História de curso único, que se conta a partir do nascimento do seu salvador, de forma

orgulhosa pela sua civilização e realizações materiais. Essa escrita feita pelos vencedores, composta de grandes empreendimentos, batalhas, desenvolvimento tecnológico e progresso tendo como modelo o civilizado e moderno homem europeu, visão também presente na história do design.

A narrativa que virá a seguir se apresenta a partir das fontes consultadas, no discurso escrito em português, sobretudo pelas elites políticas e sociais no início da atividade gráfica na região. Esse processo de estabelecimento da tecnologia tipográfica é muito significativo e respondia à necessidade objetiva por conferir materialidade ao governo local e também à autoridade do império brasileiro que agia através dele. Por outro lado, nesse período inicial de autonomia, a identidade da sociedade da região estava sendo formada e foi confrontada com uma estrutura política mais presente. E tiveram que se adequar às normas, a pagar taxas e impostos, a levar as crianças para escola e os adultos a observar padrões de comportamento considerados mais civilizados. Essa é uma travessia que vai do Lugar da Barra até chegar à cidade de Manaus, no início do século XX, estudada a partir de seus agentes e produtos impressos que chegaram até o presente e passaram pelo filtro dessa pesquisa.

O difícil encontro entre os mundos da impressão e da cultura oral estão visíveis também nessa acadêmica escrita chamada tese, feita no século XXI, pois a fonte tipográfica usada neste trabalho, segundo o modelo proposto pela UERJ, é a Times New Roman. Ela foi projetada em 1932 pelo *type designer* Stanley Morison para o jornal londrino *The Times*, em tipos metálicos. Utiliza-se aqui sua forma digital expandida que, felizmente, contempla diversas variações linguísticas, como as que são usadas na edição de mitos Desana, como nas vogais “e” e “u”, com um til sobre si. Esta última ainda, em alguns casos, com o acréscimo de uma barra. São glifos incomuns e que não estão disponíveis em várias famílias tipográficas, observando-se, assim, um desencontro que a tecnologia ajudou a corrigir, pelo menos tipograficamente.

2 NASCENTE IMPRESSA: OS PRIMEIROS TIPOS, ARTEFATOS E AGENTES (1851-1869)

A criação de uma nova província no século XIX não era uma providência comum, exigia um complexo processo, negociado em diversas instâncias e discutido segundo diversos interesses. Nesse período, somente o Amazonas (1850) e o Paraná (1853) conseguiram suas autonomias em diferentes contextos, mas a partir da aglutinação de suficiente apoio político às suas demandas, tratadas como políticas nacionais necessárias, frente a diversos conflitos, incluindo o de fronteiras e outros (GREGÓRIO, 2012, p. 1). O processo amazonense, iniciado em 1839, trazia diversos argumentos em favor da criação da nova província, dentre eles a preocupação com a grande extensão do território, que ficava longe da vigilância e da autoridade necessária para fazer frente às ameaças externas e desordens internas (GREGÓRIO, 2012, p. 195).

Uma nova província significava criar uma estrutura administrativa, burocrática e religiosa, com autonomia para tomar decisões, tendo no cargo executivo de presidente da província uma pessoa de confiança nomeada pelo governo central. Este representante poderia, assim, fazer valer o desejado controle de maneira mais efetiva e rápida sobre o distante e ameaçado território. O projeto encontrou resistência e foi discutido tendo por base a ineficácia dessas medidas e pelo custo econômico necessário para tanto, como deixou claro o deputado por Alagoas, o sr. Silva Pontes:

Não basta criar um presidente para que o território de uma província seja respeitado, não basta erigir-se um bispado para que a catequese tenha todos os resultados que se desejam; e não basta a criação de uma assembleia provincial para que toda a província se pacifique; é necessário que a isto se juntem outros meios: é preciso que se lhe acrescente a necessária força e o quantitativo pecuniário. (ANAIS da Câmara, apud GREGÓRIO, 2012, p. 199)

A preocupação com a sustentação financeira e com a falta de pessoal qualificado para o funcionamento regular de uma Província era perfeitamente natural, assim como eram as ameaças à soberania e as grandes dificuldades de comunicação e abandono que a região sofria. As discussões continuaram até que o projeto ficou parado e entrou novamente na ordem dos trabalhos em 1843. Nessa ocasião, João Antônio de Miranda³⁶ defendeu a criação da nova província e, dentre outros argumentos, relatou que quando governou a região houve uma grande dificuldade em arrecadar taxas e impostos na região do Rio Negro, dado que, muitas vezes, esse era o

³⁶ Foi deputado pelo Maranhão e já havia sido governador do Grão-Pará. Também defendeu que a criação da nova província exigiria que seu primeiro presidente fosse “amigo do seu país, que se interessasse em colonizar os índios, em proteger o comércio e a indústria, em vigiar o nosso território. Não se mande um presidente que vá com o único fito de se fazer senador ou deputado”. (GREGÓRIO, 2012, p. 217)

único papel que o governo central exercia na região, sem oferecer nenhuma contrapartida, o que em parte justificava a baixa rentabilidade da comarca (GREGÓRIO, 2012, p. 222-223). Havia a preocupação se a província seria capaz de gerar renda suficiente – e em pouco tempo – para não sobrecarregar o governo central. Apesar de modificado, o projeto foi aprovado na Câmara dos Deputados em 19 de junho de 1843 e seguiu para o Senado, que só o retomou em 1850.

Nesse período, novos interesses se fizeram presentes, tais como a pressão dos Estados Unidos da América e de outros países pela abertura da navegação do Rio Amazonas, o que favoreceu o argumento da necessidade de autonomia da região. As posições contrárias diziam claramente que a região não possuía “gente, renda e civilização suficientes para ser emancipadas”;³⁷ ainda assim, a criação da nova província finalmente aconteceu com a assinatura da Lei n.º 592 em 5 de setembro de 1850. Decorridos 8 meses, essa nova e esperada página da história da terra das Amazonas, com promessas de maior autonomia, proteção ao seu território e desenvolvimento da economia, começou a ser contada em tipos móveis.

O primeiro jornal da nova província foi batizado em homenagem a esse acontecimento – *Cinco de Setembro* – e começou a circular em 3 de maio de 1851. Infelizmente, não se encontrou nenhum exemplar dele, digitalizado ou impresso, nos acervos e obras consultadas. O periódico foi renomeado em 1852, passando a se chamar *A Estrella do Amazonas*. No seu primeiro número descreve como teria sido a recepção na capital da notícia da criação da nova província:

Brilhante raiou o dia 1.º do mez e anno! *Harbinger* de hum provir lizongeiro, não pode deixar de ficar gravado com marcas indeleveis, no coração do Amazoniense amante do torraõ que lhe deu berço. Feliz geração, feliz dia, anno feliz! O jubilo com que começou a sentir o povo deste magno Rio, quando percebeu a noticia da elevação da Comarca em Provincia foi, sem duvida, grande; maior foi áquelle que teve quando soue que o Exm. Snr. Joaõ Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, havia merecido a honra de ser escolhido para fazer apparecer e brillhar a Estrella, que ha trinta annos havia sido eclipsada pelo manto tenebroso da indiferença [...]. (A ESTRELLA do Amazonas, n.º 1, 7 de janeiro de 1852)

O principal cenário dessa investigação e narrativa é a capital da nova província, Cidade da Barra do Rio Negro, que, em 1856, vai ser renomeada para Manáos. Nesse período, ela era um modesto lugarejo de poucos habitantes, cerca de 3.800 pessoas³⁸ no ano de 1848, mas cheia de ausências. Principalmente de infraestrutura, falta sempre notada pelos viajantes que passaram pela região, assim como a marcante presença indígena. Um pouco antes dessa conversão política da região, o cientista britânico Alfred R. Wallace, em uma viagem de pesquisa pela Amazônia que duraria quatro anos [1848 a 1952], chegou à então cidade da Barra no último dia

³⁷ Palavras do senador por Minas Gerais Nicolau Pereira de Campos (GREGÓRIO, 2011, p. 265-266).

³⁸ Segundo levantamento anotado por Patrícia Sampaio (1997, p. 47), que ressalta também a falta de precisão na contagem dos habitantes da Comarca do Rio Negro, posteriormente Província do Amazonas.

de 1849. Em seu relato Wallace (2004, p. 214-215) afirmou que a cidade era cortada por dois córregos sobre os quais havia duas pontes, suas ruas tinham traçados regulares, eram “muito onduladas e cheias de buraco”. A população, ainda segundo o cientista, era constituída em grande parte de indígenas e mestiços, os “habitantes mais civilizados” se dedicavam ao comércio e, como a maior parte, “nunca abre um livro”, tendo por diversão beber e jogar em pequena escala.

Depois de breve estadia, Wallace parte para explorar os arredores e observou o uso cotidiano da língua geral, que tratou de aprender com o auxílio de um “indiozinho” que sabia falar também o português. Ele descreveu ainda o encontro com vários estrangeiros como ele, dentre eles um norte-americano de nome Baker, que era “surdo-mudo” e muito estimado na cidade. Baker se mantinha vendendo um “alfabeto para surdos-mudos, com explicação em espanhol e português” diz Wallace (2004, p. 226). Nota-se, ainda de forma bem modesta e secundária, a presença de comércio itinerante de um simples impresso, um alfabeto para surdos-mudos bilíngue, provavelmente produzido em uma oficina tipográfica proveniente de outra localidade, pois ali ainda não havia tal empreendimento.

A descrição de Manáos no verbete sobre a cidade no *Dicionário...* de Lourenço Amazonas (1852, p. 187-190) é um pouco mais precisa, dizendo que na cidade havia três bairros: 1. São Vicente, 2. Bairro da Matriz (Centro) e o 3. dos Remédios. Além de uma praça, 16 ruas e duas igrejas, que Wallace observou serem muito pobres. A origem da cidade teria ocorrido com o “estabelecimento de algumas famílias de Barés, Banibas e Passés à sombra da Fortaleza de S. José do Rio Negro”, além de descendentes de outros povos nativos. Sua população era composta de aproximadamente 900 brancos, 2.500 mamelucos, 4.080 indígenas, 640 mestiços e 380 escravos; tudo em “900 fogos assaz dispersos”. Os habitantes da cidade vestiam-se de forma séria, as mulheres com “gosto e luxo, realçados por natural e superior graça”, e continuou: “Fallão mui bem o portuguez, com quanto tambem usem muito da lingua geral. Passando parte do dia em banhos, torna-se-lhes o acceio huma qualidade innata” (AMAZONAS, 1852, p. 190).

Embora não tenha sido registrada no verbete, a primeira oficina tipográfica do Amazonas entrou em funcionamento em 1851. E, certamente, não foi em razão das necessidades e demandas da pequena população local, composta, em grande parte, por indígenas e seus descendentes, sendo de acanhado comércio e onde poucos eram letrados. Sua chegada e início dos trabalhos aconteceram para ajudar a fazer a transição e permitir, junto com outras medidas, o funcionamento de uma capital. Para tanto, além da fundação de instituições, da ocupação e construção de edifícios próprios, do trabalho dos funcionários e outros, era urgente que a Província tivesse em funcionamento uma oficina tipográfica. Ela tinha a capacidade de imprimir

ordem e fixar em papel as leis, resoluções, discursos e demais demandas necessárias para dar condições de funcionamento à estrutura administrativa que estava se instalando.

Assim, antes de tomar posse como primeiro presidente da província, João Baptista Tenreiro Aranha teria convidado diversos amigos e profissionais atuantes em Belém para virem trabalhar na capital da nova Província. Dentre esses estava Manoel da Silva Ramos, tipógrafo e o responsável por transportar os equipamentos e materiais necessários para iniciar as atividades do seu empreendimento no Amazonas, mesmo antes da posse. O objetivo era garantir as condições materiais e técnicas necessárias para tornar públicas as decisões, comunicações e fornecer regularmente os produtos impressos para o funcionamento do governo local. Dessa forma, a Typographia de Manoel da Silva Ramos iniciou, então, suas atividades de composição e impressão na cidade da Barra do Rio Negro em 1851.

Essa é uma situação bastante similar à que ocorreu com a instalação da Província do Paraná, antes subordinada à Província de São Paulo. Foi em 1.º de abril de 1854 que começou a funcionar a “Typographia Paranaense”, de Cândido Martins Lopes, que veio de Niterói, no Rio de Janeiro, a convite do governo local. O primeiro periódico paranaense publicado foi *O Dezenove de Dezembro* e, tal como o amazonense *Cinco de setembro*, seu título fazia referência à data de instalação da província na cidade de Curitiba. Essa relação de dependência se repetia, ou seja, o início do funcionamento da oficina tipográfica para atender às necessidades do governo provincial recém-instalado.

2.1 A fala impressa é o discurso oficial, de 1851 a 1860

A mudança de estatuto com a elevação do Amazonas à categoria de província reconfigurou o espaço social e físico de sua capital, antes restrito à atividade comercial, à pesca, à coleta, à agricultura e às demais ocupações que sua população tinha. De acordo com Ana Maria Daou (2000), a instalação da província em 1852 promovia “a emergência de um modo de vida mais cidadão, com a fixação de maior número de indivíduos que trabalhavam para a consolidação, reprodução e controle da referida ordem”. Também simbolicamente, pois inseria um espaço social periférico dentro de uma nova ordem, não apenas regional, mas nacional, abrindo espaço para a formação de novos extratos sociais da elite, todos querendo tomar os melhores assentos nos novos espaços de poder.

Com esse movimento foram sendo adotadas diversas medidas de controle e organização próprias do aparato do governo, tais como as “atividades relativas aos impostos, aos fluxos de

pessoas e mercadorias, à manutenção da ordem e controles exercidos pelo Estado” (DAOU, 2000). Atividades e medidas que também precisavam do suporte material da escrita e dos tipos para fixar essa nova ordem e atingir outras localidades da província. Dessa forma, cumprindo, pelo menos no papel, com a obrigação da província de proteger e controlar seu território, reduzindo o estado anterior, que era de isolamento e abandono.

Manoel da Silva Ramos foi o primeiro tipógrafo atuante no Amazonas e o proprietário do estabelecimento gráfico pioneiro que também recebeu o seu nome, impresso de forma abreviada em muitas edições como **Typ. M. da S. Ramos**.³⁹ O primeiro jornal amazonense, o *Cinco de Setembro*, foi impresso em 3 de maio de 1851 e circulou uma vez por semana nos primeiros oito meses de funcionamento. De acordo com Faria e Souza (1908, p. 87), Manoel era um tipógrafo experiente, tendo trabalhado por quinze anos na oficina de Honório José dos Santos⁴⁰, uma das maiores e mais importantes do Pará.

Ainda tendo a província vizinha como referência, tinham decorridos trinta anos do funcionamento da primeira oficina tipográfica da região, na cidade de Belém (1821). A oficina de Manoel da Silva Ramos seria, aproximadamente, a vigésima oficina⁴¹ da Amazônia brasileira, segundo o levantamento de Fernanda Martins (2017). Silva Ramos era tenente da Guarda Nacional e prestou relevantes serviços na Província do Pará de forma voluntária por “ocasião da calamitosa epocha da cabanagem”.⁴² Foi caracterizado como um “homem empreendedor e de intelecto cultivado” por J. B de Faria e Souza (1908, p. 87), tendo exercido, além de seu trabalho na tipografia, o cargo de fiscal da Câmara Municipal e também de procurador já em 1851. Dois anos depois ele exercia o cargo de juiz de paz, sendo suplente de vereador em 1854. Manoel foi casado com Jesuina Maria de Azevedo Ramos e tiveram três filhos.

Seu empreendimento gráfico era modesto, mas era condizente com a atividade econômica de pouca monta em uma cidade de ruas irregulares, sem calçamento, casas de um pavimento, muitas delas cobertas de palha. Sua população era constituída em grande parte por indígenas e mestiços, todos falantes da língua geral. A aquisição das primeiras letras e a frequência

³⁹ Mavignier Castro (1948, p. 125) afirma que Manoel da Silva Ramos era maranhense e diplomado em Farmácia, mas não se conseguiu confirmar essas informações.

⁴⁰ Por ocasião da morte de Honório José dos Santos em 1857, Manoel da Silva Ramos publicou uma nota no *Estrella* chamando-o de “presado compadre”. Também disse que “durante longo espaço de quinze annos que trabalhei no seu estabelecimento typographico, recebi d'elle, sempre, as maiores provas de amisade, e benevolencia”, segundo o *Estrella do Amazonas*, 18 de abril de 1857.

⁴¹ Em 1851, a pesquisa de Martins (2017) indica as Typographies do Conciliador e a de Antonio da Cunha Mendes como sendo a décima oitava e décima nona, respectivamente.

⁴² Retirado de uma nota do *Estrella do Amazonas*, n.º 261 de 1858, com título de “Pergunta Innocente” e queria saber “Qual a razão por que desde a organização n’esta capital do Batalhão n.º 1 de Caçadores da Guarda Nacional serve Manoel da Silva Ramos no posto de Alferes?”

das escolas eram baixas, mesmo entre os ditos brancos do lugar. Esse cenário ajuda a explicar por que a produção da oficina era toda voltada para os interesses governamentais. Assim, um pequeno jornal, algumas edições e folhetos oficiais foram os únicos artefatos impressos que se encontrou nesse período, embora seja possível supor que uma parte significativa do trabalho da Typ. de Manoel da Silva Ramos tenha sido dedicado à produção de impressos avulsos, notas, recibos e outros documentos necessários ao funcionamento das diversas repartições que iniciavam seus trabalhos na província.

Figura 13 – Localizações da oficina tipográfica dos Silva Ramos de 1851 a 1863, marcadas na Planta da Cidade de Manáos de 1852.



Fonte: Composição do autor a partir da planta digitalizada pelo Arquivo Nacional.

Foi numa quarta-feira, dia 7 de janeiro de 1852, que saiu o primeiro número de *A Estrela do Amazonas*, o único periódico local que destacou nessa primeira edição a posse do presidente da província, ocorrida pouco dias antes. Era uma única folha de papel com cerca de 43 x 31,5 cm, a qual, dobrada ao meio, formava quatro páginas com, aproximadamente, 21,5 x 31,5 cm.⁴³ A lâmina de papel foi composta em tipos móveis compostos em duas colunas por páginas, cada uma com 59 linhas, menos na capa e fazendo uso de fios. A primeira página do *Estrela* tinha no centro de seu cabeçalho o brasão do Império do Brasil e, logo abaixo, o seu título em tipos versais, havendo ainda a indicação da data, do número e do ano (Fig. 14). Logo abaixo uma vi-

⁴³ Segundo exame feito no exemplar pertencente ao acervo do Arquivo Nacional no Rio de Janeiro.

nheta tipográfica de uma mão indicativa iniciava o parágrafo, informando que o jornal circulava todas as quartas-feiras, assim como indicava o valor e as condições da sua assinatura. Em seguida, há uma linha de texto, separada por fios, que diz “Impresso no Amazonas na Typ. de M. da S. Ramos, rua Formosa n. – 1852”. Essa primeira edição se ocupou com o relato da posse do presidente da província, ressaltando que:

...com a posse do exmo. sr. Presidente Aranha e a instalação da província, uma nova estrela apareceu no diadema imperial, para sem inveja das demais enriquecê-lo. A nossa marcha será a mesma que té agora temos seguido; esforçando-nos quanto em nossas forças couber para tornar instructivas e uteis as publicações que fizermos. [...] Contamos com a coadjuvação dos briosos Amazonienses e esperamos merecer a alta protecção do Exm. Governo da Província, sem a qual não podemos continuar. (A ESTRELLA do Amazonas, n.º 1, 7 de janeiro de 1852)

Figura 14 – *A Estrella do Amazonas*, primeira página e detalhes do primeiro número de 1852.



Fonte: Composição do autor a partir de fotos tomadas no Arquivo Nacional.

O texto associou o nome do periódico à instalação da província junto das outras províncias-joias, não da coroa, mas do diadema imperial. A fala também evidenciava a dependência da oficina tipográfica da “protecção” e das encomendas do novo governo. Essa primeira edição ocupou suas páginas com a descrição das cerimônias e algumas falas ocorridas durante a posse; somente na quarta página começa a seção “Editaes”, que também tem conteúdo oficial.

Na edição seguinte, de 14 de janeiro de 1852, começaram a ser publicados os atos, o expediente e as demais comunicações do governo provincial. Identificado no jornal de “Parte Official”, ocupando cerca de três páginas da edição, a quarta ainda publica editais também do governo. Esse segundo número trouxe um “Suplemento”, composto de apenas uma página impressa, com mais editais e duas comunicações. Elas tratavam da despedida do tenente-coronel Albino dos Santos Pereira e foram assinadas por “O Justiceiro” e “Por um Barraense”.

O *Relatório...*⁴⁴ de 1852, escrito por Tenreiro Aranha, foi uma das primeiras edições produzida pela oficina tipográfica de Manoel da Silva Ramos, com cerca de 112 páginas, incluindo documentos descritos ao final. A edição tem o estilo de composição mais compacto do que o *Auto da Installação da Provincia do Amazonas*, publicada no mesmo período, que mantém proximidade com o arranjo gráfico da *Exposição...*,⁴⁵ impressa no Pará (Fig. 15). Entre essas duas últimas se percebe uma proximidade gráfica maior, tanto pelo uso do espaço em branco, como pelo emprego de tipos mais leves, alguns manuscritos e itálicos.

A configuração formal da folha de rosto do *Relatório...* de 1852 é mais condensada, seu longo título tem a primeira palavra – “Relatório” – composta em caixa alta em tipos sombreados, o restante do título com variações de tamanho, tipos e estilo. O nome da autoridade que escreveu o texto está composta em itálico e, após o título, há o brasão imperial, a identificação da cidade, assim como a identificação da oficina que imprimiu o trabalho, todos centralizados. Esse padrão gráfico do *Relatório...* vai ser mantido, com algumas variações, nas outras edições oficiais impressas pela oficina tipográfica de Manoel da Silva Ramos.

Tenreiro Aranha, nesse mesmo relatório (1852), fala do funcionamento e, principalmente, das dificuldades da província, esse conteúdo foi organizado em diversos tópicos. Os primeiros tratam dos limites, segurança, força militar, catequese dos índios e segue com outros temas. O primeiro presidente da província, no sétimo item, que trata de colonização, diz que, ainda na Corte, propôs a criação de um “nucleo de colonisação agricola e fabril”. E que, depois de assumir, viu “templos, edificios pulicos, as fabricas, as officinas e as pontes se achão abatidos, em total ruina”. Ele prossegue dizendo que é seu dever promover as obras de reparo e construção, mas que “não se achão mestre nem artistas; quando no mio das melhores madeiras não há que construa embarcações precisas, nem edificios...” (1852, p. 32). A falta de profissionais e

⁴⁴ *Relatorio que, em seguida ao do Exm. Snr. Prezidente da Provincia do Pará, e em virtude da Circular de 11 de março de 1848 fez, sobre o estado da Provincia do Amazonas, depois da installação della, e de haver tomado posse o seu 1.º Presidente O Exm. Snr. Joaõ Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha.* Amazonas: Typ. de M. da S. Ramos, 1852.

⁴⁵ *Exposição apresentada ao Exm.º Presidente da Provincia do Amazonas, João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha por accasião de seguir para a mesma Provincia pelo Exm. Presidente da do Grão Pará, Dr. Fausto Augusto de Aguiar em 9 de dezembro de 1851.* Pará: Typ. de Santos e Filhos, 1851.

artífices qualificados para as mais diversas funções, incluindo agricultores, professores e outros, vai ser uma queixa constante nesse período inicial de funcionamento da província.

Figura 15 – Três amazônicas edições: a primeira publicada no Pará, em 1851, e as outras duas da Typ. de M. da S. Ramos, em 1852.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

De acordo com a citada *Exposição...* (1851, p. 8), nesse período existiam somente oito escolas de instrução primária no Amazonas, que não funcionavam regularmente, e apenas o Seminário São José, fundado em 1848, promovia a instrução secundária. Sobre a mão de obra da Typographia de Manoel da Silva Ramos não se sabe muito, ele deveria contar com o apoio de um ou mais tipógrafos compositores, pelo menos um impressor, além de auxiliares ou aprendizes, dividindo o espaço e o trabalho na oficina.

Em 1854, o jornal alterou sutilmente seu cabeçalho, deixando-o mais compacto e retirando a letra “A” inicial de seu título. Passou a ser apenas *Estrella do Amazonas*, continuava a circular apenas uma vez na semana, embora não fosse tão regular.⁴⁶ A “Seção Oficial” era a principal do jornal, ocupando-o quase inteiramente, mas havia outras, como é o caso da seção “Estrella do Amazonas”, com diversas notícias curtas, tanto sobre a família imperial e outras, além de relatar as sempre aguardadas chegadas das embarcações à cidade. A razão era que com

⁴⁶ Por exemplo, a edição 77 do *Estrella do Amazonas* foi publicada no sábado, 4 de fevereiro de 1854, e o número seguinte saiu onze dias depois, também em uma quarta-feira, dia 15 de fevereiro do mesmo ano.

estas vinham notícias do resto do país, que, na edição de 14 de janeiro de 1854, foram sumariamente descritas: “Os Jornaes que recebemos da Côrte e Provincias nada referem de extraordinário”. Além dessas, havia algumas inserções com os títulos de “Aviso”, “Annuncios”, “Editaes”, “Movimento de Porto” e outras.

As notícias e as informações de interesse particular, tais como as despedidas, os avisos variados, como as fugas de escravos, os anúncios de produtos e serviços, toda essa comunicação cotidiana ficava espremida em poucas linhas no final do periódico. Não que essa demanda fosse grande, pois pela leitura da *Falla dirigida á Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas...*⁴⁷ de 1853, tem-se uma descrição sumária e acanhada da cidade com seus 243 edifícios. Dentre esses havia apenas uma igreja, dois quartéis, oito casas tipo sobrado, 89 casas particulares “terreas e cobertas de telhas” (1853, p. 72). E ainda 122 casas de apenas um piso e cobertas de palha, sendo estas a maioria das habitações da capital da Província do Amazonas.

Ainda são enumeradas as atividades econômicas encontradas na cidade: uma Typographia, uma botica, 4 cartórios, 35 lojas de “fazendas, bebidas e outros gêneros” e 2 padarias. Constavam ainda diversas oficinas: uma de marceneiro, uma de ourives, duas de ferreiro, três de alfaiate e outras 3 de sapateiro ” (1853, p. 72). Esse era o lacônico registro das atividades econômicas da capital da Província do Amazonas, o que ajuda a explicar por que a cidade abrigou por tantos anos apenas uma oficina tipográfica, e que sua produção fosse voltada apenas para a demanda governamental.

Na mesma *Falla...* de 1853, portanto, com apenas dois anos de funcionamento da “pequena Typographia”, há o registro de um pedido para a compra de “um certo número de exemplares da unica folha que há n’esta Cidade” para serem distribuídas aos principais funcionários (1853, p. 75-76). Essa medida seria necessária para auxiliar financeiramente a oficina tipográfica, pois o seu proprietário, Manuel da Silva Ramos, havia manifestado a intenção de se ausentar da mesma porque seus rendimentos não eram suficientes. Essa medida, a compra de exemplares do *Estrella do Amazonas* pelo governo para subsidiar a atividade da oficina tipográfica, vai se repetir em outras ocasiões.

O Archivo era a repartição responsável por organizar, registrar e manter a guarda da documentação oficial escrita e impressa da província e, nessa mesma *Falla...*, temos notícia de seu funcionamento. O secretário da presidência relatou ter chegado a ele “varios massos e livros” advindos do Archivo da Camara Municipal da Villa de Barcellos, a antiga capital do

⁴⁷ *Falla dirigida á Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas, dia 1.º de outubro de 1853, em que se abriu a sua 2.ª sessão ordinária, pelo presidente da província, o Conselheiro Herculano Ferreira Penna. Amazonas: Typographia de M. da S. Ramos, 1853.*

Amazonas (1853, p.74). Esse material ainda seria organizado, mas o secretário relatou a perda de vários livros que foram queimados em 1832 em um incêndio ocorrido na Caza da Provedoria, ou que foram perdidos, pois “aqui se venderão a pezo como inuteis!!!”. O impresso e mesmo o documento oficial ainda não tinham um lugar definido na vida da cidade, sendo vendidos como peso morto ou desaparecendo pelo fogo.

Não se encontrou nenhum registro de comercio especializado de livros, apenas algumas lojas ofereciam poucas obras e a circulação de edições e demais produtos impressos se dava com a ajuda de intermediários. Não havia biblioteca pública; contudo, é possível que, no Seminário de São José, houvesse uma para a consulta interna de seu corpo religioso e, talvez, dos alunos. Essa falta de agentes especializados ajuda a explicar a falta de profissionais para tratar do livro, tal como relatou a *Exposição... desde 2 de janeiro até 31 de dezembro de 1852*.⁴⁸ Nela, o então responsável pelo arquivo do governo expressou o desejo de mandar encadernar a correspondência oficial, principalmente as “emanadas dos Ministerios, Presidentes de Provincias, Thesouraria, Administração de Fazenda, Collectorias, Camaras Municipaes, etc.” (1853, p. 7). Essa prática, ainda segundo o relato, seria aplicada nos melhores arquivos estrangeiros. Contudo, na então Cidade da Barra do Rio Negro não havia um único encadernador para fornecer tais serviços. Mais um índice de que as práticas e saberes associados à cultura impressa estavam sendo constituídas, posto serem quase ausentes.

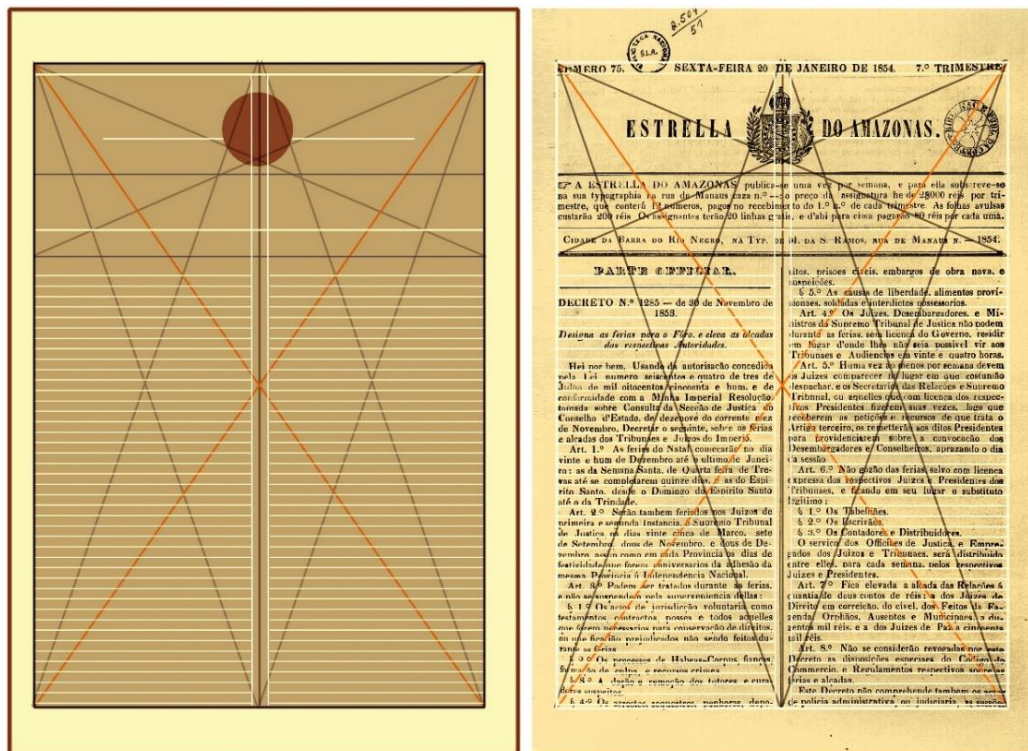
2.1.1. A nova (mesma) oficina, as antigas dificuldades

Nesses primeiros anos a composição gráfica do *Estrella do Amazonas* fez uso de poucos recursos gráficos, sobretudo de fios para delimitar os espaços de sua mancha gráfica e para indicar separações das seções do jornal. Na primeira página há mais espaço em branco no cabeçalho, no qual domina o brasão imperial e o seu título no cabeçalho composto de forma centralizada. O texto do jornal é composto de forma justificada, com recuos nos inícios dos parágrafos, sempre utilizando tipos serifados e seus estilos: itálico, negrito e versalete. Além do emprego de ligaduras e de poucas vinhetas, como uma mão indicativa assinalando o valor da assinatura do jornal. Essa estrutura visual básica do jornal (Fig. 16) se manteve durante o período em que o jornal foi produzido, com alterações mais marcantes apenas no cabeçalho, como o que ocorreu em 1856 com a retirada do brasão imperial da primeira página. Para indicar o final

⁴⁸ *Exposição apresentada ao exm.º snr. 1.º vice-presidente da Provincia do Amazonas, o Dr. Manoel Gomes Corrêa de Miranda, pelo secretario do governo, Joaõ Wilkens de Mattos, sobre o estado, e trabalhos da respectiva secretaria, desde 2 de janeiro até 31 de dezembro de 1852*. Amazonas: Typ. de M. S. Ramos, 1853.

de cada edição havia uma simples linha de texto indicando o local de impressão, a oficina tipográfica responsável e o ano.

Figura 16 – Diagrama com margens, colunas e linhas que ajudam a visualizar a composição da primeira página do *Estrella do Amazonas* de 1854.



Fonte: Composição do autor.

O pequeno periódico com suas quatro páginas – e publicado somente uma vez na semana – não conseguia atender o volume de informações que o governo precisava publicar. Mesmo com o funcionamento dessa primeira oficina tipográfica tendo ocorrido com a finalidade de atender às demandas do governo, ela não estava suficientemente aparelhada e preparada para tal encargo. A situação foi se agravando, como se pode inferir a partir de vários relatos publicados nas edições oficiais, algumas criticando duramente a oficina. A dificuldade era tamanha que o jornal deixou de circular nos meses de agosto e setembro de 1854.⁴⁹ A suspensão da publicação do único jornal da Província do Amazonas foi assim explicada aos seus leitores:

Por ter-se achado occupada a nossa Officina com a impressão de diversas peças officiaes, que não admittião demora, deixamos de publicar esta desde o dia 10 de Agosto proximo passado. Esperando pois que os nossos assignantes relevem por sua bondade a involuntária falta, passamos a dar-lhes noticias dos sucessos occorridos nesse

⁴⁹ A edição de número 99 do *Estrella do Amazonas* circulou no dia 10 de agosto e a edição seguinte, a centésima, saiu apenas no dia 7 de outubro de 1854.

intervallo, que nos parecem mais interessantes. (ESTRELLA do Amazonas, 7 de outubro de 1854).

Na página dois da edição publicada no dia 30 de abril de 1856, o *Estrella do Amazonas* reconheceu que não dispunha de espaço adequado em suas páginas para publicar as peças oficiais com regularidade e que, por essa razão, ele deixava de dar notícias de interesse geral e não conseguia imprimir as correspondências. O jornal *Estrella do Amazonas* justificava essa limitação em razão da “falta absoluta de pessoal suficiente e habilitado para dar vazão á maiores, e mais regulares trabalhos de nossa Imprensa”. Para minimizar essa limitação informou ainda que estava adotando “hum outro typo que offereça maior espaço ás nossas publicações” para, assim, contentar “a curiozidade de nossos leitores”.

Apesar de seu proprietário Manoel da Silva Ramos ser um experiente tipógrafo, ele exercia outras atividades profissionais financeiramente mais vantajosas. A distância dos grandes centros, as difíceis condições de trabalho nas oficinas tipográficas e a baixa remuneração deveriam dificultar muito a fixação de profissionais em Manaus. Em alguns casos, como no *Estrella do Amazonas* de 9 de agosto de 1856, a composição do texto teve de se estender e ocupar o espaço em branco que separava as colunas, deixando apenas uma linha para dividir o espaço. Talvez uma medida extrema para inserir, apertadamente, o máximo de texto possível nas suas quatro páginas, mas que comprometia a legibilidade do texto.

Por vezes, uma nota no fim da quarta página informava a finalização das assinaturas do jornal a cada trimestre, mas a edição de 28 de maio de 1856 do *Estrella do Amazonas* trouxe outra informação. Ela declarava que a partir do próximo número de “nossa Folha principiará o 13.º trimestre, e com elle a sua publicação duas vezes por semana. Agradecemos aos Snr.es assignantes o obzequio de suas assignaturas, rogando-lhes a sua continuação, e esperamos me-recer todo o appoio do publico”.

O único jornal local teria, assim, duas edições semanais, uma significativa mudança, pois alterava a dinâmica de trabalho da pequena oficina tipográfica, aumentando a complexidade do seu fluxo de trabalho. Os tipógrafos teriam que receber, preparar os textos enviados pela secretaria do governo, fazer a composição dos tipos em linhas, colunas e montar uma página para então tirar uma prova, revisar e imprimir. A rotina da oficina, além de comportar duas edições do *Estrella* às quartas e aos sábados, deveria, em paralelo, atender às outras demandas, tais como relatórios, opúsculos e outros impressos avulsos para o governo da Província.

Nem sempre essas etapas eram cumpridas com o devido cuidado que a tradição tipográfica exigia, uma vez que os equipamentos e os materiais da oficina, assim como as condições de trabalho não eram as melhores ou mesmo suficientes para o volume de trabalho executado.

Esse quadro de limitações de pessoal, material e técnica resultava em grande esforço, muitos problemas, erros e improvisos de composição. Além de falhas de impressão, que se tornava irregular e outras dificuldades que ainda hoje são visíveis nos exemplares consultados.

Em junho de 1856, Francisco José da Silva Ramos, irmão do primeiro tipógrafo e proprietário, assumiu o comando da oficina tipográfica e seu nome passa a identificar o solitário empreendimento gráfico amazonense como – **Typ. de Francisco José da Silva Ramos**.⁵⁰ Se o primeiro proprietário, Manoel da Silva Ramos, ficou conhecido como o fundador da imprensa no Amazonas e deixou alguns registros sobre a sua atividade, a respeito deste segundo pouco se sabe. Embora alguns fragmentos tenham sido encontrados e coletados, sobretudo em notas de jornal, todas do paraense *Treze de Maio*. Nele o nome de Francisco da Silva Ramos está presente em dois registros de 1846, primeiro em uma lista de “jurados mais assíduos em assistir as Sessões” do tribunal e outra como um dos “partidores” dos bens de um inventário.

No ano seguinte, em uma nota do mesmo jornal, há o anúncio de venda de uma “preta lavadeira, e quitandeira, moça e sem vícios”, onde se pedia que o interessado se dirigisse à oficina tipográfica do jornal e procurasse Francisco José da Silva Ramos, “que dirá quem a vende”. A indicação do anúncio sugere que ele desempenhava alguma função na oficina tipográfica de José Honorio, a mesma em que trabalhou seu irmão. Outra indicação, retirada da edição 476 de 1855 do mesmo jornal, informava que o gerente da Companhia de Navegação e Comercio do Amazonas deveria “dar passagem no primeiro Vapôr a Francisco José da Silva Ramos até a Cidade da Barra”.

Assim, um ano antes de assumir a oficina do irmão, Francisco José da Silva Ramos já estava na capital do Amazonas, pois o *Estrella* do dia 25 de agosto de 1855 registrou a sua nomeação para servir de Fiscal da Administração da Fazenda Providencial durante o “impedimento do cidadão que exerce esse cargo”. Ao assumir a oficina tipográfica, Francisco fez algumas modificações. O jornal já tinha ganhado um incremento de espaço com as duas edições semanais e, ainda que tenha mantido o seu pequeno formato, foi possível dar um maior espaço para as informações particulares e de interesse geral nas oito páginas impressas semanalmente. Sempre de forma breve, as comunicações particulares se faziam mais presentes nas novas seções do jornal: “Variedades”, “Noticias Diversas” e até uma seção “Litteratura”.⁵¹

⁵⁰ J. B. de Faria e Souza (1908, p. 88) afirma que foi em princípios de 1857 que Manoel passou a propriedade e direção do *Estrella do Amazonas* para seu irmão, mas nos exemplares do jornal consultados essa mudança já aparece registrada no cabeçalho e colôfão da edição n.º 155 de 5 de julho de 1856.

⁵¹ Na edição que circulou no sábado, dia 17 de abril de 1858, a seção “Literatura” trouxe como subtítulo “Leitura para senhoras” e um texto cheio conselhos e citações, tais como “A belleza da mulher de bem alegre e embellece sua casa bem como o sol que nasce, alegre e embeleza o universo”.

Graficamente se notou uma maior variedade no uso de tipos Display para compor os títulos das seções do jornal, que mantinha a estrutura organizada em duas colunas de texto. Por exemplo, na edição de 8 de maio de 1858 do *Estrella do Amazonas* foram usadas seis diferentes famílias tipográficas nos títulos, uma para cada seção publicada. Em outras edições o uso era mais econômico, exemplificando também a falta de padronização no uso dos tipos para títulos. Os anúncios e avisos, que ocupavam sempre a última coluna do jornal, eram compostos da mesma forma que o restante do texto, com poucos elementos de destaque. Estas pequenas janelas impressas foram, gradualmente, recebendo algumas diferenciações para criar contrastes: seu título e texto eram compostos em tipos de corpo maior, ou uma vinheta ou uma capitular era composta junto ao texto.

Essa pouca variedade no discurso gráfico era consequência das grandes dificuldades materiais, técnicas e de pessoal já referidas. As condições de trabalho da oficina tipográfica sob a direção de Francisco da Silva Ramos eram péssimas, incluíam maus tratos, falta de pagamento, conforme um relato da época descrito mais à frente. A atividade da oficina não devia gerar grandes ganhos financeiros e nem despertar uma grande procura por seus serviços. Essa situação, somada à cômoda posição de único fornecedor de serviço de impressão local, explicava, pelo menos em parte, o desinteresse em obter melhores condições de produção para que seus impressos tivessem melhor qualidade e variedade de composição.

A abertura da navegação do rio Amazonas e a introdução da navegação a vapor só aconteceram no final da década de 1860 e a falta de produtos no comércio local era constante. Pela leitura dos anúncios do *Estrella do Amazonas*, foi possível notar que várias lojas vendiam uma grande variedade de produtos, sem se especializar em apenas um único segmento. Eram dependentes da chegada dos navios para abastecer seus estoques. Por exemplo, na loja de Leonardo Ferreira Marques vendia “um lindo sortimento de fazendas francezas”, chapéus, lenços, botões e também “Diccionários francezes portuguezes, e portuguez francez, Historia Sagrada por Roquete, 2 vols. e outras muitas obras &c”.⁵² A loja ainda listou nesse anúncio instrumentos musicais, serviço de porcelana, lamparinas e “Muito bôa serveja em quantidade; tudo se venderá a dinheiro e a credito”.

Logo abaixo, na mesma edição do jornal, a loja de José Antonio Pereira anunciava a venda de impressos efêmeros – “Procurações, e Conhecimentos impressos, por commodo preço”. E em 1858, na edição de 24 de fevereiro do *Estrella do Amazonas*, a “conhecida e afamada loja do – legitimo barateiro – Antonio Joaquim da Costa & Irmão” listou uma infinidade

⁵² De acordo com o anúncio do *Estrella do Amazonas* de 25 de agosto de 1855.

de tecidos e outros materiais como papéis, tinta, penas para escrita. E depois ofereceu impressos de uso nas escolas, como “methodos facilimos, cartas de abc, grammaticas portuguesas, manual encyclopedico”⁵³ e outros.

Nesse período, de 1851 a 1860, encontramos ainda outros anúncios indicando a venda de folhinhas [calendários], folhetos, assinaturas de jornal de outras localidades, livros em branco, papel pautado e liso, tinta e tinteiros. Esse comércio era, portanto, secundário, atendendo a uma demanda restrita, mas ainda digna de nota e de anúncios. Os agentes e saberes ligados à produção e circulação de publicações e impressos estavam sendo formados com grandes dificuldades. Mesmo os tipógrafos em atuação no período não deixaram muitos registros de suas atividades, além dos impressos como testemunho.

Um único anúncio da oficina tipográfica de Francisco José da Silva Ramos foi identificado nesse período, pela sua leitura é possível notar que na oficina funcionou um importante ponto de comércio de produtos impressos da época (Fig. 17). Nela havia efêmeros, folhetos, edições variadas, material para escrita e ainda oferecia o serviço de encadernação. No anúncio publicado na seção “Avizo”, da edição do *Estrella* de 22 de setembro de 1858, encontramos a seguinte descrição:

Na Typographia da Estrella encontra-se á venda o seguinte: Formularios sob a marcha do processo criminal, leis das terras, Decretos sob a eleição por circulos, Vida do S João Nepomuceno, Tabella historica dos bispos do Pará, consultas sobre a competencia para anexar, ou dezanexar os officios de Justiça a geral ou a Provincial, Misterios do christianismo, leis da Guarda Nacional, Artes latinas, Manuaes incyclopedicos, Methodos facilimo de aprender a ler, Manobras de caçadores, Obra de Dirceo, Manuaes de missa; e bem assim carta de abc, taboadas, pautas traslados, papel de musica, papel imperial liso e pautado, dito mata borrão, penas d’ave, caixa de ditas d’ aço, caneta, vidros de tinta encarnada, garrafinhas com dita preta: tambem vende-se para os apreciadores lindo papel bordado, pintado e dourado para escreverem a bellas, e os competentes envelopes e finissimo lacre.

Afiança-se a boa qualidade destes generos, promette-se vender por menos que em qualquer outra parte.

Na mesma Typographia recebe-se encommendas para mandar vir livros em branco quaesquer tamanhos e qualidades, a contento dos consumidores, como também para encadernações com mui aceio e commodidade dos preços.

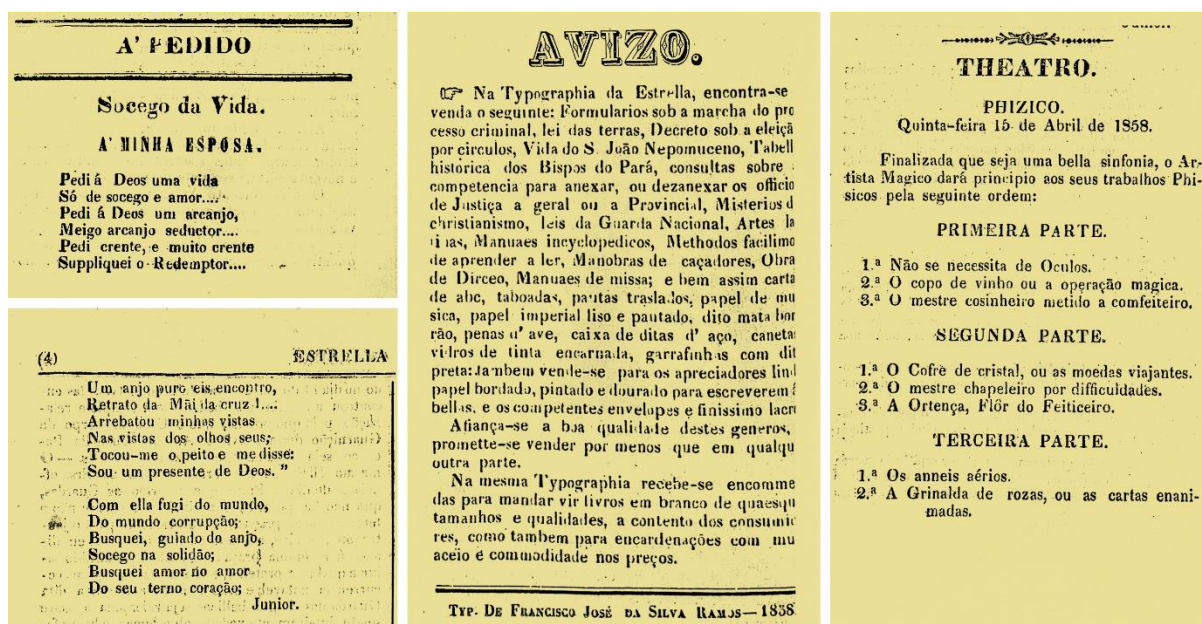
A composição tipográfica do anúncio da oficina tipográfica é a mesma do restante do jornal, sem nenhuma ênfase ou diferenciação, apenas o uso de uma pequena vinheta tipográfica do punho indicativo (Fig. 17). É digno de nota que a “Typographia da Estrella” não tenha anunciado seus serviços de impressão, mas uma variada lista de produtos impressos, de papelaria e alguns serviços, como a encomenda de livros em branco e a encadernação. O que sugere que

⁵³ Na edição de 17 de abril de 1861 do *Estrella do Aamazonas*, a mesma loja anunciou uma variedade de edições na seção “Avizo”, incluindo livros escolares, religiosos, de literatura, de geografia e história, entre outros.

na oficina tipográfica deveria existir um espaço, mesmo que reduzido, para a exposição e venda dos variados impressos e materiais anunciados, muitos dos quais importados de outras províncias. Obras religiosas, literárias, oficiais, de caráter prático, impressos avulsos e para a aquisição das primeiras letras, além de material de escrita, papel de música e outros, tendo como atributos destacados a qualidade e menor custo da região.

Esse solitário anúncio nos permitiu perceber a oficina de Francisco da Silva Ramos de forma ampliada, indo além do lugar de produção de artefatos impressos oficiais, incluindo o único periódico do lugar, mas também como um espaço social que supria, junto com as outras lojas, a falta de uma livraria e de uma papelaria.

Figura 17 – Instantes gráficos e raros no *Estrella do Amazonas*: um poema, o anúncio da própria oficina tipográfica que produzia o jornal e outro de teatro, todos de 1858.



Fonte: Composição do autor feita a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Nos exemplares do *Estrella do Amazonas* examinados o uso da imagem se deu apenas com a presença de poucas vinhetas tipográficas, como a do brasão do Império e a mão indicativa, já mencionados. E mais raramente eram impressas as pequenas vinhetas de embarcação à vela, de figuras de “escravo” e “escrava” em fuga, uma edificação, um anjo fúnebre, uma águia (Fig. 18), alguns desses com variações de desenho. Com exceção do brasão e da mão, que foram usados repetidamente nos primeiros anos no cabeçalho principal e da imagem do “escravo” em fuga, todas as outras vinhetas foram empregadas poucas vezes e, sobretudo, nas seções de “Avissos” ou “Anuncios”. A presença da imagem era, portanto, limitada a desenhos padronizados e

utilizados como elemento de destaque pontual nos avisos e anúncios do jornal. Em anúncio no *Estrella do Amazonas*, de 3 de novembro de 1858, registramos a passagem do fotógrafo itinerante Hipolito Mainette, que oferecia na cidade “retratos pelos systema Daguerreotypo”.

Figura 18 – Detalhe de cinco vinhetas impressas no *Estrella do Amazonas*.



Fonte: Composição do autor feita a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Em 1856 foi criado o Estabelecimento dos Educandos Artífices, mas o início de suas atividades aconteceu somente dois anos depois [1858] como uma instituição para acolher crianças órfãs, pobres e indígenas, a fim de lhes proporcionar educação na língua oficial e o aprendizado de ofícios. No Pará, uma casa semelhante foi fundada em 1840. Nem sempre essa era uma escolha dos pais, posto que muitos menores indígenas foram retirados de suas habitações no interior da Província para receberem educação nos Educandos e, assim, criar “laço de união entre a raça civilizada e as tribos dos selvagens” (RIZZINI, 2002, p. 2-4). Na prática, havia a preocupação de evitar que essas crianças “se tornassem inúteis ou mesmo perigosos à sociedade” de acordo com Rizzini (2002, p. 2-4). Ou seja, uma forma de controle social ao disciplinar e ensinar uma profissão aos filhos das classes populares.

A instituição contava com o ensino de primeiras letras, música e possuía as oficinas de marceneiro, carpina, e torneiro, de acordo com *Relatório...* de 1858. As atividades do estabelecimento eram registradas em diversos livros: de matrícula, de ponto, de entrada e saída de materiais e outros. Os educandos tinham uma rotina que iniciava às 5 da manhã e prosseguia com diversas atividades até às 21h. Em 1860 estava funcionando a oficina de livreiro segundo o Documento n.º 9 da *Falla...*⁵⁴ de 1860 registrou dois educandos na oficina: Crescencio Antonio e Manoel Rodrigues da Trindade.⁵⁵ O ofício de livreiro deveria corresponder ao de encader-

⁵⁴ *Falla dirigida a Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas na abertura da 1.ª sessão ordinária da 5.ª Legislatura no dia 3 de novembro de 1860 pelo 1.º vice presidente em exercício O Exm.o Senr. Dr. Manoel Corrêa de Miranda*. Manaus: Typographia de Francisco José da Silva Ramos.

⁵⁵ A Relação dos Educandos foi registrada em uma tabela tendo, erroneamente, dois itens para a oficina de livreiro,

nador, embora nos dicionários técnicos consultados não haja tal correspondência.⁵⁶ No entanto, nos relatos oficiais posteriores essa oficina foi registrada como sendo de encadernador.

Observou-se, a partir de seu funcionamento, que o serviço de encadernação necessário a algumas repartições do governo passou a ser realizado no Estabelecimento dos Educandos Artífices. Assim, estava se estabeleceu um dos primeiros agentes de ensino de uma atividade profissional específica do circuito gráfico, com a formação de encadernadores. Sem esquecer que a oficina tipográfica também era um lugar de aprendizado e formação prática para as atividades gráficas de tipógrafo-compositor e impressor.

A maioria dos exemplares do *Estrella do Amazonas* que examinados se deu a partir de digitalizações contidas na Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Nas poucas edições manuseadas fisicamente observou-se que a tinta impressa não possuía um aspecto homogêneo ao longo das páginas, nem mesmo entre os parágrafos de uma mesma página. Além disso, notou-se que os tipos foram pressionados com muita força contra a superfície do papel, deixando um relevo, chamado também de cravação.

Essa característica denota um processo ainda rudimentar de impressão, pois exigia o uso excessivo de força para marcar no papel os tipos compostos, característica também comum a muitas edições publicadas por essa oficina tipográfica, constituída em sua maioria de obras modestas e de poucos recursos gráficos. Lembrando a observação do tipógrafo maranhense Frias (2001, p. 52), de que a etapa da impressão era a mais difícil de se manter a boa qualidade, tanto pela falta de qualificação da mão de obra, que era mal remunerada e de grande desgaste físico exigido. Como pela dificuldade de acesso a equipamentos mais modernos.

Foram encontrados variados erros e improvisações de composição tipográfica (Fig. 19), inclusive no cabeçalho do periódico *Estrella*, sendo os mais comuns os problemas de espaço entre as palavras ou tipos trocados. As falhas de composição foram observadas mais comumente no corpo do texto, mas eram comuns nos periódicos brasileiros, incluindo a *Impressão Régia*.⁵⁷ Em 28 de setembro de 1859, o jornal se justificou em parte pelos erros de revisão, pois “O Oficial da Secretaria encarregado de ver as provas do expediente do Governo demora dema-

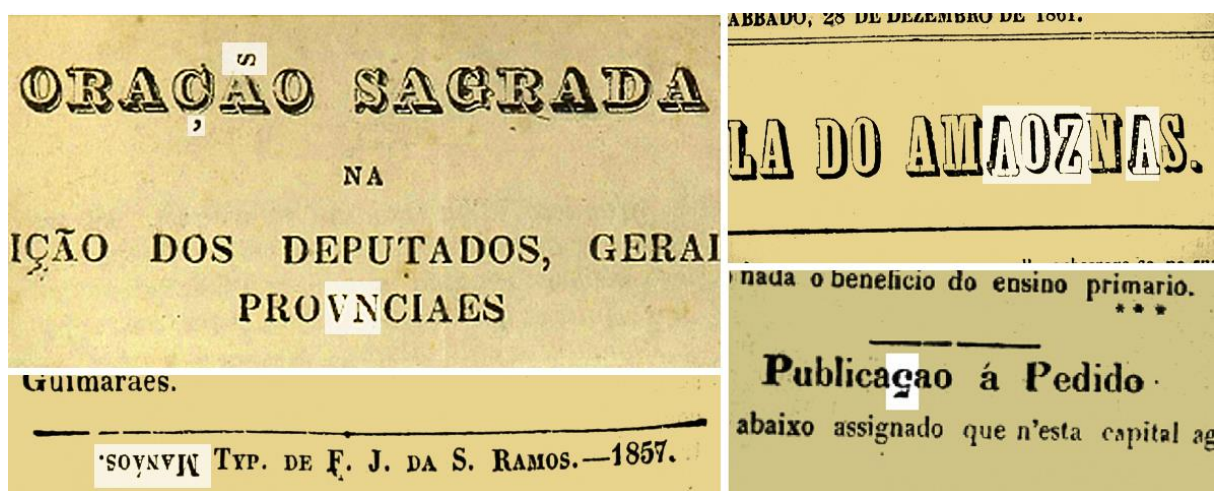
uma com 13 aprendizes, sendo 3 externos e, em outro item livreiro, apenas 2 educandos, provavelmente, o número correto. A oficina com 13 aprendizes deveria corresponder a de marceneiro, que estava ausente da listagem.

⁵⁶ Tanto Arezio (2017, p. 215) quanto Porta (1958, p. 241) se referem ao livreiro como profissional que comercializa livros ou, ainda, que os edita. Nestes termos, essa atividade não teria como se sustentar no reduzido mercado da cidade de Manaus; no entanto, o ofício de encadernador, sim, inclusive pela demanda oficial que a instituição passou a suprir, segundo os registros impressos nos relatórios oficiais.

⁵⁷ Esses imprevistos ocorriam devido à falta de famílias tipográficas adequadas à composição em língua portuguesa; nelas faltavam o cedilha e o til, por exemplo, o que foi sendo aos poucos sendo resolvido com a fundição de tipos na Imprensa Nacional de Lisboa em 1857.

siadamente sua revisão, o que faz com que ora se publica saia sem ella: faz-se esta declaração para não recaia sobre a Typographia os erros que aparecerem”. Esse registro é necessário para visualizar as dificuldades mais comuns da oficina, como a composição errada de tipos, a flagrante falta do til e do cedilha em diversas fontes tipográficas usadas, principalmente as de corpo maior que eram utilizadas nos títulos e subtítulos de seus impressos.

Figura 19 – Detalhes de improvisações e falhas (em destaque) nos impressos da oficina dos Silva Ramos.



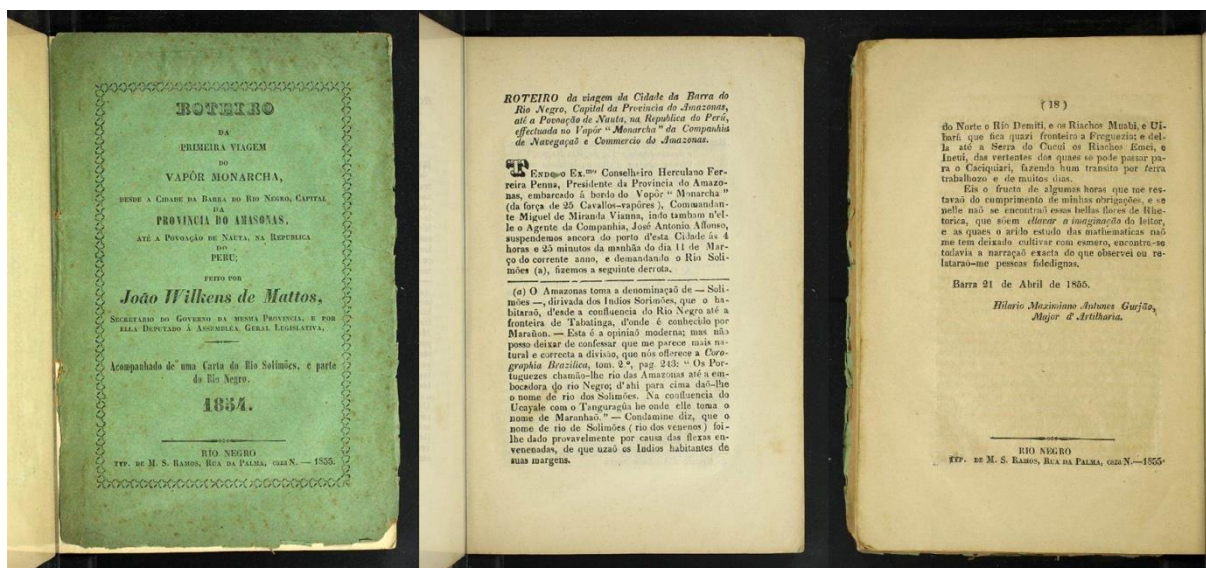
Fonte: Composição do autor feita a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Na Typographya de Manoel da Silva Ramos, e depois na Typ. de Francisco José da Silva Ramos, publicaram-se muitas edições com títulos de: *Exposição apresentada por...*; *Falla dirigida à...* e *Relatórios...*, dentre outros. Nessa pesquisa foram consultadas cerca de 24 publicações oficiais até 1860, tanto na base de dados online da Biblioteca Nacional quanto fisicamente. Esse conjunto de publicações foi todo produzido em Manaus, com exceção de uma *Falla...* de 1858, impressa no Rio de Janeiro. Destes, pouco mais da metade pode ser caracterizado como folhetos e o restante são edições com mais de 40 páginas. Apenas três não tinham conteúdo inteiramente burocrático, duas tratam da descrição de duas viagens a barco, ambas de 1855. A terceira publicação é uma oração feita a convite da Câmara Municipal em 19 de março de 1852. No exemplar digitalizado e consultado dessa oração encontrou-se, no final, uma única página desdobrada, também de uma oração, só que de junho, não ficando claro se ela é parte de uma publicação perdida ou se se trata de um impresso efêmero encadernado junto com a oração.

De modo geral, pode-se dizer que as edições e folhetos oficiais possuem um padrão gráfico simples, direto e com poucos recursos gráficos como o jornal *Estrella do Amazonas*. A

composição dessas obras tinha um volume de informações maior que a do jornal e outras exigências, pois as edições possuem características editoriais próprias. Em algumas publicações a capa foi impressa em papel de cor ou fazia uso de cercadura (Fig. 20). O miolo era composto de maneira objetiva, com boas margens e entrelinhamento correto, quase sem ornamentação. Tendo apenas uma capitular a iniciar o texto, com a numeração das páginas na margem superior, centralizada e entre parênteses ou colchetes, tendo, ao final, um simples colofão. Ainda assim, encontrou-se algumas variações e também publicações de maior fôlego, com amplo uso de tabelas e uma melhor qualidade de impressão.

Figura 20 – *Roteiro da primeira viagem do Vapôr Mocharcha...* edição impressa em 1855 pela Typ. de M. S. Ramos.



Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

*A Falla dirigida á Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas...*⁵⁸ foi publicada no Rio de Janeiro em 1858, na Typographia Universal de Laemmert, e apresenta um padrão gráfico bem distinto e também superior às outras publicações oficiais impressas no Amazonas. O que era de esperar, dada a discrepância de recursos humanos, técnicos e materiais. Na edição produzida na corte há numerosas tabelas e um diagrama, todos compostos de forma precisa e impressa de forma regular. Nessa edição há dois comentários que tratam sobre a Typ. de Francisco da Silva Ramos.

⁵⁸ *Falla dirigida á Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas em o 1.º de outubro de 1857 pelo presidente da provincia Angelo Thomaz do Amaral.* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1858.

No item “Imprensa” registra-se que a oficina é a “única typographia que existe na província”, sendo “subsidiada pelo cofre provincial para publicar os actos officiaes”. Informava ainda que seu proprietário é o “unico compositor e difficilmente pôde preencher as obrigações que contrahiu pelos contractos de 5 de janeiro de 1854 e de 4 de julho de 1856” (1858, p. 25). Ainda na mesma *Falla...* (1858, p. 49) há o registro da necessidade de publicação dos balanços das receitas e despesas da província, o que ainda não ocorria por que a “folha oficial” possuía um formato pequeno e limitada a ser publicada apenas duas vezes por semana.

A impressão dos atos, expediente e relatos governamentais conferiam realidade material ao discurso oficial, o único que foi fixado no tempo e no papel do jornal, dos folhetos e edições oficiais que, assim, podiam circular. E que, por essa razão, chegaram até hoje e aqui são ouvidos quase sempre num tom monótono de despachos, números e queixas. Ainda assim, a falta desse suporte material ou os repetidos atrasos em sua produção causavam constrangimentos ao funcionamento das diversas secretarias e ao governo que, certamente, pressionavam bastante para terem seus produtos impressos realizados nos devidos prazos. Esse ponto fica claro, no relato feito por Gabriel Antonio Ribeiro Guimarães, “Official Maior servindo de Secretario” da Presidência da Província. São dele algumas das mais severas críticas feitas à oficina tipográfica de Francisco José da Silva Ramos, registradas em duas edições oficiais impressas pelo menos em 1859 e 1860.

O secretário da presidência deveria solicitar e acompanhar o andamento da produção de edições e documentos necessários ao funcionamento do governo. Nessa condição, ao relatar o andamento dos seus trabalhos no “Documento n. 13”, que consta do *Relatório...*⁵⁹ de 1859, ele reclamou que na província só havia uma “Typographia” e, mesmo assim, ela seria “mal montada”. Também descreveu o *Estrella* como “aquelle jornal, em pequeno formato, e fallado como quase sempre anda”, e arremata dizendo que o expediente do governo se encontrava em grande atraso. No ano seguinte, o mesmo desafortunado secretário relata que o relatório que deveria acompanhar a abertura da sessão da Assembleia Legislativa Provincial no dia 3 de maio de 1859 foi distribuído somente em abril do ano seguinte. Nesse ano, finalmente, foi concluída a impressão de todos os anexos da edição e reforçou a incapacidade da única oficina tipográfica da província em atender às necessidades do governo que ele tinha a responsabilidade de acompanhar:

Não posso deixar de aqui registrar que a Typographia da Estrella do Amazonas, onde se imprimem estes e outros actos do Governo não se compenetra de seus verdadeiros

⁵⁹ *Relatorio que á Assembleia Legislativa Provincial do Amazonas apresentou na abertura da sessão ordinária em o dia 3 de maio de 1859 Francisco José Furtado presidente da mesma provincia.* Manaus: Typographia de Francisco José da Silva Ramos, 1859.

interesses; mas de uma vez tem dado fortes razões para que semelhantes trabalhos se mandem fazer fóra da provincia, no que ha toda a desconveniência (FALLA... de 1860,⁶⁰ “Documento 22”)

A demanda de informações oficiais que precisavam ser divulgadas de forma impressa e imediata não estava sendo atendida pelo jornal *Estrella do Amazonas*. Nem mesmo as edições oficiais que deveriam acompanhar anualmente os trabalhos das repartições. E mesmo com as notórias faltas apontadas, a modesta oficina tipográfica instalada em Manaus se manteve produzindo os impressos oficiais sem alterar de forma significativa seus equipamentos e o padrão gráfico de seus produtos. A falta de um concorrente local deixava a Typ. de Francisco da Silva Ramos em uma situação confortável, mesmo recebendo as reprimendas e críticas à sua atuação.

2.1.2. O olhar do outro: o *Vigilante* e os viajantes

Esse cenário desolador começou a mudar em 10 de setembro de 1859 quando começou a circular semanalmente o terceiro jornal amazonense, o *Vigilante*. Ele ostentava o subtítulo: “Folha política, commercial e noticiosa” e, infelizmente, não se encontrou nenhum exemplar do jornal para observar sua configuração formal e demais informações. Segundo Santos et al. (1990, p. 207), o periódico teve apenas nove números, sendo o último em 5 de novembro, e seu diretor seria Manuel da Silva Ramos. Ainda que escrito de forma ligeiramente diferente, devia se tratar do mesmo Manoel da Silva Ramos, proprietário da primeira oficina tipográfica, nesse período sob a direção de seu irmão Francisco. Assim, temos o retorno do primeiro tipógrafo às atividades gráficas da província, mas mantendo a ocupação de secretário da Câmara Municipal desde fevereiro de 1859.

No entanto, não se pode identificar em que oficina o jornal *Vigilante* foi publicado, mas apenas com a sua publicação semanal foi estabelecido um intenso diálogo entre as duas folhas do Amazonas, pois no *Estrella do Amazonas* desse período é possível ler várias referências ao *Vigilante*. Uma conversa quase sempre feita de respostas duras a ofensas e polêmicas publicadas no novo periódico. Em uma delas, na edição de 22 de outubro de 1859, o próprio *Estrella* teria sido um dos alvos. Em um texto do *Vigilante*, o jornal teria sido descrito como sendo merecedor do desprezo geral pela defesa que então fazia do governo. Em resposta, o *Estrella* afirmava que “não é uma folha puramente oficial, nem ainda fez pacto de encapar as faltas de

⁶⁰ *Falla dirigida a Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas na abertura da 1.ª sessão ordinaria da 5.ª Legislatura no dia 3 de novembro de 1860 pelo 1.º vice presidente em exercicio o Exm.o Senr. Dr. Manoel Gomes Corrêa de Miranda*. Manaus: Typographia de Francisco José da Silva Ramos, 1860.

pessoa alguma”. Em uma nota retirada do *Vigilante*, e publicada no jornal paraense *A Epocha*, de 19 de novembro de 1859, o *Estrella do Amazonas* foi descrito de forma ofensiva como sendo uma “folha oficial”. Em um desdobramento desta polêmica, do *Estrella* ser ou não um jornal oficial, temos uma matéria publicada em *A Epocha*, 13 de setembro de 1859, em Belém. Nesta edição há uma severa crítica ao então religioso, diretor da Instrução da Província do Amazonas e editor do *Estrella*, o cônego Joaquim Gonçalves de Azevedo.

Esse era o exercício da imprensa na época, uma arena de dois competidores pela verdade e pela última palavra, a luta prosseguiu. Na edição do *Estrella* de 24 de dezembro de 1859 há um texto contestando uma série de afirmações que foram publicadas em “estyllo empolado” no *Vigilante* número 15, circulado em 17 dezembro de 1859. Essa indicação de número como sendo a décima quinta edição do *Vigilante* contraria as informações de Faria e Souza (1908, p. 10) de que o periódico teve apenas nove edições.

O jornal *Vigilante* foi produzido em uma oficina tipográfica não identificada em funcionamento no Amazonas, pois Santos et al. (1990, p. 207) registrou seu endereço como sendo “Rua Manaus, 3”. A oficina de Francisco José de Silva Ramos funcionava na Rua da Palma nesse período [1859]. Essa hipótese também se sustenta pela constante dificuldade da então única oficina em funcionamento em dar conta dos trabalhos oficiais, o que a impediria de compor e imprimir outro periódico. Ainda mais com este sendo seu adversário, sustentando diversas polêmicas e ofensas contra o governo, seu maior cliente.

Uma pequena nota de agradecimento publicada no *Estrella do Amazonas* de 10 de março de 1860 fornece mais elementos para entender esse mistério. Nela lê-se que dois cidadãos informavam que deixaram de ser acionistas “da sociedade – Aliança Amazoniense” e agradeciam “ao Snr. Tenente Manoel da Silva Ramos, a coadjuvação que na qualidade de Director e Impressor dos jornaes que a mesma typographia se impremirão”. Não se sabe com precisão quanto tempo durou o *Vigilante*, mas foi encontrada uma referência ao seu término na edição do *Estrella* de 21 de janeiro de 1860, em uma nota de título “Communicado” da Sociedade Aliança Amazonense. Nela há uma descrição do “O Jornal do Amazonas” como sendo uma “simples metamorphôse do Vigilante”. Assim, com a coincidência do nome de Manoel da Silva Ramos associado à Aliança Amazonense, é possível supor que essa foi a oficina que imprimiu o *Vigilante*, a “Typ. da Aliança Amazonense”.

No *Estrella do Amazonas* de 18 de abril de 1860 há uma nota “A Pedido” em que Manoel da Silva Ramos responde a um artigo publicado no *Jornal do Amazonas*. Nele o tenente tipografo diz que o autor “quis ferir-me de perto”. Não se identificou qual foi a ofensa ou polêmica, mas Manoel assim se defendeu: “Diz o artigo, que houve interrupção na sahida do dito Jornal

pela reforma, que soffreo a Typographia no seu material e pessoal; óra como a única reforma que se dêo no pessoal foi a minha sahida...”. É bastante curiosa essa nova empreitada gráfica de Manoel da Silva Ramos após deixar a primeira oficina tipográfica amazonense para seu irmão em 1856. Talvez o motivo tenha sido político, ou seja, para fazer oposição ao governo ele teve de dirigir ou trabalhar em na oficina tipográfica do *Vigilante* e depois ainda teria atuado no *Jornal do Amazonas*, do qual afirmava que tinha saído.

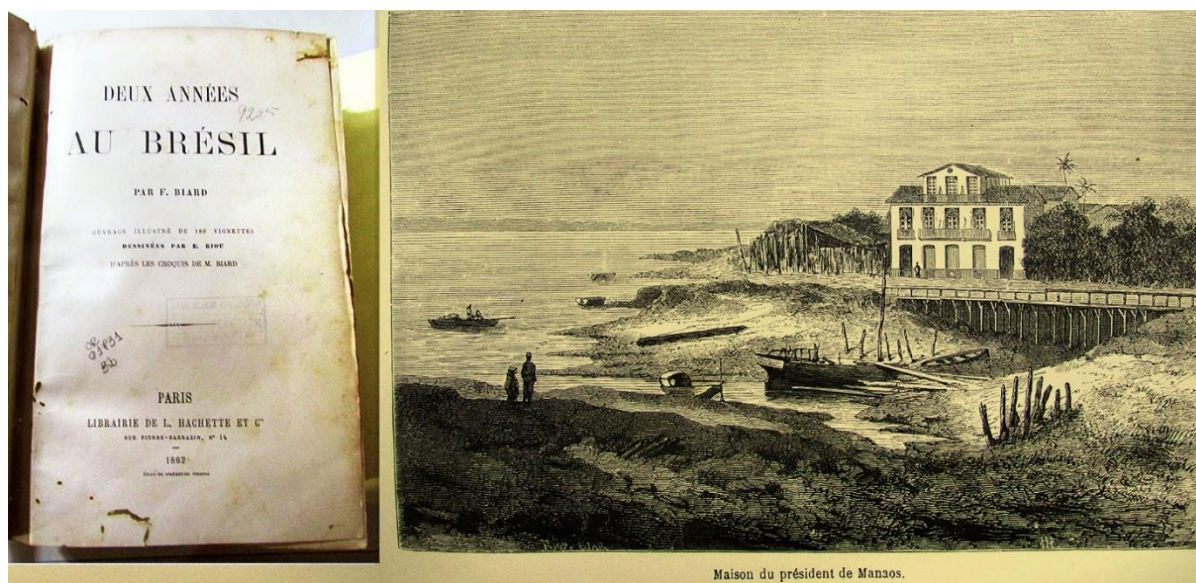
Apesar das evidências, a falta de um registro inequívoco da existência dessa outra oficina em funcionamento no Amazonas não permitiu incluí-la na lista de estabelecimentos tipográficos que identificamos.⁶¹ Manoel da Silva Ramos assumiu o cargo de juiz de paz em janeiro de 1861, vindo a falecer pouco depois. Segundo Faria e Souza (1908, p. 88), a data correta de sua morte seria 4 de março de 1861, e não em 1860, como informam outros registros.

O *Jornal do Amazonas* citado acima como substituto do *Vigilante* não aparece registrado na pesquisa sobre os jornais locais feita por Faria e Souza (1908). Encontramos um *Jornal do Amazonas*, “orgam das ideias liberaes”, publicado em Belém, onde também estaria sua oficina tipográfica, o que justifica a sua não inclusão na pesquisa sobre os periódicos amazonenses. Embora a dúvida permaneça por causa da nota de Manoel da Silva Ramos, em que afirma ter deixado de trabalhar na oficina do referido jornal, mas sem a indicação precisa de que a mesma funcionava em Manaus. E por uma nota da seção “Interior”, da *Gazeta Official* de 5 de março de 1860, publicado do Pará, que possui como assinatura um “Do Jornal do Amazonas de Manaós”. Outra questão que não ficou resolvida dada a falta de registros mais precisos.

Nesse período o artista francês François Auguste Biard publicou o livro *Dois anos no Brasil*, cujo título se refere aos anos de 1858 e 1859, período em que visitou e desenhou várias localidades brasileiras, inclusive Manaus (Fig. 21). Um ano antes da impressão da edição francesa de 1862, as ilustrações e relatos do artista circularam pelo mundo na publicação francesa *Le Tour du Monde*. Biard tinha mais de 60 anos quando fez essa viagem, estava acostumado a longas viagens e provações. Sua passagem por Manaus deveria ser rápida, pois tinha a intenção de viajar pelo interior. Assim que chegou à cidade ele teria tentando contratar remadores, mas não obteve sucesso. Ele conta que foi ajudado nessas tratativas e, quando pensou que logo partiria, teve de esperar mais. E observou (2004, p. 177) que parecia que “cada habitante dessa cidade pensa que o dia dispõe de 48 horas ou mais”.

⁶¹ Foi incluída em no “Apêndice B” como Typ. da Aliança Amazonense e a identificou-se como sendo uma hipótese que ainda precisa de outras evidências para ser confirmada.

Figura 21 – Folha de rosto do livro de Biard (1862) e ilustração com a casa do presidente da província, em Manaus.



Fonte: Imagens do autor a partir do original do Arquivo Nacional.

O renomado artista francês tinha a intenção de entrar pela floresta e não perambular nessa “pequena localidade, cheia de subidas e descidas, onde as ruas são esteiradas de capim” e onde ele testemunhou “mexericos e maledicências como nunca as presenciara em outros lugares do mundo” (BIARD, 2004, p. 177). E embora desejando o quanto antes partir, ele ainda permaneceu vários dias e pôde participar de diversas reuniões da sociedade local. Em uma delas, Biard (2004, p. 180) conta que se discutia a “fundação de um jornal em Manaus”. Acrescenta, em outros momentos, que “só se falava no tal jornal”, tema pelo qual não tinha interesse. Observação curiosa, pois já havia o *Estrella do Amazonas*, que o visitante parecia ignorar, mas que atendia com muita dificuldade e atraso as demandas do governo, como já foi sublinhado. Estariam conversando sobre a criação de um novo jornal para não serem reféns da única oficina existente? Ou discutiam a publicação do *Vigilante* ou do *Jornal do Amazonas*, que tiveram a participação de Manoel da Silva Ramos?

Seja como for, o artista francês nota que o tal jornal seria um índice importante para compor o cenário da narrativa civilizada que a cidade de Manaus estava encenando, pois “já existindo nesta localidade um presidente, um exército de 300 homens, um guarda-nacional, e de igual efetivo, coronéis, tribunal, sabendo-se dançar, houvesse também, como uma fantasia, um jornal, pelo menos para se ver.” (2004, p. 180). Para entrar no baile da civilização sem ser notado como desajeitado ou penetra, cabia saber se vestir como tal, ostentar prédios públicos, ruas regulares e pavimentadas, um governante com sua corte de funcionários, guardas, juízes e

outros. Também seria preciso uma folha impressa, o jornal para marcar no papel e no tempo seus feitos, suas vidas, opiniões e lerem seus nomes nas listas de chegadas e partidas dos barcos a vapor, nos batizados, casamentos, festividades e velórios. Assim como no expediente do governo, nos nomes das casas comerciais, e esse requisito a cidade então cumpria com o jornal *Estrella do Amazonas*.

Outro registro da atividade gráfica local foi feita em 1859, causando boa impressão em Robert Avé-Lallemant. Esse médico e botânico alemão que vivia no Rio de Janeiro, publicou seu livro *No Rio Amazonas*, onde, dentre vários registros que fez em Manaus, diz que foi convidado para um baile na cidade. E se surpreendeu por ter nas mãos um cartão impresso com letras douradas formalizando o convite do baile que seria realizado no palácio do governo. Após a cordialidade impressa recebida, Avé-Lallemant afirmou: “Isso já é sinal dos tempos” (1980, p. 151), pois causou espanto aos olhos do visitante que em “Manaus, no Rio Negro, já se imprima”. Pois já, desde 1851, produziam-se impressos, embora com muita dificuldade, como o mesmo visitante ainda vai reparar.

Essa foi mais uma das contradições que Avé-Lallemant apontou em sua visita, dado que ele já tinha se admirado que, por essas paragens, ao lado dos poucos “sólidos edifícios em estilo europeu” da cidade, havia “primitivas casas tapuias de barro” (1980, p. 100). Também na topografia e desenho da cidade ele viu outras diferenças se alternarem: “ora rua, ora igarapé – ali uma estrada, aqui uma comprida ponte de madeira; junto à margem, um vapor; perto dele, uma canoa do Amazonas” (1980, p. 100). Ainda sobre a atividade gráfica amazonense, o médico alemão diz que já tinha observado a circulação duas vezes por semana de um jornal “impresso em grande quarto e em papel melhor do que da maioria dos jornais alemães, embora esta ‘Estrella do Amazonas’ não estenda até muito longe seus raios de luz e não seja nenhuma estrella de primeira grandeza” (1980, p. 151). Assim, mesmo não vendo nenhum brilho no periódico amazonense, ele o definiu graficamente de forma positiva.

Nessa primeira década de trabalho da única oficina tipográfica do Amazonas, pelo menos até 1859, sua estrutura produtiva parece ter sofrido poucas alterações. Seus equipamentos, materiais e número de funcionários não devem ter sido muito modificados, pois seus resultados materiais e dificuldades se mantiveram constantes. Da mesma forma permaneceram as reiteradas reclamações e censuras por parte do governo provincial à atuação da oficina tipográfica que lhe fornecia a impressão de seus atos e comunicações.

Nesse período (1851 a 1860), a província e o estabelecimento gráfico andaram juntos, dependeram um do outro e seus passos foram lentos, uma vez que conviviam com limitações, incluindo aquelas referentes a recursos, quer humanos, quer financeiros. A oficina dos Silva

Ramos deixou um conjunto de artefatos impressos contendo informações, representações e histórias valiosas que ainda hoje são objetos de estudo, sem que ainda se tenha esgotado as suas possibilidades. São impressões da única voz que podia falar de forma impressa, pois tinha autoridade reconhecida e recursos financeiros para isso. Mas, através dela, remando em suas margens, rodapés e notas, foi possível chegar a outras imagens, camadas e vozes.

2.1.3. Um estrondoso silêncio impresso

O jornal *Estrela do Amazonas* no início da década de 1860 continuava a ser o principal veículo para o infundável e burocrático discurso do governo provincial. Composto de seu expediente, atos, editais e comunicações para as diversas repartições e agentes da província, impresso na língua oficial – o português. Nas ruas e dentro das amazonenses casas a fala cotidiana era outra, de origem indígena, como a maioria da população. Assim, havia um ruidoso desencontro entre dois universos: a cultura oral, falada em Língua Geral Amazônica (LGA) e outras línguas nativas, de um lado; e, na outra margem, a escrita e a cultura gráfica toda impressa na língua portuguesa. A presença da escrita era então marginal no ambiente cultural amazonense, dominado por uma pequena parte da população branca de acordo com Pinheiro (2015, p. 41). Na metade do século XIX, no Amazonas, essa era uma disputa ainda em curso, como aponta o relatório produzido em 1861 pelo poeta Gonçalves Dias, a cargo do governo da Província do Amazonas, em que atesta o precário estado do ensino, sobretudo nas comunidades do interior. Apesar disso, ele recomendava que o ensino obrigatório em português continuasse, pois “a vantagem da frequência das escolas estaria principalmente em se desabituares da Língua Geral, que falam sempre em casa e nas ruas, e em toda parte” (DIAS, 2002, p. 16).

Os artefatos impressos desse período inicial de funcionamento da tecnologia tipográfica em Manaus foram, notadamente, veículos das comunicações oficiais. Já a fala das ruas era invisível nesses impressos, não só pelo uso da língua oficial, mas pela falta de notícias locais e pelas raras referências à LGA. Assim, para observar esse branco-lacuna e buscar compreender esse desencontro, procedeu-se a um experimento feito a partir de buscas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Na plataforma, buscou-se a ocorrência da expressão “língua geral” ou “lingoa geral” em dois periódicos da região e nas Exposições do Governo do Amazonas, de 1851 a 1870.

Com esse recorte e busca tentou-se, de forma empírica, ler o lugar da LGA no meio impresso, um espaço que parecia ser apenas silêncio. Ainda que de forma restrita, essa investida revelou informações valiosas, não só numericamente, pela pouca quantidade de ocorrências

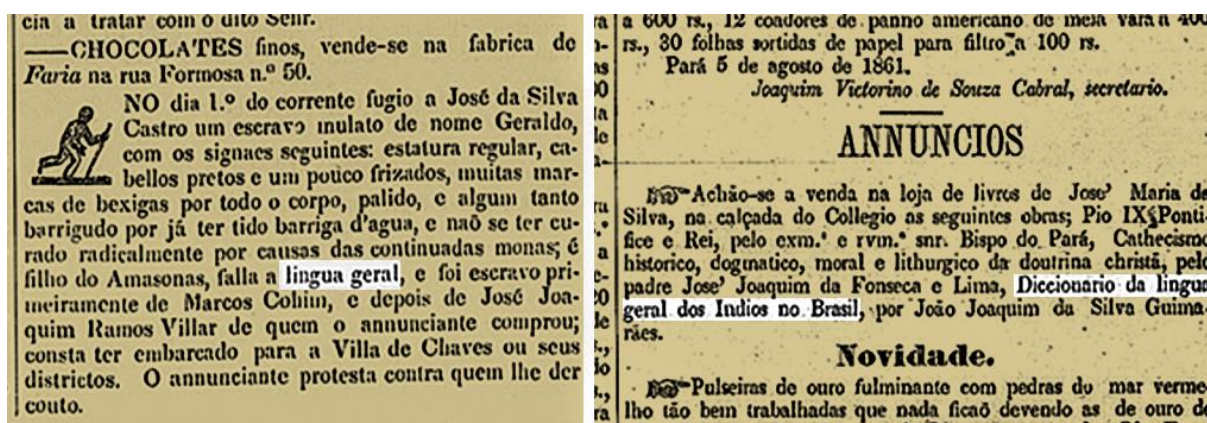
observadas. Mas, sobretudo, pela leitura de um lugar negado ao outro, língua e ser-humano e não apenas na cultura impressa, mas na sociedade amazonense que se formava. Essa situação fez com uma incomoda indagação fosse feita: como se cala uma língua? Cortando-a? Certamente mutilando-a e articulando a violência de diferentes e mui “civilizadas” formas e, assim, parece ter sido feito.

Na seção “Tranquilidade Pública”, da *Falla...* de 1.º de outubro de 1853 já referida antes, publicada em Manaus, dentre outras notícias tem-se a descrição do conflito que se deu entre índios Araras e indígenas aldeados próximo da Aldeia de Sapucaia-oroca, interior do Amazonas. Uma mulher indígena foi feita prisioneira e remetida à capital. O texto é assinado pelo presidente da Província – o Conselheiro Herculano Ferreira Penna, que assim descreve a cativa: “Esta pobre creatura, imagem viva do idiotismo e da imbecilidade, não prestou-me um só dos esclarecimentos que eu desejáva obter” (1853, p. 11). E continuou a relatar a falta de comunicação com ela: “por ser incapaz de compreender qualquer pergunta que se lhe fizesse por palavras da lingoa geral, ou por gestos” (1853, p. 12).

Na mesma *Falla*, na seção “Instrucção Pública”, foi sugerida a criação de uma Cadeira de “Lingoa Geral”, como “um meio de facilitar e estreitar nossas relações com os Indígenas e de promover a catechese” (1853, p. 41). Mostrando uma posição ambígua em relação à LGA, em que, mesmo sendo combatida, as autoridades reconheciam que o domínio sobre a região ainda dependia de sua mediação. Nem por isso deixavam de lhe colocar em uma posição subalterna, reduzindo-a a uma cativa, tal como a mulher indígena feita prisioneira.

No periódico *Treze de Maio*, publicado em Belém pela Typographia de Santos & Irmãos, foram encontradas quatro ocorrências de “lingoa” ou “língua geral” nos exemplares digitalizados na Hemeroteca Digital, de 1845 a 1861. Na seção “Avisos Diversos”, edição de 13 de outubro de 1855, logo abaixo de um simples anúncio de chocolates finos, há outro com uma vinheta tipográfica mostrando um homem negro segurando um cajado e olhando para trás. Trata-se de um anúncio indicando a fuga de “um escravo mulato” chamado Geraldo (Fig. 22). Seu dono, José da Silva Castro, acrescentou várias características físicas e diz que ele era “filho do Amasonas, falla lingua geral e foi escravo primeiramente de Marcos Cohim, e depois de José Joaquim Ramos Villar de quem o anunciante comprou”.

Figura 22 – Duas ocorrências da LGA registradas no *Treze de Maio* [1855], de Belém.



Fonte: Composição do autor feita a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Já na edição de 10 de agosto de 1861 do mesmo jornal, seção “Anuncios”, registrou-se o anúncio de venda de diversas edições pela loja de livros de José Maria da Silva, dentre elas o *Diccionario da lingua geral dos Indios no Brasil*, por João Joaquim da Silva Guimarães (Fig. 20). Portanto, uma ocorrência indicava o domínio da língua geral por um ser humano feito escravo e a outra, um artefato impresso usado para o aprendizado/ensino da mesma. As outras duas ocorrências se deram por repetição desses anúncios, cada um uma única vez.

Nos quase quinhentos exemplares digitalizados do *Estrella do Amazonas*, de 1854 a 1863, foram encontrados apenas três ocorrências de língua ou “lingoa” geral. Uma ao caracterizar uma índia e um índio velho que “fallvão alguma couza da lingoa geral”. Outra ao se referir a um tipo de tartaruga que “chamão na lingua geral sararacas, que quer diser cousa que se desmancha”. A terceira e mais reveladora delas, de 30 de abril de 1856, na seção “Avizos Diversos”, tendo uma vinheta tipográfica de um homem negro caminhando e segurando uma trouxa. Logo abaixo outra vinheta semelhante, só que do gênero feminino, traz outro registro de fuga de uma mulher feita escrava (Fig. 23).

No primeiro anúncio, o homem escravizado de nome João Mulato “(puxando mais a tapuio)”, é caracterizado como tendo “34 annos pouco mais ou menos”. E sem os dentes de cima, “menos os da frente, pouca barba e descarnado do rosto, no qual tem **escripto em lingoa geral** e do tempo em que foi escravo do finado Tenente Coronel Cordeiro, do Rio-Negro, **a palavra escravo**” [g.n.]. E continua: “é pouco fallante, menos quando está ébrio, de altura regular, e muito conhecido no dito rio”. João havia fugido com Alexandrina do mesmo dono, Antonio Jozé Pereira Carneiro, da cidade do Pará; o segundo anúncio se refere a ela. Novamente, este era outro exemplo desta macabra escrita, do cruel castigo de marcar na pele uma

palavra, um estigma e uma prisão. E que já tinha escandalizado o irmão de Pombal quando aqui esteve e que foi citado neste trabalho.

Figura 23 – Anúncios da primeira fuga de João Multo e Alexandrina, publicado no *Estrella*.

ébrio seus dias dando provás de bom filho e verdadeiro Christão, pois dos seus lábios só se desprendião palavras de lamentações por achar-se azente de sua Mãe, e rogos ao Todo-Poderoso para que desse a sua alma um dos lugares entre os concritos e arrependidos.

A morte deshumana pôz termo e acabou com uma vida tão cara, d'ella deixou-nos a penas a lembrança de suas virtudes para arrancar uma lagrima aos seus parentes e amigos, e recommendal-os as orações dos fieis.

E eu, que foi uma das testemunhas constantes dos sentimentos d'aquella alma bem faseja e prestante, também farei subir á Presença do Altissimo as minhas preces para que o receba no Throno da Eterna Glória, como premio das virtudes que o acompanharão cá na terra.

Por um que o conhecia.

AVIZOS DIVERSOS.

— D. Alexandrina Maria das Dores Fleury, cabeça de casal e inventariante dos bens que ficaram por falecimento de seu marido João Fleury da Silva, está procedendo o inventario dos ditos bens pelo Juiz de Offiçõs d'esta Cidade, e a viza os credores do mesmo Casal para que legalizem suas dividas no prazo de seis dias a fim de serem descriptas no inventario e attendidas como for de lei. Barra do Rio Negro 17 de Abril de 1856. João Fleury da Silva Brabo, Procurador.

— Leão & C.^a em seu BAZAR AMAZONIENSE na rua Brasileira caza n.º 4 tem a venda ricos cortes de vestidos de vareja de tres ordens de folhos, ditos de cambraia bordados de lan, ditos brancos rendados, camizinhas e pentes da moda para Senhoras, cortes de casemira de bom gos-

Brazileira caza n.º 4. Barra 29 de Abril de 1856.



Fugio, a Antonio Jozé Pereira Carneiro, da Cidade do Pará na madrugada de 26 de Março p. p., os escravos seguintes:

João Mulato, (puxando mais a tapuio) de idade de 34 annos pouco mais ou menos, com os seguintes signaes; cabello pouco crespo, olhos pardos, tendo sobre o esquerdo um lobinho, que já tem sido furado por vezes, falta de dentes da parte de cima, menos os da frente, pouca barba e descarnado do rosto, no qual tem escripto em lingua geral e do tempo em que foi escravo do finado Tenente Coronel Cordeiro, do Rio-Negro, a palavra-escravo, sendo comprado a Jozé de Azevedo Palmeira, que tem rezedido no mesmo rio, havendo este comprado a João Cordeiro, filho do dito finado Tenente Coronel; é pouco fallante, menos quando está ébrio, de altura regular, e muito conhecido no dito rio.



Alexandrina preta, de idade de 26 á 28 annos pouco mais ou menos, alta e de boa figura, olhos grandes e pretos, nariz chato, e pés também crescidos, anda com passo largo, mas descaçado, jogando com o corpo aos lados, e voga-rosa no fallar, e um tanto fino; forão de companhia, e julga-se subir o Amazonas com destino ao mencionado rio e lugar onde foi criado o referido mulato: quem os capturar ou delles der noticia certa para serem capturados e remettidos ao Pará a seu Senhor, ou quem fizer suas vezes, será bem recompensado protestando-se com todo o rigor da Lei, contra quem lhe der cuito. — Barra 9 de Abril de 1856. — Antonio Jozé Pereira Carneiro.

— Typ. de M. da S. Ramos. — 1856. —

Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A leitura desse revelador anúncio também não escapou à pesquisadora Patrícia Sampaio, que, em seu artigo sobre a Escravidão em Manaus no século XIX (2002), informa como se escreve escravo em Nheengatu: *Miaçua*. Seis letras abertas na carne para expor sua condição à vista de todos. A escravidão de pessoas de pele negra teve uma importância econômica reduzida na Amazônia quando comparada ao Nordeste e ao Sudeste brasileiro. E tem uma importante participação na formação social, que também deve ser lembrada e discutida para não se tornar também invisível. No *Estrella do Amazonas* de 22 de maio de 1858 encontramos a continuação dessa história, novamente em anúncio publicado na seção “Avizos Diversos”.

Essa seção trouxe um anúncio de uma loja que diz ter grande variedade de tecidos, alguns franceses de “gostos os mais modernos”. Outro de aluguel de uma casa na mesma seção, e depois vemos a mesma imagem do anúncio lido anteriormente: uma vinheta tipográfica indicando a fuga de um escravo. Neste havia o registro da nova fuga de João (Fig. 24), sem o

“Mulato” que antes acompanhava seu nome e que dizia ter sido ele capturado junto com Alexandrina em março de 1858. Ela teve por destino o comércio, sendo posta à venda, ele remetido ao seu dono, de onde havia escapado mais uma vez, nessa ocasião em companhia de “um mulato de nome José Paulino”.

Figura 24 – Anúncio da segunda fuga de João Mulato publicado no *Estrella do Amazonas*.

*Quand viendra ma dernière aurore
Je pourrai mourir dans ses bras,
Je pourrai l'embrasser encore...
Qui! Mais... je ne verrai pas.*


Antes d'a execução ter chegado a esta ultima estrophe, ja a emoção da assembléa era geral: aqui, porém, tal foi a expressão do cantor, e com tão doloroso accento executou a ultima phrase do estribillo, que de tola a parte romperam as lagrimas e soluços, e ao mesmo tempo um grito de tal maneira agudo e penetrante, que a todos encheu de horror, sobre tudo quando o viram cahir subitamente por terra, desmaiada e sem sentidos a innocente Paulina, de cujo peito o doloroso grito tinha partido.

Correram immediatamente todos em seu socorro, levando-a em braços para um quarto vizinho. Desapertaram-a para felicitar a respiração, e fez-se tudo quanto costuma fazer-se em casos taes; porém os espasmos eram cada vez mais violentos, e a suffocação a cada instante parecia mais imminente. Mandou-se chamar a toda pressa o medico de Lagny, ápezar da hora adiantada da noite; cada um calculava com ancia os instantes que poderia tardar, receiando que não chegasse á tempo. Quando enfim o homem da arte se apresentou, havia um instante que os espasmos tinham cessado, o que todos interpretaram como a solução natural da crise, felicitando-se reciprocamente por tão feliz resultado, immediatamente, porém, a este relampago de alegria, succedeu um grito de consternação, provocado por um gesto involuntario do medico, que acabava de tomar o pulso da doente. Não só o pulso tinha desaparecido de todo, mas a existencia com ella. Paulina de Vaubant tinha cessado de viver neste mundo, e tinha ido concluir no meio dos chóros dos anjos o canto que começara na terra.

(Do J do Commercio.)

Manáos 22 de Maio de 1858.

FUGA-SE a casa do Padre Romualdo sita na estrada dos Remedios; á tractar com Custodio Pires Garcia.



Fugio desta Cidade na manhã de 16 do corrente a Antonio José Pereira Carneiro um escravo com os signaes seguintes—João, mulato, puxando mais á altura, idade 35 annos pouco mais ou menos, falta de dentes da parte de cima, menos os dois da frente, um lombinho bastante crescido sobre o olho esquerdo e em um lado do rosto umas manchas, que antes da fugida que fez em Março de 1856, junto com a parceira Alexandrina, se lia a palavra - escravo - isto do tempo que pertenceo ao Tenente Coronel Cordeiro, do Rio Negro, onde forão presos em Março do corrente anno, ficando ali a sua dita parceira com o fim de se effectuar a sua compra, e este remettido para aqui por o digno Capitão Comandante do Destacamento de Xibarú, em cujas proximidades forão capturados. Foi mais em sua companhia um mulato de nome José Paulino, mais conhecido por—macaçar, tambem escravo, e que se achava preso na Cadea desta Cidade, porém dias antes da fuga se evadio á sentinela que o acompanhava: consta que esta fugida se effectou em uma montaria toda pintada de verde que dizem pertencer ao mestre carpinteiro Funtão, presume-se que seguirião para o Rio Negro, ou Madeira onde já residio em fuga o dito mulato José Paulino, com nome suposto de Antonio Paulino; por isso roga-se á todas as Autoridades e mais pessoas a sua captura, que será generosamente gratificada, protestando-se contra quem lhe der couto. Manáos 17 de Maio de 1858.

Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Nesse novo anúncio, as características físicas de João são novamente descritas, com algumas diferenças do texto anterior. Neste é dito que João teria “um lombinho bastante crescido sobre o olho esquerdo e em um lado do rosto umas manchas, que antes da fugida que fez em Março de 1856, junto com a parceira Alexandrina, se lia a palavra – escravo –”. Não há referência a tal palavra, que identificava sua condição, ter sido grafada em “lingoa geral” como antes. Teria sido deliberadamente “rasurada”? Seria essa a origem das tais machas que possuía no rosto, mutilou-se para dificultar sua identificação? Uma fuga da prisão simbólica em que foi encarcerado com sua pele queimada. O anúncio é novamente publicado no dia 29 de maio de 1858 e não mais sabemos de sua história. A narrativa da escravatura no Brasil ainda vai durar longos anos até à abolição, até lá na Província do Amazonas os anúncios de fuga continuaram.

Esse breve experimento propicia uma reflexão concernente ao uso da impressão e impressos como forma de controle exercido pelas elites e pelo governo para estabelecer padrões de comportamento e contar a história oficial. O discurso feito em bom português e lido nas *Fallas* e relatórios, descrevendo as realizações, projetos e problemas são registros usados para refletir sobre esse período e eles retratam o que ficou impresso em tipos e tinta.

Embora não tenha conseguido calar o Nheengatu, aqui escrevo em português para falar de outra língua-continente: a dos tupis, traduzida pela tecnologia tipográfica como silêncio. No entanto, incomodamente audível ou lida na carne marcada de um ser humano: João Mulato. Sua história impressa em jornal, uma vida dura, descrita imprecisamente em apenas dois anúncios de fuga. Seu sobrenome era uma forma de caracterizá-lo: “Mulato”; sua idade não era clara, tinha “35 mais ou menos”. Informações compostas ao fim do periódico *Estrella do Amazonas*, este jornal quase todo ocupado pela “Parte Oficial”.

A Língua Geral Amazônica, de acordo Freire (2003, p. 27), era notada como simples dialetos: “embrulhados, imperfeitos, mal elaborados, pobres, deselegantes, confusos, incapazes de exprimir ideias universais”. Seus registros em periódicos e relatórios do governo são escassos, embora importantes por revelar esse deslocamento do centro para a periferia. Depois de ajudar a conferir sentido ao mundo amazônico e a mediar a comunicação entre índios, colonizadores, missionários, mestiços e outros, a LGA, tal como os escravizados João Mulato, Alexandrina e Geraldo, teve de fugir para tentar sobreviver. Felizmente se manteve viva e pode ser ensinada, não da maneira bárbara e violenta com que foi imposta e depois combatida, mas como verdadeiramente uma “fala boa”.

2.2 Primeiros encontros: arena política, a fotografia e a edição

Em 1861, a oficina de Francisco da Silva Ramos continuava imprimindo o expediente e os atos do governo em seu jornal *Estrella do Amazonas*, também publicava as edições oficiais, como a *Falla dirigida á Assembléa...de 1861*.⁶² Nela o censo da população da província informava sobre a dificuldade em se fazer a contagem e indicava que, no Amazonas, havia 6.167 casas. Elas eram habitadas por 46.187 pessoas, entre adultos e menores, sendo 45.161 livres e 1.026 de pessoas escravizadas. Os indígenas tiveram outra contagem e o texto afirmava que os

⁶² *Falla Dirigida á Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas na abertura da 2.ª sessão ordinária da 5.ª Legislatura no dia 3 de maio de 1861 pelo presidente da mesma O Exmo Senr. Dr. Manoel Clementino Carneiro da Cunha*. Manaus: Typographia de Francisco José da Silva Ramos, 1861.

dados são ainda mais incompletos, mas haviam sido identificadas 66 tribos, pertencentes a 49 diretórios, com 1.013 casas e um total de 15.832 indivíduos (1861, p. 27-28). A “Instrução Secundária” seguia sendo oferecida no Seminário São José, tendo uma frequência de vinte e poucos alunos que assistiam às aulas de: “Latim, Francez, Geographia, Arithmetica e Geometria, Rhetorica, Philosophia racional e moral, e Musica” (1861, p. 30).

No “Documento 1” dessa publicação oficial temos o relatório de Antonio Gonçalves Dias sobre o estado da Instrução no Amazonas na região do rio Solimões, que ele visitou. Ele observou que, de agosto a dezembro, as atividades escolares eram suspensas pela necessidade da população de aproveitar o período de fartura dos peixes. O poeta, aqui na posição de “Comissario ou visitador das escolas”, afirmou que havia falta de método nas salas, pois “O menino leva á escola o livro que lhe dão”. Sem qualquer padronização no método ou material de ensino. Ainda assim, muitas escolas forneciam “cartilhas, taboadas, traslados &c.” para os alunos pobres. Ele, então, questionou: “E os que não forem consideradas pobres onde as hão de comprar?” Gonçalves Dias sugere, a partir do estado de pobreza das localidades que visitou, que os compêndios de estudos sejam fornecidos pelo governo para facilitar o emprego do mesmo método de ensino. A falta de um mercado livreiro no interior também foi apontada por ele para agravar a situação de dificuldade de letramento dos alunos amazonenses.

O Estabelecimento dos Educandos Artífices possuía, em 1861, 26 educandos, todos frequentando as aulas de primeiras letras e 18, a classe de música. A instituição funcionava sem a estrutura necessária para suas atividades, incluindo a falta de espaços adequados, queixa constante nos relatórios do período. A primeira oficina a iniciar seus trabalhos foi a de marceneiro, que, naquele ano, contava com dez aprendizes. As outras quatro oficinas eram mais recentes e a sua distribuição era de 7 educandos na oficina de alfaiate, 3 na de ferreiro, outros 3 na de sapateiro e, com apenas 2 aprendizes, funcionava a de “livreiro”.

Faltava ainda a instalação das oficinas de “charuteiro, e manufaturação de chapéus de palha Bombonassa”, que já haviam sido autorizadas. Na lista de estudantes do Estabelecimento dos Educandos Artífices de 1861 encontramos o nome do educando Crescencio Antonio, um dos alunos da oficina de livreiro desde o ano anterior. Seis anos depois desse registro, em 1867, ele aparece identificado como mestre livreiro do mesmo estabelecimento. Em 1860, de acordo com Páscoa (1997, p. 92), ele foi registrado na classe dos mais adiantados da aula de Música da instituição, onde tocava pistão. Dessa forma, Crescencio Antonio foi um dos primeiros profissionais ligados ao circuito de comunicação impressa identificado como tendo adquirido sua formação em Manaus. Onde se tornou mestre na oficina em que havia estudado no Estabelecimento dos Educandos Artífices.

Figura 25 – O Catechista com variações gráficas, a primeira em 1862 e as outras duas em 1863.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Em novembro de 1861 começou a circular o jornal *Chechéo*, que teve apenas quatro edições e do qual não se tem maiores informações. Em março do ano seguinte surgiu o quinto periódico da Província do Amazonas. Seu título também deu o nome à oficina tipográfica que o produzia – a **Typ. do Cathechista**, tendo como diretor João Antonio Pará. Tinha como endereço a travessa da Olaria, número 5, piso superior, pois uma sapataria que anunciou no jornal indicou assim a sua localização: “nas lojas por baixo da Typographia do Catechista”. No cabeçalho do jornal, logo abaixo de seu título, indicava sua posição como “Folha Commercial, Noticiosa e Analytica”. Sua configuração gráfica não era muito diferente da de seu concorrente, o *Estrela do Amazonas*, com duas colunas de texto, uso de fios em suas quatro páginas de 21 x 31 cm. Circulava uma vez na semana, aos sábados e, eventualmente, em outros dias.

Em seu segundo ano de funcionamento, *O Catechista* alterou os tipos de seu título, mantendo a estrutura gráfica anterior (Fig. 25). Já em outubro de 1863 houve uma transformação com a mudança de seu formato, que passou a ter 30 x 40 cm.⁶³ Sua mancha gráfica maior foi organizada em três colunas, com uso de fios e, eventualmente, empregando notas de rodapé e capitular. Para essa alteração no tamanho da folha do jornal a oficina precisou de uma prensa tipográfica maior, assim como de outros materiais de composição, de papel e outros. O jornal circulava dobrado ao meio e, nos primeiros anos de vida, tinha como seções: “O Catechista”, “A Pedido”, “Edital” e, como última seção, “Avizos Diversos”.

⁶³ Santos et al. (1990, p. 51) afirma que essa mudança de formato ocorreu a partir da edição 93, de 26 de dezembro, mas dois meses antes, já na edição 81, de 3 de outubro, as alterações tinham ocorrido.

A partir de 1863, a oficina tipográfica do *Catechista* começou a compor seus anúncios com um estilo gráfico diferente do texto dos artigos. Inicialmente, utilizou famílias tipográficas variadas, compostas ora em negrito, itálico, caixa alta, versalete, ou em tipos de corpo maior. Depois os recursos gráficos dos anúncios do jornal se diversificaram com o uso de composições circulares, cercaduras, vinhetas para ocupar e, principalmente, se destacar na última página do jornal (Fig. 26), que se viu carregada de tintas e vozes gritando, tipograficamente, seus produtos e serviços. Incluindo, em 21 de janeiro de 1865, um anúncio composto em página inteira da loja Estrella do Norte (Fig. 26). Com considerável atraso, essa variação do discurso gráfico para criar distinções e atrair a atenção do leitor pode ser lida como um indício de uma maior valorização do anúncio como veículo para divulgar produtos e serviços.

Em outubro de 1863, depois de 12 anos, o *Estrella do Amazonas* deixou de publicar o expediente do governo, demanda que *O Catechista* assumiu. Com o rompimento do contrato que tinha com o governo, a Typ. de Francisco Silva Ramos deve ter se visto em apuros por perder a verba regular que recebia para imprimir e dar publicidade aos atos oficiais. O constante atraso na publicação do expediente parece ter sido o principal motivo do rompimento do contrato. E, mesmo com as reiteradas reclamações, a situação permanecia inalterada. A oficina tipográfica de Francisco da Silva Ramos não havia investido em um prelo que permitisse a impressão de um formato maior de seu jornal, somente em 1864, de acordo com Artur Reis (1989, p. 208), o seu formato foi ampliado.

Figura 26 – Diversos anúncios publicado n’*O Catechista*



Fonte: Composição do autor feita a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Além disso, as edições e folhetos oficiais começaram a ser publicadas em oficinas tipográficas de outras províncias desde o ano de 1863. Como o *Relatório... de 1862*,⁶⁴ que foi produzido na Typ. de Frederico Carlos Rhossard, do Pará. A falta de condições das duas oficinas em atender tal demanda fez com que o governo provincial amazonense buscasse alternativas. Então, essa demanda para a impressão de edições e de folhetos oficiais foi atendida por Typographias do Pará, do Maranhão e, sobretudo, de Pernambuco.

Ao assumir o expediente oficial, *O Catechista* teve de se explicar para os seus leitores dizendo que, apesar dessa demanda do governo, ele mantinha sua independência editorial. Em nota publicada em 19 de dezembro de 1863, o editor reforçava essa separação ao declarar que a matéria publicada na seção “Parte oficial”, incluindo o expediente, seria de inteira responsabilidade das repartições públicas que a enviavam. Com esse arranjo o jornal ficava livre para publicar qualquer artigo que julgasse conveniente, “sem nisso ter a menor ingerencia o Governo da Provincia”.

E uma nota publicada n’*O Catechista*, na edição de 9 de janeiro de 1864, chama a atenção: “O abaixo assignado, declara, que desde 7 do corrente deixou de ser o responsavel do jornal *Estrella do Amazonas* pois nao esta disposto a sacrificar-se e a sua mulher e filhos, sem o menor interesse. Manaus 20 de Desembro de 1863. Francisco José da Silva” [sic]. O proprietário da oficina tipográfica que levava o seu nome, a mais antiga em funcionamento, informava, assim, seu desligando do jornal por causa das penosas condições que ele e a família passavam.

Já pela leitura da edição 98 d’*O Catechista*, de 10 de janeiro de 1864, ficamos sabendo da passagem do fotógrafo Eduardo José de Souza pela cidade de Manaus. E na edição de 16 de abril de 1864, o semanário trouxe o bem humorado aviso: “Deixem de Graças”, onde o dono de uma edição perdida há onze meses pedia a sua devolução e explicitava a sua intenção:

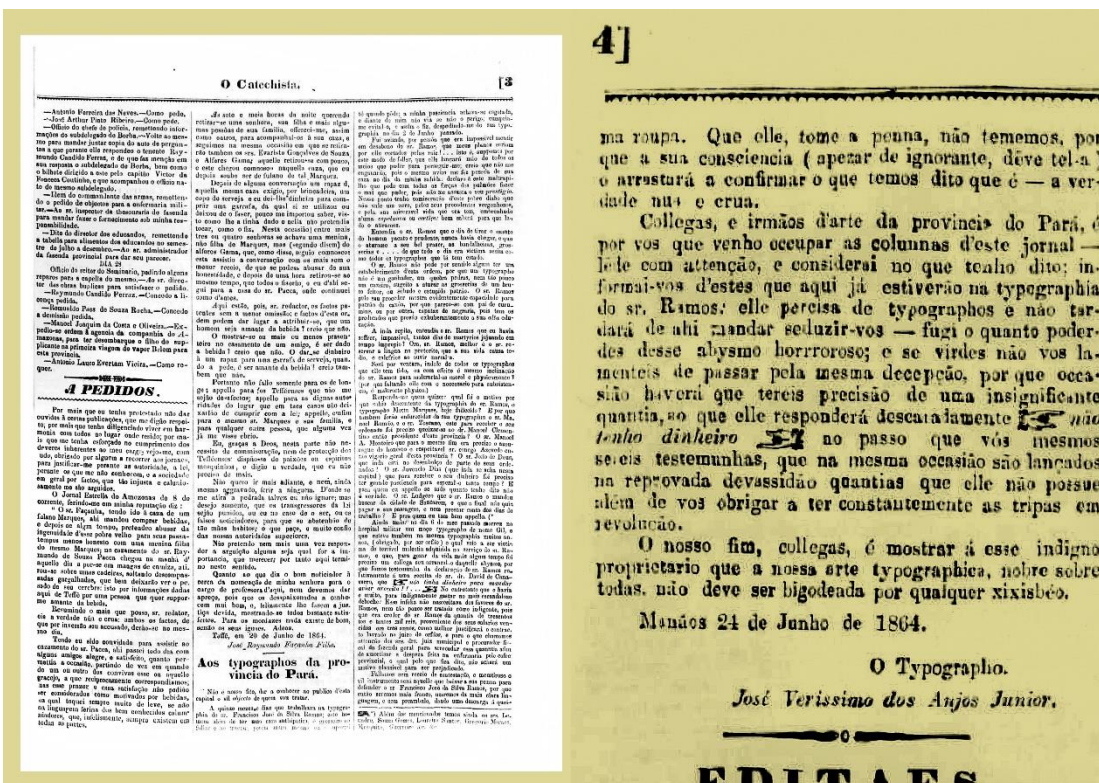
Deixem de Graças. Pede-se á pessoa, que por engano levou do hotel União, um livro com o titulo – *Colar da Rainha* – a bondade de o mandar entregar nesta Tipographia pois á 11 meses que se enganou já tem tempo de dar á luz o fructo de tal gracejo e se o não fizer, nós bem o conhecemos e não seremos mais condescendestes occultando seu nome. Deixaremos de assim o fazer, se deixar o mesmo livro no lugar indicado ou d’onde o tirou.

Em outra passagem inesperada publicada no jornal viu-se um pouco do interior da oficina de Francisco da Silva Ramos no relato publicado n’*O Catechista*, de 2 de julho de 1864, um artigo com o título de “Aos typographos da provincia do Pará” (Fig. 27). Era assinado da seguinte forma: “O Typographo. José Verissimo dos Anjos Junior”, que havia sido demitido há

⁶⁴ *Relatorio apresentado á Assemblea Legislativa da Provincia do Amazonas pelo Exm.º Senr. Dr. Manoel Clementino Carneiro da Cunha presidente da mesma provincia na Sessão Ordinaria de 3 de Maio de 1862*. Pará: Typographia de Frederico Carlos Rhossard, 1862.

pouco mais de um ano, em 2 de junho de 1863, da oficina de Francisco José da Silva Ramos, seu antigo patrão foi caracterizado como tendo uma cara antipática e muito grosseiro no falar e no trato diário. E, falando com “comiseração” em outro trecho do artigo, disse que seu patrão era um “pobre diabo” que morava miseravelmente em uma “espelunca ou cortiço”, embora mantivesse a aparência de homem pacato e prudente.

Figura 27 – O relato do tipógrafo José Verissimo composto na seção “A Pedidos” d’O Catechista, em detalhe o final, com destaque para a fala “não tenho dinheiro” entre vinhetas.



Fonte: Composição do autor feita a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O tipógrafo José Verissimo afirmou ter sido avisado que, ao denunciar o “sr. Ramos”, este usaria de todos os meios para persegui-lo. Dizia não temer represálias, já que “o suportei até quando pôde, a minha paciência achava-se esgotada, e diante de mim não via se não o perigo, cumpriam eventual-o, e assim o fiz, despendendo-me de sua typographia”. Essa denúncia era um gesto desesperado diante das seguidas “bandalheiras, grosserias e de que todo dia era vítima assim como todos os typographos que lá tem estado”. Os quatro pontos seguidos devem ser para representar as ofensas que não poderiam ser nomeadas à vista de todos, feitas pelo “estúpido patrão”. Francisco José da Silva Ramos, segundo esse relato, teria uma conduta violenta para tratar com os tipógrafos que estavam a serviço de sua oficina, seus modos são com-

parados aos de um “bruto feitor”. E o tipógrafo disse ainda que ele tinha um jeito “mais adequada a tratar com patrão de canôa, por que parece-se com pai de curumins, ou por outra, capataz de negraria, pois tem os predicados de provão exuberantemente a sua *alta* educação”.

Assim, o trabalho na oficina é comparado a um serviço desumano e também violento, sendo por isso mesmo associado pelo tipógrafo às tarefas feitas por indígenas e pelas pessoas que foram escravizadas. Certamente não era o tratamento que um trabalhador gráfico esperava, pois os tipógrafos eram instruídos e tinham treinamento técnico para desempenhar suas funções, vistas por eles como uma arte. É importante lembrar que, antes desse artigo, não se tinha nenhum registro dos profissionais que trabalharam na oficina dos Silva Ramos, da primeira de Manoel, até 1856, depois assumida por seu irmão, Francisco José, o objeto desta denúncia. O texto feito com palavras duras é também importante por dar voz aos invisíveis tipógrafos da Província do Amazonas. José Verissimo relembra os colegas que passaram pela oficina e tiveram a mesma dificuldade de receber seus salários:

Responda-me quem quiser qual foi o motivo por que sahio descontente da typographia do sr. Ramos, o typographo Motta Marques, hoje fallecido? E por que tambem forão enfurecidos da sua typographia o sr. Manoel Romão, e o sr. Toscano, este para receber o seu ordenado foi preciso quixar-se ao dr. Manoel Clementino então presidente d'esta provincia? O sr. Manoel A. Monteiro que para o mesmo fim era preciso azourague do honesto e respeitavel sr. conego Azevedo então vigario geral d'esta provincia? O sr. João de Deus, que ainda está no desenbolso de parte de seus ordenados? O sr. Juvencio Dias (que ainda se acha nesta capital) que para receber o seu dinheiro foi preciso ter grande pasciencia para esperal-o tanto tempo? E para quem eu appello se tudo quanto tenho dito não é verdade. O sr. Ludgero que o sr. Ramos o mandou buscar da cidade de Santarem, o que a final não quiz pagar a sua passagem, e nem prestar conta dos dias de trabalho? E para quem eu tam bem appello. (O CATECHISTA, de 2 de julho de 1864).

No artigo citado há ainda uma nota de rodapé nomeando outros trabalhadores gráficos que não haviam sido listados: “srs. Leandro, Souza Gomes, Loureiro Santos, Gregorio Moraes, Mesquita, Guerreiro &c &c”. O conteúdo dessa denúncia se destinava aos tipógrafos do Pará, onde Francisco José estava buscando profissionais gráficos, por essa razão, os colegas paraenses estavam sendo avisados do que os esperava, caso aceitassem a proposta de trabalho. Bem pior parece ter sido a rotina dos aprendizes, geralmente crianças e jovens que faziam trabalhos repetitivos, muitas vezes pesados, em troca de baixo salário e de treinamento profissional. Gil, segundo o mesmo artigo do tipógrafo José Verissimo, era o nome do jovem órfão que trabalhou na Typ. de Francisco da Silva Ramos havia alguns anos. Ele teria falecido no hospital militar local em decorrência de “alguma moléstia adquirida no serviço do Sr. Ramos” e, ainda segundo o relato, quando o jovem Gil precisou aviar uma receita prescrita pelo médico, o patrão teria dito que não tinha dinheiro para pagá-la. Quando, na verdade, ele devia a Gil o salário de três

anos, que não haviam sido pagos, mas que este compromisso estava devidamente registrado junto ao juizado dos órfãos. José Verissimo pediu ainda para que essa dívida fosse cobrada pelas autoridades competentes.

Por fim, o tipógrafo pede aos colegas paraenses para que estes não se deixassem seduzir pelas ofertas de trabalho do Sr. Ramos para, depois, não se lamentarem ao terem as “tripas em revolução” ao ouvirem do patrão um “não tenho dinheiro” quando lhe forem cobrar os seus salários. Essa última fala é destacada no artigo, aparecendo entre duas vinhetas de mão apontando (Fig. 23), dando a entender ser essa uma frase repetida por Francisco da Silva Ramos.

Fechando a janela do artigo e do estabelecimento gráfico amazonense, descrita por José Verissimo, concluiu ele: “O nosso fim, colegas, é mostrar á esse indigno proprietário que a nossa arte typographica, nobre sobre todas, não deve ser bigodeada por qualquer xixisbéo”. Mesmo não entendendo o sentido correto desse xingamento, deve-se concordar com o tipógrafo quando este faz a defesa de sua categoria profissional, percebida não como sendo a de operários braçais a operar máquinas, mas como a de orgulhosos artistas cientes de sua tradição e de seu importante papel na difusão dos ideais de progresso e civilização.

Na edição seguinte de *O Catechista*, de 9 de julho de 1864, dois tipógrafos que haviam sido citados no artigo de Jose Verissimo – Juvencio Antonio Dias e Ludgero Francisco Pereira e Souza – assinam uma nota conjunta, dando uma resposta à denúncia do colega. Embora se tenha encontrado dificuldades para ler o exemplar digitalizado com o artigo, é possível afirmar que ele corrobora o que foi descrito no artigo anterior. Ao dizer “que elle não se affasta da pura verdade” e que o retrato pintado por José Verissimo ainda poderia ter tons mais fortes para fazer justiça “á vida do sr. Francisco José da Silva Ramos”.

O proprietário da oficina tipográfica é citado logo abaixo do artigo, em nota, como estando em apuros para juntar provas de que havia mandado aviar a receita pedida pelo médico para tratar do “infeliz typographo Gil Fernandes de Souza”. A breve nota encerra dizendo que o único tratamento que o jovem órfão recebeu do Sr. Ramos foi apenas “mel puxado do peito, feita pela curandeira Angela Maia”, e assina, maldosamente, como “O orfão lesado”. O que sugere que a denúncia do tipógrafo estava causando inconvenientes ao antigo patrão, que se achava na posição de ter que se defender da acusação de ter explorado e negado socorro ao jovem tipografo Gil Fernandes.

Depois foram poucas as notícias que tivemos de Francisco José da Silva Ramos. Seu nome apareceu em uma lista de cidadãos votados para vereadores em 1864; contudo, ele não foi eleito. E, no mesmo período, também parece ter ocupado – ironicamente – o cargo de “Juiz de Orphaõs”, sendo tal nomeação comentada em uma nota intitulada “Uma Perguntita”, publicada

n’*O Catechista* de 24 de dezembro de 1864. Seu tom era de indignação, sua intenção foi a de perseguir e expor: “Pergunta-se a certo individuo que reside nesta capital chamado Francisco José da Silva Ramos que por infelicidade e desgraça do Amazonas [...] exerceu alguns dias malissima e porcamente o cargo de Juiz dos Orphaõs pela lei, [...]”. Assinou “O muruim”, mas talvez esse petulante mosquito tenha sido um certo tipógrafo que havia denunciado desonrosas condições de trabalho de sua oficina tipográfica. José Verissimo dos Anjos Junior, o denunciante, conseguiu trabalho n’*O Catechista*, onde foi registrado como impressor em alguns números do jornal.

No ano seguinte, em 26 de outubro de 1865, falecia Francisco José da Silva Ramos. Segundo J. B de Faria e Souza (1908, p. 10), sua oficina continuou funcionando sob o comando do editor Pedro Celestino da Silva Ramos, tendo como impressor Olympio Simfronio da Silva Ramos e, depois, Manoel José Zuany de Azevedo. Chama a atenção a coincidência dos sobrenomes dos dois primeiros, os mesmos de Francisco José – Silva Ramos, seriam seus filhos? Quanto à posição de editor e de impressor, foram eles formados na oficina ou estavam apenas ocupando provisoriamente esses cargos para manter o empreendimento funcionando? Seja como for, a oficina tipográfica encerrou suas atividades no ano seguinte. O jornal *Estrella do Amazonas* foi composto, impresso e colocado para circular pela última vez no sábado, dia 30 de junho de 1866.

Os negócios referentes ao espólio de seu proprietário foram sendo resolvidos e sua oficina tipográfica terminou por ser arrematada por Antonio da Cunha Mendes de acordo com Faria e Silva (1908, p. 10). Assim, depois de quinze anos se encerravam as atividades da primeira oficina tipográfica do Amazonas, que, nesse período, foi de Manoel e depois passada a seu irmão Francisco José. Apagava-se a luz do *Estrella*, mas seu maquinário, tipos e demais materiais iriam fazer parte de outro empreendimento e continuariam a imprimir as páginas da história e da vida da Província do Amazonas, só que tendo outro dono, orientação e história. Foram formar a quarta oficina tipográfica que identificamos, a **Typ. do Monarchista**, que, em julho do mesmo ano, fez sair o periódico semanal *O Amasonas*, mesmo nome da província, só que escrito de forma incomum, com um “s” no lugar usual do “z” em Amazonas. Segundo o levantamento de Santos et al. (1990, p. 34-35), esse foi o mais longo periódico amazonense, circulando até 1921.

Publicado uma vez por semana, o *Amasonas* dava, nos seus números iniciais, um grande destaque em seu cabeçalho ao nome do seu editor e proprietário – Antonio Cunha Mendes. Em 1851, Antonio já tinha uma oficina com seu nome funcionando no Pará, de acordo com Fernanda Martins (2017, p. 99). Em 1853 sua oficina era a Typ. d’A Violeta, que produziu um jornal de

mesmo nome. E entre 1855 e 1857 há registro de sua atuação em Santarém, no Oeste do Pará, onde funcionou uma oficina tipográfica da qual ele tinha sociedade e que, nesse período, publicou o jornal *O Tapajoense*. Portanto, Antonio da Cunha Mendes tinha uma grande experiência atuando na província vizinha. Na capital do Amazonas, ele parecia ter bons contatos, pois seu jornal passou a atender a importante demanda de publicação do expediente do governo local a partir do número 12 de seu jornal, o que certamente também lhe trouxe desafetos.

Figura 28 – Mudanças no cabeçalho do periódico semanal *Amazonas*, de 1866 a 1869.



Fonte: Composição do autor feita a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

No ano seguinte (1867) ele se envolveu em uma polêmica, com acusações publicadas no *Catechista* de que ele exercia ilegalmente a função de editor, o que seria vedado a estrangeiros. Ele era acusado de ter infringido a lei por ter nacionalidade portuguesa. Para se defender, assinou um artigo na edição de 23 de maio de 1867 do *Amazonas* em que afirmava não ter exercido a posição de redator em nenhum dos jornais que produziu. Ele se apresenta como “typographo” e assevera que, embora nascido em Portugal, possui cidadania brasileira. Apesar da polêmica, sua folha semanal trouxe diversas inovações gráficas e, principalmente, editoriais nas suas quatro páginas, sofrendo ainda muitas modificações em sua primeira página (Fig. 28).

A edição do *Amazonas* de 26 de outubro de 1866, trouxe indicações dos preços de vários produtos que eram praticados na “praça do Pará” informados em seu “Boletim Commercial”. Os produtos registrados foram: quatro tipos de Borracha, cada um com um valor diferente por arroba, da fina, a mais cara, até borracha sernamby, mais barata. Trazia ainda os valores para o “Cacao, Cumarú, Castanha, Couros, Cravo em casca, Carne secca, Estopa, Manteiga de tartura, Mixira, Oleo de Cupayba, Piassaba em rama e em obra, Pirarucú, Salsa, Sebo, Tabaco, Taboado de cedro”. Assim, percebe-se que as informações comerciais começavam a se fazer presentes e necessárias para orientar os negócios associados à exportação de produtos locais.

Ainda nessa edição do jornal havia um anúncio da “Typographia do Amazonas”, que dizia estar “convenientemente montado, e habilitado a receber toda e qualquer obra typographica, empregando-se esmero e precisão d’arte de modo a serem as obras acabadas com nitidez e aceio”. A oficina tipográfica do jornal *Amazonas*, em seu décimo oitavo número, já oferecia seus serviços gráficos, demonstrando uma postura mais dinâmica e comercial do que os outros jornais do período. Também perceptível na constante mudança do cabeçalho do seu jornal, pelo menos três vezes em seu primeiro ano de funcionamento, incluindo a grafia de seu título para *Amazonas* (Fig. 28).

Na edição de 31 de outubro de 1866 do jornal se encontrou outra novidade: uma nova seção chamada “Folhetim”, com o interessante subtítulo “Original do Amazonas”. Apesar do título, a seção não trazia uma novela ou romance publicado em partes, como se poderia imaginar. Ainda assim, seu autor – Baré Manau⁶⁵ – se dirigia aos seus “amáveis leitores” e dava algumas notícias locais variadas. Encerrava dizendo que, no dia seguinte, é dia de todos os santos e “por isso vou já me preparar para ir ao cemitério. – Até lá, caros leitores”. Essa seção não manteve a regularidade de sua publicação, saindo poucas vezes posteriormente.

A Officina Typographica do *Amazonas* se apresentou de forma eloquente em anúncio de página inteira da edição de 28 de novembro de 1866 de seu jornal (Fig. 29). Informava seu endereço e se dirigia aos “Srs. Chefes das repartições publicas, ao Corpo do Commercio, e ao publico em geral”. Destacava a variedade de seu material gráfico, com tarjas novas, linhas, vinhetas e muitos tipos de fantasia que “tanta elegância produzem nos titulos das edições”.

⁶⁵ Segundo J. B de Faria e Souza (1908, p. 64), este seria o pseudônimo de Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, o qual, nesse mesmo número do *Amazonas*, assina com seu nome um poema chamado “Dia de Finados”, retirado do jornal literário paraense *Grinalda*.

Figura 29 – Anúncio de página inteira publicado no número 28 do *Amazonas* (1866).

AMAZONAS

OFFICINA TYPOGRAPHICA DO AMAZONAS.

RUA CINCO DE SETEMBRO--MANAOS.

O Editor e proprietário deste Estabelecimento Typographico tem a honra de participar aos Srs. Chefes das repartições publicas, ao Corpo do Commercio, e ao publico em geral, que se acha premunido de todo o material preciso para obras de algarismos, e outras, tarjas novas, linhas, vinhetas, e um variado specimen de typos de phantasia, que tanta elegancia produzem nos titulos das edições. Espera por tanto o concurso de todos, que o quizerem honrar com sua confiança, certos de que tomará a grata tarefa de envidar os seus cuidados artisticos para o bem acabado das obras.

Tem constantemente chapas preparadas, ou se preparam com maxima brevidade, para a tiragem dos seguintes impressos, a saber:

<p style="text-align: center;">CONHECIMENTOS DE TALÃO PASSAPORTES CARTAS PARA ENTERRO DIRECÇÕES PARA Balsamo Philantropico DIRECÇÕES PARA OPODDLEDOCH</p>	<p style="text-align: center;">PROCURAÇÕES OBRIGAÇÕES LETRAS DE TERRA E DE CAMBIO FIXAS E VALES CONHECIMENTOS MANIFESTOS E DESPACHOS MAPAS PARA A GUARDA NACIONAL, E OUTROS</p> <hr style="width: 20%; margin: 10px auto;"/> <p style="text-align: center;">ROTOLOS SORTIDOS CARTA DE 1.^o LETRAS TABOADAS</p>
---	---

*O proprietario deste estabelecimento julga razoavel declarar, que a sua longa vida de artista he a garantia mais segura, que pode offe-
recer no desempenho dos encargos, que se lhe fizerem.*

*Alem do material typographico que enriquece este estabelecimen-
to, ainda o proprietario possui em Santarem outra typographia, on-
de se imprime o Monarchista, tambem em optimas condicções de fa-
zer toda e qualquer obra com nitidez e mestria d'arte.*

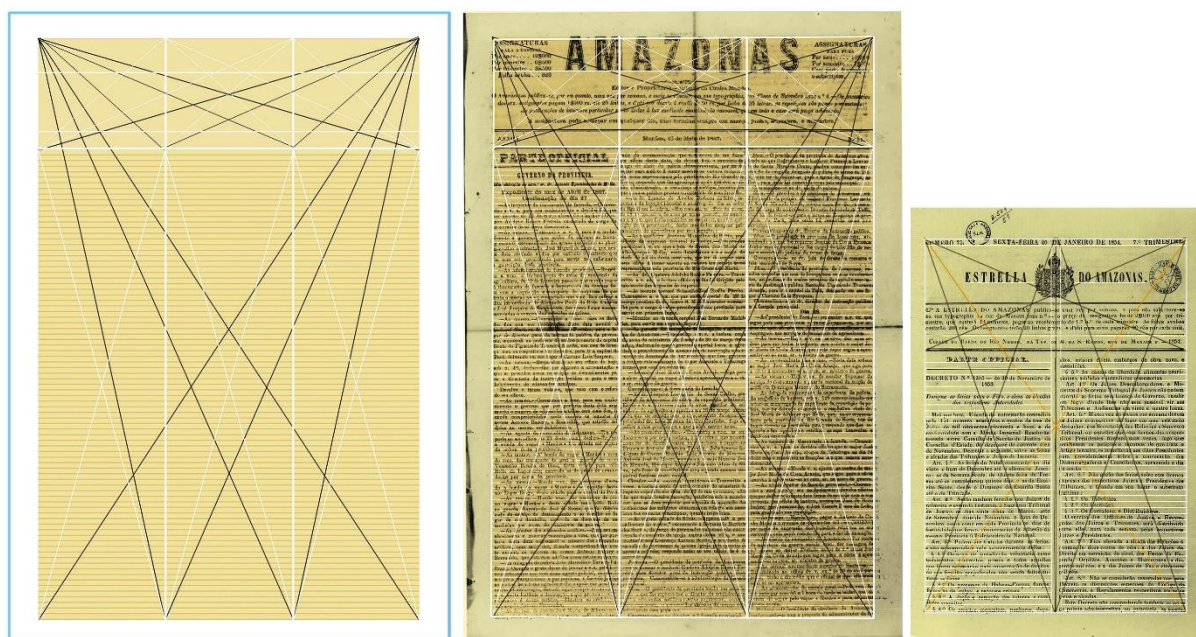
Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Esse bem composto anúncio reforçava que a oficina do jornal *Amazonas* era digna de confiança ao empregar “seus cuidados artisticos para o bem acabado das obras”. E, dentre os exemplos listados de impressos efêmeros, havia procurações, talão, conhecimentos, cartas para enterro, além de “rotolos sortidos, carta de primeiras letras e taboadas”. Para conquistar a confiança dos clientes, o proprietário dava como garantia a sua longa experiência na área, apoiado

no seu rico material tipográfico e em outra oficina que ele possuía em Santarém, no Pará. Dessa forma, ele oferecia duas frentes de trabalho com amplas condições de assumir as encomendas que fossem pedidas. A então mais nova oficina tipográfica local marcou seu território, apresentou suas armas gráficas e técnicas para conquistar novos serviços.

Todos os exemplares digitalizados que foram consultados do jornal *Amazonas* apresentavam uma marca de dobra no meio ou em cruz (Fig. 26), indicando que, para circular e depois serem guardados, suas páginas tiveram de ser dobradas. Seu tamanho, segundo registro da Biblioteca Nacional, seria de 32 x 46 cm; Faria e Souza (1908, p. 64), entretanto, anotou 30 x 41 cm. E o catálogo de jornais organizado por Santos et al. (1990, p. 34) informa que a folha tinha tamanhos de 40 x 60 cm e 39 x 56 cm, sem indicar o ano dessa mudança. Seja como for, seu formato ampliava consideravelmente o espaço, que foi então organizado em três colunas.

Figura 30 – Diagrama da primeira página do *Amazonas* [1867] e comparação com o tamanho do *Estrela do Amazonas* [1852].



Fonte: Composição do autor.

O diagrama acima foi construído a partir da edição do *Amazonas* de 23 de maio de 1867, utilizando como referência o tamanho registrado pela Biblioteca Nacional, nele, foram ressaltados linhas que orientaram a organização de sua composição gráfica (Fig. 30). A título de comparação, tanto de tamanho como de organização gráfica, inseriu-se ao lado o diagrama do *Estrela do Amazonas*, ambos em escala. Dessa forma, pode-se visualizar essas mudanças, tanto

de proporção como de composição gráfica trazida pelo jornal *Amazonas*. Mesmo com apenas uma edição semanal do jornal, o expediente oficial do governo da província do Amazonas conseguiu ser publicado em dia em razão do formato maior do jornal. Ele também possibilitou mais espaço para as outras informações, e sua composição gráfica sofreu adaptações e mudanças.

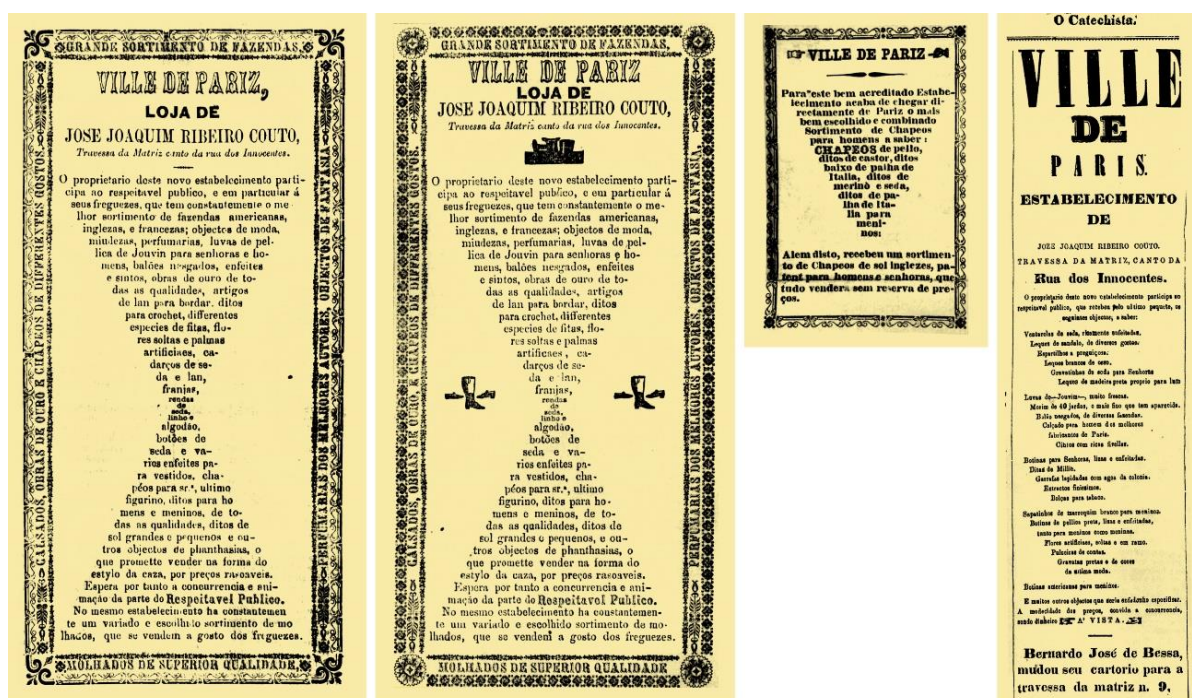
Desde 1862 várias edições oficiais estavam sendo encomendadas a oficinas tipográficas de outras províncias. Como o *Relatório...* de 1866,⁶⁶ produzido pela Typographia do Jornal do Recife. A estratégia da oficina do Amazonas, ao demonstrar sua capacidade técnica, material e ressaltar sua experiência, parece ter funcionado, pois as edições oficiais voltaram a ser publicadas a partir de 1867 por uma oficina local, justamente a do jornal *Amazonas*. Nesse jornal, a seção dos anúncios também trazia novidades e melhoramentos.

Alguns curiosos anúncios de um novo estabelecimento comercial da cidade – Ville de Pariz, de Jose Joaquim Ribeiro Couto, foram impressos no jornal. A loja anunciava tecidos, chapéus, sapatos, joias e “perfumaria dos melhores autores”, deixando claro, em seu nome, a referência à cultura francesa. Assim, a distante e pequena capital da Província do Amazonas, de nome indígena, era seduzida pela proximidade com os produtos oferecidos pela loja em seus anúncios. Estes foram compostos de forma incomum para os padrões locais da época e conseguiram criar uma identidade gráfica facilmente reconhecível e que foi adaptada em outras duas ocasiões no *Amazonas*.

O primeiro anúncio que foi identificado no *Amazonas* data de julho de 1869 e se organiza a partir de uma moldura ornamentada, contendo algumas frases em suas laterais. Tem, ao centro, a lista de produtos vendidos na Ville de Pariz, composta na forma de uma ampulheta (Fig. 31) e com uma pequena modulação no tamanho dos tipos. O anúncio foi repetido e sofreu algumas modificações. Em setembro do mesmo ano recebeu uma nova decoração na moldura, a lista de produtos seguiu igual e o acréscimo de três vinhetas. Por fim, em outubro de 1870, o anúncio da loja aparece em uma versão reduzida, mas mantendo parte do estilo das composições anteriores, reconhecível na moldura e na forma de composição do texto. Esse cuidado e refinamento com a composição dos anúncios da Ville de Pariz, no jornal *Amazonas*, foi uma exceção, mas demonstrava a capacidade do compositor e dos materiais gráficos da oficina que ele tinha a seu dispor.

⁶⁶ *Relatorio Com que o Exm. Snr. Antonio Epaminondas de Mello entregou a administração da Provincia do Amazonas Ao Exm. Snr. Dr. Gustavo Adolpho Ramos Ferreira vice-presidente da mesma Em 24 de junho de 1866*. Recife: Typographia do Jornal do Recife, 1866.

Figura 31 – Anúncios da loja manauara Ville de Pariz [de 1869 a 1870], os três primeiros no jornal *Amazonas* e o quarto n' *O Catechista*.



Fonte: Composição do autor feita a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Nesse período já estava em funcionamento a **Typ. da Voz do Amazonas**, que ficava na Rua do Imperador, o jornal que publicava começou a circular dia 17 de outubro de 1866, às quartas-feiras e aos sábados. A partir de seu oitavo número entra o nome de seu proprietário – João Marcellino Taveira Páo Brazil, no lugar do editor. Sua composição gráfica era simples, com 3 colunas, uso de fios e sem vinhetas, além de não conferir nenhuma ênfase ou utilizar outros recursos para compor os seus anúncios. Com a proximidade do final do ano, observamos que várias casas comerciais anunciavam o mesmo produto – “folhinhas” para o ano de 1867, alguns junto com almanaques, demonstrando que esses impressos tinham procura.

Em sua edição de 7 de janeiro de 1867, o artigo que abre *A Voz do Amazonas* fala da inauguração da Sociedade Dramática Thalia e afirma a importância desse “benefício da civilização” ainda novo em Manaus. A primeira noite de apresentações teria a sala cheia das “famílias mais distintas, e as autoridades de toda a graduação”, todos mantendo a decência e nos seus “semblantes a aletria e satisfação”. Um dos participantes dessa sociedade dramática foi Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha,⁶⁷ que, nesse mesmo número, em uma nota no final do

⁶⁷ Filho do primeiro presidente da província do Amazonas e neto do poeta Bento Figueiredo de Terreiro Aranha, ele foi um dos principais nomes da imprensa local, tendo atuado em diversos periódicos, inclusive sendo proprietário da Typ. da Província.

jornal, ele pede para que quem encontrou o seu “drama inedito”, chamado *Prejuizos sociaes*, que o devolva em sua casa ou nessa typographia. Essa companhia de teatro anunciou em vários jornais do período e seus anúncios se distinguiram dos demais pelo destaque dado aos títulos dos espetáculos, sempre em corpos grandes.

Embora de propriedade de João Marcellino Taveira Páo Brasil, a oficina tipográfica mudou de endereço e passou a funcionar na Typ. Monarchista de Antonio Cunha Mendes, dono do jornal do *Amazonas*, na rua 5 de setembro, n.º 4. Essa mudança também ficou visível no novo arranjo gráfico do jornal, que encerrou sua jornada após cerca de seis meses de atividade. Seu término foi anunciado no *Amazonas* de 4 de abril de 1867, que informava da reunião da oficina da *Voz do Amazonas* com a sua. Dessa forma, a oficina tipográfica do Amazonas deveria ser a maior em atividade no período, pois havia incorporado equipamentos e materiais de duas oficinas, a de Francisco de Silva Ramos e a d’*A Voz do Amazonas*, além de ter uma unidade em Santarém.

2.2.1 Dois retratos

A passagem do casal Louis e Elizabeth Agassiz pelo Brasil, entre 1865 e 1866, incluindo sua passagem pelo Amazonas, foi publicada com um relato detalhado na edição *A Journey in Brasil*, de 1867. Louis Agassiz tinha origem suíça, mas era um cientista reconhecido nos EUA, de onde partiu sua expedição, acompanhado pela esposa, por um desenhista e outros assistentes. Essa viagem ficou conhecida como Expedição Thayer, nome do patrocinador norte-americano. Como cientista, a visão de Agassiz era contrária àquela defendida por Charles Darwin em seu livro *A origem das espécies*, que havia sido publicado em 1859. Segundo Kury (2001), o cientista norte-americano “buscava encontrar o plano de criação do mundo a partir das observações sobre a distribuição dos peixes nos mares e rios, inclusive os peixes fósseis”. E esse plano em que cada ser vivo teria um lugar pré-determinado seria obra de Deus. No livro, temos o relato dos desdobramentos dessa pesquisa no território brasileiro acompanhados de descrições detalhadas e, muitas vezes, cativantes do modo de vida nos diversos lugares visitados pelo casal.

Embora a fala de Agassiz seja objetiva no texto do livro e esteja amparada em sua autoridade como experiente pesquisador, é a voz de Elizabeth que hoje se ouve com maior interesse. Na primeira passagem da expedição por Manaus, a capital da província do Amazonas é sumariamente descrita como “uma pequena reunião de casas, a metade das quais parece prestes a cair em ruína” (AGASSIZ, 2000, p. 196). Em outra passagem, já de outra estadia na cidade, identificada no livro como “Cenas da vida indígena. 18 de novembro”, eles observam que ao

percorrer a cidade, seja qual for a direção que se tome, é impossível fazer isso sem “que não se observe um traço característico dos habitantes da terra e de seus costumes” (AGASSIZ, 2000, p. 274). O casal descrevia, assim, uma cidade em que a cultura indígena era ainda dominante

Em um dos trechos amazônicos narrados no livro, os Agassiz estavam próximos à Vila Bela e relataram a surpresa pelo grande interesse que seus livros e cadernos despertaram no casal que os hospedava, bem como de seus filhos. O marido e anfitrião era José Antonio Maia, que coletava espécimes para a pesquisa de Agassiz. Segundo um relato do cientista (2000, p. 190), em um certo dia ele foi silenciosamente observado enquanto lia junto a uma janela. Percebeu a aproximação de José Antônio com a sua mulher, os quais lhe perguntaram se, por um acaso, ele não teria “algumas folhas de um livro velho, já fora de uso, ou mesmo um pedaço de jornal para lhe deixar quando me fosse embora” (AGASSIZ, 2000, p. 190). Ele explicou que “antigamente” sabia ler um pouco e pensava em recobrar a habilidade exercitando a leitura. E ficou entristecido quando Agassiz lhe explicou que todos os seus livros eram escritos em língua inglesa. João, então, lhe disse que gostaria muito que seus filhos fossem à escola. Esse é um rápido *retrato* da dificuldade de acesso à educação nas localidades do interior da Amazônia no século XIX, assim como do restrito alcance que os impressos produzidos na região conseguiam, visto que nem uma simples folha impressa, página de jornal ou uma cartilha, podia ser encontrada com alguma facilidade. O desfecho desse marcante relato acontece em Manaus.

No livro o casal Agassiz descreve uma visita que fez a uma escola para crianças indígenas na cidade. Eles então ficaram admirados pela “aptidão que essas crianças manifestam pelas artes civilizadas, para as quais se mostram tão pouco hábeis os nossos índios da América do Norte” (2000, p. 197-198). Essa escola, embora não seja identificada como tal, parece ser o Estabelecimento dos Educandos Artífices, pois o relato descreve que havia uma grande oficina de torneiro e marceneiro, dentre outras. Prosseguindo a visita, eles ficaram surpresos ao saber que algumas crianças que ali se encontravam haviam sido separadas dos pais, retiradas de etnias consideradas selvagens. E, ao se depararem com uma espécie de cela, com grossas grades de ferro, questionaram o seu uso. Com a maior naturalidade, o casal foi informado que, algumas vezes, a instituição precisava “arrancar a criança a uma condição selvagem e degradada; pois a civilização, mesmo imposta pela força, é preferível à barbarie” (AGASSIZ, 2000, p. 197-198).

Ao concluir essa visita, eles relataram a sorte que tiveram ao encontrar um padre francês que forneceu a Agassiz alguns livros elementares em português para que ele pudesse remeter a João Maia. E também haviam encarregado o religioso de cuidar para que o filho de João fosse admitido na escola que o padre dirigia e “onde são recebidas as crianças pobres” (AGASSIZ, 2000, p. 198). Apesar dos bons modos e das amáveis intenções do casal nesse episódio, sobressai

no livro a questão racial abordada em diversas passagens, assim como a ideia da miscigenação como degeneração.⁶⁸ Essas questões também estão presentes nas diversas fotos que tiraram no ateliê fotográfico montado por Agassiz em Manaus. Nesse período, a cidade já tinha registrado a passagem de fotógrafos e, em 1867, o jornal *Amazonas* anunciou um “Estabelecimento Photo-gráfico na casa do major Tapajoz”. Em 1864 Jose d’Souza anunciava, no *Catechista*, que continuava a tirar retratos, os quais, certamente apenas os mais abastados moradores da cidade podiam pagar pelo serviço.

Figura 32 – Fotografias da expedição de Agassiz em Manaus: alguns rostos da cidade.



Fonte: *Pesquisa Fapesp*, edição 175, de setembro de 2010.

Inicialmente, Agassiz e o fotógrafo improvisado Walter Hunnewell tiveram dificuldades em convencer indígenas e negros a posarem para serem fotografados. A razão era que estes acreditavam que “um retrato absorve alguma coisa da vitalidade do indivíduo nele representado e que está em grande perigo de morte aquele que se deixar retratar” (AGASSIZ, 2000, p. 265). Essa dificuldade inicial foi ultrapassada e eles fizeram diversas fotografias dos habitantes da cidade, incluindo moças de família que eram convencidas a posar despidas.

Essas fotos não aparecem na edição de 1867, nela constam desenhos de alguns tipos humanos e paisagens, todos impressos a partir de gravuras. Esse era o procedimento mais usual para a reprodução da imagem impressa, a imagem fotográfica servia de referência para um

⁶⁸ Na página 282, Agassiz comentar que impressiona ao a “fraqueza da população” mais acentuada nas províncias do Norte, pela presença numerosa dos indígenas, assim se refere em nota: “[...] Não lhes seria possível negar a decadência resultante dos cruzamentos que, neste país, se dão mais largamente do que em qualquer outro”.

desenho que era gravado em uma matriz de madeira ou metal para depois ser composta e impressa junto com o texto. Essas fotografias, tomadas a partir de um ponto de vista racista, hoje fazem parte do Museu Peabody de Harvard (Fig. 32) e, só mais recentemente, elas foram expostas e se tornaram objeto de estudo.⁶⁹

Apesar de ter havido incursões anteriores, a fotografia na Amazônia tem como um de seus marcos a série fotográfica feita pelo alemão Christoph Albert Frisch, que esteve na região por volta de 1867 como contratado de Georges Leuzinger. Esse suíço foi uma das figuras mais proeminentes das artes gráficas no Brasil a partir da metade do século XIX. Ele foi fotógrafo, tornou-se um importante editor e um grande empresário, sendo dono de vários estabelecimentos comerciais. A casa Leuzinger tinha amplo reconhecimento no Rio de Janeiro e foi premiada na Exposição Universal de Paris em 1867, recebendo menção honrosa pelo trabalho fotográfico. Nessa ocasião, as imagens amazônicas de Frisch também foram expostas e os franceses puderam observar o exótico Amazonas e sua “Ville de Manáos”.

Frisch tinha ótimo domínio da tecnologia fotográfica⁷⁰ e foi posto à prova ao realizar seu trabalho em diversos lugares da floresta, com toda a sorte de dificuldades possíveis. Um dos recursos utilizados por ele para conseguir a imagem desejada consistia em fotografar o elemento humano tendo um fundo neutro e depois montar sobre outra imagem do cenário desejado. Um folheto impresso pela Casa Leuzinger registra um conjunto de 98 fotos dessa incursão, nele havendo uma descrição de cada uma das imagens organizadas de acordo com o itinerário da viagem feita pelo fotógrafo (ANDRADE, 2013). Boa parte das fotos retrata indígenas de diversos grupos e a flora da região. Há ainda uma série panorâmica da capital da Província do Amazonas, suas cercanias e sua população (Fig. 33), dentre outras.

Essas imagens foram produzidas para serem comercializadas como um produto, um conjunto de vistas do distante Amazonas. Dessa forma, a imagem fotográfica da Amazônia começou a ser apresentada e vendida ao mundo e, mesmo que de relance, também foi possível ver outro *retrato*, não oficial, de Manaus e de sua população mais pobre. Viu-se essa parcela invisível da cidade, citada nos jornais quando acontecia algum crime. Seus rostos foram impressos pelo cientista americano e também nas vistas manauaras e faces indígenas registradas

⁶⁹ Ver HAAG, Carlos. As fotos secretas do professor Agassiz. *Revista Pesquisa Fapesp*, edição 175, set. 2010. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2010/09/04/as-fotos-secretas-do-professor-agassiz/>. Acesso em: 11 fev. 2020. As imagens foram expostas na 29.^a Bienal de São Paulo e deram origem ao livro *Rastros e raças de Louis Agassiz: fotografia, corpo e ciência, ontem e hoje*. Maria Helena Machado e Sasha Huber (Orgs). São Paulo: Capacete, 2010.

⁷⁰ De acordo com *Notícia da viagem do fotógrafo Albert Frisch (31/05/1840 – 30/05/1918) à Amazônia*. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/?p=5045> Acesso em 22 fev. 2020.

por um fotógrafo alemão para serem vendidas na capital do Império do Brasil, na loja de um comerciante suíço.

Figura 33 – Registros de A. Frisckh: panorama de Manaus; abaixo e à esquerda, montagem com indígena Umauá e, ao lado, uma família de “Tapuyas” na porta de sua casa.



Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Brasileira Fotográfica.

2.2.2 Voltando ao trabalho nas oficinas

O *Jornal do Rio Negro* foi um dos primeiros jornais produzidos diariamente, ou melhor, ele circulava todos os dias, “menos nos imediatos aos santificados” e sua primeira oficina – **Typographia de Moraes & Comp.**^a ficava na Rua de S. Vicente, n.º 12. Pouco tempo depois, o endereço era o mesmo, mas há uma mudança no nome da oficina para **Typographia de Mendes**, que depois mudou para Mendes & Filho. Provavelmente a Typ. de Moraes foi vendida a Antonio da Cunha Mendes, proprietário da oficina do jornal *Amazonas* e que já havia comprado outras oficinas.

Na edição de 12 de novembro de 1867 do *Jornal do Rio Negro* lê-se o aviso de que “A typographia do ‘jornal do Rio-Negro’ acha-se mudada para a rua Brazileira junto a do ‘Amazonas’”. Embora não afirme categoricamente que foi adquirida ou integrada à oficina do jornal *Amazonas*, de Antonio da Cunha Mendes, elas então compartilhavam o mesmo endereço e também um curioso anúncio. Em ambos os jornais, com a diferença de poucos dias, foi publicado um anúncio bastante chamativo, com o título de “!Atenção!”, em que Antonio João Fernandes da Rocha, “sócio do Pechinxa”, em tipos composto em corpo grande e negrito, pedia a devolução de livros:

áquellas pessoas, que tem em seu poder livros emprestados por elle, e outros levados de sua caza sem seu consentimento; entre eles Os Ciumes do Bardo, Archivo Pittoresco; poesias de F. X. de Novaes e outras obras, hajam de as restituir, pois tem tido tempo de sóbra as ler e reler. Por agora pede a restituição, e não o fazendo estampará seus nomes em letras gordas, como amantes do alheio. (JORNAL do Rio Negro de 12 de novembro de 1867).

Mesmo depois da primeira ameaça de expor em “letras gordas”, o infeliz leitor Antonio João teve de fazer nova cobrança pela devolução de seu semanário ilustrado português, o *Archivo Pittoresco* e suas duas edições de poesia, dentre outros. Em abril de 1868, o *Jornal Rio Negro* apresentou novas mudanças: de endereço, composição gráfica e sua oficina passou a ser Typ. do Jornal do Rio Negro. Nos registros feitos no Apêndice B desta pesquisa, as duas oficinas foram anotadas como sendo distintas. Assim, mesmo que tenham pertencido ao mesmo dono e tenham mantido o mesmo endereço por um período, elas mantiveram certa independência e se identificavam de forma distinta. Esse movimento de compra de oficina, compartilhamento de material, mudanças de endereço, no nome da oficina e outros, são difíceis de acompanhar tendo apenas notas de jornais e fragmentos esparsos. Ainda assim ajudam a observar o dinamismo e o desenvolvimento da atividade das oficinas tipográficas locais.

Ainda pelo *Jornal do Rio Negro* identificou-se duas lojas, Barbosa & Irmãos e Aguia de Ouro, ambas anunciando a venda de diversos livros, uma melhora na oferta desses ainda raros produtos, perceptível também em outros periódicos. Em junho de 1868, o jornal estava com a limitação do pessoal da oficina, deixando, por isso, de circular por seis dias. Após o que foi forçado a se justificar, dizendo que a falta se deu “pela enfermidade de um dos nosso compositores e pelas ocupações de outro que nos restava, em misteres estranhos a empresa”. E, para não passar por essa situação novamente, a oficina do jornal anunciou em suas páginas que “precisa-se de dous officiaes typographos, e recebe-se alguns aprendises”. O jornal deixou de circular pouco tempo depois, em junho de 1868.

Outra dificuldade surgiu em outubro de 1868 na oficina do jornal *Amazonas* – a falta de papel, segundo Faria e Souza (1908, p. 66). Como consequência, o jornal teve que reduzir seu formato e só retomou ao tamanho original em 26 de setembro de 1869. O mesmo jornal, em sua edição n.º 127, publicou um anúncio com o título de “As noites do Brazil”, ilustrado com uma partitura, indicando ser uma “série de composições de piano e canto por Joze Amazt”. Nele há uma lista de autores, informando, ao final, que a assinatura da série de 30 composições mais um retrato do autor e “uma lindíssima vista da Bahia do Rio de Janeiro” pode ser feita na livraria Laemmert, no Rio de Janeiro, ou no “estabelecimento de muzica do sr. Vignas”, em Pernambuco. O mesmo anúncio é repetido algumas vezes com outra vinheta, ilustrando-o, e é um interessante registro desse comércio de edições musicais feito por uma grande editora da corte em Manaus.

No ano seguinte, no dia 7 de setembro de 1869, teve início a publicação do jornal que nomeia a oficina tipográfica situada na Rua da Independência, número 12. É a **Typographia do Correio de Manáos** e o jornal impresso por ela trazia, no seu cabeçalho, os nomes de seu proprietário e redator, “O Bacharel Alfredo Sergio Ferreira”, e do editor Rogerio Antunes Garcia. Informava ainda sobre a circulação às terças e às sextas-feiras, além dos valores das assinaturas. A sua composição gráfica era feita a partir de 4 colunas e, em seu primeiro número, logo abaixo do cabeçalho, há um incomum sumário.

Pela leitura do seu primeiro número é possível perceber que o novo empreendimento gráfico planejou seus passos iniciais, incluindo a escolha do dia de seu lançamento e a inclusão de dois anúncios sobre sua produção gráfica. No seu primeiro editorial, o jornal exaltou o papel da imprensa que, tal como um farol, pretendia iluminar os passos dos amazonenses na direção da “civilização”. Descreveu o cenário da Província do Amazonas, que “comquanto nova é de grande futuro, falta-lhe porém vida propria, falta-lhe instrucção, commercio directo, e imprensa, verdadeiros elementos de progresso”. E afirmou que a missão d’*O Correio de Manáos* seria a de erguer a sua “fraca voz em prol da civilisação, do commercio e do lado material da provincia”. A seção “Litteratura” do periódico nesse número inicial teve como tema a poesia, citando Alvares de Azevedo, Gonçalves Dias, Junqueira Freire e se referindo ao autor Amazonas de Sá com o “primogenito da poesia nesta provincia”.

Esse primeiro número trouxe ainda um grande anúncio de sua oficina tipográfica, (Fig. 34), tendo ao lado outro anúncio mais discreto, do primeiro almanaque da província, que o jornal estava organizando para ser lançado em quatro meses. O anúncio da Typographia do Correio de Manáos foi composto de forma limpa, um cabeçalho, o texto e algumas frases em volta: “Equidade nos preços. Aceio nas obras. Promptidão nos Trabalhos”. A nova oficina se apresen-

tou como sendo “completamente montado, tendo um bom pessoal inclusive um revisor, recebe toda e qualquer obra de impressão”. Para comprovar o texto do anúncio destacou seu equipamento de cortar papel e uma grande variedade de papéis. Com esses predicados ela disse ser capaz de produzir cartas de enterro, cartões de visita, de casamento, circulares, guias, conhecidos, diplomas, folhetos brochados. Informou ainda que funcionava em todos os dias úteis, das 8h da manhã até às 18h da tarde.

Figura 34 –Correio de Manaós (1869): primeira página e anúncio de sua Typographia.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Interessante notar que a oficina não falou em “preços módicos”, mas em equidade, e que o valor seria acertado de acordo com as condições dos clientes, tanto de urgência como da forma de pagamento. Destacou ainda que aceitava trabalhos de outras localidades, desde que retirados na sua sede em Manaus. Em números posteriores do jornal, pequenos anúncios da oficina tipográfica ofereciam impressos efêmeros em que o baixo custo é destacado. Com isso, ajustava, o seu discurso às condições dos clientes locais, como no seu número nove, em que diz imprimir “toda qualidade de Contas Comerciais de bonitos gostos e por preços muito econômicos”. No décimo segundo número do jornal, sua oficina oferece “Conhecimentos por preço modico”.

Ainda na primeira edição, outro anúncio, só que menor, deve ter chamado a atenção da cidade porque divulgava uma “importante impressão [...] e de que tanto necessita o commercio da provincia e o seu functionalismo público”: era o primeiro almanaque da província do Amazonas. O anúncio “roga” a todos os negociantes da capital e do interior que enviem para a oficina uma pequena nota contendo diversas informações que serão nele registradas. Em outro anúncio, a oficina tipográfica do *Correio de Manáos* informava que estava recrutando pessoas que queriam aprender a “arte typographica” mediante um contrato e outras vantagens. Mesmo afirmando ter um “bom pessoal” da oficina, tal como foi destacado no anúncio maior, ela se mostrou precavida ao se preocupar com a formação de novos profissionais.

Dessa forma, o novo empreendimento gráfico começava a marcar a sua posição de forma clara, fazendo contato com o “respeitavel corpo do comercio” e oferecendo a eles a chance de figurarem no *Almanak Administrativo e Commercial da Provincia do Amazonas*. Na edição de 14 de setembro de 1869, o *Correio de Manáos* publicou uma nota de agradecimento pela recepção que teve dos outros jornais locais, seus “imãos de profissão”. Onde também afirmava que “a nossa imprensa será sempre moralizada”. Pelo que se observa no número cinco do jornal, a fraternidade do colega *Catechista* não durou muito, que criticou o proprietário do *Correio de Manaos*. Ele estava sendo acusado, dentre outras coisas, pela falta de pagamento de casas que teria alugado, sendo defendido por seu editor e, logo depois, ele mesmo teve de responder às calúnias recebidas.

No jornal foram publicados alguns folhetins, como “O Infortunio e a oração”, traduzido do *Clocher*; “Rodolpho e Bertha”, de Alphonse Karr; “Ottilia. Chronica flamenga”, de M. de Eveline Rilbecourt; e “Um romance da época”. Apesar da bem montada oficina, o jornal teve dificuldades de produção, como a que foi relatada no dia 19 de outubro de 1869, onde, em nota, o jornal informava que sua edição saiu mais tarde “por ter-se quebrado uma pagina ao deitar-se no prêlo”. Ou seja, a composição de uma de suas quatro páginas teve de ser refeita; assim, a impressão só teria sido concluída à tarde, quando, enfim, o jornal pôde circular. Na mesma edição há um curioso anúncio composto por um clichê de um cavaleiro em sua montaria, segurando um cartaz escrito “Voos do Tambaqui”, em que oferece a assinatura dessa curiosa publicação (Fig. 35).

Outro anúncio, do almanaque em preparo, pedia novamente para que as firmas e os profissionais remetessem informações suas para figurarem na publicação. A produção do almanaque pela oficina do *Correio* deve ter exigido bastante de sua capacidade material e técnica para entregar o impresso na data de seu lançamento, que estava anunciada. Esse teria sido o motivo pelo qual a sua oficina tipográfica atrasou duas edições do seu jornal, justificando isso

aos seus assinantes em uma declaração publicada em 19 de novembro de 1869. Nela o jornal relatava a viagem ao Pará de dois de seus empregados e dizia que outro estava “desobrigado para conosco, a vista de poderosas razões”. Assim, o jornal havia deixado “de cumprir esse dever pela necessidade de queremos dar até 15 de Dezembro o nosso Almanach”.

Ainda nesse período, de acordo com Faria e Souza (1908, p. 12-13), foram publicados os jornais *Lei*, em 1867, *A Reforma Liberal*, no ano seguinte, o *Mercantil* e o *16 de Julho*. Desses três últimos, pelo menos um manteve uma oficina tipográfica própria, que, no almanaque de 1870, aparece identificada como *Typographia da Reforma Liberal*. Entretanto, nos jornais que ela produziu, o *Reforma Liberal* e o *Argos*, era nomeada de **Typographia Liberal**. Ficava inicialmente na Praça Payssandu e, em 1873, seu proprietário era o Padre Manoel Cupertino Salgado. Ele teria vendido sua oficina por volta de 1878-1879 para Bento Figueiredo de Tenreiro Aranha, dando origem à *Typographia da Província*.

Ainda em 1869, as oficinas tipográficas de Manaus publicaram outros jornais: o *Jornal do Commercio*, o *Diario Official*, *A Fé*, *Morcego* e um jornal diário, o *Commercio do Amazonas*, que teria substituído o *Mercantil* segundo Faria e Souza (1908, p. 12-13). Esse jornal tinha como proprietário Gregorio José de Moraes, que também aparece em alguns números identificado também como seu impressor. E apesar de não nomear a sua oficina tipográfica, o almanaque de 1870 a identifica como **Typographia do Commercio do Amazonas**, tinha endereço na Rua do Espírito Santo. O periódico que publicava circulava todos os dias, sua composição gráfica era simples, em apenas duas colunas.

Como se pode notar, entre 1861-1870 vários jornais circulavam pelas ruas, casas, repartições, comércios da cidade de Manaus e pelo interior da província. Discutiam entre si, deixando marcado no papel as opiniões de seus redatores, bem como a defesa da posição de seus grupos políticos e econômicos que, então, estavam se formando. Uma significativa ampliação em relação à década anterior, quando apenas uma folha, que repetia o discurso oficial, era ouvida.

Vários jornais mantinham a fidelidade ao governo, o qual se viu obrigado a conviver na tribuna impressa com a voz da oposição, sendo constante alvo de críticas, acusações e, claro, de ofensas, que também se tornavam extensivas aos jornais que o defendiam. Assim, se sucediam respostas, contra-acusações, denúncias, fofocas e outros, como parece ter acontecido com o jornal *Amazonas* de 18 de novembro de 1869. Em nota de título “Refutação”, o jornal republicava a resposta do *Commercio do Amazonas* a uma carta impressa no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. Nela um correspondente do jornal carioca na cidade afirmava que o presidente da província do Amazonas queria:

dispor de todos os orgaos de publicidade na provincia, para que o elogiem, e o meio que emprega é gratifical-os á custa da provincia.

Ainda ha pouco para obter a gratidaõ de um pequeno jornal, o “Comercio”, deu ao seu proprietario, para imprimir, um dos seus regulamentos e, dizendo este que os typos de sua typographia erão velho e muito estragados, s.exc disse que não fazia mal, que imprimisse fosse fosse!

Gregorio José de Moraes era então o dono do *Commercio do Amazonas* que contestava essa notícia, confirmando que havia impresso, sim, em seu jornal “o regimento interno da reparição de obras publicas”, com tiragem de 400 exemplares avulsos. Ele disse, ainda, que o valor pago pelo presidente da província por estes “folhetos [que] foram brochados, encapadas e aparados” não foi qualquer favor. E conclui que não “seria a enorme somma de 50:000 que havia de converter-me ou perverter a independencia e autonomia de meu pequeno jornal?” Esse expediente, de encomendar trabalhos às oficinas que não eram favoráveis ao governo como forma de pressioná-las a serem mais suaves em suas críticas, não funcionava com todos.

O domínio dos meios de difusão de ideias, os jornais e suas oficinas tipográficas, era uma condição necessária aos grupos políticos locais para influenciarem decisões e obter ganhos pessoais. Mesmo que à custa de pouca lucratividade das oficinas tipográficas e das muitas dificuldades pelas quais passavam.

Algumas vezes, os periódicos, antes de se lançarem para o ataque, faziam uma breve reflexão sobre esse cenário de conflito e desrespeito, como se estivessem expressando o desejo de não serem a ele associados. Tal é o que fez o *Jornal do Rio Negro*, n.º 80, quando deu a seguinte declaração: “Máo caminho leva a imprensa, quando dominada pelo despeito e por espirito de politica, adopta o systema de tudo censurar, só por gosto de fazer opposição”. Logo depois, o colunista do jornal aponta para o seu colega e o censura, dizendo que esse papel cabia ao *Catechista*, por fazer críticas aos atos do governo. Outra consequência da maior oferta de jornais em circulação foi a concorrência, isto é, a disputa pelos poucos leitores e pelos – ainda mais raros – anunciantes. Os jornais, nesse período, não informavam a sua tiragem e os diferentes periódicos circulavam uma, duas, três vezes por semana e até todos os dias. Ainda assim, podemos visualizar as diferenças de valores cobrados pelo número avulso e pela assinatura trimestral, a mais comum, na tabela abaixo.

No jornal semanal, o trimestre era composto por 12 edições, sendo que, quando circulava duas vezes, o assinante recebia 24 números do jornal, e assim sucessivamente. Havia ainda assinaturas semestrais e anuais, ambas com valores maiores quando o jornal se destinava ao interior da província. E os assinantes tinham direito a 20 ou a 10 linhas grátis no jornal, pagando,

normalmente, um valor menor do que o praticado pela oficina quando decidiam repetir o anúncio ou inserir linhas compostas além desse limite. A conclusão de um trimestre da assinatura era informada em nota nos jornais, assim como o pedido para que os assinantes em atraso quitassem suas dívidas.

Na Tabela 2 é possível observar que havia a predominância de jornais semanais, como o *Estrella*, que passou a ter duas edições em 1856. Quando essa mudança aconteceu o valor da sua edição avulsa teve uma significativa redução de preço, indo de 200 para 120 réis. Já o jornal *A Voz do Amazonas* fez o movimento contrário: circulava duas vezes por semana em 1866 e passou para apenas uma vez em 1867, mantendo o valor da edição avulsa. Realizando uma comparação entre os dois periódicos que tinham o fluxo diário de trabalho, percebe-se que a diferença de valor não era tão grande.

Tabela 2 – Valores das edições dos jornais do Amazonas, de 1851 a 1870.

JORNAL	ANO	PERIODICIDADE [por semana]	PREÇO DA EDIÇÃO AVULSA	PREÇO DO TRIMESTRE
<i>Estrella do Amazonas</i>	1852-1856	uma vez	200	2\$000
	1856-1863	duas vezes	120	3\$000
<i>Catechista</i>	1862-1863	uma vez	240	2\$500
	1863-1870	uma vez	320	3\$500
<i>A Voz do Amazonas</i>	1866	duas vezes	120	3\$500
	1867	uma vez	120	3\$500
<i>Amazonas</i>	1866-1870	uma vez	320	3\$500
<i>Jornal do Rio Negro</i>	1867-1868	todos os dias	160	5\$000
	1868	todos os dias	160	4\$000
<i>Correio de Manáos</i>	1869-1870	duas vezes	166*	4\$000
<i>Commercio do Amazonas</i>	1870	todos os dias	200	5\$500

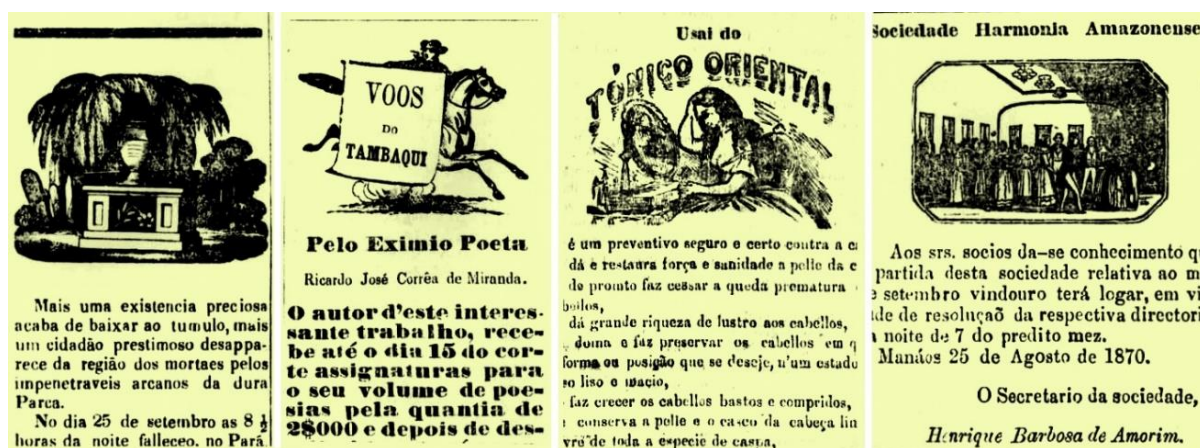
*Essa é uma estimativa, pois o jornal não informava o valor de sua edição avulsa; assim, tomamos o valor do trimestre de 4\$000 e dividimos por 24 edições, que resultou em 166,66 réis. Fonte: Composição do autor.

O preço médio dos jornais era de 140 réis por edição, excluindo *O Catechista*, a partir de 1863, e o *Amazonas*, pois ambos cobravam 320 réis para as suas edições semanais, um valor muito acima dos demais. Nos periódicos que tiveram maior continuidade de produção, como o *Estrella do Amazonas* e *O Catechista*, a variação de preços do exemplar avulso ao longo dos anos foi pequena. Já com as assinaturas, o valor por edição ficava ainda mais baixo e, claro, que a variação de preços também acompanhava as dificuldades financeiras dos jornais. Foi o que deve ter acontecido com o *Jornal do Rio Negro*, que, apesar de manter o preço do número avul-

so, reduziu muito o valor da sua assinatura trimestral, que foi de 5\$000 para 4\$000 em 1868. O jornal fechou pouco tempo depois.

A seção “Anúncios” desses jornais foi outro espaço onde as disputas foram se acentuando e ganhando novos contornos, variados tipos e recursos gráficos até então desconhecidos para conquistar a atenção e o bolso dos clientes. Nesse período foram observadas duas formas ou tendências mais comuns de composição dos anúncios nos diversos jornais listados na tabela acima. Na primeira tendência, os anúncios eram compostos em pequenos blocos de texto com pouca ou nenhuma diferenciação em relação ao restante do jornal. E, na sua composição, se fazia uso de poucos recursos gráficos, tais como um negrito, uma capitular, um corpo maior ou, no máximo, uma vinheta. Por outro lado, os anúncios mais elaborados começaram a surgir, sobretudo no *Amazonas* e *Correio de Manaus*, mas eventualmente em outros jornais. A cercadura passou a ser mais utilizada, desde as mais simples, com grossas linhas, até as molduras ornamentadas e compostas com outros elementos. Algumas lojas, como a já citada Ville de Paris, a Estrella do Norte e as companhias teatrais da cidade, dentre outras, apresentaram essa nova forma de composição gráfica de seus anúncios.

Figura 35 – Clichês impressos no *Correio de Manaus* (1869) e no *Amazonas* (1868 e 1870)



Fonte: Composição do autor feita a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Nesses anúncios, as composições ganharam novos elementos e dois começam a ser mais constantes e a se destacar. O primeiro foi o uso da imagem, para ser mais preciso, da ilustração impressa a partir do clichê (Fig. 35). Esta se difere da vinheta tipográfica por ter maior detalhamento no seu desenho, por seu tamanho e por exigir mais da impressão. Muitas vezes, a imagem impressa pelo clichê se torna ilegível pela baixa qualidade da impressão, que pode deixar áreas do desenho sem definição, apagadas ou ainda borradas.

Outra inovação se deu pela escala que as letras assumiram com o uso de tipos de corpo maior. Dessa forma, se tornou possível criar ênfases e modular as palavras do anúncio para gerar interesse, assim, elas podiam ser lidas a uma distância maior. Com isso, o desenho das letras ficava mais visível e gerava contrastes entre palavras de estilos e tamanhos variados (Fig. 36). Os tipos de corpo maior eram feitos em madeira e podiam ser utilizados para compor e imprimir cartazes, embora não se tenha nenhum registro da produção de cartazes nesse período. Essa variação gráfica tornava mais dinâmica a última página dos jornais, normalmente destinada aos anúncios, e exigia um esforço maior das oficinas para oferecer material tipográfico para sustentação essa diversidade de composições.

Figura 36 – Tipos em corpos grandes nos anúncios do *Jornal do Rio Negro* (1868), *Amazonas* (1869) e *Correio de Manaus* (1869), respectivamente.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

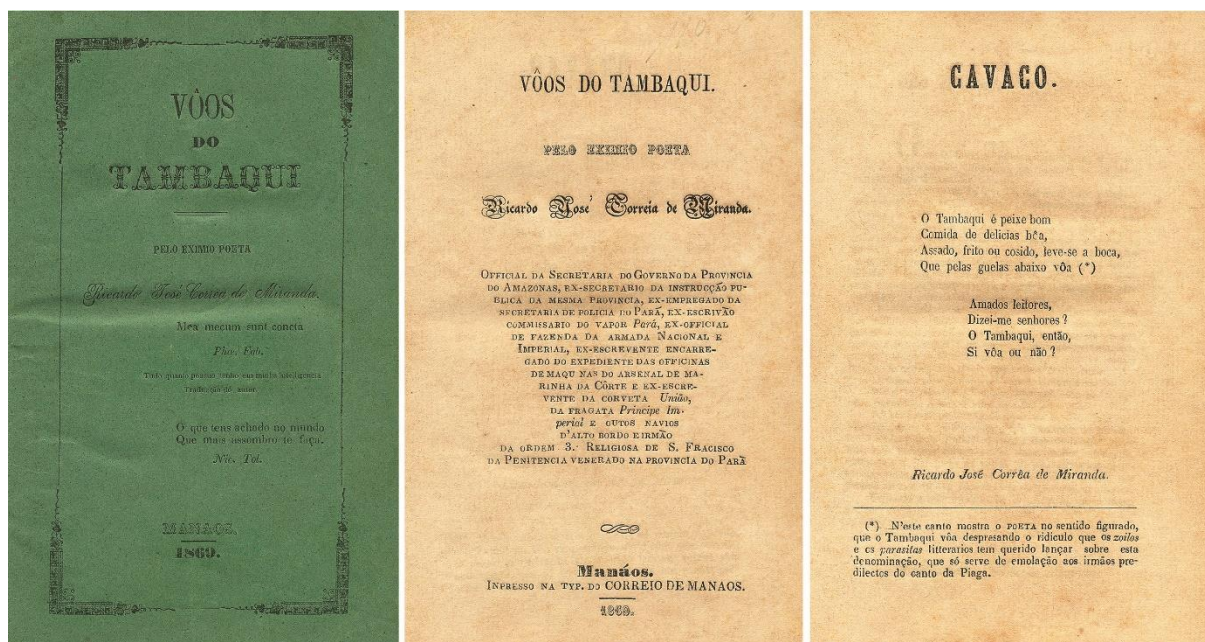
2.2.3 O primeiro voo

Ainda não tinha sido avistada, e publicada, em terras amazonenses a ave rara chamada edição particular, seja de conteúdo prático, científico, histórico, literário ou outro. Além das edições oficiais, as poucas referências a livros que foram observadas nos jornais ocorreram nos anúncios de lojas ou na reclamação de um leitor que teve seus livros surrupiados. Eram edições vindas de outras províncias ou países, aonde também foram impressas as obras de autores residentes ou nascidos no Amazonas. Passados dezoito anos da instalação da primeira oficina, e

tendo a cidade então cinco ou seis oficinas em funcionamento, em 1869, foi a mais nova delas, a *do Correio de Manáos*, que compôs e imprimiu esse produto impresso, um livro de poesia.

E, como visto acima, também estava preparando um almanaque, o primeiro da província, para lançar no final desse mesmo ano. Certamente, os custos locais de produção eram altos demais para que um escritor ou cidadão tivesse os recursos necessários para publicar seu livro localmente. Talvez, por isso, um dos primeiros autores tenha dado um título tão inusitado à sua obra – *Vôos do Tambaqui*. E o nome do autor aparece precedido por um autoelogio cheio de cabocla gaiatice: “pelo exímio poeta” Ricardo José Correa de Miranda.

Figura 37 – Capa, folha de rosto e poema de abertura da edição *Vôos do Tambaqui* (1869).



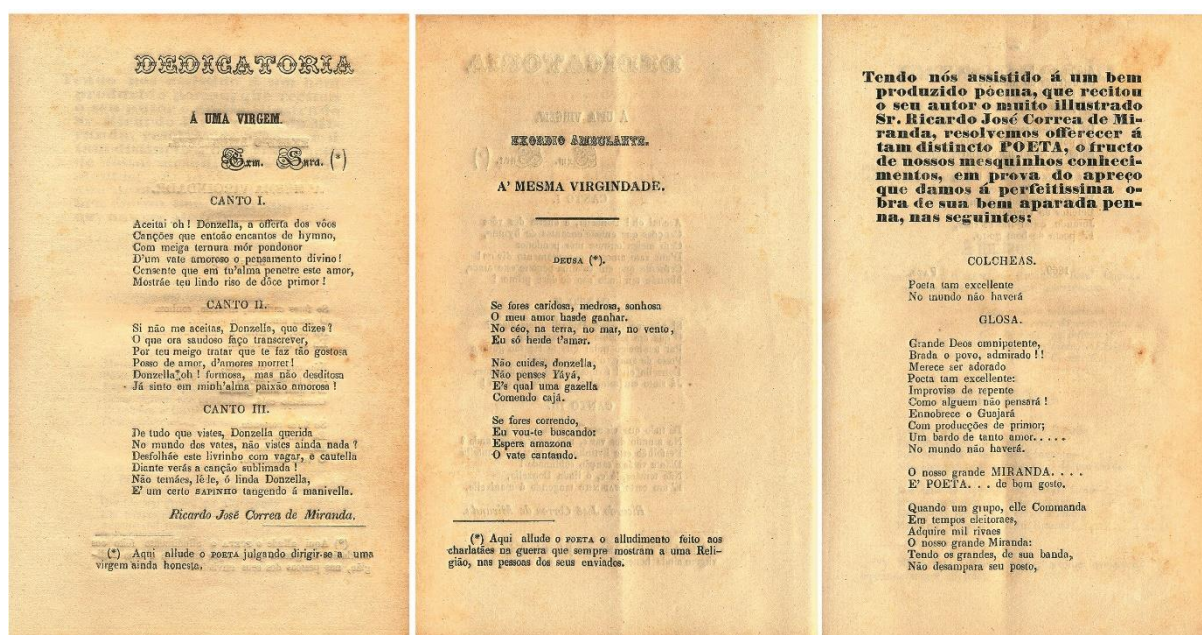
Fonte: Imagens do acervo pessoal a partir do original que se encontra no IHGB, no Rio de Janeiro.

Esse curioso título era uma provocação e também apontava, fazendo graça, que a arte literária, a poesia (com toques de humor e ironia), tem o poder de transformar a realidade, nem que seja pelo breve momento de um sorriso ou de um susto. Esse *Vôos do Tambaqui*, editorialmente falando, é composto por uma parte pré-textual, sem sumário ou índice, já que apenas algumas páginas são numeradas. Possui apenas folha de rosto, um poema de abertura e uma apresentação. Seu conteúdo foi organizado em três partes: 1. “Miscelanea”; 2. “Ao Racionalismo” e 3. “Vaporosa e enigmática”. O título é explicado no poema que abre a edição, em que numa conversa amigável, o poeta diz que: “O Tambaqui é peixe bom / Comida de delicias bôa,

/ Assado, frito ou cosido, leve-se a boca, / Que pelas guelas abaixo vôa (*)⁷¹ / Amados leitores, / Dizei-me senhores? / O Tabaqui, então, / Si vôa ou não?” Com esses versos, explicita, assim, a pista de decolagem que inspirou seu título.

Esse estranho ser, um poeta, tinha sido registrado apenas de forma acanhada nos jornais locais, recitando seus versos, muitas vezes ocultando sua autoria em abreviações e pseudônimos. Quando um autor vai publicar um livro como esse, é necessário organizar sua produção poética, fazer padronizações textuais, ajustes, cortes e correções necessárias para que os poemas possam ser compostos e impressos pela oficina tipográfica. A obra tem 58 páginas, seu formato é de 13 x 19,6 cm e, ao ser folheada, logo deixa perceber que se trata de uma edição graficamente incomum. Suas páginas, à primeira vista, pareceram desordenadas e confusas pela quantidade de elementos que parecem exagerados e pesados visualmente. Contudo, conferiam diferentes cores e contrastes à mancha gráfica das páginas, criando um padrão dinâmico. Depois, com maior estudo e detalhamento, pode-se fazer uma leitura mais atenta da composição gráfica, encontrando linhas, margens e algumas proporções que orientaram a sua paginação (Fig. 39).

Figura 38 – Variedade de composição gráfica dos poemas iniciais de *Vôos do Tabaqui* (1869).



Fonte: Acervo pessoal, a partir do original que se encontra no IHGB, no Rio de Janeiro.

⁷¹ “(*) N’este canto mostra o POETA no sentido figurado, que os *zoilos* e os *parasitas* litterarios tem querido lançar sobre esta denominação, que só serve de emolação aos irmãos predilectos do canto da Piaga”. Essa é a primeira nota do livro, incluindo o versalete e os itálicos, e “Canto da Piaga” é o título de um poema de Gonçalves Dias.

Ricardo José Correa de Miranda, o autor, era paraense e é provável que tenha vindo para Manaus junto com o primeiro presidente da província, pois seu nome aparece, junto com diversas outras testemunhas, ao final da ata da posse do primeiro governo já citada nessa pesquisa. Assim, em 1852 já estava residindo em Manaus e era amanuense da Secretaria da Província. Na folha de rosto do *Vôos do Tambaqui*, ele se apresenta como oficial da secretaria do governo da província e conta que foi, dentre outros, escrivão do vapor Pará, assim como escrevente do arsenal da marinha da corte, da corveta União, da fragata Príncipe Imperial e de outros “navios d’alto bordo”. Também foi secretário da Instrução Pública do Amazonas por volta de 1868,⁷² e se aposentou como amanuense da secretaria do governo em 5 de outubro de 1872.⁷³

Na apresentação do livro, intitulada “Ao leitor”, o autor afirma que a publicação de suas “produções, evacuações da minha inteligência” só foram possíveis com o incentivo dos amigos. Dentre esses amigos ele agradece nominalmente ao proprietário da oficina tipográfica do *Correio de Manaus*, onde seu livro foi composto e impresso.

A capa do livro foi impressa em um papel de cor esverdeada, com uma cercadura ornamentada, tendo a composição levemente assimétrica, onde as citações estão com um alinhamento mais à direita (Fig. 37). O título foi composto de forma eclética, pois cada uma das três partes de *Vôos do Tambaqui* foi composta com tipos diferentes, todos em caixa alta. Alguns improvisos são perceptíveis na sua composição, onde é possível notar uma limitação maior com os tipos de título ou fantasia, que deveriam ter uma quantidade limitada de caracteres.

A folha de rosto tem uma composição gráfica própria, diferente das que eram edições oficiais observadas antes, pois, quando esta possuía uma capa, sua composição era, geralmente, repetida também na folha de rosto. Nesta os dados biográficos do autor foram compostos em um bloco de texto com suas margens em diagonal, formando um desenho semelhante ao de um vaso (Fig. 36). Assim, nas oficinas tipográficas locais foram usadas convenções gráficas e editoriais próprias para a composição de um livro, bastante distintas das utilizadas nos jornais, inclusive pelo cuidado dispensado na paginação e na correção dos erros.

A aparente desordem das páginas reflete a incomum fala do poeta, que conjugou, com alguma liberdade, os elementos editoriais e gráficos do livro, a começar pelo amplo uso de comentários, citações, notas alusivas e diversos recursos gráficos. A paginação do livro organi-

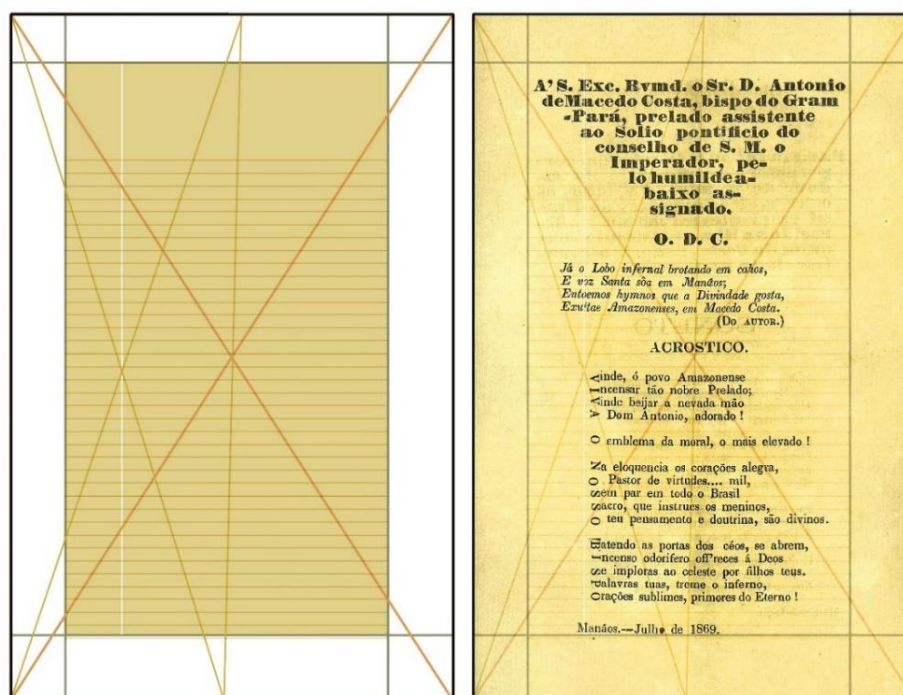
⁷² De acordo com nota publicada na parte oficial do jornal *Amazonas* de 1.º de agosto de 1868 em que Ricardo Miranda pleiteava aumento no seu ordenado.

⁷³ Segundo o Apêndice A, relação nominal dos empregados inactivos com declaração de suas aposentadorias, repartições e vencimentos annuaes. *Falla Dirigida á Assembléa Legislativa Provincial do Amasonas na segunda sessão da 11.ª legislatura em 2 de março de 1873 pelo presidente da provincia Bacharel Domingos Monteiro Peixoto*. Manáos: Typ. do Commercio do Amazonas, 1873.

za esses elementos de acordo com algumas linhas de força (Fig. 39) que orientam a composição dentro da mancha gráfica, mas sem rigidez, tal como se pode verificar nas variadas formas da paginação e no uso de recursos. O principal deles é o uso de diferentes famílias tipográficas, incluindo tipos fantasia e manuscritos, além do emprego e mistura de estilos, capitulares, fios, algumas vinhetas e ornamentos (Fig. 40). Outro recurso é a composição mais livre dos elementos da página, apenas com a numeração na margem superior, com as notas de rodapé no pé da página mantendo sua posição.

Os poemas se organizam a partir de seu alinhamento à esquerda, com o uso de diferentes recuos. Um dos poemas, de título Acróstico, tem as iniciais dos versos compostas em outra direção formando a frase “Viva o nosso bispo” (Fig. 40). Já os títulos e subtítulos dos poemas estão quase sempre centralizados, havendo uma maior diversidade no uso de famílias tipográficas, incluindo tamanho de corpo e estilo na sua composição. Um parágrafo com uma espécie de apresentação antecede vários poemas e possui a maior variedade no seu arranjo gráfico, tanto pela sua extensão quanto pelos tipos e alinhamentos usados. Apresentando sua composição ora centralizada, justificada, ora em parágrafo francês ou, ainda, tendo o comprimento das linhas de texto variando regularmente para fazer alusão a uma forma triangular ou mesmo de uma ampulheta. E, em poucos casos, ainda há o uso de ornamento e vinhetas tipográficas, como a mão indicativa e outros na sua paginação.

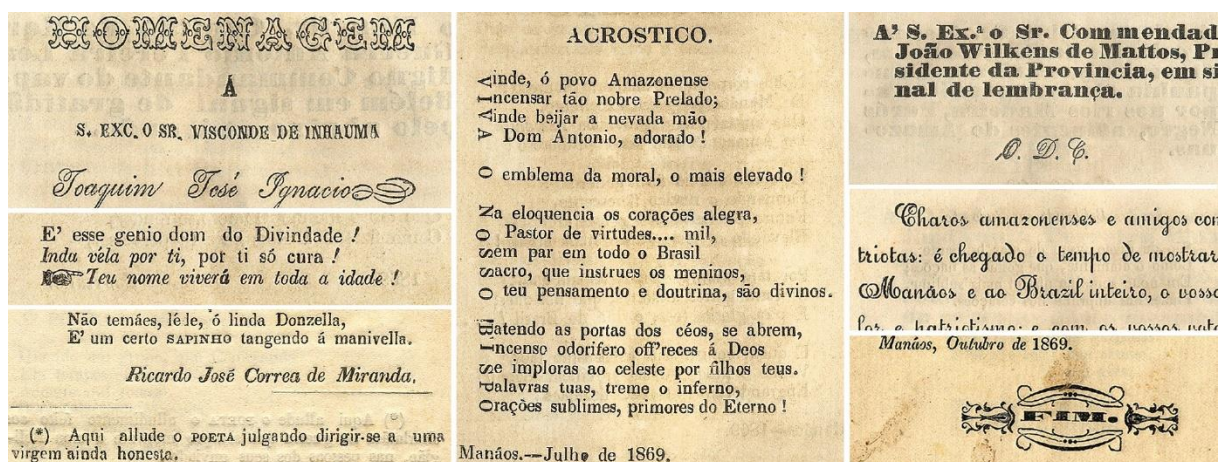
Figura 39 – Diagrama de uma página ímpar de *Vôos do Tambaqui* (1869).



Fonte: Composição do autor.

Essa multiplicidade de composições, tipos e recursos reflete as falas e entonações que o autor exercitou, sendo o poema quase uma desculpa para ele fazer, com humor, um comentário, um agradecimento ou uma homenagem a alguém ou a uma data festiva. Ricardo Miranda muitas vezes fala de si na terceira pessoa, em que o “POETA” faz diversas alusões nas muitas notas de rodapé e aberturas, onde também conta histórias, defende seus valores, alfineta desafetos e outros. Apesar de ter uma boa composição e da paginação mais livre, o livro não foi bem impresso, apresentando um aspecto irregular ao longo das páginas. Os tipos compostos das páginas foram pressionados com muita força, deixando, além da tinta, um relevo (cravação). Esse, aliás, é um importante índice para aferir o estágio de desenvolvimento da atividade gráfica local, pois a etapa da impressão, nesse período, ainda era deficiente.

Figura 40 – Detalhes tipográficos das páginas de *Vôos do Tambaqui* (1869).



Fonte: Composição do autor.

Ainda assim, assistiu-se com prazer a essa conversa informal entre dois velhos conhecidos: a forma gráfica e o conteúdo. Ou melhor, entre as diversas composições tipográficas e os variados textos e subtextos presentes no livro. Para quem tenta ler sua organização gráfica e editorial hoje, ela pode parecer um tanto confusa ou pesada pelo excesso de recursos empregados, sobretudo o negrito e os tipos de corpos maiores. Mas essa variedade foi necessária para sustentar o canto do poeta cheio de camadas, escamas nas quais refletiam as suas muitas alusões, as figuras de linguagem e histórias de um peixe regional que ousou voar pelas ruas, igarapés e “goelas” de Manáos. E, no seu caminho, chegou até às páginas impressas na corte, no Rio de Janeiro.

Na apresentação de seu livro, Ricardo José Correia de Miranda se despedia de seus versos, “pois vão correr o mundo eilos... / Meus versos adeos, saudoso serei contente se fordes

‘bem recebidos. Adeos e elles se vão...’. No Pará chegaram na forma de anúncio do jornal *O Liberal* de 25 de novembro de 1870, onde o livro foi apresentado como uma “coleção de poesias escriptas pelo ilustrado e *distincto* poeta o sr. Ricardo José Corrêa de Miranda, residente em Manáos”. O breve anúncio no jornal paraense recomenda a edição “aos homens *scientificos* a leitura de tão *aproveitavel* folheto. Preço de cada folheto 2\$000”. O livro foi além, chegou ao Rio de Janeiro e ao periódico humorístico *Semana Illustrada*. Esse semanário era profusamente ilustrado e foi fundado em 1860 por Henrique Fleiuss. Nesse período circulava com oito páginas e era impresso na Typographia do Imperial Instituto Artístico, também de sua propriedade.

Em seu número 755, de 30 de maio de 1875, a *Semana Illustrada* deu destaque ao “talentoso poeta amazonense Ricardo José Corrêa de Miranda, autor dos “Vôos do tambaqui”. E, logo na sua primeira seção, “Badaladas”, reproduziu um soneto de 1875 que foi dedicado ao “Sr. Doutor Semana”.⁷⁴ Este agradece pelo poema e também pelo retrato do autor que teria recebido, dizendo que, em breve, iria “estampar” em suas colunas para que os “fluminenses conheçam as feições energicas, a fronte inspirada, o olhar superior do Sr. Corrêa de Miranda”. Do mesmo autor foi encontrada outra edição particular, com cerca de 70 páginas, só que o exemplar consultado estava mutilado, sem as páginas iniciais e encadernado junto com outras publicações. Como fazia referência ao *Vôos do Tambaqui*, deve ter sido publicada em 1870 ou pouco tempo depois e, aparentemente, trazia poemas e a biografia “do grande Poeta Ricardo José Correia de Miranda”.

O autor foi aposentado pela Província do Amazonas, em 1872, e parece ter regressado a Belém, onde há registros de sua atividade na imprensa paraense em 1876. Assinou algumas notas n’*O liberal do Pará*, na seção “Ineditoriaes”, em 1878, além de outras contribuições já na década de 1880. Seu peixe impresso parece não ter sido bem digerido, pois a *Semana Illustrada* de 20 de junho de 1875 diz que Ricardo J. Corrêa de Miranda havia requerido à Assembleia Provincial do Amazonas uma “verba destinada para imprimir os seus versos”. E, tendo o seu pedido rejeitado, o autor parece ter solicitado auxílio ao periódico fluminense, que reproduz seu apelo:

O vate paraense, cantor das plagas amazoneses e dos – vôos do tambaqui – Ricardo José Corrêa de Miranda – honra da patria e gloria do espirito humano – dirige-se às pessoas mais iminentes desta cidade afim de o auxiliarem com seus obulos, para a impressão de seus trabalhos litterarios e scientificos e compra de papel, para os mesmos. (SEMANA Illustrada de 20 de junho de 1875).

A produção de edições particulares no Amazonas vai começar a ser executada com maior frequência no ainda acanhado mercado local, que mostrou uma considerável ampliação

⁷⁴ Esse personagem assina algumas seções da *Semana Illustrada* e sob essa rubrica escreveram diversos colaboradores, dentre eles Machado de Assis.

de oficinas tipográficas em funcionamento. A impressão não era ainda um negócio muito lucrativo, mas os jornais sim, eles eram o produto impresso mais representativo das Typographias, dos quais se encontrou mais registros. Os jornais geravam um capital político e social pelo qual diversos grupos da elite local marcavam suas posições e participavam do jogo político. Seus proprietários e redatores eram também funcionários públicos, militares ou comerciantes. Ainda assim, os jornais começaram a dividir suas atenções com a edição comercial, com o almanaque e, em breve, com uma revista. Esse começo de diversificação do artefato impresso permite notar que a tecnologia gráfica, mesmo como dificuldades e limitações, estava conseguindo fixar suas raízes, tipos e ideias, e começando a se desenvolver no Amazonas.

3.3 Esboçando um circuito em formação

Nas duas décadas iniciais da atividade de produção gráfica local descritas acima e nos levantamentos realizados foi possível observar dois estágios distintos: o primeiro ocorreu com a instalação e precário funcionamento da primeira e única oficina tipográfica, a partir de 1851 até, pelo menos, 1859 (Tabela 3). A capacidade da Typographia dos Silva Ramos era toda volta da para atender ao seu único cliente – o Governo da Província do Amazonas, o que gerou uma relação de dependência e de pouco desenvolvimento. Quando outra oficina tipográfica começou a funcionar, dois pequenos jornais disputavam a atenção dos poucos leitores e uma lenta ampliação da atividade gráfica começou a se configurar. Ainda nesse período inicial foram produzidos edições e folhetos oficiais e, certamente, impressos avulsos necessários para o funcionamento das repartições e do governo. O segundo estágio se dá a partir da metade da década de 1860, com o crescente número de oficinas tipográficas, ampliando a oferta de jornais e de serviços gráficos em geral – todos ainda em Manaus.

Tabela 3 – Novas oficinas tipográficas do Amazonas, de 1851 a 1860.

N.º	OFICINA TIPOGRÁFICA
1.	Typographia de Manoel da Silva Ramos
2.	Typographia de Francisco José da Silva Ramos
	Typographia da Aliança Amazoniense (hipótese)

Fonte: Composição do autor.

Ainda no primeiro estágio foi formada a primeira via de ligação entre o autor e/ou cliente de um lado, e o agente de produção do outro. Ou, para ser mais específico, entre o Governo da Província do Amazonas e a Typ. dos Silva Ramos. Apesar de cambiante e frágil, esse primeiro elo se sustentou com muitas dificuldades e reclamações, sendo mutuamente dependentes e a relação foi esticada ao máximo. Nesse período foram poucos os registros claros de outros agentes do circuito de comunicação impressa além das etapas de ideação e produção, por isso ela está bem definida no diagrama abaixo (Figura 41).

As outras etapas ocorriam de forma secundária e são sugeridas pela própria dinâmica do conjunto de atividades que compõe o circuito. Por exemplo, uma vez que o jornal foi impresso, deveria ele ser entregue aos assinantes por um entregador, uma atividade que não costuma deixar registro. Da mesma forma, a presença do encadernador sugere que, além de atuar na etapa de produção, esse profissional pode ter prestado seus serviços para alguma casa comercial ou leitor que quisesse ter uma edição ou livro em branco encadernado. Ou, ainda, ele pode ter atuado no Arquivo do Governo, que precisava organizar, guardar e fazer a conservação dos documentos e correspondências da presidência.

Figura 41 – Circuito de comunicação impressa do Amazonas, de 1851 a 1870.



Fonte: Composição do autor a partir do “Circuito das comunicações” de Darnton (1982), adaptado por Daniel D. Gomes (2016).

Já a comercialização de impressos não era especializada, não se encontrou registro da atividade de livraria e nem mesmo papelaria. Contudo, a venda de publicações era realizada por lojas de variedades e também em algumas oficinas tipográficas. Isso sem contar as encomendas diretas e assinaturas de publicações feitas em livrarias de outras províncias, que vez por outra anunciavam nos jornais locais. Por isso, no diagrama do circuito de comunicação impressa (Fig. 42), essas etapas ainda não estão bem definidas, uma vez que elas deviam ocorrer em pequena escala e não deixaram maiores registros.

No início da década de 1860 já se tem o registro inequívoco do funcionamento de outro agente de produção, e apenas essa companhia foi capaz de alterar o desolador cenário de uma única voz oficial. Essa existência propiciou o diálogo, a crítica, as réplicas, os desafios, as ofensas e logo partiram para briga. Ambos os jornais, *Estrella e Catechisa*, tinham poucos recursos gráficos e não tiveram condições de assumir a publicação dos relatórios e edições oficiais, os quais, nos primeiros anos, tiveram de ser produzidos em outras províncias.

Durante esse período persistiu a dificuldade das oficinas tipográficas locais com a etapa de impressão. A maior parte dos exemplares examinados fisicamente apresentava uma impressão irregular, com falta de nitidez e/ou homogeneidade da tinta, além da presença da cravação (relevo exagerado) marcando as páginas de suas publicações. A partir da metade da década, o cenário ficou mais dinâmico, contando com a presença de outras oficinas, algumas investindo em melhores equipamentos e materiais. Aos poucos as casas comerciais locais começaram a se configurar como um importante cliente das oficinas tipográficas. Movimento percebido pela maior diversificação de produtos anunciados e dos recursos gráficos utilizados para diferenciar produtos e serviços dos concorrentes.

Tabela 4 – Novas oficinas tipográficas do Amazonas, de 1861 a 1870.

N.º	OFICINA TIPOGRÁFICA
1.	Typographia do Catechista
2.	Typographia do Amazonas [Monarchista]
3.	Typographia d'A Voz do Amazonas
4.	Typographia de Moraes & Comp
5.	Typographia Mendes
6.	Typographia Liberal
7.	Typographia do Correio de Manáos
8.	Typographia do Commercio do Amazonas

Fonte: Composição do autor.

Foram, pelo menos, oito novas oficinas em funcionamento ao longo de 1860, de acordo com o levantamento feito no Apêndice B (Tabela 4), sete delas iniciaram suas atividades a partir de 1866. Ainda que a atividade desses empreendimentos tivesse dificuldades para se sustentar financeiramente, apenas três tiveram que fechar as portas com até dois anos de funcionamento. Duas conseguiram ficar ativas por mais de 20 anos: Typ. do Amazonas e a Typ. do Commercio do Amazonas. Com a fixação e a competição das oficinas, vários profissionais ligados à produção gráfica começaram a ser registrados: tipógrafos, impressores e, pelo menos, um aprendiz. Alguns tipógrafos também eram impressores e, na Tabela 5, foram registrados apenas como impressores para efeitos de organização e comparação.

A composição dessas oficinas tipográficas era enxuta, ainda não existia o diretor de oficina; mas alguns proprietários desses estabelecimentos eram também tipógrafos, incluindo o primeiro, Manoel da Silva Ramos. As condições de trabalho em uma das oficinas eram penosas, segundo o relato de um de seus trabalhadores; das outras não se teve maiores informações.

Sobre a qualidade de seus serviços pode-se fazer uma avaliação qualitativa da impressão dos artefatos impressos desse período que foram fisicamente examinados e registrados como tendo impressão regular ou irregular no Apêndice A. Os critérios dessa avaliação foram descritos anteriormente e auxiliam a avaliar, empiricamente, o estado da arte da atividade de produção gráfica local a partir de uma amostra. Assim, de 1851 a 1860 foram avaliados 19 produtos impressos, destes 31,58% tiveram sua impressão avaliada como regular e a maioria, 68,42%, foi considerada irregular. Na década seguinte, 1861 a 1870, apenas nove artefatos foram avaliados e 11,11% tiveram a impressão regular e a grande maioria, 88,89%, foi de trabalhos com problemas de impressão. O que corrobora o cenário de grandes dificuldades materiais, técnicas e de pessoal desse período inicial de atividade gráfica.

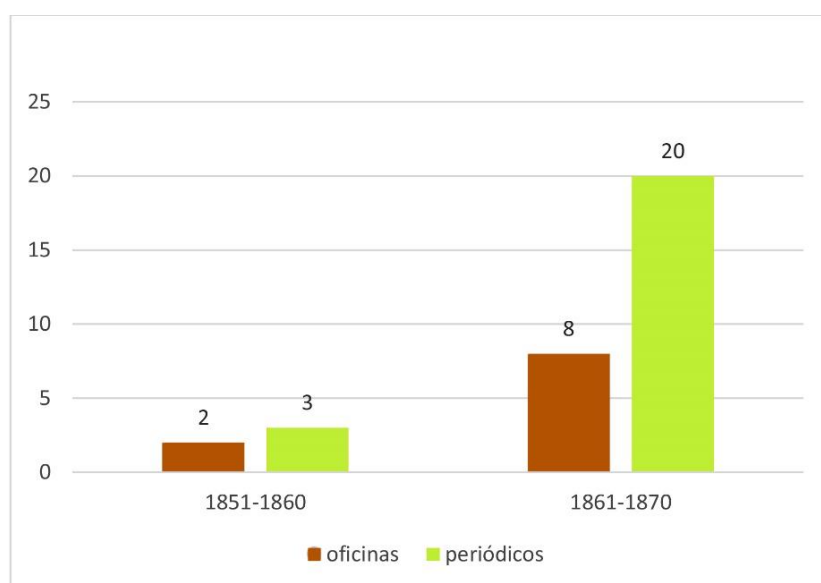
Tabela 5 – Atividades profissionais registradas de 1861 a 1870.

N.º	ATIVIDADE	NÚMERO
1.	Tipógrafo	14
2.	Impressor	7
3.	Tipógrafo aprendiz	1
4.	Encadernador	2
5.	Fotógrafo	7
Total		31

Fonte: Composição do autor.

De acordo com o levantamento de Faria e Souza (1908), foram publicados 3 jornais até 1860 e pouco mais de 20 jornais até 1870. A relação entre os jornais publicados e o número de oficinas tipográficas pode ser observado no Gráfico 1. Nos jornais que foram consultados se percebeu a manutenção de padrão gráfico simples, de poucos recursos gráficos, apesar de alguns terem uma composição mais leve que os outros. Nos anúncios houve uma melhora no seu padrão gráfico, com o uso de recursos para conferir ênfase e destaque a eles. A publicação de uma edição poética pode ser entendida como uma exceção e também um marco, em que a produção de artefatos impressos começa a se diversificar e se tornar mais exigente graficamente. Ainda que em escala reduzida, esse processo vai ter maior continuidade nos próximos anos, quando novos produtos impressos entram em circulação, fazendo uso de tipos, de ornamentos e de uma composição gráfica mais complexa.

Gráfico 1 – Relação oficina tipográfica x periódicos de 1851 a 1870.



Fonte: Composição do autor a partir de Faria e Souza (1908).

A atividade do Estabelecimento dos Educandos, iniciada em 1858, é marcante com a sua oficina de livreiro, uma atividade de formação de mão de obra que fornece encadernadores para atuar no mercado local. A presença da fotografia foi observada no funcionamento de estabelecimentos por curto tempo, pela atuação itinerante de fotógrafos e pela da produção de viajantes. As imagens da terra das amazonas começaram a ser publicadas em livros estrangeiros: as vistas de sua capital, sua gente e arredores começaram também a ser comercializadas na corte e no exterior.

Assim, a partir do início de 1860 tem-se uma considerável expansão do conjunto de agentes, práticas e saberes associados ao universo do impresso, sobretudo porque, antes, havia o mínimo possível. Uma Typographia, depois duas e, a partir de 1866, foram surgindo outros empreendimentos, alguns de maior vulto, que fincaram firmemente suas raízes. Essas novas oficinas tipográficas empregaram trabalhadores gráficos, formaram novos tipógrafos e produziram vários jornais, incluindo também alguns folhetos e edições para o governo provincial. E divulgaram seus serviços em anúncios, os quais ajudam a observar o seu maior desenvolvimento. Apesar de ainda se configurar em um conjunto restrito de atividades, foi o suficiente para dar condições mínimas de sustentação para a “arte typographica” e para a circulação da comunicação impressa. Seu desenho estava começando a se definir e a se diversificar, por isso ainda era um impreciso esboço feito com dificuldades.

3 O ESTABELECIMENTO TIPOGRÁFICO EM DOIS TEMPOS 1870-1889

3.1 Novos agentes e artefatos em ação

A escola, porta de entrada para a aquisição das primeiras letras e de contato com a cultura letrada, era uma instituição deficitária no Amazonas, atendendo a um número reduzido de crianças e jovens. Para os alunos que se mantinham na escola o tempo suficiente, o ensino secundário, na província, era realizado no Seminário São José, que funcionava na cidade de Manaus desde 1848. Apenas em meados de 1864, segundo o *Relatório...*,⁷⁵ foi feita a organização do Lyceu separado do Seminário, dando-lhe direção própria e redefinindo suas cadeiras. Segundo esse relatório, foram mantidas as cadeiras de “francez, geometria e arithmetica, geographia e historia” (1864, p. 21). Também foram criadas as cadeiras de “historia natural e outra de chimica e physica”, além de “lingua e grammatica nacional, estudo sem duvida muito mais necessario, que o da latinidade, a quem falla a lingua portugueza, por via de regra a menos cultivada entre nós, e de todas a mais ignorada” (1864, p. 21).

Outro agente de interesse foi registrado pela primeira vez em uma publicação oficial, uma “Bibliotheca”, no *Relatório... de 1870*⁷⁶ (1870, p. 42), descrevendo a intenção do governo provincial de estabelecer um gabinete de leitura em uma das salas do Lyceu para os seus alunos e que também ficasse aberto ao público. Para efetivar a formação da biblioteca foram solicitadas doações de obras impressas e manuscritos aos “amigos das letras” da cidade, buscando-se igualmente outros meios para arrecadar fundos para a compra “das obras mais uteis á esse estabelecimento, preferindo as que tratam do Amazonas” (1870, p. 42). É muito provável que funcionasse uma biblioteca no Seminário, disponível para a consulta dos religiosos.

A Sala de Leitura foi inaugurada, de acordo com Arruda (2000, p. 73), pelo presidente da província em 19 de março de 1871, com 1.200 volumes, em uma sala do “pavimento superior do velho sobrado do Liceu, localizado na Travessa da Imperatriz”. O regimento estabelecido no mesmo ano definia um padrão de uso da sala pelo público, que deveria: “1 – apresentar-se devidamente vestido; 2 – não fumar, não conversar, não atrapalhar por forma alguma o silencio

⁷⁵ *Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa da Provincia do Amazonas na sessão ordinária do 1.º de outubro de 1864 pelo dr. Adolfo de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda, presidente da mesma provincia.* Pernambuco: Typographia de Manoel Figueiroa de Faria & Filho, 1864.

⁷⁶ *Relatorio lido pelo exm. Sr. Presidente da Provincia do Amazonas tenente-coronel João Wilkens de Mattos na sessão d’abertura da Assembleia Legislativa Provincial á 25 de março de 1870.* Manaos: Typographia do Amazonas, 1870.

e a tranquilidade da sala” (ARRUDA, 2000, p. 74). Ainda que fosse apenas uma sala, ela foi uma das primeiras iniciativas com a função de reunir, disponibilizar e conservar publicações no Amazonas, incentivando o contato com a cultura letrada.

Tenha-se presente que, enquanto uma biblioteca se formava, o Estabelecimento dos Educandos Artifices estava com dificuldades para se manter e para contratar os mestres necessários às oficinas que oferecia. No jornal *Amazonas*, de 2 de setembro de 1871, encontrou-se o registro da aprovação do contrato entre a Fazenda Provincial e Carlos Seidl & C.^a para a contratação de mestres estrangeiros.⁷⁷ No ano seguinte chegaram alguns mestres artifices alemães, sendo Augusto Theobald o responsável pela oficina de encadernador. Contudo, ele veio a falecer logo depois, afogado, quando voltava embriagado para a escola.⁷⁸ Com isso, o educando José Henriques Castro – um mestre encadernador que parece ter estudado com Carlos Seidt – foi chamado para assumir essa oficina. Anteriormente um contrato foi celebrado entre C. Seidt e a Thesouraria Provincial para o “ensino n’arte d’encadernador do educando artifice desta provincia José Henrique de Castro.”⁷⁹

Nos jornais, a instituição dos Educandos oferecia seus serviços, como no anúncio do *Amazonas*, de 24 de abril de 1872: “obras nas officinas de sapateiro, alfaiate, e encadernador, mais em conta que em outra qualquer parte”. Informava ainda que as encomendas poderiam ser feitas com o diretor Jayme Lisboa, das 6h às 11h, e o pagamento poderia ser realizado por ocasião do recebimento dos trabalhos. A instituição vai se manter em atividade por aproximadamente por mais cinco anos, fechando as suas portas por volta do ano 1877.

Nesse período, foi aprovado o novo regulamento da Repartição de Obras Públicas, que buscava impor um maior controle sobre as manifestações populares e sobre os costumes da população da cidade de Manaus. O Código de Posturas publicado em 1872 demonstrava uma preocupação com o embelezamento e com a regularização da cidade, impondo multa ou prisão àqueles que mantivessem habitações de palha nas ruas principais. Ficava também proibido dar gritos, fazer alarido (Art. 72), andar seminu, tomar banho nu, assim como lavar roupa e animais nos igarapés e no litoral da cidade (Art. 75). Havia ainda penalidades para quem fosse pego “escrevendo ou fazendo dísticos, figuras indecentes ou colocando pasquins e escritos imorais em qualquer edifício ou lugar” (Art. 74).⁸⁰

⁷⁷ Carlos Seidl era natural de Vienna, foi dono de uma livraria em Belém e exerceu os officios de encadernador e de pautador. Também comercializava equipamentos tipográficos, além de editar vários almanaques paraenses.

⁷⁸ Segundo o item Tranquilidade pública, p. 12, da *Falla Dirigida á Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas na segunda sessão da 11.ª legislatura em 25 de março de 1873 pelo Bacharel Domingos Monteiro Peixoto*.

⁷⁹ Retirado do jornal *Amazonas*, de 23 de janeiro de 1869.

⁸⁰ De acordo com a edição *Posturas Municipais Amazonas (1838-1967)*. Patrícia Melo Sampaio (org.). Manaus:

De acordo com Mesquita (2005, p. 147-148), o conjunto de medidas do Código de Posturas municipal pretendia afastar dos centros urbanos os mais pobres, com seus costumes nativos, afirmando, dessa forma, a escolha por um padrão de vida de inspiração europeia. Por outro lado, é preciso pontuar que ele também se fazia necessário para ordenar o crescimento da cidade e dar mais segurança às habitações, uma vez que as casas que eram de madeira e cobertas de palha eram mais facilmente suscetíveis a incêndios.

Por volta de 1873 as primeiras livrarias locais estavam em funcionamento, uma delas foi a de Abel Maria de Souza e Companhia, que tinha como endereço a Travessa do Barroso, segundo o relato de Genesino Braga (1987, p. 79-80). Não foi possível encontrar outras evidências de atividade dessa livraria, senão um registro de 1876,⁸¹ indicando que Abel Maria possuía um armazém na mesma Trav. do Barroso. Ainda segundo Genesino Braga (1987, p. 79-80), ela teria anunciado a venda de diversas obras literárias nos jornais, incluindo Julio Verne e Joaquim Manuel de Macedo. Junto dela começou a funcionar um gabinete de leitura no mês de maio de 1874,⁸² de responsabilidade de um comerciante e cidadão português chamado Bernardo Antonio de Oliveira Braga.

Para frequentar esse gabinete de leitura era necessário pagar uma assinatura de 3\$000 por mês e, assim, ter a seu dispor cerca de quatro mil obras de seu acervo. O gabinete buscava manter o seu catálogo atualizado com livros vindos da Europa e do Rio de Janeiro, bem como vendendo livros e também comprando edições usadas, ainda de acordo com Genesino Braga (1987, p. 79-80). Após quatro anos de atividade, a Livraria de Bernardo A. Oliveira Braga, que mantinha o gabinete de leitura, anunciava, no *Amazonas* de 6 de setembro de 1878, um leilão de “todas as obras existentes na livraria [...] constando de romances, obras de direito e instrução”. Os leilões para a venda dos livros ocorreram em vários dias, um de seus anúncios tinha o seguinte título: “Ultimos leilões de livros”, informando a venda de mais de trezentos “das melhores obras”,⁸³ encerrando, assim, melancolicamente, suas atividades com a venda de seu acervo pelo maior preço.

As repartições da província faziam diversos gastos com material impresso e afins, algumas mais que outras, pois todas, em alguma medida, precisavam publicar seus editais, fazer impressões avulsas ou ainda assinar algum jornal. Foram anotados alguns itens que aparecem

Edua, 2016.

⁸¹ Segundo o “Lançamento das cazas comerciais que estão sujeitas á impostos provinciaes no exercicio 1876-1877”, publicado no *Jornal do Amazonas* n. 115, de 20 de julho de 1876.

⁸² Genesino Braga (1987, p. 79) afirmou que a instalação do gabinete teria ocorrida em maio de 1873, depois faz referência a uma notícia saudando o surgimento desse gabinete publicada no *Amazonas*, de 29 de maio de 1874.

⁸³ Retirado do *Amazonas*, de 15 de setembro de 1878.

no Balanço da Receita e Despesa do Thesouro Publico Provincial do Amazonas 1873-1874, publicado no *Relatório... em 28 de fevereiro de 1874*.⁸⁴ Vários tinham relação direta com a impressão, por exemplo: assinatura de jornais, encadernação, impressão, papel e penas, livros em branco e talões, livros impressos e publicação de editais.

A edição do *Commercio do Amazonas* de 4 de junho de 1874 registra o recebimento da relação de livros publicados e adquiridos em abril pela livraria do sr. B. L. Garnier, do Rio de Janeiro, que havia enviado três livros juntos. Em contrapartida, o jornal transcreveu parte da lista, divulgando a livraria da corte. Esse era um expediente conveniente para ambas as partes, livraria e jornal, sendo repetido algumas vezes. Nos anos seguintes encontrou-se anúncios do *Jornal das Famílias* com a descrição de suas seções, bem como informando que as assinaturas deveriam ser feitas também na Livraria de B. L. Garnier, localizada na rua do Ouvidor, número 65. Essa modalidade de comércio, as encomendas e assinaturas de periódicos, embora sem muitos registros além dos anúncios, parece ter sido uma prática comercial bastante comum.

Esse comércio também continuava sendo feito por casas comerciais não especializadas, tal como a Loja Esperança. Em anúncio de 11 de novembro de 1875 no *Jornal do Amazonas*, a loja pedia atenção aos “amantes da literatura” para a lista de 29 obras de Camillo Castelo Branco, “primorosamente encadernadas” que estavam sendo vendidas. O valor dessas obras variava: algumas eram vendidas a 2\$500 [*Duas horas de Leitura*], várias a 3\$000 [*Scenas Contemporaneas*], outras a 3\$500 [*O Bem e o Mal*], até o valor máximo de 6\$000 pelos dois volumes de *O Judeu*. O anúncio listava ainda cinco obras de Garret, com os respectivos preços.

Assim, o comércio local de livros e produtos impressos começava a se especializar com o funcionamento das primeiras livrarias, também se ampliava com um gabinete de leitura particular e outro público. Eram espaços de contato com os livros e a cultura letrada, tanto para a comercialização como para a prática da leitura, definindo melhor essas etapas no conjunto de agentes locais.

3.1.1 Os primeiros almanaques do Amazonas

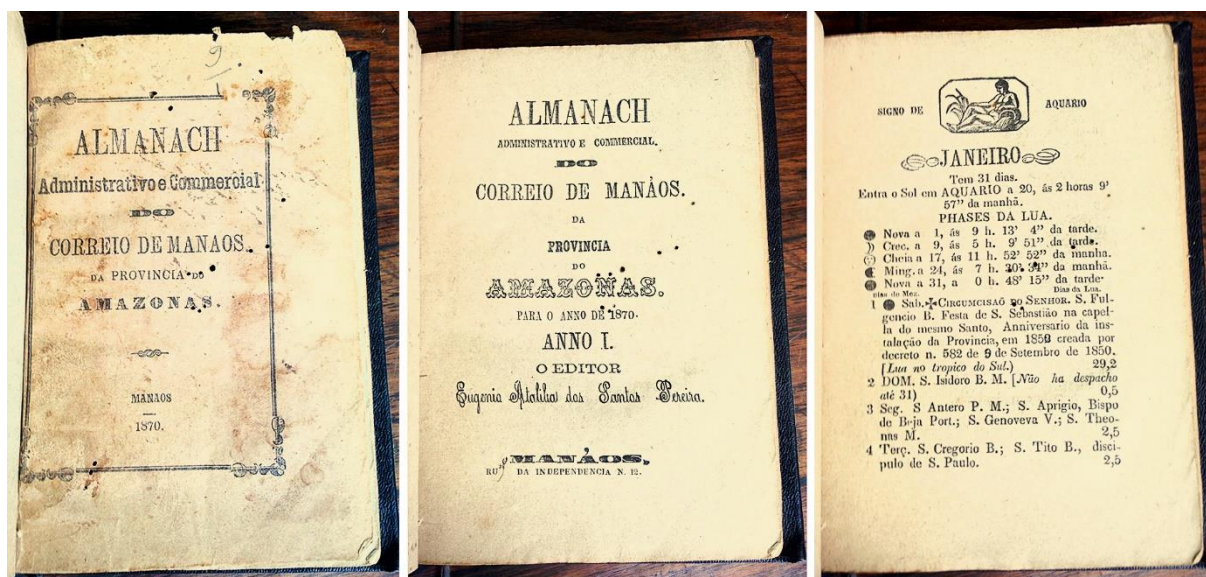
Nos almanaques, a comunicação pode ser pensada nos termos em que Flusser (2007, p. 93) colocou, isto é, como acumulação de informações adquiridas para conferir sentido a um lugar. Para um viajante que chegasse à província, no exemplo dado pelo editor do almanaque

⁸⁴ Segundo o Anexo A, do *Relatorio apresentado Ao Exm.º Sr. Presidente da Provincia do Amazonas Dr. Domingos Monteiro Peixoto pelo Inspector do Thesouro Publico Provincial Thomaz Luiz Sympson. Em 27 de fevereiro de 1875*. Manaus: Typ. do Commercio do Amazonas, 1875.

amazonense estaria visível a descrição da estrutura política, econômica e social de uma localidade. Essa publicação, de outra parte, buscava ordenar o tempo, ou melhor, as informações acumuladas que conferiam um determinado sentido a essa medida elástica, indicando os astros, signos, santos, datas festivas e outros dados. Inicialmente, pode-se considerar o almanaque ocupando uma posição privilegiada no meio editorial, sendo muitas vezes patrocinado por governos locais. Neles, além do registro da estrutura administrativa da província, havia indicações das atividades comerciais, e um texto descritivo que divulgava as riquezas e as potencialidades da região.

O aguardado e, em 1869, tão anunciado *Almanack Administrativo e Commercial do Correio de Manaus da Província do Amazonas* (Fig. 42) foi outra novidade nesse período. Seu editor, Eugenio Ataliba dos Santos Ferreira, comentou, no texto que abre a publicação, a “sensível falta” que um almanaque fazia aos visitantes nacionais e estrangeiros que chegavam à capital da Província. A publicação do almanaque era também um índice de desenvolvimento, muito embora a essa publicação faltasse melhores condições. Quanto a essa questão específica, seu editor se justificava da seguinte maneira: “Compreende-se perfeitamente as lacunas de que se reveste um trabalho novo como este, e quando não se acha desenvolvido na Província o gosto para esta e outras obras”.

Figura 42 – Almanaque de 1870: capa, folha de rosto e página do calendário.



Fonte: Fotos do autor a partir do exemplar da Biblioteca Nacional.

No item Sociedades do almanaque (1870, p. 133) foi registrada a fundação, em 6 de janeiro de 1869, da Sociedade Atheneu das Artes, tendo como sócio benemérito Bento de Figuei-

redo Tenreiro Aranha. Em sua “Commissão Administradora” há o registro de dois proprietários de oficinas tipográficas: Antonio Cunha Mendes, como presidente, e Gregorio Jose de Moraes, como Fiscal. A sociedade oferecia aulas noturnas e, dentre os cursos oferecidos, havia um de Geometria aplicada às Artes e outro de Desenho linear. Nas últimas páginas desse almanaque há uma errata e, na contracapa, um anúncio do “Estabelecimento Typographico do Correio de Manáos” que destacava o seu material gráfico:

Faz impressões de todas as classes e mui perfeitas com muito gosto e asseio. Typos americanos e francezes com grande variedade de vinhetas para tarjados. Possui maquina de cortar papel e de pressão. Imprimem-se letras de comerciais, contas, guias, despachos, procurações, contas correntes, conhecimentos, etc. etc. etc. tudo por preços módicos. (ALMANACH... 1870)

No ano seguinte foi publicado o almanaque de 1871, o qual, embora expressasse no seu título ser de responsabilidade do *Correio de Manáos*, foi impresso pela Typ. do Commercio do Amazonas. Além disso, as seções internas da publicação parecem ter sido impressas de forma independente, dado que sua numeração não se mostra sequencial do início ao fim. A oficina tipográfica do *Correio de Manáos* deveria estar em dificuldades ou mesmo fechada, de modo que a conclusão da impressão do seu almanaque deve ter sido concluída na oficina de seu concorrente para poder atender aos compromissos assumidos com a sua publicação.

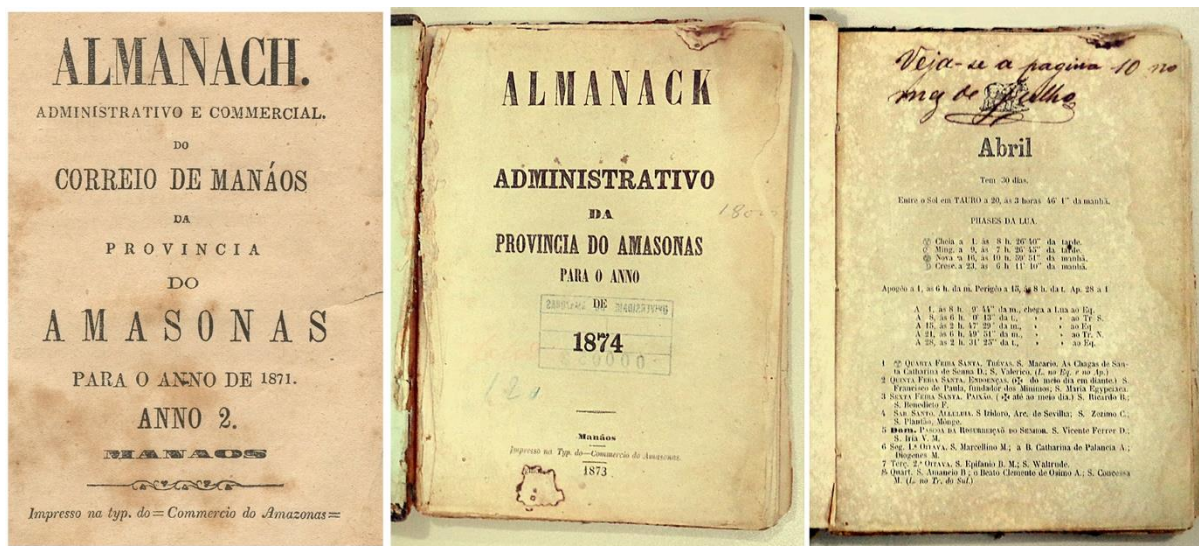
Esses dois almanaques (1870 e 1871) são graficamente modestos, pois fazem uso de poucos recursos gráficos e visuais, além de possuírem uma paginação simples. A eles podemos juntar o *Almanack Administrativo da Provincia do Amazonas para o anno de 1874* (Fig. 43), o qual foi produzido às custas do governo, mas organizado e impresso pela Typ. do Commercio do Amazonas. Ele apresenta uma qualidade de impressão mais regular do que os anteriores, registrando, na seção “Typographies”, três estabelecimentos tipográficos. Em 1875, a Typ. do Commercio do Amazonas publicou de forma consecutiva outro almanaque, com o título de *Almanak Administrativo da Provincia do Amazonas para o anno de 1875 contendo o Novo Regimento de Custas*.⁸⁵

Essa publicação tinha cerca de 80 páginas, não possuía anúncios e, ao final, havia o novo regimento citado no título, com mais 30 páginas. O almanaque registrava, tal como fazia o anterior, apenas três oficinas tipográficas e nenhum outro agente de interesse, a não ser estes: a Typ. do Commercio do Amazonas, a do Amazonas – que antes era nomeada de Diario do Amazonas – e a da Reforma Liberal. Esses quatro almanaques marcam o início desse tipo de publicação no Amazonas. A partir daí, ela se manteria de forma bastante irregular durante os

⁸⁵ Um exemplar deste almanaque foi identificado na Biblioteca do Museu Imperial, em Petrópolis, no Rio de Janeiro, e seus bibliotecários prestaram auxílio enviando fotos e informações por e-mail.

anos seguintes,⁸⁶ a tal ponto que o próximo almanaque do Amazonas somente seria registrado nove anos depois, em 1884.

Figura 43 – Almanagues de 1871, do Correio de Manáos, e a edição de 1874 à direita.



Fonte: IHGB e Biblioteca do Museu Amazônico, respectivamente.

O almanaque, como foi salientado, não era uma publicação qualquer, muito embora fosse classificado como uma publicação periódica e, portanto, considerado de vida mais efêmera que a de um livro, seja por serem lidos com frequência ou por serem descartados com a chegada do almanaque do ano seguinte. Contudo, esse impresso era a única publicação que muitas famílias possuíam; disso se seguia o fato de eles serem então guardados como fonte de saber e de entretenimento. Esse tipo de artefato impresso possuía uma importância social ou, como prefere Ferreira (2001, p. 20), no Brasil pode-se falar de seu “aspecto civilizador”, dado que eles circulavam amplamente e, no seu caminho, levavam variados conhecimentos a lugares distantes, transitando entre o rural e o urbano e entre classes sociais com a mesma desenvoltura.

3.1.2 Crônica tipográfica

Além de produzirem seus próprios jornais que davam nome às suas Typographias, as oficinas tipográficas faziam também a impressão de outros periódicos. Por exemplo, em julho de 1871 o *Jornal do Norte* começou a circular, tendo suas quatro páginas impressas diariamente pela Typographia do Amazonas. E, também como muitos outros, o jornal sobreviveu por pouco

⁸⁶ Ver o artigo *Almanagues do Amazonas (1870 a 1927): impressões de um tempo*. *Anais do 8º Congresso Internacional de Design da Informação* – Cidi 2017.

tempo, algo em torno de um ano. Nessa mesma linha, o jornal *Argos* era impresso pela oficina do *Reforma Liberal*, em 1872, e também o *Boletim Oficial* foi produzido pela Typographia de Mendes & Filhos. Essa publicação começou a circular em 18 de dezembro de 1872, com o expediente do governo, era efetivamente um impresso exclusivo e oficial com a distribuição feita pela secretaria do governo. Esse boletim não chegou a completar um ano de atividades.

Já o jornal *Futuro*, que se identificava como um “Periodico Litterario, Noticioso e Critico”, foi impresso pela Typ. do Amazonas. Seu primeiro número é de 14 de abril de 1873 e circulava às segundas-feiras. Nesse primeiro número há uma seção intitulada “Folhetim”, cujo autor declarava que deveria escrever um folhetim, muito embora não fosse ele um “folhetinista”. O autor continua e expressa as seguintes palavras: “Que singular ideia! Entretanto, como no Amazonas tudo é possível, é justo que relevem a minha improdencia”. A propósito, nos números seguintes foram publicados poemas, traduções, anedotas e charadas. Em seu quinto número, de 13 de maio de 1873, informou a Typ. de Mendes e Filho com a oficina que o imprimia. Como se pode notar, os periódicos começaram a diversificar seu conteúdo por meio da oferta de seções literárias, folhetins e de entretenimento, reforçando a prática de leitura como forma de lazer, ainda que esta fosse um divertimento para poucos.

Em 18 de junho de 1871 foi fundada a Associação Commercial do Amazonas, tendo como primeiro presidente o cidadão José Miranda Coelho. Seu objetivo principal, de acordo com seu estatuto, era promover o desenvolvimento do comércio na província.

A Photographia Fidanza começou a oferecer seus serviços por volta de dezembro de 1872, segundo mostra o levantamento realizado no Apêndice C2. O fotógrafo Felipe Augusto Fidanza era de nacionalidade portuguesa e mantinha, desde 1867, um ateliê estabelecido em Belém. Não se sabe por quanto tempo funcionou esse empreendimento local. O que é possível saber é que, seis anos depois, na edição de 24 de abril de 1878 do jornal *Amazonas*, encontramos um anúncio com o título de “Retratos”, o qual era ilustrado com uma vinheta com o desenho de uma máquina fotográfica. Esse anúncio pedia às pessoas que haviam tirado retratos com o sr. Fidanza que se apresentassem na casa comercial de Gregorio Muniz de Medeiros, fato que indica que ele atuava em Manaus por períodos curtos.

Em comemoração ao aniversário de D. Pedro, no dia 2 de dezembro de 1825, o jornal *Amazonas* imprimiu sua edição de número 387 em um papel de cor amarela.⁸⁷ Esse acontecimento era um dos primeiros registros do uso de cor nos periódicos locais, ainda que fosse pelo uso do papel e não pela aplicação de uma tinta colorida. Em 1.º de janeiro de 1873, o jornal

⁸⁷ De acordo com Faria e Souza (1908, p. 68).

Amazonas mudou seu título e começou a circular como *Diario do Amazonas*, segundo relata Faria e Souza (1908, p. 68), marcando, assim, a sua mudança de periodicidade e o início de uma nova fase. Sua oficina – a **Typographia do Diario do Amazonas**, de propriedade de Antonio Cunha Mendes, teria sido vendida em setembro de 1873 para José Carneiro dos Santos, que permaneceu com a publicação do jornal (FARIA E SOUZA, 1908, p. 68). Ela funcionava, segundo o almanaque de 1874, na Travessa da Matriz e sua impressão ficava sob a responsabilidade de seu proprietário, que era também tipógrafo.

Em sua edição de 1.º de janeiro de 1874, o periódico publicou um interessante relato da atividade tipográfica no Amazonas com o título de “Chronica Typographica”. Nela listou as principais oficinas tipográficas e seus proprietários, descrevendo suas dificuldades financeiras, assim como a triste sina de quase todas elas:

N’esta província tem havido desde 1852, muitas typographias. A da Estrella do Amazonas, o proprietário morreu pobre. Esta foi comprada pelo Sr. Antonio da Cunha Mendes, operário infatigável, que está pobre, e passou seu estabelecimento. A do Catechista, do Sr. Capitão Pará não pode aumentar-se. A do Correio de Manáos, do Sr. Dr. Sérgio morreu, seu proprietário não auferiu lucro algum. A da Reforma Liberal, vai sustentando-se, sem resultado. No meio de tudo isto, brilha a do Sr. Gregório José de Moraes, distinto proprietário de Manáos. Digam os sábios da escritura, Que segredos são estes da natura. O Sr. Carneiro também fará fiasco deixando só o distinto operário Tenente Gregório José de Moraes?! Há homens muito felizes. (*Diario do Amazonas*, 4 de janeiro de 1874 apud CALIRI, 2014, p. 47)

Mais que tudo, o que se vê acima é um interessante resumo da atividade gráfica local descrita a partir das dificuldades que tinham os proprietários de oficinas tipográficas em auferirem lucros e conseguirem se manter ativos na produção de jornais e impressos. Num outro aspecto, quando se refere ao dono da Typ. do Correio de Manáos, que havia publicado os primeiros almanaques e a edição de *Vôos do Tambaqui*, afirma que ela encerrou suas atividades com a morte de seu proprietário sem que este tenha conseguido lucro algum. Esse fato explicaria o breve tempo de funcionamento da oficina, assim como a razão de seu almanaque de 1871 ter sido impresso em outro empreendimento gráfico. Contudo, encontramos vários registros em jornais da atividade advocatícia do Sr. Alfredo Sergio Ferreira posteriores a 1874, incluindo o funcionamento do seu escritório na rua dos Remédios.⁸⁸

O *Diario do Amazonas*, segundo Faria e Souza (1908, p. 69), voltou a se chamar apenas *Amazonas*, em sua edição de número 74, de 6 de abril de 1874. Essa mudança ocorria porque o jornal deixava de ser publicado diariamente para circular apenas nas quartas, sextas e domingos. Sua oficina voltava a ser a Typ. do Amazonas e Eduardo Augusto Pereira de Freitas era seu tipógrafo. Nessa linha de desenvolvimento, Faria e Souza (1908, p. 69) também afirma que ele

⁸⁸ *Jornal do Amazonas*, 20 de julho de 1876.

tinha três meninos sob seus cuidados na oficina e que, dentre eles, estava Hildebrando Luiz Antony. Essa é a oficina à qual, maliciosamente, a crônica acima se referiu querendo saber se o “Sr. Carneiro”, seu proprietário, também “fará fiasco” como os outros. Esta dúvida ficava no ar: ele conseguiria ficar ao lado do único empreendimento de sucesso? A resposta a esse questionamento vai parecer mais clara adiante.

A oficina tipográfica que milagrosamente gerava lucros era a Typ. do Commercio do Amazonas que, em maio de 1874, publicava o expediente do governo, que antes era impresso pelo jornal *Amazonas*, além de produzir as edições oficiais e outros impressos. Gregorio José de Moraes aparece identificado no *Amazonas* de 24 de janeiro de 1872 e no *Boletim Oficial* de 16 de julho de 1873 como o “typographo” responsável por publicações do governo. Em algumas edições do *Commercio do Amazonas*, no colofão, ele se identificava como proprietário e impressor.

Na denúncia contra os maus tratos da oficina de Francisco da Silva Ramos, publicado no *Catechista* (2 jul. 1864), consta um Gregorio Moraes como sendo um dos profissionais que haviam trabalhado nessa oficina, muito embora não se tenha certeza de que se trata da mesma pessoa. Seja como for, pode-se observar que alguns tipógrafos se tornaram donos de oficinas, sendo o primeiro deles Manoel da Silva Ramos. Depois Antonio Cunha Mendes, José Carneiro dos Santos e Gregorio José de Moraes também tiveram experiência como tipógrafos, o que certamente facilitava a condução da oficina tipográfica, pois eles a dirigiam sem a necessidade de um gerente ou de um administrador de oficina.

Em 23 de abril de 1874, o governo da Província do Amazonas elevou a Villa de Serpa à categoria de cidade com o nome de Itacoatiara. Nesse mesmo ano foi publicado o jornal *Itacoatiara*, sendo eu proprietário e redator o Capitão Felisardo Joaquim da Silva Moraes. O jornal era publicado semanalmente e tinha quatro páginas com o texto composto em duas colunas utilizando fios e bigodes. A sua oficina tipográfica ficava na Rua da Boa Vista, em Itacoatiara, e se tornou uma das primeiras do tipo em funcionamento em outra localidade do Amazonas que não fosse a cidade de Manaus.

Dois anos depois, em 1876, na mesma cidade, foi impresso o periódico semanal *Foz do Madeira*, “Jornal do Commercio, Lavoura e Industria”. Seu título fazia referência à região do Rio Madeira e, segundo Santos et al. (1990, p. 99), ele teve duração de cerca de um ano, encerrando suas atividades em janeiro de 1877. Na edição de 29 de maio de 1876 do *Jornal do Amazonas*, o *Foz do Madeira* foi acusado de apedrejar a reputação de distinto morador e, por essa razão, foi descrito como sendo uma vergonha para o sublime invento de Gutenberg, recebendo a pecha de “immundo pasquim”. Assinava a desafortada nota um certo “Um leitor indignado”.

A publicação e a circulação de um periódico no interior da província permitiram que os jornais da capital tivessem notícias dessas localidades, fato que raramente acontecia. *O Jornal do Amazonas*, em 28 de agosto de 1876, registra o recebimento do *Foz do Madeira* e diz que nele não há nada de grande importância. Somente duas notícias foram transcritas: um testamento e um desaparecimento. Não foi possível examinar nenhum exemplar dele, ficando, assim, impossível identificar a oficina que o produziu. A publicação dos dois jornais em Itacoatiara, nesse período, já demonstra um maior desenvolvimento econômico da região e também uma importante ampliação na circulação de impressos.

No início de abril de 1875 entrou em funcionamento a oficina que produziu o *Jornal do Amazonas*, de propriedade do bacharel Ernesto Rodrigues Vieira. Os valores nos quais o periódico acreditava estavam compostos no cabeçalho, o qual dizia o seguinte: “Defende a causa da verdade, da justiça, do progresso e da civilização”. A **Typ. do Jornal do Amazonas** imprimia o jornal uma vez por semana em seu endereço na Rua do Imperador.

O *Jornal do Amazonas*, vez por outra, trazia notícias sobre a atividade da imprensa no mundo, assim como notícias locais, na seção “Chronica Jornalística”. Nesta também dava espaço para as artes gráficas, como na edição de 16 de março de 1876, em que traz uma nota com o título de “Phenomeno typographico” e descreve uma publicação do *Times*, de Londres, com 598 páginas. Essa edição teria sido composta por “quatro aprendizes em duas machinas de compor em 10 dias, á razão de 250 linhas cada um”. O texto continua o relato dizendo que a edição teve 128 páginas impressas em clichês e que foram tirados em prelo “Walter, á razão de 12,000 exemplares por hora”. Por fim, reforça o fato dela ter sido composta à máquina e como esse tipo de produção poderia abrir “uma nova era á imprensa e á livraria”. Registre-se que a circulação local de notícia sobre inovações tecnológicas do setor gráfico era rara nos jornais.

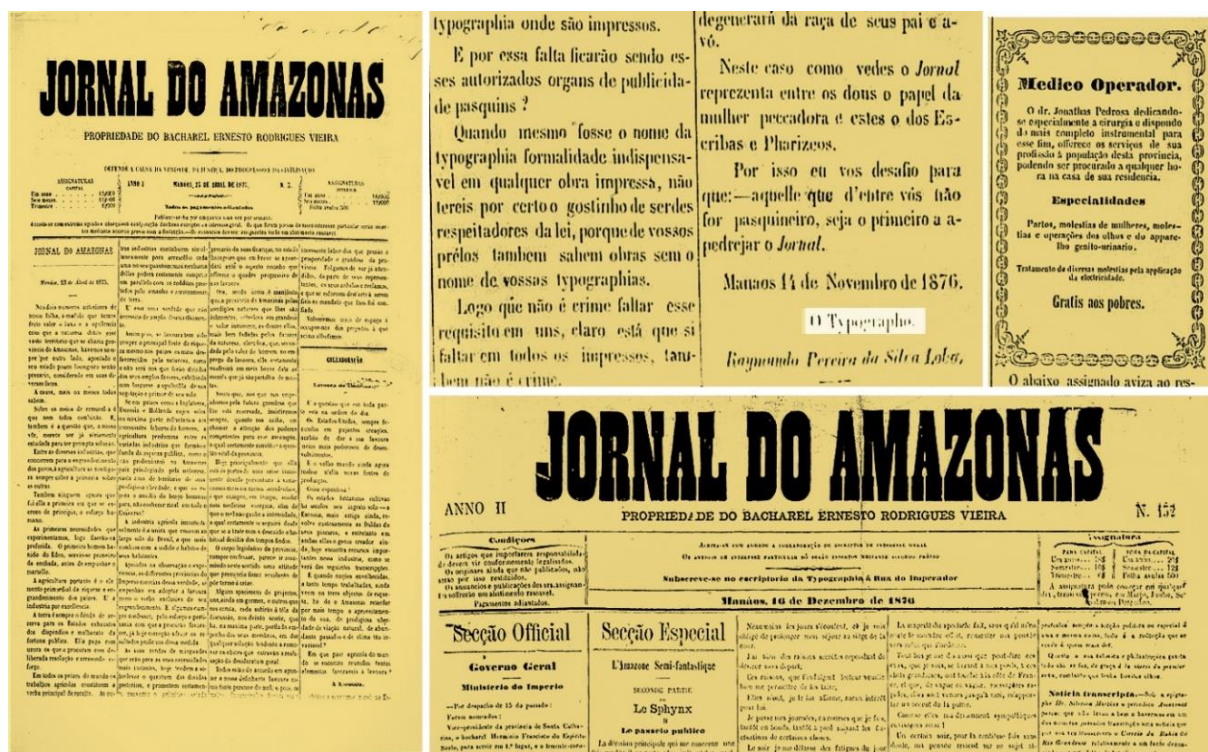
Essa maior abertura para os assuntos gráficos no *Jornal do Amazonas* talvez se deva à atuação de Raymundo Pereira da Silva Lobo, um curioso personagem. Em setembro de 1869 seu nome aparece registrado no cabeçalho do *Amazonas* como “Director da officina e Editor”. O jornal era de propriedade de Antonio da Cunha Mendes. Raymundo Pereira era tipógrafo, paraense, solteiro, tinha 32 anos em 1876⁸⁹ e participava ativamente da vida cultural da cidade. Nesse mesmo ano ele assinou um anúncio convidando os “artistas e os jovens amantes da democracia” para discutir os estatutos que deveriam reger o Club Democratico.⁹⁰

⁸⁹ De acordo com o *Jornal do Amazonas*, de 13 de setembro de 1876.

⁹⁰ Retirado do *Jornal do Amazonas*, de 12 de outubro de 1876.

No *Jornal do Amazonas* ele escreveu uma coluna com alguma regularidade no ano de 1876, inicialmente assinando apenas com seu nome. Logo depois passou a incluir a informação “typograph” junto ao seu nome completo (Fig. 44). Na edição de 2 de novembro de 1876, do *Jornal do Amazonas*, o tipógrafo Raymundo Pereira deu uma resposta enfurecida a um texto do *Amazonas* que teria questionado a autoria dos artigos assinados por ele. O texto assinado por “Muitos liberaes” levantava dúvidas quanto à sua capacidade intelectual, chegando a pedir que o verdadeiro autor dos artigos se apresentasse. O typograph ficou profundamente ofendido e respondeu com veemência à acusação: “Sempre mentira! sempre calunnia! sempre infamias [...]”. O primeiro artigo é meu, o segundo meu também, este meu é, e os mais os que sob minha assignatura sahirem na imprensa”. Ele também se apresentou dizendo que “ha 10 annos que vivo nesta provincia, sempre estudando o caracter politico dos homens da terra”.

Figura 44 – *Jornal do Amazonas*: primeira página e detalhes gráficos de suas páginas



Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Ainda na mesma edição desse jornal, Raymundo Pereira voltou a escrever, dessa vez uma nota intitulada “Provocação”. Ele havia descoberto quem era o autor do artigo do *Amazonas* que o qualificara como um “quazi analfabeto”, segundo a nota. O autor das ofensas teria sido Joaquim José Paes da Silva Sarmento, a quem o tipógrafo dirigiu a sua fúria fazendo-lhe um pedido: “Venha com sua assignatura, não tema ao typograph compositor de seus romances,

venha, mostre-se ao menos esta vez como homem”. Estava, assim, formada mais uma briga que se estenderia por várias edições de, pelo menos, dois jornais: no *Amazonas*, onde Joaquim Sarmiento escrevia, e no *Jornal do Amazonas*, onde o tipógrafo trabalhava. Essa contenda será mais desenvolvida adiante, não pelo gosto da fofoca, mas pelas informações que emergiram junto às ameaças e ofensas.

Ora, além de compor e imprimir as colunas do jornal, o tipógrafo Raymundo Pereira escrevia e se colocava na linha de frente, discutindo e atacando desafetos, tanto os seus como os do jornal. Cabe citar, por exemplo, o que ele fez com o proprietário da oficina tipográfica do *Amazonas*, José Carneiro dos Santos, a quem denunciou por ser estrangeiro (português) e, como exigia a lei, porque seu periódico não declarava ter um impressor ou editor conhecido e brasileiro. Isso não é tudo: em artigo de 16 de novembro de 1876, publicado no *Jornal do Amazonas*, Raymundo Pereira respondeu aos jornais *Commercio do Amazonas* e *Amazonas*, os quais teriam feito escândalo com alguns erros tipográficos que teriam saído em um boletim de última hora publicado pelo *Jornal do Amazonas*, de sua responsabilidade. Ele respondeu e apontou o dedo, usando itálicos e negritos a seus colegas:

Antigamente, antes de ser adoptado como elemento de vida social e mesmo de *bom tom* à hydrophobia; os typos, os prélos e os typographos podiam commetter toda a sorte de erros ou faltas, ainda mesmo por preguiça ou inaptidão dizia-se logo: **é erro de imprensa, é erro typographico**, hoje porém, já não deixam passar camarão pela malha! Pobres typographos, o bom tempo já se acabou [...] Todos os erros, ainda que seja um – o – com a fenda ao contrario, logo se grita: – É o proprietario um pasquineiro! O seu *Jornal* um pasquim!! (JORNAL do Amazonas, 16 novembro de 1876).

3.1.3 As edições amazonenses, o “typographo” e a primeira revista

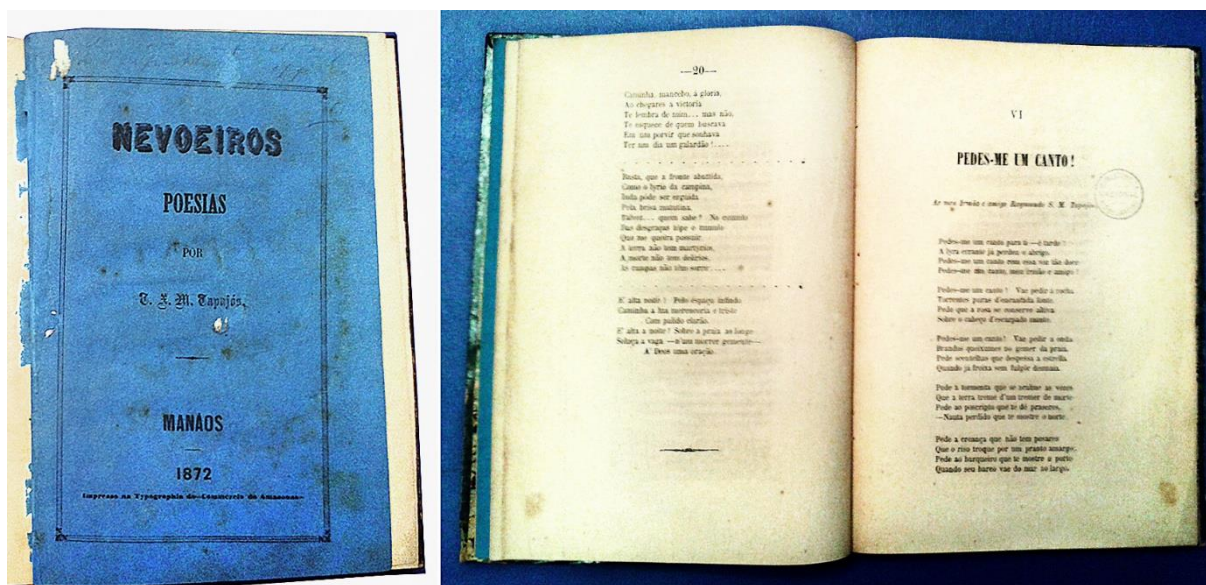
“O que fazes aqui, onde o pensamento definha e morre?!” Essa pergunta foi dirigida ao jovem amazonense Torquato Tapajoz, em 1872, quando ele estava com 18 para os 19 anos. Bem entendida, a pergunta era também um incentivo para quem havia concluído seus estudos no Lyceu e se preparava para viajar, continuando sua formação na corte. Esse era um rito de passagem comum para os jovens abastados da província: partir de sua terra porque ela não tinha mais o que oferecer a eles em termos de ensino superior. Torquato ouviu mais palavras de incentivo e despedida do amigo mais velho e experiente:

Avante! Com a intelligencia que tens, nada debes recear, e a Provincia muito tem que esperar de teus recursos.
Avante! Não esmoreças; és jovem inda e apezar dos teus – Nevoeiros – o horisonte ainda se te apresenta rizonho.
[...]
Para ti meu Torquato, o porvir, o pensar de poeta e o coração.
Para mim, o caminhar do tumulo, o pão dos filhos e a descrença.

Cabeça de poeta, coração de mancebo, o mundo hoje é tudo para ti.
Mas amanhã...

As citações acima foram retiradas do prólogo do livro *Nevoeiros*, cuja autoria, tal como aponta a sua capa, é creditada a T. X. M. Tapajoz, ou melhor, Torquato Xavier Monteiro Tapajós (Fig. 45). Quem as escreveu, em carta remetida ao autor e publicada em livro, foi Felisardo Joaquim da Silva Moraes.⁹¹ Essa edição de poesia de título *Nevoeiros* possui 88 páginas e foi composta e impressa pela Typographia do Commercio do Amazonas em 1872. Genesisino Braga (1987, p. 43-47) descreveu o jovem poeta como cheio de encantos e como sendo parte de “prestigiosa família amazonense”. Observou também que ele tinha publicado poemas no jornal *Amazonas*, em 1870, onde assinava com as iniciais “T.X.M.T.”, “T.T.” ou, ainda, como o nome de “Tupy”. Os poemas eram dedicados à sua musa, identificada apenas pelas iniciais “M. N.”.

Figura 45– Capa em papel azul e página dupla de *Nevoeiros*, de T. X. M. Tapajoz (1872)



Fonte: Imagens do acervo do autor.

A edição do *Amazonas* de 1.º de junho de 1872 registrou que Torquato Tapajoz recebeu um subsídio do governo provincial de oitocentos mil réis para estudar engenharia na corte, mais trezentos mil réis como ajuda de custo. Segundo Daou (2014, p. 42), esse financiamento indicava uma consolidação da elite local ao garantir certa distinção social advinda da educação superior adquirida em outras províncias ou na Europa. Com essa relação eram feitos laços e alianças e

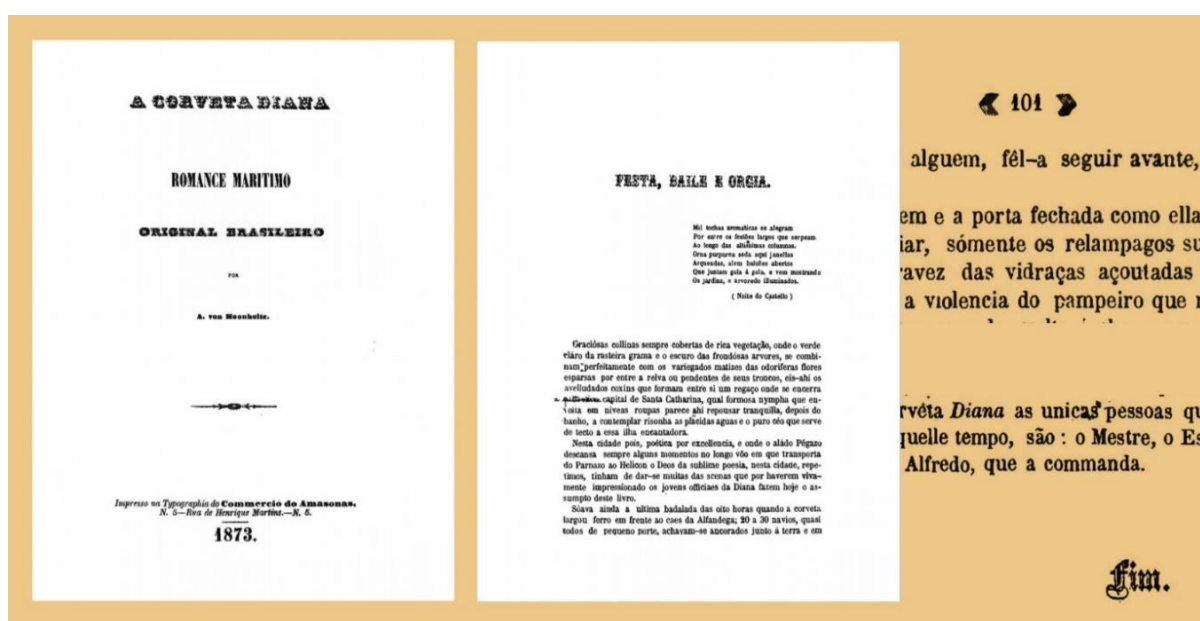
⁹¹ Felisardo já foi citado nessa pesquisa como o proprietário do jornal *Itacoatiara*, publicado em 1874 no interior do Amazonas.

estava instaurada “uma ampla rede de favores e, conseqüentemente, de deveres entre os membros daquela sociedade” (DAOU, 2014, p. 42).

Em 28 de setembro de 1872, na seção “Gasetilha” do *Amazonas*, foi registrado o recebimento do “volume de poesias do jovem Torquato Tapajós com que, ao partir para a cõrte do imperio, deu o seu adeus de despedida á terra natal”. A nota falava da modéstia do autor, pois seus poemas “não são *nevoeiros* são *zefiros matutinos* de limpida e virente manhã de abril”. Simultaneamente, outra nota na mesma edição do jornal informou a exoneração, a pedido de Torquato Xavier Monteiro Tapajós, do cargo de amanuense que ocupava na secretaria da presidência. No ano seguinte (1873), Torquato Tapajós publicou *Nuvens medrosas*, no Rio de Janeiro, uma edição também de poesia, mas com 200 páginas, que foi vendida a 2\$000 na Typ. do Amazonas, de acordo com Genesino Braga (1987, p. 80). Ao fim e ao cabo, o poeta amazonense publicaria ainda *Regeneração* (1876) e *Cromos* (1897), além de diversas obras em sua destacada carreira como engenheiro sanitarista, até falecer aos 44 anos de idade na cidade de Rio de Janeiro.

Em 1873 foi publicada, em Manaus, outra edição particular de autoria de um militar nascido no Rio de Janeiro e que havia participado da Batalha do Riachuelo na Guerra do Paraguai. Antonio Luis von Hoonhots tinha sido designado para estudar o problema da fronteira entre Brasil e Peru e, por essa razão, encontrava-se em Manaus. Pelos serviços aqui prestados foi concedido a ele o título de Barão de Teffé pelo Imperador D. Pedro II.

Figura 46 – *A Corveta Diana*, de A. von Hoonholtz, folha de rosto, página e detalhes (1873).



Fonte: Composição do autor feita a partir da cópia digitalizada da Biblioteca Brasileira da USP.

Seu livro, *A Coveta Diana* (Fig. 46), foi produzido na Typographia do Commercio do Amazonas e tem o seguinte subtítulo: “Romance marítimo original brasileiro”. Segundo os termos de Blake (1883, p. 240), esse texto já havia circulado na forma de folhetim no *Despertador*, de Santa Catharina, e no *Diario de Pernambuco*. A edição local teve tiragem de apenas 50 exemplares, pois o autor não tinha a pretensão de comercializar um romance, mas tão-somente de imprimir seus escritos e dá-los aos seus “irmãos d’armas e a um ou outro complacente amigo”. Essa foi a razão da tiragem tão modesta do livro e também de ele não ter sido posto à venda, visto que era, de fato, uma edição com circulação particular.

O livro possui 120 páginas e 13,5 x 21 cm de tamanho, com sua composição gráfica se configurando a partir de uma coluna de texto composto de forma justificada e com recuo inicial. Utiliza um tipo fantasia para a composição dos títulos em caixa alta e os centraliza nas páginas. Há uma espécie de aspas que envolve a numeração das páginas e esse elemento apresenta um certo volume pela variação do seu desenho, criando um efeito visual atrativo. Pelo exame feito de um exemplar na biblioteca do IHGB, pode-se afirmar que sua impressão foi regular.

3.1.3.1 O crime do *Pai Domingos* e o “typographo”

Pai Domingos, ou o auctor de um crime nefando é o título de uma edição bastante curiosa e pouco conhecida, a qual será descrita de forma fragmentária e breve, visto que não se encontrou nenhum exemplar da obra. Assim, algumas referências dispersas e as páginas dos jornais da época forneceram as informações reunidas, sobretudo o *Jornal do Amazonas*. O livro *Pai Domingos* foi publicado pela oficina tipográfica do *Amazonas* e sua autoria foi creditada a Samuel Ivo, um pseudônimo. Apesar desse artifício, o seu propósito parece ter sido bem claro: ofender uma figura pública da província, seus amigos e escandalizar as famílias da sociedade amazonense. Foi Genesino Braga (1987, p. 81) quem fez o registro do anúncio da edição de 13 de maio de 1874, do *Amazonas*, no qual o livro foi descrito em termos misteriosos para poder convencer os leitores a fazerem a assinatura da edição:

O enredo da obra é de um feliz effeito e maravilhosamente combinado. O seu desenlace satisfaz plenamente ao mais exigente leitor, pois o crime nefando é punido com todo o rigor das leis do paiz em que elle tem logar. Trabalho de um illustrado e digno cavalheiro, temos fê que este romance terá uma grande procura.

O livro deve ter sido publicado nesse mesmo ano (1874) ou, no máximo, no ano seguinte, quando se encontrou várias referências a ele. O *Pai Domingos* citado no título é uma referência

direta ao presidente da Província do Amazonas, Domingos Monteiro Peixoto,⁹² que após o seu governo (1872-1875) assumiu a presidência do Espírito Santo. Nesse período, de acordo com Caliri (2014, p. 77-79), o jornal *Amazonas*, que publicou a obra, fazia oposição ao governo pelo menos desde 1874, quando o periódico rescindiu o contrato que tinha para publicar os atos do governo provincial.

No *Jornal do Amazonas* do dia 3 de fevereiro de 1876, o artigo “Detractores do Dr. Domingos Monteiro Peixoto” respondeu a uma carta publicada no *Amazonas* e assinada por Victória. Segundo o texto, a missiva afirmava que havia recebido um exemplar do “Pae Domingos” e, depois de o ter lido, rogava que lhe fosse enviado os outros volumes da obra. Como resposta, o artigo classificou o livro como um “amontoado de nojentas infâmias” por atacar o lar e a honra do Dr. Peixoto, sua família e alguns de seus amigos.

O texto transcreveu algumas frases do livro, mesmo sendo reticente sobre o teor delas: “Ladrão, safado, mulher perdida, filhos adúlteros, e [...] a penna recua-nos da mão, não podemos continuar a descrever tão miseráveis proposições!”. O autor do artigo, assinado como “J”, dizia não gostar das “luctas da imprensa”, mas, por ter sido agredido no livro, tinha sido constrangido a isso. Afirmava ainda que a vítima da vil agressão, seu amigo Domingos, estava ausente e terminou reforçando a imagem negativa do livro ao dizer que a “obra **Pai Domingos**, ha de ser sempre o remorso a perseguir seu autor. [...] e a humanidade que cubra o rosto de vergonha diante de tamanha depravação moral”.

Parte desse desejo se cumpriu nas muitas citações feitas ao livro e escritas pelo tipógrafo Raymundo Pereira da Silva Lobo, já referido aqui anteriormente, e que então assinava uma coluna no *Jornal do Amazonas*. Ele havia sido acusado de ser um pobre coitado tipógrafo que apenas emprestava sua assinatura, obrigado que era pelo verdadeiro autor de seus textos, o proprietário do jornal onde trabalhava, o bacharel Rodrigues Vieira. Em contrapartida, o tipógrafo Raymundo Pereira ficou terrivelmente ofendido e, como resposta ao autor das calúnias dirigidas ele, tratou de ofendê-lo da pior forma possível: imputando a ele a autoria do livro *Pai Domingos*.

Assim, ficamos sabendo que o sr. capitão reformado da guarda nacional e contador do Thesouro Publico provincial, Joaquim José Paes da Silva Sarmiento, teria sido o autor do livro. A obra parece ter causado escândalo na sociedade local por conta de seu conteúdo. Daí, por conseguinte, também o anonimato mantido quanto à autoria do tal romance, que mais parece obra panfletária, como será visto pelas citações abaixo.

⁹² Domingos Peixoto recebeu o título de Barão de S. Domingos por seus serviços prestados aos portugueses residentes no Amazonas. Ele é lembrado pela doação do terreno ao Hospital da Beneficência Portuguesa.

Em várias edições do *Jornal do Amazonas* o tipógrafo manteve a polêmica e fez diversas citações da obra *Pai Domingos*, sempre com o objetivo de expor e de condenar seu autor, que tinha idade aproximada à dele, muito embora fossem de classes distintas, tal como o tipógrafo várias vezes relata nos artigos. Nestes ele utilizou uma epígrafe retirada do livro, citações dele, dava destaques a trechos com negrito e corpo maior, chegando até mesmo usar vinhetas de mãos indicativas para dar maior ênfase ao que denunciava. Na edição de 19 de novembro de 1876 ele usa apenas negrito e citações no artigo intitulado “Maldita polêmica”, texto no qual o tipógrafo transcreve a seguinte citação do livro. Em que se fala do ex-presidente da província, o sr. Domingos: “Nunca o bacharel Monteiro Peixoto se tornou credor da gratidão dos amazonenses, que todos os detestam e o amaldiçoam [...] O povo amazonense é nobre e possui em subido grão sentimentos fidalgos; não podia, jamais, prestar culto a mentira e ao embuste &...”

Torna-se manifesto que a rivalidade e a animosidade entre o jovem fidalgo autor de *Pai Domingos* e o humilde e instruído tipógrafo quase chegou à luta física. O encontro entre eles foi descrito em uma nota de sugestivo título – “Não m’olhe!”, do *Jornal do Amazonas* do dia 28 de novembro de 1876. O tipógrafo diz que, no sábado, às 7 horas, no largo da igreja dos Remédios, encontrou seu desafeto e teria sido “coberto de epítetos injuriosos pelo sr. Joaquim José Paes da Silva Sarmiento e um seu parente, chegando ao ponto de ser ameaçado de espancamento”. Os insultos teriam terminado com uma ameaça de Joaquim Sarmiento: “não me olhe!”, ao que o tipógrafo teria respondido isto: “com que olhos s.s. me vio?”

É necessário dizer que dois cidadãos foram testemunhas, mas Raymundo Pereira diz que não revelaria seus nomes para dar prova “de que, apesar de pertencer à classe dos pequenos, possuo alma grande e generosa, e que também sei dar o devido desprezo á homens que tem os costumes das peixeiras dos mercados”. O tipógrafo, além de querer se mostrar superior e nobre, buscava também o reconhecimento que lhe fora negado por ser um trabalhador gráfico. Como retaliação, ele voltou a tratar do *Pai Domingos* em seu artigo seguinte, do dia 9 de dezembro, em que transcreve do livro a descrição de um tribunal chamado “Vingança e Traição”, composto por seis sócios. Esse tribunal teria por objetivo, segundo o livro, a “Vingança aos inimigos, aos amigos traição. Nunca a gratidão se abrigará em nosso seio e nem a virtude. Acima de tudo está o nosso interesse comum; nunca pensemos nos meios á empregar quando fôr preciso alcançar dinheiro”.

Essa posição materialista, pregando a devassidão, era escandalosamente oposta ao modelo cristão de conduta que se esperava de um respeitável cidadão, mesmo que dita por um personagem de um livro. Ela foi imputada a Joaquim Sarmiento, de modo que não parece tão exagerada a descrição feita do escândalo causado pela publicação da obra em Manaus, ocasião

em que o tipógrafo compara Joaquim Sarmiento ao monte Vesúvio. O motivo da aplicação dessa metáfora estava no fato dele ser o responsável pelo “terremoto moral” e pelo “vulcão d’injurias” que se seguiu. Esses acontecimentos em torno da publicação do livro foram descritos em três fases em um artigo do *Jornal do Amazonas*, de 12 de dezembro de 1876.

Primeiro vieram os sinais de fogo que apareceram em notas dos jornais e aos quais ninguém deu muita importância, uma vez que foram tachados como sendo um “cão ladrando na rua”. O segundo estágio veio na forma de um anúncio no *Amazonas*, dizendo que sua oficina estava recebendo assinaturas para o romance *Pai Domingos*; em razão disso, muitos amazonenses curiosos com a novidade fizeram as suas assinaturas. O terceiro ato se deu em uma tarde que transcorria de forma tranquila na capital do Amazonas, quando, de repente, tudo mudou, pois todos estavam a comentar que estava sendo distribuído o “Pai Domingos, romance de Samuel Ivo”. Era o momento da explosão e do fogo do vulcão.

Nesse momento, o dr. Domingos Monteiro Peixoto e seus “honrados e verdadeiros amigos, se aterrorisaram como outr’ora os habitantes de Herculanium Pompeia”, mas então “já era tarde!”. O livro descrevia, dentre outras coisas, as reuniões sociais ou “bacchanaes” que o então presidente da província promovia em seu palácio com a presença das famílias amazonenses, e que teriam sido chamadas de “Surpresas” no livro. O artigo, citando o livro, diz também que:

As sorpresas, como se denomina as bacchanaes do presidente da provincia são a mais revoltante affronta, que se pode fazer, á moral publica, por que nellas o chefe da familia vai perdendo pouco a pouco o amor a sua honra e no fim de certo tempo não resta no coração o menor vestigio de sentimentos nobres.

[...] O esposo e o pai, que nesses lugares levam suas estremecida esposa e sua filha cavam a sua ruina, & &.

Cabe salientar que, diante desse fato, as famílias que frequentavam a residência do governador, segundo o relato do tipógrafo, se agitaram: esposos, esposas e suas filhas donzelas choravam e se desesperavam. Mais ainda: “fez-se mil conjecturas para se descobrir ou ao menos sonhar-se quem [seria] o autor desse pamphleto, que lançou uma sociedade inteira no bárathro da deshonra, porem tudo foi baldado”. Enquanto isso, o autor Joaquim José da Silva Sarmiento se divertia com a confusão e o tipógrafo comentava sobre o autor e seu desafeto: “Oh! horror, Oh! cynismo. Oh! miseria humana!”.

Ao fim e ao cabo, parecia que a novela que envolvia o *Pai Domingos* chegaria ao seu término com o artigo “Conclusão”, de 30 de dezembro de 1876 no *Jornal do Amazonas*. Nele, o tipógrafo afirmava que este seria seu último texto sobre o tema, comparava o seu autor a Nero e ainda rememorava o que seu antagonista teria dito a seu respeito: “o que está liquido e todos sabem, é que o sr. Lobo typographo compositor do Jornal official não tem habilitações para

escrever”. De forma oportuna, o tipógrafo ainda se desculpava, nesse artigo, por alguma falha que tivesse cometido por descuido, bem como agradecia o apoio recebido das redações do “*Constituição e do Baixo Amazonas*, organs da imprensa honesta e moralizada da provincia visinha”. Por fim, afirmava ter, desse modo, concluído sua missão...

Na realidade, a história continuou na semana seguinte, na edição de 5 de janeiro de 1877 do *Jornal do Amazonas*, quando o seu novo capítulo teve o título de “Ultimas palavras do auctor do Pai Domingos, Joaquim J. P. da S. Sarmiento”. Esse retorno se deveu a uma resposta publicada no *Amazonas* do dia 31 de dezembro de 1876. Nela Joaquim Sarmiento teria dito o que segue: “eu não venho a imprensa para dizer se escrevi ou não escrevi o pamphleto de que se me dá inteira paternidade, e não o faço principalmente porque tenho a consciencia de mim, sei o que sou, d’onde procedo, &”. Em todo caso, o tipografo reiterava que era, sim, dele a “inteira paternidade”.

Nessa mesma edição do jornal, um artigo assinado por “Palus”, comentando o caso entre Joaquim José Paes da Silva Sarmiento e Raymundo Pereira da Silva Lobo, dava apoio a este último ao dizer que o público da capital “tem visto o modo brilhante porque o segundo tem atacado varonilmente o autor *in partibus* do pamphleto – Pai Domingos –. Tem já formado seu juiso a respeito, e como nós está convecido de que o sr. Silva Lobo tem toda a razão”.

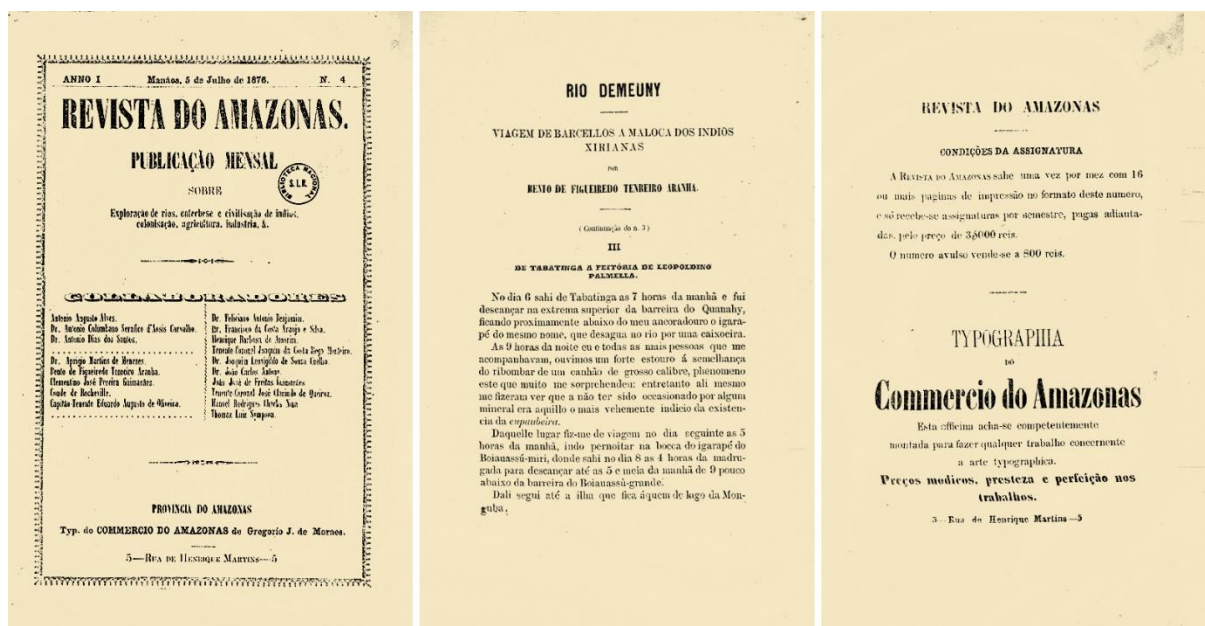
As citações ao *Pai Domingos* nos jornais foram se tornando rarefeitas. A identidade de seu autor foi exposta e ele, Joaquim Sarmiento, moveu um processo contra o jornal pelos artigos publicados. O orgulhoso tipógrafo Raymundo Pereira da Silva Lobo sustentou seu saber e sua dignidade nos diversos artigos publicados no *Jornal do Amazonas*. Ele desejava ser reconhecido pelo rival da elite local que o havia rebaixado e deve ter acompanhado, com amargura, seu rival se tornar vice-presidente e, depois, presidente interino da Província do Amazonas em 1884.

3.1.3.2 Ainda em expansão: edições e a *Revista do Amazonas*

Diferente do jornal que tem um ritmo de produção mais acelerado e registra os acontecimentos do cotidiano, a revista tem mais tempo e espaço para desenvolver ideias com maior profundidade. Certamente, a *Revista do Amazonas* tinha ciência de sua função e expressou isso no seu primeiro número, de 5 de abril de 1876. No seu programa, a revista destacou as muitas riquezas naturais do Amazonas, suas possibilidades de progresso e confrontava ideias difundidas sobre a região. Segundo a publicação, as pessoas que viviam “próximos dos centros de civilização” acreditavam que “aqui a vida é insuportavel, que morre-se de calor e de fome, [isso]

quando se escapa de molestias que erradamente dizem ser proprias do clima”.⁹³ A publicação tinha o interesse de promover a civilização e o desenvolvimento da região, sendo esse o motivo de haver expressado a sua intenção de combater os equívocos e exageros que se tinha sobre o Amazonas. Em seu programa defendia a necessidade de imigração estrangeira, a criação de colônias com indígenas, a exploração dos rios com a agricultura e navegação a vapor, além de maior desenvolvimento da instrução pública.

Figura 47 – Quarta edição da *Revista do Amazonas*: capa, página interna e contracapa (1876).



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A *Revista do Amazonas* assumia, dessa forma, o papel de divulgador de informações e buscava apontar caminhos para que se ultrapassasse as dificuldades que separavam a Província do Amazonas de seu esperado progresso. Na quarta capa (contracapa) de seu primeiro número, a revista informava sua periodicidade mensal, com “16 ou mais páginas de impressão”. Seu número avulso custava 800 réis e a assinatura semestral, 3\$000 réis. Abaixo dessas informações havia uma tabela com a população da Província do Amazonas em 1872, segundo suas freguesias. A de Nossa Senhora da Conceição de Manaus, por exemplo, possuía 17.309 habitantes, segundo esse registro.

As seis edições da revista mantiveram a mesma composição gráfica na capa, tendo como elemento gráfico marcante a presença de uma cercadura (Fig. 47). Foi publicada pela Typ. do Commercio do Amazonas, de Gregorio J. de Moraes. A revista não possuía sumário e seu texto

⁹³ *Revista do Amazonas*, n. 1, de 5 de abril de 1876, p. 1-2.

foi organizado em apenas uma coluna, com parágrafos justificados e com recuo no início. Apenas no primeiro número foi utilizado uma faixa decorativa; nas outras páginas há a repetição do título da revista com o número da página na margem superior. Em algumas matérias há a presença de intertítulos, notas de rodapé ou tabelas, e a numeração da revista é sequencial entre os seus diversos números. Apenas para exemplificar, o terceiro número da revista começa em 33 e vai até a página 48.

Em seu quarto número, a revista publicou uma matéria sobre a instrução pública, tida como “deplorável”, pois seu alto custo geraria poucos resultados, de acordo com Bento Aranha, que assinou o artigo. Dizia também que o registro dos relatórios oficiais “não passa de pomposas frases [...] inspiradas por falsas informações”.⁹⁴ Essa crítica se estendeu até a imprensa local, pois esta não se indignaria com a manutenção da precária situação do ensino. Essa apatia e complacência se deviam, em grande parte, à dependência dos jornais, que não conseguiam se sustentar “sem a seiva do thezouro provincial”,⁹⁵ assim como pela pouca relevância que tinham na sociedade, uma vez que “não ha quem leia jornaes!”. Assim, Bento Aranha associou a baixa frequência nas escolas ao modesto e restrito número de leitores da província, fato que reforçaria o insucesso da Instrução local e se constituiria numa dificuldade a mais para os jornais, os quais, por essa razão, não teriam demanda para os seus produtos.

Ainda em seu quarto número, a revista informou que contava com apenas 78 assinantes, sendo 53 na região do Solimões, 20 na capital e mais cinco no Rio Negro. Como é possível observar, são números baixos e, para completar o quadro de dificuldade, a revista informou que as 50 assinaturas feitas pelo governo provincial não seriam mais renovadas. Essa falta de continuidade se dava por recomendação do 1.º vice-presidente, um capitão reformado. A partir desse número, a revista publicou um anúncio da *Typographia do Commercio do Amazonas* em sua quarta capa (Fig. 48). Posteriormente, circularam mais dois números do periódico, nos quais ele reforçou sua posição de combate à imagem calamitosa com que a região era descrita, mas acabou sendo derrotada pela mesma moléstia que seus colegas da imprensa sofreram – a falta de recursos e leitores.

Nesse período, a demanda por livros escolares serviu de incentivo suficiente para que as oficinas tipográficas locais começassem a produzir edições, com subsídio do governo, para suprir a demanda das escolas. Segundo Corrêa (2006, p. 54), em 16 de fevereiro de 1875 foi celebrado um contrato entre o Tesouro Provincial e a *Typographia do Jornal Commercio do*

⁹⁴ *Revista do Amazonas*, n. 4, de 5 de julho de 1876, p. 49-53.

⁹⁵ *Revista do Amazonas*, n. 4, de 5 de julho de 1876, p. 51.

Amazonas para esse fim. O contrato acertava, então, a impressão de 500 exemplares da obra *Melhoramentos do Amazonas* e mais 200 do *Compendio que ensina o uso do sistema decimal*, do Capitão Bacharel João Ribeiro da Silva Junior. Considera-se útil apontar duas coisas: primeiro, a impressão desta última obra só foi possível graças à cessão dos direitos de impressão feita pela viúva do autor; segundo, antes que o contrato fosse celebrado, *Melhoramentos do Amazonas* sofreu algumas alterações promovidas pelas mãos do escritor Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, segundo o pesquisador.

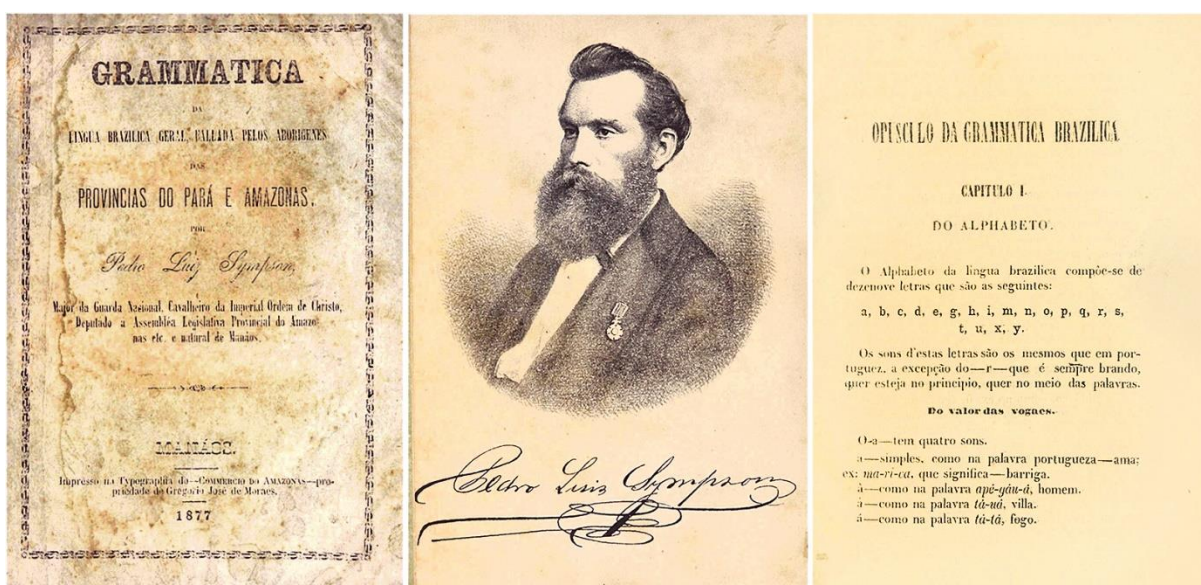
Nas cláusulas contidas no referido contrato, de acordo com Corrêa (2006, p. 54), foram impostas exigências, pois havia um prazo para a entrega da tiragem de até 90 dias após a aprovação do contrato. E foram estabelecidos requisitos de produção dos livros, que deveriam ser impressos em um bom papel e com nitidez na impressão, bem como entregues brochados e aparados. Além disso, a oficina tipográfica teria que enviar para a secretaria do governo as últimas provas das edições e só fazer a impressão após a revisão e a autorização para isso. O pagamento seria feito após a entrega da tiragem e o valor acertado foi de oitocentos mil réis. Sobre o livro *Melhoramentos do Amazonas* encontrou-se uma referência na edição número 6 da *Revista do Amazonas* (1876), em que há uma transcrição de parte do livro. Onde, após lamentar a morte precoce do autor, é dito o seguinte a respeito desse trabalho: “é tão precioso como todos aquelles que tem tratado da riqueza, importancia e vastidão do vale do Amazonas” (REVISTA do Amazonas n. 6, 1876, p. 94).

Um importante acontecimento para a região se deu nesse período, embora não tenha sido notado ou registrado em nenhum jornal da época, mas que é descrito em detalhes nos livros de história do Amazonas de hoje. O aventureiro inglês Henry Alexander Wickhan morava na região de Santarém, no Pará, e, a serviço do império britânico, selecionou e coletou 70 mil sementes de seringueiras em 1875. Elas foram embarcadas e remetidas para o Kew Gardens, em Londres, com o auxílio do cônsul inglês em Belém. As sementes foram posteriormente plantadas na Ásia e, já no início do século XX, iriam mudar os rumos do desenvolvimento econômico da região, levando ao fim o ciclo de ganhos exorbitantes com a exportação do látex.

No ano seguinte foi publicado, em Manaus, a *Grammatica da Lingua Brazilica Geral, Fallada pelos Aborigenes das Provincias do Pará e Amazonas*, de autoria de Pedro Luiz Simpson. O autor era natural de Manaus e se apresentava no livro como “Major da Guarda Nacional, cavalheiro da Imperial Ordem de Christo, Deputado á Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas etc. [...]”. Seu livro foi composto e impresso na Typographia do Commercio do Amazonas, de propriedade de Gregorio José de Moraes, em 1877.

É pertinente mencionar que no livro encontrou-se um dos primeiros registros de uma imagem original – um retrato do autor que, ao que parece, foi impresso por litografia, um processo de impressão que não tinha sido registrado em Manaus. Assim, supõe-se que a página com o retrato deve ter sido produzida em outra província, talvez na oficina litográfica de Hans-Carl Wiegandt, que funcionava desde 1871 em Belém. O retrato tem abaixo um fac-símile da assinatura do autor (Fig. 48).

Figura 48 – *Grammatica da Lingua Brazilica...* de Pedro Luiz Sympson (1877): capa, retrato do autor e página interna.



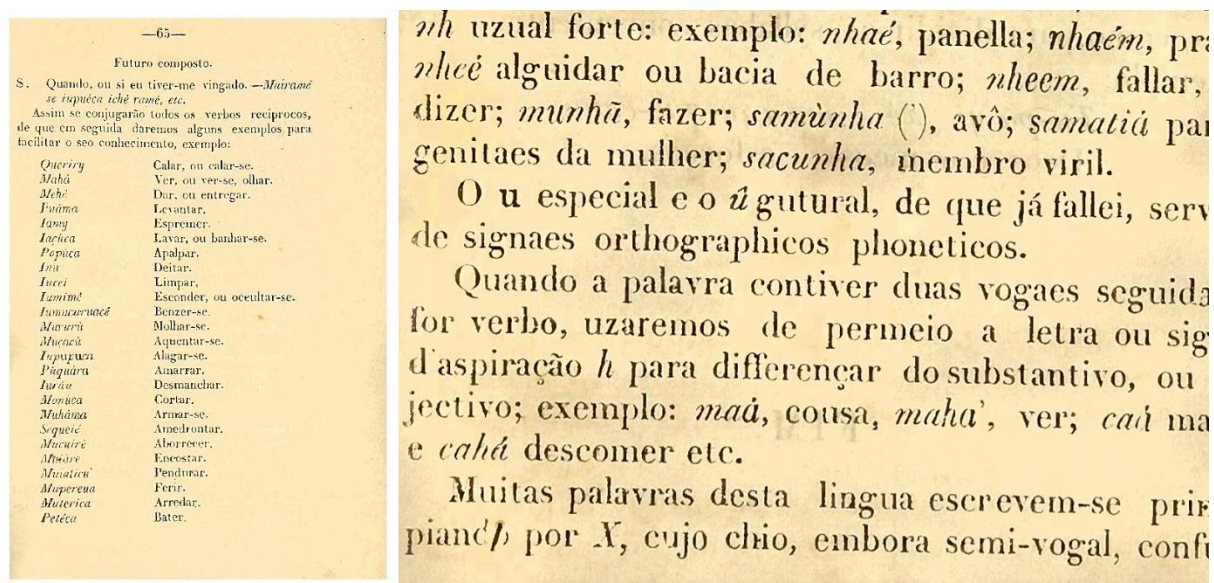
Fonte: Biblioteca Brasileira da USP.

Na passagem do imperador brasileiro por Belém, a caminho dos EUA, em 1876, Pedro Luiz Sympson teria oferecido pessoalmente o trabalho a D. Pedro II, de acordo com Genesino Braga (1987, p. 81). A iniciativa da publicação teria sido bem acolhida pelo imperador e o autor amazonense havia ficado encarregado de remeter-lhe os livros onde quer que ele estivesse. Na edição publicada em 1877 há uma página na qual o autor oferece, dedica e consagra o trabalho ao imperador brasileiro. Também havia um aviso de Pedro Luiz Sympson em que apontava como falsos todos os exemplares de sua obra que não estivessem com a sua assinatura, deixando clara a preocupação com a produção de contrafacções de seu livro.

No prólogo, o autor relata que manteve contato com as palavras da língua “brasilica-geral” falada por indígenas desde menino; daí a razão de ele ter conhecido e aprendido a língua tão bem ao ponto de, praticamente, ser capaz de falar nela. Segundo se sabe, a publicação do livro só teria sido possível com a aprovação de uma verba para a sua impressão aprovada pela

Assembléa Legislativa Provincial. No entanto, essa iniciativa teria encontrado oposição do 2.º vice-presidente, o sr. major Gabriel Antonio Ribeiro Guimarães, que teria dificultado a publicação do livro, de acordo com Agnello Bittencourt (1973, p. 405). Pedro Luiz Sympson, então, teve de arcar com os custos da publicação, mandando encadernar artisticamente quatro exemplares do livro no Rio de Janeiro. Três deles foram enviados ao imperador e o quarto foi oferecido à sua esposa de acordo com Bittencourt (1973, p. 405).

Figura 49 – Página interna e detalhe da composição tipográfica bilíngue da *Grammatica...* (1877).



Fonte: Composição feita pelo autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A composição gráfica do livro utilizou poucos recursos; entretanto, por se tratar de obra que explica e ensina uma língua, há uma grande variação na paginação do livro para acomodar as relações entre o português e a Língua Geral Amazônica (Fig. 49). No texto composto em uma coluna há um extenso emprego de itálico, além de variações e de mistura de tipos para compor a grafia correta dos termos em duas línguas. Sua tiragem teria sido de dois mil exemplares, segundo Genesino Braga (1987, p. 81). A obra era vendida na casa de Pedro Luiz Sympson a “3\$000 cada exemplar ornado com o retrato do autor”, segundo anúncio do *Jornal do Amazonas* de 14 de junho de 1877. Assim, a presença da imagem, um retrato, era ressaltado como um elemento importante para gerar interesse, dado que ainda era uma presença rara nos impressos locais.

Foram registradas mais duas edições impressas pela Typographia do Commercio do Amazonas, o que afirmava seu protagonismo entre as oficinas locais. Em 1876 foi publicado

Antiguidade da navegacao do oceano. Viagens dos navios de Salomao ao rio das Amazonas, Ophir, Tardschisch e Parvaim, do nobre francês D. Henrique Onffroy de Thoron. O livro foi publicada originalmente no jornal geográfico italiano *O Globo*, em 1869. Segundo Mario Ypiranga Monteiro (2016, p. 49), a edição amazonense foi publicada com o apoio da Camara Municipal de Manáos e sua tiragem foi de 400 exemplares. Ela foi republicada em 1905, nos *Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico do Pará*, e teria tido outra edição local em 1906, pela oficina tipográfica do *Jornal do Comércio* (MONTEIRO, 2016, p. 49). A outra edição impressa pela Typ. do Commercio do Amazonas foi *O Amazonas, seu commercio e navegação*, tendo como autor Ajuricaba, em 1877.

De 1872 a 1877 foram publicadas cerca de oito edições na cidade de Manaus, incluindo duas escolares, sendo que sete delas foram compostas e impressas no empreendimento gráfico do Commercio do Amazonas. Dessa forma, a essa oficina tipográfica demonstrava ser a mais habilitada tecnicamente, dispondo de material gráfico suficiente e de qualidade para compor obras de maior fôlego, tais como livros e a *Revista do Amazonas*.

Esse período fértil de publicação de edições no Amazonas, em um espaço de cinco anos, significou um breve salto e um momento de diversificação do produto impresso produzido localmente, acontecimento esse que não se repetiria posteriormente na mesma proporção. Como lembra Camargo (2003, p. 32), “literatura não dava lucro: o mercado era bem abastecido de obras portuguesas e de livros em português publicados em Paris”. Essa conjuntura, cumpre dizer, ajudaria a explicar o porquê de muitas edições particulares produzidas localmente continuarem raras: além da competição desigual com o produto importado de grandes autores, elas possuíam um alto custo de produção, assim como um reduzido mercado local.

3.1.4 A difícil vida dos jornais – os pasquins e os empastelamentos

A partir de 1870, segundo Barbara Weinstein (1993, p. 87), a situação mercantil melhorou na região amazônica: ocorria “a fundação de firmas exportadoras de muitos recursos e com o crescimento das casas aviadoras”, embora o preço da borracha tenha caído e se recuperado após 1877. Nesse período foi também inaugurada a igreja Matriz de Manaus, dedicada à Nossa Senhora da Conceição, um dos marcos arquitetônicos do Centro da cidade. O edificio permaneceu inacabado por vários anos após o incêndio que consumiu a igreja matriz anterior, que se localizava em outro ponto da cidade.

Do Nordeste brasileiro, as notícias não eram tão boas, tendo seus desdobramentos na região amazônica. Uma severa e contínua seca na região levou muitos nordestinos a migrarem

para o Amazonas e para o Pará em busca de melhores condições de vida. Esse trânsito forçado foi abasileirando mais a região, fazendo com que a Língua Geral Amazônica estivesse menos presente nos centros urbanos. Muitos nordestinos, sobretudo cearenses, foram levados a trabalhar como seringueiros para a retirada do látex, que era então o principal produto de exportação da região e prometia ganhos extraordinários.

Nesse período, as publicações apócrifas se tornaram mais frequentes, como o já citado *Pai Domingos*. Outro tipo de impresso anônimo, os chamados pasquins,⁹⁶ passaram a fazer parte das publicações da Província do Amazonas. O *Jornal do Amazonas* de 6 de julho de 1876 foi acusado por seus colegas de imprensa de ter produzido um impresso avulso que eles qualificaram de pasquim. O artigo então censurava os jornais *Amazonas* e *Commercio* por chamarem a publicação dessa forma, uma vez que ela, não tendo caráter satírico ou infamante, não deveria ter sido classificada como pasquim. Em conclusão, dizia que o único crime do impresso avulso teria sido o fato de ser clandestino, ou seja, de não identificar o nome da oficina tipográfica que o produziu.

Pois bem, esse impresso avulso, sem identificação de autor e de oficina tipográfica, de conteúdo abertamente satírico ou difamatório, começou a ser registrado com maior frequência nos periódicos locais, sempre com alguma comoção, trocas de acusações e também algumas doses de mistério, o que criava um ambiente hostil. Tal situação fez com que o *Jornal do Amazonas* de 1.º de setembro de 1876 se perguntasse: “a liberdade da imprensa, é para essa gente a sua prostituição?”

Palavras duras, mas que dão o tom das disputas locais mediadas pelos jornais. Nelas, os tipógrafos também foram chamados à linha de frente para, a partir da análise dos tipos e do conhecimento das oficinas locais, apontar qual teria sido a *Typographia* responsável pela produção desses impressos apócrifos. No dia 18 de abril de 1877 teria sido distribuído um pasquim na cidade de Manaus, segundo a edição do *Jornal do Amazonas* n.º 177, que apontava os “liberaes do Amazonas” como autores. Nessa edição, o jornal afirmava o seguinte a respeito de tal pasquim: “não o imprimimos, nem o imprimiríamos”, pois o jornal, dizia, respeitar “os princípios de autoridade, como porque somos incapazes de dessacatar o exm. sr. dr presidente da província”.

⁹⁶ Nos dicionários de artes gráficas que foram consultados encontrou-se a descrição de pasquim como sendo um jornal ou folheto que insulta ou calunia, um jornaleco (PORTA, 1958, p. 312). Já Arezio (2017, p. 262) o anota como um termo “depreciativo empregado aos jornais que não guardam o decoro público. Jornaleco difamatório”. O termo é usado ainda hoje, embora com menor incidência.

Ora, para resolver a questão de autoria dessa impressão e também achar o seu responsável, o artigo diz que um exemplar do pasquim foi levado aos seus “oficiais typografos” para que examinassem “o corpo e numero do typo”. Os tipógrafos do *Jornal do Amazonas* constatarem que, no impresso anônimo, o “typo tinha a força do corpo II n. 1” e as únicas oficinas tipográficas da capital que possuíam tal tipo eram as do *Commercio do Amazonas* e a do *Amazonas*. Sendo mais específicos, afirmaram que a Typographia do Commercio era a única que tinha “o dito typo de corpo e numero igual”, pois esses caracteres haviam sido utilizados na impressão da *Grammatica...* de Pedro Luiz Sympson.

Mistério resolvido, mas as disputas gráficas continuaram tendo como personagem o jornal *A Província*, de propriedade de Bento Aranha, que havia começado a circular em Manaus no mês de julho de 1878. Uma nota no *Amazonas* de 16 de maio de 1879 fazia diversas acusações contra Bento Aranha, como, por exemplo, a de ter se aproveitado da Typographia do “finado padre Salgado” (Typ. do Liberal) para conseguir formar a sua oficina. Também foi acusado de estar devendo alugueis e de estar em dívida com os operários de sua oficina.

As discussões continuaram no artigo da seção “Publicações Solicitadas”, do *Amazonas* de 26 de janeiro de 1879. Da leitura do texto depreende-se que o jornal *Ajuricaba* teria publicado um artigo em seu sétimo número com observações críticas sobre as artes gráficas locais, ao mesmo tempo em que fazia referências elogiosas aos tipos e materiais gráficos de sua oficina tipográfica. Não é necessário ir muito longe para concluir que tal conduta conseguiu atizar a ira dos tipógrafos das outras Typographias da província. Tanto é assim que um deles escreveu um artigo na edição do *Amazonas* referida acima, assinando com as iniciais “P. A.”, e respondia que seus colegas da Typ. da Província não estavam numa situação melhor, pois “os operarios e o proprietario dessa tribunita [*Ajuricaba*] estivessem em circunstancias de dar lições na arte typographica”.

Esse mesmo artigo trouxe uma série de informações e também de considerações sobre as oficinas tipográficas locais, por meio das quais chegava à conclusão de que não cabia a nenhuma delas o privilégio de apontar as falhas das outras. As críticas eram dirigidas ao proprietário do jornal *Ajuricaba*, Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, que foi então chamado jocosamente de sr. Bentinho, sr. Aranhinha, sr. Figueiredinho e seu periódico de “jornalito”. O autor do artigo, “P. A.”, questionava o atrevido acusador, ao perguntar a origem dos tipos móveis que foram usados na impressão do *Ajuricaba*, apontando algumas hipóteses:

Não serão os velhos e empastellados da *Reforma*, que lhes foram doados pelo generoso sr. Salgado ou terá o dono da typ. em que imprime o orgaosinho effectua a compra dos [tipos] do bacharel Ernesto, que mais de uma vez temos visto em trabalhos sahidos da sua officina?

Se possui essa quantidade variada de tipos, como quer fazer crer, porque não restituiu já os do frontispício do *orgãosinho* que são emprestados?

Apesar da ampliação do número de oficinas tipográficas, as condições de cada uma, seus equipamentos e tipos eram conhecidos por todos. Os tipógrafos sabiam muito bem quais eram os tipos móveis e materiais de cada uma, sua origem e o tempo de uso que possuíam. Essa condição, a saber, o uso constante dos tipos ao logo do tempo, desgastava os seus caracteres, o que acabava tornando a impressão dos glifos menos precisa. É importante destacar, na citação, a referência ao empastelamento da *Reforma Liberal*, ocorrência da qual não se obteve maiores dados e informações.

Nesse ínterim, a revista *Echo Militar*, que se apresentava como um “Periodico consagrado aos interesses da classe militar”, começou a circular uma vez por mês em 1.º de outubro de 1878 e também foi tema da discussão. Ela foi composta e impressa na Typ. da Província de Bento Aranha, tendo, inicialmente, 16 páginas compostas de forma simples, poucas seções, apenas uma coluna com o texto corrido e utilizava fios e bigodes para delimitar o espaço. A publicação teria passado de 16 para 8 páginas com a desculpa de facilitar a sua publicação. Esse fato não escapou aos olhos do crítico “P.A.”, o qual observou que suas “paginas estão erradas e a impressão é tão desgraçada que faz vergonha” (AMAZONAS, de 26 de janeiro de 1879). De acordo com Faria e Souza (1908, p. 16), a revista encerrou suas atividades em janeiro de 1879, com menos de um ano de atividades tal como a *Revista do Amazonas* três anos antes.

Em 1878 estava em funcionamento a **Typ. de Antonio Fernandes Bugalho**, localizada na rua da Palma, n. 15. A oficina também se identificava como Typ. do Monitor do Norte, nome do jornal que ela então publicava. O *Monitor do Norte* teve a sua impressão suspensa quando a oficina tipográfica passou a produzir o *Jornal do Amazonas*, em 7 de abril de 1878. Seu proprietário era de nacionalidade portuguesa e, no dia 29 de outubro de 1878, ele estava em sua oficina quando ela foi atacada e sofreu um empastelamento. Segundo uma nota publicada no *Amazonas* de 29 de junho de 1879, o atentado ocorreu entre 19h30 e 20h, momento em que dois caixotins de tipos móveis foram “emborcados e espalhados pelo chão”, quebrando algumas pernas dos cavaletes onde eles estavam apoiados. Antonio Bugalho informou ao delegado que, quando se deu o ataque, ele estava deitado em uma rede armada em outro cômodo e que não saberia expressar qual teria sido a sua motivação, tampouco quem seria o seu autor.

Esse ataque foi atribuído “calumniosamente ao partido liberal e ao governo”, segundo artigo do jornal *Amazonas* de 16 de fevereiro de 1879, o qual instava os dirigentes do partido conservador a declararem, na imprensa, os autores do empastelamento. O diretório do partido

liberal teria manifestado sua indignação com o ocorrido e reprovado-o como “selvático e improprio de nossa civilização”. O artigo estranhou a falta de posicionamento do partido conservador ao não indicar o nome dos autores desse atentado, fato que acabou dando margem a suspeitas. Uma delas, por exemplo, dizia que o empastelamento tinha sido inventado, levando todos a fazerem o seguinte questionamento: como um atentado tão grave não teria dado nenhum prejuízo ao jornal?

Dessa forma, as duras disputas que antes ficavam restritas às páginas dos periódicos e dos pasquins chegaram até às suas oficinas tipográficas. Nesse lugar de produção os alvos eram as gavetas que organizam os tipos móveis que, uma vez reviradas, misturavam seus muitos caracteres, sinais e outros materiais. O chamado empastelamento impedia a oficina de trabalhar ou, até mesmo, de reutilizar os tipos misturados, dada a grande carência de tipos nas oficinas, assim como pelo demorado trabalho de separar e organizar cada tipo em seu devido lugar. Diante desse quadro, a cadeia de produção ficava interrompida, já que a composição dos textos era inviabilizada e o jornal – geralmente o alvo do ataque – era obrigado a se calar, paralisando, conseqüentemente, o trabalho nas oficinas.

Em 1880 foi possível responder à questão proposta na “Chronica Typographica” citada anteriormente. Ela indagava se o Sr. Carneiro, proprietário da oficina do *Amazonas*, teria sucesso como Gregório José de Moraes ou se se tornaria um “fiasco” tal como os outros donos de Typogaphias e jornais. A resposta veio em abril do referido ano com a notícia da mudança da oficina do jornal *Amazonas* para um edificio próprio construído para esse fim na Praça 28 de Setembro. Tinha-se aí, sem dúvida nenhuma, um sinal inequívoco de êxito da oficina empreendida por Carneiro.

3.2 Efemérides, luta impressa e um retrato em dois tempos

O Lyceu, a Secretaria da Instrução e a biblioteca funcionavam, no ano de 1877, no pavimento térreo do Palacete Provincial. Vale mencionar que esta última “achava-se em lamentável estado”, com vários de seus livros desaparecendo.⁹⁷ Assim, esse espaço de guarda e mediação estava se deteriorando. Somente em 1880 uma comissão foi nomeada para, dentre outros trabalhos, promover a criação de uma Biblioteca Pública na capital.⁹⁸ Três anos depois,

⁹⁷ *Relatorio apresentado ao exm. sr. dr. Agésilão Pereira da Silva, presidente da Provincia do Amazonas pelo Dr. Domingos Jacy Monteiro depois de ter entregue a administração da provincia em 26 de maio de 1877*, p. 49.

⁹⁸ *Relatorio com que o Exm. Sr. Tenente Coronel José Clarindo de Queiroz presidente da Provincia do Amazonas*

o *Relatório apresentado... em 25 de março de 1883*⁹⁹ (1883, p. 33) informava a respeito da lei do orçamento provincial para o biênio 1882-1883, o qual estipulava uma verba de 6:000\$000 para serem gastos com pessoal, material de expediente e outras compras para a biblioteca. Esse ato traduziu, segundo o relatório, “os verdadeiros sentimentos de quantos se interessam pelo desenvolvimento intellectual da província” e também contou com uma comissão para reunir donativos da sociedade local.

Ainda segundo o relatório (1883, p. 33-34), o Ministerio da Fazenda teria auxiliado na aquisição dos livros para a biblioteca, muitos dos quais teriam vindo da Europa. Em Paris, a compra das obras foi auxiliada pelo ex-bibliotecário da Biblioteca Nacional, Ramiz Galvão. Da livraria de B. L. Garnier, na corte, o conselheiro Franklin ajudou com a indicação de algumas delas, de onde teria vindo um grande número de livros de autores nacionais e também raridades sobre a Província do Amazonas. Já da biblioteca do Lyceu “aproveitaram-se varios volumes de boas obras, mas infelizmente quasi todos estragados”. Como bem se vê, assim foi instalada a Bibliotheca Publica Provincial do Amazonas, tendo aproximadamente quatro mil volumes para consulta, à “custa exclusivamente de donativos particulares”. Outro ponto digno de nota: como não dispunha de edificio próprio, ela iniciou seu funcionamento no consistório da Igreja da Matriz.

Ora, nesse período, estava em funcionamento uma oficina tipográfica de nome incommum, a **Typographia Industrial**. Normalmente, os empreendimentos gráficos adotavam o nome de seu principal produto impresso: um jornal ou, com menor frequência, o nome de seu proprietário. Entretanto, nenhum jornal com esse título foi encontrado nos levantamentos realizados. A oficina publicou um anúncio no *Amazonas*, de 12 de agosto de 1881, em que afirmava precisar de operários para obras “pagando-se o mínimo 5\$000 diarios”. De acordo com Santos et al. (1990, p. 184), a Typographia Industrial pulicou o jornal *A Reforma Liberal*, mas os autores não informaram, com exatidão, em que período, visto que o jornal circulava desde 1868. Pouco depois, o *Jornal do Amazonas* de 26 de janeiro de 1882 informou a mudança de sua oficina tipográfica para a rua do Imperador, na casa onde funciona a Typographia Industrial, ficando “refundidos os dois estabelecimentos”.

As oficinas tipográficas promoviam a formação prática de tipógrafos ao contratar crianças e jovens, as quais desempenhavam diversas funções na oficina até se tornarem oficiais de suas funções. Tal é o que parece ter acontecido com o impressor do jornal *Amazonas*, Hilde-

abriu a 1.^a sessão da 15.^a legislatura da Assembléa Legislativa Pfovincial, em 31 de março de 1880, p. 7.

⁹⁹ *Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas na abertura da segunda sessão da decima sexta legislatura em 25 de março de 1883 pelo presidente José Lustosa da Cunha Paranaguá.*

brando Luiz Antony, que anteriormente tinha sido um dos três aprendizes mantidos nessa oficina (1874). Não obstante a isso, o número de impressores e tipógrafos permanecia insuficiente para atender à demanda local das Typographias, sendo provável que vários tipógrafos formados nas oficinas locais procurassem outras ocupações mais rentáveis.

Essa dificuldade de mão de obra qualificada estava sendo sentida pela Typ. do *Amazonas*, dado que, em sua edição n.º 270, de 27 de abril de 1879, publicou um anúncio em que informava estar contratando um tipógrafo. O anúncio foi repetido nas edições 275, 277 e 278. No ano seguinte (1880), a edição de 31 de março do mesmo jornal trouxe outro anúncio, afirmando que “Nesta typographia precisa-se de operários”, o qual foi repetido em 8 de dezembro. Em 1884, quem assumiu a impressão do jornal *Amazonas* foi Clarismundo do Nascimento, descrito por Faria e Souza (1908, p. 74) como sendo “antigo e carismático artista [tipográfico] nascido no Amazonas”.

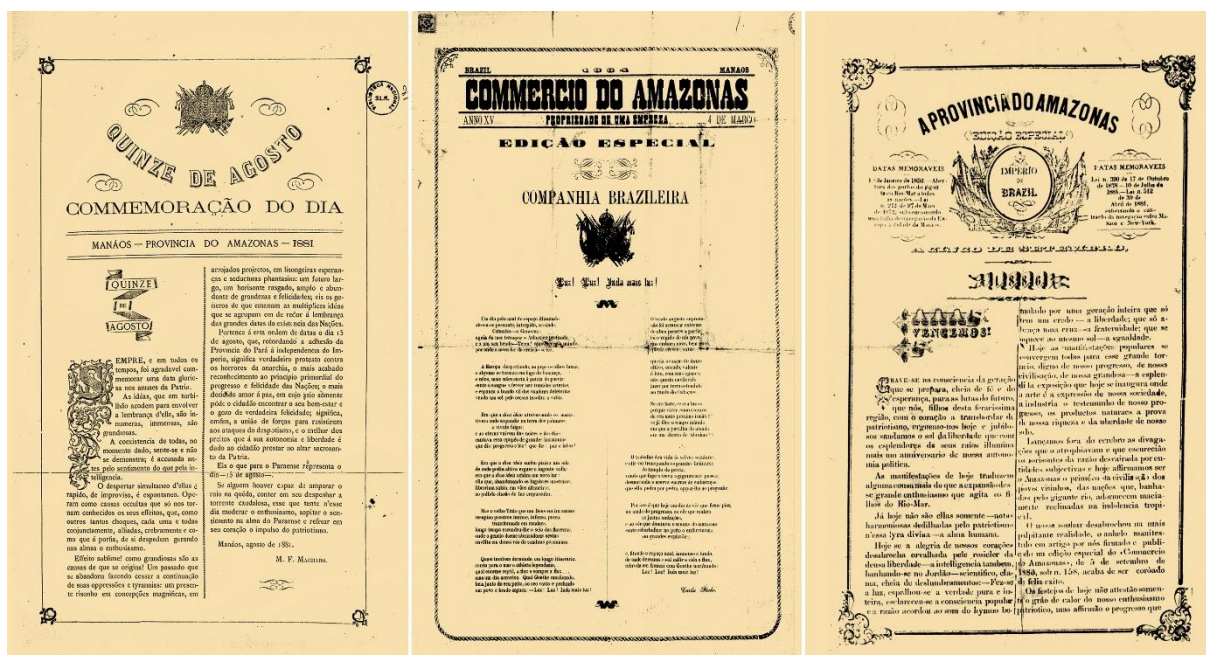
O décimo sexto aniversário do jornal *Amazonas* foi comemorado em 10 de julho de 1881, desta vez com uma mudança de formato e uma renovação de sua composição gráfica visíveis em seu cabeçalho (Fig. 49). Seu proprietário continuava a ser o português José Carneiro dos Santos, que havia contratado um compatriota para trabalhar em sua oficina. Uma nota no *Amazonas* de 27 de julho de 1881 informava a chegada, na cidade de Manaus, do “artista typographo” português Augusto Servulo Lopes Alves, contratado em Lisboa para trabalhar na oficina do *Amazonas*. É coerente supor que essa contratação deve ter sido uma espécie de resposta às reiteradas dificuldades do proprietário em encontrar um profissional habilitado para dirigir a sua Typographia. O que reforça a criação de uma tradição da presença portuguesa nas oficinas tipográficas locais, já bastante marcante pelos proprietários.

Em 1883, Augusto Servulo Lopes Alves foi registrado como 1.º secretário reeleito da Sociedade Portuguesa Beneficente, que tinha por presidente o proprietário do jornal *Amazonas*, o qual também está registrado no almanaque de 1884 como tipógrafo. No entanto, a oficina parece ter continuado com dificuldades em contratar mão de obra, visto que a edição n.º 1006, desse mesmo ano, do jornal *Amazonas* publicou o seguinte anúncio: “compositores, precisam-se nesta typographia”, o qual foi repetido algumas vezes.

Nesse período a publicação de jornais comemorativos, quase sempre de edição única, começara a ser mais frequente, assim como as edições especiais dos periódicos mais tradicionais. Os quais alteravam o então padrão gráfico de suas primeiras páginas ou de todo o jornal. Essa maior liberdade, vale dizer, permitia o uso de ornamentos e de um maior espaço em branco para destacar o motivo principal, geralmente uma data ou personalidade. Como exemplo do primeiro caso, tem-se o jornal *Quinze de Agosto*, de 1881, impresso pela Typ. do Amazonas em

comemoração à adesão do Pará à independência do Império em 1822 (Fig. 50). Por ser uma folha comemorativa e de circulação única, sua composição gráfica podia ser mais leve, com amplos espaços em branco e maior uso de recursos gráficos. Assim, todas as suas páginas fazem uso de cercadura, capitulares decorativas, fios, bigodes e ornamentos. O jornal *Quinze de Agosto* foi também publicado no ano seguinte.

Figura 50 – Jornal comemorativo *Quinze de Agosto* (1881) e duas edições especiais de periódicos locais: *Commercio do Amazonas* (1884) e *A Provincia do Amazonas* (1886).



Fonte: Composição feita pelo autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Já em 4 de março de 1884 o *Commercio do Amazonas* publicou uma edição especial que comemorava a assinatura da lei que dava subsídios para a Companhia Brasileira de Paquetes a Vapor (Fig. 50). Dessa forma, o valor pago tinha a finalidade “de estender suas viagens, uma vez em cada mez, até o porto desta capital”. A composição da primeira página do jornal, além de cercadura e ornamentos, tem como elemento de destaque uma vinheta com o que parece ser o brasão do império brasileiro. Logo abaixo tem-se um poema composto em duas colunas e, nas outras páginas, os diversos textos assinados são compostos em três colunas, separados por bigodes, alguns com tarja ou capitular tendo uma cercadura em volta.

Nessa edição especial do *Commercio do Amazonas*, o texto assinado por Manuel Francisco Machado e publicado na sua segunda página afirmava que “A navegação brasileira, pois, do Rio de Janeiro á Manaós, já não é uma utopia, é um facto consumado”. Outro breve texto dizia que os “typographos do Commercio do Amazonas, discipulos do veneravel Guttemberg

veem também depôr o seu ramalhete aos pés da gentil Manáos”. Os trabalhadores gráficos se envolviam nas campanhas promovidas pelos jornais onde trabalhavam e publicavam pequenas notas ou artigos expressando sua posição e, nesse caso, sua antiga tradição ao se apresentarem como discípulos de Gutemberg. Ainda nessa edição especial, duas breves notas chamam a atenção por terem sido escritas em Língua Geral Amazônica, mostrando sua persistência, ainda que nas margens. Uma das notas foi intitulada “Puranga!!”, assinada pelo tipógrafo M. J. Zuany D’Azevedo, e a outra, sem título e composta em três linhas, foi assinada por M. Ramos.

Outra edição especial registrada foi feita pelo jornal *A Província do Amazonas*, em 1886, a qual alterava o padrão de composição do jornal como forma de diferenciação gráfica necessária para marcar como especial aquele artefato impresso. Para isso utilizou cercadura, tarjas, ornamentos, capitular e uma vinheta do império com bandeiras (Fig. 50). Vale lembrar que muitos jornais do período tiveram apenas uma única edição, como os jornais comemorativos, mas por motivos menos fortuitos. As folhas eram descontinuadas, visto que não conseguiam o apoio ou a venda necessária para a sua manutenção.

Um curso de artes gráficas foi oferecido pelo Lycêo de Artes e Offícios Vinte e Quatro de Maio, segundo anúncio do *Amazonas* de 9 de julho de 1884. A escola convidava a todos, “especialmente aos libertos que desejarem matricular-se nas aulas [...], que funcionam no prédio á rua de S. Vicente, pertencente á loja Maçônica ‘Esperança e Porvir’”. E, dentre as muitas disciplinas oferecidas, como Grammatica portugueza, Geometria e Música, havia ainda “dezenho de diversas cathegorias”, pintura e uma de “Artes Graphics”. Esse empreendimento de ensino recebia subvenção do governo e chegou a ser objeto de uma averiguação feita pela Directoria Geral da Instrução Publica, segundo artigo publicado no *Jornal do Amazonas* de 20 de novembro de 1886. O texto informava que os relatórios da instituição estavam em atraso e uma comissão foi, então, constituída para dar um parecer sobre a sua situação.

No último relatório entregue pela instituição, em 24 de dezembro de 1885, estava registrado que sua fundação ocorreu em 24 de maio de 1884, informando também que o número de alunos matriculados em seus diversos cursos era de 173. Ainda segundo o relatório citado no artigo acima, a comissão só registrou cinco disciplinas em funcionamento e chegou a contestar o número de alunos matriculados, assim como a qualidade do ensino prestado. Além disso, citou o caso de dois alunos que foram aprovados em Geographia pelo referido Lyceo e, no ano seguinte, estavam matriculados na Escola Normal. Um desses alunos foi reprovado na mesma disciplina e o outro não se apresentou ao exame. Ao que parece, essa escola não chegou a oferecer as aulas de Artes Graphics e nem mesmo a de Pintura; pelo menos não foram encontrados

outros registros que comprovassem a sua prática. Ainda assim, a oferta do curso é significativa e reflete a demanda local por profissionais qualificados na área.

Os impressos efêmeros necessários para o funcionamento das diversas casas comerciais de Manaus começaram a ser uma demanda importante e disputada pelas oficinas tipográficas, que anunciavam seus serviços para esse público. No jornal *Amazonas* de 9 de maio de 1884 um pequeno anúncio foi composto em apenas uma coluna, onde a Typographia do Amazonas destacava a produção de contas impressas. O texto do anúncio dizia que a oficina tipográfica então imprimia as contas “com toda nitidez, fornecendo-se papel”, assim como objetivamente informava os preços para as contas de meia folha e um quarto de folha, nas tiragens de mil e de quinhentos. O anúncio realçava que o papel utilizado era de qualidade superior e “pautado em machina propria, sendo os riscos perpendiculares de duas cores”. Por fim, ofereceu ainda despachos, guias e conhecimentos “nitidamente impressos em papel de excellente qualidade, vindo, já riscado, diretamente de Paris”.

Procedendo dessa maneira, a Typ. do Amazonas buscava atender à demanda das lojas, das casas comerciais e dos profissionais liberais que necessitavam de contas impressas e outros produtos gráficos em seus negócios. A demanda por papel pautado, ou seja, com linhas paralelas impressas a delimitar e organizar, no papel, a área de escrita foi também destacado pela oficina e, para esse serviço, ela dispunha de uma máquina própria. Esse equipamento específico era composto de discos ou penas especiais usadas para traçar linhas paralelas no papel, as quais podiam ser contínuas, pontilhadas, tracejadas e serem impressas a cor. O *Amazonas* de n.º 1014 trouxe outro anúncio de sua Typographia, ressaltando que ela estava preparada para produzir desde obras (publicações) até avulsos (efêmeros), em preto e a cores. Oferecia ainda papéis, envelopes, convites, grande variedade de cartões de visita e também despachos, guias e conhecimentos.

Um outro tipo de produção periódica alternativa foi então registrada: a de jornais manuscritos na década de 1880, quando circularam os jornais *Apolo*, *Sciencia*, *Estudante*, todos de 1882. De acordo com Pinheiro (2015, p. 84-86), esse tipo de periódico já era publicado antes, sempre “essencialmente produzido e consumido em espaços restritos”, tais como o ambiente escolar, entre vizinhos, passageiros de barco ou frequentadores dos espaços de lazer. Santos et al. (1990) registraram outras folhas manuscritas: em 1886, o *Pensamento*, e outras sete folhas no ano de 1889: *Corsario*, *Espião*, *Gazeta Literaria*, *Leão*, *Lobo*, *Luneta*, *Moleque* e *O Papagaio*. Essas folhas manuscritas tinham uma vida curta e circulavam à margem do jornal impresso. Elas tratavam do território a que estavam circunscritas, contavam anedotas, além de fazer muita fofoca.

Pela observação de alguns exemplares, nota-se que esses jornais alternativos mantinham sua organização semelhante à dos jornais impressos, utilizando cabeçalho com título, expediente e organizando o seu texto em colunas. Desta forma, vê-se que seguimentos da sociedade que não tinham espaço para expressar suas ideias nos jornais impressos puderam registrar sua fala, sua vida e suas preocupações, ainda que parte delas tenha sido com a vida alheia.

O botânico João Barbosa Rodrigues esteve no Amazonas na década de 1870 como parte de uma comissão exploradora do governo Imperial e, em 1883, retornou à região na condição de diretor do Museu Botânico do Amazonas. A pioneira instituição científica que ele veio fundar em Manaus, com a família, contava com o patrocínio da princesa Izabel. A instalação e funcionamento do museu foi demorada e teve muitas dificuldades.

Em 1884, Barbosa Rodrigues foi encarregado pelo governo local de travar contato com a comunidade indígena dos Krichanãs. O Conde Ermanno Stradelli¹⁰⁰ o acompanhou como fotógrafo e, nessa viagem, realizou imagens de indígenas isolados. No ano seguinte, Stradelli publicou a edição *Eiara Leggenda Tupi-Guarani* em Piacenza, na Itália. A expedição conduzida por Barbosa Rodrigues foi considerada um sucesso e deu origem ao livro *Jauapery – pacificação dos Krichanã*, publicado no Rio de Janeiro em 1885.

No *Relatório... em 25 de março de 1883*¹⁰¹ (p. 83) há a transcrição de um documento feito por Barbosa Rodrigues, intitulado “Bases para a criação de um Museu Botanico na Provincia do Amazonas”. Nele são descritos, em linhas gerais, como deveria se dar o funcionamento do museu, descrevendo ainda a necessidade de um laboratório químico, de livros e da contratação do seguinte pessoal: um químico, quatro ajudantes, dois serventes e um porteiro. Esses quatro ajudantes deveriam ficar assim distribuídos: um serviria de secretário, outro de fotógrafo, um de desenhista e o outro de preparador. Ao final, apresentou o orçamento com as despesas previstas, tudo devidamente planejado pelo botânico, incluindo sua revista científica. Ela, além da descrição das descobertas botânicas feitas também com desenhos, deveria igualmente publicar, segundo a proposta, um texto histórico, geográfico e etnográfico do Amazonas “para tornar conhecida no exterior a sua província”.

Ainda de acordo com relatório acima, o Estabelecimento dos Educandos Artífices voltava a funcionar depois de ter ficado inativo, sendo que desta vez ele foi reinaugurado com o nome de Instituto Amazonense de Educandos Artífices, no ano de 1882 (1883, p. 34). O ensino

¹⁰⁰ O etnógrafo viveu no Amazonas por mais de quarenta anos, até falecer em 1926. Estudou a Língua Geral Amazônica e registrou diversos mitos indígenas publicados, sobretudo, na Itália.

¹⁰¹ *Relatório apresentado à Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas na abertura da segunda sessão da décima sexta legislatura em 25 de março de 1883 pelo presidente José Lustosa da Cunha Paranaguá.*

das primeiras letras e as aulas de Gymnastica eram frequentados por todos os educandos. Havia ainda as aulas de Música, regidas pelo maestro Adelelmo Francisco do Nascimento, com 15 alunos, e diversas oficinas: de alfaiate, sapateiro, ferreiro e serralheiro, de marceneiro e torneiro. Ademais, havia também a oficina de encadernador que, embora não estivesse devidamente montada, já estava funcionando sob a direção do mestre José dos Reis Raiol, contratado no Maranhão (1883, p. 35). Havia mais: estavam previstas a montagem das oficinas de funileiro e fundidor, de pedreiro e, curiosamente, de typographo. Entretanto, não foi encontrado nenhum registro posterior de que esta última oficina tenha, de fato, funcionado.

Ainda em 1884 circulou o quinto almanaque que foi identificado nesta pesquisa: um artefato impresso de bom acabamento e que trouxe uma série de elementos gráficos e editoriais de interesse. Por essa razão, ele será melhor descrito adiante. Ora, no ano seguinte, um periódico estudantil foi produzido: era o *Diabinho*, jornal crítico e literário produzido pelos alunos do Ginásio Amazonense Pedro II e impresso na Typ. da Provincia. Santos et. al (1990, p. 76) registraram que ele era de periodicidade semanal, tinha um pequeno formato, seus colaboradores se identificavam como Satanás e Chícara e falavam de política, davam notícias teatrais e publicavam poesias. A partir daí, urge dizer, a participação de estudantes na imprensa – publicando jornais ou folhetos – vai se tornar cada vez mais frequente.

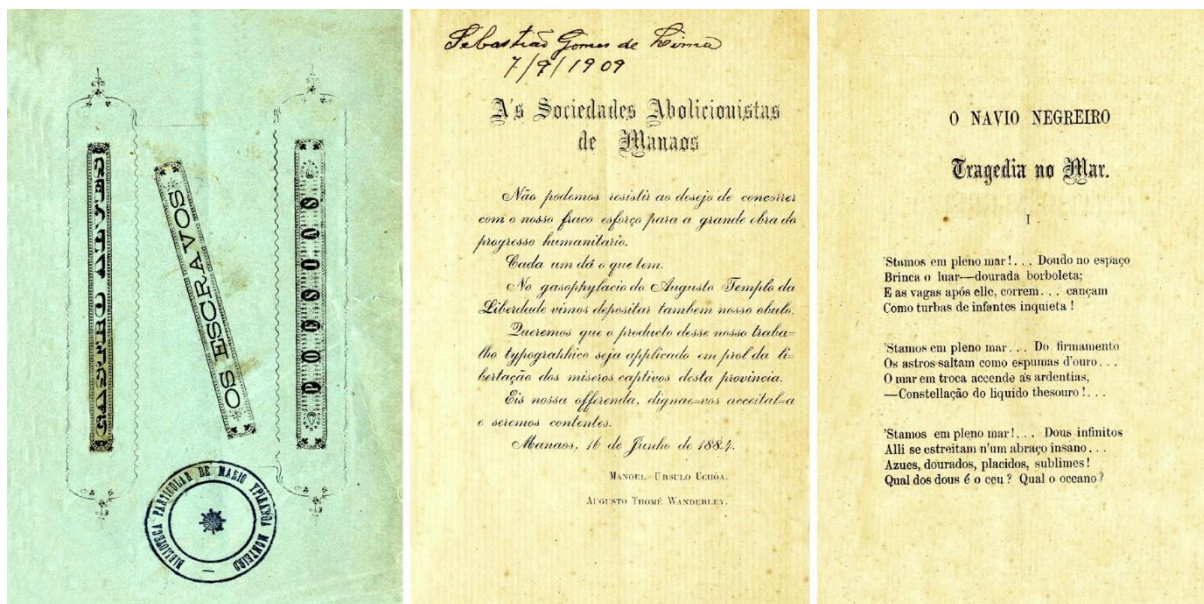
3.2.1 A imprensa luta pela liberdade e pela divulgação

No início de 1880 as discussões e as mobilizações da sociedade amazonense eram intensas em torno da causa da abolição da escravidão, tendo a participação ativa das mulheres, da imprensa e dos tipógrafos da cidade. No jornal *Amazonas*, de 6 de julho de 1881, foi publicado um convite para uma reunião no escritório da Typ. do Commercio do Amazonas, aberto a todos os cidadãos “sem distincção de côr politica ou nacionalidade, afim de resolver-se sobre a organização de uma sociedade abolicionista (da escravatura, sem duvida), a exemplo de outras suas irmãs do Sul”. Muitas sociedades civis e campanhas foram organizadas e, junto com elas, uma interessante edição foi publicada por dois tipógrafos como parte dos esforços dos trabalhadores gráficos de então.

A Typ. do Commercio do Amazonas, além de publicar folhetos e edições de irmandades, tais como os *Compromisso da Irmandade da Santa Casa de Misericordia* (1880) e o *Glorioso S. Benedicto* (1882), publicou também o folheto poético *Escravos*, de Castro Alves. Essa edição traz três poemas: Vozes d’Africa, Tragedia no lar e O Navio Negreiro, totalizando 32

páginas. Sua capa foi impressa em papel verde azulado e possui uma composição gráfica incomum para o período. Nela, o nome do autor, o título da obra e o subtítulo “poesia” foram compostos em três tarjas decorativas, cada uma com tipos diferentes e dispostas no sentido horizontal, ao passo que seu título se destaca pela composição em diagonal que possui (Fig. 51).

Figura 51 – *Os Escravos* (1883), edição de Castro Alves impressa em Manaus.



Fonte: Biblioteca Virtual do Amazonas.

O padrão de composição tradicional foi usado apenas na folha de rosto, com o nome do autor acima, o título em destaque, na metade superior, com seu subtítulo logo abaixo e, na parte inferior, a localidade e a oficina que o produziu. As páginas apresentam o título corrente da edição acima junto com o fôlio composto nas laterais, fazendo uso de fios e alguns ornamentos. O livro foi produzido como parte dos esforços abolicionistas e, em seu texto de apresentação, se dirigia “Às Sociedades Abolicionistas de Manaus”. Nele, os tipógrafos Manoel Ursulo Uchoa e Augusto Thomé Wanderley afirmam sua contribuição com esse “producto desse trabalho typographico seja applicado em prol da libertação dos miseros captivos desta província”.

Em 1883, o *Jornal do Amazonas* fazia duras críticas e denúncias contra o presidente da província, José Paranaguá, em cuja gestão o Teatro Amazonas havia tido as suas obras iniciadas, ainda que muito lentamente e com várias interrupções. Na edição de 13 de dezembro desse ano, o *Jornal do Amazonas* denunciava a prisão de seu proprietário pelos artigos críticos publicados no periódico. O texto se referia a esse acontecimento como uma violência, já que, em casos de “abuso de liberdade de imprensa”, deveriam ser responsabilizados o impressor, o editor, o autor e aquele que vende o jornal, respectivamente.

O senhor Antonio Bugalho era o proprietário do jornal e ficou preso 18 dias até conseguir o alvará de soltura “em virtude de fiança definitiva de prestou”. O seu julgamento teve início e, de acordo com o *Jornal do Amazonas* de 30 de março de 1884, o juiz de direito agia como “protector do sr. Paranaguá”. Ocorre que nem mesmo essa proteção foi suficiente para mudar a decisão do júri, que havia decidido pela absolvição de Antonio Bugalho, o qual, ainda segundo o artigo, teria sido acompanhado por “Mais de tresentas pessoas” até a sua Typographia.

Enquanto isso, outra disputa mais dramática estava sendo travada em todo o território brasileiro pela libertação das pessoas escravizadas, com certo protagonismo da Província do Ceará. No Amazonas pôde-se acompanhar seu desenrolar, ainda que parcialmente, pela leitura dos jornais e até mesmo dos anúncios; mais precisamente, por meio de duas notas publicadas na quarta página do *Jornal do Amazonas* de 20 de setembro de 1883. A primeira delas anunciava seu objeto no título “Liberdade”, em que Dionisio José Serudo Martins e sua mulher, D. Quitéria Maria Martins, informavam sua decisão de dar a liberdade às duas pessoas escravizadas que estavam a seu serviço: o jovem Cyrilo, de 20 anos de idade, que trabalhava como “machi-nista na lancha a vapor”, e Raymunda, com 35 anos de idade, que fazia trabalhos domésticos.

Os outrora proprietários tomaram essa atitude “levados pelo instinto de humanidade” e, então, restituíram a liberdade a Cyrillo e à Raymunda segundo o mesmo anúncio. E, para isso, não aceitaram os fundos de emancipação porque – diziam eles – “assim poupava aquella quantia que deverá servir para libertar outro”. O outro lado estava impresso na coluna contígua da mesma página de jornal, onde, um pouco mais acima, outro anúncio estampava que essa situação brutal, a escravidão, se mantinha. Seu título era “Escrava” e oferecia, em poucas linhas, a venda de uma mulher escravizada “com habilitações para bem servir uma família”. A simultaneidade dos anúncios e a imagem das distintas realidades eram as mesmas nas ruas e nas casas da cidade, conquanto acrescida da importante mobilização da sociedade local, que prosseguiu sua companhia a favor da abolição arregimentando apoios e conquistas.¹⁰²

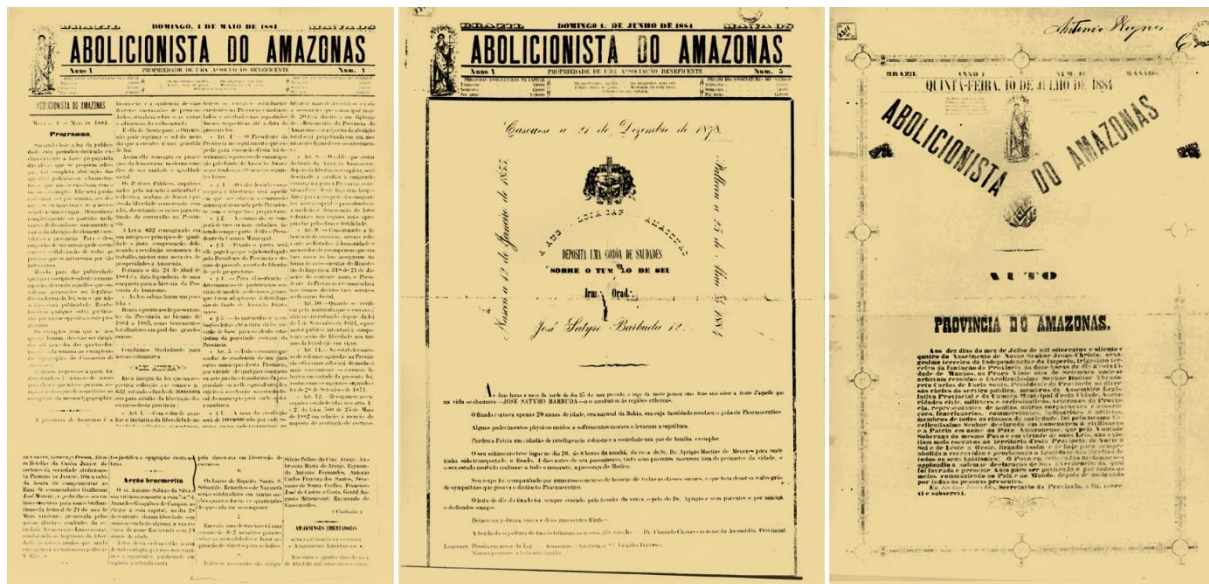
É possível elencar, por exemplo, aquela que foi saudada em 25 de março de 1884, quando o Ceará se tornou a primeira província do império brasileiro a fazer a Abolição da Escravatura. O acontecimento foi saudado nos jornais locais e amplamente comemorado. No Amazonas, segundo Faria e Souza (1908, p. 55), a causa abolicionista foi abraçada por todos os jornais, especialmente pelo *Amazonas* e pelo *Commercio do Amazonas*. De sua parte, Pozza Neto (2011, p. 122) informa que os tipógrafos do *Commercio do Amazonas* produziram o impresso *Ave Libertas*, que foi endereçado “aos filhos de Guttemberg, residentes na – Terra da Luz – [aos quais]

¹⁰² Para uma descrição mais aprofundada desse movimento, ver a dissertação *Ave Libertas: ações emancipacionistas no Amazonas*, de Provino Pozza Neto. Manaus: Ufam, 2011.

envião um aperto de mão e cordiaes parabéns”. Outra iniciativa foi a publicação do jornal *Abolicionista do Amazonas* (Fig. 52).

Em termos mais precisos, essa folha começou a circular em 4 de maio de 1884 e fez parte do esforço da sociedade local em promover a “redenção dos captivos no valle do Amazonas”, ou seja, a libertação e emancipação das pessoas escravizadas. A iniciativa contava com ampla participação da imprensa, de sociedades civis organizadas, inclusive de mulheres e da Maçonaria. Embora descrita como propriedade de uma associação beneficente, o periódico semanal era dirigido pela Loja Maçonica Amazonas, nas palavras de Pozza Neto (2011, p. 129-130). A Loja também foi responsável por arrecadar fundos para a compra de cartas de alforria.

Figura 52 – Primeiras páginas do *Abolicionista do Amazonas* (1884), primeira, quinta e décima primeira edição do jornal.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A composição gráfica do jornal trazia em seu cabeçalho uma imagem da justiça à esquerda, estando ao seu lado o título do periódico e também diversas informações separadas por linhas. O texto foi organizado em quatro colunas, com intertítulos, bigodes e variação dos tipos usados. Nos três exemplares digitalizados em preto e branco que foram consultados, o primeiro, o quinto e o décimo primeiro apresentam grandes diferenças em sua composição. Por ser um jornal com fins propagandísticos, ele não seguia um padrão rígido de organização de seus elementos gráficos, principalmente na primeira página, que recebe um tratamento mais livre e enfático, assumindo um discurso gráfico que se aproxima mais do cartaz, em função do alto contraste e liberdade ao compor seus elementos (Fig. 52).

Depois do primeiro número, mais padronizado, o *Abolicionista do Amazonas*, em sua quinta edição, apresentava uma moldura de grossas linhas e de generoso espaço em branco, tipos manuscritos e uma vinheta fúnebre para a Loja Maçônica Amazonas prestar uma homenagem a José Satyro Barbuda, que havia falecido. Já no décimo primeiro há a abolição do cabeçalho, que é recomposto com outra disposição. Uma cercadura ornamentada marcava a página, tendo a vinheta da justiça alinhada ao centro e, mais abaixo, outra com um símbolo maçônico e o título do jornal, composto em duas linhas diagonais. Essa composição dava destaque para a importante notícia da Abolição da Escravatura no Amazonas, ocorrida em 10 de julho de 1884.

Essa edição parece ter sido impressa com tinta vermelha, segundo registro do jornal *Libertador*, publicado em Fortaleza no dia 22 de julho de 1884. O periódico cearense registrou o recebimento da edição de número onze do *Abolicionista do Amazonas* e diz que ele foi “impresso em tinta côr de sangue”. A se confirmar, esse seria um dos primeiros registros de uso de cor nos jornais locais. Esse rubro número do *Abolicionista do Amazonas* teve a quarta página composta com uma cercadura ornamentada e conferiu destaque à data de 10 de julho, dia em que o Amazonas se juntava ao Ceará, que havia feito a abolição de seus escravos cinco meses antes. Um ponto a acrescentar é que essa página comemorativa há uma lista de sociedades organizadas que atuaram para que esse acontecimento se realizasse, registrando também os nomes das cidades amazonenses.

Em bom rigor, essa edição do *Abolicionista* trouxe diversos textos manifestando sua exultação com o acontecimento. Dentre eles, tem-se um breve artigo de título “Bons Dias!”, o qual seguia assinado pelos tipógrafos Manoel Ursulo Uchoa e Augusto Thomé Wanderley, os mesmos que haviam produzido o folheto *Escravos*, de Castro Alves (1883), além de uma terceira pessoa, que não foi possível identificar (Vicente...?). O tipógrafo Manoel Ursulo Uchoa era cearense, tinha por volta de 22 anos em 1883 e trabalhou em diversas oficinas e jornais na cidade de Manaus até que, por volta de 1886, decidiu tentar a sorte como seringueiro.

É coerente supor que o alto preço do látex e as promessas de riquezas devem ter seduzido o jovem trabalhador gráfico, que viajou de sua terra para atuar em Manaus, lugar onde não deveria ganhar muito como tipógrafo. Não sem razão que, como muitos de seus conterrâneos, Manoel Ursulo Uchoa foi para as matas amazônicas e, nos seringais, tentou compor uma história de vida melhor. Infelizmente, sua aventura não teve sucesso, pois, como nos conta o jornal *Libertador* de 3 de março de 1887, ele veio a falecer em 2 de janeiro “no lugar Alto da Boa Vista, rio Juruá Amazonas”. O periódico cearense chegou a registrar que Manoel Ursulo Uchoa havia trabalhado em sua oficina e lamentou que o tipógrafo tivesse falecido em idade tão jovem.

Ele tinha apenas 26 anos e morreu pobre, “legando apenas aos seus paes e irmao a saudade da separação eterna. Pesames á sua família”.

É impossível deixar de salientar que essa era uma aventura que ainda iria se repetir com frequência com o crescimento da exploração da borracha, quase sempre feita por pessoas que permaneciam anônimas. Essa narrativa é quase sempre descrita por cifras, imponentes construções, firmas estrangeiras que se estabeleceram na região, casas aviadoras e pelos outros agentes da elite que vão explorar e lucrar com a força de trabalho dos seringueiros. O outro tipógrafo, Augusto Thomé Wanderley, preferiu retornar à sua terra, o Ceará, visto que em 1889 foram encontrados alguns registros seus em jornais de Fortaleza.

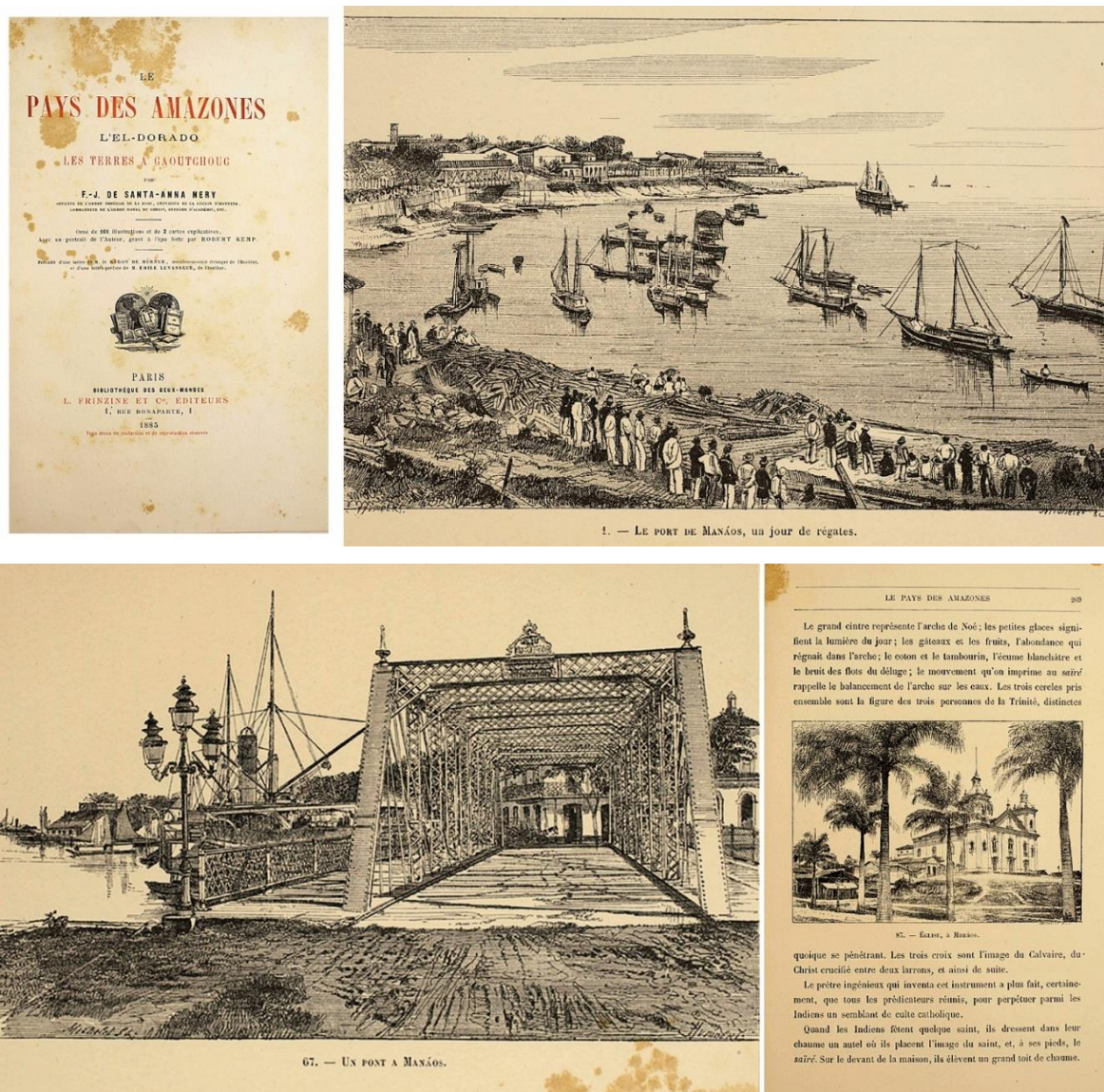
O governo provincial buscava atrair imigrantes estrangeiros e investidores, vistos como necessários para viabilizar o desenvolvimento da região. Nesse esforço, foi produzida uma das primeiras obras de divulgação do Amazonas no exterior, a edição *Le Pays des Amazonas – L’El-dorado les terres a caoutchouc*, de Frederico José de Santa-Anna Nery (Fig. 54), também conhecido como barão de Sant’Anna Nery. Esse fidalgo amazônico nasceu em Belém no ano de 1842, mas foi criado no Amazonas, onde sua família tinha grande prestígio. Ele concluiu seus estudos no Seminário de São José, em 1862, e continuou sua formação na Europa, onde trabalhou em diversos periódicos e publicou outros livros, atuando principalmente como divulgador dos interesses do Amazonas e do Pará. De acordo com Coelho (2007 p. 14), Santa’Anna Nery participou ativamente, por meio de propaganda, “de um projeto modernizador para a Amazônia ligado à imigração”, trabalhando também, nesse sentido, para o governo paraense.

Esse ilustrado filho da elite amazônica acentuava em seu livro sua condição de autor privilegiado para descrever o “país das amazonas” por “tê-la visto muito e a ter deixado desde certo tempo”, conforme é expresso na apresentação da edição de 1885. Um dado essencial é que, para traduzir seu lugar de origem, Santa’Anna Nery organizou sua obra em três partes: a natureza da região, o habitante e o estrangeiro e suas relações com o habitante. Nela há um conjunto bastante representativo de imagens da região e da cidade de Manaus, que já apresentava feições mais urbanas e menos “primitiva”, tal como anteriormente apontavam os viajantes.

A edição, como uma peça de divulgação produzida para um público exigente, deveria ser bem composta e impressa, dado que o objetivo era representar a região de forma atraente e conquistar tanto investimentos quanto imigrantes. A obra de Santa’Anna foi, então, publicada em Paris por L. Frinzine et Cie, Editeus, com 101 ilustrações, 2 mapas e um retrato do autor impresso em gravura em metal (água forte), feita por Robert Kemp. Seu frontispício foi impresso em duas cores e as numerosas ilustrações destacavam também elementos da natureza, a fauna e os indígenas da região.

Como bem se vê, há várias vistas da cidade de Manaus, sobretudo de seu porto, mas também da Igreja Matriz, de ruas da cidade e da ponte metálica dos Remédios (Fig. 53). A representação da terra das Amazonas se ancorava na prodigalidade de suas riquezas naturais ainda inexploradas. Por outro lado, buscava afastar a imagem do selvagem e do atraso, destacando, para poder atingir esse fim, elementos urbanos e alguns progressos materiais da região. Além da tiragem regular do livro, foram impressos 15 exemplares da edição em papel “japon impérial”.

Figura 53 – Folha de rosto e ilustrações de *Le Pays des Amazonas* (1885).



Fonte: Composição feita pelo autor a partir de imagens da obra disponibilizada na Biblioteca Brasileira da USP.

Como observou o pesquisador Savio Stoco (2019, p. 77), em nota, esse livro teve diversas reedições com mudanças significativas no texto e nas imagens que formam um importante

conjunto documental sobre a região. As diferentes ilustrações dessas edições foram produzidas a partir de imagens feitas pelos principais fotógrafos da região: Stradelli, Fidanza, Huebner, Arturo Luciani e outros. Esse lugar de mediação e divulgação será, mais à frente, tomado pelos álbuns de vistas, tendo amplo uso da imagem fotográfica. E, tal como a edição de Sant’Ana Nery, vão também ser produzidos em oficinas tipográficas do exterior.

3.2.2 Duas impressões do Amazonas: o *Almanach...* (1884) e a *Vellozia* (1888)

O ano de 1884 já havia iniciado quando um anúncio do jornal *Amazonas*, de 27 de janeiro, informava que o almanaque daquele ano ainda estava “no prelo”. A publicação ressaltava que estava recebendo anúncios para publicar nele, bastando que os interessados então se dirigissem à sua Typografia. O mesmo anúncio é repetido algumas vezes até, pelo menos, a edição de 7 de março de 1884, o que indica que sua produção estava muito atrasada e que, provavelmente, os anúncios eram os últimos a serem compostos e impressos.

O *Almanach Administrativo Historico Estatisco e Mercantil da provincia do Amazonas para o anno de 1884* foi produzido pela Typographia do Amazonas, tendo cerca de 19 x 26 cm de tamanho e 216 páginas. Está organizando em cinco seções: Preliminares, Parte Administrativa, Parte História, Parte Estatística e Parte Mercantil. A composição gráfica do almanaque é feita predominantemente em duas colunas, mas com variações de tipos e tamanho de corpo, além de fazer uso de tabelas, fios tipográficos e outros elementos gráficos.

Sobre a publicação de um almanaque, o texto de apresentação dizia que este se impunha como uma “necessidade impreterível diante do movimento ascencional que a mesma provincia experimenta em seu rápido e seguro caminhar”. Sua publicação seria, portanto, um indicador de prosperidade e de desenvolvimento, e só não havia sido produzida antes em função do “preço elevado da publicação de um livro nesta província”. Esse obstáculo, no entanto, foi vencido quando a Assembleia Provincial providenciou a verba necessária para a sua produção, nove anos após o último almanaque da província, de 1875. Segundo o texto, a escolha do organizador do almanaque foi feita por meio de um concurso e teve quatro meses de antecedência para a apresentação dos trabalhos, sendo nomeada uma comissão para avaliação.

O historiador Arthur Reis (1989, p. 206) afirma que Aprígio Martins de Menezes organizou dois trabalhos escritos: *Ephemerides Amazonenses* e *História da Provincia do Amazonas*, os quais foram premiados pelo governo provincial. É oportuno lembrar que um deles foi publicado no *Almanack Amazonense* de 1884, onde, na Parte Histórica, é possível encontrar as iniciais de A. M. M. O mesmo texto, ainda de acordo com Arthur Reis, teria sido republicado no

Almanack do Amazonas de 1889; no entanto, este outro almanaque não foi localizado no levantamento realizado.

Figura 54 – Capa ilustrada do almanaque de 1884 e detalhe da ilustração.



Fonte: Composição feita a partir de imagens da obra digitalizada pela Biblioteca Nacional.

Provavelmente, essa foi a primeira publicação – seja de almanaque, jornal ou livro – cuja capa era ilustrada com uma imagem original composta de vários planos e elementos, com o longo título ocupando a metade superior da composição e tendo elementos da natureza ao fundo (Fig. 54). O protagonista dessa capa é o rio, provavelmente o Amazonas, descrito no almanaque como “rei dos rios avançando magestosamente [...], com centenas de tributarios a renderem-lhe o preito de suas aguas, não impressiona só a imaginação do poeta e do artista pela incomparavel grandeza de seu curso e de seu estuario...” (1884, p. 133).

É necessário afirmar que, no exemplar digitalizado, não foi encontrada nenhuma indicação de autoria ou procedência. A matriz utilizada para a impressão da imagem parece ter sido

um clichê, uma placa de metal gravada a partir de um desenho original. Nele, um rio orienta o olhar em diagonal, abaixo, e naquilo que seria o primeiro plano há uma habitação de palha, uma canoa e duas mulheres vestidas: uma segurando um pote na cabeça e outra com uma criança. Seguindo pelas curvas do rio, vê-se uma embarcação a vela junto a uma pequena povoação; depois um vapor soltando fumaça até que o rio-mar encontra o sol, que joga longe seus raios e tem à sua frente uma embarcação a vapor. Essa imagem parece representar a crença na chegada de um futuro melhor para a região, mais civilizado e seguindo o curso do progresso.

Figura 55 – Folha de rosto em duas cores e anúncio da Typ. do Amazonas (1884).



Fonte: Fotos do autor a partir de original do Arquivo Nacional.

Esse almanaque foi uma das primeiras publicações impressas no Amazonas em que se encontrou um amplo conjunto de elementos gráficos, visuais e editoriais organizados, compostos de maneira rica e tendo uma impressão consistente ao longo de suas páginas. Esse cuidado maior e atenção podem ser vistos tanto nos anúncios, como na folha de rosto, que tem uma composição assimétrica. Ela foi impressa em duas cores, verde e vermelho, tendo a palavra “Almanach” do longo título composta em diagonal (Fig. 55).

Na página posterior à do mês de maio, signo de Gêmeos, é possível encontrar um anúncio em página inteira da Loja Parthenon (Fig. 57), de Ernesto B. Pereira & Comp.^a, que se apresentava como o “único estabelecimento n’este gênero”. Era uma livraria e papelaria que,

além de oferecer “grande quantidade de romances, livros de direito, educação e religião”, vendia igualmente objetos para escritório, “boticas homoeopáticas”, modas e fazendas. Também havia o anúncio de uma oficina de encadernação (Fig. 56) que funcionava nas dependências da Typ. do Amazonas e era dirigida por Virgílio J. C. Travessa. O anúncio destacava que a oficina era única na cidade que possuía “machinas modernas, necessarias á boa execução das obras [...] e com a perfeição compativel com os melhoramentos que modernamente tem experimentado a referida arte”. Embora já se tenha registrado a atividade de encadernadores ligados ao Estabelecimento dos Educandos Artífices, esse foi um dos primeiros registros de uma oficina exclusiva de encadernação, ainda que associada a uma oficina tipográfica.

Figura 56 – Anúncios publicados no *Almanach... de 1884*.

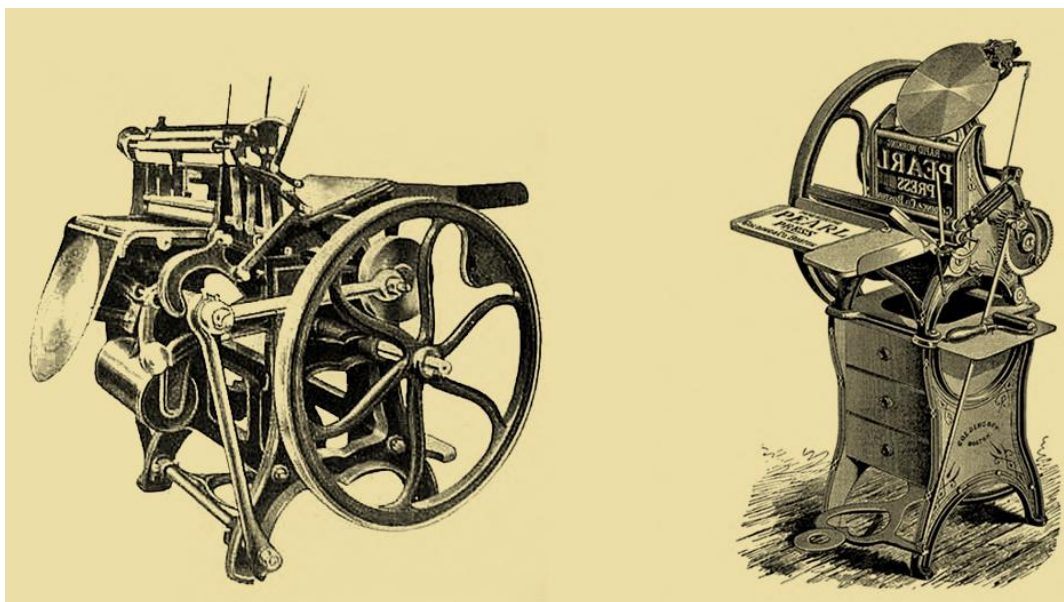


Fonte: Composição feita a partir de imagens da obra digitalizada pela Biblioteca Nacional.

Na página posterior ao mês de fevereiro há um anúncio da Typografia do Amazonas, de José Carneiro dos Santos, tendo apenas como elemento de destaque uma cercadura ornamentada (Fig. 55). Nessa página, a oficina tipográfica fornece maiores dados sobre seus equipamentos. Primeiro, ela se apresenta como sendo a “única habilitada a fazer todo o trabalho que diga respeito á arte typografica. Jornaes, relatorios, tabellas, avulsos de grade e pequeno formato, memorandos, contas correntes, guias, despachos, conhecimentos, facturas, etc, etc”. Todos esses impressos seriam produzidos com brevidade, a preços diminutos, pois a oficina dispunha de “três magnificos prelos” dos constructores Maulde Geibel & Wibart, “Liberty”, de F M. Wellers, e “Perola”, de Goloing & Comp.^a [sic].

O anúncio destacava ainda seu sortimento de cartões de visita e de papel fantasia para “casamentos, baptisados, etc, recibidos directamente de Paris”, para cujos trabalhos indicava mais dois prelos “Ravasse Dahaitre”. Assim, o cliente poderia ser “servido na mesma ocasião de fazer a encomenda”. A oficina tipográfica do Amazonas se organizou para atender tanto encomendas em formatos maiores, com tiragem mais alta nos três prelos citados, como também dispunha de dois equipamentos para os serviços menores, tais como impressos comerciais ou aqueles com um acabamento mais personalizado, usando papéis especiais, como convites e cartões de visita. Como consequência dessa divisão de tarefas, o estabelecimento obteve a capacidade de entregar de imediato esses trabalhos de menor monta.

Figura 57 – Os prelos *Liberty* e o Perola (*Pearl*), que a Typ. do Amazonas possuía em 1884.



Fonte: Composição feita pelo autor a partir de imagens retiradas dos sites indicados nas notas 12 e 13.

Os prelos da oficina que imprimiu o almanaque tinham diversas procedências. O fabricante Maulde Geibel & Wibart, citado no anúncio, era francês e produziu variados equipamentos gráficos, de prensas litográficas a equipamentos a vapor, além de prensas hidráulicas e prelos tipográficos. Já o equipamento de impressão *Liberty* (Fig. 57) era produzido desde 1860, nos EUA, e se tornou um equipamento popular nas oficinas tipográficas dos Estados Unidos e da Europa.¹⁰³ O terceiro prelo citado é o *Pearl*, ou Pérola (Fig. 57), uma prensa tipográfica leve produzida, inicialmente, em Boston (EUA) por volta de 1876 pela Golding & Co.¹⁰⁴ A Typo-

¹⁰³ Ver: *The Liberty Platen Press*. Disponível em: <https://handsetpress.org/liberty/>. Acesso em: 4 jul. 2020.

¹⁰⁴ Ver: *The Pearl – a Jewel of a Press*. Disponível em: <http://www.apa-letterpress.com/T%20&%20P%20ARTICLES/Press%20&%20Presswork/Pearl%20Press.html>. Acesso em: 4 jul. 2020.

graphia do Amazonas possuía, então, cinco prelos, sua boa capacidade técnica e material estava patente no almanaque produzido por seus trabalhadores gráficos nesses equipamentos.

A seção “Parte Histórica”, do almanaque, descrevia ainda a situação atual da Província do Amazonas, ressaltando que a “borracha tem atingido a elevadissimo preço e o thesouro provincial livre de qualquer atrazo guarda em suas arcas avultadissimo saldo” (1884, p. 112). O presidente da província, José Lustosa da Cunha Paranaguá, foi destacado pela sua “inteligência e tino administrativo” (1884, p. 112), dado que em sua administração foram realizados diversos melhoramentos, dentre eles o “mercado de ferro á rua dos Barés”, a reestruturação dos Educandos e a contratação da Companhia Brasileira de paquetes para estender suas viagens até Manaus. Ainda mantendo o tom elogioso, o almanaque afirma que o “comercio cresce e opulenta-se”, enquanto a instrução pública passava por uma profunda reformulação. Enfim, “Tudo floresce”, segundo essa publicação paga pela Assembléa para divulgar a terra das amazonas.

Nesse almanaque ainda há uma parte “Estatística”, com diversas tabelas, algumas em páginas desdobradas, assim como a última seção, intitulada de “Parte Mercantil”. Seu texto inicial, com o título de “Navegação, commercio e estado financeiro da Província”, foi composto em dois idiomas, além do português: o francês e o inglês. Era uma espécie de esforço para divulgar o Amazonas e atrair investimentos e trabalhadores “civilizados” para a região. A segunda parte desta seção tem uma lista de atividades do “commercio, industrias e profissões”, organizadas em ordem alfabética. Nela se observou uma maior diversificação da atividade produtiva e comercial local, além de listar alguns agentes e profissionais que compunham o circuito gráfico amazonense.

No item “Encadernadores”, foram cinco os profissionais anotados: Virgilio Joaquim Coelho, João Manuel Fortunato, Rodolpho Gustavo Cavalcante de Albuquerque, Manuel Rodrigues Pereira Caldas e José dos Reis Raiol. A título de comparação, foram registrados três engenheiros civis e cinco médicos no mesmo almanaque. Dessa forma, a atuação de cinco encadernadores em Manaus mostrava-se como um bom sinal e contrastava com o registro de uma única livraria na cidade, a Parthenon, de Ernesto B. Pereira. Além de atender o leitor particular, o serviço de encadernação também era necessário ao governo e ao comercio em geral. Ambos se utilizavam de livros em branco encadernados para fazer diversos registros e arquivar seus documentos, incluindo diversas correspondências, no caso do governo da província.

O almanaque anotou apenas 4 periódicos: *Amazonas*, *Commercio do Amazonas*, *Jornal do Amazonas* e *Rio Madeira*, este último em atividade na cidade de Manicoré. O Conde Hermano Estradelli [sic] foi o único fotógrafo registrado na capital. Apenas três oficinas tipográficas são listadas, as mesmas que produziam os periódicos de Manaus, também já citadas. Em

conclusão, no item “Typografos”, são listados 21 profissionais, todos eles registrados no Apêndice C2 desta pesquisa.

Sobre este artefato gráfico, o *Almanach...*, pode-se afirmar que foi bem editado, planejado e produzido com bom domínio do ofício, possuindo, uma linguagem visual mais complexa que os almanaques anteriores. Pela leitura gráfica e editorial dele, o estado da arte da atividade gráfica no Amazonas teria uma face positiva e de significativa melhora, tanto na composição quanto na qualidade da impressão. Contudo, como logo se observará, a elevação desse padrão não foi percebida da mesma maneira nas outras oficinas, pois estas dependiam de investimentos técnicos e materiais que a maioria ainda não podia implementar.

No ano seguinte, a Typ. do Amazonas teve seu contrato para publicação dos atos do governo rescindido, ocupando o seu lugar a Typographia do *Jornal do Amazonas*, de Antonio Fernandes Bugalho. Supõe-se que oficina do almanaque de 1884 teria deixado de cumprir grande parte de suas obrigações e criticado a administração em seu jornal, por isso:

Quando um jornal contractado pelo governo e por elle subvencionado, quer hostilizar-o, o seu primeiro dever é desprender-se lealmente dos compromissos que contrahio, mas hostilizar-o, querendo ao mesmo tempo gosar de suas vantagens pecuniarias é um procedimento menos digno e nunca me pareceo decente [EXPOSIÇÃO... em 28 de outubro de 1885,¹⁰⁵ p. 12]

A outra face do estado geral da produção gráfica do período pode ser lida em outra publicação incomum no cenário local, uma revista científica. A revista do Museu Botânico do Amazonas estava planejada desde a fundação da instituição, em 1883, como parte dos esforços para divulgar as descobertas botânicas de João Barbosa Rodrigues, descritas também em ilustrações. A publicação deveria ser trimestral, ter assinantes e, segundo seu plano original, ser remetida sem custos para estabelecimentos científicos e bibliotecas da Europa, desde que essas instituições igualmente enviassem ao museu outras revistas e jornais científicos em troca. Dessa forma, a instituição conseguiria periódicos atualizados e necessários ao seu funcionamento, ao mesmo tempo que sua publicação ganharia circulação em nível internacional.

Passados três anos de seu funcionamento, o museu ainda apresentava sérias dificuldades, uma vez que seu laboratório químico estava montado, mas ainda não havia um especialista na função para dirigi-lo. Por falta de recursos, o edifício do museu chegou a ficar um período sem porteiro, muito embora isso não tenha impedido que o seu diretor, Barbosa Rodrigues, realizasse pesquisas e aumentasse as coleções do museu de forma contínua, tudo devidamente organizado, registrado em relatórios e no seu catálogo, acompanhados de desenhos e fotografias.

¹⁰⁵ *Exposição com que o exm. sr. 1.º vice-presidente tenente-coronel Clementino José Pereira Guimarães passou a administração da provincia ao exm. sr. dr Ernesto Adolpho de Vasconcellos Chaves em 28 de outubro de 1885.*

Em relatório de 1886,¹⁰⁶ o botânico faz a defesa da verba pedida para a publicação da revista, dizendo que esta era indispensável para divulgar os trabalhos do Museu nas outras províncias e no exterior. Afirmava ainda que o valor pedido, de 3:600\$000 para a publicação de sua primeira edição, não era elevado. Para chegar a esse valor, Barbosa Rodrigues disse que “um numero [da revista] não poderá ter mais de 10 folhas de impressão, que aqui custam 600&000, pouco mais ou menos. Acrescentando-se 600\$00 para desenhos que serão gravados fóra da província”. Também solicitava uma verba para a biblioteca, já que, para prosseguir com seus trabalhos de botânica e de química, necessitava de livros de referência e também obras atualizadas.

Ao discriminar o valor da revista, Barbosa Rodrigues já previa que as pranchas com ilustrações não seriam produzidas em Manaus, pois não havia nenhuma oficina litográfica na cidade para atender a essa demanda. Ele também se refere a um elemento de produção gráfica, quando diz que a revista não deverá ter mais de 10 folhas de impressão. Essa referência – folha de impressão – diz respeito à folha de papel em que várias páginas, geralmente múltiplo de quatro ou de oito, são impressas, frente e verso. Essa folha de impressão, depois de impressa, é dobrada, cortada e refilada até formar os cadernos que são montados para compor uma publicação. No caso, a revista do museu botânico.

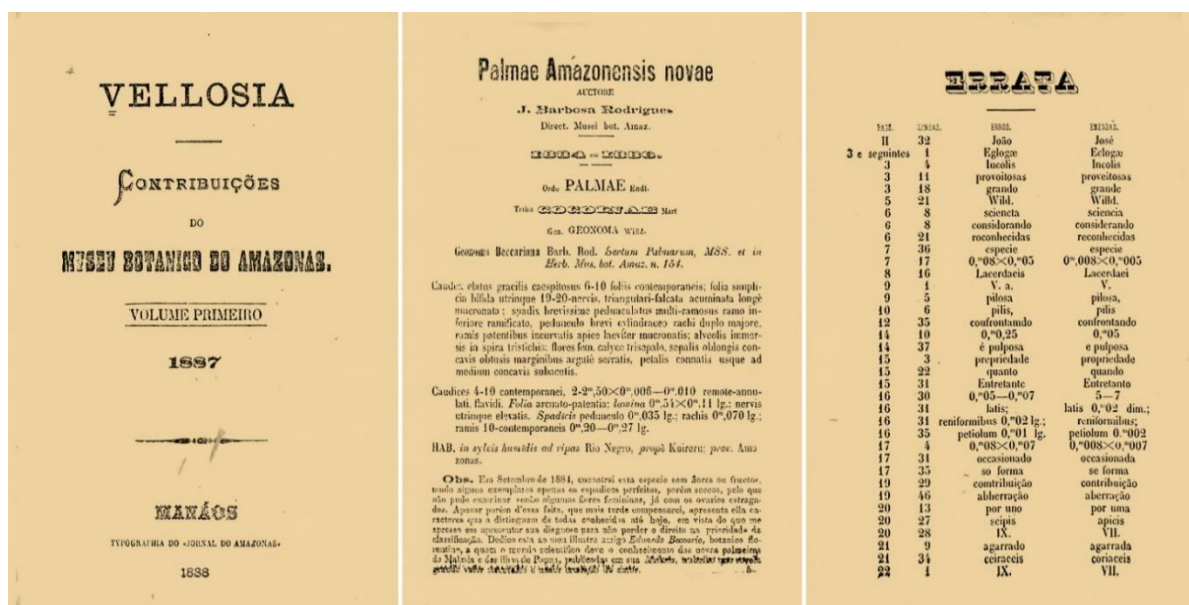
Enquanto a revista não era publicada, Barbosa Rodrigues publicou o livro *Tamakoaré espécies novas da ordem das ternstroemiaceas*, que foi impresso em 1887 pela Typ. do Jornal do Amazonas. Na apresentação, o autor (1887, p. 8) diz que o nome *Tamakoaré* se refere a um óleo tido como medicinal e que amostras dele haviam participado de exposições provinciais e nacionais. A produção do óleo era mantida em segredo pelos “tapuyos”, o comércio desse produto era raro e seu uso se difundiu pela divulgação feita pelo farmacêutico José Miguel Lemos, já falecido. Esse óleo seria usado no Rio de Janeiro pelo “notável oculista Dr. Moura Brazil”, sendo um dos exemplos de um composto da região já estudado pelo botânico em virtude de suas aplicações práticas.

A direção de Barbosa Rodrigues e os gastos necessários ao funcionamento do museu botânico também foram alvos de severas críticas na imprensa local. Na edição de 22 de janeiro de 1888 do *Equador* há um artigo que questionava a necessidade de um museu botânico na província. Segundo o texto, o museu “maiores rendas absorve à província; e apesar d’isso não deu ainda resultado algum, de modo que tem-se tornado quase uma nulidade”. Também *O Corneta* reforçava a visão do museu como desnecessário, ao dizer, em sua edição de 19 de janeiro de

¹⁰⁶ O *Jornal do Amazonas* de 14 de setembro de 1886, na seção oficial, apresenta alguns anexos ao *Relatorio... 25 de março de 1886*, e o de número cinco trata do Museu Botânico.

1888, que ele se encontrava em completa desordem e em tal estado de “immundície, que ficamos convencidos de que a imoralidade é o apanágio do governo brasileiro”. Ao criticar o museu, os dois jornais republicanos buscavam acertar a instituição política brasileira e também o governo provincial. Na mesma edição do jornal há denúncias de desordem no Instituto Amazonense, antigo Estabelecimentos dos Educandos.

Figura 58 – *Vellosia* (1888): folha de rosto, página com descrição de espécie e errata.



Fonte: Biblioteca Nacional.

A revista científica foi finalmente publicada em 1888 com o título de *Vellozia – Contribuições do Museu Botânico do Amazonas*, primeiro volume. A publicação recebeu esse nome em homenagem ao naturalista brasileiro Frei José Mariano da Conceição Velloso (1742-1811).¹⁰⁷ Essa primeira edição foi composta e impressa pela Typ. do Jornal Amazonas e tinha sua composição gráfica organizada em uma coluna de texto; todavia, pela natureza do texto científico do trabalho, há o emprego de vários tipos e estilos de composição. A revista faz uso de tabelas, ilustração e notas de rodapé nas suas 148 páginas de texto.

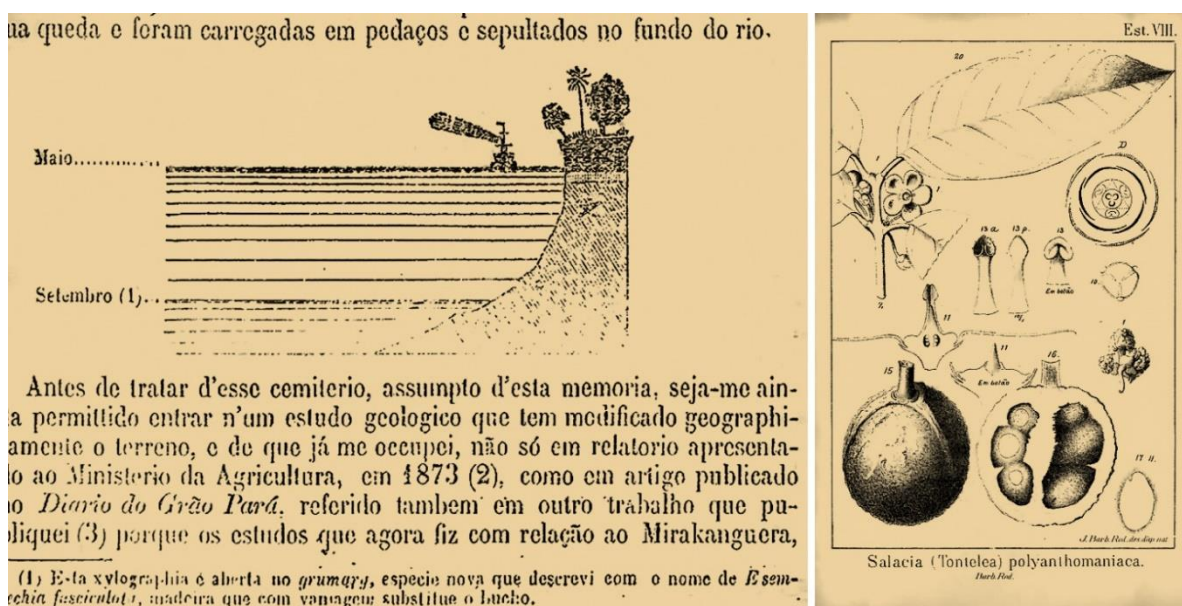
Na seção intitulada “Antiguidades do Amazonas” da revista (1888, p. 64) encontrou-se uma única ilustração, que foi impressa para acompanhar a descrição dos períodos de cheias dos rios (Fig. 59). Em nota, Barbosa Rodrigues a descreveu como “Esta xylographia é aberta no *grumary*, especie nova que descrevi [...], madeira que com vantagem substitue o bucho”. Esse é um dos primeiros registros de impressão com matriz de madeira que foi observada na pesqui-

¹⁰⁷ O religioso também dirigiu em Lisboa a Tipografia do Arco do Cego, importante editora e oficina que produziu livros ilustrados de divulgação científica, muitos deles traduzidos para o português.

sa. Ao final da publicação há ainda treze ilustrações científicas impressas em litografia (Fig. 59), as quais são numeradas e foram produzidas na Lithographia de C. Wiegandt, de Belém.

Vellosia deveria ter sido finalizada em dezembro de 1887, de acordo com o texto intitulado “Addenda” da revista (1888, p. 137), mas estava há cerca de um ano no prelo. O mesmo texto cita uma nota do *Jornal do Commercio* de 25 de junho de 1888, fato que leva à suposição de que a sua finalização deve ter sido um pouco depois. Ao final da parte textual da revista há uma “Explicação das Estampas”, em que os elementos representados nos desenhos são descritos segundo a numeração que consta neles. Depois, há um índice organizado em ordem alfabética e uma longa errata composta em três páginas, chama atenção a quantidade de erros de composição registrados nessa “Errata”: havia até cinco correções em uma única página (1884, p. 22 e 88), demonstrando desatenção na composição e desleixo em sua publicação.

Figura 59 – *Vellosia*: detalhe da ilustração impressa em xilografura e estampa litográfica.



Fonte: Composição feita a partir de imagens da obra digitalizada pela Biblioteca Nacional.

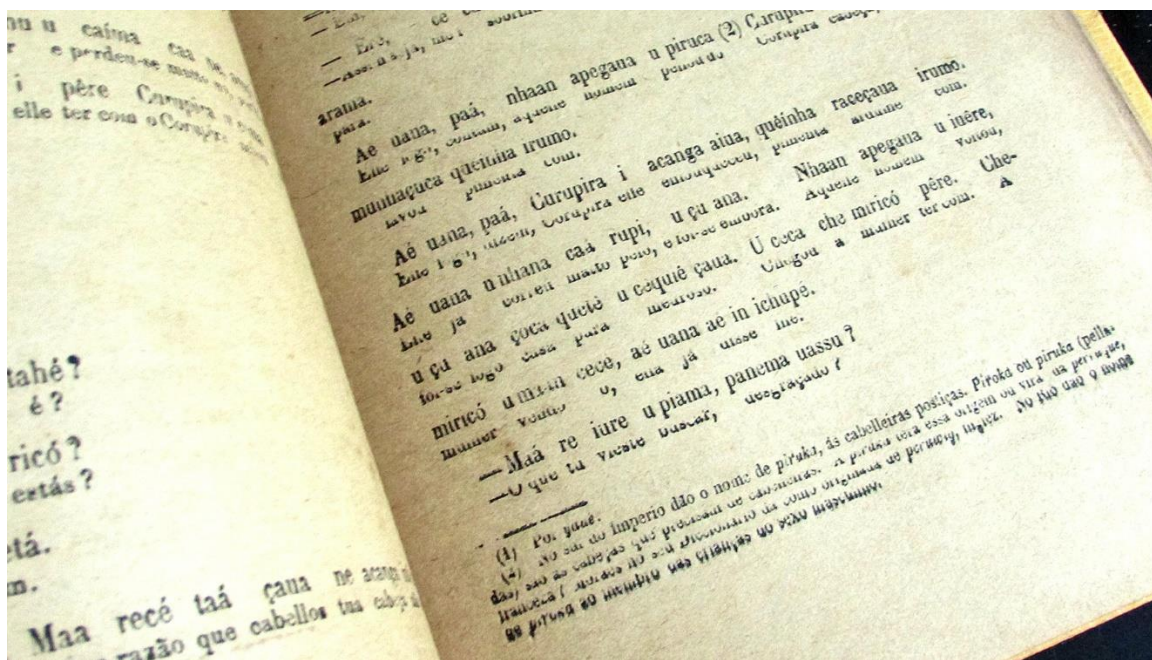
Assim, apesar do planejamento feito por Barbosa Rodrigues e da demora de sua produção, pode-se afirmar que a revista foi composta de forma bastante descuidada e sua impressão parece ter tido o mesmo destino, segundo relatos da época. Infelizmente, não foi possível examinar com cuidado um exemplar impresso da *Vellosia*, apenas em duas ocasiões teve-se contato com a edição física.¹⁰⁸ Ainda assim, Barbosa Rodrigues deixou uma breve descrição dela:

¹⁰⁸ No acervo da Biblioteca Nacional o exemplar não podia ser manuseado devido ao seu estado de conservação; e no Centro Cultural Reunidos apenas foi possível examinar rapidamente o exemplar da biblioteca.

Tendo sahido o 1.º volume da Revista **pessimamente impresso, em mão papel e cheio de erros** retirei a impressão do segundo volume da typographia em que estava sendo feita depois de 7 folhas impressas passei para do “**Amazonas**” que conta outro pessoal e outros elementos para uma bôa publicação. As estampas, da Revista desse volume em numero de 32 estão sendo impressas no Pará e breve devem estar aqui. [g. n.] (RELATORIO... 1889, p. 85)¹⁰⁹

Ainda que examinada com brevidade, apenas folheando as páginas foi possível verificar que o exemplar de *Vellozia* que foi consultado tinha problemas sérios de legibilidade, pois em algumas páginas partes das letras não tinham sido impressas. Gerando uma impressão falhada, bastante irregular na distribuição da tinta sobre os caracteres impressos (Fig. 60). Essas páginas deveriam ter sido descartadas e substituídas por outras minimamente regulares e legíveis, esse era um cuidado mínimo que a oficina deveria respeitar. Contudo, a Typographia do Jornal do Amazonas parece não ter se importado com as péssimas condições gráficas apresentadas pela publicação saída de suas oficinas. Revelando uma postura descuidada e incompatível com a atividade dos, normalmente, tão zelosos tipógrafos locais.

Figura 60 – Detalhe da página 127, com falhas de impressão na *Vellozia* (1888).



Fonte: Foto do autor a partir do acervo do Centro Cultural Reunidos.

Depois de impressa, a revista *Vellozia* deveria circular por instituições científicas em território brasileiro e, principalmente, no exterior, divulgando os resultados das pesquisas do

¹⁰⁹ Anexo F do Relatório com que o exm. sr. dr. Joaquim de Oliveira Machado presidente da Provincia do Amazonas installou a sessão extraordinaria da Assembléa Legislativa Provincial no dia 2 de junho de 1889. Manaus: Typ. do Commercio do Amazonas, 1889.

Museu Botânico e também a Província do Amazonas. Ainda estavam previstos outros volumes da revista. O segundo, por exemplo, já estava sendo impresso na mesma oficina tipográfica (do *Jornal do Amazonas*) e suas 32 estampas estavam em produção em Belém. Sem um padrão material e técnico minimamente aceitável, Barbosa Rodrigues interrompeu a publicação desse segundo número e tentou fazer com que sua publicação prosseguisse em uma oficina que fosse mais bem aparelhada. A oficina escolhida acabou sendo a mesma que produziu o almanaque de 1884, a saber, a Typ. do Amazonas.

Além da demora, dos variados erros de composição e revisão, a revista científica do Museu Botânico do Amazonas havia sido mal impressa e seu suporte em papel era de baixa qualidade. Por essas razões, a sua tiragem teria sido “inutilizada por ordem da Presidência do Amazonas”, de acordo com Faria e Souza (1908, p. 19). Era uma medida extrema, embora necessária frente à face mal planejada, composta, impressa e acabada da revista *Vellozia*, uma representação do estágio de desenvolvimento das artes gráficas locais. Diversa daquela que foi observada no almanaque publicado quatro anos antes, apesar de tão significativa quanto, dado que reflete as muitas diferenças e inconstâncias presentes na atividade de produção gráfica.

Ainda em 1888, o Museu Botânico sofreu outro revés com a mudança brusca de instalações da instituição ordenada em 5 de julho. Segundo o secretário do museu, a ordem foi dada por “um vice-presidente, que acaba de assumir desgraçadamente a administração”.¹¹⁰ Os dez compartimentos que o museu ocupava foram reduzidos para apenas um, localizado no Lyceu. Essa intempestiva troca de sede ocasionou a perda ou a inutilização de várias peças do acervo, bem como a separação do museu de seu laboratório químico. Apesar disso, Barbosa Rodrigues prosseguiu na direção do museu, inclusive após a mudança para o regime republicano.

Apesar da grave mudança, a situação do museu teve um indicativo de melhora, segundo relatos do secretário do museu, pois o novo governo provisório havia demonstrado interesse em investir na instituição. Para esse mister ele já teria mandado “vir da Europa material para uma typographia onde se deveria imprimir a Revista”, sendo significativo que uma das primeiras providências tomadas para melhorar as condições do museu tivesse sido a compra de equipamentos tipográficos. Dessa forma, sua revista e outras publicações necessárias não teriam o mesmo e mal acabado fim da primeira edição de *Vellozia*.

O funcionamento da oficina tipográfica do museu não chegou a se concretizar, visto que, em 25 de março de 1889, Barbosa Rodrigues foi nomeado para o cargo de diretor do Jardim

¹¹⁰ Histórico do Museu Botânico do Amazonas (1892, p. 74), escrito pelo secretário da instituição – J. Campos Porto, e publicado no volume II da *Vellozia – Contribuições do Museu Botânico*, em 1892. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1892.

Botânico do Rio de Janeiro e, um mês depois, o Museu Botânico do Amazonas foi extinto. Ainda assim, o então governador Ximeno Villeroy ordenou que fosse realizada, às custas do Governo do Amazonas, a impressão dos trabalhos da revista que ainda faltavam, além da reimpressão do primeiro volume. Há que se ressaltar o fato de essa ter sido uma despedida impressa deveras honrosa, deixando registrada a importante produção científica de Barbosa Rodrigues à frente do museu.

Ora, Barbosa Rodrigues, assim que chegou ao Rio de Janeiro, foi à Imprensa Nacional encomendar a produção de sua revista amazonense. A oficina tipográfica tinha então uma grande demanda de trabalhos do governo federal que tinham prioridade de atendimento. Dessa forma, a impressão da nova edição da *Vellozia* demorou mais do que o esperado, segundo o prólogo da segunda edição da revista. Seu primeiro volume saiu em 1891, contendo a parte botânica, consideravelmente aumentada em relação à primeira edição que foi inutilizada.

Figura 61 – Páginas de *Vellozia*: da 1.^a edição publicada em Manaus (1888), no centro e à esquerda, página da 2.^a edição e estampa publicada no Rio de Janeiro (1891).



Fonte: Biblioteca Nacional; e no centro e à direita, da Library of the Gray Herbarium Harvard University.

A propósito, vale informar que as estampas também foram ampliadas e organizadas em volumes em separado. Além disso, às 13 da edição anterior foram acrescentadas mais 23 de uma nova série. As estampas da primeira e do segundo número da revista impressas no Pará foram reaproveitadas e novas ilustrações foram impressas no Rio de Janeiro, na Comp.^a de Artes Gráficas e também na oficina litográfica da Imprensa Nacional. Todas as ilustrações foram agru-

padas em dois volumes, o terceiro, composto com estampas botânicas, e o quarto, com as ilustrações de arqueologia e paleontologia, ambos concluídos em 1891. O segundo volume é dedicado à Archeologia e Paleontologia e foi finalizado em 1892, completando os quatro volumes da segunda edição de *Vellozia*, toda produzida na Imprensa Oficial do Rio de Janeiro.

As diferenças entre a composição gráfica da revista no Amazonas e no Rio de Janeiro são deveras evidentes (Fig. 61). Na edição impressa pela Imprensa Nacional há um melhor uso dos espaços em branco para separar com clareza as informações, criando ênfases que, associadas aos tipos, tamanho de corpo e margens empregadas, facilitam a leitura. Esse aspecto contrasta com a edição impressa pela Typographia do Jornal do Amazonas, na qual a coluna de texto é bem mais compacta, com grandes massas de texto, o que torna a edição mais econômica e com a cor da página mais densa.

Assim, mais do que um período de quatro anos, o que separa o *Almanach... de 1884*, publicado pela Typ. do Amazonas, da revista *Vellozia*, impressa pela Typ. do Jornal do Amazonas, é um conjunto de atributos. De início, observou-se uma grande diferença com o planejamento do produto impresso, ou seja, a capacidade de dispor dos recursos técnicos, materiais e humanos da oficina para a produção do artefato. Esse planejamento também se faz visível na forma de organizar as informações na página, prosseguindo pelo cuidado na composição e revisão dos textos, até chegar a uma impressão regular propiciada por equipamentos, tipos e materiais de boa qualidade. Ainda há os acabamentos, refile, corte, encadernação das obras até ser finalizada, tendo – em todas as etapas – a direção de profissionais qualificados.

Embora não tenhamos maiores informações sobre a oficina do *Jornal do Amazonas*, a de seu concorrente *Amazonas* fez diversos investimentos. Possuía prelos modernos, variedade de tipos – como os observados nos anúncios do almanaque de 1884 – e profissionais competentes, mesmo que, para essa finalidade, tenha investido na contratação de um tipógrafo português para dirigir a sua oficina. Cabe apontar que o resultado se traduziu no bem acabado almanaque de capa ilustrada, ficando a falta desses recursos e investimentos marcadas nas páginas da revista *Vellozia* de 1888, que sobreviveram. Esse foi o único caso em que se viu a inutilização de uma tiragem por problemas de impressão, embora não se tenha identificado o registro oficial de tal recomendação.

Trata-se, dessa forma, de uma demonstração de que as oficinas tipográficas locais ainda conviviam com realidades muito distintas, com dificuldades ainda não superadas, tais como a falta de profissionais especializados. E isso não era tudo: havia a falta de investimentos em melhores equipamentos, materiais gráficos mais modernos e até de insumos básicos, como o acesso

a um papel de qualidade. São dois lados, ou faces, que o estabelecimento tipográfico local mostrava nesse período: de um lado, um artefato que foi planejado para fazer amplo uso de recursos gráficos compostos e impressos com perícia, incluindo o uso pontual de cor e de uma ilustração original; do outro, o desleixo na preparação, composição e revisão, que resultaram em uma impressão irregular feita em papel ruim que teve de ser descartada.

3.3 O fim de uma era

A partir de 1886 um período de aceleração da atividade gráfica se iniciou e prosseguiu até o final da década, com a abertura de novas Typographias, entre pequenos estabelecimentos e oficinas tipográficas de maior estrutura. Foram cerca de quinze novos estabelecimentos gráficos em apenas quatro anos, três dos quais estavam localizados do interior do Amazonas. Apenas para precisar melhor esse ponto, vale lembrar que o almanaque de 1884 havia registrado apenas três oficinas tipográficas em funcionamento na cidade de Manaus. Essa maior oferta de produção de impressos se traduzia na publicação de muitos jornais, alguns dos quais iriam começar a se especializar, mas também em uma maior competição pelos trabalhos avulsos das casas comerciais. Por isso, nesse período, os anúncios das oficinas tipográficas vão oferecer maior destaque a esse tipo de produto, além de impressos efêmeros particulares, como cartões de visita, convites e outros.

Um desses novos estabelecimentos tipográficos atendia apenas à demanda dos religiosos católicos locais. Segundo nota do *Jornal do Amazonas* n.º 1304, de 1886, havia sido publicado o *Tratado da divindade da confissão*, uma edição “de 100 páginas produzido pela Typographia religiosa, nesta cidade” (g. n.). O livro havia sido traduzido do espanhol e editado pelo frei Jesualdo Machetti, passando a ser comercializado na oficina tipográfica pela quantia de 600 réis, segundo a nota. No ano seguinte, o *Jornal do Amazonas* n.º 1347, de 1887, registrou uma nova publicação saída do prelo da Typographia religiosa: era o terceiro volume do *Tratado da divindade da confissão*, informando que a autoria era de Mario Aubert, com tradução feita, novamente, pelo frei Jesualdo Machetti. O religioso era italiano, franciscano e foi o responsável pela construção da igreja de São Sebastião, inaugurada em 7 de setembro de 1888. Arthur Reis (1989, p. 210), em nota, afirmou que o missionário era tipógrafo e que o mesmo teria montado uma oficina tipográfica para publicar obras religiosas, incluindo edições suas.

No interior da Província do Amazonas outras oficinas tipográficas entraram em funcionamento, ampliando o alcance da tecnologia gráfica. A cidade de Manicoré, na região do rio

Madeira, abrigou – em sua Praça da Matriz, em 1887 – a **Typ. da Gazeta de Manicoré**, que então produzia o periódico de mesmo nome. Em outra região do interior do estado, no importante polo de extração do látex do rio Purus, foram registradas duas oficinas tipográficas funcionando na cidade de Lábrea.

Em 1888, circulou o jornal *O Purus*, que tinha como proprietário e redator o sr. Pedro Leite. De acordo com Santos et al. (1990, p. 179), o jornal começou a ser publicado no dia 29 de outubro de 1886 e continuou até março de 1894. Na edição de 22 de julho de 1888, *O Purus* informava ser impresso em uma “machina Bremner”, uma fabricante inglesa fundada em 1863. Sua oficina, a **Typographia d’O Purus**, funcionava na Estrada de Nazareth, em Lábrea. O exemplar digitalizado que foi consultado, de número 22, tinha problemas de legibilidade e parece ter sido impresso em 1892. Nele há um anúncio da Typographa do Purús, no qual – embora com alguma dificuldade – foi possível ler que a oficina destacava seu “sumprimento de typos de phantazia” próprios para cartões de visita, convites e outros, além de oferecer “taboadas, cadernos para escripta” e outros impressos que não foram possíveis identificar.

Convém observar que outra oficina tipográfica em funcionamento na região do Purús foi a **Typographia do Labrense**, de propriedade de Gustavo E. dos S. Brigido, com localização na Travessa Municipal. O jornal publicado por ela – *Labrense* – começou a circular em 1888 e encerrou suas atividades em 1891, segundo Santos et al. (1990, p. 128). Em seu número 36, de 11 de julho de 1889, o *Labrense* traz duas citações significativas em seu cabeçalho: a positivista “O amor por principio, a ordem por base o progresso por fim. A. Conte”, que remete diretamente ao lema que figura na bandeira brasileira; e esta outra: “A imprensa é a luz do mundo. V. Hugo”.

Inicialmente, o jornal *A Província do Amazonas* se apresentava como “Orgam Especial do Commercio” e era de propriedade de J. M. Ribeiro Paraguaçu. Ele começou a circular em 1887 e, no ano seguinte, o jornal já tinha, em vários números, sua primeira página tomada de anúncios. Pode-se argumentar que essa escolha significava uma quebra do tradicional padrão, o qual priorizava os artigos de fundo e as notícias mais importantes na primeira página. E mais: essa composição destacada das ofertas de serviços e produtos reforçava a tendência de um maior protagonismo da informação comercial nos periódicos, com alguns deles passando a ser exclusivamente compostos de anúncios. Essa composição da primeira página, feita com anúncios, foi observada também no jornal *Rio Branco*, Orgão do partido conservador. Na edição de 14 de agosto 1887 ele informava, no seu expediente, que os anúncios pequenos eram recebidos até meia hora antes de o jornal ser impresso.

Ainda em julho de 1888, *A Província do Amazonas* passou a se definir como “orgam conservador” de propriedade de uma Associação, passando a publicar matéria oficial. Com isso

os anúncios foram ocupar a quarta e última página do jornal, seu lugar tradicional. No espaço de um ano (1888), a **Typographia da Provincia do Amazonas** teve três endereços, começou na Rua Municipal, depois foi para a Rua da Instalação e ainda funcionou na Rua 7 de Dezembro. Essa mobilidade se encerrou no ano seguinte, de acordo com Faria e Souza (1908, p. 19), quando o jornal deixou de circular.

Antes disso, a leitura de vários exemplares do jornal trouxe variadas informações de interesse. Por exemplo, a edição de 29 de janeiro de 1888 informava que em sua oficina se vendia “diversas muzicas impressas para pianos, flauta, violino e flauta, a 4 mãos, flauta e piano violino”. Esse anúncio foi publicado outras vezes. Essa edição do jornal informava ainda que o jornal *Provincia do Amazonas* podia ser adquirido no (Café) Pobre Diabo, rua da Instalação e Mercado Público; na Mercearia do Neves, canto dos Carecas, Rua José Clarindo.

Os anúncios publicados no jornal traduziam uma maior variedade de lojas, firmas, profissionais e produtos disponíveis no mercado local. Notou-se também, nas edições d’*A Provincia do Amazonas*, uma grande ocorrência de anúncios de cafés, bares com bilhar, hotéis (Fig. 62), tabacaria e outros estabelecimentos ligados ao entretenimento urbano e lazer, os quais quase sempre eram voltados para o público masculino. É pertinente enfatizar que a leitura dos jornais passou a fazer parte desse universo, os periódicos começaram a ser comercializados nas ruas e em pontos de venda pela cidade, tais como os cafés.

Havia ainda a presença constante de representantes locais de firmas de outras províncias a oferecer seus produtos e serviços em Manaus por meio de um intermediário. Exemplo dessa prática foi João Diniz Gonçalves Pinto,¹¹¹ que indicava ser ele o único agente em Manaus da “importante officina no Pará de Viegand & Werth” [sic]. É importante dizer que Carlos Wiegandt possuía um Estabelecimento Gráfico especializado em impressão litográfica, que também produzia publicações ilustradas, de música, rótulos e outros impressos. De acordo com Martins (2017, p. 163), Wiegandt, aproveitando sua experiência com pedras litográficas, fundou uma marmoraria em sociedade com Karl Wirth. Foi essa oficina de mármore paraense que chegou a anunciar seus serviços na praça de Manaus, no *Jornal do Amazonas* n.º 1190 de 1886.

A necessidade da venda avulsa dos jornais começou a ser evidenciada nos diversos anúncios dos periódicos que informavam precisar dessa categoria – os vendedores de jornal. O periódico *Echo do Norte* circulava aos domingos e sua oficina tipográfica funcionava na Praça São Sebastião. Já em seu sétimo número, de 23 de outubro de 1887, o *Echo do Norte* anunciou que precisava “de um vendedor de jornaes”. No ano seguinte, o jornal mudou seu nome para

¹¹¹ De acordo com anúncio publicado n’*A Provincia do Amazonas* de 22 de janeiro de 1888.

Manáos, “órgão de todas as classes”, mas continuava com a dificuldade de contratar vendedores, de acordo com sua edição de 1.º de novembro de 1888. Nesse número foi encontrado um dos primeiros registros de tiragem de um jornal; no caso do *Manáos*, ela foi declarada como sendo de 1.000 exemplares, o que explicaria a maior necessidade da venda avulsa do jornal feita pelos vendedores nas ruas, nos cafés, além das assinaturas.

O *Jornal do Amazonas* n.º 1688, de 1889, também anunciou: “precisa-se de vendedores para este jornal, paga-se bem”, ao mesmo tempo em que indicava uma certa dificuldade na comercialização avulsa das folhas pela falta de vendedores. Estes, como é possível notar, eram um importante elo do circuito gráfico, levando o produto impresso pelas ruas da cidade até chegar ao seu destino, o leitor.

A ampliação da atividade gráfica trouxe maior diversificação do artefato impresso, notando-se, nos jornais, a presença de folhas de caráter literário, humorístico ou voltadas para um determinado público. Essa mudança pode ser vista, por exemplo, em um jornal que tinha como destino o público feminino, ou melhor, era “dedicado ao bello sexo”. Pelo menos foi dessa forma que se apresentou *O Colibri* em seu primeiro número, de 24 de fevereiro de 1888, no qual informava ser propriedade de H. J. Oliveira. Esse periódico dizia que suas colunas iriam cintilar com os artigos literários de suas colaboradoras, indicando a presença feminina também como redatoras. Sua composição gráfica é pobre, feita em duas colunas e poucos recursos gráficos, além da presença de vários improvisos e erros de composição. Apesar da grosseira composição, o jornal ressaltava que foi criado “tão somente para recrear delicadamente o espirito das formosas “hurys” q’ habitam neste “Eden” e no qual o “Colibri” esvoaça sugando do seio o polen do – amor.” O jornal não tinha oficina tipográfica; daí ter sido (mal) composto e impresso na Typ. do Corneta.

O jornal *Equador* começou a ser publicado no primeiro dia do ano de 1888. Sua periodicidade era semanal, em sua primeira edição ressaltava ter seis correspondentes, os quais traziam notícias de Paris, da corte, da Bahia, de Pernambuco, do Ceará e do Pará. Em seu segundo artigo publicado, intitulado “A Imprensa”, há um relato interessante sobre a função mediadora e civilizadora da impressão. Lá é dito que, depois do nascimento de Cristo, na Alemanha “surtiu o craneo immortal de Guttenberg, o pharol que deve guial-a ás portas do futuro pelo caminho da civilização”. No texto é possível verificar uma visão redentora da atividade de imprensa e de seus componentes. Na concepção do artigo, o

prelo constitue-se idioma universal, e desde a epocha d’essa ascenção poderosa do immortal autor dos typos, cessou a confusão humana na Babel da ignorancia. Os homens communicaram-se e compreenderam-se, os continentes uniram-se em amplexo fraternal e nasceu a sociedade. [...]

O Livro e o Jornal esses mensageiros bemdictos da palavra, ergueram-se ao halito

ardente da liberdade, e Prometheos de luz, guiarão a Humanidade ao caminho do Progresso. (EQUADOR, 1.º de janeiro de 1888)

O universo da comunicação impressa carregava, assim, na visão de seus redatores e trabalhadores gráficos, a responsabilidade de conferir ordem, de levar a palavra impressa a todos para que pudessem se libertar das trevas da ignorância. Nessa missão, o jornal *Equador* e a sua *Typographia* faziam a divulgação de ideias republicanas, havendo, no jornal, até mesmo uma seção intitulada “Litteratura” em que se publicavam poemas. Mesmo com a mudança de composição de sua folha, ocorrida em março de 1888, na qual o jornal parece ter aumentado de formato, permanecia o uso de poucos recursos gráficos, assim como a presença de improvisos tipográficos. Exemplo disso é a utilização do número cinco de ponta cabeça no lugar do cedilha, demonstrando que os tipos usados para compor o texto eram antigos ou em número bastante limitado.

Na edição de 22 de janeiro de 1888 do *Equador*, na seção “A pedidos”, encontrou-se o registro da recepção de outro jornal recém-publicado, *O Corneta*. No texto existe uma crítica direcionada, não ao aparecimento de mais um jornal, mas à “demasiada indulgencia para com os vadios e vagabundos...” Essa era a opinião de José Francisco, o autor do texto, que reclamava severamente do jornal, dizendo que se “Guttemberg pudesse advinhar que uma *corneta* lhe havia de desmoralizar o divino invento, com certeza enforcar-se-ia”. De posse do segundo número do jornal, José Francisco diz que “desta vez apareceu *mais limpo* na impressão e *mais porco* nos escriptos...”

A diversificação das folhas trazia consigo a mudança de padrões. Com isso, um jornal poderia ser feito de impertinência, humor e também com uma escrita mais livre. O jornal *O Corneta* se apresentava como órgão republicano, circulava às quintas-feiras, sendo de propriedade de Oscar J. d’Oliveira. Em seu primeiro número, de 12 de janeiro de 1888, fez uma defesa do movimento republicano, destacando que este almejava o “governo do povo, pelo povo...”. Seu título faz referência, de acordo com nota publicada no seu primeiro número, ao militar que usa uma corneta para marcar o andamento das atividades do quartel. Dizia ainda – cheio de ironia – que “nada se move no mundo Amazonense” senão ao comando do *Corneta*.

No seu segundo número, *O Corneta* repreendeu duramente a postura do também jornal republicano *Equador*, dizendo que os moços que editavam essa folha deveriam se posicionar contra os desmandos ocorridos no Instituto Amazonense. O jornal publicava notícias, poemas, mas também usava de malícia e ironia para tratar do cotidiano em pequenas anedotas e frases de efeito. Exemplo disso é este breve caso: “Calino mandou o retrato á namorada, com a seguinte carta: – A hi vae meu retrato, não se parece commigo para que teu pae me encontre –

no teu bolso”. Ou, ainda, na seguinte frase: “definição de juro por um poeta: – O juro é o perfume do capital”.

Vale assinalar que as liberdades tomadas pelo jornal desagradaram muito ao leitor do *Equador*, citado acima, e também a um subdelegado, o Sr. Pires, que teria feito ameaças ao jornal *O Corneta*, segundo uma nota publicada no *Equador* de 12 de fevereiro de 1888. Ele teria falado que, em qualquer dia desses, “esbandalhava a nossa oficina e mandava espaldeirar os redactores desse periódico”. De acordo com Santos et al. (1990, p. 66), o jornal *O Corneta* continuou incomodando apenas até o início de abril desse mesmo ano, sendo substituído pelo *A Evolução*. O *Equador*, por seu turno, sobreviveu apenas um mês a mais, conclamando o seguinte, em sua edição de 22 de abril de 1888: “Brazileiros! Sejamos americanos! Libertemos de uma vez a pátria do jugo ferrenho dos bandos coroados, se queremos que o mundo nos respeite”.

3.3.1 O comercio de fotografias e publicações (1880)

No início da década de 1880, a produção e comercialização da imagem fotográfica acontecia de forma intermitente, com a passagem de fotógrafos pela região ou pelo breve funcionamento de ateliês fotográficos. É possível citar, por exemplo, a passagem dos fotógrafos Verlangieri e Meyer, os quais chegaram a Manaus em 1880, publicaram um anúncio de título “Retratos” no *Commercio do Amazonas* n.º 131 e ofereceram seus serviços (Fig. 62). Em seu estabelecimento havia uma galeria aberta à visitação com seus trabalhos fotográficos, a respeito da qual eles avisavam que permaneceriam por não mais que 90 dias em Manaus. Motivo: iriam seguir viagem pela região do Rio Madeira.


Os fotógrafos continuaram na região até março de 1881, quando o jornal *Amazonas* n.º 549 informou que eles haviam registrado a colocação da primeira pedra do edificio do Lyceo Provincial. O mesmo jornal, na edição de 3 de agosto de 1881, registrou a partida dos fotógrafos para os Estados Unidos da América, onde pretendiam se aperfeiçoar e retornar em breve. A partir de 1882 encontrou-se registros da atividade dos fotógrafos em Belém, incluindo a dissolução da sociedade mantida entre eles, de acordo com o *Diario de Belém* n.º 250.

O almanaque de 1884 anotou apenas o conde Emano Stradelli como fotógrafo atuante na Província do Amazonas. No ano seguinte, a Photographia Artistica anunciava de forma lacônica, no jornal *A provincia* de 23 de julho, dizendo apenas que seu estabelecimento estava aberto na Rua Marcilio Dias; entretanto, desse empreendimento não se encontrou maiores informações. Ainda nessa edição do jornal havia um anúncio dos representantes locais do Papel Duc

de Parison & C.^a, com depósito na Rua da Matriz, indicando um fornecedor local de papel, um dos insumos mais caros de uma oficina tipográfica.

Em 1887, a Photographia Lisbonense estava funcionando na Rua Saldanha Marinho, segundo um anúncio do jornal *Rio Branco*, de 14 de agosto, e seu proprietário era Francisco Candido Lyra (Fig. 62). O anúncio informava que o ateliê estava “habilitado a bem servir o publico Amazonense [com] retratos de todos os tamanhos”. Em 1888, o estabelecimento se chamava Atelier Photographico de Francisco Candido Lyra e tinha como endereço a Rua Marçilio Dias. De acordo com Manoel Bastos Lira (2002, p. 152), Francisco era um espanhol da Galícia e o seu empreendimento iria se manter em atividade por muito tempo na cidade de Manaus, sendo que, na segunda metade da década de 1890, ficaria sob a responsabilidade de seu sobrinho – Manuel Rodriguez Lyra.

Figura 62 – Três anúncios no domínio da imagem: os fotógrafos Verlangieri & Meyer (1880), a Photographia Lisbonense (1887) e o pintor italiano Arturo Luciani (1887).

<p>RETRATOS</p> <p>Os photographos Verlangieri & Meyer, chegados a esta capital ultimamente no vapor <i>Javary</i> pertendem começar os seus trabalhos no domingo 23 do corrente mez.</p> <p>Por tanto, convidam ao respeitavel publico a visitarem a sua galeria onde encontrarão uma bonita colleção de retratos de todos os tamanhos, gostos e sistemas até hoje conhecidos.</p> <p>Ao mesmo tempo communicão que sua estada nesta capital não será mais que noventa dias, visto que tem de seguir viagem para o rio Madeira.</p> <p>Seu estabelecimento, á rua de Barroso N.º 5.</p>	<p>PHOTOGRAPHIA Lisbonense</p> <p>DE Francisco Candido Lyra</p> <p>O proprietario deste bem montado atelier photographico sito na Saldanha Marinho; tendo recebido ultimamente do estrangeiro uma grande sortimento de chapas dos melhores fabricantes da Europa e Este os Unidos, achase bem habilitado a bem servir o publico Amazonense retratos de todos os tamanhos, grupos, reproduções de menor a maior encarrega se fazer qualquer trabalho dentro ou fora da capital, taes como vistas de chalet, banquet ou retratos de pessoas mortas e tudo conee nente a sua arte, garantindo a perfeição e accio no seu trabalho e com modidade nos seus preços</p> <p>Aberto todos os dias das 9 ás 3 da tarde</p> <p>Rua Saldanha Marinho MANAOS</p>	<p>PINTOR</p>  <p>Arturo Luciani, pintor, retratista e desenhista, formado na academia de bellas artes de Florença, se oferece ao publico para os trabalhos de sua arte, dando tambem lições de desenho tanto em casa de sua residencia como no domicilio de qualquer pessoa, mediante pagamento adiantado.</p> <p>Pinta tambem casas segundo o gosto moderno, ou do meio Evo ou a trezentista; decora salas de baile, de recreio etc. etc.</p> <p>Pode ser procurado na sua residencia, á rua do Conde D'Eu, ou no hospicio da propaganda.</p>
---	--	---

Fonte: Composição do autor a partir de acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Em anúncio no *Jornal do Amazonas*, de 24 de maio de 1887, entrava em cena o artista italiano Arturo Luciani, que então se apresentava como pintor, retratista e desenhista formado pela Academia de Belas Artes de Florença. Uma vinheta representando um artista pintando um quadro no cavalete ilustrava o anúncio, o qual também informava que ele oferecia aulas de desenho “mediante pagamento adiantado” e a pintura de casas (Fig. 62). Outra observação importante é que ele realizava trabalhos de decoração de salas de baile, de recreio e outros.

No ano seguinte (1888) Luciani assumiu a disciplina de desenho do Instituto Amazônico de Educandos Artífices, com 45 alunos, que antes era ministrada por João Barbosa Rodrigues.¹¹² O artista italiano fixou residência na cidade e passou a atuar ativamente da vida cultural local. Em 1889, dois quadros pintados por ele foram enviados pelo governo provincial para participar da Exposição de Paris, de acordo com o *Relatório...2 de junho de 1889* (1889, p. 94) e, na década seguinte, Luciani também vai oferecer serviços fotográficos em seu ateliê artístico, momento em que novos profissionais e ateliês se instalam em Manaus.

Segundo o levantamento realizado no Apêndice C1 desta pesquisa, o comércio especializado de livros e outras publicações começou a ter um maior desenvolvimento a partir de 1885, quando algumas livrarias entraram em atividade. Ainda que o número de livrarias tenha se mantido de forma reduzido nesse período, dado que foram duas na década de 1870 e quatro ao longo de 1880 (Tabela 5), o número de leitores e o interesse pelos livros, seja por lazer, estudo ou interesse profissional, parecem indicar uma certa consolidação. Assim, essa etapa do circuito de comunicação impressa se definia e começava a fazer parte do cotidiano da cidade, sendo já inclusive uma parte do comércio local.

Esse estabelecimento do saber foi tratado de forma crítica em um poema publicado no jornal *A Provincia do Amazonas*, de 6 de abril de 1888. Os versos são assinados por “A do Bomsucesso”, tendo por título “Livraria. Fabula”:

Gozava fama de sabio, / De sabio a não poder mais, / Um sugeito que lograra / Bôa fortuna dos paes.
Alcançou tão grande fama, / Por causa da livraria; / – Tinha uma bibliotheca / Que oitenta contos valia.
A sorte, porém, mudando, / Deixa o homem sem vitem, / Ardeu-lhe o lindo palacio, / E a livraria também.
Sem livros e sem dinheiro, / Precisava ganhar a vida..... / O pobre vive penando / A penar, a alma perdida!
Mas do paiz, o governo, / Vencendo a sorte fatal, / Professor nomeia o sabio / De certa escola normal.
Cabisbaixo agradecendo / Da nação o grande affecto. / Jurou que – nada sabia, / Confessou-se – analphabeto!
Fallou a santa verdade / O homem da livraria.... / Se a fallassem certos “doutos” / Tanto “doutor” não havia!

Em 1882 estava em funcionamento a livraria e papelaria Parthenon, de Ernesto B. Pereira, quando publicou um anúncio no jornal *Amazonas*, de 17 de março de 1882 (Fig. 64). Por ele teve-se uma pequena abertura que permitiu observar os livros que então eram comercializados e lidos em Manaus. No anúncio, a Parthenon publicou um catálogo de livros à venda no seu endereço da Rua Municipal, o qual era organizado por seções e a maior delas era a de

¹¹² Anexo C, p. 82 do *Relatorio com que o exm. Sr. Dr. Joaquim de Oliveira Machado presidente da provincia do Amazonas instalou a sessão extraordinaria da Assembléa Legislativa Provincial no dia 2 de junho de 1889*.

“Romances e Histórias”, com 34 autores e 109 obras listadas. Dentre elas havia a predominância de autores franceses, tais como Alexandre Dumas, Julio Verne, Paulo de Kock, Adolphe Belot, e de autores de língua portuguesa, tanto brasileiros como lusitanos. Dentre esses, o destaque ia para Camilo Castelo Branco, com 18 títulos listados, José de Alencar, com cinco livros, mas também Bernardo Guimarães, Joaquim Manoel de Macedo e alguns autores hoje pouco conhecidos. Nessa relação aparece o escritor franco-suíço Victor Cherbulez [sic], ou Cherbouliez, definido por Gladson (1991, p. 39) como “romancista secundário que frequentou as páginas da *Revue des Deu Mondes*”.¹¹³ Outro autor é o português José Daniel Rodrigues da Costa, que aparece listado como R. da Costa, com 5 livros à venda em Manaus, dentre eles, *Comboy de mentiras* e *A engeitada da fortuna*.¹¹⁴

As outras seções do anúncio eram estas: “Poesias” com 16 edições de vários autores, como Alvares de Azevedo, Gonçalves Dias, Castro Alves e outros. A segunda maior seção era “Direito e Litteratura”, com 35 livros, mas, além de edições jurídicas, relacionava obras de história e quatro edições de Allan Kardec. Foram 23 obras anotadas na seção “Livros de Educação”, incluindo cartas de abc, taboadas, *Methodos facilimos*, cartilhas, cathecismos, Bíblia da Infancia, Grammatica portuguesa, franceza, inglesa e latina. E, por fim, a seção “Livros para o ensino de”, que listava algumas áreas como agricultura, botânica, desenho, mythologia, Ciencias e outros. A livraria Parthenon também anunciou no almanaque de 1884.

Uma curiosa obra foi anunciada no *Jornal do Amazonas* de 14 de fevereiro de 1886 – *O Medico do Amazonas, manual homoeopatico para uso das famillias residente no Amazonas e seus affluentes*, de Cesario Salinas Y Fernandez. Não foi possível identificar se a obra foi publicada em Manaus, mas seu título parece ser uma resposta e provocação do autor às autoridades locais. Cesario era cidadão espanhol, já havia sido processado e preso pelo exercício ilegal de medicina, de acordo com o *Jornal do Amazonas* n.º 1267.¹¹⁵ O anúncio dizia que as famílias “que possuírem este livro raríssimas vezes precisarão recorrer ao medico” e informava estar ele à venda na loja de José Texeira de Souza e também na livraria de Carneiro Travessa & C.^a.

Essa livraria, tal como a oficina de encadernação de 1884 já citada no almanaque desse mesmo ano, era parte dos negócios entre o proprietário da oficina tipográfica do jornal *Amazonas*, José Carneiro dos Santos, e do encadernador Virgilio Joaquim Coelho Travessa. No final

¹¹³ Cherbouliez é lembrado pela influência na obra *Memorial de Aires*, de Machado de Assis, registrada na introdução da edição crítica de *Ressureição* de 1870, ainda segundo John Gledson (1991).

¹¹⁴ Sobre o autor há o interessante artigo “José Daniel Rodrigues da Costa e a imprensa periódica jocosa de Portugal do século XVIII”, da pesquisadora Socorro de Fátima Pacífico Barbosa.

¹¹⁵ Ele relatou sua visão do sobre o processo em várias edições do jornal *A Provincia do Amazonas*, Seção Livre, a partir do número 49, de 5 de fevereiro de 1888.

de 1886, a sociedade chegou ao fim,¹¹⁶ mas a livraria permaneceu em funcionamento. Pouco tempo depois, em 1888, um anúncio publicado no jornal *A Provincia do Amazonas* n.º 95 oferecia novamente *O Medico do Amazonas*, indicando a Livraria do sr. José Carneiro dos Santos como ponto de venda. Após esse registro não se encontrou mais nenhuma informação sobre o seu funcionamento.

Diferente de uma livraria, que comercializa livros e outras publicações, a papelaria é especializada em artigos de papel, material para a escrita, para a escola ou para escritórios, com uma grande variedade de produtos, alguns impressos. Em 1886 estava funcionando na Rua da Matriz, de acordo com anúncio publicado no *Jornal do Amazonas* n.º 1298, a Papelaria Commercial. Ela então oferecia jogos de damas, gamão, xadrez, dominós, baralhos finos e outros. A partir de então essa papelaria começou a anunciar uma grande variedade de produtos, algumas vezes se apresentando apenas como Papelaria de Castro e Costa & C.^a.

Pela leitura de seus anúncios é possível observar a expansão de suas atividades e produtos comercializados. Em 1887, a papelaria anunciou “Musicas e methodos de musica”, incluindo óperas completas para piano, também papel, cadernos e penas especiais para música. O anúncio foi publicado no jornal *O Rio Branco* n.º 97 e nele a Papelaria Commercial informava seu novo endereço, localizado na Praça Tamandaré. Nesse mesmo ano ela anunciou a venda de despachos de importação e exportação e em outro informou ter um grande depósito de medicamentos homeopáticos.¹¹⁷

Dois anos depois foram adicionadas outras atividades à papelaria de Castro e Costa, passando ela a se identificar em alguns anúncios também como livraria, tal ocorre em duas ocasiões na edição de 5 de dezembro de 1889 do jornal *A Epocha*. Neles, a casa comercial oferecia papel fantasia e específicos de Humfrey. Em outros dois anúncios da mesma edição deu destaque à venda de ventarolas e de leques japoneses para a Estação Theatral; e o quarto vendia “Carregadores authomaticos para livros”. Nesse último ela assinou o anúncio como Livraria, Papelaria, Encadernação e Typographia Castro Costa, mantendo seu endereço na Rua da Instalação. Dessa forma, além de comércio, o empreendimento se configurava também como um agente de impressão e acabamento de produtos impressos, incluindo a encadernação.

Essa reunião de vários segmentos do circuito gráfico em um único estabelecimento ainda era rara no mercado local; contudo, procedendo dessa forma, a oficina tipográfica ganhava

¹¹⁶ De acordo com nota publicada no *Jornal do Amazonas* n. 1306, de 4 de dezembro de 1886.

¹¹⁷ Ambos os anúncios publicados no *Jornal do Amazonas*, números 1325 e 1347, respectivamente.

o apoio de uma livraria e das demais atividades para se sustentar financeiramente, bem diferente do que então ocorria, quando a Typographia se mostrava dependente da venda de seu principal produto, o jornal e de impressos comerciais. Em 1890, de acordo com o *Amazonas* n.º 2050, a Livraria e Papelaria Castro e Costa foi comprada por M. Miranda Leão & C.^a do cidadão João Pedro de Castro e Costa. Nesse mesmo ano a oficina da Castro e Costa foi posta à venda, sendo descrita como “em bom estado” no jornal *Amazonas* n. 2105.

Figura 63 – Livrarias: detalhe de anúncio com catálogo de livros da Parthenon (1882) e anúncio da Livraria Universal (1888).

CATÁLOGO DOS LIVROS À VENDA
NA
LOJA PARTHENON
Livraria, objectos de modas, miudezas e especialidades
DE
ERNESTO B. PEREIRA & C.ª
MARÃOS – RUA MUNICIPAL – MARÃOS
Romances e Historias
A. Delat O Matricida
" Baccard e Lubin
" A Mulher de fogo
Alberte Braga Contas da minha Lavra
Alvarez Diva
" Guerra dos Mascates
" Lucinda
" Soudos d'Outro
" Tronco do Ipê
Alexandre Dumas Memorias de um Medico
" A Guerra das Mulheres
" A Tulipa negra

Castro Alves
Barthelemy
Boisson
C. de Figueiredo
Lamarque
Sabatier
" "
Garret
Verdel
" "
" "

Americo Elyelo
Gonçalves Dias
Espumas Fluctuantes
Cantos da Aurora
Flores e Fructos
Poema da miseria
Lamartineanas
Revelações
Uruguayanas
Lord Byron
" "
D. Branca
Cantos meridionaes
cartas Chilenas
Mullia de Dirceu
Poesias Selectas

Direito e Litteratura
Alves Economia Politica
" Constituição Politica
" Direito publico
" Philosophia do Direito
Antonio Ferraz Excerpto
Alves Ferraz Livro dos espiritos
" Livro dos meduns
" Céu e o Inferno
" Evangelho
Braz Analyse da crenga christã.
Carvalho Processos orphnologicos
Chateaubriand Genio do christianismo
" Os martyres
" Nat cher
Ferreira Novo Guia da Guarda Nacional
Garret Estudos G.
Lima Miscellanea

LIVRARIA UNIVERSAL
DE
LUIZ GILLET & C.ª
RUA – 5 DE SETEMBRO –
Avenda neste estabelecimento
Papel «Ancora», papel de muzica, bandeiras brasileiras, estojos, pinceis e tinta para dezenho, estampas coloridas de santos, figuras, payzagens, e marinhas, passe-partout e elegantes quadros para retratos, cordões de cõr para suspender quadros e espelhos
BONECAS FINAS, esponjas, ampulhetas, timpanos, canivetes finos, tinteiros de molla, lousas e lapis, pezos para papeis, giz para alfaiates, sabonetes finos, tintura para cabelo, abotoaduras de molla, collarinhos de borracha, **PALETOTS DE SEDA** e algodão, camas de lona alcochoadas portateis, **KUREKA** composição chimica para fazer sumir qualquer nodoa de tinta no papel ou escripta.
Impressos
Despachos de importação, reexportação, amostras, mapps de carga, bilhetes de armazem, letras em branco, conhecimentos, facturas, contas de venda, guias de embarque, talões de recibos diversos de aluguel de casa.
EXPLENDIDAS MUZICAS para PIANO

Fonte: Composição do autor a partir de acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

É pertinente destacar que a última livraria registrada nesse período, em 1888, foi a Livraria Universal de Luiz Gillet & C.^a, que ficava na Rua 5 de Setembro. É provável que seu nome seja uma referência à Livraria Universal, de Tavares Cardoso, que funcionava em Belém desde o final da década de 1860.¹¹⁸ Esse é o lugar onde Luiz Gillet parece ter trabalhado, uma vez que, de acordo com um breve aviso publicado no jornal paraense *O Democrata*, de 19 de abril de 1892, a firma Tavares Cardoso informava que estava admitindo como sócio Luiz Gillet, “seu antigo funcionario”.

Na edição de 15 de agosto de 1888 do jornal *O Norte do Brasil*, há o registro do vigésimo aniversário do jornal *Commercio do Amazonas*. Também havia uma seção chamada “Litteratura

¹¹⁸ De acordo com a pesquisadora Izenete Garcia (2012), os irmãos portugueses Avelino e Eduardo Tavares Cardoso se estabeleceram na década de 1860 em Belém, onde o tio já atuava com o comércio de livros desde a década anterior. Sua livraria funcionava desde 1868 e mantinha estreita ligação com Lisboa.

& Artes”, na qual foi publicado o capítulo VI d’*Os Maias*, de Eça de Queiroz. Na sua quarta página, existia um anúncio da Livraria Universal com uma diversificada lista de produtos (Fig. 63), indo desde papel de música, bandeiras, pinceis e tinta para desenho. E isso não era tudo: havia ainda a comercialização de estampas, imagens impressas coloridas de santos, figuras, paisagens, marinhas, além de oferecer bonecas finas, pesos para papel, abotoaduras, colarinhos de borracha e “paletots de seda”. Para o comércio a livraria tinha o seguinte: “Despachos de importação, reexportação, amostras, mappas de carga, bilhetes de armazem, letras em branco, conhecimentos, facturas, contas de venda, guias de embarque, talões de recibos de diversos de alugueis de casa”. Por fim, fechando a lista de produtos comercializados, ainda eram oferecidas “Explendidas Muzicas para Piano”.

No *Diário de Manaus* n. 81, de 10 de outubro de 1891, há o registro da chegada do vapor inglês Manauense, vindo de Lisboa, com uma lista descritiva da carga. Nela está anotada a vinda de vários produtos como batatas, vinho, azeite, louças e livros, em dois carregamentos: um para Luiz Gillet e outro para Miranda Leão. Este último foi o comprador da Livraria e Papelaria Castro e Costa, marcando, assim, uma das rotas de fornecimento de livros vindos de Portugal diretamente para o mercado local. No ano seguinte, a Livraria Gillet & Comp. anunciou a venda da *Lei do Casamento Civil* por 3\$000 o exemplar, segundo um registro do jornal *Estado do Amazonas*, na edição n.º 21.

A Livraria Universal parece ter encerrado suas atividades por volta de 1892, quando o aviso já citado de sociedade de Luiz Gillet com a firma paraense de Tavares Cardoso foi publicado. No entanto, um anúncio de ensino de línguas publicado no dia 12 de novembro de 1892, no jornal *Amazonas*, dava como endereço para informações a Livraria Universal, cujo proprietário, na ocasião, era F. de Queiroz. Esse fato indica que o estabelecimento comercial de Luiz Gillet foi vendido e seu nome permaneceu em uso pelo novo proprietário. A Livraria Universal de F. de Queiroz – e depois de outros proprietários – vai se manter ativa até aproximadamente 1912, segundo levantamento feito na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Tabela 6 – Livrarias registradas em Manaus, de 1870 a 1889.

N.º	NOME	PERÍODO REGISTRADO
1.	Livraria de Abel Maria de Souza & Cia.	c. 1873
2.	Livraria de Bernardo A. Oliveira Braga	c. 1874-1878
3.	Livraria Parthenon	c. 1882-1884
4.	Livraria Carneiro e Travessa [Liv. do Sr. José Carneiro dos Santos]	c. 1886-1888

5.	Livraria e Papelaria Commercial [Liv. Castro e Costa]	c. 1886-1890
6.	Livraria Universal [Liv. Gillet]	c. 1888-1892 [1912]

Fonte: Composição do autor.

Ela foi a quarta e última livraria registrada de 1880 a 1889, todas em funcionamento em Manaus e, pela Tabela 6, observa-se que as livrarias locais se mantiveram ativas por 2 a 4 anos aproximadamente, com exceção da Livraria Universal. De outra parte, uma delas, a Papelaria Castro e Costa, reuniu um conjunto de atividades afins em seu empreendimento, uma configuração que vai se tornar cada vez mais frequente a partir de então. Nesse período, o comércio de edições, revistas e outras publicações também continuou sendo feito via assinaturas ou encomendas diretas das livrarias de outras províncias ou, ainda, por meio de um representante local. Assim, a atividade comercial associada ao livro e ao produto impresso estava consolidada em Manaus.

3.3.2 Um desenho das Typographias do Amazonas em 1888

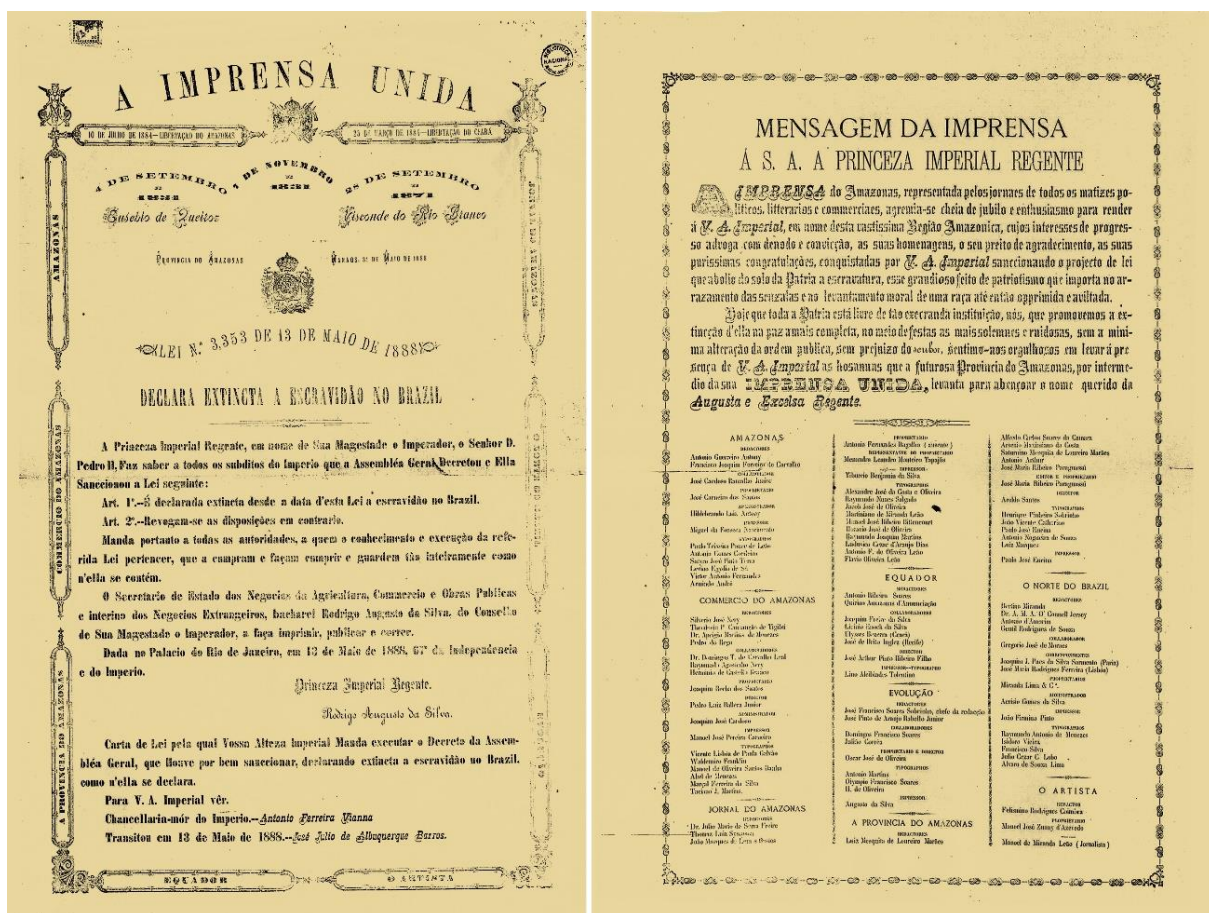
Para celebrar a Abolição da Escravatura no Brasil foi publicado, em Manaus, o jornal comemorativo *Imprensa Unida* (Fig. 64) em 31 de maio de 1888. Participaram desta publicação oito periódicos da capital: *Amazonas*, *Commercio do Amazonas*, *A Provincia do Amazonas*, *Equador*, *O Artista*, *Evolução*, *O Norte do Brasil* e *Jornal do Amazonas*. Na segunda página encontra-se um texto de título “A Mensagem da Imprensa”, o qual, além de render homenagens à Princesa Imperial Isabel, lista os componentes das oficinas tipográficas e das redações dos jornais citados acima, fazendo dessa mensagem uma boa oportunidade de observar a composição de cada uma delas, com destaque para os trabalhadores gráficos que então mantinham. Esse breve estudo comparativo também verificou se os tipógrafos ou impressores listados nessa ocasião também constavam do registro feito pelo almanaque de 1884.

No gráfico 3, abaixo, destacou-se a composição de cada empreendimento separado em três áreas: 1. Administração, com o registro de proprietário, diretor e administrador; 2. Redação, os profissionais da escrita: redatores, jornalista, somados aos correspondentes e colaboradores; e 3. Oficina tipográfica, os tipógrafos e impressores. Para deixar mais clara a relação entre as áreas, inseriu-se um traço em branco na barra laranja (Redação) para indicar o número de redatores e jornalistas, pois são eles que efetivamente atuam nas redação do jornal, diferente dos

colaboradores e correspondentes, os quais não têm a obrigação de escrever com a mesma regularidade dos redatores. Observando o gráfico, é possível visualizar a composição da mão de obra de cada empreendimento e relacionar as atividades de escrita e produção de conteúdo e da atividade de composição e impressão de produtos impressos.

O jornal *Amazonas*, de José Carneiro dos Santos, possuía dois redatores, um colaborador, um administrador (de oficina), um impressor e seis tipógrafos, dentre os quais apenas um havia sido identificado no almanaque de 1884. O tipógrafo português contratado em 1881, Augusto Servulo Lopes Alves, não constava dessa lista. O jornal *Commercio do Amazonas* tinha uma estrutura semelhante à do *Amazonas*, pois possuía quatro redatores, três colaboradores, um diretor, um administrador, um impressor e seis tipógrafos

Figura 64 – *A Imprensa Unida* (1888), jornal publicado em comemoração à Abolição da Escravatura no Brasil, com a participação de oito oficinas tipográficas e jornais.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A maior Typographia em número de componentes era a do *Jornal do Amazonas*, de Antonio Fernandes Bugalho, contando com três redatores na redação de sua folha. Sua oficina

tipográfica tinha a seu serviço um impressor e uma dezena de tipógrafos. Dentre esses, seu impressor atuava desde o início da década e dois tipógrafos – dentre os dez existentes – foram também listados no almanaque de 1884. No jornal *Equador*, ainda de acordo com a lista publicada n’*A Imprensa Unida*, eram dois redatores, quatro colaboradores, o diretor José Arthur Pinto Ri-beiro Filho e apenas um trabalhador gráfico, o “impressor-typographo” Lino Alcibíades Tolentino. Vê-se que era uma estrutura bastante enxuta, onde apenas um profissional compunha os tipos que depois tinha que imprimir provavelmente com auxílio de, pelo menos, um ajudante ou aprendiz.

Uma situação melhor apresentava o periódico *Evolução*, que tinha como proprietário e diretor Oscar José de Oliveira. Ele contava com dois redatores, dois colaboradores e, em sua *Typographia*, havia três tipógrafos e um impressor. Ato contínuo, *A Província do Amazonas*, de propriedade de José Maria Ribeiro Paraguassú, funcionava com seis redatores e um diretor, mas não fica claro se este último era da oficina tipográfica ou da redação. Convém acrescentar ainda que trabalhavam em sua *Typographia* cinco tipógrafos e um impressor. Já o jornal *O Norte do Brasil* tinha em Miranda Lima & C.^a seu proprietário, quatro redatores, um colaborador, dois correspondentes no exterior e um administrador a seu serviço. Na oficina tipográfica havia um impressor e cinco tipógrafos.

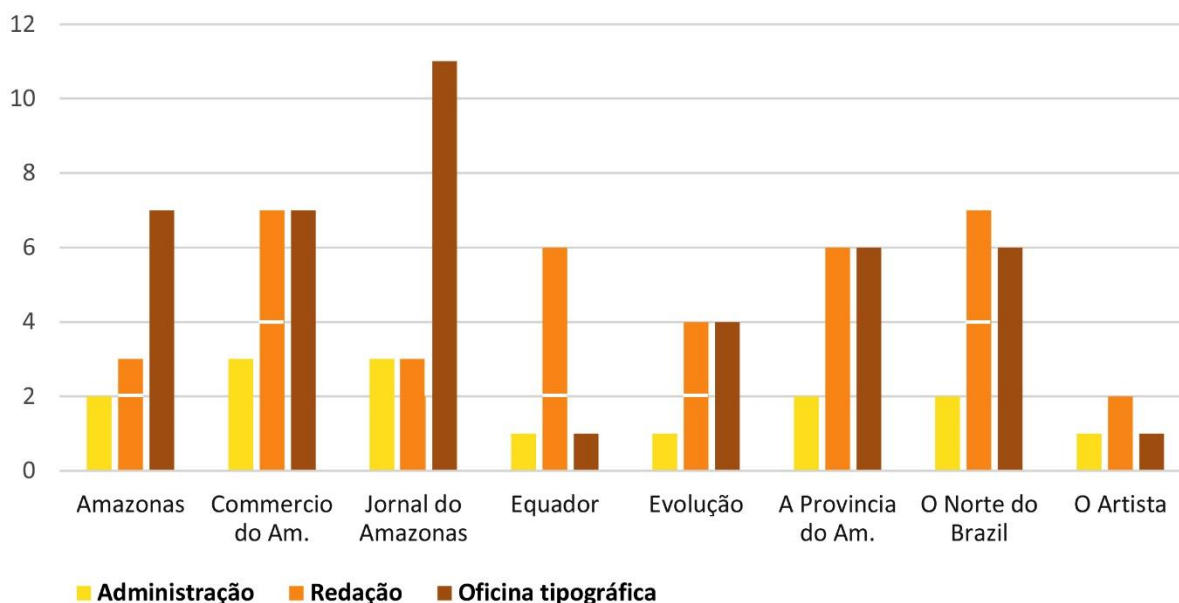
E, finalmente, o último e mais enxuto registro, foi o do jornal *O Artista*, que contava então com três pessoas para produzir sua edição: Manoel José Zuany d’Azevedo, como seu proprietário, um redator e um jornalista. Não há nenhum tipógrafo declarado; contudo, sabe-se que Manoel Zuany era tipógrafo-impressor. No início desse ano (1888), Zuany havia anunciado n’*A Província do Amazonas*, de 27 de janeiro de 1888, a venda da sua **Typographia do “Artista”**. Esta história será brevemente retomada mais à frente.

No gráfico 2 fica evidente que a *Typographia* do Jornal do Amazonas era a maior oficina tipográfica de Manaus em número de trabalhadores, com dez tipógrafos e um impressor em suas instalações. Esse número de profissionais gráficos era quase o dobro daquilo que as suas concorrentes mais próximas então possuíam, entre seis e sete gráficos. Essa discrepância pode ser explicada, em parte, pela demanda oficial que a *Typ.* do Jornal do Amazonas atendia. Em 1888, essa oficina tipográfica publicou a edição oficial *Exposição... em 12 de junho de 1888*,¹¹⁹ que foi descrita na ficha n.º 195 do Apêndice A como tendo muitas falhas de impressão e composição, apresentando falta de nitidez e outros problemas. Vale ressaltar que nesse mesmo ano essa oficina publicou de forma desleixada a revista científica *Vellosia*. Dessa forma, embora

¹¹⁹ *Exposição com que o exm. sr. Coronel dr. Francisco Antonio Pimenta Bueno passou a administração da Província do Amazonas ao exm. sr. 2. Vice-presidente T.^{te} C.^{el} Antonio Lopes Braga em 12 de junho de 1888.*

tivesse mais tipógrafos do que qualquer outra oficina, a Typ. do Jornal do Amazonas possuía dificuldades em oferecer uma boa qualidade na composição e impressão de seus produtos.

Gráfico 2 – Composição da mão de obra nas redações e oficinas tipográficas de Manaus 1888.



Fonte: Composição do autor a partir do jornal *A Imprensa Unida* (1888).

Dos oito estabelecimentos gráficos descritos, quatro deles tinham uma composição equilibrada entre profissionais da redação e trabalhadores gráficos: o *Commercio do Amazonas*, *Evolução*, *A Provincia do Amazonas* e *O norte do Brasil*. Nos empreendimentos do *Amazonas* e do *Jornal do Amazonas* há uma predominância da atividade de produção gráfica, enquanto que nos pequenos negócios do *Equador* e de *O Artista* havia mais profissionais da redação.

Os impressores estavam presentes em cinco oficinas, sendo que, na Typ. do Amazonas, o responsável pela impressão deveria ser o administrador da oficina ou um de seus tipógrafos. Nas outras duas oficinas têm-se a figura do tipógrafo-impressor para produzir o *Equador* e também *O Artista*. As atividades administrativas eram as que possuíam menor número, mas nos jornais maiores demonstravam uma maior organização e profissionalização dos negócios, separando a figura do proprietário das tarefas de administrador e diretor de seu estabelecimento.

No total foram anotados 37 tipógrafos, incluindo Manoel Zuany, que também foi registrado como proprietário, e Lino Alcibiades Tolentino, como tipógrafo-impressor. Portanto, se constituíam nos trabalhadores mais numerosos, mesmo em comparação com os profissionais da redação, pois foram 25 redatores registrados, incluindo um jornalista; também foram listados 12 colaboradores e 2 correspondentes. Todas os profissionais eram do sexo masculino e, do total

de tipógrafos listados em 1888, somente seis profissionais foram também registrados quatro anos antes no almanaque de 1884, que elencou 21 tipógrafos em três oficinas de Manaus.

Os números destacados acima, tanto em 1884 como em 1888, são um recorte do universo de trabalhadores gráficos em atividade na cidade. Todavia, essa descontinuidade em apenas quatro anos é bastante significativa, sendo talvez um reflexo da baixa remuneração, motivo pelo qual muitos trabalhadores gráficos mantinham duas ocupações ou mesmo deixavam o trabalho nas Typographias tão logo conseguissem uma colocação profissional melhor, seja no comércio, no funcionalismo público ou, ainda, tentando a sorte como seringueiro. Alguns devem ter migrado para outras províncias, abrindo caminho para novos profissionais iniciarem suas jornadas como tipógrafos e impressores em Manaus.

A trajetória de um desses trabalhadores gráficos, mesmo descrita de forma fragmentária, possibilitou visualizar a dinâmica, aspirações e dificuldades de parte dessa classe trabalhadora no Amazonas. O incomum sobrenome de Manoel José Zuany de Azevedo permitiu que se fizesse um breve mapeamento a partir da ocorrência de “Zuany” nos periódicos amazonenses disponíveis na Hemeroteca da Biblioteca Nacional. O primeiro registro que tivemos de sua atividade foi em 1865-1866 quando, então com 17 ou 18 anos, ele assumiu a impressão do *Estrella do Amazonas* após a morte de seu proprietário.

Zuany foi listado como porteiro da secretaria da Assembléa Provincial em 1873¹²⁰ e, nesse mesmo ano, fez um requerimento solicitando um empréstimo para montar uma typographia, segundo o *Boletim Oficial* n.º 27. Não se encontrou registro de que tenha conseguido montar sua oficina tipográfica nesse período. Ele se casou com Sabina Maria Pinto em 1875, de acordo com uma nota do *Commercio do Amazonas* n.º 131. No ano seguinte, ele foi descrito em uma lista como tendo 28 anos, casado e funcionário público.¹²¹ Portanto, verifica-se que, em alguns momentos, ele manteve uma dupla jornada, atuando no serviço público e também como tipógrafo.

Manuel Zuany arrendou a oficina tipográfica do jornal *Commercio do Amazonas*, que pertencia a Luiz Mesquita de Loureiro Marães em 1880.¹²² Entretanto, no ano seguinte, ele deixou a sua administração para estabelecer a sua própria oficina, de acordo com o *Amazonas* n.º

¹²⁰ *Falla Dirigida á Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas na segunda sessão da 11.a Legislatura em 25 de março de 1873 pelo presidente da provincia Bacharel Domingos Monteiro Peixoto. Anexo II, Relação nominal dos empregados provinciaes activos.*

¹²¹ Segundo lista de cidadãos qualificados da parochia de N. S. da Conceição pela junta municipal, publicada no *Jornal do Amazonas* n.º 128, de 1876.

¹²² De acordo com declaração publicada no *Commercio do Amazonas*, n.º 129.

607. No almanaque de 1884, ele foi listado como tipógrafo (1884, p. 173) e também como presidente da Associação Monte Pio Socorro dos Artistas (1884, p. 179). Em 1888, ano em que foi publicado *A Imprensa Unida*, Zuany tinha 40 ou 41 anos de idade, sendo um veterano mestre do ofício com – pelo menos – 23 anos de experiência, uma trajetória que foi de jovem impressor até se tornar proprietário de uma pequena oficina tipográfica. Essa oficina era a *Typographia do Artista*, seu modesto empreendimento gráfico que estava à venda em 1888. Com isso, ele voltou a trabalhar como tipógrafo, pois, de acordo com o almanaque de 1895, ele atuava na oficina tipográfica do jornal *Amazonas*.

Há ainda um registro ambíguo dado por Faria e Souza (1908, p. 86), que anotou um tipógrafo José Zuany atuando em 1907 na oficina do mesmo jornal *Amazonas*. Deve-se ressaltar que o nome completo do tipógrafo era Manoel “José Zuany” de Azevedo, que então estaria com 59 anos de idade e com mais de 40 anos de experiência. Sua longa trajetória no circuito gráfico local parece ter sido uma exceção, visto que, como foi observado acima, havia uma certa volatilidade da ocupação de tipógrafo. Ainda em 1898, o jornal *Commercio do Amazonas* n.º 280 registrou o aniversário do administrador da folha, descrito como “inteligente e hábil typographo Raymundo Zuany”. Por fim, o *Jornal do Comercio* n.º 3118 publicou, em 1913, uma foto de Hugo Zuany, descrito como auxiliar técnico e impressor há 9 anos do jornal. Não se pode afirmar que Raymundo e Hugo sejam descendentes diretos do tipógrafo Manoel Zuany, mas, certamente, deviam ser parentes. Uma coisa é clara: eles foram colegas de profissão.

3.3.3 Mudanças à frente

Desde a década anterior (1870) os produtos farmacêuticos se faziam presente em diversos anúncios nos jornais locais, intensificando ainda mais nesse período. Os produtos medicinais eram os mais variados: remédios para vermes, tosses, para dor de dente, moléstias do peito e do estômago, pílulas purgativas, fortificantes, xaropes para crianças e outros. Essa variedade de produtos era exposta em anúncios compostos em clichês padronizados e compactos que faziam uso de cercadura, pequenas vinhetas ou ilustrações (Fig. 65). Outro tipo de anúncio se amparava em um discurso de autoridade composto em um breve texto, no qual a indicação de uso de um medicamento era recomendada por um médico ou por uma associação médica ou científica, que explicava e validava seus benefícios. Muitos produtos tinham procedência estrangeira e sequer indicavam um endereço local, recomendando apenas seu Deposito Geral em Paris (Fig. 65).

Esses anúncios eram parte da estratégia de divulgação desses medicamentos, muitos deles estrangeiros, e circulavam por todo o território brasileiro, pois contavam com o apoio das farmácias locais. Uma delas, a Pharmacia Amazonas, de acordo com Santos et al. (1990, p. 177), chegou a publicar, em abril de 1889, um jornal mensal e gratuito – *O Propagador*. Seu título já indicava a sua intenção propagandística e parece ter sido um dos primeiros periódicos gratuitos produzidos por uma casa comercial local.

Os produtos de beleza também tiveram um maior desenvolvimento e participação de produtos importados, quase sempre vindos de Paris e direcionados ao público feminino. De início, os anúncios eram graficamente acanhados, mas, no final da década de 1880, esses produtos ostentavam sua origem francesa e traziam os odores e visões do mundo para a mulher amazonense (Fig. 65). Os ateliês modistas também reforçavam um padrão de comportamento e consumo mais internacional, sobretudo da França, o qual vai se intensificar com a elevação do preço da borracha no mercado internacional.

Figura 65 – Anúncios de jornais de Manaus: produtos de beleza em 1880 e 1888 (à esquerda), além de depurativo e xarope, ambos de 1888.



Fonte: Composição feita autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Apenas na década de 1880 foram registradas quatro novas oficinas tipográficas no interior do Amazonas: 1. Typographia do Commercio do Madeira, depois renomeada para Typ. do Correio do Madeira, 2. Typographia da Gazeta de Manicoré, 3. Typographia do Purus e 4. Typographia do Labrense. Com exceção da primeira oficina tipográfica, em funcionamento desde 1884, todas as outras iniciaram suas atividades a partir de 1887, um período de maior produção periódica e de melhora das atividades comerciais.

Pode-se afirmar que uma consequência dessas condições mais favoráveis foi a publicação, em 1889, do *Almanach Madeirense*, organizado por Manoel Pereira Gonçalves e impresso na Typographia de Arthur José de Souza & Irmão, no Largo de S. Domingos, 74, no Porto, em Portugal. Segundo o “Prologo” desse almanaque, no ano anterior, o primeiro número dessa publicação teria sido bem recebido pelos jornais da província. Esse *Almanach Madeirense* era, portanto, o segundo. Diferente dos almanaques registrados anteriormente, este se refere a uma região específica do Amazonas, o Rio Madeira. Além disso, foi publicado em outro país, uma forma impressa de demonstrar independência e um maior desenvolvimento socioeconômico da região que, em publicação própria, destacava suas figuras proeminentes e podia registrar melhor a sua história.

A organização desse almanaque se assemelha mais a uma coletânea de artigos, pela falta de seções internas e pelo grande número de textos e notas independentes. Também chama a atenção a composição gráfica do tradicional calendário, produzida de maneira bastante econômica: doze meses em apenas seis páginas de duas colunas apenas. A publicação tem 160 páginas, tendo a maioria de seu conteúdo formado de variados artigos sobre personalidades da região, muitos poemas, material recreativo e apenas um anúncio da escola do Collegio Nacional do Porto. Destaca-se ainda um breve artigo sobre a família imperial brasileira, indicando apenas datas de nascimento, coroação e filiação, assim como outro sobre a Libertação dos escravos ocorrida no ano anterior.

No primeiro trecho das “Indicações Uteis” do almanaque, há um segundo, no qual foi feito o registro de uma única oficina tipográfica em Manicoré. Era a Typographia do Correio do Madeira que, em 1884, era a Typ. do Commercio do Madeira. Registrou ainda um total de 59 estabelecimentos comerciais e industriais no Alto e Baixo Madeira.

O almanaque também informava a composição administrativa, chamando a atenção, ao final desta, para “Um esquecimento imperdoável” (1889, p. 47), a saber, o título de um item que enfatizava a sensível falta, desde 1885, de um vigário nomeado para a vila de Nossa Senhora das Dores de Manicoré. Nesse mesmo ano, o livro de Barbosa Rodrigues, *Muyraquitã – estudo da origem asiática da civilização do Amazonas nos tempos pré-históricos*, foi publicado pela Typ. do Amazonas. Ao final, a edição possui uma longa errata evidenciando, novamente, uma certa falta de cuidado em sua publicação.

Em 1889 ocorreu mais um capítulo da dança que se repetia a cada troca de orientação política ou de grupos que se sucediam na presidência do governo provincial, que então elegia um jornal e sua oficina como porta-vozes de sua administração. *O Relatorio... dia 2 de junho*

de 1889¹²³ (1889, p. 34) registrou a decisão do governo provincial de rescindir o contrato com a Typ. do Jornal do Amazonas para a publicação dos atos do governo. O motivo da rescisão foram os seguidos editoriais críticos à administração da província publicados pelo jornal, uma postura que não podia ser aceita pela presidência. Com isso, um novo contrato foi celebrado, dessa vez com a oficina tipográfica do *Commercio do Amazonas*, uma mudança que, certamente, teria consequências na redução do volume de trabalho e no número de tipógrafos (10) que atuavam na Typ. do Jornal do Amazonas.

Desde o ano anterior alguns jornais faziam a propaganda dos ideais republicanos, tais como o *Equador*, *O Corneta*, *A Evolução* e, na década de 1870, o jornal *Argos*. Contudo, foi somente com a fundação do Clube Republicano do Amazonas, em 29 de junho de 1889, de acordo com Arthur Reis (1989, p. 242), que essa causa ganhou contornos definidos. Nesse ano houve intensa publicação periódica, sendo vinte os jornais que circularam apenas em 1889, de acordo com Caliri (2014, p. 42),¹²⁴ a maioria de vida efêmera.

Em 1889 comemorava-se cem anos da Revolução Francesa e Paris havia preparado uma grande Exposição Universal, na qual teria a participação do Império do Brasil. No fim desse ano, em 15 de novembro, foi proclamada a República dos Estados Unidos do Brasil. Com isso, o território brasileiro deixava de ser oficialmente uma monarquia e uma nova era se iniciava.

Nos acervos consultados e na Hemeroteca da Biblioteca Nacional foram poucos os registros encontrados de jornais publicados exatamente nesse período de mudança. O jornal *O Americano* foi organizado por um grupo republicano local e estava preparando seu primeiro número para sair em 21 de novembro de 1889, ou seja, no mesmo dia, de acordo com Reis (1989, p. 244), que a notícia da Proclamação da República alcançou o Amazonas com a chegada do vapor Manaus da Companhia Brasileira de Navegação. Esse novo jornal republicano foi impresso em sua oficina, a **Typ. d'O Americano**, que funcionava na Praça Tamandaré.

Em Lábrea, no interior do Amazonas, a notícia da Proclamação da República Federativa dos Estados Unidos do Brasil chegou no dia 29 de dezembro, pela manhã, com o vapor Santarem.¹²⁵ O *Labrense* de 31 de dezembro de 1889 circulou com uma primeira página especial, composta com uma cercadura ornamentada (Fig. 66). Seu cabeçalho identificava o jornal como republicano e trazia os ideais da revolução francesa de Liberdade, Igualdade e Fraternidade em

¹²³ *Relatorio com que o exm. sr. Dr. Joaquim de Oliveira Machado presidente da provincia do Amazonas instalou a sessão extraordinaria da Assembléa Legislativa Provincial no dia 2 de junho de 1889.*

¹²⁴ Jornais registrados foram: *O Amazonense*, *O Americano*, *O bem Público*, *Corsário*, *Espião*, *Gazeta Literária*, *Homenagem*, *Leão*, *Lobo*, *Luneta*, *Luz da Verdade*, *O Mérito*, *Moleque*, *O Pão*, *Papagaio*, *O Papagaio*, *Reverbero*, *Saltimbanco*, *A Tesoura* e *Voz da Razão*.

¹²⁵ De acordo com a edição de 31 de dezembro de 1889 do jornal *Labrense*.

destaque. Essa edição do jornal dava destaque à Proclamação da República acontecida há um mês e meio antes e registrava que seu colega, o jornal *Município de Labrea*, já tinha publicado um boletim especial com a notícia. O artigo de fundo ostentava o título de “Nova Era” em que louvava a queda do antigo regime, além de ressaltar a esperança de uma maior participação popular. O jornal também registrou que uma reunião foi organizada em frente à Igreja Matriz para comemorar a notícia, discursos foram feitos e, mesmo com chuva, uma procissão cívica percorreu várias ruas “ao som de uma muzica e aos brados de viva a Republica”.

Figura 66 – Periódicos publicados no interior: *O Purus* (1888), jornal impresso em uma “máquina Bremner” e a edição especial do *Labrense* (1889) destacando uma “Nova Era”.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Em dezembro desse ano o jornal *A Epocha* se declarava como um órgão dos interesses da República e circulava três vezes na semana. Possuía dois redatores, um dos quais era Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, e sua *Typ. d'A Epocha* ficavam na Praça 5 de Setembro. Na edição de 5 de dezembro de 1889 do jornal, sua oficina tipográfica era descrita em anúncio como sendo “montada com o material necessário para satisfazer qualquer publicação comercial ou de qualquer outro gênero, taes como avulsos, programas, facturas, talões, contas, cartões de visita,

etc. etc.”. Ademais, a oficina ofertava vários produtos impressos comerciais, nos quais garantia nitidez e prontidão nos trabalhos produzidos.

Ainda nesse número d’*A Epocha*, variados anúncios foram compostos na terceira e quarta páginas, com destaque para as notas curtas da loja 22 e Havaneza, oferecendo chapéu de palha, ventarolas, gravatas, charuto e tinteiros, dentre outros. Havia também um grande anúncio do Eden-Theatro e vários menores, dentre os quais alguns faziam referência ao novo regime republicano. Essa incorporação de um relevante fato político no discurso dos anúncios é importante por demonstrar a agilidade e independência na composição destes, além de operarem como mediadores fazendo a tradução e adaptação dos acontecimentos para o mundo do consumo e do cotidiano. Tal foi o que fez, por exemplo, o Armarinho de Modas de Fernandes Jorge & C.^a, o qual anunciou seus produtos assim “Hip! Hip! Hurra! – O que aconteceu? – Veio com a republica, um deslumbrante sortimento de roupas brancas para senhoras [...]”. Outro anúncio curto do mesmo armarinho dizia “Alerta Republicanas, espartilhos com cintura comprida, ultima moda [...]”. Outra loja apenas colocou ao fim de seus anúncios a frase: “O Advento da Republica”.

Em Manaus, uma junta provisória foi formada por três componentes para governar o Amazonas, sendo esse um período de instabilidade e tensões geradas pelas disputas por posições políticas, que eram inflamadas e amplificadas pelos jornais de então. De acordo com Mavignier de Castro (1948, p. 129), nesse período houve troca de tiros, prisões e algumas oficinas tipográficas chegaram a ser empasteladas. Infelizmente, o autor não deixou identificado a quais delas teria ocorrido esse fato. Assim, o governo provisório no Rio de Janeiro nomeou o tenente engenheiro Ximeno Villeroy como primeiro dirigente republicano do Amazonas, assumindo seu governo em janeiro de 1890.

3.4 Um desenho em expansão

O período coberto por este capítulo (1871 a 1889) teve uma maior diferenciação e elevação no número dos agentes e objetos tratados, alguns novos, mas também pelo movimento pendular observado, com momentos de expansão, seguido por recuo, ou ainda de maior letargia e depois aceleração. No início da década de 1870 eram poucas as oficinas tipográficas em atividade em Manaus, muito embora várias edições particulares tenham sido produzidas nesse período, uma espécie de surto que não se repetiu nem mesmo quando quinze novas Typographies começaram a trabalhar no Amazonas a partir de 1886 a 1889.

O contraste entre duas publicações, o *Almanach...* e a *Vellosia*, ajudou a observar que o desenvolvimento da atividade de produção gráfica ocorreu de forma descontínua e foi bastante desigual entre as oficinas tipográficas e mesmo ao longo do tempo. Mesmo entre os maiores empreendimentos gráficos do período, como as Typographias do *Amazonas*, que publicou o almanaque, e a do *Jornal do Amazonas*, que produziu a revista científica do museu botânico a situação era bastante heterogênea. Além dos recursos tecnológicos, o sucesso da atividade gráfica era dependente de insumos importados e de mão de obra qualificada, nem sempre disponíveis no cenário local.

Figura 67 – Circuito de comunicação impressa de 1871 a 1889.



Fonte: Composição do autor a partir do “Circuito das comunicações” de Darnton (1982), adaptado por Daniel D. Gomes (2016).

O recorte feito a partir da composição da mão de obra de oito empreendimentos gráficos e editoriais descritos na *Imprensa Unida* (1888) mostrou bem essa diversidade. Na qual apenas uma oficina chegou a empregar 11 trabalhadores gráficos, enquanto outra funcionava com apenas um. A disparidade também se dava também no investimento em equipamentos e materiais tipográficos usados por esses espaços de produção. Um ano depois, um empreendimento só reuniu as etapas de produção, distribuição e transporte e comercialização.

Na arena da Imprensa duras batalhas foram impressas, algumas justas e necessárias, outras francamente ofensivas, mas não gratuitas, pois lutava-se para defender interesses de grupos e classes. Isso ocorria sempre com a participação ativa dos trabalhadores gráficos, que foram representados nos tipógrafos citados: o paraense Raymundo Pereira da Silva Lobo, o cearense Manoel Ursulo Uchoa, Manoel José Zuany d’Azevedo e ainda Hildebrando Luiz Antony, que foi aprendiz na Typ. do Amazonas até se tornar o responsável pela sua impressão. Mesmo que em breves passagens pode-se descrever a vida desses profissionais a partir dos produtos impressos onde eles foram citados e nos quais exerceram seu tradicional ofício. Vez por outra os trabalhadores gráficos locais faziam referência ao seu parente alemão Gutenberg, tanto para ressaltar sua história, como a nobreza dos seus ideais de civilização.

Notou-se que a comercialização dos jornais e edições se especializou com as livrarias, cafés, vendedores de rua e as papelarias, que ofereciam materiais de escritório, impressos e outros variados produtos. O comércio de fotografias também adquiriu um caráter mais definido com a fixação de ateliês exclusivos, com destaque para o de Francisco Candido Lyra. Essas atividades já foram tratadas no item 4.3.1 desta pesquisa. O almanaque de 1884 registrou o funcionamento de uma oficina de encadernação, de Virgílio Travessa, e mais quatro encadernadores. O ofício de encadernador continuou sendo ministrado pelo Instituto Amazonense, que também pretendia oferecer uma oficina de tipógrafo. Outro estabelecimento de ensino listou Artes Graphicas como um dos cursos a serem oferecidos. Ambos, ao que parece, não chegaram a funcionar, mas, certamente, respondiam a demanda local para formar profissionais gráficos.

No diagrama (Fig. 67), todas as etapas do circuito de comunicação impressa estão definidas, incluindo a de recepção e guarda, as quais se concretizaram com o funcionamento das salas de leitura e da biblioteca pública, ainda que funcionando em espaços improvisados e sofrendo com diversas dificuldades já relatadas, inclusive a perda de edições. Nesse período, as casas comerciais marcaram definitivamente sua presença na etapa de Ideação, como clientes importantes das oficinas tipográficas, que então começaram a anunciar exclusivamente para o comércio, oferecendo produtos impressos avulsos. A maior oferta de produtos e serviços no mercado local tornou a composição dos anúncios mais elaborados em alguns casos, direcionados para segmentos da sociedade e outros oferecendo um número maior de produtos importados, além de ocuparem várias páginas em alguns jornais.

A diversificação dos produtos impressos, com edições, revistas, almanaques e outros, deu-se de forma significativa, apesar dos números gerais ainda serem modestos. A publicação de revistas foi pouco expressiva ao longo desse período: *Revista do Amazonas* (1876), *Echo Militar* (1878) e *Vellosoia* (1888). Foram registrados seis almanaques, dos quais quatro foram

produzidos na década de 1870 e apenas dois a partir de 1880, incluindo um da região do Rio Madeira. Apesar disso, as oficinas locais foram mais exigidas tecnicamente, pois alguns desses artefatos necessitaram de maior planejamento, composição e impressão dos impressos. Algumas publicações fizeram maior uso da cor, imagem, ornamentos, variação de estilos de composição e de tipos. Da mesma forma os anúncios começaram a trazer uma maior complexidade para serem produzidas, embora com dificuldade.

A expansão da atividade gráfica alcançou outras localidades: Itacoatiara em 1874 e, na década de 1880, Manicoré e Lábrea. Faria e Souza (1908, p. 43-47) listou dez jornais publicados no interior, de 1870 a 1889, sendo que foram examinados exemplares apenas de quatro desses jornais. Dessa forma, não foi possível identificar e registrar todas as oficinas tipográficas que os produziram, mas somente quatro, e apenas essas foram anotadas no Apêndice B, mas é provável que cada um desses periódicos tivesse sua própria oficina tipográfica.

Tabela 7 – Jornais registrados no interior do Amazonas, de 1871 a 1889.

N.º	JORNAL	ANO	LOCALIDADE
1.	<i>Itacoatiára</i>	1874	Itacoatiara
2.	<i>Foz do Madeira</i>	1877	Itacoatiara
3.	<i>Rio madeira</i>	1881	Manicoré
4.	<i>Commercio do Madeira</i>	1884	Manicoré
5.	<i>Correio do Madeira</i>	1885	Manicoré
6.	<i>Gazeta de Manicoré</i>	1886	Manicoré
7.	<i>Commercio do Purús</i>	1886	Lábrea
8.	<i>O Purús</i>	1886	Lábrea
9.	<i>O Labrense</i>	1888	Lábrea
10.	<i>Municipio de Labrea</i>	1889	Lábrea

Fonte: Composição do autor a partir de Faria e Souza (1908, p. 43-47).

O principal incremento nesse período ocorreu com o já citado número de novas oficinas tipográficas em funcionamento, que deram um salto quantitativo, mas ainda sem apresentar a mesma expansão na qualidade de composição e impressão de seus produtos. Na década de 1880 registraram-se 18 novas Typographias, ver a Tabela 10 ao final desse capítulo. Esse número é o triplo do que foi observado na década anterior (Tabela 8), um elástico crescimento que reflete a melhora da economia regional com o maior volume de borracha exportada. Além do mais, o momento político instável, os equipamentos de impressão menores e mais leves, como o prelo

Pérola (Pearl), também facilitaram a formação de oficinas de pequeno porte. Mesmo com poucos recursos, elas conseguiam compor, imprimir jornais de menor tamanho e marcar suas posições na imprensa. Já o número de livrarias, no mesmo período, teve um crescimento expressivo: foram de duas, na década de 1870, para quatro no período seguinte, muito embora esse número pareça modesto quando comparado com a expansão da atividade gráfica.

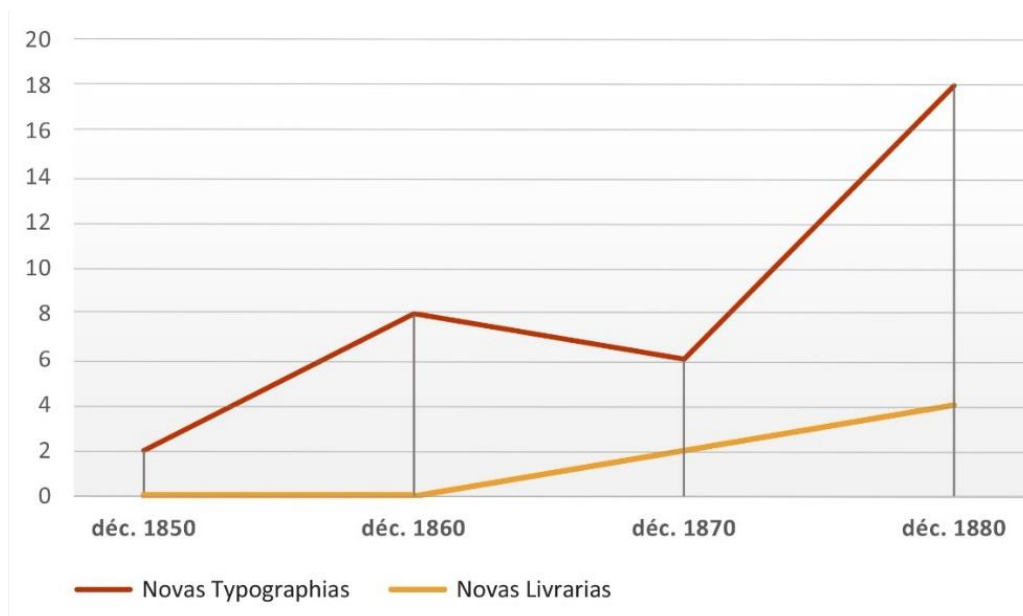
Tabela 8 – Novas oficinas tipográficas do Amazonas, de 1870 a 1879.

N.º	OFICINA TIPOGRÁFICA
1.	Typographia do Itacoatiara [interior do Amazonas]
2.	Typographia do Jornal do Amazonas
3.	Typographia do Correio do Norte
4.	Typographia do Rio Mar
5.	Typographia da Provincia
6.	Typographia de Antonio Fernandes Bugalho

A indicação do número em cor diferente identifica a oficina localizada no interior do estado.
Fonte: Composição do autor a partir do Apêndice B.

No Gráfico 3, abaixo, pode-se comparar esse movimento a partir de 1851, com uma oscilação maior na atividade de produção gráfica. O principal produto dessas Typographias continuava a ser o jornal, o impresso avulso para o comércio e outras demandas, incluindo a do governo provincial. Já as edições que as livrarias comercializavam eram importadas de outras províncias e países, como se viu na carga de livros vindos de Portugal para duas livrarias da cidade. Sua expansão dependia exclusivamente do mercado local, das vendas feitas em suas lojas e do público leitor, diferentemente da oficina tipográfica, que obteve seu crescimento amparado – em grande medida – no desejo de grupos políticos e sociais de se fazerem representar no espaço da imprensa. E pela expansão da população e das atividades econômicas e comerciais da região, das quais as livrarias também se beneficiaram.

Gráfico 3 – Número de novas oficinas tipográficas e livrarias no Amazonas, de 1851 a 1889.



Fonte: Composição do autor a partir dos Apêndices B e C2.

O registro das atividades profissionais nesse período anotou 81 ocupações ligadas diretamente à atividade de produção gráfica, sendo os tipógrafos a classe mais bem representada, como observado na Tabela 9. Nela há o primeiro registro de um gravador identificado apenas como Paulo. As outras categorias também tiveram um incremento quando comparadas com o período anterior, momento em que foram registrados 31 profissionais. Apenas o número de fotógrafos se manteve o mesmo, pois, talvez, a abertura e fixação dos poucos ateliês de fotografia tenham inibido a presença de fotógrafos itinerantes. De toda forma, esses números são um recorte necessariamente menor, pois foram coletados a partir da leitura dos jornais encontrados. Essa contagem permite ver a composição dos profissionais que ocuparam parte das 24 oficinas tipográficas que entraram em funcionamento de 1871 a 1889. Além dos nomes desses profissionais registrados no Apêndice C1, também foi possível conhecer um pouco mais de suas vidas e trajetórias a partir dos mesmos jornais que eles ajudaram a produzir.

Tabela 9 – Atividades profissionais registradas no Amazonas, de 1871 a 1889.

N.º	ATIVIDADE	NÚMERO
1.	Tipógrafo	46
2.	Impressor	19
4.	Encadernador	8
5.	Fotógrafo	7

6.	Gravador	I
Total		81

Fonte: Composição do autor a partir do Apêndice CI.

Essa necessária síntese, aqui exposta, possibilita organizar algumas informações, visualizá-las e tecer relações por meio de tabelas e gráficos, os quais explicitam o movimento de expansão e retração que dá vida a esse conjunto de atividades, agentes, pessoas e objetos. Dessa forma, observa-se melhor o cenário descrito, comparando-o com o período anterior e já projetando para o próximo que segue. Todas as cinco principais etapas conseguiram ser observadas com maior clareza: a ideação, a produção gráfica, a distribuição e transporte, a comercialização, e a recepção e guarda. Algumas se expandiram e possibilitaram que se descrevesse melhor suas dinâmicas, seus agentes e produtos. Enquanto outras não deixaram maiores registros.

Os produtos impressos produzidos no Amazonas se diversificaram e, em virtude de sua maior complexidade, alguns exigiram um maior domínio do ofício, das artes gráficas, tal como acontece quando há a presença da imagem, seja na forma de gravura ou fotografia. Também com o uso da cor, de variados ornamentos, papéis e acabamentos especiais, variação de estilos de composição e paginação, presença e diversidade de anúncios e outros.

Não é excessivo afirmar que o planejamento e composição do artefato impresso vai se tornando mais especializado com a presença de um mercado maior e mais exigente. Contudo, a qualidade da impressão realizada nesse período também possui dois tempos: na década de 1870 foram examinados fisicamente 20 produtos impressos, sobretudo jornais. Destes, 80% apresentaram uma impressão considerada regular, e o restante – 20%, foi classificado como irregular segundo o registro feito no Apêndice A. Na década de 1880, foram 17 trabalhos impressos examinados, dos quais pouco mais da metade – 52,94% possuíam uma impressão irregular e o restante dos trabalhos – 47,06% foram impressos de forma regular. O que reforça a oscilação observada quando se comparou o *Almanach...* de 1884 à revista *Vellozia* de 1888.

Tabela 10 – Novas oficinas tipográficas do Amazonas, de 1880 a 1889.

N.º	OFICINA TIPOGRÁFICA
1.	Typographia Industrial
2.	Typographia da Voz do Povo [Typ. do Echo dos Andes]
3.	Typographia do Commercio do Madeira [Typ. do Correio do Madeira]
4.	Typographia Religiosa
5.	Typographia de Joaquim Rocha dos Santos

6. Typographia da Gazeta de Manáos

7. Typographia do Artista

8. Typographia do Echo do Norte [Typ. do Manáos]

9. Typographia da Gazeta de Manicoré

10. Typographia da “Provincia do Amazonas”

11. Typographia do Equador

12. Typographia d’O Norte do Brazil

13. Typographia d’O Corneta

14. Typographia do Purus

15. Typographia do Labrense

16. Typographia d’O Americano

17. Typographia d’A Epoque

18. Typographia de Castro Costa & C.a

Fonte: Composição do autor a partir do Apêndice B.

4 IMPRESSÕES DA “BELLE EPOQUE”

4.1 A vitrine impressa

A mudança na forma de governo do Brasil teve uma influência direta nos periódicos amazonenses. Não apenas no reordenamento político e nas alianças que precisaram ser refeitas, mas na sua diversificação e em uma maior participação de grupos não partidários. Ainda que houvesse o descontentamento de alguns seguimentos com o fim do regime monárquico, os ideais republicados de igualdade, fraternidade e igualdade fizeram com que várias associações e grupos se formassem. Uma vez organizados, eles passaram a imprimir suas aspirações, queixas, discursos e divulgaram seus ideais. Vários grupos mantiveram pequenas oficinas tipográficas, outros se valeram da maior oferta destas, algumas das quais com equipamentos de impressão mais modernos e eficientes para produzir grandes tiragens.

Pela escuta dessas diversas vozes que se inicia esta última jornada que atravessa de um século para outro trazendo novos agentes, práticas e produtos impressos que alteram a atividade de produção gráfica no Amazonas. Neles se vai ler e registrar o momento de ascensão econômica da região amazônica e da tão esperada modernidade tendo como esteio a exploração da borracha nativa. Alguns artefatos impressos foram adotados para ajudar a fixar uma visão de progresso e riqueza que a região conhece nesse período, a *belle époque* amazônica.

É possível afirmar que outro deslocamento mais difuso era percebido por meio da passagem do tempo. Esta era a última década do século e havia a expectativa de virar as últimas páginas do século XIX tentando ler o que viria pela frente, um futuro cheio de boas promessas, mas também de muitas incertezas. O crescimento comercial e demográfico da região amazônica motivado pela exportação da borracha atraía um fluxo maior de estrangeiros, agentes comerciais e aventureiros, tornando-a “um dos mais promissores centros de comércio do Brasil” (WEINSTEIN, 1993, p. 15). Essa dinâmica vai ser expressa na cultura material e visual desse período, no consumo e na maior presença da imagem nos impressos, assim como um maior protagonismo da comunicação comercial, do anúncio.

Nessa década, a paisagem da cidade de Manaus vai sofrer grandes mudanças em suas feições; não uma simples maquiagem, mas profundas intervenções que vão instituir uma nova imagem da cidade. Paris era o modelo almejado no espelho urbano, social e também gráfico que a cidade de nome indígena pretendia alcançar. E pode-se observar nos periódicos desse pe-

ríodo um crescente interesse por atividades de lazer urbano como cafés, espetáculos, teatro e até o consumo de produtos se transformou em uma busca por novidades e divertimento.

As mudanças políticas, sociais e algumas discussões podiam ser percebidas em um jornal de sugestivo nome – *O Seculo* – que se apresentava como Órgão Popular e teve seu primeiro número lançado no final de 1889. Seu título era composto em tipos Toscanos (Fig. 68), sua composição gráfica era discreta e foi impresso na **Typ. d’O Século**. Sua edição de 11 de janeiro de 1890 trazia uma série de informações sobre o movimento republicano, tanto no interior como na capital, assim como algumas informações literárias, tais como a transcrição de um soneto publicado n’*O Paiz*, de título “De dentro para fora (Ao pulhismo politico)”. Os versos retratavam esse momento de transição política, de incertezas e traziam também descontentamento para alguns, que são chamados pelo jornal de “medalhões da decadência”:

Não ha remedio: eu era monarchista. / Firme ao velho meu amo e de hora a hora. /
 Mais se cravava a minha aguda vista, / Na frente de Isabel – a Redemptora!
 Nisto, um tufão separa-me da pista / O grupo que adorei minh’alma chora; / E em
 face dessa treva que contrista / Ajoelho-me humilde á luz d’AURORA!
 Coisas da vida!... o peito que ha dois annos, / Ha um anno mesmo, n’um fulgor
 inglorio / Dava vivas aos velhos soberanos, /
 Hoje, por um processo assaz simplorio, / Abre á “frase” que surge os largos pannos
 / E ergue um “hurrah”! ao GOVERNO PROVISÓRIO! (O SÉCULO, 11 jan. 1890)

Vários chamados de associação e maior participação são feitos a indivíduos e grupos de diversas naturezas. Para defender os interesses do Club União Cearense foi publicado o jornal *Tribuna do Povo* (Fig. 68), impresso na Typ. d’A Epocha no começo de 1890. O editorial de seu primeiro número reflete o desejo por participar da “nova forma de governo inaugurada pela revolução de 15 de novembro [...], [que] reclama o concurso de todos os cidadãos activos do paiz, para reorganisação da patria em bases solidas e permanentes”. O grupo que a folha representava era a “população cearense espalhada por todo o valle do Amazonas não podia conser-var-se indifferente [...]”. Apesar de novos atores e grupos organizados para a edição de suas folhas, pode-se dizer que a composição gráfica desses jornais mantinha uma composição gráfica direta e de poucos recursos.

Ora, assim como os migrantes cearenses, outros grupos se organizaram para discutir suas posições, demandas e para participar das decisões políticas tendo um jornal como tribuna. A classe dos trabalhadores do comércio – os caixeiros – se reuniu e publicou um jornal semanal de título *O Restaurador*, órgão da Classe Caixeiral (Fig. 68), o qual circulou pela primeira vez em 22 de junho de 1890. Nessa primeira edição ele afirmava que seu aparecimento não tinha sido fruto de vaidade, mas da vontade de, mesmo que modestamente, “defender uma classe que vive ahi acorrentada ao balcão como Prometheu no penhasco do Caucaso...”. De acordo com

Pinheiro (2015, p. 174-175), *O Restaurador* foi um dos primeiros periódicos a representar uma parcela de trabalhadores urbanos na luta por melhores condições de trabalho.

Figura 68 – Detalhes da primeira página de periódicos de 1890: de orientação popular (*O Seculo*), da classe caixeira (*O Restaurador*), do Club União Cearense (*Tribuno do Povo*), do Circulo Catholico (*Novo Dia*).



Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A folha dos caixeiros deixou de circular no dia 3 de agosto do mesmo ano, sendo substituída pelo *O Imparcial*, Orgão da Associação Commercial e Industria, esse, sim, de vida mais longa e também associado aos trabalhadores do comércio. O jornal foi publicado pela **Empresa Editora Prosperidade**, o qual, por seu turno, era proprietário do jornal semanal *Indice do Commercio* (Fig. 69). No seu sétimo número, o *Indice do Commercio* informava ter distribuição gratuita e uma surpreendente tiragem de 3.200 exemplares. É preciso destacar que o empreendimento que o produzia não se apresentava como uma Typographia, mas como uma Empresa Editora, retirando a ênfase da produção de impressos.

A composição gráfica do *Indice do Commercio* se organizava a partir de cinco colunas com vários e breves anúncios separados por fios, fazendo uso de capitulares, negrito e variação dos tipos. Na edição citada, de 7 de agosto de 1890, havia uma grande variedade de produtos e serviços anunciados, desde aluguéis de casas, aulas de música, passando pela venda de exxovais, vinhos e até de romances de Henrique Lock, George Pradel e Rabelais na Livraria Castro

e Costa. Logo abaixo um anúncio ilustrado com a imagem de um impressor operando um prelo fornece maiores informações sobre a Empreza Editora Prosperidade (Fig. 69). Segundo ele, esse empreendimento tipográfico era o melhor montado do Estado do Amazonas, oferecendo também serviços de encadernação, ao mesmo tempo em que expressava o seguinte a respeito de seus equipamentos e materiais:

[...] dispões suas officinas de oito das melhores machinas inglezas, francezas e norteamericanas, entre estas um dos afamados prelos de Marinoni, uma variedade de mais de 600 caracteres de typos diferentes, emblemas, vinhetas, etc. alem d'um vasto deposito de papel de todos os tamanhos e qualidades, e cartões escolhidos dos melhores gostos. Tinta de impressão, bronze e carmins de diversas côres. Trabalho nitido, garantido e pontual. Preços sem competencia. (INDICE do Commercio, 7 de agosto de 1890).

Torna-se manifesto que ela parecia ter razão quando dizia ser “a mais bem montada” em todo o Estado do Amazonas, além de possuir uma mão de obra que foi descrita como “pessoal artístico escolhido”. Apesar desses predicados gráficos, o jornal *Indice do Commercio*, publicado pela Empreza Editora Prosperidade, parece não ter obtido o retorno necessário para se sustentar, dado que, de acordo com Faria e Souza (1908, p. 25), o periódico encerrou suas atividades quatro meses depois, ao publicar o décimo sétimo número.

Figura 69 – *Indice do Commercio* (1890): primeira página e detalhe do anúncio ilustrado da Empreza Editora Prosperidade.



Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O Circulo Catholico foi outra organização que, face às incertezas do momento político de um Estado que deveria ser laico, achou por bem fazer a “propaganda das doutrinas catholicas e a defesa dos direitos da Egreja”. Para isso, publicou o periódico *Novo Dia* (Fig. 68), tendo como o endereço de seu escritório e redação o consistório da Matriz. No expediente de seu número dois a publicação se identificou como uma revista hebdomadária, convertendo-se, pouco tempo – e de fato – em um jornal de quatro páginas. Pode-se dizer que era uma publicação híbrida, uma vez que sua composição gráfica se assemelhava à de um pequeno jornal de duas colunas, mas possuía oito páginas, sumário e fazia uso de capitulares ornamentadas e notas como uma revista ou edição.

Em seu primeiro número, de 27 de julho de 1890, encontrou-se mais um testemunho das mudanças que as oficinas tipográficas estavam passando em um anúncio da Typ. do Jornal do Amazonas de J. B. de Faria e Souza.¹²⁶ Ela foi descrita como “uma das mais bem montadas n’esta capital, possuindo prelos mechanicos Marinoni e Minerva, typos novos, caracteres do mais apurado gosto, emblemas de diversos assumptos”. O equipamento Minerva, de acordo com Camargo (2003, p. 30), era uma impressora de platina acionada por pedal, de fácil manuseio, que utilizava folhas de no máximo 40 x 60 cm, tornando-se muito popular em todo o mundo.

Nota-se que as oficinas tipográficas locais buscavam se modernizar, atualizando seus equipamentos, tipos e materiais, incluindo ornamentos para atender aos seus clientes, os quais estavam sempre em busca de novidades. Os dois anúncios não repetiam a fórmula anterior de apenas destacar o preço, a rapidez e o pessoal habilitado: fazia necessário às oficinas desse fim do século que se mostrassem modernas. Para esse fim elas ostentavam seus equipamentos franceses de renome [Marinoni] que a Empresa Editora Prosperidade também destacou, ao lado do farto material gráfico.

Importa dizer que esses atributos – modernidade e novidade – começavam a ser necessários para atender aos clientes, aproximando os artefatos produzidos pela oficina tipográfica do universo do consumo individual. Esse deslocamento pode ser verificado no uso dos cartões de visita, um emblema profissional, mas também de civilidade, que vai ser valorizado como produto e ofertado cada vez mais pelas oficinas tipográficas locais.

¹²⁶ O pesquisador João Batista Faria e Souza foi citado diversas vezes nessa tese por seu pioneiro levantamento dos periódicos do Amazonas até 1908, no qual também registrou os trabalhadores gráficos do jornal *Amazonas*. Aqui foi registrado como proprietário de uma oficina tipográfica e também como membro do Circulo Catholico do Amazonas, de acordo com a revista *Novo Dia*, n. 1, de 27 de julho de 1890, p. 7.

Nessa quadra, para também atender às exigências do Estado do Amazonas, a *Mensagem... de 15 de setembro de 1891*¹²⁷ trazia diversas deliberações, entre as quais a intenção de fazer uma reforma no ensino para reduzir o analfabetismo. Outra era fundar escolas para o ensino profissional (1891, p. 5) e planos para o ensino superior, com a criação de uma escola politécnica com um curso geral e cursos especiais de “commercio, [...] engenharia mechanica e architectura, engenharia geographica, engenharia civil, artes e manufacturas [...]”.

É pertinente enfatizar que outro assunto tratado na edição oficial foi a necessidade da “fundação de uma typographia, mantida pelo Estado, em predio proprio, com machinas modernas e officinas de encadernação e typographia” (1891, p. 10). O Presidente justificou a proposta dizendo que o sistema de publicação do expediente e impressos oficiais era oneroso e não satisfazia às “publicações urgentes dos actos da administração” (1891, p. 10). Diante dessa conjuntura, ele sugeriu a rescisão do contrato para a publicação do expediente e, ao final das observações, fez uma discriminação das verbas a serem empregadas. E mais: listava a preparação do Estado para a Exposição de Chicago em 1893, a construção de um edificio para a escola polytechnica e outro para a typographia do Estado, além da aquisição de “machinas, officinas e indenização”.¹²⁸

Como negócio ou atividade comercial, o empreendimento gráfico também começou a se atualizar e se organizar como uma sociedade composta de diversos cotistas ou sócios. O mesmo parece ter ocorrido com a **Empreza Diario de Manáos**, que publicou no jornal de mesmo nome a partir de julho de 1890, com tiragem de 1.100 exemplares. A empresa publicava regularmente avisos de reuniões com seus acionistas nas páginas do *Diário de Manáos*, pois precisava prestar contas sobre seus ganhos e planos. Em 1892, outro estabelecimento gráfico e editorial também se definiu como uma empresa de capital aberto – **Empreza do Jornal do Estado do Amazonas**. Esse empreendimento publicou um anúncio ilustrado com um clichê de prelo Minerva (Fig. 70) oferecendo cartões de visita, convites, circulares, contas e outros.¹²⁹ Seu diretor era Americo C. Carneiro e a sua localização ficava na Rua Ruy Barbosa.

No ano seguinte, entre os anúncios da edição n.º 105 do *Diario de Manáos* encontravam-se algumas peças que capturavam um pouco do dinamismo das atividades gráficas no período. Um anúncio se destacava pela ilustração: um homem elegante segurando seu chapéu, no qual se lia o nome da loja – “22”, que enfatizava ter “Sempre Novidades” (Fig. 70). Também havia

¹²⁷ *Mensagem do exm. sr. dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, presidente do Estado, lida perante o Congresso Amazonense na sessão de 15 de setembro de 1891.*

¹²⁸ A lei criando a Imprensa Oficial só foi assinada em 31 de agosto de 1892 por Eduardo Ribeiro e previa, além das oficinas de tipografia, duas outras, uma de encadernação e outra de litografia e gravura.

¹²⁹ Anúncio publicado no *Estado do Amazonas* n. 5 de 15 de janeiro de 1892.

uma oficina de encadernação que também oferecia serviços de impressão. Antes já havia sido registrado a atividade autônoma de encadernadores e uma oficina junto à Typ. do Amazonas em 1884. Essa nova casa, a Encadernação Commercial, pertencia a Alfredo Dias de Souza (Fig. 70), que então oferecia seus serviços para encadernar jornais, livros, livros em branco de qualquer tamanho, carteiras, pastas e outros, além de consertar álbuns de retratos, leques, carteiras a “preços baratíssimos”.

Figura 70 – Detalhe de anúncios da oficina de encadernação de Alfredo Dias de Souza (1891), da Casa 22; e da Empreza do Jornal Estado do Amazonas ilustrado com uma Minerva (1892).

ENCADERNAÇÃO COMMERCIAL
— DE —
Alfredo Dias de Souza
RUA C. MOREIRA

Aprompta-se n'este estabelecimento encadernações de jornaes, ditas de qualquer obra, livros para chromos, ditos para mostas, ditos com tolhas douradas, proprios para presentes, ditos para collecção de poesias, ditos em branco, de qualquer tamanho, ditos de officios, carteiras e pastas bordadas a ouro e missanga; aprompta-se qualquer brochura, tanto de talões como de folhetos, e de outras quaesquer obras.

Encarrega-se de mandar fazer qualquer serviço da arte typographica, como seção: talões, impressões de cartões, ditos para convites, e de timbração de papeis, enveloppes, etc.

Concertam-se albuns de retratos, leques, carteiras, etc.

P REÇOS BA TISSIMOS
MANÁOS

SEMPRE NOVIDADES
— PERFUMARIAS —
GRAVATAS
— BENGALAS —
CHAPÉOS DE SOL
PUNHOS
Collarinhos
CHARUTOS da HAVANA

EMPRESA DO JORNAL
ESTADO DO AMAZONAS
RUA RUY BARBOSA

Encarrega-se de todo o serviço concernente a arte typographica com asseio e pretesa. Prepara-se cartões de vizitas imprime-se cartas de convite, circulares, contas, facturas, contas de venda, letras.

Trata-se com o Director, Americo C. Carnei-

Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A Empreza do Diario de Manáos estava indo bem, uma vez que, segundo o anúncio de sua Typographia de 22 de janeiro de 1891, era “uma das mais bem montadas neste Estado” e acabava de receber uma “variadissima collecção de cacteres de fantasia”. O anúncio tem uma ilustração, a mesma utilizada pela Empreza Prosperidade Editora em seu anúncio no *Indicador do Commercio*, um prelo em funcionamento com seu impressor (Fig. 71). Este não era um desenho original ou exclusivo, mas sugere que a oficina da Prosperidade Editora – onde encontramos o mesmo desenho – tenha alguma relação com a oficina do *Diário*. Em anúncio do ano seguinte (1892), a oficina tipográfica, além de oferecer rapidez e nitidez na produção de impressos avulsos, ressaltou dispor de “material moderno e chic”.¹³⁰ O que reforçava os atributos de modernidade e refinamento de gosto, mais comuns em produtos de moda ou de uso pessoal.

¹³⁰ Retirado de *Diario de Manaus*, n. 29 de 7 de agosto de 1892.

Nas redações ou nas oficinas tipográficas o revisor era o profissional responsável pela padronização de termos e correção dos textos antes de serem impressos em definitivo, mas, normalmente, era desempenhada pelo próprio autor /cliente ou pelo compositor/tipógrafo. No *Diario de Manáos* foram registrados dois revisores em seu cabeçalho: José Arthur Filho, o qual também era repórter, e Sisínio Martins Fontes. Eles trabalhavam na “Folha de maior tiragem e circulação no Amazonas”, de acordo com a edição do dia 17 de janeiro de 1894, que destacou essa informação em seu cabeçalho.

Ainda nesse número o jornal informou que estava passando por duas mudanças: a primeira era gráfica, com o aumento do formato do jornal em razão da “grande affluencia de materia e a procura extraordinaria de nossa folha”. A segunda modificação era de preço e teria decorrido da primeira, pois a expansão do tamanho do jornal, ainda segundo o artigo, resultou no aumento de trabalho e salários dos operários. E isso não era tudo: ainda tinha que levar em conta o encarecimento do material tipográfico, do “serviço manual do artista”, e ainda com “a crise medonha porque passa o paiz, devido a baixa do cambio”. Toda essa explicação e queixas para justificar aos seus leitores o aumento no preço das assinaturas.

Figura 71 – Anúncio da Typ. Diario de Manaus (1891) e o *Gutenberg* (1892).



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional e, à direita, Biblioteca Virtual do Amazonas.

4.1.1 A união typographica

Na vitrine impressa da última década do século XIX, o número de oficinas tipográficas havia se expandido desde o final dos anos 1880, continuando no início de 1890. Elas empregavam um contingente maior de tipógrafos, impressores e outros profissionais, que tiveram de se adaptar aos novos equipamentos e dinâmica das Typographias, pois alguns equipamentos exigiam um número menor de tipógrafos para serem manejados e produziam tiragens maiores. O crescimento do número de fornecedores de serviços gráficos aumentou a concorrência, desde a pequena oficina com poucos tipos até os empreendimentos dos grandes jornais. Estes últimos precisavam gerar dividendos para os sócios ou proprietários, um movimento com repercussões diretas nas relações entre patrões e trabalhadores, assim como nas condições de trabalho. Dessa forma, os trabalhadores gráficos precisaram também se reunir e se organizar para se fazerem representar dignamente, tanto nas discussões com os proprietários das Typographias, como para contribuir com o novo governo republicano.

Um grupo de tipógrafos se reuniu para criar uma associação e, juntos, produziram um jornal que homenageava o antigo fundador de sua arte, *Gutenberg*. O jornal (Fig. 72) trazia em seu cabeçalho o lema “Um por todos. Todos por um” e seus primeiros mil exemplares circularam domingo, dia 15 de novembro de 1891, data que marcava dois anos da Proclamação da República. O jornal custava 60 réis e não aceitava assinatura: era dado gratuitamente a todos aqueles que faziam parte da “classe typographica”.

“Com licença...”, disseram os tipógrafos no artigo de abertura do jornal, depois de saírem das oficinas, das lides com os tipos, prelos e tinta para assumir o lugar da escrita. Esse espaço da autoria foi assumido no *Gutenberb* pelos seguintes redatores: F. Alves Medeiros, Izidoro Vieira, V. Galvão, R. Vasconcellos e Antonio Leão. Na coluna “Movimento operário” um dos redatores brincou, dizendo que havia sido encarregado de escrevê-la, mas que não sabia por onde começar. No entanto, ele inicia por lembrar que sua atividade profissional advém de uma das mais “importantes invenções da humanidade”. E que apesar da proeminência dos tipógrafos como classe trabalhadora especializada e organizada no Brasil, segundo o artigo, em Manaus o tipógrafo “não é mais nem menos do que um simples artista, pode, entretanto, sahir desse marasmo, onde por tanto tempo se acha colocado”.

Vale mencionar que o jornal era o meio para divulgar ideias e promover a associação de novos membros. Pinheiro (2015, p. 179) percebeu, por exemplo, uma vinculação ideológica do jornal com “um republicanismo que se funde com difusas tradições socialistas e/ou trabalhistas”. Ele buscava conseguir maior adesão e participação dos colegas das Typographias do

Amazonas para tornar a associação mais forte e efetiva. Nesse primeiro número do jornal havia o convite para a próxima reunião da associação e ela se manteve ativa, uma vez que em 1892 se registou várias reuniões do Club União Typographico por meio da imprensa.

Em 1893, a associação funcionava com o nome de União Typographica, tendo como presidente Hildebrando Antony. Dos cinco redatores do *Gutenberg* três faziam parte de sua diretoria: Izidoro Vieira, Antonio Leão e Francisco Alves Medeiros. A composição gráfica do jornal *Gutenberg* era bastante convencional.

Na edição de 1.º de maio de 1892 ocorreram mudanças, incluindo a saída de três redatores. Se antes o jornal se apresentava como um periódico noticioso e literário, nesse número o subtítulo o identificava como *Orgão do Partido Operário*. Marcando uma segunda fase do jornal, de acordo com Teles (2005, p. 23-24), o jornal mostra-se ligado aos interesses dos trabalhadores gráficos no início, com essa mudança ele buscava ser o representante da classe operária amazônica. Por isso, nesse primeiro de maio era saudado e dizia o seguinte: “Coragem irmãos o dia da nossa emancipação não tardará, mostremos aos vindouros que no mundo somos iguaes”. A **Typographia do Gutenberg** havia passado por melhoramentos e, nesse mesmo número, anunciava seus serviços.

O ambiente político local era conturbado quando, no início de 1892, o tenente maranhense Eduardo Ribeiro assumiu o governo do estado. Ele era de origem humilde e em São Luís havia sido fundador do jornal *O Pensador* – *Orgão dos interesses da sociedade moderna* (1880). Ele havia se formado na Escola Militar do Rio de Janeiro, era republicano e estava em Manaus desde 1887.¹³¹ Ao assumir o governo do Amazonas, Eduardo Ribeiro iniciou um período de grandes intervenções urbanas na capital do Amazonas. Sua ascensão política, de acordo com Otoni Mesquita (2005, p. 287), desagradou a muitos e o motivo era este: por ele ser “jovem, solteiro e sua descendência africana era evidente na cor da pele. Não tinha fortuna, nem sobrenome aristocrático”. Durante o marcante período de seu governo ele fez aliados e encontrou muitos opositores entre os membros da elite local e em outras frentes.

Nesse período de incertezas também ocorreram algumas reuniões daqueles que trabalhavam na Imprensa. Os convites eram dirigidos aos redatores dos jornais e tipógrafos da capital para discutir seus interesses e a liberdade de imprensa no Amazonas. Um convite de reunião intitulado “Á Imprensa” foi divulgada no *Diario de Manáos* n.º 39, que seria realizada na escola

¹³¹ Em 1888, um anúncio da *Provincia do Amazonas* n. 173 registra Eduardo Ribeiro como professor de Desenho do Collegio 13 de Maio. Em 1890 ele fez parte do governo de Ximeno de Villeroy, chegando a tomar posse como governador interino por um breve período.

noturna do Partido Operario. Assinam o convite Amazonas d'Annuniação, Paulo T. Ponce de Leão e Antonio Leão. Esse último foi um dos redatores do Gutenberg.

O jornal *Gutenberg* começou a atuar em um ambiente político instável e, de acordo com Pinheiro (2015, p. 187), fez oposição ao novo governo. Esse teria sido um dos motivos que levaram ao empastelamento de sua oficina, a respeito do qual não se encontrou maiores informações. Em dezembro de 1892 foi publicado o periódico *Operário*, que sucedia o *Guttenberg* como representante da classe operária e incluía, além dos gráficos, comerciantes, militares e outros em sua nova composição. Também possuía uma oficina própria, a **Typ. do Operario**, que ofereceu seus serviços gráficos em anúncio no seu primeiro número. O jornal manteve as fortes censuras e críticas ao governo de Eduardo Ribeiro nos poucos números que saíram até o final de suas atividades.

Nos anos seguintes outros jornais, tipógrafos e trabalhadores deram continuidade a esse movimento, a imprensa operária,¹³² que – embora fosse numericamente modesta – era bastante significativa por dar voz e organizar essa parcela da população que era posta à margem do crescimento econômico experimentado pela região. Apesar de instruídos e com vencimentos maiores do que o de seus colegas trabalhadores urbanos, os gráficos, como lembra Pinheiro (2015, p. 169), eram parte do proletariado e não tinham o mesmo reconhecimento social de seus colegas da redação.

Segundo levantamento realizado, pelo menos dois dos primeiros redatores do *Gutenberg* trabalhavam no *Diario de Manáos*: Francisco Alves Medeiros, que era administrador do jornal em 1892, e Izidoro Vieira, que trabalhou em suas oficinas em 1893 e depois foi para a Redação do *Diario Oficial*, segundo o almanaque de 1895. Já Antonio Leão assumiu a gerência do jornal *O Imparcial*, em 1897, e de outros jornais nesse mesmo período, tais como o *Commercio do Amazonas* e a *Follha de Manáos*.¹³³ Ele tinha um irmão mais jovem, Flavio Leão, também tipógrafo e que trabalhou na Imprensa Official.

Na década seguinte outro jornal organizado pelos tipógrafos de Manaus parece ter sido publicado e circulado. Uma nota publicada no jornal *Estudante*, de 1.º de maio de 1911, informava que o jornal *O Guttemberg*, “deffensor dos typographos desta capital”, iria circular dia 20 de maio sob a direção de Cincinato Elias Ferreira, tendo diversos colaboradores. No entanto, não foram localizados exemplares desse período.

¹³² Ver a edição *Imprensa Operária no Amazonas* [transcrições e fac-símiles] de Maria Luiza Ugarte Pinheiro e Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro. Manaus: Edua, 2004.

¹³³ Esse jornal não aparece listado nos levantamentos consultados; no entanto, foram encontradas referências nos jornais do período, inclusive da venda de sua empresa tipográfica em 1898 no *Commercio do Amzonas* n. 289.

Em 1907 estava sendo organizada uma oficina de arte typographica no Instituto Affonso Penna, que foi fundado para ministrar ensino agrícola e industrial às crianças desvalidas e estava sob a direção de religiosos, em Paricatuba, nas proximidades de Manaus. Segundo nota do *Jornal do Comercio* n. 1038, de 1907, a oficina estava “aparelhada com cavalletes e caixotins, faltando a instalação dos prelos para começar a funcionar”. Três anos depois, a *Mensagem... 10 de julho de 1910*¹³⁴ (1910, p. 250) informava que apenas três oficinas estavam regularmente funcionando na instituição: a de alfaiate, sapateiro e marceneiro. Assim, a oficina de Typographia parece não ter tido continuidade em seu funcionamento.

Em 1910 encontrou-se dois registros de interesse para os trabalhadores gráficos: o início do funcionamento da Sociedade Beneficente das Artes Graphicas no Amazonas, que realizava constantes reuniões na cidade até pelo menos 1912, segundo os jornais da época. E o outro foi o funcionamento da Escola de Aprendizes Artificies, um estabelecimento organizado pelo governo federal que oferecia, dentre outros cursos, uma oficina de tipografia (MELLO, 2009 apud BENTES, 2015, p. 18). O *Jornal do Commercio* de 5 de outubro de 1910 informou que haviam sido inauguradas as oficinas de Typographia e Encadernação. Essa instituição parece ter sido a primeira a oferecer, de fato, a formação profissional do ofício de tipógrafo no Amazonas. As outras iniciativas registradas não tiveram comprovação de seu efetivo funcionamento.¹³⁵

De acordo com Pinheiro (2004, p. 11), além dos periódicos destacados aqui, circularam outros jornais operários do Amazonas: *Tribuna do Caixeiro* (1908), *Confederação do Trabalho* (1909), *O Marítimo* (1911), *Recordação* (1911), *Marinha Mercante* (1913), *A Lucta Social* (1913), *Folha Marítima* (1916), *O Constructor Civil* (1920), *O Extremo Norte* (1920), *Vida Operária* (1920) e *O Primeiro de Maio* (1928). Dentre esses, merece destaque a folha *A Lucta Social*, que teve como principal figura o artista gráfico português Tercio Miranda.

4.1.2 As livrarias em 1890

No início dos anos 1890 começaram a funcionar em Manaus três livrarias: 1. Livraria de H. F. Penna de Azevedo; 2. Livraria Classica de Silva & Gomes e 3. Palais Royal. Elas irão se manter em atividade por um período mais longo que aquelas citadas anteriormente, ainda que com mudanças de propriedade, como já havia acontecido com a Livraria Universal de Gillet.

¹³⁴ *Mensagem lida perante o Congresso dos Representas por ocasião da Abertura da primeira sessão ordinaria da setima legislatura em 10 de julho de 1910 pelo exm. sr. governador do estado dr. Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt acompanhada dos relatorios dos chefes de repartições.*

¹³⁵ O Collegio Rayol, segundo anúncio publicado no jornal *O Collegial*, de 7 de setembro de 1914, oferecia aulas práticas e teóricas de composição typographica, photographia, pintura dentre outras.

Essa livraria passou a propriedade a F. de Queiroz & C.^a em 1892, possuindo também serviços de impressão e encadernação. A partir de 1894 mudou-se para a rua Henrique Martins, de acordo com o aviso publicado no *Diario Official* n.º 289. Dessa forma, no início da década havia, pelo menos, quatro livrarias em atividade em Manaus, um indicativo promissor da expansão da cultura letrada, muito embora o percentual de analfabetos entre os moradores da capital fosse alto, segundo Ednea Mascarenhas Dias (2007, p. 49), chegando a quase 80%.

A Livraria de H. F. Penna de Azevedo ficava na Rua Municipal e também se apresentava nos anúncios como Livraria de Ferreira Penna & C.^a. Ela era também uma papelaria e anunciava seus produtos ostensivamente no jornal *Amazonas* em 1890. Em dois anúncios publicados no *Amazonas* n.º 2050, de 1890, oferecia vários materiais de escrita como papel, lápis, canetas finas e ordinárias, livros em branco e muitos outros produtos mais comuns a uma papelaria. E no outro breve anúncio informava vender livros para instrução “por menos de 10% que em outras livrarias, contanto que seja a dinheiro. Ver para crer”. O desconto dado acentua a presença e a concorrência das outras livrarias.

Dentre as edições que a Ferreira Penna destacou em anúncios estavam *Jack o estripador*, anunciado como “grande romance de actualidade, ilustrado com gravuras de James Midleton”; *Exilados da Terra*, de Andre Laurie, e *Discursos*, de Alves Mendes.¹³⁶ Também vendiam “machinas photographicas do systema moderno”, de acordo com um anúncio do *Amazonas* n. 2013. Um anúncio do Eden-Theatro, depois de informar os espetáculos, dizia que os libretos estavam à venda também na Livraria de Ferreira Pena.¹³⁷ A livraria foi vendida em 1.º de novembro de 1891 para Daniel Joaquim Ribeiro Netto, segundo aviso publicado no *Diario de Manãos* de 10 de novembro de 1891. Apesar da venda, o estabelecimento continuou sendo identificado como Livraria e Papelaria Ferreira Penna, de D. J. Ribeiro Netto, mantendo-se em funcionamento até pelo menos 1911, já de propriedade de J. Renaud.¹³⁸

“Muzicas para piano” era o título do anúncio publicado no *Amazonas* n. 2097 em 1890, sendo oferecido pela Livraria Papelaria e Encadernação de Silva & Gomes. Por causa da concorrência, a Livraria Classica de Silva & Gomes fazia uso extensivo de anúncios em jornal, sobretudo no *Diario de de Manaos*, mas também no *Amazonas*. Os produtos eram diversificados: além de produtos de papelaria, fazia assinatura de revistas, vendia máquina de costura,

¹³⁶ Retirado do jornal *Amazonas* n. 2079, de 5 de novembro de 1890.

¹³⁷ De acordo com o anúncio do *Diario de Manaus* n. 190, de 13 de janeiro de 1891.

¹³⁸ O *Jornal do Commercio* n.798 registrou, em 1906, a Livraria Ferreira Pena de propriedade de J. Renaud. A última referência encontrada sobre o estabelecimento foi na edição n. 2678 do mesmo jornal, em 1911.

binóculos, além de edições, mapas e impressos (Fig. 72). Ela também anunciou seus serviços de impressão e encadernação.

O comércio de edições musicais era significativo em Manaus e, nesse período, parece ter se intensificado. Além das livrarias, como a Clássica, que em 1893 informava ter mais de 200 títulos musicais,¹³⁹ outros estabelecimentos comerciais ofereciam as publicações. A Alfaia-taria Vida Nova informou, em anúncio do *Amazonas* de 24 de março de 1893, que tinha recebido uma nova remessa de músicas para piano, organizadas em quadrilhas, valsas, polkas, tangos e gavote. Nessa mesma edição do jornal havia um anúncio de retratos a crayon da Livraria Clássica, no qual afirmavam ser os únicos agentes locais da Companhia Sprayne & Hallaway, de Nova York, de quem encomendavam o serviço.

Esse trabalho, um retrato ampliado pintado em tela e feito a partir de uma fotografia, parece ter sido popular, pois também foi anunciado no jornal *Amazonas* n.º 56, de 1893, com o título de “Retratos a Crayon e aguarellas inalteráveis”. O serviço era produzido pela United Artist Association, em Chicago, mas intermediado por um representante local. Arturo Luciani também oferecia o serviço de retrato a óleo e a crayon, além de quadros em figura e paisagem, de acordo com anúncio publicado no *Amazonas* de 11 de outubro de 1890.

Figura 72 – Anúncios da Livraria Classica de Silva & Gomes publicados no *Diario de Ma-naós* em 1891-1892, ao centro, destaque para as oficinas de encadernação e tipográfica.

Litteratura Moderna
LESAGE.—Gil BRAZ de SANTILHANA.—2 vts. encadernação de luxo, em percallina amarela, contendo 100 gravuras intercaladas no texto, e 30 allegrophias em separado.
PINHEIRO CHAGAS.—TRISTEZA à BEIRA-MAR.
—A LENDA DA MEIA NOITE.
—O JURAMENTO DA DUQUEZA.
—A MASCARA VERMELHA.
—A JOIA DO VICE-REI.
MAX O'RELL.—JOHN BULL E A SUA ILHA.
JULIO CEZAR MACHADO.—CANTOS DO LUGAR.
RIHEL.—A FERREIRA DE PEREIRA.
MENINÉE.—CARMIN.
SILVEIRA DA MOTTA.—VIAGENS à GALLEZA.
—QUADROS DA HISTORIA PORTUGUEZA.
RAMALHO ORTIGÃO.—HIGIENE DA ALMA.
ALBERTO PIMENTEL.—O FRADE VIRTUOSO.
PONSON DU TERRAIL.—A JUDIA.—3 vts. encadernados.
Preços sem competencia!
Circulando e alienando os melhores livros para estas obras que acabam de sair á luz da publicidade.
A venda na Livraria Classica de
479) **SILVA & GOMES**
RUA DEODORO

MAPPAS
—DO—
Estado do Amazonas
Preço reduzido..... 23000 rs.
Livraria Classica
—DE—
SILVA & GOMES
Grande deposito
—DE—
MACHINAS DE COSTURA
Dos melhores fabricantes
SINGER
DOMESTIC, etc.
e pertences para as mesmas
Deposito tambem das machinas Antomáticas de Singer sem lancetora
PREÇOS MODICOS
Livraria Classica
—DE—
SILVA & GOMES

BINOCULOS
para campo e theatro de couro e maiorperola.
LIVRARIA DE SILVA & GOMES
Typographia e Encadernação de Silva & Gomes.
Nesta bem montada officina executam-se com perfeição qualquer trabalho tanto de typographia como de encadernação.
materias americanas
Preços sem competencia
As encomendas são tomadas na **Livraria Classica de Silva & Gomes**

A Estação
Jornal de modas parisiense dedicado ás senhoras brasileiras (quinzenal)
Preço da assignatura
Capital, um anno—18.000
" seis mezes—10.000
Interior, um anno—22.000
" seis mezes—12.000
As assignaturas são pagas adiantadamente. Começo em qualquer mes e terminam sempre em Junho e Dezembro.
LIVRARIA CLASSICA DE SILVA & GOMES

MUSICAS NOVAS
Escala de chegar uma grande variedade de musicas novas para piano, banda, orchestra, etc., como se vê abaixo, e que se vendem na Livraria Classica de SILVA & GOMES.
WALSAS — Amor e primavera, Estação de Nice Meu Randonim, Te volte a ver! e Sobre as ondas.
POLKAS — Li! Li! Sun! Sun! e A mensagem secreta.
QUADRILHAS — Cadiz, Amor secreto e Gavotte.
MUSICAS INSTRUMENTALES PARA BANDA — Estação de Nice, Goro Brimos e Valada de Nice.
PARA ORCHESTRA — Pomba e Sobre as ondas.

Livraria Classica
Collecção completa de C. C. Branco, edição especial, nitidamente impressa e encadernada em percalline. Collecção completa das obras do grande escriptor G. de Amorim.
" Musica em ferias G. Jun queiro
" Collecção completa de C. d'Alves.
" " " C. d'Alves.
Nocturnos G. Crespo.
Collecção d'Estudos para piano.
Methodos para flauta
" " " rabelca
" " " clarinetta
" " " piano
Cordas para instrumentos.
Theatro por Gomes do Amorim
" Aleijes sociaes"
" Figado de tigre"
" Incognitos do Mundo".
Na Livraria Classica

A \$2000 o volume
A Dumas
As Duas Dianas 3 volumes
Vinte annos depois 2 " "
A Rainha Margot 2 " "
O Visconde de Bragelone 6 vols.
Os quarenta e cinco 3 vols. edição illustrada.
Livraria Classica de Silva & Gomes.

LEIS
Manua da Justiça Federal.
Lei do casamento civil com todos os decretos e artoes
Novo Regimento de custas
Nova Gram deoral
Estes livros ultimamente editos vendem-se na Livraria Classica de Silva & Gomes

Livraria Classica
—DE—
SILVA & GOMES
Rua Th. doreto Souto
no 3
E praça de Tamandaré
Neste bem montado estabelecimento, o primeiro na sua genero n'esta praça, encontra-se sempre a par de actualidade dos seus proprietarios e da attenção dos seus empregados, um completo e magnifico sortimento do seguinte: Papel de todas as qualidades tanto para escripta como para impressão, desenho, forte de cana, papel e guarda de livros, etc., muita variedade de diversas cores, livros em branco de todos os tamanhos e qualidades, livros de instrucção, grande variedade de romances modernos; tinteiros de diversos qualidades (comrimentos completos); quadros oleographicos (o que ha de mais chã e deo genero); pennis e lapiseiras de ouro, e outros artigos de phantasia proprios para presentear.
Além d'isto, ha sempre em deposito machinas de costura de diversos fabricantes, malas, quadradeiras, uckeladas e de amon, e muitos outros objectos, que fôrto de importancia para não sermos esquecidos, mas taes objectos estão sempre expostos a venda.

Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

¹³⁹ De acordo com o anúncio do *Amazonas* de 5 de janeiro de 1893.

A Livraria Classica divulgou várias “novidades literárias” nas páginas dos jornais. Em 1893 anunciou edições de Guerra Junqueira, Eugene Sue, G. Lobato, Dr. Stuard e outros, além da coleção completa de Camilo Castelo Branco e do livro *Historia do Brazil*, de Carlos Pinho, obra adotada pela Instrução Publica.¹⁴⁰ Em dezembro de 1895 a Livraria Classica declarou a venda das “mercadorias existentes em nosso estabelecimento de livraria e papelaria” a Francisco Antogini.¹⁴¹ Três anos depois a livraria foi novamente vendida, segundo anúncio do *Commercio do Amazonas*, de 15 de dezembro de 1898, e o seu proprietário era Jayme & Camara. Nessa mesma edição a Livraria Classica oferecia assinatura do *Jornal de Modas* e de *A Estação*, além de informar que produzia qualquer feitiço de carimbos de borracha. Em 1905 seu proprietário era Joaquim Jacintho da Camara (J. J. Camara), a livraria parece ter tido uma trajetória bastante longa.¹⁴²

A terceira livraria que começou a funcionar nesse período, e a quarta no geral, também possuía oficinas tipográfica e de encadernação e seu nome afrancesado podia ser lido em vários anúncios: **Palais Royal** de Aguiar Rocha & C. Em 1892 se localizava na Rua Guilherme Moreira, 33, tendo em vários anúncios a informação de que sua loja tinha a “frente carmezin”, talvez como uma forma de distinguir sua localização. Seu nome fazia referência a um palácio parisiense e se reportava ao modelo de civilização almejado, a França. Esse expediente de nomear uma casa comercial com essa referência já tinha sido feito na loja Ville de Pariz, ainda no final da década de 1860, ou ainda a casa Au Palais Royal do Surdo, em 1884, e a loja Ao Bom Marché, esta já na década de 1890. Firmas inglesas e algumas italianas também começaram a se instalar em Manaus nessa década (1890).

Tal como a Livraria Classica, a Palais Royal anunciou de forma intensiva nos jornais com diversos anúncios oferecendo uma infinidade de produtos. Em 1892 ela ressaltou “máquinas de costura” da marca Singer no *Diario de Manáos* n.º 38, a qual foi descrita como “Facil de Funcionar, Simplicidade, Solidez, Trabalho Superior, e Elegancia”. Também anunciou a venda de acessórios e o conserto de máquinas de costura. Em outro anúncio, da mesma edição do jornal, a Palais Royal destacava livros de instrução primária e secundária, livros em branco para escrituração mercantil, bem como papéis de todas as qualidades. E havia mais: perfumaria fina, quadros com molduras, oleographias, chromos, harmonicos, brinquedos e os serviços de encadernação e de impressão em sua oficina tipográfica.

¹⁴⁰ Retirado da edição n. 143 do *Diario de Manáos*, de 29 de dezembro de 1893.

¹⁴¹ Segundo nota publicada n’*A Federação*, de 12 de dezembro de 1895.

¹⁴² Nos exemplares do *Jornal do Commercio* consultados na Hemeroteca da Biblioteca Nacional encontrou-se registros esparsos de atividade da Livraria Classica até a década de 1960.

No ano seguinte (1893), a livraria se apresentava como Palais Royal de Lino Aguiar, sendo que antes era de Aguiar Rocha & C. Em anúncio ela dizia ser “o mais importante no gênero, acaba de passar por uma reforma completa, adaptando-se ao espírito da época e às esquisitices deste ‘Fim de Seculo’, isto é – Vender Muito e Vender Barato!” O anúncio foi publicado no *Diario de Manaos* de 17 de maio de 1893 e trazia ainda outras frases de efeito, tal como esta: “O Palais Royal está ponta vão ver para crer”; e ainda esta: “Um verdadeiro empório de novidades”. Nessa mesma edição do jornal outra livraria anunciava, de forma mais discreta, diversos serviço e produtos, trazendo o nome de F. P. Boulitreau Livraria e Papelaria. O anúncio foi repetido algumas vezes, nele constando a obra “mez de maria”, que dizia ter sido aprovada pelo Bispo de Olinda. O que confirma que o estabelecimento era uma livraria de Recife e estava anunciando em Manaus.¹⁴³

É possível presumir que a livraria prosperou, já que em maio de 1896 a Palais Royal mudou seu endereço para a “Rua Municipal junto ao Correio, onde foi a Mercearia do Pereira”, segundo nota do *Diario Official* n.º 721. Tal como as outras livrarias citadas ela vai se manter em funcionamento por um longo período, tornando-se, como dizia seu anúncio acima, o empreendimento mais importante do Amazonas, pelo menos quanto à sua atividade gráfica. Na década seguinte, a Palais Royal assumiu um certo protagonismo no cenário local e sua história será melhor descrita mais à frente.

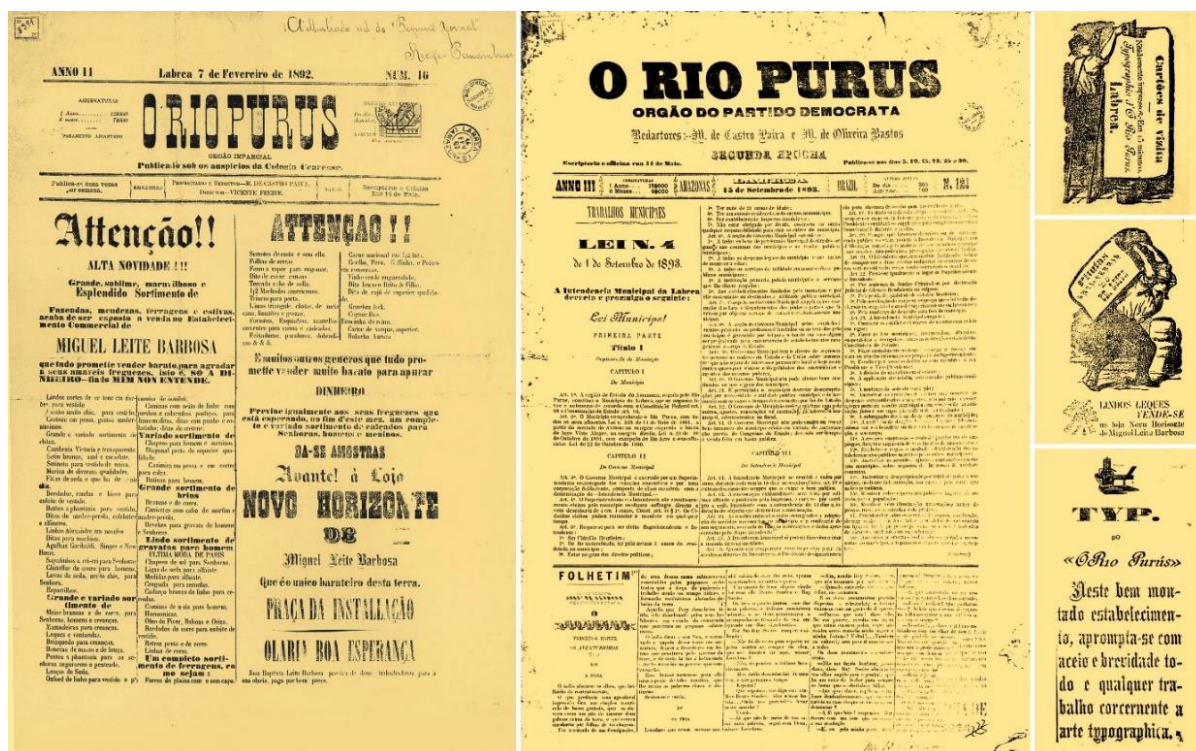
Já em outras cidades do estado, no interior do Amazonas, a circulação de livros e de impressos parece ter alcançado um maior desenvolvimento, uma vez que foi encontrado um registro de interesse no jornal *O Rio Purus*. A folha se apresentava como Orgão Imparcial, publicado sob os “auspícios da Colonia Cearence” (Fig. 73) e sua oficina, a **Typ. d’O Rio Purus**, anunciou em 7 de fevereiro de 1892, uma pequena lista de edições descritas por autor. Algumas dessas eram literárias, tais como *Versos modernos*, de Luiz Nobrega, e *Aurelia* (romance), mas também política, um *Manifesto republicano de 1870*; um *Formulario de Therapeutica, Methodo de aprender a ler, Synopsis de Zoologia* e outros. Dessa forma, tal como a Typ. de Francisco da Silva Ramos, a oficina tipográfica do jornal *O Rio Purus* também funcionava como livraria, assim como informava receber “encomendas de quaesquer musicas”.

No ano seguinte o jornal informou ser Orgão do Partido Democrata, havendo a partir daí uma acentuada mudança na composição gráfica do jornal: seu formato aumentou e novos tipos e ornamentos passaram a ser utilizados (Fig. 73). Na edição d’*O Rio Purus* de 15 setembro de 1893 foram encontrados três anúncios com clichês, com uma ilustração tipo reclame, tendo

¹⁴³ A Livraria Fluminense, de José Augusto Teixeira Pinto, funcionava em Belém do Pará e também anunciava em Manaus, no jornal *Commercio do Amazonas*, de 12 de novembro de 1900.

uma área vazada para inserir as informações necessárias. Dois são de um homem em uma escada colando um cartaz na parede; o outro é de um trabalhador carregando um baú (Fig. 73). E o anúncio de sua oficina tipográfica é ilustrado com uma vinheta de um prelo, apresentando o estabelecimento como “bem montado”, pronto para produzir trabalhos impresso com “aceio e brevidade”. Outros dois menores oferecem a impressão de cartões de visita.

Figura 73 – A mudança de composição de *O Rio Purus* (1892), jornal publicado em Lábrea, e, à direita, detalhe de anúncios publicados nele.



Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

4.1.3 Vistas: de um souvenir e do sonhado álbum

Desde 1890 a preparação para a realização da Exposição Universal de Chicago (EUA) e a organização da participação local eram temas de notas e matérias nos jornais locais. Mesmo depois do seu encerramento, em 1893, continuou a ser comentada. Pelo relato do representante do Amazonas na exposição, Dr. Lauro Baptista Bittecourt, sabe-se que o carregamento com os objetos da representação local chegou no dia 1.º de abril em Nova York,¹⁴⁴ sendo remetido imediatamente a Chicago. Contudo, nessa estadia nova-iorquina, o representante do governo

¹⁴⁴ De acordo com o *Diário Oficial* n.º 132, de 1894.

local diz ter pesquisado os preços para a impressão do “Album de Vistas” e de outra edição, a “Memorias sobre o estado do Amazonas”. Para efetuar esses serviços resolveu contratar a oficina tipográfica de John Scheidig & C.^a já que ela havia oferecido a proposta mais vantajosa.

Figura 74 – Álbum *A cidade de Manaus e o País da Seringueira* (1893): capa ilustrada e vistas da civilizada cidade.



Fonte: Capa retirada do catálogo do 14.º leilão da Fólío Livraria; todas as demais são do acervo do autor.

Ainda de acordo com o relato, em setembro de 1893, o álbum de vistas, um catálogo de madeiras e o memorial sobre o Amazonas foram impressos e distribuídos na Exposição Uni-

versal de Chicago. O álbum de recordação da representação do Amazonas na exposição colombiana foi intitulado *The City of Manáos and the Country of Rubber Tree* (A Cidade de Manaus e o País da Seringueira).¹⁴⁵ Ele tem o formato oblongo e uma capa ilustrada com a imagem de um seringueiro na floresta, tendo o rio à sua direita (Fig. 74). Diferente do almanaque de 1884 e do livro ilustrado de Sant’Ana Nery, esta publicação sustentou seu discurso de divulgação da região apenas pela narrativa fotográfica de suas páginas. Elas registraram o maior desenvolvimento e as mudanças operadas em Manaus antes do plano de embelezamento de Eduardo Ribeiro, que estava em andamento.

Era um pequeno panorama impresso que fazia a divulgação das duas visões expressas em seu título: seu núcleo urbano e civilizado – Manáos – e o lugar ainda selvagem onde se dava a extração da valiosa borracha – o país das seringueiras. A viagem que o álbum propiciou aos estrangeiros na exposição de Chicago se inicia num lugar seguro, em imagens dos prédios públicos e no espaço urbano. São praças, ruas e habitações da cidade de Manaus, sua frente (vista do rio), sua estação de bombeamento de água, o mercado, o projeto da fachada de seu teatro até o Banco de Manáos (Fig. 74).

Uma ponte ou *intermezzo* é feito em três imagens: a ilha de Marapatá, a estrada da Colônia Oliveira Machado e o cemitério da cidade, fazendo passagem para a floresta de onde vinha a riqueza elástica extraída da seringueira. Nesse outro domínio, a primeira visão da figura de um jovem seringueiro do Rio Purús, segurando uma arma sobre o ombro e seu instrumento para retirar o látex na mão direita (Fig. 75). De acordo com Daou (2014, p. 133), esse tratamento dado ao trabalhador extrativista, representado como soldado da borracha, é parte do esforço para expressar a “domesticação da natureza” e a “implantação de um processo civilizador”.

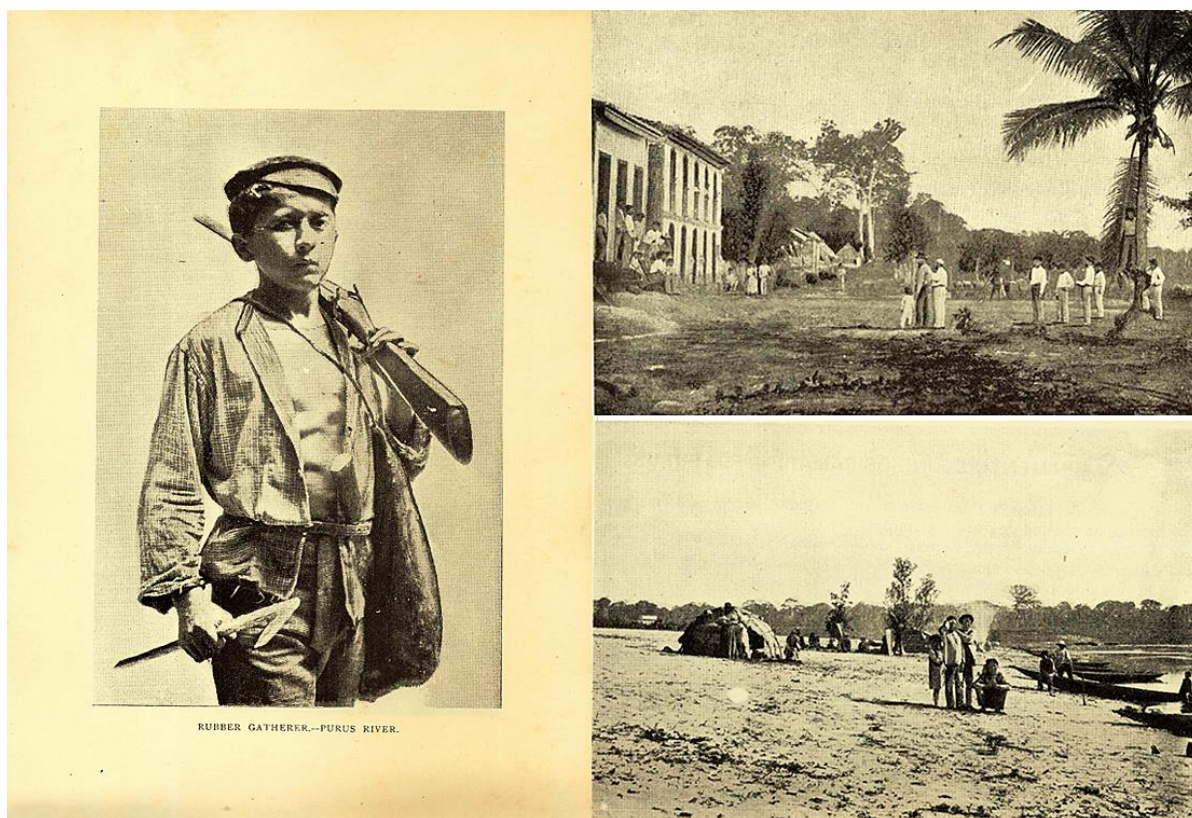
A sequência de fotos mostra, então, a esperada visão do exótico para os leitores-espectadores estrangeiros. São imagens fotográficas de indígenas, paisagens, árvores, frutos e animais, embarcações, e um pouco da vida nos seringais (Fig. 75). A obra não identifica a autoria das fotografias, nem nomeia a oficina tipográfica que o produziu, mas que foi identificada acima pelo relato do representante do governo local.

Pouco tempo depois, um grandioso álbum de vistas começou a ser planejado para trazer informações detalhadas sobre o Amazonas e representar esse momento de transformações que ele então vivia. Em março de 1894, a Livraria Classica ofereceu assinatura da publicação de luxo organizada em cinco volumes com a “notícia fiel e minuciosa dos recursos naturaes e da

¹⁴⁵ Em 1988 o Fundo Editorial da Associação Comercial do Amazonas publicou uma em reedição da obra, acrescida com textos de Antonio Loureiro.

vida social do Estado do Amazonas”.¹⁴⁶ Era o *Amazonas Illustrado*, obra a ser produzida com o patrocínio do Governo do Estado e deveria ser um trabalho grandioso. Para isto estavam previstos os seguintes volumes: 1. O Amazonas, descrição geral; 2. A capital, o Rio Negro, o Rio Branco; 2. O Madeira, o baixo Amazonas; 4. O Purús; e 5. O Juruá, o Solimões, o Javary.

Figura 75 – Visões do país da seringueira: o soldado da borracha, um barracão de seringalista e um acampamento de índios Pamari, ambos no Rio Purus.



Fonte: Acervo do autor.

Cinco meses depois do primeiro anúncio, a preparação do primeiro volume d’*O Amazonas Illustrado* parecia seguir um bom andamento, de acordo com o *Diario Official* de 7 de agosto de 1894. Sua organização estava sendo feita com “o maximo cuidado, afim de que saia á altura da sua importancia, e possa produzir os resultados que d’ella se devem esperar”. A publicação teria uma parte ilustrada e deveria ser “tambem opulenta em photographias e desenhos”. Estava sob a direção de Arturo Luciani, que havia se licenciado do cargo de professor e, assim, viajou pelo interior do Estado para documentar a região para a obra.

¹⁴⁶ De acordo com o *Diario Official* n.º 83.

Esse anúncio prometia para breve a publicação da introdução da obra, o que só acabaria acontecendo no ano seguinte (1895). O texto foi escrito por João Affonso, apresentado como gênio empreendedor e comerciante também dedicado à literatura, pintura e outras belas artes. De acordo com a notícia publicada no *Diário Oficial* de 6 de agosto de 1895, Luciani em breve partiria para a Europa a fim de buscar o primeiro volume do *Amazonas Illustrado*. Além dos dois citados, destacou ainda os esforços do coronel Caetano Monteiro da Silva. O primeiro volume da publicação deveria ser distribuído em Manaus ao final desse ano, mas isso não aconteceu. Somente quatro anos depois, em 1899, surgiram outras notícias sobre esse sonhado e inacabado projeto, quando outro álbum foi publicado.

4.1.4 A Imprensa Oficial

A relação de Eduardo Ribeiro com a imprensa local foi conturbada ao longo do exercício de seu governo (1882 a 1896) e também após ele. Além de críticas aos seus atos, ele foi acusado de enriquecimento ilícito, sua vida particular foi objeto de intrigas e difamação. Em seu governo, os ganhos financeiros crescentes advindos da exportação da borracha foram traduzidos em um detalhado Plano de Embelezamento da Manaus. Ainda em 1892, o conjunto de obras e projetos começou a ser colocado em prática, tornado a capital do Amazonas um grande canteiro de obras. De acordo com a *Mensagem... em 10 de julho de 1893*,¹⁴⁷ prédios foram desapropriados para o nivelamento e ampliação de ruas e abertura de avenidas. Alguns igarapés que cortavam a cidade começaram a ser aterrados, tendo também início a construção de pontes, praças e de grandes edifícios públicos, tais como o Palácio do Governo e o Teatro Amazonas. As obras para o prédio da Imprensa Oficial do Estado também igualmente tiveram início “em um dos melhores pontos da rua Municipal de solida construção, vasto, com espaço para a redação e varia oficinas” (1893, p. 10).

Vários contratos foram assinados para dotar de calçamento em paralelepípedos a Rua Municipal, para o fornecimento da iluminação pública por meio da energia elétrica e a construção de pontes para permitir o estabelecimento do serviço de transporte usando bondes. Ainda de acordo com a *Mensagem...* citada acima (1893, p. 9), as edificações e o plano original da cidade de Manaus era cheio de defeitos, “quase primitiva”. Dito de outro modo, era o oposto do que uma moderna cidade deveria aspirar; por essa razão, uma planta cadastral estava então

¹⁴⁷ *Mensagem do Sr. Dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro governador do estado lida perante o Congresso dos Representantes, por ocasião da abertura da segunda sessão ordinária em 10 de julho de 1893*. Manaus: Typographia do Diário Oficial do Estado do Amazonas, 1893.

sendo levantada para regularizar o desenho da cidade e aumentar o conhecimento sobre a organização da cidade.

Além do embelezamento das praças da Matriz e do Tesouro Estadual, estavam sendo executados reparos em edifícios públicos, a abertura de uma estrada até a Villa de Boa Vista no rio Branco. E para o porto de Manaus várias melhorias estavam sendo planejadas. Não por acaso, Otoni Mesquita, em sua tese¹⁴⁸ (2005), refere-se a esse momento como de redefinição da imagem da cidade que, tal como um produto, um livro talvez, estava sendo projetado-escrito para desempenhar seu papel de centro urbano civilizado e próspero.

A Imprensa Oficial foi inaugurada na festiva data de 15 de novembro de 1893 e, nesse dia, seu novo edifício ficou aberto à visitação e foi descrito como “um dos mais solidos e elegantes edifícios da nossa capital” e também de “bom gosto” (Fig. 766). De acordo com a descrição publicada no primeiro número do *Diario Oficial*, que assim assumiu a publicação dos atos e do expediente do governo. Essa primeira edição do jornal possui oito páginas e, após publicar toda a matéria do governo até a sexta página, então *Diário* se apresentou em um breve texto: era o órgão oficial da administração e tinha o dever de lutar e apoiar os interesses do Estado tal como um “advogado sincero”. Suas oficinas aguardavam a chegada do restante dos seus tipos, equipamentos e outros materiais vindos dos EUA e da Europa. Havia mais: estava previsto o funcionamento das oficinas de encadernação e litografia, que esperavam a compra dos equipamentos necessários.

O engenheiro Armenio de Figueiredo foi o responsável pelo projeto do edifício onde funcionava a Imprensa, ainda segundo essa primeira edição do jornal. É possível supor que ele não deve ter previsto todas as necessidades espaciais de um empreendimento gráfico e suas diversas oficinas e tarefas, dado que, no ano seguinte, a *Mensagem... 10 de julho de 1894*¹⁴⁹ destacava que o prédio deveria ser ampliado e o prédio ao lado já havia sido adquirido, faltando apenas a aprovação dos recursos para promover essa expansão. Em 1896, a verba necessária ainda não tinha sido autorizada; logo, foi novamente pedida. Contudo, em 1895 já estava em funcionamento a oficina de encadernação, de acordo com o almanaque desse ano, a qual informava que brevemente deveria “ser montada uma importante Officina litographica”.

Desde então as edições do *Diario Oficial* (D.O.) registraram alguns fragmentos sobre os agentes do circuito gráfico, como a atuação da Junta Commercial do Estado do Amazonas.

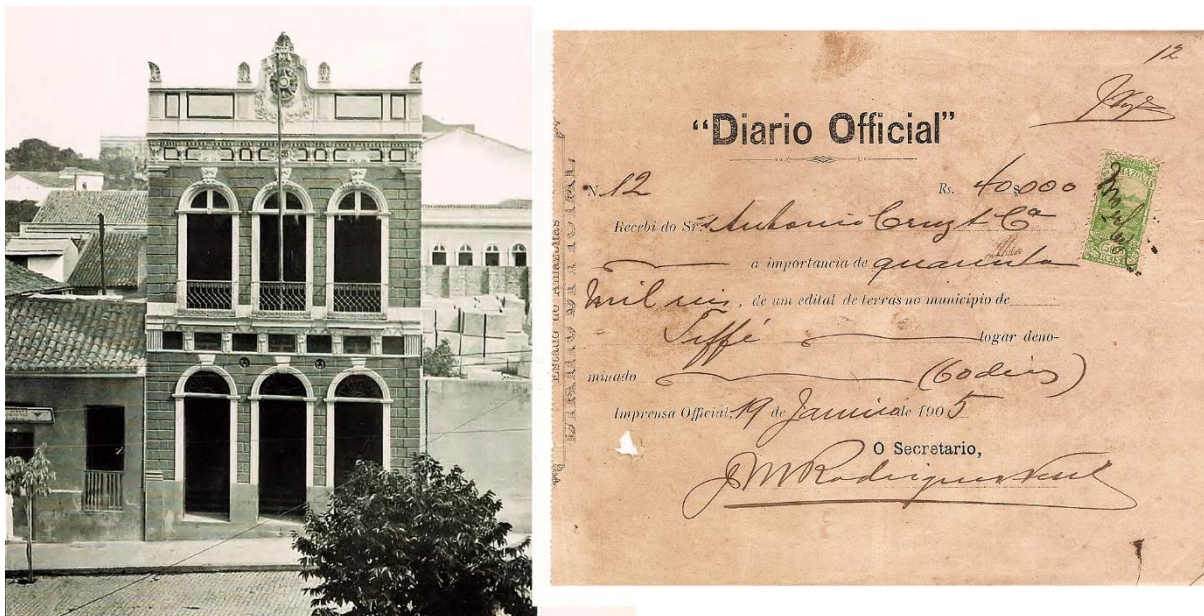
¹⁴⁸ *La Belle Vitrine o mito do progresso na refundação da cidade de Manaus – 1890/1900*. Defendida na Universidade Federal Fluminense em 2005.

¹⁴⁹ *Mensagem lida pelo Snr. Governador Dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro ao Congresso do Estado do Amazonas em 10 de julho de 1894*. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1894.

Dentre suas atribuições, cabia a ela o registro do desenho de uma marca e rotulo de empreendimentos locais, um procedimento que garantia o direito de uso exclusivo de sua “marca registrada”. Na edição do dia 29 de novembro de 1894 do *Diario Official* encontrou-se uma notícia sobre a certidão de registro completo de marca ou rótulo do Café Quinado Beirão.¹⁵⁰ Seu inventor era João Beirão, que então pedia o registro de seu rótulo e o anexava junto à petição.

O rótulo foi descrito como tendo 66 x 118 mm e, ao alto, em 55 mm. No lado esquerdo um medalhão com o retrato do seu autor, encimado pelo letreiro marca registra. Do lado direito uma estrela azul em etiqueta branca recortada e, por cima, em letra encarnada, Café Quinado Beirão; abaixo, em 63mm, as palavras: “contras as fébres intermitentes, Café Quinado Beirão, João Beirão, modo de uzal-o, não tem resguarde nem dieta”, feitas a letra encarnada e o restante dos dizeres do rótulo em tinta preta. Essa é uma das primeiras menções ao registro de uma marca ou rótulo de um empreendimento local.

Figura 76 – Vista do edificio da Imprensa Official, inaugurada em 1893, e Recibo do *Diario Official*, impresso efêmero datado de 19 de janeiro de 1905.



Fonte: *Álbum do Amazonas 1901-1902*, Biblioteca Nacional e, à direita, acervo do autor.

Após três anos de funcionamento, a Imprensa Official, de acordo com a *Mensagem...* 1896,¹⁵¹ estava provida do melhor material gráfico e funcionava com a máxima regularidade,

¹⁵⁰ Esse produto era comercializado também em Belém e continuou a ser vendido em Manaus pelo menos até 1920, de acordo com anúncio desse ano publicado no *Jornal do Commercio* n.º 5.930.

¹⁵¹ *Mensagem lida perante o Congresso dos Srs. Representantes em 1.º de março de 1896 pelo Exm. Sr. Dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro governador do Estado*. Manaus: Imprensa Official do Estado, 1896.

fornecendo os impressos para as repartições públicas e atendendo a demandas particulares (1896, p. 16). O documento afirmava ainda que seria de interesse público a montagem das oficinas de encadernação e de litografia, pois muitos trabalhos são confiados a mãos estranhas, quando seria vantajoso produzi-los na Imprensa Official. Esse relato contradiz, em parte, a informação do almanaque de 1895, o qual afirmava que a Imprensa Official já oferecia serviços de encadernação. Talvez suas oficinas se encarregassem do serviço, mesmo sem ainda estar devidamente montadas para esse fim. Em 1905 a Biblioteca Publica funcionava junto com o Archivo e a construção de um prédio próprio já havia iniciado em um terreno situado ao lado da Imprensa Official, de acordo com *Mensagem...* de 1906.¹⁵²

É válido lembrar que Mario Ypiranga Monteiro (1986, p. 10-14) ressaltou a importância da Imprensa Official como difusora de cultura no Amazonas, pois vai se configurar em um importante agente de publicação. E também pelos seus equipamentos gráficos vindos da Europa e dos EUA que possuía, tais como linotipos, daguerreotipia, equipamentos para encadernação e outros, que “na época nenhuma casa impressora de Manaus faria em concorrência”. Também havia o seu pessoal habilitado, o que resultava em obras de qualidade superior, algumas ganhadoras de prêmios em exposições nacionais e internacionais, ainda segundo Mario Ypiranga (1986, p. 14). No entanto, o autor não identificou com exatidão a que período de funcionamento da Imprensa Official ele se referia. É possível que seja após 1910, quando as primeiras referências ao equipamento de Linotipo citado são registradas em Manaus. Na Imprensa Official, segundo levantamento feito, ele entrou em funcionamento apenas em 1918.

No início do seu funcionamento até a primeira década do século XX, segundo os registros consultados nos jornais do período, observou-se que seu funcionamento e suas condições oscilaram muito, acompanhando as mudanças políticas e na sua direção. Esse ponto ajuda a explicar o fato de que, decorridos apenas cinco anos de sua fundação, os trabalhadores gráficos da Imprensa Official tenham ficado um período, no final de 1898, sem receber seus pagamentos,¹⁵³ de acordo com uma nota no *Commerio do Amazonas* n.º 339. Essa nota também denunciou a situação de um “virador do prelo” que havia sido dispensado sem ter recebido os seus vencimentos, ao que o jornal pedia providências ao diretor. Além disso, vários relatórios oficiais foram produzidos em outras oficinas tipográficas no final do século XIX e início do século XX,

¹⁵² *Mensagem Lida perante o Congresso dos Representantes Por ocasião da Abertura da 2.ª sessão ordinaria da 5.a Legislatura, em 10 de julho de 1905 pelo Exm. Snr. Dr. Governador do Estado Antonio Constantino Nery Acompanhada dos Relatorios dos Chefes de Repartições*. Manaus: Typographia a vapor do Amazonas, 1906.

¹⁵³ Em 1906, o jornal *Correio do Norte* n. 131 noticiou que a Imprensa Official estava com o pagamento de seus funcionários atrasado há cinco meses.

o que indica uma certa dificuldade da Imprensa Oficial em atender às demandas e aos padrões gráficos então exigidos pelo governo.

4.2 A todo vapor

O expressivo aumento no número de oficinas tipográficas no final da década de 1880 prosseguiu no período seguinte. De 1886 a 1889 foram 15 novos estabelecimentos; de 1881 a 1885 foram apenas 3, totalizando 18 na década de 1880. Essa alta se manteve até a metade de 1890, segundo o levantamento feito. De 1890 a 1895 foram mais 15 novas Typographias no Amazonas e mais 6 oficinas gráficas a partir de 1886, totalizando 21 na década de 1890. Esse número estabelecia um marco de crescimento para o setor, de 1886 a 1895, com trinta novos estabelecimentos gráficos de diversos tamanhos, com composições tecnológica, materiais e de mão de obra bastante diversas.

Esses números se referem apenas às novas Typographias que entraram em funcionamento nesses períodos, ficando de fora as oficinas que já estavam estabelecidas e mantiveram suas atividades. Esse intenso movimento foi acompanhado por uma maior modernização dos equipamentos, sobretudo no final e início do século como se verá adiante com a introdução de oficinas a vapor, além de outros melhoramentos. Ainda assim, pode-se perceber que as inovações tecnológicas chegavam tardiamente no circuito local e alguns tipos de impressão, como a litográfica, ainda não eram realizadas localmente.

Essa elástica ampliação do agente de produção gráfica reflete um período de intensa luta política em um momento de transição e inquietude com a mudança na forma de governo brasileiro, associado ao maior crescimento econômico da região. Vários grupos e associações que estavam à margem da comunicação impressa tiveram a possibilidade de utilizar a tecnologia gráfica para publicar e divulgar suas ideias e defender seus interesses em um jornal. Por sua vez, essas folhas podiam ser publicadas em equipamentos melhores, próprios para grande tiragens ou ainda de forma artesanal nas oficinas tipográficas menores.

Outro fator a ser considerado diz respeito ao surgimento de novas casas comerciais e empreendimentos, vários estrangeiros, assim como um número maior de profissionais liberais oferecendo seus serviços nos jornais e de um modo de vida mais burguês. Assim, um outro mercado foi se formando com a introdução dos clientes individuais. Seja do bacharel interessado em imprimir seu papel timbrado, recibos, cartão de visita e outros. Seja da jovem de sociedade que vai escolher o papel e contratar a impressão de um convite ou *carte de visite* em

um dos ateliês fotográficos da cidade. Ou ainda da família que assina jornais e revistas, adquire livros para o ensino do filho, talvez tenha uma biblioteca particular e contrate os serviços de um encadernador. Eis aí uma demanda que não era notada anteriormente, mas que era importante nesse período, quando vários anúncios de *Typographies* se dirigiam para esse público.

A expansão do consumo do produto impresso em suas variadas formas, embora mais difícil de notar e contar, era bastante significativa e indicava um período de maior prosperidade econômica que sustentou pelo menos quatro livrarias na cidade. Também papelarias, bancas de revistas e casas especializadas no comércio de periódicos, além de uma série de relações mediadas pelos impressos avulsos e que, infelizmente, não deixaram maiores vestígios. Essa comunicação intermediada pelos diversos impressos efêmeros, chamados de avulsos, foram observados quase sempre de forma indireta, pois não se encontrou muitos exemplares destes.

Somente a atividade teatral, por exemplo, gerava um considerável volume de demanda para as oficinas locais, dado que para o seu funcionamento eram necessários ingressos, programas, impressos promocionais e anúncios constantes nos jornais, com algumas companhias tendo apresentações diárias na cidade. Tudo isso além da maior concorrência das lojas e empreendimentos locais, os quais tiveram maior acesso à importação de produtos, sobretudo da Europa, e que precisavam ser anunciados e destacados frente aos seus concorrentes. Por seu turno, isso levou a uma maior necessidade de diferenciação e de especialização das lojas, gerando um grande dinamismo e maiores investimentos na promoção e divulgação de produtos e serviços, inclusive pelo uso da imagem e de um discurso retórico mais pessoal e festivo.

Chegando ao último ano do século XIX registrou-se o funcionamento de mais duas oficinas tipográficas: a **Typ. da Livraria Ferreira Penna**, que pelo menos desde 1890 atuava como livraria e papelaria; e também a Typ. de **José Renaud & C. Typographia e Encadernação**, que funcionava na Rua Barroso, junto ao Correio. Em 1906 os dois estabelecimentos vão se juntar, pois J. Renaud irá adquirir a Livraria Ferreira Penna nesse ano, de acordo com um anúncio publicado no jornal *O Bond*, de 15 de setembro de 1906.

Outros dois registros de interesse, já em 1900, dizem respeito à produção e circulação de edições, os quais – embora pontuais – merecem ser notados. A publicação do livro *Cantigas*, livro de versos de Thaumaturgo Sotero Vaz (Th. Vaz), em 1900, que era comercializado nas livrarias Palais Royal, Ferreira Penna e Universal, segundo anúncio d'*A Federação* n.º 720. E a instalação do Gabinete Portuguez de Leitura em Manaus,¹⁵⁴ que funcionou na Rua Marechal

¹⁵⁴ De acordo com o *Commercio do Amazonas* n.º 123.

Deodoro, n. 10, contou com o apoio da comunidade portuguesa local para compor sua biblioteca e funcionar pelo menos até 1904, quando os registros sobre ele começaram a se tornar raros.

De acordo com Faria e Souza (1908, p. 27), a partir do número 140 o jornal *A República* mudou seu título para *A Federação*. Esse novo jornal possuía o título composto em tipos curvados que simulam a escrita manual, tendo uma barra abaixo e seu proprietário era Euclides Nazareth. Um grande anúncio saído na edição do dia 28 de julho de 1900 d'*A Federação* ostentava algumas informações bastante significativa sobre sua Typographia e o estágio da produção gráfica local. O anúncio apresentava a Typ. d'A Federação como uma “officina a vapor”, isto é, seus equipamentos de impressão eram movidos à energia produzida pelo vapor (Fig. 77). Com isso eles não dependiam da força humana para entintar e pressionar as páginas compostas de tipos contra o papel, um considerável ganho em escala e em qualidade na impressão. Talvez por isso os primeiros retratos começam a ser publicados no jornal, ainda que de forma restrita, tal como ocorre na edição de 7 de agosto de 1900 d'*A Federação*, que publicou uma grande fotogravura com uma ilustração floral de fundo e os retratos do ex-governador Ramalho Junior, Silverio Nery e Monsenhor Coutinho (Fig. 77).

Figura 77 – *A Federação* (1900): detalhe do anúncio de sua Typographia com “officinas a vapor” e cartões de visita em 10 minutos. Ao lado, primeira página composta com fotografias.



Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Outra informação ressaltada com orgulho no anúncio era o fato d'*A Federação* ter a “Unica Typographia que no Estado do Amazonas possui prelo de Reacção” Esse fato demonstrava que ela havia feito um considerável investimento em maquinário e de “material tipográfico europeu”, além de ter “pessoal numeroso e habilitadíssimo”, ainda segundo o anúncio. Com isso a oficina dizia aceitar contratos para a impressão de vários tipos de impressos, de jornais de grande ou pequeno formato, relatórios, revistas, romances, além de trabalhos a cores como cromos, menus, convites e outros.

Ainda no anúncio há um destaque para um atributo até então ausente na divulgação das oficinas tipográficas: o tempo, na velocidade de produção de cartões de visita, que eram entregues em apenas 10 minutos. Esse destaque reforçava o atributo tecnológico, a eficiência de seus prelos e operários na produção rápida de impressos avulsos. O anúncio foi republicado várias vezes desde então, além de outros menores em que a Typ. d'A Federação oferecia cartões de visita em 20 minutos, levando outras oficinas a também destacar o tempo de produção. Pelo levantamento realizado observou-se que, ainda no começo do século XX, outros empreendimentos gráficos eram movidos a vapor, a Palais Royal, por volta de 1904, a Empresa do Amazonas e a Livraria Clássica, ambos em 1906. O uso de equipamentos de impressão movidos a vapor ajuda a explicar o aumento das tiragens do jornal do período, como se verá adiante.

4.2.1 Imagens do progresso

Nesse período em que a cidade projetada por Eduardo Ribeiro assumia sua face burguesa e urbana, notou-se que as casas comerciais faziam publicidade de seus produtos nos jornais ressaltando sempre o caráter de novidade e modernidade do extraordinário mundo do consumo. Objetos a venda eram descritos como “Prodígios sem igual. Novidades sem conta” pela loja A Restauração, em 1895. As casas comerciais importavam uma grande variedade de produtos de diversas procedências, sobretudo da Europa. E o segmento do vestuário, tanto masculino quanto feminino, reforçavam nos anúncios um estilo de vida moderno e divertido. “? O que será! É o monstro sortimento de artigos, próprios para a rapaziada do High-Life...” Dizia o anúncio da Caza Havaneza, que oferecia aos homens de Manaus ceroulas, meias, coletes, muitas gravatas e perfumarias onde “A vista de tão importante colleção, faz admiração”.¹⁵⁵

Outras lojas faziam uma declaração de intenções em seus nomes comerciais, como a “Pariz n' America” ou a Barbearia e Alfaiataria Nascimento & Thaumaturgo, que se apresentava

¹⁵⁵ Todos os anúncios citados foram publicados na edição n. 208 do *Diário de Manaus*, 1894.

em anúncio como uma “Maison Moderne. Estabelecimento de luxo”. Até uma mercearia e botequim do período se chamava simplesmente de “Casa Moderna”, uma tentativa de diferenciação social, de associação a um estilo de vida atual e desejado pelos moradores de uma nova cidade, embelezada, cheia de energia e promessas de riqueza no século que estava por vir.

Em vista do grande número de objetos, algumas casas comerciais passaram a organizar uma mostra de produtos cuidadosamente montada para encantar toda a família. Anunciavam seus produtos como uma “grande exposição de artigo modernos” onde as famílias amazonenses encontrariam “o que há de mais chic e atraente” em produtos do mundo todo. De acordo com o anúncio da Casa 29, publicado no jornal *A Federação* n.º 363 (1896), no qual descrevia sua exposição “mimoseamente ornamentada” como tendo um cem “numero de pequenos – nada – que o bom gosto parisiense exige [na] confecção de Bodoirs mais caprichosos”.

Desde o final da década de 1880 Arturo Luciani se destacava no cenário cultural e gráfico do Amazonas, tanto por sua atuação pioneira como artista plástico e como decorador desde pelo menos 1887, quanto por sua atividade posterior como fotógrafo. Também merece ser ressaltada sua experiência como professor da disciplina de Desenho do Estabelecimentos dos Educandos Artífices a partir de 1888 e em outras instituições desde então. Em 1890, Luciani se descrevia em anúncio como artista laureado pela Real Academia de Siena e, além dos serviços de artista plástico, ele informava então que “pinta letreiros” e executa todo o trabalho “concernente a arte de pintor e desenhista”.¹⁵⁶ Em 1892, o Atelier de Luciani publicou um pequeno anúncio no jornal *Amazonas* n.º 3.527, pondo à venda uma “prensa lithographica nova”. Esse foi um dos primeiros registros desse tipo de impressão no circuito gráfico local; contudo, não se pode afirmar se alguma impressão dessa natureza foi feita.

Em 1891, Luciani era o tesoureiro do Gremio Artistico Amazonense,¹⁵⁷ que então publicou um anúncio em que convidava a população do estado e os estabelecimentos educacionais a participarem da sua 2.ª Exposição Artística, Industrial e Científica.¹⁵⁸ A exposição seria realizada em 15 de novembro desse ano, marcando um ano de funcionamento dessa associação. O artista italiano ainda participou da Exposição Universal de Chicago em 1893 com quatro pinturas que representavam cenas da vida indígena e figuraram na seção Anthopologia do Amazo-

¹⁵⁶ Segundo anúncio de título “Pintor”, publicado no *Amazonas* de 13 de julho de 1890, no qual diz que pode ser procurado na casa do Armador J. Carvalho & C.ª, no atelier de Francisco Candido Lyra ou ainda no seu próprio atelier atrás da Igreja de S. Sebastião.

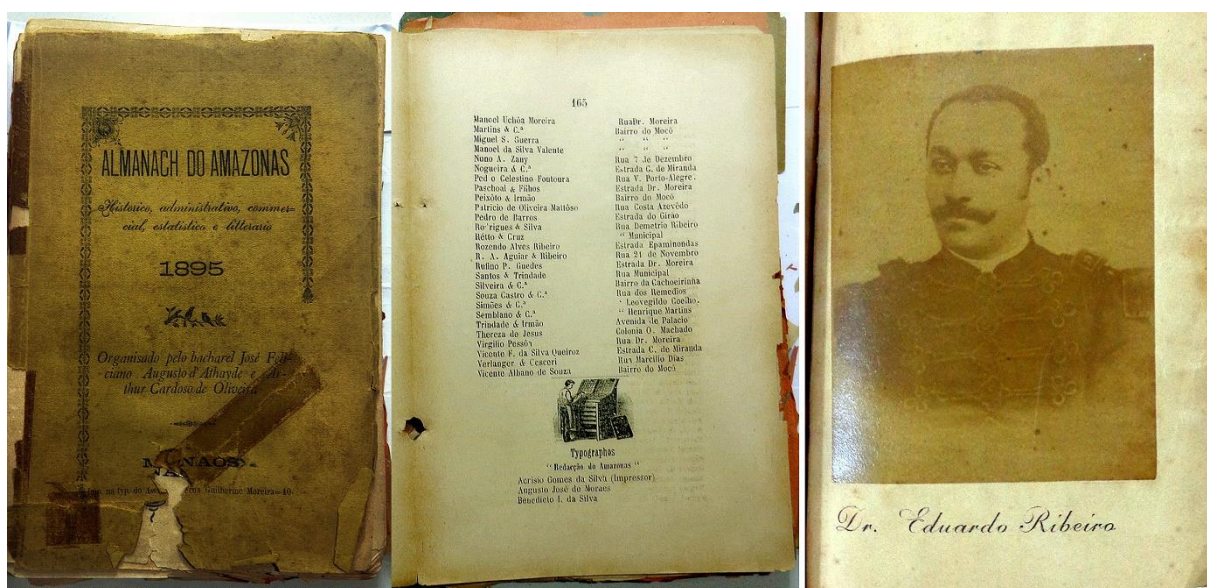
¹⁵⁷ Quatro anos depois foram publicados os Estatutos do Gremio Artistico Amazonense no *Diario Official* de 22 de fevereiro de 1895, no qual diz que ele deveria promover o ensino e o desenvolvimento das Bellas Artes. A associação, ainda segundo os estatutos, além das aulas de música e pintura, deveria manter uma exposição permanente de obras de Arte e da Industria em galeria apropriada à visita pública.

¹⁵⁸ Publicado no *Commercio do Amazonas* de 27 de outubro de 1891.

nas.¹⁵⁹ Há alguns registros dos serviços prestados por Arturo Luciani ao governo, como aconteceu em 1894, quando ele foi contratado para preparar várias fotografias dos edifícios públicos do Estado para serem distribuídos como propaganda, de acordo com o *Diario Oficial* n.º 70.

Em 13 de janeiro de 1895 já estava à venda, nas livrarias Classica Universal e na loja D. Pedro II, o *Almanach do Amazonas Histórico, administrativo, commercial, estatístico e literário de 1895* (Fig. 78).¹⁶⁰ O almanaque recebeu recursos do governo para a sua publicação e, no breve texto que abre a edição, os organizadores ressaltaram a parte literária presente como “assaz proveitosa, principalmente, para o bello sexo”. Essa seção inexistia nos almanaques observados anteriormente, informação devidamente destacada em seu título. A oficina tipográfica que compôs e imprimiu a publicação foi a Typ. do Amazonas e, pelo exame feito no exemplar, sua impressão tinha o aspecto regular ao longo das páginas.

Figura 78 – *Almanach...* de 1895: capa e página interna com a indicação dos “Typografos”. À direita foto de Eduardo Ribeiro publicada no *Almanach...* de 1896.



Fonte: Fotos do autor a partir do acervo da Biblioteca do Museu Amazônico.

Esse almanaque possui 14,5 x 21 cm de tamanho e 224 páginas, com mais alguns anúncios ao final não numerados. Sua capa foi impressa em papel de cor amarelada, o mesmo papel usado em alguns anúncios, também de cor vermelha e azul. Seu conteúdo inicia com um calendário anual, seguido de outro mensal organizado em uma única página ímpar. No verso delas há um grande número de anúncios compostos em variados arranjos e fazendo amplo uso de

¹⁵⁹ Segundo o *Diario Oficial* números 132 e 136, de 1894.

¹⁶⁰ Retirado do *Diario Oficial* n. 334 de 1893.

vinhetas tipográficas, fios e outros recursos gráfico-visuais. Em seguida há uma parte relativa ao Brasil; a terceira parte trata do Amazonas, com uma lista das repartições, cargos e nomes, incluindo a Imprensa Oficial dirigida por Pedro Freire.

A parte IV do almanaque tem por título “Commercio, Industrias e Profissões” e nela há indicações sobre casas comerciais e profissionais locais, dentre outros. Indica ainda quatro livrarias em funcionamento, todas em Manaus, as já citadas: 1. Ferreira Penna, 2. Universal, 3. Palais Royal e 4. Classica. Anotou duas Photographias: 1. Arturo Luciani e 2. Francisco Candido Lyra. No item Typographias são listados cinco empreendimentos: 1. Amazonas; 2. Imprensa Official; 3. Lino Aguiar; 4. Republica e 5. Silva & Gomes. No item Typographos havia uma vinheta de um compositor junto de seu cavalete de tipos (Fig. 78) e uma lista de 38 tipógrafos, organizados segundo o local em que atuavam: 14 na Redacção do *Amazonas*; 17 na do *Diario Official* e 7 na redacção d’*A Republica*. Os profissionais das outras duas oficinas tipográficas não foram relacionados. Chama a atenção a quantidade de tipógrafos atuando na Imprensa Official do Estado, que se configurava como uma das maiores oficinas da cidade.

Por fim, a quinta parte do almanaque contém a estatística e a parte literária. O almanaque do ano seguinte (1896) foi organizado por Augusto Celso de Menezes e impresso pela Oficinas do Diario Official. Essa publicação apresentou uma única fotografia do governador Eduardo Ribeiro (Fig. 78), fato devidamente registrado na folha de rosto. Tal como o anterior, possuía uma parte literária e anúncios, alguns dos quais foram impressos em papéis coloridos.

Figura 79 – Cabeçalho do *Amazonas Commercial* (1895), ilustrado com a frente de Manaus.



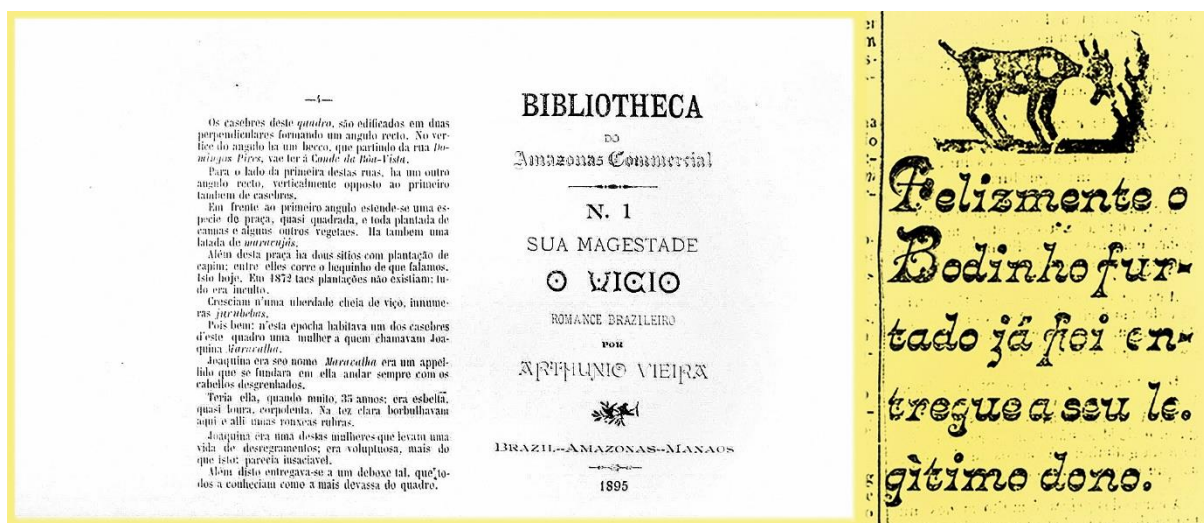
Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A presença da imagem já começava a ser notada. Antes da fotografia, no almanaque de 1896, um jornal utilizou um cabeçalho ilustrado com uma vista da cidade de Manaus, sendo possível notar a catedral, algumas edificações, o rio e alguns símbolos, uma âncora e o deus

mercúrio (Fig 79). A primeira edição do jornal *Amazonas Commercial*, datada de 19 de março de 1895, publicou uma nota – “A nossa gravura” – na seção noticiário, no qual destaca que o seu cabeçalho ilustrado era o primeiro publicado em Manaus e representava a “explendida bahia do Rio-Negro, justamente a parte mais commercial do nosso porto”. O texto explicava ainda que o arco todo da bahia do rio não foi desenhado “porque ficaria o todo muito acanhado quasi microscópico”. Por isso teria sido destacado o trecho compreendido entre a rampa 15 de Novembro e a ponte de ferro. A imagem teve como modelo a fotografia tirada por Francisco de Candido Lyra, feita no ano anterior a partir da embarcação Planeta do Loyd, que então fazia sua primeira viagem ao porto de Manaus.

O jornal era diário e destacava ainda no cabeçalho as seguintes palavras: “Commercio, Artes e Industria”. A propósito, ainda no seu primeiro número publicou um interessante e bem composto anúncio em duas partes da Bibliotheca do Amazonas Commercial, o que parecia ser uma coleção de livros editados ou comercializados pelo jornal. Os dois anúncios formam um conjunto de mesmo tamanho e posição, embora compostos em diferentes páginas do jornal, tendo uma configuração gráfica incomum. Nele, de um lado, reproduzia parte do texto da edição tal como se fosse uma página de livro e, do outro, as informações básicas organizadas com amplos espaços em branco. O primeiro volume da coleção era *Sua magestade o Vicio*, romance brasileiro por Arthunio Vieira (Fig. 80). O autor era pernambucano e atuava na imprensa de Belém, de onde se transferiu, em 1899, para a redação do *Amazonas Commercial*, de acordo com Braga (2017, p. 123).

Figura 80 – Detalhe de anúncio de Bibliotheca do *Amazonas Commercial* (1895) e ilustração publicada no *Coaryense* (1895).



Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Uma imagem bem mais prosaica ilustrou uma notícia que circulou no jornal *O Coaryense: órgão imparcial e semanal*, periódico publicado semanalmente na metade de 1895 em Coari. Na edição de 13 junho foi publicada uma ilustração bastante rudimentar de um bode pastando (Fig. 80), parecendo ser original e não uma vinheta ou clichê padronizado. Trata-se, provavelmente, de uma xilogravura e ela foi usada para ilustrar a notícia sobre um “Bodinho” que havia sido furtado e que então havia sido encontrado e entregue ao dono. Na edição seguinte, a ilustração é novamente usada para informar que “Infelizmente o Bodinho furtado morreu...” Apesar de ocorrências ainda episódicas, a imagem impressa circulou em diversas formas: retrato fotográfica no almanaque, um clichê no cabeçalho e uma gravura em jornais.

No final desse ano (1895), o Atelier Artistico Photográfico de Arturo Luciani foi inaugurado na Rua Henrique Martins, n. 32, de acordo com o anúncio publicado no *Diario Official* n.º 602. Nele havia também uma tabela de preços que classificava o formato das fotografias em “Visita, Album, Margarida, Boudoir, Salão” e discriminava os preços de cada tipo segundo as quantidades de uma dúzia e meia dúzia. O anúncio ressaltava ainda que o fotógrafo realizava vistas de edifícios e executava trabalhos de reprodução de desenhos, plantas “autographicas ou industrial”. Luciani comissionou os fotógrafos George Huebner e Gomes Leite para viajar pelo rio madeira em janeiro de 1896, segundo o *Diario Official* n. 626.

O comércio de fotografias estava prosperando e a concorrência se intensificou em Manaus nesse período. Ainda em 1895, o fotógrafo Francisco Candido Lyra, que já tinha um ateliê funcionando desde 1887, também inaugurou um novo espaço comercial instalado em um prédio especialmente construído para esse fim. Bem entendido, esse fato era uma demonstração de sucesso para o estabelecimento de Lyra, o qual, segundo parece, teria atraído outros, uma vez que mais um fotógrafo inaugurou seu estabelecimento pouco tempo depois. Era o Atelier Photographico de B. Telles, em associação com o fotógrafo dinamarquês Peter Negreen, inaugurado em 1898.

Em novembro desse mesmo ano (1898), o Atelier Artistico de Luciani estava a cargo do artista G. Pagani Vulcani, provavelmente porque Luciani estava tratando da publicação do álbum de vistas que deveria ser lançado no ano seguinte. Segundo uma nota d’*A Federação* n. 440, Luciani aumentou seu atelier com um espaço para expor seus trabalhos a crayon, photo-crayon, photographia e outros em 1899. Nesse mesmo ano há um registro de R Falcone descrito como “habil artista”, trabalhando no seu ateliê, de acordo com nota d’*A Federação* n. 525.

Figura 81 – Fotografias de A. Luciani, à esquerda; e de B. Telles, no centro e à direita.



Fonte: Acervo do autor.

Dessa forma, três atelieres fotográficos estavam em funcionamento em Manaus nesse período. Além de reproduzirem as fotografias em papel, esses empreendimentos utilizavam outros suportes impressos para acondicionar e expor as imagens fotográficas. Álbuns, *carte de visite*, envelopes, *cabinet*, folders e outros, até uma simples lâmina de papel rígido com o nome do fotografo e da cidade impresso abaixo, onde a foto era fixada (Fig. 81). Alguns fotógrafos imprimiam o verso das fotos ou dos diversos suportes em papel com o nome de seu atelier, como fez a Photographia B. Telles na imagem da Figura 81.

Nesse período, o desenho da cidade também foi bastante alterado pelas obras iniciadas por Eduardo Ribeiro, sendo uma delas bastante significativa para a história cultural do estado e do país. A inauguração, em 31 de dezembro 1896, do imponente Teatro Amazonas, marcando definitivamente a paisagem da cidade “pela sua localização e monumentalidade, assumiu papel destacado, tornando-se o emblema arquitetônico daquele período histórico, e, em menos de um século, ergueu-se à condição de símbolo da cidade” (MESQUITA, 2005, 219). Ele não estava totalmente concluído e, para a sua decoração, foram contratados vários artistas italianos que atuaram na cidade por vários anos. Para Daou (2000, s/p), o Teatro Amazonas, em 1900, foi

o centro mundano e político da alta sociedade amazonense. Desempenhou papel significativo como ‘uma instituição integradora das elites sociais’ (Elias, 1987, p. 71) promovendo nos espetáculos líricos e teatrais ou, ainda, nos banquetes e bailes, a interação entre grandes exportadores, estrangeiros e nacionais, políticos e negociantes.

Por volta de 1896-1897, a imagem fotográfica começou a ser empregada de forma pontual nos jornais de Manaus. Faria e Souza (1908, p. 79) registrou que o jornal *Amazonas*, em 1896 e em 1897, publicou algumas imagens, sobretudo retratos, produzidos pelo atelier litográfico de Wiegandt, em funcionamento em Belém. Um anúncio da edição de 7 de março d’*O Imparcial* ostentou a imagem da fachada da loja Canto das Novidades, tendo seus funcionários à frente (Fig. 82). Uma composição que vai ser frequente nos anúncios das casas comerciais a partir de então, esse anúncio foi republicado em diversos números do jornal. Também alguns retratos começaram a ilustrar as primeiras páginas de algumas edições, quase sempre de tamanho reduzido. Em julho de 1897, por exemplo, *O Imparcial*, em sua edição de n.º 102, publicou o retrato do ex-presidente francês Sadi Carnot (Fig. 82) e, na edição n.º 105, a Rainha Victoria da Inglaterra.

Em anúncio dessa folha, edição n.º 112, identificou-se o que parecia ser o serviço de “abrir letras” oferecido pela casa comercial “Faz tudo”, que informava abrir letreiros em metal ou zinco. Esse era um serviço diferente daquele oferecido por Luciani, que dizia “pintar letras”, mas ambos respondem à necessidade das casas comerciais e outros por terem suas fachadas identificadas por um letreiro. Geralmente, o nome de seu estabelecimento era escrito em letras grandes, seja na forma de uma placa ou diretamente pintado sobre a alvenaria ou, ainda, como parte da decoração interna de um café ou loja. Esse empreendimento – Faz tudo –, em outro anúncio, ofereceu serviço de reparo de máquinas de costuras, caixas de música, revólveres e outros. Esses foram os únicos registros dessa atividade no circuito de comunicação impressa local, também conhecida como “abridor de letras”.

Simultaneamente, em 1897, o jornal *Commercio do Amazonas*, em edição extraordinária de 15 de agosto, publicou um retrato em sua primeira página. O agraciado foi Clementino Jose Pereira Guimarães, o barão de Manaus. A partir do ano seguinte, o mesmo jornal passou a publicar alguns retratos de personalidades em suas primeiras páginas, como Emile Zola, Felix Faure e o presidente da república, Campos Sales, assim como o vice, Rosa e Silva, no dia 15 de novembro (Fig. 82). Os retratos quase sempre eram acompanhados de um artigo com o título de “A Ilustração de hoje”. Essa introdução de uma matriz gravada, provavelmente em metal, junto com os tipos para imprimir o jornal, alterava a composição da página do jornal, tornando-a mais complexa.

A relação entre texto e imagem, seja em um jornal ou em qualquer produto impresso, implicava um planejamento maior dos processos de composição e impressão, pois a imagem estabelecia diferentes relações e exigências. Isso tanto na paginação, como um elemento de destaque que precisa de margens maiores, mas obedece aos alinhamentos presentes na página,

quanto ao fato de se relacionar com os outros elementos (fio, ornamento, título, intertítulo, legenda, etc.). Havia também a necessidade de um cuidado maior no seu entitamento e impressão, a fim de evitar as falhas na hora de reproduzir a matriz no papel.

Figura 82 – A imagem fotográfica n’*O Imparcial* (1897): o anúncio com fachada e retrato na primeira página. Retratos também no *Commercio do Amazonas* (1898).



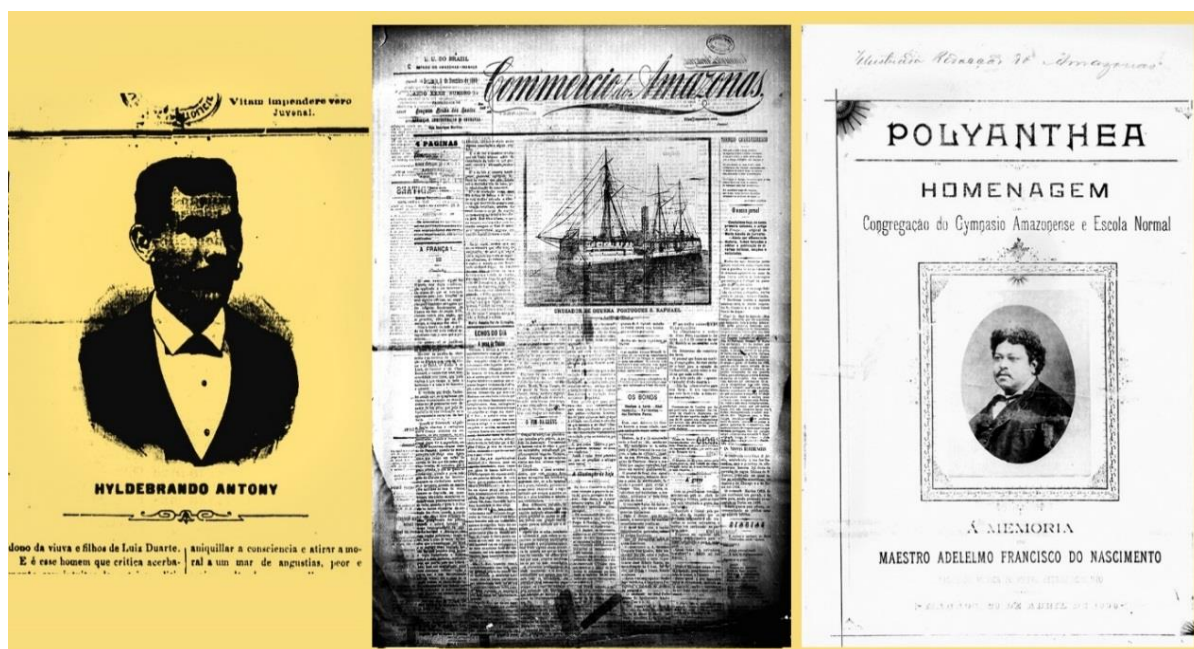
Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Assim, no final do século XIX, a imagem fotográfica ocupava um espaço restrito nos jornais, empregada para homenagear autoridades e lembrar fatos históricos em entradas de tamanho pequeno. Ela também começou a ilustrar capas de folhetos impressos, mas com a mesma função honorífica e comemorativa. Tal como na publicação da *Polyanthea*, feita pela Congregação do Gymnasio Amazonense e Escola Normal em homenagem ao professor e maestro Adelmo do Nascimento (Fig. 83), que havia falecido em Paris em 1898. Ele recebeu outra homenagem impressa, mas sem seu retrato, na publicação do seu *Compendio de Musica Elementar*. A obra foi patrocinada pelo governo local e teve tiragem de dez mil exemplares. Sua produção ficou a cargo das oficinas de Lino Aguiar & Cia em Manaus, mas uma indicação ao final do livro dá o crédito da impressão à casa editora de músicas alemã Breitkopf e Härtel, de Leipzig. A oficina tipográfica de Lino Aguiar não era especializada em composição de música; por isso deve ter comissionado a editora alemã, que produziu a grande tiragem em capa dura.

Mesmo com a imagem não muito nítida e impressa em pequeno formato na edição de 30 de julho de 1899 do *Commercio do Amazonas*, pode-se hoje ver o retrato de um tipógrafo

amazonense do século XIX. O jornal estampou uma foto comemorativa de Hildebrando Antony (Fig. 83) comemorando seu aniversário. Em nota, o jornal o descreveu como um amazonense, filho de pais humildes e que teria se dedicado à “arte typographica, conseguiu á força de constante trabalho e persistente estudo ir galgando as mais altas posições sociaes [...] sendo hoje deputado ao Congresso estadual, onde exerce habilmente as funções de 1.º Secretario.” Embora o registro se deva à posição política que alcançou, esse é o primeiro registro fotográfico encontrado de um (ex) trabalhador das oficinas tipográficas locais.

Figura 83 – *Commercio do Amazonas* (1900): retrato de Hildebrando Antony, primeira página, com imagem de navio de guerra; ao lado, *Polyanthea* (1899), com retrato do maestro Adelelmo.



Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O interesse do público pela imagem era crescente. O mesmo *Commercio do Amazonas*, na edição de domingo de 6 de dezembro de 1899, publicou a imagem do cruzador de guerra português S. Raphael (Fig. 83). No número seguinte, o jornal, em uma nota, dizia as seguintes palavras: “foi muito procurada a nossa edição de domingo que trazia a gravura...” O mesmo jornal, na edição de 24 de novembro de 1899, destacava uma inovação de seu periódico: no breve e auto elogioso artigo que publicou dizia ter sido “um verdadeiro triumpho” a edição do domingo anterior com oito páginas. Segundo o artigo, era a primeira vez que um jornal do Amazonas publicava o dobro das quatro páginas usuais, o que ilustrava a pouca diversificação gráfica e o restrito conteúdo produzido e lido em cada edição de 4 páginas dos jornais locais.

Essa edição do *Commercio do Amazonas*, de 24 de novembro, também havia sido impressa com oito páginas e, no mesmo artigo, comemorava o fato de que a sua tiragem do dia anterior tinha sido toda vendida nas primeiras horas do dia. Então uma nova tiragem foi feita às 8h30 e esta também se findou. Assim, uma terceira impressão do jornal saiu às 10h. Ainda segundo o artigo, a grande procura teria se dado em razão da publicação de um artigo humorístico de título “O fim do mundo”. O jornal agradecia “ao publico generoso desta terra”.

A Typographia Universal de F. de Queiroz & Comp., em anúncio do *Commercio do Amazonas* n.º 276, de 1998, informou que tinha montado sua oficina tipográfica “segundo o sistema europeu”. Ressaltava ainda seus serviços de impressão para “Revistas, obras ligeiras e de luxo, facturas [...], bilhetes de loja e theatro [phantasia] rotulos de pharmacia e para todo o ramo commercial, a uma e mais cores, participações de casamento e baptismo, etc. etc”. Já as oficinas d’*A Federação*, na edição de 1.º de janeiro de 1899, destacou em nota que o jornal iria passar por grandes mudanças, pois um novo prelo “dos mais modernos e aperfeiçoados” chegaria da fábrica Marinoni, junto como tipos novos e outros materiais.

Figura 84 – *Relatorio...* (1898): folha de rosto, foto do Gymnásio Amazonense, projeto de jardins da matriz e diagrama.



Fonte: Fotos do autor a partir do exemplar do Arquivo Nacional.

A imagem também começou a ser usada nas edições oficiais desse período, tal como ocorre no *Relatorio apresentado ao Ex.mo snr. Dr. Fileto Pires Ferreira...*¹⁶¹ (Fig. 84), publi-

¹⁶¹ *Relatorio apresentado ao Ex.mo snr. Dr. Fileto Pires Ferreira governador do Estado do Amazonas pelo engenheiro civil Anísio de Carvalho Palhano secretario do Estado, encarregado dos negócios da indústria.*

cado em 1898. Essa edição possui uma extensa documentação composta de tabelas, fotos, plantas e até um diagrama, alguns compostos em páginas desdobradas e impressos a cores. O *Relatório...* possui 21 x 32,5 cm e mais de 115 páginas, várias não numeradas. Sua impressão é nítida e regular ao longo do livro; no entanto, não há a indicação da oficina tipográfica que a produziu, mas apenas algumas plantas e mapas registram a indicação “Lith. da C.^a N.^{al}” (Lithographia da Companhia Nacional). Esse trabalho representou e documentou a riqueza e o progresso material do estado amazonense também pela sua qualidade gráfica, tanto de sua composição e impressão como pelo conjunto de representações gráficas contidas na edição.

Dessa forma, é possível afirmar que o relatório oficial também estava se convertendo em uma vitrine de informações ordenadas em tabelas, plantas, gráficos e imagens da modernidade, do qual os álbuns de vistas eram os produtos mais bem acabados. A Imprensa Oficial, ainda que possuísse equipamentos e materiais novos, não tinha capacidade técnica para realizar esse tipo serviço. Imprimia o *Diario Oficial*, folhetos e edições mais modestas, além do material necessário para o funcionamento das repartições, e já convivía com diversos problemas. Seus trabalhadores gráficos chegaram a ficar sem pagamento, de acordo com a nota já citada do *Commerio do Amazonas* n.º 339, de 1898.

Outra iniciativa local de interesse se deu no âmbito do ensino das belas artes com a inauguração, em junho de 1898, da Associação Amazonense Propagadora das Bellas Artes. Ela oferecia aulas de música e pintura, para as quais recebia um auxílio mensal do Governo do Amazonas. Essa iniciativa particular deu origem à Academia Amazonense de Bellas Artes e, de acordo com o seu regulamento, publicado em 26 de abril de 1899 no *Diario Oficial* n. 1564, deveria oferecer os cursos de 1. Musica; 2. Leitura, recitação e declamação; 3. Desenho e Pintura; 4. Esculptura: plastica e torentica e 5. Architectura. Os três últimos comporiam o Atelier de Artes Objectivas e os dois primeiros formariam o Conservatório. Estabelecia ainda que a instituição deveria ter uma biblioteca e edições próprias para o funcionamento dos cursos, bem como previa o funcionamento de três ateliês auxiliares: gravura, litogravura e fotografia.

De acordo com Páscoa (1997, p. 96-98), o maestro Joaquim Franco era o diretor da Academia de Bellas Artes, que chegou a atrair muitos alunos, embora tivesse dificuldades para oferecer os cursos previstos, sobretudo os de Artes Objectivas. Ainda de acordo com o pesquisador (1997, p. 99), ao final do ano de 1899-1900, o curso de Desenho tinha 25 alunos no turno diurno, 22 dos quais era do sexo feminino, e, no curso noturno, permitido somente ao sexo masculino, 9 alunos. A maior frequência da instituição era para os diversos cursos do Conservatório, com uma maior participação feminina, com idade de 9 a 21 anos.

A instituição voltou a ser uma associação particular com subsídio governamental em 1901 e teve, como professores de Desenho, os italianos Victorio Tangerini, Carlos R. Baron e Arturo Luciani. Ainda no departamento de Artes Objetivas atuaram Libânio do Amaral, Salvador Carlos e Alberto Rangel, segundo Páscoa (1997, p. 98). O maestro J. Franco, nesse período, também foi anunciado nos jornais como diretor de uma publicação ilustrada – a *Revista Musical* – e também um empreendimento gráfico. Este último prometia oferecer, em breve, segundo anúncio publicado d’*A Federação* n. 393, os serviços de “Photographia, Typographia e Zinco-graphia”. O empreendimento gráfico, assim como a revista, ao que parece, não chegou a funcionar e não se encontrou maiores informações.

Nesse período de crescimento econômico, o transporte para a região contava com várias companhias de navegação. Em 1987, a Ligure Brasileira começou a fazer a ligação entre Manaus e Itália e, no ano seguinte, a Hamburg Amerika Line fazia até a Alemanha, de acordo com Shoepf (2005, p. 36), dando um impulso maior para a circulação de mercadorias, negociantes, artistas e diversos profissionais para atuar em Manaus. A companhia de navegação italiana, por exemplo, vai se tornar uma das patrocinadoras dos álbuns de vistas da região, alguns deles com fotografias do alemão George Huebner. Vale destacar que esse fotógrafo atuou intensamente na região amazônica, mas estabeleceu seu atelier fotográfico em Manaus – a Photographia Allemã, no início de 1899.¹⁶²

A grande expansão de seus negócios em tão pouco tempo, cerca de dois anos, chega a surpreender e exemplifica o rápido crescimento econômico da região. Um anúncio do *Commercio do Amazonas* n. 179, de 1900, informava seu endereço na rua São Vicente, em frente ao Palacio do Governo e, no ano seguinte, Huebner já realizava alguns serviços para o Governo do Estado.¹⁶³ A Photo Allemã era um empreendimento comercial de produção e circulação de imagens fotográficas e, pelo volume e diversificação dos trabalhos, tornou-se o mais importante atelier fotográfico da cidade, de acordo com Shoepf (2005, p. 38).

Em 1900, o jornal *A Federação*, de 20 de setembro, descreveu uma festividade feita na presença do ex-governador Eduardo Ribeiro, pois dois dias antes ele havia completado 38 anos. A reunião foi feita para lhe prestar homenagens e servir de provas do “sentimento de estima e veneração que todos lhe tributam”. Nessa ocasião estavam presentes muitas autoridades, fa-

¹⁶² Em anúncio do *Commercio do Amazonas*, de 4 de fevereiro de 1899, Huebner avisava que estaria em viagem pelo Rio Juruá e que, na sua ausência, Jose Gomes Leite se encarregaria dos serviços da Photographia Allemã.

¹⁶³ Duas contas foram registradas em nome de Huebner pelo fornecimento de 8 retratos do Gymnasio Amazonense no primeiro semestre e de dois no segundo semestre, na *Mensagem lida perante o congresso dos srs. Representantes por ocasião da abertura da 2.a sessão ordinária da 4.a Legislatura pelo Exm. Sr. Governador do Estado Silverio José Nery em 10 de julho de 1902 acompanhada dos relatórios dos chefes de repartições*, vol. 1.

mílias influentes, que fizeram brindes, discursos e outras atividades sociais. O jornal registrou que o periódico *Echos da Amazonia*, assim como um elegante impresso avulso, circularam, em honra a Eduardo Ribeiro. Também um retrato de sua pessoa foi impresso em cetim branco, produzido e entregue na ocasião pelos trabalhadores gráficos d'*A Federação*.

Além disso, ainda de acordo com o artigo citado acima, muitos cartões foram ofertados a Eduardo Ribeiro por senhoras e senhoritas “da nossa melhor sociedade”. As demonstrações de afeto e respeito prosseguiram, o maestro Joaquim Franco presenteou o ex-governador com seu retrato a “photo-crayon” produzido pelo artista Libanio do Amaral. Poucas semanas depois, em 14 de outubro, o ex-governador Eduardo Ribeiro foi encontrado morto em sua residência local. Em nota, o jornal *Commercio do Amazonas*, de 23 de outubro de 1900, informou que muitos curiosos visitavam os escritórios da redação para “apreciarem as photographias do sahimento do dr. Eduardo Ribeiro, trabalho do conceituado atelier do sr. George Huebner”.

Figura 85 – Photographia Allemã de Huebner & Amaral: anúncio de jornal e retratos: crianças e personalidades da cidade: Vicente Reis, J.G. Araujo e Adolpho Lisboa.



Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da BN (anúncio) e acervo pessoal.

Com isso foi possível notar várias faces do produto impresso (um jornal, um avulso e cartões de visita) e da imagem (retrato impresso e a crayon, e fotografia) então presentes na

vida da elite local, mas também no cotidiano da cidade. Esse fato era percebido na troca ou no oferecimento de cartões, na visita ao jornal ou ao ateliê fotográfico para observar imagens em exposição e também na circulação de impressos comemorativos e outros. Também os retratos anônimos, fotos de família produzidas por Huebner (Fig. 85) circularam pelo mundo, principalmente nos cartões postais e álbuns de vistas, os quais depois foram extensivamente reproduzidos em edições locais, até se constituírem como parte da memória cultural da cidade

Essa circulação de impressos avulsos e imagens é sempre aqui referida por sua importância social de mediação da comunicação cotidiana, formalizada em cartões de visitas, papel timbrado, convites, carimbos, notas, rótulos, ingressos, menus, folhetos, cartazes e outros, bem como pela sua importância econômica para as oficinas tipográficas e outros agentes, muito embora das quais não se tem registro por serem descartados após o uso, ou apenas de circulação particular.

4.2.2 Os álbuns de vistas (1899-1906)

Tem-se como prólogo o pequeno álbum de 1893, produzido como um souvenir de divulgação da região antes das intervenções feitas no governo de Eduardo Ribeiro. É interessante ter presente que, entre o fim-início de século, algumas publicações foram projetadas com esmero para contar uma narrativa visual com alguns elementos de faz de conta. Nela um povoado de casas de palha, ruas desniveladas, falante da língua geral e de costumes indígenas foi transformado pela força do engenho humano e do governo em uma próspera e moderna cidade, encantada com sua beleza. O narrador-governo, para conferir maior veracidade e força, usa uma sequência de imagens fotográficas bem impressas para provar que o progresso e a modernidade, enfim, haviam chegado à terra das Amazonas. Ou, pelo menos, à cidade de Manáos, beijada que foi pelo mercado, ávido pela goma elástica extraída da floresta, despertando, assim, no século XX como uma princesa de nome indígena, mas elegante e sofisticada tal qual Paris, sua musa.

Os álbuns de vistas são artefatos impressos em que há uma predominância da narrativa visual criada pelas composições fotográficas ordenadas em páginas sequenciais, tendo a presença de uma legenda e, geralmente, uma parte descritiva e publicitária. Eram também símbolos de grandeza e foram produzidos como artigos de luxo para representarem as conquistas materiais alcançadas observadas nas vistas do espaço urbano ordenado, composto por avenidas amplas, praças, jardins e prédios de bom gosto. Isso espelhava uma sociedade abastada e civilizada cercada pela floresta e por grandes rios, mas também de confortos. Mister dizer que os álbuns, e

depois os cartões postais, vão fixar o registro grandioso dessa narrativa em imagens e no imaginário local.

Para alcançar tal efeito, a primeira publicação de um álbum do Amazonas foi planejada de forma superlativa, dado que ela deveria ser composta de cinco volumes de luxo, contendo fotografias e ampla documentação. O já descrito *Amazonas Illustrado*, que deveria estabelecer a verdade sobre a região e, finalmente, expor uma imagem de triunfo do progresso amazônico recém-conquistado. Esse fato demonstrava, em um álbum de “fino gosto artístico, útil como fonte de variada consulta aos estudiosos”,¹⁶⁴ o caminho percorrido pela terra das amazonas até chegar ao destino tão desejado, qual seja: o de uma cidade moderna e civilizada. A obra não teve o prosseguimento esperado e parte do material iconográfico coletado por Arturo Luciani foi usado em outro álbum de vistas.

Figura 86 – O álbum *Estado do Amazonas* (1899): capa ilustrada, página da primeira parte e vistas da cidade, à direita, Avenida Eduardo Ribeiro; ao lado a rua de Fileto Pires.



Fonte: Fotos do autor a partir do exemplar da Biblioteca Nacional.

¹⁶⁴ *Commercio do Amazonas*, de 26 de abril de 1899.

O Estado do Amazonas é o título do primeiro álbum iconográfico produzido pelo Governo do Estado, sob a direção artística de Arturo Luciani e textos de Bertino de Miranda. Ele foi composto e impresso em Gênova, na Itália, no Stabilimento Tipo-Litografico Ditta A. Montorfano, tendo tamanho de 25,5 x 17,7 cm e 176 páginas. A capa do álbum destacava uma vista do Teatro Amazonas em uma moldura ornamentada e foi impressa em duas cores (Fig. 86). Embora não fosse exatamente uma publicação de luxo, foi muito bem composta e impressa com esmero e possui um bom acabamento gráfico. Essa era uma produção que não podia ser executada pelos empreendimentos locais com a mesma qualidade e perícia, sobretudo pela tecnologia necessária e pela mão de obra especializada que a produção de um álbum ilustrado com fotografias exigia. As publicações de impressos com imagens no Amazonas ainda estava se desenvolvendo, tal como foi visto anteriormente.

Figura 87 – Vistas de Manaus, com destaque para a Igreja Matriz e para o Teatro Amazonas cercado pelo casario. Abaixo, detalhe de jovem segurando um jornal e de ponte no rio Negro.



Fonte: Fotos do autor a partir do exemplar da Biblioteca Nacional.

A primeira parte do *Album do Amazonas* traz informações compostas em duas colunas, com o texto à direita em português e, ao lado, em italiano, tendo pequenas fotos e desenhos ilustrando, além do uso de fios, capitulares e tarjas decorativas. Nessa seção há pequenas imagens de embarcações e também personalidades do Amazonas. O texto destaca a grandeza geográfica e de recursos naturais da região, divulgando, assim, as possibilidades de riqueza com a exploração da floresta, muito embora, nas imagens, não se veja mais a exótica terra das Amazonas ou o país das seringueiras: somente uma cidade orgulhosa de suas avenidas, edifícios e de sua imponente casa de espetáculos que domina a paisagem construída do seu centro.

A segunda seção do álbum expõe um conjunto de 37 vistas, quase todas urbanas, sendo elas imagens de ruas, avenidas, praças, pontes e novos edifícios de Manaus (Fig. 87). A primeira vista que abre a sequência se refere à Avenida Eduardo Ribeiro, mostrando, em primeiro plano, seu calçamento de pedra e depois o conjunto de edifícios e casas comerciais ao longo da via em que circulam pessoas. Ao fundo se vê a cúpula do grande teatro (Fig. 87) e, numa das fotografias, é possível ver alguns jovens e crianças reunidos, com um deles segurando um jornal (Fig. 87). Essas imagens foram as primeiras feitas após o embelezamento da cidade, que, em algumas vistas, ainda mostra obras em construção, como o Tribunal de Justiça. Elas foram organizadas em uma edição para divulgar o Estado no exterior, passando a estabelecer uma tradição de representação da cidade em composições imagéticas consolidada pelos postais da cidade, e imagens produzidas por outros fotógrafos já no século XX, inclusive no cinema, como foi observado por Stoco (2019, p. 88-90).

A terceira parte, comercial, é composta por diversos anúncios de casas comerciais do Amazonas e da Itália, incluindo alguns empreendimentos gráficos. Vale destaque para a Ligure Brasilliana, a companhia de transporte que ligava Manaus a Genova, era uma das patrocinadoras da edição. A maioria dos anúncios é apenas tipográfico e utilizam alguns ornamentos. Poucos anúncios são ilustrados, como o da Livraria, Papelaria e Typographia de Lino de Aguiar & C.^a que tem uma vista da fachada de sua livraria em destaque (Fig. 88). Nela é possível observar um grupo de homens – provavelmente seus funcionários – e um letreiro que traz o nome Palais Royal. A página que encerra o álbum traz um anúncio ilustrado do Atelier Artistico Photographico de A. Luciani (Fig. 88).

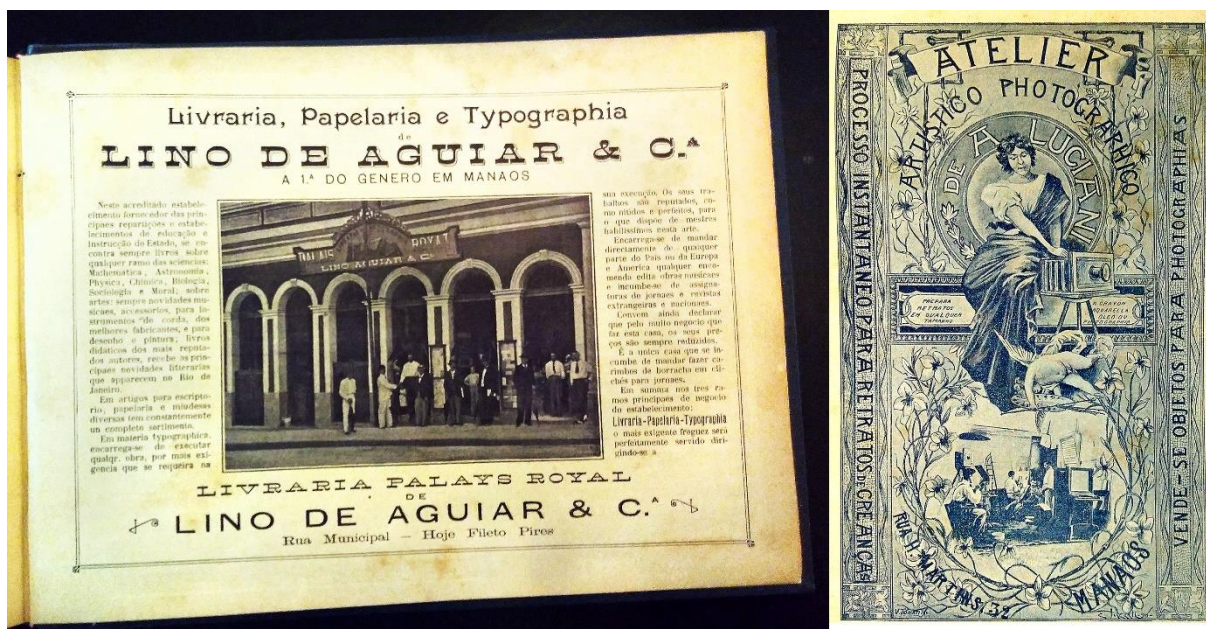
Ao folhear o álbum de Luciani, João Affonso, que participou do projeto inacabado do *Amazonas Illustrado*, descreveu o álbum *Estado do Amazonas* como sendo uma “ligeira brochura em edição popular”¹⁶⁵ e como uma modesta notícia ilustrada, o que, de fato, ela não era.

¹⁶⁵ *Commercio do Amazonas*, de 8 de março de 1899.

Também não possuía o acabamento de luxo que ele havia sonhado ver no álbum em cinco volumes. Em artigo publicado no *Commercio do Amazonas*, de 26 de abril de 1899, ele ainda chegou a afirmar que a publicação dessa sonhada obra, enfim, estava encaminhada, com previsão de entrega para março de 1900. Essa seria uma data mais oportuna para a chegada do grandioso *Amazonas Ilustrado*, já que, de acordo com João Affonso,

Ele servirá, no derradeiro anno d'este seculo, de marco milliario, que demonstrará o estadio percorrido pelo Amazonas n'esse largo tempo; elle dirá, na data em que se commemora o quarto centenario da descoberta do Brazil a posição que compete a este futuroso Estado entre os seus irmãos; ele mostrará ao mundo, congregado no recinto da Exposição de Paris, o que somos e o que valemos (COMMERCIO do *Amazonas* de 7 de abril de 1899)

Figura 88 – Publicidade da livraria e papelaria Palais Royal de Lino Aguiar e do Atelier Artistico Photographico, de Arturo Luciani, publicados no *Estado do Amazonas* (1899).



Fonte: Fotos do autor a partir do exemplar da Biblioteca Nacional.

Ele, o esperado álbum de luxo em cinco volumes, nunca chegou a dizer nada, uma vez que não chegou a ser publicado. No entanto, outro álbum foi produzido no mesmo período que a publicação de Luciani: foi o *Album Descriptivo Amazonico* (Fig. 89), com direção do publicista italiano atuante no Pará, Arthur Caccavoni.¹⁶⁶ Como seu título sugere, era um álbum que tratava da Amazônia; por isso, a publicação foi organizada em duas grandes partes dedicadas ao Pará e ao Amazonas. Trata-se de uma edição de luxo com uma bela capa colorida impressa

¹⁶⁶ Caccavoni já havia publicado, em 1998, o *Album Descrittivo dello Pará* e, em 1900, o álbum *Pará Commercial*.

com esmero em Gênova, tendo a tiragem declarada de mil exemplares. Algumas páginas de seu interior também foram impressas em duas cores e, nas fotografias, há uma variação de tons.

Nesse álbum é possível encontrar um grande conjunto de informações compostas em português e em italiano, bem como de imagens dos dois estados, além de publicidade das casas comerciais de Belém e de Manaus, com um maior predomínio do lado paraense. Vale ressaltar que esse amazônico álbum apresenta um conjunto de vistas fotográficas do Amazonas menor que aqueles registrados no álbum *Estado do Amazonas*, dirigido por Luciani, além de marcantes diferenças nas composições das imagens da região. Neste, o rio Negro volta ao campo de visão do fotógrafo como um importante marco na paisagem da cidade; por outro lado, o Teatro Amazonas só aparece em uma vista, ainda com seu entorno inacabado. As fotografias devem ter sido registradas antes daquelas que figuram no álbum de Luciani, pois alguns prédios e calçamento de algumas vias ainda estavam inacabados. Havia igualmente algumas páginas publicitárias de casas comerciais de Manaus, com destaque para a página do Hotel Cassina, compostas de várias imagens do estabelecimento e de seu proprietário (Fig. 89).

Figura 89 – *Album Descriptivo Amazônico* (1899): capa colorida, página interna com retrato de Eduardo Ribeiro, texto bilíngue, vista da cidade e publicidade do Hotel Cassina.



Fonte: Composição do autor a partir do exemplar digitalizado pela Fundação Cultural do Estado do Pará.

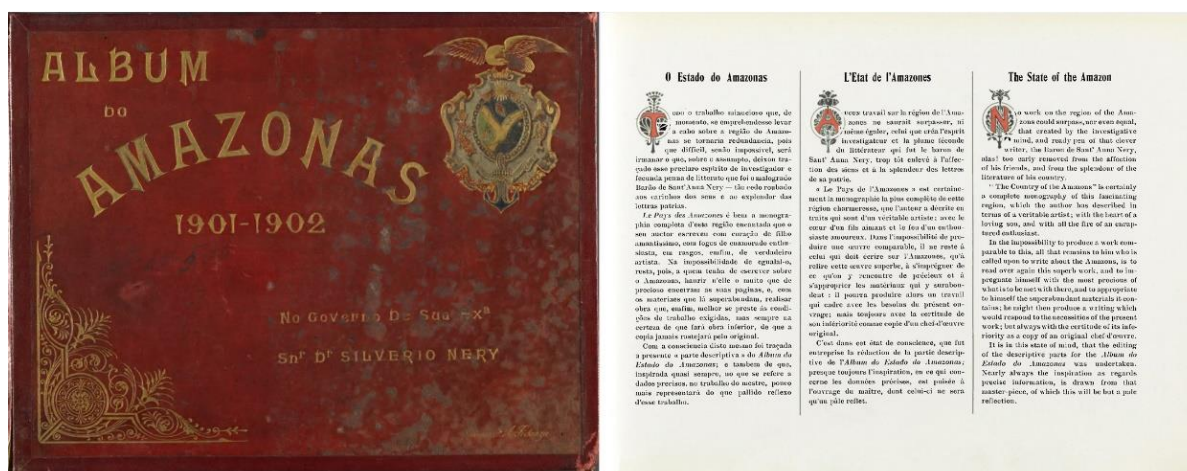
Apesar dessas duas publicações, no ano seguinte outra já estava sendo preparada e seu contrato assinado. De acordo com o *Diário Oficial* de 16 de março de 1900, outro álbum havia sido encomendado pelo Governo do Amazonas. Nele está registrado o detalhado termo do contrato estabelecido com o fotógrafo Felipe Augusto Fidanza para o fornecimento de seis mil

álbuns ilustrados em edição de luxo a serem entregues no prazo de um ano. Eles seriam “destinados a propagando do desenvolvimento do estado”.

O contrato estabelecia várias especificações, tanto quanto ao acabamento como também em relação às características do impresso. Seu formato deveria ser “4.º grande igual ao do album do Pará”, que Fidanza havia publicado em 1899. Essa sugestão de formato – definida a partir do álbum publicado pelo estado vizinho e rival – sugere que havia o interesse de não oferecer uma publicação menos luxuosa do que o Pará. O álbum contratado deveria ter capa dura em percalina e ilustrações a ouro e a cores, devendo ainda conter:

150 a 170 ilustrações, as quaes consistirão photogravuras pelo processo mais aperfeiçoado, copiadas de photographias do natural para esse fim expressamente tiradas pelo proponente, e constando de edificios publicos exterior e interior, jardins, praças, ruas e monumentos principaes, vistas e paisagens da Capital e arrabaldes, quadros de costumes e marinhas, panorama geral de Manáos e de alguns arrabaldes, retrato das principaes autoridades e personagens notáveis. (DIARIO Official de 16 de março de 1900).

Figura 90 – *Album do Amazonas 19001-19002*: capa e página da “parte descritiva”.



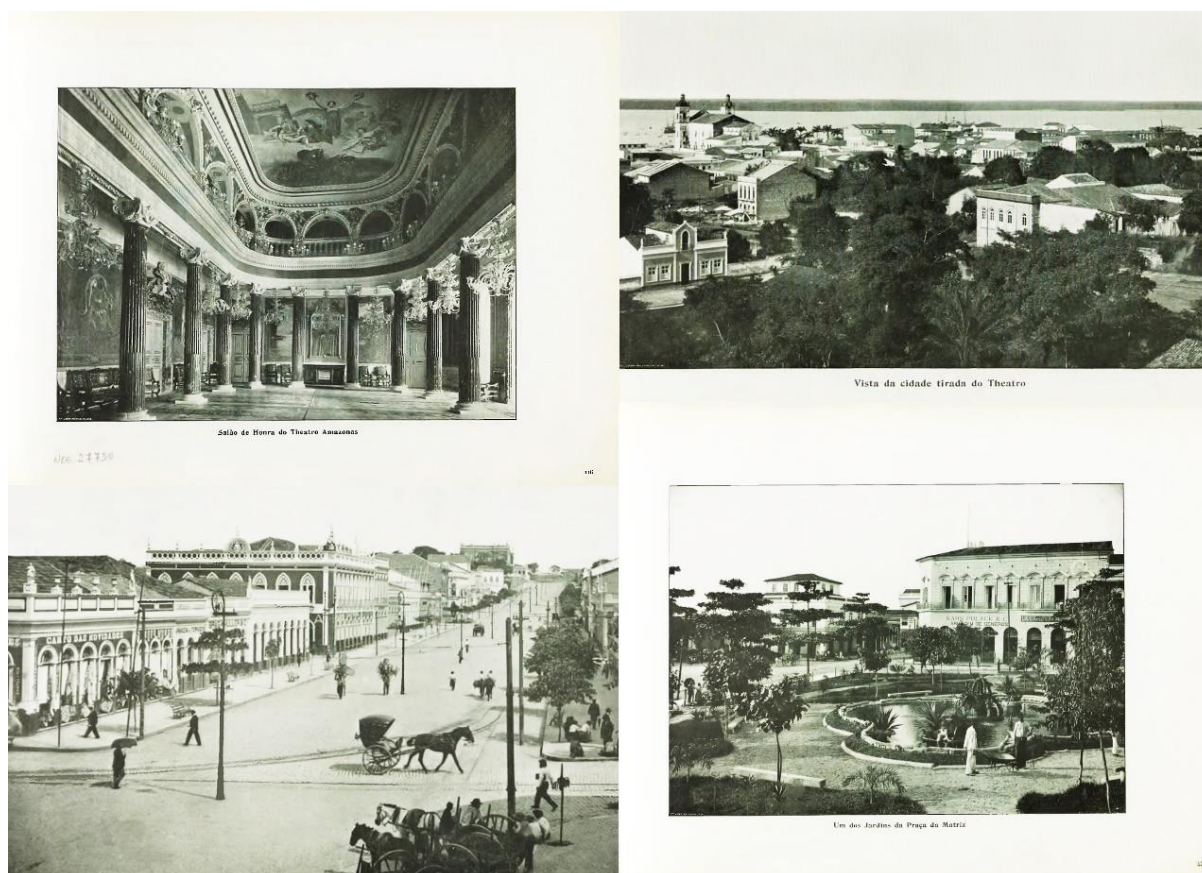
Fonte: Biblioteca Nacional.

As imagens tiveram suas dimensões estabelecidas no contrato citado em dois formatos: 17 x 20 cm e 30 x 36 cm, sendo algumas delas a “côres naturaes e ornamentadas com desenhos de luxo”. O editor deveria se encarregar da parte literária de, no máximo, 60 páginas impressas em três idiomas, podendo inserir, ao final dela, anúncios ilustrados das principais casas comerciais locais. O valor pago por cada exemplar do álbum foi estabelecido em quinze francos,

segundo o contrato, e, no início dos trabalhos, Fidanza receberia 45 mil francos, valor correspondente a 50% do montante de 6 mil álbuns. O valor restante seria quitado com a entrega de toda a tiragem nas condições acertadas no contrato.

A publicação foi produzida com o título *Album do Amazonas 1901-1902* e traz, em sua capa dura, o brasão do estado impresso em cores, com seu título e os demais dizeres e ornamento em dourado (Fig. 90). Não há a indicação da oficina gráfica que o produziu, mas é possível presumir que tenha sido na Typographie de Philippe Renouard, em Paris, onde Fidanza produziu ao mesmo tempo o *Álbun de Belem*. Essa suposição é sustentada pelo fato de ambos serem graficamente muito semelhantes. Após a folha de rosto tem início a narrativa visual com 123 imagens fotográficas impressas em uma cor – preto –, tendo uma breve legenda em português abaixo. O ponto de partida, ou a primeira vista, é a da história política, composta de seis retratos, sendo um do então atual governador, Silverio Nery, que tem maior destaque do que aqueles dos demais quatro ex-governadores recentes e do primeiro presidente da província do Amazonas, Tenreiro Aranha (Fig. 92).

Figura 91 – Vistas da cidade de Manaus: a paisagem construída e finamente civilizada.



Fonte: Composição do autor a partir do exemplar digitalizado pela Biblioteca Nacional.

Em seguida há o maior conjunto de imagens fotográficas organizadas em uma edição sobre o Amazonas, constituindo uma documentação rica sobre o período e a cidade de variados aspectos culturais e sociais da região. As imagens tratam de diversos temas e seus objetos são apresentados em diversas composições, como acontece com as imagens do Teatro Amazonas e do Palácio da Justiça, observados em vários ângulos e com imagens do seu interior (Fig. 91). Há ainda o conjunto expressivo de embarcações, incluindo imagens da oficina de construção naval do Sr. Guidts e de um belo panorama da frente da cidade vista a partir do rio, composto em três páginas: no primeiro plano veem-se diversos tipos de embarcação e, ao fundo, os prédios da Matriz e do Teatro.

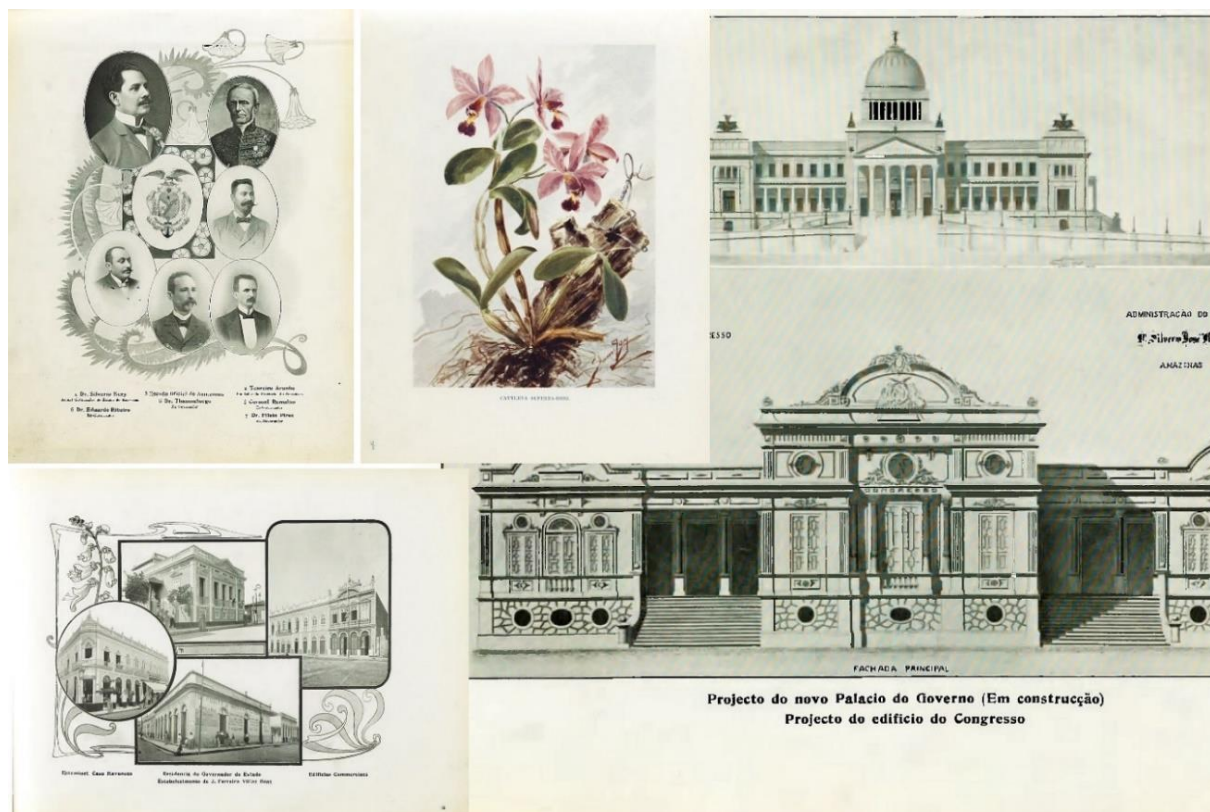
O conjunto de vistas de edifícios públicos, de ruas, praças e jardins é bastante significativo no álbum. Outro menor é formado de paisagens naturais dos arredores de Manaus, muitos com cenas de lazer. Há dois registros feitos em outras cidades do Amazonas, a saber: as cidades de Itacoatiara e Parintins, assim como de algumas casas comerciais. Há uma presença marcante de ilustrações no álbum, tanto de forma isolada, quanto nas duas orquídeas aquareladas impressas a cores (Fig. 92), e bem assim nas molduras ilustradas ou nos sinuosos desenhos florais em estilo *Art Nouveau* que servem de base para a montagem de diversas fotografias. O álbum encerra suas ilustrações com uma visão do projeto da fachada do Palácio do Governo e do Edifício do Congresso Estadual (Fig. 92), além de um mapa do Estado e da carta cadastral da cidade.

A “parte descritiva” do álbum tem 72 páginas impressas em duas cores. O seu texto foi produzido a partir da obra do Barão de Sant’Anna Nery, *Le Pays des Amazones*, e foi composto em três colunas para conter as versões em português, francês e inglês. No quinto item da seção, intitulado “A capital”, há a descrição de vários aspectos, serviços e edifícios da cidade. A avenida Eduardo Ribeiro, por exemplo, é apresentada como a principal artéria da cidade, onde se encontram “senão os principais estabelecimentos da capital, com certeza os mais elegantes” (190, p. 54), estando os suntuosos Palácio da Justiça e o Teatro Amazonas localizados nela. Apenas para fazer o registro, no final do álbum existe uma página de Errata contendo apenas três correções.

A publicação de Fidanza – o *Album do Amazonas 1901-1902*, pode ser considerado o principal álbum de vistas produzido pelo governo local, tanto pelas características editoriais e gráficas, como pela ampla circulação que teve e pelo conjunto de imagens apresentadas, de autoria de George Huebner. Contudo, uma das críticas encontradas ao álbum diz respeito à falta de clareza quanto a autoria dos edifícios retratados e melhoramentos da cidade, os quais eram orgulhosamente exibidos, pois foram associadas ao então governador do Amazonas, o coronel Silverio Nery. O texto publicado no *Quo Vadis*, de 20 de outubro de 1903, resume com ironia

sua principal censura ao trabalho: “Como a lisonja é a arma dos servís, a vaidade é a *virtude* dos pretenciosos”. Ao final da crítica, o texto diz que o lugar de destaque pelas obras retratadas nas vistas do álbum caberia à Eduardo Ribeiro.

Figura 92 – Páginas internas do *Album do Amazonas 1901-1902*, com a presença do desenho.



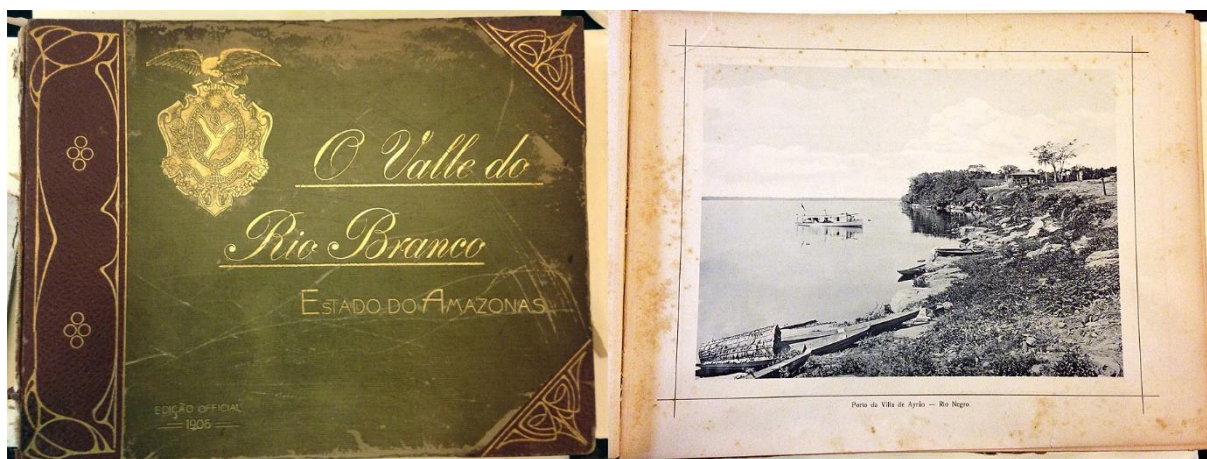
Fonte: Composição do autor a partir do exemplar digitalizado pela Biblioteca Nacional.

A edição não atendeu a todas as cláusulas descritas no contrato assinado e citado acima: o número de ilustrações é menor do que o previsto (de 150 a 170 ilustrações) e a parte literária é maior do que estava acertado (60 páginas). No entanto, não se encontrou nenhuma indicação de que essas diferenças tenham sido motivo de censura contra o editor Fidanza, muito embora, ao que parece, ele tenha sido duramente criticado por imperfeições que o álbum apresentava nos primeiros dois mil exemplares. Um dos motivos, segundo Rosa Pereira (2006, p. 79), a partir da leitura do jornal paraense *Folhas do Norte*, teria sido o fato de o fotógrafo não ter acompanhado a sua produção e, por essa razão, passou a ser alvo de calúnias sobre sua conduta. O periódico paraense sugeria também que Fidanza sofria de desequilíbrio mental “pelo excesso de devotamento à arte, abalado por informações indiscretas” (PEREIRA, 2006, p. 80). Esse,

pois, teria sido um dos motivos que levaram Fidanza a se suicidar em janeiro de 1903, quando se atirou ao mar.¹⁶⁷

Nesse período, Huebner produziu de forma independente dois álbuns de vistas com fotografias suas: o *Vistas do Pará*, com apenas 22 fotografias, e o *Vistas de Manáos*. Embora tenham encadernação em capa dura e tenham sido impressos em Dresden, na Alemanha, ambos são produções mais modestas e parecem ter tido circulação mais restrita. O *Vistas de Manáos*, segundo datação do Instituto Moreira Sales, parece ter sido produzido na década de 1890 e traz um pequeno conjunto de imagens de Manaus e seus arredores. Estão presentes as vistas dos prédios e avenidas, mas também dos igarapés e habitações da cidade.

Figura 93 – Álbum *O Valle do Rio Branco* (1896): capa e página interna com fotografia.

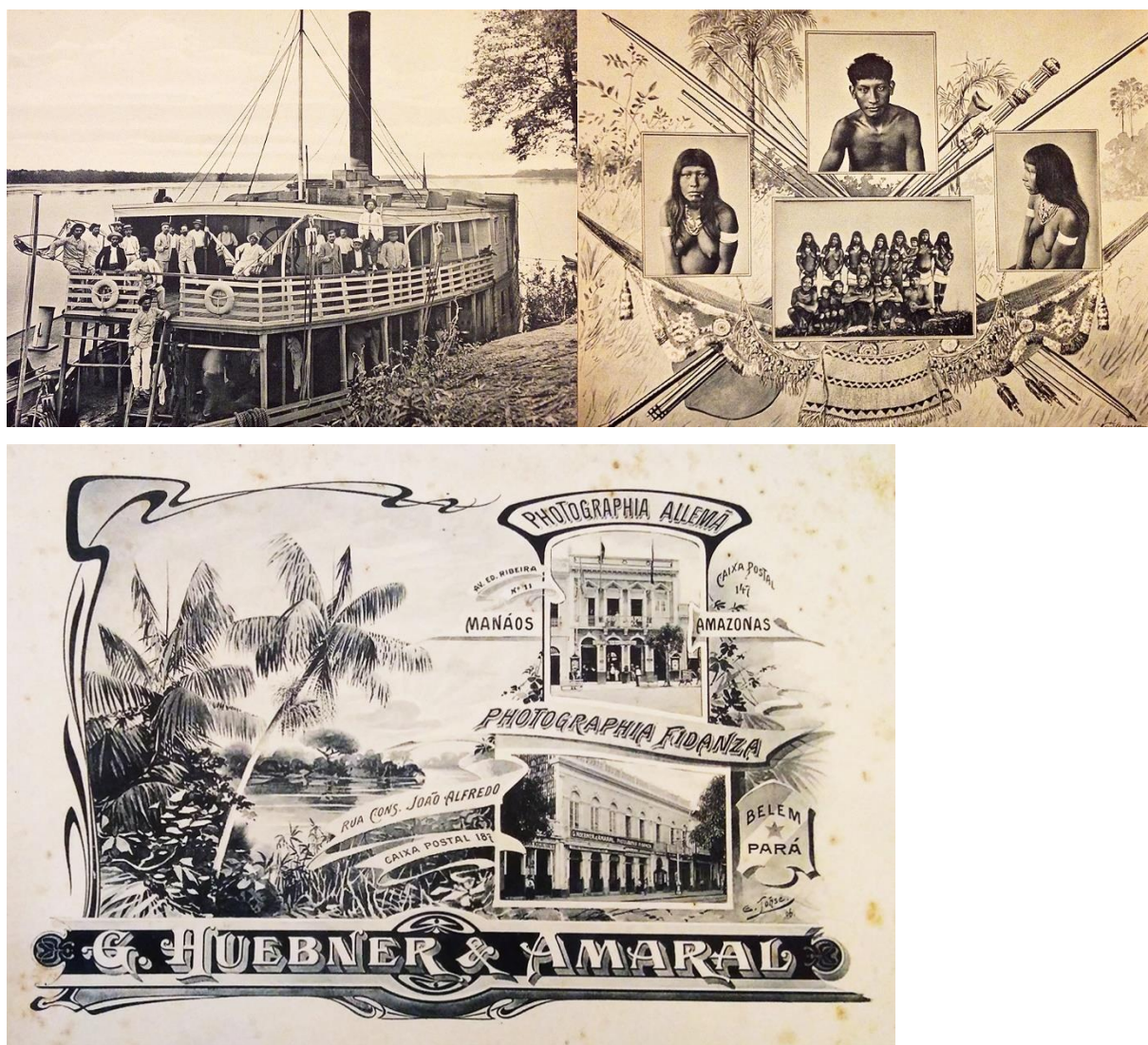


Fonte: Fotos do autor a partir do exemplar da Biblioteca Nacional.

Huebner foi responsável pelas imagens fotográficas e impressão do álbum *O Valle do Rio Branco* publicado em 1906 na Alemanha. O álbum foi produzido a mando do governador Antonio Constantino Nery para divulgar e promover o povoamento e progresso do alto Rio Branco. Tendo a direção do engenheiro Ernesto Jacques Ourique, que também desenhou o mapa elaborado por E. Stradelli impresso ao final. A publicação possui 31 x 23,8 cm de tamanho, com 33 páginas mais 85 fotos, com acabamento em capa dura com brasão do estado do Amazonas, título e ornamentos impressos em dourado (Fig. 93). Não por acaso a imagem que abre a edição é um retrato do governador, que participou da expedição ao Rio Branco documentada por Huebner.

¹⁶⁷ Outra versão sobre os motivos que levaram ao suicídio de Fidanza foi apontada por Rosa Claudia Cerqueira Pereira na dissertação *Paisagens urbanas: fotografia e modernidade na cidade de Belém (1864-1908)*, e fazem referência a problemas com outros dois álbuns sob sua responsabilidade para o Governo do Pará.

Figura 94 – Duas imagens de Huebner do álbum e anúncio ilustrado de suas casas comerciais em Manaus e Belém.



Fonte: Fotos do autor a partir do exemplar da Biblioteca Nacional.

A primeira parte da publicação é composta de um artigo que trata do Rio Branco, sua navegação, e que descreve seu vale como uma região de campos. O texto é composto em três colunas, com impressão feita em duas cores, preto na parte textual, e vermelho na capitular e na moldura das páginas. A segunda parte repete o título do álbum – O Valle do Rio Branco, inicia com um texto composto da mesma forma que o anterior, apenas em português, e a sequência de 85 imagens fotográficas. As vistas do álbum quase sempre partem de um ponto de vista localizado do rio para a margem, ou melhor, da embarcação em que estava o fotógrafo para o seu tema.

O principal personagem das vistas fotográficas é a via fluvial, as águas do rio Branco e a vida ao seu redor em paisagens, portos, habitações, criação de gado, reunião de pessoas, va-

queiro, indígenas, incluindo composições fotográficas destes. Esse conjunto temático difere de todos os outros álbuns publicados sobre o Amazonas em que sua capital ocupava um lugar de destaque. Assim, em vez do cotidiano urbano, tem-se visões da natureza amazônica e da presença humana na região que procurava divulgar suas potencialidades. Ao final há apenas o belo anúncio ilustrado com fotos da Photographia Allemã em Manaus e da Fidanza em Belém, recém adquirida por Huebner e Amaral (Fig. 94).

Encontrou-se ainda uma referência a um contrato para a publicação de cinco mil exemplares de um “album photographico de vista de Manáos” feita pelo Governo do Estado com o Conde Marco di Panigai, em 1910. O contrato estava então sendo rescindido e o governo pleiteava a restituição da primeira parcela paga pelo serviço ao conde, que havia se tornado o proprietário do Atelier fotográfico de Luciani por volta de 1902, segundo o jornal *Quo Vadis?* n. 24. Algumas publicações como almanaques, indicadores e anuários também publicaram vistas da cidade e da região ou, ainda, um conjunto significativo de imagens de casas comerciais da cidade, portanto, de iniciativa particular e para divulgação comercial.

A imagem do Amazonas nos álbuns de vistas é, predominantemente, a face urbana da cidade de Manaus que vivia sua *belle époque*, isto é, a imagem de uma sociedade civilizada e rica, pelo menos para uma parte dela, que vivia o fausto e os confortos da modernidade. E expandia seus limites apresentando uma outra região do estado, o vale do Rio Negro. Um novo capítulo estava sendo escrito, ou melhor, um novo livro, um álbum de luxo que narrava o conto da transformação de uma aldeia em uma embelezada e moderna cidade. A história da vitória do progresso sobre a floresta, dos hábitos refinados e cosmopolitas ante os costumes indígenas e tradições locais, do presente sobre o passado. Essa conversão do antigo em novo, onde o ferro substituía a madeira, a avenida aterrava o igarapé, o bonde e a energia elétrica abandonavam a carroça e a luz a gás transformava profundamente a vida e a paisagem da região, de acordo com Edinea Mascarenhas Dias (2007, p. 29).

A partir da atuação do fotógrafo Marc Ferrez, o pesquisador Zouein (2016, p.78-79) observa que a introdução da imagem no bilhete postal funcionou como um instrumento do processo civilizador ao compartilhar a experiência da posse e envio da imagem com qualquer pessoa. Essas pequenas janelas impressas do mundo – os cartões postais, passaram a dar forma à experiência humana da viagem, do encontro com o desconhecido, bem como da imagem enviada junto com os mais diversos desejos e aspirações. Daniel Schoepf (2005, p. 47) afirma, por exemplo, que a Photographia Allemã foi pioneira na edição e produção de cartões-postais próprios na região amazônica, desenvolvendo séries temáticas e uma vasta documentação imagética de Manaus e do Amazonas.

Figura 95 – Cartões postais: seringueiro (1904) e vista da frente da cidade, ambos de Huebner, e vista da The Manaos Tramways C., editado pela Livraria Acadêmica já na década de 1910.



Fonte: Acervo pessoal.

O fotógrafo Huebner documentou com maestria tanto o moderno desenho da cidade de Manaus, sendo seu principal cronista visual, quanto a vida nos seringais, em que produziu várias imagens dos seringueiros em atividade, além de outras vistas (Fig. 95). Algumas imagens do álbum de Fidanza produzidas por Huebner foram, posteriormente, publicadas em forma de cartão postal e alguns impressos a cores. Em 1904, o jornal *Quo Vadis?* n. 283, registrou em nota o recebimento de duas lindas coleções de bilhetes postais oferecidas pela Photographia Allemã, sendo uma de 15 vistas da cidade de Manaus e a outra com 12 imagens do interior do estado. Ao compor séries numeradas de cartões postais, Huebner tornava o conjunto também um objeto a ser colecionado, tal como foi observado por Zouein (2016, p. 83), vinculando-os a uma narrativa visual como a série de oito postais sobre a borracha no Amazonas.

Outras casas editoriais publicaram postais do Amazonas, como a Palais Royal e a Livraria Acadêmica, esta já na década de 1910, além de outras casas do exterior. De acordo com Schoepf (2005, p. 36), nesse período estavam em ação muitos intermediários no comércio e

produção de imagens e impressos, o que tornava difícil a atribuição de autoria ou o rastreamento de documentos e de imagens. Por isso, muitas imagens que circularam na forma de cartões postais não apresentam indicação de autoria e nem mesmo onde foram impressos. Algumas apenas possuíam uma imagem de lado com uma breve legenda; do outro havia o espaço para o selo e para o texto breve, sem nenhuma outra indicação.

4.3 As artes graphicas no Amazonas

“Não é novidade o nosso aparecimento; não. Todos os dias aparecem periodicos”, diz o jornal *O Barés* em sua apresentação na edição do dia 13 de maio de 1900. A afirmação é confirmada por Faria e Souza (1908, p. 31-32), que, em seu levantamento, anotou 17 periódicos em circulação no Amazonas em 1899, sendo duas revistas: *Revista Medica do Amazonas*¹⁶⁸ e *Revista do Norte*.¹⁶⁹ Foram 12 no ano seguinte e 24 periódicos em 1901, incluindo jornais comemorativos e de edição única. Os jornais circulavam com assinaturas, vendas na rua e eram comercializados nos cafés, tabacarias, livrarias e em estabelecimentos novos, tal como a Agência Freitas, já na década de 1900.

A fase de consolidação dos jornais brasileiros se dá a partir de 1880, de acordo com Juarez Bahia (1967, p. 44), marcada pela consolidação da produção gráfica como um empreendimento industrial, abandonando seu carácter mais artesanal. Essa transição ocorreu primeiramente nas oficinas dos grandes jornais do Rio de Janeiro e São Paulo, mas não foram muitos e conviveram, ainda segundo Bahia (1967, p. 47-48), com os mesmos equipamentos e materiais usados anteriormente pelas Typographias menores. No Amazonas, esse processo começou ainda na década de 1890, lentamente, com a transformação de algumas oficinas tipográficas em empresas editoriais e em sociedades de capital aberto, que modernizaram seus equipamentos, materiais e métodos. Essa transição vai ficar mais visível na década que vai de 1900-1910 com a atuação de novos agentes, como a Palais Royal e o *Jornal do Commercio*.

Ao comparar a atividade dos periódicos locais com a de outros estados brasileiros, a pesquisadora Maria Luiza Ugarte Pinheiro (2015, p. 74-75) observou que, apesar de coincidir com processos similares em outras regiões, o periodismo local, quando comparado ao Rio de Janeiro, revela seu carácter tardio. Esse relativo atraso em relação ao centro econômico e cultural

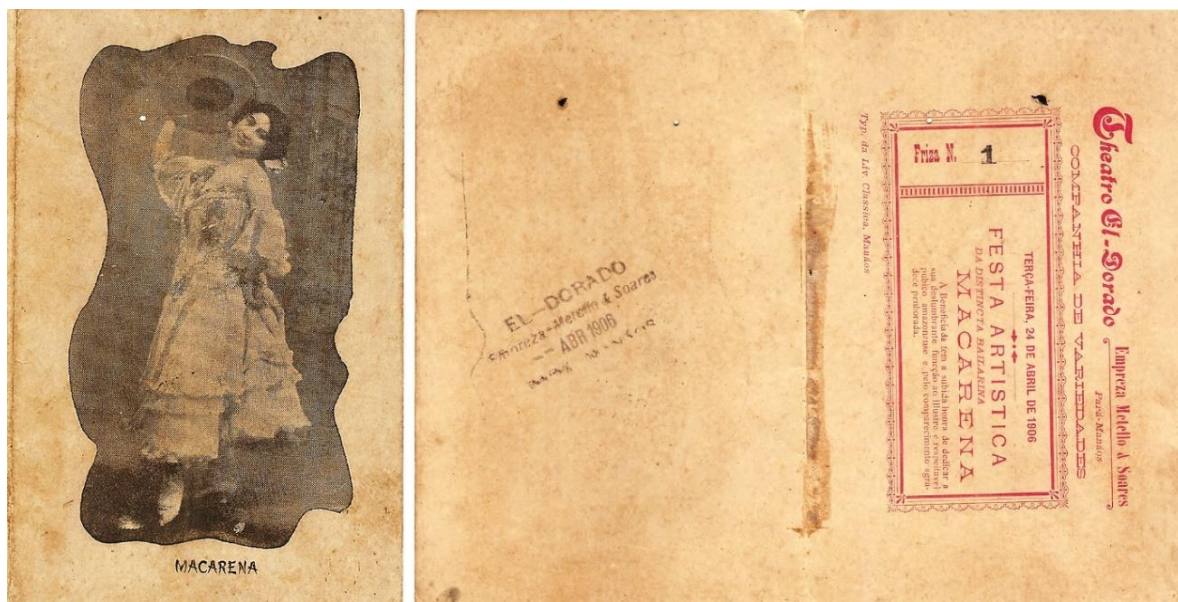
¹⁶⁸ Era organizada pela Sociedade de Medicina e Pharmacia segundo *A Federação* de 5 de setembro de 1899.

¹⁶⁹ Segundo registro do *Commercio do Amazonas* de 15 de novembro de 1900, a revista era quinzenal, dirigida por J. Cabral dos Anjos e parece ter publicado alguns retratos.

do país era esperado, bastante evidente também de circulação ainda restrita da imagem, seja fotográfica ou ilustração, nos jornais e produtos impressos. Esse aspecto é mais evidente ainda quando se observa os poucos periódicos ilustrados até 1910 e quando se leva em consideração que as primeiras revistas de variedades, ilustradas, só apareceram em 1914, com a revista *Cá e Lá*, em duas fases (1914/1917), e revista *A Nota* (1917).¹⁷⁰

Muitos jornais menores não tinham filiação política, como, por exemplo, o já citado *O Barés*, de 13 de maio de 1900, que se dizia filho da classe operária, descrita como essa multidão esquecida que, pelo “trabalho honrado conquistam a elevação do seu caracter...” No entanto, ele não era um periódico operário, mas noticioso e literário. Na realidade, vários eram folhas de propaganda, seja comercial ou de alguma causa, uma diversidade grande que, em 1901, comportou dois jornais com o mesmo título – *O Monitor*. Um foi impresso na Livraria Universal, de publicação mensal, distribuição gratuita e divulgador do evangelho no Amazonas. O outro, também gratuito, possuía tiragem declarada de 2.000 exemplares e era de orientação comercial. Este, em seu nono número, afrancesou seu nome para *Moniteur*, acabando com a coincidência.

Figura 96 – Ingresso com dobra central do Theatro El-Dorado para a festa artística “Macarena”, com data de 24 de abril de 1906, impresso na Typ. da Liv. Classica.



Fonte: Acervo do autor.

O grande crescimento de novos empreendimentos gráficos observado na última década do século XIX manteve a continuidade na década seguinte com uma leve redução. De acordo

¹⁷⁰ Ver a dissertação de Fabia Libório Correia, *Janelas do Mundo: revistas de variedades em Manaus (1900-1950)*, defendida em 2010 na Universidade Federal do Amazonas.

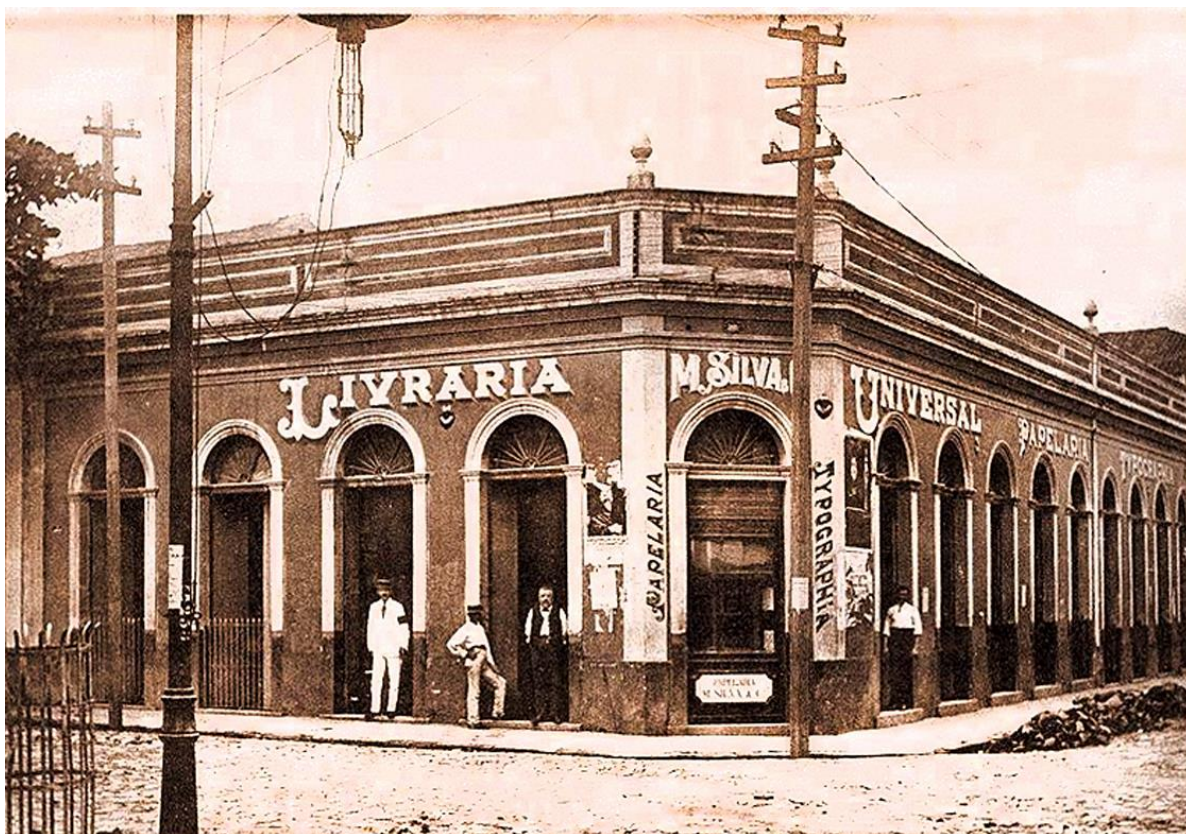
com o levantamento realizado e registrado no Apêndice B, foram identificadas mais 16 novas oficinas gráficas de 1900 a 1909, contra 21 no período anterior. Além do desenvolvimento tecnológico das oficinas, há uma maior diversidade de produtos impressos oferecidos e de estilos de composição do produto impresso. Sobretudo com a ampliação da presença da imagem, do maior uso de grafismos, ornamentos, da cor, tipos de papel para diferenciar e valorizar os artefatos, mesmo em impressos efêmeros (Fig. 96). Portanto, os artefatos impressos ganham também em complexidade, exigindo do profissional gráfico um maior planejamento e conhecimento de estilos artísticos para fazer a composição dos produtos de acordo com o gosto da época.

Ainda na década de 1890, como se viu, as livrarias formaram pequenos conglomerados que reuniam, além do comércio de publicações, papelaria, impressão, encadernação e outros. Eram pequenos centros comerciais e de produção de impressos que não dependiam da venda de um jornal ou de contratos com o governo para se sustentar, tal como faziam as oficinas tipográficas observadas anteriormente. Sua demanda se voltava para o próspero mercado local, para as firmas, lojas, serviços e profissionais liberais. As atividades de lazer se desenvolveram a partir da última década século XIX, sendo notável a atenção dada nos jornais às temporadas de espetáculos, à crítica e à crônica teatral e musical, bem como à propaganda dessa atividade. As companhias e os teatros da cidade se constituíram em importantes clientes para as oficinas tipográficas, dado que demandavam, além da publicação de anúncios nos jornais, a produção de impressos efêmeros, como os ingressos (Fig. 96), programas, cartazes, cartões e outros.

A *Typographia Universal de F. Queiroz & Comp.* era a oficina da Livraria de mesmo nome e ficava anexa a esta. Ainda em 1898, o empreendimento gráfico anunciou que tinha sido “recentemente montada segundo o systema europeu” e que estava apta a produzir revistas, obras ligeiras e de luxo.¹⁷¹ No ano seguinte, a casa oferecia também o serviço de encadernação e havia se mudado para a Rua Henrique Martins, segundo anúncio de *O Annunciador Commercial* n. 2. Manoel Lourenço da Silva era o “distincto chefe das officinas da casa F. Queiroz & Cia.” que estava de partida para a Europa, segundo nota do jornal *Commercio do Amazonas* n. 462, de 1899. O jornal lhe desejava uma prospera viagem e lhe fazia os maiores elogios ao dizer isto: “é sensível a falta que faz á casa que com tanta proficiencia dirigia, na sua secção typographica, e no meio artistico de Manáos, onde elle, por sem duvida occupava o primeiro lugar.”

¹⁷¹ Retirado do *Commercio do Amazonas*, 6 de outubro de 1898.

Figura 97 – Vista da fachada da Livraria Universal (1910).



Fonte: *Indicador Ilustrado do Estado do Amazonas*, acervo digital do Instituto Durango Duarte.

Essa distinção e tratamento dados pelo jornal não eram comumente dispensados aos trabalhadores gráficos até um pouco antes; embora letrados e até mesmo cultos, estes faziam parte da classe operária. Manoel Lourenço foi tratado como um artista reconhecido pelo trabalho gráfico realizado na oficina que dirigia e que depois, em 1902, tornou-se também um de seus proprietários.¹⁷² A Livraria Universal de M. Silva e Ca. (Fig. 97) anunciou seus serviços de Typographia, Encadernação, Pautação, Livraria e Papelaria no jornal *O Palito*, de 1.º de junho de 1902, e, no ano seguinte, no mesmo jornal, edição de 11 de outubro, destacava também os serviços de Estereotypia e Zincographia.

Ora, desenhava-se, assim, um empreendimento organizado a partir de seu principal negócio: uma livraria e papelaria; de outra parte, a atividade de produção gráfica. Esta não era exclusivamente tipográfica, mas um conjunto de serviços, processos de composição, impressão e acabamento no mesmo estabelecimento, tornando-o diverso de uma simples oficina tipográfica. Onde, como o nome indica, o único processo de impressão oferecido era o tipográfico,

¹⁷² Em 1900, o *Diário Oficial* n.º 1864 informava a venda da Livraria Universal a Francisco Nicolau dos Santos. Dois anos depois, a propriedade da livraria era de M. Silva & C., uma abreviação – ao que parece – de Manoel Lourenço Silva.

precedido pela etapa de composição e depois o acabamento. Já a Livraria Universal se caracterizava como um estabelecimento gráfico ou oficina de artes gráficas que além da composição e impressão com tipos dispunha da estereotypia e da zincografia (Fig. 98), não sendo a única. Essa redefinição também pode ser observada na mão de obra, que passa a ser mais exigida pelos diversos recursos gráficos e estilísticos disponíveis.

A Livraria Universal parece ter se especializado em produtos impressos para os teatros locais, uma vez que, além de alguns programas, publicou um jornal dedicado ao tema. A coluna sobre teatro do *Jornal do Commercio*, edição n.º 204, de 1904, trazia uma imagem da atriz Adelaide Coutinho, que então se apresentava na cidade e era bastante elogiada. O artigo fazia uma referência ao programa do espetáculo como um “primoroso trabalho do inpe ccavel artista graphico Manoel Lourenço da Silva”. No mesmo jornal, edição de número 277, outro artigo elogiava mais um programa de teatro projetado por Manoel Lourenço, descrito como uma obra-prima. Em 1906, as suas oficinas publicaram o jornal *O Theatro*, que, nos números consultados, a partir do décimo número, de 1.º de agosto de 1906, apresentava uma composição gráfica leve, com destaque para o cabeçalho ornamentado com motivos florais, fazendo uso de ornamentos *art nouveau* e, pelo menos, um retrato, de Carlos Gomes, em seu décimo primeiro número.

Figura 98 – Interior da oficina tipográfica da Livraria Universal (1910).



Fonte: *Indicador Ilustrado do Estado do Amazonas*, acervo digital do Instituto Durango Duarte.

Por seu trabalho, Manoel Lourenço foi reconhecido como artista gráfico, uma titulação profissional que não havia sido registrada anteriormente no circuito local, denotando o surgimento de um novo profissional gráfico. Essa especialização da atividade gráfica se devia a maior exigência profissional, que então deveria ter um maior domínio das modernas técnicas de composição e estilo, incluindo o planejamento dos diversos recursos disponíveis. Desde o tipo de imagem, uso da cor, formatos e tipos de papel, escolha de estilo, ornamentos, tipos de impressão e acabamento necessários para a finalização do produto impresso. O artista gráfico era o profissional que usava os elementos editoriais, visuais e gráficos para conferir unidade e estilo ao produto impresso, distinguindo-o dos demais.

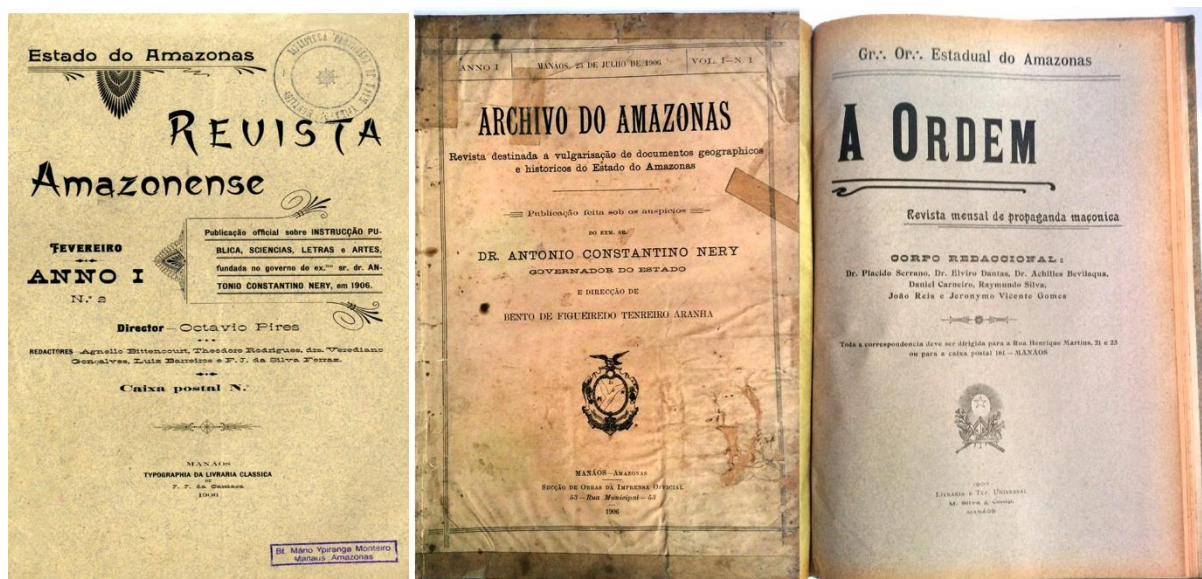
Em 1909, foi encontrado um expressivo número de profissionais identificados como artistas gráficos, tal como pode ser verificado em uma consulta nas colunas sociais dos jornais *Correio do Norte* e *Jornal do Commercio*. Esse fato sugere que esses profissionais tinham uma posição social valorizada, digna de ser acompanhada nos jornais, semelhante ao tratamento dado a um profissional liberal, bem diferente do que ocorria ao tipógrafo. Nesse mesmo ano uma nota de jornal informou que Manoel Lourenço da Silva havia se retirado de sua firma, a Livraria Universal, seu sócio, Francisco Nicolau Santos, passou o estabelecimento para Jacintho José Penalva e Francisco Luiz Pereira, que continuariam com os negócios da Livraria Universal.¹⁷³

A revista “é em todos os paizes o meio mais adequado de difundir idéas e de provocar movimento de idéas”, diz José Veríssimo, citado no editorial do primeiro número da *Revista Amazonense*, de janeiro de 1906. E continua: “entre o jornal e o livro ella é justamente a forma de publicação que melhor convem a uma classe á massa do publico a quem escaceam tempo e meios para estudos profundos e originaes ou leituras laboriosas e extensas”. Esse produto impresso, a revista, ainda era rara no panorama local de publicações até 1890, quando apenas três registros foram feitos.¹⁷⁴ Na última década do século XIX circularam pelo menos quatro revistas, como se pode ver na Tabela II. Contudo, esse tipo de publicação se ressentia da dificuldade de um planejamento melhor de sua organização visual e gráfica, além de falta de agentes locais relacionados à gravação e impressão de imagens, cuja oferta ainda era bastante limitada.

¹⁷³ Retirado do *Jornal do Commercio*, de 6 de julho de 1909.

¹⁷⁴ As já citadas *Revista do Amazonas* (1876), *Echo Militar* (1878) e a *Vellozia* (1888).

Figura 99 – Revistas amazonenses do início do século XX.



Fonte: A primeira imagem é da Biblioteca Digital do Amazonas; as outras duas são do acervo do autor.

A composição gráfica das revistas publicadas no Amazonas no início do século XX se caracteriza, tal como descrito por José Veríssimo, acima, por manter elementos comuns do jornal e também do livro. Esse tipo de periódico ainda não havia se definido como um produto editorial específico com uma linguagem gráfica própria. De 1901 a 1910 foram publicadas pelo menos nove revistas, todas em Manaus, das quais foram examinadas *A Ordem* (1906), *Arquivo do Amazonas* (1906) e a *Revista Amazonense* (1906). As três eram semelhantes entre si (Fig. 99): um grande volume de informações tipográficas organizado tal como um pequeno jornal. Apenas uma capa em papel colorido com alguma ornamentação, com pouco ou nenhum uso de imagem ou de qualquer elemento de diferenciação visual ao longo de seus números. Isso era bem distante do dinamismo gráfico observado no seguimento de revistas de variedades publicadas no período em outras províncias. Das três revistas citadas, apenas a publicação maçônica *A Ordem* mostrou alguma variação do seu discurso gráfico ao longo de seus números, pois o número 7, de novembro de 1907, fazia uso de vinhetas e ornamentação *Art Nouveau*, criando um estilo de paginação reconhecível e leve.

Tabela II – Revistas publicadas no Amazonas, de 1890 a 1910.

N.º	TÍTULO	ANO
1.	<i>Novo Dia</i>	1890
2.	<i>Revista Medica do Amazonas</i>	1896
3.	<i>O Labaro</i>	1897

4.	<i>Revista do Norte</i>	1899
5.	<i>Neomathia</i>	1904
6.	<i>Archivo do Amazonas</i>	1906
7.	<i>Revista Amazonense</i>	1906
8.	<i>A Ordem</i>	1907
9.	<i>Revista da Associação Commercial do Amazonas</i>	1908
10.	<i>Palladium</i>	1908
11.	<i>A Illustração</i>	c. 1908
12.	<i>Aura</i>	c. 1909
13.	<i>Alpha</i>	c. 1910

Fonte: Composição do autor.

Figura 100 – Revista *Cá e Lá* n. 3 (1914): capa e páginas internas.



Fonte: Biblioteca Digital do Amazonas.

De 1911 a 1920 foram publicadas pelo menos oito revistas: *Revista de Manáos* (c. 1911), *Revista Militar* (1911), *Archivos da Escola Universitária Livre de Manáos* (c. 1911), *A Tribuna academica* (c. 1911), *Lumen Amazonense* (1912), *Revista Commercial* (c. 1914), *Cá e Lá* (1914 e 1917) e *A Nota* (1917). Dessas, observou-se que a revista *Cá e Lá* vai apresentar, de fato, um projeto gráfico variado, com amplo uso de imagens, hierarquia de informações e diversos recursos gráfico-visuais para compor páginas de forma dinâmica e atraente (Fig. 100). A revista possuía um diretor artístico responsável por sua composição visual, primeiro Salvador Oliveira,

que também assina algumas ilustrações e, em 1917, Olympio de Menezes. Essa mudança de padrão, embora tardia, confirmaria a definição dada por José Veríssimo à revista: um motor a produzir “um movimento de ideias”, inclusive gráfico-visuais, ainda de forma lenta nas revistas locais desse período.

4.3.1 Notas sobre a imprensa e o desenho de humor

Nas primeiras décadas do século XX, um seguimento bastante significativo da imprensa local foi o dos periódicos humorísticos, jornaizinhos cheios de malícia, que abusavam dos trocadilhos, maledicências e da troça para causar o riso fácil. Também usavam de ironia e faziam críticas ao governo, ridicularizando costumes e personalidades da cidade. Nesse tipo de publicação a presença da ilustração e do desenho de humor era frequente, sendo, muitas vezes, o principal protagonista da publicação. Não era esse o caso do circuito de comunicação impressa local, onde a presença da imagem ainda era rarefeita. Essa falta era percebida no jornal *O Palito*, que se apresentava como “órgão necessário para fazer higiene do espirito, [...] evitar a *carie* politico-social que ameaça apodrecer a dentuça da geração moderna”.¹⁷⁵

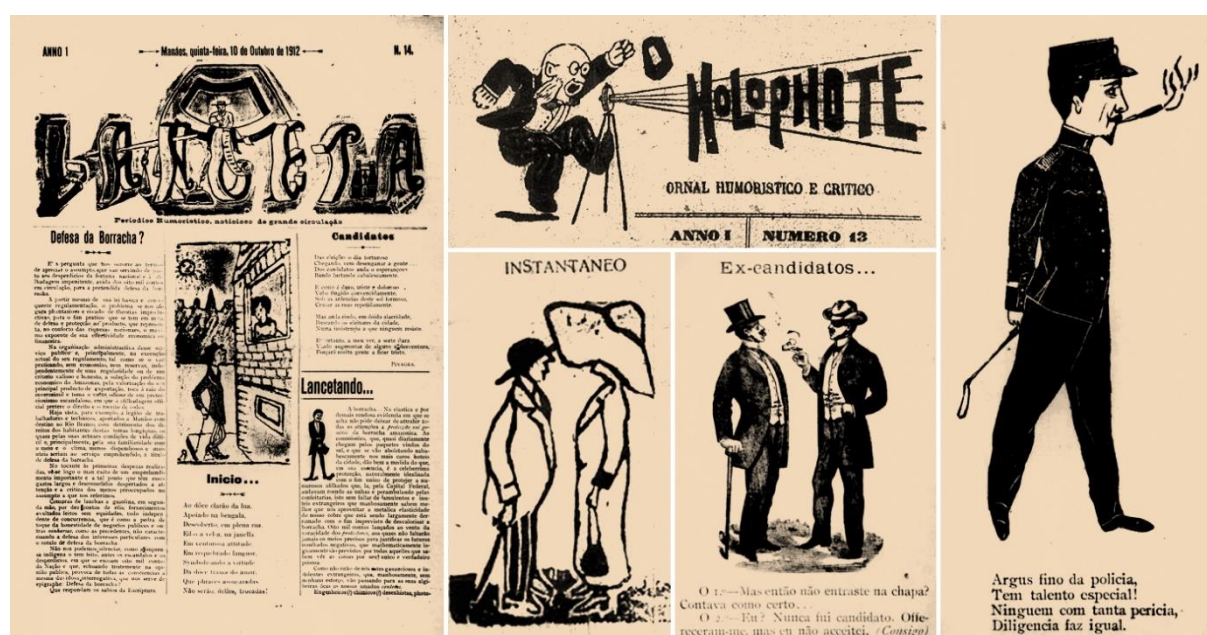
Esse jornal se definia como “Hebdomadario de critica humoristica seria” em seu expediente fazia um aviso e um pouco de graça: “quem se zangar com a troça d’O Palito, que não faz mossa, perde o tempo e o feitio, e fica sujeito a apanhar mais”. Em sua segunda fase, iniciada em 11 de outubro de 1903, o jornal passou a ter distribuição gratuita e era impresso na Typ. da Livraria Classica. Posteriormente, ele parece ter pedido um pouco do humor ao se apresentar como “órgão de interesses comerciais e industriais”. Ou nem tanto assim, como se pode depreender da leitura de um poema onde é feita uma divertida divulgação da Livraria Universal: “O SILVA da Livraria, / Das mulatas o terror, / Em typo-zincographia / É mestraço de valor./ Encaderna, grava, imprime, / Trabalho sempre esmerado... / Um pezar a alma lhe oprime: / Não pode vender fiado!” (O PALITO, de 11 de outubro de 1903.)

Foram muitos os periódicos humorísticos amazonenses examinados em busca de ocorrências de desenhos de humor ou mesmo de um maior uso de recursos gráficos, embora tenham sido poucos os encontros dessa natureza. Os jornais examinados podem ser brevemente inventariados assim: *O Jornalsinho* (1902); *O Holophote* (1905), com um cabeçalho ilustrado (Fig. 101); *O Bond* (1906), com alguns desenhos originais e outros que parecem reaproveitados, com uso de vinhetas e anúncios ilustrados; *Os pingos nos ii* (1906), com vários desenhos de humor

¹⁷⁵ Retirado do primeiro número de *O Palito*, de 1.º de junho de 1902.

originais. E ainda *O Nucleo* (1907); *O Domingo* (1908); *A Chibata* (1909); *Suplemento Illustrado do Correio do Norte* (1909), esse, de fato, um periódico ilustrado; *O Preludio* (1913); *Raio X* (1911), publicação de Itacoatiara, interior do Amazonas; *O Parafuzo* (1910); *A Matraca* (1913); *A Lanceta* (1912), no início com cabeçalho ilustrado (Fig. 101), fazia uso de vinhetas e há, pelo menos, um desenho original. No *Pathé Journal* (1914), apenas algumas vinhetas; na *Marreta* (1915), encontrou-se um desenho original; e n’*O Chicote* (1915), algumas ilustrações originais.¹⁷⁶

Figura 101 – O desenho nos periódicos de humor do Amazonas (1902 a 1915).



Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional e da Biblioteca Virtual do Amazonas.

No exame de vários exemplares digitalizados dos 16 periódicos listados acima, em apenas seis se encontrou a presença de desenhos originais; em realidade, sete, se incluir um cabeçalho ilustrado. Havia um jornal declaradamente ilustrado – o *Suplemento Illustrado do Correio do Norte*, ao qual podemos juntar, com alguma boa vontade, o jornal *Os Pontos nos ii*, pois também possuía o uso intensivo de desenhos originais em suas páginas. A composição gráfica desses periódicos fazia uso de poucos recursos gráficos, sendo alguns deles bastante descuidados. Somente naqueles com a presença do desenho de humor se percebe mais dinamismo na página, embora pareçam apresentar dificuldades de impressão.

¹⁷⁶ Na Introdução do catálogo *Cem anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)* são destacados outros periódicos de humor (1990, p. 20), também registrados em maior número em suas páginas.

Essa pouca utilização da representação gráfica nos periódicos locais exemplifica um certo atraso da atividade gráfica local, especificamente na produção de matrizes e impressão de imagens. Nenhuma oficina de gravura, de litogravura ou reprodução de imagem foi encontrada em atividade em Manaus no século XIX.¹⁷⁷ Era uma sensível lacuna que dificultava a fixação de profissionais especializados, como gravadores e litógrafos, com reflexo direto na falta de circulação de imagens nos periódicos locais. Isso não se verificava apenas nos jornais humorísticos e revistas: essa falta também atingia outros produtos impressos que necessitavam do uso da imagem, como rótulos, diplomas, certificados e outros.

No início do século XX, as oficinas gráficas locais ofereciam a zincogravura e a fotogravura como alternativas para reprodução da imagem em maior tiragem. Também se encontrou registros da atuação de gravadores, incluindo de xilogravura, e apenas uma oficina de litogravura, já em 1910. Os ateliês fotográficos produziam pequenas tiragens de retratos e fotografias; já os cartões postais eram impressos em empreendimentos gráficos do exterior.

Esse hiato começou a ser contornado, pelo menos na grande imprensa, com a entrada de um importante agente de mudanças no circuito local – o *Jornal do Commercio*, que iniciou sua publicação em 1904. O periódico introduziu importantes inovações no circuito local, dentre elas o maior uso da imagem, sobretudo da ilustração, mas também da fotografia. O periódico empregou alguns desenhistas, tendo como marcos da presença da imagem em suas páginas a publicação do suplemento dominical “O Curumi”, a partir de 1908, e a seção “A gravura do dia”, em 1911. Os empreendimentos gráficos da Livraria Universal e da Palais Royal também fizeram uso de imagens em suas produções e, mais adiante, também as oficinas gráficas da revista *Cá e Lá*, a partir de 1914.

São iniciativas importantes para a maior difusão das imagens nos produtos impressos locais pois foram poucos os registros da atuação de gravadores e desenhistas na imprensa local. Dentre eles, encontrou-se alguns registros da atuação na imprensa local do pintor Jorge Gamboa como gravador, desenhista e decorador. Ele realizou alguns trabalhos nesse sentido para o *Jornal do Commercio* (Fig. 102), retratando personalidades que eram gravadas e impressas na primeira página do jornal, quase sempre de tamanho reduzido. O mesmo jornal elogiou uma xilogravura sua em 1905, na edição n.º 631.

Em abril de 1906 o artista dirigiu os trabalhos de decoração para a recepção de marinheiros portugueses da Canhoneira Patria que aportariam em Manaus. Por sua atuação nesse

¹⁷⁷ A Imprensa Oficial também havia planejado uma oficina litográfica desde a sua fundação, mas ela não havia sido instalada até esse período.

trabalho, o *Correio do Norte* de 7 de abril de 1906 descreveu o artista como hábil, e afirmava que a execução da ornamentação das ruas com arcos e a pintura de cenários seguia bem. Destacava ainda a construção de uma réplica em menor escala da Torre de Belém. A grandeza desse trabalho dirigido pelo artista foi registrada ainda na forma de um poema humorístico intitulado – “Às quintas”, assinado por João Quaty e publicado na edição de 26 de abril de 1906 do *Jornal do Commercio*. Nele há a indicação de que Gamboa era “de fora”, se do Amazonas ou do Brasil não fica claro, mas o sucesso de seu trabalho na recepção da embarcação portuguesa parece não deixar dúvidas:

[...] Agora mesmo chegou / Um navio portuguez, / Tudo logo se enfeitou / N'um momento, de uma vez; / Foram vel-o muitos barcos. / Pelas Ruas tem uns arcos / Grandes como nunca vi. / Estylo de um tal mocinho / Chamado seu Manesinho / Que não sei se mora aqui. // Tem na praia (como é belo!) / Uma casa assim dos lados / Feita de panno amarello / Com tijolinhos pintados. / Diz toda a gente entendida / Que ella é muito parecida / Com uma lá de Lisboa / E foi colocada agora / Por um homem lá de fóra, / Pintor chamado Gambôa. [...]

Figura 102 – Desenhos de Jorge Gamboa publicados no *Jornal do Commercio* (1907-1913).



Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O ateliê de pintura de Jorge Gamboa se manteve ativo em Manaus até pelo menos 1913, e chegou a ter outro artista trabalhando nele, o pintor Roque Falcone.¹⁷⁸ O espaço abrigou algumas exposições como a da artista Nina Santos, em 1912, que já havia exposto a pouco seus trabalhos em Belém, segundo notícia do *Jornal do Commercio* n. 2928, de 1912. Duas notas publicadas em jornal informam mudanças de endereço de seu atelier: a primeira em 1908, para a rua Municipal, n. 68, segundo um registro do *Jornal do Commercio* n.º 1493; três anos depois

¹⁷⁸ O artista Roque Falcone era cearense e fez seus estudos em Nápoles, na Itália, com subsídios pagos pelo Estado do Amazonas de 1905 a 1907. Ele também foi professor da Academia de Bellas Artes local, segundo notas publicadas no *Jornal do Commercio* edições de 20 de novembro de 1907 e 8 de março de 1912.

o atelier estava a funcionar na Rua Costa Azevedo, n.º 579, onde oferecia trabalhos em pintura decorativa e esconographia.¹⁷⁹

Em 15 de fevereiro de 1913, o *Jornal do Commercio* destacou em sua primeira página a reconstituição do crime feita Gamboa por meio de um desenho da cena gravado em clichê e que mostra a vítima de um crime sendo atacada por dois homens (Fig. 102). O artista participava ainda da vida cultural da cidade trabalhando na decoração de eventos e cenografia,¹⁸⁰ bem como atuando em diversos espetáculos teatrais como ator amador.¹⁸¹ Em 1910, Jorge Gamboa inaugurou sua “Companhia de fantoches”, que fez sua primeira apresentação no Teatro Amazonas com cenários e bonecos confeccionados pelo artista, de acordo com artigo publicado no *Correio do Norte* n.º 419.

Figura 103 – No interior do Amazonas: anúncio de Typographia do Correio do Purus (1904), em Lábrea; e a presença da imagem no jornal *A Paz* (1905), em Manicoré.



Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional e da Biblioteca Virtual do Amazonas.

Em outras localidades do Amazonas a atividade de produção gráfica também se expandiu, com pelo menos oito oficinas tipográficas em funcionamento nas décadas de 1890 e 1900. Uma delas publicou o *Raio X*, periódico humorístico de Itacoatiara, e outras publicaram jornais com maiores recursos gráficos e fazendo anúncios de suas oficinas, tal como fez a Typographia do Correio do Purus, de Lábrea, em 27 de novembro de 1904. O anúncio foi ornamentado com

¹⁷⁹ De acordo com anúncio publicado no *Correio do Norte*, de 21 de junho de 1911.

¹⁸⁰ Segundo artigo publicado no *Correio do Norte* n.º 88, de 1906, e n.º 812, de 1911.

¹⁸¹ Ver *Jornal do Commercio*, números: 2537 e 2676, de 1911, e 2847, de 1912.

variação de estilo nos tipos, usando tarjas decoradas e vinhetas (Fig. 103) para destacar que sua oficina então produzia participações, cartões-convites, conhecimentos, faturas e outros. Em Manicoré encontrou-se, no jornal *A Paz*, de 1905, algumas interessantes ilustrações (Fig. 103): três retratos de personalidades gravados e impressos na primeira página do jornal.¹⁸² Duas delas possuem uma assinatura, onde se lê, com alguma dificuldade, o nome Azevedo, o mesmo sobrenome do redator Ignacio, e do diretor, Raymundo, ambos D’Azevedo.

A Officina Photo-Typographica de C. Bustamante & Ca., em anúncio, dizia ser especializada em photogravuras para periódicos e revistas, e chamava a atenção para a notícia de que, em breve, iria inaugurar uma seção litográfica (Fig. 104).¹⁸³ Esse empreendimento funcionava na Rua Henrique Antony, 24, canto com a Itamaracá. Esse anúncio e a promessa da instalação da oficina litográfica foram repetidos de agosto de 1909 até abril do ano seguinte, o que revela uma certa dificuldade e demora na montagem da oficina litográfica.

Apesar de se dizer especialista em fotogravura, a Casa de Cesar Bustamante não entregou a encomenda de um clichê fotográfico encomendado pelo *Correio do Norte*, segundo a edição de 2 setembro de 1910 do jornal, pelo que se lamentava o periódico. Ainda nessa edição a folha publicou um retrato em gravura, ao que parece, produzido pelo artista Jorge Gamboa. O *Jornal do Commercio* teve mais sorte com o clichê encomendado, pois sua edição de 6 de novembro de 1909 cumprimentava o “distinto artista Cesar Bustamante que em menos de oito horas conseguiu preparar um maginifico clichê” (Fig. 104).

Figura 104 – De Cesar Bustamante: anúncio de Officina Photo-Typographica, clichê fotográfico e anúncio da chegada da seção litográfica de seu estabelecimento.

**OFFICINA
PHOTO-TYPOGRAPHICA**
De C. Bustamante
RUA HENRIQUE ANTONY, 24---CANTO DA ITAMARACÁ, 6
—MANAOS—
Neste bem montado estabelecimento, unico em seu genero nesta capital, executa-se toda classe de trabalhos typographicos, illustrados, com a maior prempitidão e nitidez.
—PREÇOS SEM COMPETENCIA—
Especialidades em Photo-gravuras para periodicos, revistas, etc.
Brevemente contará este atelier com uma SECÇÃO LITHOGRAPHICA
Rua Itamaracá, 6, canto da H. Antony, 24
—Manaos—

**CHEGOU
NO PAQUETE “RUGIA”**
A SECÇÃO LYTHOGRAPHICA DAS OFFICINAS DE
“LA UNION”
Com a chegada deste mater al estamos em condições de oferecer ao publico os mais aperfeiçoados trabalhos de lythographia, photogravura, trichromia e zincographia.
C. Bustamante & C.

Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

¹⁸² Nas edições de 3 e 10 de dezembro de 1905.

¹⁸³ Segundo anúncio publicado no *Jornal do Commercio*, de 5 de agosto de 1909.

Apenas em agosto de 1910, outro anúncio assinado por C. Bustamante dizia, em letras grandes: “Chegou” a seção litográfica das oficinas de “La Union” (Fig. 104). Informava, por conseguinte, estar em condições de oferecer ao público “os mais aperfeiçoados trabalhos de lythographia, photogravura, tricomia e zincografia”.¹⁸⁴ Esse anúncio de chegada também foi repetido várias vezes de agosto a novembro de 1910.

Em junho de 1911 o estabelecimento gráfico de Bustamante foi a leilão, com um anúncio¹⁸⁵ informando que os bens penhorados eram diversas máquinas de cortar papel, de cortar cartões e perfurar, dois equipamentos para reproduções de photogravura, sendo um com maior tempo de uso. Também duas máquinas litográficas, uma de formato grande, outra menor porte para cartões de visita, materiais tipográficos, folhas de zinco, clichês e outros materiais. Assim, é possível observar que a aventura litográfica da Photo-Typographia durou apenas poucos meses e desse tipo de impressão não se teve mais notícias no cenário local.

Em 1914 a revista humorística e ilustrada *Cá e Lá* fazia amplo uso de ilustrações originais e fotografias em suas edições, para isso ela dispunha de uma oficina de fotogravuras em seu estabelecimento gráfico. No expediente da edição número dois da revista, de 12 de fevereiro de 1914, há a indicação de Tercio Miranda como gravador e várias imagens fotográficas trazem suas iniciais assinando os trabalhos. Nesse mesmo número da *Cá e Lá* há dois anúncios de interesse da Seção de Obras do *Commercio do Amazonas*, o primeiro, apenas dizia executar photogravuras em 6 horas. O outro, de página inteira, destacava que sua nova e bem montada oficina gráfica faz todos os serviços tipográficos, impressão a cores e destaca o serviço de suas “Officinas de gravura Photomechanica”. Essa oficina oferecia trabalhos em photogravura e zincographia para a produção de imagens, tanto de ilustrações para diversos impressos, como retratos, desenhos de figurino, músicas e fac-símiles dentre outros.

Outra presença mais rara ainda nas redações e oficinas gráficas era a da figura feminina, não como tema ou leitora, mas como profissional atuante nos seguimentos do circuito de comunicação da imprensa local. A cidade e a sociedade amazonense, que se viam como modernas e progressistas, ainda impunha limites claros para o lugar da mulher no mundo do trabalho, de acordo Pinheiro (2015, p. 278). Um território de pouca mobilidade feminina, ainda mais no masculino espaço das oficinas gráficas e também nas redações dos jornais e revistas. Uma das poucas exceções, como observou Pinheiro (2015, p. 305-306), foi a publicação, em 1909, do periódico *O Grêmio*, de Mathilde Areosa.

¹⁸⁴ Retirado do anúncio impresso no *Jornal do Commercio*, de 20 de agosto de 1910.

¹⁸⁵ Pulicado no *Jornal do Commercio*, de 25 de junho de 1911.

Outro registro da participação feminina foi encontrado no artigo de Braga (2017, p. 119), que destacou a cearense Emília Freitas, que exerceu o magistério em Manaus entre 1893 e 1900, quando retornou ao Ceará, onde já tinha se envolvido com a divulgação da doutrina espírita. De volta a Manaus no ano de 1902, Emília teria trazido uma pequena tipografia por meio da qual teria editado e impresso os jornais *O Progresso* e *Luz e Fé*, ainda segundo Braga (2017, p. 119). Ela era esposa do escritor e jornalista Arthunio Vieira, que atuou no *Amazonas Commercial*. Não foram encontrados outros registros de sua atividade editorial. Como trabalhadora gráfica encontrou-se apenas um importante registro feminino nas oficinas gráficas da livraria Palais Royal, que será retomado mais à frente, em seção que vai tratar dessa casa.

Apesar do maior dinamismo, da modernização dos equipamentos gráficos, da especialização da mão de obra e da diversificação dos produtos impressos, a expansão do circuito de comunicação impressa alcançava, sobretudo, a parte da população mais abastada. Esse aspecto reforçava uma tradição elitista da cultura letrada inacessível a camadas maiores da população, como observou Pinheiro (2015, p. 229). Nos jornais de humor cabiam desde uma linguagem mais popular e direta até a ironia e crítica moralizante, sendo, ao mesmo tempo, um produto de entretenimento que podia expor as contradições da sociedade. E, ainda, uma espécie de sensor, que podia exercer seu o poder para punir aqueles que não observavam as normas de conduta social ou os padrões desejados, como observou Pinheiro (2015, p. 234-235).

A incorporação da imagem no impresso ainda era lenta, a fotografia e a ilustração eram utilizadas com parcimônia no início do século. Contudo, havia uma difusão maior do que aquela observada no período anterior, como se observa no primeiro número do periódico *Pontos nos ii*.¹⁸⁶ O jornal circulou em Manaus em 14 de julho de 1906, indicando ser propriedade de Gato Preto, um pseudônimo necessário para proteger o nome do responsável pelo semanário “humorístico, crítico, impolítico e rebarbativo” (Fig. 105). Este era João Baptista Faria e Souza, de acordo com Pinheiro (2015, p. 253), e a partida deste para o Rio de Janeiro encerrou a publicação do jornal com apenas nove números. No texto que abre seu primeiro número ele parece estar bem ciente de sua posição ao dizer que sua intenção era a de preencher a falta de um jornal humorístico na cidade que “servisse a todas as classes, comentando alegremente os factos da semana e caricaturando os de modo a provocar o riso [...]”.

¹⁸⁶ *Pontos nos ii* era o título da publicação ilustrada portuguesa comandada pelo artista Rafael Bordalo Pinheiro, que circulou de 1885 a 1891.

Figura 105 – *Pontos nos ii*: primeira página e desenhos de humor, ao centro, exemplos do traço do primeiro desenhista acima, e de “Alfa”, que atuou nos três números finais.



Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Biblioteca Virtual do Amazonas.

O periódico *Pontos nos ii* foi uma das primeiras publicações onde o desenho de humor possuía um lugar privilegiado, mas ainda secundado pelo texto. Apesar de seu traço e sua composição gráfica não terem grande refinamento, o uso constante das imagens nas três colunas do periódico conferiu maior diversidade e dinamismo visual ao jornal. Nele, os desenhos tinham que se adaptar à estrutura da página e quase sempre eram produzidos para caberem em apenas uma coluna. Fabiana L. Correia (2014, p. 66) observou, na publicação de *Pontos nos ii* (1906) e na revista *A Nota* (1917), sinais da transição editorial e de desenho gráfico entre o jornal e a revista. Essa diferenciação estava plenamente concluída na primeira fase da *Revista Cá e La* em 1914, o que reforça a lentidão do desenvolvimento das revistas ilustradas no cenário local.

Em pequenas notas o *Pontos nos ii* fazia também uma espécie de crônica da imprensa, tecendo um diálogo com o *Jornal do Commercio*, a quem chamava de “mano mais velho”, e com o jornal *Amazonas*, apelidado de “vôvô”. Este último era de propriedade de J. B. de Faria e Souza, onde, provavelmente, o *Pontos dos ii* era impresso, pensar de não declarar a oficina tipográfica que o produzia. Além do texto de humor e da crônica ligeira, o jornal chegou a noticiar um assassinato, que foi ilustrado com o desenho do corpo esticado da vítima, fato que levou o periódico a se gabar de ter sido o primeiro a noticiar o acontecimento, isto é, a dar o furo antes do “vovô Amazonas e do bebê Jornal do Commercio”, segundo a edição de 21 de julho de 1906.

Para fazer rir, as ilustrações faziam uso de linhas e áreas chapadas de preto, com desenhos simples e caricaturais, junto havendo o texto coloquial e também mordaz. Os desenhos não tinham nenhuma assinatura e não se encontrou nenhuma indicação precisa da autoria de nenhum deles, somente algumas citações indiretas. No seu quarto número, o jornal comentava que o “o caricaturista dos Pontos nos ii comprou um aparelho para entezar os bigodes”. A sexta edição de *Pontos nos ii* informava que tinham um novo “caricaturista”, e o descreviam como um artista de muito merecimento, ele se identificava como Alfa.

De fato, a partir do número seguinte, o sétimo, a linguagem gráfica de alguns desenhos era mais realistas do que os anteriores, mais dependentes do exagero e feita de traços mais grosseiros, mas também expressivos (Fig. 105). O novo desenhista, Alfa, parecia dotado de maiores conhecimentos técnicos e experiência na função, pois seus trabalhos ganharam mais independência do texto e possuíam um melhor acabamento. Na edição de número nove, de 8 de setembro de 1906, há uma espécie de tirinha, como observado por Pinheiro (2015, p. 253), um dos primeiros exemplos de imagem sequenciada nos periódicos locais. Nela a ação ocorria à vista do leitor, que entendia a cena sem a necessidade do texto, apenas com o título – “Tragédia Muda” – acompanhando as quatro cenas (Fig. 105).

O número de anúncios nas três primeiras edições do jornal era restrito e foi ampliado a partir do quarto número, alguns dos quais foram ilustrados pelo mesmo desenhista da folha, como o da Tabacaria Cubana e da Casar Perkin, ambos presentes em vários números. No sexto número, de 18 de agosto de 1906, a publicação circulou com oito páginas, uma ampliação de espaço ocupada por anúncios e também um sinal de sucesso comercial. Nos dois números seguintes, também com oito páginas, há um grande anúncio de página inteira da Empresa do Amazonas, no qual destacava ter “Officina a vapor” em uma das mais “bem montadas typographies do Norte do Brasil”. E isso não era tudo: dentre outros atributos, dava destaque à sua impressão a cores, seu deslumbrante sortimento de cartões e de papel phantasia “para senhoras”, bem como ao fato de ser capaz de produzir cartões de visita em 15 minutos.

Uma semana depois do nono e último número de *Pontos nos ii*, começou a circular *Bond*, o “hebdomadario humorístico, crítico e chistoso”, em 15 de setembro de 1906, fazendo uso de muitos trocadilhos, ironia e também alguns desenhos de humor. Não era um periódico ilustrado, mas fez uso, em pequenas inserções, de desenhos originais humorísticos, algumas charges, além de vinhetas, alguns ornamentos e fios. Dois anúncios ilustrados publicados no *Bond* haviam sido antes publicados pelo jornal *Pontos nos ii*. Somente três anos depois, outro periódico vai cumprir, com méritos, a função de ilustrar e caricaturar os acontecimentos locais.

4.3.1.1 O *Correio do Norte* e seu suplemento ilustrado

No domingo, dia 21 de janeiro de 1906, circulou um novo jornal na cidade de Manaus, o qual se defina como “órgão do partido revisionista do Estado do Amazonas” e tinha como redatores Heliodoro Balbi e Adriano Jorge. Era o *Correio do Norte*, um grande jornal diário composto em sete colunas, quatro páginas e variados anúncios, alguns ilustrados. Declarava o Partido Revisionista como proprietário e o preço do jornal do dia era 200 réis.

Em seu número seguinte, de terça-feira, dia 23, pois ele não circulava às segundas, o jornal agradecia efusivamente a grande aceitação que obteve junto ao público local. Na coluna “Gazetilha” desse segundo número, seu sucesso inicial pode ser mensurado pela venda registrada de 6.500 exemplares de duas tiragens, as quais foram esgotadas. Um verdadeiro feito que foi comemorado pelas oficinas e em diversas visitas recebidas no jornal, segundo a notícia publicada nessa mesma edição.

Por causa do inesperado aumento da tiragem do jornal, ele informava, em seu quarto número, que ainda não havia conseguido estabelecer uma hora certa para o início da sua circulação. Sua tiragem parece ter estabilizado em 3.000 exemplares, segundo o expediente da edição do dia 5 de abril de 1906, sendo repetida nas edições seguintes. O jornal tinha uma linha editorial de forte oposição ao governo, o que um pouco mais na frente vai gerar uma triste repercussão após 139 edições.

Na edição de 29 de março de 1906, o *Correio do Norte* questionava o motivo da grande soma paga pelo governo a diversos estabelecimentos gráficos do estado e de outras províncias brasileiras, quando havia criado a Imprensa Oficial para esse fim. Ele dizia ainda que é assim “que têm sahido os nossos dinheiros para o *Jornal do Commercio*, *Revista Commercial e Financeira* e *Tribuna* no Rio de Janeiro; e em Manaus *A Federação*, *Commercio do Amazonas*, livrarias Palais Royal, Ferreira Penna e a gazeta do becco do Panhola”. O jornal reclamava também, no mesmo artigo, do desperdício de recursos financeiros do estado, pois

dá-se dinheiro a empreiteiros de obras imaginarias; dá-se dinheiro aos de livros velhos; dá-se dinheiro para publicação de artigos escriptos em uma linguagem chata, na imprensa do Rio: dá-se dinheiro, enfim, a todos aquelles que dobram o joelho ante o *ídolo* amazonenses! E na miseria, morrendo a fome, andam os empregados publicos e os soldados da força publica! (CORREIO do Norte, 29 de maço de 1906)

O jornal relatou o “empastellamento judicial d’A Federação” pela falta de pagamento dos aluguéis onde funcionava o jornal, que fazia oposição ao governo de Silverio Nery. Seu proprietário, Euclides Nazareth, pedia reparação contra a Fazenda Estadual pela venda indevida do material tipográfico de seu jornal, segundo notícia do *Correio do Norte*, de 19 de abril

de 1906. Em 3 de julho de 1906 foi a vez do *Correio do Norte* sofrer um ato de violência, ao ter a sua redação “metralhada” pela polícia a mando de Constatino Nery. Esse ato ocasionou a morte do funcionário de sua expedição, Osvaldo Baptista, segundo relato publicado na edição seguinte ao ocorrido, publicada 3 anos depois do *Correio do Norte* n.º 139.

A edição número 140, quarta-feira, dia 2 de junho de 1909, marcava o retorno do *Correio do Norte*, que rememorava a tragédia e o seu algoz. A coluna “Commentarios Pessimistas” dessa edição dizia o seguinte: “Um dia, já lá vão três anos, num arrebatamento de loucura, atiramos á publicidade o *Correio do Norte*. Constantino Nery, que ficou para sempre no Amazonas o symbolo semi-ridiculo e semi-tragico [...]”. Ele “mandou fuzilar-nos! Salvou-nos um acaso das descargas assassinas; salvou-nos das erseguições implacáveis a dedicação dos amigos. Hoje reeditamos o jornal e reeditamos a loucura”.¹⁸⁷

O jornal manteve os dois redatores da primeira fase e também o mesmo valor (200 réis) por seu número do dia. Seu proprietário era então Jeremias dos Santos Jacintho e, nesse retorno, a tiragem declarada ao longo do ano de 1909 foi de 5.000 exemplares, e 6.000 exemplares na edição n.º 302 do jornal, de 1910, que parece ter se mantido no ano seguinte [1911]. Nos periódicos consultados foram poucas as folhas que informassem a sua tiragem. Desses, o *Diario do Amazonas* declarou 1.100 exemplares, em 1900, e apenas o *Indice do Commercio*, um jornal gratuito, declarou a produção de 3.200 exemplares. Em 1900, o jornal gratuito *Monitor* informava a tiragem de 2.000 exemplares. Assim, os números do *Correio do Norte*, um jornal vendido diariamente, são bastante eloquentes, indicando ser a folha uma das mais vendidas no período junto com o *Jornal do Commercio*, o qual, na década de 1910, anunciava ser o jornal de maior tiragem, embora não declarasse o número exato.

Em sua edição de 17 de julho de 1909, o *Correio do Norte* apresentava a seus leitores o seu *Suplemento illustrado*, que começaria a circular às segundas-feiras, único dia da semana que o jornal não saía. A notícia dizia que ele viria cheio de *verve* e malícia, bem como de “espirituosas caricaturas de actualidade” para propiciar ao público de Manaus um “desafogo moral da gargalhada sadia”.

¹⁸⁷ Retirado do *Correio do Norte*, 2 de junho de 1909.

Figura 106 – *Suplemento Illustrado do Correio do Norte*: primeira e segunda página da sua primeira edição (1909).



Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Era, efetivamente, um periódico humorístico ilustrado e começou a ganhar as ruas de Manaus na segunda, dia 19 de julho, tendo um desenho em sua primeira página: uma cena cômica desenhada, uma charge, de título “Uma lição de Mestre”. Nela um personagem não identificado, provavelmente o então governador Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, chuta outro personagem sem a cabeça e de tamanho menor, expulsando-o, assim, de um salão decorado com cortinas e papel de parede (Fig. 106). Abaixo da cena, um breve texto funcionava como legenda e dizia:

Nasci na pátria dos Accyolis e de lá fui expulso por actos que não abonam a ninguém. Corri para o Amazonas e como ninguém é profeta em sua terra, galguei as melhores posições – advogado administrativo, secretário do governo, deputado e millionario. Mas a sorte pespegou-me um ponta-pe no... e adeus illusões e futuro. (CORREIO do Norte, Suplemento Illustrado de 19 de julho de 1909).

Esse primeiro desenho era assinado por “erreB”. Para ser mais preciso, nas oito edições do *Suplemento Illustrado* consultadas, os desenhos críticos e de humor que foram assinados – muitos não foram – levam sempre essa assinatura ou apenas as iniciais “RB”, seguido da data.

No segundo número, a charge publicada na primeira página não foi assinada, mas a figura política retratada foi identificada claramente como “O Silverio”, representado na charge segurando uma chaleira com um rosto, cercado de populares que lhe dirigiam uma raivosa vaia (Fig. 107). O jornal ilustrado, apesar de fazer graça, deixou claro que o registro feito pelo desenho de humor é certo e importante como documento para a posteridade:

O tempo vôa celere, não deixa marca nem vestígios. Nós vamos fixal-o na téla, na surpresa das suas mutações, para documento do futuro. É um momento da história que precisa não ser esquecido [...] É Manáos, político, caricatural dos que soffrem de colicas neste momento. Eis o nosso fim. (CORREIO do Norte, Suplemento Ilustrado de 19 de julho de 1909)

Figura 107– *Suplemento Ilustrado*: primeiras páginas com charges (1909).



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O *Suplemento Ilustrado* mantinha o tom crítico ao governo de seu irmão mais velho, o *Correio do Norte*, só mantendo um tom mais coloquial e franco, como na coluna “De palanque”, do primeiro número, na qual listava o valor da farinha, do jaraqui, ovos e banana e arrematava dizendo: “pobre funcionalismo municipal sem receber os vencimentos”. Nas diversas notas e nos números seguintes aponta seu dedo e desenhos em várias direções: políticos, literatos e empresas como a Manáos Harbour, ridicularizando pelo traço e texto e criticando seus interesses e ações. Criticava até o hábito de leitura dos amazonenses, ao dizer que a “população do Amazonas segundo as estatísticas mais recentes é de trezentos mil habitantes, destes cinquenta mil são analfabetos, quarenta mil compram os jornaes da terra e o resto da população lê os ditos nos cafés e cazas de barbeiros” (CORREIO do Norte, *Suplemento Ilustrado* de 19 de julho de 1909).

O desenho gráfico da publicação do *Suplemento* tem como principal elemento o desenho de humor. Na primeira página, de forma dominante, uma cena tendo uma ou mais figuras políticas como protagonistas das edições observadas. O tom é crítico e o desenho caricatural, com distorção na proporção dos corpos para criar situações cômicas, algumas mais grotescas e de aspecto mal acabado. A página dupla central se organizava a partir de quatro colunas em que se alternavam texto e pequenas ilustrações, que marcavam o ritmo e a direção da leitura. Algumas seções do jornal tinham também uma abertura ilustrada, como a “De palanque” e a “Miu-dezas”. A quarta página comportava os anúncios, alguns ilustrados. A partir da quinta edição o jornal introduziu um cabeçalho composto na forma de um letreiro na primeira página, o que reforçava a aparência de revista do jornal.

Figura 108 – Diversas ilustrações do *Suplemento Ilustrado do Correio do Norte* (1909).



Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O oitavo número, de 13 de setembro de 1909, foi o último observado e, no jornal *Correio do Norte*, não se encontrou maiores informações sobre o seu *Suplemento Ilustrado*. Na edição de 12 de setembro de 1909 do *Correio do Norte* há um breve aviso dizendo que o jornal aceitava encomendas de anúncios ilustrados, carimbos, fac-símiles e monogramas de borracha, usando os mesmos recursos empregados na produção de seu suplemento ilustrado. Nessa edição do jornal encontrou-se um anúncio da Agência Freitas, informando ter recebido livros novos, assim como dois anúncios ilustrados: da Bota Inglesa e da Tabacaria Boer, que antes haviam sido publicados no *Suplemento Ilustrado*.

As oficinas gráficas do jornal *Correio do Norte* estavam sendo renovadas em julho de 1910, incluindo materiais encomendados de fábricas alemãs para ilustrar diariamente o jornal com “finas e espirituosas gravuras”, segundo artigo da edição de 20 de julho de 1910. Também afirmava ter contratado um “habilissimo e competente xilógrafo”, que em breve estaria ilustrando as páginas do jornal. Quatro dias depois, uma nota publicada na primeira página do jornal informava que o atelier xilográfico estava montado para começar a produzir as imagens que ilustrariam o periódico, talvez para competir com as edições do *Jornal do Commercio*, as quais, desde 1904, publicavam desenhos originais e fotografias.

No entanto, as edições do jornal se sucederam sem publicar nenhuma ilustração original até a edição de 4 de agosto de 1910, que trazia apenas um pequeno retrato, ao que parece, produzido em photogravura. Essa edição, em breve nota, fazia o registro da exposição de trabalhos gráficos do caricaturista Ernesto Rosales,¹⁸⁸ que então trabalhava no Teatro Amazonas, onde sua exposição se realizava. Nesse período, o jornal também trazia constantemente notícias da Escola Universitaria Livre de Manaus, instituição de ensino superior fundada em 1909. Apenas na edição de 21 de agosto de 1910 foram publicadas duas ilustrações originais no jornal, ambas do mesmo artista que atuou no *Suplemento Ilustrado*, que então assinou um dos trabalhos como Rego Barros e o outro como “R.B.”. Esse ilustrador também já havia atuado no *Jornal do Commercio* e, posteriormente, desenhos seus vão ser publicados na revista *Cá e Lá* de 1914.

O jornal *Correio do Norte* circulou, pelo menos, até 1912, segundo os exemplares consultados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, onde a ocorrência das prometidas ilustrações foi rara. As poucas imagens publicadas eram quase sempre retratos de personalidades, mas notou-se duas ou três ocorrências de interesse: uma delas celebrava o carnaval com cinco desenhos originais, duas assinadas por Rego Barros, o citado “R.B.” (Fig. 109), na edição de terça-feira, dia 28 de fevereiro de 1911. A outra, foi uma homenagem ao desembargador José Lucas Raposo da Camara, na edição de 27 de maio de 1911, onde um grande retrato emoldurado com motivos florais *art nouveau* ocupava toda a primeira página (Fig. 109).

Esse último era um belo trabalho gráfico que parece ter sido produzido em litogravura, mesmo sendo difícil fazer qualquer afirmação do tipo a partir de uma imagem digitalizada. Ainda assim, essa hipótese merece ser cogitada. A imagem traz a assinatura “La Union” e duas letras que parecem ser “TV” ou “TL”. *La Union* era o título de um periódico escrito em espanhol produzido pela Photo-Typographia de Cesar Bustamante, o qual, como foi visto, montou uma oficina litográfica em Manaus que funcionou entre o fim de 1910 até junho de 1911, quando foi

¹⁸⁸ O *Jornal do Commercio* registrou, em sua edição de 15 de junho de 1910, a visita do artista gráfico aos seus escritórios, onde demonstrou sua perícia e rapidez de traço.

posta em leilão. A confirmar essa suspeita, essa imagem seria um dos únicos trabalhos nessa técnica de impressão realizado em Manaus, possivelmente assinado pelo “Taller” de Litografia [LT] do jornal *La Union*. Não se pode descartar ainda a possibilidade desta imagem ter sido produzida em clichê, dúvida que poderá ser esclarecida com o manuseio do original ou com a descoberta de novas evidências.

Figura 109 – A ilustração original no *Correio do Norte* (1911): desenhos de humor de Rego Barros e retrato com moldura ornamentada do La Union.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

5 O PALÁCIO DE PAPEL E A VAZANTE

No início do século XX, na cidade Manaus, vários empreendimentos gráficos e editoriais estavam se desenvolvendo e ampliando as formas de produção gráfica, de comercialização de produtos impressos, de relações de trabalho, de usos da imagem e outros, como os citados anteriormente. Esse desenvolvimento e ampliação aconteciam de forma simultânea e também em paralelo à produção mais tradicional e ainda artesanal feita nas oficinas tipográficas. Outro grupo de empreendimentos se formou a partir de livrarias, compondo conglomerados que incluíam papelaria, oficina tipográfica, oficina de encadernação etc. Outra parte, associada aos maiores jornais da época, introduziram diferentes inovações tecnológicas, gráficas e editoriais em seus periódicos. E, para acomodar a crescente necessidade do uso da imagem, tiveram que introduzir novos processos de produção para gerar a matriz e reproduzi-las em grandes tiragens. Os materiais gráficos, tipos, ornamentos, vinhetas, clichês, papéis e outros se tornaram mais acessíveis pela importação direta dos mercados europeus.

Os dois agentes que serão tratados a seguir advêm de dois grupos citados acima: o empreendimento gráfico do *Jornal do Commercio*, que se destaca por diversas inovações introduzidas no circuito de comunicação impressa; e a Palais Royal, livraria, e um grande estabelecimento de artes gráficas, também com atuação em outras frentes. Ambos se beneficiaram e são, em certa medida, produtos da expansão que advinha do intenso movimento econômico da região com a riqueza da exploração, taxação e exportação da borracha. Seus dividendos encheram os cofres do governo e de muitos negociantes, uma boa parte deles estrangeiros, mas também de empreendimentos locais, que contribuíram para grande mudança da face de sua capital. Manaus possuía iluminação elétrica, serviço de transporte feito por bondes, companhia de saneamento, temporadas de espetáculos e outros serviços.

Tem-se aí um vigoroso crescimento observado nas diversas casas comerciais da cidade que documentaram seus progressos e produtos com imagens fotográficas mostrando sua fachada cercada pelos seus funcionários. Ou ainda em vistas do interior das lojas ou fábricas, algumas vezes com a presença do proprietário bem vestido, imagens que depois iram ilustrar os almanques e anuários publicados no período. Isso tinha um reflexo direto na demanda desses empreendimentos por serviços e produtos gráficos, incluindo uma maior especialização no planejamento e produção dos impressos e anúncios. Ademais, a divulgação dessa representação de sucesso e riqueza se traduzia em elaborados e diversificados anúncios, desde os menores, com uma ilustração original publicados nos jornais locais, até às belas páginas com anúncios enco-

mendados de artistas gráficos estrangeiros, produzido em cores do *Almanak Amazonense* de 1912-1913.

A comunicação impressa, principalmente a partir de 1890, começou a mediar parte da vida cultural e social da sociedade local, não apenas na forma de produtos para a leitura, como o livro, o jornal, o folheto ou a revista. Ela dava realidade material e documentava as diversas transações dos profissionais liberais, que necessitavam de notas, recibos, livros em branco para prestar seus serviços. As famílias mais abastadas se tornaram também consumidores de impressos avulsos, encomendando cartões de visita, convites, participações e outros, assim como as camadas mais populares, que liam os jornais humorísticos, fixavam um calendário em sua porta, compravam cigarros e produtos com rótulos, ingressos para os teatros e outros. Nos seringais, os barracões eram os centros comerciais por onde os gêneros alimentícios e as notícias circulavam, tendo a concorrência dos regatões.

As artes gráficas no Amazonas possuíam diversas características na composição de seus agentes e etapas, além de uma grande diversidade de produtos e de profissionais atuantes que se expressam em diversas relações mantidas com a sociedade. A primeira década do século XX foi um período de crescimento e bonança, mas o curso do crescimento econômico se aproxima de sua vazante, por volta de 1912. Ano em que a borracha produzida na Amazônia tem quedas acentuadas na sua exportação advindas, sobretudo, pela competição e pelas melhores condições da produção asiática do produto. Para navegar nessas águas que fecham o arco temporal dessa pesquisa foram privilegiados dois empreendimentos gráficos distintos para representar esse movimentado período.

5.1 **O *Jornal do Commercio* e das artes gráficas**

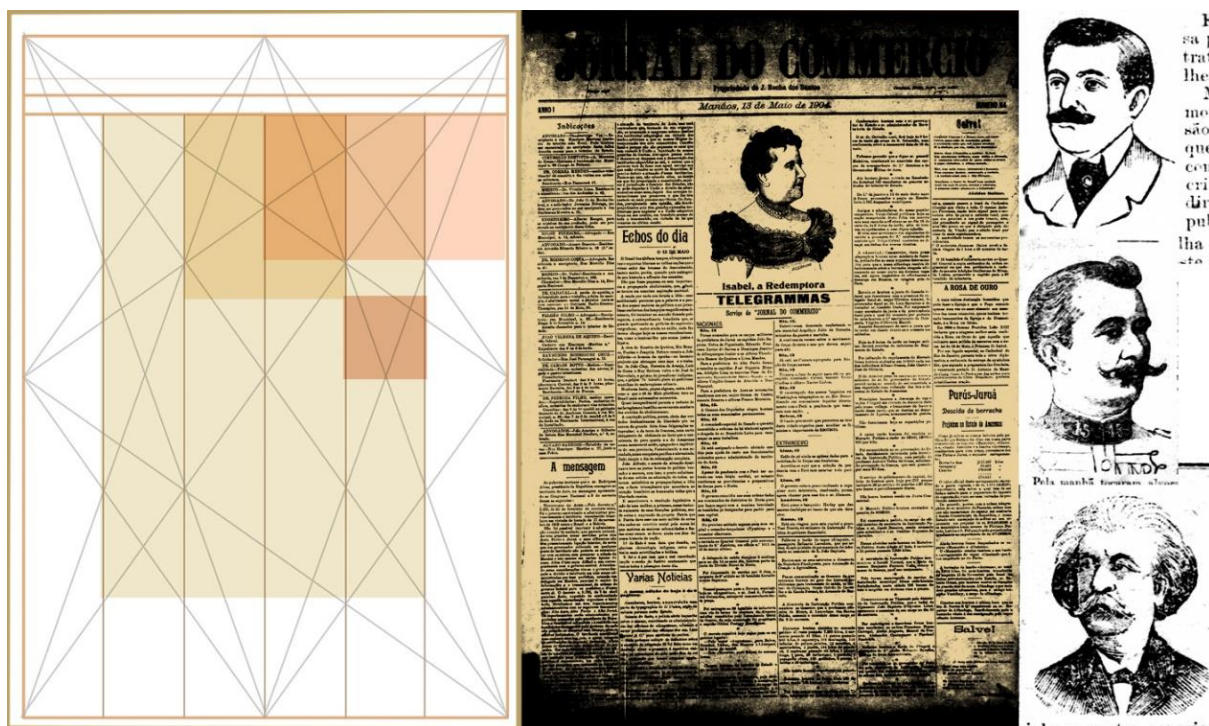
Antes de circular seu primeiro número, em 2 de janeiro de 1904, o *Jornal do Commercio* se preparou para assumir um lugar de destaque na imprensa local. Além dos redatores e demais profissionais da redação, o empreendimento do português Joaquim Rocha dos Santos montou uma oficina gráfica com espaço para a produção de imagens e contratou seus trabalhadores gráficos. Seu título era o mesmo do tradicional *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, fundado em 1827, e de suas oficinas saíram, em 1902, uma edição oficial para o Governo do Amazonas.¹⁸⁹ O periódico local de mesmo nome vai marcar a imprensa e o circuito de comunicação

¹⁸⁹ *Mensagem lida perante o congresso dos representantes na 1.ª sessão da 4.ª Legislatura em 10 de julho de 1901 pelo governador do Estado Silverio José Nery.* Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1902.

impressa do Amazonas pelas inovações editoriais e tecnológicas introduzidas, também pela sua longevidade, documentando as diversas atividades e notícias da sociedade local a partir de então até o século XXI.

O *Jornal do Commercio* foi objeto de estudo de algumas pesquisas que esclarecem diversos aspectos de seu funcionamento e de sua importância, sobretudo a dissertação de Priscila Daniele Tavares Ribeiro.¹⁹⁰ Com isso, pode-se observar melhor o seu projeto gráfico, as mudanças tecnológicas de suas oficinas e a presença da imagem nos primeiros dez anos de funcionamento do periódico.

Figura 110 – Diagrama da primeira página e detalhe de retratos publicados no *Jornal do Commercio* (1904)



Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Sua longa história é dividida em três partes: a primeira, de 1904 a 1905, e que marca bastante a trajetória do jornal, é a introdução de “forma embrionária aspectos ligados ao sensacionalismo e ao jornalismo popular”, de acordo com Ribeiro (2010, p. 39). Esse aspecto mais comercial e a adoção de diversas estratégias promocionais fizeram da notícia também uma mer-

¹⁹⁰ Com o título de *Do burgo podre ao Leão do Norte: o Jornal do Commercio e a Modernidade em Manaus (1904-1914)* defendida na Universidade Federal do Amazonas em 2014. Também cabe destacar o artigo de Leno José Barata Souza *Cultura Impressa no Amazonas e a trajetória de um jornal centenário* (2010); e a dissertação *A Notícia Ganha Uma Nova Face: Fotografia de Imprensa em Manaus (1880-1920)* de Simara Alves Ferreira. Defendida na Ufam em 2015.

cadoria, que precisava ser ilustrada e destacada para atrair o comprador do jornal. Essa mudança vai se manter mesmo com a morte de seu fundador, em 9 de dezembro de 1905, quando inicia a segunda fase. Um período de transição que vai até 1907, quando o herdeiro de Rocha dos Santos vendeu o jornal para o superintendente municipal Adolpho Guilherme de Miranda Lisboa, ainda de acordo com Ribeiro (2010, p. 60).

Em abril de 1907 Vicente Torres da Silva Reis assumiu o *Jornal do Commercio* e o manteve até 1943, quando o jornal passa a fazer parte da cadeia dos Diários Associados de Assis Chateaubriand. Ainda no seu primeiro número, de 2 de janeiro de 1904, o jornal possuía 44 x 63 cm e circulou com 12 páginas, tendo o texto organizado em 6 colunas, de acordo com Santos et. al (1990, p. 120). A presença da ilustração nesse número se deu em quatro pequenos retratos gravados, sendo um decorado e assinado: “Nic”, abreviatura de Nichephoro. As imagens possuíam o tamanho suficiente para caber em apenas uma coluna e ainda permitir a composição do texto ao lado. Dessa forma, a presença da imagem é claramente subordinada ao texto, conferindo destaque e ilustrando-o apenas. A imagem também estava presente nos anúncios da edição, alguns com imagens originais, como os dois anúncios com figuras femininas da casa Itatiaya, e um pequeno da Livraria Universal com um desenho de sua fachada.

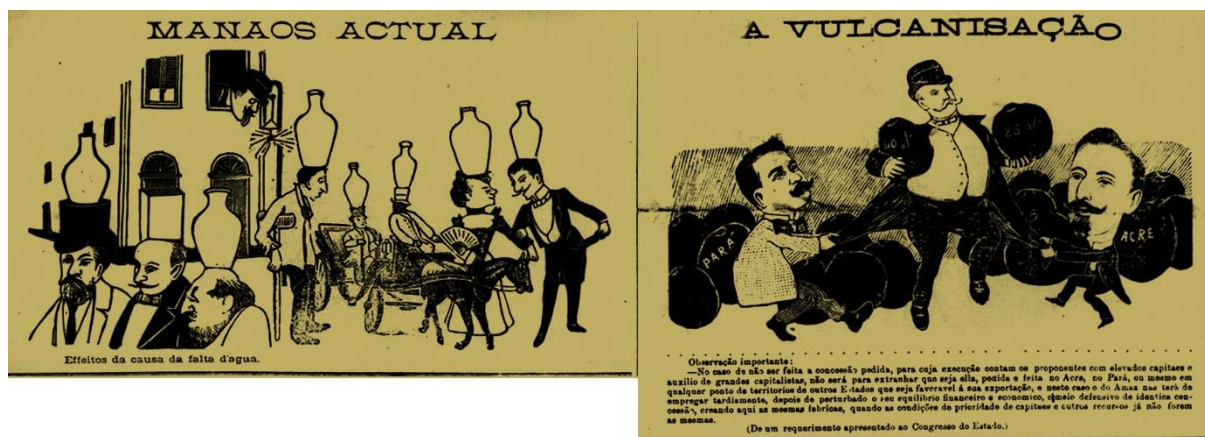
O projeto gráfico do jornal é flexível, as seis colunas de texto orientam a composição das imagens, geralmente ilustrações de tamanho pequeno para caber em uma coluna, mas também em duas, três e, mais raramente, em até quatro colunas (Fig. 110). Essa divisão modular é mantida nos primeiros anos, mas apenas nas páginas onde o texto informativo da publicação tem voz. Nas páginas dos anunciantes a organização é mais fluida, feita de acordo com a venda dos espaços publicitários, mas onde as seis colunas também auxiliavam na organização e padronização de espaços.

As primeiras páginas eram tipográficas, dominadas pelo grande volume de texto separado por intertítulos, breves espaços em branco e imagens ocasionais. Notadamente, o retrato gravado de um rosto masculino eram autoridades e personalidades assim homenageadas pelo jornal (Fig. 110). A imagem de humor também se fazia presente, comentando situações políticas, mas também do cotidiano, como os problemas de abastecimento de água (Fig. 111) e outras. Algumas ilustrações parecem ter sido reaproveitadas de outros jornais por seu tema e estilo muito distintos dos que eram produzidos localmente. Essas imagens acompanharam notícias do Chile (Edição n. 39), Japão (n. 43), Rússia (n. 45) e Korea (n. 62), dentre outros.

O autor da maioria dos desenhos veiculados pelo *Jornal do Commercio*, nos anos iniciais, foi Nichephoro Moreira, um gravador cearense que trabalhava para o jornal e de quem se vai dar maiores notícias. Há ainda algumas imagens assinadas pelo artista Jorge Gamboa, pou-

cas do artista Pastor e também por “ErreB”, desenhista que depois iria atuar no *Suplemento Ilustrado do Correio do Norte*, em 1909.

Figura III – Desenhos de humor publicadas no *Jornal do Commercio* (1905).



Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Em 1898, Nicephoro Moreira era um dos proprietários da Typographia do Figarino,¹⁹¹ um periódico humorístico e ilustrado no qual o xilógrafo publicava seus trabalhos. Esse jornal tinha suas primeiras e quartas páginas tomadas por uma ou duas grandes ilustrações, outras menores nas páginas centrais de conteúdo abertamente irônico e satírico. Essa verve crítica da publicação também foi usada para falar do Amazonas, então um dos principais destinos para jovens cearenses, *O Figarino* observava sobre isso que:

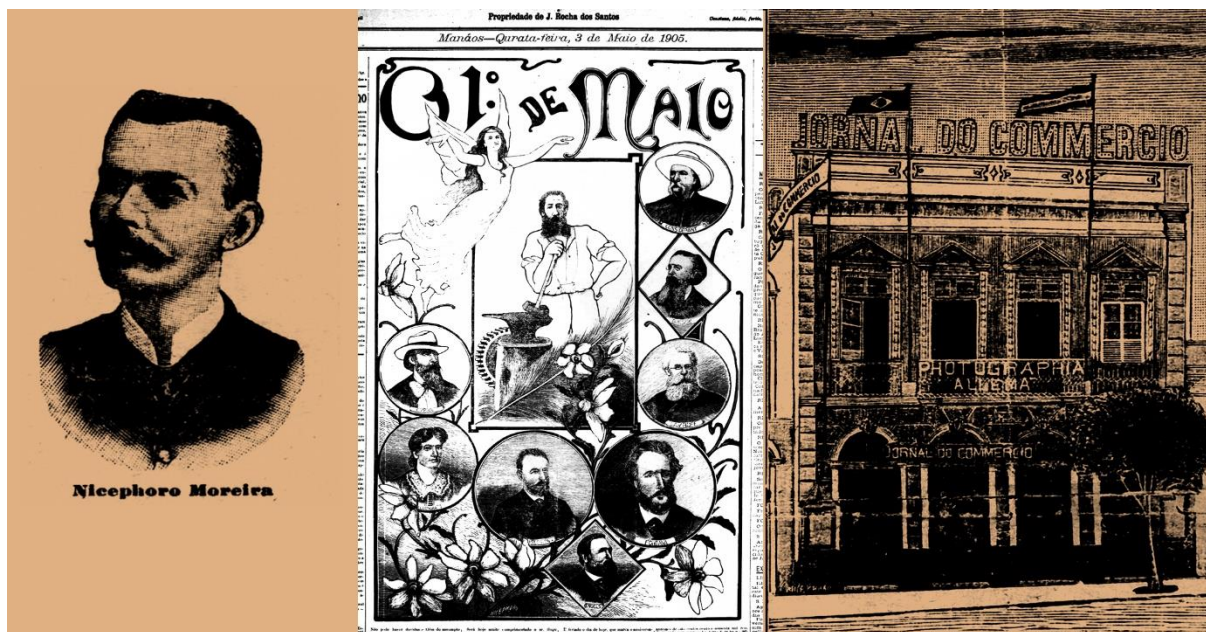
Antigamente, mal o rapaz fallava grosso, julgava-se hatilitado para cazar-se; e o fazia com qualquer Xica ou Thereza que encontrava. Hoje dá-se o contrario: – tudo quer ir par o Amazonas fazer riqueza!... E como mulher com mulher não caza, d'ahi o decrescimento em tudo. (O FIGARINO, 28 de junho 1896)

Nicephoro Moreira trabalhava na Alfândega do Ceara nesse período, segundo o mesmo almanaque citado anteriormente, mas do ano anterior (1897, p. 45), que o registrou na seção Guarda Moria como um dos guardas, função da qual ele foi demitido em 1897, segundo artigo do jornal cearense *A Republica*, de 13 de abril de 1897. No ano seguinte ele estava em Manaus, repetindo a sina que seu jornal de humor havia criticado. De acordo com Oliveira (2010, p. 122), o jornal local *Patria*, de 5 de outubro de 1898, registrou a chegada em Manaus do “habil xilographo cearense Nicephoro Moreira” para dirigir os trabalhos do “jornal illustrado que se intitulará O Marapatá”. Contudo, não se encontrou registro desse periódico ilustrado e nem maiores detalhes dessa passagem do artista Nicephoro pela cidade.

¹⁹¹ Segundo o *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil e Literario do Estado do Ceará 1898*.

Em 1900 ele se encontrava no Pará e trabalhava na Inspectoria da Alfândega, onde teve problemas com seu chefe, descrito como injusto e violento em um artigo de jornal assinado por ele.¹⁹² Em 1901, Nicephoro era um dos colaboradores artísticos do jornal *A Província do Pará*¹⁹³ e, no final do ano seguinte, o artista estava novamente em Manaus, onde teria feito um estranho pedido. Segundo nota publicada n’*O Jornalsinho* n.º 6, de 10 de novembro de 1902, ele havia requerido o privilégio de “fazer caricaturas em casca de cajazeiras dos presos da cadeia pública”, o que parece ser uma blague do periódico crítico e humorístico, mas que registrava a presença do gravador cearense na cidade. Em Manaus, pouco depois Nicephoro (Fig. 112) encontrou uma boa posição como xilógrafo no *Jornal do Commercio* a partir de 1904, onde era tratado com deferência e também onde obteve a proteção de seu proprietário.

Figura 112 – Nicephoro Moreira artista gravador do *Jornal do Commercio*: retrato e trabalhos.



Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Na edição de 1.º de junho de 1904 o jornal registrou a viagem de Nicephoro para Lisboa, explicando que ele partia com o apoio do jornal para aperfeiçoar sua arte com mestres da gravura. Em 19 de julho desse mesmo ano, o jornal informava que o xilógrafo já estava em Lisboa e estudava sob a direção do artista gráfico Francisco Pastor. De acordo com Orlando Costa Ferreira (1977, p. 110), Pastor, como ele assinava suas gravuras, era espanhol, estava estabelecido em Portugal desde 1873 e tinha um “clássico estilo do buril raiado”. Essa primeira viagem

¹⁹² Retirado do jornal *O Pará*, n. 796, de 21 de agosto de 1900.

¹⁹³ De acordo com o jornal cearense *A Cidade*, n. 40, de 3 de julho de 1901.

de estudos terminou em outubro de 1904, quando Nicephoro já estava de volta a Manaus, mas por pouco tempo. O artista cearense partiu novamente em 31 de dezembro de 1904 para um novo período de estudos em Lisboa, esse um pouco mais longo que anterior, pois seu retorno só se daria em junho de 1905.

Na comemoração de um ano de funcionamento, em 2 de janeiro de 1905, o *Jornal do Commercio*, em artigo, dizia humildemente fazer parte da imprensa moderna, que sabe ser impessoal e justa. Como parte das festividades, sua primeira página tinha uma imagem gravada com a fachada do edifício do jornal tendo acima do segundo pavimento o letreiro luminoso que seria inaugurado à tarde desse mesmo dia. Esse acontecimento marcava seu aniversário e reforçava uma imagem de vanguarda, gerando interesse do público interessado em novidades. Outras seis gravuras ilustraram essa edição: quatro eram de personalidades e duas de fachadas – uma dos Armazens Rosas, da firma J. G. de Araujo, e a última em um anúncio de página inteira dos Armazens Andresen.

O *Jornal do Commercio* noticiou, na edição de 14 de março de 1905, que Nicephoro continuava a fazer grandes progressos sob a direção de Pastor e informou, orgulhoso, que alguns trabalhos do artista haviam sido publicados no periódico *Correio da Europa*, editado por Pastor em Portugal. Um breve artigo na edição de 8 de agosto do jornal, na coluna “Notas de um teimoso”, Luiz do Prado criticava um desenho de humor de Nicephoro, a quem chamou de “pseudo luso e magro artista” por sua atitude de o representar ofensivamente como negro, como se lhe fosse inferior. Ou, nas palavras do ofendido:

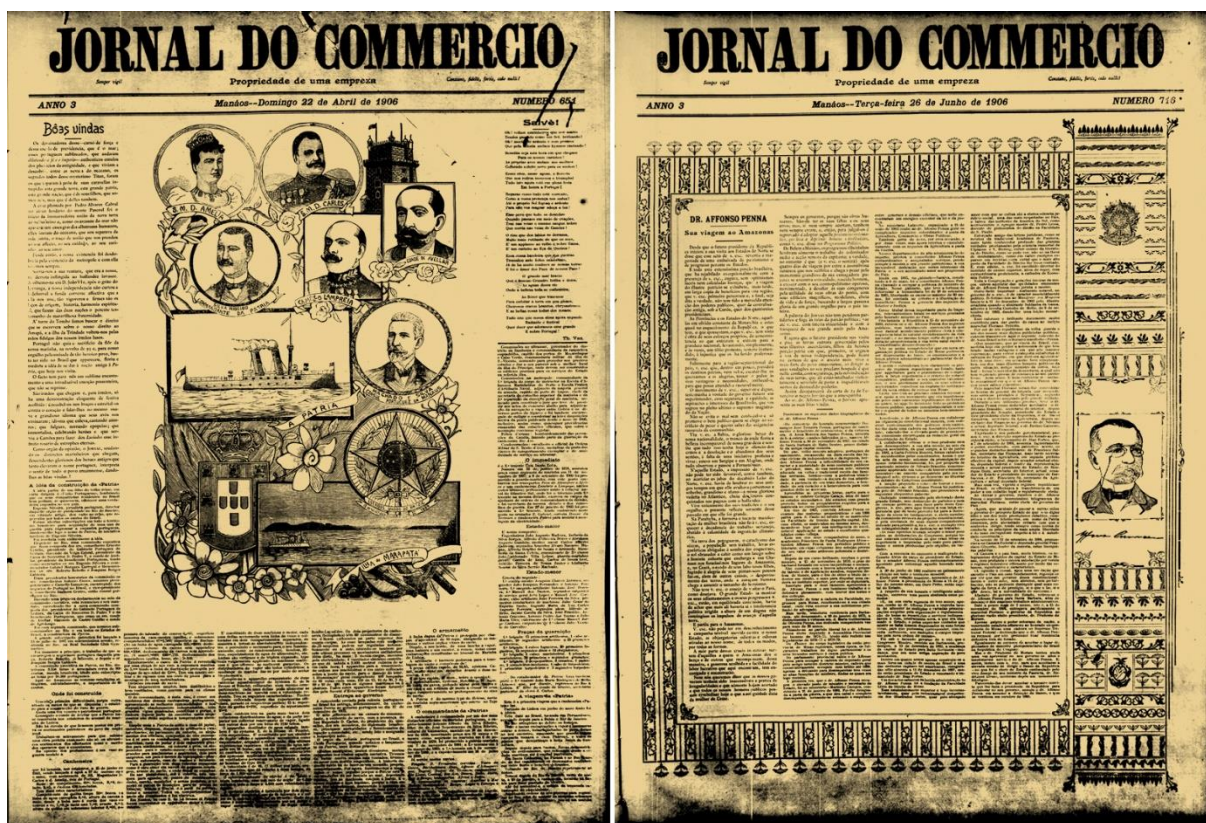
Esse sr. Nicephoro [...] empolerou-se nos tamancos de portuguez honorario julgando, desde então, que era branco da gemma e, pretendendo machucar-me, ataca os seus ferros n'um pedaço de genipapo, modela um pirralho, da-lhe a cor da noite e zás! publica como caricatura authenticca do Luiz do Prado. (JORNAL do Commercio, 8 de agosto de 1905)

O gravador cearense continuou atuando no jornal e uma grande gravura comemorativa, ao 1.º de maio (Fig. 112), ocupou quatro colunas da primeira página da folha. Ela foi descrita como sendo “uma afirmação dos progressos artísticos do nosso talentoso companheiro Nicephoro Moreira”, na edição de 3 de maio de 1905. Em dezembro desse ano, o gravador viajou para Belém para tratar da saúde e as citações ao seu nome no jornal ficaram mais esparsas. O jornal passava longos períodos sem publicar nenhuma imagem original, seja ilustração ou fotografia. O gravador Nicephoro Moreira teve seu falecimento registrado em uma breve nota na edição de 15 de janeiro de 1925 do *Jornal do Commercio*.

A edição de 19 de novembro de 1905 informava que suas oficinas gráficas receberam prelo e typos novos para substituir os que estavam em uso, também dizia que máquinas e materiais haviam chegado para a instalação de seção de obras do jornal. O novo material gráfico seria inaugurado no dia do segundo aniversário do jornal, o qual, assim, contaria com outra oficina tipográfica para atender a trabalhos de particulares na sua seção de obras. Os equipamentos gráficos e pessoal para a produção do jornal diário eram exclusivos para esse fim, pois o jornal tinha um grande fluxo de trabalho.

Apesar de eminentemente tipográficas, em algumas ocasiões a paginação do jornal era modificada para marcar um acontecimento, como o falecimento do proprietário do jornal, Rocha dos Santos, em 9 de dezembro de 1905. Nessa ocasião, as quatro páginas foram impressas com uma tarja escura acima, tendo na primeira página uma pequena ilustração com o retrato do homenageado, tendo abaixo vários jornais dobrados. Já em 22 de abril de 1906 uma grande ilustração foi composta em comemoração à chegada do primeiro navio da armada portuguesa em Manaus, chamado de “A Pátria” (Fig. 113). A imagem traz diversos retratos, desenhos da embarcação, com uma moldura floral unificando a imagem.

Figura 113– Primeiras páginas especiais do *Jornal do Commercio* (1906).



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O presidente brasileiro Affonso Penna visitou o Amazonas e a edição do *Jornal do Commercio* de 26 de junho de 1906 produziu uma composição bastante expressiva na sua primeira página (Fig. 113). Dessa vez não é uma ilustração que se destaca, mas uma complexa composição gráfica formada por vinhetas, ornamentos e fios que formam uma coluna e uma moldura que envolvem o texto. A coluna é composta por diversos elementos decorativos: acima o brasão brasileiro, uma pequena ilustração do homenageado, tendo sua assinatura reproduzida, e, abaixo, um pequeno brasão do Amazonas. Isso demonstrava planejamento e perícia técnica na composição precisa da primeira página, quase toda tipográfica, que se destacava dos outros jornais sem os mesmos recursos.

Figura 114 – Suplemento “O Curumi” e ilustrações (1908) do *Jornal do Commercio*.

The image displays a newspaper supplement page and two illustrations. The left page is titled "O CURUMI" and features several sections: "GRANDES ARMAZENS PAE DA PATRIA e PARIS NA AMERICA", "MIL CONTOS DE REIS", "PREMIOS", "O Curumi", "Fazenda e colheita", "Concurso de beleza", "Contraste", "Postas", and "Armazens Andresen". The right page is titled "Au clair de la lune (PAYSAGEM PITTORESCA)" and features a dog illustration and "Trunfo é pau" with a man illustration. The bottom right corner of the right page contains the text: "AFFONSO PENNA - Todos os processos empregados até agora foram já utilizados... Um casal de pinto gira, em um ano, 800...".

Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O *Jornal do Commercio* apresentou uma postura bastante dinâmica na comunicação com seus leitores, utilizando estratégias combinadas de autopromoção e propaganda. Exemplo disso foi a folhinha que o jornal ofertaria a seus leitores no início de 1908, anunciada como sendo impressa a cores e ilustrada com “soberbas gravuras” feitas pelo zincographo Jorge Gam-

boa. Com esse feito o jornal afirmava, assim, a sua capacidade técnica ao oferecer um calendário impresso a cores e artisticamente ilustrado, onde ele também podia vender espaços publicitários para os anunciantes locais. Ainda nessa edição de 23 de novembro de 1907, o periódico destacava o seu sorteio de 25 brindes de Natal que seria realizado no dia 25 de dezembro.

No ano seguinte, o *Jornal do Commercio* produziu um suplemento dominical semelhante a um jornalzinho. Este tinha como título *O Curumi* (Fig. 114) e deveria ter a colaboração dos estudantes e da “mocidade das escolas de Manáos”, segundo nota da edição de 2 de abril de 1908. A contribuição poderia ser feita em pequenos artigos, contos, poesia, biografia etc., devendo o trabalho ser entregue assinado pelo autor até a quinta-feira. Essa era uma interessante e inovadora prática do jornal para atrair o interesse dos jovens pela imprensa, bem como atrair novos leitores.

O Curumi circulou pela primeira vez no domingo, dia 4 de abril de 1908, em uma das páginas do *Jornal do Commercio* com o subtítulo “orgão de um grupo infantil incondicional”. Sob a direção do professor Nicoláo Tollentino, ele também não escondia sua intenção punitiva ao dizer, nesse primeiro número, que “O Curumi vae fazer desaparecer os máos costumes nesta cidade”. Esse espaço dominical era composto com variados desenhos de humor, tanto de traços simples, como alguns mais bem acabados (Fig. 114). Vale registrar que poucos eram assinados e, dentre aqueles que receberam assinatura, foi possível identificar a autoria do já conhecido “R.B.”. Ao que tudo indica, o suplemento gozou de certo sucesso, dado que em uma nota do jornal ele era descrito como o “já popularissimo jornalzinho humorístico”. No ano seguinte, o suplemento mudou sua orientação e as ilustrações ficaram mais raras.

Em 31 de dezembro de 1909 o *Jornal do Commercio* informava aos seus leitores que, a partir da edição seguinte, comemorativa ao seu aniversário, o jornal assumiria o “formato dos diários modernos” do mundo. Queria isto dizer que o *Jornal do Commercio* passaria a ter o “tamanho adoptado pelo *O Seculo*, de Lisboa, *O Paiz*, do Rio de Janeiro, *Le Tatin* e outras folhas de Paris, da Inglaterra e dos Estados Unidos, onde foi abolido o systema antigo por ser incommo para manusear.” Nesse período, o jornal passa a publicar oito páginas por edição, não apenas aos domingos, como fazia antes. Nesse período são poucas as ocorrências de ilustrações e de anúncios das oficinas gráficas do jornal: havia apenas pequenas notas oferecendo os serviços gráficos de sua seção de obras para cartazes, folhetos, avulsos, cartões de visita e outros.

A partir de setembro de 1911, o jornal voltaria a publicar imagens regularmente em sua primeira página com a seção “A gravura do dia”, onde predominava as ilustrações de humor, um verdadeiro desfile de situações, personagens, ideias representadas em variados traços e estilos, um indício de muitas autorias (Fig. 115). Uma boa parte dos desenhos parece não ser ori-

ginal, já que não fazia referência direta a situações locais e poucas ilustrações são assinadas, com algumas delas tendo, de início, a indicação de Amaro como autor. A seção se manteria presente no jornal até novembro de 1912, segundo Ferreira (2015, p. 92), quando o jornal anunciou a montagem de seu atelier de photogravura e a contratação de um artista para dirigi-lo. Estava em curso, dessa forma, a transição da produção e circulação pelo jornal da imagem desenhada para a fotográfica, encerrando o longo domínio da ilustração no jornal.

Figura 115 – Desenhos da seção “Gravura do dia”, do *Jornal do Commercio*.



Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

No ano seguinte a inovação ficou por conta da introdução de modernos equipamentos de composição conhecidos como Linotipos, com o *Jornal do Commercio* narrando os diversos capítulos dessa chegada como um evento – uma aventura gráfica. Primeiro, o equipamento fabricado pela Mergenthaler Linotype, nos EUA, foi adquirido e, no início de maio de 1912, já estava a caminho de Manaus acompanhado de um engenheiro. Essa notícia foi dada em nota na

primeira página com o título: “As novas machinas do Jornal do Commercio”, repetido em várias edições para criar expectativa e atrair a curiosidade dos leitores (Fig. 116). Um mês depois, os mais de vinte volumes que compunham os equipamentos Linotipos começaram a ser retirados da Alfândega em Manaus.

Esse equipamento mecanizava a etapa de composição dos produtos impressos, era composto de um teclado com as letras do alfabeto, em caixa baixa e alta, algarismos numéricos, sinais e demais glifos necessários. Ao acionar as teclas, tal como uma máquina de escrever, o equipamento faz a fundição a partir de matrizes dos tipos móveis digitados até formar uma linha de texto, incluindo os espaços. Essa forma de compor, além de economizar bastante tempo e trabalho, facilitava a correção de eventuais erros, uma vez que bastava substituir a linha com erro por outra novamente composta no equipamento. A rapidez na composição de grandes volumes de texto e a facilidade de operação eram características importantes para o processo de produção dos jornais diários, mas nem tanto para as oficinas que não possuíam periódicos próprios como a Palais Royal.

Figura 116 – O Linotipo do *Jornal do Commercio* (1912)

Este facto, conquanto consequencia funesta alguma acarretasse, alarmou todo o trecho que lhe serviu de scenario.

O LINOTIPO

As novas machinas do JORNAL do COMMERCIO

Communicamos ao publico que a bordo do "Aidas" que, procedente da America, aqui dev: ancorar no dia 10 do corrente, chegarão as nossas novas machinas, especialmente fabricadas pela MORGENTHAU LINOTYP, de New-York.

Acompanhando esse material vem o habil engenheiro A. Walderrama, especialmente contratado para realizar a montagem das machinas.

Esperamos fazel-as funcionar ainda este mez.

O FISCO

A EVOLUÇÃO DA IMPRENSA



As nossas machinas de Linotipo foram hontem retiradas da Alfandega. O serviço da montagem foi iniciado, sob a direção do habilissimo mecanico norte-americano, snr. Alfredo Walderrama, da Morgenthaler Linotyp, Co., de New-York.

Hoje terão começo os trabalhos de habilitação dos linotypistas, que serão os operarios que até hoje nos têm acompanhado com dedicação na feitura de nossa folha.

A inauguração do serviço terá logar dentro de duas semanas, e nesse dia, serão expostas ao publico as nossas machinas, com as quaes pretendemos dar uma nova feição ao JORNAL DO COMMERCIO.

Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A notícia da montagem dos equipamentos foi dada no dia 9 de junho de 1912 em um breve artigo ilustrado com uma imagem do Linotipo (Fig. 116). E, finalmente, no dia 28 de julho de 1912, sob o título “O progresso da imprensa”, o jornal informou que o engenheiro norte-

americano que havia feito a montagem dos três equipamentos de Linotipo para o *Jornal do Commercio* estava retornando para os EUA. Antes de ir, porém, o engenheiro treinou alguns compositores do jornal no manuseio do equipamento, inaugurando, em Manaus, a categoria profissional dos linotipistas. Essa narrativa fragmentada criada pelo jornal foi repetida pouco tempo depois, quando do anúncio da instalação de sua oficina de fotogravura e da esperada chegada do artista gráfico Tercio Miranda para dirigir seus trabalhos.

Dessa maneira, no dia 22 de agosto de 1913, nas primeiras linhas de sua primeira coluna, o jornal passou a imprimir – todos os dias – que “no Estado do Amazonas o Jornal do Commercio é a folha de maior circulação e é composta em duas machinas n. 10 e numa n. 5 da Mergenthaler Linotype. C.a de New York”. Em uma mensagem oficial¹⁹⁴ desse mesmo ano (1913, p. 30), o diretor da Imprensa Oficial solicitava a compra de “machinas de linotipo” não só pela economia que ele traria a tarefa de composição, mas também pela “presteza e assei de sua parte graphica”. A aquisição parece ter sido feita por volta de 1918, uma vez que, em mensagem oficial de 1919, elas já estavam em funcionamento.¹⁹⁵ Nesse ano (1918), segundo levantamentos realizados, também os jornais *A Imprensa* e *O Imparcial* possuíam equipamentos Linotipos para compor suas folhas.

Pouco tempo depois da instalação das linotipos, o *Jornal do Commercio* inaugurou seu atelier de photogravura, coincidindo com o seu aniversário de dez anos de funcionamento, em 2 de janeiro de 1913. Nesse dia, o jornal preparou uma edição especial na qual descrevia a sua história e exibia cinco imagens fotográficas na primeira página, dentre as quais a de Hugo Zuany, impressor há nove anos do jornal; e na segunda página publicou outras fotografias: dos linotipistas de suas oficinas e de Tercio de Miranda, o artista gráfico português que então dirigia os serviços do novo atelier de fotogravura (Fig. 117). Posteriormente, ele aparece atuando nas oficinas gráficas da revista *Cá e Lá*, também fazendo a gravação das imagens fotográficas da publicação em 1914.

Tinha início, assim, o domínio da imagem fotográfica nas páginas do jornal e que foi descrita aqui também nas imagens, sobretudo desenhos, desde a atuação do gravador cearense Nicephoro Moreira durante os anos iniciais de atividade jornalística. E tempos depois, no suplemento “O Curumi”, em 1908, e bem assim na seção diária “Gravura do Dia”, em 1911. Em 1913 o projeto gráfico do jornal passou a usar intensivamente a narrativa fotográfica não só para

¹⁹⁴ Mensagem lida perante o Congresso do Amazonas na abertura da Primeira sessão ordinaria da oitava legislatura pelo exm. snr. Dr. Jonathas de Freitas Pedrosa Governador do Estado em 10 de julho de 1913.

¹⁹⁵ De acordo com a Mensagem lida perante a Assembléa Legislativa na abertura da primeira sessão ordinaria da decima legislatura, pelo exm. sr. dr. Pedro de Alcantara Bacellar, governador do estado, a 19 de junho de 1919.

acompanhar o texto, mas para contar a notícia em imagens. Como observou Ferreira (2015, p. 101-102), depois de publicar uma série de imagens urbanas instantâneas de atividades cotidianas da cidade, o jornal passou a explorar a fotografia para enfatizar os crimes e as notícias sensacionalistas que veiculava.

Figura 117 – *Jornal do Commercio* (1913): acima: Hugo Zuany, à esquerda; Tercio de Miranda ao centro, e linotipistas. Abaixo vista de Huebner em photogravura de Tercio Miranda.



Fonte: Composição do autor a partir do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Logo no ano seguinte o jornal passou a ter a companhia de outro periódico que fazia uso das imagens fotográficas, mas sem abandonar a ilustração, e com um projeto gráfico inovador para os padrões locais. Era a *Revista Cá e Lá*, já citada, uma das importantes publicações do período, dirigida por Aprigio de Menezes e que teve duas fases: a primeira em 1914 e a segunda em 1917. No expediente do seu segundo número, de 12 de fevereiro de 1914, faz o registro do profissional Salvador de Oliveira como diretor artístico da revista. Esse fato marcava uma especialização maior das atividades de planejamento gráfico e artístico de um periódico local, embora se encontre fora dos limites temporais estabelecidos nesse trabalho.

Nesse mesmo período, Manoel Bastos Lyra, que sucedeu o tio, Francisco Candido Lyra, também pretendia montar um atelier de gravação e reprodução de imagens, de acordo com o

relato de Manoel Bastos Lira (2002, p. 153). Ele havia contratado um profissional estrangeiro, o fotógrafo espanhol Victoriano Gil Ruiz, quando o ateliê de photogravura da *Revista Cá e Lá* entrou em funcionamento. Assim, ainda segundo Manoel Lira (2002, p. 153-154), o fotógrafo espanhol foi então trabalhar em Iquitos, no Peru, tendo como sócio Lyra. Na década seguinte ele volta a Manaus, onde a assinatura de Gil aparece com frequência nas imagens impressas pelas publicações locais na década de 1920.

O *Jornal do Commercio* era um empreendimento jornalístico e comercializava a informação escrita, a notícia, mas também a informação visual, usando de várias maneiras a ilustração e a fotografia em suas páginas. Esse jogo entre imagem e texto precisou se redefinir, saindo de um lugar restrito a eventos comemorativos e homenagens, passando a fazer parte do dia a dia e da leitura de mundo mediada pelo jornal. Está incluso aí a narrativa de crimes, a exposição da morte de forma sensacionalista, mas também a documentação de transformações sociais da cidade. Para isso modernizou suas oficinas gráficas investindo em melhores equipamentos de composição e de reprodução de imagens, contratou profissionais especializados e fez ampla publicidade disso. E isso não é tudo: reforçava sua imagem de empresa moderna, mas também fazia a difusão de conhecimentos antes restritos apenas às oficinas tipográficas, conferindo maior visibilidade aos trabalhadores que ocupavam suas oficinas gráficas.

Com essa postura, o periódico ajudou a definir a direção das outras oficinas gráficas criando um movimento dinâmico, elevando o padrão gráfico dos jornais locais e do consumo de notícias. Houve um significativo avanço a partir da década de 1910, os equipamentos de impressão já eram movidos a gás e eletricidade, mas a mecanização também chegou à atividade do compositor com a introdução do Linotipos. A imagem gravada também se especializou e se difundiu com a abertura de um ateliê de photogravura e a atuação de profissionais especializados que vão redefinir o circuito de comunicação impressa. Mesmo após a queda dos ganhos financeiros advindos com a exportação da borracha, período que excede ao desta pesquisa, mas que são notados pela atuação dos empreendimentos que foram eleitos para concluir o estudo por sua importância e por apontar outros caminhos.

5.2 O palácio real

No início de 1890 a Palais Royal era uma das quatro livrarias em funcionamento em Manaus, comercializando também artigos de papelaria e outros, bem como oferecendo seus serviços tipográficos e de encadernação. Nesse período, a firma responsável pelos negócios do

empreendimento era Aguiar Rocha & C., em janeiro de 1893 a sociedade contraída com Arthur Pereira da Rocha havia sido desfeita, de acordo com nota publicada no *Amazonas*, de 14 de janeiro de 1893. A Livraria Palais Royal ficava, então, sob a responsabilidade da firma de Lino Aguiar e C. Não se encontrou maiores informações sobre seu proprietário – Lino Joaquim de Almeida Aguiar, que, em contrato de sociedade de 1906, foi identificado como cidadão brasileiro e, nos jornais, seu aniversário foi registrado no dia 3 de novembro, mas não sua idade.

A partir de 1904 a Palais Royal forneceu diversos produtos e serviços para as repartições do governo, segundo registros de pagamentos feitos no *Diario Official*. No ano seguinte, Lino Aguiar estabeleceu nova sociedade, dessa vez com Antonio José dos Remédios, de acordo com aviso publicado no *Diario Official* de 2 de junho de 1895. Em 1896, a loja começou a funcionar na Rua Municipal e, no ano seguinte, apresentava, em anúncio, edições de direito, literatura e religião, além de objetos para escritório e serviços de impressão. Esse anúncio, publicado n’*O Imparcial* de 15 de julho de 1897, informava também o endereço de duas lojas: a principal, na Rua Municipal, junto ao Correio; e uma filial – a Livraria Commercial, na Praça do Mercado. Essa associação entre as livrarias parece não ter se mantido, pois não foi registrada nos anúncios seguintes.

A produção de carimbos de borracha da Palais Royal começou por volta de 1898, quando alguns anúncios avisavam que a casa recebia encomendas “de carimbos de borracha, com cli-che, emblemas a gosto do freguez inclusive carimbos-firmas. As encomendas são entregues dentro de 6 horas”.¹⁹⁶ Os negócios pareciam prosperar, já que, em novo anúncio da casa, publicado pelo *Commercio do Amazonas* n.º 285, de 1899, oferecia suas atividades de livraria e papelaria, ao mesmo tempo que os serviços de typographia e encadernação. Neles destacava que suas oficinas estavam renovadas e aperfeiçoadas com modernas máquinas e materiais gráficos “das melhores fundidoras estrangeiras”. Dessa forma, as oficinas gráficas da Palais Royal diziam se encarregar da produção de livros, relatórios, faturas, rótulos, talões, papel comercial e cartões de visita com nitidez e perfeição. Ressaltava igualmente que seu pessoal era habilitadíssimo e tinha a capacidade de impressão em cores, ouro e prata. No mesmo anúncio ainda dizia vender instrumentos musicais de sopro e cordas, papel de música, cordas e edições musicais dos “melhores autores para canto e piano”.

Nesse período já estava trabalhando na casa o cearense Agostinho Cesar de Oliveira, que havia chegado em Manaus ainda em 1899, vindo do Maranhão, onde sua família morava. Ele primeiro se empregou na Mercearia A Baiana e, dois anos depois, estava a trabalhar na

¹⁹⁶ Retirado do anúncio publicado n’*A Federação*, de 9 de dezembro de 1898.

livraria Palais Royal.¹⁹⁷ Agostinho parece ter atuado como caixeiro de Lino Aguiar, de acordo com petição registrada em 1897 no jornal *O Imparcial*, de 12 de junho e parece ter conquistado a confiança do proprietário e ter acumulado um certo capital. Pouco depois ele foi a gerente da loja e, em 1905, já era sócio da casa Lino Aguiar & Ca., demonstrando uma rápida ascensão e que não vai parar por aí.

A primeira década de atividades da Palais Royal deve ter sido bastante próspera para os negócios da firma de Lino Aguiar que, aproveitando o período crescente de riqueza do Amazonas, vai dar mostrar do seu grande desenvolvimento, sobretudo, na primeira década do século XX. Como seu estabelecimento gráfico não estava vinculado à atividade periódica, ou seja, a casa comercial não tinha um jornal próprio, as informações sobre a sua história e processo são fragmentadas e puderam ser ampliadas com os documentos originais encontrados. Contudo, os sinais de sua grande prosperidade da firma são bastante nítidos e ficaram impressos em alguns artefatos da casa. Primeiro sinal, o anúncio com foto da fachada da livraria no álbum *Estado do Amazonas*, de Arturo Luciani, em 1899. Depois, outra publicidade importante: uma página inteira ilustrada, bem composta e com grande variedade de informações sobre as suas diversas atividades publicado no *Jornal do Commercio* de 1.º de maio de 1904 (Fig. 118). A grande distância gráfica entre os genéricos e breves anúncios do início de suas atividades em 1890 para a bela página inteira do jornal ajuda a entender e a visualizar o sucesso alcançado pela Palais Royal, que então parecia fazer justiça ao nome afrancesado e imponente que adotou.

Esse anúncio da Livraria Palais Royal no *Jornal do Commercio* foi composto para representar a diversidade de negócios que a firma realizava e reforçar a sua prosperidade. Para isso organizou cada setor do empreendimento em um módulo ou parte do anúncio, além de fazer uso de imagens e ornamentos. A maior delas mostra o deus Hermes tendo uma caravela ao fundo e segurando a mão de outro personagem feminino tendo um globo terrestre à frente deles. Essa cena vai ser usada em outras publicações da Palais Royal, assim como a águia sobre um livro aberto no qual está escrito “livraria e papelaria”, tendo acima uma faixa com o nome da firma: Lino Aguiar & C.^a

¹⁹⁷ De acordo com AGOSTINHO Cesar de Oliveira. [Documento datilografado]. [Manaus: s.n., 19--].

Portugal, 4 volumes ilustrados com os retratos dos criminosos, e *Cancioneiro de musicas* populares portuguesas também em 4 volumes.

Ora, a casa comercial tinha ainda uma seção de estivas com vinhos finos vendidos em meia e uma garrafa, “Cognac Macieira”, sardinhas de várias qualidades, azeite doce, frutas em calda, ervilhas, azeitonas, feijões e outros produtos. A Palais Royal informava ainda ser Agente de navegação dos Rios Solimões-Içá e Janauacá, bem como representantes de M. Saldanha & Ca., de Lisboa. Por fim, destacava seus serviços de Pautação, Typographia e Encadernação.

A livraria era o empreendimento mais visível e que identificava um conjunto de negócios dirigidos pela firma Lino Aguiar e Cia, mas, além de diversificar suas atividades, a empresa parece ter investido bastante em seus empreendimentos gráficos. Suas oficinas, a partir de 1905, produziram algumas publicações de excelente acabamento gráfico, principalmente os quatro almanaques-brindes e também um catálogo de seu material tipográfico.

Em nota publicada no *Jornal do Commercio*, de 18 de novembro de 1905, o periódico diário informava ter recebido da livraria e papelaria Palais Royal um bem feito e artístico catálogo do seu material de typographia e carimbos de borracha. Dizia que a publicação “nada deixa a desejar em sua feitura que é excelente, e exhibe o variado material que possui a mencionada casa que é uma das primeiras da Amazonia”. Esse é um registro importante, não só pelo reconhecimento da qualidade dos trabalhos gráficos de sua oficina, mas em razão desse tipo de edição ser relativamente rara.

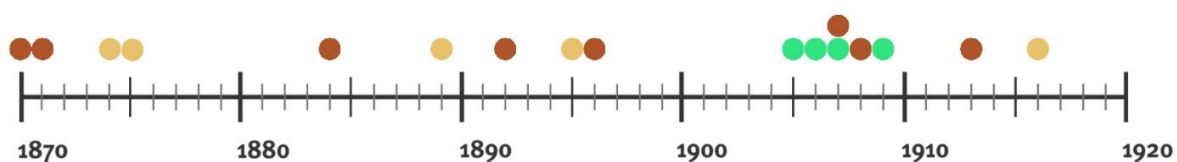
De fato, esse foi o primeiro registro de publicação de catálogo contendo amostras de material gráfico publicado por uma oficina gráfica local. Ele servia para orientar os clientes na escolha dos materiais a serem utilizados na composição e impressão dos produtos impressos, indicando o número ou o nome da letra (typeface), junto com o seu tamanho. Ou ainda para comercializar os mesmos materiais para outras oficinas gráficas, pois a Palais Royal parece ter sido também uma distribuidora ou fornecedora de materiais e equipamentos gráficos. Nesse sentido, o jornal *Alto Purus*, no seu primeiro número, de 24 de fevereiro de 1908, registrou que seu material tipográfico tinha sido comprado na “acreditada casa de Manáos Palais Royal”. A casa parece ter publicado pelo menos mais um catálogo desse tipo como se verá a seguir.

5.2.1 Os almanaques do Amazonas e da Palais Royal

Outro sinal inequívoco de prosperidade da firma e da proeminência de suas oficinas gráficas no cenário local de produção gráfica foi dado, nessa primeira década do novo século, com a publicação de quatro almanaques, sendo três de forma consecutivas de 1905 a 1907. Na

década de 1870, quando esse tipo de publicação começou a circular no Amazonas foram produzidos quatro almanaques segundo o levantamento feito nessa pesquisa. Na década seguinte foram pelo menos dois, na última década do século XIX registou-se mais três. De 1905 a 1909 foram seis, sendo quatro da Livraria Palais Royal, e na década seguinte apenas dois, como se pode observar no Gráfico 4. Nessa representação percebe-se a distribuição dos almanaques por ano, com as cores de tons consecutivos indicando a publicação sequencial dos almanaques pela mesma editora e, em destaque em verde, as edições compostas, impressas e dadas como brinde aos clientes da Livraria Palais Royal.

Gráfico 4 – Distribuição por ano dos 17 almanaques do Amazonas registrados de 1870 a 1920.



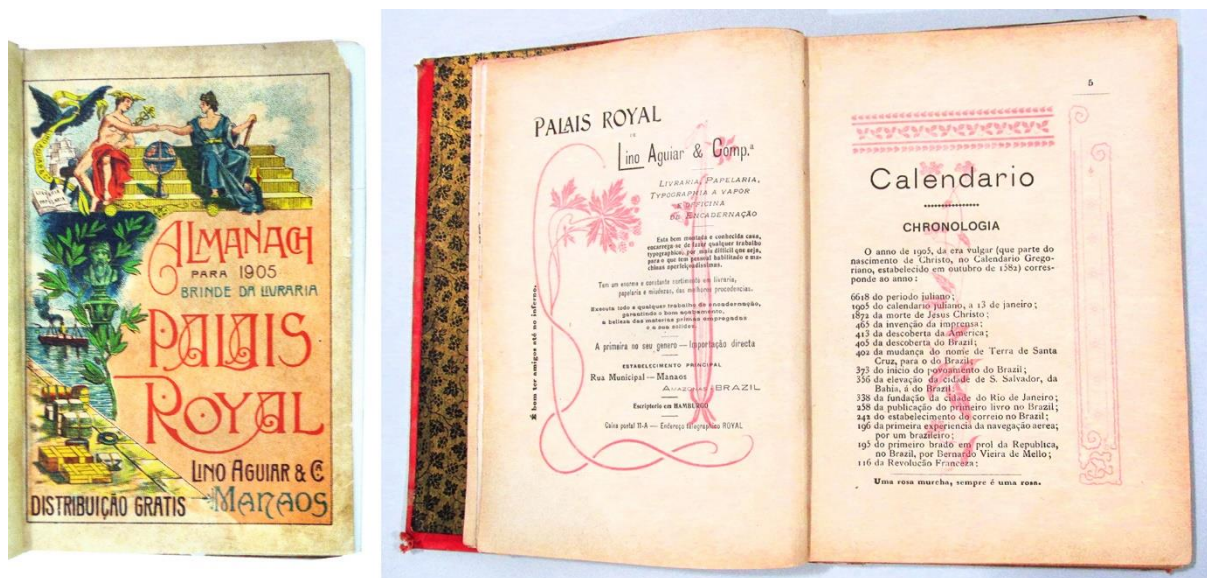
Fonte: Composição do autor.

Um ano após o anúncio de página inteira, a Palais Royal publicou e distribuiu gratuitamente seu primeiro almanaque-brinde. A publicação é um artefato impresso projetado e composto com sofisticação, tendo ainda a sua impressão feita com esmero e acabamento em capa dura (Fig. 119). Um pequeno palácio gráfico, tendo como destaque sua fachada, ou melhor, sua capa impressa a cores, um recurso de uso bastante limitado nos produtos impressos de então pelo alto custo e pela exigência tecnológica dispendida na impressão colorida. Dessa forma, a Palais Royal de Lino Aguiar exibia para todos sua prosperidade e demonstrava a primazia de suas oficinas gráficas. A imagem reproduz a mesma cena do anúncio publicado em 1904 no *Jornal do Commercio*, tendo como personagem Hermes, outra personagem, o globo terrestre, o livro aberto com uma águia acima e um barco a vapor. Estava, portanto, mantendo uma certa identidade visual e reforçando a ideia do anúncio de página inteira publicada antes.

Esse almanaque, tal como o deus-mensageiro, buscava entregar um aviso claro aos seus destinatários/clientes: uma visão da modernidade, da alegria de viver e da beleza propiciados pelo domínio de seu empreendimento de artes gráficas. O estilo de composição e profusão de recursos gráficos era imediatamente reconhecível aos clientes da sociedade amazonense, bastando, para isso, segurar o volume encadernado e se deparar com suas páginas compostas com ornamentos *Art Nouveau* (Fig. 119). Estes foram impressos em diversas cores em tons suaves sobre os quais as informações foram compostas e impressas na cor preta, criando variados e

ricos arranjos gráficos ao longo da publicação. A última página, também colorida, pedia aos estimados clientes que relevassem a entrega realizada com atraso, o qual, por motivos de força maior, só pôde ser distribuído em março de 1905.

Figura 119 – *Almanach Palais Royal* (1905): capa colorida e dupla de páginas.



Fonte: Fotos do autor a partir do exemplar pertencente ao acervo da Biblioteca do Museu Amazônico.

Certamente, a realização desse produto deve ter exigido bastante de sua mão de obra, materiais e equipamentos, foi um investimento alto, mas que a Palais Royal podia fazer e assim fez nos anos seguintes em que publicou outros almanaques. Esse almanaque de 1905 tem 142 páginas e rende as necessárias homenagens aos políticos locais, retratados nas páginas iniciais. Possui também vistas fotográficas da cidade de Manaus e quatro ilustrações assinadas pelo artista atuante em Lisboa – Pastor, três imagens são representação da Palais Royal e a quarta para a loja Canto das Novidades. O almanaque foi produzido pelas Oficinas Typographicas a Vapor Palais Royal.

O prefácio do almanaque dava o tom leve e recreativo de seu conteúdo, composto por poemas, breves artigos, enigmas, ditados e frases edificantes, muito embora ele fosse claramente comercial. Como demonstram os vários anúncios, sua intenção era divulgar seus diversos serviços e mostrar a qualidade e a riqueza da Palais Royal, conquanto houvesse anúncios de outras casas comerciais também. O texto do prefácio é assinado por Tósca, que se dirigia às gentis leitoras e apresentava o almanaque, e depois contava que uma casa da rua Municipal havia acabado de fretar um barco a vapor na Europa para transportar todo o fornecimento do ano de 1905. O navio viria abarrotado de artigos de papelaria, cheios de livros de estudo, malas

de todos os tamanhos e feitios, materiais para a confecção de livros e encadernação e muito mais. Trazia ainda material tipográfico que a faria concorrer com as melhores casas estrangeiras, brincava no momento de revelar o nome dessa casa: “É rica, pois tem *palacio* / É nobre, pois tem *real* / Que mais ajunto ao prefacio? / Dizer é o nome Palais Royal!...”

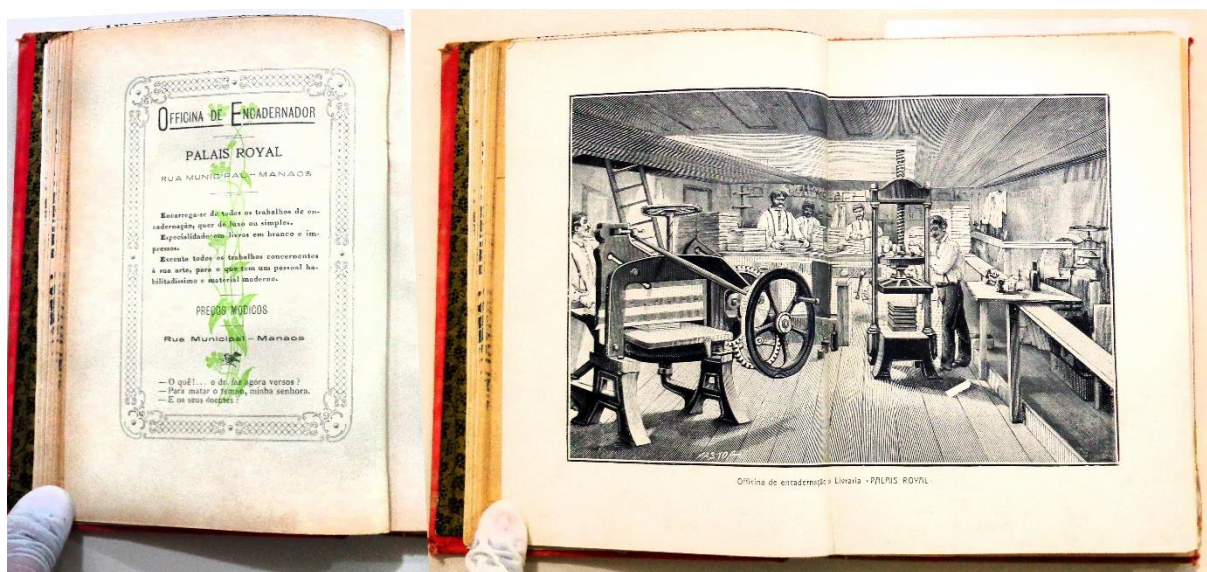
Figura 120 – Cena urbana com vista da fachada Palais Royal em ilustração de Pastor (1905).



Fonte: Foto do autor a partir do exemplar pertencente ao acervo da Biblioteca do Museu Amazônico.

As três grandes ilustrações da Palais Royal foram impressas em páginas duplas e fornecem um pequeno panorama desse empreendimento. Na primeira, vê-se uma cena urbana, com carruagem passando, transeuntes elegantemente vestidos, um vendedor ambulante tendo a fachada da Palais Royal ocupando o fundo (Fig. 120). O cenário é movimentado: há árvores com pendo e vê-se o letreiro da casa comercial no centro da imagem. As outras ilustrações são vistas do interior das oficinas gráficas, o espaço de produção: na de encadernação observa-se cinco encadernadores trabalhando, há um equipamento de cortar papel, uma grande prensa e diversos volumes sendo encadernados do fundo (Fig. 121). Um ambiente bem iluminado, limpo e com os trabalhadores desempenhando suas atividades em bons equipamentos necessários ao seu ofício, e que haviam sido utilizados na confecção da encadernação desse almanaque. Onde também havia um anúncio dessa mesma Oficina de Encadernador (Fig. 121).

Figura 121 – A oficina de encadernação da Palais Royal: anúncio e ilustração de Pastor (1905).

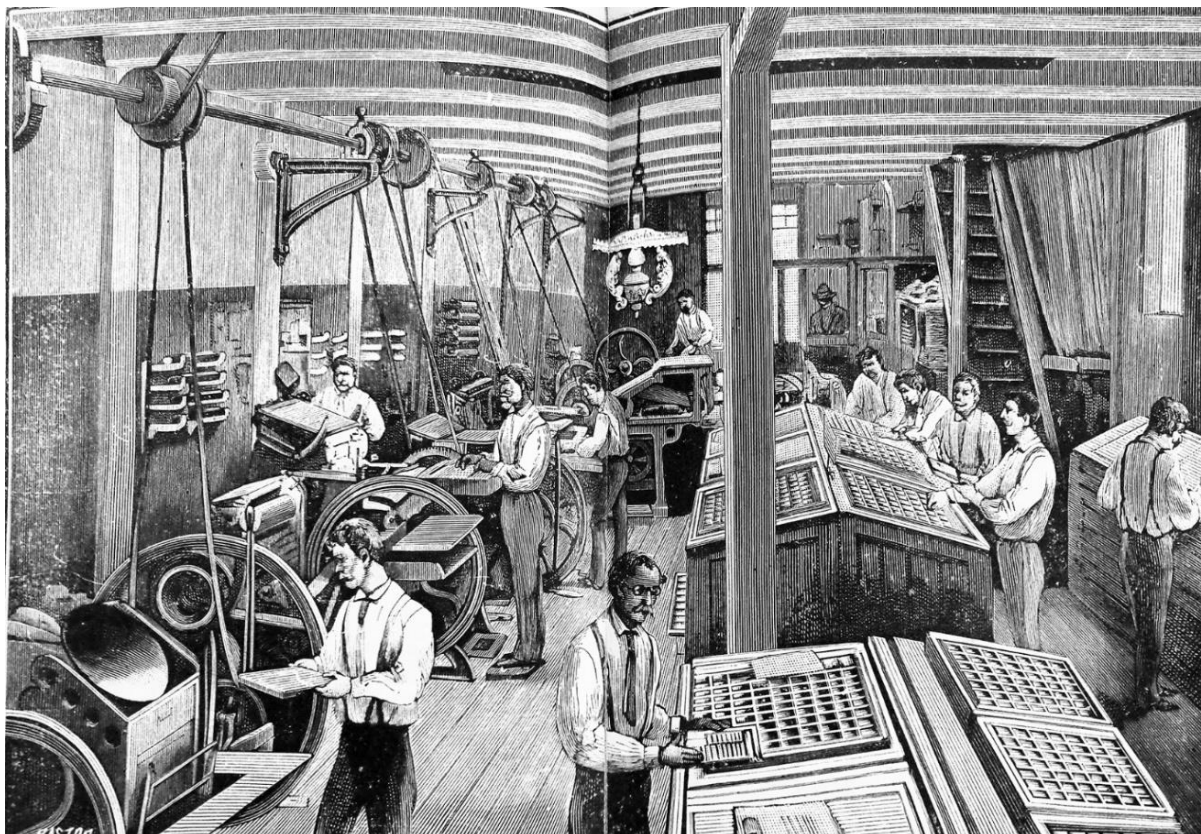


Fonte: Fotos do autor a partir do exemplar pertencente ao acervo da Biblioteca do Museu Amazônico.

Na ilustração de Pastor da oficina tipográfica da Palais Royal é perceptível a divisão de tarefas existente: do lado direito há seis compositores trabalhando com as caixas tipográficas sobre cinco grandes cavaletes de tipos. Esses móveis guardavam em gavetas todos as letras, sinais e demais símbolos de uma família tipográfica de um determinado tamanho. Do lado esquerdo, cinco impressores manejam diferentes prelos movidos por correias que indicam a utilização de uma fonte externa de energia, o vapor, para movimentar os equipamentos (Fig. 122). Todos os trabalhadores representados são homens maduros, de bigode e aparência séria compenetrados em um ambiente limpo e ordenado. Há ainda uma quarta ilustração, menor, também do gravador português para a loja Canto das Novidades. A composição é semelhante à da foto que estava no anúncio da casa comercial publicado no jornal *O Imparcial*, de 1897.

Diversos anúncios da Palais Royal estão nas páginas internas do almanaque de 1905, destacando seus diversos produtos e serviços. Em um deles, por exemplo, a livraria diz ser “a unica que tem á venda todo o repertorio theatral de Velloso da Costa”. Também diz ser a “primeira no seu gênero – importação direta”. A livraria também mostra seu lugar de primazia no comércio local pela própria materialidade do brinde que foi capaz de produzir e ofertar a seus fregueses – um almanaque ilustrado, em estilo moderno e com impressão a cores. Esse artefato impresso iria ser consultado, pelo menos, durante o ano todo e, como já foi dito, os almanaques circulavam por todas as classes sociais e eram muito estimados. Assim, na falta de um jornal para imprimir sua voz e mensagens, a Livraria de Lino Aguiar elegeu essa outra publicação periódica e fez dela um presente, um pequeno acontecimento gráfico e cultural.

Figura 122 – Interior das oficinas gráficas da Palais Royal na ilustração de Pastor (1905).



Fonte: Fotos do autor a partir do exemplar pertencente ao acervo da Biblioteca do Museu Amazônico.

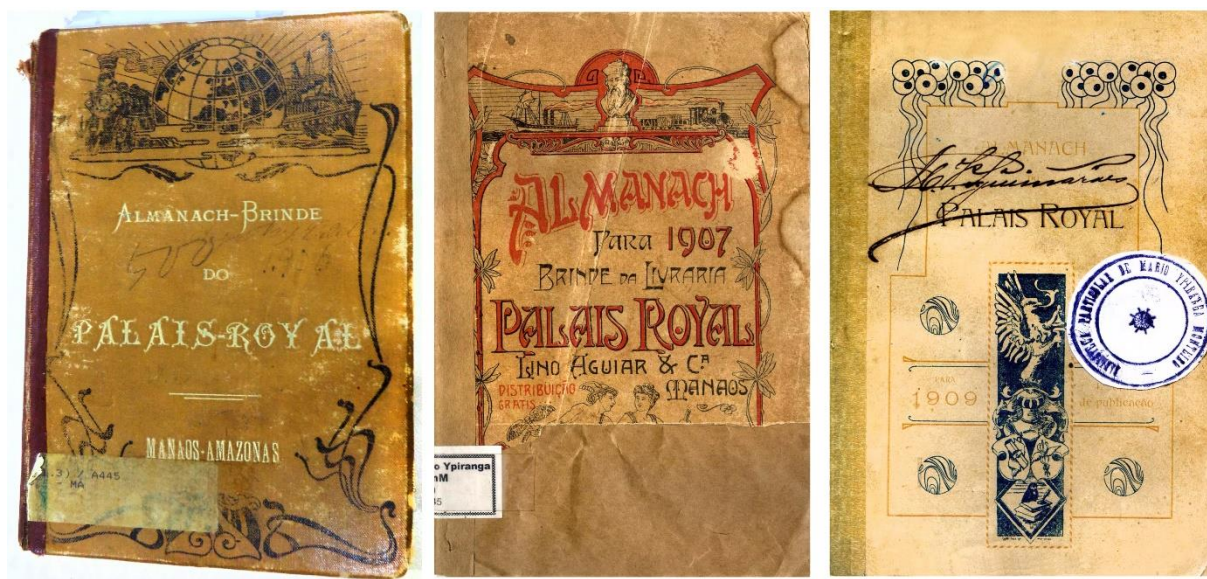
No ano seguinte, o *Almanaque-brinde da Palais Royal*, de 1906, também foi produzido em capa dura, mas de forma mais modesta quanto aos recursos gráfico-visuais empregados pelo seu antecessor. A impressão de suas em duzentas páginas foi feita em apenas uma cor, preto, o prefácio foi novamente escrito por Tósca e se dirige às gentis leitoras ao fazer divulgação da água milagrosa que a firma Lino Aguiar comercializava em sua loja: o produto era “Água do Gerez”. As três ilustrações de Pastor descritas anteriormente são novamente reproduzidas, em tamanho menor nesse e também no almanaque do ano seguinte, de 1907, mas não trazem a assinatura do gravador português: apenas as iniciais do gravador que produziu as matrizes de impressão, “PM gr.” Nesse almanaque há alguns desenhos de humor e vários anúncios de casas comerciais portuguesas. Nessa edição há um artigo assinado por Lino Aguiar em homenagem ao médico português dr. Barral Filippe, o qual costumava afirmar que a sua vida tinha sido “uma epopeia de bondade e virtude” (1906, p. 97-98). O almanaque publicou ainda uma foto do médico português, o que indica que Lino Aguiar teve participação direta sobre a feitura dele.

Essa publicação de 1906 tinha o conteúdo recreativo e trazia diversos anúncios da Palais Royal, com algumas frases impressas dando outras indicações de produtos da casa. Uma chamava a atenção para o estilo de composição disponível: “Cartões de visita Arte Nova na livraria Palais Royal”. Em outro eram ofertados “Chromos, bilhetes postaes illustrados e tintas finas, no Palais Royal”. A Palais Royal comercializava seus produtos e serviços nessa pequena vitrine impressa, associando-os a modernos estilos e dizendo ser de qualidade superior. O almanaque da casa circulava também entre os empreendimentos comerciais e jornais locais, como o *Jornal do Commercio*, que, na sua edição n.º 646, de 1906, informou ter recebido 50 volumes do “Almanach sahido das suas acreditadas officinas”.

O terceiro almanaque-brinde publicado consecutivamente pela Palais Royal em 1907 possui a capa impressa em duas cores, na qual se observa a manutenção de alguns símbolos utilizados pela casa. Na moldura ilustrada há um barco a vapor e um trem a fazer o elogio do progresso e da modernidade, embora no exemplar examinado a ilustração que esteja incompleta, é possível perceber a mesma cena do deus Hermes em contato com outra personagem (Fig. 123). Nesse ano a livraria também divulgava, pela primeira vez, sua fábrica de carimbos.

Em 1908, o almanaque não foi publicado, mas apenas no ano seguinte (1909), momento em que foi composto com a ampla utilização de ornamentos *Art Nouveau* e com uma extensa lista de colaboradores. Em anúncio desse almanaque, a Palais Royal informava que sua oficina tinha sido reformada com um moderno e variado material alemão e bem assim com aperfeiçoadas máquinas, sendo capaz de fazer impressões de “grande efeito a cinco côres (sistema Iris)”.

Figura 123 – *Almanachs...* da Palais Royal para os anos de 1906, 1907 e 1909.



Fonte: O primeiro, Biblioteca do Museu Amazônico e os outros dois, Biblioteca Virtual do Amazonas.

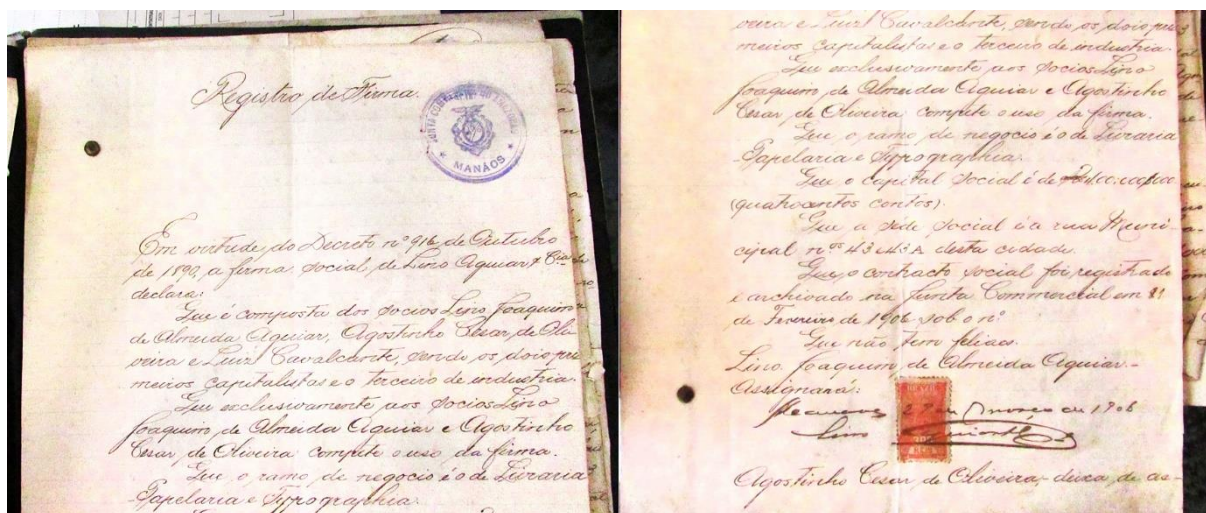
Esses almanaques-brindes eram mais do que um simples produto impresso oferecido às “Freguezas e Freguezes” da referida casa comercial. Eles são peças bem acabadas de uma estratégia comercial em que produtos e serviços da Palais Royal estavam sempre à vista de seus leitores/clientes associados à modernidade. Isso tanto na forma de profusos anúncios, quanto pela própria qualidade material, técnica e artística do artefato impresso. Eram pequenos palacetes impressos com o seu interior alegre, cheio de distrações e, finalmente, decorados com variados tipos, ornamentos, molduras, fios, encadernados em uma sólida capa dura para deleite dos amazonenses.

No período em que esses almanaques foram publicados, a firma Lino Aguiar & C.^a era composta por mais dois sócios, segundo o Contrato de Sociedade de Capital e Indústria de 1906.¹⁹⁸ Nele se lê que Lino Joaquim de Almeida Aguiar, proprietário da livraria denominada Palais Royal, estabelecida à Rua Municipal, n. 43 e 43a, dava sociedade “em conta de capital ao seu antigo gerente e interessado Agostinho Cesar de Oliveira e, em conta de industria ao seu tambem antigo empregado interessado Luiz Cavalcanti”. Na cláusula segunda desse contrato é dito que o capital da firma “será 400 contos de reis” representados em bens móveis, embarcações, dinheiro, títulos, contribuindo Lino Aguiar e Agostinho Cesar com 200 contos, cada um, e Luiz Cavalcanti entrando com o seu trabalho.

Lino Aguiar se associou a dois de seus funcionários, que passavam à condição de sócios da firma, uma sociedade cujos intuitos, segundo a quarta cláusula do mesmo contrato, seriam “Commerciaes em Livraria, Papelaria e Typographia, Navegação a vapor, Comissões e Comsignações e tudo mais que possa tirar-lhe interesse”. A divisão dos lucros previa que Lino Aguiar ficaria com 50% no primeiro ano, passaria a 45% no segundo e 40% no terceiro, permanecendo esse percentual nos dois anos seguintes. Agostinho Cesar teria direito a 30% dos lucros no primeiro ano, 35% no segundo e o mesmo percentual até o quinto ano. Para Luiz Cavalcanti, 20% no primeiro ano e 25% nos demais quatro anos. O contrato de sociedade estava valendo a partir de primeiro de janeiro de 1906 até 31 de dezembro de 1910. No entanto, parece ter sido alterado durante o seu período de vigência, pois havia outros documentos no acervo consultado como um registro de firma de 1908 que mostravam uma composição diferente da sociedade (Fig. 124).

¹⁹⁸ Documento do acervo da firma Cesar e Cia. consultado em 2019.

Figura 124 – Detalhe de documento manuscrito de Registro da Firma Lino Aguiar & C. (1908).



Fonte: Fotos do autor a partir do acervo da firma Cesar e Cia.

Em 1908, as oficinas gráficas da Palais Royal publicaram uma edição oficial de 232 páginas – o *Catalogo do Estado do Amazonas na Exposição Nacional de 1908*, tendo a capa impressa em duas cores com ornamentos *Art Nouveau*. Nesse mesmo ano, outro documento da Junta Commercial listava quatro sócios da Palais Royal, todos descritos como cidadãos brasileiros e residentes em Manaus. Nesse contrato o capital da empresa era de 500 contos de réis, no anterior era de 400 contos e uma nova composição de valores e sócios se apresentava. O sócio comanditário era Lino Joaquim de Almeida Aguiar, que entrou com cento e cinquenta contos de réis, o mesmo valor que os sócios solidários Agostinho Cesar de Oliveira e Luiz Cavalcanti contribuíram. Além disso, o irmão de Lino, Pompeu Lino de Almeida Aguiar, participava com 50 contos de réis.

Os intuitos da sociedade eram os mesmos e, na quinta clausula, ficava acertada a distribuição dos lucros e prejuízos ao fim de cada balanço. Nele Lino Aguiar ficava com 24%, Agostinho Cesar e Luiz Cavalcanti ficavam com 33% e Pompeu Aguiar, com 10%. Os sócios poderiam retirar mensalmente os valores estabelecidos de até 2 contos de réis para Lino Aguiar, um conto e oitocentos mil réis para Agostinho Cesar, o mesmo valor para Luiz Cavalcanti e até um conto para Pompeu Aguiar. O contrato estabelecia outras condições nas suas 16 cláusulas e, ao final, havia mais uma – suplementar à oitava – registrando que, no caso de negócios de grande vulto, as decisões teriam de ser feitas de comum acordo entre os sócios.

Figura 125 – Vista da fachada da Livraria Palais Royal de Lino Aguiar & C. em 1910.



Fonte: *Indicador Ilustrado do Estado do Amazonas*, acervo digital do Instituto Durango Duarte.

Os negócios da Palais Royal estavam indo muito bem e seus dividendos traziam prosperidade também para os ex-funcionários da casa, Agostinho Cesar e Luiz Cavalcanti, que juntaram capital suficiente para se tornarem sócios e aumentar a sua participação no empreendimento. Em 1910, a firma Lino Aguiar & C., no jornal *A Notícia*, de 4 janeiro, expressava ser agente das “magníficas caixas registradores National...” e representantes das “afamadas máquinas de escrever Adler”. Agostinho Cesar trouxe um sobrinho do Maranhão em 1911, Pedro Abdoral Cesar de Souza, com apenas onze anos de idade, que posteriormente se tornaria seu sucessor. No ano seguinte, quando era sócio gerente da firma, Agostinho Cesar viajou para a Europa e EUA, onde notou a presença feminina em algumas oficinas gráficas.¹⁹⁹

Nesse período, a Palais Royal parece ter publicado mais um mostruário de tipos, pois o jornal *Correio do Purús*²⁰⁰ informava em nota ter recebido um “Catalogo de materiais typographicos e modelos de trabalhos de suas officinas que muito lhes honram”. A oferta de produtos impressos em Manaus era grande, além dos almanaques locais havia outros nacionais e estrangeiros, além de revistas, edições e outros. Pode-se ter uma ideia da recepção dos impres-

¹⁹⁹ De acordo com o relato de AGOSTINHO, Cesar de Oliveira. [Documento datilografado]. [Manaus: s.n., 19--].

²⁰⁰ Segundo a edição publicada em Lábrea, em 2 de fevereiro 1913.

sos, incluindo dos almanaques, no texto bem-humorado publicado em jornal²⁰¹ em que o autor, Jodoval, fala de sua relação com as publicações existentes e, sobretudo, com os enigmas:

Estamos em pleno dominio do charadismo. A nossa confusa banca de trabalho está pejada de almanacks de varias nacionalidades; o pensamento assediado num mephistophilismo pausóphico para resolver a onda immensa de endiabradas produções de todos os generos, a vista perdida do mare magnum de livros e livrecos, dictionarios, albuns, auxiliares, o diabo enfim.

Eu mesmo já me pareço um enigma de difficil solução [...]

O leitor talvez desadore este genero de diversão e opine como certos que a charada atrophia o cerebro e embola a razão.

Agora mesmo não sei para onde volte attenção, e trairia a minha consciencia se pretendesse falar de outra coisa. O meu cerebro neste momento parece querer devorar-se a si proprio [...]

Descanço da fadiga de um almanack, noutro.

O meu afan, é matar, matar charada, e nesta ancia folheava o de Lembranças quando a simplicidade de duas iniciais, me chamaram a attenção. – S. C. Manaus. – Amazonas – Estamos portanto deante de um charadista manauense [...]

O peor é que lá a pags. 358 do das Senhoras tambem tem, e eu naquelle almanack só passei uma vista muito por alto.

Não morreram todas, ainda, mas pode o sr. S. C. rezar o *De profundis* embora eu até agora não tenha atinado com o “só anda na frente” (CORREIO do Norte, de terça-feira 3 de outubro de 1911)

O autor ainda elogiou um charadista de Manaus, citou outros de primeira ordem, sempre de forma entusiasmada, arrematou desejando que o leitor “sinta ao menos alguma curiosidade de entrar nos meandros emaranhados da arte de Edipo, e corra a alguma livraria a comprar todos os Almanacks”. Esse relato é bastante revelador do prazer que a leitura recreativa disponível nos almanaques trazia a seus leitores, este, era um leitor especializado, pois conhecia profundamente o universo das charadas, a qual se dedicava. Um mostra da recepção e difusão cultura impressa em Manaus que, ainda em 1913, vai assistir a um último e grandioso suspiro impresso na forma de um almanaque finamente ilustrado e produzido. Esse sem a participação da Palais Royal, embora nele haja uma busca por representar a cidade e a casas comerciais como lugares refinados, modernos e de intensa vida cultural.

O *Almanak Amazonense de 1912-13* (Fig. 126) apresenta grandes diferenças em relação aos anteriores, a maior delas é o fato deste impresso ter sido editado pela empresa Henault do Rio de Janeiro, e apresentar uma grande variedade de anúncios, tanto ilustrados como tipográficos. A empresa Henault, segundo anúncio publicado no mesmo almanaque, era agente de manufaturas estrangeiras, tendo como principais produtos fármacos, perfumaria, tintas, artigos de moda e novidades. Ainda no mesmo anúncio a empresa informava ter uma “Seção de publici-

²⁰¹ Publicado no *Correio do Norte*, de terça-feira 3 de outubro de 1911, em uma coluna da primeira página intitulada “Cavaqueando”.

dade” responsável pela publicação do *Almanak Brasileiro Commercial Ilustrado* e do *Almanak Médico-pharmaceutico do Brasil*.

Figura 126 – *Almanak Amazonense de 1912-1913*: folha e rosto e páginas de anúncios.



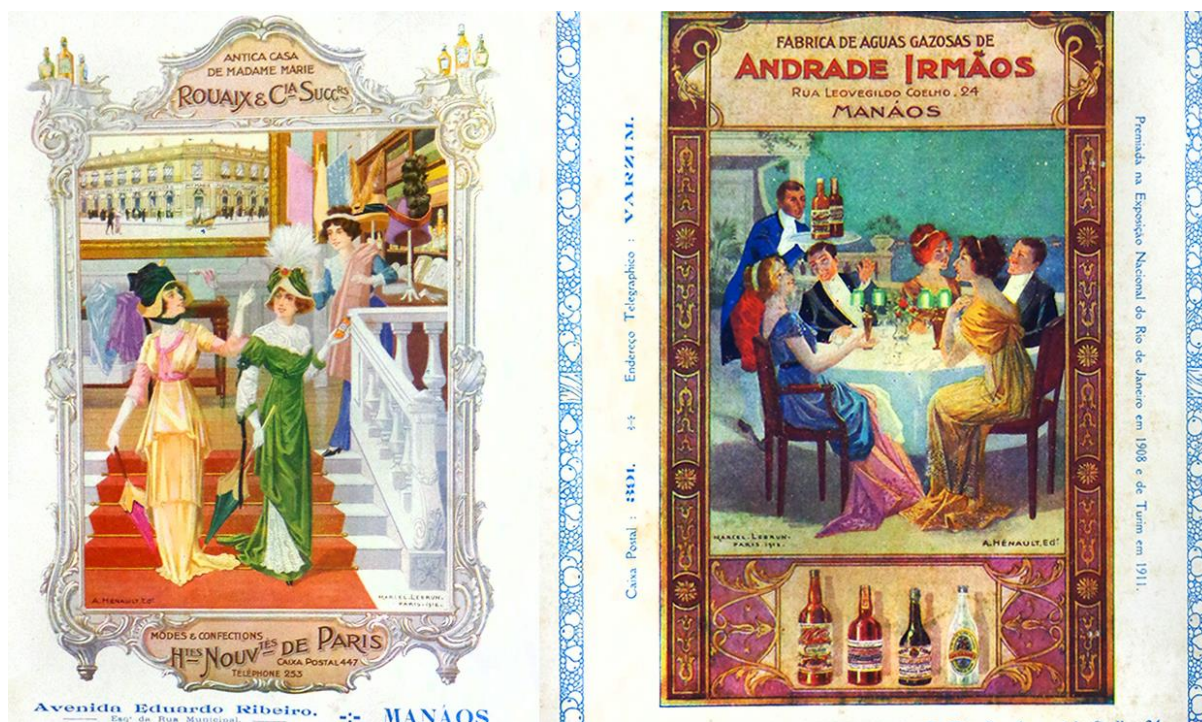
Fonte: Fotos do autor a partir do acervo do Museu Amazônico.

Nesse mesmo ano a empresa também publicou o *Almanak Litterario Pernambucano para 1912-1913*, com características gráficas e anúncios muito semelhantes à publicação do Amazonas. Assim, a Henault já possuía uma estrutura definida para a publicação de almanaques e, de acordo com Agra Jr. & Araújo (2019, p. 238), era pioneira “no uso da tricromia e maior divulgador dessa técnica no Brasil”. O *Almanak Amazonense* inicia com o calendário dos anos de 1912 e 1913 compostos em apenas uma dupla de páginas cada um, seguido de fotos de obras de arte, vistas de edifícios, em sua maioria estrangeiras, algumas personalidades nacionais e informações variadas. Essa primeira parte de generalidades foi impressa em cor ocre sobre papel revestido, o que não ocorre com seção seguinte intitulada “Estado do Amazonas”, impressa em preto sobre papel não revestido. Esta seção tem informações sobre as repartições federais e estaduais, e sobre o governo municipal, seguida do “Indicador geral por profissões do Amazonas”.

Depois se vê uma farta seção de anúncios, esse parece ser o principal objeto do almanaque, expor um desfile de casas comerciais representadas em páginas ilustradas por fotos ou cenas ilustradas, muitas das quais coloridas. Nessas ilustrações a vida em Manaus parece a de Paris, ela é urbana e sofisticada (Fig. 127). Vários artistas europeus assinam o desenho dos anúncios, dentre eles o artista parisiense Marcel Lebrum, autor da arte de muitos anúncios publicados pela empresa Henault, do Rio de Janeiro. Nestes encontra-se um estilo de vida burguês,

tendo a figura feminina finamente vestidas como destaque de muitas cenas (Fig. 127). Ainda há um grande número de anúncios impressos em uma cor tendo fotos de fachada ou interior das casas comerciais como elemento central.

Figura 127 – Detalhe das ilustrações de dois anúncios do *Almanak Amazonense 1912-1913*.



Fonte: Fotos do autor a partir do acervo do Museu Amazônico.

Na parte intitulada “Indicador Geral pro Profissões do Amazonas”, na seção “Jornaes e Revistas” há a indicação de dez periódicos, nove “Livrarias e Papelarias”, quatro “Photographias” e dez “Typographias”. No colofão do almanaque informa-se que a impressão foi realizada em agosto de 1912 pela Societé Générale D’impression, com a colaboração na gravação das páginas em cores da Companhia Arc Engraving, em Paris. Informa ainda que as tintas usadas na impressão são da Casa Lorilleux e Companhia. Após este ilustrado e rico almanaque, que marcava o fim de um período de fausto e riqueza da região, identificou-se outro em 1916 – *Almanack Amazonense Paulo*, bem mais modesto e trivial.

Para fechar esse levantamento de almanaques publicados, ou que tenham o Amazonas como objeto, de 1870 a 1916, apresenta-se a Tabela 12 com o registro dos 17 almanaques, todos foram consultados, ainda que parcialmente. De outros encontrou-se referências ou indícios mais abertos, assim, a número de almanaques deverá ser ampliado com novas pesquisas.

Tabela 12 – Almanagues do Amazonas, de 1870 a 1916.

Título	ano	Impressão [local e oficina]
1. Almanack Administrativo e Commercial do Correio de Manáos da Provincia do Amazonas	1870	Manaus, Typ. do Correio de Manáos
2. Almanack Administrativo e Commercial do Correio de Manáos da Provincia do Amasonas	1871	Manaus, Typ. do Commercio do Amazonas
3. Almanack Administrativo da Provincia do Amazonas para o anno de 1874	1874	Manaus, Typ. do Commercio de Manáos
4. Almanack Administrativo da Provincia do Amazonas para o anno de 1875 contendo o Novo Regimento de Custas	1875	Manaus, Typ. do Commercio de Manáos
5. Almanach Administrativo histórico Estatístico e Mercantil da Provincia do Amazonas	1884	Manaus, Typ. do Amazonas
6. Almanach Madeirense para o anno 1889	1889	Porto (Portugal), Typ. de Arthur José de Souza & Irmão,
7. Almanach Madeirense para o anno 1892	1892	[não identificado]
8. Almanach do Amazonas Histórico, administrativo, commercial, estatístico e literário	1895	Manaus, Typ. do Amazonas
9. Almanach do Amazonas Histórico, administrativo, commercial, estatístico e literário	1896	Manaus, Officinas do Diario Official
10. Almanack brinde Palais Royal	1905	Manaus, Palais Royal
11. Almanack brinde Palais Royal	1906	Manaus, Palais Royal
12. Almanack brinde Palais Royal	1907	Manaus, Palais Royal
13. Almanach Camillo	1907	[não identificado]
14. Almanack da Pharmacia Amazonas	1908	[não identificado]
15. Almanack brinde Palais Royal	1909	Manaus, Palais Royal
16. Almanak Amazonense de 1912-1913	1913	Paris (França), pela Sociéte Générale D'impression. Edição da Empresa do Almanaque Henault (Rio de Janeiro)
17. Almanack Amazonense Paulo	1916	[não identificado]

Fonte: Composição do autor

5.3 Vazante impressa e notas finais

Em abril de 1913 houve uma recomposição na sociedade da Palais Royal, bem diferente dos anteriores, uma vez que trazia uma mudança fundamental: os sócios, de comum acordo,

resolveram alterar o contrato da firma Lino Aguiar & C., segundo nota publicada no *Jornal do Commercio* de 11 de abril de 1913. Nela era informado que o sócio Pompeu Lino de Almeida Aguiar se retirava da firma, tendo sido pago pelo seu capital e lucros, continuando Lino Joaquim de Almeida Aguiar como sócio “mandatário” e Agostinho Cesar de Oliveira e Luiz Cavalcanti como sócios “solidarios, subrogados”. Não foi possível determinar se houve alguma mudança posterior, mas os negócios da Palais Royal ficaram sob a gerência da nova firma, nomeada de Cesar, Cavalcanti e C.^a, permanecendo o capital primitivo de 500:000\$000 pelo aumento que fizeram em suas quotas os sócios Agostinho Cesar de Oliveira e Luiz Cavalcanti. Dessa forma, depois de 23 anos, a Palais Royal não era mais de “Lino Aguiar”.

Figura 128 – Retrato de Agostinho Cesar de Oliveira e anúncio da Livraria Palais Royal da firma Ceza, Cavalcanti & C.^a, de 1913.



Fonte: Foto do autor a partir do acervo da Cesar e Cia. e anúncio retirado da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Esse período inicial do século XX, embora tenha sido de expansão da produção da borracha e de riqueza gerada pela sua exportação, foi também feito de adversidades, de acordo com Barbara Weinstein (1993, p. 238). As oscilações da demanda e do preço da borracha, a partir de 1910, já apontam para o fim do período de prosperidade e foi descrito pela pesquisadora, em um capítulo do seu livro, como “A longa decadência” (1993, p. 241-293). O ano de 1913 foi marcante para toda a região amazônica com a chegada da produção asiática da borracha ao mercado, que em breve se tornaria dominante e reduziria a participação amazônica no mercado. Terminava o

período de maior prosperidade da *belle époque* amazônica, que ainda viu seu *Almanak Amazônico de 1912-1913* ser desenhado e impresso a cores em Paris, um pouco antes do início da Primeira Guerra Mundial.

Essa passagem de titularidade dos negócios marcou o fim de uma fase da Palais Royal; porém, outra iniciava e não podia parar. Ainda em 1913 a livraria anunciava seus produtos e serviços já apresentando a nova firma ao comércio local como “sucessores de Lino Aguiar & C.”. O nome fantasia da Livraria Palais Royal, assim como o endereço, foram mantidos (Fig. 128). O anúncio foi publicado no *Jornal do Commercio* de 28 de setembro de 1913 e divulgava a livraria, seu armazém de papéis, artigos para escritório e suas oficinas: tipográficas, de encadernação e de pautação, movidas a eletricidade. Além da fábrica de carimbos de borracha, informavam ainda comercializar “material typographico, Inclusive prélos e minervas”. Não havia mais nenhum deus Hermes ou ornamentos nesse anúncio, que foi repetido várias vezes até o final do ano: apenas fios, uma grossa moldura, poucas vinhetas e muitas informações.

A divisão da sociedade da firma Lino Aguiar & C., primeiro com a saída de Pompeu e depois com a de Lino, deu origem a um novo empreendimento que, não podendo manter o palácio no título, tomou de empréstimo a sua tradição. A nova loja se chamava de Papelaria Velho Lino e já estava em funcionamento em agosto de 1913, segundo nota do *Jornal do Commercio*, n.º 3328. Seu endereço era na mesma Rua Municipal, onde ficava a Palais Royal, sendo, portanto, competidores diretos. Ainda em 1912 uma outra livraria foi aberta, a Livraria Acadêmica, período lembrado por Tude Gomes em artigo de jornal,²⁰² onde ele comentou que Lino Aguiar, depois de ter deixado a Palais Royal, abriu a Livraria Velho Lino e que, logo depois, entregou sua direção para o irmão, Pompeu Aguiar. Apesar de ter o nome citado nos pagamentos do governo publicados em jornais, não se encontrou maiores informações sobre Lino Aguiar; apenas sobre seu irmão, Pompeu Lino.

Ainda no final do ano de 1913, a Livraria Palais Royal inaugurou um “bellissimo annuncio electrico”, descrito pelo *Jornal do Commercio*²⁰³ como “o primeiro do genero no norte do Brasil” e que teria despertado a curiosidade da população. Ele iluminava alternadamente a palavra livraria e, depois, cada uma das letras de Palais Royal, composta verticalmente e, por fim, uma linha com os seguintes dizeres: “Cesar, Cavalcanti e Companhia”, todos compostos em porcelana transparente. A concepção, montagem e instalação do letreiro iluminado, segundo o artigo, era do jovem engenheiro Alberico Bevilacqua de Araujo, cidadão português que teria estudado

²⁰² Retirado da matéria “A instalação da Livraria Acadêmica no ano de 1912”, de Tude Gomes da Costa, publicada no *Jornal do Commercio* de 13 dezembro de 1981.

²⁰³ Edição de 28 de dezembro de 1913.

nos EUA. Esse “anúncio elétrico”, como foi chamado no jornal, parece ter substituído a antiga placa que havia na Palais Royal e que aparece nas imagens anteriores da casa.

Apesar do nome, a Papelaria Velho Lino não vendia apenas material de escritório, pois, ainda em 1914, anunciou no jornal *A Lanceta*, de 15 de maio, diversos livros para a Escola Universitária de Manáos. Ainda nesse ano foi feito o registro da marca e denominação Papelaria Velho Lino de acordo com a *Mensagem...* de 1914.²⁰⁴ No *Jornal Sportivo* n.º 2, de 1914, a Velho Lino se apresentava em anúncio como livraria, papelaria, typographia, oficina de encadernação, de pautação, de stereotypia, fábrica carimbos e monogramas em alto relevo. Declarava ser de propriedade da firma Lino Aguiar e Irmão e seu endereço era a Rua Municipal, 99. As suas oficinas gráficas deveriam ser tão boas quanto aquelas da Palais Royal e, também como ela, comercializava materiais gráficos, pois a Velho Lino publicou um catálogo de espécimes gráficos muito bem composto e impresso, inclusive a cores, em 1918, que lembra os almanaques da antiga casa (Fig. 130).

Em 1917, Agostinho Cesar parece ter realizado uma nova viagem para os EUA, lugar onde, em 1912, quando lá esteve pela primeira vez, havia notado a presença feminina nas oficinas gráficas. No retorno dessa nova viagem Agostinho teria admitido “varias moças” na seção de encadernação da Palais Royal, de acordo com o documento datilografado já citado e pertencente ao acervo da firma Cesar & Cia. Nessa viagem ele também adquiriu um equipamento de composição – o Linotipo e, ainda de acordo com o mesmo relato, ele fez a experiência de colocar uma mulher para dirigir o equipamento, mas o resultado não teria sido satisfatório. Agostinho ainda teria tentado contratar um linotipista, mas encontrou dificuldades e preferiu passar o seu equipamento Linotipo para o jornal *O Imparcial*. As oficinas da Palais Royal continuaram utilizando composição manual, pois esta “era mais barata”.

Em 1914, pelo menos 35 firmas decretaram falência segundo a *Mensagem...* de 1914 já citada acima. Dentre as quais aparece listada a firma J. Renaud & C.^a, que era proprietária da Livraria Ferreira Penna e também possuía oficinas gráficas e de encadernação. Ainda nessa edição oficial há a observação (1914, p. 330-331) de um cenário descrito como “tão assustador número de fallencias, veio abalar profundamente o capital das casas que, enfrentando com calma e serenidade essa inesperada crise financeira, conseguiram prosseguir o seu caminho, atravessando, embora, dias angustiosos”. Embora fora dos limites estabelecidos nessa pesquisa, é importante pontuar a difícil situação que região enfrentou nesse período.

²⁰⁴ De acordo com a *Mensagem lida perante a Assembléa Legislativa por ocasião da Abertura da segunda sessão ordinária da oitava legislatura em 10 de julho de 1914 pelo exm. sr. governo do estado Dr. Jonathas de Freitas Pedrosa acompanhado dos relatorios dos chefes de repartições.*

Para os empreendimentos que não conseguiam atravessar as dificuldades restava a liquidação, embora nem mesmo a conclusão e o fechamento dos negócios estavam fáceis. Todos os dias eram anunciados leilões de casas comerciais também falidas, como o do acervo da J. Renaud, o qual iria a leilão, segundo anúncio do *Jornal do Commercio* de 25 de maio de 1914. Era composto de artigos de papelaria, livraria e Typographia, além de móveis e utensílios. Todo esse material, ao que parece, não encontrou interessados, pois em 1917 outro leilão foi marcado, segundo a edição do *Jornal do Commercio* de 5 de setembro.

Nele há uma descrição mais detalhada dos equipamentos e materiais que compunham a livraria e a oficina tipográfica de J. Renaud. Sobre essa última, por exemplo, é possível ver a composição de suas oficinas a partir desse inventário. Para impressão havia duas impressoras minervas, uma n.º 146 e outra n.º 2177; dois prelos manuais: um Colombo n.º 2 e outro italiano; também um “prelo cylindrico W Leos”. Os outros equipamentos listados eram: um picotador de papel; um contador de papel; uma prensa de ferro; uma prensa Balancier para dourar; dois cutelos para cartão; uma “machina de pautar” n.º 1164; um cortador de fios e linhas, um rebolo para amolar, uma prensa manual para dourar, uma “machina para brochar”, um “machina de carimbos”, 3 numeradores números 4, 5 e 6; mais 6 numeradores para impressão. E materiais tipográficos: tipos americanos, italianos, portugueses, nacionais, alemães, franceses e outros. Além de materiais e ferramentas para os diversos serviços, “todos estes materiaes estão nas melhores condições possíveis”, segundo o aviso de leilão repetido até 14 dezembro de 1917.

A Livraria Palais Royal atravessou bem esse período conturbado; mas outras nem tanto. É possível afirmar que a sua longa história chega até o presente, dado que, em 2019, fez-se uma visita a uma pequena papelaria de bairro que ainda guarda com orgulho essa trajetória. Nela estavam penduradas na parede as fotos de Agostinho Cesar, Pedro Abdoral e uma vista da fachada da loja (Fig. 130). Esta última, embora sem data definida, ostentava apenas a firma Cesar & Cia na fachada, sem o sobrenome Cavalcanti do sócio Luiz, que se retiraria da sociedade em 1931. Seu fundador, Agostinho Cesar de Oliveira, foi vereador em Manaus e diretor da Associação Comercial do Amazonas. O sobrinho trazido em 1911 do Maranhão, Pedro Abdoral Cesar de Souza, foi aprendiz de tipógrafo na gráfica do tio e se formou em Agronomia em 1932.²⁰⁵ Ele se tornou sócio em 1944, segundo documento do acervo da firma,²⁰⁶ e foi também o sucessor do tio nos negócios.

²⁰⁵ De acordo com a SINOPSE de uma grande vida: Dr. Pedro Abdoral Cesar de Souza. [Documento datilografado]. Manaus: s.n., 19--].

²⁰⁶ CESAR E CIA. LTDA. *Uma bandeira empresarial de um século* [documento datilografado]. Manaus: sn, [1989].

Figura 129 – Impresso e vista da fachada da Livraria Palais Royal de Cesar & Cia.



Fonte: Fotos do autor a partir do acervo do Centro Cultural Reunidos, à esquerda, e da firma Cesar e Cia.

Sobre a Papelaria Velho Lino, os dados são menos precisos. Pelo levantamento feito em jornais, verificou-se que o empreendimento também teve uma trajetória duradoura, mas que não parece ter chegado ao século XXI. Em 1915, a revista *Ilustração Portuguesa*, n.º 476, publicou um breve e elogioso artigo aos trabalhos gráficos da Velho Lino. Nele há duas imagens fotográficas do estabelecimento feitas por Huebner: uma do edifício de três andares e outra do interior de uma das seções da Papelaria (Fig. 130). O artigo destaca algumas edições publicadas pela casa: *Correios do Amazonas em 1913*, *O Direito Internacional Publico e a Diplomacia*, de Gaspar Guimarães, e o livro de poesia *Ancias*, de Elias Gavinho.

A casa publicou, em 1918, um catálogo de materiais gráficos de título *Specimen do Material*, das Oficinas Graphicas da Papelaria Velho Lino. Nele encontrou-se o mesmo padrão gráfico e cuidado no acabamento dos almanaques publicados pela Palais Royal. Nesse catálogo de materiais gráficos a marca registrada do empreendimento é impressa em todas as páginas: uma águia pousada no globo terrestre segurando, no bico, uma placa com o nome Papelaria Velho Lino (Fig. 130). Esses elementos visuais já estavam presentes no grande anúncio de 1904 e em alguns almanaques, caracterizando a permanência de valores e da tradição da antiga firma. Figura 130 – *Specimen do Material*, das Oficinas Graphicas da Papelaria Velho Lino, de 1918. Abaixo, fotos da fachada e do interior da loja publicados na revista *Ilustração Portuguesa*.

Figura 130 – *Specimen do Material*, das Oficinas Graphicas da Papelaria Velho Lino, de 1918. Abaixo, fotos da fachada e do interior da loja publicados na revista *Ilustração Portuguesa*.



Fonte: Acima, fotos do autor a partir do acervo da Biblioteca do Estado do Amazonas. Abaixo, *Ilustração Portuguesa*, n. 476.

Os tipos móveis e materiais gráficos da casa são organizados em seções e cada uma abre com uma página decorada com moldura, vinhetas e outros ornamentos impressos em cores (Fig. 130). Palavras e frases são compostas no interior para apresentar os tipos móveis, identificando-os por números e pelo tamanho do corpo. Essas páginas são impressas em duas cores e reproduzem a marca Papelaria Velho Lino na parte de cima (Fig. 130). Esse mostruário deveria auxiliar os clientes da casa na escolha dos tipos, ornamentos e cores disponíveis pelas oficinas gráficas da casa.

Os últimos registros que encontramos datam do final da década de 1970 e início de 1980. Antes, porém, Pompeu Lino Aguiar havia falecido, em maio de 1964.²⁰⁷ Eles ultrapassam, e muito, o escopo desta pesquisa. Entretanto, apenas para dar uma conclusão, ainda que aberta a essa história, vai-se avançar um pouco mais até ao encontro com a memória gráfica do Amazonas escrita em dois grandes e antigos álbuns compostos pelos produtos impressos, sobretudo os efêmeros, das casas Palais Royal e Velho Lino (Fig. 131). São variados produtos impressos: rótulos, capas de revista, calendários, cartazes, diplomas, embalagens, e outros impressos, sobretudo a partir de 1910 e 1920. Alguns deles eram para casas comerciais do exterior e com vasto emprego de recursos gráficos e visuais.

Figura 131 – Álbuns de trabalhos gráficos da Palais Royal de Cesar, Cavalcanti & Cia, abaixo da Papelaria Velho Lino.



Fonte: Fotos do autor a partir do acervo da Centro Cultural Reunidos.

²⁰⁷ De acordo com os convites para a missa de 30 dias de seu falecimento publicados no *Jornal do Commercio* n. 1.8427, de 1964.

Esses dois conjuntos foram apenas rapidamente folheados, mas abrem várias janelas impressas que continuam a contar a narrativa das artes gráficas e da comunicação impressa no Amazonas. Um tipo de documentação espontânea, organizado pelos donos dos dois estabelecimentos para registrar a produção de suas oficinas gráficas, dois sobreviventes que foram entregues a um menino que as admirava e as guardou até hoje.²⁰⁸ Encanto também de quem os folheou e pesquisou, e que se espera despertar com o registro e estudo dos artefatos impressos e os agentes que produziram a cultura impressa do Amazonas de 1851 a 1910 contidos nessa investigação.

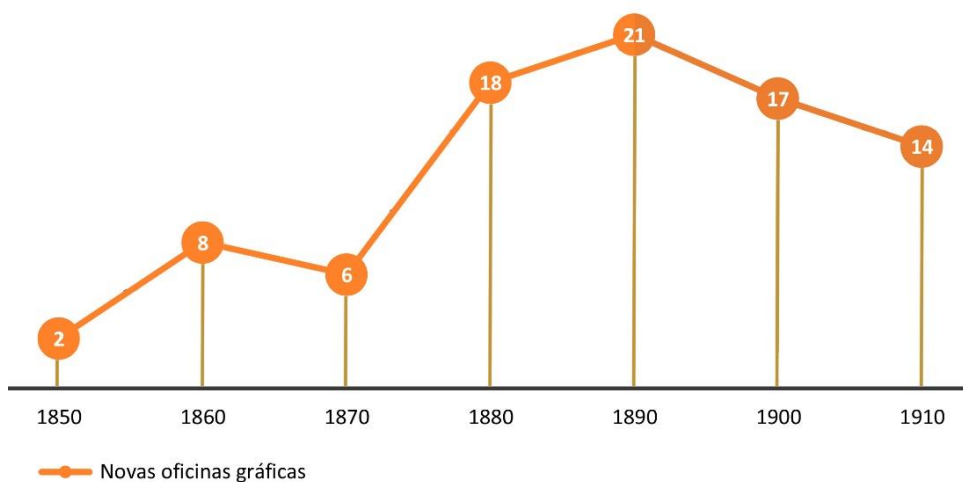
5.4 **Desenho acabado: o colorido do circuito da comunicação impressa do Amazonas**

O período de tempo coberto por essa seção vai de 1890 a 1910, entrando um pouco nessa década para dar continuidade ao estudo do desenvolvimento da atividade gráfica e da cultura material gerada por ela, observada no capítulo anterior e com desfecho neste. Essa foi uma época em que os ventos do mercado externo favoreceram a expansão do comércio e das elites locais com a exploração das seringueiras e a produção da borracha *in natura*. Um impulso que transformou o espaço urbano, social e cultural da cidade de Manaus, ainda hoje possíveis de serem observados nos diversos edifícios e obras desse período. A *Belle Époque* também ficou bem gravada na diversidade de produtos impressos produzidos na época e na expansão das atividades associadas à produção gráfica e, sobretudo, na sua maior especialização.

Na década de 1890 foram anotados 21 novos estabelecimentos gráficos, o maior número registrado, como se pode ver no Gráfico 5, acompanhando o grande crescimento da década anterior. E na década inicial de 1900 foram mais 17, totalizando 38 oficinas de produção gráfica de 1890 a 1910, todas anotadas nas tabelas 13 e 14, abaixo. Na década seguinte, de 1911 a 1920, ainda foram registradas mais 14 novas oficinas gráficas, o que reforça uma tendência de queda e estabilização no número de novos estabelecimentos gráficos. Do conjunto de 38 novos estabelecimentos de produção gráfica de 1890 a 1910, alguns se configuraram como empresas, ao que parece de capital aberto, pois tinham que prestar contas aos acionistas. Algumas oficinas gráficas que produziam grandes jornais diários tiveram de criar uma “seção de obras” para atender a outras demandas particulares sem intervir no processo de produção de seus periódicos, como fez o *Jornal do Commercio*.

²⁰⁸ Segundo relato dado por Joaquim Loureiro em 2019 quando ele apresentou os dois álbuns no Centro Cultural Reunidos.

Gráfico 5 – Número de novas oficinas gráficas do Amazonas, por década.



Fonte: Composição do autor a partir do Apêndice B.

Pelo menos cinco dessas 38 oficinas se apoiavam na atividade comercial, em livrarias e papelarias; contudo, 30 desses estabelecimentos gráficos se mantinham vinculados à publicação de algum jornal, que também nomeava o empreendimento. A essas poucas Livrarias – que também funcionavam como *Typographias* – foram sendo incorporadas ainda outras atividades, tais como: oficina de encadernação, fábrica de carimbos, pautação, estereotipia e outros. Cabe destacar o início das atividades da Imprensa Oficial em 1893 e a publicação do *Diario Official*, que passou a imprimir os atos, expedientes, edições oficiais e outros produtos impressos necessários ao funcionamento das diversas repartições locais. Inclusive o serviço de encadernação produzido por suas oficinas, que atendiam ainda à demanda particular, ainda assim, o governo do estado continuou contratando os serviços de várias *Typographias*.

Tabela 13 – Novas oficinas tipográficas do Amazonas, de 1890 a 1900.

N.º	OFICINA TIPOGRÁFICA
1.	Typographia do Seculo
2.	Empreza Editora Prosperidade
3.	Typographia do Diario de Manáos
4.	Livraria e Typ. Universal
5.	Typographia da Livraria Classica
6.	Empreza do Jornal do Estado do Amazonas
7.	Typographia do Gutenberg
8.	Typographia d'O Operário
9.	Livraria e Typographia "Palais Royal"

10.	Typographia d'O Rio Purus
11.	Imprensa Official
12.	Typographia do Municipio
13.	Typographia da Republica [Typ. d'A Federação]
14.	Typographia do Amazonas Commercial
15.	Typographia d'O Coaryense
16.	Typographia d'O Mariuaense
17.	Typographia do Rio Negro
18.	Empreza Typographica Folha de Manáos
19.	Typographia d'O Imparcial
20.	Typographia da Livraria Ferreira Pena
21.	Typographia Renaud

Fonte: Composição do autor.

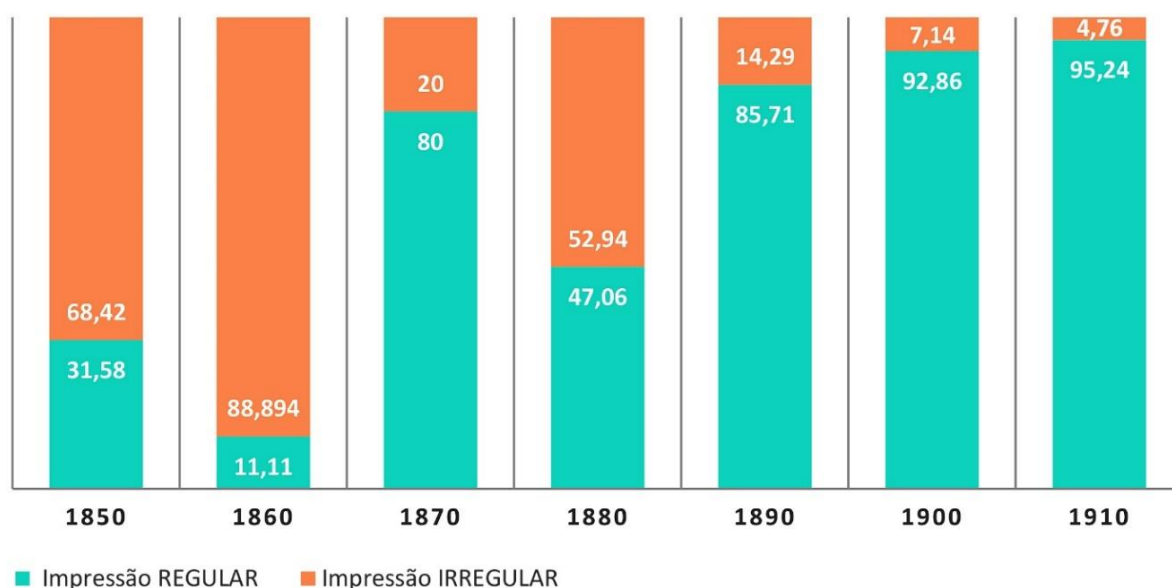
Para além dos números expressivos e da grande lista de novas oficinas gráficas, ocorreu uma sensível mudança com a maior especialização da atividade de produção gráfica a partir do início do século XX. Essa mudança foi notada, particularmente, com a chegada de outros processos de impressão, reprodução de imagem e de composição, além da utilização de equipamentos e materiais gráficos mais modernos, alguns movidos a vapor. Nos anúncios das *Typographias* desse período novos atributos começaram a ser destacados: a rapidez de produção, o estilo “chic”, a novidade e modernidade, destacada nos equipamentos de impressão, na composição mais artística e próximos dos modelos que circulavam na Europa. A adoção do estilo *Art Nouveau* em várias publicações do início do século já demonstra essa aproximação, assim como o uso de novos tipos e ornamentos.

O setor foi deixando de oferecer apenas a composição e impressão tipográfica como única forma de produção gráfica ao incorporar novas tecnologias e processos; dessa forma, várias oficinas tipográficas passaram a se configurar como um empreendimento de artes gráficas. Pode-se destacar as oficinas gráficas do *Jornal do Commercio* como uma das mais dinâmicas na aquisição de novos equipamentos e processos, com destaque para o uso da ilustração. No início da década de 1910, por exemplo, o jornal instala equipamentos de composição Lino-tipo e uma oficina própria de fotografação.

O maior desenvolvimento da produção gráfica do Amazonas nesse período pode também ser mensurado pela avaliação da qualidade de impressão dos produtos impressos locais

registrados no Apêndice A. Tendo como base um recorte de 114 exemplares, de um total de 271 registrados, é possível notar uma correspondência entre as avaliações e as características dominantes de cada período apontadas nesta pesquisa. No Gráfico 6, onde, partindo das duas décadas iniciais (1850 e 1860), nota-se o resultado das dificuldades materiais, técnicas e de fixação de mão de obra que são transpostas diretamente para a má qualidade de impressão feita nesse período. No arco intermediário dessa investigação, nas décadas de 1870 a 1880, há uma oscilação para cima, o que indica uma elevação no padrão de qualidade da etapa de impressão nas oficinas locais, apesar da permanência de algumas dificuldades. Isso até que a ampla maioria de produtos impressos do Amazonas tenha uma boa qualidade nas décadas de 1890 e 1900, resultado direto de melhores materiais e equipamentos de impressão, da maior concorrência e da mão de obra mais especializada. A tendência de uma qualidade regular a boa de impressão se mantém na década de 1910, apesar da redução no número de novas oficinas e das dificuldades econômicas do período.

Gráfico 6 – Qualidade da impressão de produtos impressos do Amazonas avaliada como regular ou irregular, em porcentagem, de 1850 a 1910.



Fonte: Composição do autor a partir do registro feito no Apêndice A.

Nessa primeira década do século XX o número de novas oficinas gráficas se manteve alto com o registro dos 17 empreendimentos anotados na Tabela 14, mas já começa a indicar uma desaceleração observada na década seguinte [1910]. Quando a economia local passa a sofrer com a severa queda nas exportações da borracha, ainda assim, pelo menos mais 14 novos estabelecimentos de produção gráfica passaram a funcionar de 1910 a 1919.

As casas comerciais eram o principal cliente das oficinas gráficas, que atendiam ainda associações, profissionais liberais, os governos estadual e municipal, os serviços de lazer e também as famílias mais abastadas. Estas passaram a fazer encomendas de serviços como cartões de visita, convites, participações e outros. A etapa de Ideação do circuito estava bastante diversificada e comportou a atuação de editores estrangeiros, como Luciani, Caccavoni, Fidanza e Huebner, encarregados da contratação e produção dos álbuns de vistas, e o *Almanak Amazonense de 1912-1913*, editado pela empresa Henault, do Rio de Janeiro, e produzido em Paris.

Tabela 14 – Novas oficinas tipográficas do Amazonas, de 1900 a 1909.

N.º	OFICINA TIPOGRÁFICA
1.	Typographia do Correio do Purús
2.	Typographia do Triumpho
3.	Typographia d'O Manicoré
4.	Typographia d'O Diario de Noticias
5.	Typographia d'O Progresso
6.	Typographia La Voz de España
7.	Typographia d'O Monitor
8.	Typographia do Quo Vadis?
9.	Typographia d'A Paz
10.	Typographia d'O Evangelista
11.	Typographia do Jornal do Commercio
12.	Typographia d'O Rio Madeira
13.	Typographia do Correio do Norte
14.	Typographia do Guia
15.	Typographia d'O Tacape
16.	Typographia da Tribuna do Caixeiro
17.	Officina Photo-Typographica

Fonte: Composição do autor.

Esse rico cenário pode ser visto nas imagens que registraram esse progresso, sobretudo a fotográfica, que dominam os álbuns de vistas e cartões postais, ambos impressos no exterior. A imagem fotográfica e o desenho foram sendo utilizados nos impressos locais ainda no final do século XIX como uma forma de homenagem, quase sempre na forma de um retrato de alguma autoridade ou personalidade, inclusive estrangeiros ou ainda fazendo referência a uma data

importante. A introdução da estereotipia, da xilogravura, da zincogravura e da photogravura permitiu uma maior diversificação técnica e de estilos de composição da imagem, com destaque para o desenho de humor, ainda que a produção de publicações ilustradas fossem bastante restritas no período estudado (até 1910). Essa lacuna pode ser observada pela falta de uma oficina litográfica instalada na cidade; essa era a principal técnica de impressão de imagens e esteve ausente do circuito local até 1909, quando se encontrou evidências do funcionamento do estabelecimento de Cesar Bustamante, mas penas por um breve período.

Apesar dessa falta, houve uma sensível ampliação dos processos gráficos disponíveis, o que exigia um maior planejamento gráfico-visual dos impressos para fazer uso de mais recursos como o uso de imagens, da cor, de uma grande variedade de tipos, ornamentos, clichês, papéis e outros. Para dar conta das diversas opções materiais e de gosto do período, uma nova categoria profissional começou a ser notada e valorizada – o artista gráfico –, uma ocupação que não havia sido registrada antes no circuito de comunicação impressa do Amazonas e que vai se consolidar na década de 1910, quando a sua ocorrência se torna mais comum.

De 1890 a 1910 outras atividades se tornaram perceptíveis, como se pode observar na Tabela 15, onde foram registrados também, pela primeira vez, o trabalho especializado do revisor, do distribuidor e do ilustrador. Além da presença de pelo menos dois gravadores que também ilustravam, Nicephoro Moreira e Jorge Gamboa, e de Rego Barros ou “R.B.”, os quais iniciaram a tradição do desenho, da caricatura e da imagem gravada nos periódicos locais. A imagem fotográfica já circulava anteriormente e vários ateliês se estabeleceram, com destaque para a Photographia Allemã de Huebner e Amaral.

Embora os registros de encadernadores e de oficinas de encadernação tenham diminuído, essa atividade estava presente e incorporada às atividades de vários empreendimentos gráficos locais. É importante observar o grande número de trabalhadores gráficos registrados nesse período – 72, entre tipógrafos e impressores, como se vê na Tabela 15, certamente apenas um recorte da mão de obra que passou a trabalhar nas 38 novas oficinas no período e nas que já estavam em atividade no Amazonas de 1890 a 1910.

Tabela 15 – Atividades profissionais registradas de 1890 a 1910 no Amazonas.

N.º	ATIVIDADE	NÚMERO
1.	Tipógrafo	65
2.	Impressor	7
3.	Encadernador	3
4.	Fotógrafo	15

5.	Artista gráfico	4
6.	Revisor	3
7.	Gravador	2
8.	Distribuidor	1
9.	Ilustrador	1
10.	Outros	4
Total		105

Fonte: Composição do autor.

Esse contingente de trabalhadores buscou se organizar e mobilizar ao publicar um jornal em homenagem a Gutenberg, que ajudou a formar uma associação e depois um sindicato, embora pareça ter tido uma adesão restrita. Ainda nesse período algumas iniciativas de formação em artes gráficas foram tentadas e uma delas até parece ter, de fato, oferecido o ensino do ofício de tipógrafo, antes já havia o de encadernador.

Figura 132 – Circuito de comunicação impressa do Amazonas, de 1890 a 1910.



Fonte: Composição do autor.

Ao observar o diagrama que representa o circuito local desse período (Fig. 132), percebe-se que a etapa de Comercialização também teve um considerável incremento com a expansão das livrarias e de outros agentes. Eram quatro livrarias no início da década de 1890 e foram a nove, segundo o registro do *Almanak Amazonense de 1912-1913*. Esse segmento comercial era bastante dinâmico, com firmas compostas de vários sócios, incluindo funcionários das livrarias que foram acumulando capital e, aos poucos, assumindo os negócios. É o que aconteceu, por exemplo, com a Livraria Universal e o artista gráfico Manoel Lourenço da Silva e, tal como relatado, com a Livraria Palais Royal. Em 1913, a firma Cesar e Cavalcanti assumiu essa tradicional livraria com a saída de Lino Aguiar e seu irmão Pompeu dos negócios, o que deu origem a um novo empreendimento – a Livraria Velho Lino. Ambas as livrarias se mantiveram em atividades ao longo do século XX. O comércio de produtos impressos, de jornais, revistas, assinaturas e edições era também feito em agências e cafés, além de casas comerciais que também vendiam alguns produtos impressos, como edições musicais, dentre outros.

Embora não se tenha dados suficientes para afirmar, é possível supor que a produção de impressos efêmeros, chamado também de avulsos, acompanhou o grande crescimento econômico desse período. Esse segmento de produtos impressos talvez possa ser considerado o mais significativo para uma boa parte das oficinas gráficas em atividade. A concorrência entre as casas comerciais e a expansão das atividades de lazer deve ter ampliado a demanda das oficinas gráficas com os seguintes produtos: carimbos, papel timbrado, notas, rótulos, cartões de visita, menus, programas de espetáculos, ingressos, convites, cartazes e outros impressos.

Esse tipo de produto também foi favorecido pela maior oferta de recursos gráficos e tecnológicos, uma vez que os poucos exemplares examinados demonstram o uso de cor, da imagem e de um estilo de composição mais moderno e livre que os aplicados nos periódicos de então. A sua comercialização se dava nas oficinas gráficas onde o serviço era contratado e seu uso acontecia no cotidiano, em diversas atividades intermediadas por estes impressos.

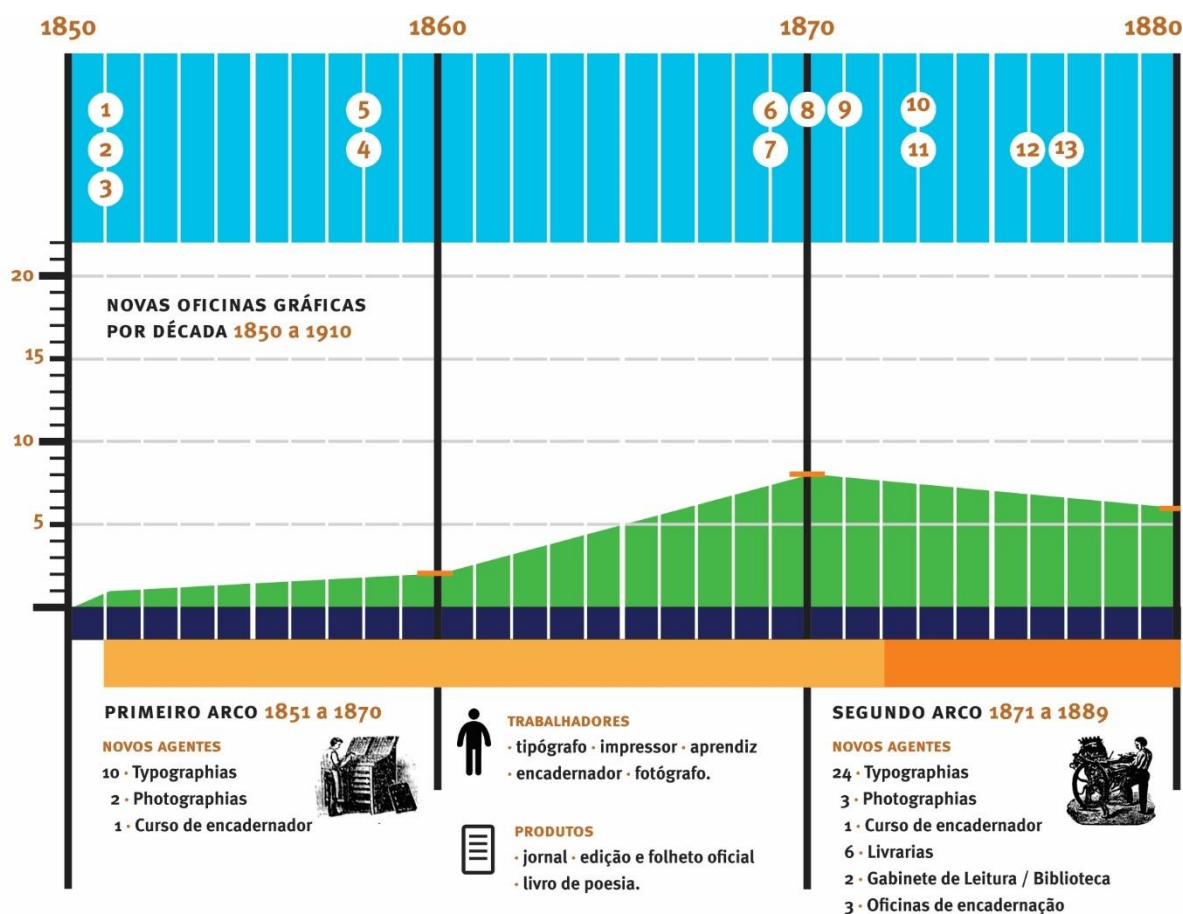
No início do século XX um gabinete de leitura foi organizado pela comunidade portuguesa local e oferecia uma biblioteca formada por doações. A Biblioteca Pública do Amazonas ganhou um edifício próprio, o que facilitou a sua tarefa de guarda e preservação das publicações de seu acervo. O funcionamento de uma instituição de ensino superior local a partir de 1909, em Manaus, contribuiu para o aumento da demanda e da formação de um público leitor especializado. E, tal como se observou na fala do leitor de almanaques e aficionado por charadas citados anteriormente, havia facilidade de acesso a diversas publicações no mercado local, várias importadas. Assim, a etapa de recepção do produto impresso, sobretudo das edições e periódicos, estava plenamente estabelecida, com facilidade de acesso a publicações e outros impressos.

Sobre a etapa de distribuição e transporte dos produtos impressos, também não se encontrou maiores informações. Indiretamente o crescimento das livrarias e do consumo maior de produtos impressos deve ter exigido uma expansão do setor para atender ao aumento da circulação de impressos. Inclui-se aí o transporte de muitos produtos advindos do exterior para abastecer as livrarias, papelarias e oficinas gráficas. Pelo menos uma destas chegou a anunciar a venda de papel pautado em Paris.

Em 1910, o desenho do circuito de comunicação impressa do Amazonas estava com suas etapas bem definidas, em expansão, e começando a enfrentar o período de vazante que foi ficando mais forte a partir da metade da década de 1910. A respeito desta se fez apenas algumas referências, por estarem além do limite estabelecido na pesquisa, mas que, certamente, teve severas consequências para o setor de produção gráfica.

A breve observação dos dois álbuns com a coleção de trabalhos gráficos das oficinas das Livrarias Palais Royal e Velho Lino abriu uma porta para a cultura impressa desse período, que parece ter mantido o colorido e a qualidade de composição e impressão recém-adquirida. No entanto, essa conclusão só pode ser obtida pelo estudo mais amplo do período, de seus agentes e produtos. Ainda como parte do esforço para o estudo do desenvolvimento da atividade local, produziu-se um infográfico – uma linha do tempo, com marcos, eventos mapeados nesta tese e que podem ser úteis a outros trabalhos e áreas de saber (Figs. 133 e 134). Estes poderão contar com essa pesquisa, cuja esperança é ajudar na aparição de novos e profundos mergulhos na cultura impressa do Amazonas e de outros afluentes pelo Brasil.

Figura 133 – Linha do tempo da atividade gráfica do Amazonas, de 1851 a 1910.



MARCOS DA ATIVIDADE GRÁFICA DO AMAZONAS DE 1851 a 1913

ANTECEDENTES

- 1808 · Início do funcionamento da Impressão Régia
- 1820 · Primeira Typographia do Pará

DÉCADA DE 1850

- Criação da Província do Amazonas [1850]
- 1 · Primeira Oficina Tipográfica de Manoel da Silva Ramos [1851]
- 2 · Publicação das primeiras edições e folhetos oficiais [1851]
- 3 · Primeiros jornais: *5 de Setembro* [1851] e *Estrella do Amazonas* [1852]
- 4 · Funcionamento da Oficina de Livreiro [encadernador] no Estab. dos Educandos Artifices [1858]
- 5 · Atividade de fotógrafo em Manaus: Hipolito Mainette [1858]

DÉCADA DE 1860

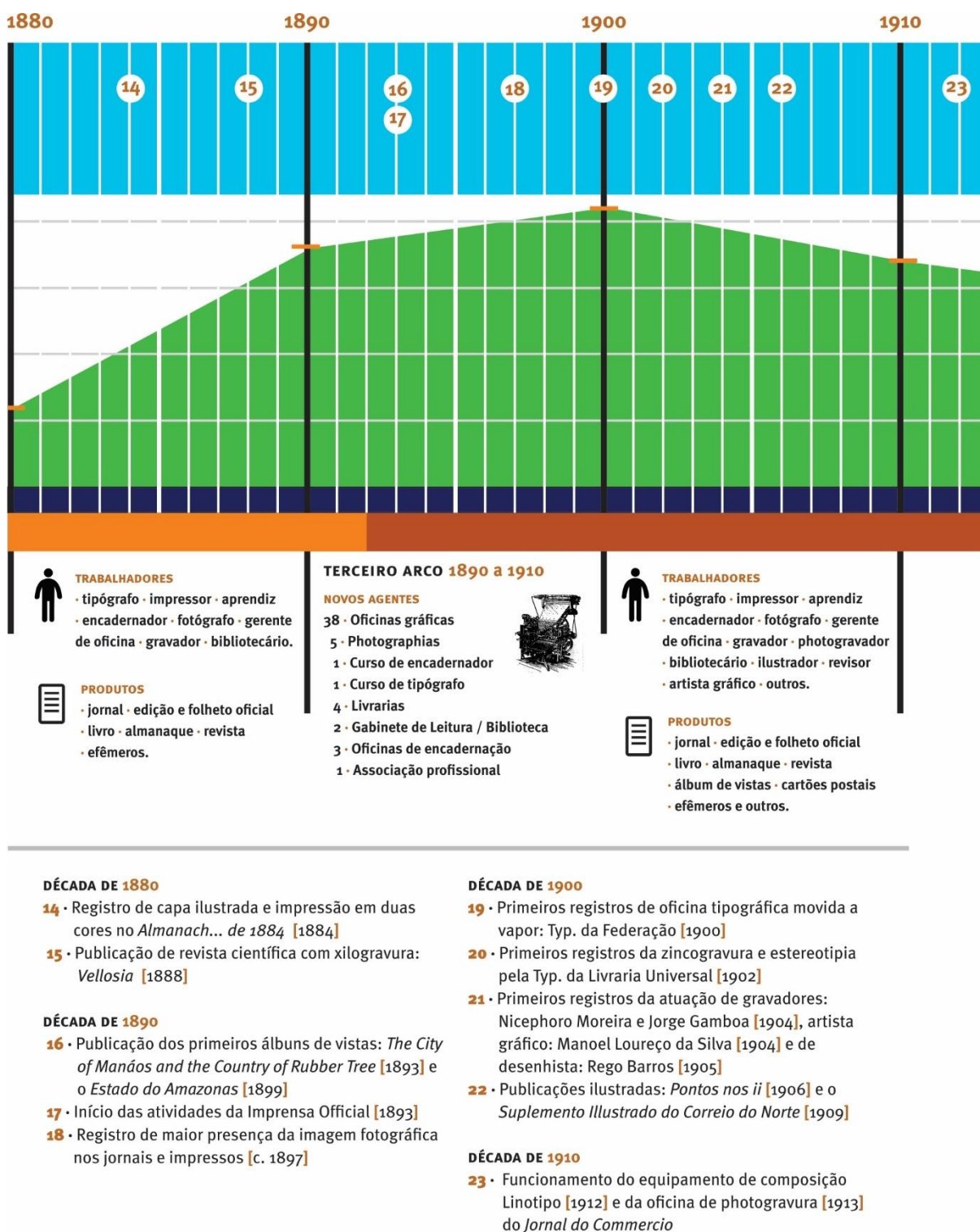
- 6 · Publicação dos primeiros jornais diários: *Jornal do Rio Negro* [1867] e *Commercio do Amazonas* [1869]
- 7 · Publicação de edição particular: *Vôos do Tambaqui* [1869]

DÉCADA DE 1870

- 8 · Publicação dos primeiros almanaques [1870-1]
- 9 · Funcionamento de Sala de Leitura do Lyceu [1871]
- 10 · Atividade de Livrarias: de Abel Maria de Souza e de Bernardo Antonio de Oliveira Braga [1874]
- 11 · Publicação de periódicos no interior: *Itacoatiara* [1874] e *Foz do Madeira* [1876]
- 12 · Publicação das primeiras revista: *Revista do Amazonas* [1876] e *Echo Militar* [1878]
- 13 · Registro de imagem original: Retrato de Pedro Luiz Sympson, em seu livro [1877]

Fonte: Composição do autor.

Figura 134 – Linha do tempo da atividade gráfica do Amazonas, de 1851 a 1910 [continuação].



Fonte: Composição do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de uma linha do tempo, como a de uma rede social ou a que se apresentou nas páginas anteriores, pode dar a impressão de acúmulo linear de experiências ou de desenvolvimento gradual, como se a vida – ou o objeto de estudo – fosse um vetor a fazer progressos. Um infográfico consegue fazer uma síntese de informações visuais e verbais sem se deter nos detalhes do percurso, é uma simplificação objetiva e bem planejada. Ao reduzir a profundidade em poucas variáveis, ele torna de fácil compreensão um cenário mais complexo, tal como um mapa que localiza os principais elementos geográficos sem muitos detalhes.

O planejamento dessa representação visual e de informações caracteriza um dos domínios do design gráfico ou da informação, a conjugação de texto, imagem e vários recursos, retóricos, visuais, tecnológicos, para criar uma solução integrada, clara e facilmente reproduzível. Infográficos são usados hoje em vários veículos de comunicação e trabalhos, no cenário atual ajudaram a entender a pandemia e muito outros fenômenos do século XXI, mas também na tradução de acontecimentos do passado e outros. Auxiliam também a pensar na pesquisa que se encerra, que buscou o mapeamento e a compreensão de um vasto território ainda pouco conhecido, desenhando-o a partir de um circuito. Um conjunto de atividades, sobretudo a de produção gráfica, descritas e estudadas sem reduzir a complexidade das relações mantida entre os diversos agentes, os objetos pesquisados e a sociedade a poucas variáveis organizadas em um diagrama.

Por isso, as vozes fixadas dos impressos foram tantas vezes ouvidas e citadas no texto da pesquisa, primeiro para fixar sua existência, informar e, com base nelas, discutir sobre as experiências, visão de mundo, intenções e as dificuldades que foram impressas em seu corpo. Por meio dessa investigação o espaço social da oficina tipográfica foi sendo melhor conhecido e ampliado, uma expansão das fronteiras do território gráfico para outros domínios, como o da história cultural, mas também econômica e social do Amazonas.

Com efeito, nesse trabalho, tem-se um longo e detalhado conjunto de observações, personagens, histórias, dados, relações, reflexões e de lacunas, antes dispersas ou mesmo que ainda não haviam sido estudadas ou notadas. Ao serem compostas em uma tese trouxeram um pouco mais de luz para o período de formação e construção de identidade de uma comunidade humana, amazônica, e profundamente desigual. Um desbravamento que compõe um coro desigual e difícil de ouvir para aqueles que esperam uma pesquisa de som harmônico e liso, ouve-se o

barulho das máquinas gráficas, as reclamações dos tipógrafos, os gritos dos reclames, a sedução das imagens, e tantos outros tons e impressões.

Esse acadêmico ruído tem o mérito de perceber sua área de saber como produto e, ao mesmo tempo, agente de construção social, cultural e econômica, por isso embarcou em sua investigação outros saberes e interesses. O cenário estudado e a interdisciplinar viagem empreendida foi o início da exploração, que será ampliada, discutida e até mesmo superada com outras pesquisas, descobertas e conclusões. Assim se espera, pois esse é um movimento próprio da pesquisa científica: produzir conhecimento, reflexões que deveriam chegar até o outro, pesquisador e área de saber, para contribuir com a expansão do saber e da própria sociedade. Essa troca também foi realizada na tese com a eleição de estratégias de pesquisa a partir do campo da história do design, da Memória Gráfica, associado à história do livro, uma reunião que resultou na adoção e desenvolvimento de um modelo de circuito próprio a partir das referências de Darnton (1982) e de Adam e Baker (1993).

Dessa forma, o modelo adotado deu margem para que se registrasse com maior proximidade os elementos, agentes, produtos e se observasse as mudanças que ocorriam no interior nesse espaço de produção. Essa etapa do circuito comportava outras atividades, como o serviço de encadernação, o ateliê de fotografia, o trabalho de gravadores e outros profissionais, além de propiciar formação profissional prática e o comércio de produtos impressos, dentre outros. A lenta soma que foi sendo feita com a reunião de dados, fragmentos de histórias, agentes, relações propiciaram as bases para os argumentos, reflexões e direções tomadas por essa extensa pesquisa-viagem.

Ainda a partir do trabalho com fontes primárias heterogêneas e dispersas em acervos, físicos e digitais, definiu-se a utilização de um registro comum, sendo necessário, para isso, dar forma a uma interface de tratamento. O desenho dos modelos de registro, sobretudo o primeiro, a ficha de registro do artefato impresso, foi o resultado do estudo de outras aplicações dessa natureza. Esses foram dois pilares auxiliaram a construir essa tese, um modelo de circuito e de registro adaptado às necessidades e condições da pesquisa feita a partir de fontes primárias. É possível afirmar que ambos se constituem em ampliações desenvolvidas a partir das referências descritas, mas que podem também auxiliar outros estudos que possuem como objeto de estudo a cultura impressa.

Dessa forma foi possível estender os arcos da investigação e criar uma ponte, entre o presente, encharcado de informações, imagens e atalhos, de todo o tipo, tempo em que a pesquisa se desenvolveu, e o passado. Até à comunicação impressa que a comunidade humana que habitava da margem esquerda do Rio Negro começou a produzir com muita dificuldade. Seus

produtos impressos tinham uma circulação restrita, apenas por entre aqueles poucos que tinham o domínio da leitura na metade do século XIX. A educação, ou a aquisição das primeiras letras, foi abordada em poucos momentos para contextualizar essa dificuldade de difusão da cultura impressa, uma limitação de mercado e de alcance que ajuda a entender a efemeridade de muitas publicações e iniciativas, pois esse era um dos limites do circuito de comunicação.

A investigação sobre a etapa de produção gráfica do circuito de comunicação impressa começou a ser produzida a partir do funcionamento da primeira oficina tipográfica do Amazonas, a Typ. de Manoel da Silva Ramos, em 1851. Um processo estudado e descrito a partir de três arcos, dos quais se vai ressaltar alguns breves elementos, histórias e ideias para demonstrar algumas contribuições feitas. Parte da tarefa de fazer uma síntese e destacar os resultados alcançados foi realizada nas três seções que encerram o segundo, o terceiro e quinto capítulos, onde foi possível observar a representação das mudanças e desenvolvimento das atividades que formam o circuito a partir da etapa de produção gráfica, além de diversos registros. Foram listadas oficinas tipográficas, atividades profissionais registradas, feitas comparações e apontamentos a partir de registros nas fichas (em apêndice) e também de outras fontes e buscas feitas em plataformas como a da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Ao se ler, ver, ouvir e refletir sobre o objeto de estudo durante o período que compõe o doutorado, chega a ser espantoso como, no espaço de apenas 60 anos, a paisagem tipográfica e humana da terra das Amazonas tenha se modificando tanto. Uma vila miúda, indígena, alçada à capital de Província do Império, quando começou a imprimir. Depois, com vagar, foi se ampliando seus domínios, incluindo o almejado crescimento econômico, até experimentar a “delícia” de ter um produto altamente desejado, a borracha. Um impulso que propiciou uma vida cheia de modernos confortos, até a ilusão de ver-se como a civilizada e moderna Paris. Deslocamentos que o trabalho acompanhou sem medo de soar pretensioso ou de tornar-se meramente descritivo, a preocupação maior foi a de não deixar escapar os sinais, os encontros marcados ao mesmo tempo em papel, discurso, imagens e no cotidiano da cidade de Manaus e também do Amazonas.

A investigação encontrou uma espécie de crônica, ou de espelhamento, tanto direto como na forma de fantasmagorias entre o desenvolvimento dos agentes, saberes e histórias do circuito de comunicação impressa e o da vida sociocultural do Amazonas. Uma ligação que a pesquisa não limitou aos aspectos tecnológicos, formais e estéticos, ou na busca pelo fora de série. O extraordinário foi notar insuspeitas ligações, pequenas alterações de padrões gráficos e retórico nos anúncios, na maior diversificação de produtos impressos, que puderam ir além do registro da voz oficial, passando a reproduzir outros desejos e representações, quase sempre das

elites que buscavam se afirmar, mas também dando espaço para a maior participação popular, ainda que feita em notas, anúncios e fragmentos.

A partir daí as mudanças aconteceram de forma acelerada, ou elástica, para usar uma metáfora associado à exploração do látex, o principal responsável pelo motor econômico que transformou a cidade em uma metrópole projetada para um estilo de vida moderno, civilizado e confortável, pelo menos para a parte mais abastada da população. O circuito gráfico local se expandiu em dezenas de oficinas gráficas, incluindo as que funcionaram no interior, também com melhoramentos tecnológicos e materiais que possibilitaram o uso de variados recursos gráficos e estilos de composição. Nas várias voltas notadas nesses 60 anos do estudo, cabe destacar o crescente desenvolvimento e especialização das atividades profissionais ligadas ao universo de produção gráfica. A partir do qual foi possível compor um retrato mais acabado do profissional gráfico, primeiro tipógrafo e impressor, depois artista gráfico e hoje um parente, talvez um avô, dos atuais designers gráficos amazônicos. Ponte para o encontro de memórias, artefatos e narrativas que antes estavam ausentes, outro estrondoso silêncio que motivou a realização deste trabalho. Chegar aqui, nas considerações da tese “Impressões do Amazonas”, é também uma reconciliação com a história do design gráfico brasileiro, amazônico e com uma tradição que vai se percebendo como mais diversa e complexa.

A sucessão de objetos, personagens e informações que foram levantados ocorreu em um intervalo que poderia ter sido acompanhado em uma vida. Possibilidade que de fato ocorreu de acordo com o breve relato das atividades de um tipógrafo de sobrenome incomum – Zuany. Ele parece ter iniciado a sua jornada profissional no início década de 1860, ainda na oficina de Francisco Silva Ramos. Atuou como funcionário público e conseguiu ser proprietário de uma oficina tipográfica que não teve sucesso, o que o levou de volta ao trabalho nas Typographias locais, pelo menos até a primeira década do século XX. Nesse período, Manuel Zuany, ao que parece, conviveu com parentes seus, Raymundo e Hugo, que também levaram adiante a antiga tradição que os tipógrafos tanto se orgulhavam de carregar. A missão de levar a luz impressa do conhecimento e do progresso a todos.

A oficina gráfica do jornal *Amazonas* foi outro agente que documentou, nas páginas de seu periódico e nas mudanças sofridas por sua oficina, a mesma história a partir de 1866, mas em outro registro. Foi um empreendimento inicialmente tipográfico que produzia um jornal e que conseguiu se manter em atividade por um longo período. Acompanhou o curso das transformações do setor gráfico e manteve a relevância do seu jornal até ser descrito pelo jornal *Pontos nos ii* [1906] como o vovô dos periódicos locais. Nesse período, o circuito da comunicação impressa já tinha ultrapassado o tempo das pequenas folhas cheias de improvisos, de

anúncios com pouca variação gráfica e chegada à maior variedade de produtos impressos. As primeiras edições particulares, almanaques, revistas e pasquins, foram publicadas ainda na década de 1870; na seguinte algumas publicações contavam com uma capa ilustrada, um uso maior de recursos gráficos. O crescente número de concorrentes, alguns se configurando como empresa de capital aberto, outros sendo criados a partir da atuação de livrarias foi tornando o cenário de produção gráfica mais diversificado e moderno. Por isso, no início do século, foi possível montar uma bela vitrine impressa cheia cor, papéis especiais, fotografias, desenho e o estilo *Art Nouveau* estampados nos jornais e em diversas publicações.

A investigação estabelece o período de duas décadas para cada um dos três arcos, reconhecendo-se que eles se espraiam e têm repercussões para além desse limite temporal. Um elemento particularmente esclarecedor desse processo foi desenhado a partir das condições de trabalho, da diversificação de produtos impressos e na maior especialização do trabalhador gráfico. O começo foi bastante acidentado, marcado por severas e diversas limitações de uma oficina tipográfica modesta, que permaneceu nessas incômodas condições por quase uma década. Nesse período, o jornal *Estrella do Amazonas* fixou as falhas, os improvisos, as dificuldades materiais e técnicas, assim como fez o registro das queixas de seu único cliente – o governo provincial. Nesse período o tipógrafo, o compositor, o impressor e o aprendiz conviviam com um trabalho pesado, mal remunerado e impreciso, apesar de seus esforços.

Os produtos resultantes, modestos e de poucos recursos gráficos, eram necessários para a divulgação dos atos, expediente e por conferir realidade material à estrutura do governo. Essa situação se arrastou até o início da década de 1860 com o aumento de empreendimentos e ofícios, mas ainda de forma precária. Nesse período, o relato do tipógrafo José Verissimo é marcante ao dar voz a diversos tipógrafos, e a um aprendiz, que foram submetidos a maus tratos na oficina de Francisco da Silva Ramos. Um personagem a respeito da qual pouco se sabia anteriormente e que, em 1856, se tornou proprietário da oficina que passou a ostentar seu nome até a sua morte, ocorrida nove anos depois.

Um dos poucos anúncios registrados da Typographia de Francisco da Silva Ramos indicava a venda de diversas edições e produtos de papelaria, além da encomenda de livros em branco e serviços de encadernação. A comercialização de produtos impressos era então uma atividade não especializada, uma demanda que era atendida por diversas casas comerciais e pela única oficina tipográfica da região. Situação que vai se repetir quando, duas décadas depois, as primeiras oficinas tipográficas começaram a atuar em outras cidades do interior. Na capital, o início da década de 1860 trouxe outras oficinas gráficas, jornais e muitas discussões travadas

pela via impressa que, no entanto, permanecia pobre de recursos gráficos e ainda impressa com pouca qualidade.

As etapas do circuito de comunicação e diversos agentes estavam se definindo nesse período, como o ofício de encadernador, que possuía uma formação profissional oferecida a a jovens e crianças pobres pelo governo. Os proprietários e trabalhadores gráficos que formaram essa primeira geração tinha origem portuguesa e muitos vinham da província vizinha, o Pará. Nessas pioneiras oficinas foram formados novos trabalhadores gráficos, embora a dificuldade de fixação da mão de obra especializada permanecesse até o arco seguinte, que vai do estabelecimento e desenvolvimento desigual da etapa de produção gráfica até a diversificação de produtos e aceleração do seu crescimento, já na metade da década de 1880.

Na década de 1870, o tipógrafo e editor do *Jornal do Amazonas*, Raymundo Pereira da Silva Lobo, teve de se defender das acusações lançadas sobre sua capacidade intelectual e autoria dos artigos que então assinava. Ele ocupava um lugar destinado aos filhos das elites políticas e sociais locais que se formavam e disputavam intensamente suas posições pelos jornais. Seu acusador, Joaquim Sarmiento, manteve a polêmica com o tipógrafo paraense que, então, o expôs como autor da escandalosa obra *Pai Domingos*, de 1876. Nesse período, a *Typographia do Commercio do Amazonas* se destacou pela publicação de várias edições, dois almanaques e da *Revista do Amazonas*, que circulou por apenas seis números. Também começaram a funcionar as primeiras livrarias e sala de leitura, uma significativa ampliação do circuito local e dos espaços destinados a trocas culturais.

A sociedade civil organizada, com o apoio dos trabalhadores gráficos, pressionou e conseguiu a Abolição da Escravatura na Província do Amazonas, feita em 1884. Como testemunho gráfico ficaram o jornal *Abolicionista do Amazonas* (1884) e o folheto *Os Escravos* (1883), edição de Castro Alves produzida por dois tipógrafos cearenses, Manoel Ursulo Uchoa e Augusto Thomé Wanderley. O primeiro deles deixou as lides gráficas e foi em busca do sonho de riqueza e, assim como muitos de seus conterrâneos, se aventurou nos seringais da região, onde veio a falecer. O outro tipógrafo retornou ao seu estado natal. Essa foi uma breve narrativa registrada na tese, história quase anônima, mas profundamente amazônica e lida em notas de jornais. No entanto, ela representa uma parte importante da população que ajudou a produzir a amazônica riqueza do período, ainda que essa população permanecesse à margem do progresso material que a exploração látex produziu.

As oficinas tipográficas, nesse período, foram melhorando sua estrutura, modernizando seus equipamentos e materiais, ampliando o número de trabalhadores, como se pode acompa-

nhar por meio do jornal comemorativo *Imprensa Unida*, de 1888. Ali figuraram oficinas tipográficas maiores, com gerente ou diretor de oficina para comandar o trabalho de vários tipógrafos, ao lado de outras que tinham apenas um profissional gráfico a desempenhar a composição e a impressão de seus produtos. Esse é um contraste, ou desnível, que fica mais acentuado pela comparação feita entre o *Almanach*, de 1884, e a revista *Vellozia*, de 1888, extremos que ainda conviviam no espaço de produção gráfica local. Contudo, a partir de 1886 há uma sensível expansão no número de novos empreendimentos que continua no início da década e do arco seguinte, o último que a pesquisa descreveu.

Nele, a oficina tipográfica vai conquistar a tão desejada qualidade de impressão. Iniciando, na década de 1890, um processo de modernização e especialização com profundas repercussões, tanto na condução dos negócios, como na etapa de planejamento e produção. Para atender à crescente demanda e manter a competitividade, algumas oficinas redefiniram seus negócios como uma empresa de capital aberto. Ou ainda como uma atividade associada ao comércio, à livrarias. Em ambos os casos, as oficinas adquiriram prelos e modernos equipamentos movidos a vapor, usados para produzir maiores tiragens em menor tempo. Repercutindo uma melhora nas condições econômicas, culturais e no consumo na região.

Tal dinamismo levou os empreendimentos que antes eram apenas tipográficos a oferecerem vários estilos de composição, processos de impressão e de reprodução da imagem, além de atender aos variados e exigentes padrões de gosto do período. Vale mencionar que a elevação de complexidade dos produtos impressos exigiu maior qualificação e especialização do trabalhador gráfico. O profissional passou a planejar em detalhes o uso do texto, imagem e diversos recursos antes raros, ou mesmo inacessíveis, como o uso de ornamentos, da impressão em cores, variação de tipos, estilos de composição, diferentes formatos e modelos de papel. Essa mudança ficou clara no cenário local com o surgimento de um novo profissional – o artista gráfico – mais valorizado socialmente que o tipógrafo. Esse percurso profissional e mudanças socioculturais que acompanhou só foi possível de ser registrada e estudada pela estratégia de pesquisa eleita. Pela busca e anotação de dados em fichas de um lado, e do outro a noção de espaço social, de circuito que se expande e abarca novos saberes, atores e continua seu movimento.

Contudo, a classe dos tipógrafos e demais trabalhadores gráficos permaneceu numerosa e se organizou para publicar um jornal, fundar uma associação para discutir as aspirações e condições de trabalho nesse cenário de mudanças. Participaram ainda de outros grupos políticos e de jornais operários atuantes nas primeiras décadas do século XX. Momento em que também se registrou o funcionamento da primeira iniciativa de ensino profissional efetivo de arte typographica pelo Instituto Affonso Penna, em 1907, de breve duração. Em 1910 a Escola de

Aprendizes Artificies ofereceu uma oficina de Typographia que parece ter tido uma duração maior. Assim, uma escola se somou às oficinas gráficas como lugares de aprendizado de uma atividade profissional.

As artes gráficas foram redefinindo e ampliando os processos, produtos e estilos observados na maior presença da imagem fotográfica e dos desenhos de humor nos jornais do final do século XIX e início do seguinte, apesar da marcante falta de um ateliê litográfico. Os estabelecimentos fotográficos também prosperaram e a Photographia Allemã, de Huebner e Amaral, teve um grande protagonismo na produção imagética e cultural do período. A atuação das oficinas da Livraria Universal e da Palais Royal se destacaram, esta última publicando seus quatro almanaques-brindes com elevado padrão gráfico e editorial. Dela também foi possível observar melhor seu desenvolvimento a partir de informações inéditas coletadas de documentos de um acervo particular a que se teve acesso, além de outros registros, como a publicação de catálogos de espécimes tipográficos que as oficinas da Palais Royal e Velho Lino produziram.

O *Jornal do Commercio* também ajudou a redefinir a passagem de uma produção gráfica semiartesanal para a atuação de empresas de comunicação e de artes gráficas. A postura comercial agressiva do jornal era visível nas promoções que realizava e no uso da imagem – fotográfica e gravada. Nele se registrou uma maior participação de artistas e gravadores, que propiciaram a criação e a expansão de uma tradição de produção artística e cultural, tendo como antecedente as contribuições realizadas pelo artista italiano Arturo Luciani a partir da metade da década de 1880. Já avançando na década de 1910, as oficinas do *Jornal do Commercio* introduziram o Linotipo para mecanizar a etapa de composição e, pouco depois, inauguraram uma oficina de fotogravura. Esse empreendimento manteve-se ativo durante todo o século XX, assim como as livrarias Palais Royal e Velho Lino.

Antes de finalizar as impressões do Amazonas, observou-se de forma atenta e breve duas páginas bem distintas dessa história que capturam momentos antagônicos da década de 1910. Na página ímpar, o sonho de modernidade e consumo; em seu verso, na página par, o fechamento abrupto de vários empreendimentos, incluindo gráficos, como consequência da forte queda dos preços causada pelo domínio da produção asiática da borracha. Continuando o paralelismo, em papel revestido, impresso a cores, o ilustrado e rico *Almanak Amazonense* de 1912-1923 representava o desejo pela manutenção da vida confortável e moderna recém-conquistada pelas elites locais e parte da população urbana. Esse era um cenário difícil de sustentar, uma vez que abundavam as notas impressas em papel jornal informando a falência e a venda em leilão do estoque e equipamentos de várias casas comerciais. É o caso, por exemplo, do

fechamento e venda em leilão, em 1914, dos equipamentos e materiais das oficinas gráficas da Livraria Ferreira Pena, ocorrida três anos depois por falta de compradores.

A pesquisa apresentada é ainda uma proposta de mediação, um produto acadêmico e crítico, que pretendeu também usar das falas literária e persuasiva, acrescida de outras preocupações gráficas que o pesquisador e especialista em design editorial impôs ao trabalho. Cuidado que se estendo à construção de uma narrativa visual feita de variados registros imagéticos, como fotos, diagramas, gráficos e tabelas que demonstram uma preocupação com a clareza das informações aliadas a uma correta composição dos tipos, mesmo a partir de um modelo de tese padronizado pela instituição. Essas preocupações, embora pareçam desimportante e possam passar despercebidas, ilustram o esforço do pesquisador por manter firme seus laços com área de saber de origem, o design, mesmo quando sua pesquisa dialoga com outros campos e caminha além de seus domínios tradicionais.

O uso de analogias fluviais e amazônicas utilizadas no discurso desse trabalho, salienta a similaridade entre a produção da investigação e o curso acidentado de um amazônico rio. Essa liberdade discursiva marca ainda o desejo de fluidez que se buscou ao dar aos vários fragmentos, detalhes gráficos e visuais, anônimas histórias, imagens incompletas, dificuldades e inquietude que acompanham pesquisas como essa, em que se parte sem poder ver com clareza o horizonte que aguarda o pesquisador ao final. Há um cenário hipotético que o exercício da pesquisa vai compondo, com projeções, descobertas e encontros, mas também com frustrações de expectativas, falta de informações e recursos, teóricos, materiais e econômicos. Além disso, existem outras limitações e dificuldades, como a de chegar ao fim, reconhecer os limites – seus e da pesquisa – e aprender a conjugar o tempo e os resultados da investigação no espaço de um trabalho acadêmico limitado a quatro anos.

O funcionamento de um equipamento mecânico, um simples prelo, utilizando tipos, tinta, papel, somados ao engenho e trabalho humano, realizou a fixação e reprodução de ideias e da voz feita em discurso gráfico daquele que precisava desses recursos, o registro e a difusão para manter sua autoridade e a ordem – o governo provincial. A fala das ruas era outra, a tecnologia tipográfica marcou bem esse limite entre a cultura oral falada em Língua Geral Amazônica e a língua oficial, portuguesa, a mesma que aqui se usa. Desencontro ressaltado para perceber outros personagens, contrastes e silêncios impressos na margem, espaço observado para perceber ligações, refletir sobre o uso político da tecnologia, mas também para alumiar essa memória gráfica do Amazonas. Essa metáfora tão cara aos tipógrafos que se referiam ao seu ofício como um sacerdócio que pregava o conhecimento, a iluminação, aqui empregada de forma mais coloquial e sem a carga positivista que então acreditavam.

Mesmo antes de inserir um ponto final a essa pesquisa, outras portas e novas oportunidades de investigação derivadas desta foram se apresentando, a mais direta seria a de continuar os estudos, aprofundando-os mais e expandindo-os para as décadas seguintes, até 1920 ou 1930. Ou ainda concentrar os esforços no estudo do acervo da Palais Royal e dos álbuns encontrados, assim como o aprofundamento na história do livro no Amazonas, dos almanaques, dos anúncios ou, igualmente, do estudo da imagem fotográfica e gravada, do desenho de humor, dentre outros. Esses caminhos podem se sobrepor, somar e espero que se multipliquem também em apoio, parcerias e novos encontros.

Um dos principais objetivos que essa investigação buscou atender foi a de propiciar uma visão em perspectiva desse território extenso que se elegeu como objeto, a cultura impressa, mas sem reduzir seu alcance apenas aos aspectos morfológicos, gráficos e tecnológicos. Com isso, desenhou-se em capítulos e arcos as impressões do Amazonas de forma viva e próxima, tanto para o designer, o jornalista, o artista, quanto para o biblioteconomista, o cientista social, o pesquisador – amazonense e brasileiro.

A experiência de realizar a escuta e estudo desse passado demasiado humano, desde a sua nascente tipográfica até a chegada de outros afluentes, e a expansão de seus agente e cultura material foi também um exercício de tenacidade. Desafio que, em vários momentos, pareceu excessivo e interminável, talvez o seja, pela infundável capacidade humana de se perguntar, buscar solução e de projetar alternativas e novas pontes. Essa investigação contribui com o seu quinhão de questionamentos, mas também de respostas que encerram um grande arco de formação e espera com o disparo-publicação dessa tese.

O alvo não era o centro, mas a margem-memória traçada pela cultura impressa, espaço que propiciou a escuta polifônica do passado para compreender melhor suas origens, amazônica e brasileira, e a história do seu campo de saber – o design gráfico, junto com outros. Com isso, o presente estudo propiciou às páginas antes quebradiças, amassadas, às imagens desbotadas, aos anônimos nomes, histórias e práticas quase esquecidas, um lugar na trama da memória e no presente. Um aprendizado cada vez mais necessário e pouco valorizado por esse ser que parece, por vezes, ter se perdido ou se apartado de sua humanidade. Talvez, nas últimas linhas das considerações da tese, se esteja repetindo a exagerada crença que os trabalhadores gráficos do passado tinham em seu ofício e no futuro. Ou ainda essa talvez seja uma das tarefas da pesquisa e da ciência – a espera ativa e o exercício do pensamento.

REFERÊNCIAS

- AGASSIZ, Louis & Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil 1865-1866*. Tradução e notas de Edgar Süsskind de Mendonça. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.
- AGOSTINHO Cesar de Oliveira. [Documento datilografado]. [Manaus: s.n., 19--].
- AGRA JR., Jarbas; ARAÚJO, Rita de Cássia. Almanak Litterario Pernambucano: uma crônica visual da modernidade. *Anais do 9º CIDI e 9º CONGIC*. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI, 2019.
- ALVES, Moema de Bacelar. *Quando os artistas saem em viagem: Trânsito de pintores e pinturas no Brasil na virada do século XIX para o XX*. 2019. 284f. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal Fluminense. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2019.
- ALVES, Tereza Vitória F. *Como se tornar um trabalhador gráfico: a educação e a instrução do tipógrafo*. Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-RIO. São Gonçalo: ANPUH-RIO, 2012.
- _____. “O GRAPHICO”: Representações da vida e da sociedade do Brasil na Primeira República. 2007. 137f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2007.
- AMAZONAS, Loureço da Silva Araujo e. *Diccionario Topographico, Historico, Descriptivo da Comarca do Alto Amazonas*. Recife: Typographia Commercial de Meira Henriques, 1852.
- _____. *Simá: romance histórico do Alto Amazonas*. Recife: Typ. de F. C. de Lemos e Silva, 1857.
- ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de Andrade. As primeiras fotografias da Amazônia. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/preciosidades-do-acervo-as-primeiras-fotografias-da-amazonia-resultado-de-uma-expedicao-fotografica-pelo-solimoes-ou-alto-amazonas-e-rio-negro-realizada-por-conta-de-g-leuzingerrua-do-ouvidor-33/> Acesso em. 13 fev. 2020.
- ARAGÃO, Isabella Ribeiro. *Funtimod: Contribuição para a história tipográfica brasileira*. 2016. 433f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2016.
- ARAÚJO, Diná Marques Pereira; REIS, Alcenir Soares dos. Bibliotecas, Bibliofilia e Bibliografia: alguns apontamentos. *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, v. 7, p. 183-201. Ribeiro Preto, 2016.
- AREZIO, Arthur. *Diccionario de termos gráficos*. São Paulo: Com Arte, 2017.
- ARRUDA, Guilhermina Melo. *História e Memória da Biblioteca Pública do Amazonas (1870-1910)*. 200. 125p. Dissertação (Mestrado em Natureza e Cultura do Amazonas) Instituto de Ciências Humanas e Letras. Manaus: Ufam, 2000.
- AVÉ-LALLEMANT, Robert. *No rio Amazonas*. Tradução Eduardo de Lima Castro. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- AZERÊDO, Júlia Sousa; FONSECA, Letícia Pedruzzi. Análise comparativa dos aspectos gráficos e editoriais das revistas Chanaan e Vida Capichaba. *Projética*, v. 9, n. 2 supl. p. 27-42. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2018.

- AZEVEDO, Cláudia Pinheiro. *Fotógrafos e Estúdios Fotográficos do Amazonas (1850-1910)*. Relatório final do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas. Manaus: CNPq; Ufam, 2009.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica*. São Paulo: Editora Martins, 1967.
- BATISTA, Carla Cristina Vasconcelos. *Memória gráfica de Manaus-AM: impressos efêmeros do Teatro Amazonas (1940)*. 2016. 172 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia – Formação social e cultural*. 3. ed. Manaus: Valer, 2009.
- BENTES, Arone do Nascimento. *O Patrimonialismo como cultura institucional no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas Ifam*. 2015. 140 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Amazonas. Manaus: Ufam, 2015.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BIARD, Auguste François. *Dois anos no Brasil*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.
- BITTENCOURT, Agnello. *Dicionário amazonense de biografias: vultos do passado*. Rio de Janeiro: Conquista, 1973.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. 1.º vol. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883.
- BONSIEPE, G. *Design, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Blucher, 2011.
- BRAGA, Genesino. *Chão e Graça de Manaus*. 2.ª ed. Manaus: Imprensa Oficial do Estado, 1987.
- _____. *Nascença e vivência da Biblioteca do Amazonas*. Belém: Falangola, 1957.
- BRAGA, Marcos da Costa. A pesquisa em história do design no Brasil: uma experiência na Pós-graduação da FAU-USP. In: MORAES, Dijon de; DIAS, Regina Álvares; CONSELHO, Rosemary Bom. *Cadernos de Estudos Avançados em Design: Design e História*. Barbacena: EdUEMG, 2014.
- BRANDÃO, Adelino. Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira à Amazônia. In: *Viagem Filosófica pelas capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Memórias I*. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, 2008.
- BRANDÃO, Zaia. *Conversas com Pós-Graduandos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2010.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- BRINGHURST, Robert. *A forma sólida da linguagem*. São Paulo: Edições Rosari, 2006.
- _____. *Elementos do Estilo Tipográfico*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- BUCHANAN, Richard. Declaration by Design: Rhetoric, Argument, and Demonstration in Design Practice. *Design Issues*, vol. II, n. 1, p. 4-22. Cambridge: The MIT Press, 1985.

_____. Thinkink about design: an historical perspective. *Handbook of the Philosophy of Science*. Volume 9. Elsevier, 2009.

BURKE, Peter. *A Arte da Conversão*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

CALIRI, Jordana Coutinho. *Folhas da Província: a imprensa amazonense durante o período imperial (1851-1889)*. 2014. 151f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2014.

CALVERA, Anna. Historiar desde la periferia, historia e historias del diseño. In: CALVERA, Anna; MAILLOL, Miguel. *Historiar desde la periferia, historia e historias del diseño: Actas de la 1.a Reunión Científica Internacional de Historiadores Y Estudiosos del Diseño*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1999.

CAMARGO, Mario de. *Gráfica: Arte e Indústria no Brasil, 180 Anos de História*. São Paulo: Bandeirantes / Edusc, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CARDOSO, Rafael. Design, cultura material e o fetichismo dos objetos. *Revista Arcos*, vol. 1, n. único, p. 15-39. Rio de Janeiro: Esdi, 1998.

_____. *Design para um mundo complexo*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

_____. (org.). *Impresso no Brasil, 1808-1930: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009.

_____. (org.). *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960*. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2005

_____. *Uma introdução à história do design*. São Paulo: Edgard Blücher, 2004.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Os involuntários da pátria*. São Paulo: N-1 edições, 2016.

CASTRO, Mavignier de. *Síntese Histórica e Sentimental da Evolução de Manaus*. Manaus: Tipografia Fênix, 1948.

CESAR E CIA. LTDA. Uma bandeira empresarial de um século [documento datilografado]. Manaus: s.n., [1989].

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Unesp / Imesp, 1999.

_____. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CLAIR, Kate; BUSIC-SNYDER, Cynthia. *Manual da tipografia: a história, a técnica e a arte*. 2. ed. Tradução Joaquim da Fonseca. Porto Alegre: Bookman, 2009.

CLEMENT, Charles R. et. all. The domestication of Amazonia before European conquest. *Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences* volume 282, issue 1812, 2015. Disponível em: <https://royalsocietypublishing.org/doi/pdf/10.1098/rspb.2015.0813>. Acesso em: 18 fev. 2019

- COELHO, Anna Carolina de Abreu. *Santa-Anna Nery: um propagandista “voluntário” da Amazônia (1883-1901)*. 2007. 114f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) Universidade Federal do Pará. Belém, 2007.
- CORRÊA, Carlos Humberto Alves. *Circuito do livro escolar: elementos para a compreensão de seu funcionamento no contexto educacional amazonense (1852 - 1910)*. 2006. 247f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2006.
- CORREIA, Fabiana Libório. *Janelas do Mundo: Revistas de Variedades em Manaus (1900-1950)*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Amazonas. 2014. 144f. Manaus: Ufam, 2010.
- COSTA, Danilo Padilha Pacheco. A História da Província do Amazonas na obra de Lourenço da Silva. *Anais do Simpósio X Simpósio identidades e linguagens da/na Amazônia Sul-Occidental*. Rio Branco: Ufac, 2016.
- COUTINHO, Luís Gustavo; LIMA, Guilherme Cunha. Uma proposta de catalogação e análise dos rótulos de cerveja das microcervejarias do estado do Rio de Janeiro. *Anais do 7.º Congresso Internacional de Design da Informação – CIDI*. São Paulo: Blucher, 2015.
- CRAIG, James. *Produção Gráfica*. São Pulo: Nobel, 1987.
- CROSS, Nigel. *Desenhante: pensador do desenho*. Santa Maria: sCHDs, 2004.
- CUNHA, Euclides. *Á marjem da historia*. 3.ª ed. Porto: Livraria Chardron, 1922.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. O que é a história do livro. Revisitado. *ArtCultura*, v. 10, n. 16, p. 155-169, jan-jun. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2008.
- DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. 3.ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- _____. *A cidade, o teatro e o “Paiz das seringueiras”*: práticas e representações da sociedade amazonense na paisagem do século XIX-XX. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2014.
- DIAS, Ednea Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920*. 2.ª ed. Manaus: Editora Valer, 2007.
- DILNOT, Cliven. The State of Design History, Part I: Mapping the Field. *Design Issues*, vol. 1, n. 1. Cambridge: The MIT Press, 1984.
- _____. The State of Design History, Part II: Problems and Possibilities. In: *Design Issues*, vol. 1, n. 2. Cambridge: The MIT Press, 1985.
- DIXON, Catherine. Describing typeforms: a designer's response. *InfoDesign – Revista Brasileira de Design da Informação*; v. 5, n. 2, p. 21-35, 2008.
- DUARTE, Durango Martins. *Manaus entre o passado e o presente*. Manaus: Midia Ponto Comm, 2009.
- EISENSTEIN, Elizabeth L. *A Revolução da Cultura Impressa*. Os primórdios da Europa Moderna. Trad. Osvaldo Biato. São Paulo: Editora Ática, 1998.

EPPS, Patience; SALANOVA, Andrés Pablo. A linguística amazônica hoje. *Línguas Indígenas Americanas – Liames 12*, pp. 07-37, Primavera 2012. Disponível em: <https://amerindias.github.io/referencias/eppsal12amazonianlinguistics.pdf>. Acesso em 18 fev. 2019.

FALLAN, Kjetil; LEES-MAFFEI, Grace. 'It's personal: Subjectivity in Design History. *Design and Culture*, vol 7 (1): 5-27, 2015. Disponível em <https://uhra.herts.ac.uk/bitstream/handle/2299/17538/1/15010123.pdf>?sequence=7. Acesso em 19 jul 2018.

FARIA E SOUZA, João Baptista de. Estado do Amazonas. *Jornaes, Revistas e outras Publicações Periodicas de 1851 a 1908. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasileiro*, parte II, vol. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908.

FARIA E SOUZA, João Baptista de; BAHIA, Alcides. *A Imprensa no Amazonas 1851-1908*. Manaus: Typographia da Imprensa Oficial, 1908 [b].

FARIAS, Priscila; BRAGA, Marcos. O que é memória gráfica? In: FARIAS, Priscila; BRAGA, Marcos. [orgs.]. *Dez ensaios sobre memória gráfica*. São Paulo: Blucher, 2018.

FARIAS, Priscila Lena. Notas para uma normatização da nomenclatura tipográfica. Anais do P&D Design – 6º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design (versão em CD-Rom, sem numeração de página). São Paulo: FAAP, 2004.

FARIAS, Priscila Lena; SILVA, Fabio Luiz Carneiro Mourilhe. Classificações tipográficas: sistemas de classificação cruzada. *Anais do P&D Design – 6º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design (CD-Rom)*. São Paulo: Faap, 2004.

FARIAS, Priscila Lena; ONODA, Maria Ayumi. Letras toscanas no repertório tipográfico de Jorge Seckler (1883-1895). *Anais do 7.º Congresso Internacional de Design da Informação – CIDI 2015*, Blucher Design Proceedings, num. 2, vol. 2. São Paulo: Blucher, 2015.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Unesp / Hucitec, 1992.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem Filosófica pelas capitânicas do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá 1783-1792*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura: 1972.

_____. *Viagem Filosófica pelas capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Memórias I*. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, 2008.

FERREIRA, Jerusa Pires. Almanaque. *Do Almanak aos Almanagues*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

FERREIRA, Orlando Costa. *Imagem e Letra: introdução à bibliologia brasileira: a imagem gravada*. São Paulo: Melhoramentos, Ed. da Universidade de São Paulo, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

FERREIRA, Simara Alves. *A notícia ganha uma nova faze: fotografia de imprensa em Manaus (1880-1920)*. 2015. 147p. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Amazonas. Manaus: Ufam, 2015.

FERREIRA, Sylvio Mario Puga. *Federalismo, economia exportadora e representação política: o Amazonas na República Velha (1889-1914)*. 2005. 201f. Tese (Doutorado em Ciências Econômicas) – Instituto de Economia. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2005.

FIGUEIREDO, Agnaldo. *História do Amazonas*. Manaus: Editora Valer, 2011.

- FINIZOLA, Maria de Fátima Waechter. *Panorama Tipográfico dos Letreiramentos Populares*. Um estudo de caso na cidade do Recife. 2010. 145 p. Dissertação (Mestrado em Design). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010.
- FLUSSER, Villém. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- FONSECA, Leticia Pedruce. *A Construção visual do Jornal do Brasil na primeira metade do século XX*. 2008. 214f. Dissertação (Mestrado em Design) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008.
- FONSECA, L. P., GOMES, D. D. & CAMPOS, A. P. Conjunto Metodológico para Pesquisa em História do Design a partir de Materiais Impressos. *Infodesign Revista Brasileira de Design da Informação*, v. 13, n. 2, p. 143-161, 2016.
- FONTES, Gloria M. D. N de Carvalho. *Alexandre Rodrigues Ferreira (aspectos de sua vida e obra)*. Manaus: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1966.
- FORTY, Adrian. *Objetos de desejo – design e sociedade desde 1750*. São Paulo: Cosac Naif, 2007.
- FOX, Celina. Publications: Rational Explanation, Visual Exposition. *The Arts of Industry in the Age of Enlightenment*. New Haven & London: Yale University Press, 2010.
- FREIRE, José Ribamar. Bessa (coordenador). *Amazônia Colonial (1616-1798)*. 5. Ed. Manaus: Metro Cúbico, 1994.
- _____. *Da Língua Geral ao Português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia*. 2003. 239 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UERJ, 2003.
- _____. *Rio Babel – a história das línguas na Amazônia*. Rio de Janeiro: EdUERJ; Atlântica, 2004.
- FRIAS, J. M. C. *Memória sobre a tipografia maranhense*. São Paulo: Siciliano, 2001.
- GÂMBERA, José Leonardo Homem de Mello. Fotografia na Amazônia brasileira: considerações sobre o pioneirismo de Chistoph Albert Frisch (1840-1918). *Revista Pós*, v. 20, n. 34, p.180-197. São Paulo: FAU/USP, 2013
- GARCIA, Etelvina. *Amazonas, notícia da história: período colonial*. Manaus: Norma Editora, 2005.
- GARCIA, Izenete Nobre. *A circulação transatlântica de obras literárias entre Belém e Lisboa: o caso da livraria e editora de Tavares Cardoso & Irmão*. Campinas: ESPEA – Escola São Paulo de Estudos Avançados sobre a Globalização da Cultura no Século XIX, 2012. Disponível em http://www.espea.iel.unicamp.br/textos/IDtextos_55_pt.pdf Acesso em 20 abril 2020.
- GLEDSON, John. Brito Broca e Machado de Assis – algumas notas. *Remate de Malles II*, p. 39-42. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1991.
- GREGÓRIO, Marcos Vitor. *Dividindo as Províncias do Império: a emancipação do Amazonas e do Paraná e o sistema representativo na construção do Estado nacional brasileiro (1826-1854)*. 2012. 486 f. Tese (Doutorado em História Econômica) – Programa de Pós-Graduação em História Econômica, Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2012.

_____. Dividindo o Grão-Pará: os debates para a criação da província do Rio Negro na Câmara dos Deputados, 1826-18281. *Almanack. Guarulhos*, n. 01, p.137-152. Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo – Unifesp, 2011.

HAAG, Carlos. As fotos secretas do professor Agassiz. *Revista Pesquisa Fapesp*, edição 175, set. 2010. Disponível em <https://revistapesquisa.fapesp.br/2010/09/04/as-fotos-secretas-do-professor-agassiz/> Acesso em 11 fev. 2020.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil. Sua história*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2005.

HARDMAN, Francisco Foot. *A invenção da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*. São Paulo: Editora Unesp, 2009

_____. *Trem fantasma: A ferrovia Madeira–Mamoré e a modernidade na selva*. 2.ª edição revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HEITLINGER, Paulo. *Tipografia: origens, formas e usos das letras*. Lisboa: Dinalivro, 2006.

HISTÓRIA da tipografia no Brasil. São Paulo: Masp / Secretaria da Cultura e Tecnologia do Governo do Estado de São Paulo, 1979.

IMBROISI, Thaís. A.; FONSECA, Leticia P.; PACHECO, Heliana S. & GOMES, Ricardo E. Metodologia de análise de letreiramentos da Revista Vida Capichaba. *Proceedings of the 6th Information Design International Conference, 5th InfoDesign, 6th Congic*. São Paulo: Blucher, 2014.

JOBLING, Paul; CROWLEY, David. *Graphic design: reproduction and representation since 1800*. Manchester: Manchester University Press, 1996.

KÊHÍRI, Tõrãmũ; PĀRÕKUMU, Umusi. *Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos Desana-Kêhíripõrã*. 2.ª ed. Desenhos de Luiz e Feliciano Lana. São João Batista do Rio Tiquié: Unirt; São Gabriel da Cachoeira: Foim, 1995.

KNYCAHALA, Catarina Helena. *O livro de arte brasileiro II: bibliografia descritiva de 50 livros de arte*. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1984.

KOSSOY, Boris. *Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2002.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRÜGER, Marcos Frederico. *Amazônia: mito e literatura*. 3.ª edição. Manaus: Editora Valer, 2011.

KURY, Lorelai. A sereia amazônica dos Agassiz: zoologia e racismo na Viagem ao Brasil. *Revista Brasileira de História*, vol. 21, n. 41. São Paulo: Associação Nacional de História, 2001.

LATOUR, Bruno. Um Prometeu cauteloso? Alguns passos rumo a uma filosofia do design (com especial atenção a Peter Sloterdijk). *Agitprop – revista brasileira de design*, v. 6, n. 58. São Paulo: 2014.

LEES-MAFFEI, Grace. Design History: The State of the Art. *CAA Reviews*, 2016. Disponível em: <http://www.caareviews.org/reviews/3152#.XFctEmhKjIU>. Acesso em 29 maio 2018.

LESCHKO, Nadia Miranda. *Ensaio de métodos para investigar o rastro gráfico de um evento: a passagem do dirigível Graf Zeppelin pelo Brasil*. 2016. 286 f. Tese (Doutorado em Design) – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2016.

_____. *Inventário para a memória gráfica da indústria gráfica em Pelotas/RS – 1920*. 2011. 135f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2011.

_____; et al. Memória Gráfica Brasileira: notícias de um campo em construção, p. 791-802. In: *Anais do 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*. São Paulo: Blucher, 2014.

LIMA, Edna Lucia Oliveira da Cunha. *Fundidoras de tipo do século XIX anunciantes no Almanack Laemmert*. Disponível em: https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/pesquisa/fundidoras-tipo-seculo-xix-anunciantes-almanack-laemmert//edna_lima.pdf Acesso em 2 fev 2020.

LIMA, Guilherme Cunha. *O Gráfico Amador: as origens da moderna tipografia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

_____. Retrospectiva e Prospectiva do Design. *Estudo em Design*, vol III, n. 1. Rio de Janeiro: Associação de Ensino de Design do Brasil, 1995.

LIRA, Manoel Bastos. Subsídios pró-história: “A fotografia em Manaus”. *Revista do Instituto Geográfico Histórico do Amazonas*, fase III – julho-agosto-setembro de 2002, ano 1, n. 3. Manaus: Editora Valer, 2002.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MARGOLIN, Victor. *A política do artificial: ensaios e estudos sobre design*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

_____. Design na História. *Agitprop – Revista Brasileira de Design*, ano II, número 16, 2009. Disponível em: http://www.agitprop.com.br/index.cfm?pag=repertorio_det&id=21&titulo=repertorio. Acesso em 12 ago 2017.

MARI, Enzo. Uma história escrita a golpes de machado. *Agitprop – Revista Brasileira de design*, ano: 1, número 6. Disponível em: http://www.agitprop.com.br/index.cfm?pag=repertorio_det&id=11&titulo=repertorio. Acesso em 23 jan. 2019.

MARTINEZ, Keyla Morais da Silva. *Estudo Iconológico das obras pictóricas de Aurélio de Figueiredo pertencentes a acervos da cidade de Manaus*. 2018. 106f. Dissertação (Mestrado em Letra e Artes) Escola Superior de Arte e Turismo. Manaus: Universidade do Estado do Amazonas, 2018.

MARTINS, Fernanda de Oliveira. *Letras que flutuam 2008*. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Semiótica e Cultura Visual do Instituto de Ciências da Arte. Belém: Universidade Federal do Pará, 2008.

_____. *Impresso no Pará 1820-1920: a memória gráfica como composição do espírito de época*. 2017. 276 f. Tese (Doutorado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: ESDI/UERJ, 2017.

MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. 3.^a ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e a Sociologia dos Textos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

MCMURTRIE, Douglas C. *O Livro: impressão e fabrico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

MEGGS, Philip B.; PURVIS, Alston W. *História do design gráfico*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MEIRELLES FILHO, João. *Grandes Expedições à Amazônia Brasileira (1500-1930)*. São Paulo: Metalivros, 2009.

MELO, Chico Homem de; RAMOS, Elaine. *Linha do tempo do design gráfico no Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, vol. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.

MESQUITA, Otoni. *La belle vitrine. O mito do progresso na refundação da cidade de Manaus – 1890/1900*. 2005, 439f. Tese (Doutorado em História Contemporânea) – Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2005.

_____. *Manaus: História e Arquitetura – 1852-1910*. 3.^a edição. Manaus: Editora Valer, Prefeitura de Manaus e Uninorte, 2006.

MOLINA, Matías M. *História dos jornais no Brasil*. Da era colonial à Regência (1500 a 1840). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MONTEIRO, Mario Ypiranga. *Historia da Cultura Amazonense*, I e II. Manaus: Fundo Municipal de Cultura, 2016.

_____. *Negritude e Modernidade*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas. 1990.

_____. *Notas sobre a Imprensa Oficial do Estado do Amazonas*. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1986.

MOREIRA, Claudia Amélia Mota. *Letras e Revolução. A Cultura Letrada na Amazônia através dos tipógrafos*. II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial. Rio de Janeiro: Núcleo de Pesquisa sobre o Livro e a História Editorial no Brasil – LIHED, 2009.

MOREIRA, Maria G. de Almeida. Protagonismo indígena: a experiência de autodemarcação da terra indígena Ye'kuana do Alto Orinoco no Amazonas Venezuelano. *Revista UFG*, v. 10, n.º5, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48224> Acesso em: 19 fev. 2019

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico Resumido*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro / Ministério da Educação e Cultura, 1966.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. O último refúgio da língua geral no Brasil. *Estudos Avançados*, vol. 26, n.º 76. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, 2012.

NÉRI [NERY], Frederico José de Santana. *O País das Amazonas*. Tradução de Ana Mazur Spira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

OLIVEIRA, Alexandre (org.). *Pesquisa em Design no Amazonas: ideias, desafios e perspectivas*. Manaus: Editora Valer / Fapeam, 2014.

- OLIVEIRA, Erivonaldo Nunes. *A Imigração Nordestina na Imprensa Manauara (1877-1917)*. 2010. 147f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas. Manaus: Ufam, 2010.
- PÁSCOA, Luciane Viana Barros. O panorama das artes plásticas em Manaus. *Revista Eletrônica Aboré*, edição 3. Manaus: Escola Superior de Artes e Turismo / UEA, 2007.
- PÁSCOA, Márcio. *A vida musical em Manaus na época da boracha (180-1910)*. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1997.
- PEREIRA, Rômulo N.; CARVALHO, Ricardo A.; MEDEIROS, Ligia. A invisibilidade impressa na Língua Geral Amazônica: um estudo em design. In: *Anais do 8.º Congresso Internacional de Design da Informação*. São Paulo: Editora Blucher, 2018.
- _____.; LESSA, Washington Dias; MEDEIROS, Ligia. Almanagues do Amazonas (1870 a 1927): impressões de um tempo. In: *Anais do 8.º Congresso Internacional de Design da Informação*. São Paulo: Editora Blucher, 2018.
- _____.; MEDEIROS, Ligia. Impresso no Amazonas (1851-1930): apontamentos iniciais. In: *Anais do 2º Simpósio de Pós-Graduação em Design da Esdi – SPGD 2016*. Rio de Janeiro: Esdi/UERJ, 2016.
- _____.; MEDEIROS, Ligia. Subsídios para uma história do design gráfico no Brasil: a primeira tipografia do Amazonas (1851-1866). In: *Anais do 12.º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*. São Paulo: Blucher, 2016.
- PEREIRA, Rosa Claudia Cerqueira. Paisagens urbanas: Fotografia e modernidade na cidade de Belém (1846-1918). 2006. 190 p. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará. Belém: UFPA, 2006.
- PILOTTO, Osvaldo. *Cem anos de imprensa no Paraná (1854 - 1954)*. Curitiba: Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1976.
- PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. Imprensa e Sociedade nos Confins da Amazônia (1880-1920). *Diálogos*, v. 18, n. 1, p. 297-323. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2014.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)*. Manaus: Edua, 2015.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte; PINHEIRO, Luiz Balkar Sá Peixoto [orgs.]. *Imprensa Operária no Amazonas*. Documentos da Amazônia, v. 1 [transcrições e fac-símiles]. Manaus: Edua, 2004.
- PINTO, Renan Freitas. *Viagem das ideias*. Manaus: Editora Valer, 2006.
- PIVETTA, Marcos. Mais gente na floresta. *Pesquisa Fapesp*, edição 267, mai. 2018. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2018/05/21/mais-gente-na-floresta/> Acesso em 18 fev. 2019.
- PORTA, Frederico. *Dicionário de artes gráficas*. Porto Alegre: Editora O Globo, 1958.
- POZZA NETO, Provino. *Ave Libertas: ações emancipacionistas no Amazonas Imperial*. 2011. 166p. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas. Manaus: Ufam, 2011.
- REIS, Arthur Cezar Ferreira. *História do Amazonas*. 2.ª edição. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, Superintendência Cultural do Amazonas, 1989.

REIS, Shayenne Resende; LIMA, Edna L. Oliveira Cunha; LIMA, Guilherme Cunha. Memória Gráfica Brasileira – Da memória ao efêmero: o caso das capas de discos de vinil. *Anais [Pôster] do 7º Congresso Internacional de Design da Informação CIDI 2015*. São Paulo: Blucher, 2015.

RIBEIRO, Priscila Daniele Tavares. *Do burgo podre ao Leão do Norte: o Jornal do Commercio e a modernidade em Manaus [1904-1914]*. 133 f. 2014. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Amazonas. Manaus: Ufam, 2014.

RITTEL, Horst W. *The Reasoning of Designers*. International Congress on Planning and Design Theory. Boston, agosto de 1987.

RIZZINI, Irma. A politicagem na instrução pública da Amazônia imperial: combates à política d'aldeia. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 5, n. 2 [10]. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38644> Acesso em 20 março 2020,

_____. Domesticar e Civilizar: Crianças indígenas e o ensino de ofícios no Norte do Brasil Imperial. In: *Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Sociedade Brasileira de História da Educação, 2002.

RODRIGUES, Aryon D. Aspectos da história das línguas indígenas da Amazônia. In: SIMÕES, Maria do Socorro (org.). *Sob o signo do Xingu*. Belém: UFPA / IFNOPAP, 2003.

_____. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. *Ciência e Cultura*, vol. 57, n. 2. São Paulo: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 2005.

ROOSEVELT, Anna Curtenius. Arqueologia Amazônica. In: DA CUNHA, Manuela Carneiro (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, Fapesp, 1992.

SALIBA, Elias Thomé. Documentos, Relíquias, Lembranças: Pequena História de Aventuras e Desencantos. In: KARNAL, Leandro; FREITAS NETO, José Alves de (orgs.). *A Escrita da Memória: interpretações e análises documentais*. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2004.

SAMPAIO, Patrícia Melo. Nas teias da fortuna – acumulação mercantil e escravidão em Manaus. *Mneme revista de humanidades*, v. 3; n. 6. Caicó: Departamento de História e Geografia da UFRN, 2002.

_____. *Os fios de Ariadne: tipologia de fortunas e hierarquia sociais em Manaus: 1840-1880*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1997.

SANTOS, Francisco Jorge dos; et al. *Cem anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950) – catálogo de jornais*. Manaus: Editora Umberto Calderaro, 1990.

SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

SINOPSE de uma grande vida: Dr. Pedro Abdoral Cesar de Souza. [Documento datilografado]. [Manaus: s.n., 19--].

SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da Imprensa no Brasil*. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

STOCO, Sávio Luís. *O Cinema de Silvino Santos (1818-1922) e a representação amazônica: história arte e sociedade*. 2019. 290 ff. Tese (Doutorado em Ciências) Escola de Comunicação e Artes. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2019.

SOUZA, J. G. et al. Pre-Columbian earth-builders settled along the entire southern rim of the Amazon. *Nature Communications*. 27 mar. 2018. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41467-018-03510-7>. Acesso em 18 fev. 2019

SOUZA, Leno José Barata. Cultura Impressa no Amazonas e a trajetória de um jornal centenário. *Tempos Históricos*, vol. 14, n. 2. Marechal Cândido Rondon: Unioeste, 2010.

SOUZA, Márcio. *A História da Amazônia*. Manaus: Editora Valer, 2009.

_____. *Amazônia Indígena*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SOUZA, Marinete Luzia Francisca de. *A Literatura Amazônica: dos textos de viagens aos romances contemporâneos*. 2013. 398f. Tese (Doutorado em Literatura de Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013.

TAVARES NETO, João Rozendo. *A república no Amazonas: disputas políticas e relações de poder (1888-1896)*. 2011. 133f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Amazonas. Manaus: Ufam, 2011.

TELES, Luciano Everton Costa. Entre perseguições, agressões e empastelamentos: o caso dos jornais de trabalhadores *Gutenberg* (1891-1892) e *Operário* (1892) no Amazonas da Primeira República Brasileira. *Aedos*, v. 7, n. 17, p. 22-40, dez. 2015. Porto Alegre: PPG-História UFRGS, 2015.

TWYMAN, Michael. A schema for the study of graphic language. *Processing of visible language*, vol. 1, p. 117-150. Nova York, Londres: Plenum Press, 1979.

_____. The Graphic Presentation of Language. *Information Design Journal*, vol.3 (1) p. 2-22. Stony Stratford: Grillford Ltd, 1982.

_____. The Long-Term Significance of Printed Ephemera. *RBM: A Journal of Rare Books, Manuscripts, and Cultural Heritage*. v. 9, n. 1, p. 19-57. [S.l.]: Association of College and Research Libraries, 2008.

VALENTIN, Andreas. *A fotografia amazônica de George Huebner*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2012.

VATTIMO, Gianni. *A Sociedade Transparente*. Lisboa: Relógio D'água, 1992.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Brasília: UnB, 2014.

VIDAL, Lux Boelitz; SILVA, Aracy Lopes da. Sistema de objetos nas sociedades indígenas: arte e cultura material. In: SILVA, A. Lopes da Silva; GRUPIONI, L. D. B. (orgs.) *Temática Indígena na Escola: Novos Subsídios para Professores de Primeiro e Segundo Graus*. Brasília: Mec/Mari/Unesco, 1995.

VILLAS-BOAS, Andre; BRAGA, Marcos da Costa. O objeto como norte: origens e periodização na historiografia do design gráfico. In: ALMEIDA, Marcelina das Graças; REZENDE, Edson José Carpintero; SAFAR, Giselle Hissa; MENDONÇA, Roxane Sidney Resende (orgs). *Caderno a tempo: histórias em arte e design*, v. 1. Barbacena: EdUEMG, 2013.

VILLAS-BOAS, André. Sobre Análise gráfica, ou algumas estratégias didáticas para a difusão de um design crítico. *Arcos Design* n.5, p. 2-17. Rio de Janeiro: UERJ, ESDI, PPDESDI, 2009.

WALLACE, Alfred Russel. *Viagem pelo Amazonas e rio Negro*. Série Brasileira vol. 156. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1939.

WEINSTEIN, Barbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1852-1920)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

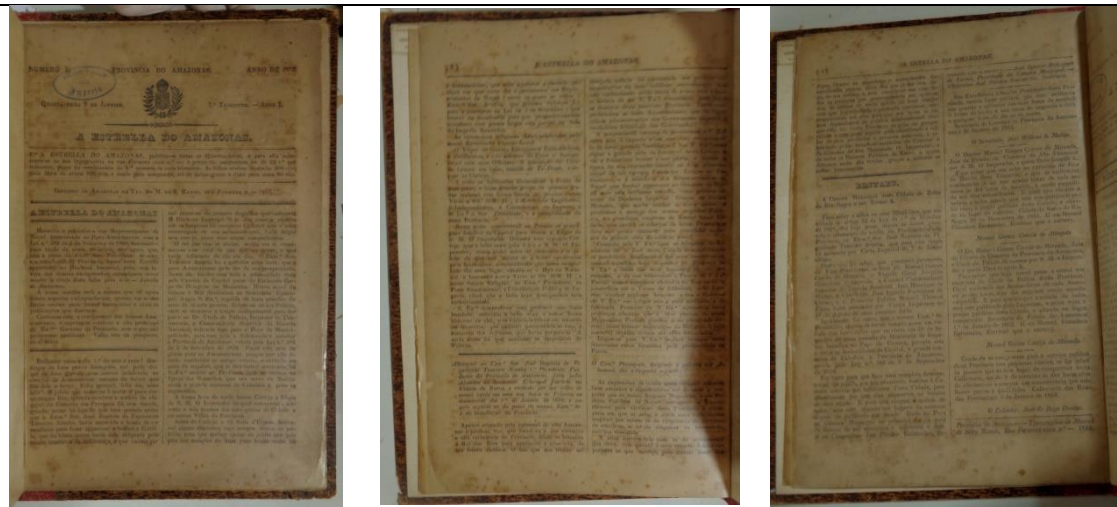
WHITEHOUSE, Denise. The State of Design History as a Discipline. *Design Studies. A reader*. Londres: Berg, 2009. Disponível em: http://dharn.org.au/wp-content/uploads/2018/02/The-State-of-Design-History-as-a-discipline_english-version.pdf. Acesso em 9 jun 2018.

ZOUEIN, Maurício Elias. *A ideia de civilização nas fotografias, cartões postais e álbuns oficiais dos governos do Amazonas e Pará entre 1865 a 1908*. 2016. 224p. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

APÊNDICE A – REGISTRO DO ARTEFATO IMPRESSO [POR DÉCADAS]

Período: **1851-1860**

184 TÍTULO: A Estrella do Amazonas		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: jornal	Data: 7jan 1852, ano1, num.1, quarta-feira
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. de M. da S. Ramos			
Endereço: Rua Formosa			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular	
Profissionais:			
TAMANHO: 21,5 x 31,5 cm	Páginas: 4	Colunas: 2	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamental e figurativa: brasão, mão	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.: Exemplar foi plastificado e encadernado junto a outro número do mesmo periódico.			

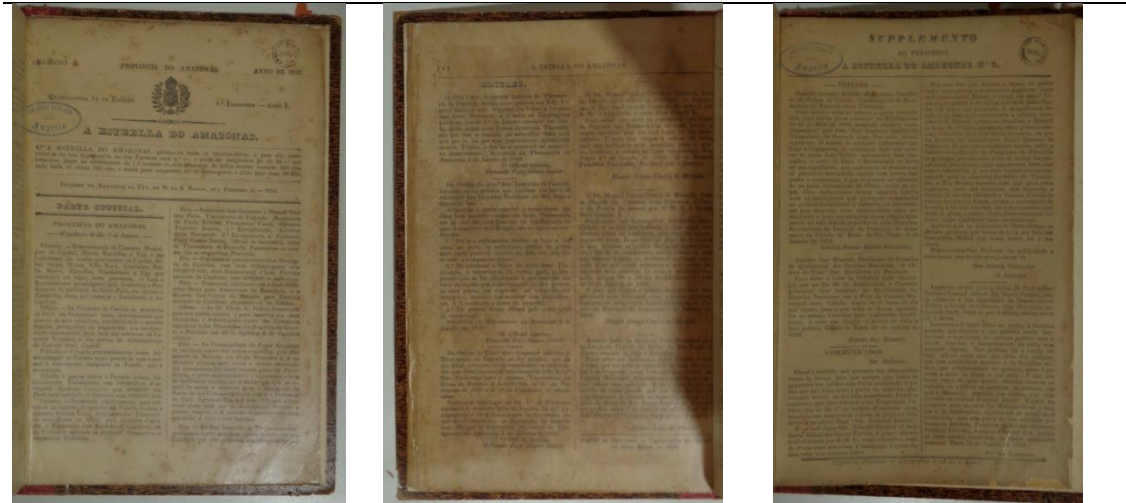


185 TÍTULO: A Estrella do Amazonas		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: jornal	Data: 14jan 1852, ano1, num.2, quarta-feira
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. de M. da S. Ramos			
Endereço: Rua Formosa			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular	
Profissionais:			
TAMANHO: 21,5 x 31,5 cm	Páginas: 4+2	Colunas: 2	

Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamental e figurativa: brasão, mão	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento: Jornal mais um suplemento de uma folha com impressão apenas em uma das páginas

Obs.: Exemplar foi plastificado e encadernado junto a outro número do mesmo periódico.



17 | TÍTULO: Oração Sagrada na eleição dos Deputados Subtítulo: geral, e provinciaes da Provincia do Amasonas...

Artefato: digital	Acervo: BUSP	Tipo: folheto oficial	Data: 1852
-------------------	--------------	-----------------------	------------

Autor/responsável:

OFICINA: Typ. de M. da S. Ramos

Endereço: Rua de Manaus caza n.

Tipo de impressão: tipográfica

Qualidade: -

Profissionais:

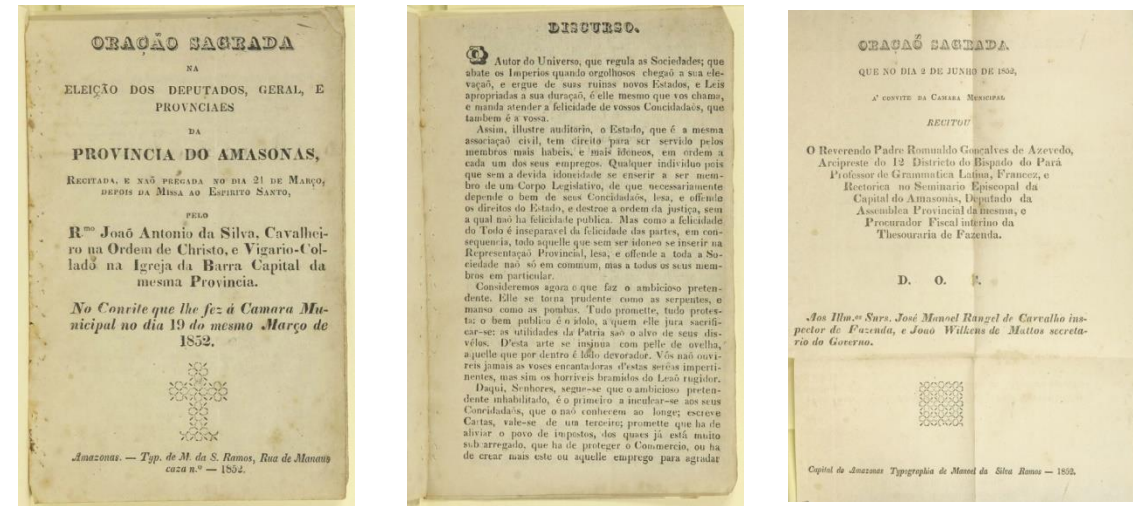
TAMANHO:	Páginas: 16	Colunas: 1
----------	-------------	------------

Cor: preto	Vinhetas: n	Fios: n
------------	-------------	---------

Ilustração: n	Fotografia: n	Tabelas/gráficos: tab.
---------------	---------------	------------------------

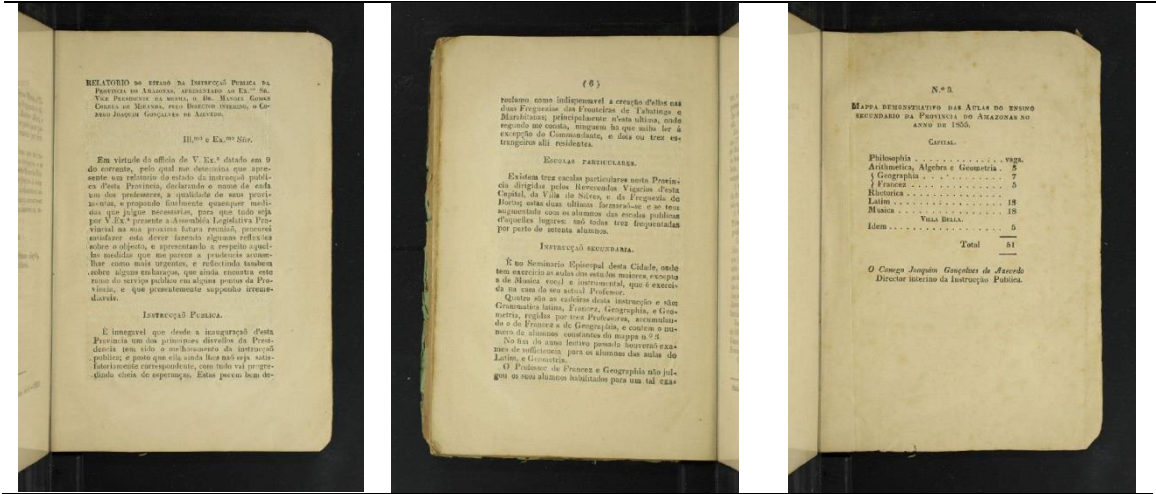
Recursos gráficos e acabamento: utilização de um "S" como til em "oração". Erro de composição no título: "provinciaes" uso de capitular.

Obs.: ao final uma grande página desdobrada com uma composição semelhante à página de rosto, mas parece ser uma publicação efêmera ou parte de outra oração.



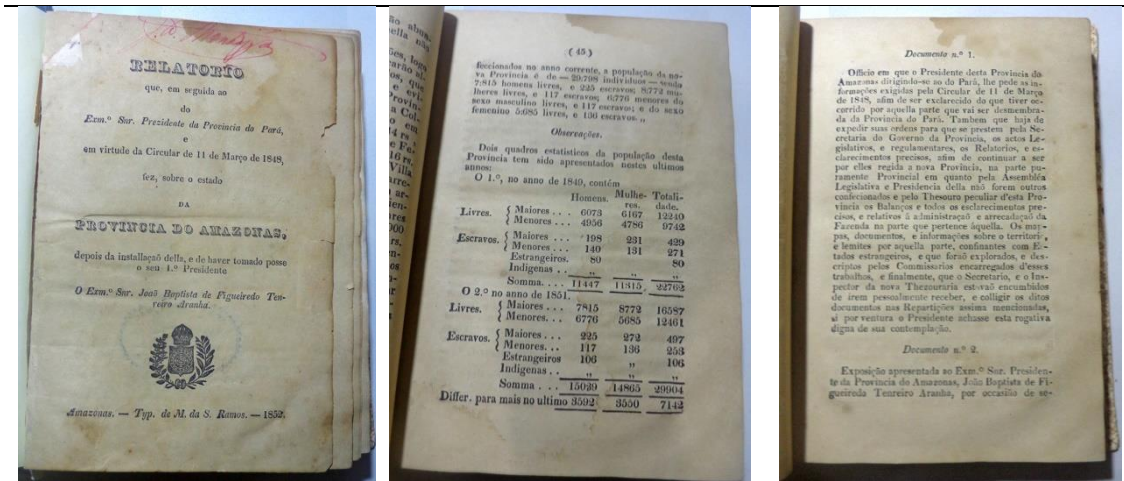
18 TÍTULO: Relatório do Estado da Instrução Publica da		Subtítulo:	
Provincia do Amazonas...		pelo Director interino, o Conego	
Joaquim Gonçalves de Azevedo			
Artefato: digital	Acervo: BUSP	Tipo: folheto oficial	Data: 1852
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. de M. da S. Ramos			
Endereço: -			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 16	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: n	Fios: n	
Ilustração: n	Fotografia: n	Tabelas/gráficos: tab.	
Recursos gráficos e acabamento:			

Obs.: O exemplar digitalizado não apresenta capa e nem folha de rosto, e ao final um mapa demonstrativo em página desdobrada



217 TÍTULO: Relatório que, em seguida ao do Exmo. Snr.		Subtítulo:	
Presidente da Provincia do Pará, e em virtude da Circular		de 11 de Março de 1848...	

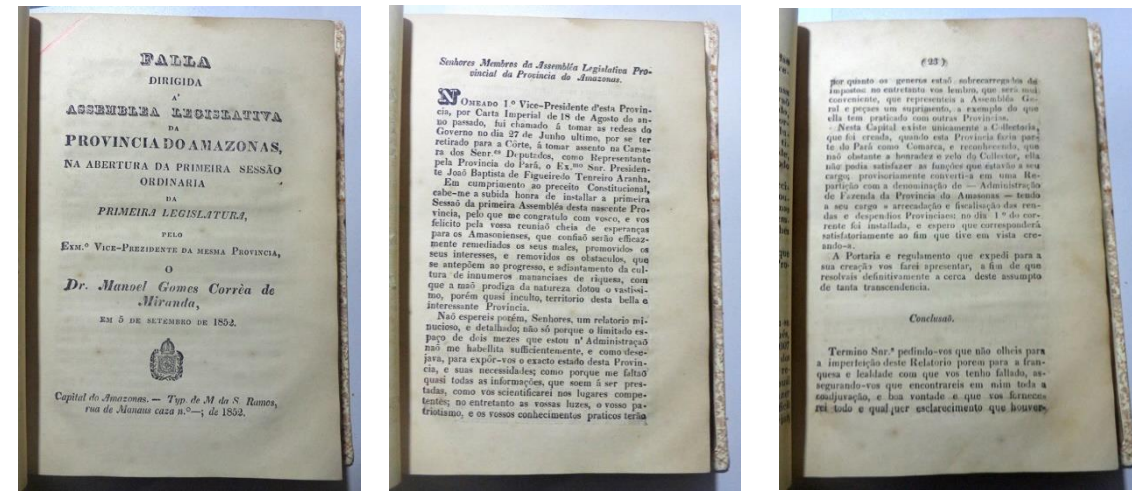
Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1852
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. de M. da S. Ramos			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 12,7 x 1 8,8 cm	Páginas: 83+28*	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: brasão	Fios: não	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Uma capitular no início			
Obs.: *Anexos com os títulos de "documentos" ao final			



218 | TÍTULO: Falla dirigida a' Assembleia Legislativa da
Provincia do Amazonas, na abertura da primeira sessão
ordinária da primeira legislatura... em 5 de setembro de
1852

Subtítulo:

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: folheto oficial	Data: 1852
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. de M. da S. Ramos			
Endereço: rua de Manaus caza n.			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 12,7 x 18,8 cm	Páginas: 24	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: brasão	Fios: não	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Uma capitular no início			
Obs.:			



219 | TÍTULO: Falla Dirigida á Assembleia Legislativa da
 Subtítulo:
 Provincia do Amazonas, no dia 1. de outubro de 1853, em
 que se abriu a sua 2.a sessão ordinária pelo presidente da
 Provincia o Conselheiro Herculano Ferreira Penna

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1853
--------------------	------------	----------------------	------------

Autor/responsável:

OFICINA: Typ. de M. da S. Ramos

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade: irregular
--------------------------------	----------------------

Profissionais:

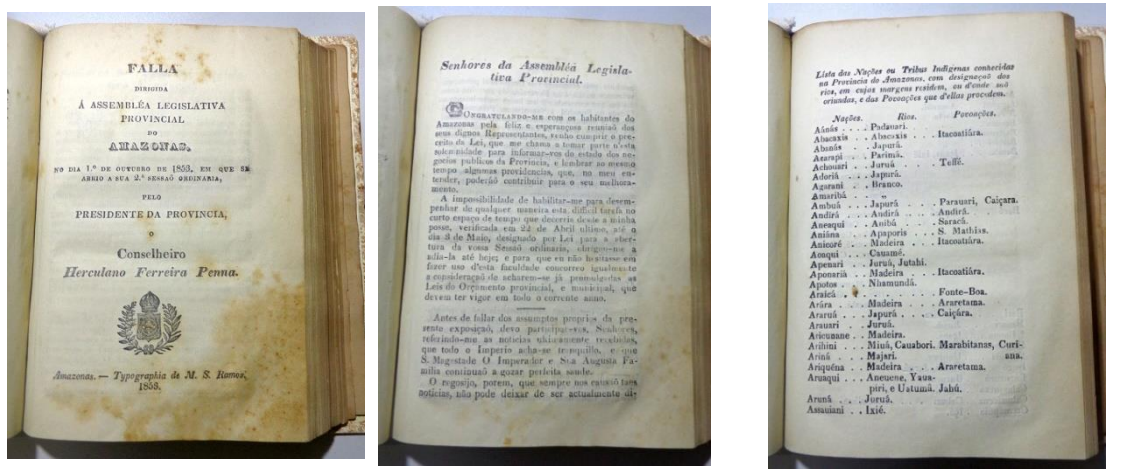
TAMANHO: 12,7 x 18,8 cm	Páginas: 92	Colunas: 1
-------------------------	-------------	------------

Cor: preto	Vinhetas: brasão	Fios: não
------------	------------------	-----------

Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: poucas tabelas
-----------------	-----------------	----------------------------------

Recursos gráficos e acabamento: Uma capitular no início

Obs.:

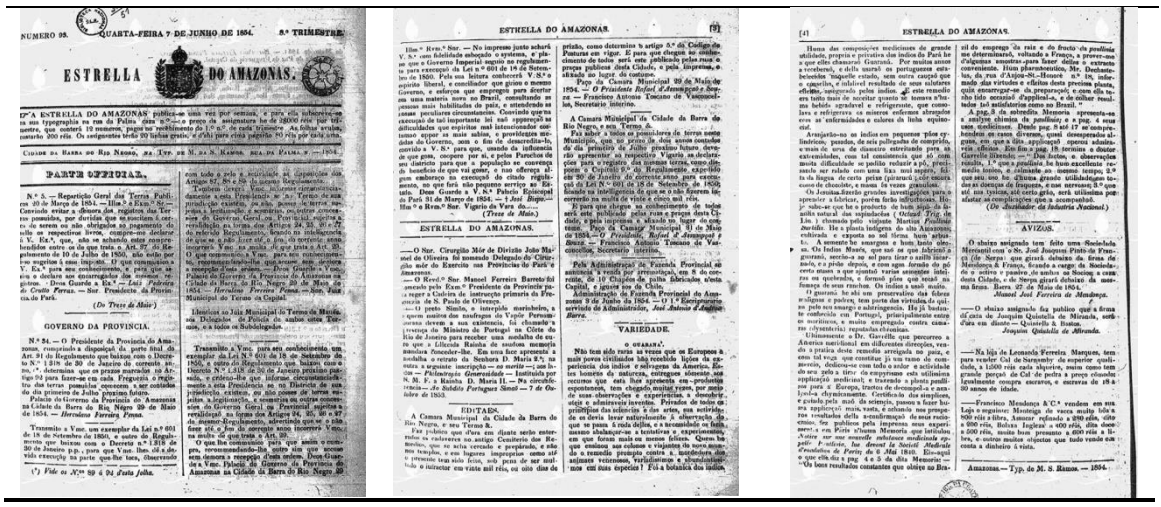


19 | TÍTULO: Estrella do Amazonas
 Subtítulo:

Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: jornal	Data: 7 de jun. 1854
-------------------	-------------	--------------	----------------------

[quarta], semanal

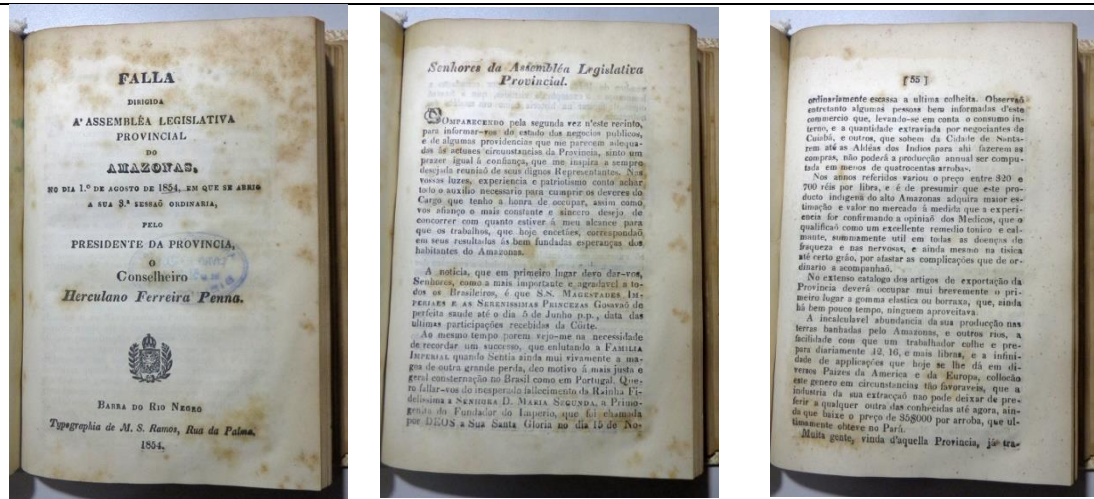
Autor/responsável:		
OFICINA: Typ. de M. da S. Ramos		
Endereço: Rua da Palma n., Cidade da Barra do Rio Negro.		
Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade: -	
Profissionais:		
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 2
Cor: preto	Vinhetas: poucas, brasão	Fios: sim
Ilustração: n	Fotografia: n	Tabelas/gráficos: n
Recursos gráficos e acabamento: Título em tipos serifados de alto contraste, tendo o brasão do império brasileiro		
Obs.:		



1 TÍTULO: Estrela do Amazonas		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: jornal	Data: 22 jul. 1854, sábado, semanal
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. de M. da S. Ramos			
Endereço: R. da Palma n., Cidade da Barra do Rio Negro			
Tipo de impressão: tipografia	Qualidade: irregular		
Profissionais:			
TAMANHO: 212 x 314 mm	Páginas: 4	Colunas: 2	
Cor: preto	Vinhetas: único	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: uso de brasão na capa, e uma dobra central			
Obs.: A instituição cobra pela digitalização dos documentos.			

220 TÍTULO: Falla Dirigida á Assemleja Provincial do Amazonas, no dia 1. de agosto de 1854, em que se abriu a sua 3. a sessão ordinária pelo presidente da Provincia o Conselheiro Herculano Ferreira Penna		Subtítulo:	
---	--	------------	--

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1854
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia de M. S. Ramos			
Endereço: Rua da Palma			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular	
Profissionais:			
TAMANHO: 12,7 x 18,8 cm	Páginas: 64+9*	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: brasão	Fios: não	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Uma capitular no início			
Obs.: *ao final da edição ainda há nove páginas com um relatório anexo			



2 | TÍTULO: Estrela do Amazonas

Subtítulo:

Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: jornal	Data: 3 out. 1855, quarta
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia de Manoel da Silva Ramos			
Endereço: R. da Palma n., Cidade da Barra do Rio Negro			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular	
Profissionais:			
TAMANHO: 218 x 322 mm	Páginas: 4	Colunas: 2	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: uso de brasão na capa e uma dobra central.			
Obs.: Erro de composição no título do periódico: um espaço entre "d" e "o", este último está junto de Amazonas. A instituição cobra pela digitalização dos documentos.			

15 | TÍTULO: Descrição da viagem feita desde a Cidade da Barra do Rio Negro, pelo Rio do mesmo nome, até a

Subtítulo:

Serra do Cucui... pelo Major de Artilharia e Bacharel em Matemáticas, Hilario Maximiano Antunes Gurjão

Artefato: digital	Acervo: BUSP	Tipo: folheto oficial	Data: 1855
-------------------	--------------	-----------------------	------------

Autor/responsável:

OFICINA: Typ. de M. S. Ramos

Endereço: Rua da Palma, casa n., Rio Negro

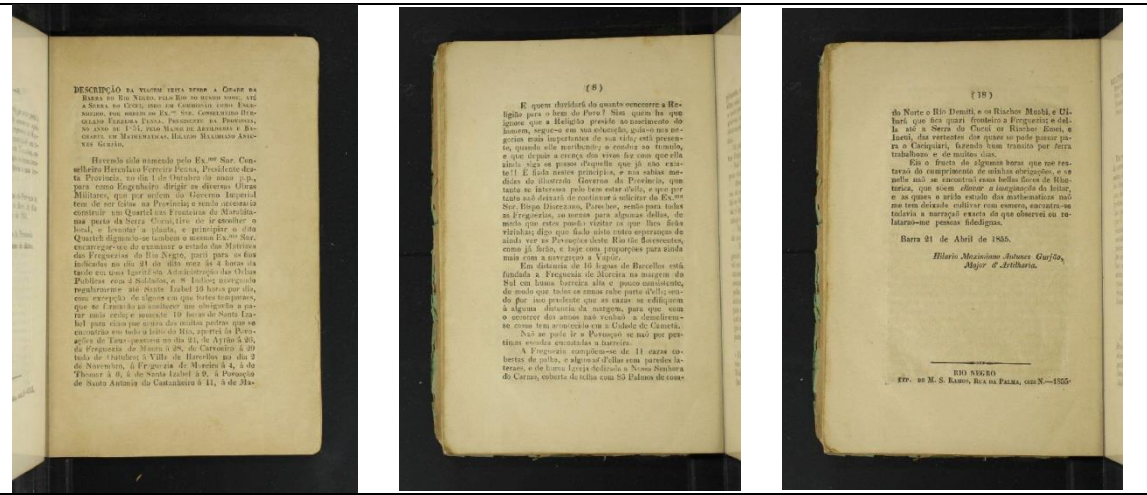
Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade: -
--------------------------------	--------------

Profissionais:

TAMANHO:	Páginas: 18	Colunas: 1
Cor: preto	Vinhetas: n	Fios: n
Ilustração: n	Fotografia: n	Tabelas/gráficos: n

Recursos gráficos e acabamentoo:

Obs.: O exemplar digitalizado não apresenta capa e nem folha de rosto



16 | TÍTULO: *Falla dirigida à Assembleia Legislativa Provincial do Amazonas, no dia 3 de maio de 1855... pelo vice-presidente da Provincia, o doutor Manoel Gomes Correa de Miranda* Subtítulo:

Artefato: digital	Acervo: BUSP	Tipo: folheto oficial	Data: 1855
-------------------	--------------	-----------------------	------------

Autor/responsável:

OFICINA: Typographia de Manoel da Silva Ramos

Endereço: Rua da Palma N., Cidade da Barra

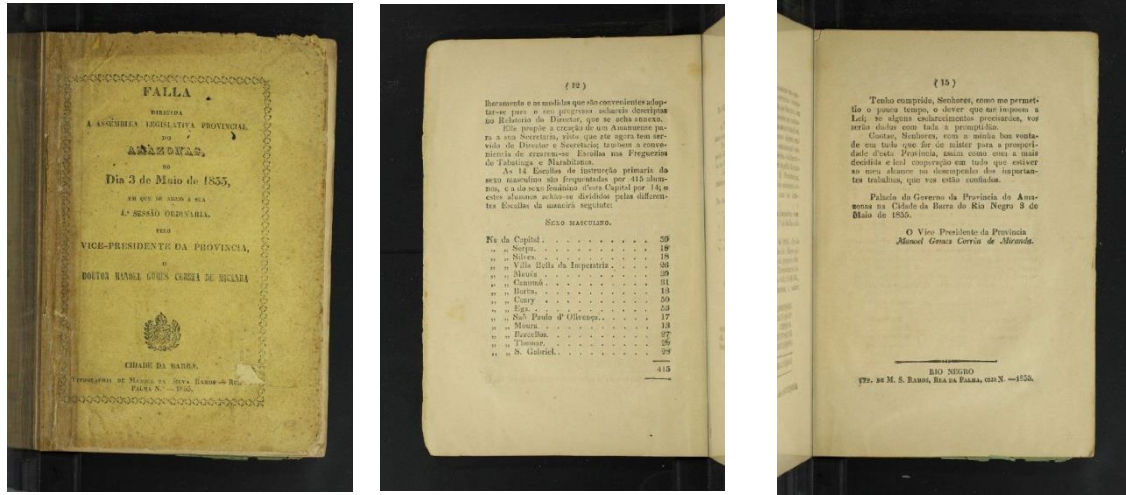
Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade: -
--------------------------------	--------------

Profissionais:

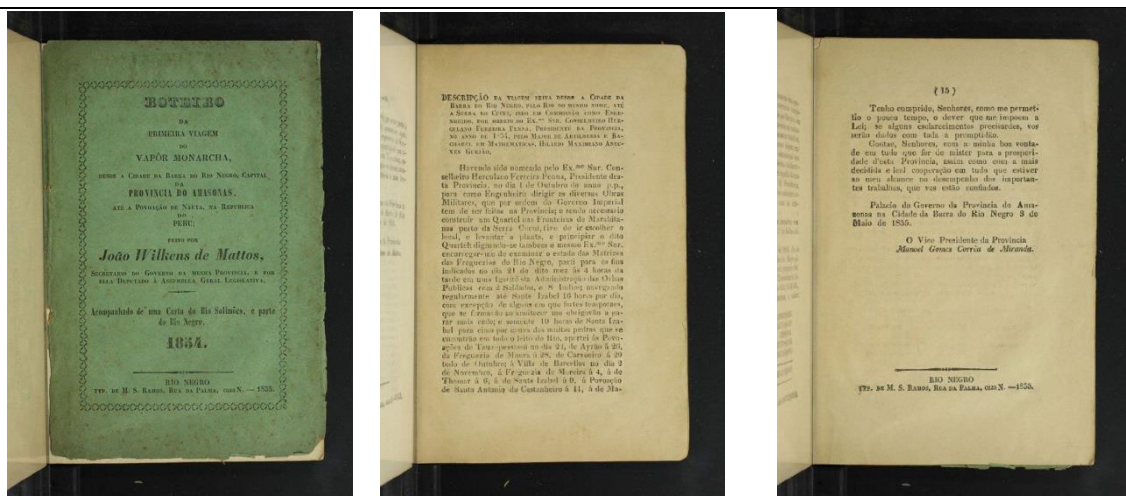
TAMANHO:	Páginas: 16	Colunas: 1
Cor: preto	Vinhetas: 1 brasão	Fios: n
Ilustração: n	Fotografia: n	Tabelas/gráficos: tabelas

Recursos gráficos e acabamentoo: capa com papel amarelo e com cercadura, uso capitular.

Obs.:



23 TÍTULO: Roteiro da primeira viagem do Vapôr Monarcha, desde a Cidade da Barra do Rio Negro, Capital da Provincia do Amasonas, até a Povoação de Nauta, na Republica do Peru		Subtítulo:	
Artefato: digital*	Acervo: BUSP	Tipo: edição oficial	Data: 1855
Autor/responsável: João Wilkens de Mattos			
OFICINA: Typ. de M. S. Ramos			
Endereço: Rua da Palma, caza N. Rio Negro			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular*	
Profissionais:			
TAMANHO: 13 x 18,8 cm*	Páginas: 92	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: capa em papel azul com cercadura, também na contracapa. uso de capitular			
Obs.: *um exemplar original foi consultado no Arquivo Nacional			



50 TÍTULO: Exposição feita ao Exmo vice-presidente da Provincia do Amazonas o Dr. Manoel Gomes Corrêa		Subtítulo:	
--	--	-------------------	--

Miranda pelo presidente o conselheiro Herculano Ferreira
Penna por ocasião de passar-lhe a administração da
mesma Província em 11 de março de 1855

Artefato: original	Acervo: IGHB	Tipo: edição oficial	Data: 1855
--------------------	--------------	----------------------	------------

Autor/responsável: J. M. da Silva Coutinho

OFICINA: Typ. de Manoel da Silva Ramos

Endereço: R. da Palma, Cidade da Barra

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade: irregular
--------------------------------	----------------------

Profissionais:

TAMANHO: 130 x 188mm	Páginas: 36	Colunas: 1
Cor: preto	Vinhetas: 1, brasão imperial	Fios: não
Ilustração:	Fotografia:	Tabelas/gráficos: tabela

Recursos gráficos e acabamento: Edição sem capa, com folha de rosto composta em diversos tipos e estilo de forma centralizada.

Obs.: Edição encadernada junto a outras. Erro de composição na folha de rosto: "Manorl"

221 | TÍTULO: Exposição feita ao exmo vice-presidente da Província do Amazonas o Dr. Manoel Gomes Corrêa de Miranda pelo presidente o Conselheiro Herculano Ferreira Penna... em 11 de março de 1855 Subtítulo:

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: folheto oficial	Data: 1855
--------------------	------------	-----------------------	------------

Autor/responsável:

OFICINA: Typographia de M. S. Ramos

Endereço: Rua da Palma

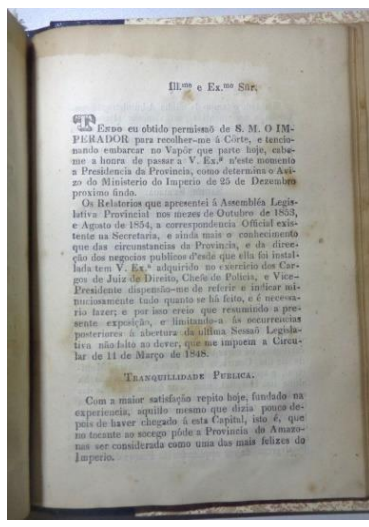
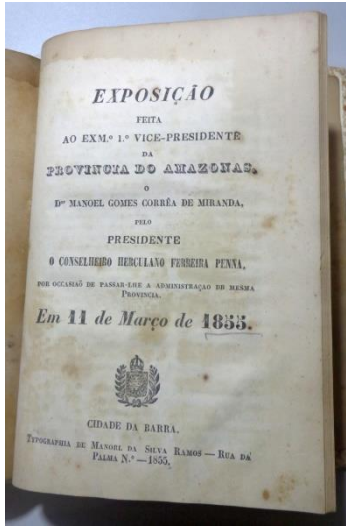
Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade: irregular
--------------------------------	----------------------

Profissionais:

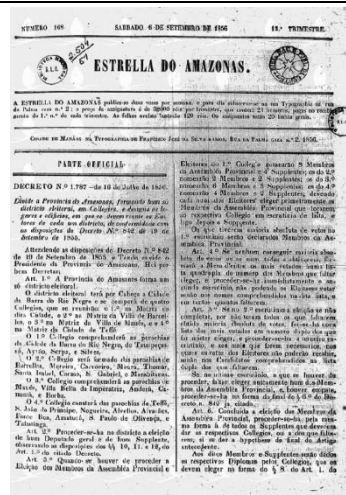
TAMANHO: 12,7 x 18,8 cm	Páginas: 35	Colunas: 1
Cor: preto	Vinhetas: brasão	Fios: não
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento: Uma capitular no início

Obs.: Exemplar já registrado.



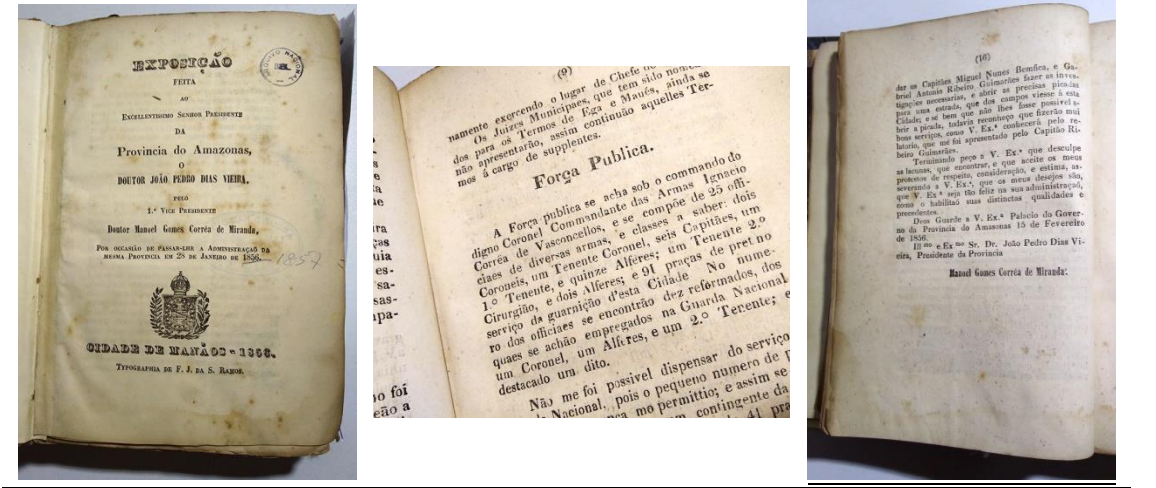
20 TÍTULO: Estrela do Amazonas		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: jornal	Data: 6 set. 1856 [sab.], duas vezes por semana
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia de Francisco José da Silva Ramos			
Endereço: Rua da Palma caza n. 2			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: -	
Profissionais:			
TAMANHO: -	Páginas: 4	Colunas: 2	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Título composto em tipos serifados de alto contraste, sem brasão imperial no cabeçalho.			
Obs.:			



149 TÍTULO: Exposição feita ao excellentissimo senhor presidente da Provincia do Amazonas o Doutor João Pedro Dias Vieira, pelo 1.º vice presidente doutor Manoel Gomes		Subtítulo:	
---	--	------------	--

Corrêa de Miranda, por ocasião de passar-lhe a administração da mesma província em 28 de janeiro 1856			
Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: folheto oficial	Data: 1856
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia de F. J. S. Ramos			
Endereço: Barra do Rio Negro			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular	
Profissionais:			
TAMANHO: 14 x 20,5 cm	Páginas: 16	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: brasão	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			

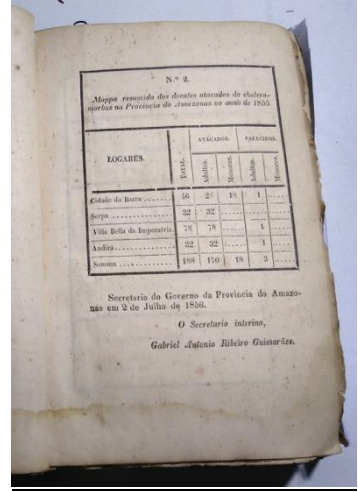
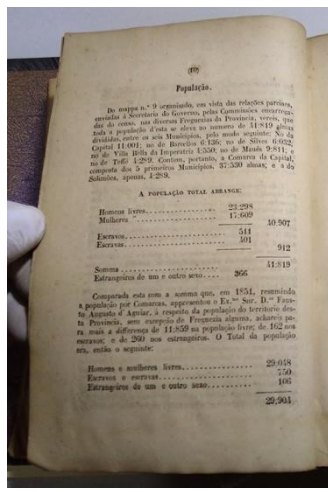
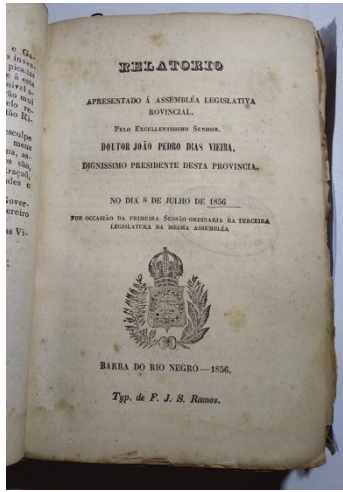
Obs.: Obra encadernada junto a outras em um mesmo volume. Improviso do número 5 de ponta a cabeça no lugar de cedilha em “Força Publica” na página 9



161 | TÍTULO: Relatório apresentado á Assembléa Legislativa rovincial [sic], pelo excelentíssimo senhor doutor João Pedro Dias Vieira digníssimo presidente desta província no dia 8 de julho de 1856 Subtítulo:

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: folheto oficial	Data: 1856
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. de F. J. S. Ramos			
Endereço: Barra do Rio Negro			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 14 x20,5	Páginas: 21+*	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: brasão	Fios: não	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento:			

Obs.:*possui anexos. Erro na composição de título, falta da letra p em provincial



24 | TÍTULO: Estrela do Amazonas Subtítulo:

Artefato: digital Acervo: HBN Tipo: jornal Data: 15 abr. 1857 [qua.], duas vezes por semana

Autor/responsável:

OFICINA: Typographia de Francisco José da Silva Ramos

Endereço: Rua da Palma, Caza n. 6, Manaus

Tipo de impressão: tipográfica Qualidade: -

Profissionais:

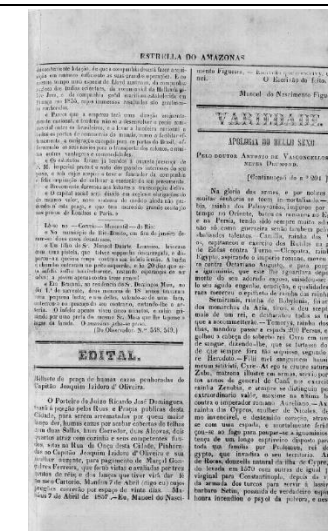
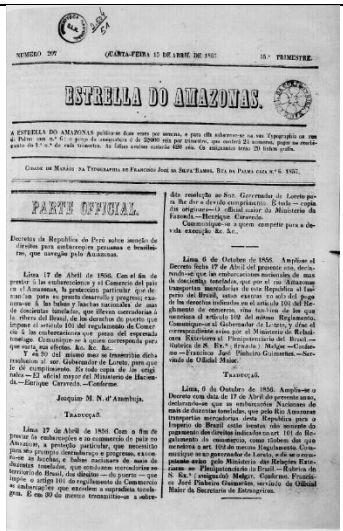
TAMANHO: - Páginas: 4 Colunas: 2

Cor: preto Vinhetas: não Fios: sim

Ilustração: não Fotografia: não Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento: Título composto em tipos de serifa quadrada outline

Obs.:



160 | TÍTULO: Exposição feita ao Lim.o snr. 1. Vice-presidente da provincia do Amazonas ou dr. Manoel Gomes Subtítulo:

Artefato: digital Acervo: HBN Tipo: jornal Data: 15 abr. 1857 [qua.], duas vezes por semana

Autor/responsável:

OFICINA: Typographia de Francisco José da Silva Ramos

Endereço: Rua da Palma, Caza n. 6, Manaus

Tipo de impressão: tipográfica Qualidade: -

Profissionais:

TAMANHO: - Páginas: 4 Colunas: 2

Cor: preto Vinhetas: não Fios: sim

Ilustração: não Fotografia: não Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento: Título composto em tipos de serifa quadrada outline

Obs.:

Corrêa de Miranda pelo presidente o doutor João Pedro Dias Vieira por ocasião de passar-lhe a administração da mesma provincia

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1857
--------------------	------------	----------------------	------------

Autor/responsável:

OFICINA: Typ. de Francisco José da Silva Ramos

Endereço: Manáos

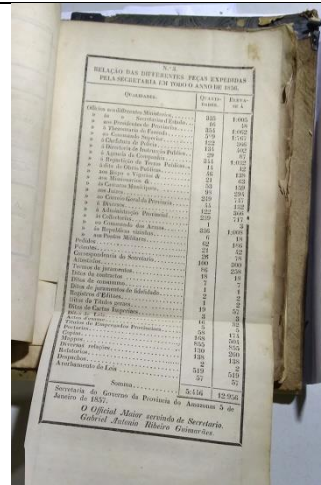
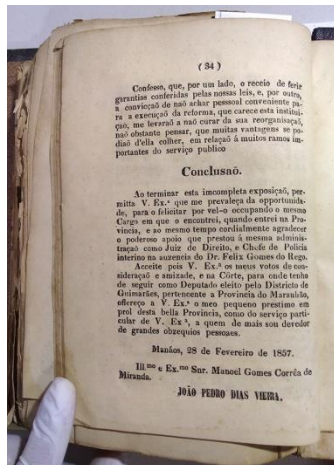
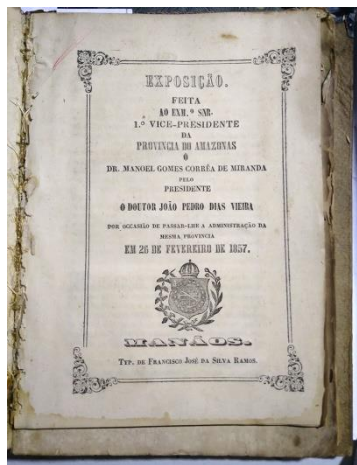
Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade: regular
--------------------------------	--------------------

Profissionais:

TAMANHO: 14 x 19,2 cm	Páginas: 34+21	Colunas: 1
Cor: preto	Vinhetas: brasão	Fios: não
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas

Recursos gráficos e acabamento: Uso de páginas desdobradas para acomodar tabelas

Obs.:*após as 34 páginas numeradas seguem 21 páginas entre tabelas e textos. Edição encadernada junto a outras em um mesmo volume



140 | TÍTULO: Relatório que a Assembleia Legislativa Provincial do Amazonas apresentou na Abertura da sessão ordinária em o dia 7 de setembro de 1858 Francisco José Furtado Presidente da mesma provincia

Subtítulo:

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1858
--------------------	------------	----------------------	------------

Autor/responsável:

OFICINA: Typographia de Francisco José da Silva Ramos

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade: regular
--------------------------------	--------------------

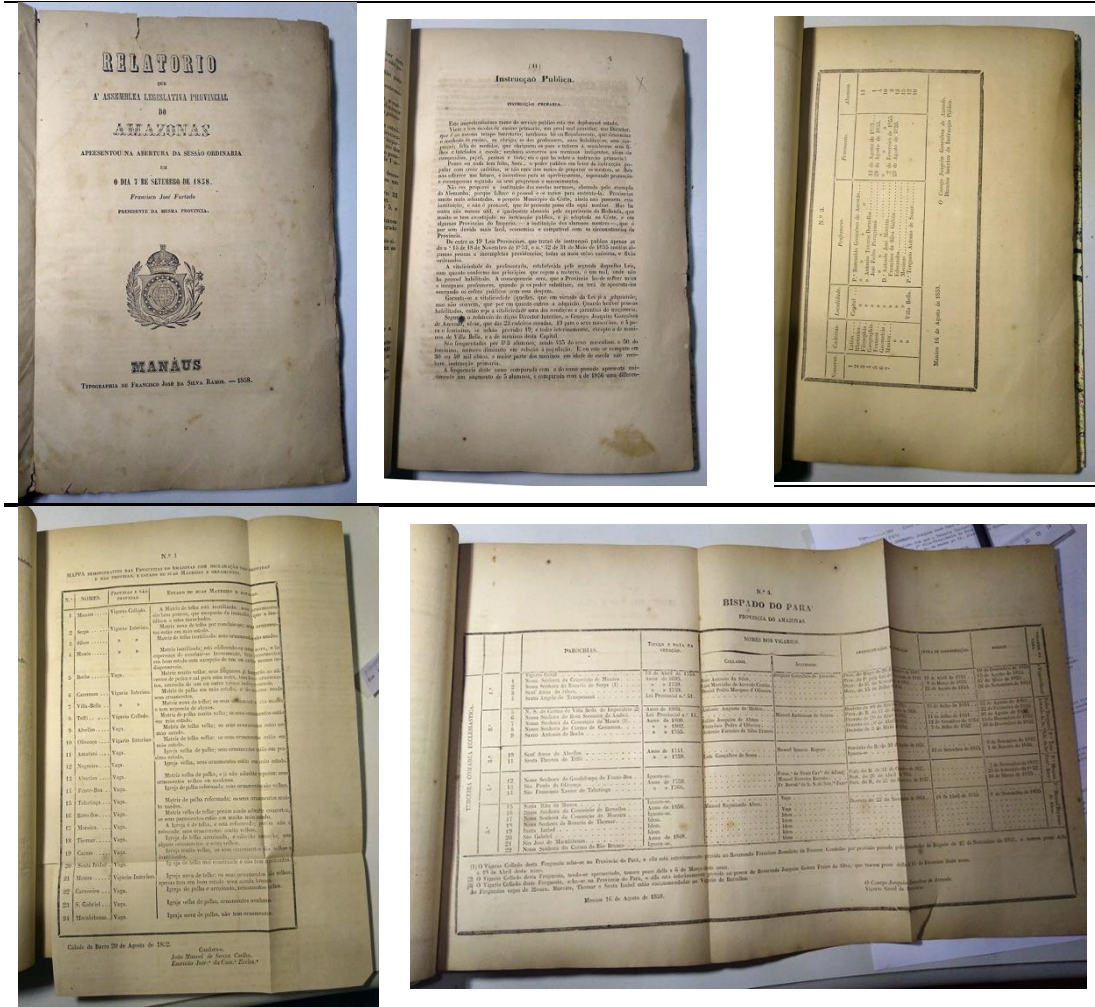
Profissionais:

TAMANHO: 18,5 x 27,3 cm Mancha gráfica 12,1 x 19,7	Páginas: 26+200*	Colunas: 1 [texto]
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamentos e brasão do império	Fios: sim

Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: muitas tabelas, inclusive em páginas desdobradas
-----------------	-----------------	--

Recursos gráficos e acabamento:

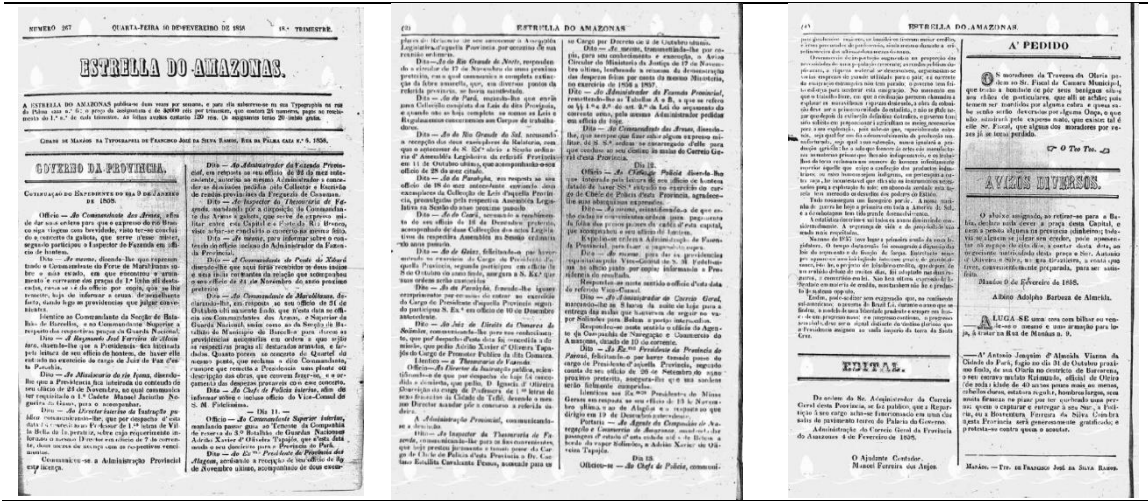
Obs: *A contagem pode não estar precisa, são 26 páginas numeradas seguidas de 14 Anexos [de A a Q], estes tem algumas páginas numeradas e outras não, incluindo tabelas e texto.



21 TÍTULO: Estrela do Amazonas		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: jornal	Data: 10 fev. 1859 [quarta], duas vezes por semana
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia de Francisco Jozé da Silva Ramos			
Endereço: Rua da Palma caza n. 6			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: -	
Profissionais:			
TAMANHO: -	Páginas: 4	Colunas: 2	
Cor: preto	Vinhetas: poucas	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	

Recursos gráficos e acabamento: Título composto em tipos outline de serifa quadrada [egípcio], sem brasão imperial brasileiro. Uso da capitular em duas notas.

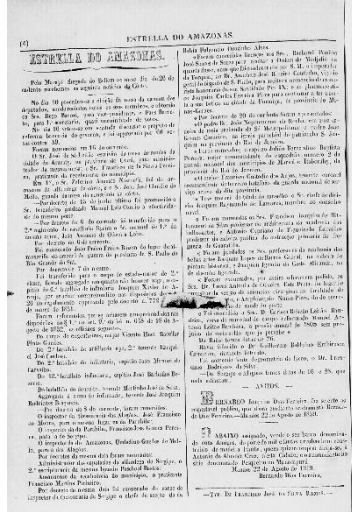
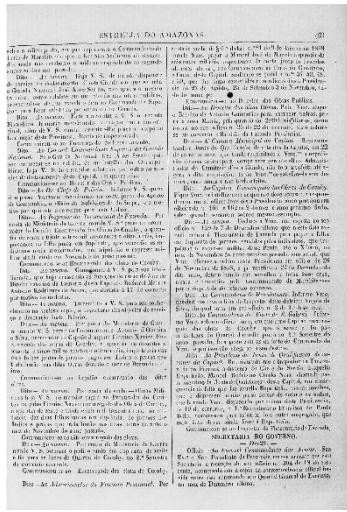
Obs.:



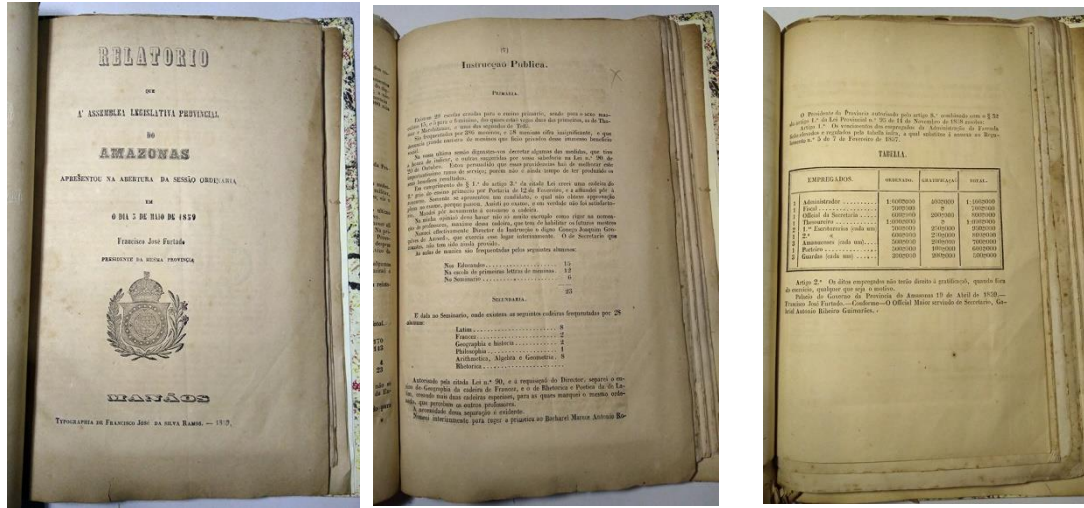
246 TÍTULO: Estrela do Amazonas		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 31 ago. 1899 [quarta], duas vezes por semana
Autor/responsável: OFICINA: Typographia de Francisco Jozé da Silva Ramos Endereço: Rua da Palma caza n. 6			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 2	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	

Recursos gráficos e acabamento: Título composto em tipos outline de serifa quadrada [egípcio], sem brasão imperial brasileiro. Uso da capitular em duas notas ao final do jornal, único espaço ocupado por matéria não oficial.

Obs.: Na Academia de Bellas Arte foi nomeado Francisco Joaquim Bittencourt da Silva como professor de arquitetura, e foram jubilados os professores Joaquim Lopes de Barros Cabral da cadeira de pintura histórica, e Joaquim Miranda, da cadeira desenho figurativo



141 TÍTULO: Relatório que a Assembleia Legislativa Provincial do Amazonas apresentou na Abertura da sessão ordinária em o dia 3 de maio de 1859 Francisco José Furtado Presidente da mesma provincia			Subtítulo:		
Artefato: original		Acervo: AN	Tipo: edição oficial		Data: 1859
Autor/responsável:					
OFICINA: Typographia de Francisco José da Silva Ramos					
Endereço:					
Tipo de impressão: tipográfica			Qualidade: irregular		
Profissionais:					
TAMANHO: 18,5 x 27,3 cm		Páginas: 18 +68*		Colunas: 1 [texto]	
Mancha gráfica 12,1 x 21,1					
Cor: preto		Vinhetas: sim, ornamentos e brasão do império		Fios: sim	
Ilustração: não		Fotografia: não		Tabelas/gráficos: não, incluindo em páginas desdobradas	
Recursos gráficos e acabamento:					
Obs.: *A contagem pode não estar precisa, são 18 páginas numeradas seguidas de 13 Documentos [de 1 a 13], estes têm algumas páginas numeradas e outras não, incluindo as tabelas e texto. Há o improvisto do 5 usado de cabeça para baixo em substituição ao cedilha na palavra Instrucção					

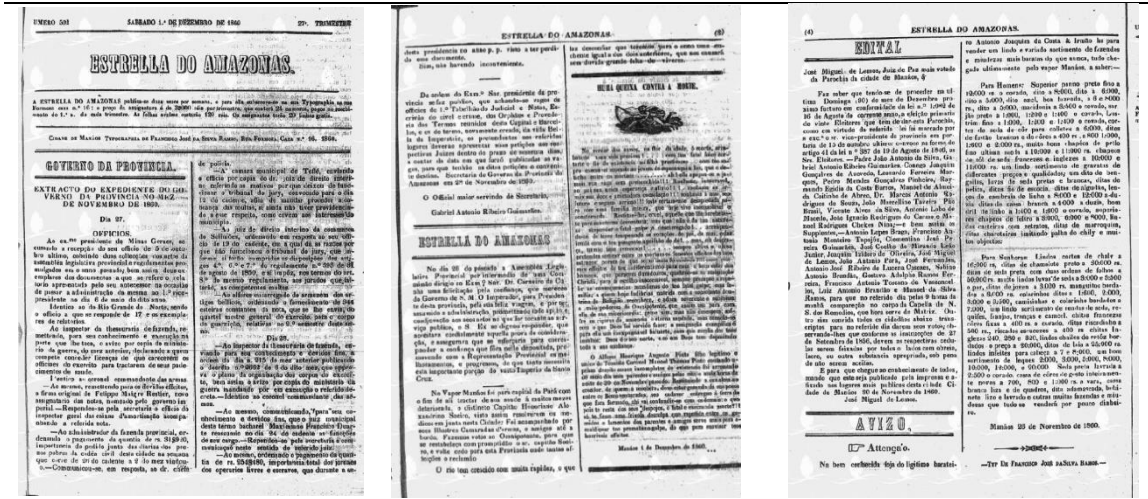


55 TÍTULO: Jornal do Amazonas		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: Jornal	Data: 10 abr 1860, ano1 n.81
Autor/responsável: Tito Franco de Almeida, redactor e proprietário. Juvenal Ramos Torres, editor.			
OFICINA: Typ. do Jornal do Amazonas			
Endereço: Largo das Mercês, n. 3. Belém do Pará			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular	
Profissionais:			
TAMANHO: 383x 560 mm	Páginas: 4	Colunas: 5	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia:	Tabelas/gráficos:	
Recursos gráficos e acabamento: Título composto em tipos de serifa reta.			
Obs.: Periódico sem anúncios			

22 TÍTULO: Estrella do Amazonas		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: jornal	Data: 1 dez. 1860 [sab.] duas vezes por semana
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia de Francisco Jozé da Silva Ramos			
Endereço: Rua Formosa, Caza n. 16			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: -	
Profissionais:			
TAMANHO: -	Páginas: 4	Colunas: 2	
Cor: preto	Vinhetas: poucas	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	

Recursos gráficos e acabamento: Título composto em tipos egípcios outline, improvisação do 5 no lugar do cedilha em Attenção.

Obs.:



142 | TÍTULO: Exposição apresentada ao Ex.mo Snr. Dr. Manoel Clementino Carneiro da Cunha Presidente da Província do Amazonas pelo 1. Vice presidente da mesma o exmo. Senr. Dr. Manoel gomes Corrêa de Miranda por ocasião de passar-lhe a administração da mesma província em 24 novembro de 1860

Artefato: original Acervo: AN Tipo: folheto oficial Data: 1860

Autor/responsável: OFICINA: Typographia de Francisco José da Silva Ramos

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica Qualidade: regular

Profissionais:

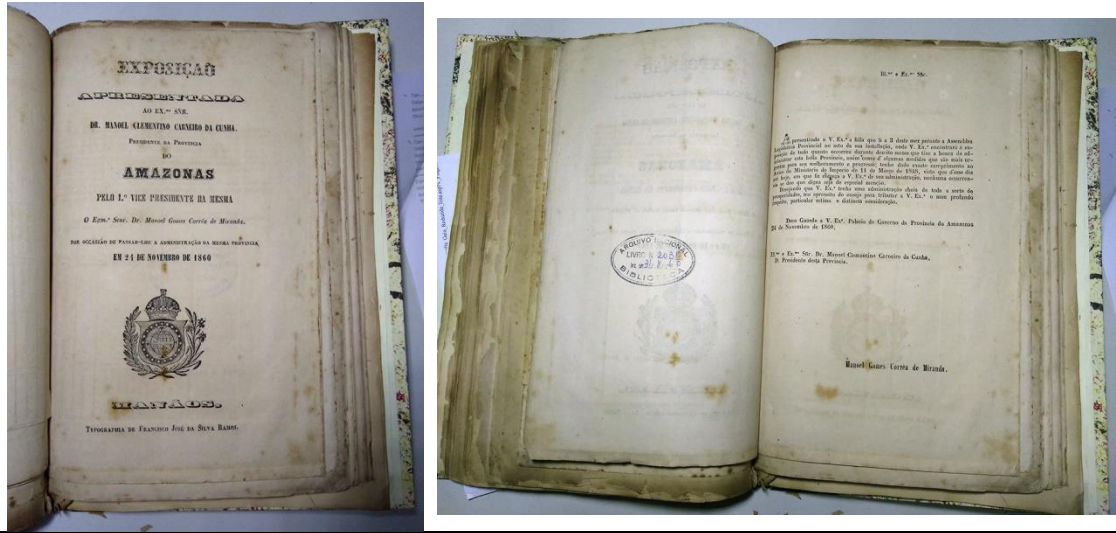
TAMANHO: 15 x 25 cm Páginas: 1* Colunas: 1

Cor: preto Vinhetas: brasão do império Fios: não

Ilustração: não Fotografia: não Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: *Apresenta apenas a folha de rosto e uma página impressa, nesta é dito que a exposição de tudo o que foi feito se encontra na Falla que foi lida na Assembleia. No mesmo volume consultado está encadernado está a falla, mas como ambas apresentam folhas de rosto distintas foram assim também consideradas.



143 | TÍTULO: *Falla dirigida a Asseblea Legislativa Provincial do Amazonas na abertura da 1.a sessão ordinária da 5.a legislatura no dia 3 de novembro de 1860 pelo 1.º vice presidente em exercício o exmo.o senr. Dr. Manoel Gomes Corrêa de Miranda* Subtítulo:

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1860
--------------------	------------	----------------------	------------

Autor/responsável:

OFICINA: Typographia de Francisco José da Silva Ramos

Endereço:

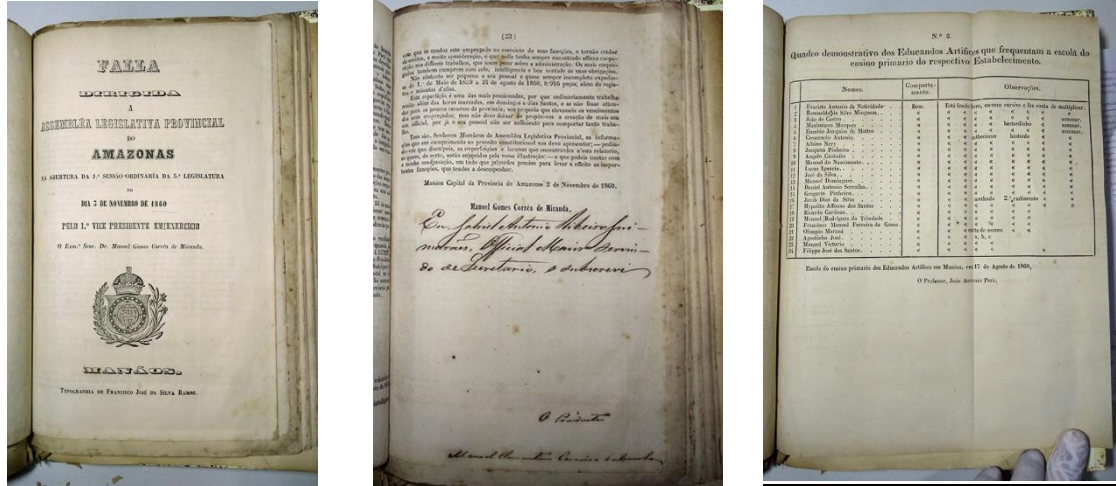
Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade: irregular
--------------------------------	----------------------

Profissionais:

TAMANHO: 15,5 x 25 cm	Páginas: 24+*	Colunas: 1 [texto]
Cor: preto	Vinhetas: brasão do império	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: muitas tabelas, incluindo em páginas desdobradas

Recursos gráficos e acabamento:

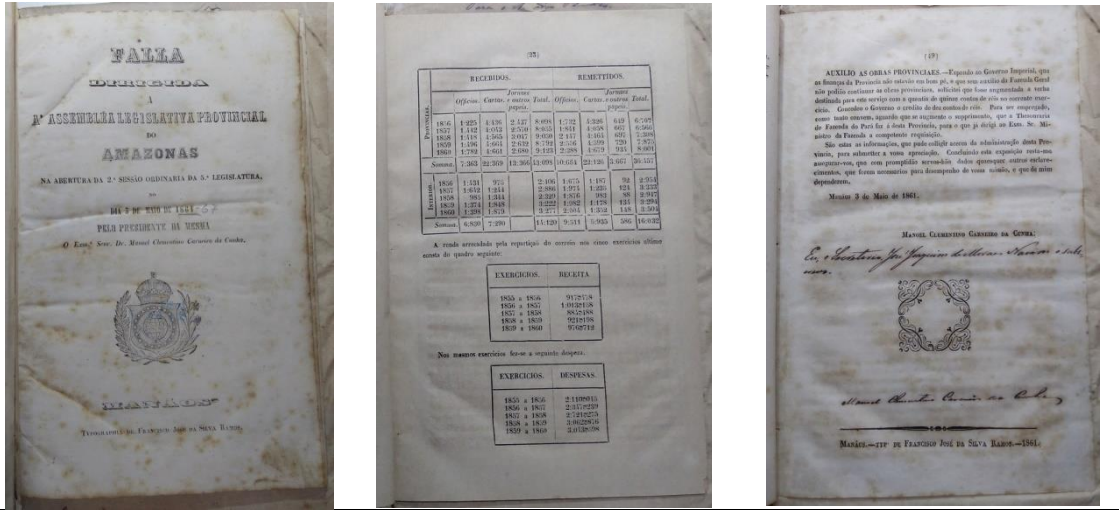
Obs.: *são 24 páginas numeradas seguidas de 21 documentos, com várias páginas, algumas numeradas e outras não, incluindo tabelas e texto. Portanto, o número de páginas informado está subestimado.



– Total de **29 exemplares**

Período: 1861-1870

57 TÍTULO: Relatório sobre alguns logares da Província do Amazonas, especialmente o rio Madeira		Subtítulo: Relatório apresentado ao Illm.o Exm. o Snr. Dr. Manoel Clementino Carneiro da Cunha Presidente da Província por J. M. da Silva Coutinho	
Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: edição oficial	Data: 1861
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. de Francisco José da Silva Ramos			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular	
Profissionais:			
TAMANHO: 134 x 200 mm	Páginas: 46+1	Colunas: 1*	
Cor: preto	Vinhetas: sim, a mesma 3x	Fios: não	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Capa composta em variados tipos, centralizado, utilizando uma cercadura e uma vinheta decorativa. Possui uma página desdobrada ao final contendo informações meteorológicas. *Em oito páginas utilizaram-se duas colunas			
Obs.: Obra já registrada nesse levantamento, ver item 49, mas este exemplar apresenta uma espécie de capa com o título diferente do registrado anteriormente e que consta da folha de rosto. As dimensões também variam, talvez por este exemplar estar encadernado sozinho e o outro talvez tenha sido aparado para ser encadernado com outras obras			
201 TÍTULO: Falla dirigida a Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas... pelo presidente da mesma o exm. senr. Dr. Manoel Clementino Carneiro da Cunha		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1861
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia de Francisco Jose da Silva Ramos			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular	
Profissionais:			
TAMANHO: 15,8 x 25 cm	Páginas: 49	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim, brasão e ornamento	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Uso de capitular			
Obs.: Exemplar assinado pelo presidente da província. Exemplar encadernado junto a outros.			



202 | TÍTULO: Documentos a que se refere o relatório que a Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas apresentou na abertura da sessão ordinária em o dia 3 de maio de 1861 o exm. senr. Dr. Manoel Clementino Carneiro da Cunha presidente da mesma provincia

Subtítulo: a Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas apresentou na abertura da sessão ordinária em o dia 3 de maio de 1861 o exm. senr. Dr. Manoel Clementino Carneiro da Cunha presidente da mesma provincia

Artefato: original **Acervo:** AN **Tipo:** edição oficial **Data:** 1861

Autor/responsável: OFICINA: Typographia de Francisco Jose da Silva Ramos

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica **Qualidade:** regular

Profissionais:

TAMANHO: 18,8 x 28,4 cm **Páginas:** indeterminado* **Colunas:** 1

Cor: preto **Vinhetas:** sim, brasão **Fios:** sim

Ilustração: não **Fotografia:** não **Tabelas/gráficos:** tabelas

Recursos gráficos e acabamento: Tabelas em páginas desdobradas

Obs.: *Esta edição é composta de variada documentação, sobretudo tabelas, com numeração parcial das nove sessões em que se divide, mas certamente são mais de 48 páginas. Exemplar encadernado junto a outros.



25 | TÍTULO: Estrela do Amazonas

Subtítulo:

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 16 nov. 1861 [sab.], duas vezes por semana
-------------------	-------------	--------------	--

Autor/responsável:

OFICINA: Typographia de Francisco José da Silva Ramos

Endereço: R. Formosa Caza n. 16, Manaus

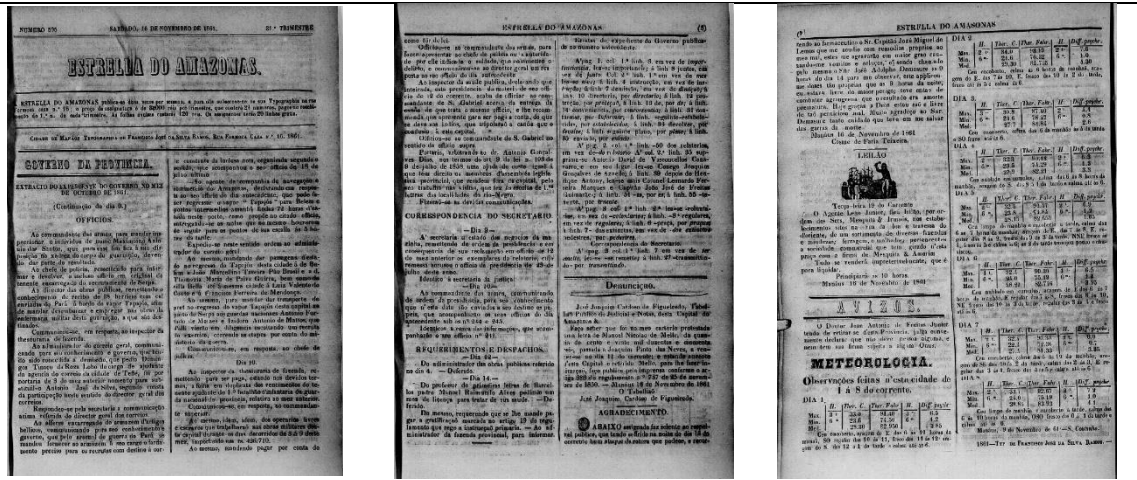
Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade: -
--------------------------------	--------------

Profissionais:

TAMANHO: -	Páginas: 4	Colunas: 2
Cor: preto	Vinhetas: 1	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: sim

Recursos gráficos e acabamento: Uso de capitular em uma nota, há a composição de pequenas tabelas e a vinheta se refere a um leilão.

Obs.: No título erro de composição, letra A com sombra projetada em direção oposta a das outras letras e o fólio da página 4 está composto de cabeça para baixo.



49 | TÍTULO: Relatório apresentado ao Illm.o Exm.o Snr. Dr. Manoel Clementino Carneiro da Cunha Presidente da Provincia por J. M. da Silva Coutinho

Subtítulo: encarregado de examinar alguns logares da provincia, especialmente o Rio Madeira debaixo de ponto de vista de colonização e navegação

Artefato: original	Acervo: IGHB	Tipo: edição oficial	Data: 1861
--------------------	--------------	----------------------	------------

Autor/responsável:

OFICINA: Typ. de Francisco Joze da Silva Ramos

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade: irregular
--------------------------------	----------------------

Profissionais:

TAMANHO: 130 x 188mm	Páginas: 46+1	Colunas: 1*
Cor: preto	Vinhetas: duas	Fios: não
Ilustração:	Fotografia:	Tabelas/gráficos: tabelas

Recursos gráficos e acabamento: Exemplar sem capa, com folha de rosto composta em diversos tipos e estilo de forma centralizada. Possui uma página desdobrada ao final contendo informações meteorológicas. *Em oito páginas utilizaram-se duas colunas

Obs.: Edição encadernada junto a outras em um só volume

247 | TÍTULO: O Catechista Subtítulo: Folha Commercial, Noticiosa e Analytica

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 12jul 1862, ano 1 num.18, semanal
-------------------	-------------	--------------	---

Autor/responsável: João Antonio Pará, director

OFICINA: Typ. do Catechista*

Endereço: Travessa da Olaria, caza n. 5

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:
--------------------------------	------------

Profissionais:

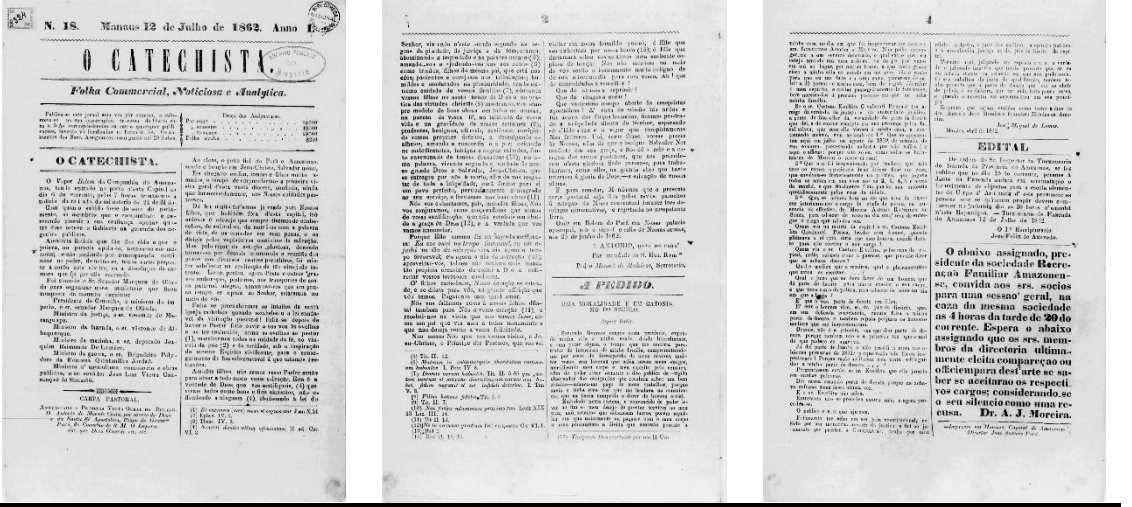
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 2
----------	------------	------------

Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamento	Fios: sim
------------	--------------------------	-----------

Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não
-----------------	-----------------	-----------------------

Recursos gráficos e acabamento: uso de capitular

Obs.: *não indicada, só se refere à "na sua typographia..."



26 | TÍTULO: Estrela do Amazonas Subtítulo:

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 20 dez. 1862 [sab.], duas vezes por semana
-------------------	-------------	--------------	--

Autor/responsável:

OFICINA: Typographia de Francisco José da Silva Ramos

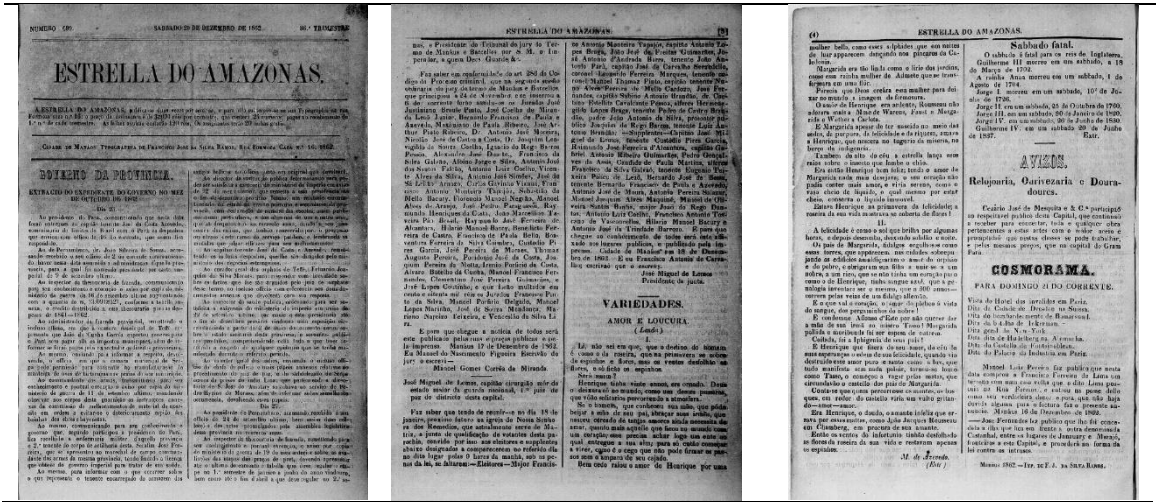
Endereço: R. Formosa Caza n. 16, Manáos

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade: -
--------------------------------	--------------

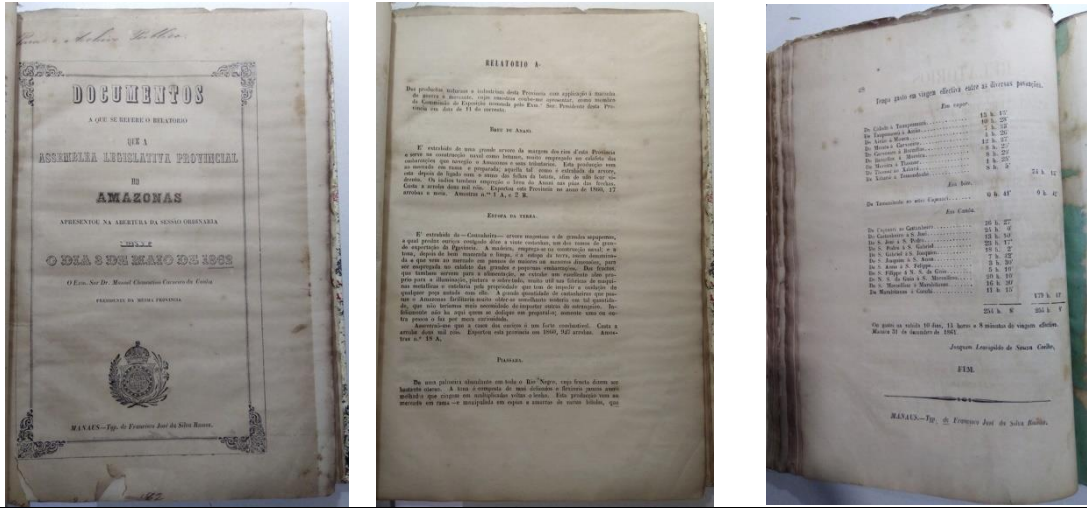
Profissionais:

TAMANHO: -	Páginas: 4	Colunas: 2
------------	------------	------------

Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: sim
Recursos gráficos e acabamento.		
Obs.: Título composto em tipos serifados de alto contraste.		



203 TÍTULO: Documentos a que se refere o relatório que a Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas apresentou na abertura da sessão ordinária em o dia 3 de maio de 1862 o exm. senr. Dr. Manoel Clementino Carneiro da Cunha presidente da mesma provincia		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1862
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. de Francisco José da Silva Ramos			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular	
Profissionais:			
TAMANHO: 18,8 x 28,4 cm	Páginas: indeterminado*	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim, brasão	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Tabelas em páginas desdobradas			
Obs.: *Esta edição é composta de variada documentação, sobretudo listas e texto, com numeração parcial, mas certamente são mais de 48 páginas. Há um relatório de Gonçalves Dias sobre o estado da instrução na região do Rio Solimões. Exemplar encadernado junto a outros.			



248 | TÍTULO: O Catechista Subtítulo: Folha Commercial, Noticiosa e Analytica

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 30ut. 1863, ano 2 num.81, semanal
-------------------	-------------	--------------	---

Autor/responsável: João Antonio Pará, director

OFICINA: Typ. do Catechista*

Endereço: Travessa do Oriente caza n. 5

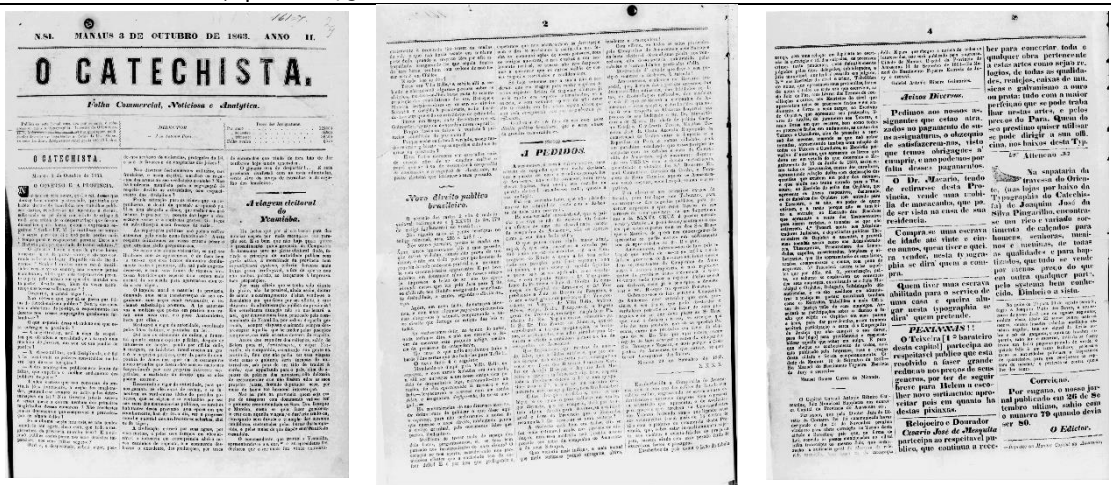
Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:
--------------------------------	------------

Profissionais:

TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamento e figurativa	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento: Mudança de padrão gráfico, visível na família tipográfica usada no título e no aumento de colunas de texto. Uso de capitular.

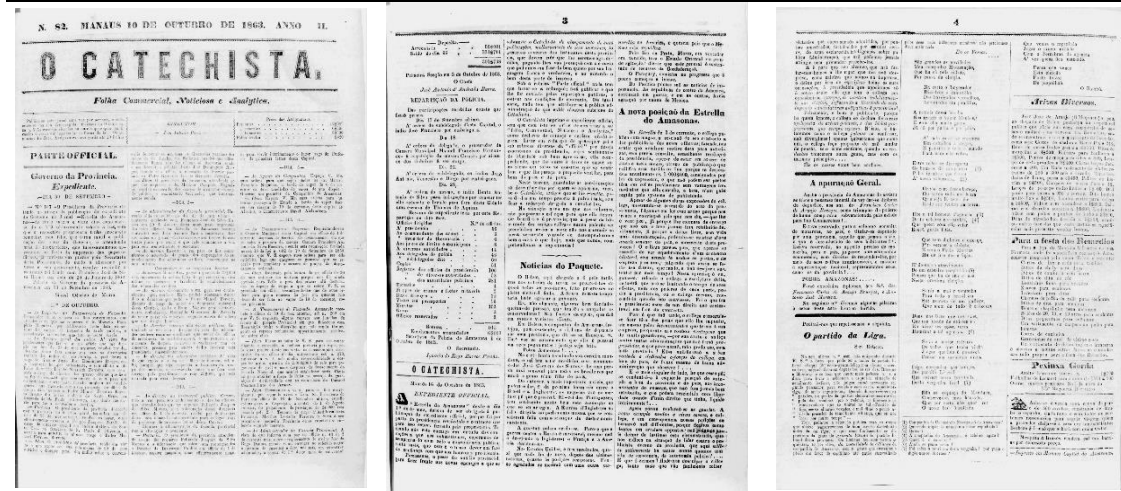
Obs.: *não indicada, só se refere à "na sua typographia...". Anúncio de compra de escrava e outro de fuga. Anúncio de sapataria que usa um clichê de sapato para ilustrar. Em nota o jornal indica a correção do número anterior, que saiu 79 em vez de 80.



249 | TÍTULO: O Catechista Subtítulo: Folha Commercial, Noticiosa e Analytica

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 10 out. 1863, ano 2 num.82, semanal
Autor/responsável: João Antonio Pará, director			
OFICINA: Typ. do Catechista*			
Endereço: Travessa do Oriente caza n. 5			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: sim, figurativa [barco]	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			

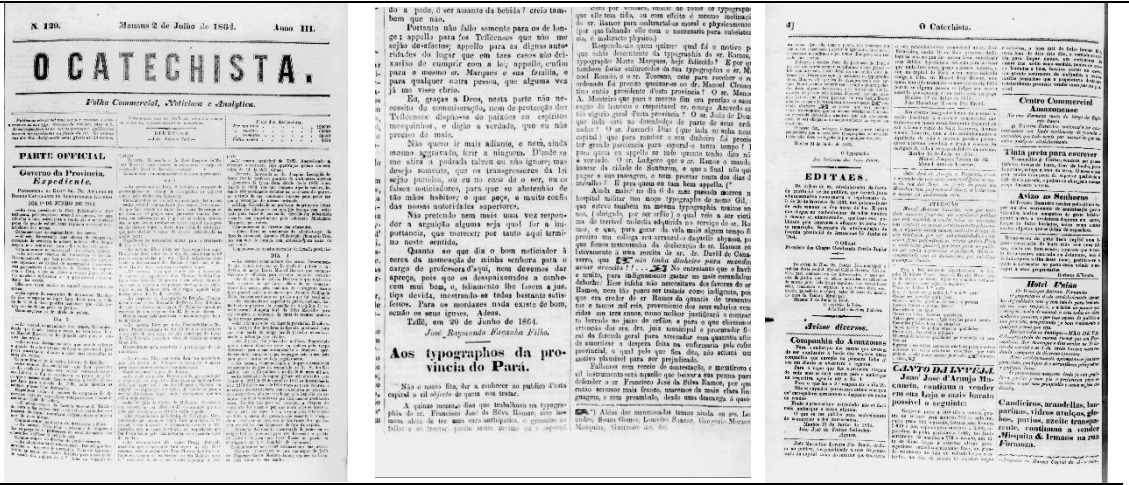
Obs.: O jornal passa a ter uma "Parte Oficial" para publicar o **expediente do governo** em função do "atrazo [...] no Jornal – Estrella do Amazonas – de cinco mezes e 20 dias, como consta do n. 779 ultimamente sahido a luz, sem que o respectivo proprietario tenha procurado remediar esta falta, que torna inutil a publicação dos actos do Governo; e attendenco mais às inexactidões, que incessantemente aparece [...], resolve rescindir o contracto celebrado com Francisco José da Silva Ramos em data de 20 de Janeiro de 1862." O jornal fala desse novo encargo e cita a queixa do Estrella pela rescisão do contrato. Em alguns intertítulos o cedilha parece o número 5 sem a barra superior e de cabeça para baixo.



250 TÍTULO: O Catechista		Subtítulo: Folha Commercial, Noticiosa e Analytica	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 2 jul. 1864, ano 3 num.120, semanal
Autor/responsável: João Antonio Pará, director			
OFICINA: Typ. do Catechista			
Endereço: Travessa do Oriente caza n. 5			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: sim, figurativas [mão]	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: na página 3, na seção A Pedidos, é publicado um texto com o título "Aos typographos da provincia do Pará", datado de 24 de junho de 1864 e assinado O Typographo. José Verissimo dos Anjos Junior, que faz pesadas acusações ao proprietário da Typ. Silva Ramos, caracterizando Francisco José como um "capataz de negraria", dentre outros. Ao mesmo tempo que lista outros typographos que lá atuaram e que teriam sido maltratados e tiveram dificuldade de receber os seus salários: Motta Marques [falecido], Manoel Romão, Toscano, Manoel A. Monteiro, João de Deus, Juvencio Dias [ainda nesta capital]. Cita em nota Leandro, Souza Gomes, Loureiro Santos, Gregorio Moraes, Mesquita, Guerreiro como tendo também trabalhado nessa oficina. Incluindo um moço typographo chamado Gil que havia falecido dia 6 [de maio de 1864], supostamente em decorrência da sua atividade na oficina. Gil era órfão que tinha com contrato com Silva Ramos e mais de três anos de atraso nos salários. Por fim, o texto conclama aos typographos paraenses que não aceitem a oferta de emprego oferecida por Francisco José da Silva Ramos.



251 TÍTULO: O Catechista		Subtítulo: Folha Commercial, Noticiosa e Analytica	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: nov. 1864, ano 3 num.138, semanal
Autor/responsável: João Antonio Pará, director			
OFICINA: Typ. do Catechista			
Endereço: Travessa do Oriente caza n. 5			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais: José Verissimo dos Anjos Junior*, impressor			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabela	

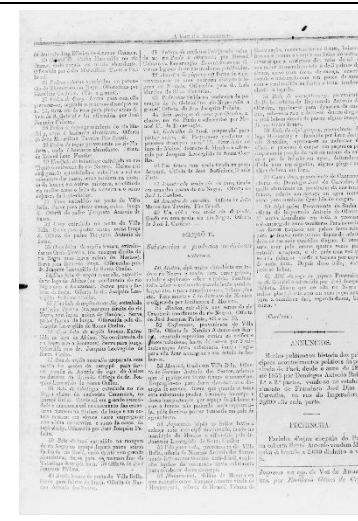
Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: *nome do tipografo que denunciou Francisco da Silva Ramos. Anúncio de Eduardo Jose d' Souza continua a tira retratos... E destaque para **composição do anúncio da Estrella do Norte**, com um padrão gráfico distinto do que sempre era produzido.



257 TÍTULO: A Voz do Amazonas		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 17 out. 1866, ano1 num.1, às quartas e sábados
Autor/responsável: Emiliano Gomes da Cruz*, editor			
OFICINA: Typ. da Voz do Amazonas			
Endereço: Rua do Imperador			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais: Emiliano Gomes da Cruz*, impressor			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamento	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			

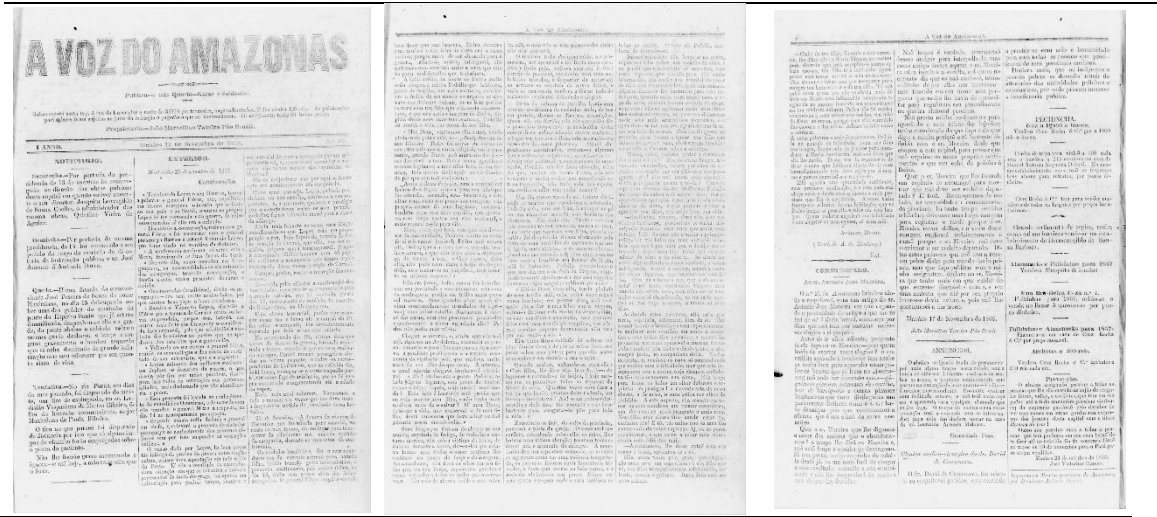
Obs.: *Emiliano aparece como editor e no colôfão como responsável pela impressão. Anúncio do livro Motins políticos... vols 1 e 3 de Domingos Antonio Raiol a venda no estabelecimento de Francisco José Dias de Carvalho.



258 TÍTULO: A Voz do Amazonas		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 17 nov. 1866, ano1 num.10, quartas e sábados
Autor/responsável: João Marcellino Taveira Páo Brazil, proprietário			
OFICINA: Typ. da Voz do Amazonas			
Endereço: Rua do Imperador			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais: Domingos Antonio Gomes, impressor			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamento	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	

Recursos gráficos e acabamento:

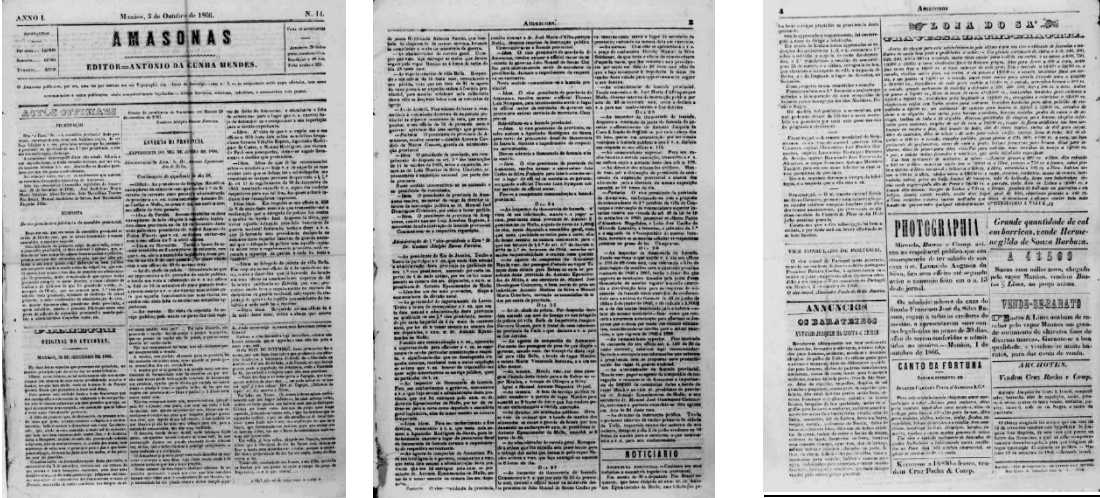
Obs.: Saiu o nome do editor e impressor Emiliano do jornal. Três anúncios de venda: 1. folhinhas para 1867 no Bazar Amazonense; 2. Amanacks e Folhinhas para o ano 1867 vendem Mesquita & Irmãos; 3. Folhinhas e Almanaks para 1867 na casa de Cruz Rocha & C.a



174 TÍTULO: Amasonas		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 3out 1866 ano1 num.14, semanal
Autor/responsável: Antonio da Cunha Mendes, editor			
OFICINA: Typ. Monarchista			
Endereço: Rua Cinco de Setembro, 4			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: Publica o expediente oficial e há um folhetim "original do Amasonas". Com o título de "Photographia", Miranda, Barros e Comp. avisam que a saída de Leonardo Augusto da Silva [o fotografo?] o anúncio anterior fica sem efeito.



259 | TÍTULO: A Voz do Amazonas

Subtítulo:

Artefato: digital

Acervo: HBN

Tipo: jornal

Data: 17 nov. 1866, ano 2 num.34, sábados

Autor/responsável: João Marcellino Taveira Páo Brazil, proprietário

OFICINA: Typ. do Monarchista, de A. C. Mendes

Endereço: Rua Cinco de Setembro, 4

Tipo de impressão: tipográfica

Qualidade:

Profissionais:

TAMANHO:

Páginas: 4

Colunas: 3

Cor: preto

Vinhetas: sim, ornamento

Fios: sim

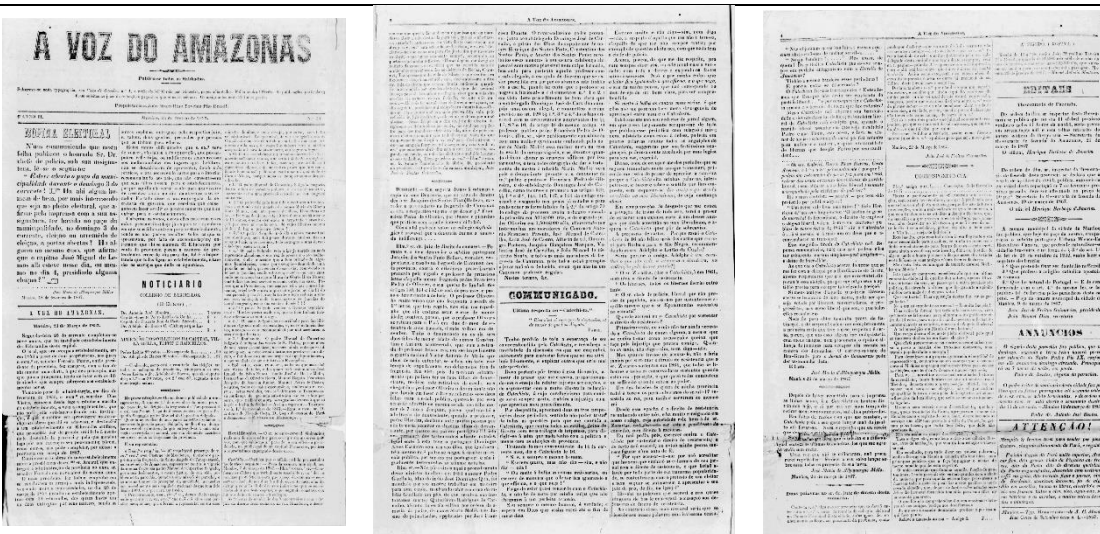
Ilustração: não

Fotografia: não

Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.:



175 TÍTULO: Amasonas		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 28 nov. 1866, ano 1 n.24, semanal
Autor/responsável: Antonio da Cunha Mendes, editor			
OFICINA: Officina Typographica do Amazonas			
Endereço: Rua Cinco de Setembro, 4			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamentais	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			

Obs.: Publica o expediente oficial. Anúncio em página inteira, o estabelecimento diz que “se acha munido de todo o material preciso para obras de algarismos, e outras, tarjas novas, linhas, vinhetas, e um variado specimen de typos de phantasia, que tanta elegancia produzem nos titulos das edições. [...] O proprietario deste estabelecimento julga razoavel declarar, que a sua longa vida de artista he a garantia mais segura, que pode offerecer no desempenho dos encargos, que se lhe fizerem. Alem do material typographico que enriquece este estabelecimento, ainda o proprietario possui em Santarem outra typographia, onde se imprime o Monarchista, tambem em optimas condicções de fazer toda e qualquer obra com nitidez e mestreia d'arte”.

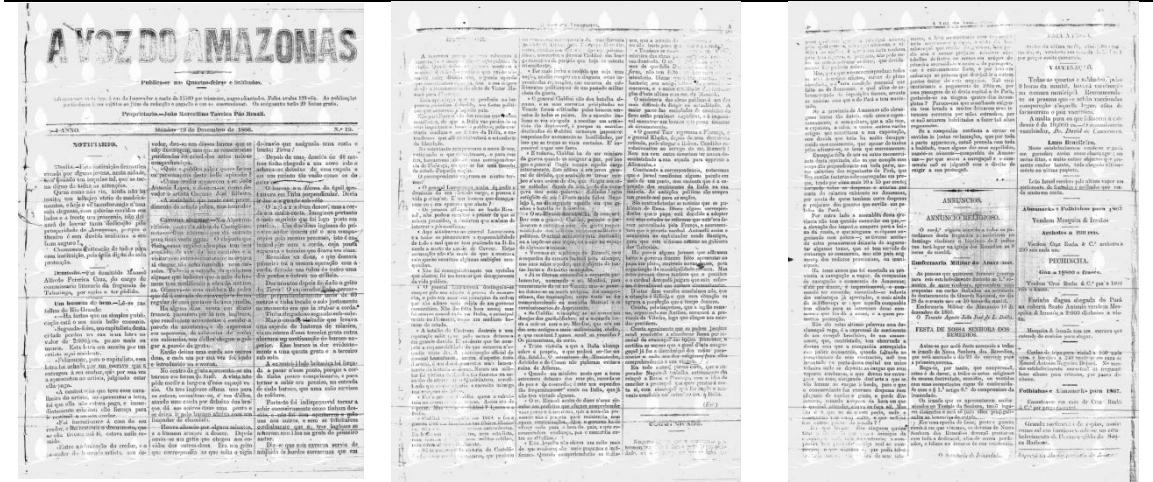


27 TÍTULO: A Voz do Amazonas		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: Jornal	Data: 19 dez. 1866, duas vezes por semana, qua / sab
Autor/responsável: João Marcelino Taveira Páo Brazil, proprietário			
OFICINA: Typ. D'A Voz do Amazonas*			
Endereço: Rua do Imperador			
Tipo de impressão:		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3	

Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: *Não aparece com esse novo, apenas identificado como “nesta typ.” e no colofão “Impresso em Manáos província do Amazonas”.



176 | TÍTULO: Amazonas Subtítulo:

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 4abr. 1867, ano1 num. 43, semanal
-------------------	-------------	--------------	---

Autor/responsável: Antonio da Cunha Mendes, editor

OFICINA: Typ. Monarchista

Endereço: Rua Cinco de Setembro, 4

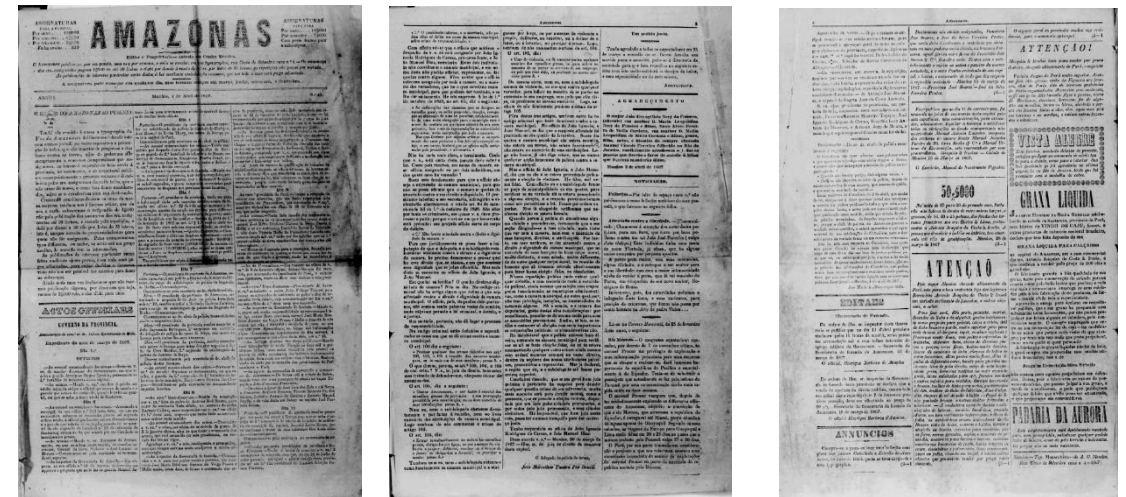
Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:
--------------------------------	------------

Profissionais:

TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamentais	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento: Mudança no cabeçalho do jornal, incluindo o título, agora escrito com Z em Amazonas em vez de Amasonas

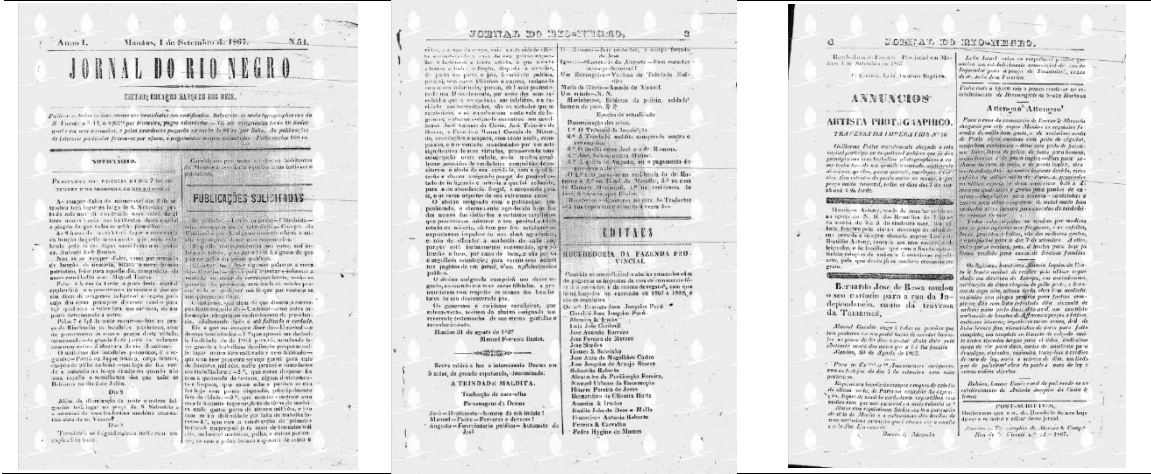
Obs.: Publica o expediente oficial. Nota indicando a reunião da typografia da Voz do Amazonas a do Amazonas, “deliberamos refundir este com o nosso jornal; por tanto esperamos a protecção de todos, que são amantes do progresso e das luzes contra as trevas”. Além disso, indica o aumento do valor do anúncio, e para “anúncios em typo defferente, ou maior, se arbitrará um preço modico, de accordo com os interessados.” Anúncio a procura da coleção completa dos jornais Catechista e Estrella do Amazonas do ano de 1866.



177 TÍTULO: Amazonas		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 23maio 1867, ano 1 num. 52, semanal
Autor/responsável: Antonio da Cunha Mendes, editor e proprietário			
OFICINA: Typ. Monarchista			
Endereço: Rua Cinco de Setembro, 4			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamentais	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.: Publica o expediente oficial. Interessante artigo em que o proprietário deste jornal vem a público responder às acusações feitas pelo redator do Catechista. Neste ele conta que não exerce ou exerceu a posição de redator em nenhum dos jornais que produziu, que é typographo, que embora nascido em Portugal possui cidadania brasileira.			

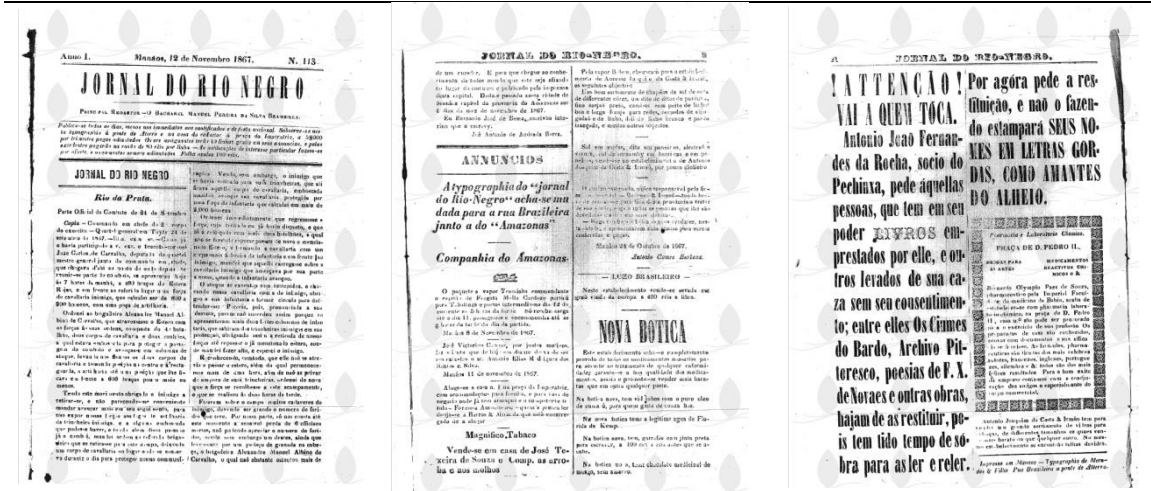
28 TÍTULO: Jornal do Rio Negro		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: Jornal	Data: 1 set 1867, ano1, n. 51, diário
Autor/responsável: Eduardo Marques dos Reis, editor			
OFICINA: Typographia de Moraes & Comp.			
Endereço: Rua de S. Vicente, n. 12, Manaus			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 2	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			

Obs.: Na seção Anúncios há a indicação da presença de um Artista Photographico Guilherme Potter. Também há o improviso do 5 como cedilha em Attenção



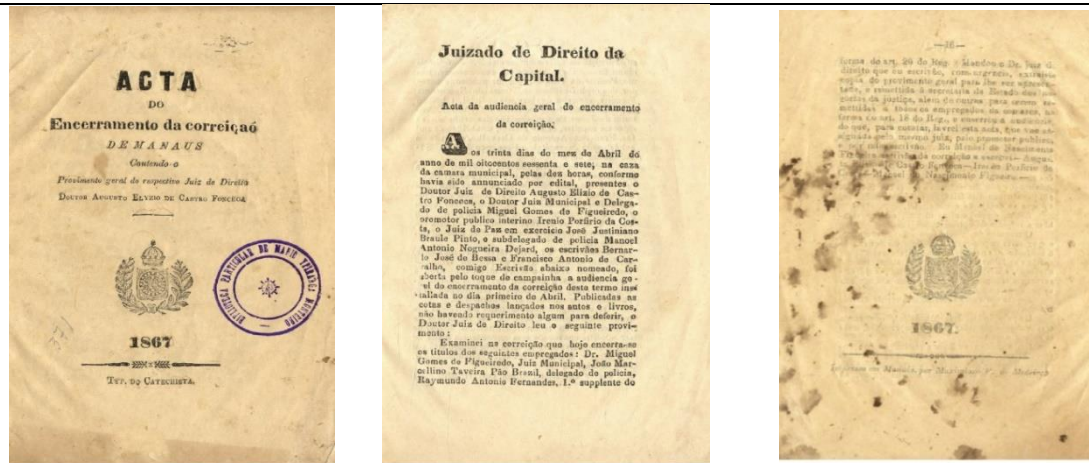
30 TÍTULO: Jornal do Rio Negro		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: Jornal	Data: 12 nov. 1867, ano1 n.113, diário
Autor/responsável: Manuel Pereira da Silva Brambilla, principal redactor			
OFICINA: Typographia de Mendes & Filhos			
Endereço: Rua Brasileira á ponte do Atterro, Manaus			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 2	
Cor: preto	Vinhetas: única, embarcação	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Presença de cercadura em anúncios			

Obs.: Há um anúncio indicando que a typographia do "jornal do Rio-Negro" acha-se mudada para a Rua Brasileira junto a do "Amazonas" e outro que pede a devolução de livros.



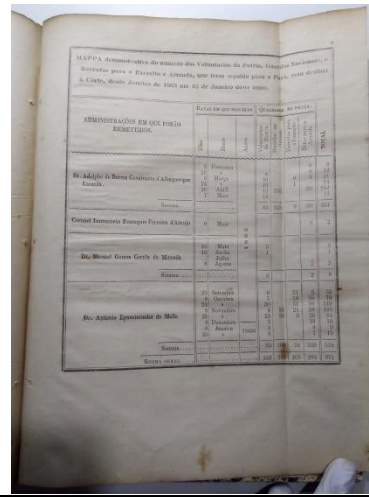
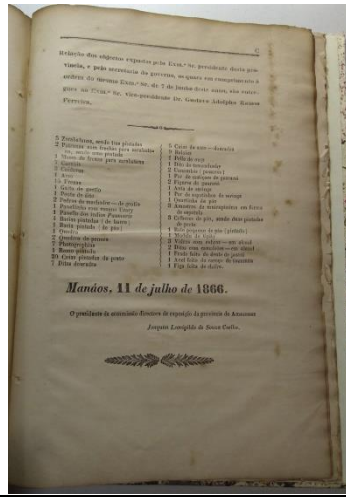
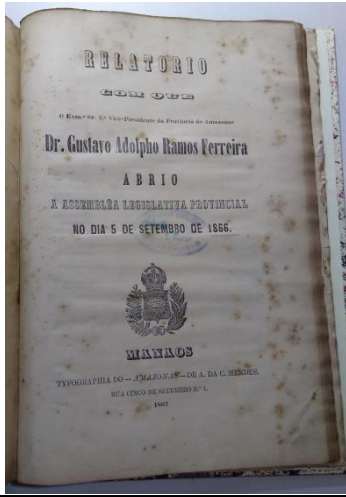
13 TÍTULO: Acta do Encerramento da correição de		Subtítulo:	
Manaus Contendo o Provimto geral do respectivo Juiz de Direito Doutor Augusto Elyzjo de Castro e Fonseca			

Artefato: digital	Acervo: BMYM	Tipo: folheto	Data: 1867
Autor/responsável: -			
OFICINA: Typ. do Catechista			
Endereço: -			
Tipo de impressão: tipografia		Qualidade: -	
Profissionais: impresso por Maximiano F. de Medeiros			
TAMANHO: -	Páginas: 16	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim, brasão	Fios: n	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Uso de capitular e brasão.			
Obs.:			

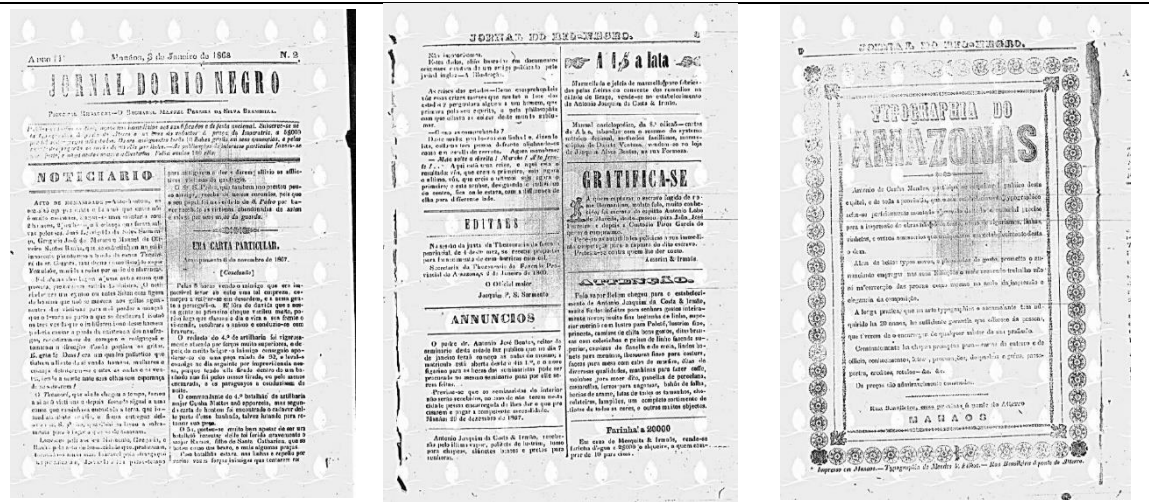


204 | TÍTULO: Relatório com que... Dr. Gustavo Adolpho Ramos Ferreira abriu a Assembléa Legislativa Provincial no dia 5 de setembro de 1866 Subtítulo:

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: folheto oficial	Data: 1867
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia do Amazonas de A. da C. Mendes			
Endereço: Rua Cinco de Setembro, 4			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular	
Profissionais:			
TAMANHO: 18,8 x 28,4 cm	Páginas: 28+*	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamento e brasão	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Tabelas em páginas desdobradas			
Obs.: *São 28 páginas e alguns anexos não numerados. Na Relação de empregados do Estabelecimento dos Educandos Artífices há indicação de Crescencio Antonio na oficina de livreiro. Exemplar encadernado junto a outros.			

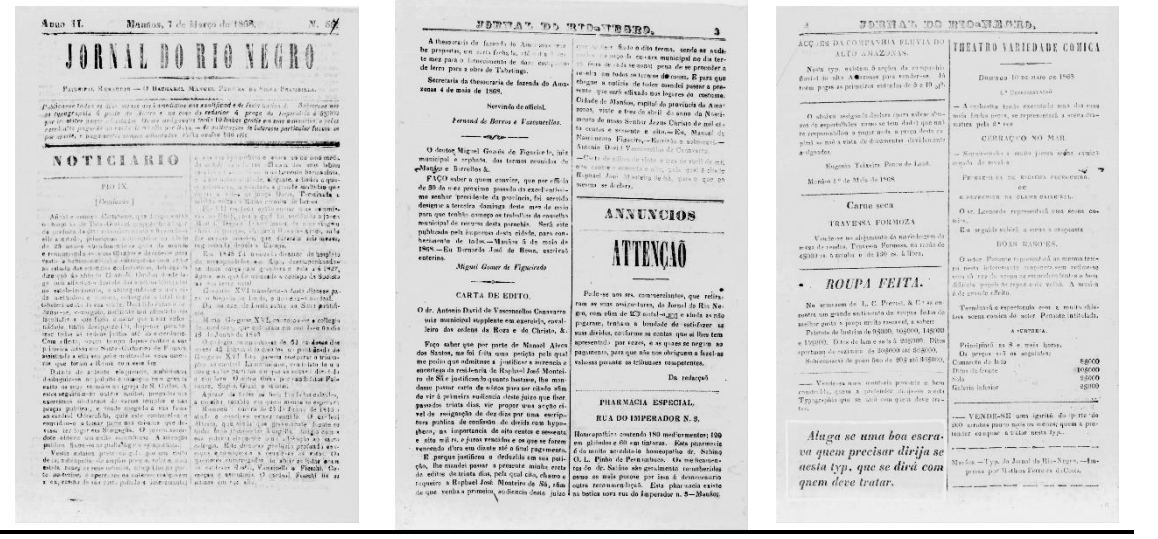


29 TÍTULO: Jornal do Rio Negro		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: Jornal	Data: 3 jan. 1868 todos os dias, diário
Autor/responsável: Manuel Pereira da Silva Brambilla, principal redactor			
OFICINA: Typographia de Mendes & Filhos			
Endereço: Rua Brasileira á ponte do Atterro, Manaós			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 2	
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: vinhetas: mão indicativa e escravo, uso de cercadura em anúncio de página inteira			
Obs.: Anúncio de página inteira da Typographia do Amazonas com o endereço muito parecido com o da tipografia do jornal: Rua Brasileira, caza proxima á ponte do Atterro			



260 TÍTULO: Jornal do Rio Negro		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 7 mar. 1868, ano2 num.36*, diário

Autor/responsável: Manuel Pereira da Silva Brambilla, principal redactor		
OFICINA: Typ. do Jornal do Rio Negro**		
Endereço: A ponte do Aterro**		
Typo de impressão: tipográfica	Qualidade:	
Profissionais: Mathias Ferreira da Costa, impressor		
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 2
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamento e figurativa [mão]	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não
Recursos gráficos e acabamento:		
Obs.: *O exemplar digitalizado tem uma correção no número, indicando ser 37. **O endereço é semelhante ao da Typ. do Amazonas. Anuncio do jornal cobrando os comerciantes que ficaram devendo. Anuncio de teatro começam a aparecer.		



261	TÍTULO: Jornal do Rio Negro	Subtítulo:
Artefato: digital	Acervo: HBN	Typo: jornal
Autor/responsável:		Data: 9 abril 1868, ano 2 num. 72, diário
OFICINA: Typ. do Jornal do Rio Negro		
Endereço: á rua de Manãos, perto do pontilhão do Aterro*		
Typo de impressão: tipográfica	Qualidade:	
Profissionais: M. F. da Costa, impressor		
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 2
Cor: preto	Vinhetas: sim, figurativa [barco e casa]	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabela
Recursos gráficos e acabamento: Mudança de padrão gráfico do jornal e título, agora em gótico.		
Obs.: *O endereço é semelhante ao da Typ. do Amazonas. Anuncio com o título de Livros, Barboza & Irmão, vendem a colleção das leis do imperio do Brasil, em brochura, Bouillet Dictionarie des science, des letters e des aris; Bouillet Dictionarie D'histoire e de geographia; Ouvres de Lord Byron; Revista juridica redigidas por José da Silva Costa, e José Carlos Rodrigues; Tarifa das Alfandegas; Indicador e		

regulamento das mesmas; Dicionario juridico commercial por Ferreira Borges, e outros livros proprios para a instrução primaria. Outro anúncio de - Manual Encyclopedico - Manuscriptos de Duarte Ventura - Cartas de ABC - Taboadas coordenadas por A. da Cunha Mendes. - E outros livros proprios para a instrução primaria, vedem-se na loja - Agua de Ouro - de Joaquim Alves Bentes, na travessa Formosa.

Anno II. Mando, de 9 Abril de 1868. N.º 1

JORNAL DO AZO NEGRO

Publicado todos os dias, excepto nos dias de festa e de dias santos. O preço de cada exemplar é de 100 réis. O preço de cada trimestre é de 3000 réis. O preço de cada semestre é de 6000 réis. O preço de cada anno é de 12000 réis.

NOTICIARIO

Chaves — O vapor *Belém* chegou de Pernambuco a Porto Alegre no dia 2 de abril. O vapor *Belém* chegou de Pernambuco a Porto Alegre no dia 2 de abril. O vapor *Belém* chegou de Pernambuco a Porto Alegre no dia 2 de abril.

Chaves — O vapor *Belém* chegou de Pernambuco a Porto Alegre no dia 2 de abril. O vapor *Belém* chegou de Pernambuco a Porto Alegre no dia 2 de abril. O vapor *Belém* chegou de Pernambuco a Porto Alegre no dia 2 de abril.

JORNAL DO AZO NEGRO

Publicado todos os dias, excepto nos dias de festa e de dias santos. O preço de cada exemplar é de 100 réis. O preço de cada trimestre é de 3000 réis. O preço de cada semestre é de 6000 réis. O preço de cada anno é de 12000 réis.

NOTICIARIO

Chaves — O vapor *Belém* chegou de Pernambuco a Porto Alegre no dia 2 de abril. O vapor *Belém* chegou de Pernambuco a Porto Alegre no dia 2 de abril. O vapor *Belém* chegou de Pernambuco a Porto Alegre no dia 2 de abril.

Chaves — O vapor *Belém* chegou de Pernambuco a Porto Alegre no dia 2 de abril. O vapor *Belém* chegou de Pernambuco a Porto Alegre no dia 2 de abril. O vapor *Belém* chegou de Pernambuco a Porto Alegre no dia 2 de abril.

JORNAL DO AZO NEGRO

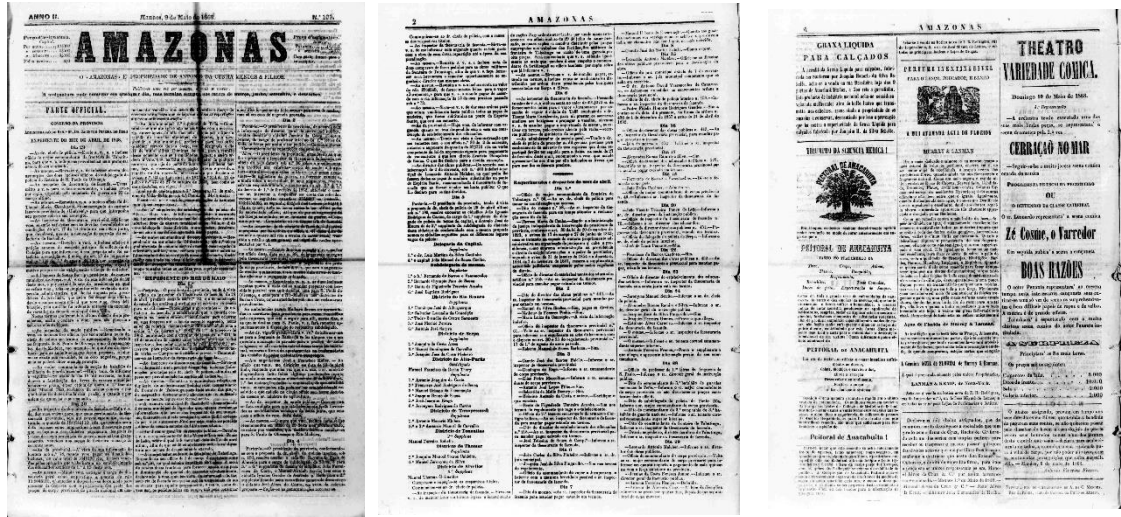
Publicado todos os dias, excepto nos dias de festa e de dias santos. O preço de cada exemplar é de 100 réis. O preço de cada trimestre é de 3000 réis. O preço de cada semestre é de 6000 réis. O preço de cada anno é de 12000 réis.

NOTICIARIO

Chaves — O vapor *Belém* chegou de Pernambuco a Porto Alegre no dia 2 de abril. O vapor *Belém* chegou de Pernambuco a Porto Alegre no dia 2 de abril. O vapor *Belém* chegou de Pernambuco a Porto Alegre no dia 2 de abril.

Chaves — O vapor *Belém* chegou de Pernambuco a Porto Alegre no dia 2 de abril. O vapor *Belém* chegou de Pernambuco a Porto Alegre no dia 2 de abril. O vapor *Belém* chegou de Pernambuco a Porto Alegre no dia 2 de abril.

178 TÍTULO: Amazonas		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: gmaio 1868, ano 2, num.101, semanal
Autor/responsável: Antonio da Cunha Mendes & Filhos*			
OFICINA: Typographia do "Amazonas"			
Endereço: Rua da Palma canto da travessa da União ao Aterro*			
Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:		
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamentais	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamentoo:			
Obs.: *Há duas mudanças significativas: junto ao nome do proprietário indica os filhos e a mudança de endereço. Há anúncios ilustrados			



262 | TÍTULO: Jornal do Rio Negro Subtítulo:

Artefato: digital | Acervo: HBN | Tipo: jornal | Data: 5 jun. 1868, ano 2 num.115, diário

Autor/responsável:

OFICINA: Typ. do Jornal do Rio Negro*

Endereço: á rua de Manãos, perto do pontilhão do Aterro

Tipo de impressão: tipográfica | Qualidade:

Profissionais: M. F. da Costa, impressor

TAMANHO: | Páginas: 4 | Colunas: 2

Cor: preto | Vinhetas: sim, ornamento | Fios: sim

Ilustração: não | Fotografia: não | Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: *O jornal informa que deixou de ser produzido em seis dias, e isto aconteceu "pela enfermidade de um dos nossos compositores e pelas ocupações de outro que nos retava, em misteres estranhos a empresa, serão compensadas de hoje em diante nos dias immediatos aos domingos e dias santificados, nos quaes daremos aos srs. assignantes um jornal extraordinario, cessando dessa forma as queixas que por accaso já se tenham levantado contra nós." Anúncio, "vende-se uma porca gorda". anúncio "Nesta typ. precisa-se de dous officiaes typographos, e recebe-se alguns aprendises.

ANNO II. Mantas, 5 de Junho de 1868. N. 115.

JORNAL DO RIO NEGRO

Suplicante: O Sr. Manoel de Jesus...
 Contas: 1868...
 Preço: 2500...

JORNAL DO RIO NEGRO
 Mantas, 5 de Junho de 1868.

A nome proprio que se dá a este jornal...
 O Sr. Manoel de Jesus...
 O Sr. Manoel de Jesus...
 O Sr. Manoel de Jesus...

NOTICIARIO

Avançada a vida...
 O Sr. Manoel de Jesus...
 O Sr. Manoel de Jesus...

JORNAL DO RIO NEGRO. 3

COMPANHIA REAL DO ALTO AMAZONAS.

Suplicante: O Sr. Manoel de Jesus...
 Contas: 1868...
 Preço: 2500...

GRAXALQUIDA PARA CALÇADOS

A nome proprio que se dá a este jornal...
 O Sr. Manoel de Jesus...
 O Sr. Manoel de Jesus...

Bazar Amazonense

Suplicante: O Sr. Manoel de Jesus...
 Contas: 1868...
 Preço: 2500...

Pharmacia Especial

Suplicante: O Sr. Manoel de Jesus...
 Contas: 1868...
 Preço: 2500...

JORNAL DO RIO NEGRO. 4

THEATRO VARIEDADE COMICA.

Domingo, 7 de Junho de 1868.

SEXTA REPRESENTAÇÃO

AMOR FILIAL

O BENEFICIADO

O sr. Domingos ferado serio

O MANE DA ABBALLADA

O Mascate Italiano

Suplicante: O Sr. Manoel de Jesus...
 Contas: 1868...
 Preço: 2500...

252 TÍTULO: O Catechista.		Subtítulo: Folha Commercial, Noticiosa e Analytica	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 14 mar. 1869, ano 8 num.370, semanal
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. do Catechista			
Endereço: Rua dos Inocentes			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais: Maximiano Florencio de Medeiros*, impressor			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			

Obs.: *o nome do impressor aparece em destaque, onde antes figurava o nome do diretor do jornal. O periódico não publica mais o expediente oficial.



179 TÍTULO: Amazonas		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 24jul 1869, ano4 num.175, semanal
Autor/responsável: Antonio da Cunha Mendes & Filhos			
OFICINA: Typ, do Amazonas			
Endereço: Rua da Palma, canto da travessa da União			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4+2*	Colunas: 4	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamentais	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	

Recursos gráficos e acabamento: * esta edição saiu com um Suplemento composto de uma folha com duas páginas, na frente uma lista de materiais a serem leiloados e outros. Mudança no número de colunas.

Obs.: Anúncio da Loja de Barboza & Irmão com uma extensa lista de livros que se encontrariam a venda em seu estabelecimento na Travessa da Matriz, 3 canto da rua 5 de setembro. Anúncio da loja Ville de Paris com composição visual do texto a semelhança de uma ampolheta.



254 TÍTULO: Correio de Manaus		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 7 set. 1869, ano 1 num.1, terças e sextas
Autor/responsável: Alfredo Sergio Ferreira, proprietário e redactor; Rogerio Antunes Garcia, Editor			
OFICINA: Typ. do Correio de Manaus			
Endereço: rua da Independencia n.12			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 4	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamento	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabela	

Recursos gráficos e acabamento: As colunas de texto estão muito próximas umas das outras. Há um imprevisto da 5 de cabeça para baixo no lugar do cedilha na página 3.

Obs.: Há um sumário indicando as seções do jornal. Na página quatro há um grande anúncio da Typographia do Correio de Manaus: "Este Estabelecimento que se acha completamente montado, tendo um bom pessoal inclusive um revisor, recebe toda e qualquer obra de impressão e compromette-se tambem a preparar cartas de enterro, cartões de visita, ditos para casamentos, circulares, procurações, guias, conhecimentos, diplomas, etc; garantindo o maio acceio promptidão em seu trabalhos. Informa ainda possuir uma machina de cortar papel e que seu funcionamento se dá de 8h da manhã às 18h da tarde nos dias úteis. Em duas notas são oferecidos livros produzidos pelo editor Belarmino Mattos do Maranhão, O homem que ri, de Victor Hugo e Joasinho, de Carlos Jiannel, obra traduzida. Ambas podiam ser encomendadas na officina. Com o título de Aprendizes: "N'esta typographia acceitão-se pessoas, por contracto, que queirão aprender a arte typographica, offerecendo-se-lhes desde já vantagens. Anuncio do Almanak [...] da Provincia do Amazonas a ser publicado pela mesma officina.



255 TÍTULO: Correio de Manaus		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 19 out. 1869, ano 1 num.13, terças e sextas
Autor/responsável: Alfredo Sergio Ferreira, proprietário e redactor; Rogerio Antunes Garcia, Editor			
OFICINA: Typ. do Correio de Manaus			
Endereço: rua da Independencia n.12			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 4	
Cor: preto	Vinhetas: sim, figurativas	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			
<p>Obs.: Em nota, informa-se que o jornal saiu mais tarde "por ter-se quebrado uma pagina ao deitar-se no prêlo". Anúncio de assinaturas da edição Voos do tambaqui. E para o almanaque pede-se que remetam as informações de firmas e profissionais para figurarem na publicação. A programação de teatro entra no conteúdo e anúncios no jornal.</p>			

CORREIO DE MANAOS

ANO I. Terça-feira 19 de Outubro de 1869. N. 13

REDAÇÃO: Rua da Independencia, n. 12. Tel. 1234. Horario: das 6h das 12h e das 2h das 5h.

ADMINISTRADOR: Sr. Alfredo Sergio Ferreira. EDITOR: Sr. Alfredo Sergio Ferreira. Impressão: Sr. Alfredo Sergio Ferreira.

SUMARIO
COLLABORACAO
Transcriptos
Polleitica
FACIOS DIVERSOS
Chronicas Theatral
ALMANAK
THEATRO
VARIEDADE COMICA
Empresario Promettor
Quem é de quem
O Medico des criados
PERSONAGENS
Principais as 9 horas

TRANSMISSAO
 O Sr. ...

ALMANAK
 O Sr. ...

THEATRO
 O Sr. ...

CHRONICA THEATRAL
 O Sr. ...

FACIOS DIVERSOS
 O Sr. ...

ANUNCIOS

ALMANAK

THEATRO

VARIEDADE COMICA

Empresario Promettor

Quem é de quem

O Medico des criados

PERSONAGENS

Principais as 9 horas

256 TÍTULO: Correo de Manáos		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 19 nov. 1869, ano 1 num.19, terças e sextas
Autor/responsável: Alfredo Sergio Ferreira, proprietário e redactor; Ataliba dos Santos Pereira, Editor			
OFICINA: Typ. do Correo de Manáos			
Endereço: rua da Independencia n.12			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 4	
Cor: preto	Vinhetas: sim, figurativas [barco e reclame]		Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não		Tabelas/gráficos: não
Recursos gráficos e acabamento:			

Obs.: Declaração do jornal "pela falta de uma folha na semana passada e outra nesta. Deixamos de cumprir esse dever pela necessidade de queremos dar até 15 de Dezembro o nosso Almanach a vista da descida ao Pará de 2 empregados nossos.."

CORREIO DE MANAOS

ANO I. Terça-feira 19 de Outubro de 1869. N. 13

REDAÇÃO: Rua da Independencia, n. 12. Tel. 1234. Horario: das 6h das 12h e das 2h das 5h.

ADMINISTRADOR: Sr. Alfredo Sergio Ferreira. EDITOR: Sr. Alfredo Sergio Ferreira. Impressão: Sr. Alfredo Sergio Ferreira.

SUMARIO
COLLABORACAO
Transcriptos
Polleitica
FACIOS DIVERSOS
Chronicas Theatral
ALMANAK
THEATRO
VARIEDADE COMICA
Empresario Promettor
Quem é de quem
O Medico des criados
PERSONAGENS
Principais as 9 horas

TRANSMISSAO
 O Sr. ...

ALMANAK
 O Sr. ...

THEATRO
 O Sr. ...

CHRONICA THEATRAL
 O Sr. ...

FACIOS DIVERSOS
 O Sr. ...

ANUNCIOS

ALMANAK

THEATRO

VARIEDADE COMICA

Empresario Promettor

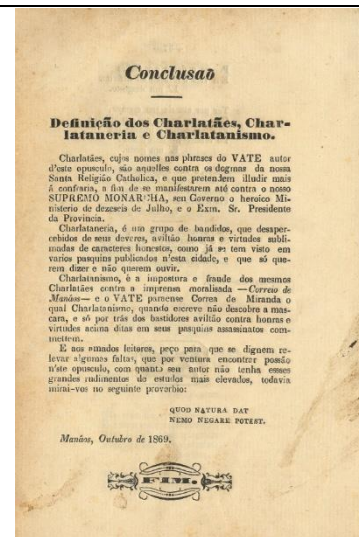
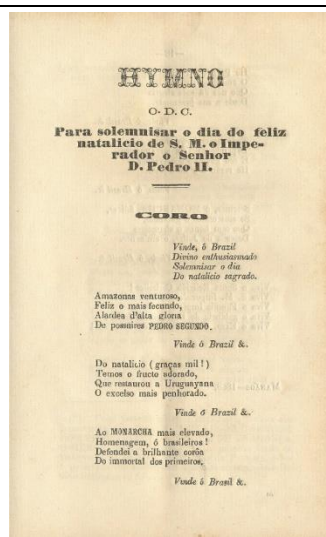
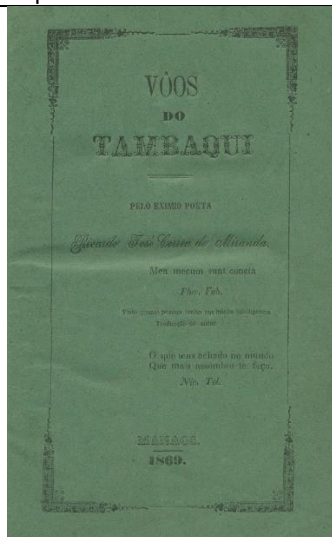
Quem é de quem

O Medico des criados

PERSONAGENS

Principais as 9 horas

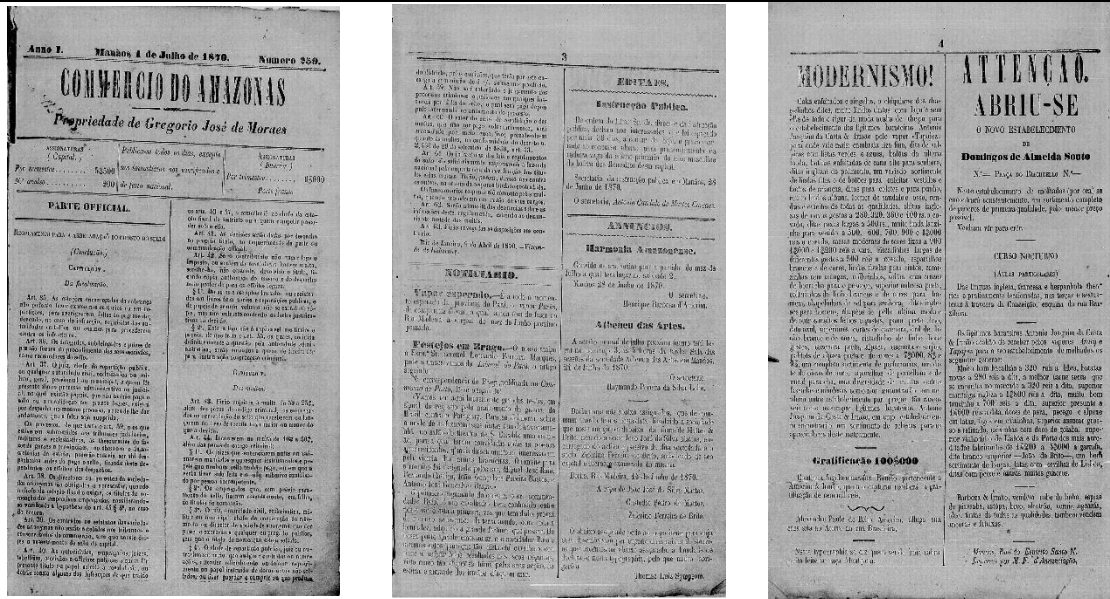
56 TÍTULO: Vãos do Tambaqui		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: edição, poesia satírica	Data: 1869
Autor/responsável: Ricardo José Correa de Miranda			
OFICINA: Typ. do Correio de Manáos			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular	
Profissionais:			
TAMANHO: 130 x 196 mm	Páginas: 58	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Capa em papel de cor verde, título, com composição ligeiramente assimétrico. Uso de cercadura na capa. Uso de diversos tipos e estilo na composição dos poemas.			
Obs.: No texto Ao Leitor o autor fala que a impressão só ocorreu pela proteção do sr. Dr. Alfredo Sergio Ferreira, que seria o proprietário da oficina tipográfica: “todos conhecem as grandes despesas das impressões...”			



266 TÍTULO: Commercio do Amazonas		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal diário	Data: 1jul. 1870, ano 1 num.259, diário
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ do Commercio do Amazonas, propriedade de Gregorio José de Moraes			
Endereço: Rua do Espirito Santo			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais: Impressor por M. F. d'Annuniação			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 2	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.:



267 TÍTULO: Comercio do Amasonas		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal diário	Data: 23dez 1870, ano2 num.107, diário
Autor/responsável:			
OFICINA: Rua do Comercio do Amazonas			
Endereço: Rua do Espirito Santo			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais: Gregorio Joze de Moraes, proprietário e impressor			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamento e figurativa	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.:			

Anno II. Manaus 22 de Dezembro de 1870. Numero 107.

COMMERCIO DO AMAZONAS

Propriedade de Gregorio José de Moraes.

ASSIGNATURAS ANNUAS: 1\$500 (CARTAS) 2\$000 (FOLHETOS)

NOTICIARIO

Manoia e a epidemia das febrezes. - De 19 dias para cá, a epidemia das febrezes, que se manifestou em Manoia, no dia 19 de Novembro, e se estendeu para as localidades vizinhas, tem tomado um curso muito mais grave do que se esperava. A epidemia, que se manifestou em Manoia, no dia 19 de Novembro, e se estendeu para as localidades vizinhas, tem tomado um curso muito mais grave do que se esperava.

VACCINA.

Atenção! - A epidemia das febrezes, que se manifestou em Manoia, no dia 19 de Novembro, e se estendeu para as localidades vizinhas, tem tomado um curso muito mais grave do que se esperava.

ARMAS FINAS

Atenção! - A epidemia das febrezes, que se manifestou em Manoia, no dia 19 de Novembro, e se estendeu para as localidades vizinhas, tem tomado um curso muito mais grave do que se esperava.

ATTENCAO!

Atenção! - A epidemia das febrezes, que se manifestou em Manoia, no dia 19 de Novembro, e se estendeu para as localidades vizinhas, tem tomado um curso muito mais grave do que se esperava.

ARMADOR

Atenção! - A epidemia das febrezes, que se manifestou em Manoia, no dia 19 de Novembro, e se estendeu para as localidades vizinhas, tem tomado um curso muito mais grave do que se esperava.

4 título: Almanac Administrativo e Commercial do		Subtítulo:	
Correio de Manãos da Província do Amazonas			
Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: almanaque	Data: 1870
Autor/responsável: Eugenio Ataliba dos Santos Pereira.			
oficina: Estabelecimento Typographico do Correio de Manãos			
Endereço: R. da Independência, n. 12.			
Tipo de impressão: tipografia		Qualidade: irregular	
Profissionais: Alfredo Sergio Ferreira, proprietário. Rogerio Antunes Garcia, administrador. O Almanaque registra Dr. Luiz Martins da Silva Coutinho, professor de Desenho Linear do Atheneu das Artes [p. 133-134]			
tamanho: 102 x 143 mm	Páginas: 240	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: várias	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			

Obs.: o exemplar examinado tem resquícios de ter tido uma capa com papel de cor azul. Registra cinco periódicos e tipografias [p. 139-140], todos em Manaus. Possui errata.

ALMANACH ADMINISTRATIVO E COMMERCIAL DO CORREIO DE MANAOS DA PROVINCIA DO AMAZONAS. PARA O ANNO DE 1870. ANNO I. O EPITOR Eugenio Ataliba dos Santos Pereira. REA DA INDEPENDENCIA N. 12.

SIGNO DE AQUARIO

JANEIRO

Tem 31 dias. Entra o Sol em AQUARIO a 20, ás 2 horas 9' 57" da manhã.

PHASES DA LUA.

- 1 Nova a 1, ás 9 h. 13' 4" da tarde.
- 2 Crec. a 9, ás 5 h. 9' 51" da tarde.
- 3 Cheia a 17, ás 11 h. 52' 52" da manhã.
- 4 Ming. a 24, ás 7 h. 30' 34" da manhã.
- 5 Nova a 31, a 0 h. 48' 15" da tarde.

1 Sub. CIRCUNCISAO DO SENHOR. S. Fulgencio B. Foga de S. Sebastião na capella do mesmo Senhor. Anniversario da instalação da Provincia, em 1856 creada por decreto n. 582 de 9 de Setembro de 1850. [Luz no tropico, do Sul.] 29,2

2 DOM. S. Isidoro B. M. [Não ha despacho até 31] 0,5

3 Seg. S. Antero P. M.; S. Aprigio, Bispo de B-ja Port.; S. Genevra V.; S. Theo-nas M. 2,5

4 Terç. S. Gregorio B.; S. Tito B., discipulo de S. Paulo. 2,5

140

O Commercio do Amazonas, diario tnenos nos dias immediatos aos santificados e festas nacionaes; em uma folha de papel almanaco. Limita-se a transcripções e noticias.

O Cathechista publica-se uma vez por semana. Não tem redactor. Limita-se a transcripções. Recolhe sem limites todos e quaesquer artigos. A Reforma Liberal, orgão deste partido.

Redactores, Dr. Augustio Elizio de Castro Fonseca e Augustinho Rodrigues de Souza. — Responsavel padre Manoel de Cupertino Selgado.

FREGUEZIA

DA CAPITAL

N. S. DA CONCEIÇÃO DE MANAOS. Freguezia pela lei n. 82 de 6 de Novembro de 1858.

VIGARIO GERAL.

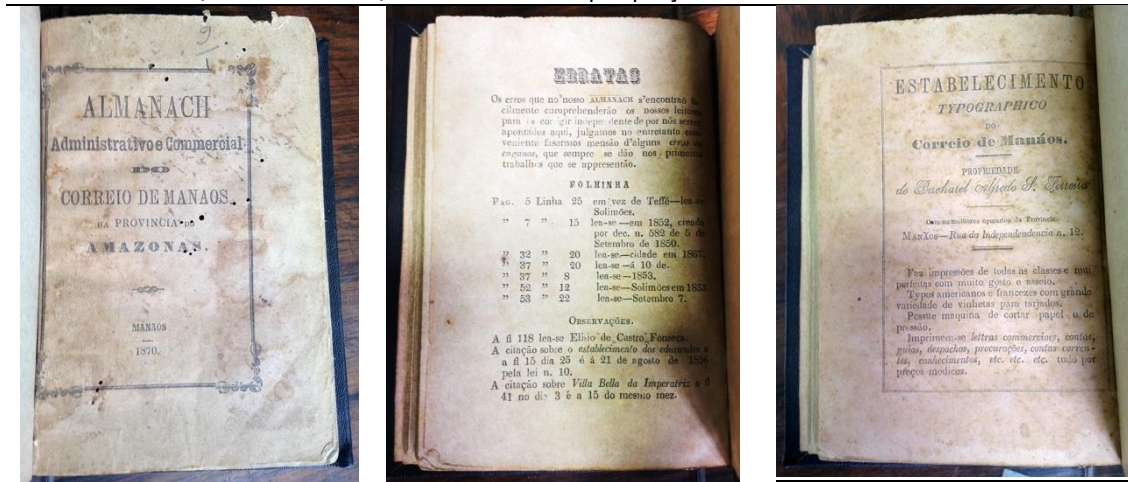
Dr. Padre José Manoel dos Santos Pereira.

PAIDRES.

Dr. Frederico Catani. Manoel Ferreira Barreto. Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque.

162 TÍTULO: Almanach Administrativo Commercial do		Subtítulo:	
Correio de Manáos da provincia do Amazonas			
Artefato: original	Acervo: BN	Tipo: almanaque	Data: 1870
Autor/responsável: Eugenio Ataliba dos Santos Pereira			
OFICINA: Estabelecimento Typographico do Correio de Manáos			
Endereço: Rua da Independencia, 12			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular	
Profissionais:			
TAMANHO: 101 x 148 mm	Páginas: 240	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: ornamentais e figurativas [signos]	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Capa em papel de cor amarelada			

Obs.: A edição contém errata e um anúncio na contracapa do Estabelecimento Typographico do Correio de Manáos que "Faz impressões de todas as classes e mui perfeitas com muito gosto e asseio. Typos amaericanos e francezes com grande variedade de vinhetas para tarjados. Possui maquina de cortar papel e de pressão. Imprimem-se lettras de comerciais, contas, guias, despachos, procurações, contas correntes, conhecimentos, etc. etc. etc. tudo por preços módicos"



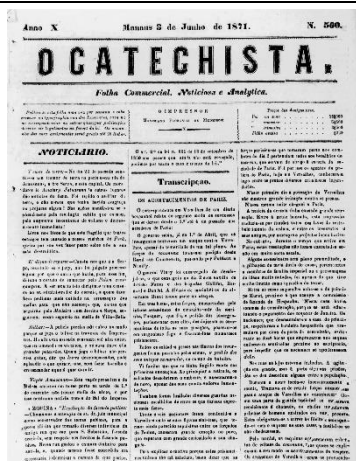
52 TÍTULO: Biographia do grande Poeta Ricardo José		Subtítulo:	
Correia de Miranda*			
Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: edição particular	Data: 1870*
Autor/responsável:			
OFICINA:			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular	
Profissionais:			
TAMANHO: 129 x 189 mm	Páginas: 70	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: única, flor	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: n	
Recursos gráficos e acabamento: Uso de diversos tipos nos títulos dos poemas e texto, corpo do livro			

Obs.: Exemplar sem as páginas iniciais, portanto sem indicação exata de onde e quando foi impressa esta obra, pela leitura inicial sabe-se que este trabalho é posterior ao *Voos do Tabaqui* de 1869. O título dado foi retirado do texto Prologo do Editor. A obra foi encadernada com outros livros em um só volume.

– Total de **40 exemplares**

Período: 1871-1880

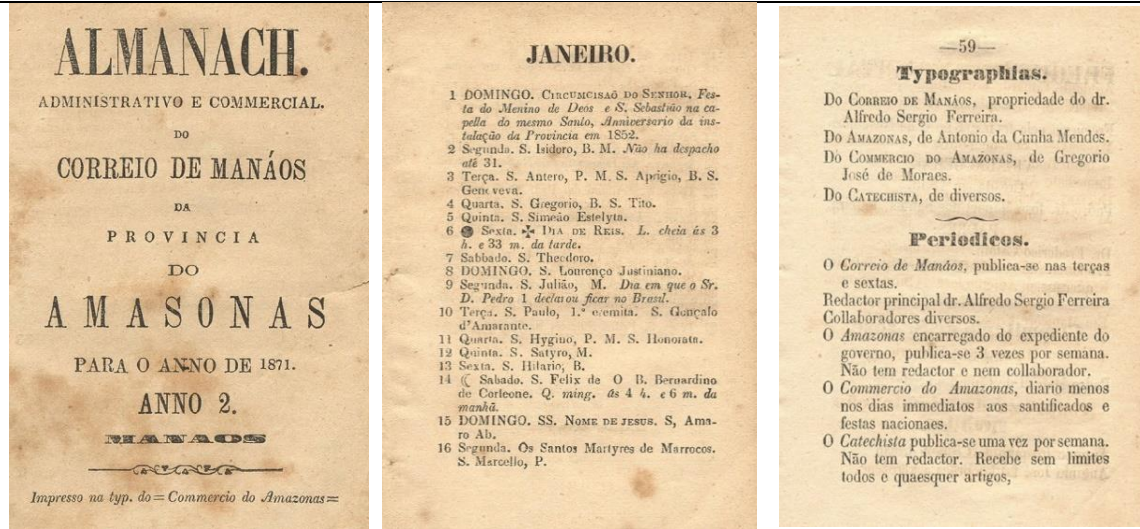
253 TÍTULO: O Catechista.		Subtítulo: Folha Commercial, Noticiosa e Analytica	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 3 jun. 1871, ano 10 num.00, semanal
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. do Catechista			
Endereço: Rua dos Inocentes			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais: Maximiano Florencio de Medeiros, impressor			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.: Vários anúncios com molduras			



5 TÍTULO: Almanack Administrativo e Commercial do		Subtítulo: Correio de Manáos da Província do Amazonas	
Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: almanaque	Data: 1871
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. do Commercio do Amazonas			
Endereço: Rua Joaquim Sarmento, 12. Manaus			
Tipo de impressão: tipografia		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 102 x 142 mm	Páginas: 228	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: poucas	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: o exemplar examinado tem resquícios de ter tido uma capa com papel de cor azul. O almanaque possivelmente foi publicado em partes, pois sua numeração não é sequencial do início ao fim, cada seção tem uma numeração independente. Vale registrar que o almanaque era do Correio de Manáos e foi impresso na oficina do Commercio do Amazonas.



101 | TÍTULO: Reforma Liberal

Subtítulo: Orgão do Partido Liberal do Amazonas

Artefato: digital

Acervo: HBN

Tipo: jornal

Data: 18 abr 1872; ano IV num.130, semanal

Autor/responsável:

OFICINA: Typographia Liberal

Endereço: Praça do Payssandu

Tipo de impressão: tipográfica

Qualidade:

Profissionais: A. A. Vasconcelos, impressor

TAMANHO:

Páginas: 4

Colunas: 3

Cor: preto

Vinhetas: não

Fios: sim

Ilustração: não

Fotografia: não

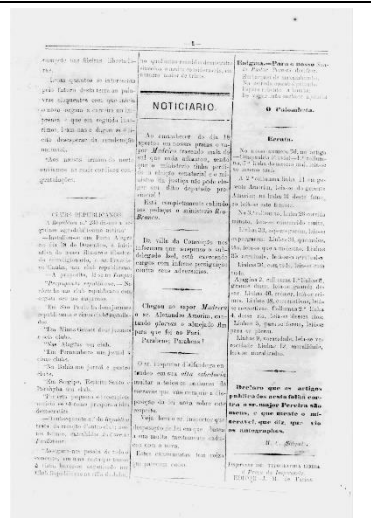
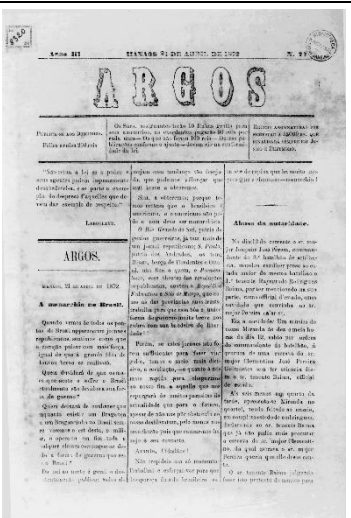
Tabelas/gráficos: tabelas

Recursos gráficos e acabamento: Título composto em tipos sem serifa, em caixa alta

Obs.: Edição não apresenta anúncios



263 TÍTULO: Argos		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 21 abril de 1872, ano 3 num. 77, semanal, aos domingos
Autor/responsável: J. M. de Ferraz, editor			
OFICINA: Typographia Liberal			
Endereço: Praça da Imperatriz			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.:			



268 TÍTULO: Commercio do Amazonas	Subtítulo:
--	-------------------

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal diário	Data: 27abril 1872, ano3 n.208, diário
Autor/responsável: Gregorio Joze de Moraes, proprietário e editor			
OFICINA: Typ do Commercio do Amazonas			
Endereço: Rua Henrique Martins, casa n.5			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 4*	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamento	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Há o emprego de vários tipos e em tamanhos variados nos anúncios			

Obs.: *nos anúncios há variação nas colunas. Mudança de padrão gráfico do jornal. Há um anúncio da venda de uma typographia com “prelo pequeno para imprimir um jornal do tamanho de uma folha de papel, e com typos sufficientes para 3 folhas de impressão, quem a quizer comprar dirija-se ao proprietário deste jornal”



180 TÍTULO: Amazonas		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 4set. 1872, ano7 num.465, duas vezes na semana
Autor/responsável: Antonio da Cunha Mendes & Filhos			
OFICINA:			
Endereço: Rua da Palma, canto da travessa da União, ao Aterro			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamentais	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: Em anúncio de "Sinete a tymbre secco e letreiros em chapas", é dito que Paulo, francês, abre sinetes á tymbre secco, tambem prepara letras em chapa de zinco, ou de qualquer material, proprias para uso do commercio [...] que podem ser em todos os gostos de variedades de typo [...]. Poema com o titulo de "Conto", não assinado, sobre o encontro de uma filha de livreiro e de um impressor.

AMAZONAS

Publicação de 1872

Proprietario: MENDES & FILHO

Redação: Rua da Palma, 10

Impressão: Typographia do Diário do Amazonas de Mendes & Filho

AMAZONAS

Em 1872, no dia 15 de Janeiro, o Sr. M. Mendes & Filho, proprietário do presente jornal, teve a honra de receber a visita de Sr. Paulo, francês, que lhe apresentou um sinete a tymbre secco, e lhe mostrou as letras em chapa de zinco, e de qualquer material, proprias para uso do commercio, que podem ser em todos os gostos de variedades de typo, e lhe mostrou o titulo de "Conto", não assinado, sobre o encontro de uma filha de livreiro e de um impressor.

AMAZONAS

Publicação de 1872

Proprietario: MENDES & FILHO

Redação: Rua da Palma, 10

Impressão: Typographia do Diário do Amazonas de Mendes & Filho

AMAZONAS

Em 1872, no dia 15 de Janeiro, o Sr. M. Mendes & Filho, proprietário do presente jornal, teve a honra de receber a visita de Sr. Paulo, francês, que lhe apresentou um sinete a tymbre secco, e lhe mostrou as letras em chapa de zinco, e de qualquer material, proprias para uso do commercio, que podem ser em todos os gostos de variedades de typo, e lhe mostrou o titulo de "Conto", não assinado, sobre o encontro de uma filha de livreiro e de um impressor.

AMAZONAS

Publicação de 1872

Proprietario: MENDES & FILHO

Redação: Rua da Palma, 10

Impressão: Typographia do Diário do Amazonas de Mendes & Filho

AMAZONAS

Em 1872, no dia 15 de Janeiro, o Sr. M. Mendes & Filho, proprietário do presente jornal, teve a honra de receber a visita de Sr. Paulo, francês, que lhe apresentou um sinete a tymbre secco, e lhe mostrou as letras em chapa de zinco, e de qualquer material, proprias para uso do commercio, que podem ser em todos os gostos de variedades de typo, e lhe mostrou o titulo de "Conto", não assinado, sobre o encontro de uma filha de livreiro e de um impressor.

264 TÍTULO: Boletim Oficial		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 18dez 1872, ano1 num.1, indeterminado
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia do Diário do Amazonas de Mendes & Filho			
Endereço: Rua da Palma canto da travessa da União, ao Atterro			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 2	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.: Em nota diz que esse primeiro número foi distribuído indistintamente, mas informa que a distribuição oficial é feita pela secretaria do governo. Todos os avisos de repartições publicas, editaes ou expedientes, devem ser endereçados Boletim Oficial			

222 | TÍTULO: Regulamento N. 25 de 16 de março de 1872 Subtítulo: reformando a Instrução Publica da Provincia do Amazonas

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1872
--------------------	------------	----------------------	------------

Autor/responsável:

OFICINA: Typ. do "Commercio do Amazonas"

Endereço: Rua de Henrique Martins casa n.

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade: regular
--------------------------------	--------------------

Profissionais:

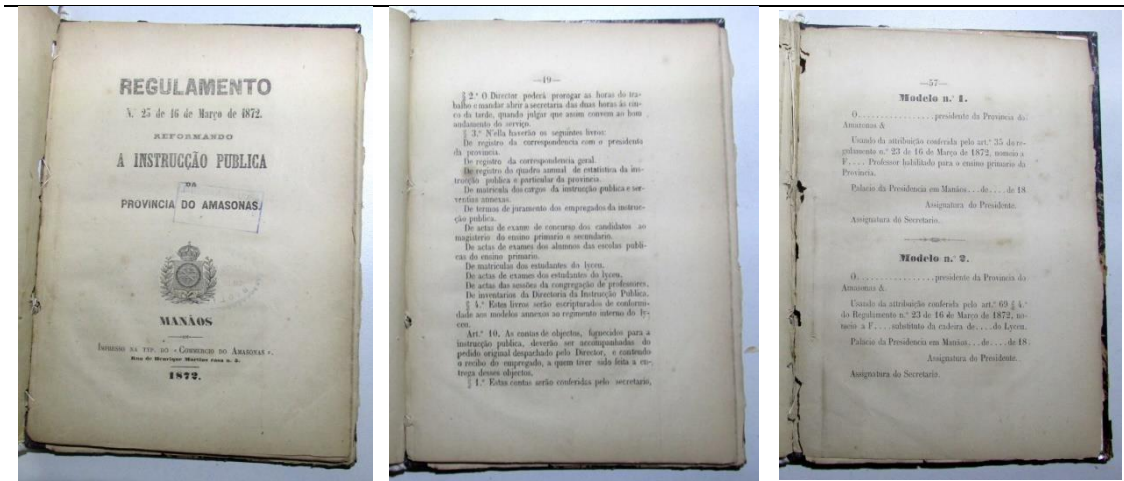
TAMANHO: 15,2 x 20,6 cm	Páginas: 58	Colunas: 1
-------------------------	-------------	------------

Cor: preto	Vinhetas: brasão	Fios: sim
------------	------------------	-----------

Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não
-----------------	-----------------	-----------------------

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.:



285 | TÍTULO: Futuro

Subtítulo: Periodico Litterario, Noticioso e Critico

Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: jornal	Data: 14 abril 1873, anno1 num.1, semanal, às segundas
-------------------	-------------	--------------	--

Autor/responsável: Redigido por uma associação

OFICINA: Typ. do Amazonas

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:
--------------------------------	------------

Profissionais:

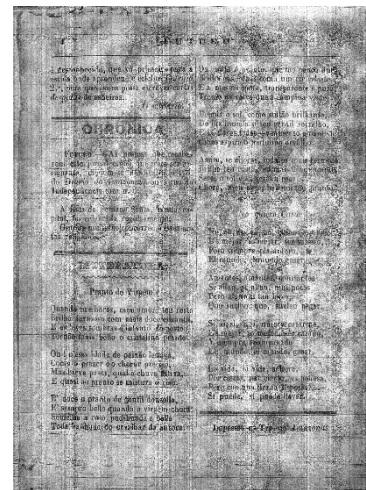
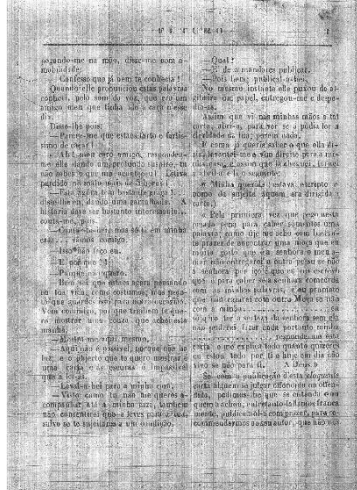
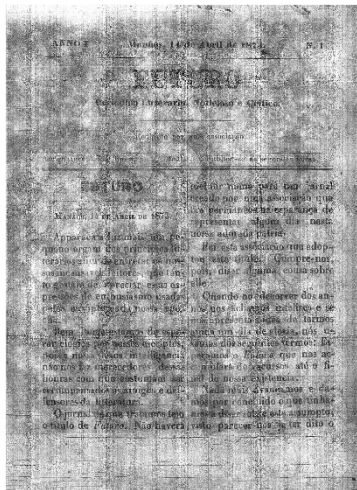
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 2
----------	------------	------------

Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim, bigode
------------	---------------	-------------------

Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não
-----------------	-----------------	-----------------------

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: Em nota pede às pessoas que receberam o jornal e não queiram assiná-lo que o devolva na Typ do Diário do Amazonas ou a rua da Independencia casa n. 6. No pé da quarta página indica que foi Impresso na Typ. do Amazonas.



31 | TÍTULO: Boletim Oficial Subtítulo:

Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: Jornal	Data: 1 maio 1873, ano1 n.33, em dias indeterminados
-------------------	-------------	--------------	--

Autor/responsável: Mendes e Filho

OFICINA: Typographia do Diario do Amazonas

Endereço: Rua da Palma canto travessa da União, no Atterro

Tipo de impressão: tipográfica Qualidade:

Profissionais:

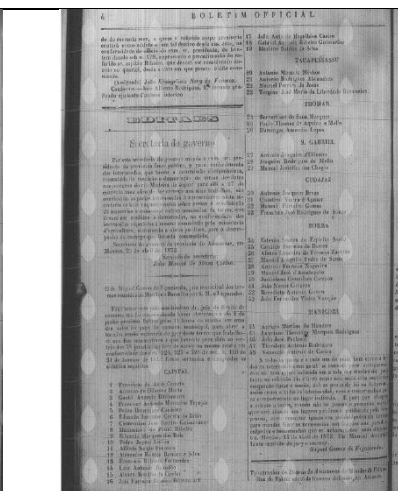
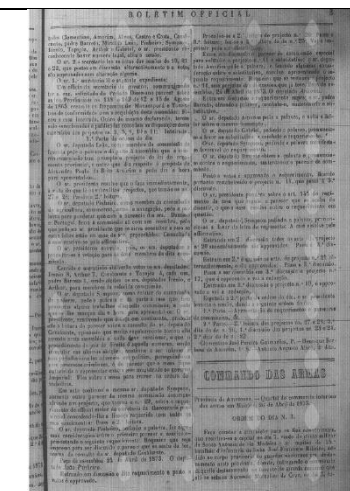
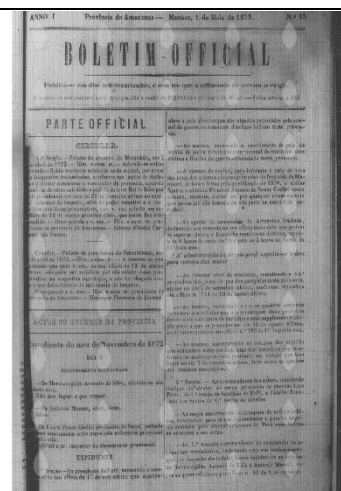
TAMANHO: Páginas: 4 Colunas: 2

Cor: preto Vinhetas: não Fios: sim

Ilustração: não Fotografia: não Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.:



284 | TÍTULO: Diario do Amazonas Subtítulo:

Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: jornal	Data: 11 nov. 1873, ano8 num.91, diário
-------------------	-------------	--------------	---

Autor/responsável: proprietário e impressor José Carneiro dos Santos

OFICINA: Typ. do Diario do Amazonas

Endereço: Rua da Palma

Tipo de impressão: tipográfica

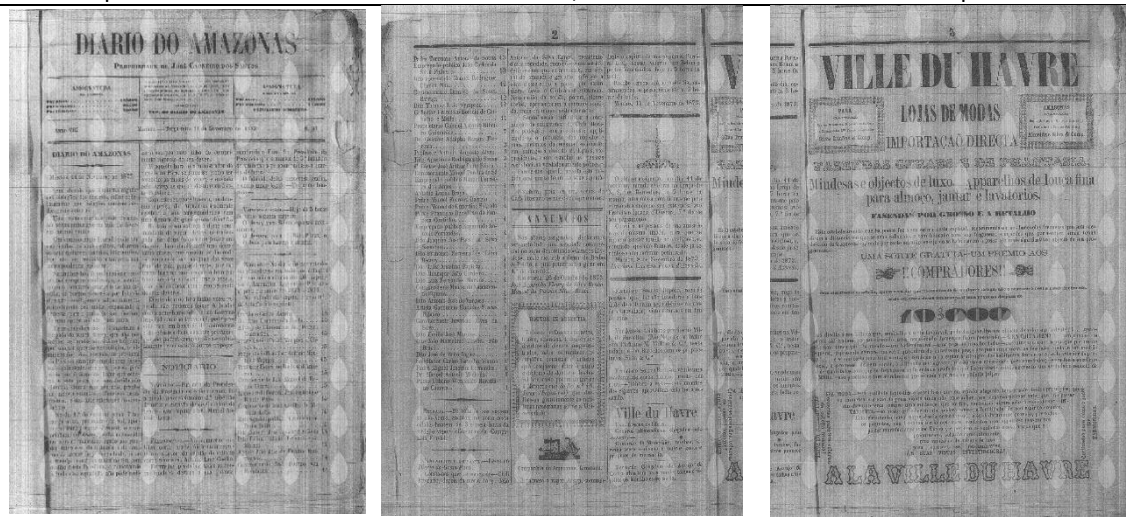
Qualidade:

Profissionais:

TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3
Cor: preto	Vinhetas: sim, figurativa e ornamento	Fios: sim, bigode
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: Dois Anúncios de página inteira de Ville du Havre, loja de modas com importação direta de produtos estrangeiros, com loja em Belém e em Manaus. O segundo, na quarta página trans uma composição inventiva com o nome da loja composto em tipos toscanos em corpo grande e os produtos são compostos em diversos blocos de texto e linhas, incluindo no centro com forma de perfume.



83 | TÍTULO: A Corveta Diana*

Subtítulo: Romance marítimo original brasileiro de A. von Hoonholtz

Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: edição particular	Data: 1873
--------------------	--------------	-------------------------	------------

Autor/responsável:

OFICINA: Typographia do Commercio do Amazonas

Endereço: Rua de Henrique Martins, 5

Tipo de impressão: tipográfica

Qualidade: regular

Profissionais:

TAMANHO: 21 x 13,5 cm	Páginas: 120	Colunas: 1
Cor: preto	Vinhetas: poucas	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: A tiragem do livro é de 50 exemplares. *quando consultei esse livro na Biblioteca Brasileira da Usp havia uma ficha manuscrita [talvez de Rubens Borba] indicando que esta seria a terceira edição/tiragem do livro, no texto o autor diz que escreveu o texto há 9 anos

139 | TÍTULO: Regulamento N. 25 de 8 de fevereiro de 1875 Reformando o Estabelecimento dos Educandos Artífices da Provincia do Amazonas Subtítulo:

Artefato: original Acervo: AN Tipo: folheto oficial Data: 1873

Autor/responsável:

OFICINA: Typ. do Commercio do Amazonas / Typ. de Gregorio José Moraes*

Endereço: Rua de Henrique Martins, 5

Tipo de impressão: tipográfica Qualidade: regular

Profissionais:

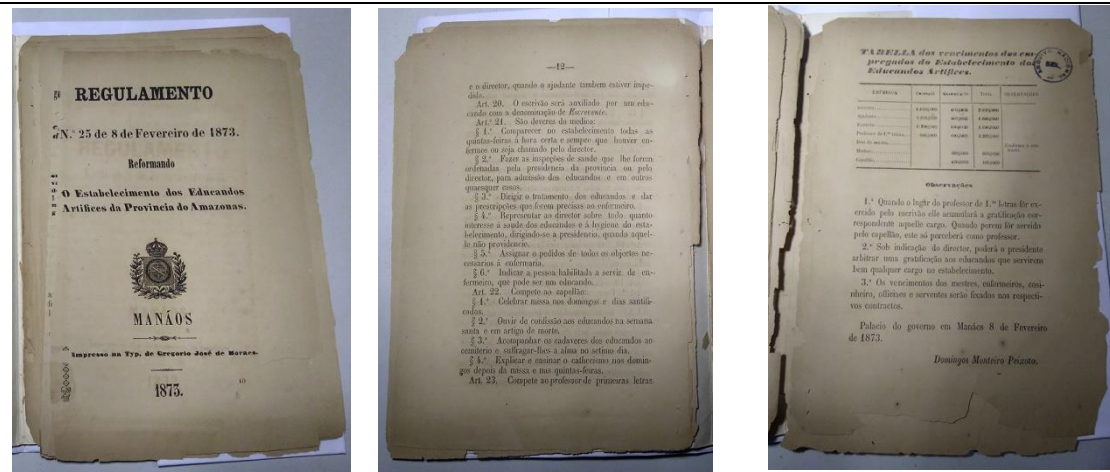
TAMANHO: 14,2 x 20,1 cm Páginas: 28 Colunas: 1

Cor: preto Vinhetas: sim, brasão imperial Fios: não

Ilustração: não Fotografia: não Tabelas/gráficos: tabela

Recursos gráficos e acabamento: Uso de cercadura na capa

Obs.: *Indica a Typ. de duas maneiras diferentes, na capa e na folha de rosto



181 | TÍTULO: Almanack Administrativo da Provincia do Amasonas para o anno de 1874 Subtítulo:

Artefato: original Acervo: BMA Tipo: almanaque Data: 1873

Autor/responsável:

OFICINA: Typ. do Commercio do Amazonas

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica Qualidade: regular

Profissionais:

TAMANHO: Páginas: 151 Colunas: 1

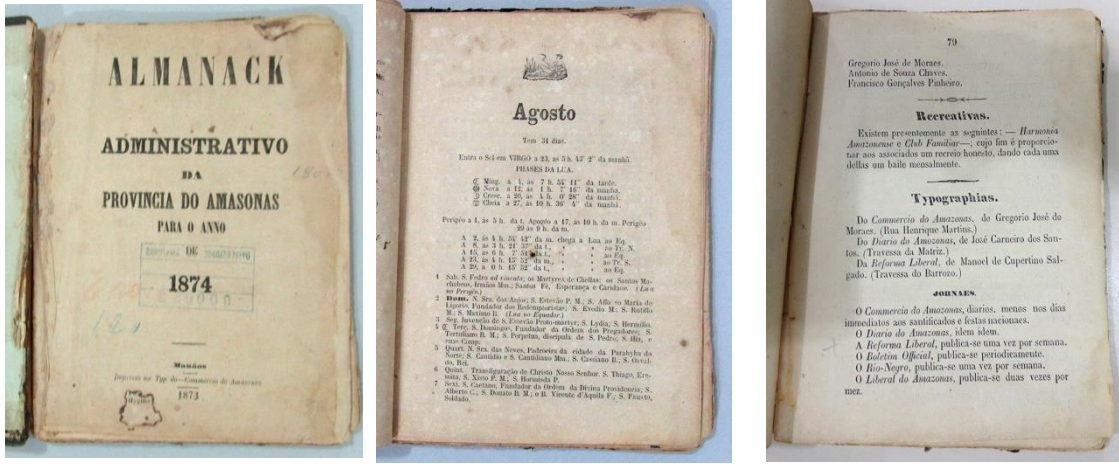
Cor: preto Vinhetas: sim, ornamentais e figurativas Fios: sim

Ilustração: não Fotografia: não Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento:

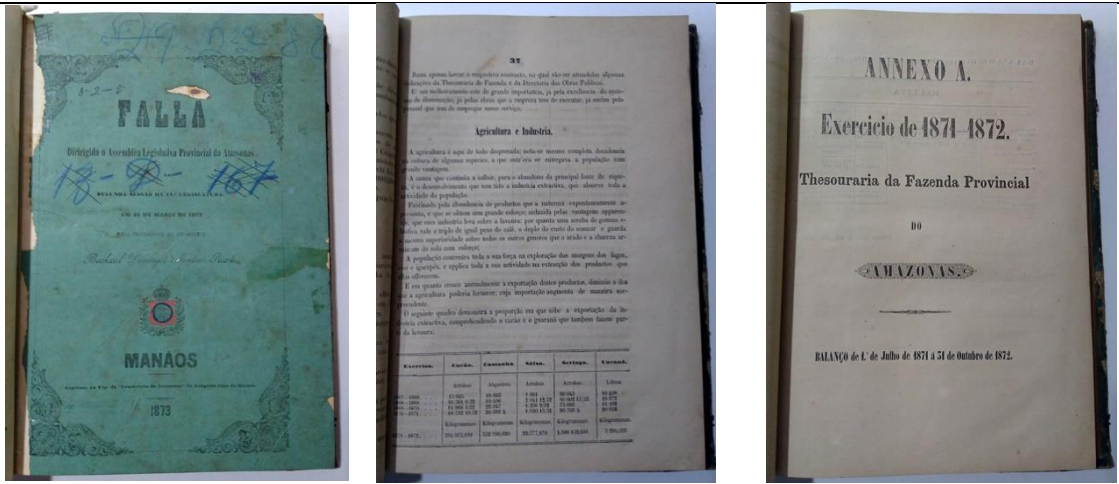
Obs.: Na seção Typographias indica 3 estabelecimentos: 1. Commercio do Amazonas Gregorio José de Moraes Rua Henrique Martins; 2. Diario do Amazonas, José Carneiro dos Santos Travessa da Matriz; 3. Reforma Liberal Manoel Cupe rtino Salgado Travessa do Barroso. E lista seis periódicos: Commercio do

Amazonas, Diário do Amazonas, Reforma Liberal, Boletim Oficial, Rio-Negro, Liberal do Amazonas. Também lista um professor de Desenho do Ensino Secundário, Dr. Gustavo Adolpho Ramos Ferreira.



190 TÍTULO: Falla dirigida á Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas...		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1873
Autor/responsável: Bacharel Domingos Monteiro Peixoto			
OFICINA: Typ. do “Comercio do Amazonas” de Gregorio Joze de Moraes			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 18,6 x 27,2 cm	Páginas: 48+*	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamental e figurativa: brasão,	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Tabelas em páginas desdobradas			

Obs.: *Há vários anexos com numeração não sequencial, incluindo tabelas. Obra encadernada junto a outras. Há uma tabela indicando a renda do Estabelecimento dos Educandos advinda do trabalho de suas oficinas, incluindo a de encadernação.



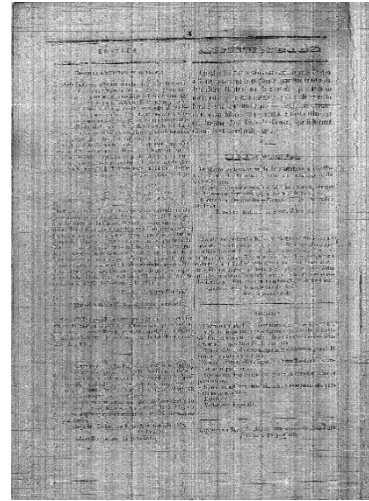
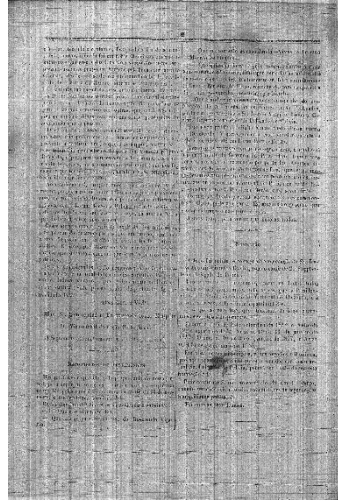
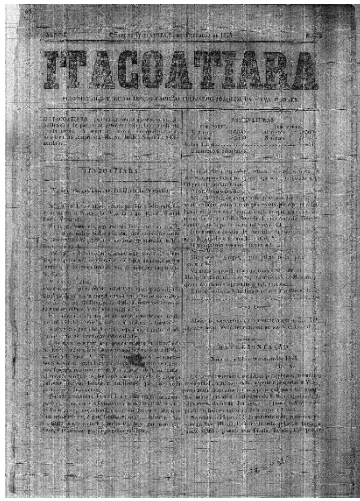
269 TÍTULO: Commercio do Amazonas	Subtítulo:
--	-------------------

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal diário	Data: 16jan 1874, ano V n.125, diário
Autor/responsável: Gregorio José de Moraes, proprietário e editor			
OFICINA: Typ do Commercio do Amazonas			
Endereço: Rua Henrique Martins, casa n.5			
Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:		
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: sim, figurativa	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Há anúncios com clichês ilustrativos			

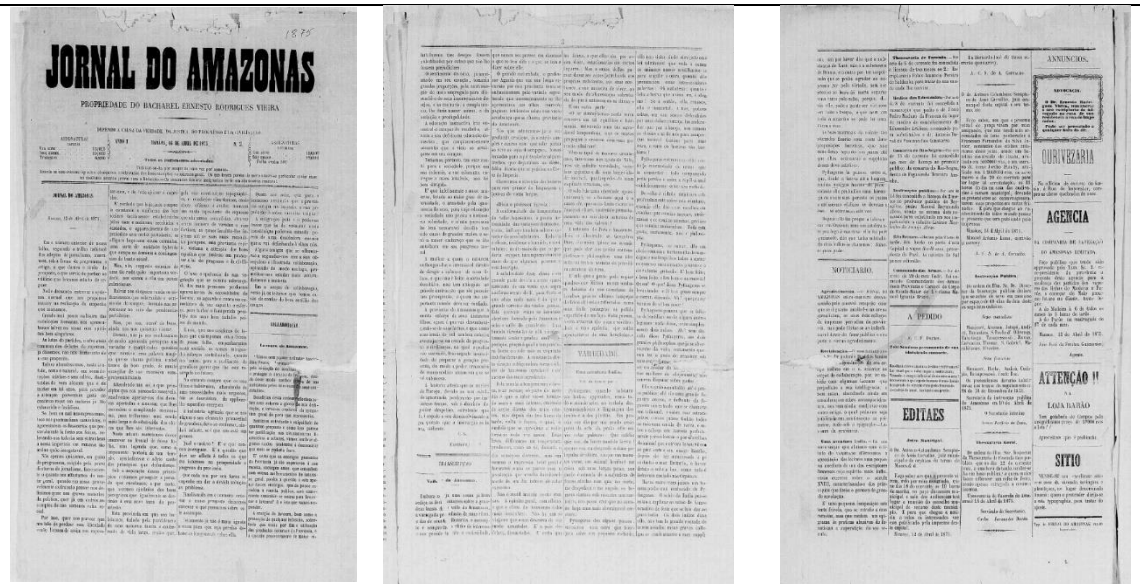
Obs.: Mudança de padrão gráfico do jornal. Há um anúncio de venda de Folinhas e Almanak para 1874 na casa comercial de Hemenegildo de Souza Barboza. Outro de venda de Paleographos [edições para aprender escrever e ler] de Joaquim P.C. Freitas na typ. do jornal



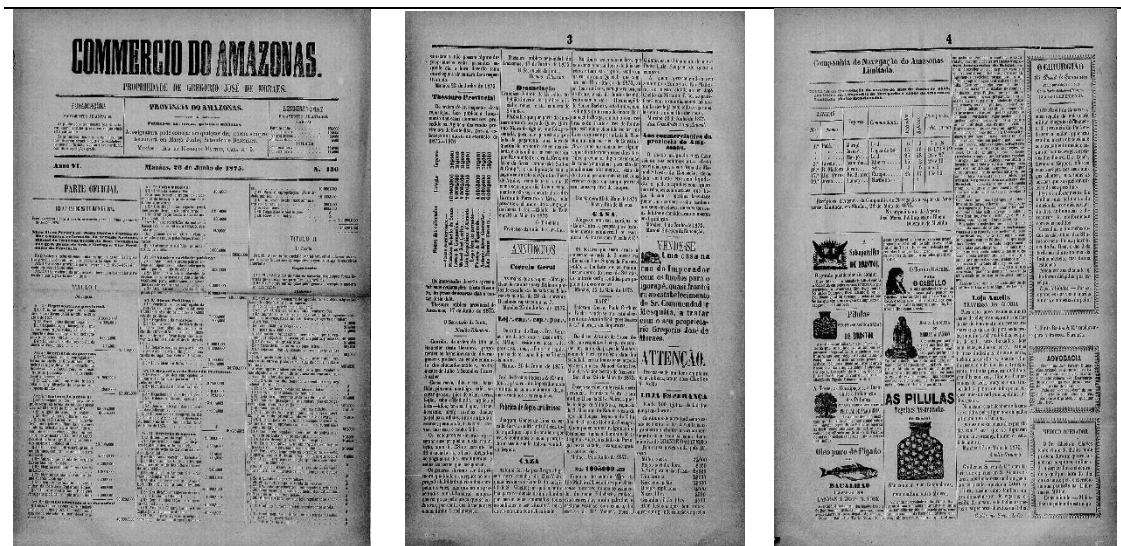
286 TÍTULO: Itacoatiara	Subtítulo:		
Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: jornal	Data: 21 dez. 1874, anno1
Autor/responsável: proprietário e redactor Capitão Felisardo Joaquim da Silva Moraes			
OFICINA: Typ. do Itacoatiara			
Endereço: Rua da Boa Vista			
Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:		
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 2	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim, bigode	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.: o número da edição está ilegível.			



32 TÍTULO: Jornal do Amazonas		Subtítulo: defende a causa da verdade, da justiça, do progresso e da civilização	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: Jornal	Data: 16 abr. 1875 ano1, n.2, uma vez por semana
Autor/responsável: Bacharel Ernesto Rodrigues Vieira, proprietário			
OFICINA: Typ. do Jornal do Amazonas			
Endereço: Rua do Imperador			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 4	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: título do periódico em tipos de serifa quadrada extra bold			
Obs.:			



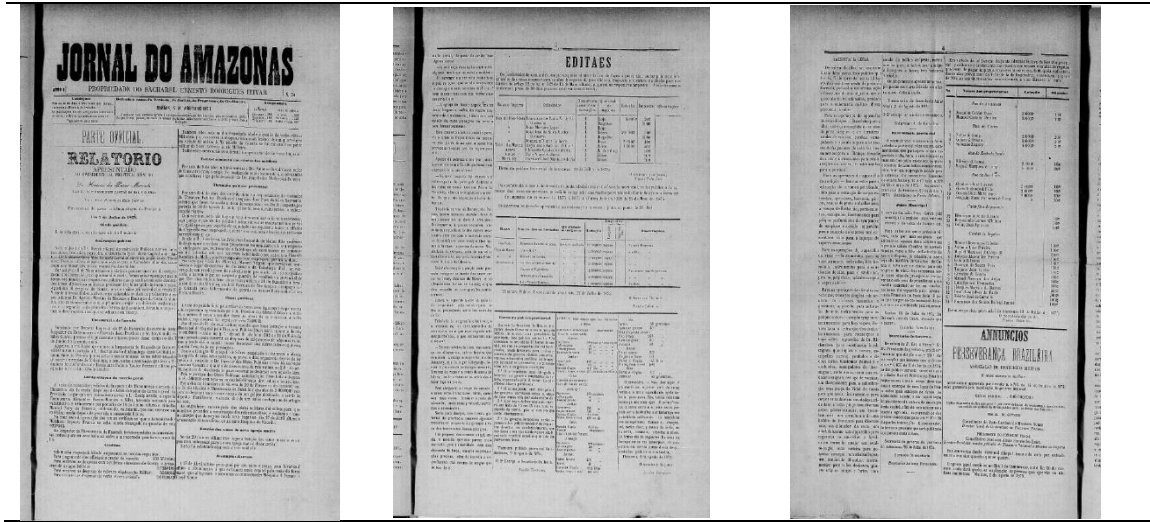
270 TÍTULO: Commercio do Amazonas		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 26jun 1875, ano VI n.136, 3 vezes na semana
Autor/responsável: Gregorio José de Moraes, proprietário			
OFICINA: Typ do Commercio do Amazonas			
Endereço: Rua Henrique Martins, casa n.5			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: variável [3/4]	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamento e figurativa	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Há anúncios de medicamentos com clichês ilustrativos			
Obs.: Mudança de padrão gráfico do jornal. O jornal passa a ser publicado terça, quinta e sábado.			



34 TÍTULO: Jornal do Amazonas		Subtítulo: Defende a causa da Verdade, da Justiça, do Progresso e da Civilização	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: Jornal	Data: 6 ago 1875, ano I n24, duas a três vezes por semana
Autor/responsável: Bacharel Ernesto Rodrigues Vieira, proprietário			
OFICINA: -			
Endereço: -			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: variável [2/3/4]	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	

Recursos gráficos e acabamento: título do periódico em tipos de serifa quadrada extra bold

Obs.:



191 | TÍTULO: *Falla dirigida á Assembleia Legislativa Provincial do Amasonas na segunda sessão da 12.a legislatura... Acompanhado do Relatorio com que no dia 16 de março dr 1875..* Subtítulo:

Artefato: original | Acervo: AN | Tipo: edição oficial | Data: 1875

Autor/responsável: Nuno Alves Pereira de Mello Cardoso

OFICINA: Typ. do "Commercio do Amazonas"

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica | Qualidade: irregular

Profissionais:

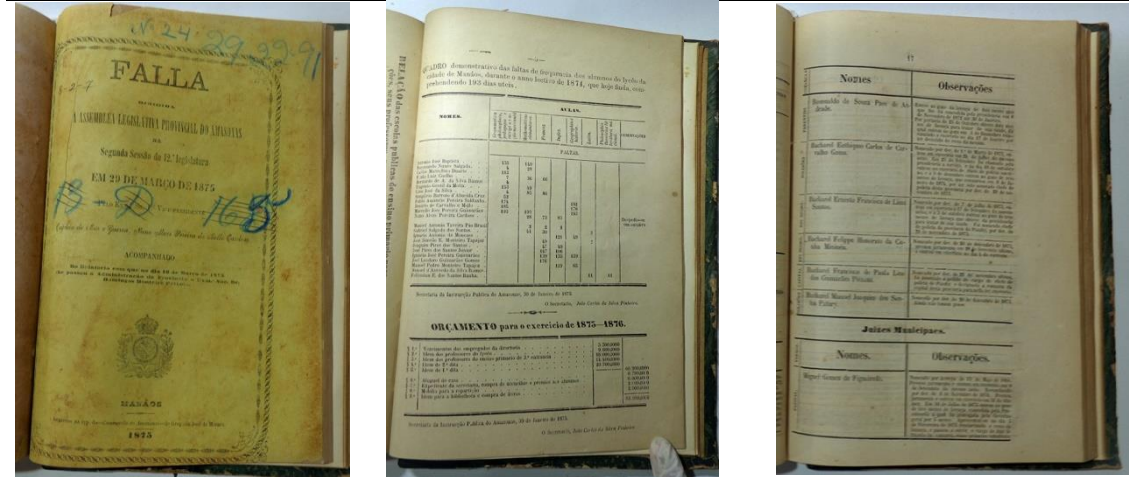
TAMANHO: 18,6 x 27,2 cm | Páginas:8+* | Colunas: 1

Cor: preto | Vinhetas: sim, ornamentais e figurativa: brasão | Fios: sim

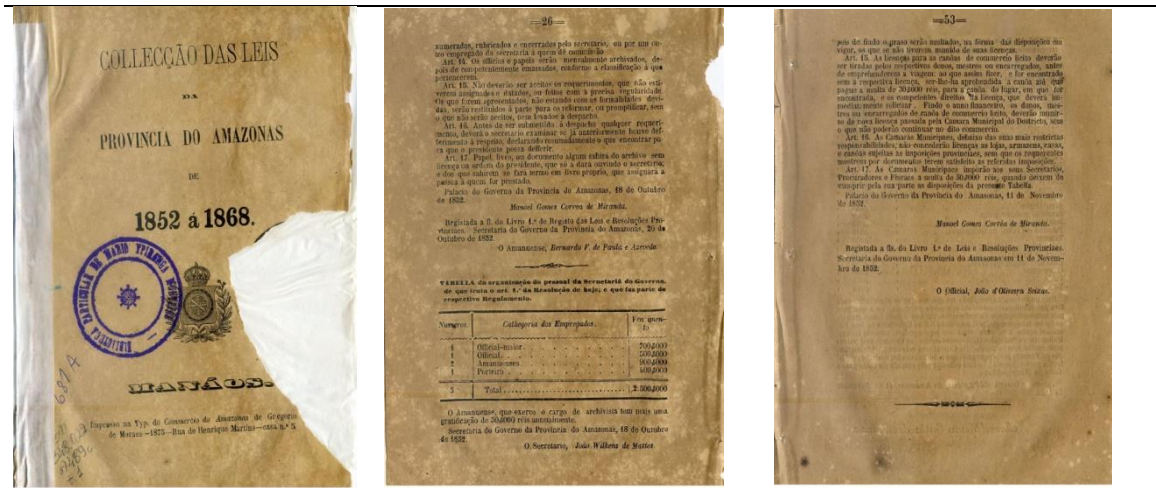
Ilustração: não | Fotografia: não | Tabelas/gráficos: tabelas

Recursos gráficos e acabamento: Capa em papel de cor amarelada

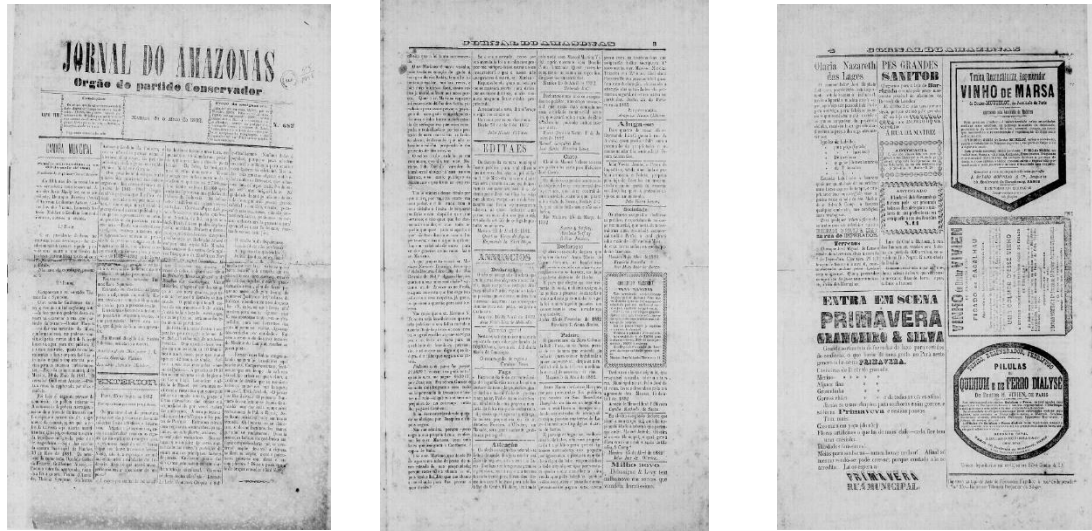
Obs.: *Há vários anexos, com textos e tabelas, em páginas não numeradas. Obra encadernada junto a outras.



208 TÍTULO: Collecção das Leis da Provincia do Amazonas de 1852 a 1868		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: edição oficial	Data: 1875
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. do Commercio do Amazonas de Gregorio			
Endereço: Rua Henrique Martins,5			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 54	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamento	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.:			



35 TÍTULO: Jornal do Amazonas		Subtítulo: Defende a causa da Verdade, da Justiça, do Progresso e da Civilização	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: Jornal	Data: 3 jan 1876, ano1 n.66, duas a três vezes por semana
Autor/responsável: Bacharel Ernesto Rodrigues Vieira, proprietário			
OFICINA: -			
Endereço: -			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais: A. Jeremias de Aragão, editor responsável. Raymundo P. S. Lobo, administrador			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 5	
Cor: preto	Vinhetas: 1 brasão	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: título do periódico em tipos de serifa quadrada extra bold			
Obs.:			



7 | TÍTULO: Revista do Amazonas

Subtítulo: publicação mensal sobre exploração de rios, catechese e civilização de índios, colonização, agricultura, industria &

Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: revista	Data: 5 abril 1876, ano 1, num. 1.
--------------------	--------------	---------------	------------------------------------

Autor/responsável:

OFICINA: Typ. do Commercio do Amazonas

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica

Qualidade: regular

Profissionais: Gregório J. de Moraes, proprietário

TAMANHO: 166 x 267 mm

Páginas: 16

Colunas: 1

Cor: preto

Vinhetas: não

Fios: não

Ilustração: não

Fotografia: não

Tabelas/gráficos: tabela

Recursos gráficos e acabamento: uso amplas margens, de cercadura na capa e folha de rosto, e tem a capa impressa em papel azul.

Obs.: Publicação de tom crítico e acadêmico. Nesse primeiro número diz qual é o seu programa e na contracapa há uma tabela com a população de 1872.

8 | TÍTULO: Revista do Amazonas

Subtítulo: publicação mensal sobre exploração de rios, catechese e civilização de índios, colonização, agricultura, industria &

Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: revista	Data: 5 maio 1876, ano 1, num. 2.
--------------------	--------------	---------------	-----------------------------------

Autor/responsável:

OFICINA: Typ. do Commercio do Amazonas

Endereço: Rua de Henrique Martins, n. 5.

Tipo de impressão: tipográfica

Qualidade: regular

Profissionais: Gregório J. de Moraes, proprietário

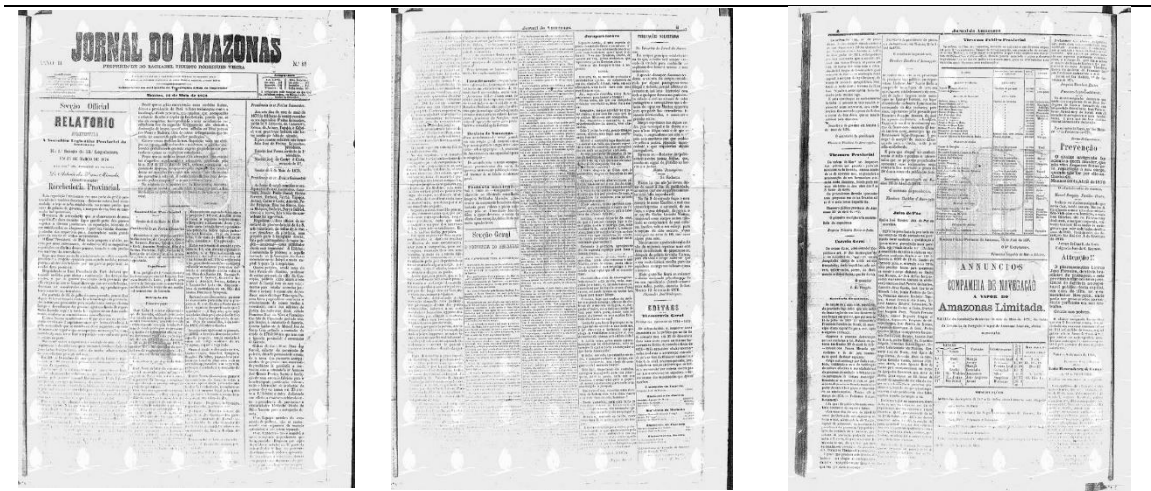
TAMANHO: 166 x 267 mm

Páginas: 16

Colunas: 1

Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: não
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não
Recursos gráficos e acabamento: uso de cercadura na capa e folha de rosto, capa impressa em papel azul.		
OBS.: Contracapa com tabela de passagens		

33 TÍTULO: Jornal do Amazonas		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: Jornal	Data: 14 maio 1876 ano2, n.97,
Autor/responsável: Bacharel Ernesto Rodrigues Vieira, proprietário			
OFICINA:			
Endereço: Rua do Imperador			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 5 / variável	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabela	
Recursos gráficos e acabamento: título do periódico em tipos de serifa quadrada extra bold			
Obs.: Exemplar foi pessimamente digitalizado, inviabilizando a leitura.			



9 TÍTULO: Revista do Amazonas		Subtítulo: publicação mensal sobre exploração de rios, catechese e civilização de índios, colonização, agricultura, industria &	
Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: revista	Data: 5 jun. 1876, ano 1, num. 3
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. do Commercio do Amazonas			
Endereço: Rua de Henrique Martins, n. 5.			
Tipo de impressão: tipografia		Qualidade: regular	
Profissionais: Gregório J. de Moraes, proprietário			

TAMANHO: 166 x 267 mm	Páginas: 16	Colunas: 1
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: não
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não
Recursos gráficos e acabamento: uso de cercadura na capa e folha de rosto, capa impressa em papel comum, sem cor.		
OBS.:		

10 | TÍTULO: Revista do Amazonas

Subtítulo: publicação mensal sobre exploração de rios, catechese e civilização de índios, colonização, agricultura, indústria &

Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: revista	Data: 5 jul. 1876, ano 1, num. 4
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. do Commercio do Amazonas			
Endereço: Rua de Henrique Martins, n. 5.			
Tipo de impressão: tipografia		Qualidade: regular	
Profissionais: Gregório J. de Moraes, proprietário			
TAMANHO: 166 x 267 mm	Páginas: 16	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: não	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: uso de cercadura na capa e folha de rosto, capa impressa em papel azul.			
OBS.: Contracapa com anúncio da typ. do Commercio do Amazonas			

11 | TÍTULO: Revista do Amazonas

Subtítulo: publicação mensal sobre exploração de rios, catechese e civilização de índios, colonização, agricultura, indústria &

Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: revista	Data: 12 ago. 1876, ano 1, num. 5
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. do Commercio do Amazonas			
Endereço: Rua de Henrique Martins, n. 5.			
Tipo de impressão: tipografia		Qualidade: regular	
Profissionais: Gregório J. de Moraes, proprietário			
TAMANHO: 166 x 267 mm	Páginas: 16	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: não	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: capa impressa em papel colorido; uso de cercadura na capa e folha de rosto, capa impressa em papel azul.			
OBS.:			

12 | TÍTULO: Revista do Amazonas

Subtítulo: publicação mensal sobre exploração de rios, catechese e civilização de índios, colonização, agricultura, indústria &

Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: revista	Data: 5 set. 1876, ano 1, num. 6
--------------------	--------------	---------------	----------------------------------

Autor/responsável:

OFICINA: Typ. do Commercio do Amazonas

Endereço: Rua de Henrique Martins, n. 5.

Tipo de impressão: tipografia	Qualidade: regular
-------------------------------	--------------------

Profissionais: Gregório J. de Moraes, proprietário

TAMANHO: 166 x 267 mm	Páginas: 16	Colunas: 1
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: não
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento: capa impressa em papel colorido; uso de cercadura na capa e folha de rosto, capa impressa em papel azul.

OBS.:

135 | TÍTULO: Correio do Norte

Subtítulo: Jornal dedicado aos interesses da Provincia do Amazonas

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 21 jun. 1877, ano 1 num. 2, duas vezes na semana
-------------------	-------------	--------------	--

Autor/responsável: Proprietario-diretor: Bernardo Truão

OFICINA: Typ. do Correio do Norte

Endereço: Rua do Imperador

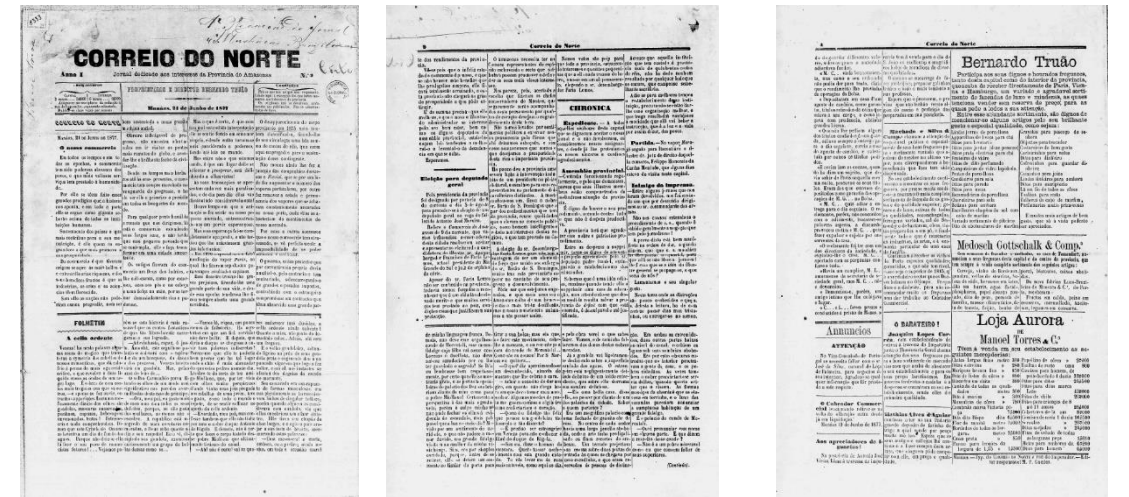
Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:
--------------------------------	------------

Profissionais: M. P. Guedes, Editor responsável

TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 4
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.:



36 | TÍTULO: Jornal do Amazonas Subtítulo: Órgão do partido Conservador

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: Jornal	Data: 14 dez 1877, ano3 num 217
-------------------	-------------	--------------	---------------------------------

Autor/responsável: Capitão Domingos Alves Pereira de Queiros, proprietário

OFICINA: -

Endereço: Typographia a Rua das Flores

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:
--------------------------------	------------

Profissionais:

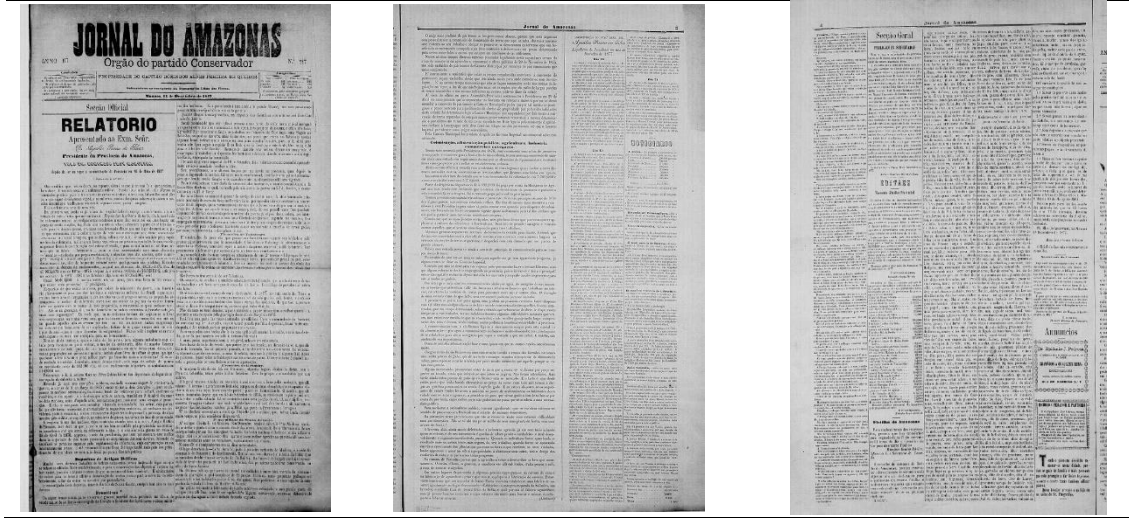
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: variável [2/3/5]
----------	------------	---------------------------

Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim
------------	---------------	-----------

Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não
-----------------	-----------------	-----------------------

Recursos gráficos e acabamento: título do periódico composto em tipos de serifa quadrada extra bold, uso de cercaduras e capitular em anúncio

Obs.: Mudança de endereço, proprietário e orientação editorial.

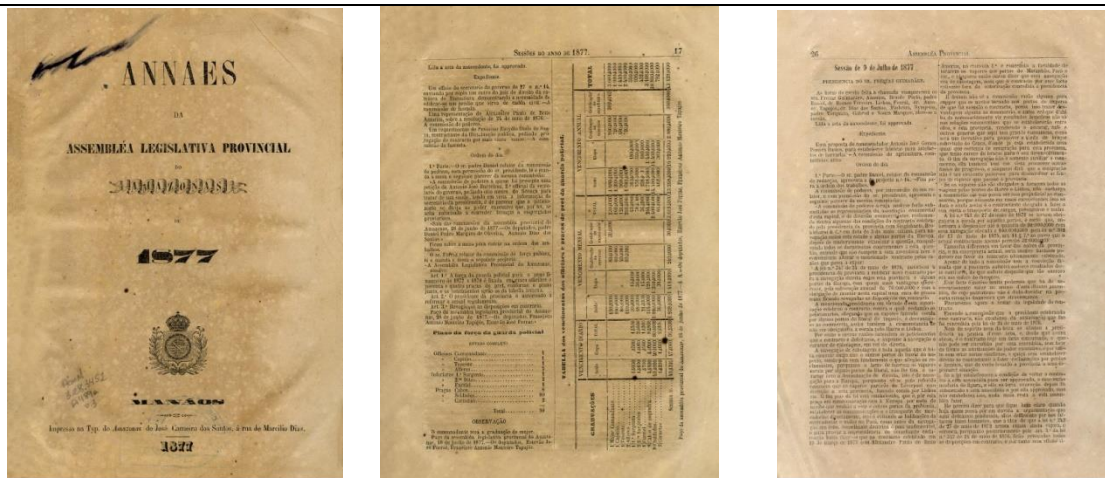


54 | TÍTULO: Resposta aos Defractores do Tenente coronel João José de Freitas Guimaraes Subtítulo:

Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: folheto	Data: 1877
--------------------	--------------	---------------	------------

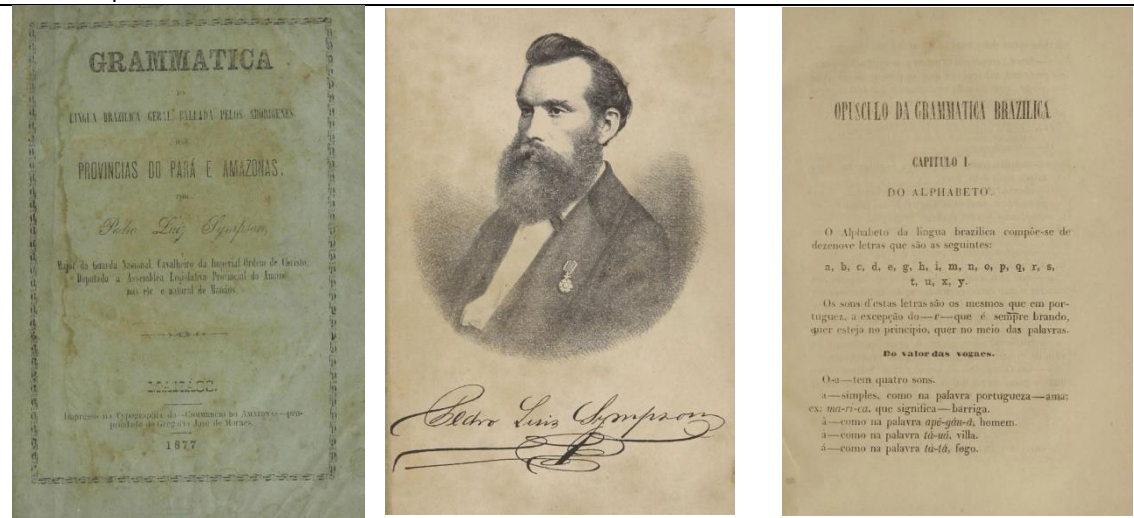
Autor/responsável:		
OFICINA: Typ. do Jornal do Amazonas		
Endereço: Manaus		
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular
Profissionais:		
TAMANHO: 129 x 189 mm	Páginas: 24	Colunas: 1
Cor: preto	Vinhetas: única	Fios: não
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não
Recursos gráficos e acabamento:		
Obs.: Edição sem capa, com folha de rosto composta em diversos tipos e estilos de forma centralizada. Edição encadernada junto a outras em um só volume.		

75 TÍTULO: Annaes da Assembléa Legislativa Provincial Subtítulo: do Amazonas de 1877			
Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: Folheto oficial	Data: 1877
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. do Amazonas			
Endereço: Rua de Marcilio Dias			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais: José Carneiro dos Santos, proprietário			
TAMANHO:	Páginas: 40	Colunas: 2	
Cor: preto	Vinhetas: brasão imperial	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.:			



14 TÍTULO: Grammatica da Lingua Brazilica Geral Fallado Subtítulo: pelos aborigenes das provincias do Pará e Amazonas			
Artefato: digital	Acervo: BUSP	Tipo: edição	Data: 1877

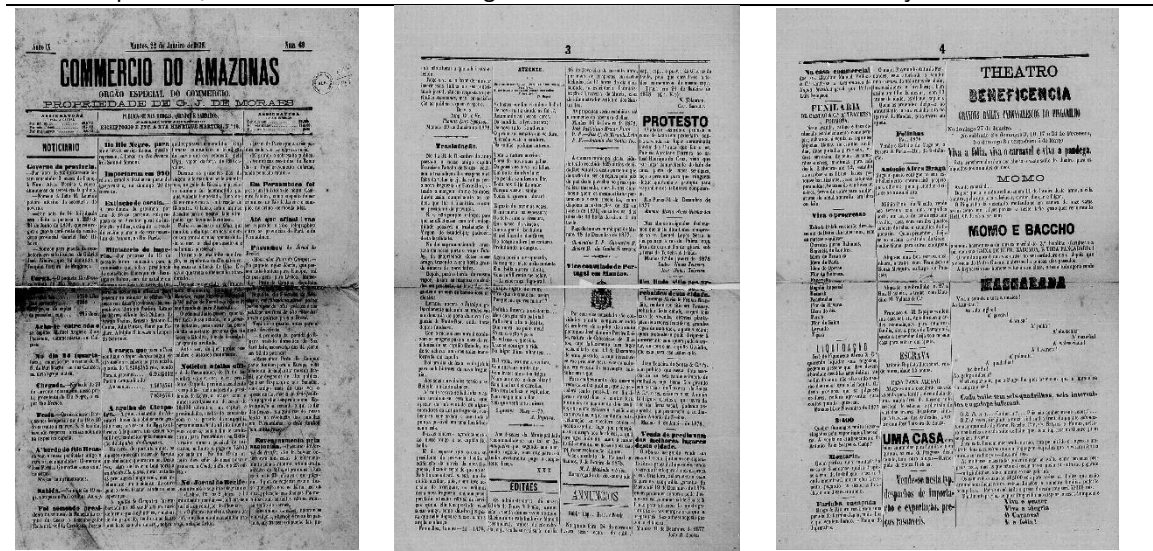
Autor/responsável: Pedro Luiz Sympson		
OFICINA: Typographia do Commercio do Amazonas		
Endereço:		
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:
Profissionais:		
TAMANHO:	Páginas: 112	Colunas: 1
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: não
Ilustração: não	Fotografia: sim*	Tabelas/gráficos: não
Recursos gráficos e acabamento: capa com cercadura e miolo com retrato do autor [gravura]		
Obs.: *Provavelmente uma gravura em metal ou lito, feita a partir de um retrato do autor. Tiragem assinada pelo autor.		



87 TÍTULO: O Amazonas seu commercio e navegação		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: edição	Data: 1877
Autor/responsável: Ajuricaba, pseudônimo			
OFICINA: Typ. do Commercio do Amazonas			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular	
Profissionais: Gregorio Jose de Moraes			
TAMANHO: 20 x 13,55 cm	Páginas: 80	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: não	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.: Ao final Corrigenda			

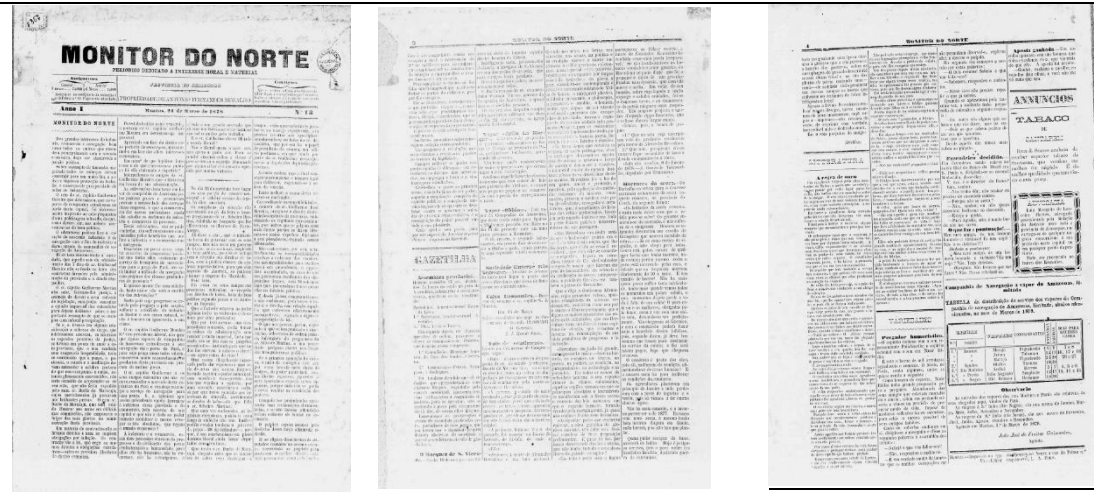
271 TÍTULO: Commercio do Amazonas	Subtítulo: Órgão Especial do Commercio
--	--

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 22jan 1878, anno IX n.69, 3 vezes na semana
Autor/responsável: G. J. de Moraes, proprietário			
OFICINA: Typ do Commercio do Amazonas			
Endereço: Rua Henrique Martins, n.12			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 4	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamento e brasão	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabela	
Recursos gráficos e acabamento: Há um grande anúncio com a programação do Theatro Beneficência, com o uso de vários tipos e uma composição mais solta			
Obs.: Mudança de padrão gráfico do jornal. Anúncio de venda da Grammatica da lingua brasilica, de Pedro Luiz Sympson pela Casa commercial dos srs. Claudino Manoel Vellozo & C.a. Anúncio de venda de Folhinhas para 1878 "Vende o Cabello de Fogo ou a Pereira & Faria. Rua da Instalação.			



136 TÍTULO: Monitor do Norte		Subtítulo: periodico dedicado a interesse moral e material	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 24 mar. 1878, ano1 num.13
Autor/responsável: Antonio Fernandes Bugalho, propietário			
OFICINA: Typ. do Monitor do Norte			
Endereço: Rua da Palma, 15			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 4	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabela	
Recursos gráficos e acabamento: Uso de cercadura em anúncio			

Obs.:



37 | TÍTULO: Jornal do Amazonas Subtítulo: Órgão do Partido Conservador

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: Jornal	Data: 7 abril 1878, anno3 num.233
-------------------	-------------	--------------	-----------------------------------

Autor/responsável:

OFICINA: Typographia de Antonio Fernandes Bugalho

Endereço: Rua da Palma, n. 15

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:
--------------------------------	------------

Profissionais:

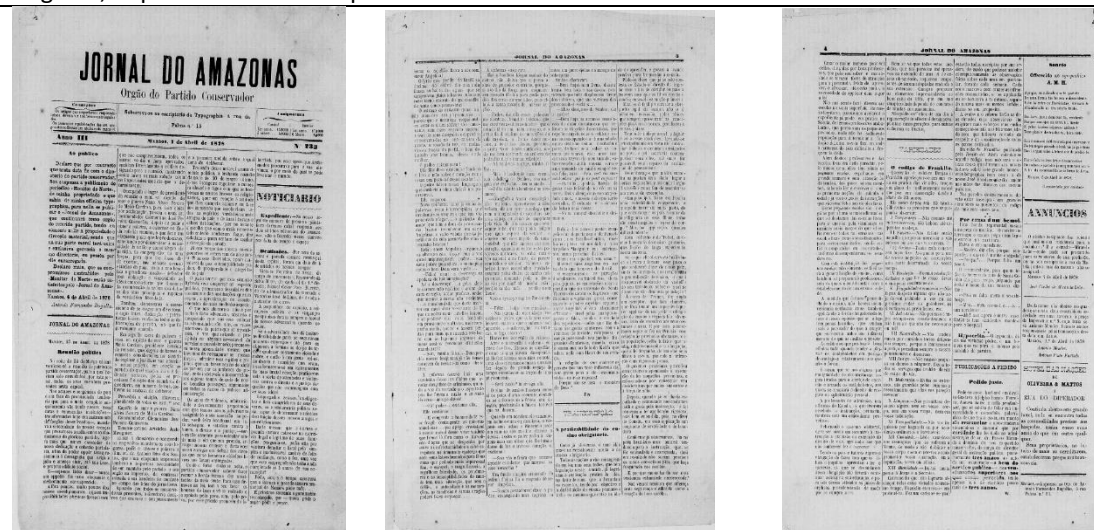
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 4
----------	------------	------------

Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim
------------	---------------	-----------

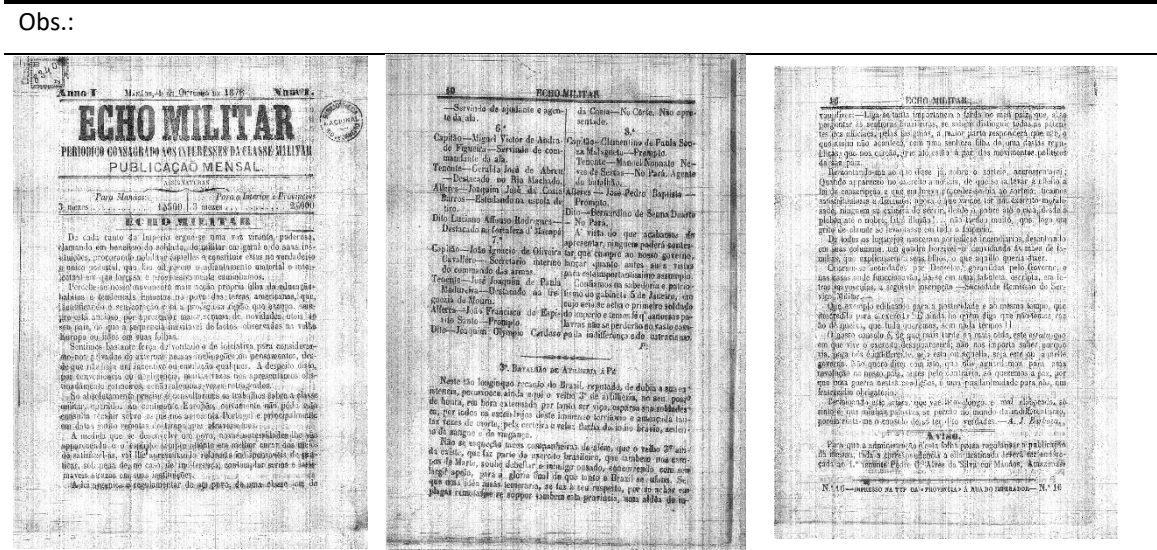
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não
-----------------	-----------------	-----------------------

Recursos gráficos e acabamento: título em tipos sem serifa, negrito e composto em caixa alta

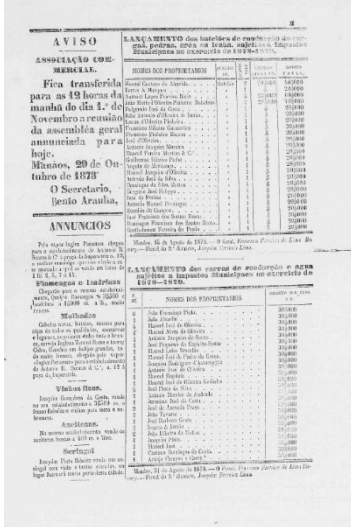
Obs.: Nota indicando que o periódico será publicado em outra officina typographica, de Antonio Bugalho, e que esta deixará de publicar o *Monitor do Norte*.



287 TÍTULO: Echo Militar		Subtítulo: Periodico consagrado aos interesses da classe militar	
Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: revista	Data: 1 out. 1878, anno1 num1, mensal
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. da Provincia			
Endereço: Rua do Imperador, n. 16			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 12	Colunas: 1 e 2, variável	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim, bigode	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			



97 TÍTULO: A Provincia		Subtítulo: Orgão das ideias democraticas e dos interesses do commercio	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 20 out. 1878, anno1 num.39, três vezes na semana
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. da Provincia			
Endereço: Rua do Imperador, casa n. 16. Manáos			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: variável [3/2]	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Título composto em tipos góticos			
Obs.: Vários anúncios, todos tipográficos			



98 | TÍTULO: A Provincia

Subtítulo: Orgão das ideias democraticas e dos interesses do commercio

Artefato: digital	Acervo: HBN	Typo: jornal	Data: 16 mar. 1879, ano 2 num.33, três vezes na semana
-------------------	-------------	--------------	--

Autor/responsável:

OFICINA: Typ. da Provincia

Endereço: Rua do Imperador, casa n. 16. Manáos

Typo de impressão: tipográfica	Qualidade:
--------------------------------	------------

Profissionais:	TAMANHO: Páginas: 4	Colunas: variável [3/2]
Cor: preto	Vinhetas: sim, cercadura	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não

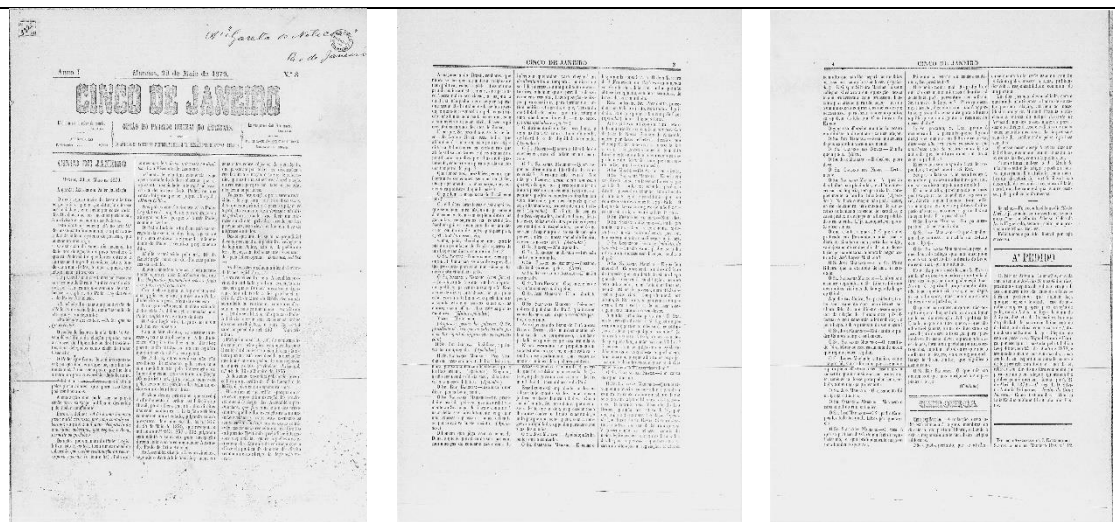
Recursos gráficos e acabamento: Título composto em tipos góticos

Obs.: Vários anúncios, todos tipográficos. Grande anúncio da Revista Americana, publicada na corte, com a indicação de um representante local com quem se pode fazer assinaturas

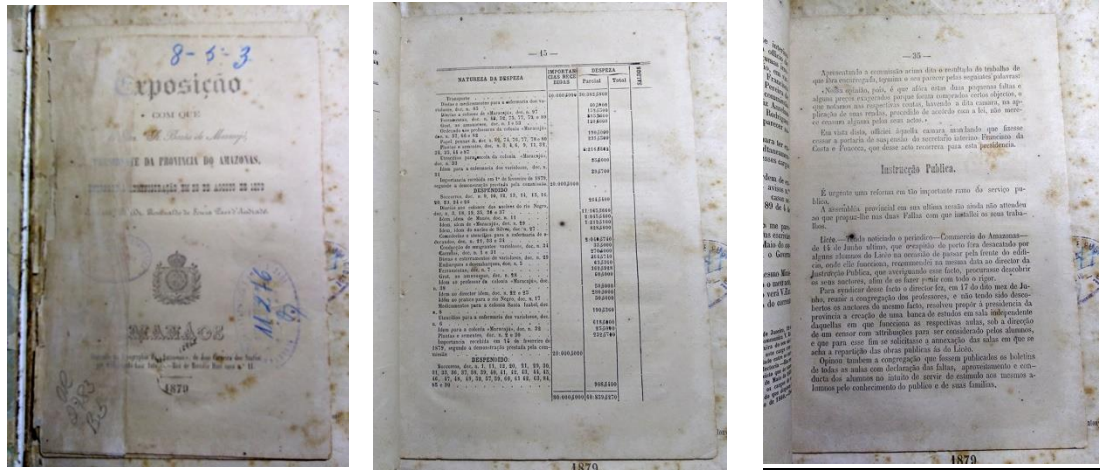


265 TÍTULO: Cinco de Janeiro		Subtítulo: Orgão do Partido Liberal do Amazonas	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 29maio 1879, ano1 n.8, semanal [quintas-feiras]
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ do Amazonas de J. Carneiro dos Santos			
Endereço: Rua de Marcilio Dias, 12			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamentos	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			

Obs.:

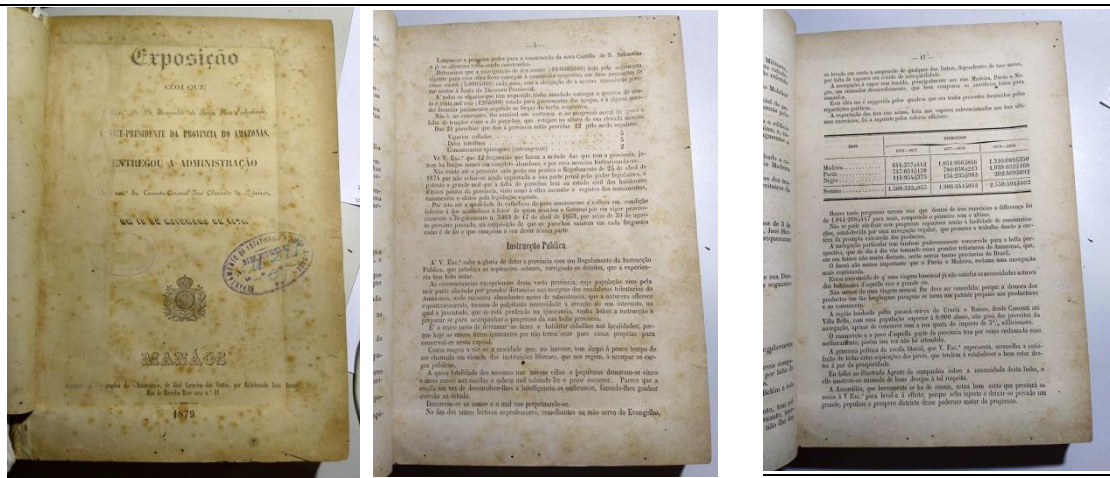


150 TÍTULO: Exposição com que o exm. Sr. Barão de Maracajú, presidente da província do Amazonas...		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1879
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia do "Amazonas" de José Carneiro dos Santos			
Endereço: Barra de Marcilio Dias, casa n.11			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular	
Profissionais: Hildebrando Luiz Antony, impressor?			
TAMANHO: 15,5 x23 cm	Páginas: 49	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: brasão	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabela	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.:*vinte e uma páginas numeradas seguidas de dezessete tabelas, várias em páginas desdobradas			



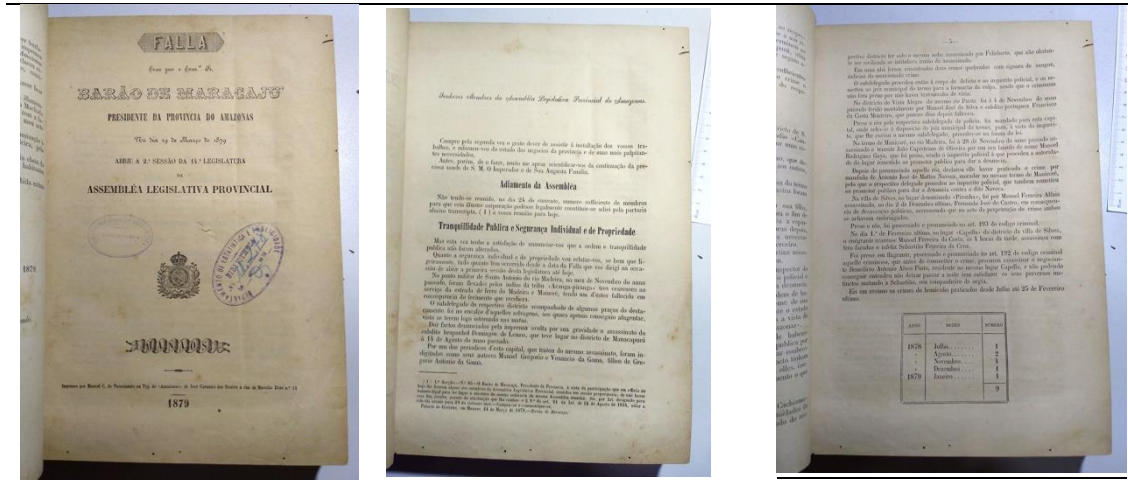
151 | TÍTULO: Exposição com que o exm. Sr. Dr. Romualdo de Souza Paes d'Andrade 1. Vice presidente da província do Amazonas entregou a administração... **Subtítulo:**

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: folheto oficial	Data: 1879
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia do "Amazonas" de José Carneiro dos Santos			
Endereço: Barra de Marçilio Dias, casa n.11			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais: Hildebrando Luiz Antony, impressor?			
TAMANHO: 20 x 28,4 cm	Páginas: 22	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: brasão	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabela	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.: exemplar encadernado com outros			

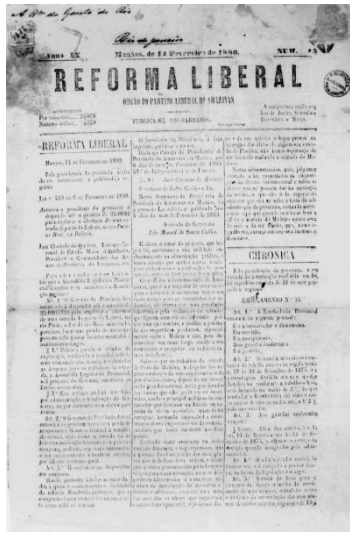


152 | TÍTULO: Falla com que o exm. Sr. Barão de Maracajú presidente da província do Amazonas no dia 29 de março de 1879 abriu a 2.a sessão da 14.a legislatura da Assembléa Legislativa Provincial **Subtítulo:**

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1879
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. do “Amazonas” de José Carneiro dos Santos			
Endereço: Barra de Marcilio Dias, casa n.11			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular	
Profissionais: Manoel C. do Nascimento, impressor			
TAMANHO: 20 x 28,4 cm	Páginas: 58	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: brasão	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.: exemplar encadernado com outros			



100 TÍTULO: Reforma Liberal	Subtítulo: Orgão do Partido Liberal do Amazonas		
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 14 fev 1880; ano IX num.15, semanal
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia da Provincia			
Endereço: rua do Imperador, 16			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Título composto em tipos sem serifa, em caixa alta.			
Obs.: A letra “R” inicial utiliza um tipo de serifa quadrada; possui anúncios ao final			



38 | TÍTULO: Jornal do Amazonas Subtítulo: Órgão do Partido Conservador

Artefato: digital | Acervo: HBN | Tipo: Jornal | Data: 10 jul 1880, ano 4 num 460, duas vezes na semana

Autor/responsável:

OFICINA: Typographia de Antonio Fernandes

Endereço: Ruda da Palma, n. 15

Tipo de impressão: tipográfica | Qualidade:

Profissionais: Tiburcio Benjamin da Silva, impressor

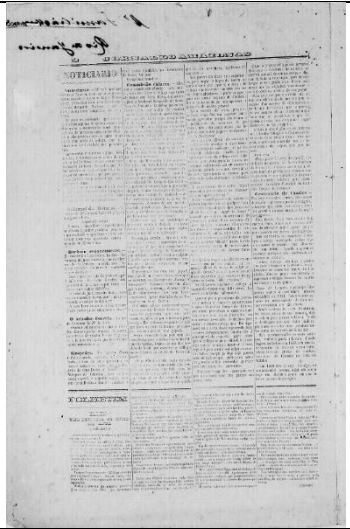
TAMANHO: | Páginas: 4 | Colunas: 4

Cor: preto | Vinhetas: não | Fios: sim

Ilustração: não | Fotografia: não | Tabelas/gráficos: não

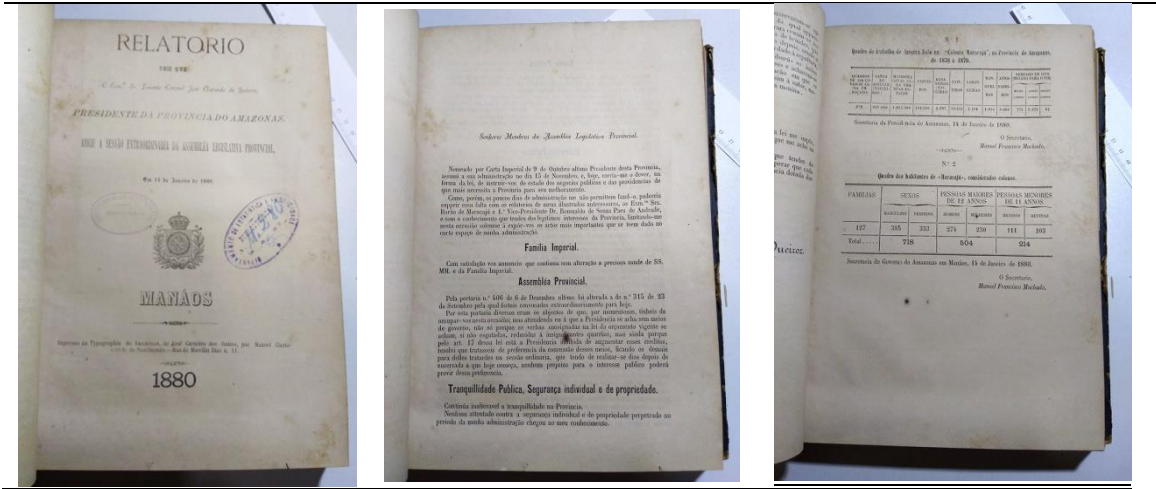
Recursos gráficos e acabamento: título em tipos sem serifa, negrito e composto em caixa alta. Uso de cercadura em anúncio

Obs.:



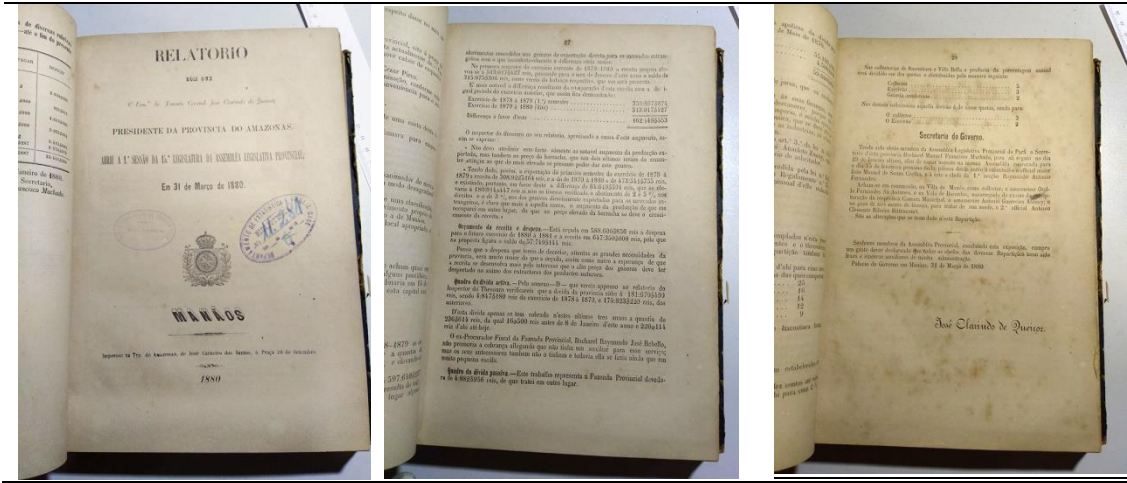
153 TÍTULO: Relatório com que o exm.o sr. Tenente coronel José Clarindo de Queiroz presidente da província do Amazonas abriu a sessão extraordinária da assembléa legislativa provincial em 14 de janeiro de 1880		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: folheto oficial	Data: 1880
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. do “Amazonas” de José Carneiro dos Santos			
Endereço: Barra de Marcilio Dias, casa n.11			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais: Manoel Clarísmundo do Nascimento, impressor			
TAMANHO: 20 x 28,4 cm	Páginas: 14	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: brasão	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento:			

Obs.: exemplar encadernado com outros



154 TÍTULO: Relatório com que o exm.o sr. Tenente coronel José Clarindo de Queiroz presidente da província do Amazonas abriu a 1.a sessão da 15.a legislatura da assembléa legislativa provincial em 31 de março de 1880		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: folheto oficial	Data: 1880
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. do “Amazonas” de José Carneiro dos Santos			
Endereço: Praça 28 de Setembro			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular	
Profissionais:			
TAMANHO: 20 x 28,4 cm	Páginas: 29	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: brasão	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			

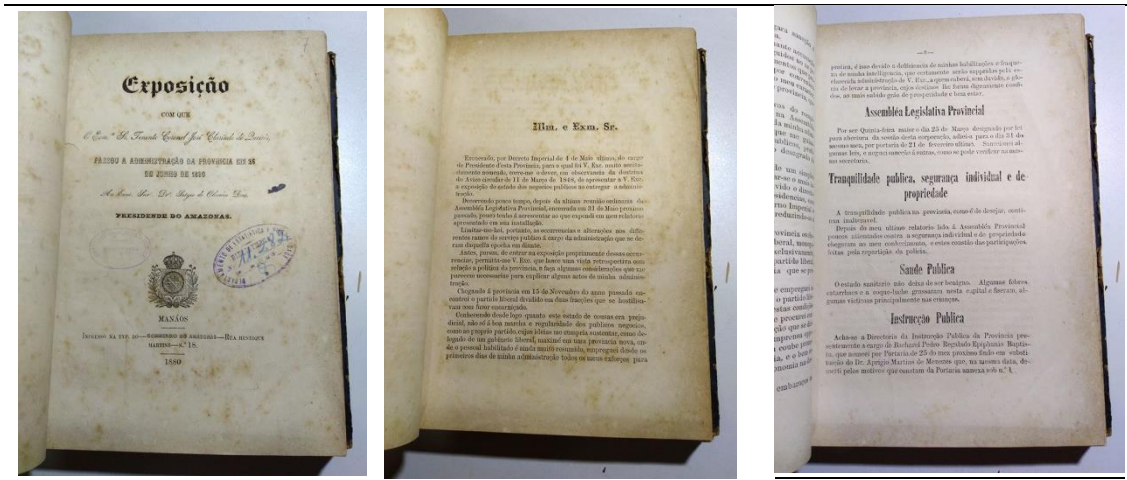
Obs.: exemplar encadernado com outros



155 | TÍTULO: Exposição com que o exm. Sr. Tenente coronel José Clarindo de Queiróz passou a administração da província em 26 de junho 1880.. **Subtítulo:**

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: folheto oficial	Data: 1880
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. do Commercio do Amazonas			
Endereço: Rua Henrique Martins, 18			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 20 x 28,4 cm	Páginas: 14	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: brasão	Fios: não	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamentoo:			

Obs.: exemplar encadernado com outros

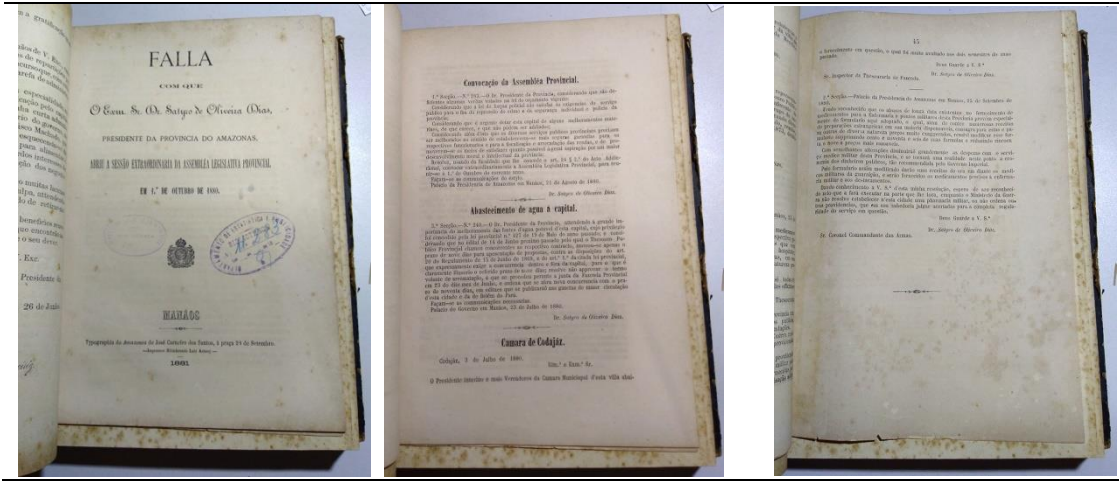


- Total de 52 exemplares

Período: 1881-1890

156 TÍTULO: Falla com que o Exmo Sr. Dr. Satyro de Oliveira Dias presidente da província do Amazonas abriu a sessão extraordinária da assembléa legislativa provincial em 1. de outubro de 1880		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: folheto oficial	Data: 1881
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia do Amazonas de José Carneiro dos Santos			
Endereço: Praça 28 de Setembro			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais: Hildebrando Luiz Antony, impressor			
TAMANHO: 18,4 x 27 cm	Páginas: 45	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: brasão, ornamento	Fios: não	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			

Obs.: exemplar encadernado com outros

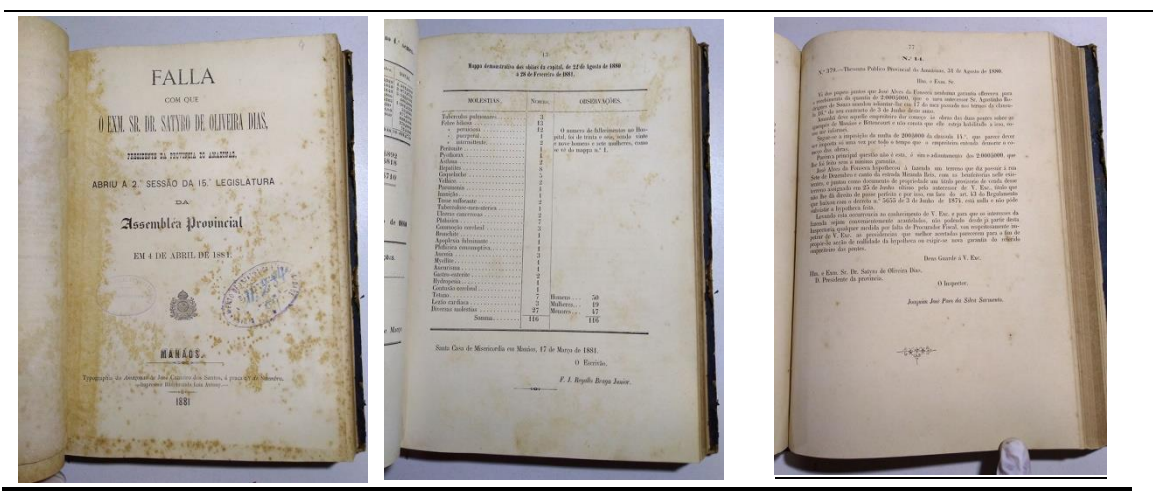


157 TÍTULO: Falla com que o Exmo Sr. Dr. Satyro de Oliveira Dias presidente da província do Amazonas abriu a 2.a sessão da 15.a legislatura da assembléa provincial em 4 de abril de 1881		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1881
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia do Amazonas de José Carneiro dos Santos			
Endereço: Praça 28 de Setembro			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais: Hildebrando Luiz Antony, impressor			
TAMANHO: 20 x 28,5 cm	Páginas: 77	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: brasão, ornamento	Fios: não	

Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas
-----------------	-----------------	---------------------------

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: exemplar encadernado com outros



164 | TÍTULO: Annaes da Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas da segunda sessão ordinária do biennio de 1880-1881 Subtítulo:

Artefato: original	Acervo: BN	Tipo: edição oficial	Data: 1881
--------------------	------------	----------------------	------------

Autor/responsável:

OFICINA: Typ. do Amazonas, de Jose Carneiro dos Santos

Endereço: Praça 28 de Setembro

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade: regular
--------------------------------	--------------------

Profissionais: Hildebrando Luiz Antony, impressor

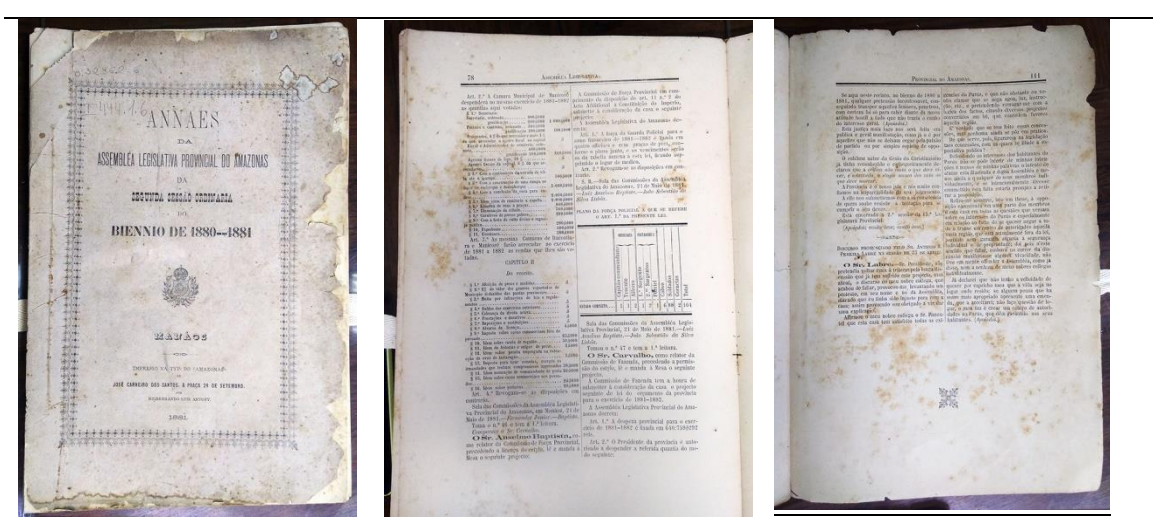
TAMANHO: 20,8 x 31 cm	Páginas: 112	Colunas: 2
-----------------------	--------------	------------

Cor: preto	Vinhetas: brasão, ornamentais	Fios: sim
------------	-------------------------------	-----------

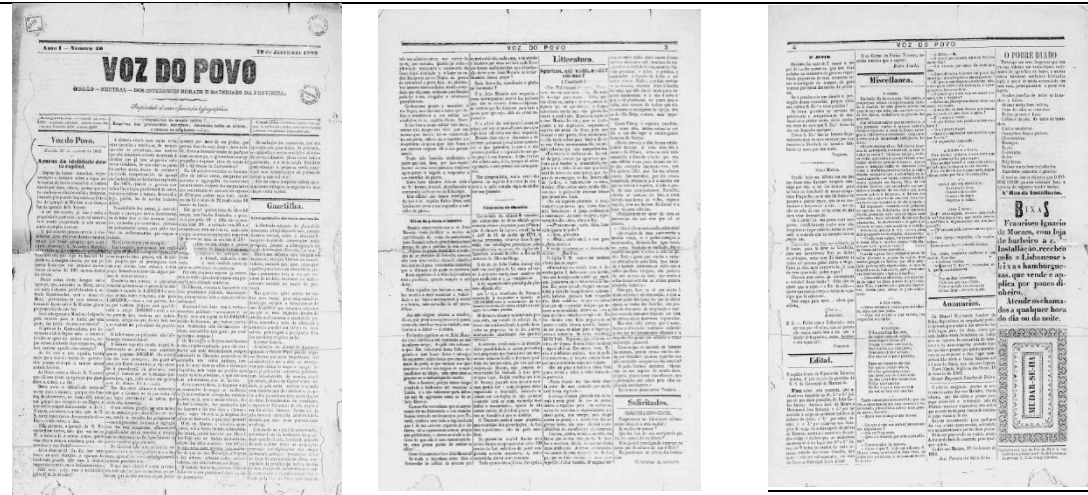
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas
-----------------	-----------------	---------------------------

Recursos gráficos e acabamento: Capa com cercadura

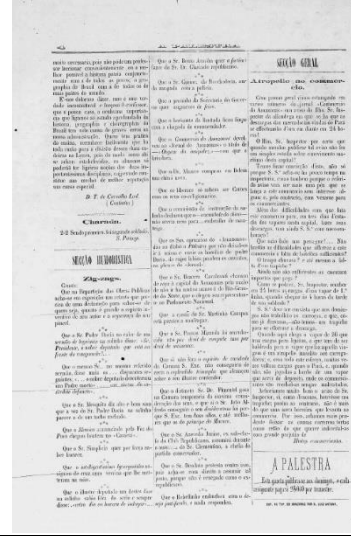
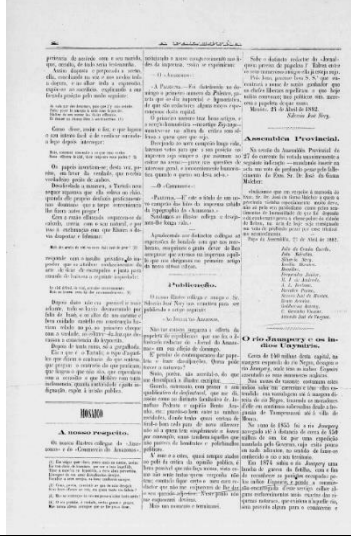
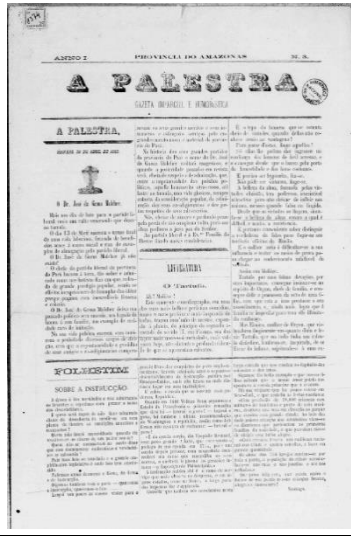
Obs.:



137 TÍTULO: Voz do Povo		Subtítulo: orgao-neutral dos interesses moraes e materiais da provincia	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 29 jan.1882, ano 1 num. 40, semanal*
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. da Voz do Povo			
Endereço: Rua Henrique Antony , canto da de Itamaraca			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais: A. J. da Costa Oliveira, impressor			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 4	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Uso de cercadura em anúncio			
Obs.: *diz ser publicado quatro vezes por mês			



95 TÍTULO: A Palestra		Subtítulo: Gazeta imparcial e humoristica	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 30 abr 1882, ano1 n. 4
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. do Amazonas			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: poucas	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Título composto em tipos de serifa quadrada decorados.			
Obs.:			



39 | TÍTULO: Jornal do Amazonas Subtítulo: Órgão do partido Conservador

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: Jornal	Data: 5 maio 1882, ano8 num683, duas vezes na semana
-------------------	-------------	--------------	--

Autor/responsável:

OFICINA: Typographia de Antonio Fernandes Bugalho

Endereço: Rua do Imperador, n. 15

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:
--------------------------------	------------

Profissionais: Tiburcio Benjamin da Silva, impressor

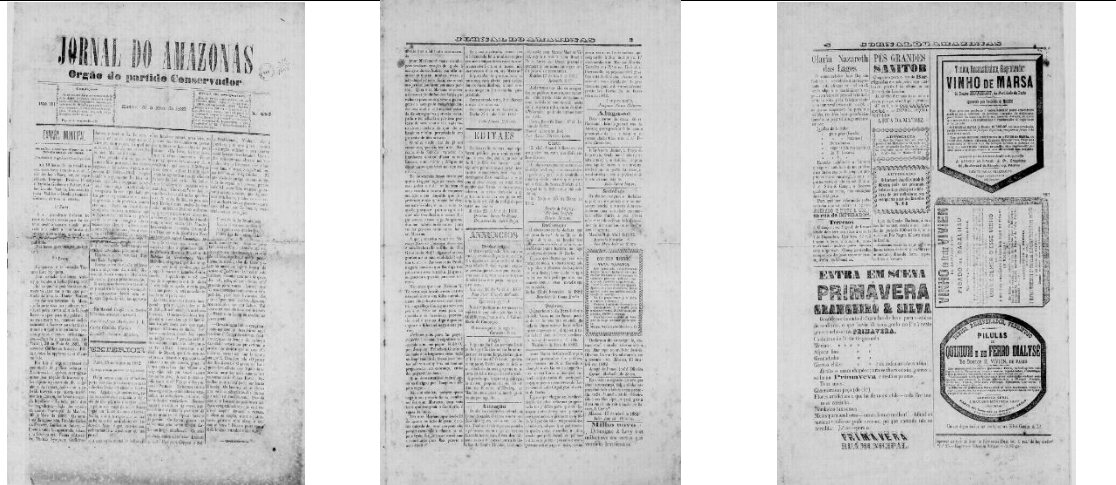
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 4
----------	------------	------------

Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim
------------	---------------	-----------

Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não
-----------------	-----------------	-----------------------

Recursos gráficos e acabamento: Título do jornal composto em tipos de serifa reta de alto contraste. Uso de cercadura nos anúncios

Obs.:



51 | TÍTULO: Festejos Patrióticos realizados pela Sociedade Libertadora Cearense em Manáos no Palacio da Presidencia em 24 novembro 1882 Subtítulo:

Artefato: original	Acervo: IGHB	Tipo: folheto	Data: 1882
--------------------	--------------	---------------	------------

Autor/responsável:

OFICINA: Typ. do Commercio do Amazonas

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade: irregular
--------------------------------	----------------------

Profissionais:

TAMANHO: 130x188mm	Páginas: 60	Colunas: 1
Cor: preto	Vinhetas:	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento: Edição sem capa, com folha de rosto composta em diversos tipos centralizados. Uso de cercaduras e ornamentação.

Obs.: Edição encadernada junto a outras, aparenta ter sido aparada.

40 | TÍTULO: Jornal do Amazonas Subtítulo: Orgão do partido Conservador

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: Jornal	Data: 13 dez 1883, ano 9 num.877, duas vezes na semana
-------------------	-------------	--------------	--

Autor/responsável:

OFICINA: Typ. de Antonio Fernandes Bugalho

Endereço: Rua do Imperador, n. 15

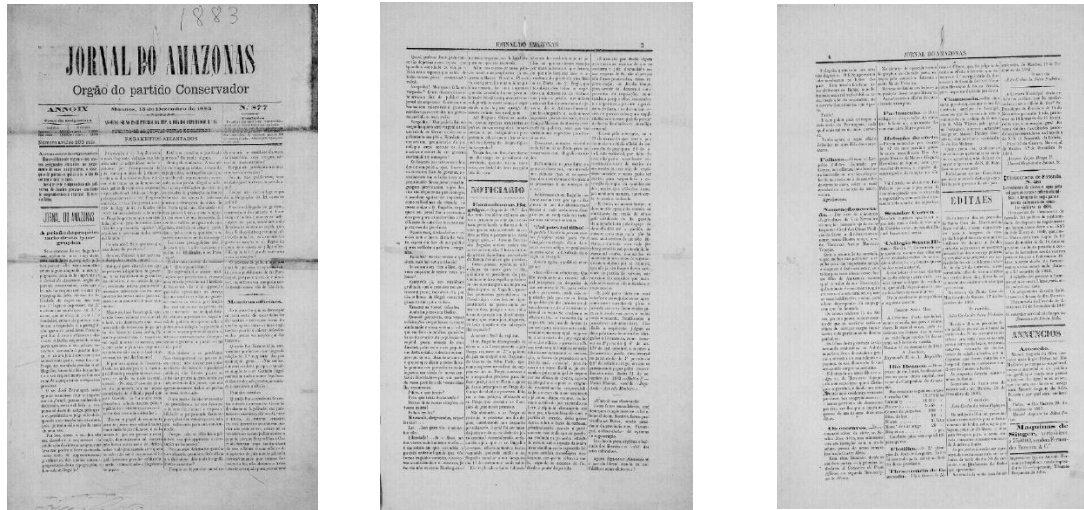
Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:
--------------------------------	------------

Profissionais: Tiburcio Benjamin da Silva, impressor

TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 4
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento: Título do jornal em tipos de serifa reta de alto contraste.

Obs.: Esta edição tem três de suas páginas dedicada à prisão do proprietário da tipografia em que o jornal é impresso, Antonio Fernandes Bugalho.



91 | TÍTULO: Compromisso da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Manaus Subtítulo:

Artefato: digital | Acervo: BVA | Tipo: livro | Data: 1883

Autor/responsável:

OFICINA: Typographia do Commercio do Amazonas

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica | Qualidade:

Profissionais:

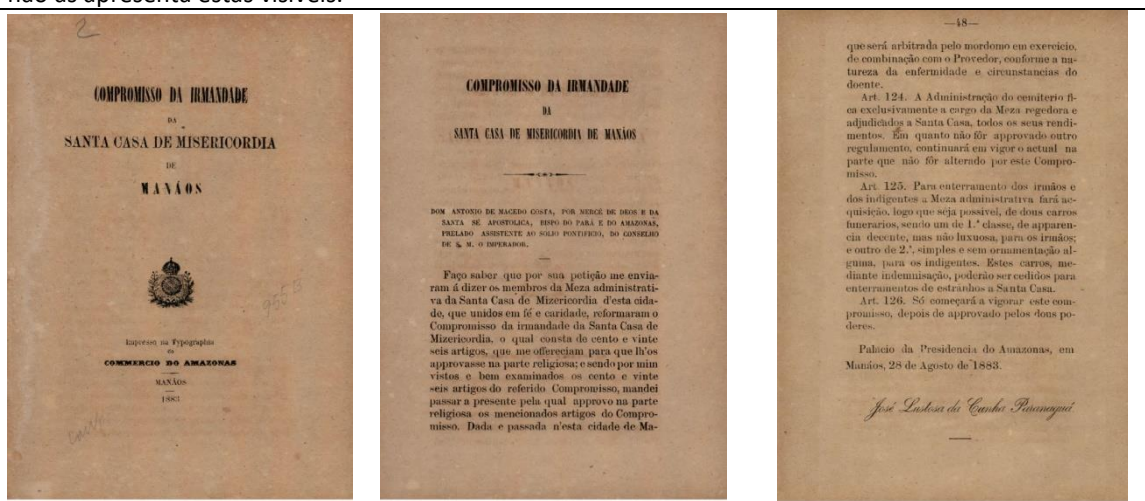
TAMANHO: | Páginas: 50 | Colunas: 1

Cor: preto | Vinhetas: brasão imperial | Fios: não

Ilustração: não | Fotografia: não | Tabelas/gráficos: tabela

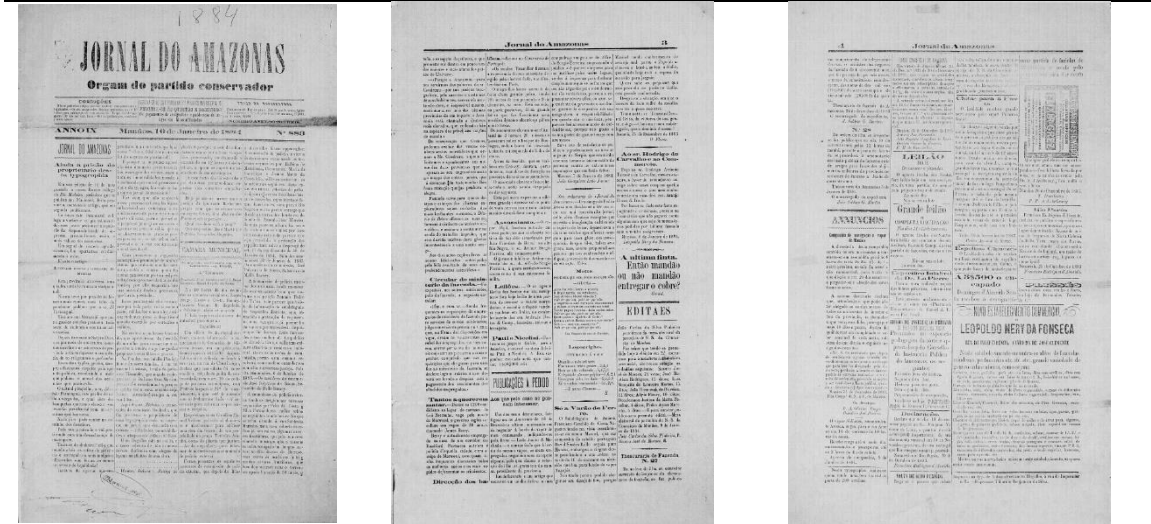
Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: Apresenta algumas páginas desdobradas, parecem ilustrações científicas, o exemplar digitalizado não as apresenta estas visíveis.



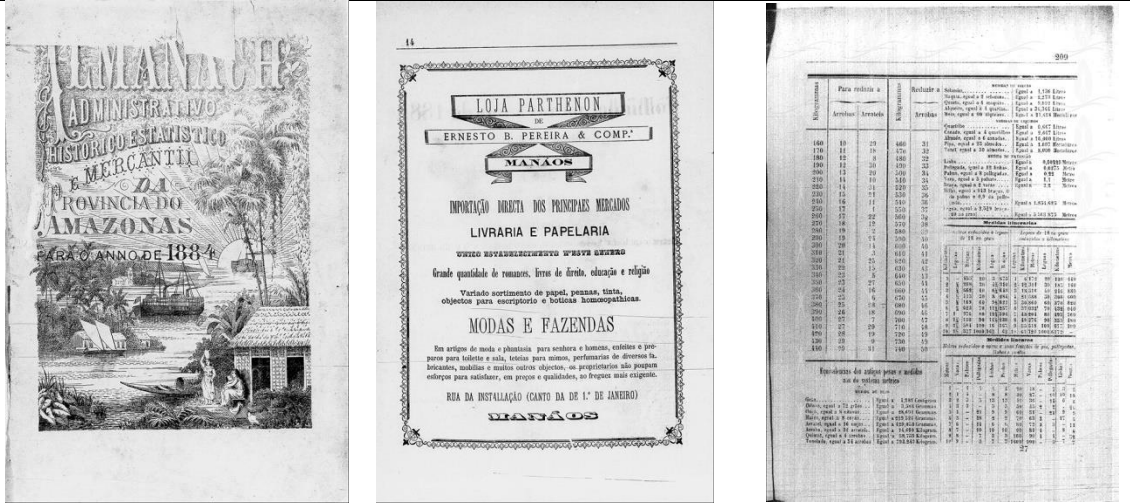
41 | TÍTULO: Jornal do Amazonas Subtítulo: Orgão do partido Conservador

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: Jornal	Data: 10 jan 1884 ano8 n.883, duas vezes na semana
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. de Antonio Fernandes Bugalho			
Endereço: Rua do Imperador, n. 15			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais: Tiburcio Benjamin da Silva, impressor			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 4	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Título do jornal composto em tipos de serifa reta de alto contraste. Uso de cercadura em anúncio			
Obs.: Há um artigo sobre a prisão do proprietário da typ. Anúncio de livros de instrução primária do professor Laudelino Rocha pela loja Parthenon.			

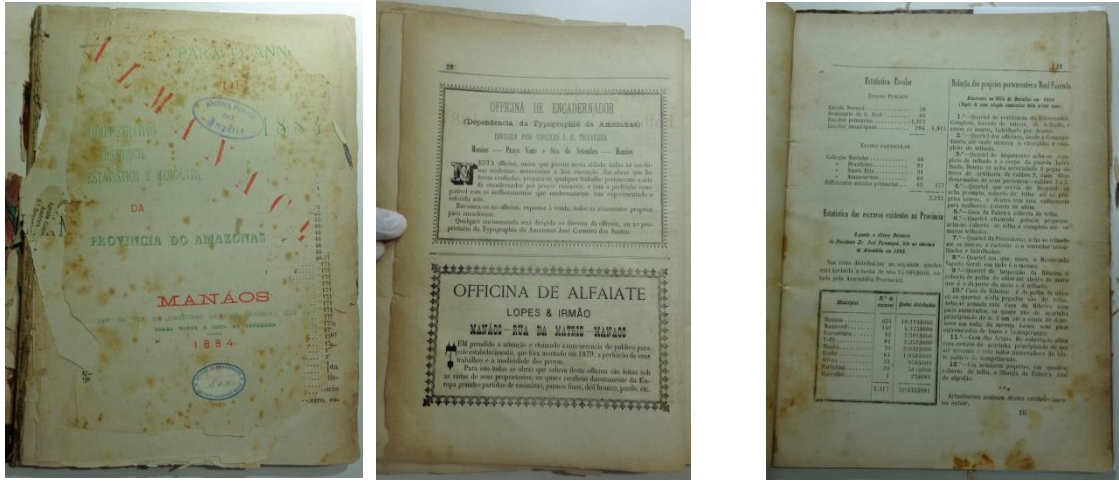


182 TÍTULO: Almanach Administrativo Historico Estadístico e Mercantil da Provincia do Amazonas para o anno de 1884		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: almanaque	Data: 1884
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ do Amazonas			
Endereço: Praça 28 de Setembro			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais: José Carneiro dos Santos, proprietario			
TAMANHO:	Páginas: 216	Colunas: variável [1/2]	
Cor: preto*	Vinhetas: sim, ornamentais e figurativas	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento:			

Obs.: *O exemplar foi digitalizado em tons de cinza, em baixa resolução. Parte Mercantil escrita em inglês e francês, além do português. Indicação de vários profissionais, typographos, encadernadores e desenhistas. Vários anúncios, incluindo da Typographia do Amazonas onde indica possuir “tres magnificos prelos dos constructores Maulde Geibel & Wibart, “Liberty” de F M. Weilers e “Perola” de Goloing & Comp.a”. Também informa grande sortimento de cartões de visita, e uma variada collecção de papel de fantasia para participações de casamentos, baptisados, etc, recebidos diretamente de Paris. Para esses trabalhos possui ainda o proprietario mais dous prelos apropriados “Ravasse e Dahaitre” [...] Loja Parthenon de Ernesto B. Pereira & Comp. Livraria e papelaria [...] modas e fazendas. Rua da Installação [Canto da de 1. de Janeiro]



199 TÍTULO: Almanach Administrativo Historico Estatístico e Mercantil da Provincia do Amazonas para o anno de 1884		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: almanaque	Data: 1884
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. do Amazonas de José Carneiro dos Santos			
Endereço: Praça 28 de Setembro			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais: José Carneiro dos Santos, proprietario			
TAMANHO: 18,7 x 26,4 cm	Páginas: 216	Colunas: variável [1/2]	
Cor: preto*	Vinhetas: sim, ornamentais e figurativas	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Folha de Rosto em duas cores: verde e vermelho. Uma tabela em página desdobrada			
Obs.: Exemplar, infelizmente, sem a capa ilustrada.			



159 | TÍTULO: Relatório com que o presidente da província do Amazonas Dr. José Lustosa da Cunha Paranagua entregou a administração da mesma província ao 1. Vice-presidente coronel Guilherme José Moreira em 16 de fevereiro de 1884

Subtítulo:

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1884
--------------------	------------	----------------------	------------

Autor/responsável:

OFICINA: Typographia do Amazonas de J. C. dos Santos

Endereço: Praça Vinte e Oito de Setembro

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade: irregular
--------------------------------	----------------------

Profissionais:

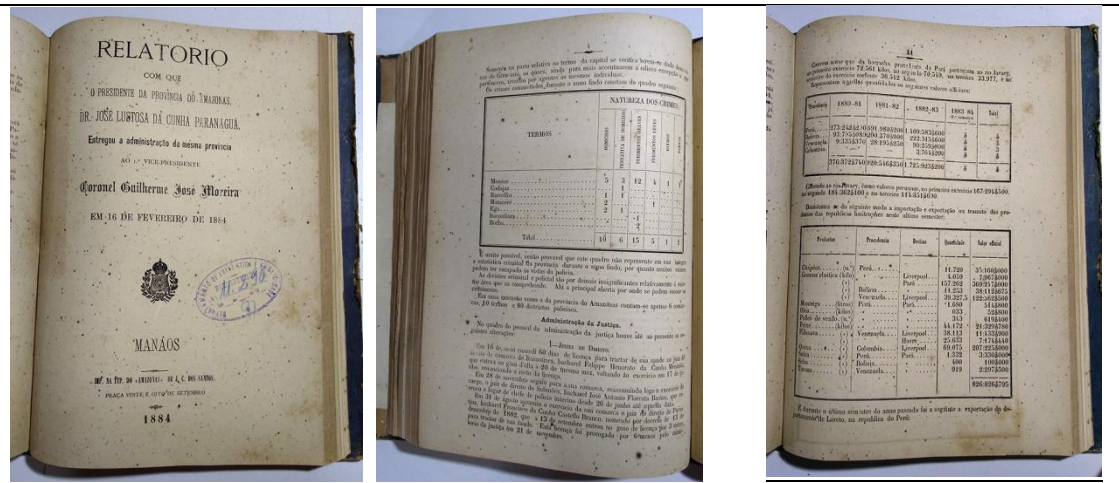
TAMANHO: 20 x 28,5 cm	Páginas: 133	Colunas: 1
-----------------------	--------------	------------

Cor: preto	Vinhetas: brasão	Fios: sim
------------	------------------	-----------

Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas
-----------------	-----------------	---------------------------

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: exemplar encadernado com outros



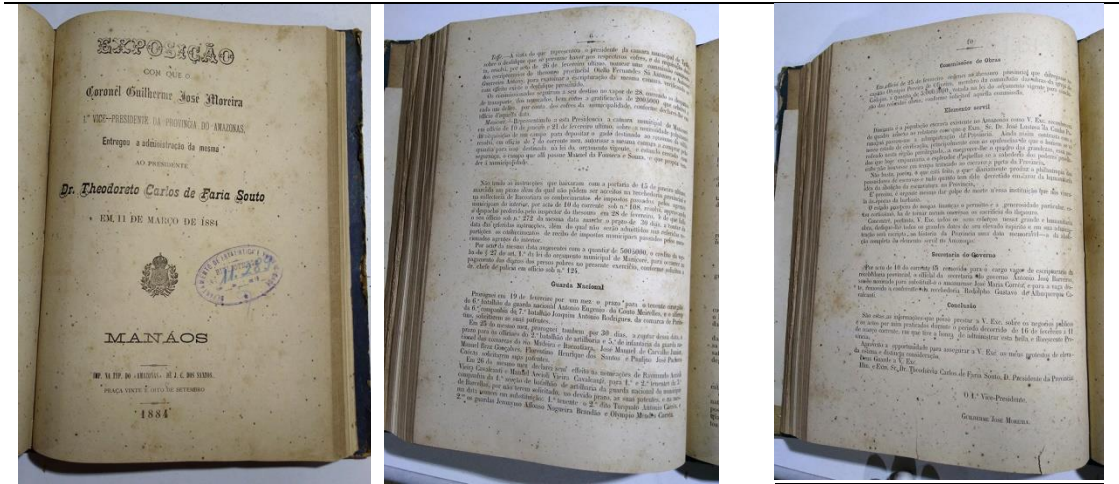
58 | TÍTULO: Thezouraria da Fazenda da Provincia do Amazonas

Subtítulo:

Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: edição oficial	Data: 1884
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. do "Comercio do Amazonas"			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 135 x 210 mm	Páginas: 12*	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: brasão imperial	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Capa em papel esverdeado, com brasão do Império composta de forma centralizada.			
Obs.: *incluindo uma página desdobrada. Exemplar encadernado junto a outras obras em um mesmo volume. Não é possível saber se está completo			

158 | TÍTULO: Exposição com que o Coronel Guilherme José Moreira 1. Vice-presidente da província do Amazonas entregou a administração da mesma ao presidente Dr. Theodoro Carlos de Faria Souto em 11 de março de 1884 **Subtítulo:**

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: folheto oficial	Data: 1884
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia do Amazonas de J. C. dos Santos			
Endereço: Praça Vinte e Oito de Setembro			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 20 x 28,5 cm	Páginas: 10	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: brasão	Fios: não	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.: exemplar encadernado com outros			

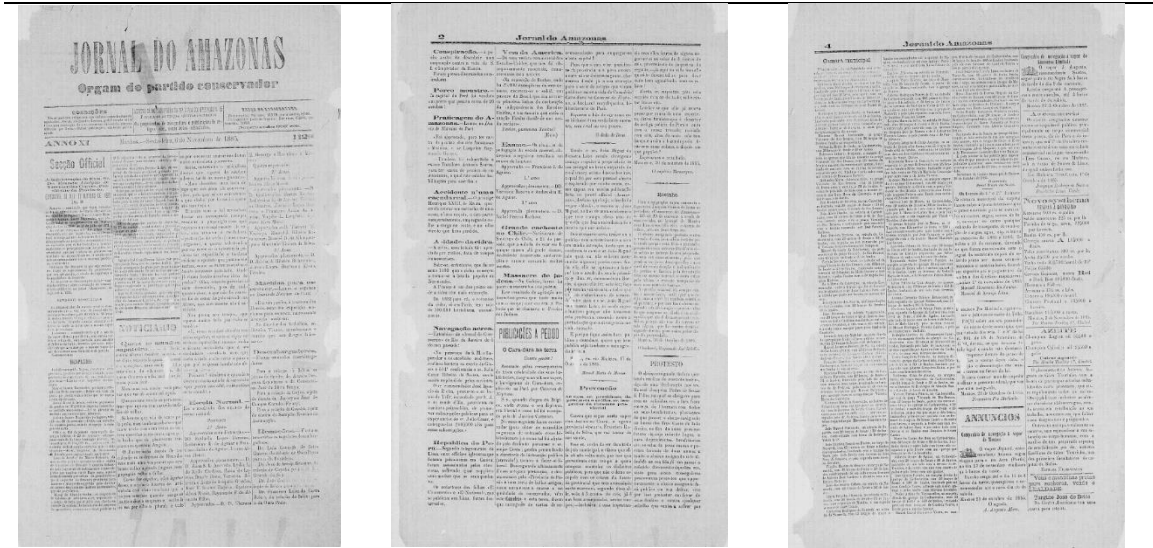


99 TÍTULO: A Provincia		Subtítulo: 2.a Edição	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 3 set. 1885, ano 3 num.17
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. da Provincia*			
Endereço: rua do S. Vicente, n. 8			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: variável [4/3]	
Cor: preto	Vinhetas: sim, cercaduras, figurativas	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabela	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.: Vários anúncios, dentre esses um de “Dezenhista”, A. M. de Sande Pereira, deزهista, carpina e marceneiro, encarrega-se de levantar e tirar copidas de plantas de edificios, por preços modicos; com endereço no Lyceu de Artes e Officios. Anúncio do Papel Duc de Parison & C. [marca registrada] na casa commercio do sr. A. J. Machado. E Photographya Artística, na Rua Marcilio Dias			



42 TÍTULO: Jornal do Amazonas		Subtítulo: Organ do partido conservador	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: Jornal	Data: 6 nov. 1885, ano 11 num.1128, três vezes na semana
Autor/responsável:			
OFICINA:			
Endereço: Rua do Imperador, n. 15			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 4	
Cor: preto	Vinhetas: sim, embarcação	Fios: sim	

Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não
Recursos gráficos e acabamento: Título do jornal composto em tipos de serifa reta de alto contraste.		
Obs.: Neste número não há colofão indicando a typ.		



192 | TÍTULO: Falla que o exm. Sr. Dr. José Jansen Ferreira Subtítulo: Junior presidente da Provincia do Amazonas dirigiu á Assembléa Legislativa Provincial...

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1885
--------------------	------------	----------------------	------------

Autor/responsável:

OFICINA: Typ. do "Amazonas" de José Carneiro dos Santos

Endereço: Praça Vinte e Oito de Setembro

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade: irregular
--------------------------------	----------------------

Profissionais:

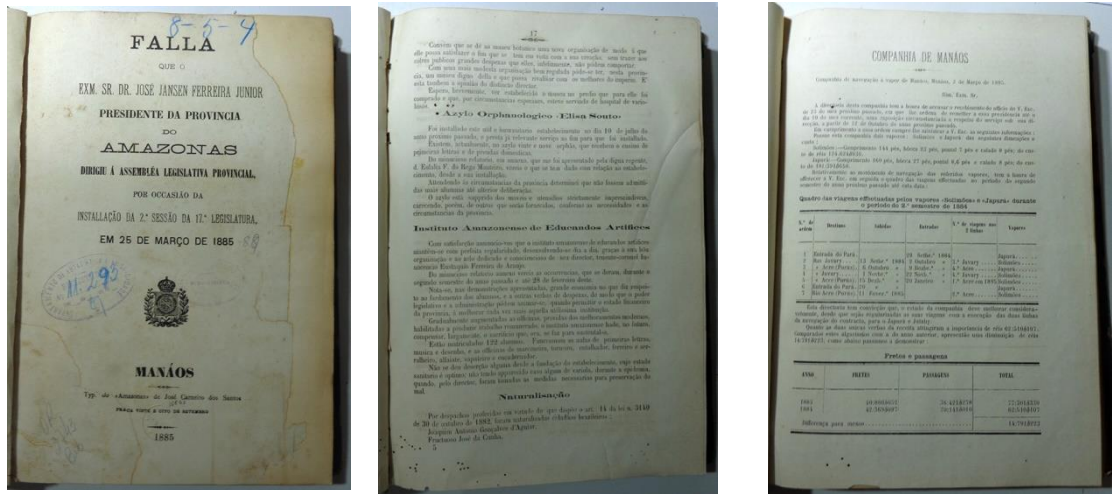
TAMANHO: 19,5 x 28,5 cm	Páginas: 29+*	Colunas: 1
-------------------------	---------------	------------

Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamentais e figurativa: brasão	Fios: sim
------------	---	-----------

Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas
-----------------	-----------------	---------------------------

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: *Há quinze anexos, com textos e tabelas, em páginas não numeradas, ou numeradas em intervalos. Obra encadernada junto a outras. Ao se referir ao Instituto Amazonense diz que este possui cinco officinas, marceneiro, torneiro e entalhador, ferreiro e serralheiro, alfaiate, sapateiro, e livreiro e encadernador. Esta última dirigida por José dos Reis Raiol, com 12 discípulos.



194 | TÍTULO: Exposição com que o exm. sr. 1. Vice-presidente tenente-coronel Clementino José Pereira Guimarães passou a administração da provincia ao exm. sr. dr. Ernesto Adolpho de Vasconcelos Chaves em 28 de outubro de 1885*

Subtítulo:

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: folheto oficial*	Data: 1885*
--------------------	------------	------------------------	-------------

Autor/responsável:

OFICINA:

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade: irregular
--------------------------------	----------------------

Profissionais:

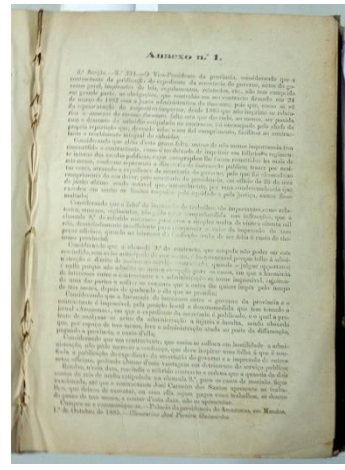
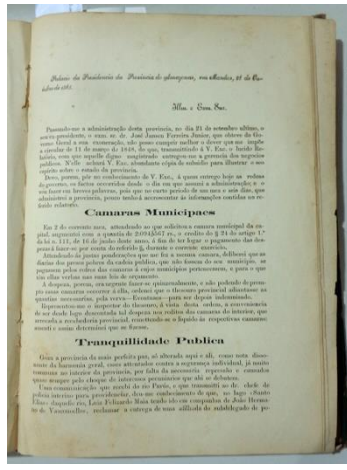
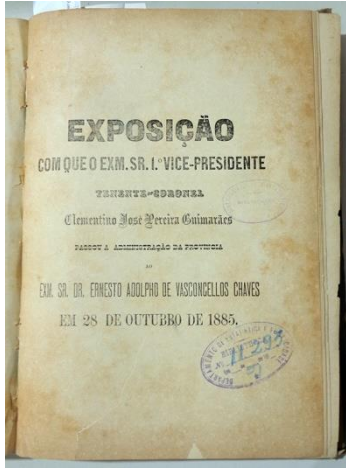
TAMANHO: 19,5 x 28,5 cm	Páginas: 13*	Colunas: 1
-------------------------	--------------	------------

Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim
------------	---------------	-----------

Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não
-----------------	-----------------	-----------------------

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: *Não há folha de rosto ou indicação da oficina tipográfica, parece ser parte de outra edição. Obra encadernada junto a outras. Na pág. 12 é dito que o contrato que tinha a provincia com José Carneiro dos Santos para a publicação do “expediente da presidencia, relatorios e mais actos oficiais” foi rescindido e um novo contrato foi feito com o proprietário da typographia do “Jornal do Amazonas”, Antonio Fernandes Bugalho. A justificativa é que além de deixar de “cumprir parte das obrigações á que se sujeitou, como se poz em hostilidade aberta á administração; e não era possivel, quando outros motivos justos não houvessem, que ella fosse a propria á fornecer meios para sua diffação.” No Anexo n.1 há um detalhamento destas faltas.



43 | TÍTULO: Jornal do Amazonas Subtítulo: Organ do partido conservador

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: Jornal	Data: 30 mar 1886, ano11 n.1199, três vezes na semana
-------------------	-------------	--------------	---

Autor/responsável:

OFICINA:

Endereço: Rua do Imperador, n. 15

Tipo de impressão: tipográfica Qualidade:

Profissionais: Tiburcio Bejamin da Silva, impressor

TAMANHO: Páginas: 4 Colunas: variável 3/4

Cor: preto Vinhetas: sim, embarcação Fios: sim

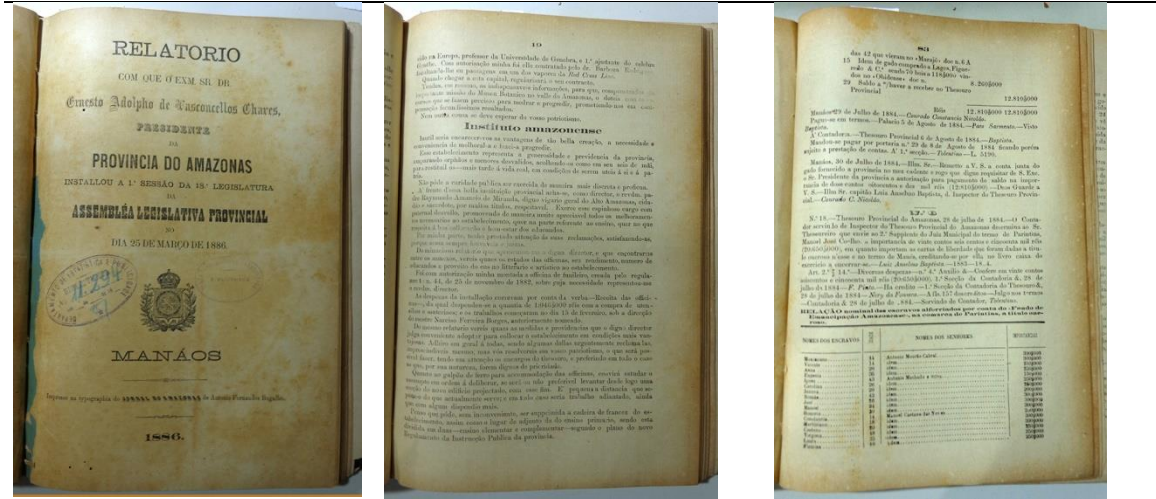
Ilustração: única Fotografia: não Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento: Título do jornal composto em tipos de serifa reta de alto contraste em outline

Obs.: Ilustração em anúncio de oficina de mármore sediada no Pará



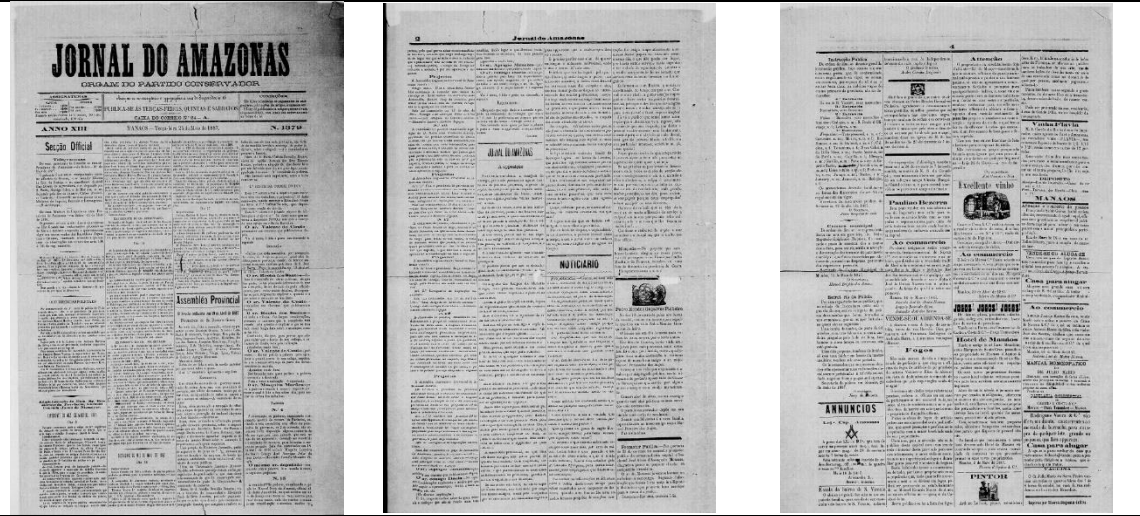
193 TÍTULO: Relatório com que o exm. sr. Dr. Ernesto Adolpho de Vasconcelos Chaves, presidente da província do Amazonas...		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1886
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia do Jornal do Amazonas de Antonio Fernandes Bugalho			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular	
Profissionais: Na seção referente ao Instituto Amazonense de Educandos Artífices há o registro de Joaquim José Madeira como professor de desenho; e Eduardo Alvares da Silva, Encadernador, que assumiu a respectiva officina do Instituto quando o José dos Reis Raiol saiu de licença.			
TAMANHO: 19,5 x 28,5 cm	Páginas: 42+89*	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamentais e figurativa: brasão	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamentoo:			
Obs.: *Há 89 páginas no anexo, com textos e tabelas. Obra encadernada junto a outras. Ver texto do Museu Botânico em que Barboza Rodrigues justifica o pedido de verba para a Revista.			



44 TÍTULO: Jornal do Amazonas		Subtítulo: Organ do partido conservador	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: Jornal	Data: 24maio 1887, ano13 n.1379, três vezes na semana
Autor/responsável:			
OFICINA:			
Endereço: Rua do Imperador, n. 15			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais: Tiburcio Bejamin da Silva, impressor			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 4	
Cor: preto	Vinhetas: várias	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	

Recursos gráficos e acabamento: Título do jornal composto em tipos de serifa quadrada, bold e caixa alta.

Obs.: anúncio do Pintor Arturo Luciani, dois anúncios da Papelaria Castro e Costa & C.a, uma para manual homeopatico e outro para jogos



90 | TÍTULO: Tamakoaré espécies novas da ordem das ternstroemiaceas Subtítulo:

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: folheto	Data: 1887
-------------------	-------------	---------------	------------

Autor/responsável: J. Barbosa Rodrigues

OFICINA: Typographia do Jornal do Amazonas

Endereço:

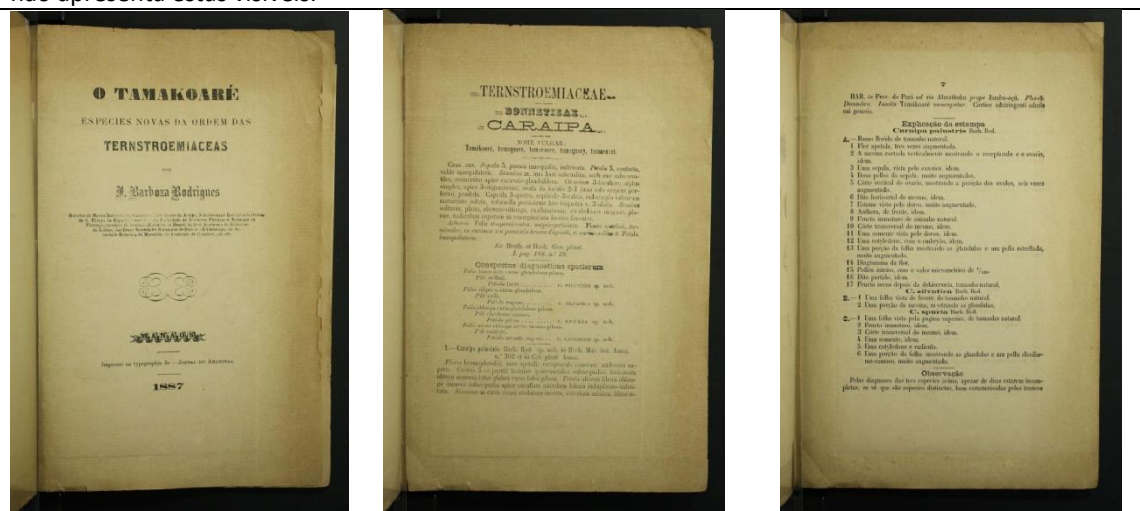
Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:
--------------------------------	------------

Profissionais:

TAMANHO:	Páginas: 28+	Colunas: 1
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: não
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: Apresenta algumas páginas desdobradas, parecem ilustrações científicas, o exemplar digitalizado não apresenta estas visíveis.



288 | TÍTULO: Equador

Subtítulo:

Artefato: digital

Acervo: BVA

Tipo: jornal

Data: 1 jan. 1888, ano1
num.1 semanal

Autor/responsável: propriedade de uma Associação

OFICINA:

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica

Qualidade:

Profissionais: impresso por Lino Alcibiades

TAMANHO:

Páginas: 4

Colunas: 3

Cor: preto

Vinhetas: não

Fios: sim

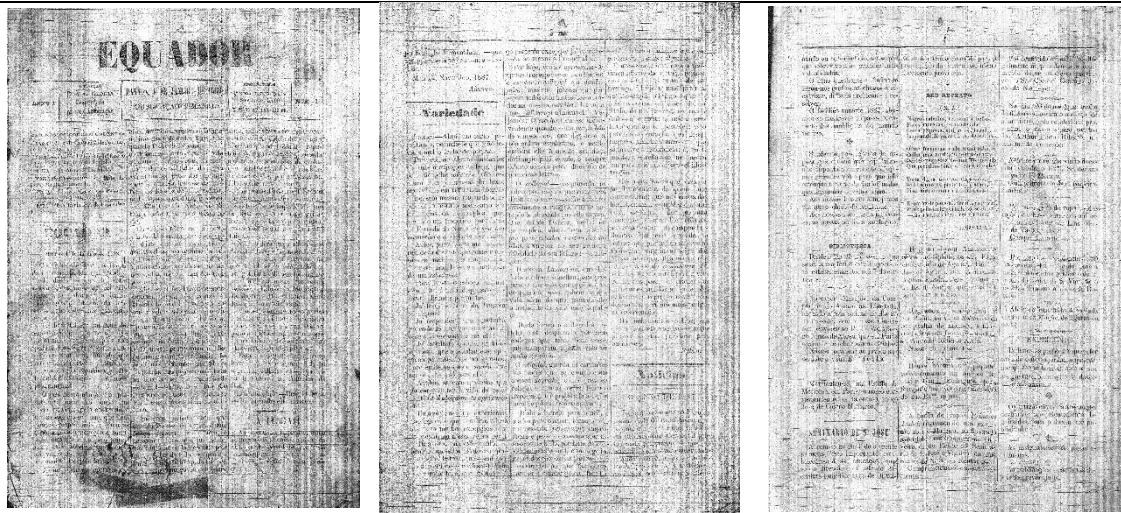
Ilustração: não

Fotografia: não

Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: O jornal identifica seus seis correspondentes em Paris, na corte, na Bahia, em Pernambuco, Ceará e no Pará. Não indica a oficina tipográfica que o produziu.

**121** | TÍTULO: A Provincia do Amazonas

Subtítulo: Organ especial do Commercio

Artefato: digital

Acervo: HBN

Tipo: jornal

Data: 29 jan. 1888,
ano1 n.47

Autor/responsável: J. M. Rigeiro Paraguassu, proprietário

OFICINA: Typographia da "Provincia do Amazonas"

Endereço: Rua Municipal, 20

Tipo de impressão: tipográfica

Qualidade:

Profissionais:

TAMANHO:

Páginas: 4

Colunas: 5

Cor: preto

Vinhetas: única, cruz

Fios: sim

Ilustração: não

Fotografia: não

Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: Anúncio de venda da Typographia do “Artista”, de Azevedo & C.a a rua dos Remedios, M. J. Zuany de Azevedo. Anúncio do Atelier Phogographico de Francisco Candido Lyra com “...aparelhos e utensilios modernos, continua produzindo trabalhos tão perfeitos como os mais belles da Europa.” Anúncio de João Diniz Gonçalves Pinto, indicando ser o único agente em Manaus da “importante officina no Pará de Viegand & Werth”, e que recebe qualquer encomenda feita pelos desenhos que tem a disposição. Anúncio de “Muzicas Impressas” na Typographia do jornal: “vende-se diversas muzicas impressas para pianos, flauta, violino e flauta, a 4 mãos, flauta e piano violino”.



122 | TÍTULO: A Provincia do Amazonas Subtítulo: Organ especial do Commercio

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 21 mar. 1888, ano1 n.64
-------------------	-------------	--------------	-------------------------------

Autor/responsável: J. M. Rigeiro Paraguassu, proprietário

OFICINA: Typographia da “Provincia do Amazonas”

Endereço: Rua da Instalação, 1

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:
--------------------------------	------------

Profissionais:

TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 5
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento: Anúncios com variado uso de tipos, capitulares e cercadura

Obs.: Relata a mudança de endereço da officina typographica e redação, dizendo ser por isso que o jornal não saiu na semana anterior. Há anuncio da edição O Medico do Amazonas “Manual homoeopathico para uso das familias residentes no Amazonas e seus Affluentes por D. C. Salinas Y Fernandez”. A venda da livraria do sr. José Carneiro dos Santos, no escriptorio dos sr. Freitas sobrinho E nesta typ.

80 | TÍTULO: A Imprensa Unida Subtítulo:

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: Jornal comemorativo	Data: 31 maio 1888, único.
-------------------	-------------	---------------------------	----------------------------

Autor/responsável:

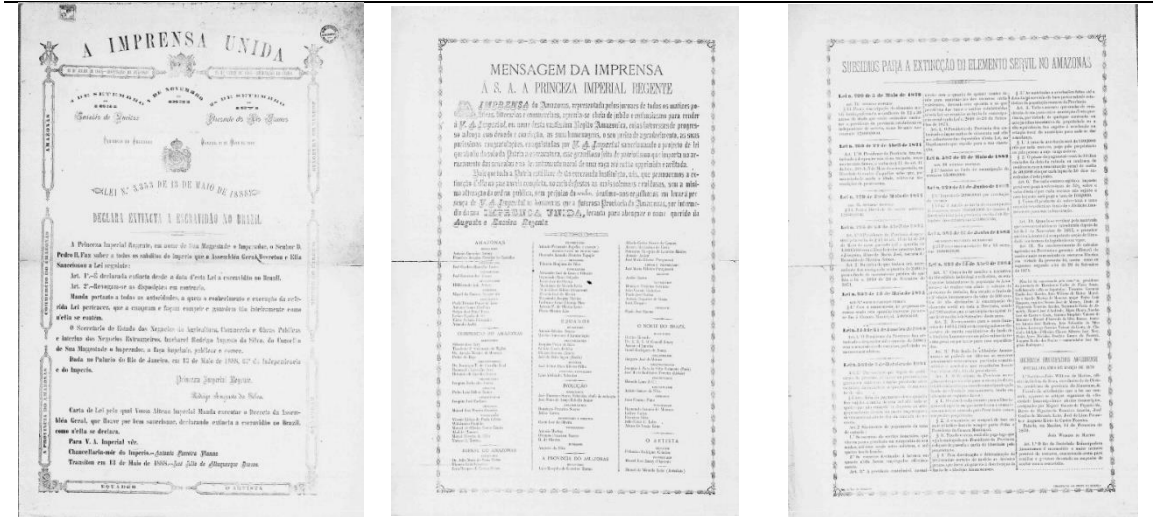
OFICINA: Typ. do Amazonas

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:
--------------------------------	------------

Profissionais:		
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: Variável 3/2
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não
Recursos gráficos e acabamento: Farta ornamentação e uso de tipos, incluindo capitulares, brasão imperial e cercaduras.		

Obs.: O jornal traz a lista de oito redações de periódicos da cidade, incluindo os nomes dos tipógrafos e impressores. Todos comemorando a Abolição da Escravatura.



45 | TÍTULO: Jornal do Amazonas **Subtítulo:** Organ do partido conservador

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: Jornal	Data: 22 jul 1888, ano14 n.1560, três vezes na semana
-------------------	-------------	--------------	---

Autor/responsável:

OFICINA:

Endereço: Rua de Barroso

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:
--------------------------------	------------

Profissionais:

TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: variável [2/4]
Cor: preto	Vinhetas: sim, embarcação	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento: Título do jornal composto em tipos de serifa quadrada, bold e caixa alta.

Obs.: Há um anuncio de atelie photographico de Francisco Candido Lyra e muitos anúncios.



46 | TÍTULO: Jornal do Amazonas Subtítulo: Orgão do partido conservador

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: Jornal	Data: 6 set 1888, ano14 n.1579, três vezes na semana
-------------------	-------------	--------------	--

Autor/responsável:

OFICINA:

Endereço: Rua de Barroso

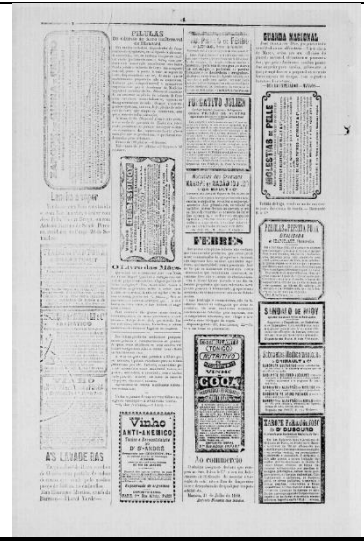
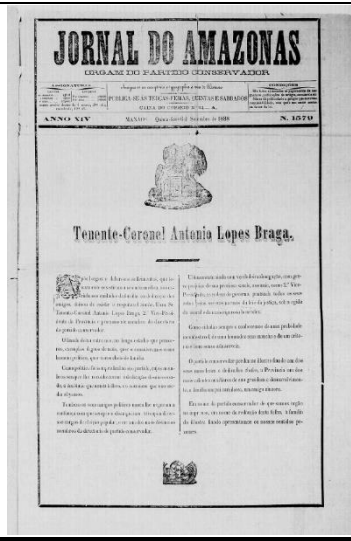
Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:
--------------------------------	------------

Profissionais:

TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 4
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento: Jornal com capa especial noticiando a morte do tenente-coronel Antonio Lopes Braga. uso capitular e cercaduras nos anúncios.

Obs.: Os anúncios ganham maior autonomia e diferenciação



134 TÍTULO: A Provincia do Amazonas			Subtítulo: folha conservadora
Artefato: original	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 26 out. 1888, ano2 num.151, 3 vezes na semana
Autor/responsável: "Propriedade de uma empresa"			
OFICINA: Typ. Provincia do Amazonas			
Endereço: R. 7 de Dezembro			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 37,5 x 51 cm	Páginas: 4	Colunas: variável [4/5]	
Cor: preto	Vinhetas: sim, cruz	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Título composto em tipos góticos			
Obs.: Em nota informa que a oficina mudou de endereço. Há anúncios da Casa 22 que diz vender álbuns e passepartours, além de fantasia para cartas em sua loja. Anuncio de música para piano na livraria de Luiz Gillet *[confirmar com as fotos]*			

123 TÍTULO: A Provincia do Amazonas			Subtítulo: Folha conservadora
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 25 nov. 1888, ano2 num.162, três vezes na semana
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia da "Provincia do Amazonas"			
Endereço: Rua 7 de Dezembro			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 5	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Anúncios com variados arranjos e uso de tipos, ilustrações e uma "marca de fabrica".			
Obs.: Anúncio: "A' 1:000 o volume. Vende-se nesta typographia as seguintes obras poeticas: <i>Symphonias</i> do Dr. Raymundo Corrêa [...]; <i>Auroras</i> de Alfredo de Souza. <i>Poemas e Idyllios</i> de Rodrigo Octavio". Livraria Universal de Luiz Gillet & C.a anuncia venda de musica para piano, composições de Roberto Barros. Anúncio com indicação de Dr. Eduardo Ribeiro, Professor de Desenho no Collegio 13 de Maio			

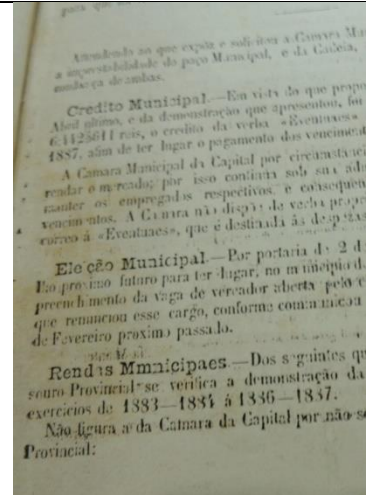
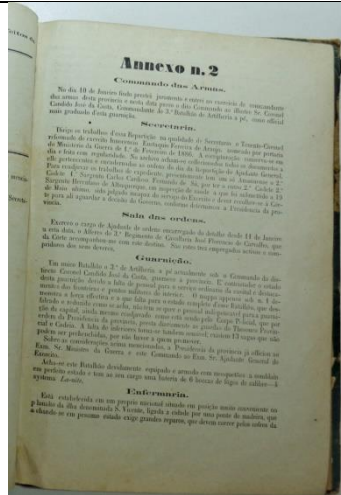
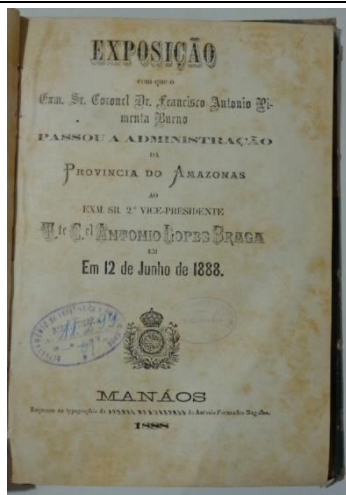


59 TÍTULO: Finanças da Provincia do Amazonas		Subtítulo: Noticia Economica e Financeira da Provincia do Amazonas desde a sua fundação (1852) até 1887*	
Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: edição oficial	Data: 1888
Autor/responsável: L. R. Cavalcanti. d'Albuquerque			
OFICINA: Typographia do "Commercio do Amazonas"			
Endereço: Rua da Instalação			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 145 x 219 mm	Páginas: 18+4**	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: brasão imperial	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Capa em papel avermelhado, com o título composto em tipos de serifa quadrada e cursivo, em disposição diagonal na folha			
Obs.: *Subtítulo aparece como título na folha de rosto.** são quatro páginas de vários tamanhos desdobradas. Exemplar encadernado junto a outras obras em um mesmo volume.			

82 TÍTULO: Exposição com que o Exmo. Sr. Coronel Dr. Francisco Antonio Pimenta Bueno passou a Administração da Provincia do Amazonas ao exmo. Sr. 2 vice-presidente T.te C.el Antonio Lopes Braga em 12 de junho de 1888		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: edição oficial	Data: 1888
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. do Jornal do Amazonas			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular	
Profissionais:			
TAMANHO: 31,2 x 21 cm	Páginas: 62+	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: poucas	Fios: sim	

Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas
Recursos gráficos e acabamento: Capa com cercadura; possui diversas páginas desdobradas. A impressão é bastante irregular		
Obs.: Há vários anexos não numerados, incluindo páginas desdobradas		

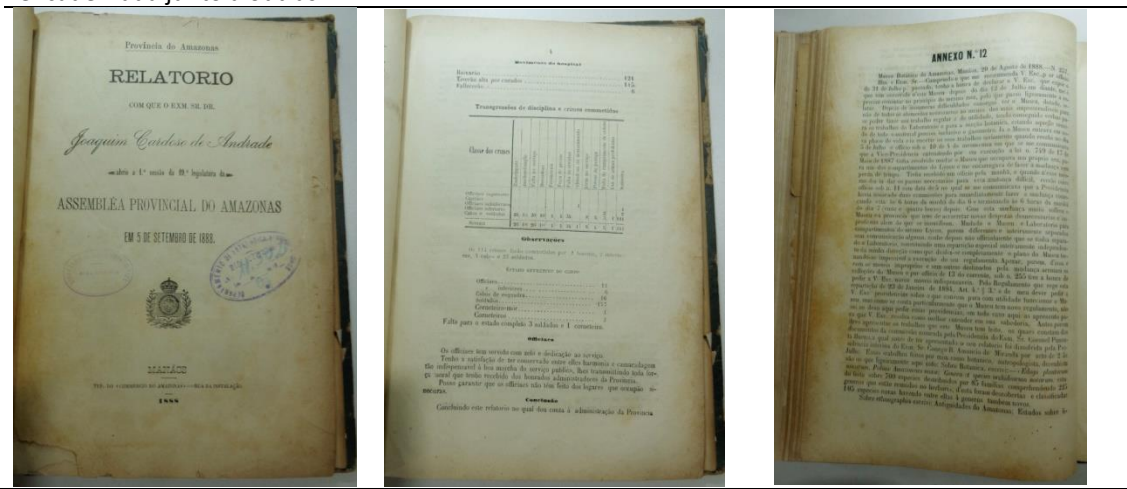
195 TÍTULO: Exposição com que o exm. sr. Coronel dr. Francisco Antonio Pimenta Bueno passou a administração da Provincia do Amazonas ao exm. sr. 2. Vice-presidente T.te C.el Antonio Lopes Braga em 12 de junho de 1888		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1888
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia do Jornal do Amazonas de Antonio Fernandes Bugalho			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular	
Profissionais:			
TAMANHO: 19,5 x 28,5 cm	Páginas: 61+*	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamentos	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Há uma extensa tabela em páginas desdobradas			
Obs.: *Após a página 61 há várias tabelas e anexos sem numeração das páginas. Muitas falhas de impressão e composição, manchas, falta de nitidez do texto etc. Obra encadernada junto a outras.			



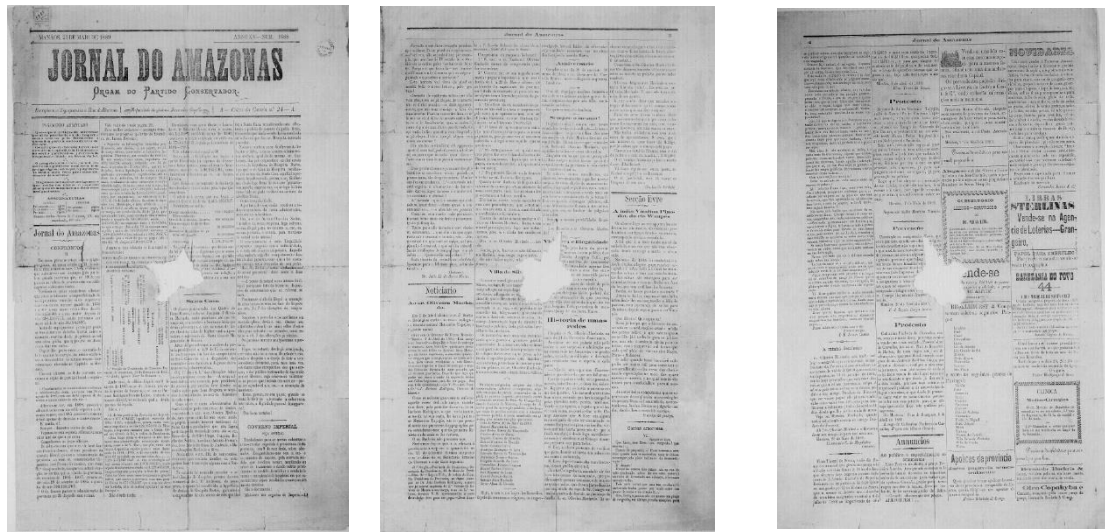
196 TÍTULO: Relatório com que o Exm. Sr. Dr. Joaquim Cardoso de Andrade abriu a 1.a sessão da 19.a legislatura da Assembléa Provincial do Amazonas em 5 de setembro de 1888		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1888
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia do "Commercio do Amazonas"			
Endereço: Rua da Instalação			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular	

Profissionais:		
TAMANHO: 19,5 x 28,5 cm	Páginas: 14+*	Colunas: 1
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas
Recursos gráficos e acabamento: Tabelas em páginas desdobradas		

Obs.: *Há pelo menos 22 anexos compostos de tabelas e textos. No anexo 9, sobre o Instituto Amazonense de Educandos Artifices, é dito que a aula de Desenho deste é regida interinamente pelo Director do Museu João Barbosa Rodrigues. No Anexo 12, assinado por J. Barbosa Rodrigues em 20 de agosto de 1888, apresenta sua produção como “botânico, antropologista, desenhista...” sobre a impressão do volume “da Revista, relativo ao ano passado, está no prelo desde julho do mesmo anno, não tendo sido possível, apesar de todos os esforços fazel-o aparecer. A estampa para a d’este anno já se está lytographando no Pará, e logo que saia o primeiro volume, entrará para o prelo o 2.” Obra encadernada junto a outras.



47 TÍTULO: Jornal do Amazonas		Subtítulo: Organ do partido conservador	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: Jornal	Data: 23maio 1889, ano15 num.1688
Autor/responsável: Antonio Fernandes Bugalho, proprietário			
OFICINA:			
Endereço: Rua do Barroso			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 4	
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: mudança na composição das informações na capa			
Obs.:			



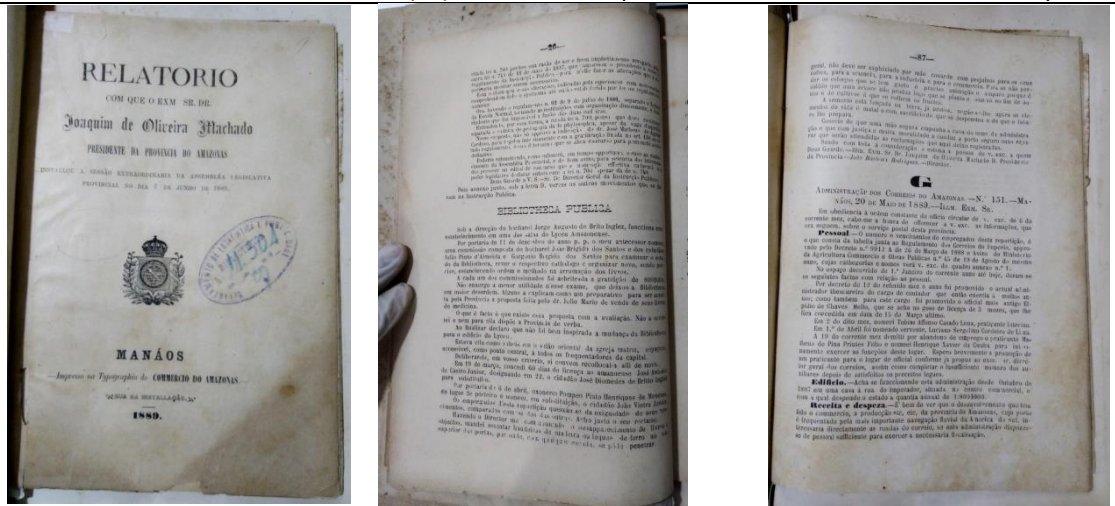
68 TÍTULO: A Epocha		Subtítulo: Organ dos interesses da Republica	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 5 dez 1889, ano1 num30, três vezes na semana
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia d'A Epocha			
Endereço: Praça 5 de Setembro			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais: Bento de Figueiredo T. Aranha e Thomaz de Medeiros Pontes, redatores			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 5	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Anúncios compostos em variados corpos e tipos bold, uso de fios e capitulares.			
Obs.: Anuncio de ateliê fotográfico de Francisco Candido Lyra e venda de papel fantasia na Livraria Castro e Costa.			



197 | TÍTULO: Relatório com que o Exm. Sr. Dr. Joaquim de Oliveira Machado presidente da Provincia do Amazonas instalou a sessão extraordinária da Assembléa Legislativa Provincial no dia 2 de junho de 1889 Subtítulo:

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1889
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia do "Commercio do Amazonas"			
Endereço: Rua da Instalação			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular	
Profissionais:			
TAMANHO: 16,5 x 25 cm	Páginas: 105+*	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamental e brasão	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Tabelas em páginas desdobradas			

Obs.: *Há várias tabelas ao final sem numeração. Obra encadernada junto a outras. Na pág. 34 há o relato da rescisão do contrato de publicação do expediente do governo com o *Jornal do Amazonas*, por que "tem acusado em diversos editoraes a administração por atos, que qualifica de censuraveis". Novo contrato foi feito com o Commercio do Amazonas. No anexo E, do Instituto Amazonense de Educandos Artifices, é dito que J. Barbosa Rodrigues foi exonerado do cargo de professor interino de desenho, assumindo e que as aulas de desenho se dão as segundas, terças e quartas. Também informa que a Officina de encadernador é dirigida por Idelfonso Ferreira de Amorim, com 11 educandos. No anexo F, referente ao Museu Botânico, Barbosa Rodrigues relata a impressão do primeiro volume da revista "pessimamente impresso, em má papel e cheio de erros retirei a impressão do segundo volume da typographia em que estava sendo feita depois de 7 folhas impressa passei para a do 'Amazonas' que conta com outro pessoal e outros elementos para uma bôa publicação. As estampas, da Revista desse volume em numero de trinta e duas (32) estão sendo impressas no Pará e breve devem estar aqui."

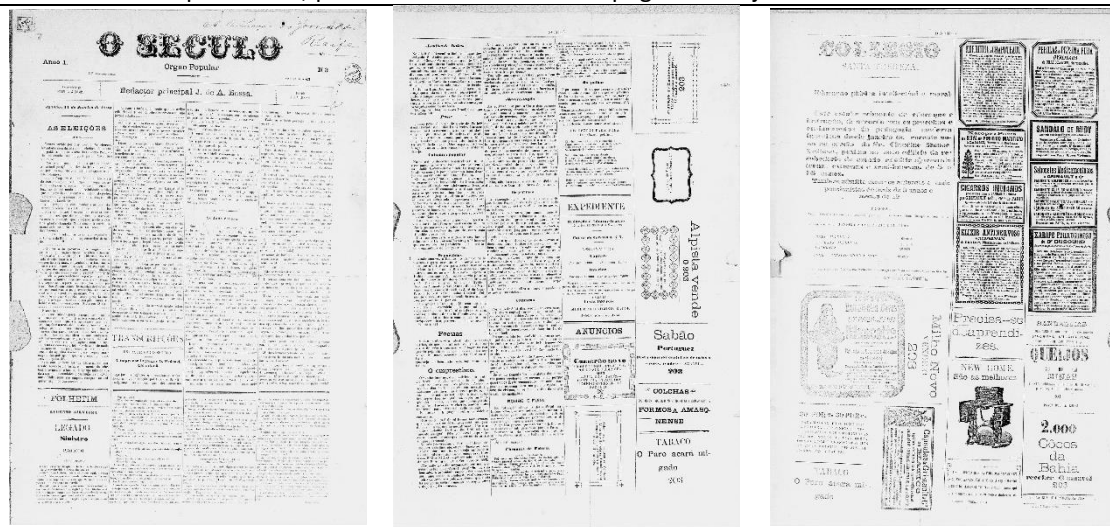


280 | TÍTULO: O Seculo Subtítulo: Orgao Popular

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 11 jan 1890, anno1 num.3
Autor/responsável: Propriedade de Pereira & Comp.			
OFICINA: Typ. do Seculo			

Endereço: Rua de Henrique Martins		
Tipo de impressão:		Qualidade:
Profissionais:		
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 4
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não
Recursos gráficos e acabamento: título do jornal composto em tipos toscanos.		

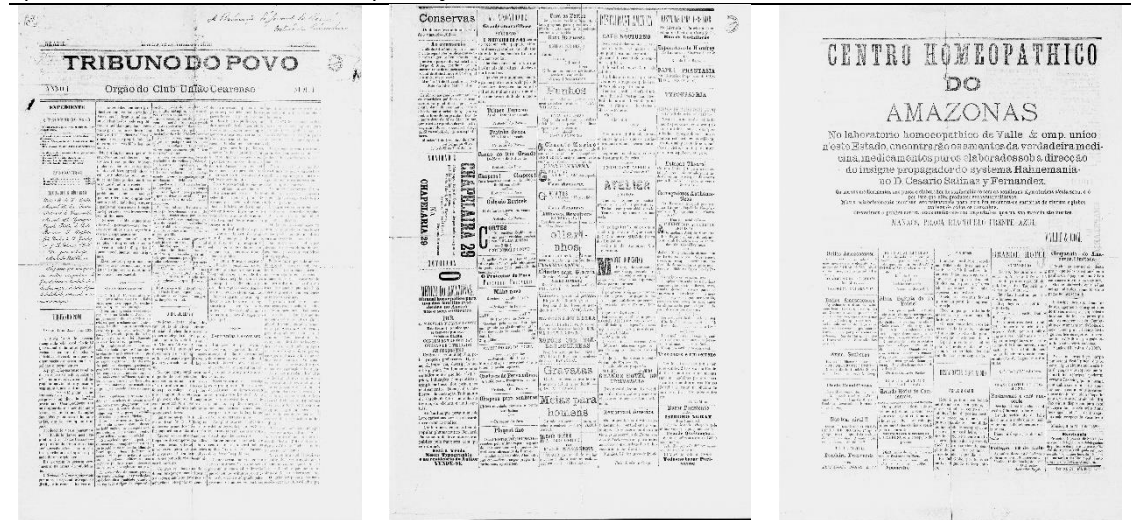
Obs.: pequenos anúncios compostos na horizontal com bom espaço em branco em volta e cercaduras. Tem um pequeno anúncio dizendo que Sabonetes finnos são vendidos na Livraria e Papelaria, Encadernação e Typographia de Castro e Costa. Rua da Instalação, a mesma casa co-mercial em outros breves anúncios oferecia cartoes de visita e chromos. Há um anúncio miste-rioso dizendo apenas “Precisa-se de aprendizes”, provavelmente da oficina tipográfica do jornal.



281 TÍTULO: Tribuna do Povo		Subtítulo: Orgao Popular	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 12 jan 1890, ano1 num.1, semanal
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. d'A Epocha			
Endereço:			
Tipo de impressão:		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 5	
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			

Obs.: Anuncio da edição *O Medico do Amazonas*, manual homoeopatico para uso das famillias residente no Amazonas e seus affluentes por C. Salinas Y Fernandez. a venda nesta typographia e na residencia do autor. Anúncio da Typographia e Livraria de Castro Costa & Com. R. da Instalação. Neste bem montado estabelecimento prepara-se com promptidão e nitidez todo e qualquer trabalho typographico consernente a esta arte como seião talões de qualquer qualidade, cartões de visita, convites para

interro, marca papel, etc etc etc. Anúncio do livro O médico do Amazonas, manuel homeopatico, porém não indica o local de sua produção.



293 | TÍTULO: O Restaurador

Subtítulo: Orgão da Classe Caixeiral

Artefato: digital

Acervo: HBN

Tipo: jornal

Data: 22 jun 1890,
anno1 num.1, semanal

Autor/responsável:

OFICINA: sem indicação

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica

Qualidade:

Profissionais:

TAMANHO:

Páginas: 4

Colunas: 2

Cor: preto

Vinhetas: não

Fios: sim, bigodes

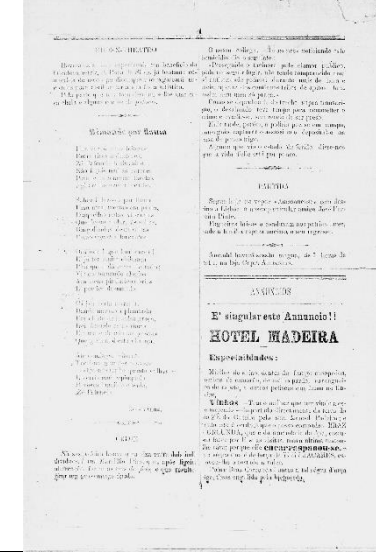
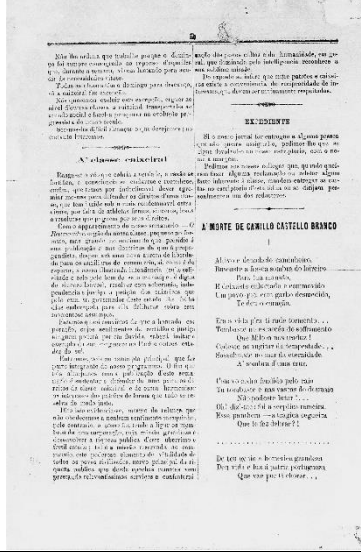
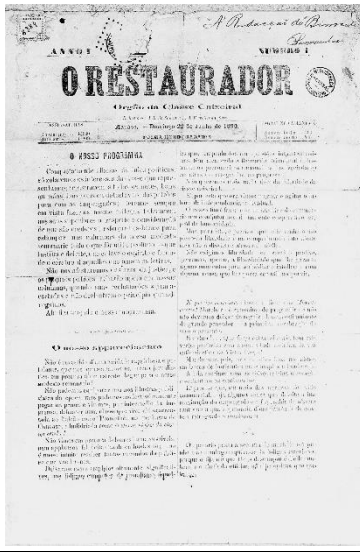
Ilustração: não

Fotografia: não

Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento:

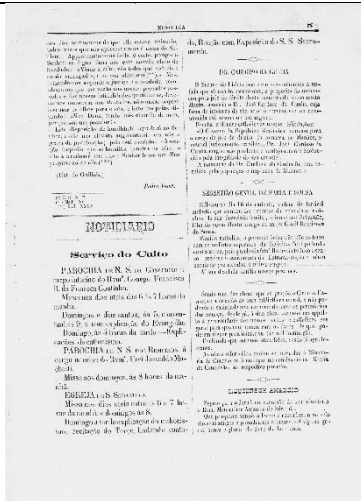
Obs.: O jornal fala que seu aparecimento não é fruto de uma vaidade e que não pode se comparar com os outros jornais e redatores, mas que mesmo modestamente deve "defender uma classe que vive ahi acorrentada ao balcão como Prometheu no penhasco do Caucaso...". Traz um poema com referência à morte de Camilo de Castello Branco ocorrida no dia 1.º de junho desse ano.



272 TÍTULO: Novo dia		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: revista	Data: 27 jul. 1890, anno1 num.1,
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia do Jornal do Amazonas			
Endereço: Rua da Matriz			
Tipo de impressão:		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 8	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	

Recursos gráficos e acabamento: a composição é muito semelhante a de um jornal, sem capa, na primeira página faz uso de capitular decorativa e tem um pequeno sumário, e bigodes

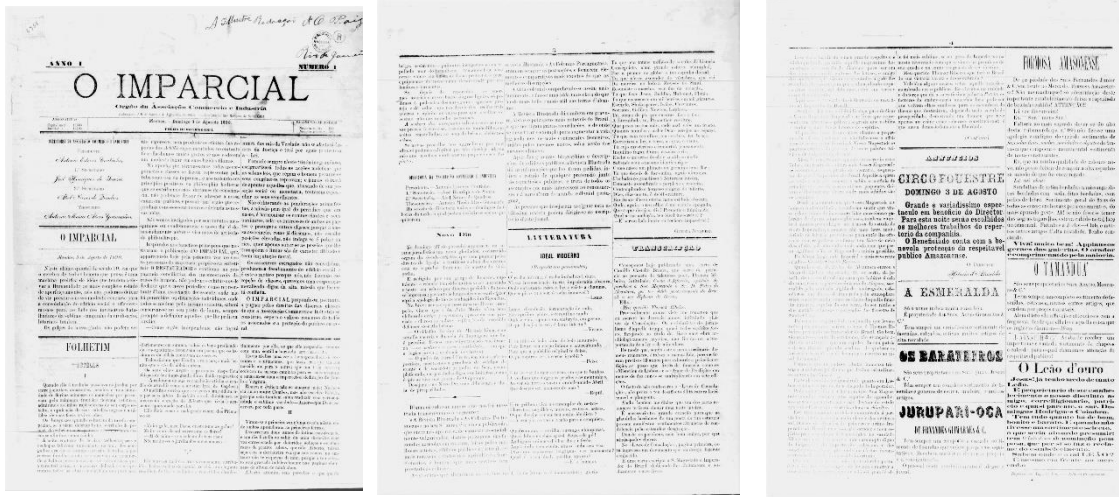
Obs.: Periódico católico, na última página um anúncio com moldura ornamentada da Typ. do Jornal do Amazonas.



292 TÍTULO: O Imparcial		Subtítulo: Órgão da Associação Commercial e Industria	
---------------------------	--	---	--

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 3 ago 1890, anno1 num1, semanal
Autor/responsável:			
OFICINA: Empreza Editora Prosperidade			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim, bigodes	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			

Obs.: No seu artigo de apresentação a folha se diz independente e que se propõe a substituir o jornal O Restaurador, e faz algumas reflexões sobre a vida no final do século XIX. Afirma que o "cerebro de todo o homem que pensa é uma machina prolitica de idéias que tendem a elevar a Humanidade ao mais completo estado de aperfeiçoamento". Também observa que na época em que vivem "todas as corporações e classes se fazem representar pela tuba sonora da imprensa".



279 TÍTULO: Índice do Commercio		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 7 ago.1890, anno1 num.7, semanal
Autor/responsável: Propriedade da Empreza Editora Prosperidade			
OFICINA: Empreza Editora Prosperidade			
Endereço: Praça 5 de Setembro			
Tipo de impressão:		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 5	
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: sim	
Recursos gráficos e acabamento: Jornal tomado de anúncios, de vários tamanhos, mas sobretudo de pequenas notas com capitular, variação da fonte e tamanho.			

Obs.: Tinha a distribuição gratuita e tiragem declarada de 3.200 exemplares. Anúncio da Empresa Editora Prosperidade ilustrado com um clichê de um prelo com tendo um impressor a operá-lo, tendo como gerente J. P. de Castro e Costa e fiscal Antão Alvez Muniz e ressalta seu Pessoal artistico escolhido. Anúncio de título “Um livro útil” da livraria Castro Costa & de “uma nova obrinha da Bolivia ao Atlantico, ou uma viagem pelos rios Mamoré e Madeira anno de 1869”



275 | TÍTULO: Diário de Manáos

Subtítulo:

Artefato: digital

Acervo: HBN

Tipo: jornal

Data: 13 dez. 1890,
anno1 num.163

Autor/responsável: propriedade de uma Associação

OFICINA: Typographia do Diario de Manáos

Endereço: Praça 5 de Setembro

Tipo de impressão:

Qualidade:

Profissionais:

TAMANHO:

Páginas: 4

Colunas: 5

Cor: preto

Vinhetas: não

Fios: sim

Ilustração: não

Fotografia: não

Tabelas/gráficos: sim

Recursos gráficos e acabamento: Uso de capitular

Obs.: Anúncio da venda da Typographia do Seculo, e pede para tratar com Sande Pereira.

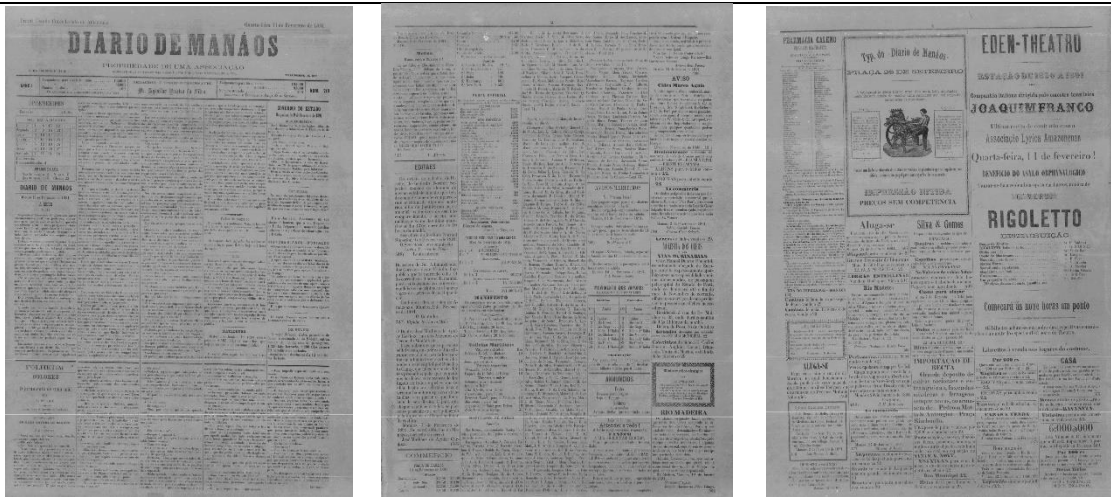


– Total de 45 exemplares

Período: 1891-1900

276 TÍTULO: Diário de Manáos		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 11 fev. 1891, anno1 num.219
Autor/responsável: propriedade de uma Associação			
OFICINA: Typographia do Diário de Manáos			
Endereço: Praça 28 de Setembro			
Tipo de impressão:		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 5	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: sim	
Recursos gráficos e acabamento: Uso de capitular			

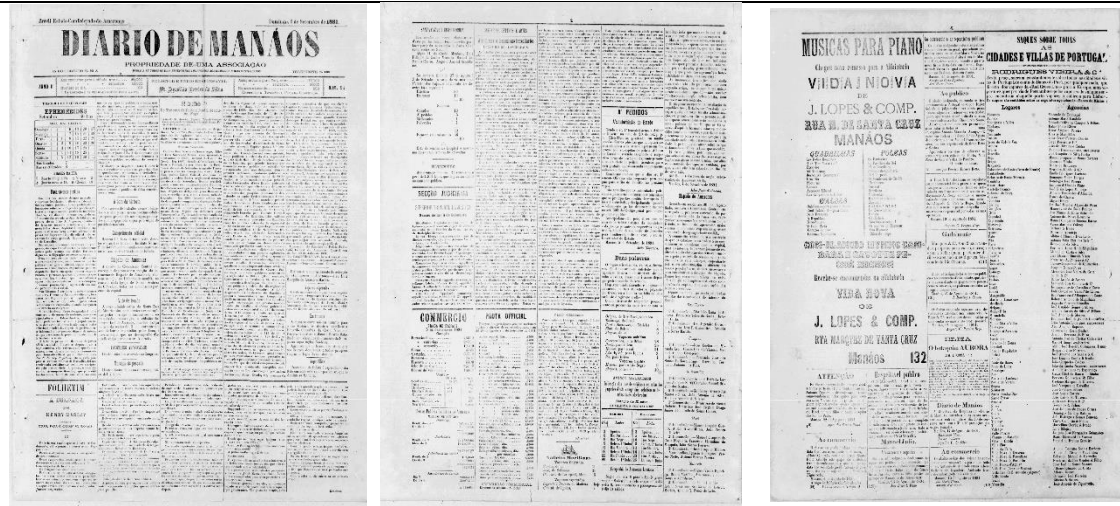
Obs.: anúncio da Typ. do Diário de Manáos com ilustração de um prelo sendo operado por um impressor. Há um grande anúncio tipográfico do Eden-Theatro



277 TÍTULO: Diário de Manáos		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 6 set. 1891, anno2 num.59
Autor/responsável: propriedade de uma Associação			
OFICINA: Typographia do Diário de Manáos			
Endereço: Praça da Constituição			
Tipo de impressão:		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 5	
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: sim	

Recursos gráficos e acabamento: Uso de capitular

Obs.: anúncio da Directoria da Empreza do Diario de Manáos, convidando seus acionistas para a prestação de contas. Anúncio de "Musicas para Piano" vendida pela Alfaiataria Vida Nova, que destaca várias quadrilhas, walsas e polkas. Informa a tiragem de 1.100 exemplares



283 | TÍTULO: Comercio do Amazonas

Subtítulo:

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 27 out 1891, anno23 num.58
-------------------	-------------	--------------	----------------------------------

Autor/responsável:

OFICINA:

Endereço:

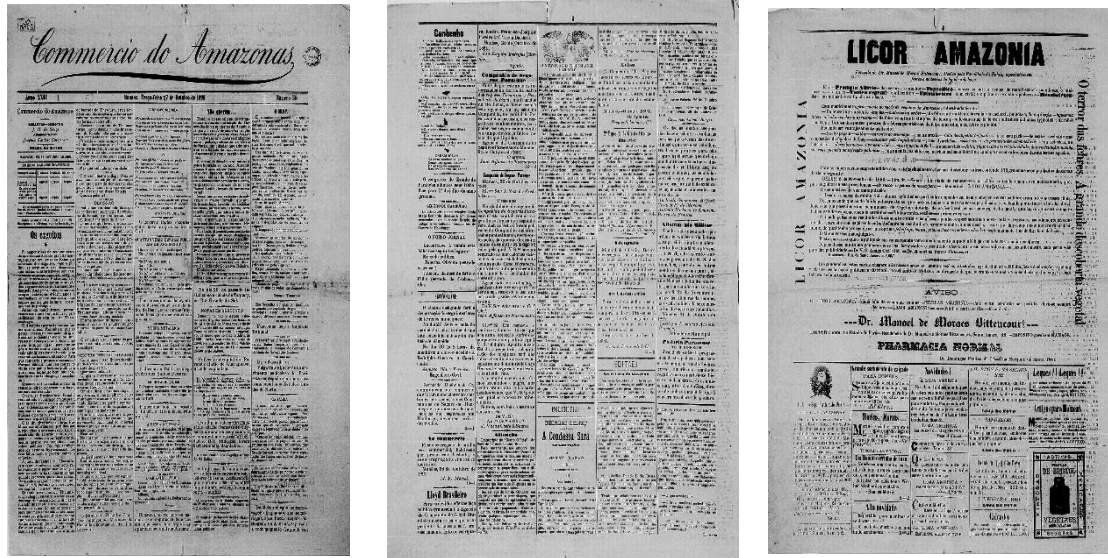
Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:
--------------------------------	------------

Profissionais: Revisor e reporter José Arthur Filho, Impressor Izidoro Vieira

TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 5
Cor: preto	Vinhetas: sim, figurativa	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabela

Recursos gráficos e acabamento: Título do jornal em tipos manuscritos com uma barra decorativa abaixo

Obs.: Indica ser uma "Folha da manhã". Um breve artigo informa que o expediente do governo havia saído do jornal Amazonas, que continua do assunto e o texto comenta "Quantas saudades! O que é interessante, e que na verdade admira, é ver que ás lagrimas do collega, succede-lhe sempre a raiva. Credo, ó alma!". Nota informando da realização da 2.a Exposição Artística, Industrial, Scientifica do Gremio Artístico Amazonense em comemoração ao seu primeiro aniversário em 15 de novembro. Pede q participação da população, particularmente os estabelecimentos de educação, industria, artes e officos. Assinaram João Affonso do Nascimento, Bernardo de A. da S. Ramos e Arthur Luciani.



291 | TÍTULO: Estado do Amazonas

Subtítulo: Jornal politico, commercial,
noticioso e literario

Artefato: digital

Acervo: HBN

Tipo: jornal

Data: 13 jan. 1892,
anno1 n.4, 3vezes na
semana

Autor/responsável: Americo C. Carneiro, director

OFICINA: Typographia do Estado do Amazonas

Endereço: Rua Ruy Barbosa

Tipo de impressão: tipográfica

Qualidade:

Profissionais:

TAMANHO:

Páginas: 4

Colunas: 4

Cor: preto

Vinhetas: sim, figurativa

Fios: sim

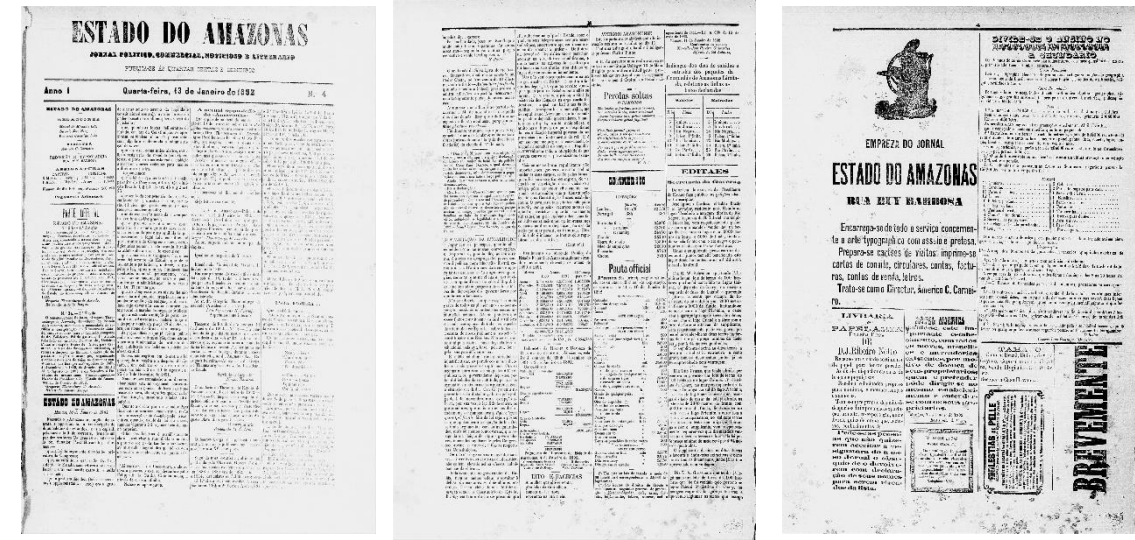
Ilustração: não

Fotografia: não

Tabelas/gráficos: tabela

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: Publica uma Parte Official. Livraria e Papelaria D.J. Ribeiro Netto, Rua Municipal canto da Ruy Barbosa, tem constantemente á venda papel de diversas qualidades, livros e artigos de escriptorio. Encarrega-se de assignaturas de jornais da Capital Federal. Assigna-se a Estação jornal de modas. Anúncio da Empreza do Jornal do Estado do Amazonas. Encarrega-se de todo o serviço concernente a arte typographica com asseio e pretesa [sic]. Prepara-se cartões de vizitas imprime-se cartas de convite, circulares, contas, facturas, contas de venda, letras. Trata-se com o Director, Americo C. Carneiro. Outro anúncio da Livraria e Papelaria Ferreira Penna de D. J. Ribeiro Netto, destacando vários produtos como papel de parede, cadeiras, velocipedes e impressos comerciais.



295 | TÍTULO: O Rio Purus

Subtítulo: Órgão Imparcial

Artefato: digital

Acervo: HBN

Tipo: jornal

Data: 7 fev. 1892, ano
2 num.16, 2x semana

Autor/responsável:

OFICINA: Typ. d'O Rio Purus

Endereço: Rua 14 de Maio, Labrea.

Tipo de impressão: tipográfica

Qualidade:

Profissionais:

TAMANHO:

Páginas: 4

Colunas: 3

Cor: preto

Vinhetas: sim, ornamento

Fios: sim,

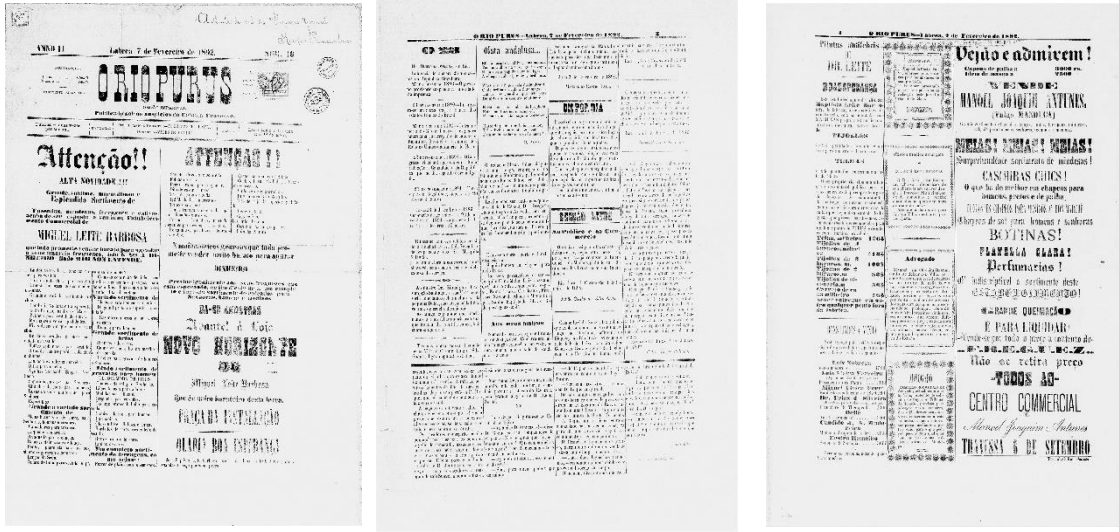
Ilustração: não

Fotografia: não

Tabelas/gráficos: não

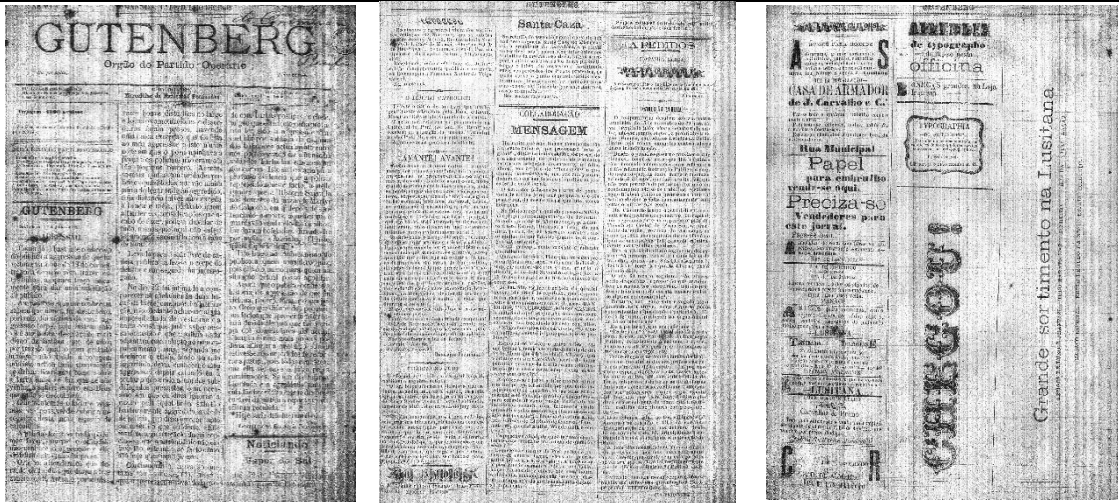
Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: No cabeçalho informa ser Publicado sob os auspícios da Colonia Cearense. Anúncio com título de Bons livros a venda na oficina tipográfica do jornal, e lista algumas edições descritas por autor: Luiz Nobrega, Versos modernos; Luiz Vieira Ferreira, Passagem do rio Paran; Miguel Vvieira Ferr.^a, Manifesto republicano de 1870; Dr. Urias d Silveira, Formulario de Therapeutica; Delia, Aurelia (romance); Candido J. A. Madureira, Methodo de aprender a ler; Castro Ramalho, Synopsis de Zoologia. Por fim diz que "Recebe-se encomends de quaesquer musicas."



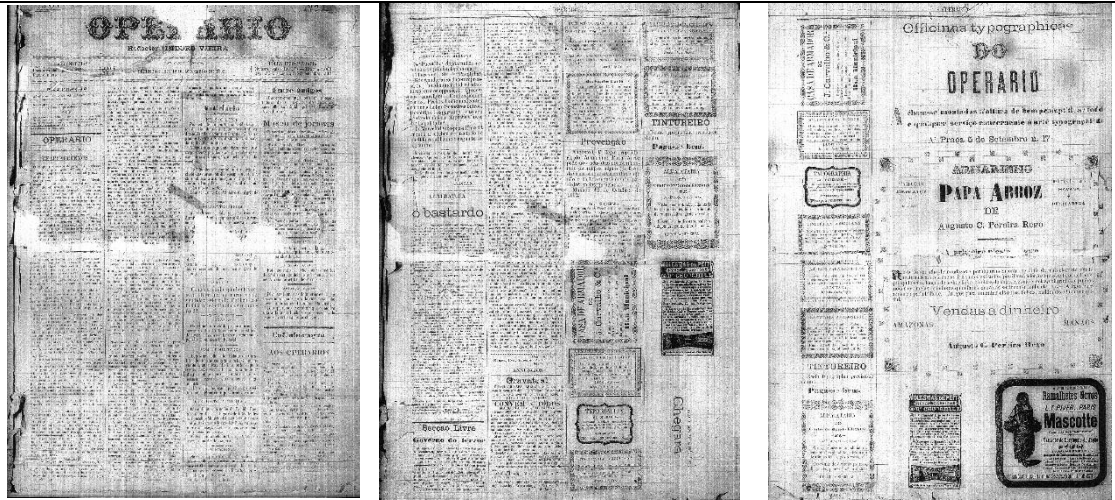
290 TÍTULO: Gutenberg		Subtítulo: Orgão do Partido Operario	
Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: jornal	Data: 1.º de julho de 1892, anno 1 num.25 aos domingos
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. do Gutenberg			
Endereço: Praça 5 de Setembro, 42			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tab	
Recursos gráficos e acabamento: Capitulares, cercadura e tipos toscanos nos anúncios.			

Obs.: Tiragem de 1.000 exemplares. Tem o lema: "Um por todos. Todos por um." impresso no cabeçalho. Publica o folhetim Coração por Edmundo de Amicis. Quarta página tem anúncio da oficina tipográfica de venda de papel de embrulho, de que contrata vendedores de jornal, de admissão de aprendiz de tipógrafo e o da Typographia do "Gutenberg" oferecendo seus serviços de arte typographica a preços razoaveis.



289 TÍTULO: O Operario		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: jornal	Data: 12 dez. 1892, anno1, num1, folha hebdomadaria
Autor/responsável: Isidoro Vieira, redactor			
OFICINA: Typ. d'O Operario			
Endereço: Praça 5 de Setembro, 17			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 5	
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tab	
Recursos gráficos e acabamento: Título composto em tipos toscanos			

Obs.: Tiragem de 1.000, número avulso 100 réis. O primeiro artigo informa que o orgão das classes operarias reaparecia com o título de Operario e informa que "o seu programa é o traçado pelo Gutenberg, a quem vem suceder". Traz dois anúncios da Typografia d'O Operário, um pequeno e outro maior, neste último informa que suas "Officinas typographicas [...] acham-se montadas n'altura de bem promptificar todo e qualquer serviço concernente à arte typographica.

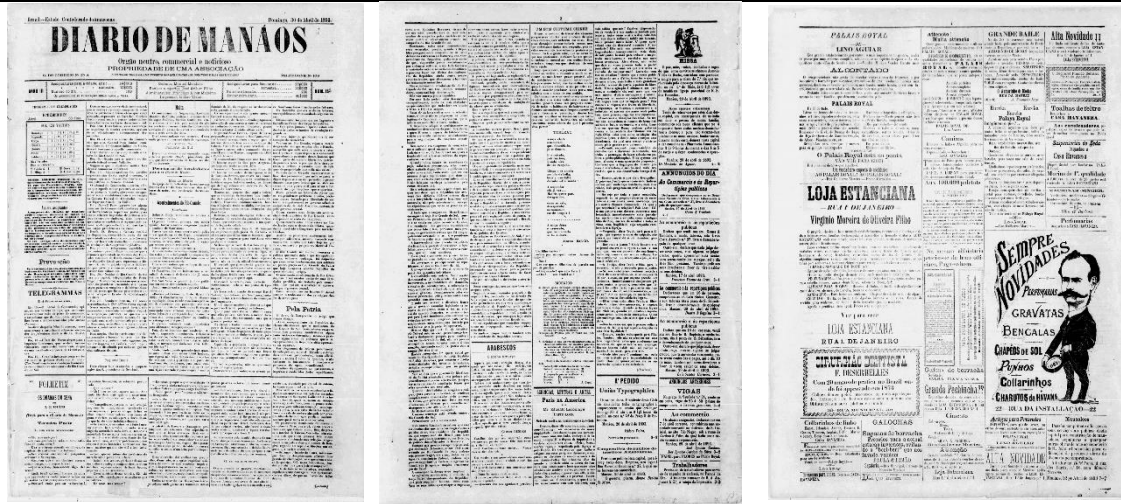


282 TÍTULO: Diario de Manáos		Subtítulo: Orgão neutro, commercial e noticioso	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 3 maio 1893, anno3 num.157, de terça a domingo
Autor/responsável:			
OFICINA:			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais: Revisor e reporter José Arthur Filho, Impressor Izidoro Vieira			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 5	

Cor: preto	Vinhetas: sim, figurativa	Fios: sim
Ilustração: sim	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas

Recursos gráficos e acabamento: uso de ornamento, um canto na coluna A Pedido

Obs.: Tiragem de 1.300 exemplares. Primeiro registro de revisor. Anúncio com ilustração. Anúncios da Palais Royal



294 | TÍTULO: Município

Subtítulo: Órgão dos interesses locais

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 11 jun. 1893, ano 1 num. 1, semanal
-------------------	-------------	--------------	--

Autor/responsável:

OFICINA: Typ. do Município

Endereço: Rua Deodoro, Itacoatiara

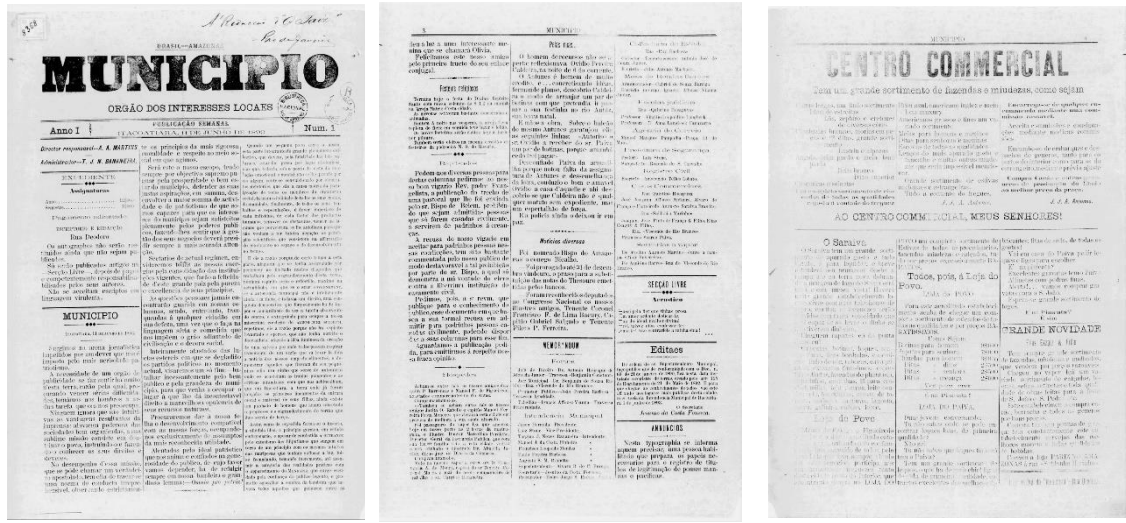
Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:
--------------------------------	------------

Profissionais:

TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim, bigodes
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.:



296 | TÍTULO: O Rio Purus Subtítulo: Orgão do Partido Democrata

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 15 set. 1893, anno3 num121, publica de cinco em cinco dias
-------------------	-------------	--------------	--

Autor/responsável:

OFICINA: Typ. d'O Rio Purus

Endereço: Rua 14 de Maio, Labrea.

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:
--------------------------------	------------

Profissionais:

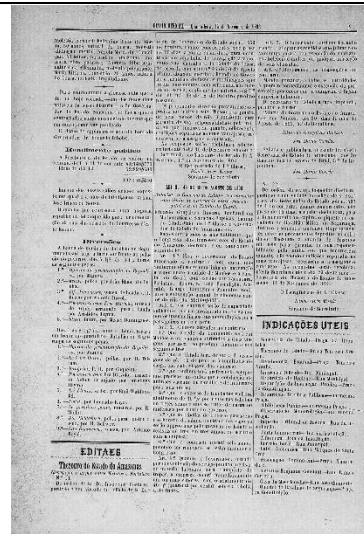
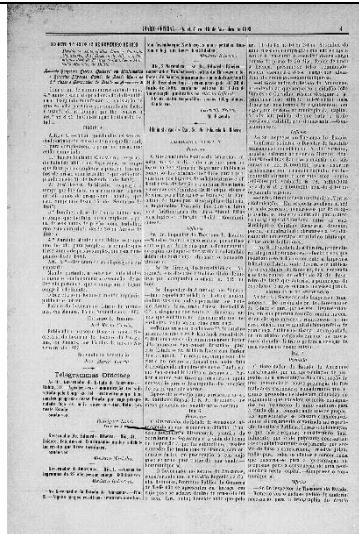
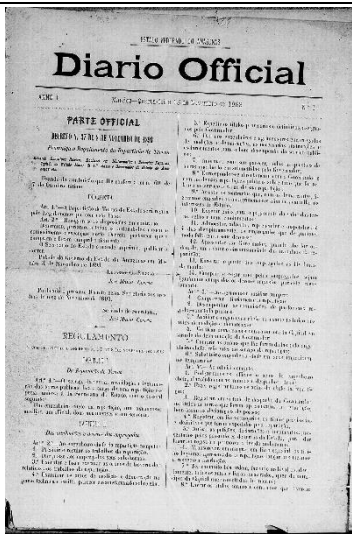
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: variável [3 e 5]
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamento	Fios: sim, bigode
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento: O jornal mudou sua composição gráfica e parece ter mudado o formato, além de utilizar tipos e vinhetas bem compostos.

Obs.: Publica uma parte oficial chamada Trabalhos municipais. Há o folhetim Guarany de José de Alencar e tem três anúncios com clichês em que há uma ilustração e uma área vazada para inserir as informações, dois são de um pintor em uma escada e outro de um trabalhador carregando um baú. Anúncio da Typ. do O Rio Purus com uma vinheta, que assim se apresenta. Neste bem montado estabelecimento, aprompta-se com aceio e brevidade todo e qualquer trabalho concernente a arte typographica. Dois menores de cartões de visita da mesma oficina tipográfica.



273 TÍTULO: Diário Oficial		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 15 nov. 1893, anno1 num.1
Autor/responsável:			
OFICINA: Imprensa Oficial			
Endereço:			
Tipo de impressão:		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 8	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim, bigodes	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.: o primeiro número do Diário Oficial saiu com 8 páginas			



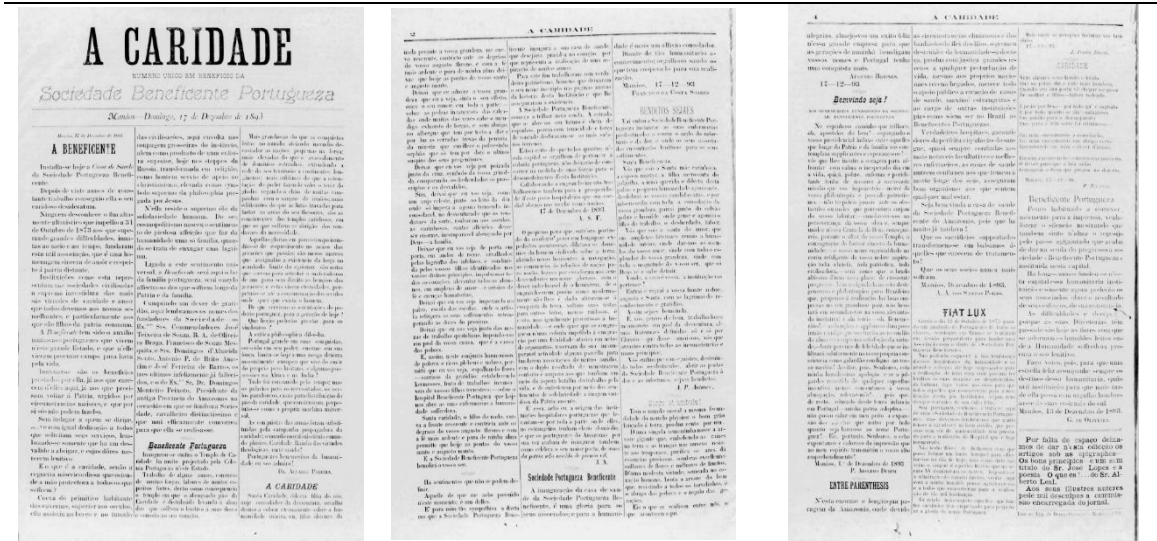
93 TÍTULO: A Mutuca	Subtítulo: Organ Humorístico e noticioso
------------------------------	---

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 17 nov 1893, ano1 num.1
Autor/responsável: Luiz Alves da Fonseca, editor			
OFICINA: Typ. da Mutuca*			
Endereço: Rua das casas			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 2	
Cor: preto	Vinhetas: poucas	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			

Obs.: *Não parece ter efetivamente uma oficina tipográfica própria. Exemplar digitalizado apresenta problemas, há sobreposição de texto.

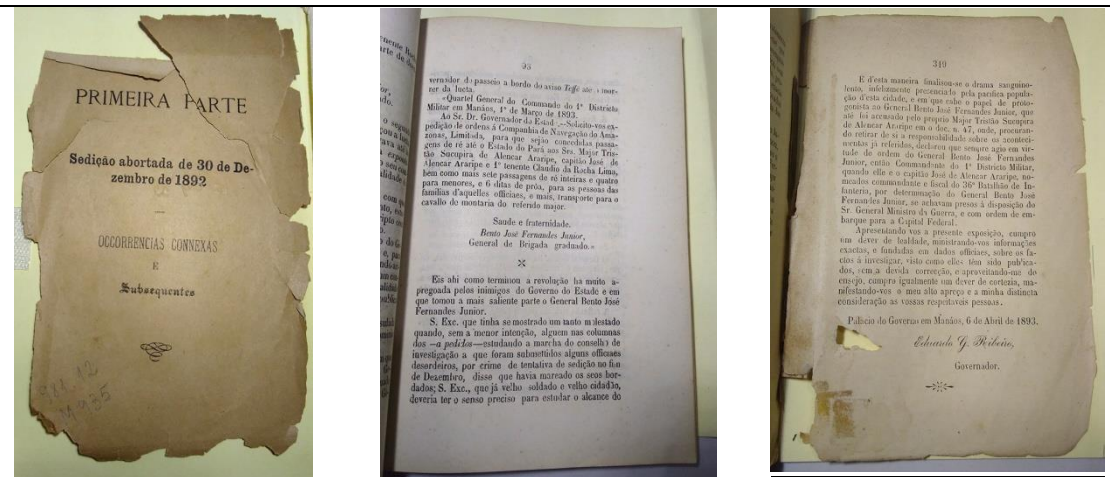
72 | TÍTULO: A Caridade Subtítulo: numero unico em beneficio da Sociedade Beneficente Portuguesa

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 17 dez 1893
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. do Diario Official			
Endereço			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.: Edição única, sem anúncios.			



138 TÍTULO: Sedição abortada de 30 de dezembro de 1892 Primeira Parte		Subtítulo: Ocorrências Connexas e Subsequentes	
Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição	Data: 1893*
Autor/responsável: Redacção do "Amazonas"			
OFICINA:			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular	
Profissionais:			
TAMANHO: 14,5 x 20,6	Páginas: 319	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamentos	Fios: não	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: O exemplar apresenta no miolo dois tipos diferentes de papel			

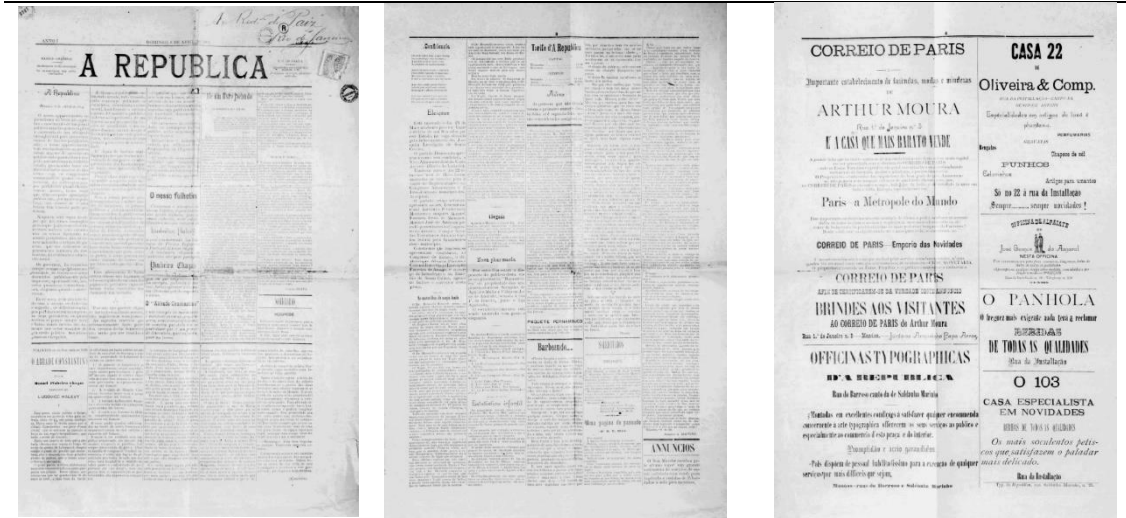
Obs.: *A edição não apresenta uma folha de rosto, página de crédito ou colofão com os dados claros da edição, essa é a data indicada na apresentação do livro: 31 de março de 1893 e assina a Redacção do "Amazonas"



124 TÍTULO: A Republica		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 8 abr 1894, ano 1 num.1, três vezes na semana
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. da Republica			
Endereço: Rua Saldanha Marinho, 25			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 5	
Cor: preto	Vinhetas: única	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			

Obs.: Anúncio: Anúncio das Officinas Typographicas D'A Republica. Montadas em excelentes comdições á satisfazer qualquer encomenda concernente a arte typographica offerecem os seus serviços ao

publico e especialmente ao commercio d'esta praça e do interior. Promptidão e aceio garantidos. Pois dispõem de pessoal habilitassimo para executar qualquer serviço por mais difficeis que sejam.



297 | TÍTULO: O Coaryense

Subtítulo: órgão imparcial e semanal

Artefato: digital

Acervo: HBN

Tipo: jornal

Data: 13 jun. 1895, ano 1 num.6, semanal

Autor/responsável: João Joaquim Mendes da Rocha, proprietário e redactor

OFICINA: Typographia d'O Coaryense*

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica

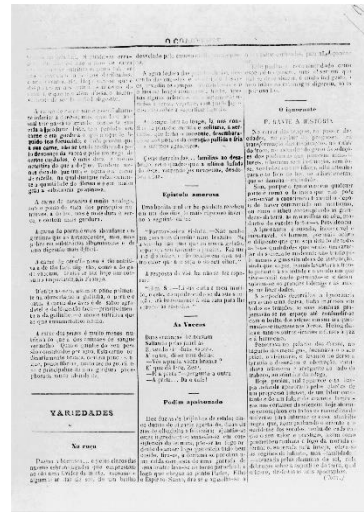
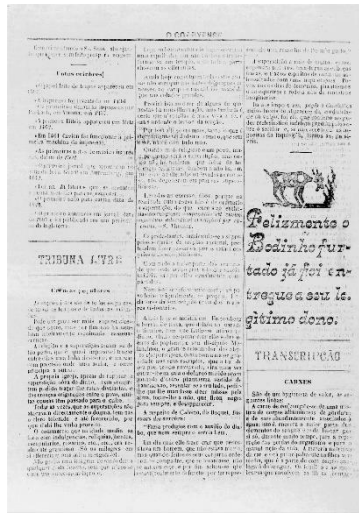
Qualidade:

Profissionais:

TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim,
Ilustração: sim	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento: Há uma ilustração bastante rudimentar de uma cabra pastando, parece ser original e não uma vinheta ou clichê padronizado, talvez um xilo.

Obs.: * O jornal não identifica sua oficina tipográfica. Na segunda página lemos uma nota dizendo que o jornal deixou de sair nas duas quintas feitas anteriores “devido as mudanças de nossas officinas e da pharmacia de nosso Redactor e proprietario.” Além disso, o único operário e impressor da officina estava muito doente.



66 | TÍTULO: A Federação Subtítulo: Órgão do Partido Republicano Federal

Artefato: digital Acervo: HBN Tipo: jornal Data: 12 dez 1895, ano1 num.342, diário

Autor/responsável: Propriedade de uma Associação

OFICINA: Typographia d'A Federação

Endereço: Rua Barroso, 22

Tipo de impressão: Qualidade:

Profissionais: Deusededit da Silva Ferraz, recactor-chefe. Almeida Nobre, Thaumaturgo Vaz e Themistocles Machado, auxiliares.

TAMANHO: Páginas: 4 Colunas: 5

Cor: preto Vinhetas: não Fios: sim

Ilustração: não Fotografia: não Tabelas/gráficos: não

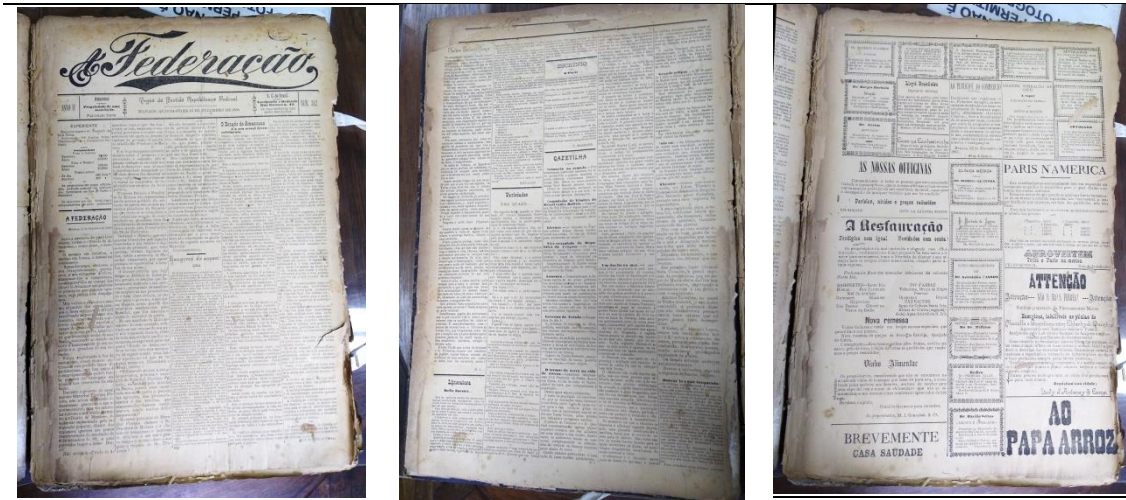
Recursos gráficos e acabamento: Título do jornal composto em tipo cursivo com uma barra. vários anúncios, usando tipos e cercaduras variáveis, incluindo da própria oficina tipográfica

Obs.:



167 TÍTULO: A Federação		Subtítulo: Órgão do Partido Republicano Federal	
Artefato: original	Acervo: BN	Tipo: jornal	Data: 12 dez. 1895, ano 2, num. 342
Autor/responsável:			
OFICINA:			
Endereço: Rua Barroso, canto da Saldanha Marinho			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 34 x 51,2 cm	Páginas: 4	Colunas: 5	
Cor: preto	Vinhetas:	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:.			

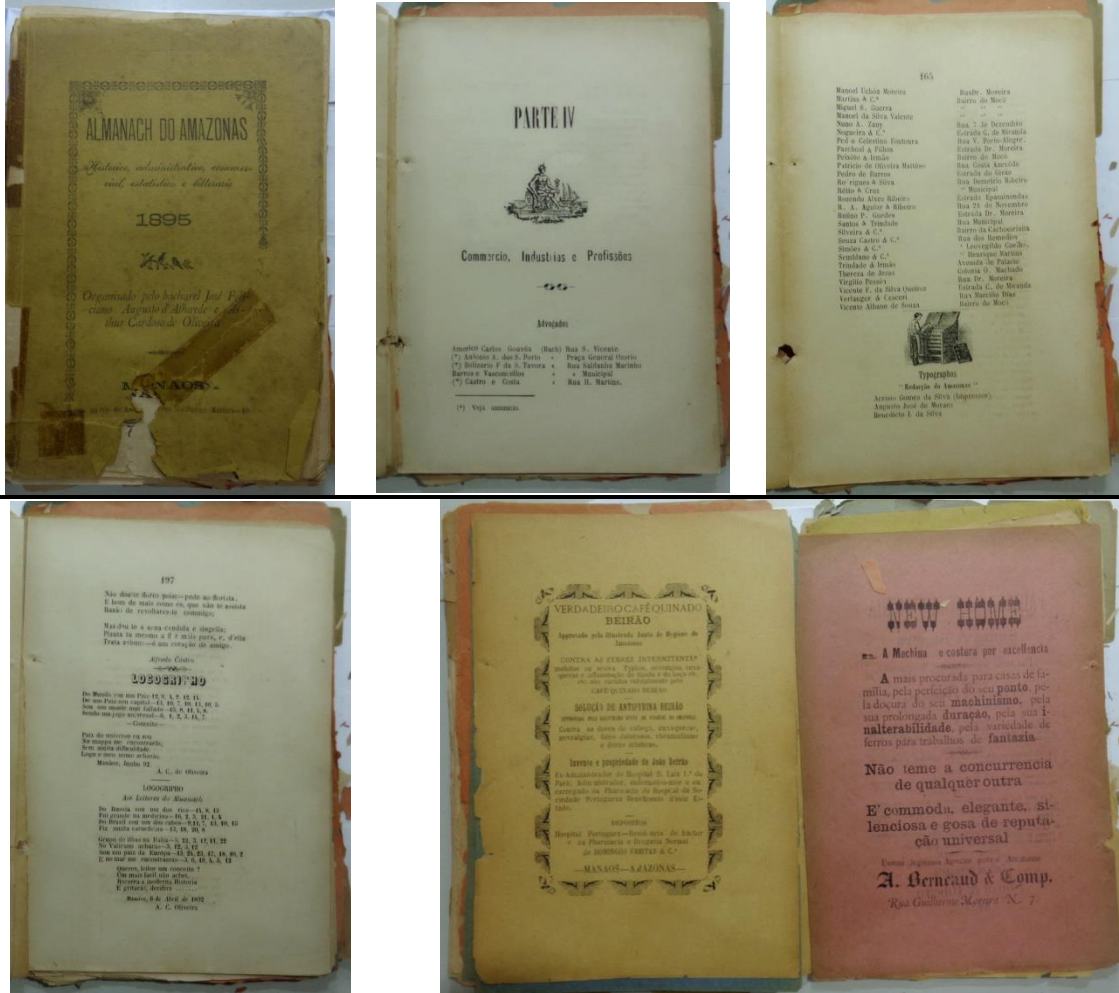
Obs.: Vários números encadernados em um mesmo volume, páginas quebradiças. Anúncio “As nossas oficinas” oferecendo trabalhos typographicos em suas officinas que “acham-se convenientemente providas de um excellent materia, capaz para o desempenho de qualquer trabalhos que nos for confiado. Perfeição [sic], nitidez e preços reduzidos”. Anúncio da Livraria Classica declarando a venda das “mercadorias existentes em nosso estabelecimento de livraria e pape-laria” a Francisco Antogini, assina Silva & Gomes.



200 TÍTULO: Almanach do Amazonas Historico, administrativo, comercial, estatistico e literario 1895		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: almanaque	Data: 1895
Autor/responsável: Bacharel José Feliciano d’Athayde e Arthur Cardoso de Oliveira			
OFICINA: Typ do Amazonas			
Endereço: Rua Guilherme Moreira, 10			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 14,5 x 20,8 cm	Páginas: 224+*	Colunas: 1	
Cor: preto*	Vinhetas: sim, ornamentais e figurativas	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	

Recursos gráficos e acabamento: Capa em papel de cor amarelada, uso de capitular, páginas finais com anúncios em papel de cor, amarelado, avermelhado e azulado

Obs.: *os vários anúncios ao final não estão numerados. O exemplar apresentava vários cadernos soltos e páginas quebradiças. No item Gymnasio Amazonense há a indicação de um professor interino de desenho e geometria descritiva, Salvador Carlos de Oliveira. No setor de Obras Publicas, há a indicação de um desenhista, Willy von Bancel. No Instituto de Artes e Ofícios há um professor de Desenho com aplicação às Artes, Escultura, Arthur Luciani, e na Oficina de Encadernação o mestre Ildefonso F. Amorim. No item sobre a Imprensa Official [p. 105], inaugurada em 15 nov. 1893, é dito que além da impressão do Diario Official "executa-se tambem todos os trabalhos de typographia e encadernação, devendo brevemente ser montada uma importante Officina lithographica." No interior lista quatro periódicos: Humaytha, Labrence, Municipio, Rio Purus e três na capital: Amazonas, Diario Official e A Republica. Há a indicação de 4 livrarias: Ferreira Penna, de D. J. Ribeiro & C., na Rua Municipal; Universal, de F. de Queiroz & C., na R. H. Martins; Palais Royal, de Lino Aguiar, R. Guilherme Moreira; Classica, Silva & Gomes, Praça Tamandaré. Duas Photographias: Arthuro Luciane, Rua H. Martins; e Francisco Candido Lyra, na R. Marcilio Dias. São 5 Typographias são listadas: Amazonas, Rua Guilherme Moreira; Imprensa Official, Rua Municipal; Lino Aguiar, Guilherme Moreira; Republica, R. Barrozo; Silva & Gomes, Praça Tamandaré. E na seção Typographos são listados os profissionais de três Redações: quatorze na Redacção do Amazonas; dezessete na do Diario Official, e sete na Redacção d'A Republica.



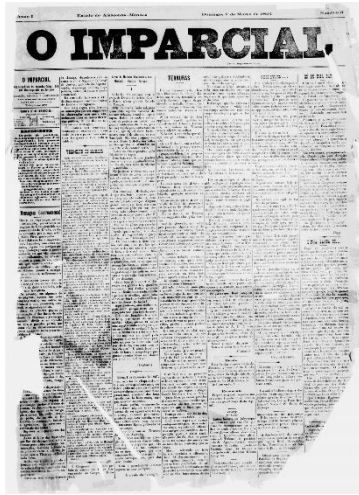
168 TÍTULO: A Federação		Subtítulo: Orgão do Partido Republicano Federal	
Artefato: original	Acervo: BN	Tipo: jornal	Data: 23 set. 1896, ano 3, num. 536, diário
Autor/responsável:			

OFICINA:		
Endereço:		
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular
Profissionais: José Lino de Paula Barros, gerente; Theodomiro de Brito, director		
TAMANHO: 36,5 x 52 cm	Páginas: 4	Colunas: 5
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não
Recursos gráficos e acabamento: Mudança no título do periódico, agora composto em uma família tipográfica serifada.		

Obs.: Vários números encadernados em um mesmo volume, páginas quebradiças. Na segunda página há várias chamadas entre os textos indicando “Precisa-se de meninos para vender esta folha.” Anúncio da Livraria Palais Royal, em que “Encarrega-se de serviços consernente a typographia e encadernação garantido a boa mão na arte, asseio e pontualidade. Recebe constantemente instrumentos musicaes e vende por preços resumidos”. Anúncio da Biblioteca do Estado solicitando orçamentos para a compra de papel timbrado, envelopes, canetas, pennas, tinta preta e encarnada, raspadeiras e outros.



274 TÍTULO: O Imparcial		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 7 março 1897, anno1 num.3, de terça a domingo
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. d'O Imparcial			
Endereço: Rua Henrique Martins			
Tipo de impressão:		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 7	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: sim	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.: Tem um anúncio do Canto das Novidades com fotografia da loja			



278 | TÍTULO: O Imparcial

Subtítulo:

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 14 jul. 1897, anno1 num.102, terça a domingo
-------------------	-------------	--------------	--

Autor/responsável:

OFICINA: Typographia d'O Imparcial

Endereço: R. Henrique Martins

Tipo de impressão: Qualidade:

Profissionais:

TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 7
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: sim

Recursos gráficos e acabamento: A capa apresenta uma foto de Sadi Carnot, quinto presidente da república francesa, que morreu assassinado em 1894, descrito como “a personificação da democracia francesa”

Obs.: anúncio do Typ. d'O Imparcial e uma nota na primeira página dizendo “Precisa-se d'uma pessoa que se encarregue da distribuição e venda avulsa deste jornal. Paga-se bem.”



144 | TÍTULO: Relatório apresentado ao exm. Sr. Dr. Governador do estado do Amazonas pelo chefe interino do departamento da industria engenheiro João Miguel Ribas exercício de 1896 1897 Subtítulo:

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1897
--------------------	------------	----------------------	------------

Autor/responsável:

OFICINA: Typ. d'A Federação

Endereço: Rua Joaquim Sarmento

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade: irregular
--------------------------------	----------------------

Profissionais: William von Bancel, desenhista da Directoria de Terras; Paulo Machado, desenhista na Directoria de Obras Públicas, 1.a secção; Guilherme Capnetz, desenhista de 2.a classe na 2.a secção da 1.a Directoria do Departamento de Industria. Há um interessante resumo dos trabalhos do escriptorio de desenho do departamento da indústria durante o segundo semestre de 1896

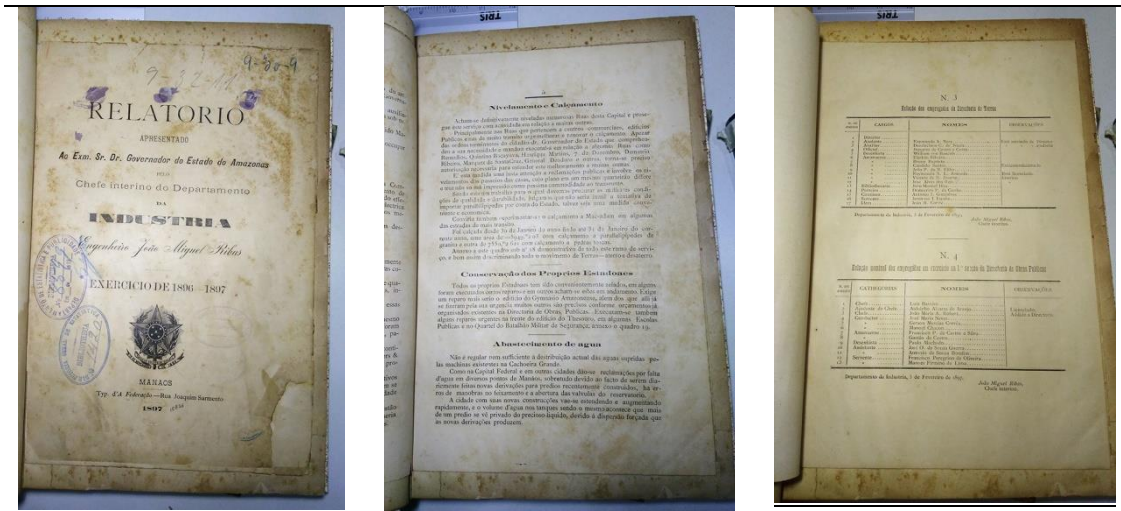
TAMANHO: 19,5 x 29,3 cm	Páginas: 24+22*	Colunas: 1 [texto]
-------------------------	-----------------	--------------------

Cor: preto	Vinhetas: brasão	Fios: sim
------------	------------------	-----------

Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: muitas tabelas, incluindo quatro em uma página
-----------------	-----------------	--

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: *são 24 páginas numeradas seguidas de 22 páginas com tabelas



145 | TÍTULO: Relatório apresentado ao Ex.mo snr. Dr. Fileto Pires Ferreira governador do Estado do Amazonas pelo engenheiro civil Anisio de Carvalho Palhano secretario do Estado, encarregado dos negócios da industria... Subtítulo:

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1898
--------------------	------------	----------------------	------------

Autor/responsável:

OFICINA:

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade: regular
--------------------------------	--------------------

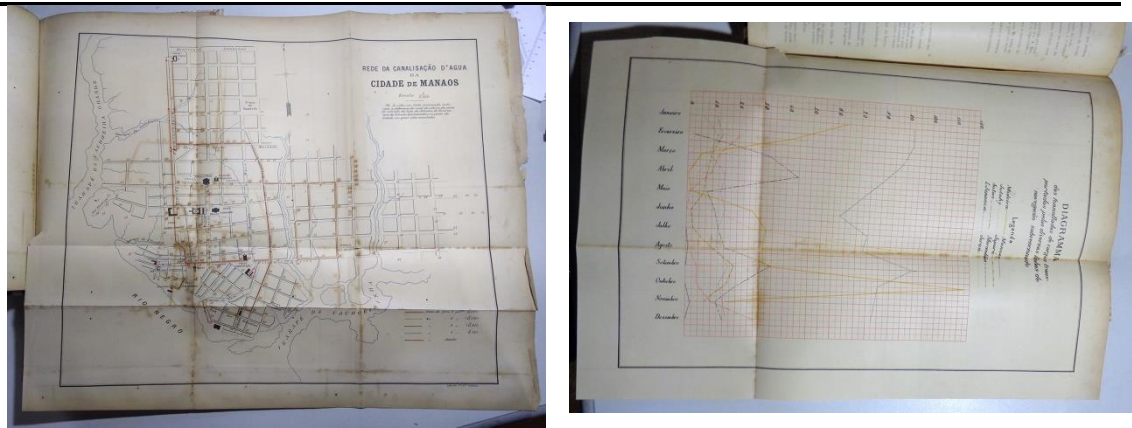
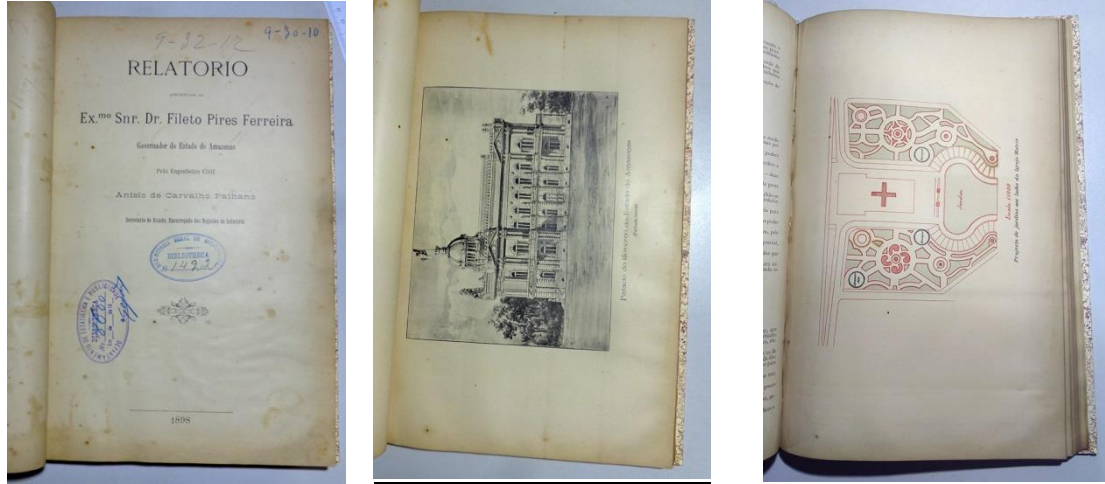
Profissionais:

TAMANHO: 21 x 32,5 cm 15,8x27,4/me32 mi25	Páginas: 115+*	Colunas: 1 [texto]
--	----------------	--------------------

Cor: preto	Vinhetas: ornamento	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: várias	Tabelas/gráficos: muitas tabelas, incluindo em páginas desdobradas, diagramas e mapas

Recursos gráficos e acabamento: Muito ilustrada, há algumas páginas impressas em cores.

Obs.: *as muitas fotos, tabelas, mapas e outros não foram numerados, assim a numeração está subestimada. Em algumas plantas e mapas aparece a indicação Lith. da C.a N.al Editora



147 | TÍTULO: Mensagem do Ex.mo Sr. Dr. Fileto Pires Ferreira Governador do Estado... Subtítulo:

Artefato: original Acervo: AN Tipo: edição oficial Data: 1898

Autor/responsável:

OFICINA: Imprensa Oficial

Endereço: Rua Fileto Pires

Tipo de impressão: tipográfica

Qualidade: regular

Profissionais:

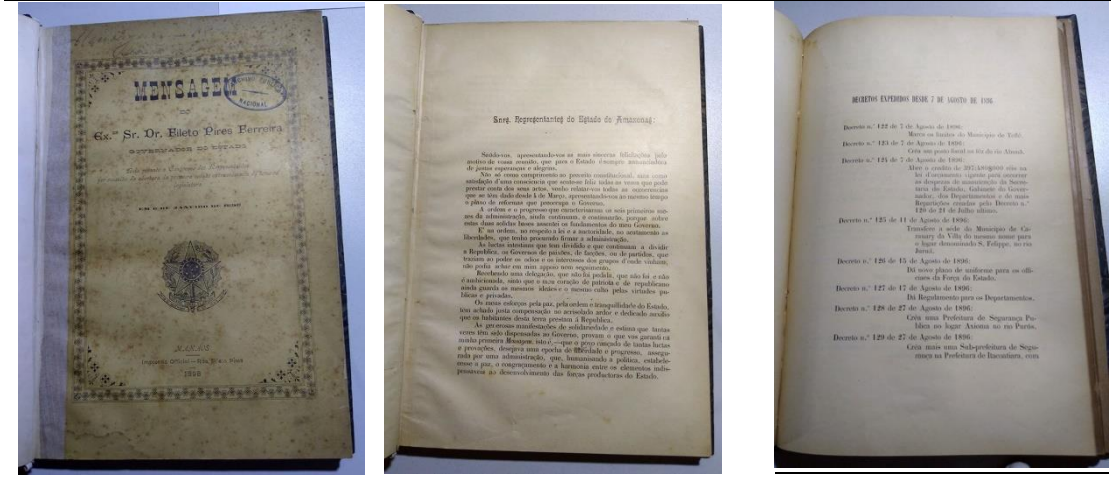
TAMANHO: 18,2 x 26,8 cm Páginas: 102 Colunas: 1 [texto]

Cor: preto Vinhetas: brasão, ornamento Fios: sim

Ilustração: não Fotografia: não Tabelas/gráficos: vários, incluindo página desdobrada

Recursos gráficos e acabamento: Capa com cercadura

Obs.:



226 | TÍTULO: Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Fileto Pires Ferreira governador do Estado pelo secretario dos negocios do interior em 5 de janeiro 1899 Subtítulo:

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1898
--------------------	------------	----------------------	------------

Autor/responsável:

OFICINA: não indicada

Endereço:

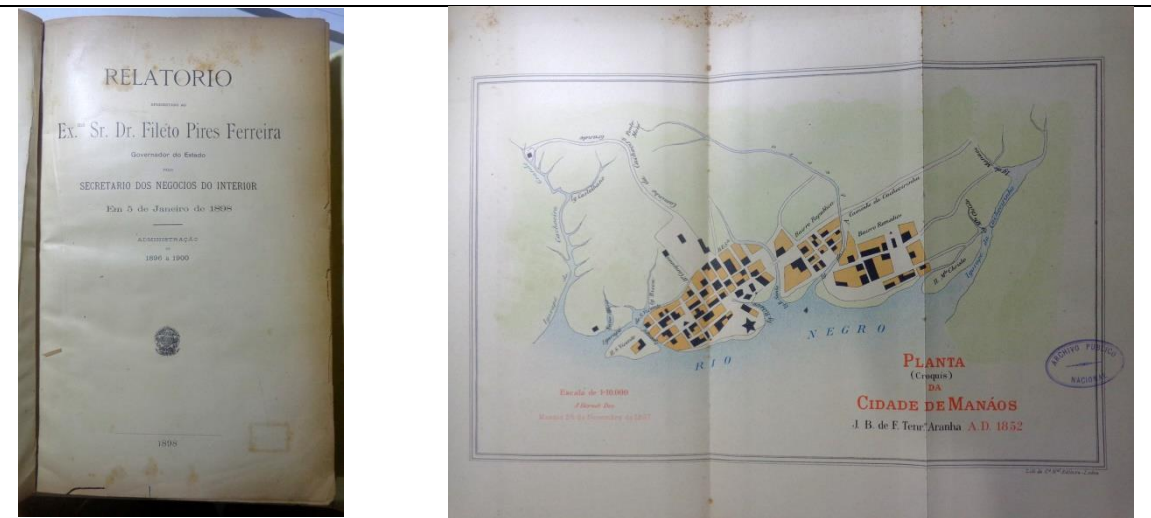
Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade: regular
--------------------------------	--------------------

Profissionais:

TAMANHO: 21 x 33 cm	Páginas: 82+*	Colunas: 1
Cor: preto	Vinhetas: brasão e ornamentos	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: muitas tabelas

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: *edição composta de vários relatórios, alguns não numerados, com tabelas, mapas etc



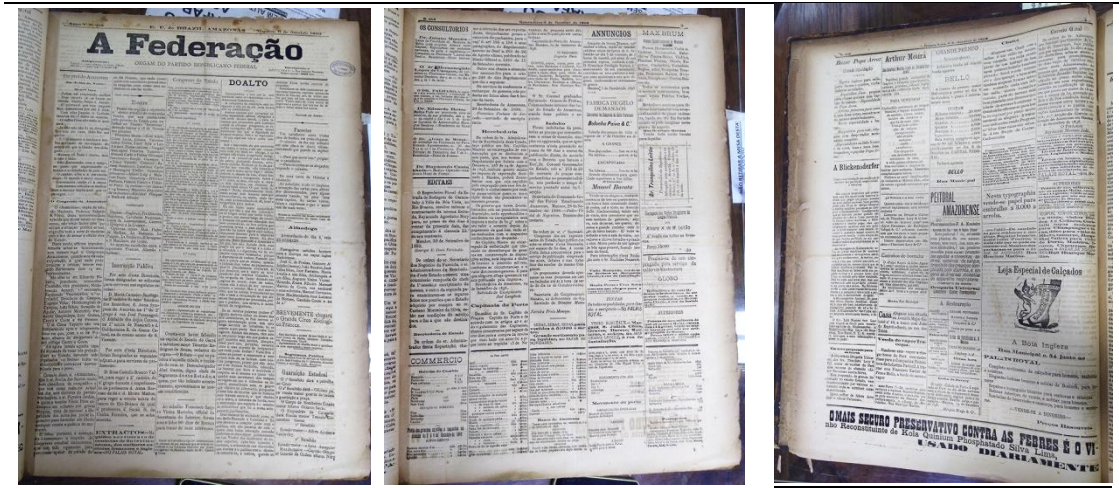
169 | TÍTULO: A Federação

Subtítulo: Órgão do Partido Republicano Federal

Artefato: original	Acervo: BN	Tipo: jornal	Data: 6 out. 1899, ano V, num. 218, diário
Autor/responsável:			
OFICINA:			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 36,5 x 52 cm	Páginas: 4	Colunas: 5	
Cor: preto	Vinhetas: figurativa, em anúncio	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	

Recursos gráficos e acabamento: Mudança no título do periódico, agora composto em uma família tipográfica de serifa quadrada.

Obs.: Anúncios curtos da Palais Royal distribuídos na edição: 1. Molduras – “um variado sortido em finissimo gostos. Esplendida colleção de quadros e figuras para salas”. 2. Tintas – “de todas as qualidades para desenho e escriptorio”. 3. Carimbos de borracha – “...com clichés, emblemas e etc a gosto do freguez, inclusive carimbos-firmas (imitação do proprio punho)... As encomendas são entregues em 6 horas e a preços módicos”. 4. Livraria e Papelaria – “obras litterarias e scientificas, encadernadas em finissimos gostos, tanto em percalina, como em chagrin e carneira. Livros de Instrucção, Recreio, Legislação e Medicina. Livros em branco, copiadores e indices alphabeticos para escripturação mercantil, e uma infinidade de objectos de escriptorio”. Anuncio de Max Brum, grande estabelecimento de musicas, em que além de anunciar instrumentos musicais e acessórios, comercializa métodos e músicas. Rua Henrique Martins, “Vende tudo muito barato para liquidar”. Anúncio de venda de papel embrulho nesta typographia.



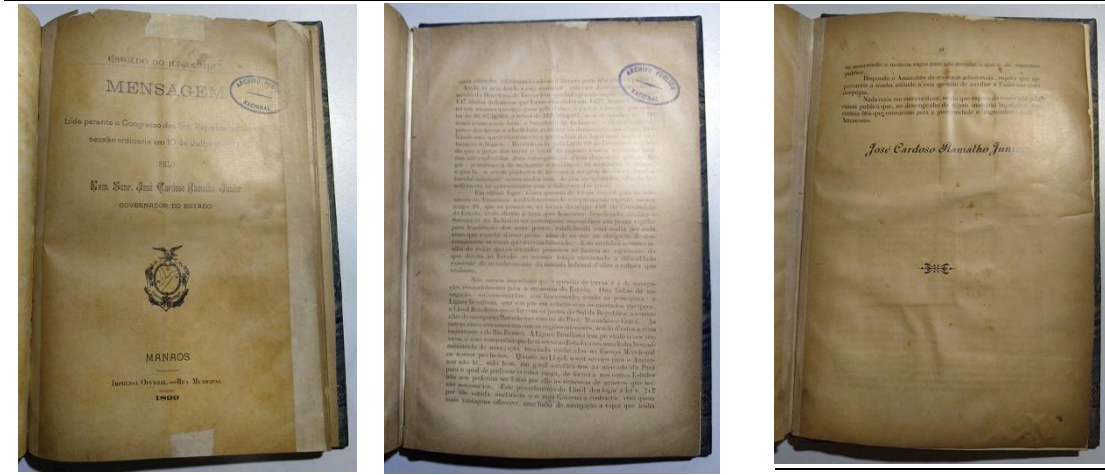
148 | TÍTULO: Mensagem lida perante o Congresso dos Srs. Representantes em sessão ordinária em 10 de julho 1899 pelo Exm. Senr. José Cardoso Ramalho Junior governador do Estado

Subtítulo:

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: folheto oficial	Data: 1899
Autor/responsável:			
OFICINA: Imprensa Oficial			
Endereço: Rua Municipal			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			

TAMANHO: 18,2 x 26,8 cm	Páginas: 31	Colunas: 1
Cor: preto	Vinhetas: brasão,	Fios: não
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não
Recursos gráficos e acabamento: Capa com capitulares nas iniciais do nome do governador		

Obs.:



172 | TÍTULO: Homenagem da Congregação Gymnasio Amazonense e Escola Normal... Subtítulo:

Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: folheto	Data: 1899
-------------------	-------------	---------------	------------

Autor/responsável:

OFICINA: José Renaud & C. Typographia e Encadernação

Endereço: Rua Barroso, junto ao Correio

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:
--------------------------------	------------

Profissionais:

TAMANHO:	Páginas: 12	Colunas: variável [1/2]
Cor: preto	Vinhetas: vinhetas: ornamentais e figurativas	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento:

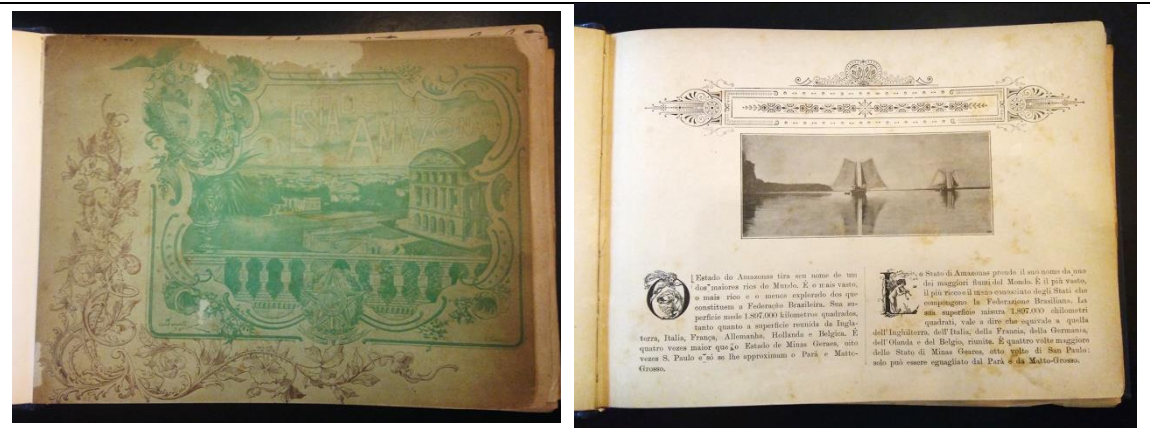
Obs.:

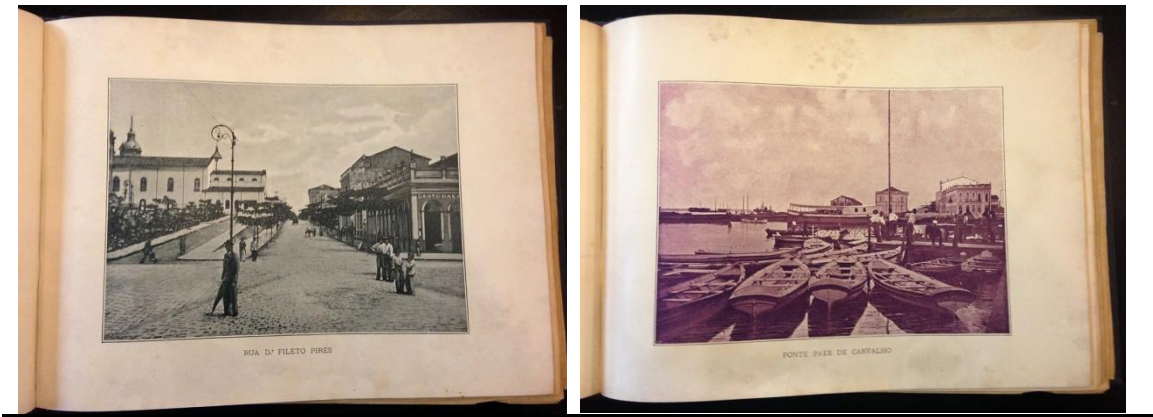


163 TÍTULO: O Estado do Amazonas		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: BN	Tipo: álbum	Data: 1899
Autor/responsável: Arturo Luciani, Bertino de Miranda			
OFICINA: Stabilimento Tipo-Litografico Ditta A. Montorfano			
Endereço: Piazza S. Donato, 23. Genova			
Tipo de impressão: tipográfica, litográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 25,5 x 17,7 cm	Páginas: 176	Colunas: 2	
Cor: preto	Vinhetas: ornamentais	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: várias	Tabelas/gráficos: tabela	

Recursos gráficos e acabamento: Capa impressa em duas cores. A seção das vistas fotográficas está impressa ora em preto, ora em sépia.

Obs.: Anúncio de página inteira da Livraria, Papelaria e Typographia Lino de Aguiar & C.a. Também da Livraria Ferreira Penna, papelaria, typographia e encadernação, e da Livraria Universal. Anúncios em italiano de empreendimentos gráficos italianos e outros.





225 | TÍTULO: Relatório apresentado ao vice-governador do Estado do Amazonas coronel José Cardoso Ramalho Júnior... em julho de 1899 Subtítulo:

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1899
--------------------	------------	----------------------	------------

Autor/responsável:

OFICINA: Typographia Palais Royal [Lino Aguiar & Comp]

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade: regular
--------------------------------	--------------------

Profissionais:

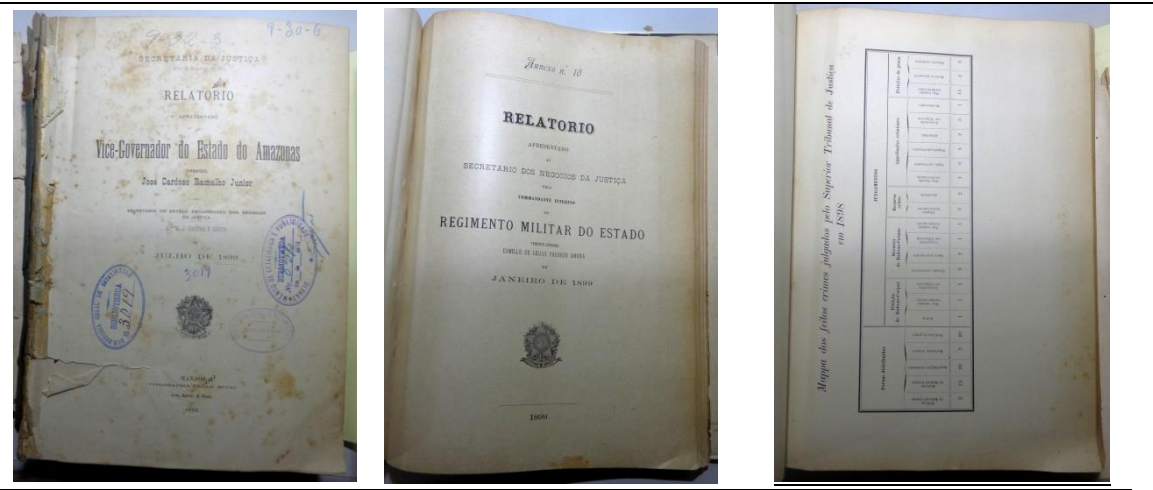
TAMANHO: 20 x 29,4 cm	Páginas: 902	Colunas: 1
-----------------------	--------------	------------

Cor: preto	Vinhetas: brasão e ornamentos	Fios: sim
------------	-------------------------------	-----------

Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: muitas tabelas
-----------------	-----------------	----------------------------------

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: Compilação de documentos jurídicos e de várias naturezas sobre o estado, sobretudo tabelas



173 | TÍTULO: Manáos – Jornal da Tarde Subtítulo: órgão do Partido Republicano

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 20 fev 1900, ano 2 num 63
-------------------	-------------	--------------	---------------------------------

Autor/responsável: Uma Associação

OFICINA:

Endereço:		
Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:	
Profissionais: Dionysio M. de Britto e João Alfredo da Silva, fotógrafos da Photographia Lyra [sic], retirado de anúncio		
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: variável [6/5]
Cor:	Vinhetas: vinhetas figurativas	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: Vários anúncios ao final com vinhetas. Anúncio da Photographia [sic] Lyra, Casa fundada em 1886, de Manuel Rodrigues Lyra. Anúncio do Escriptorio de Engenharia. Genesio de Barros engenheiro civil



67 | TÍTULO: A Federação Subtítulo: Orgão do Partido Republicano Federal

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 7 ago 1900, ano 8 n.720
-------------------	-------------	--------------	-------------------------------

Autor/responsável:

OFICINA: Typographia d'A Federação

Endereço: Rua Joaquim Sarmiento, 18

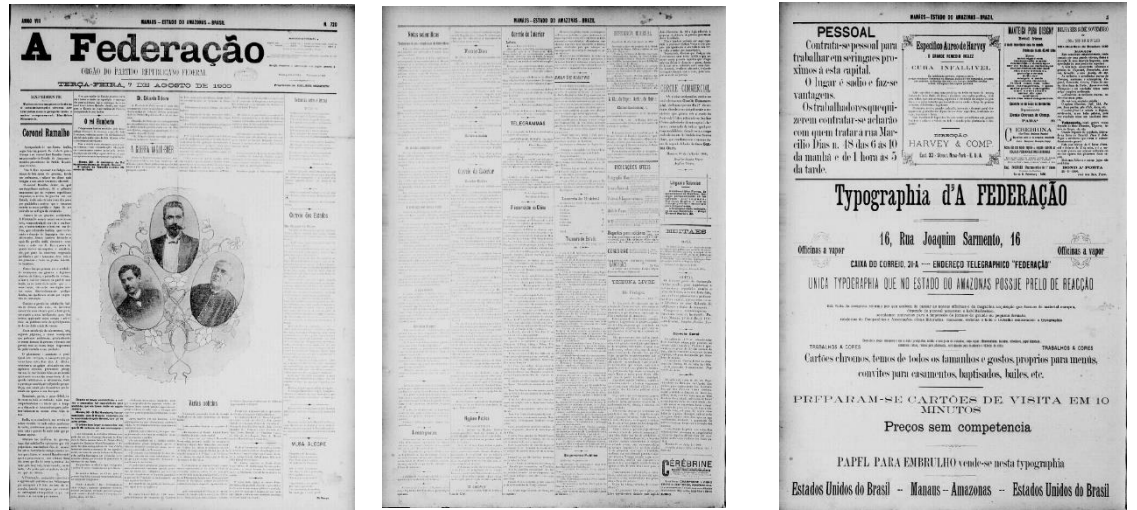
Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:
--------------------------------	------------

Profissionais: Euclides Nazareth, proprietário.

TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 6
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: sim	Tabelas/gráficos: tabelas

Recursos gráficos e acabamento: Título composto em tipos de serifa quadrada e capa com fotos. Na parte comercial grande variedade de tipos, uso de cercaduras e outros recursos gráficos.

Obs.: Há um grande anuncio das Typographia d'A Federação.



84 | TÍTULO: Diário Oficial

Subtítulo:

Artefato: original

Acervo: IHGB

Tipo: jornal

Data: 2 out 1900, ano 8 num.1972

Autor/responsável:

OFICINA:

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica

Qualidade: regular

Profissionais:

TAMANHO: 38,4 x 25,5 cm

Páginas: 4

Colunas: variável 2/3

Cor: preto

Vinhetas: não

Fios: sim

Ilustração: não

Fotografia: não

Tabelas/gráficos: tabelas

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: Sem anúncios

198 | TÍTULO: Relatório das repartições de Estatística, arquivo público e biblioteca apresentado ao Ex.mo sr. Major Pedro de Alcantara Freire secretário do interior pelo diretor Manoel Francisco da Cunha Junior

Subtítulo:

Artefato: original

Acervo: AN

Tipo: edição oficial

Data: 1900

Autor/responsável:

OFICINA: Typographia Palais Royal de Lino Aguirar & C.

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica

Qualidade: regular

Profissionais:

TAMANHO: 22 x 31,6 cm

Páginas: 593

Colunas: 1

Cor: preto

Vinhetas: sim, brasão

Fios: sim

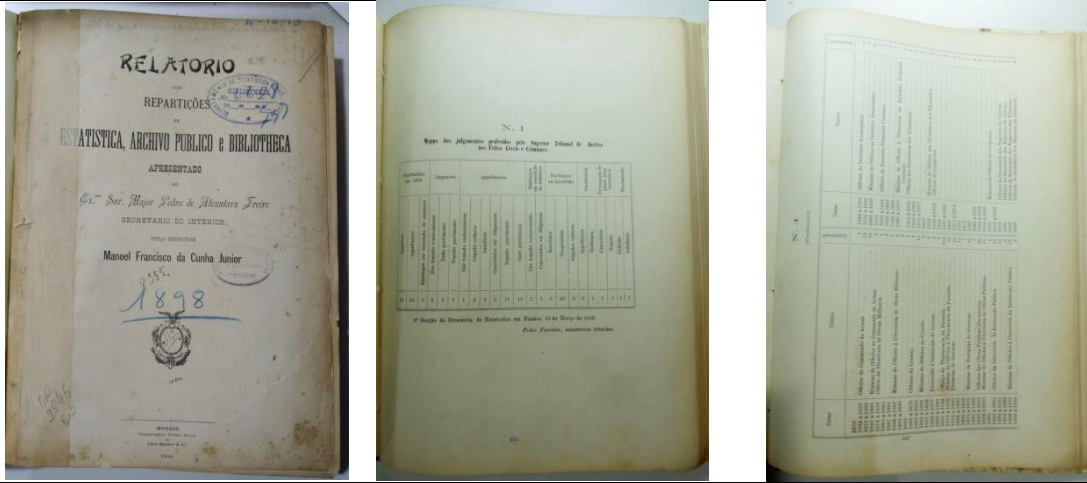
Ilustração: não

Fotografia: não

Tabelas/gráficos: tabelas

Recursos gráficos e acabamento: Diversas tabelas em páginas desdobradas,

Obs.: Edição composta de documentação e sobretudo tabelas. Longa lista de obras e materiais adquiridas para as escolas, incluindo Desenho Linear, de Abilio.



205 | TÍTULO: Relatório apresentado ao governador do estado José Cardoso Ramalho Junior pelo secretario dos negócios do interior cidadão Pedro Freire em 30 de junho de 1899 **Subtítulo:**

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1900
--------------------	------------	----------------------	------------

Autor/responsável:

OFICINA: Livraria e Typographia Palais Royal de Lino Aguiar & Comp.

Endereço:

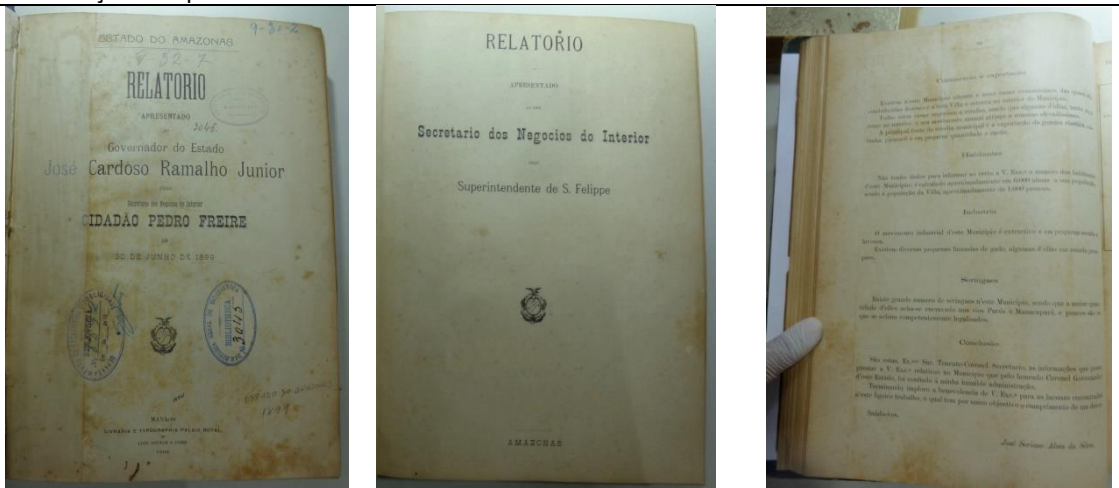
Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade: regular
--------------------------------	--------------------

Profissionais:

TAMANHO: 18,8 x 28,4 cm	Páginas: 90	Colunas: 1
Cor: preto	Vinhetas: sim, brasão	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas

Recursos gráficos e acabamento: Tabelas em páginas desdobradas

Obs.: Edição composta de relatórios de localidades do interior, cada uma com página de rosto e numeração independente.



117 TÍTULO: Balanços Definitivos 1893 a 1897		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: folheto oficial	Data: 1900
Autor/responsável:			
OFICINA: Livraria e Typ. Universal			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 7*	Colunas:	
Cor: preto	Vinhetas: sim: brasões	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Impresso composto de tabelas em páginas desdobradas			
Obs.: * A indicação é imprecisa pela natureza do impresso e pela digitalização. Há erro de composição: "Univerral".			

61 TÍTULO: Lei N. 319 de 17 de setembro de 1901		Subtítulo: Orça a receita e fixa a despesa do Estado para o exercício de 1901 na administração do Exmo Sr. Dr. Silverio José Nery	
Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: folheto oficial	Data: 1900
Autor/responsável:			
OFICINA: Imprensa Oficial			
Endereço: Rua Municipal			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 155 x 216 mm	Páginas: 38	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: escudo do Amazonas	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.: Exemplar encadernado junto a outras obras em um mesmo volume			

62 TÍTULO: Relatório apresentado pelo administrador da		Subtítulo:	
recebedoria do estado do Amazonas ao Ex.mo Sr. Felipe de Santiago Minhos inspector do tesouro em 10 de agosto de 1900			
Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: folheto oficial	Data: 1900
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. do Amazonas			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			

TAMANHO: 205 x 298 mm	Páginas: 8+11*	Colunas: 1
Cor: preto	Vinhetas: escudo do Amazonas	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: Exemplar encadernado junto a outras obras em um mesmo volume. * apresenta onze páginas desdobradas contendo tabelas

– Total de **39 exemplares**

Período: 1901-1910

96 TÍTULO: A Opinião		Subtítulo: Organ dos interesses do povinho	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 1 jan 1901, ano1 num.1
Autor/responsável: J. Benoni, responsável			
OFICINA:			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: variável [3/2]	
Cor: preto	Vinhetas: cercaduras, ornatos	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			

Obs.: Anúncio da oficina tipográfica em que lê-se: "prepara-se qualquer obra á Preços muito modicos e com o mais apurado bom gosto. Cartas de convie, Contas, Facturas, Cartões e toda sorte de impressos". Não informa o endereço ou o nome da oficina.

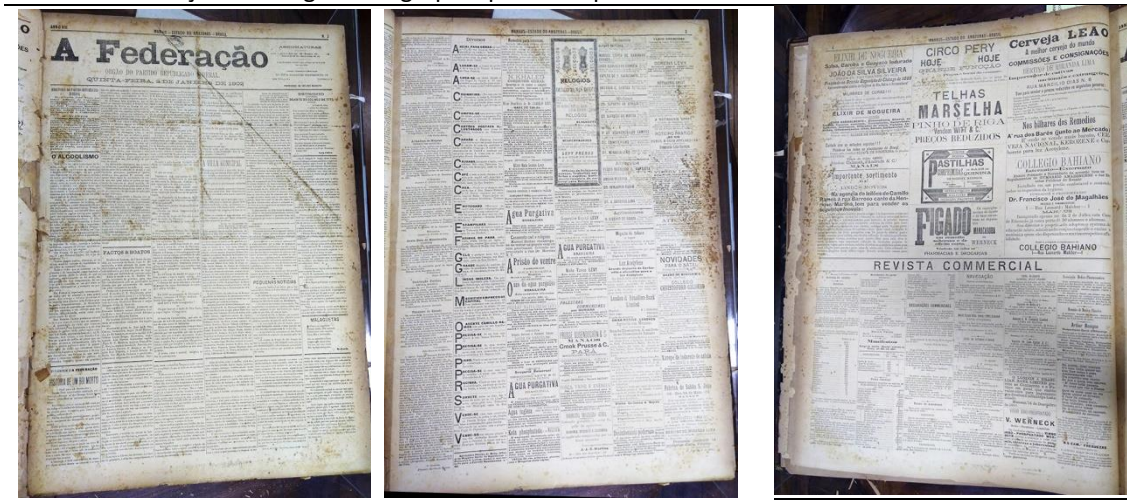


65 TÍTULO: Mensagem lida perante o Congresso dos Sñrs. Representantes em sessão extraordinária de 15 de janeiro de 1901 pelo Dr. Silverio José Nery. Anexos		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: edição oficial	Data: 1901
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia da Livraria Ferreira Pena			
Endereço: Rua Municipal, 37. Manãos			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 205 x 298 mm	Páginas: 186	Colunas: 1	

Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas
Recursos gráficos e acabamento: Capitular e ornamentação. Várias páginas desdobradas		
Obs.: Exemplar encadernado junto a outras obras em um mesmo volume.		

170 TÍTULO: A Federação		Subtítulo: Orgão do Partido Republicano Federal	
Artefato: original	Acervo: BN	Tipo: jornal	Data: 2 jan. 1902, ano VIII, num.2, diário
Autor/responsável: Euclides Nazareth, proprietário			
OFICINA:			
Endereço: Joaquim Sarmento, 16			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 46 x 64,1 cm	Páginas: 4	Colunas: 6	
Cor: preto	Vinhetas:	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Título do jornal alinhado à esquerda			

Obs.: Breve anúncio de “Cartões postaes ilustrados com vistas de Manaos, vendem se na Tabacaria Itatiaya”, que também em outro anúncio destaca a venda de estampilhas e sellos, além de gelo e sorvete, este das 6 horas da tarde às 11 horas da noite, na rua Municipal, canto da Rua Deodoro. Outra anuncia um moço com “regular caligraphia para escriptorio ou casa comercial”.



63 TÍTULO: Estatística do Movimento da Praça de Manaus relativa ao anno de 1901 organizada pela Associação Commercial do Amazonas sob a presidência do Srn. Hannibal Porto		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: folheto	Data: 1902
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. a vapor da Livraria Classica de Jayme & Camara			
Endereço: Manaus			

Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular
Profissionais:		
TAMANHO: 205 x 298 mm	Páginas: 1*	Colunas:
Cor: preto	Vinhetas: escudo do Amazonas	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas
Recursos gráficos e acabamento: *Capa em papel avermelhado e uma grande folha desdobrada contendo várias tabelas de diferentes extensões.		
Obs.: Exemplar encadernado junto a outras obras em um mesmo volume.		

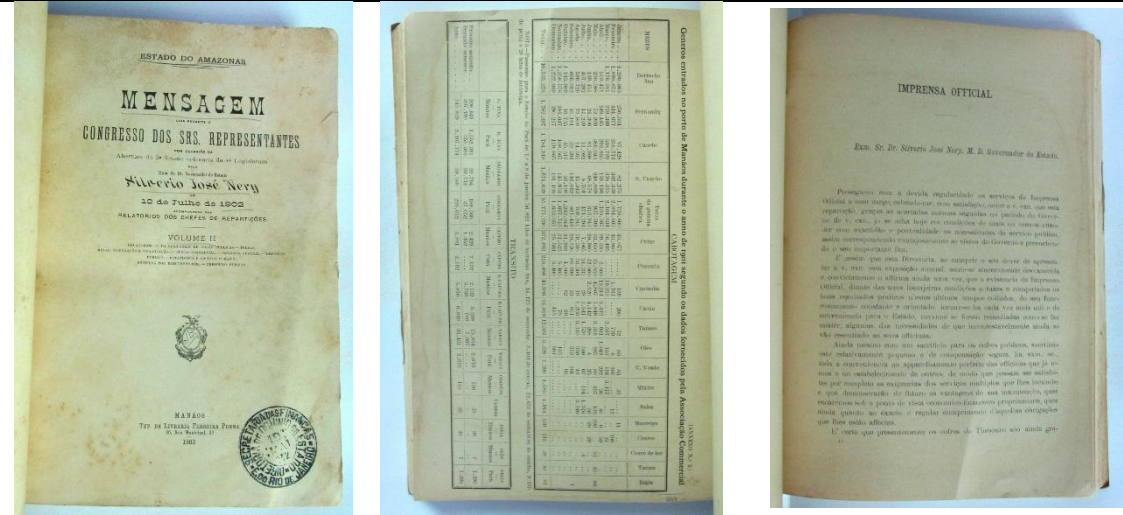
64 | TÍTULO: Estatística do Movimento da Praça de Manaus relativa ao anno de 1902 organizada pela Associação Commercial do Amazonas sob a presidência do Srn. Hannibal Porto Subtítulo:

Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: edição oficial	Data: 1902
Autor/responsável:			
OFICINA: Livraria e Typographia "Palais Royal" (Officinas a vapor)			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 205 x 298 mm	Páginas: 9*	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Capa em papel avermelhado.			
Obs.: *edição inteiramente de páginas desdobradas contendo tabelas e texto. Exemplar encadernado junto a outras obras em um mesmo volume.			

227 | Mensagem lida perante o Congresso dos Srs. Representantes por ocasião da Abertura da 2.a Sessão ordinaria da 4.a Legislatura pelo Exm. Sr. Dr. Governador do Estado Silverio José Nery em 10 de julho de 1902 acompanhada dos relatorios dos chefes de repartições. volume II Subtítulo:

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1903
Autor/responsável: vários			
OFICINA: Typ. Da Livraria Ferreira Penna			
Endereço: Rua Municipal, 97			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais: Raymundo de Vasconcellos, diretor da Imprensa Official			
TAMANHO: 18x25,7 cm	Páginas: 362*	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: um brasão	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento:			

Obs.: *A edição continua a numeração do volume 1. Na seção Imprensa Oficial há um breve relato das atividades com detalhamento da receita e despesas dessa repartição pública escrita por seu diretor. Raymundo de Vasconcelos informa que a repartição "se acha em condições de mais ou menos atender com exactidão e pontualidade as necessidades do serviço publico...". Essa ambiguidade em relação a capacidade produtiva é reforçada pela indicação da Typ. Da Livraria Ferreira Penna como a responsável pela impressão desta edição oficial. Informa a regularidade de funcionamento das oficinas de typographia e encadernação "á despeito das necessidades de que ainda se ressetem..." e que foi feita uma encomenda de materiais de composição junto a Companhia Typographica do Brazil e no exterior. Parte do material já entregue e informa também do contrato assinado para a instalação de motor elétrico para movimentar as máquinas.



297 | TÍTULO: Lembrança da Commemoração civica, Subtítulo: promovida no 8.º aniversário do fallecimento do Marechal Floria Peixoto pela redacção do Commercio do Amazonas

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: folheto	Data: 1903
-------------------	-------------	---------------	------------

Autor/responsável:

OFICINA: Typographia Palais Royal

Endereço:

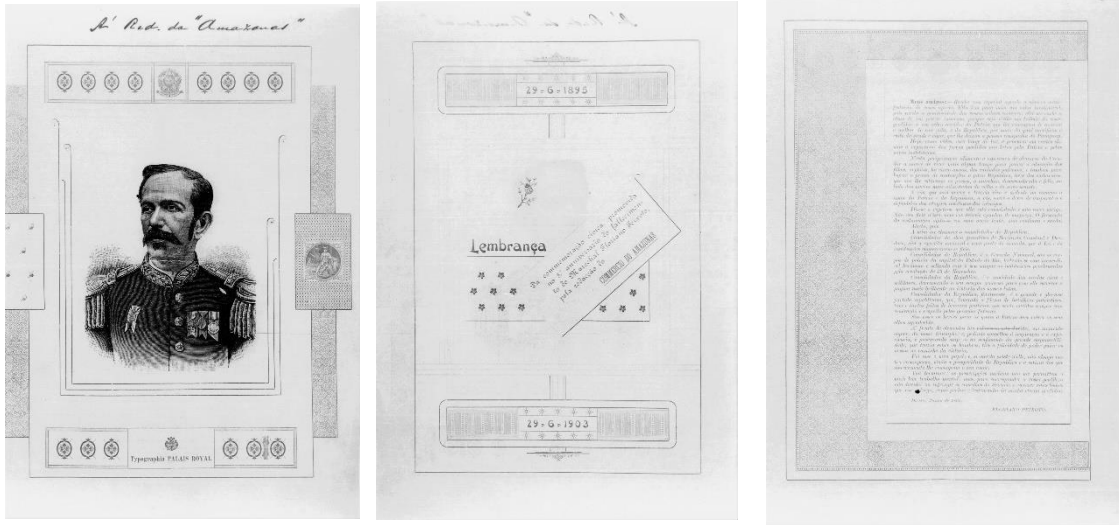
Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:
--------------------------------	------------

Profissionais:

TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 1
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamento e figurativa	Fios: sim, bigode
Ilustração: retrato	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento: Publicação sem título na capa, apenas o retrato na primeira página com ornamentos, tarjas e outros elementos. Pode ser colorido

Obs.: Foi registrado pela Hemeroteca da Biblioteca Nacional como um periódico, intitulado A Bala, de 1895. Pela leitura do impresso podemos dizer que ele se assemelha a um efêmero,

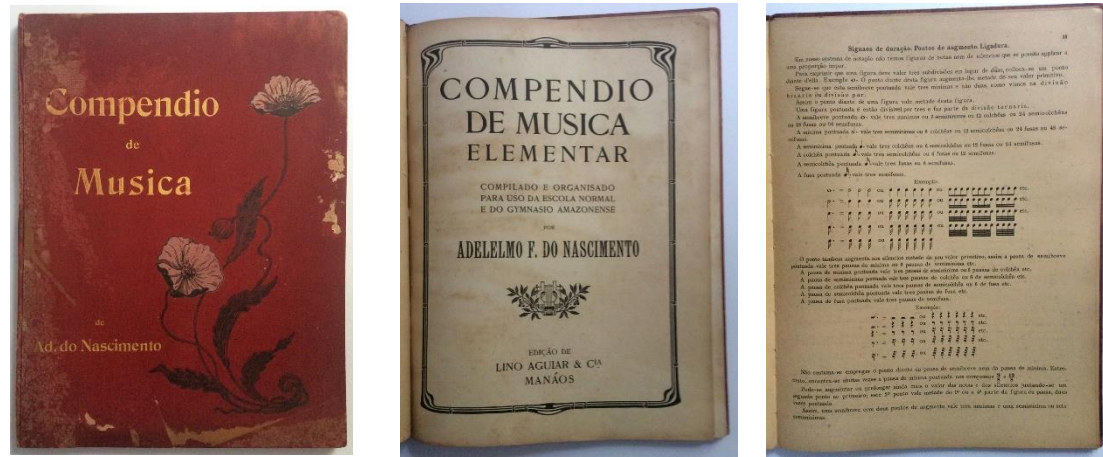


241 | TÍTULO: Compendio de Musica Elementar **Subtítulo:** Compilado e organizado para uso da Escola Normal e do Gymnasio Amazonense

Artefato: original	Acervo: AP	Tipo: edição	Data: 1904*
Autor/responsável: Adelelmo Nascimento			
OFICINA: Lino Aguiar & Cia**			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 23,5 x	Páginas: 70	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: não	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos:	

Recursos gráficos e acabamento: Livro em capa dura com muita notação musical, impresso em papel revestido

Obs.: *Data indicada nos textos iniciais, não indicada na folha de rosto. **Imprensa de Breitkopf e Härtel em Leipzig, há essa indicação ao final do livro. Provavelmente foi impresso nessa oficina pela especialização da obra. Há a indicação da autorização do governo para imprimir dez mil exemplares.



133 TÍTULO: A Semana		Subtítulo: hebdomadario litterario, noticioso, critico e humoristico	
Artefato: original	Acervo: BN	Tipo: jornal	Data: 18 dez 1905, ano1 num.6
Autor/responsável: Th: Vaz, redator			
OFICINA:			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular	
Profissionais:			
TAMANHO: 42,7 x 29,5 cm	Páginas: 4	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Título composto em lettering			
Obs.: Em nota diz que é encontrado na gerencia do Amazonas, Terríveis [café?], bolsa universal, e Freitas. Possui anúncio de carimbo de borracha do Bazar Alemão, R. Henrique Martins, 38: "preparados com perfeição e nitidez em 48 horas"			

116 TÍTULO: A Hereditariedade		Subtítulo: These de concurso	
Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: folheto*	Data: 1905
Autor/responsável: Dr. Vivaldo Lima			
OFICINA: Imprensa Official			
Endereço: Rua Municipal, 53			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais: Salvador Carlos de Oliveira, professor de Desenho do Gymnasio Amazonense			
TAMANHO:	Páginas: 37+*	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Capa impressa em vermelho			
Obs.: *Há várias páginas não numeradas ao final, e como a digitalização excluiu as páginas em branco fica difícil dizer com exatidão se se trata de um folheto ou edição.			

48 TÍTULO: Entrada do teatro El Dorado		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: AP	Tipo: efêmero	Data: 24 abr 1906*
Autor/responsável: Empreza Metello & Soares, companhia de variedades			
OFICINA: Typ. da Liv. Classica			
Endereço: Manãos			
Tipo de impressão:		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 96 x 151 mm	Páginas:	Colunas:	
Cor: black e magenta	Vinhetas: não	Fios: sim	

Ilustração: não	Fotografia: sim	Tabelas/gráficos: não
-----------------	-----------------	-----------------------

Recursos gráficos e acabamento: Impresso composto de uma lâmina de papel revestido com uma dobra central, na frente uma foto impressa em preto e no interior os dados da entrada impressos em magenta. Uso de cercadura

Obs.: Entrada era para a friza número um, "Festa Artística da distinta bailaria Macarena". * A data inserida é a registrada para o dia do espetáculo.



231 | TÍTULO: Archivo do Amazonas Subtítulo: Revista destinada á vulgarização de documentos geográficos e históricos do Estado do Amazonas

Artefato: original	Acervo: AP	Tipo: revista	Data: 23jul 1906, anno1 vol 1, num. 1
--------------------	------------	---------------	---------------------------------------

Autor/responsável:

OFICINA: Secção de Obras da Imprensa Official

Endereço: Rua Municipal, 53

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:
--------------------------------	------------

Profissionais:

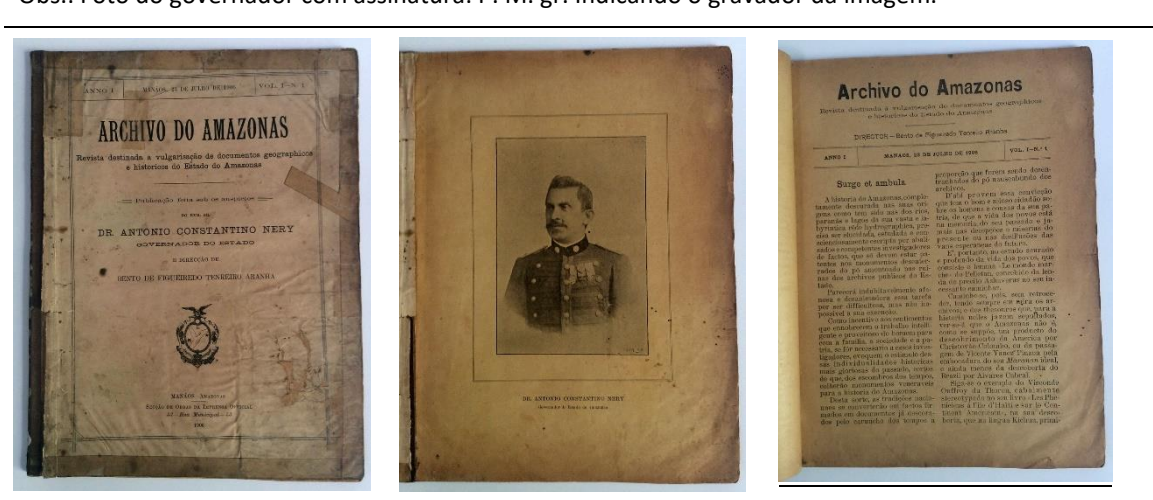
TAMANHO:	Páginas: 24	Colunas: 2
----------	-------------	------------

Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamentos e brasão	Fios: sim
------------	------------------------------------	-----------

Ilustração: não	Fotografia: sim, retrato	Tabelas/gráficos: não
-----------------	--------------------------	-----------------------

Recursos gráficos e acabamento: Capas em papel avermelhado

Obs.: Foto do governador com assinatura: P. M. gr. Indicando o gravador da imagem.



166 TÍTULO: O Valle do Rio Branco*		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: BN	Tipo: álbum	Data: 1906
Autor/responsável: Jacques Ourique			
OFICINA: Sem indicação**			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais: 85 vistas originaes tiradas por George Huebner, Photographia Allemã de G. Huebner & Amaral, Avenida Eduardo Ribeiro, 11.			
TAMANHO: 31 x 23,8 cm	Páginas: 33p + 85 fotos	Colunas: 3	
Cor: 2 cores: preto e vermelho	Vinhetas: sim, ornamentais	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: várias	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Edição em capa dura, mapa desdobrado em 2 cores			

Obs.: *Região no atual estado de Roraima, a época parte do território amazense. **Provavelmente impresso na Alemanha, assinaturas em algumas fotomontagens indicam Berlin, e no mapa elaborado por E. Stradelli e desenhado por J. Ourique há a indicação C.C Meinhold & Söhne, Desden. Além dessas indicações, na contracapa há a assinatura O. Schleich Nachf. Desden.

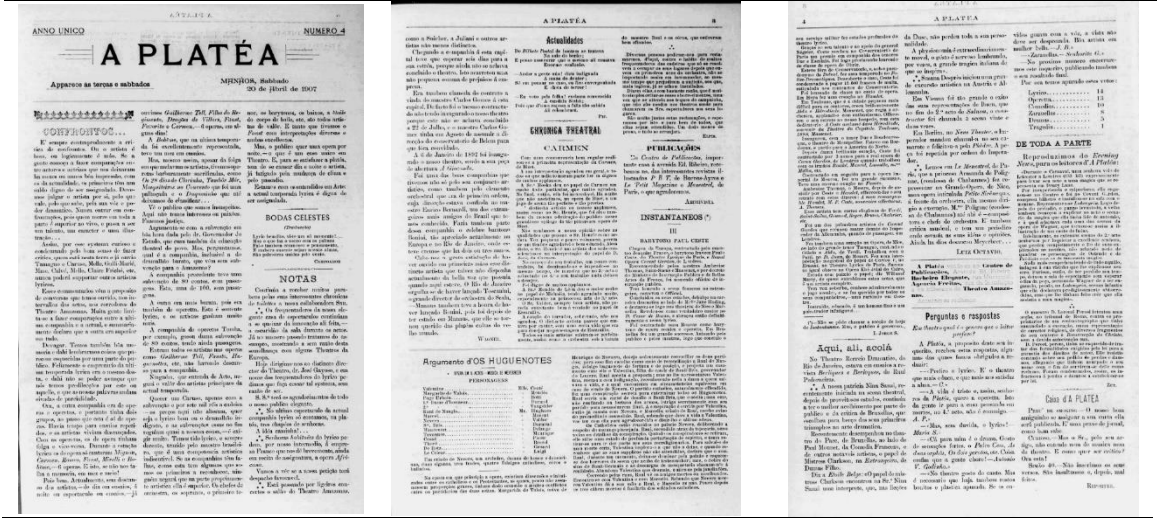


94 TÍTULO: A Platéia		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 20 abr 1907, ano unico num. 4
Autor/responsável:			
OFICINA: Imprensa Oficial			

Endereço: Rua Municipal, 53		
Tipo de impressão: tipográfica Profissionais:	Qualidade:	
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: variável [3/2]
Cor: preto	Vinhetas: poucas	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento: Utiliza tipos de vários tamanhos para compor o texto,

Obs.: No expediente afirma "A Platéia é o jornal de maior circulação... dentro do Theatro Amazona", e é comercializado no Barbeiro Elegante, Centro de Publicações, Agência Freitas e na bilheteria do Teatro Amazonas. O Centro de Publicações funcionou na Av. Eduardo Ribeiro. Não apresenta anúncios.



232 TÍTULO: A Ordem	Subtítulo: Revista mensal de propaganda maçônica		
Artefato: original	Acervo: AP	Tipo: revista	Data: maio de 1907, vol 1, n.1
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia da Livraria Classica, de J. J. da Camara			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica Profissionais:	Qualidade: regular		
TAMANHO: 18 x 26,3 cm	Páginas: 16	Colunas: 2	
Cor: preto	Vinhetas: sim, figurativa	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	

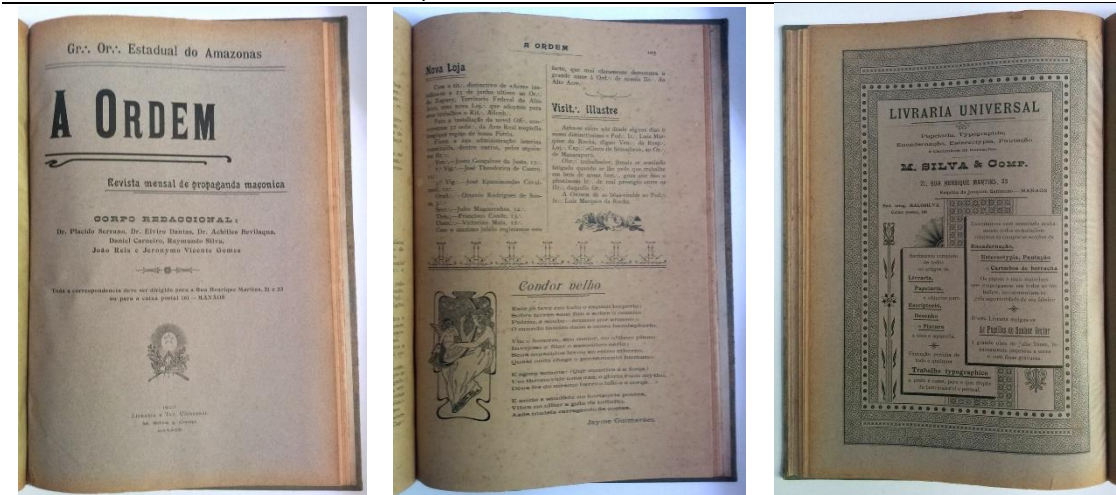
Recursos gráficos e acabamento: Capa em papel avermelhado. Uso de capitular

Obs.: Anúncio da Livraria Classica de página inteira na contracapa: Fudada em 1878, Rua Guilherme Moreira n. 1 ao 3, listando seus produtos. Depois indica ter Oficinas a vapor que executam Typographia, pautação e Encadernação, além de fabricar carimbos de borracha.



233 TÍTULO: A Ordem		Subtítulo: Revista mensal de propaganda maçonica	
Artefato: original	Acervo: AP	Tipo: revista	Data: nov. 1907, vol 1, n.7
Autor/responsável:			
OFICINA: Livraria e Typ. Universal, M. Silva & Comp.			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 18 x 26,3 cm	Páginas: 16	Colunas: 2	
Cor: preto	Vinhetas: sim, figurativa e ornamentos art nouveau	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Capa em papel azulado. Uso de capitular			

Obs.: Anúncio da Livraria Universal, Papelaria, Typographia, Encadernação, Estereotypia, Pautação e Carimbos de borracha. Na Rua Henrique Martins, 23.



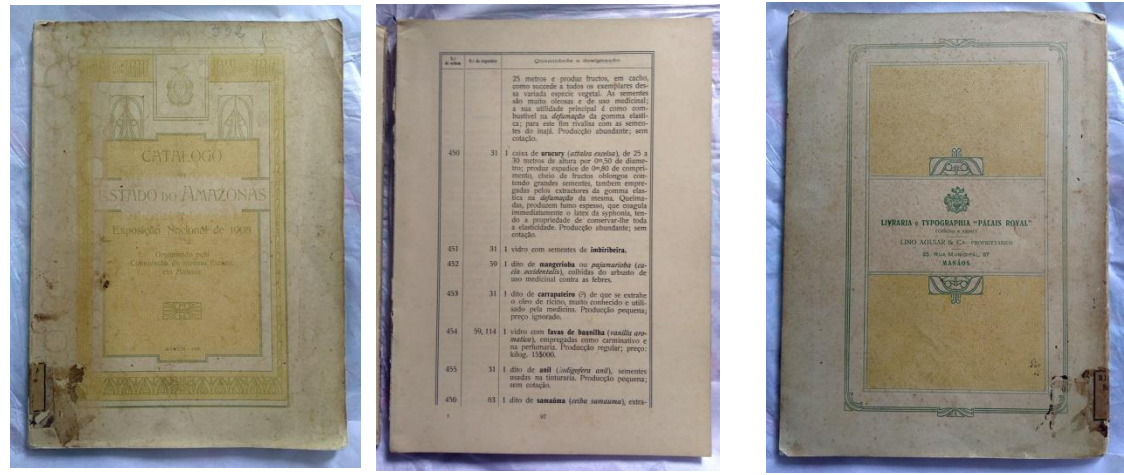
86 TÍTULO: Aura	Subtítulo: Critico e literário
--------------------------	---------------------------------------

Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: jornal	Data: 5 dez 1907, ano1 num. 7
Autor/responsável:			
OFICINA: Imprensa Oficial			
Endereço: Rua Municipal			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais: Abelardo Araujo, director; Aristides Ferreira e João Cospa, redactores; C. Ferreira Filho, gerente			
TAMANHO: 32,5 x 25 cm	Páginas: 4	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Título composto em tipos de serifa quadrada			
Obs.:			

115 TÍTULO: A Cultura da Seringueira		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: edição oficial	Data: 1907
Autor/responsável: publicação feita por ordem de Agnello Bittencourt, governador do Estado			
OFICINA: Secção de obras da Imprensa Oficial			
Endereço: Rua Municipal, 97			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 52*	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Capa impressa em duas cores. Uso de capitular			
Obs.: *A digitalização do exemplar excluiu as páginas em branco, dificultando a contagem das páginas, pois há páginas não numeradas no final e não se sabe se são pares ou ímpares.			

102 TÍTULO: Catalogo do Estado do Amazonas na		Subtítulo:	
Exposição Nacional de 1908			
Artefato: original	Acervo: AP	Tipo: edição oficial	Data: 1908
Autor/responsável:			
OFICINA: Livraria e Typographia "Palais Royal" de Lino Aguiar & Ca.			
Endereço: Rua Municipal, 85/87			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 15,8 x 21,8 cm	Páginas: 232	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Capa impressa em duas cores, com cercaduras, vinhetas art nouveau e brasão do estado,			

Obs.: Na contracapa há a informação, colocada entre parênteses *Officina a vapor*.



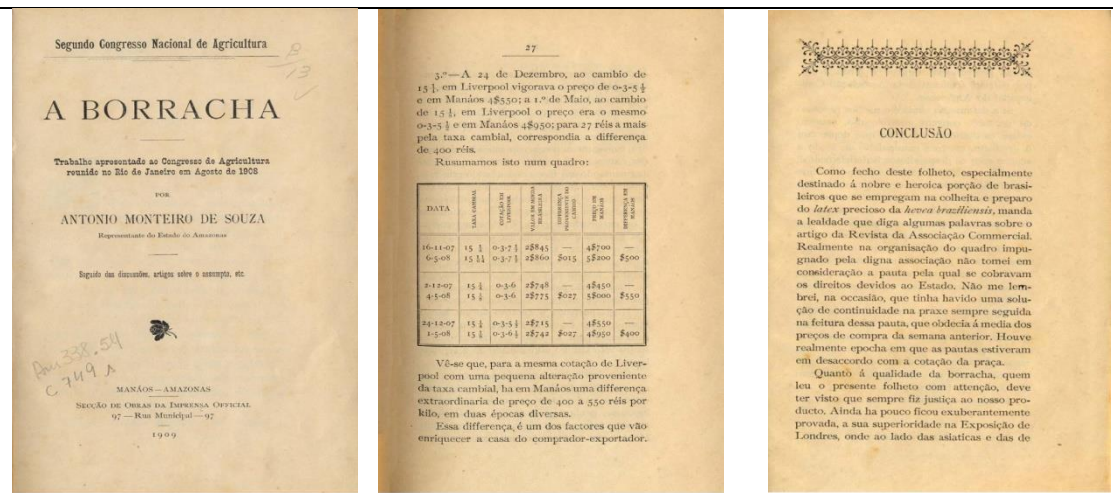
74 TÍTULO: Menu do Grande Hotel		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: Efêmero	Data: 1909*
Autor/responsável:			
OFICINA: Comp. Lith. Hartmann-Reichenbach São Paulo			
Endereço:			
Tipo de impressão: Litografia		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 1	
Cor: 2	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: sim	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Impressão em duas cores, muito decorado			

Obs.: *Data aproximada, há uma anotação a lápis na imagem com essa informação



118 TÍTULO: A Borracha	Subtítulo: Trabalho apresentado ao Congresso de Agricultura reunido no Rio de Janeiro em Agosto de 1908
---------------------------------	--

Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: edição oficial	Data: 1909
Autor/responsável: Antonio Monteiro de Souza			
OFICINA: Secção de obras da Imprensa Official			
Endereço: Rua Municipal, 97			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 134	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Uso de capitular			
Obs.:			



171 | TÍTULO: A Notícia

Subtítulo: Diario da Tarde

Artefato: original	Acervo: BN	Tipo: jornal	Data: 4 jan. 1910, ano 3, num.264, diário
Autor/responsável: Dr. Santa Cruz Oliveira, diretor proprietario			
OFICINA:			
Endereço: Saldanha Marinho, 70 [redação]			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 39,7 x 54,1 cm	Páginas: 4	Colunas: 6	
Cor: preto	Vinhetas: sim, figurativas	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.: Anúncio da Palais Royal apresentando Lino Aguiar & C. como agente das "magníficas caixas registradores National..." e representantes das "afamadas machinas de escrever Adler". Anúncio de "Importantissimo leilão de artigos de engenharia, desenhos para plastica, tapeçaria e bordados, etc., etc."			



210 | TÍTULO: O Amazonas

Subtítulo: Orgam do partido falido

Artefato: original	Acervo: CRB	Tipo: jornal semanário	Data: anno LXIX, 2 phase, 12jun 1910 num. 1231
--------------------	-------------	------------------------	--

Autor/responsável: Propriedade de uma quadrilha rapinocrata

OFICINA: não indica

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica

Qualidade: regular

Profissionais:

TAMANHO: 19,6x 28,5 cm	Páginas: 4	Colunas: 3
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamento	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.:

211 | TÍTULO: O Amazonas

Subtítulo: Orgam do partido falido

Artefato: original	Acervo: CRB	Tipo: jornal semanário	Data: anno I, 3jul 1910 num. 4*
--------------------	-------------	------------------------	---------------------------------

Autor/responsável: Propriedade de uma associação

OFICINA: não indica

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica

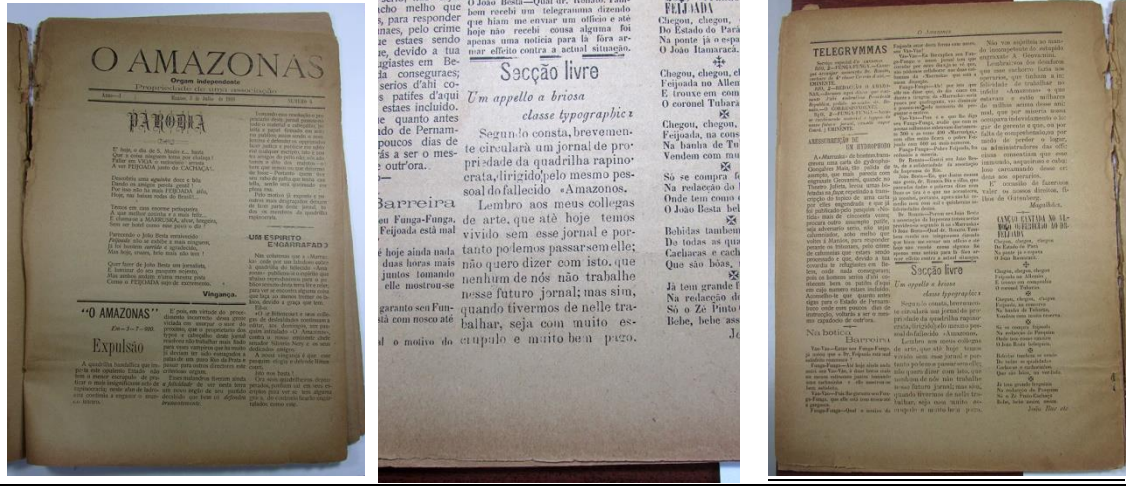
Qualidade: regular

Profissionais:

TAMANHO: 19,6x 28,5 cm	Páginas: 4	Colunas: 3
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamento e figurativo [escorpião]	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: *a periodicidade parece irregular. Periódico de ex-funcionários do Amazonas que foram demitidos e que usam este jornal para fazer suas manifestações. Traz "Um apelo a briosa classe typographica", em que se refere ao antigo gerente das oficinas do Amazonas como "estupido engraxate A. Geova:nini" (sic), que tratava mal os operários do jornal. E arremata: "É ocasião de fazermos valer os nossos direitos, filhos de Gutenberg".



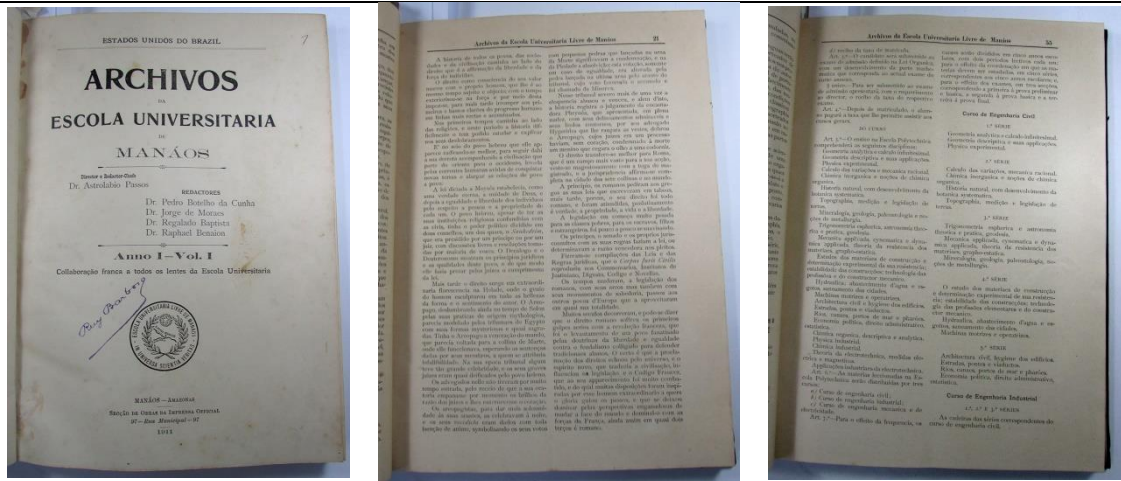
113 TÍTULO: Relatório apresetado ao exm. diretor geral da Instrução Publica do Estado			Subtítulo:
Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: folheto oficial	Data: 1910
Autor/responsável: Agnello Bittencourt			
OFICINA: Secção de obras da Imprensa Official			
Endereço: Rua Municipal, 97			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 16+	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Capa em papel de cor, com cercadura. Uso de capitular			
Obs.: Há anexos não numerados			

- Total de 25 exemplares

Período: 1911-1920

212 TÍTULO: Archivos da Escola Universitária Livre de Manáos*		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: CRB	Tipo: revista acadêmica	Data: ano 1, 1911, bimestral
Autor/responsável:			
OFICINA: Seção de Obras da Imprensa Official			
Endereço: Rua Municipal, 97			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 20x 27,5 cm	Páginas: variável 130 [16/24]**	Colunas: 2	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: algumas tabelas	
Recursos gráficos e acabamento:			

Obs.: *impresso contendo em um único volume todo o primeiro ano da revista. ** total de 130 páginas para os seis números deste primeiro ano, com número de páginas variando de 16 ou 24 cada



223 TÍTULO: Mensagem lida perante o Congresso dos Representantes por ocasião da abertura da sessão... pelo exmo. Sr. C.el Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt governador do Estado em 10 de julho de 1911		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: folheto oficial	Data: 1911
Autor/responsável:			
OFICINA: Seção de Obras da Imprensa Official			
Endereço: Rua Municipal 97			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 19 x 26 cm	Páginas: 189	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: brasão e ornamentos	Fios: sim	

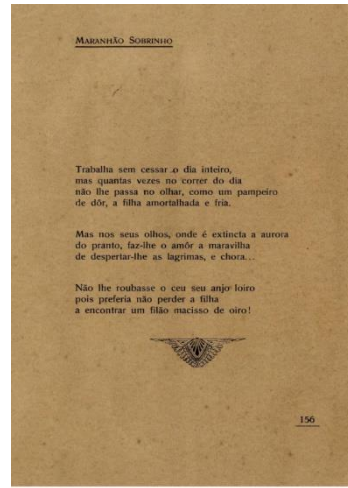
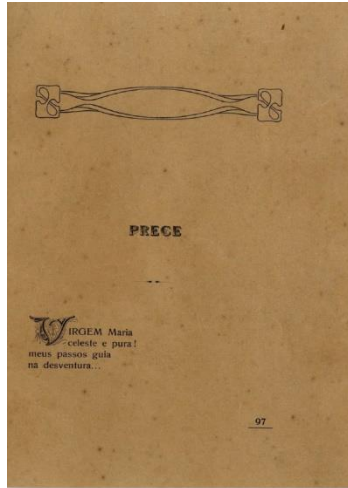
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: sim
-----------------	-----------------	-----------------------

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.:

112 TÍTULO: Discurso		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: folheto	Data: 1911
Autor/responsável: Agnello Bittencourt			
OFICINA: Secção de obras da Imprensa Oficial			
Endereço: Rua Municipal, 97			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 20	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Capa impressa em duas cores sobre papel azulado			
Obs.:			

114 TÍTULO: Victoria Regias		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: edição de poesia	Data: 1911
Autor/responsável: Maranhão Sobrinho			
OFICINA: Typographia a vapor da Livraria Commercial			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais: J. R. de Mello, proprietário; Carlos Portal, Edictor			
TAMANHO:	Páginas: 160	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim	
Ilustração: única, capa*	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Capa ilustrada e impressa em duas cores, amplo uso de capitulares e ornamentação			
Obs.: *A imagem parece ser uma gravura .			



127 | TÍTULO: Lumen Amazonense **Subtítulo:** Organ da "Sociedade Literaria e Sportiva Estudantina"

Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: revista	Data: 11 maio 1912, ano 1 num. 1, mensal
--------------------------	--------------------	----------------------	---

Autor/responsável:

OFICINA: Typographia a vapor Empreza do Amazonas

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica **Qualidade:**

Profissionais:

TAMANHO: **Páginas:** 8 **Colunas:** 2

Cor: preto* **Vinhetas:** sim **Fios:** sim

Ilustração: não **Fotografia:** não **Tabelas/gráficos:** não

Recursos gráficos e acabamento: Uso de capitular

Obs.: *O exemplar digitalizado está em pb. Anúncios nas capas 3 e 4



85 | TÍTULO: Aura critica literaria **Subtítulo:** Organ dos alunos do Gymnasio Amazonense

Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: revista	Data: 8 abr 1912, anos 5 num. 34
---------------------------	---------------------	----------------------	---

Autor/responsável:		
OFICINA: Secção de Obras da Imprensa Official		
Endereço: Rua Municipal, 97		
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular
Profissionais: Demosthenes de Carvalho, director; Cosme Ferreira, redactor-gerente; Confuncio Pamplona, redactor. Fundada por Abelardo Araujo.		
TAMANHO: 18,8 x 26,5 cm	Páginas: 12	Colunas: 2
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não
Recursos gráficos e acabamento: Capa em papel de cor e gramatura maior, com anúncios na contracapa e uso de cercadura. No miolo uso de capitular		
Obs.: Faz referências a outras publicações estudantis Revista Estudantina, Estudante, e Lumen Amazonense. Publicação produzida com material advindo do Gymnasio e Escola Normal.		

213 TÍTULO: Archivos da Escola Universitária Livre de Manãos		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: CRB	Tipo: revista acadêmica	Data: ano 2, num 4, set e out 1912*
Autor/responsável:			
OFICINA: Seção de Obras da Imprensa Official			
Endereço: Rua Municipal, 97			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 20x 27,5 cm	Páginas: variável 16	Colunas: 2	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: sim	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.: *a periodicidade deixou de ser regular			

89 TÍTULO: São Elles os Ladrões... (Chronica de uma olygarchia nefasta)		Subtítulo: artigos editados no Diario do Amazonas	
Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: edição	Data: 1912
Autor/responsável:			
OFICINA:			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: irregular	
Profissionais:			
TAMANHO: 13,5 x 21,7	Páginas: 128	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim	
Ilustração: única	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabela	
Recursos gráficos e acabamento: Uso de faixa decorativa e capitular			

Obs.: Série de artigos com denúncias sobre a família Nery, incluindo um pagamento feito para Huebner por retratos da família e fazenda.

53 | TÍTULO: Discurso de instalação do Serviço de Protecção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais no Amazonas Subtítulo:

Artefato: original	Acervo: IHGB	Tipo: folheto oficial	Data: 1912
--------------------	--------------	-----------------------	------------

Autor/responsável: Alipio Bandeira

OFICINA: Typographia da Livraria Palais Royal de Lino Aguiar & C.a

Endereço: Manáos

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade: regular
--------------------------------	--------------------

Profissionais:

TAMANHO: 129 x 189 mm	Páginas: 44	Colunas: 1
-----------------------	-------------	------------

Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim
------------	---------------	-----------

Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não
-----------------	-----------------	-----------------------

Recursos gráficos e acabamento: Folha de rosto composta em poucos tipos de forma centralizada, com um pequeno globo da bandeira nacional.

Obs.: Edição encadernada junto a outras em um só volume.

108 | TÍTULO: Adeós! Subtítulo:

Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: folheto	Data: 1912
-------------------	-------------	---------------	------------

Autor/responsável: Julio Pinto de Almeida

OFICINA: Typ. de J. Renaud

Endereço: Rua Municipal, 37

Tipo de impressão: tipográfica	Qualidade:
--------------------------------	------------

Profissionais:

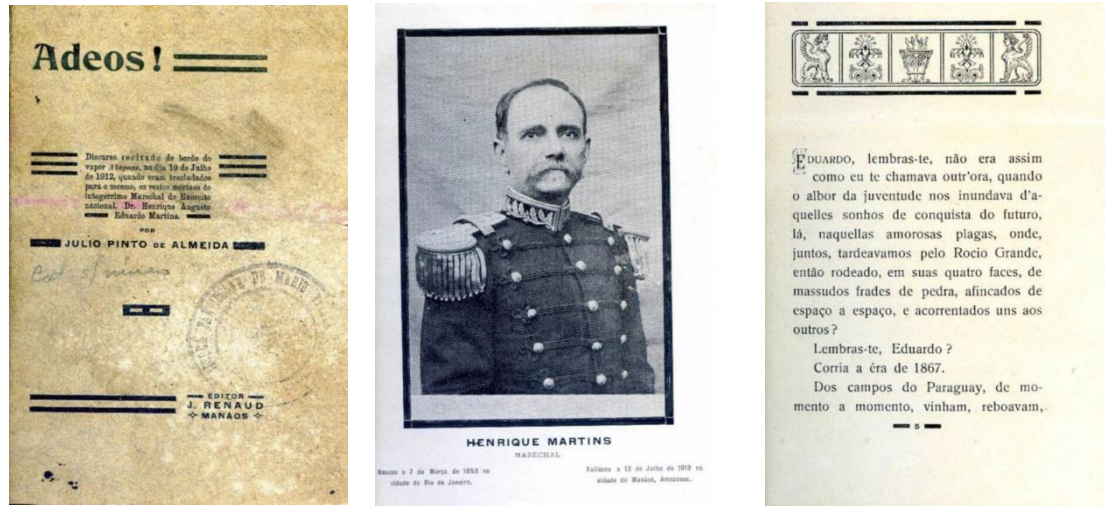
TAMANHO:	Páginas: 9*	Colunas: 1
----------	-------------	------------

Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim
------------	---------------	-----------

Ilustração: não	Fotografia: única	Tabelas/gráficos: não
-----------------	-------------------	-----------------------

Recursos gráficos e acabamento: Uso de capitular

Obs.: *O exemplar tem uma digitalização irregular, difícil afirmar o número exato de páginas



131 | TÍTULO: A Luta Social

Subtítulo:

Artefato: original Acervo: BN Tipo: jornal* Data: 27 fev. 1913

Autor/responsável:

OFICINA:

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica

Qualidade: regular

Profissionais:

TAMANHO: 31.7 x 22,7 cm

Páginas: 1

Colunas: 2

Cor: preto

Vinhetas: sim

Fios: sim

Ilustração: não

Fotografia: não

Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento:

Obs.: * Suplemento ao n.1, apenas uma folha com a frente impressa.

214 | TÍTULO: Archivos da Escola Universitária Livre de
Manãos

Subtítulo:

Artefato: original Acervo: CRB Tipo: revista acadêmica Data: ano 3, num 2, vol. III, jun a out 1913*

Autor/responsável:

OFICINA: Typ. à Av. M. Gabriel, 9

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica

Qualidade: regular

Profissionais:

TAMANHO: 20x 27,5 cm

Páginas: variável 16

Colunas: 2

Cor: preto

Vinhetas: não

Fios: sim

Ilustração: não

Fotografia: única

Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento: Capa em papel texturado e azul

Obs.: *a periodicidade deixou de ser regular

216 TÍTULO: Glosas		Subtítulo: a simplificação e unificação da orthographia portugueza	
Artefato: original	Acervo: CRB	Tipo: edição particular	Data: 1913*
Autor/responsável: Raul de Azevedo (da Academia Amazonense de Letras)			
OFICINA: Livraria Universal			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais: Pereira & Penalva			
TAMANHO: 13,8 x 21,5 cm	Páginas: 54	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: única	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Capa ornamentada em azul, papel da edição em gramatura alta. Apresenta título corrente nas páginas			
Obs.: *a data não está clara, o prefácio de Adriano Jorge data de 1913, a mesma data registrada em livro posterior do mesmo autor.			

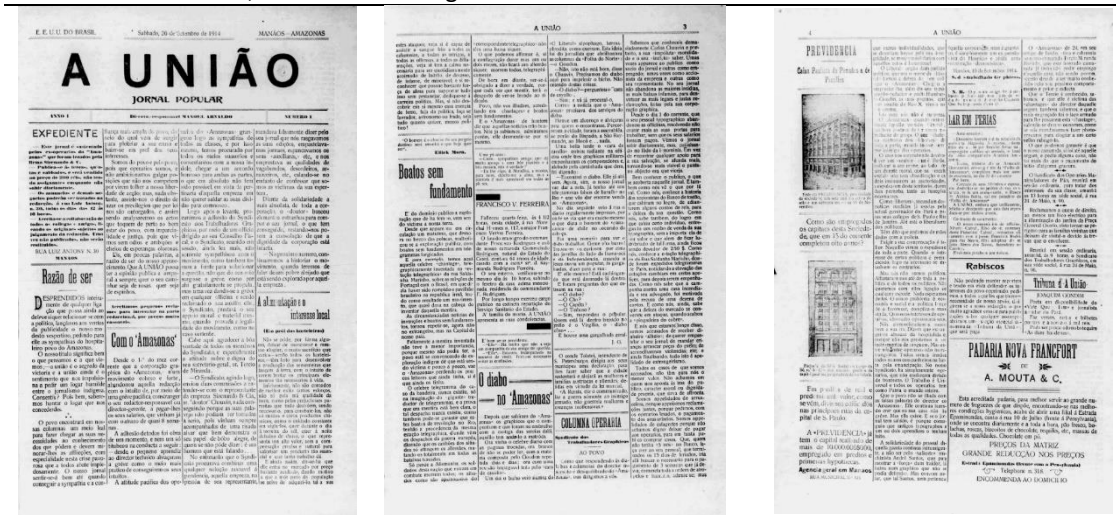
132 TÍTULO: A Lucta Social		Subtítulo: orgam operario-livre	
Artefato: original	Acervo: BN	Tipo: jornal	Data: 1 maio 1914
Autor/responsável: Tercio Miranda, redator			
OFICINA:			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 31.7 x 22,7 cm	Páginas: 8	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.:			

125 TÍTULO: A União		Subtítulo: Jornal Popular	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 26 set. 1914, anno1 num.1, três vezes na semana
Autor/responsável: Manoel Arnaldo, Director-responsavel			
OFICINA: não indicada			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 4	

Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: sim	Tabelas/gráficos: não
Recursos gráficos e acabamento:		

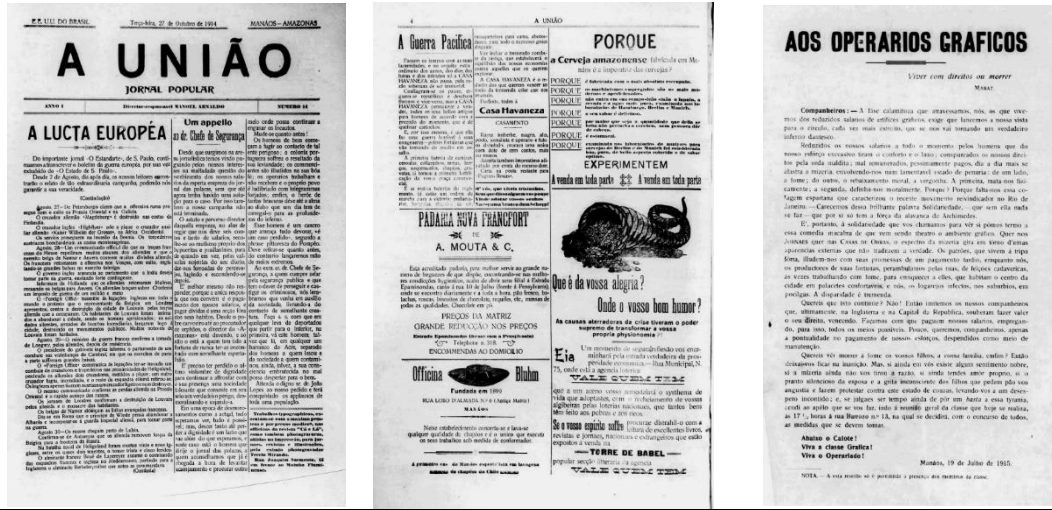
Obs.: Este jornal é sustentado pelos ex-operarios do "Amazonas" que foram lezados pela firma Sezenando & C. Em texto do jornal somos informados que desde o primeiro dia do mês corrente [setembro] que "a corporação graphica do Amazonas, n'um movimento coheso e forte, abandonou aquella redacção com o intuito de, por meio de uma greve pacifica, constringer o seu redactor-responsavel ou director-gerente, a pagar-lhes os seus salarios, que vinham já com o atrazo de quasi 8 semanas. A adhesão de todos foi obra de um momento, e nem um só titubeou na conducta a seguir? – desde o pequeno aprendiz ao director technico abraçaram a grêve.

Anúncio de "Trabalhos typographicos, executam-se com a maxima presteza e por preços modicos, nas officinas da revista Cá e Lá, como também photogravuras, nitidas na impressão, para jornaes, revistas e illustrações, pelo eximio photogrador Tercio Miranda. Rua Joaquim Sarmento, frente ao Moinho Fluminense". Em texto faz referênciã ao Syndicatos dos Trabalhadores Graphicos, tendo o sr. Tercio de Miranda, como secretario-geral.

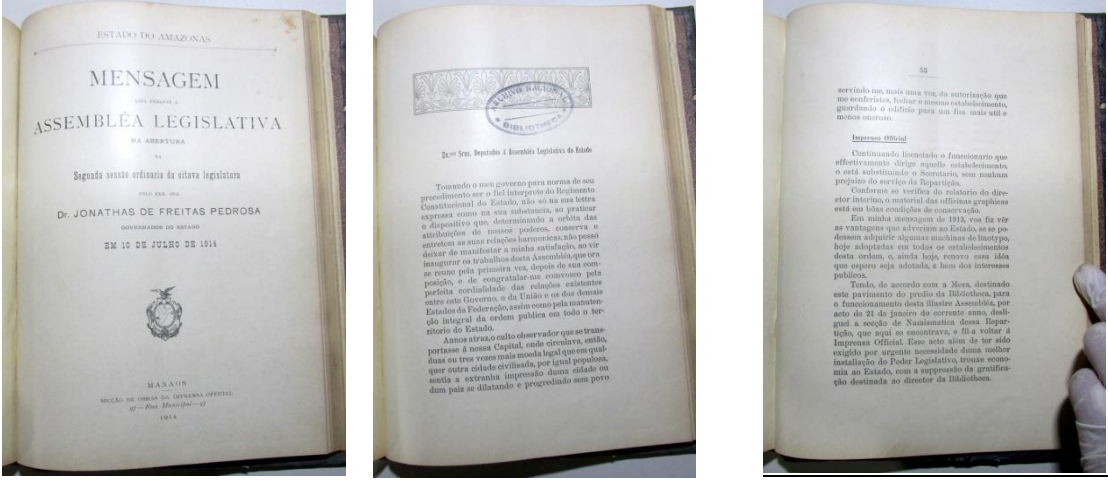


126 TÍTULO: A União		Subtítulo: Jornal Popular	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 27 out. 1914, ano 1 num.14, três vezes na semana
Autor/responsável: Manoel Arnaldo, Director-responsavel			
OFICINA: não indicada			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: variável[3/4]	
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			

Obs.: O exemplar digitalizado tem duas lâminas, incluindo um "Aos Operários Gráficos"



224 TÍTULO: Mensagem lida perante a Assembléa Legislativa na abertura da segunda sessão... pelo exmo. Sr. Dr. Jonathas de Freitas Pedrosa, governador do Estado em 10 de julho de 1914		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1914
Autor/responsável:			
OFICINA: Secção de Obras da Imprensa Official			
Endereço: Rua Municipal 97			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 19 x 26 cm	Páginas: 108	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: brasão e ornamento	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamentoo:			
Obs.:			



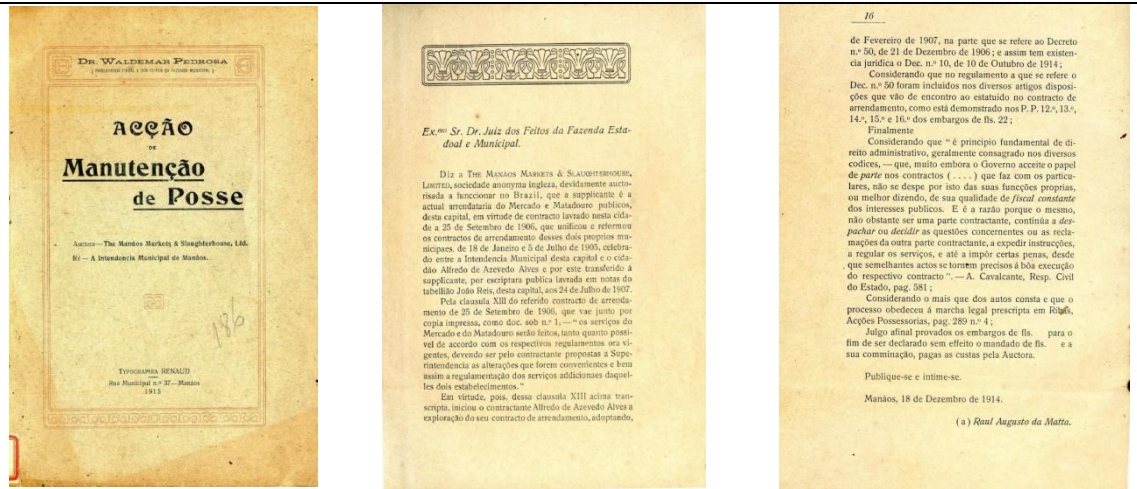
230 TÍTULO: Direito Internacional Publico e Diplomacia em vinte e quatro prelecções		Subtítulo:	
---	--	------------	--

Artefato: original	Acervo: AP	Tipo: edição particular	Data: 1914
Autor/responsável: Gaspar Guimarães			
OFICINA: Oficinas Graphicas da Papelaria Velho Lino de Lino Aguiar & Irmão			
Endereço: Rua Municipal. 99 esquina com a Barro, 2			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 15 x 22 cm	Páginas: 400	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamentais, brasão	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabela	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.: Livro adotado pela Universidade de Manáos com tiragem declarada de 1.000 exemplares rubricados pelo autor. Na terceira capa publicidade de página inteira da Papelaria Velho Lino.			

92 TÍTULO: A Marreta		Subtítulo: Segunda Phase	
Artefato: digital	Acervo: HHBN	Tipo: Jornal	Data: 11 abr 1915, ano1 num.6
Autor/responsável:			
OFICINA:			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 3	
Cor: preto	Vinhetas: poucas	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.: Apresenta um anúncio de sua tipografia garantindo-se perfeição e nitidez. Não informa seu endereço, apenas um para correspondência			

73 TÍTULO: Acção de Manutenção de Posse		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: Folheto	Data: 1915
Autor/responsável: Dr. Waldemar Pedrosa			
OFICINA: Typographia Renaud			
Endereço: R. Municipal, 37			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 16	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Capa com cercadura impressa em vermelho, uso de faixa decorativa			

Obs.:

**109** | TÍTULO: Acção de Manutenção de Posse

Subtítulo:

Artefato: digital

Acervo: BVA

Tipo: folheto

Data: 1915

Autor/responsável: Dr. Waldemar Pedrosa

OFICINA: Typographia Renaud

Endereço: Rua Municipal, 37

Tipo de impressão: tipográfica

Qualidade:

Profissionais:

TAMANHO:

Páginas: 16

Colunas: 1

Cor: preto

Vinhetas: sim

Fios: sim

Ilustração: não

Fotografia: não

Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento: Capa impressa em duas cores, com cercadura

Obs.:

111 | TÍTULO: Appellação Commercial

Subtítulo:

Artefato: digital

Acervo: BVA

Tipo: folheto

Data: 1915

Autor/responsável: Superior Tribunal de Justiça

OFICINA: Off. Graph. da Papelaria Velho Lino*

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica

Qualidade:

Profissionais: Lino Aguiar & Irmão, proprietário

TAMANHO:

Páginas: 22

Colunas: 1

Cor: preto

Vinhetas: sim

Fios: sim

Ilustração: não

Fotografia: não

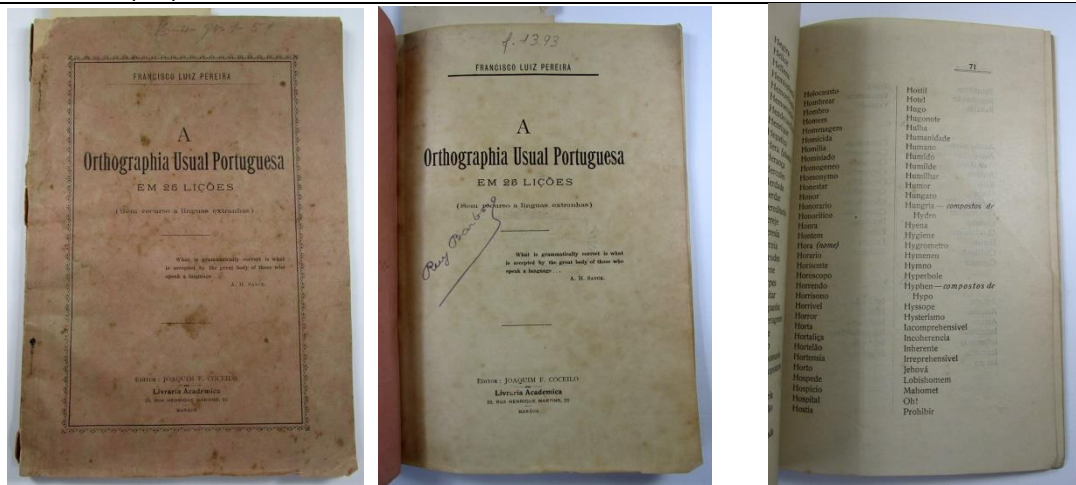
Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento: Capa impressa em papel colorido

Obs.: *A oficina apresenta uma marca, impressa na capa e folha de rosto.

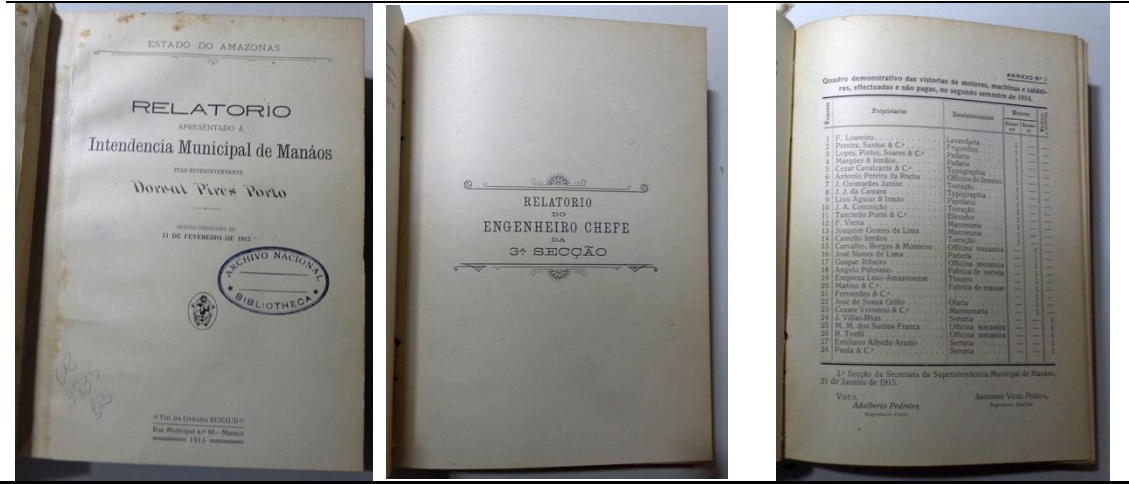
209 TÍTULO: A ortographia usual portuguesa em 25 lições		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: CRB	Tipo: edição particular	Data: 1915
Autor/responsável: Francisco Luiz Pereira			
OFICINA: Secção de Obras da Imprensa Pública*			
Endereço: Rua Municipal, 97			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais: Joaquim F. Coelho, editor			
TAMANHO: 14,6x 21 cm	Páginas: 76	Colunas: 1/2	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamento	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Capa tipográfica em papel de cor, edição grampeada			

Obs.: *A edição é de responsabilidade da Livraria Acadêmica, Rua Henrique Martins, 23. O que demonstra a atuação de um editor comissionando livros a serem impressos em oficinas da cidade. O autor fala que publicou em 1913 o livro *Glosas*



186 TÍTULO: Relatório apresentado a Intendencia Municipal de Manaus		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1915
Autor/responsável: Dorval Pires Porto			
OFICINA: Typ. da Livraria Renaud			
Endereço: Rua Municipal, 93. Manáos			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 16 x 21,7 cm	Páginas: 106	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamental e figurativa: brasão,	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Tabela em página desdobrada			

Obs.: No Quadro demonstrativo de vistoria de motores, machinas e caldeiras no segundo semestre de 1914 [p. 39], de 28 estabelecimentos listados, há duas Typographias: Cezar Cavalcante & C.a e J. J. da Camara; e uma Papelaria: Lino Aguiar & Irmão. Obra encadernada junto a outras



77 | TÍTULO: A Encrenca

Subtítulo: Organ Critico, Literario e Noticioso

Artefato: digital | Acervo: HBN | Tipo: Jornal | Data: 15 out 1916, ano 2 num. 30

Autor/responsável:

OFICINA:

Endereço:

Tipo de impressão: tipográfica | Qualidade:

Profissionais:

TAMANHO: | Páginas: 4 | Colunas: 3

Cor: preto | Vinhetas: sim | Fios: sim

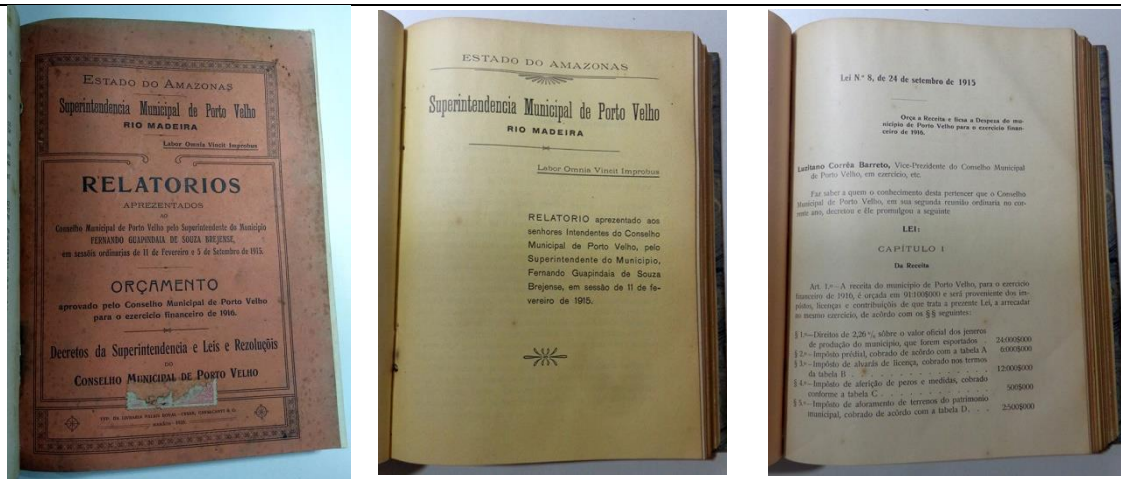
Ilustração: não | Fotografia: não | Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento: Cercaduras nos anúncios

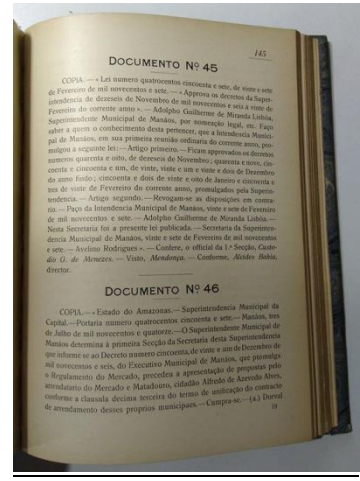
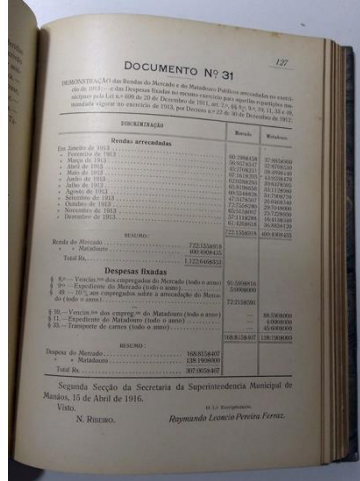
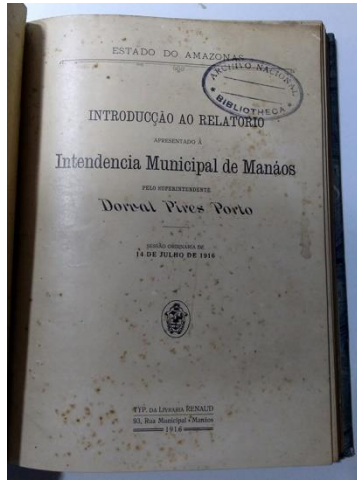
Obs.: Nota informando o motivo de o jornal não circular no domingo: um desarranjo no motor



187 TÍTULO: Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Porto Velho [...] Orçamento aprovado [...] Decretos da Superintendencia e Leis e Resoluções [...]		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1916
Autor/responsável:			
OFICINA: Typ. da Livraria Palais Royal – Cesar, Cavalcanti & C.			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 15,5 x 21,5 cm	Páginas: 107+*	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamental e figurativa: brasão,	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Capa em papel avermelhado e as seções/capítulos também com a página inicial colorida			
Obs.: *Há várias páginas não numeradas ao final com Resoluções. Obra encadernada junto a outras.			

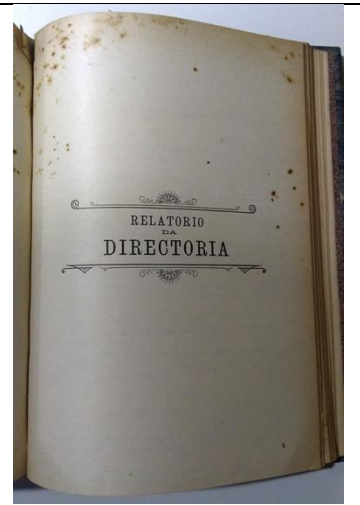
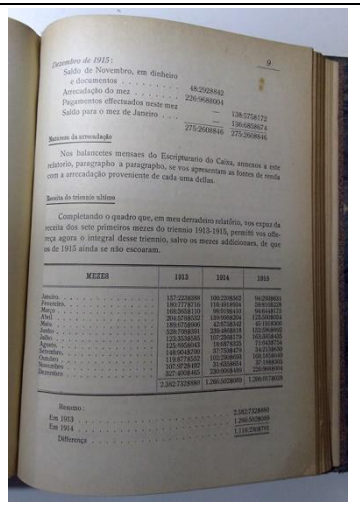
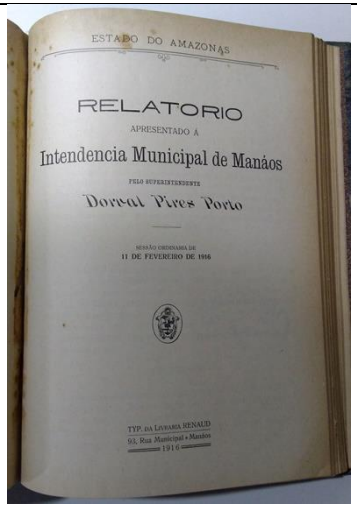


188 TÍTULO: Introdução ao relatório apresentado á Intendencia Municipal de Manaus		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1916
Autor/responsável: Dorval Pires Porto			
OFICINA: Typ. da Livraria Renaud			
Endereço: Rua Municipal, 93. Manáos			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 16 x 21,7 cm	Páginas: 214	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamental e figurativa: brasão,	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento:			
Obs.: Obra encadernada junto a outras			



189 TÍTULO: Relatorio apresentado á Intendencia Municipal de Manaus		Subtítulo:	
Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1916
Autor/responsável: Dorval Pires Porto			
OFICINA: Typ. da Livraria Renaud			
Endereço: Rua Municipal, 93. Manaus			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 16 x 21,7 cm	Páginas: 102	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamental e figurativa: brasão,	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Tabelas em páginas desdobradas			

Obs.: Obra encadernada junto a outras.



110 TÍTULO: Geographia e Topographia Medica de Manaus		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: edição	Data: 1916

Autor/responsável: Dr. Alfredo A. da Matta

OFICINA: Typ. da Livraria Renaud

Endereço: Rua Municipal, 93.

Tipo de impressão: tipográfica

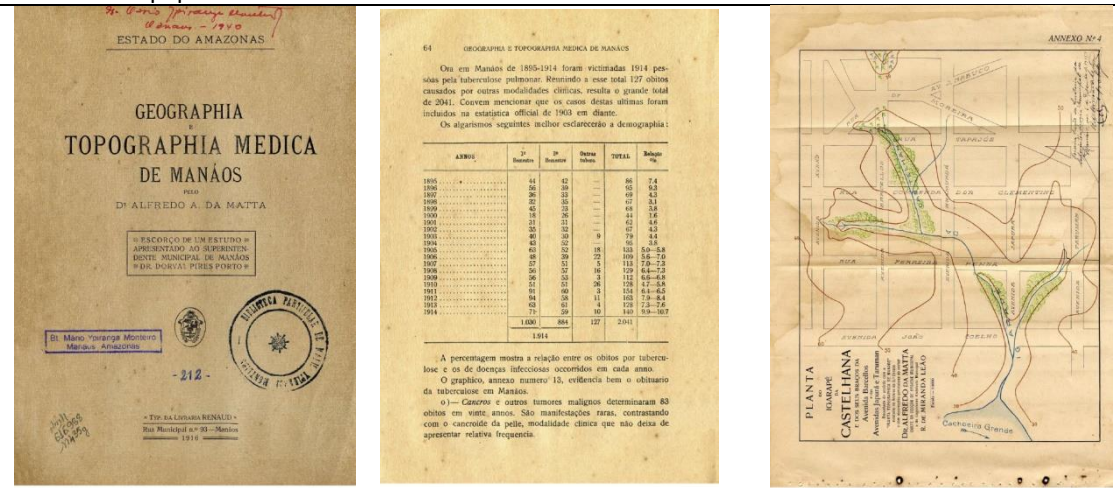
Qualidade:

Profissionais:

TAMANHO:	Páginas: 94+*	Colunas: 1
Cor: preto	Vinhetas: brasão	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: tabelas e gráfico [único]

Recursos gráficos e acabamento: Anexos com plantas coloridas organizadas pelo autor e por Raymundo de Miranda Leão, engenheiro arquiteto Municipal

Obs.: *Os anexos não estão numerados, e pela digitalização a edição parece ter páginas desdobradas e diferentes papéis



129 | TÍTULO: Cá e Lá

Subtítulo: Humorístico Ilustrado

Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: revista	Data: 12 maio 1917, (2.a Phase), n.8
-------------------	-------------	---------------	--------------------------------------

Autor/responsável: Aprigio de Menezes, director-proprietário

OFICINA: Typographia de Cá e Lá

Endereço: Rua Joaquim Sarmento, 12

Tipo de impressão: tipográfica

Qualidade:

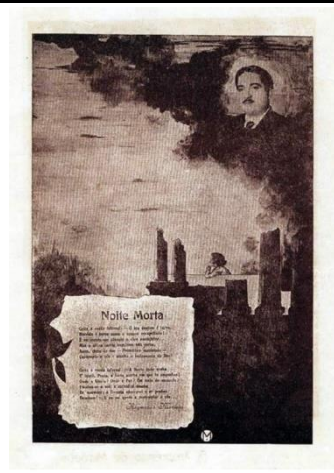
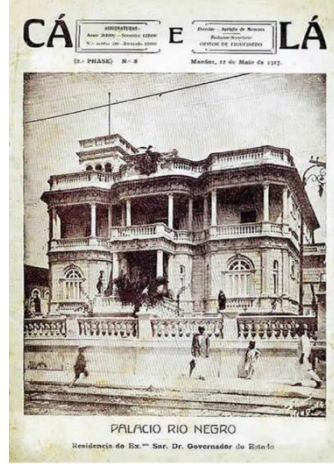
Profissionais: Heitor de Figueiredo, secretario; Olympio de Menezes, director-artístico; Manuel P. Rebelo, gerente das oficinas.

TAMANHO:	Páginas: 16+8	Colunas: variável [1/2]
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim
Ilustração: sim	Fotografia: várias	Tabelas/gráficos: não

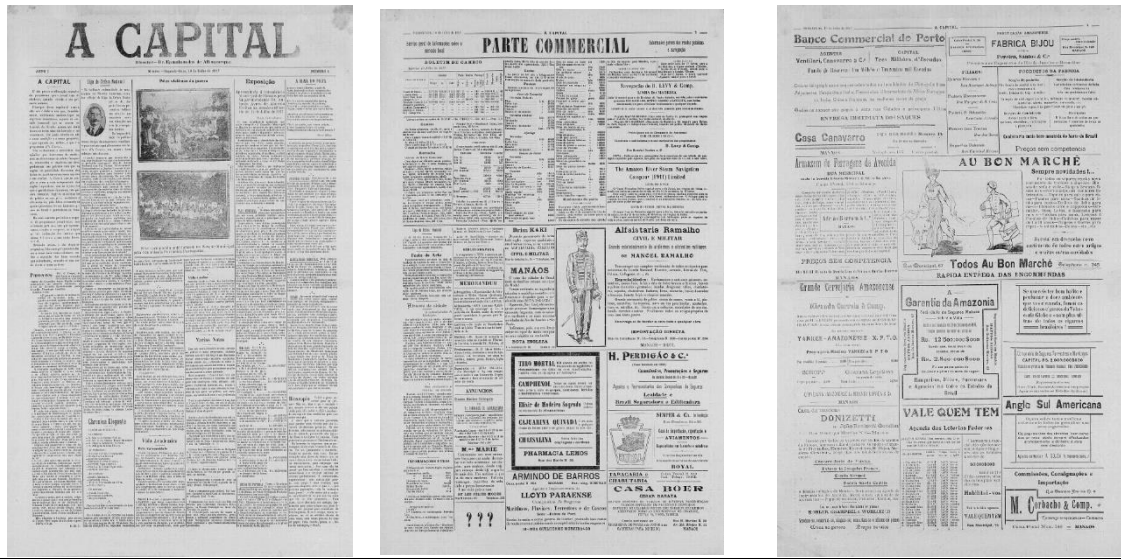
Recursos gráficos e acabamento: Capa com foto, quatro páginas iniciais e quatro finais com anúncios e miolo com dezesseis páginas

Obs.: *Pela observação do exemplar digitalizado a revista parece usar papéis diferentes para capa, páginas de anúncio e miolo. Há uma foto dos periódicos: *Diario Official*, *A Imprensa*, *O tempo*, *Jornal do Commercio*, *O Lusitano*, *Gazeta da Tarde*, *Folha do Povo* e *O Commercial*. Ilustração com monograma em que se lê a letra M sobre um círculo, provavelmente do director-artístico Olympio de Menezes. Credito de uma foto a Paulo Nova. Anúncio da Typografia da revista em que "executa-se com a

melhor perfeição e maior rapidez qualquer serviço a preços verdadeiramente convidativos. Nesta mesma casa se executam todos os trabalhos de photogravura e zincographia.”



69 TÍTULO: A Capital		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: BN	Tipo: jornal	Data: 16 jul 1917, ano 1 num 1
Autor/responsável: Dr. Epaminondas de Albuquerque, diretor			
OFICINA: Typographia d'A Capital			
Endereço: Avenida Ed. Ribeiro, 90*			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 6	
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim	
Ilustração: sim	Fotografia: sim	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Anúncios compostos em variados corpos e tipos, cercaduras e duas ilustrações.			
Obs.: Endereço da Redacção e Administração. As duas imagens da capa tiveram seus clichês oferecidos ao jornal pela Photographia Mendonça. Anuncio da Casa de musicas Donizetti.			



78 | TÍTULO: A Epocha

Subtítulo: Organ do Partido Republicano Amazonense de Itacoatiara

Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: Jornal	Data: 24 jul 1917, ano 1 num.5
-------------------	-------------	--------------	--------------------------------

Autor/responsável:

OFICINA: Typographia d'A Epocha*

Endereço: Praça 13 de Maio, 8. Itacoatiara.

Tipo de impressão: tipográfica

Qualidade:

Profissionais:

TAMANHO: Páginas: 4

Colunas: 5

Cor: preto

Vinhetas: não

Fios: sim

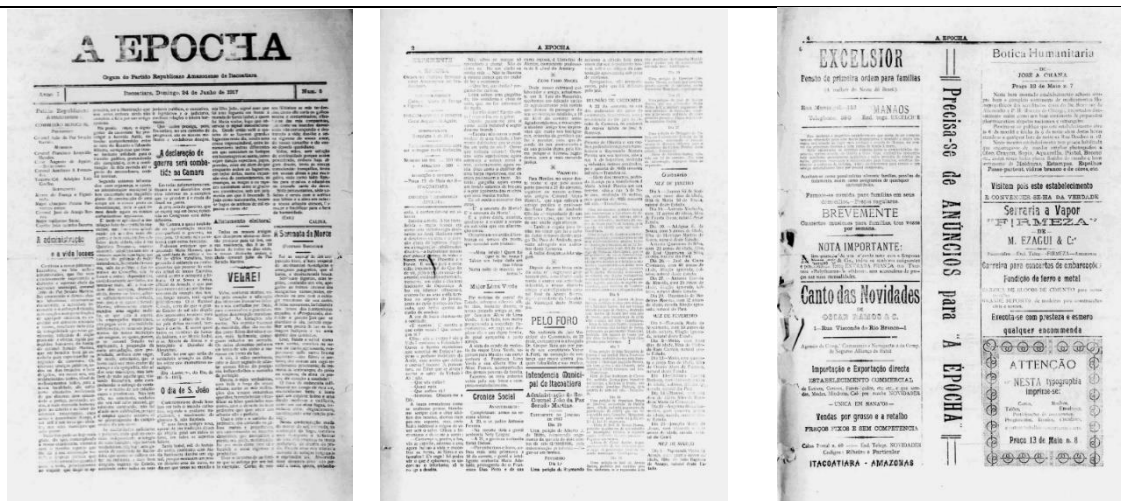
Ilustração: não

Fotografia: não

Tabelas/gráficos: não

Recursos gráficos e acabamento: Cercadura em um anúncio

Obs.: A tipografia não aparece nomeada, nem no anúncio de seus serviços na última página.



70 | TÍTULO: A Capital

Subtítulo:

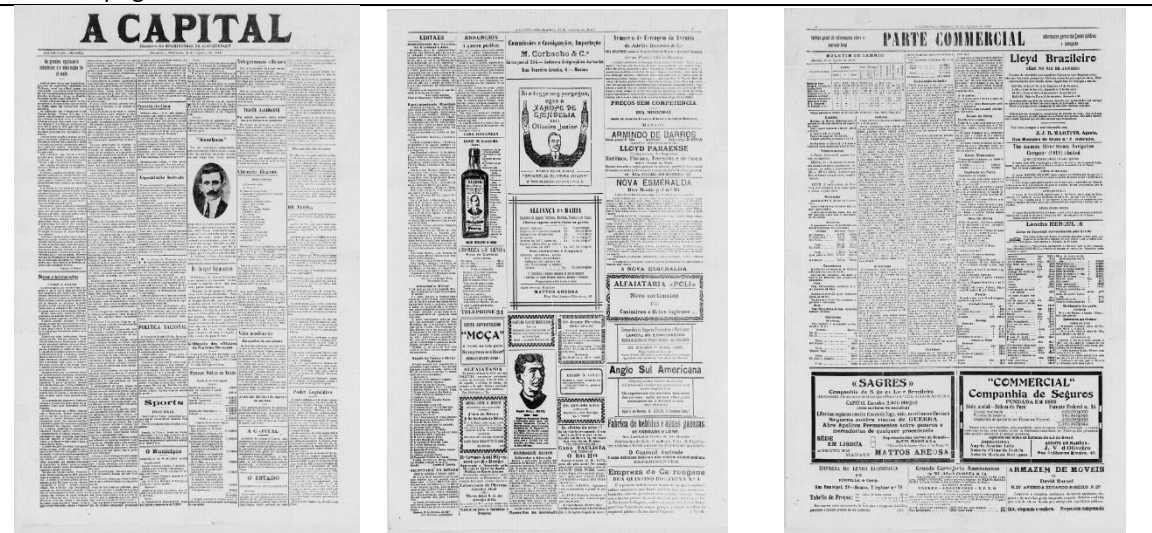
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: jornal	Data: 13 ago 1917, anno1 num29
Autor/responsável: Dr. Epaminondas de Albuquerque, diretor			
OFICINA: Typographia d'A Capital			
Endereço: Avenida Ed. Ribeiro, 90*			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 6	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: sim	Tabelas/gráficos: tabela	
Recursos gráficos e acabamento: Na capa duas imagens com clichê de Paulo Emilio			
Obs.: Endereço da Redação e Administração. Anuncio da Photographia Mendonça.			



120 TÍTULO: A Epocha		Subtítulo: Organ do Partido Republicano Amazonense de Itacoatiara	
Artefato: digital	Acervo: BVA	Tipo: jornal	Data: 10 mar 1918, ano 2 num.42, semanal
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia d'A Epocha			
Endereço: Avenida da Liberdade. Itacoatiara.			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 5	
Cor: preto	Vinhetas: não	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Presença de cercadura em anúncios			
Obs.: vários anuncios, incluindo: "Precisa-se de Anuncios para A Época"			

71 TÍTULO: A Capital		Subtítulo:	
Artefato: digital	Acervo: BN	Tipo: jornal	Data: 31 ago 1918, ano 2 num 404
Autor/responsável: Dr. Epaminondas de Albuquerque, diretor			
OFICINA: Typographia d'A Capital			
Endereço: Avenida Ed. Ribeiro, 90*			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 6	
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim	
Ilustração: sim	Fotografia: sim	Tabelas/gráficos: tabela	
Recursos gráficos e acabamento: Anúncios com grande variedade de tipos, cercaduras e outros.			

Obs.: Endereço da Redação e Administração. Anuncio da Photographia Mendonça. Nota de falecimento de um tipógrafo.



79 TÍTULO: A Epocha		Subtítulo: Organ do Partido Republicano Amazonense de Itacoatiara	
Artefato: digital	Acervo: HBN	Tipo: Jornal	Data: 10 nov 1918, ano 2 num.69
Autor/responsável:			
OFICINA: Typographia d'A Epocha*			
Endereço: Avenida Jonathas Pedrosa. Itacoatiara.			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade:	
Profissionais:			
TAMANHO:	Páginas: 4	Colunas: 5	
Cor: preto	Vinhetas: sim	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: unica	Tabelas/gráficos: tabelas	
Recursos gráficos e acabamento: Variados tipos e cercaduras nos anúncios			
Obs.: Anuncio de um tipógrafo com prática em jornal oferecendo seus serviços.			



146 | TÍTULO: Relatório apresentado a intendência municipal de Manaus pelo superintendente dr. Manoel Ayres de Almeida Freitas **Subtítulo:**

Artefato: original	Acervo: AN	Tipo: edição oficial	Data: 1919
--------------------	------------	----------------------	------------

Autor/responsável:

OFICINA: Typographia do Cá e Lá

Endereço: Joaquim Sarmento, 12

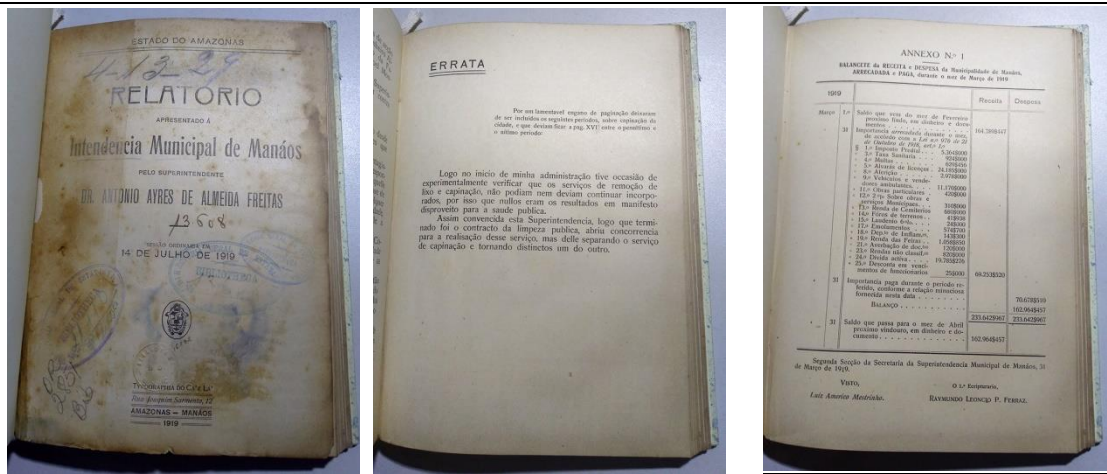
Tipo de impressão: tipográfica Qualidade: regular

Profissionais:

TAMANHO: 14,5 x 21,2 cm	Páginas: 102	Colunas: 1 [texto]
Cor: preto	Vinhetas: brasão, ornamentos	Fios: sim
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: muitas tabelas, incluindo em páginas desdobradas

Recursos gráficos e acabamento:

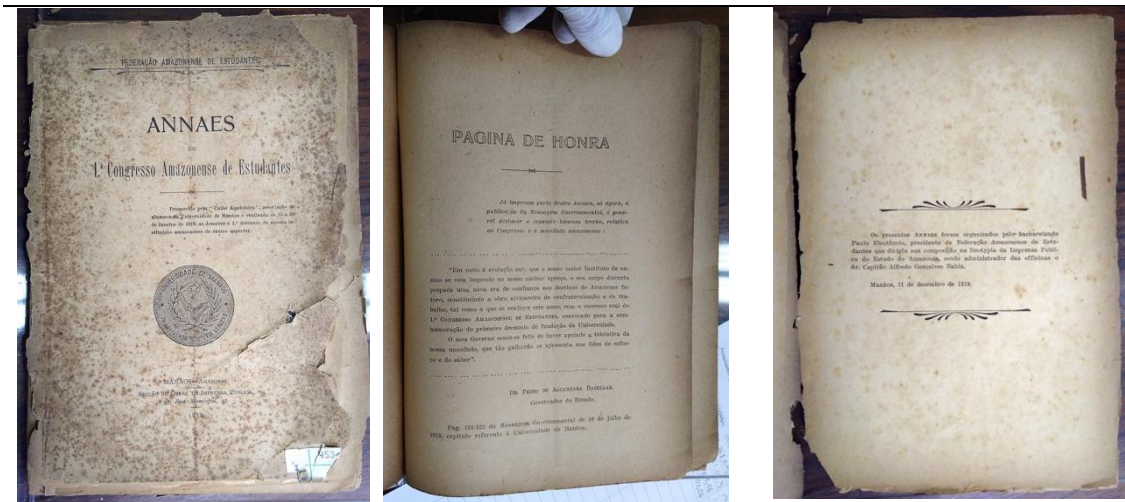
Obs.: Traz uma Errata indicando um erro de paginação



165 | TÍTULO: Annaes do 1. Congresso Amazonense de Estudantes **Subtítulo:**

Artefato: original	Acervo: BN	Tipo: edição	Data: 1919
Autor/responsável: Federação Amazonense de Estudantes			
OFICINA: Seção de Obras da Imprensa Pública			
Endereço: Rua Municipal, 97			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais: Hildebrando Luiz Antony, impressor			
TAMANHO: 15,5 x 22,5 cm	Páginas: 74	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamentais, brasão	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: não	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Publicação grampeada e com papel quebradiço			

Obs.:

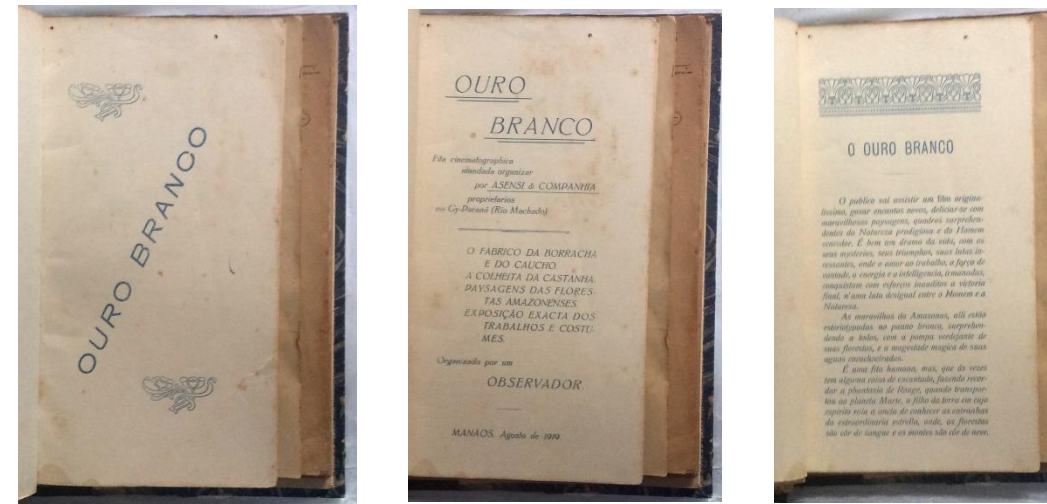


240 | TÍTULO: Ouro Branco

Subtítulo: Fala cinematográfica mandada organizar por Asensi & Companhia

Artefato: original	Acervo: AP	Tipo: efêmero / edição particular*	Data: agosto de 1919
Autor/responsável: Organizado por um Observador			
OFICINA: Oficinas Graphicas da Papelaria Velho Lino, de Lino Aguiar & Irmão			
Endereço: Rua Municipal, 99 e Rua Barroso, 2			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais:			
TAMANHO: 12 x 22,4 cm	Páginas: 74	Colunas: 1	
Cor: azul	Vinhetas: sim, figurativas	Fios: sim	
Ilustração:	Fotografia:	Tabelas/gráficos:	
Recursos gráficos e acabamento: Impressão apenas nas páginas ímpares			

Obs.: *A publicação parece um programa que acompanhou a apresentação em primeira mão de uma obra cinematográfica "Ouro Branco". Obra encadernada junto a outras.



215 TÍTULO: Amigos e Amigas		Subtítulo: [Theatro – Contos e Chronicas – Conferência]	
Artefato: original	Acervo: CRB	Tipo: edição particular	Data: 1920
Autor/responsável: Raul de Azevedo (da academia amazonense de letras)			
OFICINA: Typ. da Liv. Palais Royal			
Endereço:			
Tipo de impressão: tipográfica		Qualidade: regular	
Profissionais: Cesar, Cavalcanti & Cia Editores			
TAMANHO: 15,5 x 22,8 cm	Páginas: 124	Colunas: 1	
Cor: preto	Vinhetas: sim, ornamentos	Fios: sim	
Ilustração: não	Fotografia: única	Tabelas/gráficos: não	
Recursos gráficos e acabamento: Capa ornamentada em azul, papel da edição em gramatura alta. Apresenta título corrente nas páginas			
Obs.:			

– Total de **41 exemplares**

APÊNDICE B – REGISTRO DE OFICINAS TIPOGRÁFICAS DO AMAZONAS 1851-1920

Organizadas por décadas e de acordo com os exemplares encontrados:

	NOME	ANO	ENDEREÇO	PROPRIETÁRIO	ATIVIDADES	ARTEFATOS	OBSERVAÇÕES
1851 a 189							
1	Typographia de Manoel da Silva Ramos [Typ. de M. da S. Ramos]	1851 1852 1854-1856	R. Formoza, R. de Manaus R. da Palma	Manoel da Silva Ramos	IMP	<i>5 de Setembro; Estrella do Amazonas</i> ; edições oficiais	Em 1856 a oficina ficou a cargo do irmão de Manoel, Francisco
2	Typographia de Francisco José da Silva Ramos [Typ. de F. J. da Silva Ramos] Typ. do Estrella	1856 1857-1859 1860-1863 1863	R. da Palma, 2 R. da Palma, 6 R. Formoza, 16 Travessa do Oriente, 6	Francisco José da Silva Ramos	IMP, ENC	<i>Estrella do Amazonas</i> ; edições oficiais	A oficina tipográfica foi a leilão depois da morte de seu proprietário, em 1866, sendo adquirida por Antonio Cunha Mendes
	Typ. da Aliança Amazonense*	1859	Rua de Manaus		IMP	<i>Vigilante*</i> [1859];	*Hipótese sustentada por notas retiradas do <i>Estrella</i> , seu diretor e impressor teria sido Manoel da Silva Ramos

TOTAL de 2 oficinas tipográficas

	NOME	ANO	ENDEREÇO	PROPRIETÁRIO	ATIVIDADES	ARTEFATOS	OBSERVAÇÕES
1860 a 1869							
3	Typ. do Catechista	1862 1863-1864 1866 1867 1869-1871	Travessa da Olaria, caza n 5 Travessa do Oriente, n 5 Rua dos Inocentes	João Antonio Pará, director	IMP	<i>O Catechista</i> [1862-1869], edições oficiais	

4	Typ. do Monarchista [Officina Typographica do Amazonas] [Typographia de A. da C. Mendes]	1866-1867	Rua Cinco de Setembro, 4	Antonio da Cunha Mendes*	IMP	<i>O Amazonas</i> (1866-1872), <i>A Voz do Amazonas</i> (1866-1867).	*também tipógrafo em atuação no Pará desde a década de 1850 [Martins, p. 99]		
	Typographia do "Amazonas"	1867-1868	Rua Brasileira, casa próxima a ponte do Aterro	Antonio da Cunha Mendes & Filhos					
		1868-1872	Rua da Palma canto da travessa da União						
	Typ. do Amazonas	1872**	Rua da Palma canto com travessa da União, no						
	Typographia do Diário do Amazonas	1872-1873	Atterro* Travessa da Matriz**	Mendes & Filho				<i>Boletim Official</i> [1873], <i>Diário do Amazonas</i>	**Faria e Souza afirma que o <i>Amazonas</i> passou a ser diário mudou seu nome para <i>Diário do Amazonas</i> .
		1873	Rua de Marcilio Dias, n. 11 [12]	José Carneiro dos Santos**					
	Typographia do Amazonas	1877-1880	Praça 28 de Setembro						
	1880-1881; 1884; 1886	Rua Guilherme Moreira, 10							
	1889	Rua Guilherme Moreira	Manuel Clarismundo do Nascimento						
		1895	Rua Guilherme Moreira, 10						
5	Typ. d'A Voz do Amazonas	1866	Rua do Imperador	João Marcelino Taveira Páo Brazil	IMP	<i>A Voz do Amazonas</i> [1866];	A oficina foi incorporada à oficina do <i>Amazonas</i> em 1867		
6	Typographia de Moraes & Comp.*	1867	Rua de São Vicente, 12		IMP	<i>Jornal do Rio Negro</i> [1867];	Moraes, seria de Gregorio José de Moraes?		
7	Typographia Mendes*	1867	Rua de S. Vicente, 12		IMP	<i>Jornal do Rio Negro</i> [1867]; <i>Jornal do Rio Negro</i> [1867-1868]; <i>Boletim Official</i> [1872-1873]	*Mesmo endereço que a Typ. de Moraes & Comp. o que sugere que ela foi comprada. **Mesmo endereço que Typ. do Monarchista, de A. C. Mendes, mas parece ter sido independente.		
	Typographia de Mendes & Filhos**	1867-1868	Rua Brasileira a ponte do Atterro						
	[Typographia do Jornal do Rio Negro]	1868	Rua de Manáos, perto do pontilhão do Atterro						
		1872**	Rua da Palma canto da travessa da União						

8	Typographia Liberal Reforma Liberal	1868				IMP	<i>Reforma Liberal</i> [1872], <i>Argos</i> [1872]	*O almanaque de 1870 já registra o seu funcionamento, embora com o título de Reforma Liberal. ** Retirado do almanaque. *** Padre Manoel Cupertino Salgado em 1878 ou 79 teria vendido a oficina a Bento Aranha, dando origem à Typographia da Província [<i>Amazonas</i> , n.279]
		1870*-1872	Praça do Payssandu	João Ignácio Rodrigues do Carmo				
		1872	Praça da Imperatriz					
		1873 **	Travessa do Barroso	Cupertino Salgado***				
9	Typ. do Correio de Manáos	1869-1870	Rua da Independência, 12	Alfredo Sergio Ferreira		IMP	<i>Correio de Manáos</i> , edição de poesia; Almanagues*	*O almanaque de 1871 foi impresso em outra oficina
10	Typ. do Commercio do Amazonas ou do "Amasonas" [Typographia de Gregorio José de Moraes]*	1869**-			Gregório José de Moraes	IMP	<i>Commercio do Amazonas</i> [1870-1878, 18991]; Almanaque de 1871***; <i>Revista do Amazonas</i> [1876]; edições oficiais e particulares	*Assina algumas edições com o nome de seu dono ** O catálogo <i>Cem anos...</i> informa que o jornal começou a ser impresso em 1869. *** Imprimiu para outra oficina tipográfica
		1870	Rua do Espirito Santo					
		1871	Rua Joaquim Sarmiento, 12					
		1872-1877	Rua de Henrique Martins 5					
		1878,	Rua Henrique Martins, 18	Luiz Mesquita de Loureiro Marães				
		1880	Rua Henrique Martins, 18	Azevedo & C.				
		1883	Rua Henrique Martins	Bertino Miranda				
		1886	Rua da Instalação					
1888; 1889,	Rua da Instalação							
1891								
1899	Rua Henrique Martins	Moreira & Rocha						

TOTAL de 8 novas oficinas tipográficas

NOME	ANO	ENDEREÇO	PROPRIETÁRIO	ATIVIDADES	ARTEFATOS	OBSERVAÇÕES	
1870-1879							
11	Typographia do Itacoatiara	1874	Rua da Boa Vista	Capitão Felisardo Joaquim da Silva Moraes	IMP	<i>Itacoatiara</i> [1874]	
12	Typ. do Jornal do Amazonas	1875-1876 1877 1878* 1889 1890	Rua do Imperador Rua das Flores Rua do Imperador Rua Barroso Rua da Matriz	Ernesto Rodrigues Vieira Capitão Domingos Alves Pereira de Queiros Antonio Fernandes Bugalho	IMP	<i>Jornal do Amazonas</i> [1875-1877]; <i>Novo dia</i> [1890]. Edições e folhetos oficiais; folheto particular	*A partir de 1878 o <i>Jornal do Amazonas</i> passa a ser publicado na oficina de Antonio Bugalho, até 1889
13	Typ. do Correio do Norte	1877	Rua do Imperador	Bernardo Truão	IMP	<i>Correio do Norte</i> [1877]	
14	Typ. do Rio Mar	1877	Rua da Independencia	Deocleciano Martins de Menezes & Irmão	IMP	<i>O Rio- Mar do Norte</i> [1877]	
15	Typ. da Provincia	1878-1880 1885*	Rua do Imperador, 16 Rua do S. Vicente, n. 8	Bento Figueiredo de Tenreiro Aranha*	IMP	<i>A Provincia</i> [1878-1879]; <i>Reforma Liberal</i> [1880] <i>A Provincia</i> [segunda edição]; <i>Diabinho</i> [1885]	*Uma nota no <i>Amazonas</i> n. 279 informa que a Typ. Liberal Havia sido vendido a Bento Aranha e dado origem à Typographia da Provincia.
16	Typ. de Antonio Fernandes Bugalho [Typ. do Monitor do Norte]* [Typ. do Jornal do Amazonas]*	1878-1880 1882-1884, 1886-1888 1889	Rua da Palma, 15 Rua do Imperador, 15 Rua do Barroso	Antonio Fernades Bugalho**	IMP	<i>Monitor do Norte</i> [1878]; <i>Jornal do Amazonas</i> [1878, 1880, 1882-1884, 1886-1889];	*Em abril de 1878 o <i>Monitor do Norte</i> é suspenso e a oficina passa a publicar o <i>Jornal do Amazonas</i> . ** era português

TOTAL de 6 novas oficinas tipográficas

	NOME	ANO	ENDEREÇO	PROPRIETÁRIO	ATIVIDADES	ARTEFATOS	OBSERVAÇÕES
	1880-1889						
17	Typographia Industrial	1881 1882*	Praça do Riachuelo, n. 26 – canto da rua do Imperador Rua do Imperador		IMP		Anunciou no <i>Amazonas</i> n. 611. *Foi fundida com a oficina do <i>Jornal do Amazonas</i>
18	Typ. da Voz do Povo Typ. do Echo dos Andes	1882 1882	Rua Henrique Antony, canto da de Itamaraca	Propriedade de uma associação typographica	IMP	<i>Voz do Povo</i> [1882]; <i>Echo dos Andes</i> [1882];	No mesmo ano a oficina assumiu o nome do jornal que produzia, até ser comprada por José Carneiro dos Santos
19	Typographia do Commercio do Madeira Typ. do Correio do Madeira	1884 1889	Canto do Largo da Matriz, Villa de Manicoré	José Francisco Dias	IMP	<i>Commercio do Madeira</i> * [1884];	Depois substituído pelo <i>Correio do Madeira</i>
20	Typographia Religiosa*	1886			IMP	<i>Tratado da divindade da confissão</i> [1886 e 1887];	*Dois registros do <i>Jornal do Amazonas</i> de venda da edição traduzida pelo frei Jesualdo Macheta, que seria seu tipógrafo e o responsável pela oficina segundo A. Reis
21	Typographia de Joaquim Rocha dos Santos*	1886	Rua Henrique Martins	Joaquim Rocha dos Santos	IMP		Joaquim foi registrado como proprietário de “officina tipográfica” no <i>Jornal do Amazonas</i> n. 1257 de 1886
22		1886	Praça Cinco de Setembro	Deocleciano da Matta Bacellar*	IMP	<i>Gazeta de Manáos</i> [1886];	*Registro retirado de lista de proprietários de “officina tipográfica” [<i>Jornal do Amazonas</i> n. 1257, 1886] que não nomeia a oficina. A <i>Gazeta</i> tinha o mesmo endereço da Typ. e proprietário, por isso foi assim identificada.

23	Typographia do Artista	1886 1886 1888	Rua Mundurucús Rua Barrozo Rua dos Remedios*	Azevedo & C.a	IMP*		*Retirado de anúncio que indicava a venda da Typ. nesse endereço
24	Typographia do Echo do Norte [Typ. do Manáos]**	1887	Praça São Sebastião	Joaquim C. Neves*	IMP	<i>Echo do Norte</i> [1887]; <i>Manáos</i> ** [1888]	*até o seu sétimo número era propriedade de uma Associação. **O jornal <i>Manáos</i> diz continuar a vida jornalística do <i>Echo do Norte</i> e tem o mesmo proprietário
25	Typographia da Gazeta de Manicoré	1887	Praça da Matriz, em Manicoré	Uma Empresa	IMP	<i>Gazeta de Manicoré</i> [1887];	
26	Typographia da “Provincia do Amazonas”	1888*	Rua Municipal, 20 Rua da Instalação, 1 Rua 7 de Dezembro	J. M. Rugeiro Paraguassu Uma empresa	IMP	<i>Provincia do Amazonas</i> [1888];	No ano de 1888 a oficina mudou de orientação editorial, e 3 vezes de endereço
27	Typographia do Equador	1888	Rua da Gloria Rua Municipal, 20		IMP	<i>Provincia do Amazonas</i> [1888];	No ano de 1888 a oficina mudou de orientação editorial, e 3 vezes de endereço
28	Typographia d’O Norte do Brazil	1888	Rua do Barrozo	Miranda Lima & Comp.	IMP	<i>O Norte do Brasil</i> [1888];	
29	Typographia d’O Corneta*	1888		Oscar J. d’Oliveira	IMP	<i>O Colibri</i> [1888]; <i>O Corneta</i> [1888]	*Indicação retirada do n. 1 do <i>Colibri</i> , que informa ter sido impresso na Typ. do Corneta.
30	Typographia do Purus	1888-1890	Estrada de Nazareth, em Lábrea	Pedro G. Leite Coelho	IMP	<i>O Purus</i> [1888-18890];	

31	Typographia do Labrense	1889 1890	Travessa Municipal	Gustavo E. dos S. Brigido*	IMP	<i>Labrense</i> [1889-1890];	*Retirado do Lançamento de impostos da Intendência municipal de Lábrea de 1890
32	Typographia d'O Americano	1889	Praça Tamandaré	Abelardo Belfort, administrador	IMP	<i>O Americano</i> [1889];	
33	Typographia d'A Epocha	1889	Praça 5 de Setembro	Acrizio G. da Silva*	IMP	<i>A Epocha</i> [1889]; Tribuno do Povo [1890]	*Não fica claro se ele é dono ou administrador do jornal
34	Typographia de Castro Costa & C.^a	1889 1890	Praça 5 de Setembro Rua da Instalação		IMP / LIV / ENC / PAP	<i>A Epocha</i> [1889];	Em anúncio de 1890 se apresenta como Livraria e Papelaria, Encadernação e Typographia de Castro e Costa

TOTAL de **18** novas oficinas tipográficas

	NOME	ANO	ENDEREÇO	PROPRIETÁRIO	ATIVIDADES	ARTEFATOS	OBSERVAÇÕES
	1890-1899						
35	Typographia do Seculo	1890	R. Henrique Martins		IMP	<i>O Seculo</i> [1890]	
36	Empreza Editora Prosperidade	1890	Praça 5 de Setembro		IMP	<i>O Imparcial</i> [1890], <i>Indice do Commercio</i> [1890]	
37	Typographia do Diario de Manáos	1890 1891 1891	Praça 5 de Setembro Praça 28 de Setembro Praça da Constituição		IMP	<i>Diário de Manáos</i> [1890]	
38	Livraria e Typ. Universal [Livraria Universal]	1892 1897 1899-1900 1902	Rua Joaquim Sarmiento** Rua Henrique Martins, 11	F. de Queiroz & C.a M. Silva	IMP / LIV / ENC	Edições oficiais	**Endereço retirado de anúncio de Encadernação Commercial da Liv. Universal

		1909		Jacinto José Penalva e Francisco Luiz Pereira			
39	Typographia da Livraria Classica [Silva & Gomes] [Typographia e Encadernação de Silva Gomes]* Typ. a vapor da Livraria Classica	1891 1895 1902-1906	Praça Tamandaré	Silva Gomes Jaime & Camara,	LIV /IMP / ENC	Efêmeros; edições oficiais	* Vendida em 1895 a Francisco Antogini
40	Empreza do Jornal do Estado do Amazonas	1892	Rua Ruy Barbosa	Americo C. Carnerio,	IMP	<i>Estado do Amazonas</i> [1892]	
41	Typographia do Gutenberg	1892	Praça 5 de Setembro, 42		IMP	<i>Gutenberg</i> [1892]	
42	Typographia d'O Operário	1892	Praça 5 de Setembro, 17		IMP	<i>O Operario</i> [1892]	
43	Livraria e Typografia "Palais Royal" [Typografia da Livraria Palais Royal]; [Palais Royal]	1892 1893 1896 1902**	R. Guilherme Moreira, 33 Rua Municipal	Aguiar Rocha & C. * Lino Aguiar Lino Aguiar e C ^a	LIV/ IMP /ENC /PAP	Edições oficiais e particulares;	*Frente Carmezim, nome que assina os primeiros anúncios encontrados **Indica ter "Officinas a Vapor" em 1902;
	Typ. da Livraria Palais Royal Armazens Palais Royal Off. Graf. Palacio Real	1908 1912 1913 1924	Rua Municipal, 87/87 R. da Palma Av. de 7 de Setembro, 85	Lino Aguiar & Ca. Cesar, Cavalcanti & C. Cesar, Cavalcanti & C.	LIV/ IMP / ENC / PAP		***Possui outro endereço, possivelmente da loja.
44	Typographia d'O Rio Purus	1893	Rua 14 de Maio, Labrea.		IMP	<i>O Rio Purus</i> [1893]	
45	Imprensa Oficial [Typ. do Diario Official]	1893 1898	Rua Municipal Rua Fileto Pires*		IMP / ENC	<i>Diario Official</i> [1893], <i>A Caridade</i> [183], <i>A Platéia</i> [1907]; Periódico estudantil <i>Aura</i> [1902], <i>Correio Esportivo</i> [19910]	Inicia seu funcionamento em 15 de novembro de 1893. *Nome que assumiu a Rua Municipal por um breve período de tempo
	Secção de Obras da Imprensa Official Secção de Obras da Imprensa Publica Imprensa Publica	1907	Rua Municipal, 97			folhetos e edições oficiais, edições particulares e efêmeros.	
46	Typographia do Municipio	1893	Rua Deodoro, Itacoatiara.		IMP	<i>Município</i> [1893]	

47	Typographia da Republica Typografia d'A Federação*	1894 1895 1895-1996 1897-1900, 1902	R. Saldanha Marinho, 25** Ra Barroso Rua Barroso, canto da Saldanha Marinho Rua Joaquim Sarmento, 16	"Uma Associação" Euclides Nazareth	IMP	<i>A Republica</i> [1894-1895], <i>A Federação</i> [1895, 1896, 1899, 1900, 1902]. Edição oficial [1897]	* De acordo com Faria e Silva [p. 28] houve a mudança de nome do jornal saia a <i>República</i> e chegava <i>A Federação</i> . ** Ficava na esquina das ruas Barroso e Saldanha marinho, por isso a alternância
48	Typ. do Amazonas Commercial*	1895, 1897	Rua Theodureto Souto, n. 4		IMP	<i>Amazonas Commercial</i> [1895, 1897]	* Não nomeia sua oficina tipográfica
49	Typografia d'O Coaryense	1895		João Joaquim Mendes da Rocha	IMP	<i>O Coaryense</i> [1895]	
50	Typografia d'O Mariuaense	1897	Rua da Praia, Barcellos	coronel José Antonio Nogueira Campos	IMP	<i>O Mariuaense</i> [1897]	
51	Typografia do Rio Negro	1897	Avenida Eduardo Ribeiro n.8		IMP	<i>Rio Negro</i> [1897]	
52	Empreza Typographica Folha de Manáos	1898*		Raymundo R. de Mello e João Leda*	IMP	<i>Folhas de Manáos</i> [1898]	**segundo declaração de venda publicada no <i>Commercio do Amazonas</i> n.289
53	Typografia d'O Imparcial	1897	Rua Henrique Martins		IMP	<i>O Imparcial</i> [1897]	
54	Typografia da Livraria Ferreira Pena	1899 [1882]* 1901	Rua Municipal Rua Municipal. 37		LIV / PAP / IMP / ENC	Edições oficiais	*Em anúncio [1899] diz ter sido fundada em 1882, provavelmente com livraria
55	Typographia Renaud [Typ. de J. Renaud] Typ. da Livraria Renaud	1899 1912	R. Barroso, junto ao Correio R. Municipal, 37	José Renaud & C.	IMP / ENC IMP/LIV*	Edições particulares e oficiais	Em 1906 um anúncio coloca J Renaud como dono da Livraria Ferreira Penna

TOTAL de 21 novas oficinas tipográficas

1900-1909

56	Typographia do Correio do Purús	1900,* 1904 1907 1910	Trav. Rio Pauhiny, 6. Lábrea Praça Silverio Nery, Lábrea	M. Freire & Ca. M. de Castro Paiva	IMP	<i>Correio do Purus</i> [1900]	*O jornal circulava desde 1897, é provável que a oficina tipográfica tenha começado a funcionar nessa data
57	Typ. do Triumpho	1900		J. R. Fachinas & C.	IMP	<i>Triumpho</i> [1900]	
58	Typ. d'O Manicoré	1900			IMP	<i>O Manicore</i> [1900]	
59	Typ. d'O Diario de Noticias	1900, 1909	Avenida Eduardo Ribeiro, n.21		IMP	<i>Diario de Noticias</i> [1900]	
60	Typ. do O Progresso	1900		Cicero Motta	IMP	<i>O Guarany</i> [1900]	
61	Typ. de La Voz de España	1901	Rua 24 de mayo, n. 29	Julio Minuesa Y Comp.	IMP	<i>Mensageiro</i> [1901]	
62	Typ. d'O Monitor	1901	Rua Henrique Antony, n.17 [redação]		IMP	<i>O Monitor*</i> [1901]	Havia dois jornais com esse nome, um espírita e outro comercial aqui registrado. Ele não nomeou ou indicou o endereço de sua oficina, em anúncio informava estar contratando compositores e aceitando aprendizes.
63	Typ. do Quo Vadis?	1902	Av. Eduardo Ribeiro, n. 40		IMP	<i>Quo Vadis?</i> [1902]	
64	Typ. d'A Paz	1902 1905	Avenida Eduardo Ribeiro, Manicoré Seção de obras d'A Paz	Raymundo de Azevedo	IMP	<i>A Paz</i> [1902-1905]	

65	Typ. d'O Evangelista	1903	Estrada Siverio Nery, 222		IMP	<i>O Evangelista</i> [1903]	
66	Typ. do Jornal do Commercio	1904			IMP	<i>Jornal do Commercio</i> [1904], <i>O Povo de Loriga</i> [1910]	
67	Typ. d'O Rio Madeira	1905	Rua Eduardo Ribeiro, Manicore		IMP	<i>O Rio Madeira</i> [1905]	
68	Typ. do Correio do Norte	1906 1912	R. Henrique Martins, 51 Av. Eduardo Ribeiro, n. 57		IMP	<i>Correio do Norte</i> [1902]	
69	Typ. do Guia	1906	Avenida Major Gabriel		IMP	<i>Guia</i> [1906]	
70	Typ. d'O Tacape	1907	Rua Caetano Prestes, Parintins		IMP	<i>O Semeador</i> [1907], <i>Parintins</i> [1907] <i>O Tacape</i> [1908]	
71	Typ. da Tribuna do Caixeiro	1909	Rua Barroso, 28		IMP	<i>Tribuna do Caixeiro</i> [1909]	
72	Officina Photo-Typographica [Photo-Typographica de C. Bustamante]	1909	R. Henrique Martins esquina com a Itamaracá	C. Bustamante	IMP / LIT	<i>La Union</i> [1910]	Especializado em Photo-gravuras para periodicos e revistas. brevemente com uma secção lithographica

TOTAL de 17 novas oficinas tipográficas

1910-1919

73	Typ. d'A Opinião	1910			IMP	<i>A Opinião</i> [1910]	
74	Typ. do Arauto	1910	Rua Quintino Bocayuva, junto a rampa. Itacoatiara		IMP	<i>Arauto</i> [1910]	

75	Typ. do Humaythaense	1910	Rua Fonseca Coutinho, esquina da Avenida Gusmão. Humaytha		IMP	<i>Humaytaense</i> [1910]	
76	Typ. d'O Correio da Tarde	1911			IMP	<i>O Gymnasiano</i> [1911]	
77	Typographia a vapor da Livraria Commercial [Typ. Commercial]	1911	Rua Municipal	J. R. de Mello	EMP / LIV / PAP / ENC	Edições particulares	
78	Typographia Popular	1911	Itacoatiara	T. Fonseca	IMP	<i>Raio X</i> [1911]	
79	Typographia a vapor Empreza do Amazonas*	1912			IMP	Revista <i>Lumen Amazonense</i> [1912];	Verificar se há relação com outras oficinas de nome Amazonas
80	Velho lino	1913	Rua Municipal, 999		IMP / LIV / PAP / ENC /		Separou-se da Palais Royal, oferecia também pautaço tereotypia, carimbos e monogramas em alto relevo.
81	Empreza Libro-typographica	1914		F. de Queiroz & Cia.*	IMP	<i>O Collegial</i> [1914]	
82	Typ. da Revista Cá e Lá	1914, 1919 1923	Rua Joaquim Sarmiento, 12 Rua Joaquim Sarmiento, 12	Francisco José da Silva Ramos	IMP	<i>A União</i> [1914], <i>O Pirralho</i> [1915] <i>Revista Cá e Lá</i> [1917]; edições oficiais, <i>Revista</i> <i>Amazonense</i> [1923]	
83	Typ. da Marreta	1915			IMP	<i>Marreta</i> [1915];	
84	Typographia d'O Javary	1917	Av. Jonathas Pedroza, Benjamin Constant		IMP	<i>O Javary</i> [1917];	

85	Typographia do Jornal do Commercio	1917	Rua Ruy Barbosa, 2 em Itacoatiara	IMP	<i>Jornal do Commercio</i> [1917];
86	Typ d'A Epoque	1917	Praça 13 de Maio, n.8 Itacoatiara	IMP	<i>A Epoque</i> [1917];
		1918	Avenida da Liberdade		
		1918	Avenida Jonathas Pedrosa		

TOTAL de **14** novas oficinas tipográficas

IMP – Impressão | ENC – Encadernação | LIV – Livraria | PAP – Papelaria | EDI – Editora | CLI – Clicheria | LIT – Litografia | FOT – Fotografia

APÊNDICE C_I – REGISTRO DO CIRCUITO GRÁFICO DO AMAZONAS: PROFISSIONAIS

DATA	NOME	ATIVIDADE	INFORMAÇÕES
1851-1859			
1 1851-1855	Manoel da Silva Ramos	Tipógrafo	Proprietário da oficina tipográfica que leva seu nome
2 1855-1862	Francisco José da Silva Ramos	Compositor*	Não podemos afirmar que Francisco foi tipógrafo como seu irmão, mas ele foi descrito como único compositor de sua Typographia.
3 1858	Hipolito Mainette	Fotógrafo	
DATA	NOME	ATIVIDADE	INFORMAÇÕES
1860-1869			
1 1862*,1868	Antonio da Cunha Mendes*	Tipógrafo**	*Primeira indicação de funcionamento da Typ. do Monarchista em Manaus, de sua propriedade. Atuou no Pará [1850-1860] ** Em matéria de 1868, afirma ser cidadão brasileiro naturalizado e exercer a profissão de tipógrafo.
2 1864*	José Verissimo dos Anjos Junior	Tipógrafo e impressor	Trabalhou na oficina de F. J. da Silva Ramos e depois no <i>Catechista</i> [2jul. de 1864]
3 1864*	Motta Marques	Tipógrafo	* Falecido, teria trabalhado na oficina de F. J. da Silva Ramos em período não indicado, mas igual ou anterior a 1864 [<i>Catechista</i> 2jul. de 1864]
4 1864*	Manoel Romão	Tipógrafo	* Teria trabalhado na oficina de F. J. da Silva Ramos em período não indicado, mas igual ou anterior a 1864 [<i>Catechista</i> 2jul. de 1864]
5 1864*	Toscano	Tipógrafo	* Teria trabalhado na oficina de F. J. da Silva Ramos em período não indicado, mas igual ou anterior a 1864 [<i>Catechista</i> 2jul. de 1864]
6 1864*	Manoel A. Monteiro	Tipógrafo	* Teria trabalhado na oficina de F. J. da Silva Ramos em período não indicado, mas igual ou anterior a 1864 [<i>Catechista</i> 2jul. de 1864]
7 1864*	João de Deus	Tipógrafo	* Teria trabalhado na oficina de F. J. da Silva Ramos em período não indicado, mas igual ou anterior a 1864 [<i>Catechista</i> 2jul. de 1864]

8	1864*	Juvencio Antonio Dias	Tipógrafo	* Teria trabalhado na oficina de F. J. da Silva Ramos em período não indicado, mas igual ou anterior a 1864 [<i>Catechista</i> 2jul. de 1864]
9	1864*	Gil Fernandes de Souza	Tipógrafo [aprendiz]	* Órfão, teria assinado contrato e atuado por cerca de 3 anos na oficina de F. J. da Silva Ramos até falecer [<i>Catechista</i> 2jul. de 1864]
10	1864*	Leandro, Souza Gomes**	Tipógrafo	* Teria trabalhado na oficina de F. J. da Silva Ramos em período não indicado, mas igual ou anterior a 1864. ** Não sabemos se são dois profissionais ou se a vírgula é uma incorreção [<i>Catechista</i> 2jul. 1864]
11	1864*	Loureiro Santos	Tipógrafo	* Teria trabalhado na oficina de F. J. da Silva Ramos em período não indicado, mas igual ou anterior a 1864 [<i>Catechista</i> 2jul. de 1864]
12	1864*, 1870	Gregorio Moraes**	Tipógrafo e impressor	* Teria trabalhado na oficina de F. J. da Silva Ramos em período não indicado, mas igual ou anterior a 1864 [<i>Catechista</i> 2jul. de 1864]. ** Acreditamos ser o mesmo Gregorio José de Moraes, que em 1870 é proprietário do Typ. Comercio do Amazonas
13	1864*	Mesquita	Tipógrafo	* Teria trabalhado na oficina de F. J. da Silva Ramos em período não indicado, mas igual ou anterior a 1864 [<i>Catechista</i> 2jul. de 1864]
14	1864*	Guerreiro	Tipógrafo	* Teria trabalhado na oficina de F. J. da Silva Ramos em período não indicado, mas igual ou anterior a 1864 [<i>Catechista</i> 2jul. de 1864]
15	1864	Eduardo José de Souza	Fotógrafo	Anunciou no <i>Catechista</i>
16	1865 1883* 1888**	Manuel José Zuany de Azevedo*	Tipógrafo	Atuou na Typ. de Francisco Silva Ramos após a sua morte. Registrado no almanaque de 1884. *Em 1873 [<i>Boletim Oficial</i> , n.27] há o registro de um requerimento deste solicitando um empréstimo para montar uma “typographia”. **Registrado em um anúncio como dono da Typ. do Artista
17	1865	Walter Hunnewell	Fotógrafo	Membro da missão científica de Louis Agassiz [bk]
18	1865	A. Frisch	Fotógrafo	Fotografou indígenas da região [bk]

19	1866	Emiliano Gomes da Cruz	Impressor*	Aparece como editor e no colofão do jornal <i>A Voz do Amazonas</i> como impressor
20	1866	Domingos Antonio Gomes	Impressor	Atuou no jornal <i>A Voz do Amazonas</i>
21	1867, 1869, 1871	Maximiano F. [Florencio] de Medeiros	Impressor	Atuou na Typ. do Catechista
22	1867	Guilherme Potter	Fotógrafo	Itinerante
23	1867	Crescencio Antonio	Encadernador*	*Registrado em relatório como mestre livreiro do Estabelecimento dos Educandos Artifices
24	1867-1868	Mathias Ferreira da Costa	Impressor	*Atuou no <i>Jornal do Rio Negro</i> , aparece também como M. F. da Costa
25	1868	J. A. Heren	Fotógrafo	Anunciou no <i>Jornal do Rio Negro</i> junto com Savot
26	1868	Alberto Savot	Fotógrafo	Anunciou no <i>Jornal do Rio Negro</i> junto com Heren
27	1868	Manoel Francisco da Costa Pinheiro	Tipógrafo	Atuou no <i>Jornal do Rio Negro</i>
28	1868	A. A. da C. F. e Brito	Impressor	Atuou no <i>Jornal do Rio Negro</i>
29	1869-1870 1876-1877	Raymundo Pereira da Silva Lobo	Tipógrafo, chefe de oficina e editor	Paraense, foi diretor de oficina e editor do periódico <i>Amazonas</i> , também atuou no <i>Jornal do Amazonas</i> , onde escrevia no jornal e assinava o <i>Typographo</i> .
30	1869*	José Henriques Castro	Encadernador	Em 1869 há um registro como educando e em 1872 teria assumido a oficina de encadernação
31	1869	Jacques Vigier	Fotógrafo	Atuação itinerante [Amazonas, n.164]

DATA	NOME	ATIVIDADE	INFORMAÇÕES	
1870-1879				
1	1870	M. F. d'Anunciação	Impressor	Atuou na Typographia do Comercio do Amazonas
2	1872	Paulo*	Gravador*	*Poucas informações colhidas de anúncio [<i>Amazonas</i> , 4 set. 1872]: era francês e "abre sinetes á timbre secco, tambem prepara letras em chapa de zinco"
3	1872	A. A. Vasconcelos	Impressor	Atuou na Typographia Liberal

4	1873	Felipe Augusto Fidanza	Fotógrafo	Italiano, atuante em Belém e em Manaus [bk], editou o <i>Album do Amazonas</i> [1901-1902]
5	1874 1883*	Manuel da Conceição e Oliveira	Impressor e tipógrafo	Atuou no Diário do Amazonas. *Registrado no almanaque de 1884.
6	1874	Eduardo Augusto Pereira de Freitas	Tipógrafo	Atuou no Amazonas e segundo Faria e Souza teve 3 aprendizes, dentre eles Hildebrando L. Antony.
7	1874	Francisco Sabino Lopes Brandão	Fotógrafo	Anunciou em jornal [<i>Commercio do Amazonas</i> , n.202 1874]
8	1874, 1878- 1881; 1883	Hildebrando Luiz Antony	Aprendiz*. Impressor e tipógrafo**	*Faria e Souza afirma que foi discípulo de Eduardo Augusto Pereira de Freitas em 1874. Atuou na Typ. do "Amazonas" de José Carneiro dos Santos. *Assim registrado como tipógrafo no almanaque de 1884
9	1879, 1883*	Manoel Clarismundo do Nascimento	Impressor e tipógrafo*	Atuou na Typ. do "Amazonas" de José Carneiro dos Santos. *Registrado como tipógrafo no almanaque de 1884

DATA	NOME	ATIVIDADE	INFORMAÇÕES	
1880-1889				
1	1880-1888, 1895	Tiburcio Benjamin da Silva	Impressor	Atuou no <i>Jornal do Amazonas</i> , seu nome aparece registrado no colofão do periódico. Atuou na Redação do <i>Amazonas</i> segundo almanaque de 1895
2	1880	Sebastião da Paixão	Impressor	Atuou na oficina do <i>Amazonas</i>
3	1880	Feliciano Verlangieri	Fotógrafo	Anunciou em jornal que ficaria 90 dias na cidade de Manáos e depois no Rio Madeira [bk]
4	1880	Paulo Ernesto Meyer	Fotógrafo	Anunciou em jornal, sócio de F. Verlangieri e depois atuante em Belém [bk]
5	1880-1881	Candido José Ribeiro	Impressor	Atuou no <i>Commercio do Amazonas</i>
6	1882-1883, 1888, 1895	Alexandre José da Costa e Oliveira	Impressor e tipógrafo	Impressor no jornal <i>Voz do Povo</i> [creditado como A. J. da Costa Oliveira, 1882]; tipógrafo no <i>Jornal do Amazonas</i> [1888]. Atuou na Redação d'A <i>Republica</i> segundo almanaque de 1895

7	1883	Manoel Ursulo Uchoa	Tipógrafo	Cearense, atuou na Typ. do Commercio do Amazonas, imprimiu a edição <i>Escravos</i> [1883]. Tentou a vida como seringueiro e morreu em 1887 na região do Juruá.
8	1883	Augusto Thomé Wanderley	Tipógrafo	Cearense, atuou na Typ. do Commercio do Amazonas, imprimiu a edição <i>Escravos</i> [1883].
9	1883	Conte Hermano Estradelli	Fotógrafo	Anuncia em almanaque [1884], Rua Marcilio Dias
10	1883*, 1886 1888	Satyro José Pinto Terra	Tipógrafo e impressor	* Registrado no almanaque de 1884. Atuou no periódico <i>O Paiz</i> [1886], <i>O Artista</i> [1886] e <i>Amazonas</i> [1888]
11	1883	José Carneiro dos Santos	Tipógrafo e dono de oficina typographica	Registrado no almanaque de 1884, proprietário da Typ. do Amazonas
12	1883	Antonio Fernandes Bugalho	Tipógrafo e dono de oficina typographica	Registrado no almanaque de 1884, proprietário da Typ. do Amazonas na década de 1870. Português, naturalizado brasileiro
13	1883	Augusto Servulo Lopes Alves	Tipógrafo	Registrado no almanaque de 1884.
14	1883	José Francisco Soares Sobrinho	Tipógrafo	Registrado no almanaque de 1884.
15	1883; 1895*	João Antony [João S. Antony]*	Tipógrafo	Registrado no almanaque de 1884. *Atuou na Redação do <i>Diario Official</i> segundo almanaque de 1895
16	1883, 1888	Jacobo José de Oliveira	Tipógrafo	Registrado no almanaque de 1884. Em 1888 atuava na Typ. do Jornal do Amazonas
17	1883	Francisco Solano Lopes da Silva	Tipógrafo	Registrado no almanaque de 1884.
18	1883, 1895	Quirino Amazonas d'Annun- ciação	Tipógrafo	Registrado no almanaque de 1884. Atuou na Redação d' <i>A Republica</i> , segundo almanaque de 1895.
19	1883	Eduardo Antonio Pereira de Freitas	Tipógrafo	Registrado no almanaque de 1884.
20	1883	André José Negrão	Tipógrafo	Registrado no almanaque de 1884.
21	1883	Virgilio Lamgbeck Carnavaro	Tipógrafo	Registrado no almanaque de 1884.
22	1883	Miguel Francisco do Nascimento	Tipógrafo	Registrado no almanaque de 1884.
23	1883, 1888	João Firmino Pinto	Impressor	Atuou no <i>O Norte do Brasil</i>
24	1883	Camilo Vedani	Desenhista	Atuou no 3. Grupo - Estrada de Ferro Madeira e Mamoré, registrado no almanaque de 1884.

25	1883	Joaquim Anselmo Rodrigues	Desenhista [engenheiro]	na Repartição das Obras Publicas, registrado no almanaque de 1884.
26	1883	Loureno Pessôa	Bibliotecário	Bibliotheca Publica, registrado no almanaque de 1884.
27	1883	João Manuel Fortunato	Encadernador	Registrado no almanaque de 1884, Rua Henrique Martins
28	1883	Rodolpho Gustavo Cavalcante de Albuquerque	Encadernador	Registrado no almanaque de 1884, na Rua Izabel
29	1883	Manuel Rodrigues Pereira Caldas	Encadernador	Registrado no almanaque de 1884, na Rua dos Barés
30	1883	Virgilio Joaquim Coelho Travessa	Encadernador*	*Também diretor da Officina de Encadernador na Typographia Amazonas, registrado no almanaque de 1884, Praça 28 de Setembro.
31	1883	José dos Reis Rayol [Raiol]	Encadernador*	*Também diretor da Officina de Encadernador do Instituto Amazonense, registrado no almanaque de 1884.
32	1883	Manuel Rodrigues Pereira Caldas	Encadernador	Registrado no almanaque de 1884.
33	1886	Pedro Horacio [de Curv]*	Impressor	Atuou na Gazeta de Manáos. *não estava legível
34	1886	Eduardo Alvares da Silva	Encadernador	*Assumiu a oficina de encadernação no Instituto Amazonense de Educandos Artífices.
35	1887 1888-1889, 1895	Francisco Candido Lyra	Fotógrafo	Seu ateliê era identificado nos anúncios como o seu nome ou Lisboaense
36	1887;1895; 1899	Arthur Luciani	Pintor, fotógrafo e professor de desenho	Artista italiano, atuou no Instituto de Artes e Ofícios como professor de Desenho com aplicação às Artes, Escultura. Tomou posse na cadeira de desenho no Instituto de Artes e Ofícios em 1899. Produziu no mesmo ano o álbum <i>Estado do Amazonas</i>
37	1887	Boaventura de Carvalho	Impressor	Atuou no periódico <i>Echo do Norte</i> .
38	1888	Miguel da Fonseca Nascimento	Impressor	Atuou no periódico <i>Amazonas</i>
39	1888	Paulo Teixeira Ponce de Leão	Tipógrafo	Atuou no periódico <i>Amazonas</i>
40	1888	Antonio Gomes Cordeiro	Tipógrafo	Atuou no periódico <i>Amazonas</i>
41	1888	Levino Egydio de Sá	Tipógrafo	Atuou no periódico <i>Amazonas</i>

42	1888	Victor Antonio Fernandes	Tipógrafo	Atuou no periódico <i>Amazonas</i>
43	1888	Armiado [ou Armindo] André	Tipógrafo	Atuou no periódico <i>Amazonas</i>
44	1888	Vicente Lisboa de Paula Galvão	Tipógrafo	Atuou no periódico <i>Commercio do Amazonas</i>
45	1888	Waldemiro Franklin	Tipógrafo	Atuou no periódico <i>Commercio do Amazonas</i>
46	1888	Manoel de Oliveira Santos Banha	Tipógrafo	Atuou no periódico <i>Commercio do Amazonas</i>
47	1888	Abel de Menezes	Tipógrafo	Atuou no periódico <i>Commercio do Amazonas</i>
48	1888	Marçal Ferreira da Silva	Tipógrafo	Atuou no periódico <i>Commercio do Amazonas</i>
49	1888	Taciano J. Martins	Tipógrafo	Atuou no periódico <i>Commercio do Amazonas</i>
50	1888, 1895	Manoel José Pereira Carneiro	Impressor e tipógrafo*	Atuou no periódico <i>Commercio do Amazonas</i> . *Atuou na Redação d'A <i>Republica</i> , segundo almanaque de 1895.
51	1888	Raymundo Nunes Salgado	Tipógrafo	Atuou no <i>Jornal do Amazonas</i>
52	1888	Martiniano de Miranda Leão	Tipógrafo	Atuou no <i>Jornal do Amazonas</i>
53	1888	Antonio F. de Oliveira Leão	Tipógrafo	Atuou no <i>Jornal do Amazonas</i>
54	1888, 1895	Manoel José Ribeiro Bittencourt	Tipógrafo	Atuou no <i>Jornal do Amazonas</i> e na Redação d'A <i>Republica</i> , segundo almanaque de 1895.
55	1888	Horacio José de Oliveira	Tipógrafo	Atuou no <i>Jornal do Amazonas</i>
56	1888	Raymundo Joaquim Martins	Tipógrafo	Atuou no <i>Jornal do Amazonas</i>
57	1888	Luduvico Cezar d'Araujo Dias	Tipógrafo	Atuou no <i>Jornal do Amazonas</i>
58	1888	Flavio Oliveira Leão	Tipógrafo	Atuou no <i>Jornal do Amazonas</i>
59	1888	Lino Alcibiades Tolentino	Tipógrafo e impressor	Atuou no periódico <i>Equador</i>
60	1888	Antonio Martins	Tipógrafo	Atuou no periódico <i>Evolução</i>
61	1888	Olympio Francisco Soares	Tipógrafo	Atuou no periódico <i>Evolução</i>
62	1888	H. de Oliveira	Tipógrafo	Atuou no periódico <i>Evolução</i>
63	1888	Augusto da Silva	Impressor	Atuou no periódico <i>Evolução</i>
64	1888	Henrique Pinheiro Sobrinho	Tipógrafo	Atuou no <i>Provincia do Amazonas</i>
65	1888	João Vicente Catharino	Tipógrafo	Atuou no <i>Provincia do Amazonas</i>

66	1888	Antonio Nogueira de Souza	Tipógrafo	Atuou no <i>Provincia do Amazonas</i>
67	1888	Luiz Marques	Tipógrafo	Atuou no <i>Provincia do Amazonas</i>
68	1888	Paulo José Encina	Tipógrafo e impressor	Atuou no <i>Provincia do Amazonas</i>
69	1888	Raymundo Antonio de Menezes	Tipógrafo	Atuou no <i>O Norte do Brasil</i>
70	1888	Isidoro Silva	Tipógrafo	Atuou no <i>O Norte do Brasil</i>
71	1888	Julio Cezar C Lobo	Tipógrafo	Atuou no <i>O Norte do Brasil</i>
72	1888	Francisco Silva	Tipógrafo	Atuou no <i>O Norte do Brasil</i>
73	1888	Alvaro de Souza Lima	Tipógrafo	Atuou no <i>O Norte do Brasil</i>
74	1885	A. M. de Sande Pereira	Desenhista	Também oferece serviço de carpina e marceneiro, encarrega-se de levantar e tirar copias de plantas de edificio
75	1888	Eduardo Ribeiro*	Professor de Desenho	Retirado de Anúncio da escola 13 de Maio. *Governador do Amazonas em 1892
76	1888	João F. Pinto	Impressor	Atuou n'A <i>Provincia do Amazonas</i>
77	1889, 1895	Ildefonso F. Amorim	Encadernador*	*Também diretor da Officina de Encadernador do Instituto Amazonense, e do Instituto de Artes e Ofícios [1895].

	DATA	NOME	ATIVIDADE	INFORMAÇÕES
1890-1899				
1	1890	Antonlim Francisco Areal	Impressor	E administrador da Typ. d'O Seculo
2	1890	José Benvindo de Aguiar	Tipógrafo	Registrado como typographo nascido no Ceará em lista de cidadãos em condições de servir o Exército [Amazonas n.209]
3	1890, 1895	Roberto José dos Santos	Impressor e Tipógrafo	Atuou no <i>Amazonas</i> e na Redação do <i>Diario Official</i> segundo almanaque de 1895
4	1892 1895	Antonio Leão	Impressor e tipógrafo	Impressor do <i>Diario de Manáos</i> . Atuou na Redação do <i>Diario Official</i> segundo almanaque de 1895
5	1893	José Arthur Filho	Revisor	Atuou no <i>Diario de Manáos</i> , também como repórter

6	1893	Sisinio Martins Fontes	Revisor	Atuou no <i>Diario de Manáos</i> também como repórter
7	1893,1895	Izidoro das Neves Vieira [Isidoro Vieira]	Tipógrafo	Atuou no Diário de Manáos [1893] na Redação do <i>Diario Official</i> segundo almanaque de 1895. Foi redator dos jornais Gutenberg e Operário, e participou da União Typographica
8	1893	C. F. Kiernan Itirente	Fotógrafo	Anunciou em jornal [bk]
9	1895	Acrisio Gomes da Silva	Impressor	Atuou na Redação do <i>Amazonas</i> segundo almanaque de 1895.
10	1895	Augusto José de Moraes	Tipógrafo	Atuou na Redação do <i>Amazonas</i> segundo almanaque de 1895.
11	1895	Benedicto L da Silva	Tipógrafo	Atuou na Redação do <i>Amazonas</i> segundo almanaque de 1895.
12	1895	Innocencio d'Oliveira	Tipógrafo	Atuou na Redação do <i>Amazonas</i> segundo almanaque de 1895.
13	1895	João Ferreira Pinto	Tipógrafo	Atuou na Redação do <i>Amazonas</i> segundo almanaque de 1895.
14	1895	João de Souza Queiroz Filho	Tipógrafo	Atuou na Redação do <i>Amazonas</i> segundo almanaque de 1895.
15	1895	Joaquim José de Souza	Tipógrafo	Atuou na Redação do <i>Amazonas</i> segundo almanaque de 1895.
16	1895	Luiz Alves de Fonsêca	Tipógrafo	Atuou na Redação do <i>Amazonas</i> segundo almanaque de 1895.
17	1895	Manoel Zuany	Tipógrafo	Atuou na Redação do <i>Amazonas</i> segundo almanaque de 1895.
18	1895	Nelson Corrêa	Tipógrafo	Atuou na Redação do <i>Amazonas</i> segundo almanaque de 1895.
19	1895	Olympio Magalhães	Tipógrafo	Atuou na Redação do <i>Amazonas</i> segundo almanaque de 1895.
20	1895	Raymundo Marães	Tipógrafo	Atuou na Redação do <i>Amazonas</i> segundo almanaque de 1895.
21	1895	Virgilio Capistrano de Vasconcelos	Tipógrafo	Atuou na Redação do <i>Amazonas</i> segundo almanaque de 1895.
22	1895	Antonio Bahia	Tipógrafo	Atuou na Redação do <i>Diario Official</i> segundo almanaque de 1895
23	1895	A. André Martins	Tipógrafo	Atuou na Redação do <i>Diario Official</i> segundo almanaque de 1895
24	1895	Alfredo Quarry	Tipógrafo	Atuou na Redação do <i>Diario Official</i> segundo almanaque de 1895

25	1895	Benjamim de S Cruz	Tipógrafo	Atuou na Redação do <i>Diario Oficial</i> segundo almanaque de 1895
26	1895	Flavio Leão	Tipógrafo	Atuou na Redação do <i>Diario Oficial</i> segundo almanaque de 1895
27	1895	Floro O. F. Pinto	Tipógrafo	Atuou na Redação do <i>Diario Oficial</i> segundo almanaque de 1895
28	1895	Joaquim Gomes da Fonsêca	Tipógrafo	Atuou na Redação do <i>Diario Oficial</i> segundo almanaque de 1895
29	1895	José Callogero de M. Neves	Tipógrafo	Atuou na Redação do <i>Diario Oficial</i> segundo almanaque de 1895
30	1895	Leon Caye	Tipógrafo	Atuou na Redação do <i>Diario Oficial</i> segundo almanaque de 1895
31	1895	Nilo do A. Baptista	Tipógrafo	Atuou na Redação do <i>Diario Oficial</i> segundo almanaque de 1895
32	1895	Raymundo Zuany*	Tipógrafo	Atuou na Redação do <i>Diario Oficial</i> segundo almanaque de 1895. *Há três tipógrafos com esse sobrenome
33	1895	Raymundo de Menezes	Tipógrafo	Atuou na Redação do <i>Diario Oficial</i> segundo almanaque de 1895
34	1895	Antonio Mendes	Tipógrafo	Atuou na Redação do <i>Diario Oficial</i> segundo almanaque de 1895
35	1895	Henrique Dias	Tipógrafo	Atuou na Redação d' <i>A Republica</i> segundo almanaque de 1895
36	1895	José Ribeiro do Nascimento	Tipógrafo	Atuou na Redação d' <i>A Republica</i> segundo almanaque de 1895
37	1895	Tito José H. de Oliveira	Tipógrafo	Atuou na Redação d' <i>A Republica</i> segundo almanaque de 1895
38	1895, 1899*, 1900, 1905	Salvador Carlos de Oliveira	Professor de Desenho, Desenhista* e fotógrafo	No Gymnasio Amazonense, como professor interino [1895] e em 1905. *Anúncio do "escriptorio de desenho de Oliveira" [bk]. Em 1900 há um registro de pedido de auxílio para a publicação de um Compendio de Desenho.
39	1897*	George Huebner	Fotógrafo	* [bk]. Alemão, proprietário, junto com Libânio Amaral, da Photographia Allemã, produziu postais e editou o álbum <i>O Valle do Rio Branco</i> [1906].
40	1898	Honorio Ferreira Cabral	Encadernador	Prestou serviços para a Comissão de Congresso,

41	1898	Manuel A. R. Lyra	Fotógrafo	Anunciou em jornal e parece ter sido o sucessor de Francisco Candido Lyra [bk]
42	1898	B. Telles	Fotógrafo	Mesmo nome do atelier que em 1898 foi reaberto. E com endereço igual ao ateliê de Manuel Lyra, é possível que tenha sido adquirido deste [bk, p. 307]
43	1898	Peter Negreen	Fotógrafo	Dinamarquês que trabalhou no atelier de B. Telles
44	1898	J. F. Amorim*	Encadernador	Serviços prestados para a Bibliotheca do Gymnasio Amazonense. Verificar se não é Ildefonso.
45	1898*	João Cardoso Caceres	Impressor	*Registro retirado de nota convidando à sua missa de sétimo. Atuou na Palais Royal.
46	1898*	Rufino de Magalães Barbosa	Tipógrafo	*Registro retirado de nota de falecimento [A Federação n.288].
47	1899	Manoel Clementino da Motta	Fotógrafo	O nome e ocupação aparecem em jornal de Humaitá [bk]

DATA	NOME	ATIVIDADE	INFORMAÇÕES	
1900-1909				
1	1900	Emilio da Rocha Cabral	Encadernador	Registro de pagamento pelo Colleccionamento e encadernação de 277 volumes de jornais, expediente da Secretaria do Congresso etc.
2	1900	Guilherme Salles	Revisor	Atuou no <i>Commercio do Amazonas</i>
3	1900	Pietro Cavo	Impressor	Atuou no <i>Commercio do Amazonas</i>
4	1900	Adriano d'Almeida	Virador*	* de páginas? Seu nome e atividade foi retirado de uma nota com outros funcionários do <i>Commercio do Amazonas</i>
5	1900	José Ferreira	Ajudante	* de tipógrafo ou impressor? Seu nome e atividade foi retirado de uma nota com outros funcionários do <i>Commercio do Amazonas</i>
6	1900	Luiz Pinto	Distribuidor	Atuou no <i>Commercio do Amazonas</i>
7	1900	Dionysio M. de Britto	Fotógrafo	Atuou na Photographia Lyra, segundo anúncio de 1900

8	1900	João Alfredo da Silva	Fotógrafo	Atuou na Photographia Lyra, segundo anúncio de 1900
9	1901	Laurentino Guimarães	Tipógrafo	Atuou na Typ. do Amazonas segundo Faria e Souza [p.84]
10	1901	Domingos Baptista	Tipógrafo	Atuou na Typ. do Amazonas segundo Faria e Souza [p.84]
11	1901	Benedicto Silva	Tipógrafo	Atuou na Typ. do Amazonas segundo Faria e Souza [p.84]
12	1901	Theodomiro de Brito	Tipógrafo	Atuou na Typ. do Amazonas segundo Faria e Souza [p.84]
13	1901	Joaquim Souza	Tipógrafo	Atuou na Typ. do Amazonas segundo Faria e Souza [p.84]
14	1901	Alfredo Bahia	Tipógrafo	Atuou na Typ. do Amazonas segundo Faria e Souza [p.84]
15	1901	Prudencio Brito	Tipógrafo	Atuou na Typ. do Amazonas segundo Faria e Souza [p.84]
16	1901	Francisco Hollis	Tipógrafo	Atuou na Typ. do Amazonas segundo Faria e Souza [p.84]
17	1901	Brito Filho	Tipógrafo	Atuou na Typ. do Amazonas segundo Faria e Souza [p.84]
18	1901	Antonio Rodrigues	Tipógrafo	Atuou na Typ. do Amazonas segundo Faria e Souza [p.84]
19	1901	Franz Feigl	Fotógrafo	Anuncia seus serviços em São Joaquim, no Amazonas [bk]
20	1902	Carlos Klippgen	Fotógrafo	Atuante em Manacapuru, foi associado de Huebner [bk]
21	1903 1898*	José P. Vulcani	Fotógrafo	Anúncia seus serviços em Parintins [bk]. *Atuou no Atelier de Luciani e posteriormente foi seu proprietário
22	1904	Manoel Lourenço da Silva	Artista gráfico	Atuou na Typ. da Livraria Universal, depois seu proprietário.
23	1904	Nicephoro Moreira	Gravador e ilustrador	Cearense, atuou no <i>Jornal do Commercio</i>
24	1904	Jorge Gamboa	Gravador e pintor	Manteve um atelier ativo em Manaus e fez ilustrações para o <i>Jornal do Commercio</i>
25	1904-1913	Hugo Zuany	Impressor	Atuou no <i>Jornal do Commercio</i>
26	1907	Aristides Amazonas	Diretor de oficina	Atuou na Typ. Amazonas [Faria e Souza, p. 86]

27	1907	Nemesio Rodrigues	Responsável pelo setor de obras*	*espécie de gerente ou diretor de seção de obras da Typ. Amazonas [Faria e Souza, p. 86]
28	1907	Athanasio Mecenas	Tipógrafo	Atuou na Typ. Amazonas [Faria e Souza, p. 86]
29	1907	João Cursino	Tipógrafo	Atuou na Typ. Amazonas [Faria e Souza, p.86]
30	1907	Francisco Alves	Tipógrafo	Atuou na Typ. Amazonas [Faria e Souza, p.86]
31	1907	Sergio Cardoso	Tipógrafo	Atuou na Typ. Amazonas [Faria e Souza, p. 86].
32	1907	Raymundo Corrêa	Tipógrafo	Atuou na Typ. Amazonas [Faria e Souza, p.86]
33	1907	Raymundo Caboclo	Tipógrafo	Atuou na Typ. Amazonas [Faria e Souza, p.86]
34	1907	Raymundo Santos	Tipógrafo	Atuou na Typ. Amazonas [Faria e Souza, p.86]
35	1907	Jonas Magalhães	Tipógrafo	Atuou na Typ. Amazonas [Faria e Souza, p.86]
36	1907	Francisco Gonzaga	Tipógrafo	Atuou na Typ. Amazonas [Faria e Souza, p.86]
37	1907	José dos Santos	Tipógrafo	Atuou na Typ. Amazonas [Faria e Souza, p.86]
38	1907	José Leonardo	Tipógrafo	Atuou na Typ. Amazonas [Faria e Souza, p.86]
39	1907	José Maquiné	Tipógrafo	Atuou na Typ. Amazonas [Faria e Souza, p.86]
40	1907	Rodolpho Silva	Tipógrafo	Atuou na Typ. Amazonas [Faria e Souza, p.86]
41	1907	Manoel Amazonas	Tipógrafo	Atuou na Typ. Amazonas [Faria e Souza, p.86]
42	1907	Joaquim Rodolpho da Silva	Tipógrafo	Atuou na Typ. Amazonas [Faria e Souza, p.86]
43	1907	Francisco Machado	Tipógrafo	Atuou na Typ. Amazonas [Faria e Souza, p.86]
44	1907	Manoel Amazonas	Tipógrafo	Atuou na Typ. Amazonas [Faria e Souza, p.86]
45	1907	Joaquim de Souza	Tipógrafo	Atuou na Typ. Amazonas [Faria e Souza, p.86]
46	1907	Emygdio Costa	Tipógrafo	Atuou na Typ. Amazonas [Faria e Souza, p.86]
47	1907	Elysio Pinto	Tipógrafo	Atuou na Typ. Amazonas [Faria e Souza, p.86]

48	1907	Manuel Telles de Menezes	Fotógrafo	São Luiz da Labrea, atividade provavelmente itinerante [bk].
49	1908	"ErreB", "R.B." ou Rego Barros	Ilustrador	Atuou no <i>Jornal do Commercio, Suplemento Illustrado</i> do <i>Correio do Norte</i> e também na revista <i>Cá e Lá</i> em 1914, com desenhos de humor
50	1908	José Gomes Leite	Fotógrafo	Anunciou sua Photographia Amazonia, Parintins [bk]
51	1909	Cesar Bustamante	Artista gráfico*	Foi proprietário da Photo-typographia que fazia photogravura e montou uma oficina litográfica
52	1909	Manoel Souto	Tipógrafo	Atuou na Typ. da Liv. Universal [Correio do Norte n.316]
53	1909	Pedro Bandeira	Tipógrafo	Atuou na Typ. da Liv. Universal [Correio do Norte n.316]
54	1909	Elesbão de Assumpção Filgueiras	Tipógrafo	Atuou na Typ. da Liv. Universal [Correio do Norte n.316]
55	1909	Constantino Marinho Falcão	Tipógrafo	Atuou na Typ. da Liv. Universal [Correio do Norte n.316]
56	1909	Pedro Arruda	Fotógrafo	Anunciou seus serviços em jornal [bk]
57	1909	José Lupercio dos Santos	Artista gráfico	Registro do <i>Correio do Norte</i> n.183, de 1909
58	1909	Joaquim Aspigueta	Artista gráfico	E administrador do jornal <i>A Notícia</i> , segundo <i>Correio do Norte</i> n.255, de 1909

DATA	NOME	ATIVIDADE	INFORMAÇÕES	
1910-1919				
1	1910	José de Barros Rego	Artista gráfico	Ver <i>Correio do Norte</i> n. 491, de 1910
2	1910	Ananias Linhares da Silva	Artista gráfico	Ver <i>Correio do Norte</i> n. 494, de 1910
3	1910	Francisco Gonçalves Machado	Artista gráfico	Atuou na Palais Royal, ver <i>Correio do Norte</i> n. 611, de 1911
4	1910	Santino Aranha Cacon	Artista gráfico	Atuou nas oficinas da Liv. Ferreira Penna, ver <i>Correio do Norte</i> n. 679 de 1910
5	1910	José Rufino de Oliveira	Artista gráfico	Atuou na Imprensa Official, ver <i>J.C.</i> n. 2236, de 1910

6	1910	Roque Albuquerque Peixoto	Artista gráfico	Atuou na <i>Jornal do Commercio</i>
7	1910	Candido Barboza Lima	Artista gráfico	Anotado no <i>O Gymnasio</i> n.3 1910
8	1910	Nuno de Mello	Artista gráfico	Atuou no <i>Jornal do Commercio</i>
9	1910	Joaquim José de Souza	Artista gráfico	Anotado no <i>Diario Official</i>
10	1911	Carlos Portal	Edictor	Anotado de uma edição da Typ. da Livraria Commercial
11	1912, 1922	Virgilio Carneiro	Artista gráfico e official typographo*	Atuou no <i>Correio do Norte</i> e no <i>Diario Official</i>
12	1912	João Cursino de Oliveiro	Artista gráfico	ver <i>Jornal do Commercio</i> n. 2113 de 1912
13	1912	Cincinato Ferreira	Artista gráfico	ver <i>Jornal do Commercio</i> n. 2113 de 1912
14	1912	Isaias Reis	Artista gráfico	Atuou no <i>Jornal do Commercio</i>
15	1912	Luiz Senna	Artista gráfico	Atuou no <i>Diario Official</i>
16	1913	Tercio Miranda	Photogravador e sindicalista	Atuou nas officinas do <i>Jornal do Commercio</i> da <i>Revista Cá e Lá</i> ; e como secretário-geral do Sindicato dos Trabalhadores Graphicos
17	1914	Salvador Oliveira	Diretor artístico	Atuou na revista <i>Cá e Lá</i>
18	1914	Manoel Arnaldo	Artista gráfico	Atuou no jornal <i>A União</i>
19	1914	Pedro Augusto Amorim	Artista gráfico	Ver <i>Jornal do Commercio</i> n. 3766
20	1914	Manoel Pereira Rebello	Artista gráfico	Atuou no jornal <i>A União</i>
21	1915	Antonio Dias Martins	Artista gráfico	Atuou na <i>Imprensa Official</i> , ver <i>J.C.</i> n. 2236, de 1910
22	1917	Mendonça	Fotógrafo	Dono da <i>Photographia</i> de mesmo nome
23	1917	Marcial Tosca	Gravador	Espanhol, trabalhos no <i>A Capital</i>
24	1917	Olympio de Menezes	Diretor artístico, pintor	Atuou na revista <i>Cá e Lá</i>
25	1917	Manuel P. Rebelo	Gerente das officinas	Da Typ. da revista <i>Cá e Lá</i>
26	1918	Capitão Antonio de Oliveira Leão	Tipógrafo e linotipista	Amazonense, trabalhou como tipógrafo em <i>A Capital</i> e linotipista do <i>Jornal do Commercio</i> . Faleceu em 1918
27	1918	Graciliano Chaves	Tipógrafo	Atuou na <i>Imprensa Official</i>
28	1919	Capitão Alfredo Gonçalves Bahia	Administrador das officinas	Atuou na <i>Imprensa Pública</i>

APÊNDICE C2 – REGISTRO DO CIRCUITO GRÁFICO DO AMAZONAS: EMPRESAS E INSTITUIÇÕES

1850

	DATA	NOME	ATIVIDADE	INFORMAÇÕES
1	1855	Loja de Leonardo Ferreira Marques	Comércio	Dentre diversos produtos anunciou em jornal a venda de algumas edições
2	1855	Loja de José Antonio Pereira	Comércio	Anunciou a venda de Procurações, e Conhecimentos impressos
3	1858, 1861	Loja de Antonio Joaquim da Costa & Irmão	Comércio	Em 1858 anuncia a venda de tecidos e edições e outros materiais. Em 1861 oferece uma grande lista de publicações.
4	1858	Estabelecimento dos Educandos Artífices	Formação profissional	Ofereceu a oficina de livreiro, posteriormente encadernação

1860

	DATA	NOME	ATIVIDADE	INFORMAÇÕES
1	1864	Loja de Manoel José de Souza Cruz	Comércio	Anúncio de venda de livro jurídico [<i>Catechista</i> , n. 103]
2	1864	Vascellos etc Freitas	Comércio	Anúncio de venda Folhinhas de Laemmert para o anno de 1865 [<i>Catechista</i> , n. 132]
3	1865	Caza commercial de Avelino Portela Guimaraes	Comércio	Anúncio de venda de livro [<i>Catechista</i> , n. 427]
4	1866	Miranda, Barros e Comp.*	Fotografia	*Poucas informações, retirado de anúncio [<i>Amazonas</i> , 30 out. 1866]
5	1866	Estabelecimento de Francisco José Dias de Carvalho	Comércio	Em anúncio [<i>Voz do Amazonas</i> , 17out. 1866] indica a venda do livro <i>Motins Políticos...</i>
6	1866	Bazar Amazonense	Comércio	Em anúncio [<i>Voz do Amazonas</i> , 17nov. 1866] indica a venda de folhinhas para o ano de 1867
7	1866	Cruz Rocha & C.a	Comércio	Em anúncios [<i>Voz do Amazonas</i> , 17nov. 1866, <i>Jornal do Rio negro</i> 19out. 1867] indica a venda de folhinhas e Almanacks para 1867 e folhinhas 1868, respectivamente
8	1866-1868; 1870	Mesquita & Irmãos	Comércio	Em anúncio [<i>Voz do Amazonas</i> , 17nov. 1866] indica a venda de folhinhas para o ano de 1867 e

almanaks admin em 1868. E em 1870 [*Amazonas*, n.259] anuncia papel e diversos objectos para desenho

9	1866-1867	Estabelecimento Photographico	Fotografia	Em anúncio [<i>Amazonas</i> , n.18 e n.61] informa que funciona na casa do Sr. major Tapajoz.
10	1867	Loja de Antonio Baptista Bitencourt	Comércio	Em anúncios [<i>Jornal do Rio Negro</i> n.141] indica a venda dos acreditados e affamadissimos Almanachs de Castilho para 1868.
11	1867-1868	Aguia de Ouro – de Joaquim Alves Bentes	Comércio	Em anúncio [<i>Jornal do Rio Negro</i> n. 76] traz uma lista de livros que vende em seu estabelecimento na travessa Formosa
12	1868, 1874	Hermenegildo de Souza Barboza	Comércio	Em anúncios [<i>Jornal do Rio Negro</i> n. 63] indica a venda de folhinhas e almanaques. Em 1874 anuncia folhinhas, almanaques e Paleographos
13	1868-1869; 1874	Loja de Barboza & Irmão	Comércio	Em anúncios [<i>Jornal do Rio Negro</i> n. 76 e <i>Amazonas</i> , n.175] traz uma lista de livros que vende em seu estabelecimento
14	1869	Casa commercial de Manoel Joaquim Pereira de Sá	Comércio	No <i>Amazonas</i> n. 162 anunciou a venda de método para piano “elegante e bem encadernado”
15	1869	Atheneu das Artes	Ensino	Fundado em 6 de janeiro segundo o almanaque de 1870, ofereceu os cursos de Geometria applicada as Arte e Desenho Linear

1870

DATA	NOME	ATIVIDADE	INFORMAÇÕES	
1	1871	Gabinete de Leitura do Lyceu	Gabinete de Leitura	Depois vai originar a Biblioteca Pública
2	1872	Photographia Fidanza	Fotografia	A rua Brazileira oferece “Retratos de qualquer tamanho”
3	1873*	Livraria de Abel Maria de Souza e Companhia*	Livraria	* Genesino [p. 79] diz que funcionou como livraria, em 1876 encontrou-se um armazém de Abel Maria na Trav. do Barroso
4	1874*, 1878	Gabinete de Leitura e livraria de Bernardo. A. Oliveira Braga	Gabinete de leitura e Livraria	*Segundo Genesino Braga [p. 79]. No <i>Amazonas</i> [6 set 1878] anunciou um Leilão de “todas as obras existentes na livraria [...] constando de romances, obras de direito e instrucção”

5	1875	Loja Esperança	Comércio	Em anúncio [<i>Jornal do Amazonas</i> , n.4 de 1875] anuncia 29 obras de Camillo Castelo Branco e outras.
6	1878	Casa comercial de Claudino Manoel Vellozo & C. ^a .	Comércio	Em anúncio [<i>Commerio do Amazonas</i> , 22jan 1878] oferece a <i>Grammatica da língua brasileira geral</i> de Pedro Sympson.
7	1878	Pereira & Faria	Comércio	Em anúncio [<i>Commerio do Amazonas</i> , 22jan 1878] oferece Folhinhas para o ano 1878.
8	1879	Casa de Machado, e Silva & C. ^a .	Comercio	Em anúncio [<i>Commerio do Amazonas</i> , 8maio 1879] fala em "Novidades litterarias e musicais"
1880				
1	1882-1884	Loja Parthenon Livraria dos Srs. Ernesto B. Pereira & C. ^a	Livraria e papelaria	De Ernesto B. Pereira & Comp. Livraria e papelaria [...] modas e fazendas. Rua da Instalação
2	1884	Lycêo de Artes e Officios Vinte e quatro de Maio	Ensino e formação profissional*	Oferecia as disciplinas Desenho de diversas cathogorias, pintura e *artes graphicas
3	1884	Oficina de encadernação de Virgilio J. C. Travessa	Oficinas de encadernação	Funcionava junto a Typ. do Amazonas e tinha sociedade com José Carneiro dos Santos
4	1885	Photographia Artística	Fotografia	Localizada na Rua Marcilio Dias
5	1886 1888	Carneiro, Travessa e C. ^a Livraria do Sr. José Carneiro dos Santos	Livraria e Officina de encadernação	Funcionava junto a Typ. do Amazonas, a oficina de encadernação era dirigida por Virgilio Joaquim Coelho Travessa. Em 1888 a livraria foi identificada apenas como sendo de José Carneiro dos Santos
6	1886-1890	Papelaria Commercial Papelaria Castro e Costa & C. ^a [Papelaria e Livraria Castro e Costa]	Papelaria, Livraria, Typographia e oficina de encadernação*	Venda de jogos, papel fantasia e impresso efêmeros: despachos. Em 1889 apresentou essas outras atividades em anúncios. Foi vendida em 1890.
7	1887; 1888-1890, 1895	Atelier Photographico de Francisco Candido Lyra [Photographia Lisbonense]	Fotografia	Localizado a Rua de Marcilio Dias [1888, almanaque de 1895]
8	1888; 1892*	Livraria Universal Livraria Gillet	Livraria	*Parece ter sido vendida em 1892 para F. de Queiroz & C.
1890				
1	1890, 1892* 1906**	Livraria e Papelaria Ferreira Penna	Livraria e papelaria	*Vendida a D.J. Ribeiro Netto em 1891, Rua Municipal canto da Ruy Barboza.

2	1890	Palais Royal	Livraria, papelaria, oficina de encadernação e loja de variedades	Também oficina tipográfica, oficina de encadernação, fabricação de carimbos.
3	1891	Encadernação Commercial de Alfredo Dias de Souza	Oficina de encadernação	
4	1890; 1895* 1902-1906	Livraria Classica	Livraria, papelaria e oficina tipográfica	De Silva & Gomes. Produziu e comercializou postais [bk]. *Data de anúncio declarando a venda das “mercadorias existentes em nosso estabelecimento...” a Francisco Antogini, assina Silva & Gomes. Também oficina tipográfica, propriedade de Jaime & Camara
5	1892	Arturo Luciani Atelier Artistico Photographico*	Fotografia	Registrado no almanaque de 1895 como “Photographia”, em 1896 inaugura seu Atelier Artístico
6	1892- 1894	Livraria Universal	Livraria e oficina tipográfica	Propriedade de F. de Queiroz & C., na R. H. Martins. Vendida em 1900 para Francisco Nicolau dos Santos
7	1898	Faz tudo	Letreiros	Casa comercial que em anúncio ofereceu letreiros em zinco e metal
8	1898	Atelier Photographico B. Telles	Fotografia	Nesta data o atelier é reaberto. associado com o fotógrafo dinamarquês Peter Negreen
9	1899	Escritorio tecnico e artista de desenho, architectura, construcção, topographia, desenho de e para applicações industriaes, decoraçãõ em geral.	Escritório de desenho	Retirado de um anúncio de jornal que não indicava seu nome, só suas competências e localização: Rua 7 de Dezembro, 22 ^a .

1900

	DATA	NOME	ATIVIDADE	INFORMAÇÕES
1	1901	Empreza Editora Amazonense de Bettini & Puciiarelli	Assinaturas de publicações	Em anúncio no jornal Monitor n.2 informava a venda de assinaturas de romances na Tabacaria Itatiaya
2	1902 1922	Photographia Allemã	Fotografia	De G. Huebner & Amaral, esse é o mais importante atelier foto-gráfico, premiado em Exposições João Corrêa é o proprietário
3	1907	Centro de Publicações	Comércio de publicações	Situado na Av. Eduardo Ribeiro, 36. “Novidades literarias, ilustrações, magazines e revistas”
4	1907	Livraria Bazar	Livraria	De J. R. de Mello, ficava na Rua Marquez de Santa Cruz, n. 27. Possuía oficinas de tipografia e encadernação

5 1907 Agência Freitas Comércio de publicações

1910

	DATA	NOME	ATIVIDADE	INFORMAÇÕES
1	1910	Photographia Portugueza	Fotografia	de João E Maia. Rua Municipal, "preços os mais vantajosos garantindo todo o esmero e preteza" [A Notícia 27jun 1910]
2	1910	Livraria do Mercado	Livraria	De Luiz de Figueiredo, na porta central do Mercado Público
3	1910	Livraria Universitaria	Livraria	De Domingos de Queiróz, ficara na Av. Eduardo Ribeiro, 50.
4	1910	Photographia Mendonça	Fotografia	Rua Municipal, 105
5	1911	Livraria Commercial	Livraria	Também oficina tipográfica
6	1911	Livraria Queiroz	Livraria	Também oficina de encadernação
7	1912	Livraria Acadêmica	Livraria	Em funcionamento até 2009
8	1911, 1914	Photographia Rocha	Fotografia	Na rua Municipal, n 68
9	1914	Syndicato dos Trabalhadores Graphics	Sindicato	
10	1915	Livraria Central	Livraria	Rua Marechal Deodoro
11	1917	Casa de Musicas Donizetti	Comércio	Grande sortimento de Methodos, Estudos, Exercicios, Solvejos, Musicas Classica, R. Henrique Martins, 6.
12	1913	Papelaria Velho Lino	Papelaria, Livraria e oficinas gráficas	

APÊNDICE D – OUTRAS OCORRÊNCIAS: PROFISSIONAIS, EMPRESAS E INSTITUIÇÕES

1870

	DATA	NOME	ATIVIDADE	INFORMAÇÕES
1	1870	Dr. Luiz Martins da Silva Coutinho	Professor de Desenho Linear	Atuou no Atheneu das Artes, segundo o almanaque de 1870
2	1870	Luiz do Amaral Dias da Motta	Desenhista	Aparece em uma nota de expediente do governo [<i>Amazonas</i> , 282] que autoriza o diretor de obras a pagar pelo desenho de alguns projectos ao desenhista
3	1871, 1874	Gustavo Adolpho Ramos Ferreira	Professor de Desenho	Também diretor de Instrução Pública, ofereceu gratuitamente a cadeira de Desenho no Lyceu

1880

	DATA	NOME	ATIVIDADE	INFORMAÇÕES
1	1885	A. M. de Sande Pereira	Dezenhista	Publicou anúncio[A Província, 3set 188]: “dezehista, carpina e marceneiro, encarrega-se de levantar e tirar copidas de plantas de edificios, por preços módicos”; com endereço no Lyceu de Artes e Officios.

1890

	DATA	NOME	ATIVIDADE	INFORMAÇÕES
1	1895	Salvador Carlos de Oliveira	Professor de Desenho e Geometria descritiva*	Interino no Gymnasio
2	1895	Willy [ou William] von Bancel	Desenhista	Atuou no setor de Obras Publicas e na Directoria de Terras em 1897
3	1895	Arthur Luciani	Professor de desenho com aplicação ás Artes, Esculptura	Atuou no Instituto de Artes e Officios e posteriormente na Academia Amazonense de Bellas Artes
4	1899	Raymundo do Peixoto d’Alencar	Artista	Artista italiano atuou na decoração do Teatro Amazonas
5	1897	Paulo Machado	Desenhista	Atuou Directoria de Terras
6	1897	Guilherme Capnetz	Desenhista	Atuou no Directoria do Departamento de Industria

7	1899	Domenico De Angelis	Pintor	Artista italiano atuou na decoração do Teatro Amazonas
8	1899	Libanio do Amaral	Pintor	Também sócio de Huebner na Photographia Allemã
9	1899	Victorino Tangerini	Professor de desenho	Contratado com Cezar Vesce [violoncelo], ambos italianos, para lecionarem na Academia de Bellas Artes

1900

	DATA	NOME	ATIVIDADE	INFORMAÇÕES
	1900			
1	1900	Carlos R. Baron	Professor de desenho	Na Academia de Bellas Artes
2	1902	Mariano de Lima	Artista e professor	Em jornal [1902] anuncia seus serviços de “Desenho Architectura, Esculptura (modelagem) e Pintura. Tambem destes generos executa encommendas e vende trabalhos...” Foi nomeado Lente interino de Desenho no Instituto Benjamim Constant em 1903